NOTAS TEOLÓGICAS

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA



VELHO TESTAMENTO

Gênesis

* **1.1-2.25** Ver "Deus, o Criador", índice.

* **1.1-2.3** Este relato da criação estabelece a fundação da cosmovisão de Israel com respeito a Deus, aos seres humanos, à criação e às leis referentes a humanidade (p.ex., não adorar outros deuses, guardar o sábado, não tirar a vida do inocente).

* **1.1 No princípio, ... Deus.** A palavra hebraica para "Deus", o primeiro sujeito de Gênesis e da Bíblia, é plural para denotar a sua majestade. Não há outro Deus (Dt 2.39; Is 40.21, 28; 43.10; Jo 1.1; Cl 1.17). Ele é a verdade, a base de todo o conhecimento sadio (Jo 14.6). Deus é pessoal; ele fala e age.

criou. Esta palavra traduz a palavra hebraica que é reservada somente para a atividade criadora de Deus. Lingüisticamente possível, embora menos provável, é a tradução "Quando Deus começou a criar os céus e a terra, a terra era sem forma e vazia." A atividade criadora de Deus, entretanto, não foi a mera organização da matéria pré-existente (como um artesão moldando a sua obra), porque outros textos ensinam claramente que o universo foi criado *ex nihilo* (isto é, do nada, Jo 1.3; Hb 11.3; 2Pe 2.5) e que apenas Deus é eterno e transcendente (p. ex. Sl 102.25-27; Pv 8.22-31). Nem mesmo as trevas existem a parte da palavra criadora de Deus (Is 45.7). Enquanto esta narrativa é totalmente compatível com a doutrina da criação *ex nihilo,* a ênfase recai na ordenação progressiva de Deus de um mundo sem forma e vazio (v. 2, nota).

os céus e a terra. Esta combinação de opostos expressa o universo organizado.

* **1.2 A terra ... abismo.** A terra original é sem luz e sem terra seca. A origem das trevas, do abismo e de Satanás (3.1-6) não é explicada em Gênesis. Suas origens são um mistério, porém somente Deus é

eterno (Sl 90.2; Pv 8.22-31). No novo céu e nova terra não haverá mar nem trevas (Ap

21.1, 25).

A terra, porém, estava sem forma e vazia. Esta descrição expressa o estado da criação ainda desordenada ou incompleta. Alguns a vêem como uma ameaça negativa do caos que é superada pelo poder criativo de Deus. Alguns sugerem que os vs. 1 e 2 se referem a dois atos criativos separados por um período de tempo. Eles sustentam que a criação inicial caiu em uma condição de desolação (talvez por causa da queda de Satanás) e que a palavra hebraica traduzida aqui como "estava" deveria ser entendida como "veio a ser". Esta posição é, no entanto, muito duvidosa porque a tradução proposta ("veio a ser") é improvável neste contexto e porque a descrição "sem forma e vazia" se refere mais naturalmente a uma criação ainda a ser formada do que a uma criação que se estragou.

Espírito de Deus. O Espírito de Deus dá vida a todos; quando ele retira Seu Espírito, a vida cessa. Ele continua a dar e a retirar a vida (Jó 33.4; Sl 104.30; Ec 12.7; Lc 23.46). O Espírito também constrói "templos": o cosmos (Sl 104.1-4); o tabernáculo (Êx 28.3; 35.31); Cristo (Lc 1.35; cf. Jo 2.19); a igreja (1Co 3.16; Ef 2.22). Ver "O Espírito Santo", índice.

pairava por sobre as águas. Pairando como uma águia sobre um abismo original, o poderoso Espírito faz da terra a habitação para os seres humanos.

*** 1.3-31** A criação progride em duas tríades de dias relembando,

respectivamente, o "sem forma e vazia" do v. 2:

Dia 1—Luz (v. 3)

Dia 4—Luzeiros (v.14)

Dia 2—Céu/água (v. 6)

Dia 5—Peixes/aves (v. 21)

Dia 3—Terra, vegetação (vs. 9-11)

Dia 6—Animais e seres humanos (vs. 24-30)

Na primeira tríade Deus dá a terra forma no separar a luz do dia da escuridão da noite, a mar abaixo das nuvens, e a terra seca com vegetação do mar; na segunda tríade ele preenche esses campos. Cada tríade, movendo-se do céu para a terra, progride de um ato criativo simples (vs. 3-5,

14-19) para um ato criativo com dois aspectos (vs. 6-8, 20-23), para dois atos criativos separados, cada um culminando na produção da terra (vs. 913, 24-31). O padrão de cada dia é semelhante: uma declaração ("disse Deus”); uma ordem ("haja”); um relato ("e assim se fez”); uma avaliação ("isso era bom”) e uma estrutura cronológica (p.ex., "o primeiro dia”).

* **1.3 Disse Deus.** O ato livre da criação de Deus através da Palavra

divina (Sl 33.6, 9; cf. Jo 1.1, 3) significa que o universo não é uma emanação ou parte do ser divino, conseqüentemente descartando todas as formas de panteísmo. Embora a criação não seja parte do ser divino, toda a criação é em última instância dependente de Deus para sua existência, porque ele cria e sustenta tudo o que existe pelo poder do seu próprio ser.

Haja. A vontade de Deus é irresistível. Ela se realiza pelo imperativo divino.

* **1.4 luz.** Deus é a fonte última da luz do dia que se alterna com a escuridão; o sol é introduzido mais tarde como a causa imediata (vs. 14-18; v. 5 e nota). A luz simboliza vida e benção (Sl 4.7; 56.13;

Is 9.2; Jo 1.4, 5).

boa. Colocados dentro dos limites de Deus, até mesmo as trevas e o abismo (vs. 2, 10) são agora "bons", servindo aos seus propósitos benevolentes (Sl 104.19-26). A criação dá testemunho das obras de Deus (Sl 19.1-6).

fez separação. Separação é fundamental tanto para a criação quanto para a existência de Israel (3.15; 4.1-17; 12.1; Lv 20.24, 25; Nm 8.14).

*** 1.5 Chamou**. Deus mostra que ele é o governante do cosmos ao

dar nome a suas esferas (17.5; cf. Nm 32.38; 2Rs 23.34; 24.17). Por suas ordens e designações criativas Deus deu existência e significado a todas a coisas de acordo com seu eterno conselho. Para Deus não há mistérios e toda a criação tem coerência e significado dentro de sua vontade. Para o homem o princípio da sabedoria é o temor ao Deus sábio (Pv 1.7).

primeiro dia. Esta apresentação da semana da criação permite ao povo da

aliança de Deus imitar o Criador em seus padrões de trabalho e descanso semanais (Êx 20.11; 31.13, 17).

Estudiosos reformados têm proposto diversas interpretações do "dia" criativo. Alguns os vêem como dias literais, em seqüência, de 24 horas. Esta interpretação normalmente pressupõe que a terra é relativamente "jovem" (cerca de 10.000 anos ou menos). Outros estudiosos observando que a palavra hebraica para "dia" *(yom)* pode se referir a períodos de tempo (p. ex., 2.4), propuseram a "teoria do dia-era", sugerindo que os "dias" da criação se referem a extensas eras ou períodos de tempo. Ainda outros propuseram que a intenção é de dias literais de 24 horas mas que estes dias foram separados por extensos períodos de tempo. Finalmente, alguns estudiosos sustentam que os dias da criação constituem uma estrutura literária

(vs. 3-31, nota) que visa ensinar que somente Deus é o criador de um universo ordenado e conclamar os seres humanos feitos à imagem do Deus criador a refletirem a atividade criadora de Deus no seu próprio padrão de trabalho (2.2; Êx 31.17). Esta "hipótese estrutural" considera os dias da criação como a acomodação graciosa de Deus às limitações do conhecimento humano — uma expressão do infinito trabalho do Criador em termos compreensíveis aos frágeis e finitos seres humanos. Este último grupo de estudiosos observa que o universo tem uma aparência de grande antigüidade, que a expressão "tarde e manhã" parece inconsistente com a teoria do "dia-era" e que a noção de eras intervenientes entre os dias isolados de 24 horas não é aparente no texto.

* **1.6-**
8 Durante o segundo e terceiro dias criativos, as água são

estruturadas num benevolente sistema de chuvas, fontes e rios.

*
1.6 firmamento. Descrevendo o céu de como este ap visto da

terra o hebraico sugere algo plano e duro (Jó 37.18; Is 40.22). Nos vs. 6-8 se refere ambiguamente à atmosfera ou céu (ou ambos). Aqui, faz separação entre nuvens de chuva e rios e mares.

* **1.10 Terra.** A palavra conota aquilo que é benevolentemente

ordenado pela soberania de Deus visando a vida e segurança humana (Sl 24.1, 2; cf. Pv 2.21,22).

* **1.11 segundo a sua espécie.** Não há espécie de vida à parte do

desígnio e atos criativos de Deus. Ele queria que a vegetação servisse como alimento para formas de vidas mais altas (vs. 29, 39).

* **1.14 no ... dos céus.** A descrição é fenomenológica (isto é, como as coisas parecem aos olhos).

* **1.16 dois grandes luzeiros.** O sol e a lua, principais deidades nos panteões pagãos do antigo Oriente Médio, não são sequer nomeadas, efetivamente rebaixando-os e enfatizando que eles servem a humanidade de acordo com o desígnio de Deus.

governar. As formas móveis da segunda tríade de dias parecem governar sobre as esferas que as abrigam (1.3-31, nota): os luzeiros sobre o dia e a noite (Sl 136.7-9), os pássaros e peixes sobre o céu e o mar respectivamente, e os animais sobre a terra e sua vegetação com o homem sobre ambos.

também as estrelas. Os pagãos geralmente creditavam às estrelas (que eram contadas entre seus deuses) a capacidade de controlar o destino humano. Aqui elas são mencionadas quase que de passagem.

* **1.21 Criou.** Ver v. 1.

grandes animais marinhos. Na poesia do Antigo Testamento estes são os temidos dragões do mar associados com a mitologia antiga, que os pagãos acreditavam serem rivais dos deuses criadores (Sl 74.13; Is 27.1; 51.9; Jr 51.34). Ao adaptar e modificar essas figuras pagãs, os escritores hebraicos subverteram a teologia pagã — a bondade da criação e a subserviência dos animais aquáticos é ressaltada.

* **1.22 Sede fecundos, multiplicai-vos.** Trata-se da multiplicação visando dominar (cf. v. 28). Os pássaros e os peixes dominam suas esferas pela multiplicação. O Senhor Jesus abençoou seus discípulos para se

multiplicarem espiritualmente (Mt 28.18-20; Lc 24.50, 51).

* **1.24 animais domésticos ... animais selváticos. O**

contraste

entre animais selvagens e domesticados diferencia carnívoros de gado (o hebraico aqui para "animais selváticos" é o mesmo que em Jó 5.22; Sl 79.2; Ez 29.5; 32.4; 34.28).

*** 1.26 Façamos ... nossa ... nossa.** O uso do plural aqui é

interpretado de diversas maneiras. Alguns vêem isto como uma indicação da pluralidade dentro da unidade divina, aludindo à revelação posterior do Novo Testamento de um Deus como Pai, Filho e Espírito. Outros explicam este uso gramaticalmente — como plural que indica majestade (cf. v. 1 nota) ou como um plural deliberativo (no qual Deus direciona uma afirmação a si mesmo). Finalmente, alguns sustentam que se trata de Deus e da sua corte angelical (Is 6.8, nota).

imagem ... semelhança. Seres humanos em todo o seu ser — corpo e alma — adequadamente e fielmente representam Deus (Sl 94.10), possuem vida proveniente dele e conseqüentemente uma intimidade em potencial com ele (2.7 e nota), e servem na terra como seus administradores (Sl 8). A imagem é passada adiante a cada ser humano, dando dignidade a cada pessoa (5.3; 9.6; Pv 22.2 e notas).

Teólogos medievais distinguiam fortemente entre "imagem" e "semelhança", sendo a "imagem" vista com referência a razão natural e "semelhança" como uma referência à justiça original perdida na Queda. Estudos mais recentes notam que os dois termos hebraicos são usados como sinônimos nas Escrituras (v. 27; 5.1, 3; 9.6).

tenha ele domínio. Deus deu aos seres humanos o mandato cultural de dominar a criação como reis benevolentes (9.2; Sl 8.5-8; Hb 2.5-9). O homem natural pode dominar os reinos animal (v. 28) e vegetal (v. 29), mas não pode dominar os poderes espirituais, especialmente Satanás (cap. 3; Ef 6.10-12). Somente o último Adão, a própria imagem da pessoa de Deus (Cl 1.15; Hb 1.3) e aqueles unidos a ele podem fazê-lo (3.15; Mt 4.1-11; Cl 3.10).

1.27 Ver nota teológica "A Imagem de Deus”, índice.

*

Criou. Ver nota no v. 1. Estas linhas aparentemente poéticas (o verbo "criar” é usado três vezes) celebram a criação do homem.

homem e mulher. Ver "Corpo e Alma, Homem e Mulher”, índice.

* **1.28** **abençoou.** Ver v. 22; 9.1 e notas. A genealogias dos capítulos

5; 9; 11; 25; 36 e 46 dão testemunho do cumprimento desta benção.

dominai ... terra. Debaixo da benção divina os seres humanos cumprem o mandato cultural (v. 26 e nota) em dar nomes à criação (v. 5; 2.19, 20). Esta atividade expressa o fato de que o homem leva em si a imagem do Criador-Rei. O homem caído, no entanto, distorce esta atividade em auto-deificação e abuso da criação.

* **1.29** **ervas .árvores.** Nos mitos mesopotâmicos, o homem era

criado para prover os deuses com alimento; aqui Deus cria o alimento para o homem. As dietas humanas e animais (v. 30) eram originalmente vegetarianas, situação que se alterou depois do dilúvio (9.3, nota).

* **2.1** A declaração conclusiva sublinha o fato de que o Criador

executou perfeitamente a sua vontade (v. 31).

* **2.2** **Deus terminado ... descansou.** O ciclo da criação foi

completado no sexto dia e Deus descansou no sétimo, provendo o homem de um modelo para o ciclo de trabalho e descanso. Não é feita nenhuma menção da "tarde e manhã,” talvez porque a ordenança do sábado continua e o homem é exortado a participar dela (Êx 31.17), e a antegozar o descanso do sábado eterno

redentivo (Hb 4.3-10).

* **2.3 e o santificou.** O sétimo dia é o primeiro elemento na Torá ao

qual Deus outorga sua santidade e o separa para si mesmo (Êx 20.11). Este ato convoca a humanidade a imitar o padrão do Rei e assim confessar o

senhorio de Deus e sua consagração a ele. Este sinal da aliança com Deus (Êx 31.13, 17) e tipo de Cristo (Cl 2.16, 17) promete descanso divino agora e eternamente (Mt 11.28).

* **2.4—4.26** A narrativa de Moisés passa de um prólogo a respeito da criação dos céus e da terra para o relato (2.4 nota e referência lateral) dos céus e terra. Moisés trata acerca da criação e da provação de Adão e Eva no Paraíso (2.4-25), sua queda no pecado e as conseqüências (cap. 3), a escalada do pecado na linha ímpia de Caim (4.1-24), e a preservação de um remanescente piedoso na linha de Sete (4.25, 26).

* **2.4—3.24** Esta história apresenta a queda de Adão e Eva da inocência ao pecado. Embora sejam personagens históricos (1Cr 1.1; Mt 19.5; Lc 3.23-38; Rm 5.12-14; 1Co 15.45), Adão e Eva também representam cada homem e mulher (2.24; 3.16-19; Mt 19.4-6). O principal protagonista é Deus: Ele forma o homem (v. 7; Jó 10.8-12), planta o jardim (Sl 87.1; Mt 16.18), soberanamente coloca o homem nele (v. 15; Ef 1.3-14), ordena a sua vida (vs. 16, 17; Sl 31.15), lhe dá uma esposa (vs. 18-25; Mt 19.6), julga os primeiros pais pelo seu pecado e os restaura (cap. 3; Hb 9.27, 28).

* **2.4 Esta é a gênese.** Esta palavra hebraica *(toledot),* às vezes traduzida como "as gerações de" ou "a genealogia de", introduz os principais novos acontecimentos da narrativa de Gênesis (5.1; 6.9; 10.1; 11.10, 27; 25.12, 19; 36.1; 37.2). Esta "gênese dos céus e da terra" diz mais respeito ao que se segue — o que o universo gerou — do que ao relato anterior da geração ou criação da terra.

SENHOR Deus. Normalmente estes nomes para Deus são isolados: "Deus" para representá-lo como o Criador Soberano de todas as coisas, e "SENHOR" para representar seu particular compromisso na aliança para com Israel (Êx 3.14, 15). Aqui eles estão combinados para ressaltar que o Deus Criador é também o Deus da aliança com Israel.

* **2.5 nenhuma planta ... nenhuma erva do campo.** Plantas não comestíveis, tais quais espinhos (3.18), e grãos cultivados (3.17),

respectivamente. Por causa do papel crucial do jardim, das árvores e do solo amaldiçoado, esta introdução à narrativa da queda tem o seu foco sobre as plantas e não os animais.

* **2.7 Ver a nota teológica "Corpo e Alma, Homem e Mulher", índice.**

formou. Esta figura de um oleiro representa a atividade de Deus em moldar a cada pessoa (Jó 10.8-12).

ao homem ... da terra. O jogo de palavras no hebraico "homem" (hebraico *'adam)* e "terra" (hebraico *'adamah),* demonstra a conexão próxima do homem com o solo (2.5. 15; 3.19), e reflete o ensino posterior de Paulo de que o primeiro Adão foi formado corpo natural para uma existência terrena. O celestial Filho do Homem (Dn 7.13) compartilhou desse estado terreno para assegurar ao homem caído um corpo espiritual de glória imperecível na ressurreição dos redimidos (1Co 15.42-49).

soprou. Esta figura de linguagem representa a atividade criadora do Espírito (Sl 104.30; Ez 37.1-10, 14).

alma vivente. O hebraico aqui é traduzido como "seres viventes" em 2.19. Observe que o texto não diz "um ser vivente se tornou homem" — o homem não é formado de vida preexistente. O homem é diferenciado dos animais por levar em si a imagem de Deus (1.26 e

notas), e este mostra sua autoridade sobre os animais ao lhes dar nomes (vs. 19, 20).

* **2.8-17** O relato da provação do homem começa na sua criação (v. 7).

O palco para este drama é o paradisíaco Jardim do Éden (vs. 8-14), enquanto a trama consistia de eventos durante a provação que testavam a obediência do homem para com suas obrigações pactuais (vs. 15-17). Neste acordo pactual Deus graciosamente oferece vida à humanidade enquanto exige obediência aos seus mandamentos. O primeiro Adão, representando toda a humanidade, deixou de obedecer e trouxe morte sobre todos. A obediência ativa do Último Adão, Cristo, representando os eleitos, satisfaz as exigências de Deus e ganha para eles vida eterna (Rm 5.12-19; 1Co 15.45-

* **2.8-14** O Criador, provendo o homem com toda sorte de bênçãos,

impôs sobre ele as reivindicações do amor de Deus e tornou sua rebelião indesculpável (Rm 1.20). A humanidade foi criada para ter comunhão com Deus no jardim; sua expulsão daquele paraíso não é natural.

* **2.8 jardim.** Um santuário onde Deus convida a humanidade a gozar

de comunhão e paz com ele. Querubins protegem a santidade do jardim (3.24 e nota; Êx 26.1; 2Cr 3.7) de forma que o pecado e a morte serão excluídas (3.23; Ap 21.8). Fé e obediência são pré-requisitos para se viver neste lugar de comunhão especial com Deus.

Oriente. Nos tempos bíblicos o leste (aqui traduzido como Oriente), onde o sol nasce, representava vida e luz (3.24 e nota).

Éden. A origem do termo Éden é debatida; pode se derivar de um termo acádio que significa "plano” ou "campina”, ou do termo hebraico

que significa "prazer” ou "deleite” (da qual vem a associação de Éden com o termo "paraíso”). Éden era aparentemente a região na qual o jardim se situava (v. 10). A menção da Assíria e dos rios Tigre e Eufrates (v. 14 e referências laterais) indicam uma locação ao leste da Palestina na Mesopotâmia.

*** 2.9 toda sorte de árvores ... alimento. A vida no jardim é**

apresentada como uma mesa de banquete.

árvore da vida. Esta árvore representa a vida no seu mais alto potencial — vida eterna. Ela só é disponível àqueles que entram novamente no jardim através do Segundo Adão (3.22; Ap 22.14). A contrapartida do fruto doador de vida desta árvore no Novo Testamento é encontrada na participação do Cristo doador da vida (Jo 6.53-56).

árvore do conhecimento do bem e do mal. Bem e mal, um par de opostos como céu e terra (1.1) é uma figura de linguagem para um conhecimento potencialmente ilimitado. É uma árvore boa (3.22) mas o homem não deve

tomar do seu fruto. O tomar ilícito deste fruto envolvia a declaração da autonomia humana, a tentativa de conhecer todas as coisas à parte de Deus. O homem deve viver pela fé na palavra de Deus e não por um professo conhecimento auto-suficiente (Dt 8.3; Ez 28.6, 15-17). A lei faz sábio o símplice (Sl 19.7-9).

*** 2.10 um rio.** O local deste rio é desconhecido nos tempos atuais. O

Tigre e o Eufrates não têm uma fonte única, mas alguns traduzem este verso como um rio que é formado pela confluência de quatro rios (ao invés de separar-se em quatro ramos).

Este rio nos lembra da fonte de água viva, a fonte espiritual de vida,

que flui do trono do Deus vivo (Sl 36.8; Jr 17.13; Ez 47.1 -12; Ap 22.1). Jesus também usou o símbolo da água viva ao descrever as bênçãos da salvação (Jo 4.14; 7.37-39).

* **2.11-13** A identidade dos rios Pisom e Giom é incerta.

* **2.11 Havilá.** Provavelmente localizada na Arábia (10.7, 29; 25.18; 1Sm

15.7).

* **2.15 cultivar e o guardar.** O homem devia encontrar realização, não em uma vida de ócio, mas numa vida de trabalho recompensador em obediência à ordem de Deus. O hebraico por trás deste último termo (também em 3.24) tem a idéia de proteger contra inimigos.

* **2.16 deu esta ordem.** As primeiras palavras de Deus para o homem tomam por certo sua habilidade de escolher, sua capacidade moral, e sua responsabilidade.

* **2.17 não comerás.** Esta única exclusão, uma exceção ao domínio do homem sobre a criação (1.29), confrontava-o com o domínio do Criador sobre ele.

* **2.18-25** A dádiva da primeira noiva apresenta o casamento antes da Queda e assim provê o fundamento para as leis contra o adultério (Êx 20.14;

Hb 13.4), um modelo para o casamento, a base para o governo no lar e na igreja (1Co 11.3-12; 1Tm 2.12, 13), assim como um tipo do relacionamento entre Cristo e a sua igreja (Ef 5.22-32). O foco em 1.26, 27 é na sua sexualidade como homem e mulher; aqui, o seu relacionamento social como marido e esposa. Ver "Corpo e Alma, Homem e Mulher", índice.

* **2.18 Não é bom.** Ver 1.4 e nota. O homem precisa de

companhia

na terra. No Antigo Testamento a pessoa mais santificada, o sumo sacerdote, se casa (Lv 21.13), e o Nazireu, separado de forma exclusiva para Deus, não é celibatário (Nm 6.1-4). O abstenção do casamento legal nunca é ordenada nas Escrituras (cf. 1Tm 4.3), embora a alguns seja dado o dom do celibato para serviço (1Co 7.7).

auxiliadora. O homem foi formado primeiro, dando-lhe prioridade social, e a mulher mais tarde lhe foi dada como uma auxiliadora (1Co 11.3-12; 1Tm 2.10). A palavra "auxiliadora" implica a inadequação do homem, não a inferioridade da mulher, mesmo porque ela é comumente usada geralmente para Deus.

que lhe seja idônea. A expressão assume um relacionamento de complementaridade; o que falta a ele, ela supre, e vice versa. Ambos compartilham da imagem de Deus (1.26, 27).

* **2.19, 20** Adão está sendo preparado para a dádiva de Deus, Eva, ao

tornar-se consciente da sua solidão e falta de companhia.

* **2.19 e o nome que ... desse.** Ver 1.5 e nota. O portador da imagem

de Deus cumpre agora o mandato cultural (1.26 e nota). A posição dos homens é um pouco mais baixa do que a dos seres celestiais e mais alta do que a dos animais (Sl 8.5).

* **2.20-25** Ver "Casamento e Divórcio", índice.

* **2.21 uma das suas costelas.** Ou, "do seu lado." A mulher é

derivada do homem, dando a ele prioridade dentro da instituição do

casamento (1Co 11.3, 8) e ressaltando a harmonia e intimidade que

devem caracterizar o relacionamento dos casados (v. 22; Ef 5.28).

2.23 Esta ... varão. O primeiro poema do homem, sua única frase registrada antes da Queda, celebra o parentesco e companhia de sua esposa.

chamar-se-á. O fato de ele dar nome duas vezes a ela implica a sua autoridade no lar (3:20; cf. Nm 30.6-8). Nos tempos antigos a autoridade para dar nome implicava a autoridade de governar (v. 19; 1.5 e notas).

* **2.24 deixa.** No casamento as prioridades de um homem mudam. As

obrigações para com sua esposa tomam precedência.

se une. Esta é a linguagem de compromisso do pacto. Não há momento em que os seres humanos sejam mais semelhantes ao Deus mantenedor do pacto do que quando estes entram em aliança uns com os outros. O casamento retrata o relacionamento de Deus com o seu povo (Os 2.14-23; Ef 5.22-32).

uma só carne. A expressão indica a profunda solidariedade no relacionamento de casados. O compromisso singular e total envolvido implica que Deus pretendia que o casamento fosse monógamo.

* **2.25 não se envergonhavam.** Esta declaração não idealiza o

nudismo, mas mostra por que os seres humanos devem usar roupas. Com a Queda veio a trágica perda da inocência (junto com a vergonha resultante). Quando a mente das pessoas é iluminada pelo evangelho, elas entendem sua fragilidade moral e se vestem com roupas que as protegem contra a tentação sexual.

* **3.1-**

24 Os guardiães do santuário (2.15 nota) são agora te

quanto à sua fidelidade ao seu Rei. O teste é administrado sob um pacto de obras: a obediência lhes dá direito à vida com Deus; a desobediência resulta em morte. O fracasso deles indica a sua necessidade de justificação e

santificação através do cumprimento de Cristo do pacto da graça.

*** 3.1 a serpente.** No mundo bíblico as cobras simbolizavam, de modo

variado, a vida, a sabedoria, e o caos; o deus do caos é as vezes assemelhado a uma cobra (Jó 26.12, 13; Is 27.1). Esta serpente é uma encarnação de Satanás, o Adversário. Ver v. 15, nota; "Satanás", índice.

mais sagaz. A opção feita por Satanás dessa forma física era um instrumento oportuno para sua malévola inteligência (cf. 2Co 11.13-15). Suas palavras devem ser cuidadosamente escrutinadas. Ele só pode ser resistido com a ajuda da esplêndida armadura de Deus (Mt 4.1-11; Ef 6.10-20).

mulher. Satanás subverte a instituição do casamento ao deixar de lado o homem, tentando a mulher para usurpar sua autoridade (1Tm 2.12, 14). Mesmo assim, o marido é tido por culpado porque a obedeceu (vs. 9, 17).

*** 3.2-**
5 A serpente tenta Eva ao: enfatizar a proibição de

sua provisão; reduzir a ordem de Deus a uma pergunta; lançar dúvida quanto à sinceridade de Deus e difamar os seus motivos; e negar a realidade da sua ameaça. A mulher gradualmente dá lugar às negações e meias-verdades de Satanás ao menosprezar os seus próprios privilégios, aumentando a proibição ("nem tocareis nele," v. 3) e minimizando a ameaça (v. 6).

* **3.5 do bem e do mal.** Ver 2.9 e nota.

* **3.6** O pecado é essencialmente a falha do homem em confiar em

Deus, um ato ou estado de descrença, uma afirmação de autonomia (2.9 e nota). A verdadeira religião consiste na comunhão com Deus baseada em confiança que leva a obediência (Jo 14.15). Ver a nota teológica "A Queda", índice.

árvore ... entendimento. A decisão da mulher foi baseada em valores práticos, apreciação estética e gratificação intelectual.

tomou-lhe do fruto. Neste ato, ela selou uma aliança com o príncipe da

morte e das trevas. A eleição amorosa de Deus e o plano da redenção são sua única esperança (v. 15 e notas).

e ele comeu. O homem se torna um rebelde: rodeado de motivos suficientes para confiar e obedecer a Deus, ele escolhe a desobediência contra Deus (6.5; 8.21). A salvação depende totalmente do Senhor, não do rebelde. Por indicação de Deus Adão representava toda a raça como sendo seu cabeça e trouxe morte sobre todos (Rm 5.12-19). Ele também representa, como modelo e protótipo, a hostilidade da humanidade contra Deus (2.4—3.24 e nota).

* **3.7-11** A sua morte espiritual (2.17 e nota) é mostrada por sua

alienação mútua, simbolizada no coser as folhas de figueira para se cobrirem, e sua separação de Deus é expressa em se esconderem por entre as árvores.

* **3.7 nus.** A nudez no Antigo Testamento sugere fraqueza,

necessidade e humilhação (Dt 28.48; Jó 1.21; Is 58.7). A palavra hebraica para "nus" soa como a palavra "sagaz" em 3.1. A intimidade do casamento é despedaçada (cf. 2.21, 24 e notas); a confiança é substituída pela desconfiança. A primeira experiência de culpa foi expressa em termos de tomar consciência da nudez. A redenção está ligada à provisão de Deus de algo para cobrir o pecado humano (v. 21 e notas; cf. Êx 25.17 e nota).

* **3.8 esconderam-se.** Suas consciências os condenavam, eles se

retraíram da intimidade com Deus que anteriormente gozavam no jardim (Rm 2.12-16). Sua expulsão do mesmo condiz com suas atitudes e ações.

* **3.9 Onde.** Embora onisciente, Deus ajusta a sua linguagem às

limitações humanas. Aqui a pergunta os induz a vir a ele (cf. 4.9; 11.5).

* **3.10 Ouvi a tua voz.** Ironicamente, a palavra traduzida como "ouvi"

é também a palavra para "obedeci" — precisamente o que Adão não fez.

* **3.11 Quem.** Ver nota em 11.5. As perguntas (v.13) incitaram-nos a

confessar sua culpa. Deus não faz perguntas a Satanás, simplesmente o destina a julgamento (v.14).

* **3.12, 13** Eles mostram sua fidelidade a Satanás ao distorcer a verdade, acusando um ao outro, e finalmente acusando a Deus (cf. Tg 1.13). Seus esforços para esconder seu pecado apenas o expõe.

* **3.13 enganou**. Esta palavra sublinha o ensinamento de Paulo em 1Tm 2.12, 14.

* **3.14-20** O pesado juízo de Deus sobre Satanás (vs. 14-15), a mulher

(v. 16), e o homem (vs. 17-19), ainda inclui a promessa de salvação para o povo de Deus (v. 15).

* **3.14, 15** A linguagem aqui tem uma referência dupla, referindo-se tanto à serpente quanto a Satanás.

* **3.14 maldita.** Maldita, o oposto de abençoada (1.22 e nota), denota a quebra dos poderes da serpente.

comerás pó todos os dias. Pó é o símbolo de humilhação abjeta (Sl 44.25; 72.9), uma indignidade que dura para sempre. A derrota final de Satanás sob o calcanhar do Messias (v. 15) é retardada para que o programa de redenção de Deus através do descendente prometido da mulher pudesse ser realizado.

* **3.15 Porei inimizade.** Deus graciosamente converte a afeição depravada da mulher por Satanás para si mesmo.

a tua descendência e o seu descendente. A humanidade é agora convertida em duas comunidades: os remidos, que amam a Deus, e os réprobos, que amam a si mesmos (Jo 8.33, 44; 1Jo 3.8). A divisão é imediatamente expressa na hostilidade de Caim contra Abel (cap. 4). Esta profecia encontra seu cumprimento no triunfo do Segundo Adão, e da comunidade unida a ele, sobre as forças do pecado, morte e o mal (Dn 7.13,

14; Rm 5.12-19; 16.20; 1Co 15.45-49; Hb 2.14, 15).

ferirá ... ferirás. Antes da sua gloriosa vitória, o Descendente da mulher deve sofrer para conquistar a nova comunidade do domínio da serpente (Is 53.12; Lc 24.26, 46; 2Co 1.5-7; Cl 1.24; 1Pe 1.11).

cabeça ... calcanhar. O sofrimento de Cristo é vitorioso. Ele já alcançou a vitória na cruz, provendo expiação para os santos (Cl 2.13-15) e o consumará na sua segunda vinda (2Ts 1.5-10).

* **3.16-19** A mulher é frustrada no seu relacionamento natural dentro do lar: um parto doloroso para ter filhos e a subordinação ao seu marido. O homem é frustrado na sua atividade para prover alimento. Cada um experimenta a dor nestes reveses.

* **3.16 em meio a dores darás a luz.** A dor é experimentada até num momento de grande realização para a mulher. Ainda assim, no seu papel de dar a luz e criar os filhos da promessa em Cristo Jesus, a mulher é privilegiada em participar do plano de Deus em criar um povo para si mesmo (v. 15; cf. 1 Tm 2.15).

desejo. A expressão "e ele te governará" e as palavras paralelas em 4.7 sugerem que o desejo da mulher é o de dominar. A ordenança do casamento continua, mas é frustrada na batalha entre os sexos.

ele te governará. A harmonia, intimidade e a complementaridade do relacionamento marital antes da queda (2.21-24 e notas) são corrompidos pelo pecado, e distorcidos pelo domínio e submissão forçada. A restauração destes relacionamentos se dá através da nova vida em Cristo (Ef 5.22-23).

* **3.17 terra.** O relacionamento natural do homem com a terra, dominando sobre a mesma, é revertido; ao invés de se submeter a ele, esta o resiste e finalmente o engole (2.7 e nota). A terra, frustrada por ter sido designada pelo Criador à desarmonia, espera por restauração (Rm 8.20-22).

em fadigas. O trabalho em si é uma bênção porque o trabalho do homem reflete a atividade do Deus que trabalha (2.2, nota). Porém, o objeto do trabalho do homem, a terra, é maldita e se torna uma fonte de frustração.

* **3.19 tu és pó.** O corpo terreno do homem torna a morte

física

possível.

ao pó tornarás. A morte física é ao mesmo tempo julgamento e bênção. Ela torna toda a atividade vã, porém ela livra o redimido da frustração terrena e abre o caminho para uma salvação eterna, que perdura além do sepulcro (Sl 73.24; Pv 14.32).

*** 3.20 E deu ... o nome. Ver 1.5, 2.23 e notas.**

mãe de todos os seres humanos. A escolha por Adão do nome de Eva demonstra a sua fé na promessa de Deus de que a mulher daria luz a filhos, incluindo o Descendente que derrotaria a Satanás.

*** 3.21 vestimenta de peles.** As "cintas" de folha de figo do v. 7 eram

somente para os quadris. As "vestimentas" duráveis de Deus se contrastam com a tentativa inadequada de Adão e Eva de encobrir sua vergonha. A provisão de Deus também implicava a morte de um animal, talvez sugerindo um sacrifício pelo pecado (3.7 nota; Lv 17.11).

*** 3.22 nós. Ver nota em 1.26.**

viva eternamente. Adão e Eva são protegidos de uma eterna escravidão ao pecado e desgraça que resultaria se eles comessem da árvore da vida (v. 19 e nota).

3.24 expulso. Deus purifica o seu jardim templo (2.8, nota; cf. Lc 10.18; Jo 2.12-17; Ap 21.27).

oriente. Ver 2.8 e nota. O tabernáculo de Israel e também o templo, como as catedrais medievais eram voltadas para o oriente.

querubins. Estes seres celestiais resguardam a santidade de Deus,

proibindo que os pecadores tenham acesso a ele (Êx 25.18; 2Cr 3.7).

para guardar. O vindouro Adão celestial, que carrega sobre si a maldição da fadiga, suor, espinhos, conflito, morte no madeiro e desce ao pó, vai reaver o jardim, rasgando o véu do templo no qual os querubins eram costurados (2.8 e nota; Êx 26.1; Mt 27.51; Hb 6.19; 9.3; Ap 21.1-3, 14). A espada flamejante é a primeira arma de governo ou de coação à lei.

* **4.1-26** A profetizada hostilidade entre a descendência da serpente e

o Descendente da mulher (cf. 3.15) toma forma imediatamente na hostilidade do ímpio Caim contra o piedoso Abel (vs. 1-16) e no contraste entre a descendência ímpia de Caim contra a descendência piedosa de Sete (4.17— 5.32). Existe uma horrenda escalada do pecado de Caim para Lameque.

* **4.1-16** O enfoque recai sobre Caim, o arquétipo dos segu

Satanás. Caim demonstra a sua familiaridade com o mal pela sua hostilidade contra Deus e pelo assassinato de um homem bom (v. 8; Mt 23.3; Hb 11.4), juntamente com suas mentiras (v.9; Jo 8.44; 1Jo 3.12).

*

4.1 Coabitou. Lit., "conheceu". A palavra hebraica "con

usada para denotar a intimidade sexual de um relacionamento marital.

um varão ... do SENHOR. Os seres humanos, tanto originalmente (1.26, 27) como atualmente, devem a sua existência a Deus. A mulher originalmente veio do homem e agora o homem vem da mulher. Os sexos são dependentes um do outro e ambos são dependentes de Deus (1Co 11.812).

* **4.2 Abel.** O nome significa "fôlego", "vapor", ou "nada" (referência

lateral) com a conotação de "perecível", uma sombria profecia do que se segue.

ovelhas ... lavrador. A despeito da Queda de Adão os seres humanos

ainda cumprem o mandato cultural de administrar os recursos da terra (1.26, 28).

*
4.4,5 oferta. A palavra hebraica aqui é o termo com

"tributo", o presente de um inferior para um superior (1Sm 10.27; 1Rs 4.21). Cada um dos irmãos trouxe uma oferta apropriada à sua vocação (cf. Gn 32.13-21).

*
4.4 primícias. Como Autor e Possuidor da vida Deus

à primeira parte produzida pelas plantas (Dt 26.1-11), pelos animais e pelos homens (primogênito, Êx 13.2,12; 34.19) e ao melhor do que o adorador tinha a oferecer (gordura, Lv 3.14-16). Abel trouxe ambos: o primeiro e o melhor; Caim deixou de trazer os dois. Alguns também apontam para o fato de que Abel trouxe um sacrifício de sangue enquanto Caim não o fez.

Agradou-se o SENHOR. Deus vê o coração (cf. 1Sm 16.7).

de Abel e de sua oferta. O adorador e sua oferta são inseparáveis: pela fé Abel obteve testemunho de ser justo tendo Deus aprovado suas ofertas; sem fé, nem Caim nem suas ofertas eram agradáveis a Deus (Hb 11.4, 6).

* **4.5 Irou-se ...Caim.** O fracasso de Caim na adoração e sua

subseqüente resposta irada eram amostras do seu comportamento antiético. Os eleitos e os não eleitos são diferenciados pelas suas atitudes fundamentais para com Deus.

* **4.6 Por que.** A pergunta de Deus introduz a admoestação no v. 7

(3.9, nota).

* **4.7 jaz à porta.** O hebraico sugere um demônio ameaçador

agachado do lado de fora da porta de uma casa. Talvez seja também uma alusão à serpente esperando para dar o bote no calcanhar (3.15; cf. 1 Pe 5.8).

desejo. Ver nota em 3.16.

dominá-lo. Conhecendo o coração de Caim, Deus o adverte a não se submeter à tentação assassina do mal (cf. 1Jo 3.12). Embora os seres humanos não regenerados possam dominar o solo e os rebanhos, eles não conseguem controlar o pecado (1.26, nota; Sl 53.3; Rm 8.7).

* **4.8 Disse... a Abel.** Desconsiderando a Deus e a sua advertência,

as ações subseqüentes de Caim revelam sua resposta. Abel é mencionado apenas no seu nascimento, oferta, e morte.

e o matou. A quebra dos laços familiares pelo pecado, iniciada no capítulo 3, rapidamente alcança o extremo de um assassinato. Buscando autonomia de Deus e de seus pais (3.6 e nota), Caim usurpa a soberania divina sobre a vida.

* **4.9 Onde está Abel.** Ver nota em 11.5.

acaso sou eu o tutor de meu irmão? O sarcástico hipócrita já havia

matado seu irmão.

* **4.10-14** Caim, o assassino, alienado da terra e da sociedade não encontra descanso.

* **4.10 Que fizeste?** A pergunta registra a ira de Deus.

clama. Ao passo que o sangue de Abel clama por vingança (Is 26.21; Mt 23.35; Ap 6.10) o sangue de Cristo clama por perdão (Hb 12.24).

* **4.11 maldito.** A maldição de Deus une Caim a Satanás (3.14; 1Jo 3.12). Seu tempo de graça terminou, ele é entregue a julgamento (Hb 9.27; 10.27). Enquanto em 3.17-19 a terra é amaldiçoada para não dar seu fruto sem o trabalho frustrante, Caim é amaldiçoado a se tornar um fugitivo sem um lugar permanente de descanso.

* **4.13 já não posso suportá-lo.** Caim responde com

autocomiseração ao invés de arrependimento pelo seu pecado contra Deus e o homem. Ele teme o abandono físico e social, mas não o Deus que o criou.

* **4.14 quem comigo se encontrar.** A história até agora tem o seu enfoque em Caim, não em Adão ou seus descendentes (v. 17; 5.4). Ironicamente, depois de matar seu irmão, Caim teme a vingança de sua própria família (cf. Nm 35.19).

me matará. Caim prevê o comportamento violento de seus descendentes (6.5, 11).

* **4.15 sinal**. Pode ser que este sinal fosse uma tatuagem de proteção indicando Caim como alguém debaixo da proteção de Deus.

* **4.17-24** A ambivalência da cultura humana sem Deus é demonstrada

nos avanços da civilização, incluindo a primeira cidade, com um crescimento vertiginoso da violência.

* **4.17, 18 Caim ... Enoque ... Irade ... Meujael ... Metusael ... Lameque.** Os nomes são semelhantes àqueles no cap. 5, não porque representam variações da mesma fonte, mas para mostrar o paralelo e contrastar as duas descendências de Adão. Os sétimos descendentes de Adão através de Caim e de Sete, respectivamente o ímpio Lameque (vs. 1924) e o piedoso Enoque (5.24), são apresentados em claro contraste um com o outro. O primeiro causou a morte, o segundo não morreu.

* **4.17 E coabitou ... e deu à luz a Enoque.** Ver nota no v.1. Debaixo da graça comum de Deus a vida familiar é desfrutada tanto por descrentes como por crentes.

edificou uma cidade. Em procurar a segurança de uma cidade, o pecador Caim desafiou o julgamento de Deus de que ele deveria ser um errante (v.

12) e também mostrou a sua falta de fé na proteção provida pelo sinal de Deus (v. 15). A cidade terrena provê civilização e proteção, porém culmina na construção de uma cidade que desafia a supremacia de Deus (11.4). Os

fiéis, em contraste, esperam por uma cidade celestial (Fl 3.20; Cl 3.1-4; Hb 11.10, 16; 12.22; 13.14).

* **4.19-24 Lameque.** Lameque representa um progressivo

endurecimento no pecado — poligamia (cf. 2.24; Mt 19.5, 6) e uma vingança grosseiramente injusta — e a extensão do mandato cultural da pecuária (v. 20) para as artes (v. 21) e ciências (v. 22). No seu cântico, Lameque expressa, e até mesmo celebra, seu aprofundamento na depravação (vs. 23, 24).

* **4.19 duas esposas**. A bigamia é um abuso da instituição do

casamento que Deus pretendia que fosse monógama (2.24, nota).

* **4.24 setenta vezes sete.** A violência e espírito de vingança de

Caim são aumentadas na sua descendência. A profundidade da depravação de Lameque é evidente na sua presunção arrogante e autoconfiança (em contraste com o temor de Caim, v. 14).

* **4.25, 26** Este episódio nos fornece a transição entre os dois relatos

iniciados em 2.4 e 5.1 (cf. 6.1-8; 9.18-29).

* **4.25 coabitar com sua mulher.** Ver nota no v.1. A comparação e

contraste entre os vs. 1, 17 mostram a transição para a linhagem da descendência piedosa predita em 3.15.

Sete. Seu nome, derivado do verbo hebraico traduzido como "apontado" (ver referência lateral) expressa a fé que Eva possuia de que Deus manteria a família da aliança a despeito da morte (3.15; cf. 3.20, nota).

* **4.26 invocar o nome do SENHOR.** A família da aliança, fazendo

sua petição e dando louvor no nome do Senhor, glorifica a Deus e não ao homem (cf. vs. 23, 24).

* **5.1-6.8** Neste relato da genealogia de Adão, Moisés dá ênfase na

linhagem da aliança de Sete (cap. 5) e então sumariza a escalada do pecado

na Terra antes do dilúvio (6.1-8).

* **5.1-3** A piedosa linhagem de Sete em contraste com a de Caim (4.1724), é iniciada por sua ligação com a criação original: vs. 1-2 resumem 1.12.3, especialmente 1.27, 28. V. 3b ecoa 1.27, 26 e 4.25 (11.10-26). O propósito de Deus para a criação se realizará através de Sete, não de Caim.

* **5.1 Este é o livro da genealogia.** Uma nova seção do Livro de Gênesis começa (2.4 e nota). A menção de um "livro" ou "documento" indica que o autor usou fontes (11.10-26).

* **5.2 abençoou.** A bênção da criação é reiterada (1.28; 9.1, nota). **chamou.** Ver 1.5 e nota.

* **5.3-32** Estes versos contém 10 parágrafos, cada um escrito da mesma forma, com um parágrafo para cada geração na linhagem de Adão até Sete. Existem algumas semelhanças, assim como significativas diferenças, entre este registro e as Listas dos Reis Sumérios (escritas por volta de 2000 a.C.), que mencionam oito reis pré-diluvianos que reinaram por períodos de tempo excepcionalmente longos (até 72.000 anos). Dando seqüência ao relato sumério do dilúvio (cf. Caps. 6-9), existe uma outra lista de personagens pós diluvianos que tiveram vida mais curta. (cf. cap. 11).

Mais significativas são as semelhanças formais e diferenças materiais entre a presente genealogia de Sete e a genealogia de Caim no cap. 4. Ambas são inicialmente lineares, mantendo o foco em um indivíduo em cada geração e ambas sendo concluídas pela divisão da linhagem entre três filhos (4.20-22; 5.32; o mesmo acontece em 11.10-26). Porém, os temas centrais destas genealogias se contrastam fortemente. A linhagem de Caim acaba no dilúvio; a de Sete sobrevive a este. Enquanto a primeira delas apresenta a linhagem amaldiçoada de Caim que se conclui com assassinato gerando assassinato (4.17-24), a última une o fundador da humanidade, Adão, com o seu novo fundador, Noé (4.25, 25, nota). O Enoque e o Lameque na linhagem de Sete não devem ser confundidos com o primeiro e o último descendente que tem

os mesmos nomes na linhagem de Caim. Enoque, o sétimo na linhagem de Sete, "andou ... com Deus" e "Deus o tomou para si" (v. 24); o Lameque da linhagem de Sete dá a seu filho o nome de Noé, na esperança de que o Senhor os consolasse (cf. v. 29).

Porque a palavra hebraica traduzida como "gerou" comumente significa "se tornou o ancestral de" e porque alguns dos números parecem ser simbólicos, muitos estudiosos sustentam que existem lacunas nestas genealogias, e que, portanto, elas não servem para se computar uma cronologia precisa. A sétima geração é significativa porque marca um clímax — o apogeu da impiedade do cainita Lameque (4.18-24), e o apogeu da piedade do setita Enoque (vs. 18-24; cf. a nota dos vs. 21-24). A cifra das dez gerações de Sete a Noé (vs. 3-32) se emparelha às dez gerações de Sem a Abrão em 11.10-26 (esta última genealogia parece também ter lacunas, 11.10-26, nota; cf. Mt 1.17, nota). Também a idade de alguns personagens antediluvianos pode ser simbólica e talvez sejam relacionadas a períodos astronômicos conhecidos dos povos do Antigo Oriente Próximo (p.ex., os trezentos e sessenta e cinco anos da vida de Enoque, vs. 21-24, nota).

* **5.5 e morreu**. Ver 3.19 e notas. Através da transgressão de Adão a morte veio sobre todos (Rm 5.12-14). Por outro lado, a despeito deste julgamento, a graça de Deus preserva a linhagem messiânica (3.15 e nota) mesmo enquanto o pecado é abundante na terra (4.17-24).

* **5.21-24** O número sete (ou seus múltiplos) é comumente significativo nas genealogias bíblicas (5.3-32, nota; Mt 1.17; Jd 14).

* **5.22 Andou...com Deus.** A expressão, repetida duas vezes (aqui e no v. 24), significa uma comunhão íntima (3.8; 6.9), incluindo revelação especial.

* **5.23 trezentos e sessenta e cinco anos.** Talvez um número simbólico correspondente aos dias do ano solar e

significando uma vida de privilégio especial. Embora a longevidade seja um sinal de bênção e favor divino (Sl 91.16), a relativamente curta duração de vida do abençoado

Enoque, especialmente se comparado a do seu filho Metusalém, demonstra que estar na presença de Deus é ainda um privilégio maior (Jo 17.24).

- * 5.24 e já não era, porque Deus o tomou para si. De todos os
- * 15.15 ditosa velhice. Ver 25.8.
- * 22.18 porquanto obedeceste à minha voz. Ver notas em 17.2 e
- * 27.29 maldito seja o que te amaldiçoar. Ver 12.3.
- * 34.13 filhos de Jacó... responderam com dolo. Jacó colheu o
- * 42.7 não se deu a conhecer, e lhes falou asperamente. Como o
- * 50.20 vós... intentastes o mal... Deus o tornou em bem. Uma
- * 9.25 quebrou todas as árvores. Ver Sl 29.5.
- * 19.5 ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança.
- * 26.7 Farás também de pêlos de cabras cortinas. Como
- * 33.19 Minha bondade... proclamarei o nome. Ainda que
- * 8.3 à porta da tenda da congregação. Ver a nota em 1.3.
- * 24.14 porão as mãos sobre a cabeça dele. Essa ação foi
- * 15.1 Quando entrardes na terra... que eu vos hei de dar.
- * 1.37 Também contra mim se indignou o SENHOR. A menção
- * 8.19 Se te esqueceres do SENHOR, teu Deus. A fidelidade
- * 17.8 alguma coisa te for difícil demais em juízo.
- * 28.5 o teu cesto e a tua amassadeira. As atividades
- * 34.7 não... escureceram... abateu. Ver nota em 31.2.
- * 6.11 a arca do SENHOR rodeou a cidade. O cortejo inteiro
- * 13.3 que se considera como dos cananeus. Estritamente
- * 24.31 Serviu, pois, Israel ao SENHOR todos os dias de Josué. A
- * 8.35 nem usaram de benevolência. Ver 9.5, 16-19.
- * 18.14 uma estola sacerdotal, e ídolos do lar, e uma imagem de
- * 1.24 um novilho de três anos... odre de vinho. Segundo Nm 15.8
- * 6.5 Fazei umas imitações dos vossos tumores. O procedimento
- * 13.3 Jônatas derrotou a guarnição... em Gibeá. Talvez seja a
- * 18.2 não lhe permitiu que tornasse para casa de seu pai. Ver nota em

17.15.

- * 25.17 ele é filho de Belial, e não há quem lhe possa falar. A
- * 2.22 como me avistaria rosto a rosto com Joabe, teu irmão?
- * 9.12 um filho pequeno, cujo nome era Mica. Ver também as
- * 17.18 entraram em casa de um homem, em Baurim. Devido à
- * 24.9 em Israel, oitocentos mil homens... em Judá eram
- * 5.12 Deu o SENHOR sabedoria a Salomão. Os talentos
- * 11.1 amou Salomão muitas mulheres estrangeiras. Se na
- * 16.11,12 não lhe deixou nenhum do sexo masculino. Essa ação
- * 22.31 Não pelejareis nem contra pequeno nem contra grande.
- * 8.25 No décimo-segundo ano de Jorão, filho de Acabe. Isto é, 841 a.C.
- * 15.3 Ele fez o que era reto perante o SENHOR. Ele seguiu os
- * 19.28 porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio na tua boca. Essa
- * 24.20 Zedequias rebelou-
  se contra o rei da Babilônia. A despeito de ter
- * 9.3 Judá... Benjamim... Efraim e Manassés. Considera-se
- * 21.25 por aquele lugar a soma de seiscentos siclos de ouro. 2Sm
- * 6.24,26,37 se converter... se converterem. Ver nota em 7.14.
- * 20.21 sua misericórdia dura para sempre. Ver nota em 5.13.
- * 33.18,19 na História dos reis de Israel... História de Hozai. Ver
  Introdução a
- * 6.13 assim o fizeram pontualmente, segundo decretara o rei Dario.
- * 3.5 seus nobres, porém, não se sujeitaram. Embora o texto
- * 1.3 no terceiro ano. 483 a.C.
- * 5.27 Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é. Essa
- * 29.14 justiça... veste... manto e turbante era a minha eqüidade. Este
- SALMOS
- * 18.38-40 sob meus pés... puseste em fuga os meus inimigos.
- * 37.15 A sua espada... lhes traspassará o próprio coração. A
- * 50.5 fizeram aliança por meio de sacrifícios. Uma aliança é um
- * 64.3 como espada... flechas, palavras amargas. A Bíblia ensina
- * 76.4 ilustre, e mais glorioso. Ver Jo 1.4-9.
- * 89.24 A minha fidelidade e a minha bondade. Essas duas palavras-
- * 104.26 os navios... o monstro marinho. A imaginação do
- * 114.8 converteu a rocha em lençol de água. A provisão de Deus em
- * 132.12 Se os teus filhos guardarem a minha aliança. Havia um

- * 150.2 seus poderosos feitos... a sua muita grandeza. Este versículos
- * 5.8 Afasta o teu caminho... e não te aproximes. Os sábios farão
- * 12.1 Quem ama a disciplina ama o conhecimento. Lit., "amar a
- * 17.7 quanto menos ao príncipe, o lábio mentiroso. Ver 8.15,16;
- * 23.31 olhes para o vinho, quando se torna vermelho. As ocasiões em
- * 30.12 puros aos próprios olhos. Ver 16.2; 21.2.
- * 1.4 O rei me introduziu nas suas recâmaras. Temos aqui a
- * 2.4 espadas em relhas de arados. Cf. Jl 3.10.
- * 13.13 farei estremecer os céus... a terra será sacudida do seu lugar.
- * 22.9 Cidade de Davi. Jerusalém.
- * 32.9 mulheres que viveis despreocupadamente. O povo confiava
- * 41.27 dou um mensageiro de boas-novas. Provavelmente a
- * 49.14 me desamparou... se esqueceu de mim. Deus parecia ter
- * 60.11 As tuas portas... nem de dia nem de noite. Em lugar de
- Jeremias
- * 9.25,26 os circuncidados juntamente com os incircuncisos. Ver 4.4.
  Israel
- com ira, com indignação e grande furor. Ver Dt 29.23.
- * 32.20 sinais e maravilhas. Ver Êx 7.3.
- * 1.12 a todos vós que passais... se há dor igual à minha. Os
- * 3.7 não te dará ouvidos... não me quer dar ouvidos. O Senhor
- profanaram grandemente os meus sábados. Ver Nm 15.32-36.
- * 33.26 cada um a mulher do seu próximo. Ver 18.6,11,15.
- Daniel
- 5 * 7.3 Quatro animais, grandes. Esses quatro "animais"
- * 11.22 também o príncipe da aliança. Talvez tenhamos aqui uma
- * 10.1 abundância do seu fruto... multiplicou os altares. Israel atribuía a
- AMÓS
- * 6.10 um parente chegado... os há de queimar. Lit., "o parente
- * 2.4 lançado estou de diante dos teus olhos. Para o profeta, o
- * 2.10 coração se derrete... rosto... empalidece. A impiedosa
- * 2.12 pela espada do SENHOR. Ver Is 10.5.
- * 6.13 Ele mesmo edificará o templo do SENHOR. O Messias, em sua
- * 2.2 enviarei sobre vós a maldição. Ver Dt 28.20.

*** 5.24 e já não era, porque Deus o tomou para si. De todos os**

santos descritos no Antigo Testamento apenas Enoque e Elias não experimentaram a morte física (2Rs 2.1-12; Hb 11.5).

*** 5.29 Este nos consolará.** Enquanto o Lameque cainita procurou

reparar o erro com a vingança (4.24), o Lameque setita confiava no Senhor com esperança para prover a semente através da qual viria a libertação da maldição.

*** 5.32 quinhentos**. Ver 6.3 e nota.

Sem, Cam e Jafé. Ver 9.18 onde sua história é resumida.

*** 6.1-8** Esta seção, pela menção de Noé (5.32; 6.8, 9), assinala a

transição da linhagem piedosa de Sete para a história do Dilúvio (6.9—9.17) e relembra a fatídica situação ao fim da linhagem cainita (4.17-24).

*** 6.2 filhos de Deus.** Estes têm sido identificados como sendo os

setitas (na interpretação cristã tradicional), como anjos (nas interpretações judaicas antigas; cf. Jó 1.6), e como sucessores reais tirânicos de Lameque que ajuntavam para si haréns (proposta por rabinos do segundo século d.C.). Todas as três posições podem ser defendidas lingüisticamente. À primeira vista, a primeira interpretação se encaixa melhor no contexto antecedente imediato (um contraste entre a linhagem amaldiçoada de Caim e a linhagem piedosa de Sete), mas deixa de explicar adequadamente como a expressão "as filhas dos homens" se refere especificamente às mulheres cainitas. A segunda opinião tem apoio da tradição antiga, porém, é contraditória à afirmação de Jesus de que anjos não se casam (Mc 12.25) e não explica por que enfoque recai nos mortais (v. 3) e o

castigo cai sobre eles (vs. 5-7). A terceira interpretação explica melhor a expressão "as que, entre todas, mais lhe agradaram" (12.10-20; 20.1; 1Sm 11) porém não tem apoio na tradição. A melhor solução é provavelmente uma combinação das duas últimas. Esta

descendência humana é também a descendência espiritual de Satanás (3.15), fortalecida por demônios (cf. Dt 32.17).

vendo... formosas, tomaram. O termo hebraico traduzido por "formosas" é geralmente traduzido por "bom". Seus pecados repetem o mesmo padrão ("viram ... bom ...tomaram") do pecado original em 3.6.

* **6.3 O meu Espírito**. Ver nota em 1.2.

agirá. A palavra hebraica é difícil de ser traduzida. Alguns estudiosos a relacionam ao termo que significa "dominar" ou "julgar", enquanto que tradutores antigos a entendiam como "permanecer" ou "habitar" (referência lateral). De qualquer forma, a sentença indica a retirada do Espírito doador da vida de Deus (1.2, nota).

cento e vinte anos. Provavelmente o tempo entre esta proclamação e o Dilúvio (5.32; 7.6). Pode também se referir à duração de vida de um indivíduo, porém, esta interpretação parece se contradizer pela idade dos pósdiluvianos que inicialmente viveram muito mais do que isto (Gn 11) e posteriormente, muito menos (Sl 90.10).

* **6.4 gigantes.** Ver referência lateral. Estes "valentes" gigantescos, os descendentes de tiranos demoníacos (v. 2, nota), encheram a terra com violência (v. 11; Nm 13.32). A raiz hebraica significa "cair" e pode estar sugerindo o seu destino (Ez 32.20-28).

e também depois. Esta nota parentética lembra aos leitores originais do livro que o mesmo tipo horrível de pessoas existiu depois do Dilúvio (Nm 13.32).

valentes. O termo hebraico aqui é também usado para Ninrode e seu

reino bestial (10.8-11).

* **6.5 todo desígnio do seu coração.** Um retrato vívido da profundidade e amplitude da depravação humana (cf. 8.21).

* **6.6 se arrependeu.** Temos aqui uma referência a uma mudança de

atitudes e ações. Não há contradição entre este verso e as passagens que ensinam a imutabilidade de Deus (Ml 3.6; Tg 1.17) e que Deus não muda seu pensamento (Nm 23.19; 1Sm 15.29; Sl 33.11; Is 46.10). Lembrando que esta descrição é antropopática (Deus é descrito em termos da experiência humana de conhecimento e emoção), nós devemos também reconhecer que o Deus soberano e imutável sabe lidar apropriadamente com as mudanças no comportamento humano. Quando eles pecam ou se arrependem do pecado, ele "muda seu pensamento" quanto à bênção ou punição apropriadas para a situação (Êx 32.12, 14; 1Sm 15.11; 2Sm 24.16; Jr 18.11; Am 7.3, 6) — tudo de acordo com seus soberanos e eternos propósitos. Porque Deus é imutável no seu ser e eternamente leal às promessas da sua aliança, nós podemos ter firme confiança nele que "ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8 e nota).

lhe pesou no coração. O hebraico aqui significa "ira indignada" (cf. 34.7).

O sacrifício de Cristo pacifica a indignação amarga de Deus contra o pecado (8.21).

* **6.7 Farei desaparecer.** Nesta história a primeira ordem criada é

destruída por um dilúvio e a segunda ordem inaugurada, um cenário que representa um modelo profético da presente ordem a ser destruída por fogo e substituída por uma terceira ordem perfeita (2Pe 3.3-13). Jesus também usa este modelo como um tipo do Dia do

Senhor (Mt 24.37-39).

animal ... céus. Assim como a terra sofreu as conseqüências do pecado dos seus dominadores, assim também os animais.

*** 6.8 Porém Noé.** Ver Rm 11.3-6.

achou graça. Ver referência lateral no v. 9. A "graça" de Deus é sempre o seu favor imerecido, e a integridade de Noé não poderia ser o motivo da aceitação de Deus (Rm 3.10-12). Deus salvou a Noé, como ele nos salva, como um dom incondicional, o qual Cristo mais tarde compraria com seu

próprio sangue. Ainda assim, Noé parece ser um tipo de Cristo: assim como Noé representou sua família, Cristo representa toda família de Deus.

*** 6.9—9.29** Embora histórias acerca de um grande dilúvio sejam encontradas em muitas culturas em todo o mundo, nenhuma é tão marcadamente semelhante a este episódio quanto aquelas da antiga Mesopotâmia (p.ex., A Epopéia de Gilgamés e a Epopéia de Atrahasis). Existem, entretanto, diferenças cruciais. Nos contos Mesopotâmicos, os mesquinhos deuses pagãos trazem o dilúvio para controlar a super população ou para silenciar o barulho irritante do povo, e quando este vem, os deuses se assustam com ele. Em contraste, o verdadeiro Deus traz o dilúvio soberanamente por causa da maldade humana, e em resposta aos sacrifícios de Noé, ele promete nunca mais destruir a terra com água. Ver nota sobre 6.22.

*** 6.9-22** Esta seção retrata o relacionamento pactual: Noé era justo (v.

9), obedecendo aos mandamentos de Deus, e Deus confirma com ele a aliança para preservar a criação (v. 18). Correspondendo ao relato da criação no capítulo 1, os mandamentos de Deus (vs. 13-21) são seguidos de obediência (v. 22).

* **6.9 Eis a história de.** Ver nota em 2.4.

justo. A palavra pressupõe uma aliança na qual aqueles que estão unidos ao Senhor pela fé (15.6) seguem seus padrões morais. Estes padrões foram revelados a Noé na sua consciência (3.8 e nota) e mediante a revelação especial (5.22, nota).

íntegro. Não que Noé nunca houvesse pecado (referência lateral; cf. 9.2023), porém a sua devoção a Deus e aos seus mandamentos eram inquestionáveis (cf. 2Sm 22.24).

andava com Deus. Ver nota em 5.22.

*
6.13 farei perecer. A mesma palavra hebraica está p trás de

"corrompida" e "corrompido" nos vs. 11, 12. A punição corresponde ao crime: como o homem havia arruinado a boa terra, Deus irá arruinar a terra contra o homem.

* **6.14 arca ... betume.** Os mesmos termos do hebraico são usados em Êxodo 2.3 para a arca (de junco) que protegia a Moisés, a quem Deus também usou para criar uma nova humanidade em um mundo sob juízo.

* **6.15 Deste modo.** O Senhor, de modo singular, especificou a planta para a construção da arca, o Tabernáculo do Êxodo, e o templo de Salomão. A arca preservou a família pactual de Noé no meio das água caóticas; as outras estruturas iriam suster o povo da aliança no meio de nações caóticas.

trezentos côvados ... trinta. Ver a referência lateral. As dimensões (133 por 22 por 13 metros) indicam um vaso estável e com condições de navegação comparável em tamanho a um navio moderno de batalha. Em contraste, a arca da Epopéia babilônica de Gilgames, embora calafetada com betume por dentro e por fora, é um cubo

instável de 55 metros, quase quatro vezes maior em volume do que a arca de Noé (7.4 e nota).

* **6.17 Porque estou ... dilúvio.** Deus soberanamente domina sobre

o Dilúvio (Sl 29.10).

terra ... toda carne. Um dilúvio de proporções mundiais parece ser a idéia aqui (7.19; 8.21; 9.11, 15; 2Pe 3.5-7). Porém uma linguagem compreensiva também pode ser usada para situações limitadas (Dn 2.38; 4.22; 5.19).

* **6.18-20** Deus preservou a sua criação em miniatura: seres humanos (v.18), animais (v. 19), vegetais (v. 20). Posto que um pouco de tudo foi preservado, a obra de Deus era uma figuração da obra definitiva redentora de Cristo (p. ex., Ap 5.9, onde diz que Cristo não comprou a todos, mas alguns de "toda tribo, língua, povo e nação").

* **6.18 estabelecerei a minha aliança.** Vemos aqui a primeira

ocorrência em Gênesis do termo hebraico para "aliança" (*berit),* embora o

conceito em si mesmo e termos correlatos já estivessem presentes anteriormente. Ver notas em 2.4; 2.8-17; 2.24; 3.1-24. O hebraico aqui denota não o começo de uma aliança completamente nova, mas a confirmação a Noé de uma aliança que já existia. A salvação de Noé das águas do Dilúvio é um exemplo da graça e misericórdia da aliança de Deus. Ver "A Aliança da Graça de Deus", índice.

teus filhos... filhos. Este refrão (7.7, 13; 8.16, 18; cf. 7.1) enfatiza que Deus preserva a humanidade na sua estrutura familiar básica, e que Deus geralmente lida salvificamente com toda a unidade familiar, incluindo os filhos. Aqui a salvação física é assegurada no meio das águas do dilúvio, uma prefiguração do batismo cristão (1Pe 3.20, 21).

* **6.20 virão a ti.** O poder de Deus pode ser visto nos animais que

vinham a Noé.

* **6.22** As antigas fábulas mesopotâmicas enfocavam heróis humanos

ou homens valentes como Utnapishtim, o único sobrevivente do dilúvio na Epopéia de Gilgamés (6.9—9.29, nota). Em contraste, o relato de Gênesis enfoca a Deus e menciona apenas a obediência de Noé (7.5, 9, 16).

* **7.1-10** Ver nota em 6.9—9.29. O ajuntamento e preservação deste

remanescente é um protótipo da salvação por Deus de seus eleitos no Dia do Senhor (Mt 3.12; 24.31; 2Ts 2.1). Este remanescente do dilúvio, entretanto, vai demonstrar ser uma mistura de eleitos e não eleitos (9.20-27 e notas).

* **7.1 toda a tua casa.** Ver nota em 6.18.

justo. Ver notas em 6.9.

* **7.2, 3** Estas orientações exatas clarificam, e não contradizem

aquelas de 6.19, 20.

* **7.2 sete.** Os animais limpos adicionais eram necessários para fins

sacrificiais (8.20) e para alimento (9.3).

todo animal. Ver 6.19, 20 e nota.

limpo. Noé deveria reconhecer a distinção entre limpo e impuro através de revelação especial (5.22, nota). Instituições fundamentais

da lei — o Sábado (2.1-3), o santuário ideal (2.8, nota), e o sacrifício (3.21; 4.3-5) — remontam à ordem da criação pré-diluviana; outros como o dízimo (14.20) e circuncisão (17.9-14) remontam pelo menos ao período dos patriarcas. O futuro da terra dependia daqueles animais sacrificiais (8.20-22 e notas; Lv 11.1-47, nota).

* **7.4 daqui a sete dias.** Foram necessários cento e vinte anos para

construir a arca (6.3 e nota) e uma semana para enchê-la. O relato babilônico do dilúvio pressupõe sete dias para construir um navio muito maior que o de Noé e um dilúvio de sete dias (6.15, nota).

quarenta. Quarenta é um número convencional para um longo período e marca a introdução de uma nova era: por Noé, Moisés (Êx 24.18); Elias (1Rs 19.8); Cristo (At 1.3). Os quarenta dias são parte do número total de 150 dias (8.4).

* **7.5 ordenara.** Ver nota em 6.22.

* **7.6 seiscentos**. Ver 6.3 e nota. O dia preciso é dado no v. 11.

* **7.7 filhos.** Ver 6.18 e nota.

* **7.9 entraram.** Ver nota em 6.20.

* **7.10 vieram sobre a terra as águas.** Ver a nota em 6.17.

* **7.11 fontes... comportas.** Expressões poéticas para a liberação

irrestrita de água (Sl 78.23; Is 24.18; Am 8.4; Ml 3.10). A terra é trazida à sua condição primordial pelo rompimento das água presas acima e pela elevação das águas subterrâneas (1.2, 6-9, nota 8.2-5).

abismo. Ver nota em 1.2.

* **7.13-16** Ver nota em 6.18-20. A lista de chamada completa, com a

expressão "segundo as suas espécies" ecoa o relato da criação (p.ex., 1.21, 24, 25).

* **7.13 Nesse mesmo dia.** Esta expressão sugere uma ocasião

memorável (17.23, 26; Êx 12.41,51; Dt 32.48).

* **7.16 o SENHOR fechou.** As obras da graça de Deus são soberanas

e específicas. No relato babilônico do dilúvio o herói fecha a porta; Deus é o ator principal em todo o relato bíblico. Ao fechar a porta, Deus também distingue entre o justo e o ímpio (6.18-20, nota). Em outros lugares das Escrituras portas provêem segurança para o povo de Deus em tempos de julgamento. Atrás de portas fechadas enquanto Deus derramava julgamento nos ímpios, Ló (19.10), Israel (Êx 12.23), e Raabe (Js 2.19) encontraram segurança. Jesus usa este símbolo de separação ao descrever a segurança do justo no dia da vinda do Senhor (Mt 25.10-13).

* **7.17-24** Nesta seção crucial, as águas agitadas se multiplicam e triunfam, destruindo a criação. Contraste esta cena com a bênção de 1.22.

* **7.17 quarenta**. Ver nota no v. 4.

* **7.18 Predominaram.** A palavra hebraica, repetida nos vs. 19, 20, é

um termo militar para o triunfo na batalha.

* **7.20 Quinze côvados acima.** As montanhas foram submersas a

uma profundidade de quinze côvados (6,6 m), uma profundidade suficiente para evitar que a arca encalhasse.

* **7.21** As criaturas são alistadas na ordem de sua criação (1.20-

25).

Pereceu toda carne. Ver nota em 6.17.

*** 7.23 somente Noé... na arca.** Ver nota em 6.18. O dilúvio foi o meio

de Deus punir o mundo antigo e purificar a humanidade para uma nova terra.

*** 8.1—12.9** O relato da história pós-diluviana espelha o período pré-diluviano: a criação sai das águas escuras (1.1—2.3; cf. 8.1—9.16), a condição depravada dos seres humanos fundadores, Adão e Noé (3.1-14; cf. 9.18-23); a divisão dos filhos dos fundadores entre linhagens eleitas e réprobas (cap. 4; cf. 9.24-27); os tiranos réprobos construindo uma cidade e fazendo célebre o seu nome, Caim e Ninrode (4.17-24; cf. 10.8-12; 11.1-9); a preservação de uma linhagem piedosa (5.1-32; cf. 11.10-26) e de um agente fiel de bênção no mundo caído (6.1-9; cf. 11.27—12.9). O julgamento paralelo sobre os réprobos (6.9—7.24) virá com severo julgamento e a introdução do novo céu e da nova terra (2Pe 3.13-17; Ap 21.1).

*** 8.1 Lembrou-se Deus de Noé.** A expressão hebraica indica ação

baseada em um compromisso prévio (9.15; 19.29; 30.22; Êx 2.24; 6.5; Lc 1.72, 73), não uma mera lembrança.

vento. A palavra hebraica aqui é a mesma para "Espírito" em 1.2, e relembra o relato original da Criação e introduz o primeiro ato re-criativo de Deus, renovando a terra das águas (8.1—12.9, nota). Atos re-criativos sucessivos espelhando a criação original se seguem: o ajuntamento das águas (vs. 2-5; cf. 1.6-9), a colocação dos pássaros nos céus (vs. 6-12; cf. 1.20-23), o estabelecimento da terra seca (v.13; cf. 1.9-12), o aparecimento de animais e seres humanos sobre a terra para se multiplicar (vs. 16-19; cf. 1.24-27), e a bênção divina (9.1-3; cf. 1.28-30).

* **8.4 as montanhas de Ararate.** Na antiga área de Urartu (2Rs 19.37),

agora parte do nordeste da Turquia e Armênia.

* **8.6 quarenta**. Ver nota em 7.4.

* **8.16 Sai.** Posto que o dilúvio foi uma prefiguração do batismo

cristão (1 Pe 3.20, 21), a saída de Noé e sua família da arca pode ser tida

como seu surgimento das águas da morte para uma nova vida (cf. Jo 5.28, 29; 11.43; Rm 6.3-6). Eles prefiguram a nova humanidade que prevalece sobre o mal (Ap 21.7).

teus filhos. Ver 6.18 e nota.

* **8.18 Saiu... Noé.** Ver nota em 6.22.

* **8.20—9.17** A aliança com Noé é estabelecida. Embora Noé já estivesse num relacionamento pactual com Deus (6.18, nota), o Senhor graciosamente promete com um juramento pactual solene nunca mais destruir a terra com dilúvio. Assim como nas outras alianças bíblicas, a promessa da aliança (8.21, 22; 9.11) é acompanhada pelos mandatos ou estipulações da aliança (9.1-7) e a apresentação de um sinal da aliança (9.12-17).

* **8.20 altar... holocaustos.** Significativamente, o primeiro ato de

Noé depois de sair da arca foi o de adorar a Deus. Embora sejam mencionados aqui pela primeira vez, estes aspectos do sistema sacrificial são pressupostos (7.2, nota). O holocausto significava dedicação a Deus e propiciação pelo pecado (v. 21, nota; Lv 1.4; 6.8-13).

limpos. Ver nota em 7.22.

*** 8.21 suave.** Um jogo de palavras resulta da similaridade entre esta

palavra hebraica e o nome de Noé. Esta referência ao olfato divino antropomorficamente retrata o prazer de Deus na adoração do seu povo (Ez 20.41; Ef 5.2; cf. 2Co 2.15, 16). Como um sacrifício propiciatório, o holocausto de Noé acalmou a indignação de Deus contra o pecado (6.6) e prefigurou a morte de Cristo (Is 53.10). Tendo lhe agradado o sacrifício do seu servo Noé (cf. 4.4), Deus resolve nunca mais enviar um dilúvio (cf. 6.6, nota).

amaldiçoar a terra. Deus não está retirando a maldição de 3.17, porém está prometendo não mais destruir a terra por meio de dilúvio (9.11).

porque. O caráter gracioso da aliança com Noé é sublinhado pela promessa divina, a despeito da presença contínua do pecado humano que merece julgamento, de nunca mais enviar um dilúvio. Tal graça também implica a preservação por Deus de Israel (Êx 33.3; 34.9).

nem tornarei a ferir. A graça de Deus para com Noé é estendida à humanidade em geral (6.8; 9.12).

*** 8.22 Enquanto durar a terra.** Esta expressão qualifica "nem

tornarei" no v. 21. Deus preservará a terra até o Juízo Final (2Pe 3.7, 13); a ordem terrena não será encerrada prematuramente.

*** 9.1 Abençoou.** A terceira vez que Deus abençoa os seres humanos

(1.28; 5.2) e os ordena a ser frutíferos (1.28; 8.17). As bênçãos de Deus para Noé, de ser fecundo e dominar, se constituem o ato culminante de Deus na renovação da criação (8.1, nota).

* **9.2 medo de vós.** A referência ao "medo" sublinha as mudanças

com relação a situação antes da Queda, quando o homem era vegetariano (v. 3, nota). Agora o domínio humano sobre a criação inclui a exploração do reino animal para alimentação.

* **9.3 Tudo o que se move... tudo.** A dieta humana é expandida e

agora inclui carne (1.29, nota), embora o consumo de carne de animais já mortos (Lv 11.40; Dt 14.21) e do sangue (v. 4; Lv 17.10) seja proibido. Ao invés de estar iniciando a prática de comer carne, esta injunção pode estar simplesmente permitindo o que a humanidade pecadora já havia praticado anteriormente. Nenhuma distinção é feita entre puro e impuro, uma situação restaurada sob a Nova Aliança (Mc 7.19; At 10.9-16; 1Tm 4.3-5).

* **9.4 sangue, não comereis.** Esta lei representa a conexão

simbólica entre o sangue e a vida, um conceito também básico ao sistema sacrificial (Lv 17.11) e ao trabalho expiatório de Cristo (Hb 9.14, 22). Ver Lv 3.17; 7.27; 19.26; Dt 12.16; 1Sm 14.32-34.

* **9.5 requererei... requererei... requererei.** O uso tríplice do mesmo verbo no hebraico sublinha o seguinte princípio — a vida humana criada à imagem de Deus é tão valiosa (v. 6) que Deus exige como compensação nada menos do que a vida do assassino. Em última análise, o Senhor é o Vindicador da vida (Sl 9.12; 2Rs 9.26). O assassinato deixa no culpado a sua mancha (Nm 35.33; Sl 106.38) e é expiado pela morte do assassino (v. 6;

1Rs 2.31, 32) ou pela expiação quando o assassino é desconhecido (Dt

21.7-9). Se estas medidas não fossem tomadas o juízo do Senhor viria sobre a Terra (2Sm 21; Dt 19.13; 1 Rs 2.9, 31 -33).

de todo animal. Ver Êx 21.28, 29.

* **9.6 pelo homem.** Ver v. 5; 4.16 e notas. A capacitação dos seres humanos por Deus com esta autoridade judicial mostra que estes permanecem diante de Deus como dominadores (1.26), e lança fundamentos para o governo pelo estado (Rm 13.1-7).

imagem. Ainda que distorcida pelo pecado, a imagem de Deus continua no homem (1.26 e nota; 8.21). Isto explica por que o sangue homicida, em contraste com o sangue animal, precisa ser compensado. Ver "A Imagem de Deus", índice.

* **9.9 estabeleço a minha aliança.** Ver notas em 6.9-22; 8.20—9.17.

A promessa de Deus de preservar a terra (8.20-22) é agora confirmada com uma aliança (cf. 12.1-3; cap. 15). Em 6.18 o relacionamento pactual era exclusivamente com Noé (6.18, nota); agora é estendido aos seus descendentes e a toda criação (v.12). Ver "A Aliança da Graça de Deus", índice.

Em um certo sentido, Deus mediou sua misericórdia através de Noé para a criação, e mais tarde através de Moisés para Israel. Logo, Noé e Moisés são tipos subordinados do verdadeiro mediador que virá, Jesus Cristo (Hb 3.1-6).

9.12 sinal. As alianças bíblicas são usualmente confirmadas por

símbolos visuais; estes incluem a circuncisão na aliança com Abraão (17.11), o sábado com Moisés (Êx 31.13, 17), e a Ceia do Senhor na Nova Aliança (Lc 22.20). A aliança com Davi não requeria um símbolo porque sua descendência era este símbolo visível (2Sm 7.11-16). Geralmente estes sinais já existiam (p.ex., o sábado e a circuncisão), mas receberam um novo significado.

* **9.15 lembrarei.** Ver 8.1 e nota.

* **9.16 eterna.** Ver nota em 8.22.

* **9.18-29**. Esta seção de transição liga a aliança com Noé com a lista de nações no cap. 10 ao dar enfoque aos três filhos de Noé (Introdução: Características e temas).

* **9.21 Bebendo do vinho.** As Escrituras vêem o vinho

favoravelmente (Nm 15.5-10; Dt 14.26; Sl 104.15; Jo 2.1-11) e ao mesmo tempo advertem sobriamente do seu perigo (Is 5.22; Pv 21.17; 23.20, 21, 2935; Is 28.7), particularmente no desleixo moral exemplificado pela auto-exposição (Lm 4.21; Hc 2.15). Os nazireus (Nm 6.3, 4), sacerdotes exercendo o ofício (Lv 10.9), e governantes tomando decisões (Pv 31.4, 5) deviam se abster do vinho.

embriagou-se. Assim como Adão, o cabeça original da raça humana, pecou no comer (3.6), Noé, o cabeça da raça depois do dilúvio, pecou no beber.

Os marcantes paralelos entre Adão e Noé (8.1, nota), e o contraste entre o piedoso Noé antes do dilúvio (6.8, 9) e o pecador bêbado depois do mesmo, dirigem o leitor a Deus, e não ao homem, para a salvação.

se pôs nu. A exposição da nudez é desmoralizante publicamente (2Sm 6.16) e incompatível com uma vida na presença de Deus (Êx 20.26; Cf. Dt 23.12-14).

* **9.22 vendo a nudez do pai.** Fitar a nudez alheia, com lascívia ou

desdém, é moralmente errado. Ver notas em 2.25; 3.7. O olhar malicioso e

desdenhoso de Cam a seu pai, a quem ele deveria ter reverenciado, era particularmente repreensível (Êx 21.15, 17; Dt 21.18-21; Mc 7.10).

fê-lo saber. Se já é errado divulgar o pecado de outrém (Pv 10.12b; 17.9), muito mais ainda o do próprio pai. A história condena, ainda, a

falta de respeito aos pais.

* **9.24-27** Esta divisão da humanidade é paralela ao cap. 4 (8.1—12.9,

nota).

*

9.25 Maldito. Os cananeus sucederam os cainitas com

amaldiçoado (4.11 e nota).

Canaã. Visto que as maldições e bênçãos sobre os três filhos tinham em mira os seus descendentes, não é estranho que a maldição fosse sobre seu filho e não sobre o próprio Cam (vs. 18,22), especialmente porque Deus já havia abençoado a Cam (9.1). Como Cam, o filho mais novo de Noé, agiu errado para com seu pai, a maldição recai sobre o filho mais novo de Cam (v. 24), que compartilha sua decadência moral (Lv 18.3; Dt 9.3). Ainda mais, os descendentes de Cam incluem, em adição aos cananeus, os nomes dos inimigos mais temíveis de Israel: Egito, Filistia, Assíria e Babilônia (10.6-13).

servo dos servos. Noé profeticamente alude à vindoura servidão da descendência de Cam à descendência de Sem (Israel) e Jafé (os povos do mar, 10.2-5). Visto que esta maldição de servidão cai sobre Canaã, um caucasiano, não há fundamento para o ponto de vista racista de que os povos africanos são amaldiçoados.

* **9.26 Bendito... Deus de Sem.** Com esta bênção em forma de

doxologia Noé reconhece a Deus como o autor da vida e estende a bênção a Sem (1.22 e nota; 14.19). A linha da promessa messiânica é agora reduzida à linhagem de Sem (cf. 3.15; 4.26 e notas); e será especificada posteriormente através de Abraão (12.1-3), Isaque (21.8-12), Jacó (25.23; 27.28, 29), e Judá (49.10). Com a vinda do Messias e da Nova Aliança, a promessa da aliança é estendida a todos os crentes (At 10.34, 35; Gl 3.29).

* **9.27 habite ele nas tendas**. Talvez uma referência às conquistas

tribais ou às futuras vitórias da Grécia e Roma. Alternativamente, Jafé pode ser um convidado, atraído a Sem e a Deus — promessa que encontra seu cumprimento final no Novo Testamento (10.15, nota; At 14.27; Ef 2.11-22; 3.6).

* **9.28, 29** A genealogia começada em 5.32 está agora completa de acordo com o padrão do cap. 5.

* **10.1—11.9** O "relato" ou "genealogia" da família de Noé (2.4, nota) consiste da lista da nações (cap. 10) e da narrativa da torre de Babel (11.19). Cronologicamente, a torre de Babel precede a lista das nações, pois a lista pressupõe a confusão das línguas (10.5, 17, 20, 31). Duas perspectivas diferentes, porém complementares estão presentes neste relato: a lista das nações apresenta as nações como geradas de uma só linha sangüínea, se multiplicando debaixo da bênção de Deus (9.1), enquanto a narrativa da torre de Babel apresenta as nações como confundidas por causa do castigo divino (11.1-9).

* **10.1-32** A disposição tripartida da lista das nações (vs. 2-5, 6-20, 2131) reflete a tríplice divisão da humanidade. Setenta (representando um número grande e completo, cf. Jz 8.30; 2Rs 10.1) nações são listadas: quatorze de Jafé, trinta de Cam e vinte e seis de Sem. Os de Jafé migraram para o oeste, os de Cam para o sul e sudoeste e os de Sem para o sul e sudeste.

Esta lista seletiva não é sempre racial; "filhos de" ou "gerou" pode se referir a relações políticas, geográficas, sociais ou lingüísticas (4.20, 21; 10.31). Alguns nomes são pessoais (p.ex., Jafé, Ninrode); outros são nomes de lugares (p.ex., Sidom, Sabá) ou nomes de povos (p.ex., Ludim, Caftorim). Alguns pertencem a mais de uma família por causa de casamentos mistos.

* **10.1 São estas as gerações**. Ver nota em 2.4.

* **10.2 Gômer.** Os cimérios, um povo nômade ao norte do Mar Negro. Mais tarde, eles migraram para a Ásia Menor. Ver Ez 38.6.

Magogue. Ver Ez 38.2; 39.6; sua identidade é discutível.

Madai. Os medos. Ver 2Rs 17.6; Jr 51.11; Dn 5.28.

Javã. Os gregos.

Tubal, Meseque. Localizados na Ásia Menor central e oriental.

Tiras. Um dos povos do mar da região do mar Egeu. Talvez possam ser identificados com os etruscos que eventualmente se estabeleceram na Itália.

10.3 Asquenaz. Provavelmente os citas, mais tarde desprezados pelos gregos por serem considerados não civilizados (Cl 3.11, nota).

Rifá. Ver referência lateral. Localizado na Ásia Menor.

Togarma. Possivelmente a área a oeste do alto Eufrates.

* **10.4 Elisá**. Comumente identificado como parte de Chipre (cf. Ez

27.7).

Társis. Usualmente identificado com Tartessos no sul da Espanha.

Quitim. Habitantes de Chipre.

Dodanim. Possivelmente ao norte de Tiro. Se “Rodanim” (referência lateral) for preferido, a referência é provavelmente à ilha grega de Rodes.

10.5 ilhas das nações. O hebraico aqui é traduzido como “países do mar” em Is 41.5 e “terras do mar” em Is 42.4. Isaías, talvez recordando Gênesis 9.27 e 10.2, os apresenta como vindo à salvação

na era messiânica (9.27, nota).

repartiram ... língua. Uma antecipação de 11.1-9.

* **10.6-20** Os egípcios, babilônios e cananeus, os vizinhos mais

amargos e influentes de Israel, são mencionados nesta lista (9.25, nota).

* **10.6 Cuxe**. A área ao sul do Egito.

Mizraim. O Egito.

Pute. Tradicionalmente identificado como sendo a Líbia.

* **10.7 filhos de Cuxe.** Estas nações todas provavelmente se localizavam na Arábia.

Havilá. Provavelmente na Arábia. A sua relação com as localidades mencionadas no v. 29 e 2.11 é incerta.

* **10.8-12** Esta interrupção na genealogia é de fundamental

importância para a história de Israel: explica a origem racial e espiritual da Assíria e Babilônia que mais tarde viriam a conquistá-los.

* **10.8 Ninrode.** Seu nome significa "nós nos rebelaremos"; tradições judaicas posteriores o identificam como o construtor da torre de Babel (11.19). Este caçador e guerreiro é um arquétipo do ideal mesopotâmio para um rei.

começou a ser. Estas expressões semelhantes são usadas para chamar a atenção para importantes acontecimentos históricos (4.26; 6.1; 9.20; 11.6).

* **10.9 valente**. Este título pode ligá-lo aos tiranos em 6.4.

* **10.10 princípio do seu reino.** Ver nota em 8.1—12.9. Ninrode, o precursor dos construtores de cidade e reino, marca o começo da procura do homem pósdiluviano por domínio e autonomia, contra Deus (4.17, nota; 11.4-

Babel. Os babilônios, infames destruidores de Judá.

Ereque. Uma das cidades mais antigas conhecidas, Ereque (ou Uruque; Warka moderna) era uma importante cidade localizada no rio Eufrates. Habitantes desta região foram mais tarde deportados para Samaria pelos assírios (Ed 4.9, 10).

Acade. Embora fosse a cidade do famoso rei Sargão de Acade (c. 23502295 a.C), nunca foi localizada.

Calné. Não a Calné de Amós 6.2; este lugar nunca foi identificado.
Sinear. A região da Babilônia.

* **10.11 Assíria.** Uma das nações mais cruéis da história antiga, a

Assíria foi o infame destruidor do Reino do Norte de Israel (cf. Mq 5.5, 6).

Calá. Localizada na moderna Ninrude, onde os rios Tigre e Zab se encontram.

* **10.12 Resém.** A localização é incerta.

a grande cidade. Provavelmente Nínive (Jn 3.2, 3).

*
10.13 Mizraim. Egito, o infame lugar da escravidão de

Ludim. Os ludim provavelmente viveram perto do Egito. Ver v. 22.

Anamim. Estes descendentes do Egito não foram identificados com precisão.

Leabim. Geralmente tido como uma variante de “Lubim”, os líbios.

Naftuim. Provavelmente habitantes da região do delta do Nilo ou baixo Egito.

*** 10.14 Patrusim.** Habitantes de Patros no alto Egito ou ao sul.

Casluim. Sua identificação é incerta.

filisteus. Não uma das setenta nações, mas mencionada parenteticamente como outro inimigo amargo de Israel. Os filisteus, um dos povos do mar, vieram ao Egito através de Creta (Caftor, Am 9.7), antes de habitarem na Palestina. A conexão com o Egito aqui é aparentemente geográfica ao invés de genealógica (cap. 10, nota).

Caftorim. Habitantes de Creta.

*** 10.15-19** A área de Canaã, o povo amaldiçoado (9.25 e nota), se

estende do sudoeste da moderna Síria até Gaza (Nm 34).

*****
10.15 Hete. Seus descendentes são chamados às veze

“heteus”. Como é evidente aqui, estes heteus eram contados entre os cananeus, e a relação entre os heteus mencionados no Antigo Testamento (23.3-20; 26.34; 27.46; 1Sm 26.6; 2Sm 11.3), cujos nomes parecem ser semíticos ao invés de heteus, e o grande império heteu da Ásia Menor é debatida.

*** 10.16 jebuseus.** Uma das nações cananéias desapossadas por

Israel. Sua cidade era Jerusalém, que foi definitivamente conquistada por Davi (2Sm 5.6-9).

amorreus. O Antigo Testamento usa este termo de forma vaga, às vezes se referindo aos habitantes pagãos da Palestina em geral (15.16; Js 10.5) e às vezes ao povo palestino das regiões montanhosas (Nm 13.29). Algumas das dinastias mais famosas da Babilônia, incluindo a de Hamurabi, provinham do grupo semítico ocidental.

girgaseus. Ver 15.21; Dt 7.1, nota; Js 3.10.

* **10.17 heveus**. Os heveus viviam no Líbano e na Síria (Js 11.3; Jz 3.3) e também na área de Siquém e Gibeão (Gn 34.2; Js 9.1, 7).

arqueus. Habitantes de Arquate, identificada como a moderna Tell Arqah, localizada 19,5 km a noroeste de Trípoli.

sineus. Habitantes de uma cidade fenícia costeira perto de Arqa.

10.18 arvadeus. Este grupo vivia numa ilha, hoje chamada Ruad, 80 km ao norte de Biblos (Gebal).

zemareus. Este grupo não foi identificado.

hamateus. Habitantes da cidade de Hamate (hoje Hama), localizada no rio Orontes (Nm 34.8; Js 13.5; 2Sm 8.9, 10).

espalharam. Ver nota em 10.1-11.9.

* **10.19 Gerar.** Hoje a cidade de Tell Abu Hureira, 17km a sudeste de Gaza. Ver caps. 20, 21 e 26.

Sodoma ... Zeboim. Ver caps. 13, 14, 18 e 19.

Lasa. Sua identidade é incerta.

* **10.21—31** A linhagem eleita de Sem é apresentada por último (9.26, nota) e coincide parcialmente com a linhagem mais específica do eleito Héber (v. 21) em 11.10—26.

* **10.21 pai de todos**. Ou ancestral de todos (cf. 5.3—32, nota). O termo hebraico para "pai" era usado para ancestrais mais remotos (28.13). Sem foi o tataravô de Héber (10.24; 11.10-14).

Héber. A palavra "hebreu" provavelmente vem deste nome (cf. 14.13, nota). Ele é o herdeiro da bênção de Deus sobre Sem, assim como Canaã, filho de Cam, foi o alvo da maldição de Noé. Alguns estudiosos identificam Héber com Ebrum, um antigo rei de Ebla (c. 2300 a.C.).

e irmão mais velho de Jafé. Ver referência lateral. Por causa da dificuldade de tradução, é incerto saber se Sem ou Jafé é o mais velho. Cam era provavelmente o mais novo (9.24). Supondo que a presente tradução é correta, Moisés enfatiza aqui a posição de primogênito de Sem, a despeito do fato de sua genealogia ser apresentada por último.

* **10.22 Elão**. Ver 14.1, 9; Is 11.11; Ed 4.9.

Assur. Um ancestral dos assírios. Embora fossem um povo misturado (cf. v. 11) os assírios eram predominantemente semíticos.

Arfaxade. O terceiro filho de Sem e o primeiro a nascer depois do dilúvio (11.10), ele foi o ancestral de muitas tribos semíticas, incluindo os hebreus (cf. Lc 3.36).

Lude. Cf. v. 13. Talvez os lídios da Ásia Menor (Is 66.19; Ez 27.10).

Arã. Os patriarcas tinham relações próximas com os arameus (ver 25.20; 31.20; Dt 26.5).

* **10.23 filhos de Arã.** Pouco se sabe a respeito deste grupo.

* **10.24, 25a** Estes versos são expandidos em 11.12-17.

* **10.24 Arfaxade gerou a Salá**. A Septuaginta (o Antigo Testamento

Grego) acrescenta Cainã entre Arfaxade e Salá; este nome adicional se encontra na linhagem de Jesus (Lc 3.36).

* **10.25 Pelegue.** Ver referência lateral. Este nome, que provém do

termo hebraico “separar” ou “dividir”, provavelmente profetizava a dispersão

das nações em Babel. Ver Sl 55.9, onde o mesmo termo hebraico é usado na expressão "confunde os seus conselhos”.

* **10.29 Ofir.** Uma região, talvez na Arábia, conhecida por seu ouro

puro (1 Rs 9.28; Jó 22.24).

Havilá. Ver nota no v. 7.

* **10.30 desde Messa... para Sefar.** Embora estes lugares não sejam

identificados, os nomes dos filhos de Joctã indicam um local no sul da Arábia.

* **11.1—9** Ver nota em 10.1—11.9. Alguns estudiosos identificam a torre nesta narrativa como o templo zigurate de Marduque na Babilônia, com 91m de altura. O mesmo orgulho arrogante que inspirou os rebeldes Adão e Eva a rejeitar o conhecimento de Deus (3.5) e o ímpio Caim a construir sua cidade (4.17), agora inspira "toda a terra” (v. 4). A menção de "Sinear” (v. 2; cf. 10.10) e "Babel” (v. 9; cf. 10.10) relembra o reino rebelde de Ninrode (10.8-12 e notas).

* **11.1 toda a terra.** Ver nota em 10.1—11.9.

* **11.4 cidade**. Ver notas em 4.17; 8.1—12.9; e 10.10.

torre.aos céus. Esta descrição sugere um esforço monumental

motivado pelo orgulho (cf. Is 2.15-17). Os seres humanos — desta vez numa tentativa titânica de auto-afirmação corporativa — desafiam abertamente a Deus (3.6, nota).

tornemos célebre o nosso nome. Esta expressão denota na busca pela fama. Esses construtores estavam tentando obter relevância e imortalidade nos seus feitos, porém, apenas Deus pode dar um nome eterno (12.2) àqueles que engrandecem seu nome (4.26; 12.8; Is 63.12, 14).

para que não sejamos espalhados. Assim como Caim, no seu isolamento

de Deus, esses pecadores orgulhosos temiam deslocamento e talvez temessem também uns aos outros (4.14). Assim como Caim, eles encontraram solução para isto numa cidade que se rebelava contra Deus — estratégia que envolvia desobedecer a ordem de Deus de "encher a terra" (9.1).

* **11.5 desceu o SENHOR para ver**. A investigação divina antes do julgamento é freqüentemente descrita em Gênesis (3.11-13; 4.9, 10; 18.21). Ao invés de conflitar com a doutrina da onisciência divina (cf. 6.6, nota), esta descrição antropomórfica da atividade de Deus serve para enfatizar que o julgamento divino é sempre de acordo com a verdade. As torres da Mesopotâmia (zigurates) foram construídas como escadas para a descida dos deuses. Deus, porém, desce em julgamento nesta torre de orgulho humano.

* **11.6 é apenas o começo. Ver nota em 10.8.**

* **11.7 desçamos**. Ver nota em 1.26.

* **11.8 dispersou.** Ironicamente, ao invés de ganhar relevância e imortalidade eles alcançaram alienação e dispersão. A expulsão já fora a triste sorte de Adão e Eva (3.23) e de Caim (4.12). Esse castigo foi também um ato da graça; no isolamento os povos estariam mais inclinados a se voltar a Deus (12.3; At 17.26, 27).

* **11.9 Babel**. Uma etimologia irônica derivada do termo hebraico que significa "confundir". Para os babilônios, Babel significava "portão de deus".

* **11.10-26** Ver nota em 5.3-32. Esta genealogia dos eleitos, como em 5.3-32, é inicialmente linear e então segmentada em três filhos (8.1, nota).

Ela se sobrepõe a 10.21-31 e forma uma transição da história primeva para o relato de Abraão (Introdução: Características e Temas).

Como é comum em antigas genealogias, esta genealogia aparentemente contém lacunas. Se fosse precisamente seqüencial, os eventos dos caps. 9 —11 cobririam menos de três séculos, todos os ancestrais de Abraão ainda

estariam vivos quando ele nasceu, e Sem sobreviveria ao período de Abraão em 14 anos. O propósito desta genealogia é relatar os avanços da linhagem messiânica (Introdução: Data e Ocasião).

* **11.10 São estas as gerações de.** Ver nota em 2.4.

* **11.12** Na história sumeriana do dilúvio a idade dos reis é também reduzida depois do dilúvio (5.3-32, nota).

* **11.14 Héber.** Ver nota em 10.21.

* **11.16 Pelegue.** Ver nota em 10.25.

* **11.26 Abrão.** Ver notas em 17.5.

* **11.27-32** Esta introdução à história de Abraão identifica os personagens principais na vida de Abraão: pai, irmão, esposa, cunhada e sobrinho.

* **11.27** São estas as gerações de Terá. Ver nota em 2.4. Terá, o pai

do personagem principal, Abraão, dá seu nome à história da família, visto que a família envolvida nesta história descende dele (Introdução: Características e Temas). Depois desta introdução, ele não é mais mencionado, provavelmente porque não compartilhava da fé que Abraão possuía. A família pode ter estado envolvida na adoração à lua, já que Ur e Harã eram importantes centros de adoração dos deuses mesopotâmios da lua, Nanna e Sin.

Naor. Ver 22.20-24.

* **11.28 Morreu Harã.** A morte prematura de Harã explica o destino de seus filhos nesta família intimamente unida. Abraão adotou a Ló, filho de Harã (v. 31; 12.4), e Naor casou-se com Milca, filha de Harã.

Ur dos caldeus. Provavelmente a importante cidade no sul da

Mesopotâmia às margens do rio Eufrates (cerca de 3000-1900 a.C.), embora alguns estudiosos sugiram que seja Urfa (Edessa) ao norte da Mesopotâmia. Porque os caldeus não atingiram o sul da Mesopotâmia até depois de os tempos de Moisés (e quase um milênio depois de Abraão), esta descrição de Ur pode representar uma atualização do texto posterior ao tempo de Moisés (Introdução: Data e Ocasião).

* **11.29 Sarai.** Esta era filha de Terá, de uma mãe diferente da mãe de Abraão (20.2). A proibição de tais casamentos era desconhecida no período patriarcal (cf. Lv 18.9; 20.17; Dt 27.22).

a de Naor... filha de Harã. A lei mosaica posterior não proibe o casamento com uma sobrinha.

* **11.30 estéril**. Essa menção à impossibilidade de ter filhos prenuncia a provisão miraculosa de uma descendência para continuar a linhagem da promessa da aliança (18.1-15; 21.1-12).

* **11.32 duzentos e cinco anos.** Se Abrão nasceu quando Terá tinha setenta anos de idade (v. 26) e se Abrão partiu de Harã quando

tinha setenta e cinco anos (12.4), após a morte de seu pai Terá (At 7.4), Terá teria apenas 145 anos quando morreu. Várias alternativas a esta aparente dificuldade tem sido apresentadas. Alguns sugerem que Estevão em Atos 7.4 se apoia numa tradição textual diferente (O Pentateuco Samaritano traz "145 anos"). Outros propõem que a palavra hebraica "gerou" no v. 26 significa "começou a gerar" e que Abrão não era o primogênito.

* **12.1—22.19** A divisão por Deus do mundo em nações (11.1-9) proveu

um pano de fundo sobre o qual Moisés começa agora a expor a distinta graça de Deus na eleição. Com Abraão começa a história da criação de Israel por Deus, uma história na qual ele revela a sua liberdade em ser misericordioso para com Israel, sua santidade no julgá-lo, sua fidelidade em restaurá-lo e sua absoluta soberania sobre a história humana. A história de Abraão começa com sua partida de uma cidade humana (Ur) em busca da

cidade "da qual Deus é o arquiteto e o edificador" (Hb 11.10)

* **12.1-9** O chamado de Abraão como um agente da graça redentiva é

paralelo ao papel de Noé como o mediador de uma aliança com toda a criação (8.1—12.9, nota). A forma do chamado de Deus a Abraão também lembra o padrão da criação (1.3-31, nota): anunciação, ordem (v. 1), e relato (vs. 4-9); o padrão é quebrado, porém, pela promessa divina (vs. 2-3), enfatizando a fé e obediência de Abraão (vs. 4-9; cf. 22.1-19; Rm 4.3; Hb 11.8-12).

* **12.1-3** A estrutura pactual é visível (17.2, nota). Deus soberanamente

assumiu responsabilidades para com Abraão (vs. 2, 3) enquanto lhe atribuiu uma tarefa (v. 1). Os mandamentos de Deus se cumpriram através da fé obediente de Abraão na promessa de Deus (6.9-22,

nota).

Estes versos marcam um ponto de transição em Gênesis e na história da redenção quando Deus começa a estabelecer um povo da aliança para si mesmo. O progresso do plano redentivo de Deus é evidente ao separar Abraão (v. 1) e ao transformar Israel em uma grande nação (v. 2; 46.3). Este plano redentivo tem o seu clímax em Jesus Cristo, a verdadeira semente de Abraão (Gl 3.16), que traz salvação ao mundo (v. 3). O chamado de Abraão é repassado aos dois próximos patriarcas, Isaque (26.2-4) e Jacó (28.14). A nação será formada a partir dos doze filhos de Jacó (cap. 49). Ver a nota teológica "A Aliança da Graça de Deus", índice.

*** 12.1 disse o SENHOR.** O chamado veio a Abraão em Ur antes da

morte de seu pai, não em Harã (15.7).

a terra. A extensão desta concessão de terra será progressivamente definida (12.7; 13.14-17; 15.18-21).

*****

12.2 abençoarei. Elementos cruciais da bênção e prom

divinas em Gênesis — frutificação e domínio — são evidentes aqui e definidos ainda mais em 22.17 (9.1, nota).

te engrandecerei o nome. O que os construtores em Babel almejaram

fazer com suas próprias forças (11.4, nota), Deus concedeu na sua graça soberana. A história subseqüente confirmou a promessa de Deus — os grandes nomes de Abraão e Davi (2Sm 7.9) prefiguram o nome de Cristo (Fp 2.9-11).

Sê tu uma bênção. Esta última ocorrência do verbo "abençoar" é um imperativo. Abraão não apenas seria abençoado, mas também

deveria ser uma bênção aos outros (v. 3).

* **12.3 Abençoarei... amaldiçoarei**. A extensão do intento gracioso e

misericordioso de Deus é indicada no hebraico pela mudança do objeto plural da graça (os que te abençoarem) para o objeto singular da maldição (o que te amaldiçoar). Muitos receberão a bênção de Deus através do Descendente de Abraão (18.18; Gl 3.8; Ap 7.9, 10).

os que te abençoarem. Aquele que reconhecer a Abraão e sua descendência como agentes da bênção de Deus.

amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. As palavras do hebraico traduzidas aqui como "amaldiçoar" diferem entre si: a segunda significa "desdenhar"; a primeira tem o sentido de "enfraquecer" (3.14). Deus será um adversário direto daqueles que amaldiçoarem a Abraão e sua semente.

em ti. Em Jesus Cristo, o Descendente de Abraão (Gl 3.16), e no Israel espiritual de todos os tempos unidos com ele (Gl 3.29; nota em Fp 3.3), e não no Israel étnico descrente (Jo 8.39; Rm 9.6-8).

serão benditas. Alguns têm afirmado que o verbo hebraico aqui deve ser traduzido reflexivamente: "abençoarão a si mesmos" (isto é, vão desejar a bênção de Abraão). Enquanto gramaticalmente possível, esta leitura dificilmente faz jus ao contexto desta promessa divina, e a tradução na voz passiva ("serão abençoadas") não apresenta qualquer dificuldade lingüística. Ainda mais, a Septuaginta (Antigo Testamento Grego) traduz como sendo passiva. Há plena justificativa para considerar esta promessa como um referência ao plano de Deus para a salvação do mundo.

* **12.4 setenta e cinco.** Ver nota em 11.32.

* **12.6 Siquém.** Ver 33.18—34.31; 48.22; 50.25 e notas.

carvalho de Moré. Uma grande árvore, que pela sua altura era preferida como lugar de culto (13.18; 18.1; 21.33). Embora os pagãos adorassem divindades da fertilidade debaixo de árvores como esta, Abraão, que procurava pela cidade celestial (Hb 11.10) adorava apenas ao Deus verdadeiro (v.8). O nome "Moré" significa "ensinador". Este era provavelmente um lugar pagão para oráculos; o Senhor o santificou quando ali apareceu a Abraão (v.7).

cananeus... terra. Dois obstáculos estavam no caminho das promessas de Deus: a esterilidade de Sara (11.30) e os cananeus que o impediam de entrar para habitar na terra.

* **12.7 Apareceu**. Os patriarcas peregrinos eram profetas (15.1, 4;

17.1; 18.1; 20.7; 26.2, 24; 28.10-15; 31.3; 35.9; 48.3; cf. Sl 105.12-15).

descendência. Paulo declara que este substantivo singular coletivo (como no hebraico) diz respeito unicamente a Jesus Cristo (Gl 3.16) e a todos aqueles que compartilham a fé de Abraão em Deus (Rm 4.16, 23-24; Gl 3.2629).

edificou... um altar. Por este ato o pai de uma nova nação consagra a Deus a Terra Prometida (Êx 20.24; Js 22.19). Ver v. 8; 13.18; 22.9; 26.25; 35.7).

* **12.8 invocou o nome do SENHOR**. Ver 4.26 e nota.

* **12.9 Neguebe.** Ver referência lateral. A região do deserto a

sudoeste do mar Morto. Cobrindo uma área de aproximadamente 7.250 quilômetros quadrados, seu volume de chuvas é muito baixo para sustentar a lavoura de cereais.

* **12.10-20** A matriarca Sara é também colocada em perigo nos

capítulos 20 e 26. O êxodo de Abraão do Egito tipifica o êxodo de Israel mais tarde: Deus manda a fome (v. 10; 47.4), os egípcios os afligem (vs. 12-15; Êx 1.11-14); Deus envia pragas contra os egípcios (v. 17; Ex 8—11); os egípcios os deixam ir com grande riqueza (vs. 16, 20; Êx 12.33-36); eles retornam à terra em estágios através do deserto (13.3; Êx 17.1); e finalmente chegam à terra onde adoram ao Senhor (13.3; Êx 15.17). Ver Sl 105.14, 15; 1Co 10.14.

* **12.12 os egípcios... me matarão** Embora a hospitalidade a

estranhos fosse um dever no antigo Oriente Próximo (18.2-5; Dt 10.18, 19), estes eram vulneráveis (cf. 19.3-11). Abraão não estava necessariamente vendendo a honra de Sara para salvar-se, porque este artifício havia sido planejado muito antes (20.13), talvez para ganhar tempo em circunstâncias perigosas (cf. 24.55; 34.13-17).

* **12.13 irmã**. Ver nota em 11.29.

* **12.15 foi levada.** A palavra hebraica aqui não implica

necessariamente em relação sexual (cf. 20.2, 4, 6); o texto não acrescenta "a possuiu” (34.2; 38.2).

* **13.1-18** A separação de Ló de Abraão o restringiu da bênção. Ele

voltou as costas para seu tio e ignorou os perigos de Sodoma. Mas "ainda que pensasse viver no céu, ele já está quase que afundado no inferno” (Calvino, comentário sobre Gn 13.10). Em contraste com Ló, Abraão confiou em Deus e pela fé herdou "toda esta terra... para sempre” (v. 15) e "descendência como o pó da terra” (v. 16).

* **13.2 rico.** A palavra hebraica aqui nos leva a contrastar a situação

de Abraão antes e depois de ir ao Egito (12.10-20, nota).

* **13.6 eram muitos os seus bens.** Paradoxalmente, a bênção de

Deus, e não a fome, causou o problema (v. 10, nota).

* **13.8-17** Ló e Abraão são comparados e contrastados: ambos

olharam ao derredor (vs. 10, 14), receberam a oferta da terra (vs. 9, 15-17), e viajaram para sua porção designada (vs. 11-12, 18). Porém Ló, que escolheu pelo que viu, por pouco escapará com vida em duas ocasiões (14.12, 16; 19.1-29), enquanto que pela fé Abraão será enriquecido para sempre.

* **13.9 se fores para... irei para.** A fé no Deus soberano deu a

Abraão a liberade para ser generoso (cf. 14.19, 20). Sua generosidade tipificava a generosidade de Israel para com Moabe e Amom, descendentes de Ló (Dt 2.8-19). Deus se compraz na generosidade e nos pacificadores (Lv 19.18; Sl 133; Mt 5.43-48; Tg 3.17, 18).

* **13.10 campina do Jordão.** A fronteira da Terra Prometida ou logo após ela (Nm 34.2-12); esta área é contrastada com Canaã no v. 12.

como o jardim do SENHOR. O ambiente do homem não é a causa do pecado e sim, a depravação humana. No ambiente perfeito do Éden, o pecado originou-se, e agora abundava neste rico território (v. 13; 18.16— 19.29).

* **13.12 armando as suas tendas.** Ver nota em 14.12.

* **13.14 Ergue os olhos. ocidente.** Semelhantemente, o Senhor convidou Moisés a uma visão panorâmica da terra (Dt 34.1-4). Em ambos os casos, o convite foi feito para confirmar a promessa a alguém que não participaria pessoalmente na expulsão dos

cananeus.

* **13.15 terra. para sempre.** Ver 12.1 e nota. As promessas de terra foram cumpridas várias vezes, mas nunca consumadas. Deus cumpriu a promessa através de Josué (Js 21.43-45), mas não completamente (Js 13.17); mais ainda através de Davi e Salomão (1Rs 4.20-25; Ne 9.8), mas ainda não completamente (Sl 95.11; Hb 4.6-8; 11.39, 40). Assim como o êxodo de Israel do Egito através da Páscoa (Êx 12.1) é uma prefiguração do êxodo da igreja do mundo condenado, através de Cristo (1Co 5.7; 10.1-4), também a

antiga vida de Israel na terra é uma prefiguração da vida do novo Israel em Cristo. Ambos são um dom (15.7, 18; Dt 1.8; Rm 6.23), são recebidos pela fé (Nm 14.26-44; Js 7 e Jo 3.16). Ambos, de forma exclusiva, possuem a abençoada presença, vida e descanso de Deus (Êx 23.20-31; Dt 11.12; 12.9, 10; 28.1-14; Jo 1.51; 14.9; Mt 11.28) e exigem uma fé perseverante (Dt 28.15-19; Hb 6). As promessas de terra são consumadas para sempre no novo céu e nova terra (Hb 11.39, 40; Ap 21.1—22.6).

* **13.16 como o pó da terra.** Ver 32.12. A promessa de descendência

é também cumprida no antigo Israel (Nm 23.10; 1Rs 4.20; 2Cr 1.9) e consumada no novo Israel, composto de judeus e gentios (12.3 e nota; Rm 4.16-18; Gl 3.29; Ap 7.9).

* **13.17 Levanta-te, percorre.** De acordo com um costume antigo, a

transferência de propriedade era finalizada com a visita do novo proprietário ao lugar. Deus ordena a Abraão que reivindique simbolicamente a Terra Prometida (12.7 e nota; Js 1.3; 18.4; 24.3).

* **13.18 carvalhais de Manre.** Ver nota em 12.6.

Manre. Um amorreu que buscou segurança numa aliança com

Abraão (14.13). Ele será abençoado através de Abraão (14.24).

levantou ali um altar. Ver 12.7 e nota.

* **14.1-24** Abraão demonstrou uma fé obediente, numa guerra

arriscada, para libertar seu sobrinho Ló. Sua vitória é surpreendente já que esta confederação de saqueadores, composta por cinco reis, havia acabado de conquistar muitos cananeus e uma confederação de cinco reis da região do mar Morto. Ver nota no v. 4.

* **14.1, 2** Nenhum destes reis foi identificado concretamente em fontes

extra-bíblicas. Um vem de Elão (parte do Irã moderno), um da Babilônia (parte do Iraque moderno), e dois provavelmente da região da Turquia moderna.

* **14.1 Sinear.** Ver nota em 10.10.

* **14.4 serviram.** Eles foram sujeitos como vassalos ao rei de Elão, com a obrigação de pagar tributo.

* **14.5 refains... zuzins... emins.** Ver nota em Dt 2.10-12. Zuzim é provavelmente um termo alternativo para os zanzumins (Dt 2.20). A menção destes gigantes derrotados enfatiza ainda mais quão impressionante foi a vitória de Abraão.

* **14.6 horeus.** Ver nota em Dt 2.10-12.

* **14.12 morava em Sodoma.** Note a progressiva identificação de Ló com Sodoma: acampava perto dela (13.12), morava nela, e residia como um respeitado cidadão da mesma (19.1,6; cf. Sl 1.1).

* **14.13 o hebreu.** Provavelmente uma identificação étnica designando Abraão como um descendente de Éber (10.21, nota). Entretanto, alguns sustentam que o termo é derivado de *habiru,*

uma palavra de desprezo usada para designar uma classe social de semi-nômades amplamente dispersa no antigo Oriente Próximo do segundo milênio antes de Cristo.

carvalhais de Manre. Ver nota em 12.6.

amorreu. Às vezes um termo genérico para os antigos habitantes da Palestina (48.22; Dt 1.44; Js 2.10). Manre, o amorreu, um aliado de Abraão que o acompanhou em batalha, foi abençoado através de sua identificação com Abraão (v. 24; 12.3).

* **14.14 seu sobrinho.** No hebraico, "seu irmão", explicando o caráter da ação de Abraão: os justos demonstram lealdade amorosa para com seus irmãos.

homens dos mais capazes. Homens treinados no uso de armas. Uma força de trezentos homens era um exército considerável nos tempos de Abraão.

Dã. O nome deste lugar foi mudado de Laís para Dã depois dos tempos de Moisés (Introdução: Data e Ocasião; Jz 18.29).

* **14.18 Melquisedeque.** Lit., "rei de justiça". A palavra hebraica *melech* significa "rei" e *zedek* significa "justiça". Ver Introdução: Características e Temas; Hb 7.1-3 e notas.

rei de Salém... sacerdote do Deus. A apresentação de Melquisedeque não só enfatiza que ele era um rei mas também um sacerdote. Desta forma, ele é um tipo de Cristo, que é nosso profeta, sacerdote e rei. Salém é aparentemente um nome antigo para Jerusalém (Sl 76.2).

pão e vinho. A combinação significa uma refeição completa, um banquete.

* **14.19 abençoou ele.** O autor de Hebreus entende que o fato de Melquisedeque abençoar a Abraão indica que Melquisedeque é

maior do que Abraão (Hb 7.7)

Deus Altíssimo. No hebraico *El Elyon.* O supremo deus no panteão cananeu nos tempos de Abraão tinha títulos similares (p.ex., *El Olam,* "deus eterno"). Os patriarcas usaram estes títulos para o SENHOR, o verdadeiro Deus, criador dos céus e da terra. Abraão interpretou o louvor de Melquisedeque desta forma, repetindo os mesmos títulos e adicionando o nome divino pactual de SENHOR (Yahweh) no v. 22. Embora cananeu, Melquisedeque veio a conhecer o Deus verdadeiro — um sacerdote pagão não poderia significativamente ter "abençoado" a Abraão, nem Abraão, que estava consagrando a terra ao SENHOR (12.7, nota), poderia ter dado um "dízimo" ao sacerdote do depravado deus El.

* **14.20 dízimo.** A décima parte. A prática de se pagar o dízimo ao rei ou a um deus era comum no antigo Oriente Próximo, e é anterior à lei

mosaica (28.22; 27.30-33; Nm 18.21-32). O presente de Abraão a Melquisedeque provavelmente não era o pagamento do "dízimo do rei" (cf. 1Sm 8.15, 17), porém uma oferta que refletia o respeito de Abraão para com Melquisedeque como sacerdote do Deus verdadeiro.

tudo. Dos despojos.

* **14.22 SENHOR.** Ver nota no v. 19.

* **14.23 nada tomarei.** Em contraste com seu procedimento com

relação a Melquisedeque, de quem aceitou pão e vinho (v. 18) e a quem deu o dízimo (v. 20), Abraão não queria nenhuma relação com o ímpio rei de Sodoma.

* **14.24 aos homens... comigo.** Os despojos eram o seu justo

quinhão. Esta disposição dos bens enfatiza a justiça e generosidade

de Abraão.

15.1-19 Depois da expressão de fé de Abraão na recompensa de Deus (14.22, 23), Deus confirmou sua promessa de descendência (vs. 1-6) e terra (12.7 e nota) fazendo uma aliança (Ne 9.8). As duas cenas noturnas (vs. 5, 17) são paralelas: O Senhor promete uma recompensa (vs. 1, 7); Abraão questiona o soberano Senhor a respeito da herança (vs. 2-3, 8); e o Senhor responde com um ato visual (vs. 4-5, 9-21). A fé que Abraão possuia lhe foi imputada por justiça (v.6).

*** 15.1 veio a palavra do SENHOR.** Esta frase tipicamente introduz

uma revelação a um profeta (12.7, nota; 20.7; Jr 18.1; Ez 6.1; Os 1.1).

visão. As visões eram um antigo modo de revelação (Nm 12.6), e comumente ocorriam à noite (v. 5; 1Sm 3.1-3; Jó 33.14-16).

galardão. Ver nota em 14.23.

15.2, 3 O povo de Deus não seria gerado de forma natural. Assim

como Adão e Noé foram os fundadores da raça caída, Abraão foi o pai da nova raça, simbolicamente tirada da morte (17.5).

*** 15.2 sem filhos.** Esta expressão no hebraico pode significar "viver

sem filhos” ou "morrer sem filhos”. Abraão estava perplexo, talvez em parte porque não ter filhos era visto como um sinal de castigo divino (Lv 20.20, 21; 1Sm 1.11; Jr 22.30).

*** 15.3 um... será o meu herdeiro.** Esta prática, de um casal sem

filhos adotar um escravo como herdeiro, é confirmada no textos de Nuzi (cerca de 1.500 a.C.), uma coleção de mais de 4.000 tábuas de

argila encontrados perto de Kirkuk, Iraque.

* **15.5 posteridade.** Ver 12.7; 13.6 e notas.

* **15.6** Este verso nos dá o mais antigo núcleo da doutrina da

justificação pela fé e não pelas obras (Gl 3.6-14). Abraão creu na promessa do nascimento de um herdeiro dentre os mortos (Rm 4.17-21; Hb 11.11,12), e Deus imputou isto como justiça a Abraão, satisfazendo o mandato da sua aliança. A justificação de Abraão pela fé é um modelo para a nossa fé na ressurreição de Jesus Cristo, o sacrifício de Deus pelo pecado e o ato de Deus em nos imputar justiça pela fé (Rm 4.22-25).

creu. Abraão é o pai de todos aqueles que crêem (Rm 4.11), e todos os que crêem são filhos de Abraão (Gl 3.7).

justiça. Ver 6.9 e nota; Hb 11.6-12

* **15.7 Eu sou o SENHOR que te tirei.** Uma forma de auto-

identificação de Deus depois do êxodo (Êx 20.2).

terra. Ver nota em 13.15.

* **15.8 como saberei**. O pedido de um sinal é motivado pela fé (v. 6;

cf. Is 7.10-14).

* **15.9 novilha... pombinho.** Todas as espécies que eram apropriadas para o sacrifício.

* **15.11 Aves de rapina.** Um simbolismo das nações impuras tentando destruir os descendentes de Abraão.

enxotava. Abraão simbolicamente defende a sua herança prometida contra os agressores estrangeiros.

* **15.12-14** Israel deverá herdar Canaã através do ato sobrenatural de Deus, redimindo-os da escravidão.

* **15.13 por quatrocentos anos.** Um número arredondado para o período passado no Egito.

* **15.15 ditosa velhice. Ver 25.8.**

* **15.16 amorreus.** Ver nota em 14.13.

* **15.17 fogareiro fumegante e uma tocha de fogo.** Símbolos da presença de Deus com Israel no seu caminho para a terra prometida (Êx 13.21; 19.18; 20.18).

passou entre aqueles pedaços. Assim como indicado em outros textos do antigo Oriente Próximo e Jr 34.18, passando entre os pedaços de animais (significando a punição daqueles que quebram a aliança), Deus invoca maldição sobre si mesmo se falhasse em manter a sua aliança. Porque ele não pode jurar em nome de uma autoridade maior, Deus jura por si mesmo que manteria os termos da aliança. Ver 22.16, 17; Hb 6.13, nota.

* **15.18 aliança.** A aliança de Deus com Abraão tem muitas semelhanças com os tratados do antigo Oriente Próximo entre reis e servos leais com respeito à outorga de terra aos seus descendentes em perpetuidade.

desde o rio... Eufrates. A definição de fronteiras era uma parte importante nas antigas outorgas de terras reais.

rio do Egito. É questionável se este rio do Egito é o Wadi el Arish ao nordeste do Sinai (Nm 34.5) ou um braço oriental do delta do Nilo. Ver 1Rs 4.21.

* **15.19-21.** Além das fronteiras geográficas a terra é identificada por

seus ocupantes. Ver 10.15-18.

* **16.1-15** Na sua impaciência, Sara tentou cumprir a promessa divina por sua própria iniciativa, usando sua serva Hagar como meio. O resultado imediato é a rivalidade no lar, e sua conseqüência a

longo prazo é a bênção misturada a uma numerosa descendência que herda o espírito desafiador de Hagar (v. 12). Essa geração natural não trouxe paz; apenas o maior Descendente de Abraão (Gl 3.16), o Filho do Deus da paz, pode fazê-lo.

* **16.1 serva**. O termo hebraico denota uma serva pessoal da esposa,

não uma escrava qualquer (cf. 21.10, nota). O relacionamento dela com Sara é semelhante ao de Eliezer com Abraão (15.2).

* **16.2 filhos por meio dela.** Dentro deste costume, atestado no

Código de Hamurabi e em textos de Nuzi e Ninrude, a autoridade sobre os filhos resultantes desta união era da esposa legítima, e não da esposa-escrava (Introdução: Autor).

* **16.3 dez anos.** Ver 12.4.

* **16.4 desprezada.** Esta palavra hebraica é traduzida como

"amaldiçoar" em 12.3 (12.3, nota; cf. Pv 30.23). Porque tratou a Sara com desdenho, Hagar foi alienada da família da bênção.

* **16.5 Seja sobre ti a minha afronta.** Sara joga a responsabilidade

da situação sobre Abraão. Só ele tem a autoridade judicial para mudar esta

situação, e até então ele não havia agido para proteger seu casamento.

Julgue o SENHOR. Ela apela para uma corte maior (31.53; Êx 5.21; 1 Sm 24.12, 15).

* **16.6 segundo melhor te parecer.** De acordo com o Código

de

Hamurabi a esposa desprezada não poderia vender a sua serva, mas poderia marcá-la com a marca de escrava e contá-la como tal.

humilhou-a... fugiu. O obstinado Ismael é o filho intratável de uma mãe que preferiu a liberdade no deserto a submeter-se ao jugo de sua ama (v. 9).

*** 16.7 Anjo do SENHOR.** A identidade deste anjo do Senhor é

discutível. Alguns dizem que, embora o "anjo do SENHOR" possa algumas vezes ser distinto de Deus (p.ex., 21.17; 2Sm 24.16; 2Rs 19.35), em outras passagens o anjo do Senhor parece ser uma teofania, uma manifestação visual do próprio Deus (p.ex., 18.1-33; 22.11-18; 32.24-30; Êx 3.2-6). Outros, entretanto, observam que "anjo" significa "mensageiro". Eles sustentam que assim como os mensageiros seculares são inteiramente equiparados com aqueles que os enviam (Jz 11.13; 2Sm 3.12, 13; 1Rs 20.2-4), da mesma forma, o anjo de Deus é identificado com ele (ver também Gn 21.17; 31.11; Êx 14.9; 23.20; 32.34).

Sur. O nome significa "parede", uma referência às fortificações fronteiriças dos egípcios. Hagar aparentemente fugiu na direção de sua casa no Egito (cf. v. 1).

*** 16.8 donde.** Ver notas em 3.9 e 11.5.

*** 16.10 Multiplicarei. tua descendência.** Abraão é o pai de muitos

descendentes, tanto eleitos (13.16, nota) quanto não eleitos. Não são apenas os filhos naturais que herdam a promessa (Rm 9.8). Até mesmo a descendência física de Abraão pode perseguir os filhos da promessa (21.9; Gl 4.29, 30).

*** 16.12 contra todos.** A conduta feroz e agressiva dos ismaelitas

resultará em um legado de conflito.

* **16.13 Tu és Deus que vê.** Este nome divino não aparece em

nenhum outro lugar. Ele expressa o significado profundo para Hagar da revelação graciosa de Deus a ela. Mesmo quando ela estava perdida no deserto, Deus a viu e se revelou a ela.

* **16.14 está... Berede.** Hoje, a localização é incerta.

* **16.15 um filho.** A genealogia aparece em 25.12-18.

* **17.1 Deus Todo-poderoso**. Ver referência lateral. Este nome divino

pode indicar o domínio universal de Deus. Ele aparece freqüentemente em Jó e nas narrativas patriarcais, geralmente num contexto onde a promessa de descendência é enfatizada (28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25).

anda na minha presença e sê perfeito. Estas frases denotam o serviço devido a um rei. Até mesmo os reis de Israel eram ordenados a "andar diante” do seu soberano maior, o próprio Senhor (1Rs 9.4; 2Rs 20.3). O acerto pactual aparece novamente: as promessas graciosas de Deus esperam uma resposta obediente da parte de Abraão.

* **17.2 uma aliança entre mim.** No hebraico "minha aliança”. O

relacionamento pactual entre Deus e Abraão inclui tanto promessas de Deus obrigando-o a cumprir a sua parte para com Abraão ("Quanto a mim” vs.4-8, 16), e ordens de Deus obrigando Abraão e Sara a cumprirem a sua para com ele ("Disse mais Deus a Abraão: Guardarás...” vs. 9-15). Esse padrão de obrigação mútua não representa um relacionamento entre partes iguais (como em um contrato humano), entretanto, Deus, soberanamente, aplica a aliança, dá a graça da fé e obediência ao homem, e, graciosamente fornece a

solução para a desobediência humana (28.20, nota). A história da aliança no Antigo Testamento em geral demostra a incapacidade humana em obedecer aos requerimentos pactuais. Entretanto, o Deus gracioso da aliança continua fiel às suas promessas, mesmo quando os seres humanos

são infiéis (v. 7, nota; Lv 26.44, 45; Dt 4.30, 31; 2Tm 2.13 e nota).

* **17.5 Abrão... Abraão.** Abrão, um antigo nome semítico oriental, significa "pai exaltado", talvez originalmente uma referência ao pai de Abraão, Terá. "Abraão" soa como uma expressão hebraica que significa "pai de uma multidão de nações." Seu antigo nome representava seu passado aristocrático; o novo representa sua grande descendência.

já não será o teu nome. A mudança de nome do patriarca e matriarca mostram que eles estão sob o governo de Deus (1.5, nota) e são chamados a um novo destino e missão.

pai de numerosas nações. Abraão foi o pai físico de muitas nações — o Israel étnico através do filho prometido, Isaque; os ismaelitas (v. 20; 21.13; 25.12-18); os edomitas (25.23; 36.1-43); e seus descendentes através de Quetura (25.1-4). Porém, esta promessa encontra seu cumprimento final na multidão de cada tribo, língua e nação que compartilha a fé de Abraão e são batizados em Jesus Cristo (Rm 4.16, 17; 15.8-12; Gl 3.29; Ap 7.9).

* **17.7 a tua descendência.** Os descendentes de Abraão através do filho da promessa, Isaque (Rm 4.19; 9.6-9). Os crentes gentios participam desta aliança através da incorporação espiritual em Israel (Ef 2.11-13; 1Pe 2.10, nota) pela união com Cristo, o grande Descendente de Abraão (Gl 3.16, 26-29).

perpétua. A natureza unilateral e graciosa da aliança de Deus com Abraão é enfatizada pelo seu caráter *eterno* (v. 2, nota). A aliança de Deus dura para sempre porque ele não muda e porque Jesus Cristo cumpre cada condição dela (2Co 1.20; Ef 2.12, 13).

para ser o teu Deus. Embora exista uma dimensão jurídica da aliança (v. 2, nota), o relacionamento pactual de Deus com o seu povo é primeira e principalmente de comunhão (Êx 6.7; Dt 29.13). Deus graciosamente habita com seu povo e estes agradecidamente respondem com fé, amor e obediência.

*** 17.8 terra de Canaã... possessão perpétua. Ver 13.15 e nota.**

*** 17.10 circuncidado.** Por meio deste ritual o orgão de procriação

era consagrado a Deus (cf. Lv 19.23). Mais ainda, Deus queria o coração e ouvidos consagrados a ele (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; 6.10; Ez 44.7, 9). A simples circuncisão da carne é inadequada para agradar a Deus (17.11-14, notas; Jr 9.25, 26).

*** 17.11 sinal de aliança.** Ver nota em 9.12.

*** 17.12 oito dias.** Ver Lc 1.59; 2.21; Fp 3.5. Algumas culturas do

antigo Oriente Próximo circuncidavam seus filhos na puberdade como um rito de passagem da infância para a idade adulta. Deus empregou este sinal para crianças para mostrar que os filhos de pais crentes são "santos" (são separados do mundo profano e pertencem à comunidade da aliança, Rm 11.16; 1 Co 7.14). Deus continua a usar a instituição da família (At 16.31). O rito de iniciação para entrada na comunidade da aliança hoje é o batismo.

Em Cristo não há mais homem ou mulher, judeu ou gentio, de forma que todos podem participar (Gl 3.26-29; Cl 2.11, 12). Ver a nota teológica "Batismo Infantil", índice.

*** 17.13 nascido. comprado.** As promessas da aliança eram

estendidas a todos dentro da família da fé. Até mesmo no Antigo Testamento o escopo da comunidade da aliança não era determinado por linhagem — prefigurando a expansão da aliança a uma multidão

de toda tribo e nação. Ver notas nos vs. 6, 7.

*

na vossa carne e será aliança perpétua. Ver nota no v. 7. A aliança da graça entre Deus e seu povo é de fato uma aliança eterna, embora o modo de administração tenha mudado com a transição de Israel para a igreja (a circuncisão é substituída pelo batismo, v. 12, nota). Ver "Os Sacramentos", índice.

17.15 Sarai. Sara. Ver referência lateral. Ambos os nomes

parecem ser variantes significando "princesa". O seu nome de nascimento provavelmente pretendia lembrar sua nobreza de família, enquanto o nome pactual tinha em vista a sua nobre descendência (v. 5 e nota).

* **17.16 Abençoá-la-ei.** Ver nota em 12.2.

* **17.17 riu.** Ver nota em 21.3

* **17.20 doze príncipes.** Ver 25.12-16.

* **17.21 com Isaque**. Pelo seu próprio conselho soberano o Senhor

elegeu Isaque e não Ismael (Introdução: Data e Ocasião). O nascimento miraculoso de Isaque significa que o povo de Deus resulta da promessa e da graça sobrenatural do Espírito Santo e não de uma simples geração natural (Rm 4.17; Gl 4.21-31).

* **17.23 naquele mesmo dia.** Abraão demonstrou sua fé na graciosa

aliança de Deus pela sua obediência (v. 1, nota; Rm 4.9-12).

* **18.1 Apareceu**. Ver nota em 12.7.

carvalhais de Manre. Ver nota em 12.6.

no maior calor do dia. A hora em que os viajantes procuram sombra e descanso.

* **18.2 três homens.** O Senhor e dois anjos (vs. 1, 13; 19.1). A

admoestação neotestamentária para se mostrar hospitalidade (Hb 13.2) é baseada nos incidentes dos capítulos 18 e 19.

correu. Observando o costume de hospitalidade do antigo Oriente Próximo Abraão tipifica o gracioso anfitrião e se coloca ao inteiro dispor de seus convidados. Seu comportamento se contrasta com a imoralidade dos sodomitas (19.4, 5).

* **18.3 Senhor meu.** Este termo hebraico inequivocamente se refere a Deus.

* **18.9 onde.** Ver notas em 3.9 e 11.5.

* **18.10 Sara... filho.** Ver 11.30; 15.2-4; 16.11; 17.15, 16; Rm 9.9.

* **18.11 já lhe havia cessado o costume das mulheres.** Lit., “Sara não mais experimentou o ciclo das mulheres”. Seu corpo não era mais apto à concepção (Hb 11.11, 12; Rm 4.19).

* **18.14 demasiadamente difícil**. A despeito de seu ceticismo inicial Sara também veio a crer na promessa (Hb 11.11), e ajuntou-se a seu marido na fé (Rm 4.13-25).

* **18.15 é certo que riste.** Ver nota em 21.3.

* **18.16-33** A promessa do Senhor de uma descendência miraculosa previa que Abraão viria a ser uma grande e poderosa nação para abençoar a terra. Tal nação deveria aprender justiça, a começar por seu pai, Abraão (vs. 17-19). O Senhor demonstrou sua justiça para Abraão no julgamento sobre as cidades ímpias de

Sodoma e Gomorra (vs. 20-33). Deus investigou as acusações cuidadosamente (vs. 20-21; 11.5, nota); mesmo que houvesse apenas 10 justos ele teria poupado as cidades (v. 32).

* **18.17 Ocultarei**. Ver nota em 12.7. Deus estimava de tal forma seus servos, os profetas, que revelava seus planos a eles (20.7; Am 3.7; cf. Jo 15.15). Como um profeta, Abraão também intercedia (cf. Jr 15.1; 27.18).

* **18.19 eu o escolhi para que ordene.** A palavra hebraica traduzida “escolhi” significa “escolhi em amor”. O propósito da eleição soberana e graciosa de Deus é que seu povo possa ser santo e justo perante ele (Ef 1.4).

para que o SENHOR... falado. As promessas reivindicadas por Abraão,

pela fé, devem também ser reivindicadas pelos seus descendentes. A sua esperança na aliança de Deus será demonstrada pela sua obediência a aliança. O plano de Deus será realizado através da fidelidade do seu povo à Aliança (22.18; 26.4, 5). Ver nota em 17.2.

* **18.20 clamor.** Todos os clamores de injustiça vêem à atenção do

"Juiz de toda a terra” (v. 25; cf. 4.10). A despeito da misericórdia mostrada a Sodoma através de Abraão (cap. 14), Sodoma não se arrependeu de seu pecado.

seu pecado. A pecaminosidade de Sodoma era proverbial e extensa (13.13; Jr 23.14). Esta envolvia demonstrações extremas de depravação sexual (particularmente homossexualidade, 19.5; Jd 7), arrogância e abuso dos pobres (Ez 16.49, 50) e falta de qualquer demonstração de hospitalidade (19.8).

* **18.21 Descerei e verei.** Ver nota em 11.5.

* **18.23 Destruirás o justo.** Certamente ninguém escaparia

da destruição maciça destinada para aquelas cidades; logo, Abraão pede em favor dos justos que porventura habitassem em tais cidades. A série de perguntas e respostas que se segue serve para demonstrar além de qualquer dúvida a justiça do castigo por Deus.

* **18.32 dez.** A misericórdia de Deus é evidente no seu desejo de poupar a maioria pecadora em favor de apenas dez justos. Menos de dez poderiam ser individualmente salvos, como acontece no capítulo 19. Em casos de punição especial infligida sobre cidades e nações, indivíduos justos eram, às vezes, separados para preservação (Js 6.25; cf. Ez 14.14, 16, 18, 20). Ver "A Natureza Espiritual de Deus", índice.

* **19.1-29** Assim como Deus salvou o justo Noé do mundo pecador ante-diluviano (caps. 6-8), da mesma forma ele também salva a Ló de Sodoma. Em última análise, Ló foi salvo por causa da misericórdia de Deus para com ele (v. 16) e por causa do compromisso pactual para com Abraão (v

.29). A destruição de Sodoma passa a ser um paradigma do julgamento de Deus sobre o pecado (Is 1.9, 10; Ez 16.46-49; Am 4.11; Rm 9.29; 2Pe 2.5, 6).

* **19.1-11** Ver o episódio registrado em Jz 19.15-25.

* **19.1 dois anjos.** Ver nota em 18.2 e "Anjos", índice. Os dois anjos continuam até Sodoma, mas o Senhor mesmo não aparece depois de 18.33; ele fará chover o castigo dos céus (v. 24).

a cuja entrada estava Ló. Ver 14.12 e nota. O fato de Ló estar assentado ao portão da cidade indica a sua posição como um respeitado membro da comunidade. Assuntos jurídicos eram decididos nos portões da cidade por anciãos da comunidade, tais como Ló (Dt 21.18-21; Am 5.15).

prostrou-se. Em toda a história Ló demonstrou sua justiça pela hospitalidade a estranhos (18.2 e notas; cf. 2Pe 2.6, 7).

* **19.4 moços... velhos... de todos os lados.** Estes detalhes são importantes para demonstrar que todos os que foram destruídos eram ímpios (18.23) Ver também 6.5; 8.21; Rm 1.26-32.

* **19.7 não façais mal.** O caráter do apelo de Ló demonstra sua justiça (2Pe 2.6,7).

* **19.8** Ver notas em 18.2 e 19.1. Por estar obrigado pelo código de hospitalidade do antigo Oriente Próximo, que requeria a proteção dos hóspedes, Ló estava arriscando a sua própria família para não permitir que se fizesse mal algum a eles.

* **19.10 fecharam a porta.** Ver nota em 7.16.

* **19.15 mulher. filhas.** A família é salva da destruição da cidade como uma unidade; esta família, porém, assim como a de Noé, mostra que é uma mistura daqueles que perseveram (Ló) e daqueles que não perseveram (a mulher de Ló e suas filhas, vs. 26, 30-38).

* **19.16 se demorasse.** A posição social de Ló na cidade era

provavelmente em razão de sua grande riqueza (13.6) e porque seu tio Abraão havia salvo a cidade (cap. 14). Agora, tendo que fugir deixando todos os confortos da cidade (vs. 18-21), Ló hesita.

* **19.24 fez o SENHOR chover enxofre.** É difícil dar uma explicação

detalhada do inferno que envolveu aquelas cidades. A Bíblia se preocupa com a causa divina do fato e não com fatos secundários. O termo enxofre refere-se ao sulfato combustível, cujos depósitos podem ser encontrados nas proximidades do mar Morto. Alguns sugerem que um terremoto tenha causado a mistura de enxofre, asfalto (também abundante nesta área, 14.10) e gases do interior da terra que causaram a combustão (cf. Is 34.9, 10).

* **19.26 a mulher de Ló olhou para trás.** O exemplo da mulher de Ló

é uma lição contra a vacilação quando o julgamento divino está próximo (Lc 17.28-37).

* **19.29 lembrou-se.** Ver nota em 8.1. Por duas vezes Ló foi salvo em

razão da fidelidade de Abraão (14.1-16; 19.1 -29).

* **19.30-38** O ato desesperado das filhas de Ló no intento de preservar

uma descendência de seu pai embriagado nos leva à conclusão trágica da narrativa de Ló que começou com sua separação de Abraão em 13.11. A despeito da afiliação de Ló com Sodoma e da incredulidade de sua família, o Senhor protegeu a sua linhagem e terra por causa de sua fé e seu relacionamento com Abraão (Dt 2.16-19).

* **19.30 receavam permanecer em Zoar.** Ver nota no v. 16.

Ironicamente, enquanto Ló procurou viver em Zoar por causa de seu temor em viver nos montes (v. 19), ele agora vive nos montes por temer Zoar. Note o contraste da prosperidade e perspectiva de Ló em 13.1-13.

* **19.31 velho.** Ele estava muito velho para se casar novamente e

provavelmente não teria outros descendentes.

* **19.32 beber vinho, deitemo-nos.** Ver nota em 9.21. A iniciativa das filhas se contrasta com a de Ló, que aparentemente não se esforçou para encontrar marido para elas. A sua imoralidade sexual prenuncia a sedução de suas descendentes sobre os homens de Israel (Nm 25).

* **19.37, 38** Esta conclusão genealógica (vs. 37, 38) inicia a história amarga de animosidade de Moabe e Amom contra Israel (Nm 23—25; 2Rs 3). Os moabitas e amonitas foram rejeitados por Deus não por causa de sua linhagem questionável, mas porque destrataram a Israel (Dt 23.3-6; Ne 13.1, 2). Rute, uma ancestral de Jesus Cristo, era moabita (Rt 4.18-22; Mt 1.5), mas por causa de sua fé acabou sendo contada entre os da tribo de Judá.

* **20.1-18** Novamente Abraão deixa de confiar em Deus para o proteger e utiliza-se do engano (cf. 12.10-20). A despeito da falha de Abraão, Deus preserva a linhagem da promessa, assim como havia feito no Egito.

* **20.1 Neguebe**. Ver nota em 12.9.

* **20.2 minha irmã.** Ver v. 11 e nota em 11.29.

Abimeleque. Lit., "meu pai é rei" ou "pai de um rei". Este Abimeleque era provavelmente o pai ou avô do Abimeleque encontrado por Isaque (26.1). Um governante de Tiro (cerca de 1375 a.C.) tinha este nome, o que provavelmente era um título real (Sl 34; cf. 1Sm 27.2).

mandou buscá-la. Ver 12.15 e nota. Um pouco antes da concepção de Isaque (18.10-14; 21.1,2), o programa da redenção através da descendência de Abraão foi colocado em perigo. Mais uma vez percebe-se que a salvação depende do Senhor fiel, não de seres humanos infiéis; o Senhor protegeu a pureza de Sara (vs. 4, 6).

* **20.3 em sonhos.** Deus se comunicava comumente com seu povo através de sonhos nos tempos do Antigo Testamento (28.12; 37.5-9; Nm 12.6). Às vezes tais sonhos ocorriam com pessoas fora da comunidade da

aliança (31.24; 40.5; 41.1; Nm 22.9, 20; Dn 2.1-45).

* **20.4 matarás até uma nação inocente?** Ver 18.23, 32 e notas.

* **20.5 Com sinceridade de coração.** Deus julga as pessoas que não

têm a lei escrita de acordo com as suas consciências (3.8; 6.9; Rm 2.14 e notas).

* **20.7 profeta.** A primeira vez que o termo é usado na Bíblia. Abraão era um homem de Deus que recebia revelações e intercedia por outros (12.7; 15.1; 18.17 e notas).

* **20.9 tamanho pecado.** Adultério era considerado um grande pecado pelos povos do antigo Oriente Próximo. Muitos códigos de lei antigos, incluindo o de Hamurabi, continha provisões para se lidar com o adultério (cf. 26.10; 39.9). Ver nota em Êx 20.14.

* **20.11 temor de Deus.** Embora este termo freqüentemente denote o devido culto, reverência e obediência ao Deus verdadeiro (p. ex., 22.12), aqui (e em 42.18) a expressão provavelmente significa procurar andar de acordo (pelo temor do julgamento divino) com padrões morais conhecidos através da consciência.

* **20.12 minha irmã.** Ver notas em 11.29 e 12.12.

* **20.14-16** Abimeleque deu presentes a Abraão (vs. 14, 15) e Sara (v. 16) para honrar a Deus e seu relacionamento especial com ele, não para compensar pela sua culpa (nota no v. 16; cf. 12.19, 20). Deus não apenas livrou seus servos escolhidos do terrível perigo mas lhes recompensou com riquezas inesperadas.

* **20.16 a teu irmão.** A convenção social obrigava que o presente a Sara fosse dado através do cabeça masculino da família.

mil siclos de prata. Uma grande soma.

perante todos estás justificada. Abimeleque estava inculpável na situação e não tinha qualquer obrigação para com Abraão ou Sara (v. 6). Em consideração ao Deus de Abraão, entretanto, Abimeleque

busca restaurar a honra que Sara possa ter perdido diante dos outros.

* **20.17 orando Abraão.** Ver nota no v. 7.

* **21.1-7** O relato do nascimento de Isaque conclui a história de

esterilidade de Sara que havia começado em 11.27-32. A disposição pactual é destacada: Deus mantém a sua promessa de dar um filho a Abraão através de Sara (vs. 1-2; 17.1-6, 15-16; 18.1-15), e Abraão corresponde em obediência dando-lhe o nome de Isaque (v. 3; 17.19), e o circuncida (vs. 4, 5; 17.9-14), enquanto Sara corresponde com adoração (vs. 6, 7).

* **21.1 Visitou.** Ver 50.24 e nota para esta mesma expressão da

intervenção graciosa de Deus.

* **21.2 na sua velhice, no tempo determinado. Ver 17.17, 24; 18.11**

14. O grande Descendente de Abraão também veio no tempo determinado (Gl 4.4).

* **21.3 Isaque.** Ver referência lateral**.** A princípio, tanto Abraão quanto

Sara riram em descrença (17.17; 18.12), mas quando Isaque nasceu, Sara riu-se de alegria diante da obra sobrenatural da graça (v. 6).

* **21.4 circuncidou.** Ver nota em 17.12.

* **21.6 vai rir-se.** Ver nota no v. 3.

* **21.8-11** A expulsão de Hagar e Ismael retirou qualquer ameaça à

herança de Isaque. Os relatos do nascimento de Isaque e da remoção de Ismael estão ligados entre si por uma outra referência a riso, o "caçoar” de Ismael sobre Isaque (v. 9, referência lateral).

* **21.8 desmamado.** Este rito de passagem do perigoso estágio dos

primeiros anos até a parte posterior da infância ocorria por volta dos três anos de idade. Aqui a ocasião é celebrada com um banquete.

* **21.9 Vendo Sara.** Através de sua experiência com Hagar (cap. 16)

Sara percebeu a importância do desdém de Ismael por Isaque e a ameaça à herança de seu filho.

caçoava. A raiz hebraica significa "rir”, mas a forma aqui significa "rir de” ou "zombar de” (referência lateral). O filho da mulher escrava perseguiu o filho da mulher livre (Gl 4.29).

* **21.10 Rejeita.** A ponto de deserdar (cf. 25.5, 6).

escrava. A palavra hebraica aqui difere da que foi traduzida "serva” em 16.1 (16.1, nota). Em sua ira, Sara enfatiza a posição servil de Hagar — uma indicação da animosidade entre as duas rivais.

* **21.11 penoso.** Como pai, Abraão sentia amor e afeição genuínos

por Ismael (17.18). Além disso, pode ser que existissem costumes proibindo a expulsão de Hagar e seu filho (16.6, nota).

* **21.12 será chamada a tua descendência.** As promessas de Deus

vão se cumprir através da semente miraculosa, Isaque, e não através da semente natural (Rm 9.7, 8). Ver nota em 17.7.

* **21.13 nação.** Ver v. 18. Por causa do grande amor de Deus por

Abraão até mesmo a sua descedência natural é abençoada na terra, embora não fizesse parte da linhagem da promessa da aliança (17.6 e nota).

* **21.21 deserto de Parã.** Uma região na parte centro-leste da

península do Sinai. A partida de Ismael do meio da família da aliança sela seu destino; ele não herdará as promessas divinas de descendência e terra.

Egito. Ver 16.1.

* **21.22-34** Através da bênção divina, Abraão e sua casa se tornaram uma presença numerosa na terra (14.13; 23.6). O fato de que um rei filisteu e seu comandante buscaram um pacto permanente de não-agressão com Abraão e seus descendentes, nos dá uma evidência concreta das ricas bênçãos pactuais de Deus sobre Abraão.

* **21.22 Abimeleque.** Ver nota em 20.2. O primeiro encontro de Abraão com Abimeleque dizia respeito à descendência (cap. 20); este diz respeito a terra.

Ficol. Provavelmente um título, e não um nome próprio, do comandante do exército filisteu (26.26).

* **21.23 por Deus.** Os juramentos eram em nome de Deus (vs. 31, 33; em Dt 6.13, nota).

nem a meu filho, nem a meu neto. Embora esse pacto tivesse a intenção de durar, tensões apareceram logo na primeira geração (26.23-31).

* **21.30 receberás... sete cordeiras.** Aceitando o presente Abimeleque se obrigava a reconhecer o direito de Abraão sobre o poço. A aliança precisava ser ratificada por testemunhas e juramentos (v. 31).

* **21.31 juraram.** Um consentimento verbal às condições do pacto não era suficiente (v. 23). Este precisava ser ratificado por um juramento (v. 31).

* **21.33 tamargueiras.** O ato de plantar esta pequena árvore no

Neguebe provavelmente servia como um marco da graça de Deus, um penhor de que Abraão permaneceria na terra, e talvez como um símbolo da presença de Deus, que fornecia sombra.

Deus Eterno. No hebraico *El Olam.* Ver nota em 14.19.

* **21.34 foi... morador.** O termo hebraico aqui pode ser traduzido

como "residente de curta permanência". O termo denota um estrangeiro residente (Êx 6.4, referência lateral; Hb 11.9, 13).

* **22.1-19** Tendo já graciosamente se comprometido com Abraão, Deus

testou a sua obediência. Em sua obediência Abraão demonstrou completo compromisso com o Senhor, simbolicamente recebendo Isaque, o filho da promessa, de volta da morte (vs. 1-12). A provisão por Deus de um carneiro tipifica o sacrifício de Jesus Cristo, que morreu no lugar dos eleitos para que estes pudessem viver (vs. 13-14). Em fazer um juramento de que iria abençoar a Abraão e todas as nações através dele, Deus garantiu a promessa a Abraão e a seus descendentes (vs. 15-19). Ver nota em Hebreus 11.17-19.

* **22.1 pôs. à prova.** Deus testa seus santos para comprovar a qualidade de sua fé e obediência, geralmente através de adversidade ou sofrimento (Êx 20.20; Dt 8.2; 2Cr 32.31). O hebraico

não significa "tentar".

Por outro lado, ninguém deve colocar Deus à prova (Êx 17.2,7; Dt 6.16).

Eis-me aqui. O mesmo exemplo de Moisés (Êx 3.4), Samuel (1Sm 3.4) e Isaías (Is 6.8). Ver também as próprias palavras de Cristo no mesmo sentido (Hb 10.7; cf. Sl 40.7, 8).

* **22.2 teu único filho. a quem amas.** Isaque é o filho amado, o único filho da promessa (25.1-18, nota). Ismael foi deserdado e mandado embora (21.10, 14) deixando Isaque como único filho de Abraão. Estes termos são aplicados a Cristo no Novo Testamento (Mt 3.17; 17.5; Jo 3.16; Ef 1.6; 2Pe 1.17).

terra de Moriá. Mais tarde este lugar veio a ser o local do templo em Jerusalém (2Cr 3.1).

oferece-o. Esta ordem nos deixa a princípio perplexos. Sem conhecer o que Deus realmente queria (cf. Êx 13.11-13; 22.29; 34.19, 20), a ordem parece contradizer o sexto mandamento (Êx 20.13). A medida que a narrativa se

desdobra, entretanto, fica evidente que o teste era para verificar se Abraão levaria adiante a preparação para o sacrifício enquanto procurava se ater firmemente na promessa de 21.12: "porque por Isaque será chamada a tua descendência." Abraão sabia que Deus se comprometera a manter a promessa e que Isaque, uma vez morto, não daria continuidade à linhagem da promessa. Hebreus 11.19 revela o segredo de Abraão: este concluiu que "Deus era poderoso até para ressuscitá-lo (Isaque) dentre os mortos".

holocausto. Ver nota em 8.20.

* **22.3 de madrugada.** Outro exemplo da obediência imediata de

Abraão (17.23 e nota).

* **22.8 Deus proverá... o cordeiro.** Um tipo de Jesus Cristo (Jo 1.29,

36).

* **22.11 Anjo do SENHOR.** Ver nota em 16.7.

* **22.12 não me negaste.** A fé que Abraão possuia foi confirmada

pela sua obediência (Gl 5.6; Hb 11.17; Tg 2.21, nota).

* **22.13 em lugar de seu filho.** O propósito substitutivo

evidente e prenuncia o sacrifício de Cristo que morreu em nosso lugar (Mc 10.45; Rm 8.32; 2Co 5.21; Tt 2.14).

* **22.14 O SENHOR Proverá.** A palavra hebraica aqui traduzida por

"proverá" significa "ver" ou "prover" (usada nos vs. 4, 8, 13, 14). O nome que Abraão dá ao lugar demonstra que ele percebe a revelação do propósito salvífico de Deus.

* **22.16 Jurei, por mim mesmo.** Deus reforça a certeza da sua

promessa infalível por intermédio deste juramento (15.8-21; 22.17; Hb 6.1318). Enquanto os seres humanos pecadores e falíveis juram por uma autoridade maior do que si mesmos, Deus, o Ser e Autoridade Supremo, jura por si mesmo (Hb 6.13, nota).

não me negaste o teu único filho. A ação de Abraão aponta para a provisão de Deus de "seu único filho" como o sacrifício final pelo pecado (Jo 3.16; Rm 8.32).

*** 22.18 porquanto obedeceste à minha voz. Ver notas em 17.2 e**

18.19.

*** 22.20—25.11** Esta seção final do relato de Terá fornece a transição da liderança patriarcal de Abraão para Isaque (2.4, nota; Introdução:

Esboço). Ela narra a morte de Sara (cap. 23), o casamento de Isaque com Rebeca (cap. 24), a exclusão dos outros filhos de Abraão, deixando a Isaque como único herdeiro (25.1-6), e a morte de Abraão (25.7-11).

*** 22.20-24** Os doze filhos de Naor (oito da esposa e quatro da concubina) formam um paralelo com as doze tribos de Israel (30.1-24; 35.1618; 49.28).

*** 22.23 Rebeca.** A futura esposa de Isaque é apresentada (cap. 24).

O seu pai, Betuel, era filho de Milca, a filha de Harã e esposa de Naor, irmãos de Abraão (11.28, nota).

*** 23.3-18** A extensa descrição da negociação e venda da caverna demonstra que Abraão assegurou um direito legal de posse irrestrito ao campo em Macpela. Antecipando o cumprimento maior da promessa da terra (13.15, nota), Abraão se torna o herdeiro legal de uma pequena porção na Terra Prometida.

*** 23.3 filhos de Hete.** Os heteus (10.15, nota).

*** 23.4 estrangeiro e morador.** Embora Abraão vivesse na Terra Prometida como um estrangeiro (21.34, nota; Hb 11.9, 13), ele demostrou sua fé nas promessas da aliança ao comprar o primeiro pedaço de terra na Terra Prometida — uma caverna para servir como

sepultura.

* **23.6 príncipe de Deus.** Ver referência lateral. Embora alguns

afirmem que este título fosse uma mera lisonja respeitosa, é possível que os habitantes de Hebrom tenham percebido a bênção de Deus sobre Abraão (21.22).

* **23.10 porta.** As transações legais ocorriam nos portões das cidades

no antigo Oriente Próximo (19.1, nota; Rt 4.1,2).

* **23.11 dou-te.** Como indicado pelo preço excessivo pedido (v. 15,

nota) e pelo dinheiro pago por Abraão (v. 13), a oferta de Efrom de dar a caverna e o campo a Abraão fazia parte do ritual de barganha do Oriente Próximo. A aparente generosidade da oferta tinha a intenção de forçar a Abraão a corresponder com um presente de valor ainda maior (se aceita) ou de desencorajá-lo de continuar a negociar o seu preço.

* **23.15 quatrocentos ciclos.** Um preço alto, especialmente quando

comparado com o campo que Jeremias adquiriu por dezessete siclos (Jr 32.9) e com o monte de Samaria que Onri comprou por dois talentos de prata (seis mil siclos, 1Rs 16.24).

* **23.16 Abraão... pesou-lhe.** Abraão estava disposto a pagar um

preço excessivo para que não viessem a existir problemas futuros quanto ao negócio.

* **23.19 sepultou. na caverna.** Em uma expectativa sincera de que

Deus iria cumprir a promessa da aliança com relação à terra (13.15 e nota), Abraão procurou ancorar seus descendentes na Terra Prometida (24.6-9; 25.9; 49.30; 50.13).

* **24.1-9** Ver "Linguagem Honesta, Juramentos e Votos", índice.

* **24.2 mais antigo servo.** Abraão designou esta importa

apenas ao seu servo mais confiável, talvez a Eliézer, o damasceno (15.2, 3).

Põe a mão por baixo da minha coxa. As coxas eram vistas como a fonte de

poder vital e procriativo (Dt 33.11; Jó 40.16 — traduzido como "lombos"; Hb 7.10). Tal juramento era inviolável, até mesmo depois da morte daquele a quem havia sido jurado (47.29-31).

* **24.3 SENHOR, Deus do céu e da terra. Ver 14.22.**

não tomarás... das filhas dos cananeus. Abraão dá um exemplo aos seus descendentes para que tomem esposas da linhagem semita que fora abençoada e não dos cananeus que foram amaldiçoados (9.24-27; Dt 7.1-4).

* **24.6 Não faças voltar para lá meu filho. Ver nota em 23.19.**

* **24.7 darei. enviará.** Reivindicando a promessa de Deus segundo

a aliança (12.7), Abraão espera que Deus continue a guiar e prover. Abraão aprendeu de sua experiência com Hagar a não confiar na carne para garantir a promessa mas a confiar na provisão sobrenatural de Deus (cap. 16).

* **24.12 Ó SENHOR, Deus**. O encontro do servo de Abraão e Rebeca

foi planejado em oração (vs. 26, 27).

bondade. A palavra hebraica *(hesed)* significa lealdade ao relacionamento pactual (Êx 15.13, nota).

* **24.14 e nisso verei**. O pedido de um sinal era apropriado em

conexão com a missão do servo de promover a linhagem messiânica (cf. Is 7.10-14).

* **24.15 Rebeca.** Ver nota em 22.23.

* **24.16 virgem.** A virgindade da moça era importante para assegurar

que a descendência seria realmente de Isaque.

*
24.27 o SENHOR me guiou. Deus dirige seus santos

atos providenciais (cf. 50.20). Mais adiante no Pentateuco a expressão é usada para relatar a direção especial de Deus ao seu povo pelo deserto em

* **24.29 Labão.** Labão assumiu a responsabilidade sobre a família

provavelmente porque Betuel era incapacitado (v. 50 e nota).

* **24.33 Não comerei enquanto não expuser.** O servo relata a história

(vs. 34-48) em detalhe a fim de que Rebeca e sua família reconheçam a mão do Senhor (v. 50).

* **24.36 a este deu ele tudo quanto tem**. Um detalhe importante

tendo

em vista a riqueza considerável de Abraão (cf. 25.5, 6).

* **24.50 Labão e Betuel.** A seqüência irregular mencionando o filho

antes do pai sugere que Betuel era incapacitado. No v. 55 apenas o irmão e a mãe são mencionados (cf. v. 28).

Isto procede do SENHOR. Eles reconheceram a providência de Deus no assunto.

* **24.60 mãe de milhares... possua a porta.** Ver 13.16; 15.5; 22.17.

* **24.64, 65** Rebeca apeou do animal como um sinal de respeito para

com seu novo marido (cf. 1Sm 25.23). O costumeiro véu de noiva cobria o rosto dela do marido até a consumação do casamento (cf. Ct 4.1).

* **24.66 contou a Isaque.** Abraão viveu ainda 35 anos depois do

casamento de Isaque (21.5; 25.7, 9, 20). Como a narrativa muda sua atenção para Isaque, o relatório do servo a Abraão é omitido e passa-se a tratar diretamente acerca do futuro patriarca.

* **24.67 conduziu. tomou. amou.** Deus garantiu completo

sucesso à jornada. Em obediência a Deus, tanto Isaque quanto Rebeca encontraram realização.

até à tenda de Sara, mãe dele. Rebeca tomou o lugar de Sara como

matriarca da família.

* **25.1-18** As genealogias que antecedem (vs. 1-4) e seguem (vs. 12

18) o relato da morte de Abraão (vs. 7-11) são dos filhos naturais de Abraão. Elas enfatizam que a descendência através de Sara é miraculosa e que os muitos descendentes naturais de Abraão não colocam em desvantagem a herança de Isaque na terra (vs. 5-6), e que o eleito tem um parentesco de sangue porém não espiritual com a descendência natural. Isaque é o "filho único" da promessa a Abraão (22.2 e nota).

*

25.1 Desposou Abraão outra mulher. Quetura era um concubina

(v. 6; 1Cr 1.32). Não há nenhuma tentativa de se datar esta descendência secundária de Abraão.

* **25.2-4** Alguns destes nomes estão associados com a Síria e a

Arábia.

*

25.5 deu tudo o que possuía a Isaque. Ver 24.36. deserdou

seus filhos com Quetura assim como havia deserdado Ismael, o filho de Hagar (21.10 e nota).

* **25.6 ainda em vida.** Abraão assegurou pessoalmente e legalmente a

herança de Isaque na terra.

*

25.8 Expirou. Abraão morreu na fé, vendo as promes

longe

(Hb 11.13-16).

ditosa velhice. Em cumprimento à promessa divina de 15.15.

e foi reunido a seu povo. Uma expressão no hebraico significando que o falecido entrou na morte para se ajuntar a seus ancestrais (v. 17; 35.29 e referência lateral; 49.29, 33; Dt 32.50).

* **25.9 na caverna.** Ver capítulo 23; 35.27-29; 49.29-32.

* **25.12-18** A genealogia de Ismael demonstra a fidelidade de Deus em manter sua promessa a Abraão (17.20).

* **25.12 São estas as gerações.** Ver nota em 2.4.

* **25.13-15** Alguns destes nomes são árabes, e outros são confirmados em textos extra-bíblicos como de tribos arábicas do noroeste.

* **25.16 doze príncipes**. Ver 17.20.

* **25.18 estabeleceu fronteiro a todos os seus irmãos.** O hebraico desta frase é difícil de ser traduzido. Pode também significar que ele morreu na presença de seus irmãos ou que viveu em hostilidade com eles (cf.

16.20).

* **25.19—35.29** O relato de Isaque mostra o conflito entre este e Rebeca (v. 28; cap. 27), Jacó e Esau (25.19-34; caps. 27; 32; 33), Jacó e Labão (caps. 29—31), Lia e Raquel (29.31—30.24), e final e decisivamente entre Jacó e o Anjo do Senhor (32.22-32; cf. 16.7, nota). No centro da história está a promessa a Abraão (24.7), passada a Isaque e Jacó (28.3, 4, 13-15; 35.11-12). A promessa é

elaborada para incluir a presença protetora de Deus (28.15; 31.42; 32.9, 12; 35.3). Englobando toda a história está o beneplácito soberano de Deus (Rm 9.10-12). Ele abriu o útero estéril de Rebeca, estabeleceu a supremacia de Jacó sobre Esaú, não seguiu os costumes humanos com relação aos direitos da primogenitura, não agiu em conformidade com a autoridade patriarcal de Isaque, a posição social de Labão e o poder militar de Esaú.

* **25.19-26** A luta pela supremacia entre Jacó e Esaú ainda no ventre e a escolha soberana do Senhor sobre Jacó servem como adequada introdução a esta narrativa e determinam o seu tema (Introdução: Características e Temas).

* **25.19 as gerações de Isaque**. Ou "o relato de Isaque" (2.4, nota). Este relato (25.19—35.29) cobre o período desde o casamento de Isaque até

sua morte. Boa parte da história, entretanto, fala de Jacó (Introdução: Esboço). Depois que Isaque tenta obstruir a bênção de Deus sobre Jacó (cap. 27), não se ouve nada mais acerca dele até a sua morte (35.27-29).

* **25.20 Padã-Arã**. A região ao redor da cidade de Harã no norte da

Mesopotâmia (24.10; 28.2).

* **25.21 orou... estéril.** A geração seguinte também teve que

aprender que a descendência da promessa é um presente da graça de Deus (11.30; 17.15, 16; 18. 1-15; 21.1-7), soberanamente escolhida por ele (v. 23). Tanto a esposa de Isaque quanto a sua descendência foram asseguradas através de oração (24.12).

* **25.23 Respondeu-lhe o SENHOR.** Deus comumente demonstrava

seu controle soberano através de profecias dadas no limiar de novas eras históricas: Adão e Eva (3.15); os descendentes de Noé (9.25-27); Abraão (12.1-3); Jacó e Esaú (27.27-29, 39, 40); e José e seus irmãos (37.1-11). Ver Introdução: Características e Temas.

o mais velho servirá ao mais moço. Jacó devia a sua supremacia à eleição soberana, não a direitos naturais (cf. Dt 21.15-17). A profecia se cumpriu quando os descendentes de Esaú, os edomitas, foram muitas vezes subjugados por Israel e finalmente incluídos no estado judaico durante o período inter-testamentário (1Sm 14.47; 2Sm 8.13; 2Rs 14.7).

A escolha de Deus de Jacó (o mais novo) sobre Esaú (o mais velho) é um exemplo paradigmático da eleição divina soberana (Rm 9.9-13, 18-23). Deus trata a todos com justiça, mas usa de misericórdia com alguns (Mt 20.1-16).

*** 25.25 revestido de pêlo.** A palavra hebraica se assemelha a "Seir",

onde Esaú vai viver mais tarde (36.8).

*** 25.26 Jacó**. Ver referência lateral. Embora destinado a suplantar

seu irmão, Jacó mancha seu nome, que tem significado de "enganador", através de esforços astutos para se apropriar dos privilégios de seu irmão

*** 25.27-34** Esaú era um homem profano, tempestuoso homem do campo, que com visão curta gratificou seu apetite e desprezou a herança futura da família. Apesar de sua desonestidade, Jacó tinha uma visão ampla do valor da herança.

*** 25.27 pacato.** Ver referência lateral. O hebraico sugere um homem civilizado.

*** 25.28 Isaque amava... Rebeca, porém, amava**. O favoritismo

dos pais agrava ainda mais os conflitos familiares. A escolha soberana de Deus deveria prevalecer sobre a vontade de Isaque (27.18-27), porque Isaque tinha a autoridade legal de transferir a bênção e herança da família (24.36; 25.5).

*** 25.30 Peço-te que me deixes comer.** O hebraico indica um pedido

apressado e impulsivo de alguém que vive para o momento. A impulsividade de Esaú é ainda revelada no v. 32.

desse cozinhado vermelho. Lit., "a coisa vermelha, aquela coisa vermelha". A repetição grosseira de Esaú da palavra hebraica para "vermelho" (*' adom)* recorda o v. 25, e explica o nome pelo qual seus descendentes foram conhecidos (hebraico *'edom).*

*** 25.31 Vende-me.** Jacó se aproveitou da fraqueza de seu irmão. O

seu comportamento é contrastante com o tratamento de Abraão para com Ló (13.8, 9) e será corrigido (33.1-17).

primogenitura. O primogênito tinha o direito de ser o herdeiro principal das fortunas da família (27.33; Dt 21.17; 1Cr 5.1,2). Na família da aliança esta fortuna incluía a substância da bênção abraãmica de descendência e terra (12.2, 3, 7).

*** 25.34 comeu e bebeu, levantou-se e saiu.** O estilo em *staccato* da

narrativa hebraica indica que Esaú era bruto e impensado como suas palavras.

desprezou... primogenitura. Ao desprezar a sua primogenitura, Esaú desprezou as promessas de Deus (Hb 12.16, 17).

*** 26.1-33** Depois da introdução da narrativa de Isaque (25.19-

34),

Isaque é relacionado com as promessas da aliança (cap. 26). Acontecem duas revelações de promessas pactuais (vs. 2-6, 24). Também, os extensos paralelos entre a experiência de Isaque, no capítulo 26, e a experiência de Abraão nos capítulos 12; 13; 20; 21 — fome (v. 1; cf. 12.10), engodo envolvendo o estado marital da matriarca (v. 7; cf. 12.13; 20.2), prosperidade material (vs. 13, 14; cf. 12.16; 13.6), conflito a respeito de terras (vs. 20, 21; cf. 13.7) e a aliança com os filisteus em Berseba (vs. 26-33; cf. 21.22-34) —, são incluídos para mostrar que Isaque era de fato aquele que deveria receber as promessas pactuais feitas a Abraão. Embora eles ainda fossem viajantes (v. 3, nota), os patriarcas tiveram uma breve experiência da vida naquela terra.

* **26.2-**
6 A forma e conteúdo do mandamento e a promessa

Isaque, e a obediência deste estão vinculados a Abraão (12.1-4 e notas).

* **26.3 habita nela.** A palavra hebraica traduzida como "habitar” indica

um "forasteiro” ou um estrangeiro residente na terra (21.34, nota; Hb 11.9,

13). Isaque deve permanecer no lugar como um "estranho” que ainda não possui a terra.

abençoarei. Ver nota em 12.2.

darei todas estas terras. Ver nota em 13.15.

confirmarei o juramento. Ver 15.18; 17.21; e especialmente 22.16-18 e notas. A promessa a Abraão é garantida, mas a participação de Isaque nas bênçãos da aliança requer que ele seja obediente.

* **26.4 estrelas dos céus.** Ver 15.5. **descendência**. Ver notas em 12.3, 7.

* **26.5 porque**. Ver 22.18; notas em 17.2; 18.19.

meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis. A obediência de Abraão é descrita em termos que recordam a exigência feita a Israel para que obedeça à lei de Moisés (cf. Dt 11.1).

Abraão é um tipo de Cristo, que, pela sua obediência, cumpriu as justas exigências da lei e assegurou as suas bênçãos sobre a sua descendência (Mt 5.17, 18).

* **26.6 ficou**. Assim como seu pai Abraão, Isaque respondeu com obediência à promessa de Deus (12.4; 17.23; 22.3 e notas).

* **26.7-11** Esta narrativa de engano e de risco à vida de Rebeca é um paralelo próximo àquilo que aconteceu com Sara (12.10-20; cap. 20), mas diferenças significativas nos relatos indicam que eles não são o mesmo evento simplesmente repetido. Embora pai e filho tivessem cometido o mesmo erro, eles são protegidos.

* **26.7 irmã**. Ver 12.13; 20.2.

* **26.8 olhando da janela.** Enquanto Abraão foi salvo por uma revelação especial a Abimeleque (20.3), Isaque é salvo pela providência.

acariciava. O hebraico significa "brincar" e é da mesma raiz que o nome de Isaque.

* **26.9 Abimeleque.** Ver nota em 20.2.

* **26.10 atraído sobre nós grave delito. Ver nota em 20.9.**

* **26.12 Semeou.** Isaque se estabilizava mais em um lugar do que

seu nômade pai. Seu sucesso dependia da chuva do céu.

cento por um. Sua obediência durante o período de fome foi recompensada (vs. 2-6). A bênção de Deus é tão evidente sobre Isaque, o sucessor escolhido para as promessas de Deus, quanto foi sobre seu pai Abraão (21.22).

*** 26.15 lhe entulharam todos os poços**. Com a morte de Abraão, os

filisteus renegaram, com efeito, o pacto de não agressão (21.22-34, nota). Eles não tinham fé verdadeira no Deus de Abraão.

*** 26.16 já és muito mais poderoso do que nós. Ver 21.22, 23; Êx**

1.9.

*** 26.17-22** O rico Isaque retirou-se da terra fértil para o vale de Gerar,

dependendo dos poços originalmente cavados por Abraão (v. 18). Nenhum dos patriarcas arriscou-se precipitadamente em guerra pela terra prometida. Eles confiavam que Deus daria a terra a seus descendentes na hora certa (15.13, 14). O nome dos poços celebra a provisão e proteção de Deus.

*** 26.21 Sitna**. Ver referência lateral. Esta palavra vem da mesma raiz hebraica do nome "Satanás".

*** 26.22 nos deu lugar o SENHOR.** A proteção de Deus sobre Isaque,

durante esta rivalidade com relação aos poços, relembra a recompensa de Deus a Abraão durante a controvérsia com Ló (13.6-18).

* **26.23 Berseba.** O lugar do pacto original de não agressão com os

filisteus (21.32).

* **26.24** A forma e conteúdo da bênção de Deus a Isaque mais uma vez

realça o tema de continuidade das promessas segundo a aliança com Abraão (vs. 2-5; 15.1; 17.7).

* **26.25 levantou ali um altar**. Como seu pai, Isaque construiu um

altar em resposta à revelação de Deus (12, 7 8).

* **26.26 Abimeleque**. Ver nota em 20.2.

Ficol. Ver nota em 21.22.

* **26.28 Vimos claramente que o SENHOR é contigo. Esta**

declaração, não intencionalmente, deu testemunho da promessa de Deus nos vs. 3-4 (21.22; cf. 1 Rs 10.9).

juramento... aliança. Ver 21.23 e notas.

* **26.33 Berseba é o nome daquela cidade**. Ver referência lateral. A

proteção por Deus de Abraão em Berseba é agora estendida a Isaque (21.32).

* **26.34—27.46** O tema do conflito familiar, entre os pais e entre os gêmeos, agora se manifesta cabalmente na busca da bênção do patriarca. Isaque depende mais de seus sentidos falíveis do que da orientação divina (27.4; cf. 25.23), e Rebeca usa de engano (27.6-17).

Esaú quebrou seu juramento (27.5, nota) e Jacó mentiu abertamente (27.19, 20). Embora a bênção seja passada de acordo com a vontade de Deus, o veredicto divino sobre suas ações é pronunciado nas conseqüências desastrosas: A resolução de Esaú em matar a Jacó (27.41; cf. 4.8) e a fuga de Jacó da terra. Rebeca morreu sem um memorial (35.8 e nota) e Isaque vive a partir de então sem grande significado (35.28 e nota).

Está aqui implícito um contraste entre Abraão, que em fé olhava para o futuro de Isaque de acordo com o propósito eletivo de Deus (cap. 24), e Isaque, que parece não ter feito nenhuma tentativa de encontrar esposas apropriadas para seus filhos (cf.24.2-4), e que tentou opor-se à eleição divina (27.1-4; cf. 25.23).

*** 26.34, 35** A história da bênção roubada é estruturada por referências

ao casamento de Esaú com mulheres hetéias e o desprazer de seus pais por isto (27.46). O profano Esaú mostrou seu desrespeito pelas bênçãos da

aliança ao se casar com filhas da terra (24.3-4; 31.50 e notas). Casando-se com cananéias e conseqüentemente aborrecendo seus pais (27.46), ele efetivamente se desligou da herança sagrada (21.21; 25.6).

*** 26.34 heteu.** Ver nota em 10.15.

*** 27.4 comida saborosa, como eu aprecio. Esta propensão de**

Isaque para as coisas materiais estava na raiz deste conflito (vs. 18-27, nota; 25.27, 28).

*** 27.5-**
17 Rebeca é a figura principal aqui. Embora seu métc

deplorável (cf. 2Co 4.2), seu valores espirituais eram sadios (25.23; 26.35; 27.46).

* **27.5 Rebeca esteve escutando.** Isaque errou em não ser o líder

espiritual na sua casa e em não ouvir o conselho de sua esposa — fatores que contribuíram fortemente para as dificuldades da sua família. O comportamento de Isaque é contrastante com o de Abraão (21.8-14).

E foi-se Esaú. Embora o direito de primogenitura e bênção não fossem idênticos, eles eram relacionados porque ambos se relacionam com a herança. Esaú renegou o juramento que havia feito (25.33), mas o ato original de incredulidade em vender a sua herança foi decisivo (Hb 12.16, 17).

* **27.7 te abençoe.** Nos tempos patriarcais, uma bênção solene da

família era dada nas despedidas (24.60; 28.1-5) ou quando a morte era iminente. Esta poderia ser dada a somente uma pessoa e não podia ser alterada. As bênçãos patriarcais de Abraão, Isaque e Jacó tinham um grande significado espiritual porque Deus usou dos costumes sociais daqueles tempos para comunicar seus propósitos soberanos. Enquanto Deus inicialmente mediava a sua bênção através dos patriarcas, depois de promulgada a lei mosaica a bênção era mediada a todo o seu povo através do sacerdote (Nm 6.22-27).

* **27.11, 12** Jacó não tinha dúvidas sobre a moralidade do plano, mas

apenas sobre a sua possibilidade.

* **27.15 roupa.** Jacó foi mais tarde enganado por vestimentas (37.31

33).

* **27.18-27** Isaque falhou porque dependeu dos seus sentidos falíveis

— toque (v. 22), paladar (v. 25), e olfato (v. 27) — ao invés de entendimento espiritual (v. 4, nota; cf. 13.8-17, nota).

* **27.20 o SENHOR, teu Deus.** Jacó aumentou sua culpa ao tomar o

nome de Deus em vão (Êx 20.7, nota). Por enquanto, Jacó considera o Senhor como o Deus de seu pai. Mais tarde, o Senhor se revelará como o Deus de Jacó (28.13-15, 20-22; 33.20, referência lateral).

* **27.26 beijo**. Este contato físico era parte do ritual da bênção (48.1,

nota).

* **27.28, 29** O que Isaque percebeu pelo olfato (v. 27) deu forma à

bênção que diz respeito à fertilidade da terra (v. 28), e domínio (v. 29). A semelhança entre a bênção e o oráculo pré-natal (25.23) aponta para o governo soberano do Senhor da História.

* **27.28 orvalho... exuberância... fartura.** Estes termos prenunciam a

bênção sobre a nação de Israel quando for habitar na Terra Prometida (Dt 7.13; 33.28).

*** 27.29 maldito seja o que te amaldiçoar. Ver 12.3.**

*** 27.34 bradou com profundo amargor.** Ver Hb 12.16, 17 e notas.

*** 27.36 Jacó.** Ver referência lateral; nota em 25.26.

*** 27.37 que me será dado fazer-te agora, meu filho? Embora Isaque**

soubesse que Deus havia escolhido a Jacó, ele tinha pretendido dar tudo a

Esaú (26.34-27.46, nota).

*** 27.39 dos lugares férteis... orvalho.** O termo em hebraico é

semelhante à bênção de Jacó, mas com um significado muito diferente. Enquanto Deus daria a Jacó "do orvalho" e "da exuberância" (v. 28), Esaú deveria viver "longe dos lugares férteis da terra" e longe do "orvalho do céu". Esta bênção realizou-se com os descendentes de Esaú, os edomitas, que povoaram a região árida ao sul do mar Morto. Esaú herdou uma anti-bênção: a ele foi negado a fertilidade da terra e domínio sobre seu irmão (cf. vs. 28, 29).

*** 27.40 te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz**. Ver nota em 25:23. De vez em quando Edom pôde se livrar da dominação israelita (2Rs 8.20-22). Além disto, Herodes o Grande foi um descendente de Esaú.

*** 27.45 providenciarei e te farei regressar.** Jacó ficaria ausente durante vinte anos (31.38); Rebeca nunca mais viu seu filho (35.8, nota).

Por que hei de eu perder os meus dois filhos num só dia. Ambos

seriam perdidos se Jacó fosse morto por Esaú, e Esaú por um vingador de sangue (9:6; Nm. 35.19-21).

* **27.46** Este verso de transição fornece uma conclusão a 26.34-27.46 (nota em 26.34, 35, nota) e uma introdução a 27.46-28.9.

Disse Rebeca. Assim como Sara tomou a iniciativa em proteger a Isaque (21.10), aqui Rebeca agiu em favor de Jacó.

filhas de Hete. Ver 26.34 e nota em 10.15.

* **28.1, 2** Os mandamentos negativos e positivos correspondem aos de Abraão (24.3-4).

* **28.1 dando-lhe a sua bênção.** Ver nota em 27.7. A primeira bênção (27.27-29) determinou a sucessão patriarcal; esta explicitamente liga Jacó às

bênçãos da aliança com Abraão (17.1-8).

* **28.2 Padã-Arã**. Ver nota em 25.20.

* **28.3 Deus Todo-poderoso**. Ver nota em 17.1. **uma multidão de povos**. Ver 17.5 e nota; 35.11.

* **28.4 possuas**. O verbo em hebraico aqui pode significar "apossar-se por força", talvez antecipando o conceito da guerra santa contra os cananeus (15.16; Êx 23.22-33).

* **28.6-9** Agindo por rivalidade contra seu irmão (v.6) e por um desejo

de agradar a seu pai (v. 8), Esaú buscou uma nova esposa entre seus parentes, a família de Ismael (v. 9). Até mesmo nesta tentativa de agradar faltou-lhe percepção espiritual porque Ismael era a descendência natural rejeitada de Abraão (17.18-21; 21.12, 13).

* **28.10-22** O Senhor apareceu a Jacó e lhe deu promessas em

momentos cruciais da sua vida: durante sua fuga para Padã-Arã (28.10-22), no seu retorno para confrontar Esaú (32.1,2, 22-32) e quando Jacó sofreu ameaças dos filhos de Labão (31.1-3) e dos cananeus (35.1-15).

* **28.11 fê-la seu travesseiro.** Este termo hebraico é traduzido como

"à sua cabeça" em 1Sm 26.7. Ao invés de servir como travesseiro, a pedra pode ter protegido sua cabeça.

* **28.12 escada**. Provavelmente uma vasta rampa de pedras com

degraus. A frase "cujo topo atingia o céu" lembra a descrição da torre de Babel (11.4). Jacó pode ter visto um zigurate. Ver notas em 11.1-9 e 11.5.

terra... céu... subiam... desciam. O sonho de Jacó de um lugar de encontro entre céu e terra prenuncia a Jesus Cristo, o Deus-Homem que reúne céu e terra (Jo 1.51 e nota). Através de Cristo, o único "mediador entre Deus e os homens" (1Tm 2.5), nós temos acesso ao Pai (Ef 2.18).

anjos de Deus. Ver "Anjos", índice.

* **28.13 Perto dele estava o SENHOR**. Pela resposta de Jacó no v. 16, "Na verdade, o SENHOR está neste lugar" parece que Deus desceu a escada e permaneceu sobre Jacó.

Eu sou o SENHOR. Ver nota em 27.20.

A terra em que agora estás deitado. A promessa de Deus foi adaptada à situação imediata.

descendência. O hebraico aqui pode ser traduzido por "semente" (12.7, nota e referência lateral; 13.15, referência lateral). A linguagem

dos vs. 13-15 nitidamente relembra as promessas de Deus a Abraão (cf. 12.3; 13.14-16).

* **28.14 serão abençoadas.** Ver nota em 12.3; 18.18; 22.18.

* **28.15 Eis que eu estou contigo.** Ver 26.3; Ex 3.12; Sl 23; 46; Hb

13.5. As promessas deste verso dizem respeito à vida inteira de Jacó na terra.

onde quer que fores. Em contraste com as deidades pagãs cujo poder se pensava estar ligado a certas localidades.

até cumprir. O hebraico significa apenas que a promessa se cumprirá, não que será mudada depois de seu cumprimento.

* **28.17 temendo.** O temor na adoração diante da presença de Deus é algo apropriado (Ex 3.6; 19.16; Sl 2.11).

* **28.18 coluna.** Um testemunho e monumento chamando a atenção para a importância do lugar (cf. 31.45-59).

entornou azeite. Um ato de consagração (35.14; Êx 40.9; 2Sm 1.21).

28.20-22 O mais longo voto registrado no Antigo Testamento.

*

* **28.20 Se Deus for comigo.** A reação de Jacó se contrasta notavelmente com a de Abraão (15:6). Embora a jornada de fé de Jacó tivesse começado, ele ainda tinha muito a caminhar. Note que as promessas incondicionais de Deus nos vs. 13-15 são agora transformadas em uma chantagem: se Deus fizer a parte dele, então Jacó o reconhecerá como Deus (v. 21). Deus soberanamente escolheu a Jacó no ventre (25.23 e nota), e agora ele graciosamente dá a promessa patriarcal totalmente independente da fé de Jacó; esta também deve ser uma dádiva de Deus (17.2, nota).

* **28.22 darei o dízimo.** Ver nota em 14.20.

* **29.1-30** Jacó experimentou as bênçãos da providência divina conhecendo Raquel (vs. 1-14), e em uma ironia amarga o enganador se tornou o enganado (vs. 15-29). Atrás das duas cenas pode ser discernida a mão graciosa e justa do Deus soberano que trabalha todas as coisas de acordo com seu próprio propósito e que prometeu estar com Jacó (28.15).

* **29.2 poço.** A semelhança deste encontro ao poço com o encontro em 24.11-33 sugere a benevolência da providência divina, e ao mesmo tempo destaca o contraste entre o servo de oração e o patriarca que não ora.

* **29.4 Meus irmãos.** O cumprimento foi um gesto de boa vontade.

* **29.10 removeu a pedra.** A pedra era grande (v.2). Anteriormente as

jóias de ouro do servo de Abraão haviam atraído a atenção de Labão (24.30); agora o ato de força de Jacó o impressionou com o tipo de serviço que Jacó poderia fazer.

* **29.11 beijou.** Uma forma de cumprimento comum entre parentes (v. 14; 31.55).

* **29.16 Lia... Raquel.** O nome de Raquel significa "ovelha" enquanto

que o de Lia talvez signifique "vaca selvagem" ou "boi selvagem".

* **29.23 À noite**. Da mesma forma como Jacó tirou proveito da

cegueira de seu pai para o enganar, Labão usou a cobertura da noite para lograr Jacó.

conduziu a Lia, sua filha. O costume de cobrir a noiva (24.64, 65,

nota) e de casar primeiro a filha mais velha (v. 26) serviu às intenções egoístas de Labão. Ele inescrupulosamente usou a filha desamada e introduziu uma fonte contínua de discórdia na família de Jacó (30.1, 2; 31.15). As filhas de Labão não foram enganadas pelo comportamento sem escrúpulos dele (31.14-16).

* **29.25 me enganaste.** Ver 27.35.

* **29.26 a mais nova antes da primogênita.** Esta declaração salienta a

ironia da situação de Jacó. Jacó tinha roubado a bênção costumeiramente reservada para o primogênito (cap. 27), e aqui Labão engana a Jacó para defender um costume semelhante.

* **29.27 Decorrida a semana desta.** A semana das bodas da noiva. O

banquete prolongado (v. 22) celebrava a astúcia de Labão e a humilhação de Jacó, transformando o que deveria ter sido uma ocasião de alegria em uma piada de mau gosto.

* **29.31-30.24** Deus abençoou a Jacó com doze filhos apesar da ausência de oração, e da rivalidade entre Raquel e Lia que competiram por seus afetos dando-lhe filhos (25.19-35.29, nota). Os nomes que as mães deram a estas crianças refletem essa luta e também o seu reconhecimento da ajuda de Deus em seus estados de desprezo ou de infertilidade. Deus graciosamente construiu a Israel socorrendo o necessitado (p.ex., Ana em 1Sm 1), mas os fracassos espirituais da família de Jacó resultaram depois em rivalidades entre as tribos Israelitas.

* **29.31-35** Deus deu graciosamente a Lia, a esposa não amada, a metade dos filhos de Jacó, inclusive a linha sacerdotal de Levi (v. 34) e a linha messiânica de Judá (v. 35; 49.10). A primeira e última das crianças nascidas em Padã-Arã são dadas pelo Senhor para compensar as esposas desventuradas, primeiro Lia (v. 32), e depois

Raquel (30.23, 24).

* **29.31 fê-la fecunda.** Ver 16.2; 20.17, 18.

estéril. Ver 25.21

* **29.35 Judá**. O nome significa "louvado", aqui com o sentido voltado

ao Senhor, e em 49.8 ao próprio Judá.

* **30.1 senão morrerei.** Uma expressão com exagero que demonstra

sua angústia extrema (25.32; 27.46). Ironicamente, ela mais tarde morre durante um parto (35.16-18).

* **30.2 Acaso, estou eu em lugar de Deus.** A resposta rude de Jacó

se contrasta nitidamente com a oração fervorosa de Isaque intercedendo pela esposa sem filhos (25.21).

* **30.3 Eis aqui Bila.** Ver 16.1,2 e notas.

ao meu colo. Lit., "joelhos". Os joelhos são um símbolo do cuidado dos pais (50.23; Jó 3.12). De acordo com o costume do antigo Oriente Próximo, o parto da criança da concubina sobre os joelhos da esposa simbolizavam a adoção da criança pela esposa.

* **30.14 mandrágoras.** Às vezes chamada de "maçã do amor", as

raízes da planta da mandrágora eram consideradas um afrodisíaco pelos antigos, e usadas para promover atividade sexual e concepção (cf. Ct 7.13).

* **30.21 Diná.** Diná é a filha única de Jacó cujo nome é revelado (cf.

46.7) por causa de sua figura proeminente no capítulo 34.

* **30.22 Lembrou-se Deus.** Ver nota em 8.1. Este verso é o clímax de

29.31-30.24. Raquel creditou o nascimento de José a Deus (v. 23), e não ao afrodisíaco (v. 14, nota).

* **30.25-43** Deus soberanamente abençoou os rebanhos de Jacó em

detrimento de Labão a despeito da indesculpável astúcia de ambos. Jacó parece estar enganando Labão, em troca das trapaças deste; porém, Jacó obteve sua família e riqueza somente pela graça de Deus (29.31-30.24;

31.9).

* **30.27 Ache eu mercê diante de ti.** Uma fórmula de cortesia em

negociações.

Tenho experimentado. Ou, "descobri por presságio". Muitos textos extra-bíblicos da Mesopotâmia falam da prática de adivinhações no ocultismo, algo proibido em Israel (Dt 18.10, 14). Observando a boa sorte de Jacó, Labão, um pagão, tentou descobrir a razão disto através da adivinhação (31.19 e nota).

me abençoou por amor de ti. Mais uma vez, os que estão fora da aliança são abençoados através de sua associação com os patriarcas (12.2, 3; 13.5, 6; 14.13 e nota).

* **30.28 Fixa o teu salário.** O oportunista Labão queria manipular o

Senhor através de Jacó para servir à sua própria cobiça. Assim ele

esperava receber a bênção de Deus.

* **30.31-34** No antigo Oriente Próximo, a maioria dos cordeiros era

branca e a maioria das cabras era negra ou marrom escura. Pensando que o acordo indicasse pequeno risco para ele, Labão alegremente concedeu o pedido de Jacó com respeito aos animais coloridos, não tão comuns (v. 34). A proposta de Jacó dependia da noção falsa de que impressões visuais vívidas durante o ato de reprodução determinariam as características da descendência. Ele pensou que colocando cores revezadas na frente dos

animais se acasalando resultaria numa descendência colorida, não comum (vs. 37, 38, 41,42). Embora o esquema de Jacó negasse a Deus a glória devida, a intenção de Deus de abençoar a Jacó não se desviou (31.11, 12).

*

30.35 separou. O inescrupuloso Labão imediatamente tra

De acordo com o trato feito, os animais coloridos seriam o rebanho inicial de Jacó (v. 32). Jacó iniciou sem estes, um fato que enfatiza a bênção sobrenatural sobre ele.

* **30.39 concebia o rebanho.** O sucesso de Jacó se devia à graça de

Deus (31.9-12), e não à sua teoria patética sobre o acasalamento animal.

*

30.43 se tornou mais e mais rico. Deus deu a Ja mais do

que este pedira (28.20).

* **31.15-55** Em cumprimento à sua promessa em 28.15, o Senhor levou

Jacó de volta à terra prometida com grande riqueza às custas de Labão, e acima da oposição do mesmo (v. 42). Deus permaneceu firme às suas promessas a despeito das maquinações de Jacó e da idolatria pagã de sua casa (v. 19 e nota; 28.20, nota).

* **31.3 Torna à terra.** A partida de Jacó e seus filhos de Padã-Arã

prenuncia o êxodo das doze tribos de Israel do Egito: eles vão em resposta a um chamado de Deus para adorar na terra de Canaã (vs. 3, 13; cf. Êx 3.1318); eles despojam o inimigo de sua riqueza (v. 9; cf. Êx 12.35, 36); eles são perseguidos por forças superiores e salvos por intervenção divina (vs. 21-42; cf. Êx 14.5-31). Estes exemplos do Antigo Testamento, por sua vez, apontam para a peregrinação do Novo Israel, a igreja (1Co 10.1-4).

eu serei contigo. Ver 28.15 e notas.

* **31.4 Então, Jacó mandou vir.** Jacó finalmente começou a

responder a Deus com pronta obediência (cf. 12.4; 17.23; 22.3).

* **31.5 o Deus de meu pai tem estado comigo. Reconhecendo a**

fidelidade de Deus, Jacó estava pronto para cumprir seu voto (v. 13; 28.2022 e notas).

* **31.6 com todo empenho.** Ver nota em 29.10.

* **31.7 dez vezes**. O número dez significava completitude; Jacó esteja talvez deplorando a magnitude da desonestidade de Labão.

Deus não lhe permitiu. A despeito de seus próprios esquemas, Jacó

reconheceu que o Senhor o abençoara.

* **31.8 salpicados... listados.** Ver nota em 30.31-34.

* **31.9 Deus tomou.** Através de seu comportamento desonesto para com Jacó, Labão ficou sujeito às maldições da aliança (12.3; 27.29).

* **31.11 Anjo de Deus**. Ver nota em 16.7.

* **31.14-16** Em amargura contra seu pai desonesto (vs. 14-15) e em reconhecimento da providência de Deus (v. 16). Lia e Raquel decidiram seguir a Jacó.

* **31.15 nos vendeu.** Elas se ressentiam do seu casamento "comprado". O preço pago foi o trabalho de Jacó (29.18, 27).

consumiu tudo o que nos era devido. Esta frase ocorre em contextos sociais semelhantes nos textos mesopotâmicos de Nuzi (c. 1500 a.C.). Legalmente, pelo menos parte da compensação recebida pelo pai quando cedia a filha em casamento deveria ser dada à própria filha.

* **31.18 Padã-Arã**. Ver nota em 25.20.

* **31.19 os ídolos do lar.** Pequenos deuses domésticos, ou *teraphim,* eram usados como amuletos de proteção e também em práticas de adivinhação (30.27, nota; Ez 21.21; Zc 10.2). Ao contrário de Sara e Rebeca,

Raquel não desistiu de seus ídolos pagãos ou de sua ética (vs. 34, 35; 35.2).

* **31.23 seus irmãos.** Labão tinha superioridade militar (v. 29).

* **31.24 veio Deus**. Deus soberanamente protegeu Jacó, assim

como tinha feito com Abraão (12.17; 20.3) e Isaque (26.8 e nota).

* **31.27 alegria... harpa.** Novamente Labão apelou para o costume (cf. 29.26), desta vez reclamando que o ritual costumeiro de despedida não havia sido seguido (cf. 24.60).

* **31.29 Há poder em minhas mãos para vos fazer mal. Ver v. 23 e**

nota.

* **31.34 Raquel. assentada sobre eles.** A narrativa expõe ao ridículo os deuses falsos — aqui os ídolos estão sob uma mulher menstruada (v. 35, nota; Lv 15.19-24).

apalpou. Ver referência lateral. A mesma palavra (também no v.37) hebraica de 27.22. Confiando em seus sentidos, nem Isaque nem Labão descobriram a verdade (27.18-27, nota).

* **31.35 regras das mulheres.** O período menstrual. A lei mosaica vai, mais adiante, especificar que mulheres nessa condição eram cerimonialmente impuras (Lv 15.19-24). Assim como no capítulo 27, o filho mais novo havia enganado seu pai.

* **31.39 sofri o dano.** De acordo com a leis antigas que especificavam as responsabilidades dos pastores, como as que estão no código de Hamurabi (c. 1750 a.C.), Jacó não deveria ser responsável pelas perdas.

* **31.42 Se não fora o Deus.** Ver 28.15, 20 e notas.

o Temor de Isaque. Ou, "aquele que atemoriza de Isaque". Ver v. 53 e

nota.

me despedirias agora de mãos vazias. Uma alusão a uma das

faltas mais notáveis de Labão — sua falha em não pagar um salário justo ao trabalhador (29.25; 31.7, 41).

* **31.43 tudo o que vês é meu.** A reivindicação de Labão mostra que

o temor de Jacó era justificado (v. 31).

* **31.44 façamos aliança.** Esta aliança, ou "tratado" (referência

lateral), era como o tratado de não agressão entre Abraão e Isaque feito com os filisteus (21.27; 26.28), porém muito diferente da aliança que Deus fez com Abraão (15.8).

* **31.50 tomares outras mulheres além delas. A família de Terá**

dava valor à estrutura familiar, em contraste com os cananeus (24.3, 4;

26.34, 35; 27.46; 28.9 e notas). Esta proibição era comumente encontrada em contratos de casamento no antigo Oriente Próximo.

* **31.52 testemunha**. Tomava-se por certo que as condições do

tratado deveriam ser passadas fielmente às gerações seguintes.

* **31.53 O Deus de Abraão... Naor... pai. Labão, o pagão,**

aparentemente considerava o Deus de Abraão como um dos deuses de sua família. Terá, o pai de Abraão e Naor, foi provavelmente um adorador da lua em Ur (11.27, nota; Js 24.14).

Temor de Isaque, seu pai. Não igualando o Deus de Abraão com o deus de Naor, Jacó jurou pelo "Temor de Isaque, seu pai" (v. 42, nota), outro nome para o Deus de Abraão.

* **31.55 abençoou.** Ver 24.60; 27.7; 28.1 e notas.

* **32.1 anjos de Deus.** Jacó novamente encontrou-se com os anjos

de Deus a quem ele já havia encontrado em Betel (28.12). Estes encontros

angélicos na saída e retorno à terra Prometida demarcam experiências de Jacó com Labão (28.10-22, nota) e atestam a promessa de Deus de estar com Jacó e protegê-lo onde quer que fosse (28.15).

Fiel à sua promessa, Deus esteve com Jacó — não apenas protegendo-o, mas também refazendo o seu caráter. O Jacó que não orava e era um enganador se tornara agora em um humilde homem de oração (vs. 9-12).

* **32.2 Maanaim.** Ver referência lateral. Jacó podia ter em mente tanto

o seu acampamento quanto o acampamento de Deus, um escudo e cobertura celestial. Assim como Betel era a casa de Deus e o portão do céu (28.17), Maanaim era o acampamento de Deus na terra. Maanaim mais tarde serviu como a capital para o filho de Saul, Is-Bosete (2Sm 2.8) e como um refúgio para Davi durante a rebelião de Absalão (2Sm 17.24). Maanaim situava-se ao leste do rio Jordão, nas proximidades do rio Jaboque; no entanto, sua localização precisa é incerta.

* **32.3 Seir.** Ver 25.25 e nota.

* **32.4, 5** A maneira humilde com que Jacó falou com seu irmão e rival

sugere que a mudança no seu caráter foi real (v. 1, nota). Como fez Abraão com Ló (13.8, 9), Jacó não insistiu nos seus direitos pactuais, mas deixou o assunto nas mãos de Deus.

* **32.6 quatrocentos homens**. Jacó tinha razão em temer (14.14;

27.40, 41), ainda que tivesse sobrevivido às forças ainda maiores de Labão com a ajuda de Deus (31.29 e nota).

* **32.9 E orou Jacó.** A primeira oração registrada de Jacó (vs. 9-12) é

colocada exatamente entre os dois presentes a Esaú (vs. 3-8, 13-21). Esta estrutura sugere que ele confiava que Deus haveria de fazer prosperar aqueles dois presentes dados.

* **32.10 sou indigno.** Uma transformação espiritual aconteceu com

Jacó: ele se submeteu a Esaú e reconheceu a sua indignidade diante de Deus.

misericórdias... fidelidade. Palavras comumente usadas para descrever a lealdade e fidelidade de Deus às suas promessas pactuais (24.27; Êx 15.13, nota; Sl 40.11; 61.7). Jacó agora identifica-se completamente com a aliança de Deus com Abraão e Isaque, e sua fé descansou firmemente nas promessas da aliança de Deus.

* **32.12 dar-te-ei a descendência como a areia. Pela fé Jacó**

aplicou a si mesmo a linguagem da promessa pactual com Abraão (22.17; cf. 28.14).

* **32.13 um presente.** A palavra hebraica conota um tributo, um

presente expressando lealdade a um superior. Ver notas em 33.3, 4 e 33.11.

* **32.14, 15** Quinhentos e cinqüenta animais era um presente

extravagante.

* **32.20 o aplacarei.** Lit., "cobrir a sua face", uma expressão

significando o acobertamento da culpa. Jacó estava dolorosamente consciente de que havia pecado contra seu irmão.

* **32.22-32** Ao lutar com Jacó, Deus apareceu em forma humana e privou a Jacó de sua força natural, porém, Jacó saiu vencedor em agarrar-se a Deus para receber a bênção.

* **32.24 lutava com ele um homem.** Este homem misterioso era na

verdade uma teofania, uma manifestação visível (e neste caso tangível) de Deus que é intrinsecamente invisível, o Anjo do Senhor (16.7, nota; Os 12.4). O Senhor inesperadamente iniciou a luta.

* **32.25 não podia com ele.** Embora Jacó fosse aparentemente um

homem de força considerável (29.2, 10), o Anjo do Senhor ajustou sua força à força de Jacó.

tocou-lhe. Ver referência lateral. Deus deslocou a articulação da coxa de

Jacó, o pivô da força de um lutador (v. 31). Tendo previamente dependido de sua habilidade e força, as força naturais de Jacó estavam agora enfraquecidas. Cada passo que desse no futuro haveria de lembrá-lo da sua dependência da graça divina.

* **32.27 Como te chamas?** Ver nota em 3.9.

* **32.28 te chamarás.** Ver nota em 17.6.

Israel. Ver referência lateral. O novo nome indica que o patriarca eleito havia amadurecido na sua fé.

lutaste com Deus. O "homem" é implicitamente identificado com o próprio Deus (v. 30).

*** 32.29 Por que perguntas.** Nos tempos antigos, acreditava-se que

um nome expressava a natureza essencial assim como a identidade de alguém. O nome divino participa da santidade do ser de Deus (Jz 13.18), e deveria ser reverenciado (Êx 20.7). Os pagãos criam que conhecer o nome de uma divindade lhes dava a habilidade de invocar o poder dessa mesma deidade. Aqui, no entanto, o nome de Deus não é dado (cf. 28.13; Os 12.5), mostrando que a revelação do nome do Senhor é um ato da iniciativa graciosa da divindade, e não uma resposta ao esforço humano de invocar e controlar a Deus.

*** 32.30 Peniel**. Ver referências laterais nos vs. 30, 31. Peniel era

situada no rio Jaboque nas proximidades da moderna cidade de Tulul edh-Dhahab. A cidade foi destruída por Gideão (Jz 8.8) e depois fortificada por Jeroboão I (1Rs 12.25).

salva. A preservação da vida de Jacó neste encontro "face-a-face" com o Deus todo poderoso confirmou a sua preservação no encontro eminente com Esaú, um mero ser humano (cf. v. 11).

*** 32.32 até hoje.** A restrição contra comer o nervo ciático,

mencionada somente na literatura judaica extra-bíblica, recorda este evento fundamental na História da nação.

*** 33.1 quatrocentos homens.** Ver nota em 32.6.

*** 33.3, 4** Jacó saudou a Esaú como um vassalo saúda seu patrono na cerimônia de uma corte real, com a deferência apropriada a um superior — observe as sete prostrações (prática comum no protocolo real do antigo Oriente Próximo, v. 3), a forma submissa de um "servo"

(v. 5) se dirigir ao seu "senhor" (vs.8,13) e o oferecimento de presentes em homenagem (vs. 10,

11). Em contraste, Esaú saudou a Jacó como um irmão depois de uma longa separação (vs. 4, 9).

* **33.5 com que... agraciou.** Ao lembrar-se de sua conturbada história Jacó confessou a imerecida bondade de Deus em lhe dar filhos (29.31-30.24) e prosperidade (30.25-31.55).

* **33.10 presente.** Ver 32.13 e nota.

porquanto. o semblante de Deus. Como em Peniel, quando Jacó viu a face de Deus na teofania e sua vida foi graciosamente poupada (32.30), assim também agora ele viu a temida face de Esaú e foi graciosamente recebido.

* **33.11 meu presente.** No hebraico "bênção". A declaração de Jacó relembra o seu roubo da bênção paternal no capítulo 27. Jacó está oferecendo uma recompensa dentre as muitas bênçãos que Deus lhe havia concedido.

instou. aceitou. A reconciliação foi selada pela aceitação do presente.

* **33.14 até chegar. em Seir.** Dada a sua intenção de viajar a Sucote (v.17), Jacó pode ter falado enganosamente, porém, é mais provável que Esaú soubesse que esta era a forma polida de Jacó não contradizê-lo (cf. 23.11, nota). Embora reconciliados, os irmãos viveriam separadamente.

* **33.18-35.29** Esta seção final do "relato de Isaque" (Introdução:

Esboço), como o final da seção do "relato de Abraão" (22.20-25.11), registra a transição dos patriarcados. Ela é estruturada de acordo com o itinerário da volta de Jacó à terra, destacando mortes em

vários lugares (que por sua vez marcam a passagem da geração de Isaque), e importantes episódios no "relato" tais como os pecados de Rúben, Simeão e Levi.

*** 33.20 levantou ali um altar.** Jacó construiu seu altar em Siquém

onde Abraão havia erigido seu primeiro altar na terra prometida (ver 12.6, 7). Ver também 28.20-22.

*** 34.1-31** A ameaça à comunidade da aliança em Siquém foi severa. A

proposta de Hamor teria significado a assimilação da família de Jacó pelos povos vizinhos (vs. 8-10; Nm 25.1-3, nota).

A transição entre o ato de culto de Jacó (33.20) e o comportamento depravado no capítulo 34 é marcante. Ao invés de morar em Siquém (33.18, 19), talvez Jacó devesse ter cumprido o seu voto feito em Betel (28.22;

31.13; 35.1). Não há a menção de Deus neste capítulo e nem de separação da idolatria (35.1-5), um comentário triste a respeito da liderança espiritual de Jacó (35.4, nota).

34.2 heveu. Ver 9.25; 10.15, 17 e notas.

Viu-a... tomando-a, a possuiu. Diná não consentiu na relação. Foi, portanto, um estupro. A palavra hebraica traduzida como "possuiu" é traduzida como "forçar" em 2Sm 13.12, 14, 22, 32. A seqüência "viu... tomou..." lembra 3.6 e 6.2.

*****

34.7 em Israel. A nação de Israel. Esta descrição p

desenvolvimento da nação a partir dos filhos de Israel (cf. 49.28).

* **34.9 Aparentai-vos.** Ver nota no capítulo 34.

* **34.12 dote.** Este não era o dote dado pela família da noiva ao noivo, mas o "preço da noiva” (ver referência lateral), um presente recíproco dado pelo noivo ao pai da noiva (24.53; 1Sm 18.25).

*** 34.13 filhos de Jacó... responderam com dolo. Jacó colheu o**

fruto de seu engano: seus filhos copiaram seu dolo (27.35, 36); porém, o alvo deles era matar.

*** 34.15 circundando-se todo macho.** Os filhos de Jacó, cometendo

um sacrilégio, esvaziaram o santo sinal da aliança do seu significado religioso (17.10, 11 e notas) e abusaram dele com a intenção de cometer vingança.

*** 34.20 porta.** Ver nota em 23.10.

*** 34.24 deram ouvidos a Hamor.** Os siquemitas provavelmente não

conheciam ou davam qualquer valor ao significado do ritual, eles concordaram apenas para promover seus próprios interesses (v. 23).

*** 34.25 mataram os homens todos.** Sob a lei mosaica o pecado de

Siquém contra Diná não receberia esta punição, que foi excessiva (Dt 22.28, 29). A ação de Simeão e Levi prematuramente (e ilegitimamente) prenunciaram a guerra santa que Israel travaria contra os habitantes da terra (15.16; Êx 23.27-31; Dt 20.16-20).

*** 34.27 saquearam.** Pela sua desenfreada, infiel e precipitada

vingança, Simeão e Levi perderam liderança e terra em Israel (49.5-7).

*** 34.30 serei destruído**. Jacó demonstrou medo ao invés de fé

obediente (cf. 35.5).

* **35.1-29** A viagem de Jacó no tempo, como indicada pelos

nascimentos (vs. 16-18), mortes (vs. 8, 19, 20), e genealogias (vs. 23-26) e no espaço, como indicada por itinerários (vs. 6, 16, 21,27), é completada porque Deus estava com ele (v. 3). Ele volta para pagar o seu voto em Betel

(vs. 1-8), é confirmado como o sucessor das promessas de Deus a Abraão (vs. 9-15), vê as doze tribos seguramente assentadas na Terra Prometida (vs. 16-26) e é reunido com seu pai e irmão (vs. 27-29).

* **35.1 sobe a Betel.** Jacó tinha um voto a cumprir (28.20-22; 34.1-31,

nota). A revelação de Deus em Betel (vs. 9-13) reitera as promessas da aliança com Abraão, que anteriormente havia adorado em Betel (12.8; 13.3, 4).

* **35.2 Lançai fora**. O arrependimento envolve a renúncia de

qualquer coisa que impeça ou atrapalhe a adoração e o culto a Deus. A exigência primária da aliança é a lealdade exclusiva a Deus (Ex 20.3-5; Js 24.14; Jz 10.16).

deuses estranhos. Ver nota em 31.19; Js 24.23.

* **35.4 deram a Jacó.** Jacó recobrou sua liderança espiritual sobre a família (30.2, nota; 34.1-31, nota).

argolas... das orelhas. Estes brincos eram amuletos associados com cultos pagãos (cf. v. 2).

carvalho. Siquém. Provavelmente a árvore sagrada associada com Abraão (12.6 e nota).

* **35.5 o terror de Deus.** A proteção de Deus sobre a família de Jacó através de um pânico induzido (cf. Êx 23.27; Js 2.9) foi necessária porque a sua reputação havia mudado de pacíficos pastores (34.21) para vorazes guerreiros (34.30).

* **35.7 edificou ali um altar.** Jacó finalmente cumpriu o seu voto ao Senhor (28.20-22). Ao construir este altar, a família patriarcal reconheceu as promessas da aliança, e consagrou a Terra Prometida. O culto regular era crucial se eles quisessem manter a separação religiosa dos cananeus vizinhos (cap. 34; Nm 25.1-3 e notas). Ver 12.7 e nota; 13.18; 22.9; 33.20.

* **35.8 ama de Rebeca.** As Escrituras preservam a memória da morte

da velha e fiel ama de Rebeca ao invés da própria matriarca, provavelmente por causa do engano de Rebeca (cap. 27).

* **35.9-15** A revelação de Deus a Jacó depois do seu regresso de

Padã-Arã a Betel confirmou as promessas anteriores de 28.13, 14. Usando uma linguagem muito similar à das promessas a Abraão: nações, realeza, e terra (17.5-8) Deus confirma suas promessa a Israel, o Jacó transformado (32.28), e indiretamente a seus doze filhos.

* **35.9 Padã-Arã.** Ver nota em 25.20.

* **35.11 sê fecundo.** A bênção graciosa de Deus sobre toda a

humanidade (1.28;9.1,7) enfocava especialmente a comunidade da aliança (28.3; cf. 47.27; Êx 1.7).

* **35.12 A terra... descendência**. Ver notas em 12.7; 13.15.

* **35.13 Deus se retirou dele.** Isto relembra o primeiro encontro de

Jacó com o Senhor em Betel (28.13, nota).

* **35.16-20** Perto de Efrata, Raquel morreu ao dar a luz ao décimo

segundo filho de Jacó (30.1, nota). O nascimento de Benjamim completou o rol patriarcal das doze tribos de Israel.

* **35.17 ainda terás este filho.** A oração de Raquel foi atendida

(30.24).

* **35.18 Benoni**. Ver referência lateral. O pranto de Raquel por seu

filho pressagiava um futuro agonizante para a nação (Jr 31.15-17; Mt 2.17, 18).

Benjamim. Ver referência lateral. A palavra hebraica *yamin* pode se referir tanto ao lado direito como ao sul (os hebreus geralmente descreviam

direções em termos de uma pessoa olhando para o oriente (leste) — a mão direita consequentemente apontava para o sul). Os filhos de Jacó nasceram em Padã-Arã, ao nordeste de Canaã.

* **35.22 Rúben... se deitou com Bila.** Para satisfazer a sua lascívia e

talvez certificar a sua liderança como primogênito sobre a próxima geração (cf. 2Sm 16.15-23; 1Rs 2.22). Pelo seu pecado Rúben foi privado de sua posição de primogênito (48.1, nota) e de sua liderança (49.3, 4; Dt 22.30), que Judá, o quarto filho de Lia, viria a assumir (49.8-10).

* **35.26 filhos... que lhe nasceram em Padã-Arã. Benjamim não**

nasceu em Padã-Arã, mas depois do regresso a Canaã (vs. 16-18). A declaração deve ser entendida como uma recapitulação informal dos filhos de Jacó nascidos durante este período geral de peregrinação em Padã-Arã e logo após (46.8-27, nota). Esta associação dos doze filhos com Padã-Arã talvez sublinhe as semelhanças entre o "êxodo" de Jacó e o êxodo das doze tribos do Egito (31.3, nota).

* **35.27-**
29 Isaque aparece novamente na narrativa (28.5). Sua

terminou tendo ele um grande número de anos, mas Deus o deixou depois que tentou impedir seus propósitos na bênção (25.19, nota).

*
36.1 descendentes. Com essa genealogia de Esaú co

nova seção no livro de Gênesis (2.4, nota).

Esaú, que é Edom. "Edom", que deriva-se da palavra hebraica "vermelho", era outro nome para Esaú (25.25; 25.30 e nota). O termo era também apropriado para a terra de Edom, com formações de arenito e solo avermelhado.

* **36.2-8** Esta genealogia enfoca as esposas cananéias de Esaú e os

filhos nascidos em Canaã anteriormente à sua migração para o Monte Seir.

* **36.2 tomou por mulheres**. Ver 26.34; 27.46 e notas.

Canaã. Ver 9.25; 10.15-19. A palavra, em termos gerais, abrange a região das tribos na terra.

Ada. Os nomes das esposas de Esaú aqui diferem daqueles em 26.34;

28.9. O uso de nomes alternados pode ser a explicação para algumas destas variações.

* **36.6 foi para outra terra.** O retorno de Jacó a Manre confirmou a

decisão de Esaú de mudar-se permanentemente para Edom. Separados em espírito, Jacó e Esaú iriam se separar também geograficamente (cf. 33.14, nota).

* **36.9-14** Esta genealogia enfoca os doze filhos de Esaú (vs. 2-8), sem contar Amaleque, o filho da concubina de Elifaz, Timna (v. 12).

* **36.15-19** Esta lista mostra a transição dos descendentes de Esaú de uma família a uma estrutura tribal.

* **36.20-30** Esta genealogia apresenta os habitantes aborígenes do monte Seir os quais os filhos de Esaú destruíram (Dt 2.22) e, em outros casos, com os quais se casaram (vs. 22, 25).

* **36.31 -39** A lista mostra a transição de Edom de uma estrutura tribal para uma estrutura destinada ao reinado.

* **36.31 antes que houvesse rei sobre os filhos de Israel. Ver**

introdução: Data e Ocasião.

* **37.2-50.26** A seção final de Gênesis, "a história de Jacó," começa aqui. Ela começa com uma nota negativa mostrando o rompimento da paz no meio da família da aliança (cap. 37) e o casamento misto com os cananeus (cap. 38), mas termina com a reconciliação da família e a sua preservação no Egito.

Assim como Jacó figurava proeminentemente na "história de Isaque," também José se destaca na "história de Jacó." Deus usou a José, o irmão

piedoso rejeitado, para salvar e reconciliar a família da aliança (45.5-8; 50.24). Embora os paralelos marcantes não sejam desenvolvidos no Novo Testamento, a igreja cristã tradicionalmente considera José como um tipo de Cristo. O piedoso José, amado por seu pai (37.3; cf. Mc 1.11), foi mandado a seus irmãos, e foi então vendido por vinte peças de prata (37.28; cf. Mt 26.15). Depois de sofrer perseguição e tentação (37.18-36; 39.7-20; cf. Mt 4.1-11), o justo José foi exaltado como senhor sobre seus irmãos (37.5-11; 41.37-45; 42.6; cf. Fp 2.9, 10).

* **37.2 a história de Jacó.** Ver nota em 2.4.

os filhos de Bila... Zilpa. Dã, Naftali, Gade e Aser (30.4-13).

* **37.3 amava.** O favoritismo do pai mais uma vez promoveu a

discórdia, o engano e o desaparecimento do filho preferido, mas Deus graciosamente usou este fato para alcançar seu bom propósito (cf. 25.28).

velhice. Ver 30.22-24.

túnica talar. Um sinal da posição de José como filho preferido. (cf. 2 Sm 13.18) e um sinal irritante aos irmãos de José do seu favoritismo. A natureza exata da túnica é incerta. A Septuaginta (tradução do Antigo Testamento Grego) traz “multi-colorida”. Alguns sugerem que o original hebraico aqui quer dizer, “um longo casaco com mangas”.

* **37.4 e já não lhe podiam falar pacificamente. Ou “não podiam**

saudá-lo com a paz.” A saudação era um elemento crucial nas boas maneiras de comportamento antigo (cf. 1Sm 25.6). Tal falha em não estender a saudação ao irmão, indicava um alto grau de animosidade.

*

37.5 sonho. Assim como em outras narrativas de Gê

para a compreensão da história de José é dada em uma revelação de abertura (cf. 12.1-3; 25.22, 23). Este sonho profético mostra que o propósito soberano de Deus está por detrás de todos os eventos da narrativa (45.5-8). Ver nota em 20.3.

* **37.7 inclinavam**. Ver 42.6; 43.26; 44.14.

* **37.8 Reinarás.** A questão retórica foi posteriormente respondida quando José veio a governar "sobre toda a terra do Egito" (41.43) e então sobre a família da aliança vivendo no Egito. A posição de José como cabeça da família da aliança foi confirmada quando ele recebeu o "direito de primogenitura" de seu pai Jacó (1Cr 5.2; cf. Dt 33.16).

* **37.9 outro sonho.** A reiteração do tema no segundo sonho de José, como a semelhante repetição dos sonhos de Faraó (41.1-7), mostra que a questão estava determinada por Deus e que logo se cumpriria (41.32).

* **37.10 mãe**. Provavelmente uma referência à madrasta de José, Lia, porque sua mãe Raquel já havia morrido anteriormente em um parto (35.1620).

* **37.11 considerava o caso consigo mesmo. Esta declaração**

talvez antecipe a decisão posterior de Jacó de dar a José o direito de primogenitura e porção dobrada (v. 8, nota; 48.5, 6).

* **37.15 andava errante pelo campo**. Por causa deste atraso

ordenado por Deus os ismaelitas chegaram bem a tempo (vs. 21-28).

* **37.21 Rúben... livrou-o.** Sendo o irmão mais velho (29.32) Rúben

assumiu a liderança na ausência de Jacó e se responsabilizou pela segurança de seus irmãos (vs. 29, 30).

* **37.25 sentando-se para comer pão.** Os irmãos mais tarde

reconhecem o seu comportamento impiedoso (42.21).

ismaelitas. Esses comerciantes são também identificados como midianitas (v. 28) e medanitas (v. 36 referência lateral). Estes três grupos eram descendentes de Abraão e sem dúvida se misturaram (25.2, 12).

* **37.27 vendamo-lo.** Note que a lei mosaica mais tarde proíbe o rapto (Êx 21.16; Dt 24.7).

* **37.28 vinte siclos de prata. Ver Lv 27.5.**

* **37.30 para onde irei.** Diante de tais circunstancias Rúben temia voltar a seu pai, a quem deveria dar uma explicação (v. 21, nota).

* **37.31-33** Observe a ironia desses versos. Tendo enganado a seu pai Isaque com pele de cabritos (27.9) e com a roupa de Esaú (27.27), Jacó é agora enganado com o sangue de cabrito sobre as roupas de seu filho.

* **37.36 Potifar.** Este nome egípcio significa "aquele a quem [o deus sol] Ra deu."

* **38.1-30** A família da aliança, desintegrada, começou a se misturar em casamento com os amaldiçoados cananeus, arriscando perder sua identidade distintiva (34.1-31, nota). Deus contornou esta ameaça mandando José ao Egito antes dos demais onde eles seriam segregados (43.32; 46.34). Lá ele os preservou até que se tornassem uma grande nação e se enchesse a medida da iniqüidade dos amorreus (15.13-16). Que o grotesco episódio de Judá e Tamar

viesse a contribuir à genealogia de Jesus Cristo é uma demonstração vívida da graça de Deus (Mt 1.3-16, nota).

* **38.1 se apartou.** Lit., "Judá desceu" (isto é, de Hebrom, nos planaltos, às terras baixas, 35.27). A família se desintegra ainda mais por causa da deslealdade.

adulamita. Um habitante da cidade cananéia real de Adulão (Js 12.15).

* **38.2 cananeu.** Ver 9.25, 26 e notas. **tomou por mulher.** Ver 24.3; 26.34, 35 e notas.

* **38.5 Quezibe.** Uma cidade perto de Adulão (v. 1, nota). A menção

desta cidade cananéia, cujo nome significa "enganosa," enfatiza o tema de engano na história de Jacó e sua família.

* **38.8 suscita descendência a teu irmão**. A primeira referência na Escritura ao costume antigo do levirato, onde o irmão de um homem morto (que não tinha herdeiros) deveria casar-se com a viúva. Os descendentes eram considerados filhos e herdeiros do morto. Ver nota em Dt 25.5.

* **38.9 para não dar descendência a seu irmão.** Porque o irmão morto, Er, era o primogênito, seu herdeiro iria herdar a sua posição de liderança na família e a porção dupla (37.11, nota). Desejando o lugar do primogênito para si, o segundo filho, Onã (v. 4) tinha relações sexuais com Tamar porém evitava que ela concebesse. Fazendo assim ele era injusto tanto para com seu irmão morto quanto para com Tamar.

* **38.11 disse.** Não percebendo o castigo de Deus sobre sua tolice e de seus filhos ímpios, Judá supersticiosamente tinha a Tamar como uma esposa que traz infortúnio. Por Judá não estar disposto a arriscar a vida do seu terceiro filho, o futuro de Tamar (que dependia de ter descendência) era funesto.

* **38.13 para tosquiar as ovelhas.** Judá partiu com seu amigo cananeu Hira (v. 1) para a tosquia das ovelhas, um evento marcado por uma grande festa. Isto deu a Tamar a oportunidade de realizar o seu plano.

* **38.14 vestes.** Mais uma vez as roupas têm um papel importante no engodo (37.31-33, nota).

* **38.18 teu selo, o teu cordão.** Um selo cilíndrico, usado numa corda ao redor do pescoço, era a insígnia de um homem proeminente. Ele assinava seus contratos rolando o selo sobre a argila na qual o contrato era gravado.

* **38.21 prostituta cultual.** Em deferência a Judá, seu amigo usou aqui um termo mais respeitável (uma palavra hebraica diferente da usada no

v. 15, traduzida por “meretriz”). A prostituição cultual era parte das religiões cananéias de fertilidade, e foi mais tarde uma armadilha constante para Israel (Dt 23.17; 1Rs 14.24, referência lateral; 2Rs 23.7, referência lateral).

* **38.24 queimada.** Uma punição legalizada mais tarde na lei mosaica para a filha de um sacerdote que se prostituísse (Lv 21.9; cf. Dt 22.21).

* **38.26 Mais justa é ela do que eu.** Embora ela tenha se aproveitado do vício de Judá, Tamar foi elogiada por sua ousada artimanha para corrigir a injustiça de Judá e edificar a sua família. Assim ela tornou-se uma heroína em Israel (Rt 4.12).

E nunca mais a possuiu. Fazê-lo o tornaria culpado de incesto.

* **38.27-30** Outro nascimento notável de gêmeos onde a identidade do

primogênito é crucial para a história (cf. 25.21-34). Tendo identificado

uma das crianças como o primogênito através de um fio, a parteira é surpreendida quando a outra criança nasce primeiro.

* **38.29 Perez.** Tendo recebido este nome pela circunstância do seu nascimento incomum (referência lateral), Perez se torna parte da linhagem messiânica (Rt 4.18-22; Mt 1.1-6; Lc 3.33).

* **39.1-23** A narrativa retorna a José no Egito, onde ele sobrevive a

uma sucessão de injustiças e prospera porque “o SENHOR era com ele” (vs. 2, 23). Deus orquestra uma extraordinária série de eventos que se dirigem inerrantemente para a salvação do seu povo (Sl 105.16-22). O privilégio inicial na casa de Potifar (vs. 2-6; cf. 47.6), a sua aflição e aprisionamento (v. 20; cf. Êx 1.8-14), e sua libertação (v. 21; 41.37-45; cf. Êx 3.21; 12.31-42) prefiguram a experiência que Israel terá como um todo no Egito. Ver nota em 37.2-50.26.

39.1 Potifar. Ver nota em 37.36.

ismaelitas. Ver nota em 37.25.

* **39.2 O SENHOR era com José.** Esta fórmula repetida provê o tema

teológico da história (vs. 3, 21,23), e o elo entre José e os patriarcas (28.15; cf. At 7.9). O benefício da presença de Deus foi experimentado até mesmo na escravidão, fora da terra da bênção.

* **39.5 o SENHOR abençoou a casa do egípcio. Mais uma vez a**

linhagem eleita é um meio de bênção para os que estão fora da aliança (12.3, nota; 14.13, 24 e notas).

* **39.6 do pão com que se alimentava.** Provavelmente uma figura de

linguagem para falar dos seus assuntos pessoais.

* **39.9 pecaria contra Deus**. Adultério era considerado um grande

pecado no antigo Oriente Próximo (20.9 e nota), porém José estava absolutamente consciente de que vivia na presença de Deus (cf. 2Sm 12.13; Sl 51.4).

* **39.14 este hebreu.** Ver nota em 14.13; 41.12; 43.32.

* **39.19, 20** Embora a ira de Potifar fosse inicialmente sobre José, sua

ação posterior indica que ele duvidou da acusação de sua esposa. Uma tentativa de estupro da esposa de um senhor por um escravo certamente resultaria em sentença de morte, mas a punição de José (aprisionamento com os prisioneiros do rei) foi relativamente suave.

* **39.21 lhe deu mercê.** Ver referência lateral. Deus

semelhantemente confiou os israelitas aos egípcios antes do Êxodo (Êx 3.21; 11.3; 12.36).

* **40.3 detê-los.** Eles estavam esperando a sentença de Faraó.

* **40.8 sonho.** Ver notas em 20.3 e 37.9. Estes três grupos de

sonhos, a José (34.5-11), ao copeiro e ao padeiro (cap. 40) e ao Faraó (cap. 41), demonstram o controle soberano de Deus (41.28).

interpretar. Os sonhos eram tidos no antigo Oriente Próximo como um meio de discernir o futuro; intérpretes profissionais de sonhos eram comumente empregados nas cortes reais.

pertencem a Deus as interpretações. José corrige a crença pagã dos prisioneiros egípcios reconhecendo que somente Deus é fonte de interpretação confiável, e que ele dá o dom de interpretação como lhe convém (41.16; Dn 2.24-49).

Contai-me. José reconhecia a si mesmo como um profeta (37.5-11).

* **40.13 reabilitará**. Lit., "levantará tua cabeça." Uma expressão hebraica que geralmente significa "restaurar a honra" ou "livrar" (2Rs 25.27;

Sl 24.7). Aqui a expressão pode se referir particularmente a uma audiência ritual com faraó na qual o servo é destacado para uma atenção especial (v.20). Note o trocadilho no v. 19, onde uma pequena variação no hebraico dá o significado "tirará fora a cabeça" (talvez uma referência à execução por decapitação).

* **40.15 masmorra.** Uma descrição exagerada refletindo o ponto de vista do prisioneiro frustrado — a mesma palavra é traduzida por cisterna em 37.24. Este lugar de confinamento de José e dos outros prisioneiros não era excessivamente miserável (39.19-23 e notas).

* **40.16 sobre a cabeça.** A arte egípcia antiga retrata um padeiro carregando uma cesta na cabeça.

* **4.20 reabilitou**. Ver nota no v. 13.

* **40.22 ao padeiro-chefe enforcou.** Não é uma referência ao enforcamento como método de execução, mas à exibição pública do corpo depois da morte (v. 13, nota; Dt 21.22, nota).

* **41.1-57** Deus exaltou o fiel José sobre todo o Egito dando-lhe uma

sabedoria sobrenatural: a habilidade de interpretar sonhos (v. 16) e habilidade em política econômica e administração do estado (vs. 33, 38).

José prefigurava Moisés na fundação de Israel, e Daniel no fim da monarquia israelita. Todos os três foram cativos e oprimidos que chegaram ao poder numa terra hostil lançando a sabedoria de Deus contra os sábios deste mundo, demonstrando a superioridade da

sabedoria de Deus e seu governo sobre as nações. Eles prefiguravam Jesus Cristo, a sabedoria encarnada de Deus (1Co 1.30; Cl 2.3), que foi levantado dentre os mortos para governar o mundo (1Co 1.18-2.16; Ap 12.1 -5).

* **41.1 sonho.** Os povos do antigo Oriente Próximo tipicamente viam

os reis como representantes dos deuses. Sonhos reais eram considerados especialmente significativos (40.8 e notas).

Nilo. A fonte da fertilidade do Egito.

* **41.8 magos.** Como muitos governantes antigos, os faraós egípcios

tinham à sua volta feiticeiros, interpretadores de sonhos e sábios (40.8, nota; Êx 7.11; Dn 2.2) para dar conselho em assuntos importantes.

ninguém havia que lhos interpretasse. Ver 40.8 e nota.

* **41.12 hebreu.** Ver 14.13 e nota; 39.14; 43.32.

* **41.14 se barbeou, mudou de roupa.** Ao contrário da maioria dos

homens no antigo Oriente Próximo (incluindo os hebreus), os egípcios estavam normalmente barbeados. Seria impróprio a José comparecer diante do rei em seus trapos de prisioneiro (cf. 2Rs 25.29).

* **41.16 Não está isto em mim; mas Deus dará. Ver nota em 40.8;**

cf. 2Co 3.5.

* **41.25 Deus manifestou a Faraó.** Tanto o sonho

quanto a

interpretação eram de Deus (40.8 e nota). José foi inspirado por Deus; ele não agiu como um mago. Nem o Faraó nem seus oficiais estavam no

controle; Deus e seu servo estava no comando; assim como estariam séculos mais tarde, nos tempos de Moisés (Êx 7.1-5).

*** 41.32 O sonho de Faraó foi dúplice. Ver nota em 37.9.**

*** 41.38 Espírito de Deus.** José indicou a ação de Deus, em dar o sonho (v. 16), e Faraó reconheceu o poder de Deus atuando em José (41.157, nota).

*** 41.39 ninguém há tão ajuizado e sábio como tu. José tinha**

acabado de derrotar os homens mais sábios do Egito (cf. Êx 8.18; Dn 2.10, 27, 28).

*** 41.41-46** A posse de José como vice-regente consistiu em uma

cerimônia pública (vs. 41-44), a designação de um novo nome (v. 45), e sua elevação à nobreza através do casamento (v. 46).

*** 41.41 te faço autoridade sobre toda a terra. José, que havia sido**

fiel no pouco (39.4, 22), foi colocado sobre o muito (cf. Lc 16.10; 19.17).

*** 41.45 Zafenate-Panéia.** Ver referência lateral. O papel de José no

Egito era como o de Daniel na Babilônia: ambos aceitaram nomes

pagãos sem, todavia, aceitar a religião pagã (Dn 1.7).

Azenate. Seu nome significa "pertencente à [deusa] Nate."

Potífera. Provavelmente uma variação de Potifar (37.36, nota).

Om. Chamada Heliópolis em Grego, esta cidade era o centro do culto ao Deus do Sol, Ra (Jr 43.13, referência lateral); este sumo sacerdote era um dos mais proeminentes no antigo Egito.

* **41.46 trinta anos.** José saiu da escravidão para tornar-se o homem

de confiança do rei em meros treze anos (37.2).

* **41.51, 52** Ver referências laterais. Como o nome de seus filhos

indica, José era sempre consciente da mão de Deus sobre si. O nome do primeiro filho celebra a preservação de Deus no meio de grandes tribulações (v. 51), e o segundo preserva a memória do favor divino que ecoa a bênção abraãmica (v. 52; cf. 17.6, 20; 28.3; 48.4; cf. Sl 105.23, 24).

* **41.57 todas as terras.** A salvação temporal (da fome) do mundo

conhecido dependeu de um dos descendentes dos patriarcas (12.3; 39.5 e notas). Ao mediar esta bênção, José prefigura a obra de Cristo (1 Jo 2.2). Ver nota em 37.2-50.26.

* **42.1-38** José usou desta fome providencial e de sua autoridade para

ajudar na reconciliação da família despedaçada. No confrontá-los com a vida e a morte (vs. 18, 20), ele despertou suas consciências a ponto de confessarem sua culpa (vs. 21-24) e a proteger Benjamim

do dano (v. 37; 43.8, 9; 44.18-34). Ver nota nos capítulos 43-45.

* **42.1 mantimento no Egito.** Ver 12.10; 26.1,2.

* **42.4 A Benjamim, porém... não enviou**. O irmão legítimo de José

havia tomado o seu lugar nas afeições do pai (37.3 e notas). O tratamento dos irmãos para com Benjamim e para com seu pai indicaria se eles haviam mudado espiritualmente ou não.

* **42.6 prostraram**. Para preservar suas vidas eles, sem saber,

cumpriram o sonho de José (37.5 e nota).

*** 42.7 não se deu a conhecer, e lhes falou asperamente. Como o**

restante da narrativa mostra, José estava agindo desta forma para averiguar a atitude de seus irmãos e para sanear a discórdia entre eles. Um perdão imediato não levaria ao arrependimento verdadeiro e à cura espiritual dentro da família.

*** 42.8 eles não o reconheceram.** José cresceu de um garoto de

dezessete anos a um homem de quase quarenta (41.46, 47, 54; 45.6, nota).

Ele tinha a aparência de um importante oficial do Egito (41.14, 41-43) e se utilizava de um intérprete (v. 23).

*** 42.11 todos filhos de um mesmo homem.** Ele eram uma unidade familiar e não espiões de uma nação propensa à guerra (cf. Nm 13.2).

*** 42.12 viestes para ver**. Esse interrogatório, com suas acusações repetidas (cf. v. 9) era necessário para o ardil e para extrair informações deles a fim de que José pudesse dar o próximo passo (43.7).

*** 42.13 Eles disseram**. Os irmãos sem dúvida pensavam que os detalhes acrescentados fortaleciam a sua credibilidade.

*** 42.15 pela vida de Faraó.** Os antigos faziam juramentos solenes

pela vida do rei ou o nome de uma divindade (2Sm 15.21; Dt 6.13, nota).

*** 42.18-20** A apresentação de José da escolha — vida ou morte

— surtiu o efeito desejado (v. 21).

* **42.18 pois temo a Deus.** José assegurou aos irmãos de que ele agiria honestamente com eles (20.11, nota).

* **42.21 Na verdade, somos culpados.** Embora falsamente acusados de espionagem, eles viram os egípcios como uma ferramenta da justiça maior de Deus, sendo um meio de puní-los por seu crime real contra José.

não lhe acudimos. Suas consciências despertaram, o comportamento cruel que os irmãos tiveram no passado ressurgiu para lhes incomodar (37.25 e nota).

* **42.24 chorou**. Com a confissão da culpa deles, era possível uma

reconciliação.

* **42.28 Deus nos fez.** A primeira menção explícita a Deus pelos

irmãos; eles viram a mão de Deus trabalhando por trás de suas medonhas

circunstâncias (vs. 21,22).

*
42.34 negociareis na terra. Para não afligir seu velho

mais, José mudou a sua ameaça de morte (vs. 18, 20) para uma promessa de oportunidade econômica.

* **42.37 Mata os meus dois filhos.** Jacó não aceitou a proposta tola

de Rúben. Somente a ameaça de fome somada às garantias oferecidas por Judá mudariam sua opinião (43.1-14).

* **43.1-45.28** O artifício de José começou a mover seus irmãos da indiferença à integridade e lealdade de uns para com os outros (42.21, 22). Esta mudança é manifestada na oferta de Judá em oferecer-se como penhor (43.9) e na sua oferta de sacrificar-se no lugar de Benjamim (44.33). Finalmente, José se faz conhecido a seus irmãos e, considerando seus pecados à luz do propósito de Deus, ele os perdoa (cap. 45).

* **43.1-34** Através de José, o misericordioso (v. 14), provisor 23), e

gracioso (v. 29) Deus dos patriarcas começa a trazer paz àquela família dividida (vs. 23, 26-28). Ver nota no capítulo 42.

* **43.3 Judá.** Outro irmão precisou se manifestar depois

definitiva feita a Rúben (42.37, 38; cf. 49.3, 4). Com sua liderança rejeitada, Rúben é doravante ofuscado por José (que assume os privilégios de primogenitura, 37.8, nota) e por Judá (que agora toma o lugar de responsabilidade de Rúben pelos onze irmãos e de cuja tribo real viria o Messias, vs. 8, 9; 49.10).

* **43.8 vivamos e não morramos.** Uma referência à fo

1) que ao mesmo tempo lembra a ameaça de José (42.18-20, 34 e nota).

* **43.11 presente**. Ver nota em 32.13.

* **43.14 Deus Todo-poderoso.** Ver nota em 17.1.

* **43.26 prostraram-se.** Ver 37.5-11. No seu primeiro encontro eles se

curvam em submissão (42.6); e agora eles se curvam em homenagem com tributos em suas mãos (v. 28; Mt 2.11).

* **43.29 Deus te conceda graça.** José reservou uma saudação

especial para seu amado e verdadeiro irmão (cf. Nm 6.25; Rm 1.7).

* **43.32 hebreus.** Ver 14.13 e nota; 39.14; 41.12.

abominação para os egípcios. Como pastores palestinos, os hebreus tinham práticas alimentares diferentes e matavam para comer animais que eram sagrados para os egípcios (46.34 e nota). Tais costumes serviram ao propósito divino de isolar os israelitas na terra de Gósen, impedindo sua assimilação da cultura egípcia pagã (nota em 38.1-30).

* **43.33 se maravilhavam.** A designação dos lugares dos irmãos

(pela ordem de seu nascimento) naturalmente os deixou perplexos.

* **43.34 de Benjamim era cinco vezes mais.** Esta demonstração de

favoritismo para com Benjamim (v. 29, nota; cf. 37.3-11) tinha o propósito de testar os irmãos na sua inveja. Seu comportamento ("beberam e se regalaram com ele") indicou que seu arrependimento fora genuíno.

* **44.2 meu copo... pô-lo-ás**. José estava submetendo seus irmãos

no teste final de fidelidade familiar.

do saco do mais novo. O crime original fora contra José, o filho de Raquel e favorito de Jacó, com os irmãos vendendo-o à escravidão no Egito. Para testar os irmãos, José brilhantemente criou uma situação onde o outro filho de Raquel (e favorito de Jacó), Benjamim,

foi também ameaçado com a escravidão no Egito.

* **44.5 faz suas adivinhações**. A hidromancia, uma forma de

adivinhação do antigo Oriente Próximo, fazia uso de recipientes de água. Objetos ou líquidos colocados na água geravam padrões que se acreditava

ser o futuro revelado. Esta descrição e a declaração de José no v. 15 não indicam que ele realmente praticava a adivinhação pagã; esta descrição era necessária para o ardil e identificava o copo de prata como uma possessão altamente estimada (cf. 42.7, 12). José recebia revelações tão somente de Deus (40.8 e nota; 41.16).

* **44.10 será meu escravo.** A modificação de José da oferta do irmão (v. 9) era necessária: ele estava testando a sua atitude com relação a fazer de Benjamim um escravo (v. 17 e nota).

* **44.13 rasgaram as suas vestes.** Esta exibição de profunda angústia demostra sua afeição tanto ao pai quanto ao irmão.

* **44.14 prostraram-se em terra.** Agora eles se prostram diante de José pedindo por misericórdia (43.26, nota).

* **44.15 adivinhar.** Ver nota no v. 5.

* **44.16 a iniqüidade de teus servos.** Judá entendeu a pena

iminente como punição pelo seu tratamento com José (42.21 e nota).

* **44.17 homem... será meu escravo.** O palco para o grande teste

estava montado (v. 2, nota). Eles demonstrariam compaixão pelo seu pai e lealdade para com o irmão de José?

* **44.18 Judá.** Representando os irmãos (43.3, nota).

* **44.33 em lugar do moço.** Este é um Judá muito diferente daquele que vendeu seu irmão à escravidão (37.26, 27). O amor sacrificial de Judá prefigura a expiação vicária de Cristo que, por seu sofrimento voluntário, uniu o abismo entre Deus e os homens.

* **44.34 veja eu o mal.** Ver 37.34, 35.

* **45.1-28** Nesta narrativa de perdão e reconciliação, José apresenta

um modelo de submissão ao propósito eterno e benevolente de Deus (vs. 58). Todo o mal praticado contra ele por seus irmãos era apenas parte do plano secreto de Deus, arquitetado para o bem, não só de José, mas também de seus ímpios irmãos. Nós aprendemos que "todas as coisas cooperam para o bem" a fim de alcançar o excelente propósito de Deus (Rm 8.28), não apenas para nós que no presente "amamos a Deus", mas para a "grande multidão" que vai formar a cidade eterna (Ap 7.9).

* **45.5-8** Esses versos, com a afirmativa repetida de José "Deus me

enviou" (vs. 5, 7, 8), formam o âmago teológico da narrativa de José (cf. 50.19-21; At 7.9-14). Deus superviona o curso da ação humana para atingir seus bons e determinados propósitos (At 2.23; 4.28).

* **45.5 não... irriteis contra vós mesmos.** José desviou os olhares

deles de seus próprios pecados para a graça de Deus (50.19).

* **45.6 dois anos.** José tinha agora trinta e nove anos de idade

(41.16; 42.8, nota).

* **45.7 sucessão.** Ou "remanescente" (referência lateral). O uso

deste termo por José indica sua grande fé, testada por duras

experiências, na fidelidade de Deus às promessas de sua aliança. A partir deste pequeno e vulnerável grupo seria construída uma grande nação (12.1-3; 17.7). Os profetas iriam mais tarde usar este termo para afirmar que mesmo em circunstâncias de provação Deus iria sempre preservar um povo para si mesmo (Is 10.20; 37.30-32; Mq 2.12, 13).

* **45.8 não fostes vós. e sim Deus.** Sem pretender desculpar o

pecado deles, para o qual foi necessário arrependimento (42.4, nota), José encoraja os pecadores contritos a se regozijarem pelo controle soberano e gracioso de Deus sobre suas más intenções.

* **45.10 terra de Gósen.** Uma região ao nordeste do Egito nas

proximidades do Wadi Tumilat no delta do Nilo. Esta região fértil dava amplas pastagens para seus rebanhos (v. 18; 47.4, 6).

* **45.22 vestes festivais.** Em um contraste marcante com a ocasião em que eles despiram José de sua veste (37.23).

* **45.24 Não contendais**. Os irmãos não deveriam contender entre si, acerca de sua responsabilidade pelo crime praticado contra José, e de como explicariam isto a seu pai.

* **46.1-50.26** Esta seção final da "história de Jacó" (37.2) nos dá uma transição para o livro de Êxodo (Introdução: Características e Temas).

* **46.1 ofereceu sacrifícios**. Berseba foi o lugar da adoração de Abraão (21.32, 33), Isaque (26.23-25), e Jacó (28.10-15).

* **46.2 Falou Deus.** Novamente, na partida de Jacó da Terra Prometida, Deus repetiu sua promessa de estar com ele e de trazer o povo de volta (28.15).

em visões, de noite. De tempos em tempos os patriarcas serviam

como profetas (12.7; 15.1; 18.17; 20.7 e notas). Não são registradas quaisquer visões aos doze filhos de Jacó com relação às promessas da aliança sobre descendência ou terras.

* **46.3 Eu sou Deus, o Deus.** Deus repetiu suas encorajadoras promessas feitas a Isaque (26.24) e Jacó (28.13-15).

lá eu farei de ti uma grande nação. Uma repetição da promessa da aliança feita a Abraão (12.2; 15.13, 14; 18.18; cf. Êx 1.7).

* **46.4 A mão... fechará os teus olhos.** Ver referência lateral. Uma palavra de conforto para o idoso Jacó, de que ele morreria em paz na presença de José (50.1; cf. 15.15).

* **46.8-27** Esta lista dos filhos de Jacó e dos filhos destes encerra o período patriarcal em Canaã e forma a transição para o êxodo do Egito (Êx

1.1-7). A lista inclui os filhos e netos de Jacó (alguns dos quais nasceram no Egito) das suas muitas esposas e concubinas, embora suas filhas, exceto Diná (v. 15) e Sera (v. 17), sejam omitidas. A lista, portanto, foi feita com o propósito de culminar no significativo número setenta (v. 27, nota), para mostrar a bênção de Deus sobre a família e para prenunciar a sua expansão tornando-a em uma grande nação.

* **46.8 que vieram para o Egito.** Esta lista inclui os filhos de

Benjamim, que provavelmente nasceram no Egito (vs. 21,27), da mesma forma que a lista daqueles que nasceram em Padã-Arã (35.23-26) incluía Benjamim, que obviamente nasceu em Canaã (35.26, nota). A descendência era considerada já presente nos pais (cf. Hb 7.9, 10).

* **46.10 Oade.** Talvez uma adição desapercebida de um escriba, este

nome é omitido em Nm 26.12 e 1Cr 4.24.

* **46.15 Padã-Arã.** Ver nota em 25.20.

trinta e três. O total da descendência de Jacó através de Lia — seis filhos, vinte e cinco netos, dois bisnetos, e a filha Diná — são trinta e cinco. O número trinta e três pode refletir a omissão de Er e Onã (v. 12), ou talvez de Oade (v. 10, nota) e Jacó.

* **46.26 sessenta e seis.** A soma de trinta e três (v. 15 e nota),

dezesseis (v. 18), quatorze (v. 22), e sete (v. 25) totaliza setenta. O número de sessenta e seis pessoas provavelmente reflete a omissão de Er e Onã (v. 12) e Efraim e Manassés (vs. 20, 27).

* **46.27 setenta.** A família da aliança é representada pelo número

simbólico setenta (vs. 8-27, nota), significando um número grande e completo (cf. cap. 10, nota; Êx 24.1; Sl 90.10). Neste grupo de setenta, está compreendida a emergente nação de Israel.

A Septuaginta (o Antigo Testamento grego) adiciona cinco filhos e netos de Manassés e Efraim no v. 20 e dá um total de setenta e cinco, a versão

seguida por Estevão em Atos 7.14. Tais variações acontecem ocasionalmente no Antigo Testamento grego e nem sempre temos a informação necessária para explicá-las.

* **46.28-47.31** Pela sabedoria de José Deus preservou Israel em

Gósen, fisicamente, dando-lhes alimento e terras (45.10, nota), e espiritualmente, isolando-os dos egípcios pagãos até o êxodo (43.32; Nm 25.1-3 e notas). Sob a bênção de Jacó ao Faraó (47.7, 10; cf. 12.2) e com o Faraó honrando a Israel (45.17-20; 47.6; cf. 12.3) todos prosperaram: Faraó ganhou o controle de toda a propriedade e de todo o povo de Egito (47.1921), os egípcios saudavam a José como um salvador (47.25), e Israel prosperava ainda mais que os egípcios (47.27; Êx 1.7). Essa bênção e prosperidade mútuas se contrastam

com a situação quatrocentos anos depois quando outro faraó amaldiçoou a Israel e foi amaldiçoado (Êx 1.8-14).

* **46.32 pastores.** Sua identidade como pastores garantia a Faraó que eles não tinham ambições sociais ou políticas debaixo dos auspícios de seu irmão, e ajudaria a separá-los de casamentos com os egípcios (v. 34; 43.32 e notas). Essa última ameaça aumentou quando passaram a possuir propriedades no Egito (47.11).

* **46.34 todo pastor de rebanho é abominação.** Os egípcios também tinham rebanhos (47.6; Êx 9.3, 4); o texto provavelmente se refere a pastores estrangeiros (43.32, nota).

* **47.7-10** Nesta importante audiência com o poderoso Faraó — o maior costumeiramente abençoa o menor (14.19 e nota) — o idoso patriarca pastor demonstrou sua dignidade. Sua bênção se cumpriu nos vs. 13-25.

* **47.9 peregrinações.** A palavra hebraica denota uma residência temporária, a condição de um estrangeiro residente. Jacó descreveu sua própria vida, e a de seus pais, como de um viajante (21.34; 24.3; 26.3 e notas). Embora esperando pelo cumprimento da promessa divina da aliança de terra, sua esperança se estendia além de Canaã, para um país celestial e eterno, para uma “cidade... da qual Deus é o arquiteto e o edificador” (Hb

11.10). Ver notas em 13.15 e Hb 11.8-10.

poucos e maus. Jacó não se gloriou no número de seus anos. Embora abençoado por Deus e uma bênção para outros, ele teve a sua parte em falhas e aflições humanas.

* **47.11 terra de Ramessés**. Tomando por certa uma data bem antiga para o êxodo do Egito (Introdução a Êxodo: Dificuldades de Interpretação), esta designação da terra de Gósen, com o nome do Faraó Ramessés II (c. 1304-1236 a.C.), indica que o nome do lugar foi atualizado depois dos tempos de Moisés (14.14, nota; Introdução:

Data e Ocasião).

* **47.13-26** José trouxe todo o dinheiro, terras e povo para debaixo do

poder do Faraó em troca de alimento, e preservou os egípcios.

* **47.21 o escravizou de uma a outra extremidade.** É o resultado da política de José — a servidão para o povo. No entanto, o povo considerava José, não como tirano, mas como um salvador (v. 25; cf. 45:7).

* **47.27-**
31 Tendo testemunhado a fidelidade de Deus, pela fé

contemplava para além de sua morte no Egito, visualizando o seu sepultamento na Terra Prometida.

* **47.27 tomaram possessões, e foram fecundos... se multiplicaram.** Em cumprimento à promessa divina (46.3 e notas). A independência e prosperidade dos israelitas se contrasta com o destino dos egípcios (vs. 13-26, nota). Essa descrição também nos fornece um elo com Êx 1.7.

* **47.29 José.** Jacó mais adiante repetiu a ordem a todos os seus

filhos em 49.29-32, porém, José era o líder (48.1, nota).

ponhas a mão debaixo da minha coxa. Ver nota em 24.2.

* **47.30 no lugar da sepultura deles.** Pela fé Israel viu seu destino

na Terra Prometida, não como um corpo embalsamado na melhor terra do Egito (v. 11; 50.2).

* **47.31 Jura-me.** Jacó pediu a José que confirmasse a sua promessa

(v. 30) com um juramento solene. Da mesma forma, Deus demonstra a segurança da sua aliança graciosa com um juramento (15.8-21; 22.17; Hb 6.13, 14, nota). Para o cumprimento do juramento de José veja 50.1-14.

se inclinou. Uma expressão de reverente ação de graças a Deus por ver que seu último desejo seria cumprido (cf. 1Rs 1.47, 48).

* **48.1 Manassés e Efraim.** José recebeu os direitos de

primogenitura e a porção dupla através da adoção de seus dois filhos por Jacó, que os elevou à posição de pais fundadores entre as doze tribos de Israel (37.8; 43.3; 1Cr 5.2 e notas). O ritual de adoção incluía as declarações de autoridade de Jacó (vs. 3-4), e a intenção de adotar Efraim e Manassés (vs. 5-7), a imposição tradicional das mãos (vs. 8-12), e palavras de bênção (vs. 15-16). Um texto antigo da cidade de Ugarit (Ras Shamra) descreve uma adoção semelhante de um neto (cerca de 1500 a.C.).

* **48.3 O Deus Todo-poderoso**. Ver nota em 17.1.

apareceu... me abençoou. A revelação direta de Deus da bênção da aliança a Jacó deu a este o poder para legitimar os dois filhos de José para serem contados entre os doze (v. 5) e para abençoar as doze tribos (48.549.28). Esta preferência por José, dando-lhe a porção dupla, reafirmou a prerrogativa soberana de Deus de fazer o que lhe apraz com Israel (Introdução: Características e Temas).

em Luz. Ver 28.19.

* **48.4 fecundo. multiplicarei. terra.** Jacó resume em poucas

palavras o conteúdo das promessas da aliança aos patriarcas (12.1-3, 7; 13.14-17; 15.12-21; 17.4-8; 22.15-18; 28.3, 4, 13-15).

* **48.5 Efraim e Manassés.** Efraim, o mais novo, é

novamente preferido diante do mais velho (vs. 17-20; 25.23 e nota).

Rúben e Simeão. Os dois filhos de Lia são mencionados porque são preteridos a fim de que a porção dupla seja dada a José, o primogênito de Raquel. Rúben perdeu seu direito como primogênito porque corrompeu o leito matrimonial de seu pai (35.22; 43.3, nota; 49.3, 4).

* **48.6 será tua; segundo o nome de um de seus irmãos.** Os outros filhos de José não foram adotados por Jacó, mas seriam incluídos nos clãs de Efraim e Manassés. Esses outros filhos mais jovens de José provavelmente estão incluídos em Nm 26.28-37; 1Cr 7.14-29.

* **48.7 Padã.** Ver nota em 25.20.

Raquel. Embora Lia tenha sido enterrada no túmulo da família (49.31; cf. 35.16-20, Raquel é honrada e lembrada na porção dupla dada a seu primogênito.

* **48.8 Quem são estes.** A identificação dos beneficiários era uma parte do ritual da bênção (v. 1, nota). O quase cego Jacó (cf. 27.1) cuidadosamente identificou os que receberiam a bênção irrevogável (27.7, nota).

* **48.9 que Deus me deu.** José, que compartilhava da fé de seu pai, deu a mesma resposta que Jacó dera a Esaú a uma pergunta semelhante (33.5; cf. 41.51, 52 e nota).

* **47.10 os beijou e abraçou.** Uma parte do ritual da bênção (27.26 e nota).

* **48.11-16** Na bênção a perspectiva de Jacó muda de ação de graças pela fidelidade de Deus à aliança e sua provisão miraculosa (v. 15) para a antevisão da fidelidade e bênção de Deus às futuras gerações (v. 16).

* **48.12 José... inclinou-se.** Aquele que ocupava o segundo lugar abaixo do Faraó (41.40) humilhou-se diante do patriarca que mediava as promessas de Deus.

dentre os joelhos. No antigo Oriente Próximo, os joelhos eram um símbolo de cuidado paternal e, por extensão, de adoção (30.3, nota).

* **48.14 mão direita.** No antigo Oriente Próximo as declarações orais eram acompanhadas pela colocação correta da mão direita, uma ação que funcionava como uma garantia legal. Esta é também a primeira vez nas Escrituras onde a bênção é acompanhada por imposição de mãos (cf. Sl 139.5; Mt 19.13-15).

* **48.15 abençoou a José**. José foi representado em seus dois filhos. José foi mais tarde abençoado sem a distinção de seus dois filhos (49.2226). Ver nota em 27.7.

em cuja presença andaram meus pais. Ver nota em 17.1.

* **48.16 o Anjo.** Ver nota em 16.7; 28.12; 31.11; 32.1, 22-32.

* **48.17-20** Uma nota explicativa adicionada aqui ao ritual para não interromper a narrativa (v. 1, nota).

* **48.19 o seu irmão menor será maior.** Contra a convenção social, o mais novo é abençoado, como na escolha divina de Isaque sobre Ismael (17.18, 19), Jacó sobre Esaú (25.23), e José sobre Rúben (v. 1, nota). A escolha soberana de Deus sobrepassa o caminho natural do homem (cf. Is 55.8, 9).

* **48.20 Efraim adiante do de Manassés.** A bênção profética de Jacó se cumpriu depois do êxodo quando Efraim se tornou a tribo Israelita dominante na região do norte da Terra Prometida (Dt 33.17, nota).

* **48.22 um declive montanhoso.** A palavra hebraica assim traduzida

(shechem) comumente significa "costas” ou "cume” (referência lateral) e é idêntico ao nome do lugar "Siquém” (33.19). Alguns entendem que isto é uma referência à porção dupla na terra prometida que José recebeu através de Efraim e Manassés (v.1, nota). Outros entendem que Jacó legou em testamento a área de Siquém, onde ele havia comprado uma área (33.18,

19), a qual seus filhos mais tarde conquistaram (34.25-31) para os descendentes de José (Js 24.32).

*** 49.1-28** As bênçãos do patriarca inspirado profetizaram o destino das

doze tribos que descendiam de seus filhos, em sua maior parte por intermédio de trocadilhos com seus nomes ou através de comparações com animais. Os nomes e as ações (boas ou más) dos doze filhos prenunciavam o destino de cada tribo. Essas bênçãos proféticas no final do período patriarcal foram organizadas de acordo com as mães — os seis filhos de Lia (vs. 3-15), os quatro filhos das servas (vs. 16-21); e os dois de Raquel (vs. 22-27) — e exibiam a soberania de Deus sobre a nação. Elas serão expandidas mais tarde na "bênção de Moisés (Dt 33), conferida no limiar da conquista da terra.

*** 49.1 dias vindouros.** As profecias de Jacó englobam toda a história

de Israel desde a conquista e distribuição da terra até o reino do Messias, Jesus Cristo (v. 10 e nota). Ver Nm 24.14; Dt 31.28, 29; Is 2.2.

*** 49.3-7** As profecias sobre os primeiros três filhos de Lia: Rúben,

Simeão e Levi, anunciam o castigo por faltas cometidas e não usam comparações com animais. As iniqüidades dos pais são visitadas nos filhos (Êx 20.5).

* **49.3 Rúben.** Ver 29.32; 35.22 e nota. A herança de um filho no antigo

Oriente Próximo não poderia ser alterada por uma decisão arbitrária do pai, mas tais mudanças poderiam ser feitas se ocorressem sérias ofensas sexuais do filho contra a família.

* **49.4 Impetuoso.** O comportamento de Rúben foi negligente e

destrutivo. O termo em hebraico aqui denota orgulho e presunção (cf. Jz 9.4;

1 Cr 5.1,2).

* **49.5 Simeão e Levi.** Ver 29.33, 34; 34.25 e nota.

* **49.7 dividi-los-ei... espalharei.** Compartilhando de uma inclinação a

uma ira e crueldade destrutivas, Simeão e Levi constituíam-se numa ameaça à paz (34.25-31). Após o êxodo do Egito, a tribo de Simeão diminuiu em importância e não foi mencionada na bênção de Moisés (Dt 33). Simeão não recebeu uma herança separada na Terra Prometida, mas à essa tribo foram destinadas cidades pertencentes à herança de Judá (Js 19.1-9). Semelhantemente, a tribo sacerdotal de Levi recebeu cidades por toda a terra (Js 21.1-42).

* **49.8 Judá.** Ver 29.35; 43.3 e notas.

teus irmãos te louvarão. As tribos se prostraram diante do descendente de Judá, Davi, por causa dos seus feitos heróicos (2Sm 5.1-3).

*

49.9 leãozinho. O termo significa força, coragem, e o (Jz 14.18;

Pv 28.1). O leão era um símbolo adequado para os reis guerreiros da linhagem real davídica de Judá culminando no Messias conquistador, Jesus Cristo (Ap 5.5).

*

49.10 cetro não se arredará. Uma profecia que foi

aperfeiçoada e confirmada pela aliança davídica (2Sm 7.16).

até que venha Siló. O sentido exato desta expressão é incerto. Alguns entendem "Siló" como sendo o nome de um lugar ("reuniu-se toda a congregação dos filhos de Israel em Silo", cf. Js 18.1) ou como uma referência ao tributo ("até que o tributo seja trazido a Judá"). De maneira mais admissível (e consistente com as traduções antigas), outros entendem que este termo seja uma referência à vinda de um governante judaico: "até que venha aquele a quem ela pertence de direito" (cf. Ez 21.27) ou "até que Siló [possivelmente um termo messiânico] venha". A menção posterior de domínio sobre "povos" aponta para a realização final desta profecia no reino

universal de Cristo (1Co 15.24-28; Ap 5.5). O plano de Deus para o homem de governar e ter domínio (1.26-28) está concentrada nele.

* **49.11, 12** A bem-aventurança do governante messiânico é

representada pelo vinho (um símbolo de prosperidade, 27.28) e pela sua beleza (Sl 45.2-9).

* **49.11 filho da sua jumenta.** Ver Zc 9.9; Mt 21.7.

* **49.13 Zebulom.** Ver 30.20; Dt 33.18,19, 20; Js 19.10-16.

* **49.14 Issacar.** Ver 30.18.

* **49.15 trabalho servil.** Tendo falhado em expulsar os cananeus para

fora do seu território, a tribo de Issacar aparentemente desejava negociar sua liberdade em troca de trabalho forçado (cf. Jz 1.28, 30). Issacar livrou-se do jugo cananeu sob a liderança de Débora e Baraque (Jz 5.15).

* **49.16 julgará o seu povo.** Ou, trazer justiça à eles. Ver 30.6.

* **49.17 serpente.** Embora pequena, Dã era perigosa e subitamente

atacava para derrubar inimigos maiores (Jz 18). O danita Sansão, sozinho, derrotou os filisteus (Jz 13-16).

* **49.18** Uma breve oração em meio aos oráculos.

* **49.19 Gade.** Este versículo consiste num jogo de palavras (quatro das

seis palavras hebraicas tem som semelhante a "Gade") indicando o constante perigo a que Gade estava exposta por causa dos seus vizinhos ao sul e ao leste (Amom e Moabe).

* **49.20 pão... delícias.** Uma referência à sua terra fértil (Dt 33.24; Js

19.24-31). Ver 30.13.

* **49.21 Naftali.** Ver 30.8; Js 19.32-38.

* **49.22 José.** Ver 30.24; 48.15-20.

frutífero. A estéril Raquel produziria a tribo mais frutífera (30.2, 22; 41.52).

se estendem sobre o muro. Os filhos de José mais tarde procurariam aumentar seu território (Js 17.14-18).

* **49.24, 25** Note a admirável multiplicação de nomes divinos.

* **49.24 Pedra.** A segura defesa de Israel (Dt 32.4, nota).

* **49.25 Todo-Poderoso.** Ver a nota em 17.1.

abençoará. A raiz hebraica para "abençoar" é usada seis vezes neste versículo. Essas bênçãos significavam a fertilidade da terra alimentada pela água vinda do céu e das profundezas da terra (1.6-8 e nota) e a fertilidade do corpo ("seios e da madre"; 1.22; cf. Nm 24.5-7). As bênçãos outorgadas aos homens na criação achavam-se concentradas em José.

* **49.26 distinguido.** Ver a nota em Dt 33.16.

* **49.27 Benjamim é lobo.** Ver 35.18. Esta tribo posteriormente teria a

reputação de um guerreiro feroz (Judg. 20.14-25).

* **49.29—50.26** Crendo nas promessas de Deus feitas a Abraão e Isaque acerca da Terra Prometida (13.15 e nota), Jacó pediu para ser enterrado com eles em Canaã (49.29-32; cf. 47.29-31). José também havia instruído a sua família para enterrá-lo na Terra Prometida depois do êxodo (50.24-26; cf. Js 24.32). O enterro de Jacó na caverna de seus pais, e a determinação de José para ser enterrado em Canaã destacam a solidariedade da família da aliança e apontam adiante para o êxodo do Egito. A unidade da família será enfatizada adiante pelas bondosas palavras de José e suas provisões para os seus irmãos que haviam lhe causado mal (50.15-21).

* **49.29 na caverna.** Ver o cap. 23; 25.9 e notas.

* **50.2 embalsamassem.** Uma prática egípcia destinada a preservar o

corpo após a morte e desta forma conservar a identidade pessoal na vida pós-morte. Não existia essa prática em Israel. Aqui o intento é o de preservar o corpo para ser transportado para Canaã.

* **50.4 falou José à casa de Faraó.** Logo após ter chorado a morte de

seu pai (Dt 34.8, nota), a aparência de José provavelmente não era adequada para se apresentar diante de Faraó (cf. 41.14).

* **50.5 abri para mim.** A palavra hebraica traduzida por "abri" também

pode significar "comprei" (cf. cap. 23). Se for seguida a leitura do texto, José simplesmente expressou as instruções de Jacó em palavras que Faraó pudesse compreender.

* **50.9 carros como cavaleiros.** A proteção dada à cerimônia fúnebre

pelo exército egípcio contrasta-se com a ameaça dos carros egípcios durante o êxodo mosaico (Ex 14.9; 15.4, 5).

* **50.16 ordenou.** Não fica claro se Jacó realmente disse isto ou se os

irmãos amedrontados simplesmente inventaram. De qualquer forma, sua súplica por perdão foi baseada na adoração do mesmo Deus (v. 17).

* **50.19 estou eu em lugar de Deus.** José reconheceu que seu

cativeiro tinha sido parte do plano gracioso de Deus para salvar a família da aliança (45.5-8); não cabia a ele questionar a sabedoria de Deus.

*** 50.20 vós... intentastes o mal... Deus o tornou em bem. Uma**

afirmação clássica da soberania de Deus governando a história do homem para realizar seus propósitos graciosos (24.27; 45.5, 7, 8 e notas). Ver "Providência", índice.

se conserve muita gente em vida. No Egito, Canaã, e em qualquer outro

lugar (41.57).

*** 50.23 José... seus joelhos.** Ver as notas em 30.3 e 48.12. José

aparentemente adotou seus tataranetos.

*** 50.24 Deus certamente vos visitará.** Assim como seu pai Jacó em

seu leito de morte (48.21), José expressou firme confiança nas promessas da aliança de Deus e sua visitação graciosa. O verbo hebraico traduzido por "visitar" denota um encontro divino que mudará a vida de alguém para o bem ou para o mal. Quanto a outros exemplos da "visitação" graciosa de Deus, ver 21.1 (Abraão e Sara); Ex 3.16 e 4.31 (o êxodo); Lc 1.68, 78 (o nascimento de Jesus); e At 15.14 (a extensão do evangelho aos gentios).

Abraão... Isaque... Jacó. Pela primeira vez os três patriarcas são mencionados juntos; esse período passou, mas não a sua esperança (Ex 3.6; Dt 30.20; 1 Rs 18.36; 2Cr 30.6).

*** 50.25 transportar os meus ossos.** Os ossos de José foram tirados

do Egito por Moisés (Ex 13.19), e mais tarde foram sepultados em Siquém (Js 24.32).

Êxodo

* **1.1-4** Os livros de Êxodo e Gênesis estão ligados entre si por esta

introdução (Gn 46.8-27). A promessa de Deus a Abraão foi cumprida pela frutificação de Israel (Gn 12.1).

* **1.5** **setenta**. Ver notas em Gn 46.15-27. O número daqueles

que entraram no Egito às vezes é dado como 75 (referência lateral; At 7.14), e essa diferença depende de quem é contado. O texto da Septuaginta (o Antigo Testamento traduzido para o grego) adiciona mais cinco os descendentes masculinos de José, dando assim um total de setenta e cinco. Contando-se as mulheres e as crianças, o número total era de mais de cento e cinqüenta.

* **1.7** **aumentaram muito, e se multiplicaram. Os termos**

"fecundos", "aumentaram muito" e "a terra se encheu deles" nos fazem lembrar Gn 1.26-28. Dessa maneira, Israel cumpriu o mandato dado à humanidade em Gn 1. A terra provavelmente era a terra de Gósen, na parte noroeste do Egito, no Wadi Tumilat, no delta, um vale que tinha entre 48 e 64 km de extensão (cf. Gn 47.4).

* **1.8-22** A multiplicação de Israel levou a serem eles oprimidos por

parte dos egípcios.

* **1.8 novo rei.** O começo de uma nova era foi assinalada pelo advento de um novo Faraó. Esse novo rei do Egito pode ter sido Amosis I (1570 - 1546 a.C.), da XVIII dinastia, que expulsou os hicsos, os governantes semitas do Egito, de 1700 a 1550 a.C. (Introdução: Data e Ocasião, At 7.18 nota).

* **1.11 Pitom e Ramessés.** Essas cidades para guardar provisões

agrícolas e suprimentos militares estavam localizadas na estratégica região do delta do Nilo. Pitom, provavelmente, estava localizada no moderno Tell er-Ratabah ou Tell el Maskutah, ao passo que a cidade de Ramassés é identificada com a moderna Qantir. Esse item aparece demasiadamente cedo

no ciclo da opressão para ser identificado como obra de Ramessés II (1304— 1236 a.C.), que é geralmente identificado como sendo o Faraó do Êxodo (ver Introdução: Dificuldades de Interpretação: Gn 47.11, nota). O único outro rei com o reinado necessário de quarenta anos foi Tutmés III (1504—1450 a.C.). Na dinastia XXIX o termo "Faraó" (egípcio para "casa grande") tornou-se um título real no Egito. Antes disso, o nome era sinônimo de autoridade governamental.

* **1.14 lhes fizeram amargar a vida.** A amarga opressão egípcia

foi mais tarde lembrada através das ervas amargosas da refeição da páscoa (12.8).

* **1.15 hebréias.** Ver nota em Gn 14.13.

parteiras. Duas parteiras para servirem tão numerosa população parece muito pouco; elas podem ter sido líderes das parteiras. Seus nomes são de origem semita, e o v. 15 identifica-as como israelitas.

* **2.1 um homem.** A sorte de Israel dependia de um membro da

família desse homem. Moisés tem uma irmã (v. 4) e um irmão (7.7) mais velhos. Seus pais, Anrão e Joquebede eram sobrinho e tia (6.20).

* **2.2 vendo que era formoso.** Moisés era uma criança

saudável, que provavelmente sobreviveria. Jesus Cristo, o antítipo de

Moisés, e fundador do novo Israel, também nasceu sob um edito de morte e foi miraculosamente poupado no Egito (Mt 2.13-23).

*** 2.3 cesto de junco.** Um caixa de juncos de papiro trançados,

emplastrada com piche, para torná-la impermeável (cf. Jó 9.26 e referência lateral; Is 18.2). Moisés talvez seja retratado como um segundo Noé — o termo hebraico aqui traduzido como "cesto" foi usado para indicar a arca de Noé, em Gênesis 7—9. Sargão, de Acade (c. de 2350 a.C.), segundo se dizia, teria sido exposto em uma caixa semelhante, e deixado a flutuar no Eufrates.

*** 2.5 a filha de Faraó. Alguns pensam que essa princesa tornou-**

se a famosa Hatsepsute, a rainha de Tutmés II, e que governou o Egito após a morte de seu marido (1504—1483 a.C.).

*** 2.10 Moisés. O nome é semita (referência lateral), embora**

também fosse compatível com o nome egípcio *Mose,* **que significa "é nascido" (p.ex.,** *Tutmose,* **que quer dizer "Tute é nascido"). Há evidências de que nomes semitas não era incomuns na corte real, sendo possível que à criança tenha sido dado um nome semítico pela princesa. Ele foi educado na corte egípcia como um promissor jovem nobre (At 7.22).**

*** 2.11-15 Agora, com 40 anos de idade (At 7.23), Moisés se**

identificou com o povo de Deus (Hb 11.24-27). O esforço de Moisés por livrar um israelita da opressão que ele estava sofrendo mostrou-se inútil, quando Moisés procurou ser um juiz em Israel (v. 14).

*** 2.15 Midiã. Talvez o nome de uma antiga confederação tribal**

que operava no deserto da Arábia. Os nômades midianitas

descendiam de Abraão e Quetura (Gn 25.1-6; Nm 10.29-32; Jz 6).

*** 2.16 tirar água. As mulheres fizeram a tarefa difícil e então**

foram enxotadas.

*** 2.17 as defendeu. Essa foi a terceira intervenção de Moisés em**

defesa dos fracos. Os conflitos entre os nômades por causa de direitos sobre a água eram comuns.

*** 2.18 Reuel. Esse nome significa "amigo de Deus". O sogro de**

Moisés era conhecido por dois nomes: Reuel e Jetro (3.1; 4.18). Jetro e Reuel podem ter sido nomes variantes, ou Reuel ter sido um nome de clã.

*** 2.22 Gérson. Ver referência lateral. Moisés não tinha se**

esquecido de seu lar egípcio. No entanto, ele conduziria Israel para fora do Egito para a Terra Prometida do povo de Deus.

*** 2.23 gemiam... clamaram... o seu clamor subiu. O clamor**

angustiado de Israel foi equilibrado por uma quádrupla resposta de Deus. Deus "ouvindo", lembrou-se", "viu" e "atentou" (vs. 24 e 25). Esse sumário prepara-nos para a chamada de Moisés e sublinha o tema do livro da fidelidade divina às promessas da aliança.

*** 3.1 deserto.** Uma área não cultivada, mas capaz de manter

pastagem. De acordo com 34.3 e Nm 10.11, o deserto do Sinai sustentou os rebanhos de Israel por um ano. Horebe e Sinai são termos que possivelmente distinguiam Horebe, como uma cadeia montanhosa, desde o monte Sinai (19.18,20; cf. Dt 4.15).

monte de Deus. Essas palavras descrevem a montanha como um santuário, uma designação que antecipa o cap. 19. Moisés tinha então 80 anos de idade (7.7) e havia estado na terra de Midiã por quarenta anos.

* **3.2 Anjo do SENHOR.** Foi uma teofania, uma manifestação

visível de Deus (v. 4). Ver nota em Gn 16.7.

fogo. O fogo é um freqüente símbolo bíblico para a presença de Deus (13.21; 19.18; Gn 3.24; 1Rs 18.24,38); exprime particularmente a santidade toda-consumidora de Deus (Hb 12.29).

* **3.3 sarça.** Um arbusto literal foi iluminado com fogo

sobrenatural. Deus é transcendental, mas revelou-se na sarça para chamar a Moisés.

* **3.5 santa.** O local foi santificado pela presença de Deus. Ver

19.23; 24.2. A questão de como deve alguém aproximar-se de Deus é crucial no livro de Êxodo. Essa questão foi resolvida no simbolismo do tabernáculo.

* **3.6 Deus do teu pai.** Deus lembrou-se das promessas que

fizera aos patriarcas segundo a aliança e identificou-se como o Deus deles. Ver

* **3.8 cananeus.** Habitantes das terras costeiras siro-palestinas.

heteu. Ver nota em Gn 10.15.

amorreu. Ver nota em Gn 10.16.

ferezeu. Talvez os aldeões que estavam localizados na Palestina central (Js 17.15).

heveu. Ver nota em Gn 10.17.

jebuseu. Os ocupantes originais de Jerusalém, posteriormente deslocados dali por Davi (Gn 10.16, nota; 2Sm 5.6-9).

*** 3.10 Faraó.** Provavelmente Tutmés III (1504—1450 a.C.). Ver

Introdução: Data e Ocasião.

*** 3.11 Quem sou eu.** Moisés se sentia incapaz para a tarefa, tal

como sucedeu a Gideão (Jz 6.15) e a Jeremias (Jr 1.6). Essa foi a primeira de suas objeções (v. 14; 4.1,10).

*** 3.12 sinal.** A chamada de Deus seria confirmada por sua ação

futura. Deus estaria com Moisés para que voltasse àquela mesma montanha para adorar ("servir a Deus"). Tendo servido aos egípcios, os israelitas tornar-se-iam servos de Deus na adoração segundo a aliança com o Senhor.

*** 3.13 Qual é o seu nome.** Moisés previu uma pergunta que seria

feita pelo povo de Israel, e que também era a pergunta dele. Moisés já buscava a auto-revelação de Deus. Se o livramento divino tivesse de ser plenamente apreciado e garantido, aquele que seria adorado naquele monte teria que ser conhecido (33.12 e nota). Um nome pessoal não era apenas uma maneira de tratamento, mas uma descrição do caráter e da personalidade de Deus (Sl

*** 3.14 EU SOU O QUE SOU. O Senhor não pode ser definido ou**

determinado a não ser por si mesmo. Na qualidade de auto-existente, as suas promessas são firmes; ele se revelaria em seus atos de salvação.

*** 3.15 O SENHOR. O original hebraico diz** *Yahweh,* **nome esse**

provavelmente derivado do verbo hebraico para "ser" (o que significa "ele é" ou "ele será"). A primeira pessoa do singular correspondente é 'ehyeh, "Eu sou". Note paralelos: "Eu Sou me enviou a vós outros" (v. 14) e também: "O SENHOR [Yahweh]... me enviou a vós outros" (v. 15). Ver a nota teológica intitulada "Este é o Meu Nome": A auto-revelação de Deus", índice.

assim serei lembrado de geração em geração. Yahweh, o nome divino particularmente associado com o relacionamento entre Deus e Israel segundo a aliança, dali por diante deveria ser usado na adoração. As versões na língua portuguesa do Antigo Testamento usualmente traduzem esse nome como "o SENHOR", seguindo a prática do Novo Testamento, bem como a prática dos judeus, durante o período intertestamentário. Os judeus consideravam esse nome por demais sagrado para ser pronunciado, e quando liam a Bíblia, substituíam-no por outro, *'adonay* **("meu Senhor"). No hebraico, os sinais vocálicos da palavra** *'adonay* **foram juntadas às letras consoantes do nome hebraico** *Yahweh,* **para torná-las pronunciáveis, e essa forma híbrida foi traduzida por "Jehovah", por William Tyndale, em sua tradução inglesa (1530 d.C.) do Novo Testamento. Ali, SENHOR (Yahweh) é aplicado a Jesus (Rm 10.13, citando Jl 2.32).**

*** 3.16 anciãos. Lit., "os barbados". Essas são os cabeças de**

famílias que representariam Israel. Eles se reuniriam para ouvir a respeito da fidelidade de Deus (4.30,31).

*** 3.17 leite e mel. A usual descrição bíblica da terra de Canaã.**

*** 3.18 caminho de três dias. Talvez uma expressão para indicar**

um breve período de tempo.

*** 3.20 prodígios.** Esta menção de feitos extraordinárias antecipa

as pragas (7.14—12.30).

* **3.21 não será de mãos vazias.** Conforme tinha prometido (Gn 15.14), Deus providenciaria para que seus anos de servidão fossem recompensados.

* **4.1-9** Ver "Milagres", em 1Rs 17.22.

* **4.1 Mas eis que.** Temos aqui a terceira objeção de Moisés (3.11, nota). O povo de Israel precisaria ser persuadido. Seria uma tarefa difícil; mas Deus resolvera que Israel creria (3.18). Nada é dito acerca de convencer a Faraó (cf. 6.12).

* **4.2 mão.** A palavra hebraica para "mão" com freqüência subentende poder. Contra a mão opressora do Egito (3.8; 14.30; 18.10), a poderosa mão de Deus se estenderia (3.19,20). Deus usaria a mão de Moisés para mostrar o seu poder. O cajado de Moisés tornar-se-ia o cajado de Deus (v. 20).

* **4.6 leprosa.** Não a hanseníase, mas uma enfermidade cutânea comum da época. Deus mostrava aqui o seu poder de castigar e de curar.

* **4.9 rio.** Ver referência lateral. Este sinal específico não foi necessário para Moisés e não foi usado, embora sua força transpareça na primeira praga (7.20). O rio Nilo era reverenciado como se fosse um deus, e era a origem da vida do Egito. Este sinal significaria a morte potencial do rio Nilo e, portanto, do Egito.

* **4.10 sou pesado de boca**. Temos aqui a quarta objeção. Moisés não

era homem fluente, mas Deus equipa aquele a quem ele chama (Jr 1.9). Deus estava ensinando a Moisés e a seus sucessores que dependessem dele quanto a seus dons. Se Deus fez a boca (v. 11), então ele pode capacitar o homem a usá-la.

* **4.13-16** Deixado sem qualquer desculpa, Moisés ainda tentava

evitar ser comissionado. Mas o Senhor já havia convocado o irmão de Moisés, Arão. O relacionamento entre Moisés e Arão erradia luz sobre a natureza da profecia. Arão seria porta-voz de Moisés, da mesma maneira que um profeta era porta-voz de Deus (v. 16). Ver também 6.30 e 7.1.

* **4.17** **sinais.** As pragas são, novamente, previstas (3.20, nota).

Esses mesmos feitos miraculosos seriam realizados com aquele mesmo cajado.

* **4.19** **são mortos todos os que procuravam tirar-te a vida.**

Incluindo o Faraó egípcio (Introdução: Data e Ocasião).

* **4.20** **filhos.** Gérson (2.22) e Eliézer (18.4).

* **4.21** **lhe endurecerei o coração.** O endurecimento do coração

de Faraó, por parte do Senhor, foi um castigo divino soberano. Acerca de Faraó é dito também que ele endureceu o próprio coração (8.15; Rm 9.17,18). Temos aqui o propósito de Deus de exibir seu poder sobre a hostilidade teimosa do rei, a fim de que seu povo soubesse que ele é o Senhor, o libertador deles (6.6-8).

* **4.22** **Israel é meu filho, meu primogênito. O Senhor reivindica**

Israel como seu filho primogênito, seu amado, um título que, em última análise, se cumpriu na pessoa de Jesus Cristo (Mc 1.11). Essa reivindicação por Deus é a razão dele libertar seu povo e fazer com ele a aliança selada no Sinai ("para que ele me sirva", v. 23). Essa reivindicação resultou na ameaça de Deus contra o primogênito de Faraó (isto é, o primogênito do Egito).

* **4.24 o quis matar.** O original hebraico não fica bem claro. Essas

palavras ecoam o v. 23 e podem referir-se ao primogênito de Moisés, Gérson, e não ao próprio Moisés. Alternativamente, o ataque pode ter sido dirigido contra o próprio Moisés, talvez por ele não haver circuncidado o seu filho.

* **4.25 pedra aguda.** Presumivelmente, um instrumento

cerimonial. Zípora interveio a fim de circuncidar seu filho.

pés de Moisés. Lit., "seus pés"; a palavra "Moisés" foi suprida (cf. v. 24, nota). A conexão entre o ato de Zípora e o "esposo sanguinário" é incerta. A circuncisão, não menos do que a páscoa, requeria o derramamento de sangue para que houvesse purificação e proteção. O Senhor, o Deus dos pais, requer o sinal que ele dera a Abraão (Gn 17.10). Outros exemplos de confrontação divina no começo de uma missão incluem Gn 32.24 e Js 5.13.

* **4.27 te encontrares com Moisés.** Dentro do estilo de narrativa

do hebraico, essa declaração leva o leitor de volta no tempo para explicar o encontro entre Arão e Moisés, antes que Moisés deixasse a região do Sinai.

* **4.30 Arão.** Doravante, Arão funcionaria como porta-voz de

Moisés (vs. 13-16, nota).

* **4.31 creu.** Agora os filhos de Israel criam, conforme Deus tinha

dito que eles fariam (3.18). Eles adoravam a Deus louvando pelos seus cuidados.

* **5.1 Deixa ir o meu povo.** O confronto com Faraó começou

com a exigência de Deus. O povo de Israel pertencia ao Senhor, e não a Faraó.

celebre uma festa. Ver referência lateral. Essa seria uma peregrinação a um santuário, onde seria celebrada uma festa (3.18).

* **5.2 Quem é o SENHOR...?** A pergunta de Faraó seria

respondida pelas pragas.

* **5.3** Depois de apresentar a exigência divina, Moisés e Arão

tentam argumenta racionalmente com Faraó. O Senhor era o Deus dos hebreus; a distância seria apenas uma jornada de três dias; a desobediência à ordem de Deus poderia reduzir seriamente a força de trabalho de Faraó.

* **5.5 O povo da terra.** Posteriormente, esse termo veio a

significar os proprietários de terras de Israel (2Rs 11.18,20; Jr 34.19), mas aqui significa camponeses.

* **5.7 palha.** Os tijolos da época eram muito maiores que os de

hoje em dia; eram moldados de lama do rio Nilo com palha, a fim de aumentar a resistência deles.

* **5.10 superintendentes.** Os feitores dos escravos e os líderes

de seções passavam a ordem pelas fileiras. Durante os eventos dos vs. 6-19, Moisés e Arão não intervieram. Essa esmagadora resposta de Faraó mostra sua supremacia humana.

* **5.15-21** O povo de Israel apela para Faraó em busca de alívio e

queixa-se diante de Moisés e Arão acerca de sua dura sorte.

* **5.21 o SENHOR... julgue.** Não foi essa a última vez em que os

líderes do povo de Israel amaldiçoariam a Moisés por ter ele

obedecido ao mandamento do Senhor.

* **5.22 Moisés... disse.** Na qualidade de mediador, Moisés fala a

Palavra de Deus ao povo, e apresenta diante de Deus a sorte adversa do povo de Israel. Esse padrão é reiterado por todo o Êxodo. A resposta de Deus (cap. 6) assegura que a situação desesperadora daria ocasião para ele entrar em ação poderosamente.

* **6.1 lançará fora.** O poder do Senhor mais do que prevaleceria,

pois Faraó não somente deixaria irem-se os filhos de Israel, mas também os lançaria fora do Egito.

* **6.2-8** Note o uso repetido da fórmula da revelação (autoridade) "Eu sou o SENHOR", nestes versículos (vs. 2.6-8). O uso do nome do Deus da aliança sublinha a certeza das promessas e da fidelidade da aliança (3.15 e notas).

* **6.3 Deus Todo-poderoso. Deus se tinha revelado aos**

patriarcas como o Deus Todo-poderoso (no hebraico, El-Shaddai, Gn 17.1; 28.3; 35.11). No livro de Gênesis, entretanto, o nome *Yahweh* **é muito mais comumente usado, talvez somente para identificar o Deus dos patriarcas como** *Yahweh,* **o SENHOR. Não obstante, enquanto que algumas passagens parecem deixar implícito o uso da palavra** *Yahweh* **desde os tempos mais remotos (ver Gn 4.26; 9.26; 12.8; 24.12), ele não se encontra como um elemento formativo de nomes pessoais** *(Ja-* **ou Jo-) antes dos dias de Moisés, com a possível exceção de Joquebede (6.20). Seja como for, Deus identifica-se como** *El Shaddai,* **o Deus dos patriarcas, mas revelou-se novamente como** *Yahweh,* **o Deus da aliança, que reivindicou e redimiu a Israel, de acordo com seu propósito gracioso.**

* **6.4 minha aliança. Yahweh é também El Shaddai, o Deus de**

Abraão, Isaque e Jacó. Suas promessas da aliança, feitas àqueles antigos patriarcas formam o seu propósito quanto a Israel. A continuidade da aliança é afirmada nos vs. 4 e 5.

*** 6.5 me lembrei da minha aliança. Quando o verbo "lembrar" é**

usado em relação a Deus, quer dizer que ele está disposto a agir com base em suas promessas, e não simplesmente que as estava relembrando. Esta narrativa afirma a inclusão de todo o povo de Israel na Aliança abraâmica.

*** 6.6 vos tirarei... vos resgatarei. A resposta de Deus à queixa**

de Moisés, em 5.22,23. Esse é o âmago da presente seção, uma solene garantia da redenção e da reafirmação da aliança.

resgatarei. Normalmente, esse termo refere-se à restauração dos direitos a um membro da família em desvantagem, mediante o pagamento de um preço ou resgate; tal redenção normalmente era efetuada pelo parente mais chegado (Lv 25.25; cf Rt 4). Israel, como filho primogênito de Yahweh (4.22) foi remido do Egito para ser o próprio povo de Deus. Livramento, redenção e relacionamento pactual são as palavras-chave desta passagem. O âmago da aliança é a

reivindicação de Deus sobre seu povo bem como a reivindicação recíproca que ele permitia que eles fizessem dele.

*** 6.7 meu povo.** Isso antecipa 19.5,6.

*** 6.9-13** Deus renovou aqui a sua exigência de que Israel fosse

libertado. O desencorajamento de Israel e de Moisés mostra-nos que o livramento teria que ser obra de Deus do princípio ao fim. A despeito da promessa renovada de Deus, o povo de Israel não queria ouvir, e o próprio Moisés teve dificuldades em acreditar que sua

missão lograria bom êxito.

* **6.14-27** Nessa seção de transição, Moisés e Arão são formalmente

identificados, e a história do trabalho deles é passada em revista e reiniciada, como preparação para a descrição das dez pragas. A identificação formal é realizada através de uma genealogia que começou por Rúben, filho mais velho de Israel, e então passa para Simeão, seu segundo filho, e, finalmente, chega a Levi. A genealogia de Levi estabeleceu o elo com Moisés e Arão. Entre os levitas, Anrão foi selecionado, e então Arão e Moisés. Os nomes subseqüentes constituem a linhagem sacerdotal de Israel (Nm 25.10-13; 26.57-62). Quanto a Coré, ver Nm 16.1-35.

* **6.20** O registro do casamento de Anrão com sua tia paterna

seria extremamente improvável em uma genealogia fictícia. Esse tipo de casamento foi mais tarde proibido na Lei (ver Lv 18.12). Três mulheres são mencionadas no acompanhamento dessa linhagem: Joquebede, Eliseba e uma filha de Putiel.

* **6.23** **lhe deu à luz.** Nenhum descendente de Moisés é

mencionado, mas os descendentes de Arão continuam, pelas duas gerações seguintes, a estabelecer a sucessão sacerdote de Arão através de seu sucessor, Eleazar. A genealogia abrange somente quatro gerações durante a permanência no Egito, e é claramente seletiva (Gn 5.3-32, nota).

* **6.25** **Putiel... Finéias**. Tal como no caso de "Merari", no v. 16,

esses nomes provavelmente são egípcios, de ocorrência freqüente entre os levitas.

* **6.28—7.7** Esta seção passa em revista e reafirma a comissão de

Moisés, após a sua hesitação inicial (6.12,30). A verdadeira exigência agora evidencia-se: não uma ausência temporária, mas a saída definitiva do Egito.

* **7.1 profeta.** É debatida a origem do vocábulo hebraico

traduzido por "profeta". Talvez signifique "alguém que é chamado". A função de Arão em relação a Moisés demonstra a função de um verdadeiro profeta em relação a Deus (4.13-16, nota).

* **7.2-5** A explicação teológica das pragas é fornecida nas cinco primeiras pragas. A obstinação de Faraó era automotivada (7.22; 8.15,32; 9.7). Lemos que Deus endureceu o coração de Faraó nas pragas de números sete, oito e nove (10.1,20,27). Na sexta praga, a obstinação provém do próprio Faraó (9.35), mas Deus também afirma ter endurecido o coração de Faraó (10.1). O propósito de Deus não era simplesmente julgar a Faraó, mas manifestar o seu poder para salvar o seu povo, a fim de que o seu nome fosse proclamado por toda a terra (9.16; Rm 9.17,18).

* **7.3 coração**. No hebraico temos um termo de sentido amplo,

descrevendo o âmago dos sentimentos, dos pensamentos e da vontade. O Senhor levou o coração de Faraó a endurecer-se (lit., "difícil"), não por haver implantado ali o mal, mas entregando-o à sua má inclinação, sem qualquer restrição (Rm 1.24,26,28). Paulo contrasta o endurecimento com a demonstração da misericórdia (Rm 9.18). O julgamento de Deus contra Faraó resultava em misericórdia para com Israel, para com o Egito e para com as nações, ao testemunharem o poder divino de salvar.

multiplicarei. Ou então: "para que eu possa multiplicar".

os meus sinais e as minhas maravilhas. Estão em foco as nove pragas e os dez milagres de 7.9—11.10, culminando na praga mortal em 12.29,30.

* **7.9 serpente.** A palavra hebraica aqui (diferente da palavra traduzida por "serpente" em 4.3) com freqüência refere-se a um réptil marinho ou monstro fluvial (Gn 1.21; Ez 29.3; 32.2), mas pode referir-se a qualquer réptil volumoso. Trata-se provavelmente de uma grande serpente.

* **7.11 encantadores**. O termo "sábios" indica um gravador ou

escritor, uma pessoa estudiosa. Os mágicos egípcios dependiam dos truques familiares da mágica. Mas Arão dependia do poder divino. Ver nota em 9.11.

* **7.13 como o SENHOR tinha dito.** Ver 4.21; 7.3,22; 8.15,19.

* **7.14—10.29** Uma teoria de causas naturais das pragas não faz justiça

às claras afirmações do texto (7.17; 9.5, notas). Uma ordem específica seria essencial para a explicação das pragas como eventos normais associados às enchentes do rio Nilo, mas nem esta narrativa e nem as listas das pragas em Sl 78.44-51; 105.28-36, sugere tal ordem.

As pragas estão dispostas em três grupos de três (7.14—8.19; 8.20—9.12; 9.13—10.29); a décima praga foi o clímax. As primeiras duas pragas de cada seqüência são precedidas por uma advertência divina; mas a terceira praga ocorre sem aviso prévio. Na primeira praga de cada série, Moisés entrava em contato com Faraó pela manhã; nenhuma outra indicação de tempo é dada quanto às duas outras. As pragas são a resposta ao desafio lançado por Faraó (5.2; cf. 7.5) e a descrição da primeira praga de cada grupo de três anuncia o tema das três pragas e indica seu propósito. Nas pragas de número um até três o tema é a superioridade absoluta do Senhor (e de seus agentes) sobre Faraó e sobre os deuses egípcios (7.16,17).

* **7.14 obstinado.** O endurecimento do coração de Faraó era um

requisito necessário para a demonstração do poder divino (4.21 nota).

* **7.17** O uso da vara no caso das primeiras três pragas e nas três últimas mostra-nos que Yahweh foi o verdadeiro autor delas.

ferirei. Arão feriria (vs. 19 e 20), mas o Senhor é quem realizaria os milagres. O golpe das pragas era desferido pela mão de Deus, por sua vara. Os atos de Arão foram reconhecidos por Deus, não menos do que a palavra que Deus lhe dizia através de Moisés.

sangue. No hebraico, essa palavra nunca denota a cor vermelha, mas sempre o sangue como uma substância. Não está em vista a argila vermelha que desce das terras altas da Etiópia (colorindo as águas do rio Nilo) no tempo das cheias.

* **7.19 águas.** Todas as águas naturais do Egito estavam envolvidas, incluindo os braços naturais do Nilo, os canais de irrigação e as poças formadas pela enchente do rio. O rio Nilo, a fonte da vida agrícola do Egito, era reverenciado como uma divindade. A começar com essa praga, ficou demonstrada a superioridade do Senhor sobre o panteão dos deuses egípcios.

* **7.22 magos.** Ver notas em 7.11 e 9.11.

* **8.3 rio produzirá rãs**. As rãs representavam a deusa primordial Hequete, na vida religiosa do Egito. Aqui, o rio e as rãs alegadamente divinos prodiziram desgraças para os egípcios — outra demonstração da supremacia do Senhor.

* **8.7 fizeram aparecer rãs**. Os magos egípcios puderam tão somente aumentar a aflição (9.11, nota)

* **8.8 deixarei ir o povo.** Faraó, tendo sido pessoalmente

afetado, faz sua primeira concessão. As pragas, entretanto, não tinham por intuito amaciar a sua resistência (7.3), mas magnificar o poder de Yahweh e levar Israel à fé. Faraó era duro e sagaz (vs. 15 e 25).

* **8.16-19** Deus levanta o seu bordão contra a poeira, transformando-

a em uma praga de piolhos (v. 16, referência lateral).

* **8.19** **o dedo de Deus.** Agora os magos egípcios admitem estar

havendo uma intervenção divina (cf. 31.18; Sl 8.3), mas Faraó não se deixou persuadir.

* **8.20** **águas.** A primeira praga da segunda seqüência novamente

encontra Faraó às margens do Nilo (cf. 7.15).

* **8.21** **enxames.** Esta palavra hebraica encontra-se somente aqui

e em Sl 78.45 e 105.31.

* **8.23** **Farei distinção.** Ver referência lateral. Na segunda série

de três pragas, Deus distinguiu entre Gósen e o resto do Egito. Ele mostra o seu favor para com o seu próprio povo. Mais tarde, Faraó investiga o fenômeno (9.7).

* **8.25** Durante a praga das moscas, Faraó ofereceu-se para

barganhar um acordo por menos do que o Senhor requeria. Moisés, regularmente, recusa qualquer transigência; não aceita adorar no próprio Egito e nem fazer uma jornada de menos de três dias deserto a dentro (v. 28); não deixará para trás as mulheres e as crianças (10.9-11), e nem deixará seus rebanhos e manada (10.24). Finalmente, depois de Faraó ter resistido, a libertação por parte do Senhor é total. Israel não somente sai para adorar no Sinai, mas

deixa o Egito e vai para Canaã.

* **8.26 abomináveis.** Os egípcios deificavam os animais costumeiramente sacrificados pelos israelitas.

* **9.3 cavalos.** O cavalo foi introduzido no Egito pelos hicsos (c. de 1700 a.C.).

camelos. Embora esporadicamente usado durante esse período (cf. Gn 12.16), o uso generalizado do camelo, no Egito, só começou bem mais tarde. Talvez camelos usados pelos comerciantes de caravanas, vindos da Arábia e de outros lugares, sejam referidos aqui.

* **9.5 certo tempo.** A praga não ocorrera por mera coincidência. O relato bíblico não dá margem a explicações naturalistas (como uma epidemia de antraz proveniente das rãs mortas).

Amanhã. O prazo marcado sugere que Deus proveu tempo para os egípcios tementes a Deus abrigarem o seu gado (cf. vs. 18 e 19). Nem todo o gado dos egípcios sucumbiu diante dessa praga (vs. 9 e 19).

* **9.6 todo o rebanho**. Visto que a praga seguinte também afeta o gado, esta frase deve designar ou "toda espécie de gado" ou todo o gado que se achava nos campos (v. 5, nota; cf. os vs. 18 e 19).

* **9.7** Ver 8.23 e nota.

* **9.8 mãos cheias.** Isso foi feito na presença de Faraó, a fim de salientar o fato que o evento era sobrenatural.

* **9.11 magos.** A derrota dos mágicos do Egito foi clara desde o

começo, quando o cajado de Arão, que virara serpente, devorou as serpentes por eles produzidas (7.12). Eles foram capazes de imitar a água transformada em sangue, e de produzir rãs; mas só puderam imitar, e não reverter essas pragas (7.22; 8.7). Quando não puderam imitar a produção dos piolhos, disseram a Faraó que as pragas eram julgamentos divinos, e não artes mágicas (8.18,19). Finalmente, os magos egípcios retrocederam, feridos por tumores, derrotados e envergonhados (9.11).

* **9.14** Essas pragas (lit., "golpes") demonstravam o poder da mão

de Deus ferindo o Egito (3.20; 7.25; 12.13). As três últimas pragas caem quando o cajado do Senhor foi estendido na direção do céu, da terra e do céu (9.22; 10.13,21).

* **9.15,16** Os juízos divinos são temperados com a misericórdia. Deus

evita uma destruição total a fim de que os egípcios saibam de seu poder e se

arrependam (v. 15). Ademais, os juízos de Deus contra Faraó fariam o nome de Deus ser proclamado entre as nações.

* **9.20,21** Pelo menos alguns egípcios aprenderam a temer a palavra

de Deus (10.7).

* **9.23** **trovões.** Lit. "vozes". Não foi chuva de pedras natural,

quando falou a voz "trovejante" de Deus (subentendendo a sua soberania sobre toda a criação), em seu julgamento (Sl 23.9-9).

* **9.25 quebrou todas as árvores. Ver Sl 29.5.**

* **9.27 pequei.** Faraó confessa sua culpa pela primeira vez, mas

as palavras "esta vez" mostram a superficialidade de sua confissão. Embora não acreditando nele, Moisés mostra o poder de Deus sobre a terra, fazendo parar a chuva de pedras.

* **9.31,32 na espiga... em flor... ainda não haviam nascido. Ver**

referência lateral no v. 32. Essa informação parece marcar janeiro-fevereiro, um período em que as tempestades eram comuns no Egito. O linho estava em botão em janeiro; e a cevada estava na espiga; seria colhida em fevereiro.

* **10.1 lhe endureci o coração.** Só nessa narrativa, a resolução

de Faraó mudou por quatro vezes (vs. 8,10-11,16-17,20).

* **10.2 contes... quantos prodígios fiz.** Uma clara afirmação do

plano divino que envolvia Faraó. As pragas visavam ensinar a Israel e deixar uma indelével impressão sobre a sua posteridade (Dt 6.20-25).

* **10.9 festa.** Moisés exigiu que a permissão de Israel para adorar

fosse sem restrições. Ver nota em 8.25.

* **10.11 vós os homens.** Somente adultos do sexo masculino eram

necessários nas festas posteriores de Israel (23.17; 34.23). Note o sarcasmo

no v. 10.

* **10.12-15** Gósen, presumivelmente, estava isenta.

* **10.16 se apressou.** A prontidão do ato de Faraó e sua confissão de

pecado destacam o perigo em que estava o Egito, ameaçado de fome severa ("não restou nada verde nas árvores", v. 15).

* **10.22 trevas espessas**. Essas trevas, como é óbvio, eram mais do que

uma tempestade de areia ou um eclipse do sol. Foram trevas sobrenaturais, como aquelas associadas ao dia do Senhor (Is 8.22; 58.10; Jl 2.2; Am 5.20; Sf 1.15; cf. Dt 28.29). Os egípcios tipicamente celebravam a luz matinal quando o deus-sol, Rá, segundo se pensava, vencia a temível serpente do caos e das trevas hostis. Essas trevas sobrenaturais foram outra demonstração da superioridade do Senhor sobre o panteão egípcio (7.19; 8.3, notas).

* **11.1 praga.** Outra palavra hebraica (cf. 9.14 nota) foi usada para

enfatizar o ato concludente do juízo divino — a morte dos primogênitos.

* **11.3 fez... favor.** Todas as quatro referências a esse evento

(3.21-22; 11.2-3; 12.35-36; Sl 105.36-38) enfatizam que os egípcios deram voluntariamente presentes aos israelitas, por causa da intervenção do Senhor.

* **11.5 mó.** Moer trigo era um trabalho inferior, realizado por

escravos e prisioneiros de guerra.

* **12.2** O primeiro mês do ano hebraico chamava-se abibe

(março/abril). Este versículo parece registrar a instituição desse novo

calendário religioso, como comemoração do Êxodo. Um calendário baseado no outono é atestado em 23.16 e 34.22, embora essas passagens possam refletir um calendário agrícola não-oficial. No calendário posterior babilônico (baseado na primavera), o mês de abibe é chamado nisã (Ne 2.1; Et 3.7).

* **12.5 sem defeito.** Ver referência lateral. Tal como todos os

sacrifícios de Israel (p.ex., Lv 1.3), o cordeiro pascal devia ser sem qualquer defeito. A idéia de substituição é evidente — o cordeiro morria em lugar dos primogênitos. Jesus, cuja morte foi prefigurada pelo sacrifício pascal, é chamado de Cordeiro de Deus (Jo 1.29,36; 1Pe 1.19; Ap 5.6).

* **12.6** O sacrifício ocorria ao pôr-do-sol (Dt 16.6). O ato

assinalava o começo da páscoa.

* **12.7 sangue.** O sangue simboliza a vida de uma vítima (Lv

17.11).

* **12.8,9** A refeição da páscoa devia ser comida às pressas — o

cordeiro assado por inteiro e acompanhado pelos pães asmos. As ervas amargosas relembravam o amargor dos sofrimentos da escravidão no Egito (1.14).

* **12.11 Páscoa do Senhor.** A palavra hebraica aqui traduzida por

"páscoa" é de etimologia incerta. O sentido de "passar por cima" é atestado aqui, e, provavelmente, em Is 31.5. Alguns têm sugerido uma conexão com o verbo que significa "manquejar", "coxear", ao passo que outros propõem a derivação de uma palavra acádica que significa "aplacar".

A observância da páscoa é a mais antiga das festas judaicas e era celebrada por ocasião do crepúsculo do décimo quarto dia do primeiro mês (12.6), e durante 7 dias sucessivos (do dia 15 ao dia 21). Mais tarde os participantes vestiam-se como quem ia viajar, para celebrar a saída de Israel do Egito, com pressa e ansiedade. A prática das perguntas rituais feitas pelos filhos, durante a celebração da páscoa foi um desenvolvimento posterior, arraigado nos vs. 26 e 27.

Mais tarde houve provisões para uma segunda páscoa, menos importante, a ser observada pelos membros da comunidade que tivessem perdido a celebração inicial (Nm 9.1-14). O Novo Testamento estabelece uma conexão remidora direta entre a páscoa e a morte de Jesus, o Cordeiro Pascal por excelência, que foi sacrificado por nós (1Co 5.7).

* **12.12 primogênitos.** Os primogênitos, em quem as esperanças de cada

família estavam investidas, tinham o direito de herança. Nenhuma epidemia ou acidente poderia ter sido tão seletivo.

executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. A morte dos primogênitos dos seres humanos e dos animais constituía um julgamento contra o panteão dos egípcios, pois, muitos dos animais sagrados (que simbolizavam os deuses) foram mortos. Outrossim, a incapacidade das divindades egípcias de proteger os habitantes do país ficou plenamente demonstrada diante de todos.

* **12.15 fermento.** O fermento, como um produto da colheita do ano anterior era considerado um símbolo de corrupção. Nenhum sacrifício oferecido pelos israelitas continha fermento.

* **12.19 eliminado da congregação de Israel.** Ver nota em Lv 7.20. Esperava-se que tanto os estrangeiros como os não-israelitas nascidos entre o povo observassem essa legislação.

* **12.22 hissopo.** O hissopo era uma espécie de manjerona usada

nas cerimônias de purificação (Lv 14.4-6; Nm 19.6,18; Sl 51.7). Os ramos e folhas de textura rica retinham sangue suficiente para realizar o ato requerido.

* **12.24** Ver "Os Sacramentos", em Mt 28.19.

* **12.26 vossos filhos vos perguntarem.** Ver nota no v. 11. Nas

celebrações da páscoa entre os judeus, nos dias de hoje, a criança mais jovem faz a pergunta ritual, e o pai da família recita a história do Êxodo (cf. 13.8).

* **12.31 Levantai-vos... ide, servi.** A tríplice ordem sublinha a urgência de Faraó. Ele reconhece a derrota.

* **12.32 abençoai-me também a mim.** A bênção que Faraó buscava presumivelmente serviria para contrabalançar a temível maldição que havia caído sobre o Egito.

*
12.36 encontrasse favor. Essas ações confirmam a de

11.3.

* **12.37 de Ramessés para Sucote.** Ver nota em 1.11. Sucote não pode ser precisamente localizada, mas deve ter ficado no delta oriental, possivelmente no Tell El Masqutah, no Wadi Tumilate. As rotas costeiras para Canaã (13.17) eram mais curtas, mas eram bem guardadas.

seiscentos mil a pé, somente de homens. Homens em idade militar (v. 41, nota; cf. Nm 11.21; 26.51). Essa cifra tem sido considerada exagerada, mas quatrocentos anos bem podem ter produzido tais números (1.7). Conforme tem sido sugerido com freqüência, a palavra hebraica aqui traduzida por "mil" também poderia significar "famílias", ou alguma subseção de uma tribo.

*

12.38 misto de gente. Talvez minorias perseguidas ou outros escravos

tenham subido com eles, além de outros grupos semitas. Por certo, também estavam incluídos egípcios que se tinham unido por casamento com os israelitas, e até mesmo egípcios tementes a Deus (cf. 9.19; 12.48; Is 56.3).

* **12.40 quatrocentos e trinta anos.** Ver Gn 15.13; At 7.6 e nota.

* **12.41 hostes.** O termo hebraico denota uma organização militar (v. 37,

nota).

* **12.43-49** Essa explicação adicional sobre as regras da páscoa, enfoca a restrição da cerimônia à comunidade da aliança com Deus, e foi ocasionada pela menção de não-israelitas que deixaram o Egito juntamente com Israel (v. 38). Somente membros da aliança que fossem circuncidados podiam participar.

* **12.46 numa só casa.** Nenhuma porção dessa carne podia ser levada

para fora da casa, onde os que estavam fora da aliança com Deus tivessem acesso à mesma.

osso. Nenhum osso do cordeiro pascal poderia ser quebrado, talvez como um símbolo da unidade da aliança. Tal como acontecia ao Cordeiro Pascal, e contra o costume dos romanos, nenhum osso de Jesus foi quebrado por ocasião de sua crucificação (Jo 19.36; cf. 1Co 5.7).

* **13.2 todo primogênito. Os primogênitos entre os animais e**

entre o gado eram sagrados para o Senhor. Tal como as primícias da colheita, os primogênitos do ventre representavam a reivindicação de Deus a tudo. O princípio é enunciado aqui e os detalhes aparecem em 13.12-16; 22.29,30; 34.19,20. Jesus foi apresentado assim como o filho primogênito de Maria (Lc 2.22-23).

*** 13.8 contarás a teu filho. Ver nota em 12.26.**

*** 13.9 sinal... memorial. Ao interpretar literalmente essa**

expressão figurada, os judeus, mais tarde, punham certas passagens da Lei (13.1-10,11-16; Dt 6.4-9; 11.13-21) dentro de caixinhas e as amarravam ao braço esquerdo e à testa. Eram os *tephilim* **ou filactérias (proteções) do judaísmo posterior, às quais o Senhor Jesus se referiu ao criticar as exibições ostensivas de piedade dos fariseus (Mt 23.5).**

*** 13.12 apartarás. Ver referência lateral. Um animal dentre os rebanhos ou as manadas podia ser dado ao Senhor como um holocausto. Um filho primogênito sempre devia ser redimido (v. 13; cf. o uso pagão dos filhos primogênitos como uma oferenda, em 2Rs 16.3).**

primogênito... machos. Ver nota no v. 2.

*** 13.13 será desnucado. Isso não envolvia o derramamento de sangue e não era um sacrifício.**

*** 13.14 Que é isso? Tal como o ritual da páscoa (12.26,27; 13.8), a redenção dos filhos primogênitos servia para relembrar a Israel de sua**

redenção do Egito.

*** 13.15 O julgamento do Senhor sobre os primogênitos do Egito é a**

explicação de sua reivindicação quanto aos primogênitos de Israel, uma reivindicação feita tanto como Criador quanto como Juiz. Israel não estava isento da sentença de morte contra os primogênitos do Egito. Os filhos primogênitos foram poupados somente através do sangue do Cordeiro Pascal. Gerações subseqüentes também seriam remidas, ou através da vida consagrada dos levitas, escolhidos por Deus em lugar dos primogênitos de todo o Israel (Nm 3.11-13), ou através do preço da redenção de cinco siclos (Nm 3.46-51).

*** 13.17 caminho da terra dos filisteus. A poderosamente**

fortificada rota de caravanas que corria paralela à costa do mar Mediterrâneo (Introdução: Dificuldades de Interpretação). Os filisteus não estiveram em grande número na Palestina até ao século XII a.C. mas sem dúvida havia bolsões costeiros de filisteus (minoanos) como colônias comerciais ali, desde antes.

*** 13.18 mar Vermelho. O termo hebraico** *(yam suf)* **é usado para**

designar o golfo de Áqaba (23.31), o golfo de Suez (10.19; Nm 33.10) e também o corpo de água cruzado por ocasião do êxodo. Os eruditos sugerem que o termo pode significar "mar de juncos" ou "mar do fim". O "mar Vermelho" do êxodo provavelmente é um dos lagos Amargos ao norte do golfo de Suez. Talvez fosse a extensão sul do atual lago Menzalé. Evidências arqueológicas sugerem que os lagos Amargos estiveram, na antigüidade, unidos ao golfo de Suez; e que ali havia lugares rasos.

arregimentados. Israel saiu do Egito em formação militar, disciplinados e preparados (12.37, nota).

*** 13.19 os ossos de José. Ver Gn 50.25; Js 24.32.**

*** 13.20 Etã. Israel acampou-se à beira do deserto, perto daquilo que pode**

ter sido uma fortaleza egípcia, em Etã (visto que esse nome parece egípcio), de onde naturalmente recuaram (14.2).

*** 13.21 nuvem... fogo.** Símbolos costumeiros da presença imediata de

Deus (3.2, nota; 33.9-10; 40.34-38; Nm 9.15-22; 11.25; Sl 99.7 e 105.39). Deus não somente está presente; mas também guia Israel dia e noite mediante a sua presença.

*** 14.2 Pi-Hairote.** Por mandamento divino, Israel voltou atrás e

acampou em Pi-Hairote, reputadamente nas vizinhanças de Ramessés (Qantir). Isso foi um convite à perseguição de Faraó (v. 4, nota).

Migdol. Uma palavra que geralmente significa "fortificação"; sua presente localização é desconhecida.

Baal-Zefom. Essa localização ("Baal do Norte") era reputada próxima de Tafanes, perto do lago Menzalé, a cerca de 32 km a leste de Ramessés.

*** 14.4** A perseguição de Faraó a seus escravos que escapavam

acontece sob a orientação soberana de Deus.

*** 14.6 aprontou Faraó o seu carro.** Faraó estava resoluto pois

sua força especial de carros de combate foi usada. O cavalo e o carro de combate parecem ter sido introduzidos no Egito pelos hicsos (cerca de 1700 a.C.). Os carros de combate egípcio transportavam três homens.

*** 14.11 Disseram a Moisés.** As queixas rebeldes de Israel, contra

a

liderança de Deus, são um tema contínuo no Êxodo (5.21; 15.24; 16.3; 17.2 e 32.1).

* **14.13 Não temais.** No ponto crucial do livramento de Israel eles tinham

que ver que a salvação deles era inteiramente uma obra de Deus. Deus, ao julgar o Egito, ao endurecer o coração de Faraó, ao levar Israel até esse impasse desesperador, entalados entre os carros de combate de Faraó e o

mar, preparou o cenário para a exibição crucial de seu poder salvador. O Senhor lutará por eles. Eles precisam apenas ficar quietos. E será glorificado o Senhor (14.18).

* **14.14 O SENHOR pelejará.** Esta frase indica a origem do tema do temor do Senhor como "Guerreiro Divino", celebrado no cap. 15. A guerra, no mundo antigo, era vista como uma realização sagrada, na qual a honra da deidade do país estava em jogo. Em Israel, Deus era o "Deus dos exércitos de Israel" (1Sm 17.45), e era, igualmente, o "Senhor dos exércitos" (isto é, o Senhor dos exércitos do céu, o arquiteto das vitórias de Israel e aquele que infligia as derrotas de Israel). Um antigo relato das conquistas de Israel, sob a liderança do Senhor, era chamado de "Livro das Guerras do SENHOR" (Nm 21.14). A teologia da Guerra Santa, que surgiu em resultado, encontra expressão através do Antigo e do Novo Testamentos.

* **14.15 clamas**. Devemos entender aqui que Moisés estivera orando.

* **14.16 levanta a tua vara.** A vara de Moisés, usada para impor

julgamento divino sobre o Egito, agora traria salvação ao povo de Deus.

* **14.19 Anjo... nuvem.** O Anjo do Senhor é identificado com a própria presença de Deus na nuvem (23.20-22). Ver nota em Gn 16.7.

* **14.21 vento oriental.** Deus envia o vento para realizar os seus propósitos, mas um poder sobrenatural maior do que isso foi mister para manter a água de cada lado da rota de escape, para, em seguida, devolver a água com força suficiente para destruir o exército de Faraó.

* **14.24 vigília da manhã.** Para os hebreus, a noite estava dividida em

três vigílias de quatro horas cada uma, e a última das quais, "a vigília da

manhã", durava das duas horas da madrugada às seis horas da manhã. Essa, geralmente, era a hora dos ataques de surpresa (1Sm 11.11). O próprio Senhor lançou o exército egípcio em confusão.

* **14.25 o SENHOR peleja.** Os egípcios reconheceram que a vitória era

de Deus (cf. v. 14).

* **14.27** A mão e o cajado de Moisés serviram de instrumentos da

destruição, para perseguir o inimigo, e produzir o livramento de Israel.

* **14.30 o SENHOR livrou Israel.** Os vs. 30 e 31 sumariam o feito

salvífico de Deus, e seu efeito sobre Israel.

* **14.31 temeu... confiaram no SENHOR e em Moisés, seu servo.**

Nesse ponto, Israel é uma comunidade que professa fé. Mais tarde, no deserto, eles apostatarão e ficarão sujeitos à ira de Deus (Nm 14; Sl 95). A igreja, como uma comunidade que professa fé, deve evitar esse exemplo (Hb 3 e 4).

* **15.1-21** Moisés e os israelitas cantaram do livramento e da

esperança. O poema dos vs. 1-18, únicos em todo o Antigo Testamento, é um cântico de vitória expresso na primeira pessoa do singular como um cântico de Moisés. Esse cântico expressa o majestosa poder do Senhor ao salvar Israel no mar (vs. 1-12) e assevera o seu poder ao implantar Israel na Terra Prometida (vs. 13-18). As muitas expressões arcaicas do cântico apontam para sua origem no período mosaico.

* **15.1 cantarei.** O Senhor demonstrou a sua glória, conforme

havia prometido, e é privilégio do povo israelita, conduzido pelo servo de Deus, Moisés, louvar a Deus pela salvação. Este cântico de Moisés torna-se também o cântico de Israel. É ecoado em outros trechos do Antigo Testamento (ver Sl 118.14; Is 12.2), e é entoado pelos santos em Ap 15.3.

* **15.3** É enfatizado o tema de Yahweh como o Guerreiro divino.

Ver Is 59.16-18.

* **15.5 profundezas**. As águas caóticas das profundezas,

ordenadas por ocasião da criação (Gn 1.2), foram soltas por Deus contra o inimigo.

* **15.6 tua destra. Um símbolo de poder. Na arte cananéia, o deus**

Baal era, algumas vezes, retratado com um cetro, erguido na mão direita. Aqui, o símbolo do poder divino era a mão estendida

de Moisés, segurando o cajado do Senhor.

*** 15.8 vagalhões coalharam-se. Através das águas**

ameaçadoras da morte, Deus atraiu seu povo a si mesmo. As águas foram um instrumento do julgamento divino contra o Egito, bem como um meio de livramento para Israel. Paulo, com algum apoio da parte das tradições judaicas, compreendeu que a travessia do mar Vermelho foi o "batismo" de Israel (1Co 10.2; cr. 1Pe 3.21, nota).

*** 15.9 Perseguirei... alcançarei... repartirei... arrancarei. A**

rápida repetição desses verbos na primeira pessoa do singular revela uma arrogância que em breve seria silenciada.

*** 15.11 quem é como tu. A comparação é retórica nesta tríplice apresentação da natureza e do poder de Deus.**

*** 15.12 a terra os tragou. Uma expressão de sua recepção no submundo, contemplado como a habitação dos mortos (Sl 63.9; 71.20).**

*** 15.13 beneficência. É tradução da palavra hebraica** *hesed,* **cujo sentido exato é difícil de traduzir para o português. Refere-se aqui à lealdade e à devoção divinas ao povo de Deus, uma lealdade criada pelo laço da aliança de Deus com o seu povo. Embora pudéssemos esperar que essa palavra fosse usada para indicar a devoção do povo a Deus, seu uso muitíssimo mais comum é como uma descrição da devoção de Deus ao seu povo. Visto que Deus se revela na devoção a seu povo, não há maneira mais forte para expressar a graça fiel de seu amor (34.6, "grande em misericórdia"; Sl 136, "sua misericórdia dura para sempre"). O permanente amor segundo a aliança e a permanente misericórdia de Deus são ilustrados no livro de Oséias (Os 2.19).**

* **15.14** **estremeceram.** É aqui retratado o temor dos habitantes da terra

de Canaã, extraordinário e divinamente induzido (Dt 2.25, nota). Os povos diversos são mencionados aqui na ordem aproximada em que foram sendo encontrados por Israel na sua jornada até à Terra Prometida.

* **15.17** Um breve sumário dos alvos do Êxodo. O propósito foi o

estabelecimento de Israel como povo especial de Deus na Terra Prometida, o santuário da habitação de Deus.

no monte da tua herança. O ponto de contato entre os céus e a terra seria ali. As deidades, no mundo antigo, eram concebidas como habitantes das montanhas, e Israel tomava esse conceito em um sentido poético. Aqui a totalidade da Palestina é vista como o lugar da revelação (Dt 3.25; Sl 78.54; Is 11.9).

santuário. A terra tornar-se-ia um santuário mediante a presença de Deus ali, lembrando os leitores que o alvo do Êxodo foi adorar a Deus na Terra Prometida. À parte da presença graciosa de Deus, não haveria razão para a mudança para a Terra Prometida (33.15).

* **15.18** **O SENHOR reinará.** Existem pelo menos duas outras referências

à soberania de Deus no Pentateuco (Nm 23.21; Dt 33.5). O conceito da aliança com Israel envolvia o reconhecimento da soberania de Deus (1Sm 8.6-9).

* **15.22—17.16** Quando o Senhor guia o seu povo pelo deserto, ele

os testa e liberta em caminhos que revelam os seus propósitos. Ele cura as águas amargosas para mostrar ser quem cura (15.22-27), dá o maná e codornizes para mostrar-se como o Provedor, bem como

aquele que estabelece o descanso (o sábado) para o seu povo (16.1-26) e lhes dá a água da vida (17.1-7). Finalmente, nas vitórias militares, o próprio Senhor era a bandeira de seu povo (17.15).

* **15.22 deserto de Sur.** Israel estava percorrendo a península do Sinai

(com cerca de 418 km de comprimento e 240 km de largura). A palavra

"deserto" refere-se aqui a uma terra de pastagens, em oposição a terras cultivadas. Sur ficava localizada a noroeste da península do Sinai, entre o Egito e a Palestina (Gn 16.7; 20.1; 25.18).

* **15.23 Mara.** Essa palavra significa "amargura". A localização sugerida é a moderna Ain Hawarah, no interior e a 80 km ao sul da extremidade norte de Suez. Ao que tudo indica, Israel desceu pela costa ocidental do Sinai, até que dobraram para leste, na direção do Sinai.

* **15.24 murmurou.** O primeiro caso de queixa de Israel no deserto — um comportamento que tipificou a incredulidade de Israel naquele período. A situação era crítica. Após 9 dias, a água contida nos odres se acabou, e a morte por desidratação tornou-se uma ameaça imediata. Ademais, suas esperanças foram esmagadas — eles encontraram água, mas ela não era potável (v. 23).

* **15.25 clamou.** O queixume do povo, dirigido contra Moisés, foi na

realidade contra Deus. Visto que Moisés guiava por ordens de Deus (17.1), ele acabou apelando para o Senhor.

mostrou. Deus instruiu Moisés mostrando-lhe uma árvore. O termo geral para a lei de Deus (no hebraico, torah) é uma forma do verbo "mostrar". A revelação divina, nesse evento, foi um "estatuto e uma ordenança", preparando o povo de Israel para os estatutos e as

ordenanças que seriam dadas no Sinai. A Palavra de Deus instrui Israel enquanto ele os guia e prova (cf. o uso feito por Jesus de Dt 8.3 em Mt 4.4). A árvore é um sinal de cura e de doçura (Jz 9.11; Jr 8.22; Gn 2.9; Ez 47.7,8).

* **15.26 enfermidade... enviei.** Ver Dt 28.26,60-62; 7.15. As enfermidades assinalam os efeitos da maldição divina.

eu sou o SENHOR, que te sara. Deus tem o poder (Dt 32.39) e a misericórdia para curar (Sl 103.3). Somente ele pode curar na paz de sua salvação (2Cr 16.12; Is 38.17). A uma oração angustiada (Jr 17.14), Deus responde (Jr 30.17;

33.6). A cura do dano infligido pelo pecado e pela morte, virá através do Ungido do Senhor, por cujas feridas fomos sarados (Is 53.5; 61.1,2; Mt 8.17).

* **15.27 Elim.** O local provável é o Wadi Garandel, a pouco mais de 11 km ao sul de Ain Hawarah. O Senhor, que curou as águas de Mara (v. 23), conduz seu povo a um lugar de descanso e refrigério.

* **16.1-36** Israel chegou em tempo de observar o sábado, e uma

teofania ocorreu em resposta às queixas do povo (16.9-13). Este capítulo vai se concluindo, com um descanso no sábado seguinte (16.27-30). A observância do sábado por Israel, antes da revelação do Sinai, foi destacada, como também o teste contínuo de Israel por parte de Deus (v. 4; cf. 15.25; 17.2).

* **16.1 deserto de Sim.** Situado no sudoeste do Sinai, talvez na

moderna região de Debbet er-Ramleh.

* **16.4 pão.** O povo clamou por pão e carne (v. 3), e Deus daria

ambas as coisas (v. 8). O maná foi chamado de "cereal do céu” (Sl 78.25). Em João 6.26-58, Jesus chamou a si mesmo de o verdadeiro

maná ("pão da vida"), do qual essa provisão no deserto serviu de símbolo e de tipo.

* **16.7 glória**. A palavra normalmente refere-se à presença

manifestada de Deus. Neste caso, está em pauta a provisão graciosa do maná.

* **16.13 codornizes.** Essas pequenas aves de caça migratórias, da família

da perdiz, chegam de seu habitat de inverno na África, durante a primavera. Algumas vezes elas descansam no solo, exaustas de tanto voar. Em uma segunda ocasião, elas chegam tangidas por um forte vento oriental (Nm 11).

* **16.14 coisa fina e semelhante a escamas**. Parece que o maná se

assemelhava a uma secreção melosa de insetos que infestavam as tamargueiras da área (que os árabes chamam de "manna"). Ela solidifica nas noites frias do deserto, mas deve ser recolhida bem cedo pela manhã. Se isso

é, realmente, o maná, então o milagre seria o controle divino da quantidade. A quantidade recolhida era de um ômer por homem, ou seja, 1,891, embora uma palavra árabe relacionada signifique uma xícara, que talvez seja o significado aqui.

* **16.23 santo sábado. Um termo elevado, normalmente reservado para**

as festas santas. O que fica entendido é que o sábado semanal era normalmente guardado por Israel, antes do Sinai. A ordenança relativa ao sábado, nos Dez Mandamentos, foi uma codificação da observância do sábado, e não sua inauguração.

*** 16.31 coentro. Essa semente é pequena, globular, cinzenta e**

aromática, com sabor de bolos de mel.

*** 16.33 vaso. Um pouco de maná foi separado naquilo que Hb 9.4 chama**

de "urna de ouro".

*** 16.35 quarenta anos. O maná continuou a ser fornecido por Deus até**

que chegaram a Canaã (Js 5.10-12). Quando os filhos de Israel chegaram à região da Transjordânia, eles já contavam com campos, vinhedos e poços de água (Nm 21.22), mas o manã parece ter continuado.

*** 17.1 Refidim. Essa região, geralmente identificada com o**

moderno Wadi Refayid, a cerca de 13 km do Jebel Musa, foi o último ponto de parada de Israel antes do Sinai.

*** 17.2 Contendeu. Esse vocábulo traduz a palavra hebraica** *rib,*

que aparece no nome "Meribá" (v. 7). *Rib* **é com freqüência usada em contextos legais com o sentido de "processar juridicamente" (p.ex., "defende a tua causa", Mq 6.1). A proposta de apedrejar a Moisés (v. 4) é a execução de uma sentença judicial por traição. O veredito é uma ameaça real se Moisés não providenciasse água.**

tentais ao Senhor. Não é Moisés que está sendo processado mas o Senhor

Deus. Tentar ou testar (v. 7, referência lateral), neste contexto,

assume um significado judicial. Deus está sendo acusado de abandonar a Israel para morrer de sede no deserto.

* **17.5 Passa adiante do povo.** O povo de Israel queria um

processo judicial. Deus, o justo Juiz, lhes daria um. Moisés deve passar adiante do povo, tomando na mão o seu bordão, acompanhado por alguns anciãos de Israel. O bordão de Deus é identificado pela sentença de juízo pronunciada contra o Egito, "com que feriste o rio", e o tornou em sangue (cf. Is 30.31,32). Os anciãos foram convocados como testemunhas representativas (cf. v. 6).

* **17.6 estarei ali diante de ti.** Uma notável declaração. O homem

é que fica na presença de Deus, e não Deus na presença do homem (Dt 19.17; 25.1-3; 17.8-13). Nesse processo jurídico, Deus toma o lugar do acusado, no banco dos réus.

sobre a rocha. Deus se pôs sobre a rocha e se identificou com ela. Deus é chamado de "a Rocha", no cântico de Moisés (Dt 32.4,15,18,31), e nos Salmos que falam desse acontecimento (Sl 78.35; 95.1).

ferirás a rocha. Moisés levantou o bordão do juízo e bateu na rocha sobre a qual Deus estava, e com a qual estava simbolicamente identificado. Deus não é o réu, mas leva sobre si o julgamento. A temível solenidade do golpe de Moisés aparece quando, em ocasião posterior, ele feriu a rocha em atitude de desobediência, desonrando assim a santidade de Deus (Nm 20.9-12). A rocha em Massá, ferida em prol do povo de Deus, é um tipo de Cristo, o Filho encarnado e inculpável de Deus, que suportou o castigo pelo pecado (1Co 10.4).

água. A referência ulterior é às águas que fluem do trono de Deus (Zc 13.1; 14.8; Ez 47.1-12). Jesus ofereceu essa água, por ocasião de uma festa dos judeus (Jo 7.37). João notou que saiu água do lado ferido de Jesus na cruz (Jo 19.34; cf. 7.38).

* **17.8 Amaleque.** Os amalequitas, um grupo nômade sediado no

sul da Palestina, descendiam de Esaú (Gn 36.12-16), indicando assim a origem da inimizade. Os amalequitas atacaram pela retaguarda (Dt 25.18). Deus tinha providenciado maná do céu e água da rocha; agora, porém, ele providencia livramento de inimigos.

* **17.9 Josué.** Josué, um efraimita, anteriormente conhecido pelo

nome de Oséias ("salvação"), foi chamado Josué ("Yahweh salva") em Cades-Barnéia, possivelmente em resultado de sua vitória (Nm 13.8,16).

estarei eu... a vara de Deus estará na minha mão. Josué escolherá homens para lutar, mas eles lutarão sob o bordão erguido, sinal da vitória do Senhor.

* **17.10 Josué... pelejou.** Josué prevalecia nessa guerra santa somente enquanto Moisés levantava para o céu o bordão, o qual simbolizava a presença do Senhor, que tinha trazido as pragas contra o Egito (4.2; 9.23) e tinha secado o mar (14.16).

Hur. Hur aparece, em tradições judaicas posteriores, como o marido de Miriã, irmã de Moisés, e possivelmente foi o avô do famoso artesão do tabernáculo, Bezalel (1Cr 2.19,20).

* **17.14 Escreve isto.** Uma das poucas referências à arte da escrita, no Antigo Testamento, embora fosse um conhecimento generalizado na época. É ligada com a recitação oral aqui. A narrativa talvez tenha ficado escrita no livro das Guerras do Senhor, mencionado em Nm 21.14.

* **17.15 O SENHOR É Minha Bandeira**. Ver referência lateral. A palavra hebraica traduzida por "bandeira" é traduzida por "bordão" no v. 9, e é traduzida por "haste", onde a serpente de bronze foi posteriormente içada (Nm 21.8). Visto que para nós "bandeira" transmite a idéia de uma peça de tecido, essa conexão se perde.

Uma lança podia servir como estandarte em uma batalha, com ou sem pedaços de tecido presos a ela. Mais tarde, uma haste podia ter um objeto que marcasse o ponto de concentração de tropas. No mundo antigo,

algumas vezes era um símbolo ou imagem de deuses. O bordão de Moisés era um estandarte para o qual as forças armadas de Moisés podiam olhar, e simbolizava o poder divino de salvar. Moisés declarou que o próprio Deus era a Bandeira, o Estandarte de seu povo.

* **17.16 o SENHOR jurou.** O original hebraico é difícil de traduzir e de interpretar (cf. referência lateral). Entretanto, a mensagem central é clara: Deus dá a Israel a vitória, e a guerra contínua entre Israel e Amaleque pertence ao Senhor. Quanto à inimizade histórica entre Israel e Amaleque, ver Nm 24.20; Dt 25.17; 1Sm 15.2-33; 27.8,9; 30.1-20; 2Sm 8.11,12; 1Cr 4.42,43; Et 3.1, nota.

* **18.1—24.18** O Senhor libertara o seu povo do Egito a fim de atraí-los a si mesmo, para fazer deles a sua possessão especial dentre todos os povos. A fim de desfrutarem dessa bênção, entretanto, deviam obedecê-lo e observar a sua aliança. A revelação no Sinai manifestou o caráter santo do Deus da aliança e definiu o caráter e o comportamento apropriados para o povo da aliança.

A aliança do Sinai também sublinha o papel especial do mediador. O Senhor declarou a sua intenção de descer e falar diretamente com Moisés, a fim de que o povo ouvisse e confiasse em Moisés para sempre (19.9). Entretanto, a revelação face a face aterrorizou de tal modo o povo que eles pleitearam com Moisés que subisse a Deus e recebesse os mandamentos, e então voltasse a eles e lhes desse as notícias (20.18-21). Moisés devia representar o povo diante de Deus (19.8), e também devia representar o Senhor na presença do povo (19.7).

Outra lição crucial da teofania e da revelação no Sinai é a importância da separação, em preparação para a vinda de Deus. O próprio

Moisés objetou aos severos preparativos (19.23). A lei cerimonial, dada do Sinai, foi o gracioso treinamento do povo por parte do Senhor, uma medida de proteção para um povo não-acostumado com a santa presença de Deus (Gn 34, nota).

* **18.1-27** Antes de narrar os eventos no Sinai, Moisés fez uma pausa para relatar a visita que recebeu de Jetro, o sacerdote de Midiã e seu sogro. O âmago do conselho de Jetro foi a organização governamental de Israel.

* **18.2 lha enviara.** Ao que parece, Moisés enviara a família de

volta para Jetro, algum tempo após o incidente de 4.24-26. Isso pode ter acontecido depois do êxodo do Egito.

* **18.11 agora, sei.** Essa fórmula pode indicar ou o começo da fé de Jetro

(2Rs 5.15), ou o fortalecimento dessa fé (1Rs 17.24). Seja como for, Jetro ofereceu sacrifícios e compartilhou da refeição de comunhão como um líder, e não como uma suplicante.

* **18.12 holocaustos.** O holocausto, como sacrifício de dedicação, vinha

em primeiro. Sacrifícios pacíficos, compartilhados pelos adoradores, se seguiram. Disposições do livro de Levítico quanto ao pecado e ofertas pela culpa, mais tarde completariam o sistema de sacrifícios.

* **18.16 estatutos... leis.** Os "estatutos" talvez sugiram regulamentos

permanentes, e as "leis" as decisões sobre casos. Essas disposições seriam codificadas posteriormente.

* **18.21 Procura... homens capazes.** Delegar é com freqüência difícil

para um líder capaz. Homens foram aqui escolhidos sobre bases morais, e não intelectuais, para cuidar de questões simples. Casos difíceis, talvez até sem precedentes, eram trazidos a Moisés. Assim é que funcionaria mais tarde o sistema jurídico. Nenhuma diferença foi estabelecida entre questões sagradas e questões seculares. A lei inteira era um dom de Deus, e a obediência à mesma equivalia à obediência a Deus.

* **19.1 vieram... Sinai.** O deserto do Sinai ficava na seção sudeste

da península do Sinai. O monte Sinai tem sido tradicionalmente identificado com o Jebel Musa, um monte com uma larga planície à sua base, que parece ajustar-se às evidências bíblicas (v. 2; cf. Dt 9.21, nota). O povo de Israel demorar-se-ia no Sinai por onze meses (Nm 10.11).

* **19.3-6** As palavras de Deus começam (v. 3) e terminam (v. 6) com

uma instrução divina dada a Moisés. Entre elas há um sumário da fidelidade de Deus à aliança, bem como as responsabilidades pactuais de Israel.

* **19.4 e vos cheguei a mim.** O livramento divino da escravidão

não foi apenas libertação, mas também adoção. Deus livrou Israel e então os levou ao deserto, para conduzi-los a si, para fazer com que fossem dele (Gn 17.7, nota).

*** 19.5 ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança.**

Esses termos resumem a reação humana apropriada à graciosa aliança com Deus (Gn 17.2, nota). A última frase (ver Gn 17.9,10; 1Rs 11.11; Sl 78.10; 103.18; 132.12; Ez 17.14) sempre refere-se à fidelidade a uma aliança previamente revelada. Visto que 6.4 refere-se ao êxodo como o cumprimento da aliança patriarcal, a revelação dada no monte Sinai deve também ser vista como uma extensão da Aliança abraâmica.

propriedade peculiar. Conforme a frase seguinte o demonstra, Deus indica que Israel será seu tesouro pessoal, dentre tudo que existe (1Cr 29.3). Pela eleição divina Israel foi separado do mundo, que também pertence a Deus.

*** 19.6 reino de sacerdotes e nação santa. Israel seria uma**

realeza sacerdotal, uma nação santa, separada do mundo tal como um sacerdote era dedicado na sociedade antiga. A ênfase, aqui, recai sobre o relacionamento de Israel com Deus, e não sobre qualquer ministério sacerdotal às nações, mas o relacionamento entre Israel e o Senhor também dá testemunho ao mundo. Os vs. 4-6a refletem a Aliança abraâmica de Gn 12.1-3. Aquilo que esta passagem preceitua para Israel, a Nova Aliança torna uma realidade para os crentes (1Pe 2.9-10; Ap 1.6; 5.10; 20.6).

*** 19.11 estejam prontos para o terceiro dia.** Disposições para assegurar a pureza ritual (lavando roupas, v. 10; abstenção de contatos sexuais, v. 15; Lv 15.18; 1Sm 21.4) que salvaguardariam a santidade do monte (vs. 12 e 13) foram impostas em preparação para a teofania, uma manifestação visível especial da presença divina.

descerá sobre o monte Sinai. O monte Sinai era o lugar do encontro do Senhor com o seu povo, e não a sua residência. O tabernáculo em breve seria sua habitação terrena.

*** 19.16 Ao amanhecer do terceiro dia. Deus vem, conforme foi**

prometido, na manhã do terceiro dia. Nenhuma explicação natural dos vs. 16-19a (p.ex., uma erupção vulcânica) é suficiente. Essa foi uma manifestação divina na tempestade e no fogo.

mui forte clangor de trombeta. Posteriormente, ocasiões especiais de adoração foram assinaladas pelo toque da trombeta (Nm 10.10).

*** 19.24 sacerdotes. Isso pode referir-se àqueles que desempenhavam os**

deveres do sacerdócio antes do estabelecimento do sacerdócio levítico.

*** 20.1-17 Temos aqui os Dez Mandamentos ou "Dez Palavras" da**

aliança. Essas são expressões da lei eterna de Deus que transcende ao Antigo e ao Novo Testamentos. Assim como Deus criou a ordem nos céus e na terra por meio de dez palavras (ver Gn 1.3-29), assim também Deus criou a ordem na sociedade humana por meio de dez palavras. Os quatro primeiros mandamentos descrevem como o povo deve relacionar-se com Deus, ao passo que os demais mandamentos mostram como o povo de Deus deve relacionar-se entre si (Dt 4.13, nota). Ver "Os Três Propósitos da Lei", índice.

*** 20.1 Ver a nota teológica chamada "A Lei de Deus", índice.**

falou Deus todas estas palavras. Deus falou somente esses mandamentos diretamente ao povo (vs. 18-20, e notas; 19.9; Dt 4.10-14; 5.2227; 9.10; Ne 9.13). O que é aqui chamado de "palavras", noutros lugares é chamado de "mandamentos" (34.28; Dt 4.13; 10.4). O vocábulo hebraico para "palavra" *(dabar)*

era o termo para as estipulações nos tratados políticos da época.

O próprio Decálogo (do vocábulo grego que significa "dez palavras")

reflete o antigo arcabouço dos tratados (Introdução: Data e Ocasião). Em primeiro lugar temos o preâmbulo ("Eu sou o SENHOR teu Deus", v. 2); em seguida temos o prólogo histórico ("que te tirei da terra do Egito"). Os mandamentos propriamente ditos são as estipulações do tratado. Deus é o Rei-Soberano de Israel, a quem o povo deve completa lealdade. A ausência de penalidades indica que o Decálogo não é um código jurídico, mas antes, é um documento de base da aliança. Esses princípios da aliança são então aplicados no "Código da Aliança", uma série de leis acompanhadas de penalidades, que se segue (20.22—23.19).

* **20.2 teu Deus.** A reivindicação de Deus vem em primeiro lugar.

Israel era dele por direito de criação e de redenção. Os mandamentos pactuais do Senhor foram dados àqueles a quem ele já atraíra a si mesmo, tirando-os da escravidão no Egito (19.4), embora não da escravidão ao pecado (caps. 32 —34).

* **20.3 diante de mim.** Lit., "perante a minha face" ou "na minha

presença". O Senhor é um Deus zeloso, que já reivindica Israel para si (v. 5, nota).

* **20.4 imagem de escultura.** O termo significa algo esculpido na

madeira ou na pedra. A imagem proibida pode ser a do Senhor, visto que outras deidades foram excluídas pelo v. 2, embora as palavras qualificadoras "nem semelhança alguma" sugira que os ídolos dos pagãos estão em vista. Israel devia distinguir-se das nações por sua adoração destituída de imagens de escultura. As imagens são

proibidas não porque não pudesse haver qualquer imagem, visto que Deus fez a humanidade à sua própria imagem (Gn 1.26,27), mas porque Deus deve revelar a si mesmo, não estando ele sujeito à imaginação humana. No tempo certo, Deus proveu sua própria imagem — Jesus Cristo é a verdadeira imagem da Deidade, sob forma corporal (Cl 1.15; 2.19). Ver "Sincretismo e Idolatria", índice.

*** 20.5 Deus zeloso.** Quando usada a respeito de Deus, essa

palavra descreve a sua paixão por seu santo nome, um zelo que exige a

devoção exclusiva de seu povo. Ela é usada quando essa reivindicação é ameaçada por outras deidades (Dt 6.15; Js 24.19).

terceira e quarta geração. A mais longa abrangência de gerações representada em uma dada família, de uma só vez. A severidade do julgamento de Deus sobre gerações subseqüentes adverte das conseqüências terríveis de seus pecados àqueles que amam aos filhos de seus filhos.

*** 20.6 faço misericórdia. A misericórdia pactual de Deus, (no**

hebraico *hesed)* **é sua devoção ao seu povo (15.13, nota).**

*** 20.7 Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão. O**

nome de Deus foi um presente da graça divina a Israel. Não através de algum ídolo, mas no nome, Israel tinha acesso a Deus na adoração. O nome de Deus, pois, deve ser reverenciado. Esse mandamento proíbe o uso do nome de Deus na falsa adoração, nos encantamentos ou adivinhações, bem como para encobrir falsidades ou para dizer blasfêmias (Dt 28.58). Jesus ensinou os seus discípulos a orarem que Deus santificasse o seu nome, e Jesus santificou o nome de Deus na cruz (Mt 6.9; Jo 12.27,28).

*** 20.8 dia de sábado. A palavra hebraica correspondente**

(shabbat) **aparentemente deriva-se do verbo que significa "cessar" — sendo que o sábado era o dia em que o trabalho regular cessava. Êxodo cita a obra de Deus na criação como a base desse mandamento (v. 11), enquanto que Deuteronômio baseia a ordenança do sábado no livramento de Israel do Egito (Dt 5.12 e nota). A ordenança do sábado está arraigada na ordem da criação e na da redenção — relembra a boa criação de Deus (Gn 2.2,3), como também prevê o descanso sabático final da redenção do povo de Deus (Hb 4.1-11). Tal como a circuncisão era o sinal da Aliança abraâmica (Gn 17), assim também o sábado veio a tornar-se o sinal da Aliança do Sinai (31.13), relembrando o povo de Deus de seu lugar dentro dos propósitos divinos para a criação e de sua salvação da servidão física no Egito. Em última análise, o sábado indica Cristo, nosso Criador e Redentor, que traz descanso para o povo de Deus (Mt 11.28; Cl 2.16,17).**

*** 20.10 nenhum trabalho.** O sábado não era para ser uma carga, mas

um bendito alívio do trabalho árduo (Mc 2.27). A santidade do dia separa-o para o Senhor a fim de que os filhos de Israel desfrutem de seu descanço, celebrando a obra de criação e redenção (Dt 5.15).

*** 20.12 teu pai e tua mãe.** Neste quinto mandamento, o Decálogo volta-

se para as relações humanas, começando pela família. A honra aos pais é a âncora da sociedade, e liga os filhos aos pais na comunidade da fé. A promessa e a advertência implícita deste mandamento são ímpares nesta série. O desrespeito aos pais era uma questão séria, pois também desonrava o Senhor.

*** 20.13 Não matarás.** A legislação distingue entre o homicídio e o

assassinato premeditado. O verbo aqui usado nunca é aplicado a Israel, durante os períodos de guerra, e a pena capital já estava autorizada (Gn 9.6; cf. Lv 24.17; Nm 35.30-34). A vida humana é sagrada, porquanto o homem é feito segundo a imagem de Deus (Gn 9.5,6 e notas).

* **20.14 Não adulterarás.** Ver "Casamento e Divórcio", índice.

* **20.16** Ver "Linguagem Honesta, Juramentos e Votos", índice.

* **20.18 se estremeceu**. O respeito que reconhece o poder e a glória de

Deus detém o pecado (v. 20).

* **20.19 Fala-nos tu.** Foi aqui reconhecida a autoridade de Moisés como

mediador. Que Deus realmente falou distingue-o dos deuses falsos, que nada podem dizer (vs. 22,23).

* **20.24 holocaustos... ofertas pacíficas.** Ver notas em Lv 1.3-17 e 3.1.

Somente dois tipos de sacrifícios são brevemente mencionados aqui; a lista de sacrifícios será expandida em Lv 1—7.

* **20.25 ferramenta, profaná-lo-ás.** As razões para essa proibição já não estão claras. Alguns têm sugerido que essa provisão visava impedir que os israelitas usassem os altares dos lugares santos dos cananeus, que tipicamente eram construídas de pedras lavradas. O altar dos holocaustos, no tabernáculo, era feito de madeira, recoberto de bronze, mas era oco e cheio de terra ou de pedras não lavradas (27.8). Ver nota em Dt 27.5.

* **20.26** Ver nota em 28.42.

* **21.1 - 23.33** O Senhor estabelece as ordenanças de sua aliança. Leis civis e penais são apresentadas em 21.1—22.15; leis que controlam a moralidade, em 22.16-27; 23.1-9; leis do culto em 20.22-26; 22.28-30; 23.1019. Até 22.17 os estatutos assumem a forma judicial ("se... então", com as penas apropriadas); depois disso predominam leis do tipo incondicionalmente imperativo ("não farás"). O propósito desses códigos sociais era regulamentar a vida dos israelitas na Terra Prometida.

* **21.1 estatutos.** A palavra hebraica significa "precedente", ou

seja, princípios normativos determinados por decisões acerca de casos. Essas leis aplicam o Decálogo, base da aliança (20.1-17) à sociedade.

* **21.2 comprares um escravo hebreu.** Apropriadamente, as leis

judiciais começam com leis que regulam a escravidão, pois essa tinha sido a condição de Israel no Egito. Um homem podia vender a si mesmo ou sua esposa como escrava, por causa da pobreza ou de alguma dívida (2Rs 4.1; Ne 5.1-5; Am 2.6), tal como um israelita podia também ser vendido como escravo por seu próprio pai (v. 7). Embora a legislação mosaica permitisse a prática da servidão por contrato, os abusos eram cuidadosamente limitados (Dt 15.12, nota) — tal servidão era limitada a 6 anos (v. 2), e os direitos dos escravos eram enfatizados. Ver nota em 1 Pe 2.18.

* **21.6 aos juízes**. Muito provavelmente, o tribunal onde os juízes

se reuniam era o santuário de Deus. Se a porta ou ombreira era no santuário ou em uma residência não é especificada aqui, embora Dt 15.17 favoreça esta

última. O furo feito na orelha era uma indicação pública de uma escravidão permanente.

* **21.7-11** A venda de uma mulher para ser esposa-escrava parece

estar aqui em foco, daí essa proteção.

* **21.13** **não lhe armou cilada.** Um caso de homicídio não-intencional

está em vista. Ver nota em Dt 19.4.

* **21.15** **ferir seu pai.** Tais ações transgridem o quinto mandamento

(20.12).

* **21.16** **raptar.** Ver nota em 24.7.

* **21.17** **amaldiçoar.** Uma outra violação do quinto mandamento. A

palavra hebraica para "maldições" pode denotar outras formas de desonra patente aos pais, além das maldições proferidas.

* **21.19** **andar fora, apoiado ao seu bordão**. Evidência de que está se

recuperando de seu ferimento.

* **21.20** **escravo.** Que o escravo não morresse de imediato era

considerado como evidência de que o seu proprietário não tencionava matá-lo.

* **21.21** **dinheiro seu.** Ao passo que a escravidão contratada era aceita

nos dias do Antigo Testamento, as claras implicações do evangelho cristão conduziram à sua extinção (1Pe 2.18, nota). As leis que

governam a vida de Israel devem ser interpretadas à luz de seu ambiente cultural e social. Elas restringiam a exploração e a opressão em conhecimento da "dureza do coração" dos seres humanos (cf. Mt 19.8).

* **21.22 aborte.** Lit. "suas crianças saírem". É usada aqui a palavra

hebraica que usualmente significa "criança" (tal como no v. 4 e em 1.17,18). O verbo hebraico descreve a saída de uma criança em Gn 25.26; 38.28-30. Não

há razão para limitar o "dano" à mãe. Mas se não houver dano permanente para a mãe ou para a criança, a compensação deve ser paga ao marido, fixada por uma terceira pessoa. De outro modo, a penalidade é proporcional ao dano sofrido pela mulher ou pela criança, chegando a atingir a proporção de "vida por vida". Embora o dano causado à mulher ou sua criança não fosse intencional, havia negligência culpável, por ter sido desconsiderado o bem-estar da mulher grávida.

* **21.24 olho por olho.** O princípio fundamental é que a punição deve

equivaler à gravidade do crime (Lv 24.19,20; Dt 19.21). Declarações semelhantes são encontradas no código de Hamurabi (c. de 1750 a.C.). Parece que "olho por olho" era uma expressão idiomática da justiça proporcional, e que tais penalidades não eram literalmente impostas (Dt 19.21 e nota).

* **21.28 Se algum boi chifrar**. Prejuízos causados por animais era

responsabilidade de seus proprietários descuidados, e uma compensação apropriada devia ser paga. Visto que o boi estivera envolvido na culpa de sangue, sua carne não podia ser consumida.

* **21.32 trinta siclos de prata.** O valor da vida de um escravo era

menor

que o preço de um liberto, e esse foi o valor pago na traição de Jesus (Mt 26.15; cf. Zc 11.12).

* **22.1 pagará.** Os ladrões que lucravam da venda de animais

furtados deviam restaurar quatro ou cinco vezes mais (cf. o v. 4). Maior compensação ainda era cobrada por um boi furtado, que levava mais tempo para ser criado.

* **22.3 Se, porém, já havia sol.** A morte de um assaltante noturno

desconhecido não incorria em culpa de sangue, visto que confrontar o assaltante poderia pôr em perigo a vida do dono da casa. Mas um ladrão que atacasse durante o dia poderia ser prontamente identificado, e matá-lo não era justificado.

* **22.4 o dobro.** Ver nota no v. 1.

* **22.6 nos espinheiros.** Os espinheiros eram usados como

cercas, para manter os animais fora dos campos plantados (Mq 7.4); e também eram usados como combustível (Sl 58.9).

* **22.8 perante os juízes.** Se o ladrão do objeto roubado não

fosse encontrado, o depositário era levado ao santuário (21.6, nota), onde um juramento de inocência presumivelmente seria proferido.

* **22.12 for furtado.** O depositário foi presumivelmente negligente.

* **22.14 pagá-lo-á.** Na ausência do proprietário o ônus da prova recairia sobre aquele que pedira emprestado.

* **22.15 será o pagamento.** O custo de alugar o animal cobriria a possibilidade de sua perda.

* **22.16 Se alguém seduzir.** As leis sobre o contato premarital sexual requeriam que o homem assumisse total responsabilidade pelas conseqüências. A pessoa explorada devia ser protegida. Ver nota em Dt 22.2229.

* **22.18 feiticeira.** A feitiçaria, a tentativa de determinar e influenciar o futuro, através de meios ocultos, era fortemente condenada (Dt 18.9-13; 2Rs 21.6; Jr 27.9-10; Mq 5.12; Na 3.4). O futuro depende tão-somente de Deus (Dt 18.9, nota).

* **22.20 será destruído.** Lit. "devotado a um uso sagrado" ou "condenado" (Dt 20.17, nota). Se um uso sagrado fosse impossível, o item era destruído, como neste caso. Nas guerras santas de Israel — mediante as quais o juízo divino foi executado contra os cananeus — os despojos eram devotados a Deus (Nm 21.2,3; Js 7.11).

* **22.21 forasteiro.** Esses indivíduos eram habitantes temporários em

Israel, sem o apoio de suas famílias, mais ou menos como fora o caso do povo de Israel no Egito. Note que as leis nos vs. 21-27 são declaradas em sentido absoluto, contrastando com as judiciais (21.1, nota).

* **22.22 afligireis.** As viúvas e os órfãos, aos quais poderiam faltar

defensores da família, são uma solicitude especial de Deus. Ele ouviria o clamor deles e os vingaria.

* **22.25 impõe juros.** Ver nota em Dt 23.9.

* **22.26 penhor.** Ver nota em Dt 24.6. Um penhor precisava ser devolvido

antes que a sua ausência causasse algum sofrimento (Dt 24.10,11; Am 2.8).

* **22.28 Contra Deus não blasfemarás.** Este texto foi citado por Paulo

em At 23.5. Pôr em dúvida a palavra de uma autoridade devidamente nomeada era equivalente a pôr em dúvida a autoridade de Deus (Rm 13.1,2). Nem Deus e nem as autoridades vindas da parte dele podiam ser blasfemados.

* **22.29 Não tardarás.** Porque as primícias simbolizavam o direito que

Deus tem sobre tudo, os israelitas não deviam reter essas ofertas (13.2, nota).

*
22.31 dilacerada no campo. Isso porque a carne não sido

apropriadamente drenada de seu sangue (Lv 3.17; 7.22-27).

* **23.4 o boi do teu inimigo.** Um membro da aliança com Deus

não devia tirar vantagem do infortúnio de um inimigo (talvez neste caso um oponente em juízo). Ver Mt 5.43-48; Rm 12.20,21.

* **23.9 forasteiro.** É repetida aqui a substância de 22.21; o

contexto jurídico aqui (vs. 6-8) indica que um forasteiro não podia ser judicialmente vitimizado.

* **23.11 sétimo ano**. Tal como o sábado semanal, sobre o qual estava

baseado, o ano sabático visava o bem do homem e da criação (20.8-11 e notas). Relembrava o povo de Israel que Deus, o verdadeiro proprietário da terra, a tinha confiado a eles (Lv 25.2). A cada sete anos a terra teria que permanecer sem cultivo, e o que ela produzisse

por si mesma seria dos pobres, que não teriam sido capazes de reservar recursos alimentares suficientes. Levítico 26.34-35 sugere que o ano sabático nem sempre foi observado, embora apareça claramente em Ne 10.31.

*** 23.14 Três vezes no ano.** As festas religiosas de Israel estavam ligadas

ao ciclo agrícola da nação. A festa dos Pães Asmos ocorria em abril ou maio, como celebração da primeira colheita da cevada. Sete semanas depois ocorria a Festa das Semanas, que celebrava a colheita de outras safras de cereais, tais como o trigo. Finalmente, vinha a Festa dos Tabernáculos, que celebrava a colheita final e o fim da estação agrícola, no outono (setembro).

*** 23.15 Festa dos Pães Asmos.** A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos

estavam intimamente associadas — a Festa começava no dia depois da Páscoa. Alguns têm argumentado que a Festa dos Pães Asmos era simplesmente uma festa agrícola, mas fica claro aqui que ela comemorava o êxodo. Ver nota em Dt 16.9-12.

*** 23.16 Festa da Sega.** Ver o v. 14; Dt 16.9-12 e notas. Também

conhecida como Festa das Semanas ou Pentecoste, nos tempos do Novo Testamento essa festa estava associada com a outorga da lei no monte Sinai. A contraparte da Nova Aliança é o dom do Espírito Santo, no dia de Pentecoste (At 2.1-39; cf. Rm 8.23).

Festa da Colheita. Também chamada de Festa dos Tabernáculos. Ver o v. 14; Dt 16.13-17 e notas.

à saída do ano. Ou seja, no fim do ano. Ver nota em 12.2.

*** 23.18 Não oferecerás.** Embora alguns argumentem que

os detalhes

deste versículo aplicam-se somente à celebração da Páscoa (cf. 12.10), é

melhor considerar este versículo aplicável a todas as oferendas. As porções gordurosas que fossem guardadas à noite não estariam frescas e seriam indignas de serem oferecidas. O fermento, que representava a colheita anterior, era considerado uma impureza.

* **23.19 primícias.** Ver notas em 13.2; 1Co 15.20.

Não cozerás. Ver nota em Dt 14.21.

* **23.20 um Anjo**. Misteriosamente, o Anjo da presença de Deus foi

distinguido dele, e, no entanto, foi identificado com ele (v. 21; Gn 16.7, nota). A nuvem que simbolizava a presença de Deus também assinalava a presença do Anjo (14.19).

* **23.21** Ver "'Este é o Meu Nome': A Auto-Revelação de Deus", índice.

* **23.22 se diligentemente lhe ouvires a voz.** As garantias expressas

neste versículo se assemelham às cláusulas de proteção nos tratados de suzeranias do antigo Oriente Próximo (Introdução: Data e Ocasião). Ver nota em 20.1.

* **23.24 colunas.** Havia colunas de pedra ligadas aos santuários

cananeus. Embora tais monumentos fossem usados anteriormente na adoração ao Senhor (Gn 28.18), agora eles foram proibidos.

* **23.25 ele abençoará**. Quanto a uma lista mais ampla de bênçãos, ver

Dt 28.1-14.

* **23.27 meu terror.** Ver nota em 15.14.

* **23.28 vespas.** Ver nota em Dt 7.20.

* **23.29 Não os lançarei**. A conquista vindoura seria paulatina. Israel não

assumiria responsabilidade por toda a terra até que fosssem capazes de

defendê-la e cuidar dela.

* **23.31 termos.** Ver nota em Gn 13.15.

mar Vermelho. Ao que tudo indica temos aqui uma referência ao golfo de Áqaba, para o lado do sudeste (13.18, nota).

* **23.32 Não farás aliança nenhuma.** Israel não demorou a desobedecer a este mandamento (Js 9). A coletânea de leis da aliança termina conforme havia começado — com uma ênfase sobre a guarda dos dois primeiros mandamentos (20.1-4,22).

* **24.1-18** Estipulados os termos da Aliança, o povo de Israel ratificou

a aliança concordando com as suas condições (v. 3 e 7; cf. 19.8).

* **24.1 Disse também Deus a Moisés.** A narrativa do Sinai, que

fora suspensa em 20.21, é reiniciada aqui. A menção a Arão e a seus dois filhos, fala da autenticidade da narrativa, pois os filhos foram posteriormente mortos por causa de um delito contra Deus (Lv 10.1-2).

* **24.3 as palavras.** Os Dez Mandamentos (20.1, nota).

estatutos. Presumivelmente o Código da Aliança (20.22—23.19). Isso pode assinalar a outorga do Código da Aliança por parte de Moisés, visto que todo o povo de Israel já tinha ouvido o Decálogo (20.1, nota).

* **24.4 Moisés escreveu.** Ver nota em Dt 31.9.

* **24.5 jovens**. Por enquanto ainda não havia sacerdócio

constituído. As oferendas selaram a aliança, indicando que a aceitação de Israel, por parte de Deus, ocorreu à base da expiação pelo pecado feita com sangue.

* **24.7 livro da aliança**. Usualmente, essa expressão é aplicada

ao código da aliança, que aparece em 20.22—23.19 (20.1, nota). Aqui, essa expressão também deve incluir os Dez Mandamentos (20.2-17), e talvez outras passagens, como 19.5,6.

* **24.8 o aspergiu sobre o povo.** O povo de Israel recebeu a

aspersão do "sangue da aliança", o sangue que inaugurou a aliança (Hb 9.1622 e notas). O sangue simbolizava a purificação do pecado para que o povo pudesse entrar no relacionamento da aliança, e sublinhava que a penalidade final para quem quebrasse a aliança seria a morte. Jesus proclamou o cumprimento desse simbolismo por ocasião da Última Ceia, quando ofereceu o cálice: "Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mt 26.28)

* **24.10 viram o Deus de Israel.** Eles viram uma manifestação visível do Senhor, mas não a plenitude de sua glória e poder. Mais tarde, Moisés foi privilegiado por ver a "bondade" e as "costas" de Deus (33.19-23 e notas), embora o caráter limitado da manifestação tenha sido enfatizado.

pés. A descrição se concentra exclusivamente sobre os pés do Senhor, uma indicação do caráter parcial da manifestação divina.

pavimentação. Talvez o firmamento debaixo do trono (cf. Ez 1.26).

safira. A área por baixo dos pés de Deus é comparada a um pavimento de lápis lazuli azul. Essa pedra semi-preciosa era disponível em forma natural na ilha de Chipre e na Cítia, e em forma artificial no Egito.

* **24.11 a mão.** Seu poder (4.2, nota). Eles não somente viram a Deus, mas também comeram e beberam na presença dele. Refeições semelhantes em celebração da conclusão de um pacto são registradas em Gn 31.46; Êx 18.12 e Mt 26.28.

* **24.12-18** Moisés subiu ao monte Sinai para receber as tábuas da lei,

além de outras instruções acerca da adoração de Israel e do tabernáculo.

* **24.14 Esperai-nos aqui.** Isso arma o cenário para o incidente do bezerro de ouro, no cap. 32.

* **24.16 glória.** O vocábulo é usado para indicar uma manifestação da presença divina. O restante do livro de Êxodo trata das condições segundo as quais Deus habitaria com o seu povo.

* **25.1—31.8** Esta seção entra em muitos detalhes acerca do padrão divino para o lugar onde o próprio Senhor habitaria entre o seu povo. O tabernáculo e o seu ministério são as duas características centrais — detalhes sobre a construção do tabernáculo, os elementos necessários, a maneira e as pessoas exatas a serem empregadas no serviço de Deus, são cuidadosamente especificados. A inauguração da aliança tinha estabelecido a monarquia de Deus sobre Israel. Essa monarquia agora seria apropriadamente reconhecida pela construção de uma

residência para Deus, como símbolo de sua autoridade real sobre Israel.

* **25.1** Os materiais seriam recolhidos como ofertas gratuitas

dentre os tesouros do povo de Israel (12.35,36). Ironicamente, enquanto essas instruções estavam sendo dadas, o povo estava contribuindo com ouro para um ídolo, no sopé da montanha (32.1-4).

* **25.3** **ouro, prata e bronze.** Quanto mais próxima estivesse a

presença de Deus, mais finos eram os materiais requeridos. Metais e fios coloridos são alistados segundo uma ordem descendente de valores.

* **25.4** **azul.** Ou violeta. Corantes das cores violeta e púrpura eram

obtidos de um molusco; a escarlata de um inseto do gênero cochinilha. Essas cores eram preciosas por causa do custo do corante. O azul do tabernáculo veio a ser particularmente associado ao Senhor (Nm 15.38).

linho fino. O linho fino provavelmente fora produzido no Egito.

pêlos de cabra. Os pêlos de cabras eram mantidos sem tingir. Seriam usados como primeira cobertura do tabernáculo, e outras peles seriam colocados por cima deles (26.14).

* **25.5** **peles de carneiro.** As peles de carneiros eram curtidas ou

tingidas, ou talvez ambas as coisas.

peles finas. O sentido da palavra hebraica é incerto. O golfinho (referência lateral) e outros animais marinhos também são possibilidades. Tais couros podem ter sido apenas secados ao sol, caso em que pode ter havido uma ordem de valor descendente nas peles selecionadas

madeira de acácia. Uma madeira dura e resistente, própria para ser entalhada e para servir de revestimento.

* **25.6 especiarias.** Ver 30.23-25,34-38.

* **25.7 pedras de ônix.** As pedras postas sobre as duas ombreiras

da estola sacerdotal eram de material facilmente gravável como a carnalina, o ônix ou o lápis lazuli (24.10, nota; 28.9-12; 39.6-7).

* **25.8 santuário**. Ver referência lateral. Este é um termo mais

amplo do que "tabernáculo", referindo-se a qualquer lugar de auto-revelação visível, ou teofania de Deus (15.17; Js 24.26; Ez 11.16).

* **25.9 tabernáculo.** Esse termo
significa "habitação", designando

um palácio ou templo. Esse tabernáculo prefigurava a habitação de Deus com os homens na pessoa de Jesus Cristo (Jo 1.14, nota).

modelo. O modelo mostrado a Moisés foi uma planta do tabernáculo a ser construído (cf. o plano do templo revelado a Davi em 1Cr 28.19). Ao mesmo tempo refletia as realidades celestiais (Hb 9.24). Ver Ez 43.10,11.

* **25.10 arca.** A revelação do modelo para o santuário terrestre começa

com os planos para a arca da aliança, o objeto mais sagrado do tabernáculo. Essa caixa ornamentada continha as tábuas dos Dez Mandamentos, o vaso com maná e a vara de Arão (16.33; 25.16; Nm 17.10; Dt 10.1-5; Hb 9.4). A tampa da arca era, talvez, considerada como um estrado para os pés ou o trono do Senhor (vs. 18,22 e notas).

côvado. Um côvado era, mais ou menos, a distância desde o dedo médio até o cotovelo — cerca de 46 centímetros.

* **25.13 Farás... varais.** A fim de que a arca pudesse ser movimentada

sem ser tocada (cf. 2Sm 6.6,7). Isso salienta a santidade e o caráter portátil da arca.

* **25.16 Testemunho.** As tábuas de pedra da aliança do Sinai. A palavra escrita de Deus é o seu testemunho das condições de sua aliança. A Bíblia não é um testemunho humano falível acerca de Deus, mas, antes, é o infalível testemunho de Deus para os homens.

* **25.17 propiciatório.** Lit., "tampa da expiação", um lugar onde partes em inimizade se reconciliavam. "Expiação" é a tradução portuguesa normal da raiz hebraica que significa "apagar", ou, talvez, "encobrir" a culpa do pecado de diante dos olhos de Deus, a fim de que os crentes possam reconciliar-se com Deus. No Antigo Testamento, a propiciação (isto é, fazer retroceder a ira divina e satisfazer as reivindicações de sua justiça) é efetuada por um sacrifício sangrento (Lv 17.11). Esse derramamento de sangue dramatiza o custo do perdão, e prenuncia a morte sacrificial de Cristo, na cruz, quando se cumpriu o simbolismo do Dia da Expiação. Paulo ensinou que Jesus foi feito a propiciação pelos nossos pecados (Rm 3.25; cf. 1Jo 2.2).

O "propiciatório" era a tampa da arca, que algumas vezes é mencionada em distinção à arca, como o lugar onde Deus foi propiciado. Na Septuaginta (o Antigo Testamento traduzido para o grego), o termo grego para "propiciação" (hilasterion) significa, lit., "lugar de propiciação" (ver também Hb 9.5).

* **25.18 querubins.** Os querubins usualmente estavam associados ao

trono do Senhor, como guardiães ou transportadores do trono (1Sm

4.4; Is 37.16). No mundo pagão, querubins eram deidades menores, que protegiam os palácios e os templos; mas aqui eles simbolizam anjos guardiães (Gn 3.24). Talvez fossem retratados como esfinges aladas (leões alados com cabeças de seres humanos).

* **25.22 virei a ti**. O Senhor é "Aquele que habita entre os querubins" (1Sm 4.4; 2Sm 6.2; 2Rs 19.15; Sl 80.1; 99.1; Is 37.16). O propiciatório tornava-se assim o ponto focal do encontro de Deus com o seu povo. O propósito do êxodo, pois, era esse encontro de Deus com o homem (29.45,46).

* **25.23-40** A revelação do modelo do santuário terrestre continua com

os planos para os objetos a serem abrigados no Lugar Santo — a mesa dos pães da proposição, seus pratos e o candelabro de ouro. Instruções sobre o altar do incenso, também abrigado no Lugar Santo, são dadas em 30.1-10.

* **25.23 farás a mesa.** É chamada "mesa dos pães de proposição" (Nm 4.7) e a "mesa de ouro puro" (Lv 24.6; 2Cr 13.11), sobre a qual os pães da proposição eram dispostos (1Rs 7.48). Ficava no lado norte do Lugar Santo (40.22).

* **25.29 farás os seus pratos.** Esses pratos, todos de ouro puro, incluíam um onde os pães da proposição eram colocados, um recipiente para o incenso, e as galhetas para a libação ou oferta de vinho, bem como as taças para as libações (37.16; Lv 24.7; Nm 4.7).

* **25.30 pães da proposição.** Lit., "pães da presença". Esses pães só podiam ser comidos pelos sacerdotes (Lv 24.8,9). A colocação cuidadosa dos doze pães (provavelmente simbolizando as doze tribos de Israel) perante o Senhor, e a ingestão dos pães pelos representantes (os sacerdotes) lembrava o povo de Israel de sua constante dependência da presença vivificante de Deus.

25.31 candelabro. O candelabro, que ficava defronte da mesa no

Lugar

Santo, foi feita de um talento (cerca de 34 kg) de ouro batido de forma a sugerir uma amendoeira que crescia. Talvez simbólica da nova vida, a amendoeira florescia no fim de janeiro, antes de outras árvores.

*

25.32 6 hásteas. O pedestal e a parte vertical repre o

tronco de uma árvore, da qual saíam três ramos de cada lado. As seis hásteas provavelmente se elevavam até à altura da hástea central, com sete lâmpadas (o número sete significa perfeição) cada uma das quais ficava na parte mais alta das hásteas, a central e as laterais (v. 37).

* **26.1-37** Deus revela o modelo para o próprio tabernáculo. O

tabernáculo, a habitação santa de Deus, em meio a seu povo pecaminoso, servia a uma dupla função. Por um lado, protegia o povo dos perigos de uma intrusão desautorizada — as cortinas do Santo dos Santos, do Lugar Santo, e até do pátio, que estava entre o povo e a ameaça da consumidora presença de Deus. Por outro lado, o tabernáculo provia um meio de aproximação ao Senhor. Os adoradores entravam no átrio exterior para orar e oferecer sacrifícios; os sacerdotes levavam as petições do povo até o Lugar Santo; e, uma vez por ano, no Dia da Expiação o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, a própria sala do trono do Todo-Poderoso, com uma expiação de sangue para apresentá-la ao Senhor, diante do propiciatório.

Não obstante, o tabernáculo era um símbolo provisório, e não a plena realidade de Deus habitando entre os homens. Simbolizava o templo celeste de Deus (ver Hb 8.1-6; 9.1-15) e prefigurava Deus habitando entre os homens, na pessoa de Jesus Cristo, Deus encarnado (Jo

1.14, nota). Conforme o autor da epístola aos Hebreus deixa claro, o tabernáculo e seu ministério eram insuficientes em si mesmos (Hb 10.1-4). Antes, eles representavam a final e completamente suficiente obra sacerdotal de Cristo (Hb 10.11-18).

*** 26.1 tabernáculo.** O próprio tabernáculo, que continha o Lugar

Santo e o Santo dos Santos, tinha 13,72 m de comprimento, 4,57 m de largura e 4,57 m de altura. Era coberto com dez cortinas feitas de tecidos caros, com querubins bordados. Dois conjuntos de cinco cortinas, com 12,80 m de comprimento por 1,83 m de largura, cada qual de linho fino, eram vinculadas

entre si para prover uma peça contínua de 18,30 m por 12,80 m. Essa cortina contínua era então espalhada sobre o arcabouço de madeira. Essa cobertura interior terminava a 46 cm acima do chão, de cada lado do tabernáculo (vs. 16).

* **26.7 Farás também de pêlos de cabras cortinas. Como**

proteção para a cortina interior, dois jogos de cortinas de pêlos de cabra deviam ser unidas por meio de laçadas e colchetes para fazer uma cortina de 13,72 m de alto a baixo e de 20,10 m de um extremo a outro.

* **26.13 O côvado... penderão.** As cortinas externas eram duas

cortinas (90 cm) mais longas do que as interiores, e dificilmente chegariam ao chão (v. 1, nota).

* **26.14 uma coberta.** Duas cobertas adicionais de peles de

carneiros e de animais marinhos, aparentemente colocadas nessa seqüência, foram feitas para proteger os dois conjuntos internos de cobertas.

* **26.15 tábuas... verticalmente.** Proviam a estrutura na qual as

cortinas estavam estendidas. Eram pranchas ou, mais provavelmente, quadrados postos verticalmente para prover os lados e as costas da estrutura. Eram estabilizadas por meio de travessas horizontais e eram ancoradas no chão nas bases de prata. Havia vinte dessas de cada lado, e seis nas costas (para os lados do ocidente).

* **26.26 Farás travessas.** A estrutura era estabilizada por meio de

quinze travessas de madeira, recobertas de ouro, cinco para cada um dos dois lados do tabernáculo. A estrutura inteira podia ser desmantelada ou montada de novo em um mínimo de tempo.

* **26.31 Farás também um véu.** O interior da tenda do tabernáculo

devia ser dividido pelo "véu do reposteiro" (39.34; 40.21), ou "véu de

cobrir” (Nm 4.5), que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo. Esse véu era uma tapeçaria que ficava pendurada a 9,15 m da entrada da tenda, criando um cubo

interior com 4,57 m de lado, onde a arca era guardada. Era o Santo dos Santos, a sala do trono onde o Senhor se encontrava com o sumo sacerdote de Israel, no Dia da Expiação. O Lugar Santo, uma antecâmera real, se estendia por 9,15 m do véu até à entrada da tenda.

* **26.36 para a porta.** A porta da extremidade leste estava coberta

por uma cortina apoiada em colunas de acácia, posta sobre bases de bronze. A cortina era feita do mesmo material que as cortinas interiores e o véu, mas era bordada e não tapeçaria, visto estar mais longe do Santo dos Santos.

* **27.1 altar.** O altar dos holocaustos era feita de madeira de

acácia recoberta de bronze. Os chifres nas quatro pontas eram importantes no ritual e recebiam aplicações de sangue por ocasião da consagração dos sacerdotes (29.12), nas ofertas pelo pecado (Lv 4.25,30), e no Dia da Expiação (Lv 16.18). Davam proteção a qualquer pessoa que se agarrasse a eles (1Rs 1.50). O altar era oco e era cheio de terra ou de pedras não-lavradas (20.24).

* **27.3 esses utensílios**. Os acessórios, estando fora do

tabernáculo propriamente dito, eram todos feitos de bronze.

* **27.4 uma grelha de bronze.** Os detalhes da grelha e suas

funções são obscuros. Ficava na metade inferior do altar, abaixo da beirada do altar até o chão. Talvez isso servisse para ventilar o fogo sobre o altar. O "rebordo" do v. 5, aparentemente era para os sacerdotes ficarem em pé enquanto ofereciam sacrifícios.

* **27.9 Farás também o átrio.** O átrio era um retângulo de 45,75

m x 22,87 m, envolto por cortinas de linho fino, com 2,28 m de altura separando esse átrio do acampamento de Israel ao redor (v. 18).

* **27.16 À porta do átrio.** Uma abertura de 9,15 m do lado leste era

coberta por um reposteiro (v. 16). Cinqüenta e seis colunas (vinte para os lados norte e sul, dez no lado oeste e três a cada lado da entrada, para o leste), sobre bases de bronze, seguravam as cortinas de linho. Outras quatro colunas

apoiavam o reposteiro. Seu posicionamento não é especificado; e nem a colocação do tabernáculo no átrio. As colunas podem ter sido seguras em seu lugar por meio de pequenas estacas e cordas para firmar (35.18).

*
27.18 O átrio terá cem côvados de comprido. O á

aparentemente consistia em dois quadrados iguais de cerca de 23 m^2 que continham o tabernáculo propriamente dito e um pátio aberto na frente. A arca e o altar dos holocaustos eram os objetos centrais respectivos. A metade aberta do átrio, a oriente, provia espaço público para os sacrifícios e para as concentrações dos adoradores.

* **27.20 azeite puro de oliveira... para o candelabro. O azeite**

puro de oliveira provia uma luz virtualmente sem fumaça. A lâmpada era o candelabro de ouro que ficava no lado sul do Lugar Santo (Lv 24.1-4).

* **27.21 tenda da congregação**. O tabernáculo foi chamado assim

porque ali se reuniam Deus e os representantes religiosos de Israel,

conforme estava determinado pelos regulamentos litúrgicos. Não era a mesma coisa que a "tenda da congregação" montada fora do acampamento, onde Deus se encontrou com Moisés (33.7, nota; Nm 12.4).

* **28.1—30.3** Tendo revelado o modelo do santuário terreno (25.1 — 27.21), Deus agora revelava os regulamentos para o ministério sacerdotal do santuário.

* **28.1 me oficiarem como sacerdotes.** Em primeiro lugar e mais

importante, os sacerdotes deviam servir como mediadores entre Deus e os homens. Como sacerdotes e representantes de um Deus santo, Arão e seus filhos participavam da santidade do tabernáculo e tinham que seguir os padrões rigorosos da pureza ritual (Lv 21.1—22.16). Além dos seus deveres cerimoniais, tais como oferecerem sacrifícios e cuidarem do lugar da adoração, atuavam como juízes (Dt 17.8-13), dispensavam bênçãos (Nm 6.22-27), apresentavam oráculos (Nm 27.21) e ensinavam a lei divina ao povo (Dt 33.10).

Nadabe, Abiú. Esses dois filhos de Aarão foram mortos devido às suas atividades ilegais (Lv 10.1,2). Arão foi sucedido por Eleazar (Dt 10.6).

* **28.2 Farás vestes sagradas.** As vestimentas do santo sumo

sacerdote de Deus tinham uma importância máxima. Visavam a beleza, e eram feitas dos mesmos materiais caros que o tabernáculo.

* **28.6 a estola sacerdotal.** Essa peça de linho, sem mangas,

enfeitada com fios coloridos, era feita de material caro, e descia desde o peito até à cintura. Possuía tiras nos ombros, com duas pedras de ônix gravadas com os nomes das tribos e um cinto (39.2-7). O peitoral, que continha o Urim e o Tumim, era seguro à estola por meio de duas argolas de ouro (v. 27; 1Sm 23.9,10).

* **28.15 o peitoral do juízo**. Era uma única peça de tecido, dobrada

pela metade para formar um bolso quadrado, tendo na frente pedras preciosas que traziam os nomes das doze tribos (v. 21), bem como o Urim e o Tumim pelo lado de dentro (v. 30).

* **28.22 correntes.** Cordinhas de fio de ouro retorcidas ligavam o

peitoral às tiras dos ombros da estola sacerdotal.

* **28.29 os nomes dos filhos de Israel.** Arão levava esse lembrete

da nação que ele representava quando entrava no Lugar Santo.

* **28.30 o Urim e o Tumim.** Lit., "luzes e perfeições". No hebraico,

essas duas palavras começam com a primeira e a última letras do alfabeto (cf. "o Alfa e o Ômega" de Ap 1.18). Não há qualquer indício sobre o que esses objetos eram ou como funcionavam — talvez fossem pedras de cores diferentes, ou dois pequenos objetos gravados com símbolos ou letras do alfabeto. Seja o que for o Urim e o Tumim, eram usados para receber oráculos da parte de Deus (Nm 27.21; Dt 33.8; 1 Sm 23.6-13; 28.6; Ed 2.63).

* **28.31 a sobrepeliz da estola sacerdotal.** Essa sobrepeliz azul,

com sinetas, era usada sob o peitoral e a estola para identificar e proteger o sumo sacerdote quando ele entrasse na área de santidade especial.

* **28.36 Santidade ao SENHOR.** Sobre o turbante de Aarão havia

uma lâmina ou diadema. O mesmo objeto é chamado de coroa (29.6; 39.30; Lv 8.9) e era usada pelos reis (2Sm 1.10; 2Rs 11.12; Sl 89.39). A lâmina gravada era de ouro puro, e identificava Arão como alguém

que fora separado para o Senhor, como representante religioso de Israel.

* **28.40 farás túnicas... cintos... tiaras. As outras vestes**

sacerdotais só são descritas brevemente. A túnica parece ter sido uma vestimenta longa, usada por baixo do roupão. Estas vestes sacerdotais deveriam ser usadas na presença de Deus (v. 43). Os sacerdotes comuns usavam túnicas simples, cintos menos ornamentados, e um turbante diferente do que era usado pelo sumo sacerdote.

* **28.42 calções de linho.** A roupa de baixo era usada de

forma que não violasse o mandamento de 20.26. A nudez ritual, muito comum em outras religiões antigas, era proibida em Israel.

* **29.1 consagrar.** Ou, "fazê-los santos," separá-los dos

outros israelitas para que servissem a Deus.

* **29.2 pães... bolos... obreias.** Três tipos de ofertas de

cereais que deveriam ser apresentadas (cf. Lv 2.4-10).

* **29.4 lavarás com água.** Arão e seus filhos não podiam

entrar no tabernáculo até que fossem cerimonialmente purificados pela lavagem, e até que um sacrifício tivesse sido feito em favor deles (cf. Hb 7.26-28).

* **29.5 tomarás as vestes.** Arão e seus filhos deviam

vestes sagradas, simbolizando sua posição. Só Arão é ungido (sendo assim

autorizado a desempenhar o papel de sacerdote-líder).

*** 29.9 consagrarás. Lit. "encherás a mão," uma**

expressão idiomática hebraica indicadora da indução ao cargo.

*** 29.10 Farás chegar o novilho. Os sacerdotes colocavam**

suas mãos sobre o novilho para simbolizar identificação e substituição pessoal nesta oferta pelo pecado. O sangue era espargido nos chifres do altar de sacrifícios queimados, como se fosse um sacrifício para leigos, já que Arão e seus filhos ainda não haviam sido consagrados (Lv 4.25, 30; cf. Lv 4.7). O restante do sangue era derramado aos pés do altar como uma oferta pelo pecado. Certas partes deveriam ser queimadas no altar (v. 13), mas o restante deveria ser queimado fora do acampamento, como restos impuros (v. 14).

*** 29.15 um carneiro. Este carneiro era oferecido como um**

holocausto dedicatório (Lv 1.3-17, nota).

*** 29.19 tomarás o outro carneiro. O outro carneiro era**

ofertado como um sacrifício pacífico (Lv 3.1, nota).

*** 29.20 porás sobre a ponta. A orelha, as mãos, e os pés**

dos sacerdotes (as extremidades sendo partes de um todo) eram purificados de impurezas para serem consagrados ao serviço de Deus.

*** 29.22 a coxa direita. Normalmente parte da porção do**

sacerdote (Lv 7.32), esta também era queimada no sacrifício em favor dos sacerdotes.

*** 29.24 movendo-as de um lado para o outro. O**

movimento cerimonial simbolizava a sua dedicação, como presentes a Deus.

*** 29.26 tua porção. Moisés, que já estava atuando como**

sacerdote, recebia o peito e a coxa do carneiro como sua porção; mais tarde

os sacerdotes as receberiam (Lv 7.31-32).

* **29.38 cada dia, continuamente.** Os requisitos para as

ofertas sacerdotais diárias são revistos (vs. 38-46). O autor de Hebreus faz um contraste entre estes sacrifícios diários pelos pecados (cuja repetição era indicadora de sua insuficiência) e o sacrifício definitivo de Cristo (Hb 10.1114).

* **29.42-46** Esta passagem declara o objetivo do êxodo (e do livro). Deus "os tirou da terra do Egito" para que pudesse "habitar no meio deles" (v. 46). O relacionamento da aliança entre Deus e o seu povo é fundamentalmente um relacionamento de comunhão entre Deus e o homem (Gn 17.7; Êx 6.7).

*** 30.1 um altar para queimares nele o incenso. O altar**

estava em frente ao véu na entrada do Santo dos Santos (v. 6). Era aceso pelo sumo sacerdote de manhã e à noite. A fumaça que então cobria o propiciatório protegia o sumo sacerdote da presença divina (Lv 16.13).

* **30.12 fizeres recenseamento.** O dinheiro de expiação de

metade de um siclo, que acompanhava cada recenseamento, era o testemunho da dependência de Israel da misericórdia do Senhor. Suas vidas estavam perdidas por causa do pecado, e tinham que ser redimidas. A lição da Páscoa e da redenção do primogênito se aplica a todo Israel (13.15; 22.29; Nm 3.40-51).

resgate. Lit. "expiação." O pagamento servia como ato de expiação individual e assegurava os direitos de Deus sobre Israel.

* **30.13 metade de um siclo.** Em tempos difíceis a quantia

aparentemente era reduzida (Ne 10.32).

* **30.17-21** Os sacerdotes lavavam suas mãos e pés quando se aproximavam do altar ou entravam no tabernáculo para ministrar. Não são

declaradas as dimensões da bacia, mas as bacias do templo de Salomão eram enormes (1Rs 7.38). Negligenciar a purificação poderia significar a morte — o Deus santo não deveria ser abordado de maneira descuidada (vs. 20,21).

*** 31.1-11 O tabernáculo deveria ser construído, de acordo com o**

projeto divino, por homens dotados e sobrenaturalmente capacitados pelo Espírito Santo para desempenharem todas as tarefas que lhes eram requeridas (vs. 3-6, 11). Todo o trabalho foi descrito por Deus a Moisés, deixando pouca margem para variações criativas (25.9).

*** 31.2 Bezalel. O nome é arcaico e significa "na sombra**

de *El* (Deus)" (cf. 17.10, nota).

*** 31.6 Aoliabe. Assistente de Bezalel. O seu nome**

significa "o pai é minha tenda."

*** 31.12-17 O mandamento de guardar o sábado é repetido e**

designado como o sinal da aliança de Moisés (Gn 9.12, nota). Guardar o sábado do Senhor é guardar a aliança, já que o sábado é um sinal do relacionamento especial entre Deus e Israel.

Desconsiderar o sábado do Senhor significava desconsiderar os propósitos de Deus para a criação através da sua redenção de Israel.

*** 31.18 as duas tábuas do testemunho. Ver nota em Dt**

5.22. Alguns sugerem que estas eram duas cópias idênticas. Consistente com os tratados de soberanos do Oriente próximo, uma cópia pertencia a cada parceiro da aliança e as cópias eram guardadas em seus respectivos santuários. A arca era tanto o ponto principal do santuário de Israel como a moradia especial de Deus. Sendo assim, as duas cópias eram guardadas na arca.

dedo de Deus. Ver 8.19.

*** 32.1-34.35 A misericórdia contínua de Deus, revelada ao povo de**

Israel nestes capítulos, é espantosa. Mesmo depois de sua poderosa libertação pelo êxodo e de suas providências milagrosas no deserto, eles respondem com reclamações, recriminações e a adoração idólatra ao bezerro de ouro (16.2,3; 17.1-3; 32.1-6). Devemos notar, no entanto, que este trecho demonstra não só a traição de Israel e a bondade do seu Deus, mas também o papel central de Moisés como mediador. Já que o Senhor estava contente com o seu mediador, ele não esqueceu o povo e não optou por começar de novo e fazer uma grande nação por intermédio de Moisés (32.10-14).

Não devemos concluir que a continuação de Israel no favor de Deus era conseqüência única do mérito de Moisés como mediador de Deus. Ao contrário, a base da petição de Moisés por misericórdia era a sua preocupação com a glória de Deus e seu apelo às promessas graciosas da aliança que Deus tinha feito com os patriarcas (32.11-14). A crise da deslealdade de Israel, e a ameaça de Deus em destruí-los, se resolve na fidelidade de Deus

revelada através do apelo bem sucedido do homem Moisés, que conhecia e alcançava o coração de Deus.

*** 32.1 acercou-se. A expressão é ameaçadora (usada em**

relação à rebelião de Coré em Nm 16.3; 20.2). O problema não é com a liderança passada de Moisés, e sim com sua presente ausência.

*** 32.4 bezerro. O bezerro como símbolo de divindade era**

muito comum no mundo antigo. Talvez fosse um símbolo de Apis, o deus-touro egípcio da fertilidade. O próprio Arão pode ter apresentado o bezerro como um símbolo do Deus verdadeiro, e ele aparentemente tentou abrandar a apostasia construindo um altar e anunciando uma festa ao Senhor (v. 5). Observando-se que o termo hebraico traduzido "deuses" e "deus" nos versos 1 e 4 *('elohim)* **pode ser usado como singular ou plural (v. 1, referência lateral), alguns têm proposto que o povo estava adorando ao bezerro como um símbolo do Senhor (ainda seriam culpados de idolatria, 20.4, nota). Mas o grito do povo é relatado aqui usando o verbo plural ("tiraram") com** *'elohim***. A forma singular é sempre usada com este**

substantivo quando se refere ao Deus verdadeiro. O povo estava se dirigindo ao deus-touro para liderá-lo, numa bruta violação de 20.2 (cf. At 7.39-41).

* **32.5 festa.** O primeiro, segundo, terceiro, e

provavelmente o sétimo mandamento foram violados nesta festa (v.6, nota; 20.2-7,14).

* **32.6 levantou-se para divertir-se.** Eles se levantaram

de suas refeições para se envolverem no que provavelmente era uma orgia de culto à fertilidade (o deus-touro Apis era o deus egípcio da

fertilidade). Outra indicação de que este festival incluía imoralidade sexual é a referência posterior à vergonhosa falta de controle (v. 25).

* **32.7 teu povo.** Em ira justa contra a idolatria de Israel,

Deus não reconhece o povo como sendo seu. Ao contrário, ele os designa

como sendo o povo de Moisés.

* **32.10 deixa-me.** Antecipando a intercessão de Moisés,

Deus se propõe a destruir os apóstatas endurecidos e a começar uma nova nação a partir de Moisés. Se fizesse isto, Deus teria deixado de lado suas promessas a Abraão, Isaque, e Jacó (Gn 12.2; 26.4; 28.14).

* **32.11** Moisés rejeita a proposta de Deus do v. 10. Ao invés dela, argumentando sobre a base da honra do nome de Deus (v. 12) e apelando à fidelidade de Deus às suas promessas de aliança feitas aos patriarcas (v.13), Moisés pede que Deus continue a reconhecer a Israel como seu povo.

* **32.13 Israel.** A seqüência normal requereria "Jacó" (cf.

2.24; 3.6; Dt 1.8), mas a substituição é feita por Moisés para adaptá-la a ocasião.

32.14 se arrependeu o SENHOR. Ver nota em Gn 6.6. A

oração intercessória de Moisés também era parte da vontade de Deus e do seu propósito, o de mostrar a sua graça. Mas a eficácia da intercessão de Moisés só pode ser descrita por uma caracterização de Deus em termos humanos: Ele se arrepende e desiste do julgamento total que tinha

ameaçado. Ver "A Natureza Espiritual de Deus", índice.

* **32.16 obra de Deus... escritura de Deus. A atenção é**

dirigida enfaticamente à origem divina das tábuas a serem despedaçadas. Ver nota teológica "A Palavra de Deus: A Escritura como Revelação", índice.

* **32.18 alarido.** Moisés responde com um pequeno poema

gráfico que usa a palavra "cantar" de três formas diferentes, que literalmente significa: "Não é o som do canto da vitória, nem o som do canto da derrota, e sim o som de cânticos que ouço."

* **32.19 quebrou-as.** As tábuas quebradas da lei da aliança

representam fortemente a aliança quebrada (20.1, nota).

* **32.20 queimou-o.** Talvez o bezerro tenha sido de madeira

folheada à ouro. Israel foi forçado a beber este símbolo do seu pecado para demonstrar que aceitaria a responsabilidade que lhe sobrecaía (cf. a água amarga que depois deveria ser bebida por uma mulher adúltera, Nm 5.1822).

* **32.21-**
24 Na defesa patética de Arão ele culpa o povo pela sua

própria infidelidade, e até sugere uma origem milagrosa para o bezerro (v. 24). A conduta de Arão ao longo deste episódio sugere que o sacerdócio levítico estava destinado a falhar desde o seu início (Hb 5.2,3; 9.7). O julgamento divino sobre Arão só foi evitado em virtude da intercessão de Moisés (Dt 9.20; 10.6-9 e nota em 10.6).

* **32.26 Quem é do SENHOR.** Só os levitas, a própria tribo

de Moisés, responderam ao chamado de Deus para que, armados, acabassem com a rebelião. Eles estavam preparados para usar a

espada

julgadora de Deus contra os seus vizinhos ou até contra membros de suas próprias famílias (v. 29; cf. Nm 25.1-9).

* **32.29 Consagrai-vos.** Ver nota em 29.9.

* **32.30 subirei ao SENHOR.** Ainda que a rebelião tivesse

sido dissipada, a culpa de Israel perante Deus ainda permanecia. Novamente Moisés teve que deixar Israel e subir a montanha para encontrar-se com o Senhor.

*** 32.32 risca-me... do livro que escreveste. Da mesma**

forma em que existia um registro de Israel (cf. Nm 1-4), assim o próprio Deus tem um registro do seu povo (Sl 56.8; Is 4.3; Ml 3.16). Se Deus não perdoasse o seu povo, Moisés queria ser deserdado com eles (cf. vs. 10, 11). Note a atitude similar de Paulo em Rm 9.3.

*** 32.33 todo aquele que pecar contra mim. A intercessão**

de Moisés é, em parte, bem sucedida: Deus não rejeita o seu povo

definitivamente, mas os indivíduos pecaminosos serão julgados. As limitações do cargo e do ministério mediador de Moisés apontam a necessidade de um Mediador maior que apresente uma expiação plena e eficaz para o pecado (Hb 3.1-6; 10.11-18). Ver "Cristo — o Mediador", índice.

* **32.34 vingarei.** O castigo de Israel é apresentado como

sendo certo mas indefinido. Aparentemente, uma praga logo surgiu entre o povo como um castigo temporário (v. 35). Finalmente, toda aquela geração, exceto um pequeno remanescente, morreu no

deserto (Nm 14.27-34).

* **33.1 o povo que tiraste.** "Tiraste" sugere que Deus se

absolve da responsabilidade por Israel já que a aliança foi quebrada (32.7, nota).

* **33.2 Enviarei o Anjo adiante de ti.** Não existe nenhum

verdadeiro contraste entre o Senhor e o Anjo nesta passagem, já que o Anjo

que deveria ir adiante de Israel já foi identificado com o próprio Senhor (23.20-23; Gn 16.7 e notas). A chave para entender a proposta de Deus se encontra no v. 3 ("eu não subirei no meio de ti"). A questão era a moradia graciosa de Deus entre o povo (29.44-46). Se Deus não habitasse no meio de Israel, então não fazia sentido construir o tabernáculo; na verdade, Israel poderia "subir" imediatamente sem construí-lo (v. 1). Em vez disso, outro acordo, já em operação (descrito nos vs. 7-11), seria continuado. Deus se encontraria com Moisés e com os israelitas que o procurariam numa tenda "fora do arraial, longe do arraial" (v. 7). Esta nova "tenda da congregação" não era a habitação de Deus; Josué viveu lá (v. 11). Deus só vinha em certos momentos até à entrada da tenda numa coluna de nuvem para falar com Moisés (vs. 9, 10).

* **33.4 pôs-se a prantear.** Poderia até se pensar que Israel

se alegraria na possibilidade de receber a sua herança na terra sem a ameaça da constante presença de Deus. Ao invés disso, prantearam, pois Israel não seria mais uma nação de sacerdotes, desfrutando de comunhão imediata com Deus (19.3-6; 29.45,46). Este episódio é uma das grandes crises da história do êxodo.

* **33.5 tira... de ti os atavios.** Eles tiraram as vestes

festivas associadas com a idolatria (cf. Gn 35.4) e assumiram a postura de pranteadores. Mas isto era remorso, e não arrependimento genuíno. Eles eram e continuariam a ser um povo endurecido e teimoso. Ainda assim, havia uma nota de esperança nas palavras de Deus, "para que eu saiba o que te hei de fazer."

* **33.7 tomar... armá-la.** As formas verbais hebraicas

usadas aqui indicam que esta foi a prática normal durante o período no Sinai. Esta "tenda da congregação" era uma estrutura temporária que servia como um lugar de encontro para Deus e Moisés até que o verdadeiro tabernáculo pudesse ser construído (v. 2, nota).

fora, bem longe. A ausência da presença de Deus no arraial é enfatizada.

* **33.12 Disse Moisés ao SENHOR.** Moisés responde à

ameaça espantosa dos vs. 1-3. Ele não podia argumentar que o povo de Israel não era teimoso, ou que o bezerro de ouro tenha sido uma aberração particular. Ele só podia pedir pela graça de Deus e pela sua misericórdia segundo a aliança. Isso ele fez, repetidamente, pedindo exatamente por aquilo que o Senhor estava ameaçando retirar: a revelação de sua própria presença (vs. 13-18). A persistência fiel de Moisés na sua intercessão estava fundamentada na promessa da aliança de Deus de comunhão divina-humana (6.7; 19.5,6; Gn 17.7, nota), e nos lembra a luta persistente de Jacó com Deus na busca pela bênção divina (Gn 32.24-30).

quem hás de enviar comigo. Moisés expressa a sua objeção à presença ocasional do Anjo do Senhor (uma forma de manifestação divina misteriosa e temporária, Gn 16.7, nota; 32.29; Jz 13.17,18) agindo como um substituto para a presença imediata da glória de Deus no meio do arraial (v.2, nota), um relacionamento cujo ápice era a revelação, da parte de Deus, do seu Nome da aliança (3.15, nota).

Conheço-te pelo teu nome. Deus havia declarado o seu

conhecimento da eleição de Moisés (32.10; 33.11) e repetiria essa garantia expressamente (v.17). Já que o Senhor conhecia a Moisés pelo nome, pessoalmente e intimamente, Moisés conheceria ao Senhor (Nm 12.6-8).

* **33.13 o teu caminho.** Moisés iria conhecer ao Senhor e

os seus propósitos para Israel.

* **33.14 presença.** Lit. "face". O próprio Deus iria com

Moisés.

te darei descanso. O uso do pronome singular "tu" significa que a promessa de 3.13-15 para todo Israel é agora repetida a Moisés, individualmente.

* **33.15 comigo.** Moisés engloba o povo em sua prece. O

tratamento no plural ("não nos faça") faz a conexão entre Moisés e Israel. Se Deus escolhesse não ir com o seu povo habitando entre eles, não haveria sentido ir à Terra Prometida. O objetivo não era somente o leite e mel em Canaã, mas uma terra santa onde Deus iria habitar no meio do seu povo.

* **33.16 separados.** A distinção de Israel estava baseada na

presença graciosa do próprio Deus.

* **33.17 achaste graça aos meus olhos.** Deus inclui Israel

em favor de Moisés; Israel dependia de Moisés como mediador. A intercessão de Moisés é um tipo da obra de Cristo como o Mediador da nova aliança (cf. Hb 3; 9.16-22).

* **33.18 me mostres a tua glória.** O Senhor havia selado o

seu pacto com Israel, revelando-se (24.9-11), e Moisés, agora, busca

uma revelação maior de Deus em sua glória. Sua única esperança pela misericórdia contínua de Deus para com Israel estava no próprio Deus. Tendo experimentado a misericórdia de Deus, Moisés ansiava pela revelação completa. Ver "A Transfiguração de Jesus", índice.

*** 33.19 Minha bondade... proclamarei o nome. Ainda que**

a magnificência visível desta teofania seja aparente no texto, a ênfase recai sobre a revelação à Moisés da natureza soberana, graciosa, e compassiva de Deus (cf. 34.5-7). Em Jesus Cristo, a glória do Deus compassivo e gracioso que foi velada até de Moisés é revelada aos que crêem através do Espírito Santo (Jo 1.14; 2Co 3.18).

de quem... de quem. O Senhor é soberano nos seus propósitos de misericórdia (Rm 9.14-16). Ver "O Propósito de Deus: Predestinação e Pré-Conhecimento", índice.

* **33.22** Ver "A Glória de Deus", índice.

*** 33.23 costas. A bondade do Senhor velou o que Moisés**

não podia suportar e revelou tudo o que podia suportar.

*** 34.1 duas tábuas de pedra. A substituição das tábuas**

assinala a renovação da aliança (20.1, nota).

*** 34.2,3 A singularidade do cargo de mediador de Moisés é enfatizada. O encontro do cap. 19 vai ser repetido, mas desta vez só com Moisés (cf. 19.24; 24.9).**

*** 34.5-7 Ver '"Este é o Meu Nome: A Auto-revelação de Deus", índice.**

*** 34.5 o SENHOR descido. A revelação prometida em**

33.19-23: *Yahweh* **passou e proclamou o seu nome. Moisés recebeu uma resposta estonteante à sua oração (33.19, nota).**

*** 34.6, 7 Esta descrição de Deus é fundamental para a futura piedade israelita (Nm 14.18; Ne 9.17; Sl 86.15; 103.8; 145.8;**

Jl 2.13; Jn 4.2; Na 1.3). A misericórdia de Deus ainda é proclamada a Israel apesar da sua falha horrível (Os 11.8).

*** 34.6 grande em misericórdia e fidelidade.**

"Misericórdia," aqui, traduz o termo hebraico (*hesed)* **que denota a fidelidade da aliança de Deus e a sua devoção ao seu povo (15.13, nota). Por causa do seu amor e de sua fidelidade, Deus não abandonará o seu povo, mas habitará entre eles no seu tabernáculo.**

*** 34.9 segue em nosso meio conosco. Isto é o que o**

Senhor disse que não iria fazer, porque o povo era pecaminoso e teimoso demais (33.3, 5). Agora Moisés cita os pecados deles como sendo a razão porque a presença de Deus deve estar lá. De fato, ele está pedindo que o Deus da graça, compassivo e misericordioso, habite no seu tabernáculo entre o seu povo, e perdoe os seus pecados. E então vem o pedido incrível:

"toma-nos por tua herança". Moisés não diz "dê-nos a nossa herança na terra" (cf. 33.2, 3), mas sim "toma-nos como sendo o tesouro especial no teu amor fiel" (o pensamento contido em 19.5).

* **34.11-16** Deus adverte contra as práticas apóstatas. A seleção de

leis cúlticas aponta para a área onde Israel tem pecado ou está fraco. Pronomes singulares são usados em quase todo o texto, pois o Senhor está fazendo sua aliança com Moisés e com o povo de Israel por intermédio dele (v.27).

* **34.13 postes-ídolos.** Lit. "postes de Astarote". Estes

eram objetos cúlticos que representavam a deusa cananéia da fertilidade (Astarote), árvores ou postes sagrados que ficavam de pé ao lado dos altares de Baal (cf. Jz 6.25). Israel não pode se

comprometer adotando as práticas pagãs dos povos que habitam a terra.

* **34.14-16 outro deus.** O tema continua com referências ao

primeiro (vs. 14-16) e ao segundo mandamento (v. 17). Deus começa do ponto do pecado de Israel e no Decálogo que foi violado.

* **34.18-26** Esta seção é paralela às leis do livro da aliança (23.14

19).

* **34.27 estas palavras.** Os mandamentos dos vs. 12-26.

*** 34.28 escreveu... as palavras da aliança. O próprio**

Senhor escreveu os Dez Mandamentos nas tábuas (v. 1; 20.1, nota).

* **34.29 resplandecia.** Lit. "emanava chifres". Ainda que a

raiz hebraica geralmente se refira a chifres, parece referir-se aqui a raios de luz, (cf. Hc 3.4). A liderança de Moisés foi confirmada pela luz refletida da glória de Deus.

* **34.30 temeram chegar-se a ele.** A reação de medo

sugere os eventos dos capítulos 19 e 20. Somente quando eles se achegaram e conversaram sem que mal algum lhes acontecesse é que eles foram convencidos de sua segurança.

* **34.33 pôs um véu sobre o rosto.** O propósito do véu não

era o de acalmar a ansiedade do povo, pois Moisés só vestiu o véu depois que o povo já havia se achegado e depois de declarar a lei ao povo (vs. 31, 32). Ao contrário, como Paulo esclarece em 2Co 3.13, o véu servia para não deixar os Israelitas verem que a glória estava desaparecendo. De acordo com Paulo, esta glória desvanecente

indicava o caráter temporário e inadequado da velha aliança de Moisés e apontava para a necessidade de um Mediador de uma aliança maior — Jesus Cristo (2Co 3.12—4.6).

* **35.1-3** A obra do tabernáculo começa com uma admoestação

para se guardar o sábado, da mesma maneira que as instruções para a obra tinham sido concluídas com tal exortação (31.12-18).

* **35.4-39.43** Esta seção inteira baseia-se nos capítulos 25-31 mas

segue uma ordem diferente. À medida que os capítulos 25-31 deram as instruções para o tabernáculo, esta seção descreve a sua construção. Começando com a reiteração das instruções para a arrecadação das ofertas e convocação dos artesãos (35.4-19), a narrativa prossegue então, logicamente, para o ajuntamento de materiais e para a identificação dos artesãos (35.20-36.7), a construção das partes e do conteúdo do tabernáculo (36.8-38.31), a preparação das vestimentas sagradas (39.1-31), a construção do tabernáculo (39.32-40.33), e finalmente para o ápice, que era o momento em que a glória do Senhor se faria presente no tabernáculo (40.34-38).

* **35.22 mulheres.** As mulheres são mencionadas pela

primeira vez. O seu envolvimento, tanto na doação e na preparação dos materiais, foi importante (vs. 25, 26, 29).

* **36.8-39.43** O trabalho de Bezalel, Aoliabe, e do seu grupo de

trabalhadores habilidosos é recontado. Os detalhes aqui colocados ressaltam a atenção que os construtores dedicaram à palavra do Senhor (39.42-43).

* **38.25 talentos... siclos.** Na proporção aceita de três mil

siclos para cada talento (um talento era mais ou menos 34.2 kg),

havia 2.193 libras de ouro, 7.544 de prata, e 5.310 de cobre. A quantidade de prata, um total de 301.175 siclos, é ligada ao número de israelitas: meio siclo para cada homem acima de vinte anos (603.550 homens na idade militar, Nm 1.46). Ver nota em 30.12.

* **39.33 trouxeram a Moisés.** Os componentes finalizados

foram trazidos a Moisés para inspeção. Moisés tinha recebido as instruções do Senhor (caps. 25-31), e só Moisés podia determinar a precisão do que havia sido feito.

* **40.1-33** As instruções detalhadas do Senhor para Moisés, em relação à construção do tabernáculo e da consagração deste e dos sacerdotes (vs. 1-15) e da subseqüente narrativa da obediência de Moisés (vs. 16-33) enfatizam que o tabernáculo foi completado e o seu ministério inaugurado em obediência precisa aos mandamentos divinos.

* **40.2 levantarás o tabernáculo.** O tabernáculo é

levantado em cerca de nove meses (v. 17; 12.2, 6) depois da chegada no Sinai.

*** 40.31 lavavam as mãos e os pés. Após o**

posicionamento da bacia, Moisés e Arão obedeceram a lei da purificação sacerdotal (30.19-21).

* **40.34-38** A glória do Senhor enchendo o tabernáculo traz o livro de Êxodo ao seu ponto mais alto. Deus, que havia trazido Israel para fora do Egito, fez e renovou a sua aliança com o seu povo e fez morada entre ele. Uma recapitulação cuidadosa do tema primário do livro — o re-

estabelecimento da moradia de Deus entre o homem — é encontrado nos vs. 34-38. Essa passagem também indica que Israel iniciou a

adoração coletiva. A história do direcionamento de Deus do seu povo à Terra Prometida é encontrada no restante do Pentateuco.

* **40.36 em todas as suas jornadas.** As jornadas de Israel

estavam ligadas à presença daquele que o guiava. O Deus da aliança mora no meio do seu povo, finalmente, e levará a nação à terra que lhe prometeu.

LEVÍTICO

* **1.1,2** Moisés inicia este manual sobre a adoração no tabernáculo registrando as leis do sacrifício. As leis estão subdivididas em seções dirigidas aos leigos (1.1—6.7) e aos sacerdotes (6.8—7.38). Os sacrifícios, em Israel, envolviam a oferta de animais domésticos selecionados, cereais, azeite e vinho. Todos esses produtos simbolizavam o adorador israelita que, através de atos de sacrifício, estava se dando de volta a Deus, de alguma maneira. Em cada sacrifício de um animal, o adorador colocava sua mão sobre a cabeça da vítima, identificando-se desta forma com o animal, como que dizendo: "Este animal me representa". Os sacrifícios de animais envolviam a morte deles, e por isso os sacrifícios revestiam-se de um simbolismo expiatório: o animal que morria no lugar do adorador pecaminoso representava a redenção da morte que este merecia. Portanto, existe um âmago comum de sentido e de relevância compartilhado por todos os sacrifícios. Cada sacrifício, porém, também tinha suas próprias características distintivas e suas ênfases religiosas. Isso é indicado pelos diferentes nomes dos sacrifícios, que algumas vezes realçam a distinção ritual ("holocaustos") e, algumas vezes, a característica teologicamente distintiva ("ofertas *pacíficas*" e "ofertas *pela culpa*").

Embora o Senhor, em resposta à intercessão de Moisés (Êx 32), tivesse rescindido o seu veredito de julgar o povo por sua adoração idólatra do bezerro de ouro, a remoção do pecado deles permaneceu

um problema sem solução. Esses sacrifícios, pois, proviam uma expiação para eles e para Arão, o sumo sacerdote deles, que os conduzira àquele pecado (cap. 9). Em contraste com Arão, Jesus Cristo, o sumo sacerdote do novo Israel, não tem pecado e nunca tenta o seu povo ao pecado (Hb 9.6-15).

* **1.1 tenda da congregação**. A tenda que servia de santuário ou

tabernáculo, descrito em Êx 26.

* **1.2 trareis**. Israel tinha que obedecer esse manual de instrução

sobre como deveria viver condignamente na presença de Deus. Deus, e não os

seres humanos, determina a maneira pela qual seu povo deve viver diante dele.

de gado, de rebanho ou de gado miúdo. Somente animais sem defeito algum (v. 3) podiam ser oferecidos. Animais selvagens, que nada custassem aos ofertantes, não podiam ser oferecidos.

* **1.3-**
17 O holocausto dá início à lista dos sacrifícios porqu

sacrifício oferecido com maior freqüência. Sua característica distintiva era que o animal inteiro, exceto o couro, era queimado sobre o altar. Isso simbolizava a total consagração do adorador ao serviço de Deus, e servia para cobrir os pecados do adorador (v. 4 e nota). Os regulamentos começam especificando o tipo mais caro de animal que podia ser oferecido, o touro (v. 2-9), e terminam com o animal mais barato, o pombinho (v. 14-17).

***1.3 o trará.** O leigo que oferecesse o sacrifício (vs. 4-6,9) devia

matar, tirar a pele, cortar e lavar o animal, enquanto que o sacerdote

o apresentava a Deus, pondo o sangue e a carne do mesmo sobre o altar.

à porta da tenda da congregação. O pátio cercado que circundava a tenda da congregação. O grande altar e um lavatório para lavar o sacrifício estavam no átrio (v. 9).

* **1.4 para a sua expiação.** Lit., "para encobrir". A morte do

animal em lugar do pecador "encobre" ou protege o adorador da santa ira de Deus.

* **1.9 aroma agradável ao SENHOR.** O sentido dessas palavras

é visto mais claramente em Gn 8.21. Os sacrifícios afastavam a ira de Deus, levando-o a olhar com benevolência para o adorador. O Novo Testamento fala sobre a morte de Cristo usando uma linguagem semelhante (Ef 5.2).

* **1.10-13** Carneiros e bodes eram sacrificados da mesma maneira

que os touros (vs. 3-9).

* **1.14-17** Procedimentos mais simples eram prescritos para os

pombos e as rolinhas, sacrifícios esses que os pobres ofereciam. O sacerdote efetuava a cerimônia inteira.

* **2.1 oferta de manjares.** Normalmente oferecidos em conjunto

com sacrifícios de animais, consistia em flor de farinha misturada com azeite, incenso e sal. A mistura era cozida, frita ou assada. Tal como os outros sacrifícios, essa oferenda simbolizava a dedicação do adorador a Deus.

* **2.2 memorial**. Somente um punhado da oferta de manjares era

queimado; o resto ia para o sacerdote (v. 3). Tais oferendas

constituíam uma parte importante das rendas de um sacerdote.

*** 2.11 de nenhum fermento e de mel nenhum. Possivelmente**

vedados porque causam fermentação, o que sugere corrupção.

*** 2.13 sal.** Talvez porque não possa ser destruído pelo fogo, o sal

simboliza o pacto duradouro entre Deus e Israel (Nm 18.19, nota).

*** 2.14 primícias.** Ver 23.9-14; Dt 26.1-11. De um israelita

esperava-se que ele desse as primícias de sua colheita a Deus, e nessa ocasião as ofertas de manjares eram preparadas de maneira diferente.

*** 3.1 sacrifício pacífico.** Também tem sido chamado de oferta

de "comunhão" ou "da aliança". O termo hebraico usado está relacionado à palavra *shalom,* que significa "paz", "bem-estar". Esse sacrifício era ímpar, pois o ofertante e sua família podiam comer grande parte da carne, pois somente uma porção era dada aos sacerdotes ou queimada sobre o altar. Era um sacrifício oferecido quando alguém estava buscando a bênção de Deus ou celebrando as bênçãos recebidas. Era oferecida a fim de destacar uma oração solene (como um voto), ou quando tal oração era atendida, ou por causa de mera gratidão (7.16). Comer carne era um luxo raro nos tempos antigos e geralmente envolvia celebração. Moisés preceituou que todo animal morto,

para servir como alimento, deveria ser primeiramente oferecido em sacrifício (17.3, nota), desta forma pelo menos durante o período em que os israelitas estiveram no deserto, toda refeição que envolvia carne era precedida por uma oferta pacífica.

*** 3.3,4** As melhores porções da carcaça eram dadas simbolicamente a Deus, ao serem queimadas. Os rins simbolizavam a

sede das emoções (Jr 17.10, referência lateral).

* **3.11 manjar.** O Antigo Testamento insiste em que Deus supre o homem com alimentos, e não vice-versa (Gn 1.29; Sl 50.12-14). Portanto, esse comentário deve ser entendido figuradamente, que Deus se agrada com um sacrifício oferecido mediante a fé (cf. Hb 11.4), tal como os seres humanos desfrutam dos alimentos.

* **3.17 gordura nenhuma nem sangue**. A gordura dos animais sacrificados pertencia a Deus (v. 3). Comer sangue significava comer carne da qual o sangue não fora drenado (1Sm 14.33). A razão teológica para essa proibição é dada em 17.11 (Gn 9.4 e nota).

* **4.1—5.13** Com as palavras "quando alguém pecar" (4.2), Moisés introduziu sua instrução aos leigos, acerca das ofertas pelo pecado. Embora todos os sacrifícios façam expiação pelo pecado até certo ponto, a expiação é a preocupação dominante nas ofertas pelo pecado. O pecado e a impureza tornam uma pessoa incapaz de estar na presença de Deus, além de poluírem o santuário, tornando impossível Deus habitar ali. A oferta pelo pecado tem por desígnio cuidar desse aspecto do pecado mediante a purificação tanto do pecador quanto do santuário. A característica distintiva das ofertas pelo pecado era o uso do sangue do sacrifício. Em certos sacrifícios o sangue do animal era aspergido sobre o lado do altar, mas no caso da oferta pelo pecado podia ser aplicado aos cantos do altar, ou dentro da tenda do tabernáculo (no altar do incenso ou no véu), ou mesmo dentro do Santo dos Santos. Visto que o tabernáculo e seus móveis e utensílios estavam intimamente associados ao povo que vinha encontrar-se com Deus ali (Hb 9.22, nota), o pecado do povo contaminava o tabernáculo, tanto quanto a eles mesmos. Tal poluição requeria purificação.

* **4.2-35** Estes versículos abordam quatro casos onde pessoas de

várias categorias fazem algo pecaminoso "por ignorância" (v. 2, referência lateral): o sumo sacerdote (vs. 3-12), a congregação (vs. 13-21), um governante (vs. 22-26), ou uma pessoa comum (vs. 27-35).

* **4.3 sacerdote ungido.** O sumo sacerdote. Um pecado dele

tinha a conseqüência direta de "impor culpa sobre o povo", e requeria expiação mediante o animal mais caro, um touro.

oferecerá. As oferendas pelo pecado e pela culpa eram compulsórias após certos pecados serem cometidos, enquanto que as outras oferendas algumas vezes podiam ser oferecidas voluntariamente, quando o adorador se sentia inclinado a tal.

* **4.6** Os efeitos sérios dos pecados de um sumo sacerdote são

demonstrados pela necessidade de purificar "o véu do santuário" (o véu separava o Santo dos Santos do Lugar Santo, Êx 26.31-35).

* **4.7 altar do incenso aromático**. Esse móvel sagrado ficava

defronte da cortina que levava ao Santo dos Santos. Era purificado mediante a aspersão de sangue, o santo agente purificador, possibilitando a presença de Deus na tenda. Ao mesmo tempo, o sumo sacerdote, que personificava a nação, era purificado.

* **4.12 fora do arraial.** Ver Hb 13.11-13 e notas.

a um lugar limpo. Muitos lugares, fora do acampamento, continham impurezas; isso tornava o sacerdote indigno para oficiar em adoração. A ele cabia evitar tais lugares, depositando as cinzas dos holocaustos em um lugar limpo previamente designado, onde o resto do touro sacrificado era queimado.

* **4.13-21** Quanto a pecados que envolvem a congregação inteira, foi

determinado um modo de proceder semelhante àquele que está nos vs. 3-12, onde os anciãos da comunidade representam o povo diante do altar (v. 15).

* **4.22-26** Um pecado cometido por um líder de uma tribo ou de um

clã não representava tão séria ameaça contra a santidade da nação como nos dois casos anteriores (vs. 3-21). Isso se reflete no fato de que ele tinha por obrigação oferecer somente um bode (v. 23), cujo sangue era então aplicado, não dentro da tenda, mas do lado de fora, no altar dos holocaustos (v. 25).

* **4.27-35** Pecados não-intencionais, cometidos por israelitas comuns

eram tratados do mesmo modo que os pecados não-intencionais cometidos pelos líderes. Entretanto, eles podiam oferecer uma cabra, em lugar de um bode, e, se eles fossem pobres, aves ou cereais (5.7-13).

* **5.1-13** Tem sido debatido se esta seção pertence àquilo que a precede (as ofertas pelo pecado, cap.4) ou àquilo que se segue (as ofertas pela culpa, 5.14—6.7). Por causa da semelhança entre 4.1 e 5.14, bem como por causa da ocorrência da expressão hebraica "oferta pelo pecado" por todo o trecho de 4.1 a 5.13, muitos têm argumentado que a descrição sobre a oferta pela culpa começa em 5.14. Por outro lado, a ocorrência da palavra hebraica *'asham* (que significa "culpa" ou "oferta pela culpa") tem levado alguns eruditos à conclusão de que a discussão sobre a oferta pela culpa começa em 5.1.

* **5.1-6** Estes versículos tratam acerca dos pecados de omissão, pecados de inadvertência e pecados de precipitação. Os casos aqui em vista são: (a) o pecado de recusar testemunho (v. 1); (b) o pecado do contato com qualquer coisa imunda (vs. 2 e 3); (c) o pecado de fazer juramentos precipitados (v. 4).

* **5.2** **imunda**. Ver notas nos caps. 11-16.

* **5.5** Esses pecados requerem confissão a Deus, na presença

de um sacerdote, bem como uma oferta pelo pecado para perdão do pecador (cf. 1 Jo 1.7,9).

* **5.7-10** A oferta pelo pecado, oferecida por um homem pobre, era

como o holocausto mais humilde (1.14-17), exceto pela aspersão do sangue

(5.9; cf. 1.15).

* **5.10** Ver "A Expiação", índice.

* **5.11-13** Os itens destacados aqui como ofertas pelo pecado

assemelham-se àqueles da oferta de manjares, no cap.2, embora não sejam incluídos aqui nem o óleo e nem o incenso.

* **5.14—6.7** Moisés dá aqui instruções aos leigos acerca das ofertas

pela culpa. Se o enfoque das ofertas pelo pecado estava sobre a purificação do pecador, a oferta pela culpa preocupava-se com a restituição ou reparação. Foram mencionados três tipos de pecados que requeriam ofertas pela culpa: o abuso contra "as coisas sagradas do SENHOR" (5.15,16); supostos pecados que envolviam coisas "proibidas" (5.17-19); e violação dos direitos e da propriedade do próximo (6.2-7).

* **5.16** **coisas sagradas.** Uma referência aos dízimos e ofertas,

bem como a propriedades dedicadas a Deus (22.7,10,14; 27.28).

acrescentará o seu quinto. Nos casos onde uma oferta pela culpa

era requerida, toda propriedade adquirida fraudulentamente também precisava ser restaurada, além de dar um quinto a mais (cf. 6.5).

* **5.17-19** Conforme indica a frase "ainda que não o soubesse" (v.

17), esses três versículos dizem respeito à pessoa que suspeitasse ter transgredido contra a lei divina ou outra pessoa, embora sem ter a certeza disso. Um remédio sacrificial foi prescrito para aqueles que tivessem uma consciência sobrecarregada. Neste caso, não há qualquer exigência de reparação, por causa da natureza do delito, que é incerta.

* **6.1-7** A transgressão contra o próximo requeria restauração do valor perdido, além do acréscimo de "uma quinta parte" (v. 5), bem como a oferta de um sacrifício a Deus (cf. Mt 5.24).

* **6.8—7.36** Tendo-se dirigido aos leigos a respeito das leis dos

sacrifícios, Moisés agora dirige-se aos sacerdotes, especialmente sobre o direito deles a uma partilha nos sacrifícios.

* **6.9 holocausto.** Ver nota em 1.3-17. Cristo, o Sumo Sacerdote

da Nova Aliança, ofereceu o derradeiro holocausto em seu corpo; ele estava inteiramente consagrado a Deus, sofrendo a morte pelo pecado e levando a efeito a morte do crente para o pecado (Rm 6.2-7).

* **6.10 túnica de linho.** Sendo branca, esse vestuário

provavelmente simbolizava a pureza. Essas vestes deviam encobrir a sua nudez (Êx 20.26; 28.42, nota; cf. Gn 3.7,21).

* **6.12 O fogo, pois, sempre arderá**. Essa ação talvez tenha sido

preceituosa como um lembrete da presença contínua de Deus e da

necessidade do povo de uma expiação contínua. O primeiro holocausto, no tabernáculo, foi consumado pelo fogo, pelo próprio Deus (9.24).

* **6.14 oferta de manjares**. Ver o cap.2. Assim como a oferta de

manjares ou de cereais representava os frutos da obediência, também prenunciava a vida de Cristo, de obediência perfeita e gratidão a Deus.

* **6.18 será santo**. Temos aqui uma advertência dirigida aos

leigos para não tocarem no alimento consagrado a Deus em sacrifício. O contato com o alimento sagrado tornaria uma pessoa ritualmente santa (Êx 29.37). Aqueles que incorressem em tal santidade provavelmente eram postos sob restrições como aquelas que governavam as atividades dos sacerdotes (21.1-8).

* **6.19-23** A oferta de manjares dos sacerdotes, mencionada aqui

pela primeira vez, tinha que ser oferecida diariamente (6.20). Diferentemente desses sacrifícios diários, Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, ofereceu-se a si mesmo "de uma vez por todas" (Hb 7.27).

* **6.22 o sacerdote que... for ungido. O sumo sacerdote.**

* **6.24-30 oferta pelo pecado.** Ver 4.1—5.13. Cristo, o Sumo

Sacerdote da Nova Aliança, ofereceu a derradeira oferta pelo pecado, quando levou sobre si mesmo a punição devida pelos pecados dos crentes (1 Pe 2.24;

Is 53.5).

* **7.1-10 oferta pela culpa**. Ver 5.14 - 6.7.

* **7.11-36 ofertas pacíficas.** Ver nota em 3.1. Aqui regras foram

dadas acerca das ofertas de manjares que deviam acompanhar as ofertas pacíficas, e como a carne devia ser comida (vs. 15,16). Espiritualmente, Cristo agora oferece aos crentes a sua própria carne para ser comida (Jo 6.54-58).

Em sua carne e sangue, os crentes encontram a vida eterna e têm comunhão com o Pai. Por meio dessa comunhão, os crentes são transformados mais e mais segundo a imagem de Cristo (2Co 3.18).

* **7.12 oferta de ação de graças**. A palavra hebraica aqui

traduzida por "ação de graças" também pode significar "confissão" (de pecado, ou de fé à bondade e à misericórdia de Deus). O sacrifício servia para realçar as orações pedindo perdão e cura, ou como uma expressão de gratidão pelas orações atendidas.

* **7.16 voto.** Pessoas que estivessem sofrendo severas provações

podiam fazer votos que prometiam algo a Deus se ele atendesse às suas orações (Gn 28.20-22; 1Sm 1.11; 2.21). Esses votos usualmente se faziam acompanhar por ofertas pacíficas, quando eram inicialmente feitos, e, depois, novamente, quando cumpridos.

oferta voluntária. Essas ofertas espontâneas demonstravam gratidão a Deus.

* **7.20 imundícia.** Ver notas nos caps. 11 a 16.

será eliminada. Essa linguagem é uma expressão geral que significa ficar sob a maldição divina, cujo significado exato é determinado pelo contexto das Escrituras. Isso podia significar a pena de execução capital (p.ex., Êx 31.14,15) ou então de morrer sem filhos (18.14,29; cf. 20.20). Seja como for, Deus tirava a vida do culpado, com ou sem a agência humana.

* **7.25 gordura.** Ver 3.3,17.

* **7.26** **Não comereis sangue.** Essa expressão refere-se a comer

carne da qual o sangue não fora drenado (1Sm 14.33). A razão dessa proibição é dada em 17.11 e Gn 9.4.

* **8.1—10.20** Nesse trecho, o Senhor instruiu Moisés acerca da instituição do sacerdócio. A narrativa começa pela instalação dos sacerdotes (cap. 8), passa pelos seus primeiros sacrifícios (cap. 9) e vai até o julgamento divino de dois sacerdotes (cap. 10).

* **8.1-36** As instruções para a consagração dos levitas são

executadas (Êx 29). A repetição e a perfeição na execução dos regulamentos de cada sacrifício (Êx 29.35-37), e também o esplendor das vestes de Arão (vs. 7-9); todas essas coisas apontam para a importância do sumo sacerdócio. O sumo sacerdote representava Israel diante de Deus.

* **8.3** **à porta da tenda da congregação. Ver a nota em 1.3.**

* **8.7** **estola sacerdotal**. Ver nota em Êx 28.6.

* **8.8** **Urim e o Tumim**. Ver nota em Êx 28.30.

* **8.23** Aplicar o sangue a essas diferentes partes do corpo de Arão simbolizava sua inteira consagração a Deus (Êx 29.20, nota).

* **9.1-24** A consagração de Arão e seus filhos levou oito dias e culminou no oferecimento de seus primeiros sacrifícios, e na manifestação da glória de Deus (9.23,24).

* **9.7** Note que Arão tinha que fazer expiação primeiramente por si mesmo, e então por todo o povo (Hb 5.3).

* **9.22** **abençoou.** A bênção sacerdotal tradicional acha-se em Nm 6.23-26.

* **9.23** **a glória do SENHOR**. A manifestação de Deus assinalou a sua aprovação dos primeiros sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes recém-consagrados. O fogo que então consumiu o holocausto e a gordura (v. 24) confirmou a aceitação de Deus do ministério de Arão (cf. 1Rs 18.38; Hb 12.28,29).

* **10.1-20** O Senhor, que havia aceito o sacrifício oferecido por Arão (9.23,24), agora rejeitava o ministério dos filhos deste, Nadabe e Abiú. Mas os outros dois filhos de Arão, Eleazar e Itamar, embora

sinceros, também falharam em suas primeiras ministrações (vs. 16-20). Esses primeiros passos hesitantes dos levitas haveriam de caracterizar a história deles, e conduziriam à profecia de Malaquias sobre um sacerdócio purificado (Ml 3.1-5).

* **10.1 incensário.** Um vaso para se queimar incenso.

fogo estranho. Ao que parece, as instruções para se oferecer incenso não foram devidamente seguidas, talvez usando carvões de outro lugar que não o altar (Lv 16.12; cf. Êx 30.1-9). Alguns intérpretes têm sugerido que os dois homens também estavam embriagados (cf. v. 9).

* **10.2 saiu fogo de diante do SENHOR.** O Antigo Testamento

com freqüência advertia sobre alguém aproximar-se de Deus estando despreparado para isso (Êx 19.12,21); esse princípio também é evidente no Novo Testamento (At 5.1-10; 1Co 11.29,30). Comer do alimento dos sacrifícios estando impuro (7.21) ou entrar no Santo dos Santos sem a aprovação divina, poderia levar à morte (16.2). O mesmo fogo divino que consumira o sacrifício inaugural, provendo expiação para o povo (9.24), agora engolfava aqueles que se aproximaram do altar divino de maneira desautorizada. Assim também, a mesma ira divina contra o pecado, que caiu sobre Cristo, em seu sacrifício vicário pelo seu povo, acender-se-á contra aqueles que rejeitaram o sacrifício de Cristo, e, no entanto, tentam aproximar-se de Deus com seus pecados (Hb 10.26-31).

* **10.6 ... desgrenhareis ... rasgueis**. Esses eram sinais de luto

(13.45). Os sumos sacerdotes eram proibidos de lamentar mesmo por seus mais chegados parentes (21.10-12), visto que uma total consagração a Deus significa ser completamente separado da morte.

* **10.10 fazerdes diferença entre o santo e o profano. O**

trabalho

dos sacedotes era o de ensinar ao povo essas distinções religiosas básicas. "Santo" aplica-se a tudo quanto pertence a Deus. "Limpo" é aquilo que é apropriado para ele. Coisas "profanas" e "imundas" é tudo aquilo que não é digno de estar na presença de Deus. Ver notas nos caps. 11-16.

* **10.17-20** Arão e seus filhos tinham oferecido duas ofertas pelo

pecado (v. 19; cf. 9.8-17); uma dessas ofertas era para Arão, cujo sangue fora aspergido no Lugar Santo, e o resto queimado (4.6,12); e a outra era para o povo, cujo sangue fora aspergido no altar dos holocaustos, no átrio, e que deveria ser comida pelos sacerdotes (6.25,26). Normalmente, o sumo sacerdote e seus filhos deveriam comer a carne da oferta do pecado pelo povo, para completar o processo da expiação, mas eles não tinham feito isso.

* **10.19 tais coisas me sucederam**. Provavelmente essas palavras

se referem aos acontecimentos aterrorizantes dos vs. 1-7. Depois da

demonstração do julgamento consumidor de Deus, aparentemente Arão temeu comer a carne do sacrifício, que era santo (6.26-29).

* **10.20 Moisés, deu-se por satisfeito.** Moisés entendeu então

que o erro de Arão e seus filhos não fora motivado por rebelião ou por desrespeito à santidade de Deus.

* **11.1—16.34** Nesses seis capítulos, Moisés explicou a diferença entre o que era cerimonialmente limpo e o que era cerimonialmente imundo. "Limpo" significa "apto para estar na presença de Deus"; "imundo" significa "impróprio para a presença de Deus". Qualquer pessoa que estivesse imunda ou tivesse entrado em contato com imundícia deveria abster-se da adoração pública, até que estivesse

limpo. A idéia fundamental é que Deus é vida perfeita, ao passo que a essência da impureza é a morte. Criaturas normais e saudáveis eram limpas; mas criaturas anormais ou doentias, e, particularmente cadáveres, eram imundas. Anormalidades que sugeriam ou que poderiam levar à morte, eram sinais de impureza. A vida e a morte não podiam ser misturadas, pelo que o imundo jamais deveria tentar entrar na presença de Deus. Finalmente, é Cristo, o grande Mediador e Sumo Sacedote, que triunfa sobre a morte e a corrupção, em favor daqueles que nele confiam (1Co 15.20-28,50-57).

*** 11.1-47** Moisés instrui aqui os israelitas acerca dos princípios de

purificação, mostrando-lhes que embora todos os cadáveres sejam imundos (vs. 24,27,31-40), algumas criaturas, mesmo que tendo sido, perfeitamente saudáveis também devem ser consideradas imundas, em um sentido mais brando, por isso não devem ser comidas. Embora alguns dos animais proibidos se constituíssem numa possível ameaça à saúde (p.ex., os porcos, que são portadores de triquinose — infecção causada por vermes em estado larvar contidos em carne não cozida devidamente), essa classificação não está baseada simplesmente em motivos de saúde. Antes, esse princípio ensina verdades morais e espirituais básicas. Os animais carnívoros e as aves de rapina comem a carne com o seu sangue, algo proibido aos seres humanos (7.26). Tais animais e aves também entram em contato com cadáveres, que são imundos. As criaturas limpas simbolizam aqui os israelitas, enquanto que

os animais imundos simbolizam os gentios. Somente animais domesticados e limpos podiam ser oferecidos em sacrifício, pois um animal sacrificado representava o ofertante. Ao restringir sua dieta a animais limpos, os israelitas eram relembrados de que Deus havia escolhido somente a Israel dentre todas as nações. Somente quando a nova aliança admitiu gentios à comunidade de Deus, foram abrogadas as leis alimentares (Mc 7.19; At 10.15).

* **11.2-8** Animais ruminantes e que tinham unhas fendidas eram animais limpos, desta forma podiam ser ingeridos. Outros animais eram imundos.

* **11.9-12** Somente peixes comuns, com barbatanas e escamas, eram limpos. Outras criaturas aquáticas eram imundas, e, portanto, não eram comestíveis.

* **11.13-19** Aves de rapina eram imundas, mas outras aves eram comestíveis.

* **11.20-23** Insetos saltadores podiam ser comidos (v. 21), mas não outros insetos.

* **11.44** Ver a nota teológica "Deus é Luz: Santidade e Justiça Divinas", índice.

* **11.45** **sereis santos**. A palavra "santo" significa "separado" ou "colocado à parte". Somente Deus é intrinsecamente santo. Por natureza, ele é majestoso, espantoso e puro. Ele demonstrou sua santidade transcendental quando criou o mundo (Gn 1.1,3 e notas), por seus grandes atos na história, como a redenção de seu povo do Egito, e por suas leis perfeitas. A santidade de Israel derivava-se de seu relacionamento pactual ímpar com o único Deus verdadeiro e vivo. A aliança de Deus provia, entre outras coisas, leis morais e judiciais que refletiam os próprios padrões de retidão de Deus, bem como o sistema de sacrifícios que purificava seu povo do pecado. O pano-de-fundo imediato para essa designação de Israel como uma "nação santa" é o

aparecimento do Senhor no monte Sinai; eles lavaram suas vestes, evitaram entrar em contato com o monte e abstiveram-se de contato sexual, como preparação para esse acontecimento único (Êx 19.10-15,21-24; Hb 12.18-21).

Jesus Cristo, o Mediador da Nova Aliança (Hb 8.6; 9.15; 12.24) também requer a perfeição (Mt 5.48). Mas ele provê a santidade ao Novo Israel mediante o seu perfeito sacrifício, que removeu, para sempre, os pecados de seu povo (Hb 9 e 10), como também por intermédio de seu Santo Espírito, que inscreve as leis morais de Deus em seus corações (2Co 3.3; cf. Jr 31.31 -34). Sem essa santidade, ninguém verá a Deus (Hb 12.14).

* **12.2 será imunda**. O fluxo de sangue de uma mulher, depois de

seu parto, tornava uma mulher imunda (vs. 4,5,7). A perda de sangue podia levar à morte, ilustrando assim a equação da impureza com a morte, ou com a ameaça de morte (caps. 11—16, nota).

* **12.5 sessenta e seis dias.** O texto não explica por qual razão o

nascimento de uma filha tornava uma mãe duas vezes mais imunda do que se ela tivesse tido um filho. Talvez uma filha, como uma mãe em potencial, ficasse sujeita à impureza de uma maneira que não acontecia com um filho.

* **12.8 ... holocausto... oferta pelo pecado. Esses sacrifícios**

para a purificação foram oferecidos após o nascimento de Jesus (Lc 2.24).

* **13.1—14.57** Estes capítulos contêm as leis de Deus acerca de doenças cutâneas imundas, referidas como "praga da lepra" (13.2), ou "lepra" (13.8). Os médicos modernos reconhecem aqui os sintomas de várias afecções atuais, mas devemos lembrar que a classificação bíblica das enfermidades se baseia primariamente nas

considerações espirituais, e não nas considerações higiênicas ou médicas. O princípio-chave na identificação de uma afecção cutânea como "imunda" era se a pele parecia estar se desgastando, sugerindo o princípio espiritual da morte. Afecções escamosas localizadas eram consideradas imundícia (vs. 9, 10), enquanto que uma afecção que afetasse o corpo inteiro não era considerada uma imundícia (vs. 12, 13). Condições estáveis eram consideradas limpas, mas se houvesse deterioração então era

considerado imundo (vs. 5-8,18-37). Princípios semelhantes aplicavam-se ao diagnóstico da imundícia às roupas; mofos progressivos eram imundos (vs. 4752), mas mofos estáveis eram considerados limpos (vs. 53-58). A associação íntima da imundícia com a morte fica demonstrada em 13.45. A pessoa que fosse afligida por uma doença cutânea séria deveria se comportar como um lamentador (21.10). Ela era excluída do acampamento, não a fim de proteger a saúde do povo de Israel, mas porque Deus estava no acampamento e a imundícia (a morte) tinha que ser separada da presença de Deus (a vida). Ver Nm 5.1-4; 12.14,15.

* **14.2 purificação**. Essas cerimônias, realizadas pelos

sacerdotes, não curavam enfermidades cutâneas. Uma pessoa enferma chegava à presença de um sacerdote depois que fosse curada (Lc 5.14). A tarefa do sacerdote era de tornar a pessoa que tinha sido excluída do acampamento de Israel, de seu povo e de Deus, cerimonialmente limpa. Através dessas purificações cerimoniais, que aconteciam em dois estágios, separados por uma semana, o indivíduo enfermo era restaurado à comunhão com Deus e com o seu povo.

* **14.3-8** O primeiro estágio da purificação acontecia fora do

acampamento. O homem tomava um banho e lavava suas roupas, e então se barbeava. Eram então tomadas duas aves. O sangue de uma delas era usado para purificar o homem. A morte dessa primeira

ave sugeria o fim da vida antiga do homem fora do acampamento, e o vôo para a liberdade, da outra ave, retratava a sua libertação dos efeitos da enfermidade. E então o homem podia entrar novamente no acampamento.

* **14.9-20** No segundo estágio da purificação, o indivíduo israelita era

levado de volta à plena comunhão com Deus. As cerimônias, nesse caso, assemelhavam-se à consagração de um sacerdote (cap. 8). O israelita era então molhado com sangue em algumas partes específicas do seu corpo e ungido com azeite, o qual estava ligado ao altar, o símbolo da presença de Deus. Uma variação desse procedimento de restauração estava prescrita para os pobres, nos vs. 21-31.

* **14.34-57** Esta passagem adapta princípios de diagnóstico (13.47-58)

e de purificação (14.1-7) ao problema da "praga" (míldio ou caruncho) nas casas. Esse problema teria surgido após o estabelecimento de Israel na terra de Canaã (v. 34).

* **15.1-33** Este capítulo aborda a questão da imundícia causada por

emissões dos órgãos sexuais: (a) uma emissão masculina de longo prazo (p.ex., gonorréia: vs. 2-15); (b) emissões masculinas de curto prazo (vs. 16-18); (c) uma emissão feminina de curto prazo (menstruação, vs. 19-24); e (d) uma emissão feminina de longo prazo (vs. 25-30). O fato de que processos perfeitamente naturais, como o contato sexual (v. 18) ou como a menstruação viessem a tornar alguém imundo (isto é, incapaz de adorar) é algo surpreendente. Mas todos esses casos envolvem a perda de fluidos físicos (sangue ou sêmen) e qualquer perda de "fluidos da vida" sugeriam a morte e eram incompatíveis com a presença de Deus, que é vida perfeita.

O Novo Testamento mostra-nos Deus, o doador da vida perfeita, encarnado em Jesus Cristo, curando aqueles que sofriam exclusão de sua presença sob essas regras do Antigo Testamento (Mt 9.20-22). O programa divino da redenção foi historicamente progressivo. As disposições da antiga aliança que nos parecem tão estranhas eram apenas lições de objeto, um "tutor" que aponta para a plena redenção realizada em Jesus Cristo (Gl 3.24,25).

*** 16.1-34** O Dia da Expiação, quando era feita uma expiação anual

pelos pecados da nação, era o dia mais santo do calendário do Antigo Testamento. Caía no sétimo mês dos hebreus (outubro) e envolvia o oferecimento de vários sacrifícios, a entrada do sumo sacerdote no Lugar Santíssimo (neste capítulo referido simplesmente como o "Santuário") e o envio de um bode para o deserto, levando sobre si, simbolicamente, os pecados do povo. Quanto a um sumário dos sacrifícios, ver as notas nos caps. 1,4 e 5. Um sumário dos ritos é dado nos vs. 6-10, havendo detalhes mais completos nos vs. 11-28. O Dia da Expiação seguia os seguintes passos: (a) O sumo sacerdote banhava-se e se vestia (v. 4); (b) ele sacrificava um touro como

oferta pelo pecado, por si mesmo (v. 6; cf. v. 11); (c) ele entrava no Santo dos Santos e salpicava a arca com sangue (vs. 12-14); (d) ele tomava dois bodes e, mediante o lançamento de sortes, escolhia aquele que seria o bode emissário, enquanto que o outro seria uma oferta pelo pecado (vs. 7-8); (e) ele sacrificava um bode como oferta pelo pecado (vs. 9, 15); (f) ele entrava no Santo dos Santos e aspergia a arca com sangue (v. 15); (g) ele saía para a parte externa da tenda da congregação e salpicava-a com sangue (v. 16); (h) ele saía para o átrio do tabernáculo e aspergia com sangue o altar principal (vs. 18-19); (i) ele confessava os pecados dos israelitas e impunha as mãos sobre a cabeça do bode expiatório (v. 21); (j) ele enviava o bode expiatório para o deserto (vs. 2122); (k) uma vez despachado o bode expiatório, o sumo sacerdote tirava suas vestes de linho e colocava suas vestes regulares e se lavava (vs. 23- 24); e

(l) finalmente, oferecia holocaustos por si mesmo e pelo povo (vs. 24-25).

Para o sumo sacerdote, os aspectos mais importantes da cerimônia eram sua entrada no Santo dos Santos com o sangue da oferta pelo pecado e o envio do bode expiatório para o deserto. Essas ações expiavam os pecados dos israelitas arrependidos (vs. 16, 19, 21-22). Todas as ofertas pelo pecado serviam para purificar tanto o santuário terrestre quanto os adoradores, mas em outras ocasiões o sumo sacerdote não entrava Lugar Santíssimo, mas somente na antecâmera, fora do véu de separação (usualmente chamado de "Lugar Santo"), antecâmara que continha o altar do incenso, o candelabro de ouro e a mesa dos pães da proposição. Visto que a arca da aliança, o ponto focal da presença de Deus no tabernáculo (v. 2, nota; Êx 25.17-22 e notas), ficava guardada no Santo dos Santos, a entrada nesse lugar era rara e perigosa (v. 2). O fato de que o sumo sacerdote entrava nessa câmara mais interior apenas uma vez por ano, indicava a profundida da expiação que estava sendo feita.

A cerimônia do bode emissário também só ocorria nesse dia. Ao impor as mãos sobre a cabeça do bode e ao confessar os pecados da nação, o sumo sacedote transferia esses pecados ao bode. A seguir, o bode, simbolicamente, levava os pecados do povo para o deserto. Os crentes desde há muito têm considerado o bode expiatório como um tipo de Cristo. O Novo Testamento faz muitas comparações entre o Dia da Expiação e a morte de Cristo (Hb 9.6-28; 13.11-13). Cristo foi entregue aos gentios e morto fora das muralhas de

Jerusalém indicando que ele foi enviado para "fora do acampamento", tal como sucedia ao bode emissário, em tempos antigos.

*** 16.1 morreram os dois filhos de Aarão. Ver 10.1-3.**

*** 16.2 propiciatório**. Lit., "tampa de expiação" (Êx 25.17, nota).

Essa tampa de ouro puro servia para tampar a arca e de base para os

dois querubins de ouro. A presença divina aparecia acima da tampa da arca (Êx 25.22; Sl 99.1). Arão salpicava o propiciatório com sangue, no Dia da Expiação. Simbolicamente, Deus revelou o evangelho através dessa cobertura da arca. A arca continha as duas tábuas de pedra da lei, inscritas pelo dedo do próprio Deus, representando a eterna lei moral de Deus (Dt 10.1-5). Visto que todos os seres humanos têm violado a lei, a justiça de Deus requer a morte deles (Ez 18.20; Rm 6.23). Deus proveu o único meio de expiação para seu povo escolhido e para a reconciliação com ele — o sangue da expiação sobre a tampa da arca. Essa tampa recoberta com sangue era o ponto de reunião do Deus santo com seu povo contaminado pelo pecado. Simbolizava o santuário celeste onde Cristo entrou com o seu próprio sangue (Hb 9.12), sangue eficaz para fazer expiação por todos os pecados de seu povo, no passado, no presente e no futuro (Rm 3.21-26; Hb 9.15).

* **16.3** Arão devia oferecer um touro como oferta pelo pecado e

um carneiro como holocausto, para si mesmo e para sua família, antes de oferecer um bode pelo povo (v. 5). Em contraste, Jesus Cristo, o mediador da eterna Nova Aliança, não tinha pecado, e, por conseguinte, ofereceu um sacrifício único por seu povo (Hb 7.26,27).

* **16.8 uma, para o SENHOR**. O bode que deveria ser sacrificado.

* **16.12 Tomará também... o incensário**. A fumaça que saía do

incenso servia como cortina entre o propiciatório e o sumo sacerdote, provavelmente para impedir que o sumo sacerdote visse a presença divina (v. 13; cf. Êx 33.20). Também pode ter servido para desviar a ira de Deus (Nm 16.46-50).

* **16.16 santuário.** Neste caso o termo denota o Santo dos Santos,

ou santuário mais interior. O objeto do sacrifício ritual era não somente o povo de Israel, mas o próprio santuário, que tinha sido

contaminado pelos pecados do povo. O santuário terrestre era uma representação do santuário celeste (Hb 9.23,24).

que está com eles. Lit., "que se acampa entre eles". O verbo conota falta de permanência. A presença de Deus no santuário não é definitiva nessa disposição. O fato de que Deus habitava entre o seu povo tão-somente prefigurava a habitação de Deus entre seu povo, através da encarnação de Cristo (Jo 1.14). Agora, Deus enviou o seu Espírito sobre o seu novo povo em aliança com ele, a Igreja (At 2), e seu Espírito habita nos crentes, tornando-os templos de Deus (1Co 3.16; 6.19). Sua habitação final com o seu povo ocorrerá no novo céu e na nova terra (Ap 21.1-4).

*** 16.29 afligireis a vossa alma.** Ver referência lateral. Os israelitas

comuns deviam mostrar penitência por seus pecados não trabalhando, mas jejuando e, talvez, mediante o vestir de panos de saco (Sl 69.10,11). Deixar de observar o Dia da Expiação podia significar a morte (23.28-30). Esse era o único dia santo ao qual essa ameaça estava vinculada.

*** 16.34 uma vez por ano**. Por contraste, Jesus Cristo ofereceu o

sacrifício final e completo pelo pecado (Hb 9.23-28).

*** 17.1—27.34** Nestes onze capítulos, o Senhor exigiu que a santidade atingisse, claramente, cada aspecto da vida de Israel. Considerando temas tão diversos como o comportamento sexual e o Ano do Jubileu, os crimes capitais e os pães do tabernáculo, o Senhor ensinou que Israel devia refletir a santidade dele em seu comportamento.

*** 17.3-8** No período em que Israel esteve no deserto, os animais só

podiam ser mortos no tabernáculo, mesmo para as refeições normais.

Isso visava impedir que sacrifícios secretos fossem oferecidos a ídolos (v. 7).

Depois que os filhos de Israel entraram na terra de Canaã, essa regra foi relaxada (Dt 12.15-16).

*** 17.4 derramou sangue.** Ou então, cometeu uma transgressão

tão grave como qualquer outra que envolvesse o derramamento de sangue.

eliminado. Ver nota em 7.20.

*** 17.11** Temos, neste versículo, uma das mais importantes declarações

teológicas do livro de Levítico. A vida é sagrada porque pertence a Deus. Como sinal de respeito pela vida e por seu Criador, nenhum israelita podia comer o sangue, porque "a vida da carne está no sangue" (cf. Gn 9.4,6). Uma segunda razão é que "é o sangue que faz expiação pela alma". O sangue dos animais derramado nos sacrifícios, tomava o lugar , e simbolicamente redimia a vida do adorador. Visto que o sangue dos animais era o sinal da salvação, o homem não podia consumi-lo em sua alimentação. Essas idéias são tanto apropriadas quanto transformadas no Novo Testamento. O sangue derramado de Cristo verdadeiramente expia os pecados (Hb 9.14,22; 1Jo 1.7), e aqueles que bebem espiritualmente esse sangue têm a vida eterna (Jo 6.54).

Eu vo-lo tenho dado. O sistema sacrificial do Antigo Testamento foi o dom gracioso de Deus ao seu povo. Deus determinou pessoalmente os modos de proceder mediante os quais sua ira justa podia ser evitada e seu povo reconciliado com ele.

*** 18.1-30** Moisés instruiu Israel acerca de práticas ilegítimas

vinculadas ao sexo e à família, incluindo o incesto (vs. 6-20), os sacrifícios de crianças (v. 21), o homossexualismo (v. 22) e a bestialidade (v. 23). Os vizinhos de Israel não tinham muitas restrições em suas atitudes sexuais e em seu comportamento (v. 3). Eles permitiam casamentos com parentes mais íntimos do que os que são permitidos aqui; eles também permitiam o homossexualismo (cf. v. 22), e até mesmo alguns tipos de bestialidade (cf. v. 23). As leis existentes neste capítulo pressupõem o casamento entre israelitas. Entretanto, uniões entre parentes de sangue do primeiro grau (irmão-irmã; pai-filha) e do

segundo grau (avô-neta, sobrinho-tia) eram proibidas. Casamentos entre parentes chegados, mediante casamento, também eram proibidos.

*** 18.8 da mulher de teu pai.** Não está aqui em foco a mãe do

próprio indivíduo (cf. o v. 7), mas uma segunda esposa do pai (cf. 1Co 5.1). A frase, "é a nudez de teu pai" nos faz lembrar o ensino de Gn 2.24, que ensina que um casal torna-se "uma só carne".

*	**18.9**	**tua irmã**.	Irmã legítima ou meia-irmã
*	**18.11**	**tua irmã**.	Uma meia-irmã.

*** 18.16** A lei do casamento levirato (Dt 25.5, nota) encorajava um homem

a casar-se com sua cunhada viúva se em seu primeiro matrimônio não tivesse tido filhos. Essa providência mostra-nos quão importante era preservar a herança da família perpetuando a linhagem da família na sociedade do Antigo Testamento (Nm 27.1-11, nota).

* **18.17** **sua filha.** A filha da mulher seria a enteada ou neta de

criação do homem.

* **18.18** O triste exemplo do casamento de Jacó com Lia e Raquel ilustra a

sabedoria compassiva dessa lei (Gn 29.23 - 30.24).

* **18.19** Ver nota no cap.15.

* **18.21** **para dedicar-se a Moloque**. O costume de sacrificar

crianças era praticado entre os antigos fenícios e os habitantes pagãos da terra de Canaã (Dt 12.31, nota). O culto a Moloque, o deus dos amonitas, sempre se constituiu numa tentação para os israelitas (1Rs 11.7; 2Rs 23.10).

* **18.25** **a terra se contaminou**. A imundícia e o pecado são

contagiosos; todos e tudo quanto entrasse em contato com essas coisas ficava infectado, incluindo o santuário (16.16, nota) e a terra.

vomitou. Essa personificação da terra enfatiza o contágio venenoso da imundícia e do pecado.

* **18.29** **eliminados**. Ver nota em 7.20.

* **19.1-37** O tema da santidade é elaborado enquanto Deus instrui o

povo de Israel sobre os princípios da boa vizinhança. Este capítulo ilustra o que a santidade significava na vida diária. Ver Introdução: Características e Temas (cf. Mt 5.48; 1Co 11.1; 1Pe 1.16).

* **19.2** Ver "Deus é Luz: Santidade e Justiça Divinas", índice.

* **19.5** **sacrifício pacífico**. Ver nota em 3.1; cf. 7.16-18.

* **19.9,10** Ver Rt 2.2-23.

* **19.13 a paga do jornaleiro.** Ver Dt 24.14,15.

* **19.17 repreenderás o teu próximo e, por causa dele. Uma**

reprimenda franca, mas com bom senso, ao indivíduo em erro é melhor do que acumular ódio destrutivo contra o próximo, e assim ser levado a pecar também (Pv 27.5; Mt 18.15; Gl 6.1).

* **19.18 amarás o teu próximo**. O "próximo" era qualquer pessoa

com quem houvesse contato, fosse essa pessoa israelita (v. 17) ou estrangeira (v. 34; cf. Mt 22.39,40; Rm 13.9).

* **19.19** Respeitar fronteiras e diferenças era um aspecto da santidade.

* **19.21 oferta pela sua culpa.** Ver nota em 5.14—6.7.

* **19.24** Os primeiros frutos, tal como os primogênitos do gado e das crianças deviam ser dedicados ao Senhor (Êx 22.29,30; 23.19), porquanto

Israel era o primogênito de Deus, e, assim sendo, devia ser consagrado a ele (Êx 4.22).

* **19.28** A mutilação do corpo criado por Deus é incompatível com a

santidade, pois o Deus santo é vida perfeita (Dt 14.1, nota).

* **20.1-27** A instrução apresentada neste ponto, repete muitos dos

mesmos temas dos caps. 18 e 19 (quanto aos versículos paralelos, consultar as referências cruzadas), mas com a adição de penalidades prescritas. A pena da morte é indicada para muitas ofensas,

indicando o grau de ira com que Deus as via (cf. Rm 1.18-32) Em outros casos as penalidades divinas, tal como a eliminação dentre o povo (7.20, nota), são mencionadas; essas penalidades abrangem situações onde a detecção pode ser difícil (v. 18), ou em que a solidariedade da família poderia tornar o chefe da família relutante em punir (v. 17).

* **20.6** Ver Dt 18.10,11; 1Sm 28.9.

* **20.9** Jesus citou este texto em Mc 7.10.

* **20.25** Ver notas no cap. 11.

* **20.27** Ver nota no v. 6.

* **21.1-24** Nestes versículos são registrados regulamentos de pureza

específicas aos sacerdotes. Esses regulamentos dizem respeito aos sacerdotes em geral (vs. 1-9), o sumo sacerdote (vs. 10-15) e os sacerdotes que tiverem algum defeito físico (vs. 16-24). Todos os sacerdotes representavam o homem restaurado à imagem de Deus, dessa forma tinham que demonstrar a santidade de Deus em seu caráter e em seus corpos. A santidade no homem restaurado envolve, sua perfeição e saúde (plenitude de vida; libertação da mortalidade, da perecibilidade e da decadência), por isso os sacerdotes com certos defeitos físicos estavam proibidos de oferecer sacrifícios

(vs. 17-21). Mas os sacerdotes defeituosos ainda assim podiam compartilhar de uma partilha plena dos direitos dos sacerdotes (v. 22).

* **21.1** A santidade (vida) e a morte são incompatíveis entre si; por

conseguinte, os sacerdotes não podiam lamentar pela morte de ninguém, salvo por seus parentes mais chegados (vs. 2-3).

* **21.5** Costumes de luto que envolvessem a desfiguração do

corpo também eram banidos, pois os sacerdotes, na qualidade de homens santos, tinham que ter corpos íntegros (Dt 14.1, nota).

* **21.10-12** O sumo sacerdote, que representava o homem restaurado à comunhão com Deus, era obrigado a evitar todo o contato com a morte (cf. 10.6,7).

* **22.3** Qualquer pessoa cerimonialmente imunda que comesse

alimentos santos de um sacrifício, arriscava-se à morte (7.20,21). A imundícia (morte) e a santidade (vida) não deviam misturar-se.

* **22.10-13** Estes versículos definem quais dependentes dos sacerdotes tinham permissão de comer alimentos sacrificais.

* **22.14** Uma pena de restituição era prescrita para não-sacerdotes que comessem as porções dos sacrifícios pertencentes aos sacerdotes (cf. 5.1416).

* **22.17-25** Somente animais livres de defeitos podiam ser sacrificados

ao Senhor. A razão disso era que ao Senhor só se podia dar o que houvesse de melhor (Ml 1.8), e, em parte, porque a santidade dos sacrifícios era simbolizada por um corpo físico perfeito (cf. 21.17-21).

* **22.23** No caso das ofertas voluntárias opcionais, uma espécie de

sacrifício pacífico (cap. 3), pequenos defeitos podiam ser tolerados.

* **22.27,28** Matar um animal pouco depois de seu nascimento

demonstrava pouco respeito pela vida, e, portanto, era incompatível com a santidade. A mesma coisa se pode dizer com referência a matar um animal e seus filhotes no mesmo dia (cf. Dt 14.21; 22.6,7).

* **23.1-44** A atenção volta-se para o calendário dos dias santos, com

instruções específicas para os leigos (cf. Nm 28, 29, onde são dadas instruções aos sacedotes especificando sacrifícios para os diferentes dias).

*	**23.4-8**	Ver Êx 12; 13.
*	**23.26-32**	Ver 16.2-34.
*	**23.33-43**	Ver Dt 16.13-17.
*	**24.2**	**lâmpada**. Ver Êx 25.31-40 e notas. Essas lâmpadas faziam

parte do candelabro que havia no Lugar Santo. Tendo uma forma semelhante à de uma amendoeira que florescia, o candelabro simbolizava o poder de Deus em outorgar vida e luz.

* **24.5** Ver Êx 25.23-30 e notas.

* **24.10** **filho dum egípcio.** Depois de tantos anos de servidão no

Egito, casos de casamentos mistos sem dúvida tornaram-se comuns. Ver nota em Êx 12.38.

* **24.11** **blasfemou.** Ver Êx 20.7; 22.28.

* **24.14 porão as mãos sobre a cabeça dele. Essa ação foi**

realizada para se livrarem da culpa que tinham contraído por terem ouvido a blasfêmia.

* **24.20 olho por olho, dente por dente**. O propósito deste

versículo é o de impedir uma vingança exagerada (cf. Gn 4.24). Esta fórmula

expressava vividamente o princípio que o castigo deve ser proporcional ao delito. Parece que esse princípio não era cumprido literalmente (Êx 21.26,27;

Dt 19.21, nota). A oposição de Jesus contra o mal uso dessa expressão (Mt 5.38) compreendia, não uma anulação desse princípio de equivalência, mas a necessidade de moderar a sua aplicação à luz do mandamento acerca do amor (19.18; cf. Mt 7.12), dentro da visão do reino de Deus (Mt 5.10-12) e do conhecimento da vindoura ira de Deus (Rm 12.17-21; cf. Dt 32.35).

* **25.1-55** O Senhor demonstra ser o proprietário da Terra Prometida

através de leis que impedem a exploração da terra e de seus ocupantes (v. 23, nota).

* **25.1-7** Da mesma maneira que o homem necessita de um dia de

descanso, a terra sem fertilizantes precisava ficar em repouso por algum tempo. Ver as regulamentações similares em Êx 23.10,11.

* **25.10 jubileu.** Mais do que um ano para o descanso da terra,

este era um ano em que todos os pobres que tinham caído em dívida recebiam a chance de um novo início. Os empréstimos eram

perdoados. Terras que tivessem sido vendidas eram devolvidas aos seus proprietários originais, e os escravos recebiam alforria (v.40).

*** 25.13 tornareis cada um à sua possessão. Deus protegia a sua**

dádiva de terras a cada família dentro da comunidade da aliança. Dessa maneira, ele conservava a estrutura da família, provendo a vida em perpetuidade para ela, e impedindo a exploração comercial de sua dádiva.

*** 25.23 a terra é minha.** Embora Deus tivesse dado a Israel o

território como uma de suas boas dádivas, para ser desfrutado (Dt 6.10-12; 8.10-13), mesmo assim o proprietário real era ele, e assim poderia terminar o prazo de arrendamento, caso o povo se tornasse um inquilino indesejável. Os israelitas não eram possuidores da terra como um direito inalienável, mas dentro da estrutura de um relacionamento de aliança com Deus. A terra não era

uma propriedade privada que pudesse ser vendida ou comprada. Simbolizava a vida com Deus.

*** 25.25** Todas as vendas aqui descritas aconteceram por causa de adversidades. As terras não deviam ser vendidas permanentemente de uma família para outra.

*** 25.26** Esperava-se que um parente comprasse as terras de um homem pobre, a fim de devolvê-la a ele. Seja como for, ele ou seus familiares as recebiam no Ano do Jubileu.

*** 25.29,30** Em contraste com as terras dedicadas à agricultura, as casas dentro das cidades tinham que ser remidas dentro de um ano, ou a venda era considerada permanente.

*** 25.36** Ver nota em Dt 23.19 (Sl 15.5).

* **25.39** Se um homem vendesse um filho ou filha à escravidão, por motivo de dívida, o escravo receberia liberdade após sete anos (Êx 21.2-11; Dt 15.1218). Este texto trata de uma dívida ainda pior, onde, presumivelmente depois de ter vendido suas terras, um homem e todos os seus familiares foram vendidos como escravos (v. 41). Nesse caso, todos recebiam liberdade no Ano do Jubileu.

* **26.1-46** A instrução do Senhor aos israelitas culmina nas promessas de bênçãos mediante a obediência (vs. 3-13), ou de maldições por causa da desobediência (vs. 14-39).

* **26.11** A obediência do povo de Israel às exigências da aliança seriam recompensadas com bênçãos (Êx 20.12; Dt 28.1-14; cf. Mt 6.4), e culminava na maior de todas as bênçãos — a presença de Deus com seu povo (Êx 29.42-46 e nota).

* **26.14-39** Desobedecer a Deus produz sofrimentos (Êx 20.7; Dt

28.15-68). Muitas passagens proféticas ecoam Lv 26 e Dt 28, quando os profetas prediziam que o povo estava sofrendo ou estava prestes a sofrer a ira de Deus por causa de seus pecados.

* **26.40** Mesmo no julgamento sempre havia esperança (Dt 30.1-10). O

castigo não significava o fim da aliança (vs. 44,45; Gn 17.2, nota; Rm 11.1-29). Os julgamentos de Deus sobre seu povo comprovavam que ele continuava se importando com eles (Hb 12.5,6).

*

26.46 Uma conclusão resumida da matéria jurídica pres

1-26.

* **27.1-34** O capítulo final das instruções divinas a Israel aborda os presentes prometidos a Deus, provavelmente por israelitas que estavam em grande dificuldade quando fizeram um voto.

Posteriormente, eles podem ter desejado retomar as propriedades votadas. As disposições deste capítulo mostram quando e como isso podia ser feito.

* **27.2 pessoas**. Era possível a alguém dedicar a si mesmo ou um

membro de sua família ao serviço integral de Deus no templo (1Sm 1.11). Mas somente levitas podiam servir a Deus dessa maneira; outras pessoas votadas tinham que ser remidas segundo a avaliação descrita nos vs. 3-8.

* **27.9,10** Animais votados ao sacrifício não mais podiam ser

retirados.

* **27.11-13** Animais impróprios para os sacrifícios precisavam ser

remidos.

* **27.28 dedicar irremissivelmente.** Ver referência lateral.

Propriedades e pessoas devotadas a Deus, eram irrevogavelmente postas a serviço de Deus (v. 28) ou eram totalmente destruídas (v. 29). Esse voto solene mui provavelmente era proferido por líderes nacionais, com freqüência em

tempos de guerra (Nm 21.2; 1Sm 15) ou contra aqueles que praticavam a idolatria (Dt 13.16; 20.17, nota).

* **27.30 dízimas**. Uma décima parte de todos os produtos agrícolas

recolhidos eram dados a Deus (isto é, à tribo sacerdotal de Levi, Nm 18.21-29; Dt 12.6-18; 14,22-29 e notas).

NÚMEROS

* **1.1—10.10** Uma vez terminado o tabernáculo (Êx 35.4—40.38),

o Senhor continua a preparar o seu povo para ocupar a Terra Prometida. É levantado um recenseamento dos guerreiros (cap.1). Em seguida, foram relatadas medidas que assegurassem a ordem e a pureza do acampamento — a organização do acampamento, a comissão dos levitas e seu ministério, e várias disposições relativas à pureza cerimonial e às observâncias religiosas. Finalmente, foram feitas asseverações visando a orientação e direção à comunidade (9.15—10.10).

* **1.1-46** Em preparação para a conquista da terra, Deus ordenou

que fosse feito um recenseamento dos guerreiros de Israel. No fim do livro, outro recenseamento foi registrado, desta vez para determinar a extensão da força militar (26.2). No Antigo Oriente Próximo, um recenseamento podia ser feito para aquilatar a força militar, a força de trabalho, ou para propósitos de cobrança de impostos.

* **1.1 falou o SENHOR a Moisés.** Declarações como essa

ocorrem diversas vezes no livro de Números. Moisés era o profeta mais preeminente. Deus falava aos profetas em visões e sonhos, mas com Moisés, o Senhor falava face a face (12.8), o que lhe dava maior autoridade. Dentre todos os seres humanos que já viveram na face da terra, somente Cristo tem maior autoridade do que Moisés.

na tenda da congregação. A tenda-santuário onde Deus falava com Moisés (Êx 29.42; 40.34,35). Esse termo ocorre com freqüência no Pentateuco, e, ocasionalmente, em livros posteriores.

No segundo ano. O livro de Números começa a sua história treze meses após o êxodo, e relata acontecimentos que ocorreram durante os 39 anos seguintes.

* **1.5-16** Os chefes de todas as tribos, exceto os levitas (que tinham

sido separados para o serviço do tabernáculo), são mencionados aqui

e também nos caps. 2, 7 e 10. As duas tribos de Efraim e Manassés são alistadas sob José (v. 10), preservando o número de doze tribos, sem contar os levitas.

* **1.20-43** Estes versículos mencionam o número de guerreiros de

cada tribo. Exceto pelas diferenças nas cifras, estes versículos seguem uma fórmula estrita. As tribos são alistadas na mesma ordem que vemos nos vs. 115, excetuando a tribo de Gade que agora é mencionada em terceiro lugar, ao invés do décimo primeiro (vs. 24 e 25).

* **1.45,46** Estes dois versículos dão o total do recenseamento.

* **1.47-54** Os levitas não foram contados juntamente com as demais

tribos, visto que foram separados para cuidar do tabernáculo e estavam isentos do serviço militar. A herança deles também foi separada dentre os israelitas (cap. 3).

* **2.1-34** São dados aqui regulamentos acerca do posicionamento

das várias tribos no acampamento e quanto à sua respectiva ordem na marcha. O povo de Israel foi dividido em quatro acampamentos, com três tribos em cada acampamento, localizadas à certa distância do tabernáculo, ao norte, sul, leste e oeste. Os levitas acamparam-se ao redor do tabernáculo (1.53). Nas marchas, as tribos deveriam seguir umas às outras, na mesma ordem segundo a qual foram mencionadas. Comparar essa disposição com a cidade quadrangular em Ap 21.16, o lugar de habitação final de Deus com os homens.

* **2.14 Deuel.** Ver referência lateral.

* **3.1 de Arão e... Moisés.** Arão é mencionado aqui em primeiro

lugar, porquanto a sua família é o assunto do capítulo.

* **3.3 sacerdotes ungidos**. A unção de Arão e seus filhos como sacerdotes do Senhor, é descrita em Êx 29.

* **3.4 Nadabe e Abiú**. O grave delito e a morte resultante dos dois filhos mais velhos de Arão foram descritos em Lv 10.1-3. Castigos divinos semelhantes ocorreram em outros pontos importantes na história da salvação (Js 7.13-26; 2Sm 6.7; 2Cr 26.16-21; At 5.1-11).

* **3.11-13** Os levitas foram tomados por Deus em lugar dos varões primogênitos de Israel (vs. 40-51; Êx 13.15, nota).

* **3.14-37** São identificados aqui os clãs dos levitas e são prescritos seus vários deveres: os gersonitas deviam cuidar das estruturas maiores do tabernáculo (vs. 21-26), os coatitas cuidariam dos móveis interiores (vs. 27-32), e os meraritas cuidariam das porções menores da estrutura (vs. 33-37).

* **3.38** Moisés e Arão deviam armar tenda defronte do tabernáculo da congregação, tendo o direito exclusivo de se aproximarem do santuário.

* **3.39-49** Os varões primogênitos dentre os israelitas deviam ser remidos através da dedicação dos levitas ao serviço de Deus. Foi pago dinheiro pelo número de varões primogênitos que excediam ao número dos levitas (vs. 46-49).

* **4.1-33** O trabalho das famílias levíticas — os coatitas (vs. 1-15), os gersonitas (vs. 21-28) e os meraritas (vs. 29-33) — será explicado mais adiante. Nos vs. 16-20, ao filho de Arão, Eleazar é atribuída a

supervisão de todo o tabernáculo. Mas a todos os coatitas, excetuando-se os descendentes de Arão, era vedado o acesso direto às coisas santas.

* **5.1-4** Pessoas física ou cerimonialmente imundas eram

mandadas para fora do acampamento. Essa providência foi tomada porque, como uma nação de sacerdotes, os israelitas deviam representar o homem restaurado à imagem de Deus. Ver nota em Lv 13 e 14.

* **5.5-10** Quando alguém prejudicava a outrem, tinha que ser feita

restituição, além de uma quinta parte adicional (Lv 5.14—6.7). Se a pessoa prejudicada não mais estivesse presente, e se não houvesse parente a quem a restituição pudesse ser feita, ela devia ser dada ao sacerdote, como representante do Senhor.

* **5.11-31** É descrito aqui um modo de proceder mediante o qual o

sacerdote podia determinar se uma mulher acusada de infidelidade por seu marido era culpada ou inocente. Se ela fosse culpada, Deus a deixaria doente e a tornaria incapaz de ter filhos (v. 27); se fosse inocente, ela seria capaz de ter filhos (v. 28).

* **6.1-21** O voto de nazireu era um tipo especial de dedicação

voluntária. Uma pessoa podia tomar um voto especial de separação por um período limitado de tempo, durante o qual não poderia comer ou beber qualquer coisa derivada de videira, e nem deveria aparar seus cabelos ou sua barba. A uva era uma fonte de prazer físico, e abster-se da mesma representava uma vida dedicada a Deus. Permitir que os cabelos crescessem significava abstenção de qualquer adorno humano.

Durante o período em que o voto estivesse valendo, o nazireu devia

ter o cuidado de não tornar-se cerimonialmente imundo, por qualquer razão que fosse (v. 7). Se alguém morresse subitamente na presença daquele que tinha assumido o voto de nazireu, seria necessário fazer certas ofertas prescritas (vs. 9-12), como rapar a própria cabeça, e reiniciar o período de separação novamente (v. 12). Uma cerimônia especial é descrita, para terminar o período de separação (vs. 13-21).

* **6.24-26** Essa tríplice bênção divina era proferida pelo sacerdote

com mãos erguidas (Lv 9.22). Ela começa como uma bênção geral (v. 24) para uma invocação do favor e da presença de Deus (v. 25), e, finalmente, chega a mencionar, de forma culminante, a paz que vem somente da graciosa presença de Deus (v. 26). Pronunciar essa bênção colocava o nome da aliança do SENHOR (Yahweh) sobre o povo (v. 27).

* **6.25 o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti. Temos**

aqui uma vívida figura de Deus a contemplar favoravelmente os seus adoradores. Quanto mais íntimo for o acesso do indivíduo à face de Deus, maior a sua bem-aventurança.

* **7.1-88** São mencionadas aqui as ofertas feitas por ocasião da

dedicação do tabernáculo. Cada um dos chefes das doze tribos trouxe um certo número de presentes caros e ofertas específicas. Esses presentes e essas ofertas são mencionados em detalhes precisos em cada caso, embora a lista dos mesmos seja idêntica — um vívido lembrete de que Deus está interessado em cada parte do serviço espiritual prestado por seu povo.

* **7.1-9** Os carros e os bois foram apresentados. Os líderes das

tribos uniram-se para trazer os carros, bem como os bois para os puxar, para uso de dois dos clãs levíticos, que transportariam as

partes do tabernáculo que lhes tinham sido designadas (3.21-26,33-37; 4.21-33). Nenhum carro foi entregue aos coatitas; esses estavam encarregados de carregar sobre os ombros as coisas sagradas (v. 9).

* **7.89** **propiciatório**. Essa designação da tampa ornamentada da

arca representa uma palavra hebraica (lit., "cobertura do propiciatório" ou "lugar da expiação"). O propiciatório é mencionado por 25 vezes no Pentateuco, mas somente uma vez em livros posteriores (1 Cr 28.11). Ver notas em Êx 25.17 e Lv 16.2.

* **8.5-22** Essa cerimônia, que separou os levitas para servirem ao

Senhor, difere significantemente da cerimônia de consagração dos sacerdotes (Êx 29.1-37; Lv 8). O termo-chave na ordenação de Arão e seus filhos ao sacerdócio é "consagrar" (Êx 29.1,9, e notas); os levitas foram "purificados" (vs 6,15,21). Os sacerdotes receberam vestes novas; os levitas raparam os pêlos de seus corpos e lavaram suas roupas (Êx 29.5-9).

* **8.18** **em lugar de todo primogênito**. Ver nota em 3.11-13.

* **8.24** **idade de vinte e cinco anos**. Em 4.3, os limites do serviço

são tidos entre os 30 e os 50 anos de idade. As fontes rabínicas sugerem que havia um aprendizado de cinco anos antes do serviço pleno. Alternativamente, 4.3 pode designar o tempo quando assummia-se uma completa responsabilidade para transportar o tabernáculo sendo que, com 25 anos assumia-se deveres mais leves. Em 1Cr 23.24-26, Davi baixou a idade para o serviço dos levitas para 20 anos, porquanto o transporte do tabernáculo não se fazia mais necessário.

* **9.6-13** Um problema especial é identificado e a resposta de Deus

é dada: uma pessoa que estivesse imunda ou estivesse de viagem no tempo regulamentar da observância, podia celebrar a páscoa exatamente um mês mais tarde. Nenhuma outra pessoa, porém, podia adiar a observância da páscoa.

* **9.14** Como um rito da aliança com Deus, a páscoa devia ser

celebrada somente por membros da comunidade da aliança. Estrangeiros do sexo masculino que desejassem participar deviam aceitar as condições da aliança deixando-se circuncidar (Êx 12.48).

* **9.15—10.6** Duas espécies de orientação foram estabelecidas

para a marcha: orientação sobrenatural, mediante a nuvem (9.15-23), e ordens da parte de Moisés, dadas por meio de trombeta (10.1-6).

* **10.11—22.1** Esta seção começa com o Senhor guiando o povo

de Israel, imediatamente até à área de Cades-Barnéia, no deserto de Parã (10.12; 12.16; 13.3,26), o acampamento de onde eles dariam início à conquista. Em lugar da vitória prometida, o relatório sombrio dos espias criou uma rebelião que afetou a nação inteira, excetuando somente Moisés, Arão, Josué e Calebe. O Senhor pronunciou seu julgamento contra toda aquela primeira geração que tinha sido contada no recenseamento, e ordenou-lhes que deixassem Cades-Barnéia e se voltassem outra vez na direção do Sinai.

Em vista desse julgamento, as leis e os resultados da lamentável história que se segue nos caps. 15—19, são notáveis por duas razões: (a) após o julgamento, o Senhor prescreveu imediatamente a Israel como poderiam servi-lo na Terra Prometida (cap.15), uma clara indicação de que, a qualquer momento estariam lá, conforme lhes fora prometido; e (b) quanto a todo o período do julgamento no deserto, são aludidos apenas dois eventos (que, na realidade, formam um único incidente): a rebelião de Coré e a florescência da vara de Arão.

Os acontecimentos dos caps. 20 e 21 são claramente transicionais, começando com a volta para Cades-Barnéia, um indício de que a conquista estava novamente em marcha. A vitória sobre o rei de Arade também assinalou a mudança assim como o lugar da vitória, que foi chamado "Hormá", "Total Destruição" (21.3), em contraste com a trágica derrota registrada no cap.14.

* **10.11 Ano... mês... do mês.** Quase catorze meses depois da saída do Egito, e onze meses depois da chegada ao Sinai (Êx 19.1).

* **10.14-28** A ordem da marcha segue a determinação do cap.2, embora mais detalhes sobre os levitas sejam dados aqui (vs. 17, 21).

* **10.29 Hobabe.** Outro elemento de orientação é encontrado. Moisés pediu ajuda ao seu cunhado midianita, um homem familiarizado com o deserto (Êx 2.16—3.1; Jz 1.16).

* **10.35,36** Moisés tinha plena consciência da poderosa presença de Deus entre o seu povo. Essas orações honram ao Senhor como o Guerreiro divino, que ia à frente à multidão do povo (v. 35), bem como a fonte da proteção divina para o acampamento (v. 36).

* **11.4 o populacho.** Essa gente não se compunha de israelitas, mas de pessoas que vieram do Egito juntamente com os filhos de Israel (Êx 12.38, nota).

* **11.7 maná.** Ver nota em Êx 16.14.

* **11.25 profetizaram**. Uma demonstração de expressão verbal extática divinamente inspirada dos anciãos (cf. 1Sm 10.10; 19.24). Esse fenômeno aparentemente temporário (cf. a referência lateral)

serviu para autenticar a liderança dos anciãos.

*** 11.31 cerca de dois côvados sobre a terra. Não é que as**

codornizes estivessem empilhadas sobre a terra até essa altura de cerca de um metro, mas é que elas passsaram voando a essa altura, e, desta forma eram facilmente apanhadas. Ver nota em Êx 16.13.

*** 12.1 Cusita.** Ou "etíope". Cuxe ficava na região ao sul do Egito.

Zípora, a mulher midianita (Êx 2.16-21), pode ter sido referida aqui como "mulher etíope", mas a explicação contundente de que Moisés "tinha tomado a mulher cusita" sugere que Zípora tinha morrido, e que Moisés se casara novamente.

*** 12.2 falado... somente por Moisés.** A verdadeira razão para a

crítica fica evidente — ciúmes de Moisés. Míriã e Arão tinham lugares importantes no plano de Deus para Israel (cf. Mq 6.4), mas sua inveja de Moisés, se não fosse corrigida, certamente causaria obstáculos sérios para a obra de Deus.

*** 12.3** Muitos estudiosos têm sugerido que essa declaração sobre

Moisés tenha sido acrescentada por outra pessoa que não Moisés, embora a origem mosaica do versículo não seja impossível (uma característica ímpar das Escrituras é sua apresentação acurada das boas e das más qualidades de seus personagens, cf. Ne 13.14,22; 1Co 4.16,17). A declaração estabelece que Moisés não provocou a queixa de Miriã e Arão, e explica como Deus defendeu imediatamente o seu profeta.

*** 12.5 desceu**. Essa expressão é com freqüência usada nas

Escrituras para indicar um ato especial de Deus ao lidar com eventos terrenos (p.ex., Is 64.1).

* **12.6-8** O Senhor convocou a Moisés e a seus dois acusadores à

tenda da congregação. Ali, o Senhor repreendeu a Arão e Miriã, por sua arrogante falta de temor, ao fazerem oposição a Moisés. Considerando a clareza e a maneira direta de Deus revelar-se a Moisés, eles deveriam ter aceitado a sua própria subordinação a ele em seu estado ímpar, prestando-lhe apoio. Ver "Profetas", índice.

* **12.7 meu servo Moisés.** O Novo Testamento contrasta a

grande honra dada a Moisés, aqui referido, com a honra ainda maior dada a Jesus Cristo — Moisés era um servo fiel na casa de Deus, mas Cristo é "Filho, em sua casa" (Hb 3.6).

* **12.8 Boca a boca.** Contrasta a maneira como Deus revelava a

sua vontade até mesmo para Elias (cf. 1Rs 19.9-18). Nenhum outro personagem do Antigo Testamento teve um relacionamento tão íntimo com Deus como Moisés, e essa descrição, por sua vez, ressalta o privilégio ainda maior do crente — em Jesus Cristo, a glória da bondade e da misericórdia de Deus que foi negada até a Moisés, é exibida aos crentes através do Espírito Santo (Êx 33.19,20; Jo 1.14; 2Co 3.18). Mas o crente também está aguardando uma ainda maior *visio dei* (visão de Deus) — para ver Cristo "face a face" (1 Co 13.12; Ap 22.4).

claramente, e não por enigmas. No tocante à clareza da revelação divina que lhe foi dada, Moisés eleva-se acima de todos os demais profetas do Antigo Testamento (cf. v. 6). A caracterização da revelação como "enigmas"

(referência lateral) subentende que os asssuntos proféticos das Escrituras, algumas vezes, devem ser entendidos de maneira figurada, e não literal.

*
12.10 leprosa. A palavra hebraica aqui traduzida por

pode referir-se a várias doenças de pele. Ficou claro para qualquer um que visse Miriã que Deus havia condenado sua atitude. Arão compartilhou da humilhação, pois era evidente a todos que ele, igualmente, estava sendo castigado por ter tomado partido com ela, ao reivindicarem que eram tão

grandes quanto Moisés. Entretanto, Deus não fez Arão ficar leproso, visto que sua posição como sumo sacerdote (inferior em importância somente à Moisés) precisava ser salvaguardada (cf. Nm 16.6—17.11). Posteriormente, Uzias, um amado rei de Judá, foi ferido de lepra, ao tentar assumir as prerrogativas do sumo sacerdote (2Cr 26.16-21).

* **12.16 deserto de Parã**. A região a sudoeste da Terra Prometida

na porção leste-central da península do Sinai (Gn 21.21).

* **13.1 Disse o SENHOR a Moisés**. Deus disse a Moisés que

enviasse espias, aparentemente em resposta a uma petição anterior feita pelo povo, visto que Dt 1.22,23 indica que eles tinham pedido isso. Deus usou os espias para mostrar que o povo como um todo ainda não estava preparado para entrar na Terra Prometida.

* **13.3 cabeças dos filhos de Israel.** Os nomes dos vs. 4-15 não

se acham nas primeiras listas dos líderes e chefes de família (caps. 1, 2, 7 e 10). Os espias foram um grupo separado de pessoas especialmente escolhidas para a perigosa tarefa do reconhecimento.

* **13.16 Oséias... Josué.** O primeiro desses nomes significa

simplesmente "salvação"; e o último desses nomes significa "o Senhor salva”. Era apropriado que o homem que sucederia a Moisés como líder tivesse um nome que apontava para o Senhor, como aquele de quem procederia a salvação da nação.

* **13.22** **Hebrom.** Hebrom era bem conhecido como sendo o local

dos sepulcros de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 13.18; 49.29-33; 50.13). A Zoã que foi edificada sete anos depois de Hebrom é a cidade de Tanis, no Egito, fundada em cerca de 1430 a.C. Um outro nome para Hebrom é Quiriate Arba, e estava associada aos enaquins ou descendentes de Anaque, um clã de guerreiros gigantes e intimidadores (Js 14.15). Na história posterior, Davi ocupou Hebrom e foi ungido ali, primeiramente como rei de Judá, e, depois, como rei de Israel e Judá (2Sm 2.1-3; 5.1-5).

* **13.33** **gigantes**. Ver referência lateral; nota em Gn 6.4. O termo

hebraico é usado em Gn 6.4 para indicar um grupo de homens fortes e iníquos que habitavam na terra antes do dilúvio. Os espias desencorajaram o povo de Israel com seu relatório exagerado e covarde, atraindo o castigo de Deus sobre os próprios espias (14.36,37).

* **14.1-45** A geração do êxodo proveu um exemplo de apostasia que

o salmista (Sl 95.7-11) e os autores do Novo Testamento (1Co 10.5; Hb 3.12— 4.13) usaram para advertir as gerações posteriores do povo de Deus.

* **14.39-45** Os israelitas fazem uma tentativa fútil de conquistar a terra

de Canaã. Apesar da oposição de Moisés, o contristado povo de Israel tentou entrar na Terra Prometida, mas foi repelido.

* **14.45** **Hormá**. Um lugar que teve alguma importância na história

posterior (21.1 -3; Js 15.30; 19.4; Jz 1.17; 1Sm 30.26-30).

* **15.1-41** A localização do conteúdo deste capítulo — entre a

derrota

desastrosa às mãos dos amalequitas e cananeus (14.39-45) e a rebelião de Coré (cap. 16) — é significativa. Ao dar este capítulo de leis acerca do comportamento apropriado dos israelitas na terra (v. 2), Deus assegurou a Israel que, a despeito de suas falhas e rebeldias, Deus continuava planejando dar-lhes a terra de Canaã.

* **15.1 Quando entrardes na terra... que eu vos hei de dar.**

Essa expectação é uma das chaves deste capítulo.

* **15.22-29** Sacrifícios de expiação pelos pecados por ignorância são

aqui determinados. A comunidade inteira (vs. 24-26) ou um indivíduo isolado (v. 27) podiam ser responsáveis por tais transgressões, p.ex., de mandamentos rituais como aqueles que aparecem nos vs. 1-21.

* **15.30 fizer alguma coisa atrevidamente.** Ver referência lateral.

Aqui é instituído o tratamento que cabia ao indivíduo que pecasse desafiadoramente: primeiramente a regra (vs. 30 e 31), e então a ilustração daquele que quebrasse o sábado (vs. 32-36).

eliminada. Ver nota em Lv 7.20.

* **15.37-41** Borlas com fios azuis deviam ser afixadas às vestes como

lembretes para que o povo fosse santo e guardasse os mandamentos de Deus (v. 40).

* **16.1-3** Este capítulo descreve uma série complicada de

acontecimentos nos quais dois movimentos separados uniram suas forças para fazer oposição a Moisés e Arão. Um dos grupos, liderado por Datã, Abirão e Om, da tribo de Rúben, sentia inveja da liderança que Deus havia estabelecido, e procurava desacreditar Moisés e Arão. O outro grupo insatisfeito consistia-se dos coatitas (levitas), o próprio grupo ao qual pertenciam Moisés e Arão.

* **16.4-11** Moisés tratou primeiro com a oposição dos levitas, que

tinham acesso ao tabernáculo. A proposta de Moisés, nos vs. 6 e 7, estabeleceu o palco para o julgamento divino no v. 35.

* **16.12-14** Em seguida, Moisés lidou com os rubenitas Datã e Abirão.

Depois de terem se recusado a sair de suas tendas, eles foram destruídos juntamente com os seus familiares (vs. 31-33).

* **16.22** Novamente Moisés age como um intercessor juntamente

com Arão, em favor da assembléia (11.2; 12.13; 14.13-19 e 16.45-48). Ver notas em Êx 32—34 e 33.17.

* **16.28-30** Moisés dependia de Deus para a sua defesa (cf. 12.3). Ele

confiava na provisão divina de um sinal irrefutável ("coisa inaudita").

* **16.32 casas, como também a todos os homens que**

pertenciam a Coré. Os filhos de Coré sobreviveram (26.11; cf. 1Cr 9.19).

* **16.36-40** Os incensários de metal foram removidos dentre as cinzas

e transformados em folhas para cobrir o altar, e passaram a servir como um lembrete permanente de que ninguém, além dos descendentes de Arão, deviam servir como sacerdotes.

* **16.45b-48** Moisés e Arão novamente atuam como intercessores em

favor do povo pecaminoso (v. 22, nota).

* **17.1-11** Outra evidência do sacerdócio ímpar de Arão foi dada

por

Deus. A florescência da vara pertencente a Arão ensinou aos líderes de Israel que Deus havia escolhido Arão e seus descendentes como sacerdotes. A vara de Arão foi guardada permanentemente defronte da arca, como um testemunho (v. 10).

*** 17.4 perante o Testemunho.** Defronte da arca, no Santo dos

Santos (cf. vs. 8 e 10).

*** 17.13 Todo aquele que se aproximar do tabernáculo. O terror**

causado pelo temor de Deus em aproximar-se de sua habitação destaca a importância do ministério medianeiro dos sacerdotes e levitas, descritos no cap.18.

*** 18.1-24** Os deveres e o sustento dos sacerdotes e levitas são aqui

detalhados. Somente Arão e sua família podiam aproximar-se dos móveis do santuário ou do altar; e os demais levitas obedeciam às ordens dos sacerdotes e deviam fazer todo o trabalho na tenda da congregação (vs. 1-7). Os varões da família de Arão deviam receber as partes das oferendas mais santas que não eram lançadas no fogo (vs. 8-10). Todos os membros dessa família que estivessem limpos cerimonialmente deviam compartilhar das ofertas movidas (v. 11; Êx 29.24-27; Lv 7.30-34) e das primícias (vs. 12,13; Êx 23.16-19; 34.22-

26; Lv 23.20; Dt 18.4; 26.10). O sustento dos levitas vinha dos dízimos oferecidos pelo povo (Dt 13.22-29 e notas).

*** 18.1 levareis sobre vós a iniqüidade.** Ver referência lateral.

Arão e seus filhos eram responsáveis pelas ofensas contra a santidade do santuário e pelas violações das regras do sacerdócio. A

imperfeição do sacerdócio deles era indicada por terem de oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados, bem como pelos pecados de outros (ver Êx 29.38; Hb 9.7). Essa imperfeição apontavam para um maior e mais perfeito Sacerdote, que não precisasse oferecer sacrifícios por seus próprios pecados (Hb 10.11-14).

* **18.19 aliança perpétua de sal**. Essa frase indica a natureza

permanente da promessa de Deus, baseada na aparente indestrutibilidade do sal, que não se queima. Os sacerdotes não tinham herança na terra. Antes, através dos dízimos e das ofertas apresentadas ao Senhor pelo povo, o próprio Senhor devia ser a porção dos levitas (vs. 20,21).

* **18.25-32** Dos dízimos que recebiam do povo, os levitas também

deviam dar a décima parte aos sacerdotes, das melhores e mais santas partes (vs. 29-32).

* **19.1-22** Providências para a purificação dos cerimonialmente

impuros são aqui apresentadas. Sob a orientação de Eleazar, o sacerdote, uma novilha vermelha sem defeito (v. 2) era levada para fora do acampamento e sacrificada (v. 3). Os sacerdotes realizavam uma cerimônia determinada (v. 4), e a novilha era queimada (vs. 5 e 6; cf. Hb 9.11-13). Então as cinzas eram recolhidas e postas em um lugar limpo, fora do acampamento, para serem guardadas para uso posterior na água da purificação (vs. 9 e 10). Situações de impureza que requerem purificação cerimonial são consideradas nos vs. 11-16, seguidas pelos procedimentos para o uso da água da purificação (vs. 17-22).

* **19.9 fora do arraial.** "Jesus, para santificar o povo, pelo seu

próprio sangue, sofreu fora da porta" (Hb 13.11-13). As cerimônias para a purificação prefiguravam a morte de Cristo.

* **19.20 eliminado do meio da congregação. Essa frase exata**

não ocorre em nenhuma outra porção da Bíblia. "Eliminado de Israel" ocorre por duas vezes (Êx 12.15; Nm 19.13). Expressões semelhantes ocorrem em Lv 17.10; 20.3,5,6; 23.29; Nm 9.13; 15.30; Ez 14.8. Quanto ao sentido de "eliminar" ver nota em Lv 7.20.

* **20.1-13** Exasperado com Israel, Moisés agiu por presunção e

deixou de honrar a santidade de Deus (vs. 9-11, nota; Êx 17.6, notas). A seriedade do pecado de Moisés torna-se evidente pelo julgamento divino resultante — não lhe foi permitido entrar na Terra Prometida (v. 12).

* **20.1 no mês primeiro.** Isso teria acontecido no fim dos

quarenta anos que andaram errantes pelo deserto, decretada em 14.32-34. O período de caminhada no deserto estava chegando ao fim. Todos os indivíduos com menos de quarenta ou mesmo cinqüenta anos pertencia, na realidade, a uma nova geração, prestes a iniciar a fase seguinte do plano de Deus — a entrada em Canaã e a conquista da Terra Prometida.

morreu Miriã. A irmã de Moisés era uma mulher piedosa. Quando Moisés era ainda um bebê, ela ajudou a salvá-lo da morte (Êx 2.4-10). Após o livramento às margens do mar Vermelho, ela liderara o povo na celebração pela vitória (Êx 15.20,21). Contudo, 12.5-15 mostra-nos seu grave pecado, e o castigo resultante.

* **20.2 Não havia água**. A água era a maior necessidade em uma

viagem pelo deserto (cf. Gn 21.14-19; Êx 17.1-7).

* **20.2-5** O povo de Israel queixa-se novamente, um eco de

queixumes anteriores (Êx 15.24; 16.2; 17.3; Nm 11.1; 14.2).

* **20.9-11** Após anos de serviço constante e de uma paciência sem

paralelo, Moisés caiu em seu ponto mais forte (12.3): (a) ele falou com ira; (b) ele usurpou o lugar de Deus, dizendo: "faremos sair água desta rocha para vós

outros?" e (c) ele agiu com violência, ferindo a rocha por duas vezes, quando Deus havia dito que ele falasse com ela. Quanto ao simbolismo da rocha, ver as notas em Êx 17.6.

* **20.12** A palavra de condenação divina foi dirigida tanto a Moisés

quanto a Arão, pois Arão tinha acompanhado a Moisés, e estava envolvido na precipitação do ato de seu irmão. O ministério de ambos estava chegando ao seu fim.

* **20.13** **Meribá**. Ver referência lateral. Juntamente com "Massá"

("Prova"), esse nome foi usado no primeiro incidente de extrair água de uma rocha (Êx 17.7; Sl 95.8 e referências laterais).

* **20.14-20** Os edomitas, descendentes do irmão de Jacó, Esaú (Gn

25.25-34; 27.1-42; 28.5-9; 32.3—33.16; 35.29; 36.1-43), demonstraram uma atitude pouco fraternal para com Israel. Moisés fez um pedido cortês aos edomitas, pedindo-lhes permissão para atravessar pacificamente o seu território, pagando aos edomitas por qualquer coisa que os viajantes precisassem durante o caminho. Visto que essa permissão não foi concedida aos israelitas, e eles não queriam avançar lutando, eles não puderam chegar à Terra Prometida sem primeiramente desviarem-se em uma longa marcha, através de um trecho particularmente desagradável do deserto.

* **20.14** **teu irmão Israel.** Jacó (posteriormente chamado Israel;

32.28) e seu irmão, Esaú, tiveram desavenças durante sua juventude, mas se reconciliaram em anos posteriores (Gn 33.9-16; 35.29).

* **20.22-29** Eleazar sucedeu a seu pai como sumo sacerdote. Arão

teve a alegria de ver seu trabalho levado adiante por seu filho; Moisés, cujo ministério como mediador da aliança do Sinai, era sem igual (12.8, nota; Êx 18.1—24.18, nota), não teve igual ventura.

* **20.29 choraram... trinta dias.** Ver nota em Dt 34.8.

* **21.1-3** A primeira vitória dos israelitas sobre os cananeus foi

contra Arade, em Hormá, onde Israel havia sofrido uma derrota contundente muitos anos antes (14.45). Esta vitória assinala uma mudança de enfoque da geração do êxodo, condenada a morrer no deserto (14.29-35) para a geração que nasceu no deserto.

* **21.4-9** Este evento tipifica tanto o sacrifício de Cristo quanto a fé

de seu povo. Assim como a representação em bronze da serpente venenosa foi levantada, assim também Cristo, nascido "na semelhança de carne pecaminosa" (Rm 8.3), foi levantado (Jo 3.14). Os aflitos israelitas não tinham outro meio de salvar-se do que olhar para a serpente de metal, assim como os pecadores não têm esperança de salvação exceto mediante a fé no Cristo crucificado (Jo 3.15,16). Infelizmente, essa serpente de bronze, mais tarde, tornou-se objeto de uma adoração idólatra (2Rs 18.4).

* **21.14 livro das Guerras do SENHOR**. Essa é a única referência

bíblica a um livro de cânticos de vitória, não-inspirado, que aparentemente era corrente na terra de Israel, nos dias de Davi ou mesmo antes. Uma obra semelhante, o livro dos Justos, é citado em

Js 10.12,13 e 2Sm 1.19-27.

Arnom. Esse riacho perene fluía para o mar Morto, vindo do leste, atravessando um profundo desfiladeiro. Formava a fronteira entre o território de Moabe e o reino amorreu de Seom (21.21-31).

* **21.21-35** Moisés narra aqui a conquista de Israel de Hesbom e Basã.

Ambos esses reinos ficavam na Palestina oriental, atravessando o Jordão, vindo de Canaã (a Transjordânia).

* **21.33** **Basã**. Ver nota em Dt 3.1.

* **22.1** Após a conquista de Hesbom, no sul da Transjordânia

(21.21-26), e também Basã, no norte (21.33-35), os israelitas voltaram ao sul, cruzando o Jordão, na área oposta à Jericó e ao norte do território de Moabe.

*
22.2 - 24.25 Embora a própria narrativa tenha conside

encanto literário (22.28, nota), o incidente de Balaão também deve ser visto dentro do contexto do relacionamento pactual de Deus com o seu povo. No vívido retrato da oposição divina àqueles que amaldiçoassem o seu povo, a fidelidade de Deus às promessas segundo a aliança, feitas a Abraão, é demonstrada (Gn 12.3, e nota). Ironicamente, o Senhor também usou o profeta pagão, Balaão, que tinha sido contratado pelo rei moabita para amaldiçoar o povo de Deus, fazendo-o, ao invés disso, abençoar o povo de Israel, e profetizar a vinda da Estrela Real de Jacó — o próprio Messias — o qual triunfaria sobre os inimigos de Israel (24.17-19).

* **22.4** **Moabe.** Os moabitas eram descendentes da relação sexual

incestuosa de Ló com uma de suas filhas (ver Gn 19.37,38, nota). Os

moabitas estavam solicitando aos midianitas que os ajudassem a resistir aos invasores israelitas.

* **22.5 Balaão.** O profeta pagão Balaão vivia em Petor, uma

cidade do norte da Mesopotâmia, às margens do rio Eufrates. O fato de Balaque ter enviado emissários por aquela distância respeitável serve como evidência da considerável reputação de Balaão como alguém que tinha poderes sobrenaturais.

A natureza e a extensão do conhecimento que Balaão tinha do verdadeiro Deus é incerta. Embora fosse um famoso adivinho e profeta (cf. 24.1), Balaão tinha alguma consideração pelo verdadeiro Deus (22.8,18), e o Senhor usou Balaão para comunicar a sua Palavra (23.7-10,18-24; 24.3-9,1524). Fundamentalmente, porém, Balaão parece ter sido um oportunista sincretista, que procurava manipular o mundo espiritual visando seu próprio lucro. No decurso desta narrativa, Balaão estabeleceu-se como o maior exemplo de um falso profeta e falso mestre (31.16; 2Pe 2.15; Jd 11).

* **22.22 porque ele se foi.** À luz da permissão divina anterior para

ele viajar (v. 20), a ira divina aqui manifesta, talvez nos surpreenda. A narrativa como um todo indica, porém, que a viagem de Balaão foi perversamente

motivada e que certamente ele esperava poder amaldiçoar a Israel (v. 32). Deus usou esse confronto entre Balaão e o Anjo do Senhor para enfatizar sua ordem de nada dizer, exceto aquilo que ele mesmo o orientasse (v. 35).

o Anjo do SENHOR. Ver nota em Gn 16.7; "anjo", índice.

* **22.28 o SENHOR fez falar a jumenta.** A história de Balaão está

repleta de ironia cômica. A jumenta foi capaz de ver a vereda melhor

do que o adivinho, para então falar-lhe (2Pe 2.16).

* **22.29 tivera eu uma espada.** Balaão estava clamando por uma

espada, sem saber que em breve ele veria uma apontada para ele.

* **22.40 deles enviou a Balaão e aos príncipes. Visto que Balaão**

e os príncipes receberam a carne, provavelmente isso era uma refeição sacrifical, embora alguns sugiram uma referência ao uso feito, pelos pagãos, das entranhas dos animais para efeito de adivinhação (cf. 24.1).

* **23.1 sete... sete... sete.** O número sete tinha uma profunda

significação simbólica no antigo Oriente Próximo. Sendo a soma dos números sagrados três e quatro, com freqüência o número sete aparece em contextos rituais (Gn 21.28; 33.3; Êx 12.15; 29.35-37).

* **23.18-24** O segundo oráculo de Balaão reafirma a determinação de Deus em abençoar a Israel, conferindo-lhes a vitória sobre os moabitas. O versículo 21 é surpreendente, em vista dos pecados descritos no livro de Números. A despeito das falhas deles, Deus considerava seu povo como justos por causa de suas promessas da aliança, e ele proveu os meios para o perdão deles (Gn 17.2, nota).

* **23.27-30** Supersticiosamente, Balaque resolveu ver se outra localização ou sacrifícios adicionais poderiam trazer um resultado mais favorável.

* **24.1-9** O terceiro oráculo de Balaão retrata as bênçãos que Deus

planeja para Israel, terminando com uma maldição extraída da promessa feita a Abraão contra aqueles que o amaldiçoassem (v. 9; Gn 12.3).

* **24.4 a visão do Todo-Poderoso.** A palavra hebraica traduzida

por "Todo-Poderoso" (também no v. 16) é a palavra hebraica Shaddai, um nome divino associado com as narrativas patriarcais (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25) que também ocorre com frequência no livro de Jó.

* **24.7 Agague**. 1Sm 15.32,33 relata a morte de um rei amalequita

que tinha esse nome. Aqui Balaão pode referir-se a um antigo rei proeminente dos amalequitas que tinha esse mesmo nome. Também é possível que "Agague" fosse um título, assim como o título "Faraó" era usado por muitos governantes egípcios.

* **24.10,11** Balaque recusou-se a pagar ao profeta contratado o seu

"salário de injustiça" — a "honra" que ele estava esperando (22.7; 2Pe 2.15).

* **24.15-19** Em seu quarto oráculo, Balaão predisse o futuro advento

de um conquistador real que triunfaria sobre Moabe e Edom. Um cumprimento inicial dessas predições acha-se em 2Sm 8.2-14, que descreve a vitória de Davi sobre os moabitas e os edomitas. Mas essas realizações prefiguram as conquistas maiores de Cristo (p.ex., Cl 2.15; 1Co 15.25,26; Ap 20.10,14).

* **24.20-25** Em seus oráculos finais, Balaão predisse a queda das

outras nações da região.

* **24.20 Amaleque.** Ver notas em Êx 17,8,16.

* **24.21 queneus.** Uma tribo nômade de trabalhadores em metal,

encontrados na Palestina, do período patriarcal em diante (Gn 15.19).

O sogro de Moisés é identificado tanto como um midianita quanto como sendo um

queneu (Êx 2.16; Jz 1.16). Os recabitas em Jr 35 são também considerados descendentes dos queneus (1Cr 2.55; Ne 3.14).

* **24.22** **Assur**. Na época, os assírios do norte da Mesopotâmia já

eram considerados um importante poder militar, mas suas maiores conquistas seriam feitas séculos mais tarde (cf. Is 36).

* **24.24** **Quitim.** Ver referência lateral. O nome hebraico para a ilha

de Chipre veio a representar a região mediterrânea a oeste da Palestina. Em Dn 11.30, essa palavra é usada para predizer os efeitos do poder marítimo de Roma.

* **25.1-3** Temendo o ataque de vastas hostes de israelitas (22.3) e

tendo falhado em impedir o avanço deles por meio de Balaão, os moabitas e os midianitas (por instigação de Balaão, 31.16), em seguida tentaram subverter e assimilar Israel através da idolatria e da imoralidade. Quando o mundo não pode eliminar o testemunho dos eleitos através de um conflito direto, então tenta neutralizar esse testemunho absorvendo os eleitos no mundo. O Israel do Antigo Testamento haveria de sobreviver mediante a separação física de seus vizinhos (Lv 18.24; Dt 7.3; Js 23.12,13), confiando nas promessas divinas sobre a Terra Prometida e sobre o Messias.

O incidente de Baal Peor foi visto mais tarde como sendo um perfeito exemplo das tentações a que o povo em aliança com Deus esteve exposto, por parte dos povos que moravam ao seu redor (Dt 4.3; Js 22.17; Sl 106.28; Os 9.10).

* **25.1** **Sitim**. A palavra hebraica (referência lateral) identifica a

região do outro lado do Jordão, oposta a Jericó (cf. Js 2.1). Ali, a adoração ao deus da fertilidade local se unia à prostituição ritual (vs. 1-3,6).

* **25.3 Juntando-se Israel a Baal-Peor.** Desafiando abertamente

a aliança estabelecida entre o Senhor e Israel, os israelitas se uniram ao deus falso através de sua adoração idólatra.

* **25.4 enforca-os.** Ver nota em Dt 21.22.

* **25.11 animado com o meu zelo**. Note o leitor que Finéias é aqui

destacado como quem incorporava o próprio zelo de Deus pela pureza de seu povo. Tal zelo mereceu para Finéias a recomendação divina e a promessa de um sacerdócio perpétuo (v. 13). Mais tarde na história dos judeus, Finéias tornou-se um símbolo de lealdade absoluta à lei de Deus (Sl 106.30,31).

* **26.1—36.13** A última seção maior do livro de Números diz

respeito aos preparativos para a entrada na Terra Prometida, concedendo atenção particular às questões relevantes para a vida na Terra Prometida.

* **26.1-51** Assim como no censo feito 38 anos antes (cap.1), este

segundo recenseamento contou somente os varões, com idade de vinte anos para cima, e capazes de servir no exército (v. 2). Foi registrado somente o número total de cada tribo, embora em cada caso os nomes das subdivisões das tribos tenham sido incluídos. No grande total, houve uma redução de quase dois mil homens no número total dos guerreiros.

* **26.5-11** A tribo do filho mais velho de Jacó, Rúben, foi mencionada

em primeiro lugar. Embora tivesse sofrido perdas por causa da rebelião dirigida por Datã e Abirão (vs. 8-10), tinha-se recuperado o suficiente para ser quase tão numerosa quanto fora no primeiro recenseamento. Coré (da tribo de Levi) é mencionado aqui por causa de sua associação com Datã e Abirão, sendo observado que sua linhagem não desapareceu (v. 11).

* **26.12-14** Os números relativos à tribo de Simeão diminuíram mais do

que os de qualquer outra tribo (de 60.000 para pouco mais de 22.000), provavelmente indicando que o líder simeonita, morto durante a sedução dos midianitas, pouco antes que este censo tivesse sido feito (25.14) era apenas um dentre milhares de simeonitas envolvidos na sedução dos midianitas (25.19). Ver nota em Gn 49.7.

* **26.19 Er e Onã.** Ver Gn 38.1-10 e notas.

26.33 Zelofeade. Ver 27.1-11; 36.1-12.

*

* **26.52-56** A Terra Prometida deveria ser dividida em proporção às

dimensões de cada grupo, cuja localização era decidida pelo lançar de sortes.

* **27.1-11** As regras relativas à herança de terras, que notavelmente

permitiam às mulheres serem herdeiras, são explicadas após o relato sobre as filhas de Zelofeade. Zelofeade tinha morrido sem deixar herdeiro do sexo masculino, e suas filhas pediram a Moisés e aos líderes do povo que permitissem que as filhas herdassem a porção do pai delas na terra, para que o nome dele não desaparecesse. Os

nomes das cinco filhas aparecem no v. 1.

No cap. 36 foi levantada uma questão correlata pelos líderes das tribos: se as filhas de Zelofeade se casassem com homens de uma tribo diferente, a herança do pai delas seria transferida para essa tribo? Em resposta a ambas as perguntas, o Senhor respondeu que os legados da família e da tribo deviam ser protegidos (27.7; 36.6). Essas proteções, bem como a proibição de transferências permanentes de terras de uma família para outra, estavam arraigadas no fato de que Deus era o proprietário supremo da Terra Prometida (Lv 25.23), e que ele tinha confiado essas terras a todo o seu povo, como uma boa dádiva e uma possessão permanente a ser desfrutada (Lv 25.34; Dt 6.1012; 8.10-13). As terras não eram simples propriedades privadas a serem transferidas com base nas convenções e acordos humanos. Pelo contrário, simbolizava a vida com Deus.

* **27.12-14** A Moisés não foi permitido que entrasse na Terra

Prometida, mas tão-somente contemplá-la à distância. Isso foi um castigo por seu fracasso em Meribá (20.9-13 e notas).

* **27.18 impõe-lhe as mãos**. Ver nota em Dt 34.9.

* **27.20 Põe sobre ele da tua autoridade.** O ofício e o ministério de

Moisés foram ímpares (20.22-29, nota), mas uma porção de sua honra e autoridade seria conferida a Josué.

* **28.1—29.40** Como preparação para a entrada na Terra Prometida, as leis dos sacrifícios regulares e das celebrações, que já tinham sido detalhadas anteriormente (consultar as referências cruzadas) são resumidas. Começando pelos sacrifícios diários (28.1-8), do dia do sábado (28.9,10) e mensais (28.1115); e então passando pela celebração das festas anuais (28.16—29.40), o sumário mostra-nos

claramente como a vida dos israelitas, na Terra Prometida, deveria girar em torno da adoração e do serviço ao Senhor.

* **30.1-16** Costumeiramente, o povo era obrigado a cumprir qualquer voto ou obrigação que tivessem assumido, incluindo até alguma promessa precipitada (v. 6). Entretanto, o voto de um membro subordinado de uma família podia ser cancelado pelo cabeça da casa (vs. 5,8,12-13,15). Moisés exortou o povo a não fazer votos precipitados, mas declarou que se fossem feitos, teriam que ser cumpridos (Dt 23.21-23; cf. Pv 20.25). Quanto a um terrível exemplo de voto precipitado, ver Jz 11.30-40 e notas.

* **31.1-54** Nesta passagem está compreendida a vingança contra os

midianitas, por seus esforços de seduzir os israelitas à adoração idólatra e à imoralidade sexual (cap. 25). Essa narrativa aborda particularmente os detalhes concernentes aos despojos tomados dos midianitas. Visto que os despojos de guerra tinham que ser manuseados de uma maneira que ficasse preservada a santidade de Deus e do povo, os princípios aqui declarados ajudaram a preparar os israelitas para a conquista vindoura da Terra Santa.

* **31.6 Finéias.** Ver nota em 25.11.

* **31.8 Balaão.** Ver nota em 22.5.

* **31.13-18** A ordem de Moisés para que todas as mulheres que não

fossem virgens fossem executadas deveu-se à imoralidade em Peor. Todos os varões foram mortos, incluindo os meninos, provavelmente para impedir o ressurgimento dos clãs midianitas (cf. v. 7).

* **31.16 por conselho de Balaão.** Ver Dt 23.4,5; Js 13.22; 24.9,10; Ne 13.2; Mq 6.5; 2Pe 2.15; Jd 11 e Ap 2.14.

* **31.25-47** Israel dividiu os despojos dos midianitas: metade para os

soldados e metade para a comunidade (vs. 25-27). Como um tributo ao Senhor, uma dentre cada quinhentas cabeças de animais e de homens, da metade que foi dada aos soldados, e uma dentre cada cinqüenta da metade destinada à comunidade devia ser dado aos levitas (vs. 28-31,41). Uma enumeração detalhada das porções é feita (vs. 32-47).

* **32.1-42** As tribos de Rúben e Gade, possuidores de muito gado,

pediram permissão para estabelecerem-se no território da Transjordânia (a região a leste do rio Jordão e do mar Morto), já conquistado (vs. 1-5; cf. 21.2426,31-35). Visto que todo o Israel devia participar de conquista e visto que a ausência deles desencorajaria as outras tribos, Moisés advertiu-os severamente contra o pecado da geração que saiu do Egito (vs. 6-15). Sua admoestação inclui um clássico reconhecimento do domínio soberano de Deus como juiz: "sabei que o vosso pecado vos há de achar” (v. 23).

* **32.33 meia tribo de Manassés**. Ao que parece, muitos elementos dessa tribo tinham-se unido a Rúben e a Gade no desejo de viver a leste do rio Jordão. Durante o tempo no deserto, a tribo de Manassés tinha aumentado de 32.200 homens para 52.700 (cf. 1.35 e 26.34). Rúben e Gade estabeleceram-se em território já conquistado (vs. 33-38), mas a meia-tribo de Manassés seguiu mais para o norte e fez novas conquistas (vs. 39-42).

* **33.3,4** Estes versículos oferecem um resumo vívido da partida dos

israelitas do Egito.

* **33.4 todos os seus primogênitos**. Ver Êx 12.29-33.

contra os deuses... juízos. Ver nota em Êx 12.12.

* **33.5-48** Muitos dos nomes desta lista podem representar acampamentos no deserto que desde então desapareceram. Quanto a outras menções, ver as referências cruzadas.

* **33.31 Benê-Jaacã.** Ver Dt 10.6.

* **33.36 deserto de Zim**. Ver 13.21.

* **33.44 Ijé-Abarim.** Ver 27.12.

* **33.52 desapossareis... todos os moradores.** Deus ordenou aqui o extermínio completo dos cananeus e a destruição de todos os sinais externos da idolatria, conforme tinha sido feito aos midianitas (cap. 31).

* **33.53 nela habitareis**. Deus estabeleceu aqui regras para a ocupação da terra, lembrando desta forma as ordens dadas em 26.52-56.

* **34.1-15** Essas fronteiras de Canaã não incluem o território já

atribuído à Transjordânia, a leste do rio Jordão (vs. 13-15). Ver cap. 32.

* **34.16-29** O Senhor designou homens as porções da terra de Canaã;

Eleazar, o sacerdote (Nm 20.25,26), e Josué, o comandante (Nm 27.18-23), estavam encarregados, juntamente com um líder de cada uma das dez tribos que ainda não tinham recebido suas heranças. Nenhum desses dez nomes foi incluído nas listas anteriores dos líderes (Nm 1.5-15; 2.3-29; 7.12-78), e nem é algum deles filho de um homem incluído nessas listas.

* **35.1-8** Visto que aos levitas não foi dada qualquer herança de um

território (18.20), foram-lhe em lugar disso, designados quarenta e oito cidades com seus pastos circundantes, incluindo seis "cidades de refúgio".

* **35.9-33** Seis cidades de refúgio deveriam ser estabelecidas para

abrigar aqueles que, acidentalmente, tivessem tirado a vida de alguém. Ver nota em Dt 4.41-43.

* **35.12 vingador.** Um membro da família da vítima costumeiramente era

designado para vingar a morte da vítima, matando o homicida.

* **35.25 até à morte do sumo sacerdote.** Ver também o v. 28. A morte do

sumo sacerdote produzia uma alteração na condição jurídica de um homicida — o réu não mais estava sujeito à pena imposta pelo homicídio.

* **35.30** Ninguém podia ser executado com base na evidência de apenas

uma testemunha.

* **35.31,32** Aceitar um pagamento em resgate era proibido em casos

de assassinato e homicídio. Essa disposição enfatiza o valor que Deus dá à vida humana.

* **35.33,34** A poluição da terra por meio de derramamento de sangue

só podia ser removida através do derramamento do sangue do assassino (Gn 9.5,6 e notas).

* **36.1-11** Ver nota em 27.1-11.

* **36.4 Jubileu.** No Ano do Jubileu, toda propriedade reverteria ao

seu proprietário ou herdeiro original (Lv 25.8-17). No caso das filhas de Zelofeade tinha sido estabelecido que as mulheres podiam herdar terras (27.111). Se uma filha que tivesse herdado propriedades se casasse fora de sua tribo, parece que a lei sobre o Ano do Jubileu obrigaria as terras a serem transferidas para a tribo do novo marido. Mas Moisés estabeleceu regras que estabelecem que uma mulher com propriedades herdadas não podia casar-se fora de sua tribo. Em consonância com isso, as filhas de Zelofeade casaram-se com parentes da tribo de Manassés.

DEUTERONÔMIO

* **1.1-5** Estes versículos introdutórios nos fornecem o nome do autor,

Moisés, bem como as circunstâncias de seu discurso ao povo, pouco antes de sua morte, e do povo ter atravessado o rio Jordão.

* **1.1 dalém do Jordão.** Ver Introdução: Autor.

defronte do mar de Sufe. A localização exata é incerta, mas tomada como um todo, a descrição indica a região de Moabe. Esse "deserto" ou *arabah* (ver a referência lateral) estende-se ao longo da beirada oriental da Palestina, do mar da Galiléia ao sul até o golfo de Acaba. Sufe, que significa "juncos", pode referir-se à uma localização em Moabe perto do rio Arnom. Os nomes Parã e Hazarote são mencionados durante as jornadas de Israel, pela península do Sinai (Nm 10.12; 11.35; 12.16 e 33.17), mas não fica claro se são os mesmos lugares que são aqui mencionados. Tofel, Labã e Di-Zaabe são mencionados somente aqui.

* **1.2 Jornada de onze dias há.** A distância entre Horebe e

Cades-Barnéia é de cerca de 240 km. Os israelitas passaram pela estrada do monte Seir, o que provavelmente significa que eles viajaram parte do tempo ao longo do vale ao norte de Eziom Géber, numa viagem de 280 km ou mais. Eles andaram depressa se a nação toda conseguiu chegar em onze dias. Mas a "jornada de onze dias" pode ter sido uma expressão convencional para a distância envolvida, e não o tempo tomado nessa viagem em particular.

* **1.3 no ano quadragésimo.** Essa data (quarenta anos desde o

êxodo do Egito) serve para fixar o tempo para o livro como um todo. Os anos de julgamento divino tinham terminado (Nm 14.33,34), e Israel preparava-se para entrar na Terra Prometida. Esse período de quarenta anos incluía trinta e oito anos no deserto seguido pelos dois anos da conquista da Transjordânia (2.14).

Seom... Ogue. A conquista da Transjordânia é detalhada

* **1.4**

em 2.24 - 3.11.

Hesbom. Esse nome tem sido preservado na moderna Tell Hesban, localizada na Transjordânia, a cerca de 56 km a leste de Jerusalém. Escavações extensas não descobriram quaisquer vestígios dos tempos de Moisés em Hesban (isto é, do século XIV a.C.). É possível que o monte próximo que contém vestígios do século XIV a.C. seja a Hesbom dos dias de Moisés.

Edrei. Esse nome provavelmente foi preservado no nome da cidade moderna de Der'a na fronteira entre a Síria e a Jordânia, que de fato tem ruínas desse período.

* **1.5 na terra de Moabe.** Os israelitas teriam acampado nas

planícies de Moabe (p.ex., Nm 22.1; 26.3,63) ou na terra de Moabe

(p.ex., Dt 29.1; 32.49), mas Israel estava acampado ao norte do rio Arnom, a fronteira norte de Moabe. A solução é que Moabe tinha antes dominado o território mais ao norte mas foi expulsa para o sul do rio Arnom, por Seom, o rei dos amorreus (Nm 21.26). Jefté contou essa história em Juízes 11.14-27.

*** 1.6 - 4.40** Seguindo a apresentação de si mesmo como o mediador

da aliança (vs. 1-5), Moisés revisa a história de Israel, antes dessa ocasião de

ratificação da aliança. Ele apresentou um relato das jornadas da nação de Israel desde a região do Sinai até Hormá, e daí até o rio Arnom, até ter entrado na área da Transjordânia. Esse segmento do livro termina com uma visão geral da aliança, agora renovada com a geração nascida no deserto.

*** 1.6 Horebe.** Outro nome para o Sinai, aparentemente a área

ao redor do monte Sinai. O nome Sinai quase sempre tem a designação "monte" ou "deserto". Mas Horebe somente por uma vez recebe a designação de "monte" (Êx 33.6).

*** 1.7 terra dos cananeus.** Essas fronteiras da Terra Prometida

foram prometidas a Abraão, em Gn 15.18,19. A promessa incluía a expulsão dos cananeus e de outras nações.

***1.8 o SENHOR, com juramento.** O solene juramento de Deus

de que daria a Terra Prometida a Abraão é mencionado pelo menos por seis vezes no livro de Gênesis, e é encontrado no mínimo por vinte vezes no livro de Deuteronômio (e também é mencionado nos livros de Êxodo, Levítico e Números).

*** 1.13 Tomai-vos homens sábios.** Uma referência a Êx 18.24

26, onde Moisés aceitou o bom conselho de Jetro, seu sogro. Durante o ano no monte Sinai, Moisés, sob a orientação de Deus, organizou o sistema judicial, o poder militar e a adoração da nação de Israel. Acerca dos juízes, ver 16.18.

17.8 e 19.17.

* **1.19 Cades-Barnéia.** Esse lugar foi chamado simplesmente de

Cades, em Nm 13.26. Cades significa "lugar santo", e esse nome sem dúvida foi dado pelos habitantes originais a muitos lugares supostamente sagrados. Esse lugar era chamado de Cades-Barnéia para distingui-la de outros lugares de nome parecido (p.ex., em Naftali (Jz 4.6), e em Judá (Js 15.23).

* **1.26 mas fostes rebeldes.** Esta narrativa do fracasso do povo

de Israel em Cades forma um paralelo extenso com Nm 13.

* **1.28 enaquins**. O nome Anaque aparece em textos egípcios do

começo do segundo milênio a.C. como o nome de um governante na Palestina. Provavelmente está relacionado ao Anaque bíblico cujos descendentes viviam em Hebrom (Nm 13.22). Eles eram mais altos do que os israelitas e eram temidos por suas proezas militares. Josué os conquistou, e seus remanescentes se misturaram com os filisteus (ver Js 12.21,22).

* **1.33 de noite, no fogo.** A menção à coluna de fogo e à nuvem

refere-se a Êx 13.21, onde a coluna os guiou para fora do Egito, e, especialmente a Nm 9.15-23, que fala sobre a orientação do Senhor por toda a

jornada dos filhos de Israel pelo deserto.

*** 1.37 Também contra mim se indignou o SENHOR. A menção**

à condenação da geração perdida relembra que Deus também ficou desagradado com Moisés, recusando-se a permitir que ele entrasse na terra de Canaã (Dt 32.51; Nm 20.9-11 e nota; 27.14). Josué, um espia fiel, tomaria o lugar de Moisés como líder (Nm 27.12-23).

*** 1.46 muitos dias em Cades.** Pouquíssima coisa é dita, nos

livros de Números e Deuteronômio, a respeito dos quarenta anos de tempo perdido. Números relata exemplos da rebelião do povo de Israel contra Moisés (Nm 16 e 17). É possível que a lista das andanças, em Nm 33.18-49, depois que eles partiram de Hazerote e do deserto de Parã, indique onde o tabernáculo fora montado e onde o núcleo do povo permaneceu. Quanto à maioria rebelde, eles podem ter se espalhado pela península do Sinai, com seus rebanhos, a fim de encontrar pastagem para seus animais.

*** 2.1 caminho do mar Vermelho.** Sendo que o nome "mar

Vermelho" podia incluir o golfo de Ácaba (Êx 13.18, nota), provavelmente temos aqui menção à estrada do deserto que levava ao golfo.

rodeamos a montanha de Seir. Ou então, "circundamos em torno do monte Seir". Os israelitas viviam como nômades. Moisés e aqueles que estavam com ele continuaram fielmente adorando a Deus.

*** 2.4 vossos irmãos, os filhos de Esaú. Conforme será**

explicado no v.8, mais abaixo, e em Nm 20.14-21, os edomitas recusaram a passagem pacífica, pelo que Israel rodeou o território deles. Deuteronômio adiciona à narrativa de Números que esse foi o mandamento do Senhor. Nos dias de Moisés, os edomitas, de acordo com estudos arqueológicos, não viviam em localizações fixas. Eles

eram irmãos de Israel tanto pela sua vida nômade como por causa de seus antepassados (Gn 25.25,26).

* **2.8 de Elate e de Eziom-Geber.** Paradas em Punom, Obote e

Ijé-Abarim são mencionadas em Nm 33.43,44. Punom é, provavelmente, a moderna Feinan, no vale ao sul do mar Morto, onde há uma boa fonte. Israel estava contornando Edom e Moabe, e atacaria a terra de Canaã pela sua entrada.

* **2.10-12 Os emins... os horeus.** Pouco sabemos sobre esses antigos habitantes da Transjordânia, mas seus nomes ocorrem em Gn 14, onde está o relato do ataque dos reis orientais contra toda aquela área, nos dias de Abraão. Os emins, também chamados refains (ou "gigantes", ver a referência lateral sobre o v. 11), viviam onde Moabe mais tarde veio a viver; os zanzumins, também chamados refains, habitavam onde posteriormente habitavam os amonitas; e os horeus precederam os edomitas (vs. 10-12, 20-23). A observação de que os emins e os zanzumins eram altos como os enaquins (apesar disso terem sido conquistados) ajudaria a encorajar o povo de Israel, que ainda teria que conquistar os enaquins. A identidade dos horeus é obscura. Houve um importante povo antigo da Mesopotâmia chamado de hurrianos (equivalente ao termo hebraico aqui traduzido por "horeus"). Alguns horeus na terra de Canaã pareciam ter nomes hurrianos, mas seu relacionamento com os hurrianos não é claro.

* **2.12 sua possessão, que o SENHOR lhes tinha dado. Essa**

frase pode parecer ser uma inserção posterior, depois de Israel ter conquistado a terra de Canaã, mas poderia igualmente ter sido dita por Moisés após a significativa conquista da Transjordânia e sua ocupação pelas duas tribos e meia de Israel.

* **2.14 trinta e oito anos.** Ver a nota no v. 3.

como o SENHOR lhes jurara. Outra clara referência ao livro de Números, onde Deus havia jurado que a geração infiel morreria no deserto (Nm 14.2123).

*** 2.19 filhos de Amom.** O parentesco com Amom, tal como com

Moabe e com Edom, por muito tempo foi relembrado (Gn 19.37,38).

*** 2.23 os caftorins.** Se Caftor significa Creta, conforme é usual,

então a referência seria a uma antiga comunidade local provavelmente filistéia, (antes da posterior e grande invasão filistéia, que ocorreu em cerca de 1200 a.C.), da qual o Abimeleque em Gênesis 20 talvez fosse um membro (cf. Jr 47.4).

os aveus. Nada sabemos sobre esse povo. Se a Gaza mencionada é a mesma Gaza existente no sudeste de Canaã, então Moisés mencionou-a aqui somente como uma parte de seu relato acerca dos deslocamentos desses povos.

*** 2.25 medo de ti.** Israel estava preparada para iniciar sua

conquista militar. Mas o povo devia lembrar-se de que Deus é quem seguia à sua frente. Essa seria a ênfase do povo de Deus daí por diante (cf. Sl 44.3).

*** 2.27 deixa-me passar pela tua terra.** O mesmo pedido que fora

dirigido a Edom e a Moabe. Aqui, entretanto, era da vontade de Deus que Israel conquistasse o território. Seom negou o pedido de Moisés, mas Deus estava sob seu controle soberano, tal como o Senhor fizera com Faraó (ver Êx 4.21). A resistência de Seom tornou-se numa oportunidade para Israel atacá-lo.

*** 2.32 Em Jaza.** A cerca de 11 km ao sul de Hesbom. Seom foi

derrotado e seu território conquistado. As cidades foram condenadas (isto é, Israel não deixou ali qualquer sobrevivente; v. 34; Lv 27.28, nota). O efeito deliberado da condenação, nos tempos antigos, era o de fazer os habitantes de uma área fugir, sem oferecer qualquer resistência. A Israel foi ordenado não usar esse modo de proceder, exceto em sua conquista de Canaã e da Transjordânia (Dt 20.10-15), onde a nação santa seria corrompida pela influência da cultura pagã remanescente (Sl 106.34-39).

* **3.1 Ogue, rei de Basã.** Basã era uma região fértil, localizada a leste do rio Jordão e do mar da Galiléia, estendendo-se desde o rio Iarmuque, ao sul, até ao monte Hermom, no norte. Atualmente é uma região onde se planta trigo, e nos tempos antigos era famosa por seu gado e por seus rebanhos (Sl

22.12; Dt 32.14). Os despojos dessa área parecem ter sido um tesouro para os nômades israelitas.

* **3.8 dalém do Jordão.** O lado leste do rio. Esse território, quanto à

extensão, era mais que uma vez e meia maior que o próprio território de Canaã. Do rio Arnom até o monte Hermom há uma distância de cerca de 240 km.

* **3.9 Siriom... Senir.** Ambos esses termos são denominações do

monte Hermom, o que é testemunhado em antigos textos cananeus e mesopotâmicos.

* **3.11 leito de ferro.** A cama de Ogue, com cerca de 4,5 m de

comprimento, sugere que ele era um gigante, e que seu povo, os refains, também eram gigantes (Dt 2.10-12 e nota). O "leito" pode ter sido na verdade um sarcófago; a palavra hebraica, aqui traduzida por "leito", é rara, e pode ter sido um eufemismo para sarcófago, que seria grande o bastante para conter objetos tumulares. A referência

ao "ferro" pode significar apenas que era unido por meio de peças de ferro, um material novo naquele período (antes do começo da Idade do Ferro, cerca de 1200 a.C.). Ver a nota em 8.9.

* **3.12 rubenitas e gaditas**. Essas tribos receberam a parte sul da

área da Transjordânia conquistada. Esparsamente ocupada nos tempos modernos, era mais densamente povoada nos tempos antigos. Excavações recentes têm demonstrado um número supreendente de igrejas cristãs ali, mesmo depois da conquista muçulmana.

* **3.13 meia tribo de Manassés.** A metade norte de Gileade,

começando por Zaretã, e todo o Basã, faziam parte dessa meia-tribo.

* **3.14 Jair, filho de Manassés**. Ou então, "o descendente de"

Manassés, que teve apenas um filho, Maquir, da qual, por sua vez, teve apenas um filho, chamado Gileade (Nm 26.29-34). A conquista de Jair é mencionada em Nm 32.41.

* **3.18 todos os homens valentes.** Note a exigência pela

unidade. Ninguém podia instalar-se enquanto todos não tivessem conquistado. Os detalhes aparecem em Nm 32. Ver o cumprimento do compromisso em Js 22.

* **3.22 o SENHOR, vosso Deus, é o que peleja por vós. Quando**

Moisés transmitiu o comando a Josué, ele enfatizou a promessa: o Senhor é quem dará a vitória.

* **3.23-28** É instrutiva a oração de Moisés, nos vs. 24 e 25. Ele sabia

que o Senhor estava indignado, por causa do seu pecado cometido em Meribá (Nm 20.12), mas ele também sabia que Deus "não conserva sua ira para sempre" (cf. Sl 103.9). Moisés reconheceu o grande poder soberano de Deus, e solicitou uma grande manifestação de misericórdia.

* **4.2 Nada acrescentareis à palavra.** A palavra de Deus a

Moisés devia ser tratada como sagrada e mantida inviolável (12.32). Ver uma exigência similar em Ap 22.18,19, mui possivelmente modelada segundo esta proibição no livro de Deuteronômio.

* **4.3 Baal-Peor.** Uma temível advertência. A referência é a Nm

25, que detalha a idolatria em Baal-Peor, que Deus julgou tirando a vida de 24.000 pessoas.

* **4.6 perante os olhos dos povos.** A fidelidade de Israel seria

um testemunho, diante do mundo, de que Deus estava próximo de seu povo, e que as suas leis eram justas.

* **4.9 e as farás saber a teus filhos.** Deuteronômio salienta a

responsabilidade pactual dos pais para com seus filhos (6.7; 11.19). Essa preocupação da aliança com os filhos continua no Novo Testamento (Mt 19.14, nota; At 2.39).

* **4.10 Não te esqueças do dia.** Uma referência à grande teofania

(a auto-revelação visível de Deus) no monte Sinai, registrada em Êx 19.9— 20.19. Foi uma experiência inesquecível.

* **4.13 os dez mandamentos.** Esse título também é usado em Dt

10.4 e Êx 34.28. Os protestantes geralmente os dividem em quatro mandamentos que tratam do nosso relacionamento com Deus, e com seis que tratam do relacionamento com o próximo. Os católicos-

romanos unem o primeiro e o segundo mandamentos e dividem o décimo, do que resulta uma divisão em três e sete mandamentos. O mandamento relativo ao sábado é crucial: diz respeito a Deus e também visa o benefício tanto dos homens quanto dos animais (Mc 2.27); os três primeiros mandamentos dizem respeito exclusivamente a Deus, e os últimos seis dizem respeito ao relacionamento entre os seres humanos.

* **4.15 aparência nenhuma vistes.** Deus é Espírito transcendente

(Jo 4.24), o que exclui toda representação idólatra de Deus sob a forma de objetos animados (vs. 16-18), bem como qualquer adoração da ordem criada (v. 19).

* **4.20 fornalha de ferro.** Um quentíssimo forno, usado para

fundir o ferro, uma vívida metáfora para um lugar de grande sofrimento (8.9, nota).

* **4.21 o SENHOR se indignou contra mim. Ver Dt 1.37; 3.26;**

Nm 20.12.

* **4.24 é Deus zeloso.** Ver a nota em Êx 20.5.

* **4.25-29** Aqui, de forma breve, acha-se uma advertência

incorporada nas maldições de 28.15-68. Mas aqui também temos uma promessa feita aos arrependidos.

* **4.27 O SENHOR vos espalhará entre os povos. Tais**

passagens têm sido entendidas por alguns como indicação de que o livro de Deuteronômio não foi escrito por Moisés, mas por alguém do século VI a.C., durante o exílio dos judeus na Babilônia. Contudo, esta advertência é geral, e não há menção ao cativeiro na Babilônia,

ou às condições desse período posterior.

* **4.30 nos últimos dias.** Esta expressão, repetida em Dt 31.29,

refere-se a qualquer tempo futuro em geral de apostasia e renovação (cf. Nm 24.14).

* **4.31 é Deus misericordioso.** Essa descrição pode aludir ao

nome de Deus, dado em Êx 34.6 ("o SENHOR Deus, misericordioso"). O tema do amor de Deus pelo seu povo é destacado em Deuteronômio (7.7-9,13; 10.15,18; 23.5; 33.3), antecipando a revelação mais completa do amor de Deus nas páginas do Novo Testamento (Jo 3.16; Rm 5.8; Ef 2.4,5; 1Jo 3.1).

aliança que jurou a teus pais. Ver Dt 1.8.

* **4.32 o dia em que Deus criou o homem.** Exceto pela narrativa

da criação nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, esta é a única menção da criação do homem no Pentateuco.

* **4.34 no Egito.** Uma referência ao livramento da servidão no

Egito, um tema repetidamente mencionado no livro de Deuteronômio.

* **4.37 ele mesmo presente.** Ver Êx 33.14.

* **4.41-43** Esta seção parentética, em estilo de narrativa, assinala o

final do primeiro grande discurso de Moisés. Moisés deu nomes às cidades de refúgio na Transjordânia. O princípio para se ter cidades de refúgio foi apresentado em Êx 21.13; que deveria haver seis dessas cidades foi declarado em Nm 35.6. Esta seção cita as três cidades de refúgio da Transjordânia, enquanto que Dt 19.1-13 especifica que três deveriam ser designadas para a própria terra de

Canaã. Finalmente, todas as seis cidades aparecem em Js

20.7,8. Esse desdobramento progressivo é coerente com a autoria mosaica, servindo também de indicação de que o livro de Deuteronômio não foi escrito após a conquista da terra de Canaã.

4.44—11.32 Neste seu segundo discurso (bem como na seção que se segue, caps. 12—26), Moisés expõe o modo de vida segundo a aliança. A exposição enfoca o amor do Senhor, um amor que resulta na obediência e na consagração, conforme é exemplificado entre os levitas que foram separados para servir ao Senhor. O sermão termina com uma previsão da solene declaração das obrigações pactuais, elaboradas nos caps. 27—30.

* **4.45 os testemunhos... estatutos... juízos. Note o uso da**

linguagem pactual. Esta porção do livro de Deuteronômio, com sua lista de requisitos da aliança, assemelha-se especialmente às condições dos pactos antigos, especialmente aqueles do segundo milênio a.C. (Introdução: Data e Ocasião).

* **4.48 monte Siom.** Esse monte não deve ser confundido com o monte Sião, em Jerusalém. O nome "Siom" não é mencionado em qualquer outro lugar; pode ter sido uma cópia equivocada de "Siriom", um termo semelhante (e nome alternativo para o monte Hermom; Dt 3.9), encontrado na tradução siríaca deste versículo (referência lateral).

* **4.49 pelas faldas de Pisga.** Ver uma descrição similar dessa

área, em Dt 3.17.

* **5.1 Ouvi, ó Israel.** Essa solene forma de discurso, dirigido a

Israel, encontra-se somente no livro de Deuteronômio: primeiramente aqui, então no grande Shema, em Dt 6.4, e, finalmente, na exortação

de 9.1-3. Aqui é relembrada a aliança estabelecida no monte Sinai, em Horebe.

* **5.3 não foi com nossos pais.** Moisés estava estabelecendo a

diferença entre a aliança do Sinai e as promessas sobre a Terra Prometida feitas aos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó. Não foram os patriarcas que se

puseram na presença de Deus no Sinai, e, sim, os israelitas dos dias de Moisés (11.2, nota).

* **5.6-21** Ver Êx 20.2-17 e notas.

* **5.7 Não terás outros deuses.** O exaltado monoteísmo deste

mandamento e de todo o Antigo Testamento era ímpar nos tempos antigos.

Não existem outros deuses (4.39), e a adoração de qualquer coisa além do próprio Deus, foi proibida.

* **5.8 imagem de escultura.** Ver Dt 4.15; nota em Êx 20.4.

* **5.10 até mil gerações.** Ao passo que a ira de Deus estende-se

somente até a terceira ou quarta gerações, o seu amor estende-se até mil gerações (7.9).

* **5.12-15** Ver "O Modelo de Deus para o Culto", em 1Cr 16.29.

* **5.12 Guarda o dia de sábado.** A maioria dos mandamentos, no

livro de Deuteronômio, fazem quase palavra por palavra paralelo com os mandamentos mencionados em Êxodo, havendo uma óbvia interdependência entre as duas listas. Deuteronômio baseia este mandamento no livramento da servidão do Egito, ao passo que Êxodo cita a obra da criação de Deus como base. O princípio sabático

contínuo ordena um dia por semana de descanso. A mudança do sétimo para o primeiro dia, ou Dia do Senhor, pela igreja do Novo Testamento (Ap 1.10), em celebração à ressurreição de Cristo, aponta para a inauguração da nova criação (1Co 15.45-49; 2Co 5.17; cf. Êx 20.11) e também para a redenção do crente da servidão ao pecado, mediante a morte e a ressurreição de Cristo.

*** 5.16 para que se prolonguem os teus dias. Outras passagens**

sugerem que esta cláusula pode ser, primariamente uma promessa de condições estáveis e de longa paz para o povo que habitasse na Terra Prometida, que também incluiria liberdade de uma morte prematura, numa

guerra ou em alguma revolução (5.33; 30.18,20; cf. 25.15).

*** 5.22 e nada acrescentou.** Lit., "e ele não adicionou", talvez uma

expressão idiomática que signifique que Deus nada mais falou. Isso se ajustaria à declaração existente no livro de Êxodo, de que o povo, em seu temor, pediu que Deus não continuasse a falar com eles diretamente, mas somente através de Moisés (Êx 20.19).

em duas tábuas de pedra. As duas tábuas são mencionadas em Êx 31.18, onde são chamadas de "as duas tábuas do Testemunho... escritas pelo dedo de Deus". Além disso, as tábuas foram escritas em ambas as faces (Êx 32.15). Essas tábuas foram quebradas por Moisés (Êx 32.19), mas tábuas novas foram preparadas (Êx 34.1-4,27). Chamadas de "o Testemunho", essas tábuas foram colocadas na "arca da Aliança" (Nm 10.33). "O Testemunho" era o registro escrito confirmando as condições da aliança (Êx 25.16, nota).

*** 6.2 dias... prolongados.** Essas palavras traduzem a mesma

frase que aparece em Dt 5.33. Aqui também podemos compreender o sentido como "longa vida na terra".

* **6.4 Ouve, Israel.** Este versículo, freqüentemente chamado de

Shema, com base na palavra hebraica inicial que significa "ouve", tornou-se a grande confissão da fé monoteísta de Israel, sendo recitada todas as manhãs e finais de tarde pelos judeus (cf. Mc 12.29). Ver a nota em 5.1.

o SENHOR,... é o único SENHOR. Embora o original hebraico possa ser traduzido de diversas maneiras (ver a referência lateral), é melhor compreender este versículo como sendo uma afirmação tanto do caráter incomparável de Deus quanto da sua singularidade — o Deus único é "um" (Mc 12.29).

Conforme o Antigo Testamento subentende e o Novo Testamento ensina explicitamente, porém, há uma diferenciação de pessoas dentro da unidade da deidade. Ver "Um e Três: a Trindade", em Is 44.13.

* **6.5 e de toda a tua força.** O original hebraico exprime

totalidade. Por essa razão, algumas vezes o Novo Testamento traduz essa frase como "de todo o teu entendimento e de toda a tua força" (Mc 12.30). Essa é a linguagem da devoção. Deus não exige mera obediência externa a alguma lei, mas o amor de todo o coração e a dedicação da pessoa inteira (Pv 23.26).

* **6.7 filhos.** Ver "A Família Cristã", em Ef 5.22.

* **6.8 frontal entre os teus olhos.** As frases nesta seção são

multiplicadas para enfatizar a importância global da lei de Deus. Os judeus, desde os dias de Cristo, têm tomado estes versículos literalmente, e atam pequenas caixas contendo esses versículos a seus braços e testa, e as fixam nas ombreiras das portas (cf. Mt

23.5).

* **6.10 terra... prometeu a teus pais.** Ver 5.3. Esta é uma das

muitas referências, no livro de Deuteronômio, à solene promessa divina feita aos patriarcas.

* **6.13 pelo seu nome, jurarás.** O terceiro mandamento não

proíbe um juramento feito no nome de Deus (cf. Jz 8.19), mas proíbe qualquer juramento falso. Visto que jurar pelo nome de alguma deidade subentendia o reconhecimento e a adoração daquele deus, os israelitas não deviam jurar por outros deuses (cf. Jr 5.7; Sf 1.5).

* **6.15 Deus zeloso.** Ver a nota em Êx 20.5.

* **6.16 Massá.** Esse vocábulo quer dizer "teste" (Êx 17.7). Mais

tarde, na história do Antigo Testamento, o rei Acaz de Judá citou este versículo sem sinceridade (Is 7.12).

* **6.20-24** Ver a nota em 4.9.

* **6.24 cumprísseмos... temêssemos o SENHOR, nosso Deus.**

Cf. Jo 14.23.

* **7.1 lançado**. Ver a nota em 2.32. Aqui aos israelitas foi

especialmente prometido que o Senhor expulsaria os habitantes.

sete nações. Essas sete nações são difíceis de identificar. Em 20.17 somente seis nações são mencionadas (como também em Êx 3.8,17; 13.5; 33.2; 34.11), e os girgaseus são omitidos. Os jebuseus habitavam em Jebus, outro nome para Jerusalém, e há algumas

indicações de que eles eram hurrianos (2.1012). Os amorreus são conhecidos desde a antiga Mesopotâmia. O antigo legislador Hamurabi (1792-1750 a.C.) era um amorreu, como também Ogue e Seom, reis da Transjordânia. A palavra "cananeu" parece incluir todos eles.

* **7.2 totalmente as destruirás.** Ver a nota em 2.32. Alguns têm

pensado que o Deus do Antigo Testamento era severo e vingativo para decretar a destruição dos cananeus, mas isso é esquecer que Deus é justo. Os pecados dos habitantes da terra eram extremamente malignos, e o tempo do julgamento tinha chegado (cf. Gn 15.16). Deus usou Israel para punir os cananeus, mas advertiu que se Israel cometesse apostasia, deixando o Deus que tão graciosamente se havia revelado ao seu povo, eles também pereceriam (28.1568).

* **7.3 nem contrairás matrimônio.** O casamento é o mais íntimo

dos laços humanos e seu caráter santo era preservado na lei do Antigo

Testamento. O corolário é que o casamento não deve ser contraído com incrédulos, um princípio repetido no Novo Testamento (1Co 7.39). Israel não manteve sua pureza espiritual, e sofreu por esse motivo (Sl 106.37-39).

* **7.5 derribareis os seus altares.** Israel foi escolhido para ser

um povo santo (v. 6), e Deus jamais toleraria alguma religião pagã. Embora os meios de separação se tenham alterado, os crentes de hoje são escolhidos para a santidade (Ef 1.4), e são chamados para se separarem da adoração falsa (2Co 6.15-18).

* **7.8 vos amava, e para guardar o juramento. A eleição de**

Israel como nação santa, separada para Deus (vs. 6,7)

fundamentava-se, não

em algum mérito ou bondade intrínseca da própria nação de Israel, mas no amor de Deus e na sua fidelidade às promessas da aliança, feitas aos patriarcas (6.10). A eleição por Deus, da igreja, está alicerçada em seu juramento a Jesus, o filho de Abraão, o Filho de Deus (Sl 110.4; Jo 17.6). Ver "A Aliança da Graça de Deus" em Gn 12.1.

* **7.9 até mil gerações.** Ver 5.10 e nota.

* **7.13 também abençoará os teus filhos. Ver 28.4, onde um**

versículo semelhante foi incluído em uma liturgia de bênçãos.

cereal... vinho... azeite. Três artigos fundamentais da economia agrícola antiga, aqui símbolos da prosperidade (11.14; 14.23; 18.4). "Vinho novo", aqui, não é o produto já envelhecido e fermentado, mas o suco da uva que saía novo do lagar (Pv 3.10); o "azeite" é o de oliveira, usado para cozinhar e como combustível para as lâmpadas.

* **7.15 doenças malignas dos egípcios.** Idêntica promessa de

saúde aparece em Êx 15.26, e o contrário figura como maldição em Dt 28.60. As leis alimentares proviam Israel com alguma proteção contra os parasitas comuns que eram abundantes no Egito.

* **7.19 que viram os teus olhos.** Ver a nota em 5.3.

* **7.20 Deus, mandará entre eles vespões. No hebraico, a**

* **7.21**

1Cr 29.11.

palavra aqui traduzida por "vespões" vem da mesma raiz que a

palavra "lepra" ou "doença cutânea" (Lv 14.3, referência lateral). Aqui pode significar "Deus enviará aflição". Mas a figura de insetos que picam, a perseguir o inimigo, é usada também em outros lugares (1.44; Is 7.18), e a metáfora de uma vespa é perfeitamente apropriada. Deus prometeu lutar por seu povo, com o mesmo poder que ele manifestou no êxodo (v. 18).

grande e temível. Ver sobre "A Grandeza de Deus", em

*** 7.26 pois é amaldiçoada.** Ver a referência lateral; ver a nota em

20.17. Temos aqui outra ordem para que os israelitas odiassem de todo o coração a idolatria pagã. Mas os ídolos eram com freqüência feitos de ouro, e por isso eram valiosos. O metal precioso estava sob condenação (em hebraico, *herem);* os ídolos deviam ser destruídos, e o que pudesse passar pelo fogo, devia ser entregue ao Senhor (Js 6.18,19).

*** 8.3 o maná, que tu não conhecias.** A outorga inicial do maná

foi mencionada em Êx 16.15, e a cessação do maná é relatada em Js 5.12. Deus resolveu alimentar o seu povo no deserto através de um meio previamente desconhecido para eles. Por intermédio dessa provisão miraculosa, Deus humilhou o povo de Israel (ao desafiar a auto-suficiência deles), além de haver testado a obediência deles (v. 16; cf. Êx 16.16-30).

não só de pão viverá o homem. Ver Mt 4.4 e Lc 4.4.

mas de tudo o que procede da boca do SENHOR. Ainda mais básico à vida diária do que o alimento físico é a sustentadora Palavra de Deus (Hb 1.3).

*** 8.4 Nunca envelheceu a tua veste sobre ti. Essa maravilhosa**

preservação é mencionada também em Dt 29.5, mas não em outro

lugar.

*** 8.5 como um homem disciplina a seu filho. Deus permitiu**

que eles passassem fome, a fim de que ele pudesse mostrar-lhes o seu suprimento (v. 3). A disciplina usualmente inclui dificuldades iniciais, seguidas de bênção (Pv 3.11,12; Hb 12.5,6).

*** 8.7-9 numa boa terra... ferro... cobre.** Esta descrição é mais extensa

do que a frase familiar "que mana leite e mel", que se encontra em Êxodo, em Levítico e em Deuteronômio. A Palestina certamente tinha mais variedade e mais chuvas do que a terra plana de Gósen, mas em nossos dias grande parte da terra é árida. O clima pode ter sido diferente naquela época, pois uma pequena diferença na quantidade de chuvas pode afetar significativamente a

produtividade. A terra atual tem sofrido devido a muitos anos de maus tratos — colinas modernas que tinham florestas dentro da memória recente estão agora estéreis. Nos relevos assírios de cerca de 800 a.C., Israel é retratada com luxuriantes vinhas e uvas, e não há qualquer razão em negar a caracterização da Terra Prometida como agradável (11.9-12).

*** 8.9 cujas pedras são ferro.** A Idade do Ferro (c. de 1200 - 300

a.C.) chegou na Palestina depois da morte de Moisés (cerca de 1406 a.C.), mas o ferro já era conhecido antes disso. Inventários na antiga Ugarite (cerca de 1400 a.C.) mencionam dois talentos de ferro. As minas de cobre da península do Sinai e na área da Transjordânia do sul eram um valioso recurso na antigüidade, e, provavelmente, foram uma fonte das riquezas de Salomão.

*** 8.19 Se te esqueceres do SENHOR, teu Deus. A fidelidade**

contínua era o requisito para a bênção. Israel sem Deus, não seria melhor que as nações pagãs. Mas Deus conservaria sua aliança com os antepassados e salvaria um remanescente escolhido pela graça (v. 18; Rm 11.28,29).

*** 9.1 Ouve, ó Israel.** Ver a nota em Dt 5.1. Nesta longa seção de

exortação (9.1—11.32), Moisés voltou sua atenção para o futuro. Na futura conquista de Canaã, Deus irá à frente deles (v. 3).

*** 9.2 enaquins.** Ver Dt 1.28; 2.21. Os enaquins tinham

assustado os espias de pouca fé quarenta anos antes (Nm 13.22,28).

*** 9.4 Por causa da minha justiça.** Note a tríplice ênfase desta

seção (vs. 4-6) que a vitória não foi por causa da bondade de Israel, mas foi inteiramente obra da graça de Deus. A repetição era uma das características da literatura dos hebreus, e ajudava o aprendizado e a memorização. Gênesis 21.1 é um excelente exemplo dessa característica, mal compreendida pelos críticos que insistem que a literatura do antigo Oriente Próximo devia assemelhar-se à forma de narração objetiva ("texto enxuto") que caracteriza o moderno jornalismo ocidental. Essa opinião preconcebida tem levado à conclusão sem base de que o Pentateuco deve ser o produto de documentos

editados provenientes de diferentes autores.

*** 9.9 Subindo eu ao monte.** Moisés relatou de novo aqui, a

história dada no livro de Êxodo (Êx 24.12,18; 32.7-10,15-20).

*** 9.21 lancei no ribeiro que descia do monte. Atualmente,**

nenhum ribeiro desce de Jebel Musa, o pico que tem sido idenificado como o monte Sinai (Êx 16.1 e nota). O terreno tem alguma umidade, e ali crescem alguns arbustos, mas a menção de um ribeiro deixa entendido que, nos dias de Moisés, havia mais precipitação de chuvas do que atualmente (8.7-9, nota).

* **9.22 Taberá.** Ver Nm 11.3. Quanto a Massá, ver Dt 6.16 e Êx

17.7. Quanto a Quibrote-Taavá, ver Nm 11.34.

* **9.23 rebeldes fostes.** A persistência teimosa na rebelião, por

parte dos israelitas (v. 24), indica a importância da intercessão de Moisés (vs. 25-28; Êx 32.11-13), bem como o gracioso poder de Deus, que permaneceu fiel à sua aliança, a despeito das falhas do povo de Israel (v. 29).

* **10.1-5** Resumindo o conteúdo de Êx 34.1-4 e 40.20, Moisés

condensa aqui, o recebimento dos mandamentos e a construção da arca. Moisés subiu por duas vezes no monte. Ele recebeu as orientações para a construção do tabernáculo na primeira vez. O tabernáculo e seus móveis foram construídos depois que Moisés desceu do monte pela segunda vez. As tábuas foram postas na arca quando o tabernáculo foi levantado, conforme é mencionado em Êx 40.20.

* **10.1 duas tábuas de pedra.** Tem sido geralmente crido que a

lei foi escrita apenas uma vez, e que seu conteúdo ocupou duas tábuas de pedra ou uma tábua dupla. Mais recentemente, alguns têm sugerido que houve duas tábuas de pedra, cada qual contendo uma cópia separada da lei. Isso refletiria a antiga prática de prover a cada participante do tratado uma cópia do acordo. Visto que a arca era tanto o lugar da presença de Deus com o seu povo como o ponto focal da adoração de Israel, teria sido apropriado que

ambas as cópias das condições da aliança tivessem sido abrigadas na arca. Ver a nota em Êx 31.18.

* **10.4 os dez mandamentos.** Ver a nota em Dt 4.13.

* **10.6-9** Alguns têm sugerido que esta seção parentética interrompe

a narrativa, sendo, portanto, uma inserção posterior. É evidente, porém, que esta seção serve para vincular um certo número de temas que aparecem no contexto anterior: o papel de Arão no incidente do bezerro de ouro, pelo qual ele foi ameaçado de morte, que foi afastada somente pela intercessão de Moisés (9.20); a iminente possessão da terra (9.1-4), da qual os levitas não participariam por que o Senhor era a herança deles (v. 9; cf. 9.29); e a arca (vs. 1-5), que seria responsabilidade dos levitas (v. 8).

As jornadas, nos vs. 6,7 parecem corresponder a Nm 33.31-33. Esses movimentos são difíceis de interpretar porque podemos identificar somente alguns poucos dos lugares mencionados.

* **10.6 Mosera. Ali faleceu Arão.** Essa menção à morte de Arão

sublinha a eficácia da intercessão de Moisés (9.20). Arão não foi morto no Sinai, mas viveu até o ano quarenta depois do êxodo do Egito (Nm 33.38).

* **10.8 Por esse mesmo tempo.** Isso não se refere ao tempo da

morte de Arão (v. 6), e nem aos eventos do v. 7, mas ao tempo da revelação no Sinai (Êx 28; 29).

* **10.11 a seus pais.** Isto é, aos patriarcas (9.5; Êx 33.1).

* **10.12 que é que o SENHOR requer de ti.** Essa pergunta retórica assemelha-se à passagem muito citada de Mq 6.8, que requer justiça, misericórdia e humildade em nosso andar com Deus

(cf. Mt 23.23). Para andarmos com Deus torna-se mister que o amemos de todo o nosso coração e guardemos os seus mandamentos — o amor e a obediência caminham juntos (Jo 14.23). Amar a Deus de todo o nosso coração é o maior de todos os mandamentos (Dt 6.5; Mc 12.29-34).

*** 10.15 de todos os povos.** Temos aqui um nobre contraste, entre a

soberania de Deus e a graça comum a toda a criação (v. 14), e seu amor eletivo especial pelos patriarcas e pela nação (v. 15).

*** 10.16 Circuncidai, pois, o vosso coração.** Este versículo (juntamente

com Dt 30.6 e Jr 4.4) serve de resposta eficaz para aqueles que imaginam que o Antigo Testamento ensina meramente uma religião de formalidades externas. A circuncisão era um *símbolo,* um *sacramento,* um *sinal externo* de uma *graça interior.* À parte disso, conforme Paulo indica, a circuncisão não tem qualquer sentido salvífico. A verdadeira circuncisão é "a do coração, no Espírito, e não da letra" (Rm 2.29).

*** 10.18 que faz justiça.** O Senhor, dotado de grandeza e soberania

sublimes ("Deus dos deuses e Senhor dos senhores", v. 17), também é revelado como o Deus supremamente compassivo, com profunda solicitude até pelos mais frágeis da sociedade humana: os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Nisto Deus é o nosso maior exemplo (v. 19).

*** 10.22 setenta**. Ver a nota em Êx 1.5. A menção ao número de hebreus

que desceu ao Egito enfatiza o grande amor de Deus que os fez multiplicarem-se, aumentando a população de Israel para quase dois milhões.

* **11.2 vossos filhos.** Visto que o povo de Israel tinha

presenciado a maravilhosa libertação divina (v. 8), por isso mesmo eles deviam obedecer aos mandamentos de Deus com maior fidelidade ainda. Em sua menção aos "filhos", não parece que Moisés tenha distinguido os adultos com mais de quarenta anos de idade em sua audiência, que tinham visto o êxodo, dos jovens que não o tinham visto. A geração mais jovem também tinha visto os cuidados preservadores e a disciplina divinas a que estiveram sujeitos no deserto (vs. 5 e 6). Provavelmente, portanto, Moisés estava distinguindo a atual geração, à qual ele estava falando, de seus filhos, que ainda nasceriam.

* **11.6 a Datã e a Abirã.** Moisés distinguiu Datã e Abirã de Coré.

Por semelhante modo, Sl 106.17 não incluiu Coré com aqueles que foram sepultados vivos. Essa distinção não ocorreu porque a informação acerca de Coré pertencesse a um tempo posterior de escrita, conforme alguns têm sustentado; antes, essa distinção feita por Moisés foi exata. Uma leitura mais cuidadosa do registro em Nm 16.16-35 mostrará que Coré estava no tabernáculo, entre os 150 homens que portavam incensários. Datã e Abirã, que não eram levitas, estavam defronte de suas tendas, juntamente com os seus familiares, quando a terra os engoliu, e a família de Coré estava com eles. Mas o próprio Coré pereceu com os 150, por causa do fogo que saiu do Senhor.

* **11.9 para que prolongueis os dias na terra. Ver a nota em**

5.16.

* **11.10 com o pé, a regáveis.** O detalhe exato desta alusão não é claro.

Pode referir-se às comportas dos canais de irrigação (que com

freqüência eram abertas pelos pés dos jardineiros), ou à prática trabalhosa de carregar água em baldes. Em contraste a Terra Prometida, que tinha chuvas abundantes para a agricultura (vs. 9,11), o árido Egito dependia grandemente da irrigação na agricultura.

*** 11.13 de todo o vosso coração.** O mandamento de amar a Deus "de

todo o vosso coração" (Dt 6.5) é repetido no livro de Deuteronômio por pelo menos seis vezes.

*** 11.14 cereal... vinho... azeite.** Ver a nota em 7.13.

*** 11.19 Ensinai-as a vossos filhos.** Ver a nota em 4.9, bem como as

exortações e metáforas semelhantes em Dt 6.6-9.

*** 11.24 Todo lugar em que pisar a planta do vosso pé. A mesma**

expressão e as mesmas fronteiras da terra de Canaã são reiteradas em Js 1.35. Visto que essas fronteiras teriam que incluir um limite ao sul, provavelmente o "deserto" seja o do Sinai. Essas fronteiras incluem toda a nação moderna de Israel e o Líbano, juntamente com parte da Síria.

*** 11.26 a bênção e a maldição.** Essa introdução à cerimônia de bênçãos

e maldições que devia ser celebrada em Ebal e Gerizim, é reiterada em Dt 30.19, no fim do discurso de Moisés. Sob inspiração divina, Moisés enfatizou a obrigação do povo de Israel em amar a Deus e em obedecer aos seus mandamentos.

*** 11.29 monte Gerizim... monte Ebal.** Os detalhes desta cerimônia são

vistas nos caps. 27 e 28; a própria cerimônia foi realizada por Josué conforme a direção de Moisés (Js 8.30-35). As frases "além do Jordão, na direção do pôr-do-sol" (v. 30) indicam uma localização em Canaã (isto é, a oeste do rio Jordão). De acordo com Gn 12.6, "os carvalhais de Moré", estariam perto de Siquém. A localização precisa de Gilgal é incerta, mas parece ter sido perto de Jericó (Js 4.19). Os cananeus habitavam em todo esse território, e não há razão alguma para duvidarmos da identificação mais aceita para essas montanhas como sendo as duas montanhas perto de Siquém, nos lados da principal estrada, que corria de norte para o sul.

* **12.1—26.19** Moisés continuou a expor o modo de vida segundo a aliança, reiterando leis que governavam o culto e a conduta de Israel. As leis abrangem temas que variam da idolatria aos dízimos, dos sacerdotes ao divórcio, de nações a indivíduos. Esta seção se encerra com exortações para que os israelitas obedecessem ao Senhor, que é tanto o Redentor como o Rei.

* **12.5 o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher. Esta**

passagem tem sido usada para argumentar que Deuteronômio foi escrito no século VI a.C., para apoiar a centralização da adoração, por parte de Josias, em Jerusalém, naquele período (Introdução: Data e Ocasião). Mas essa teoria, que pressupõe uma teoria evolucionária do desenvolvimento da religião dos israelitas, entende erroneamente este versículo. A referência aqui ao "lugar", certamente não precisa significar que a localização do templo, em Jerusalém, era conhecida quando este texto foi escrito. No decurso da história de Israel, a adoração ao Senhor foi sucessivamente centralizada em vários lugares: Silo (Js 18.1) e Gibeom (1Co 16.39), como também mais tarde, em Jerusalém. A

tensão aqui é o contraste entre "o lugar que o SENHOR... escolher" e "os lugares, onde as nações... serviram aos seus deuses" (v. 2). A pureza da adoração, em obediência ao mandado divino, está primariamente em vista, e não a centralização.

* **12.7 comereis... vos alegrareis**. Alguns sacrifícios eram

compartilhados pelos sacerdotes e pelos adoradores. A adoração, em Israel, era santa, reverente e alegre. A adoração a um Deus santo envolvia o arrependimento e a purificacão, mas o coração redimido ficava cheio de alegria e louvor. O livro de Salmos por muitas vezes exprime essa jubilosa devoção.

* **12.12 nem herança.** As oferendas dos adoradores destinavam-se, em

parte, a sustentar os sacerdotes e levitas, aos quais não tinham sido atribuídas terras agrícolas para lhes pertencer (Dt 10.6-9).

* **12.15 matar... nas tuas cidades.** Regra idêntica foi dada nos vs. 20 e

21. Eles podiam abater animais e comer de sua carne em qualquer lugar, mas animais e outros alimentos consagrados a Deus só podiam ser comidos no lugar central de adoração. Ver a nota em Lv 17.3.

* **12.21 Se estiver longe de ti o lugar. Ver Dt 14.24-26.**

* **12.23 o sangue é a vida.** Idêntico princípio aparece em Gn 9.4 e Lv

17.10-14. O modo de lidar com o sangue no sistema de sacrifícios mostra que o sangue era a vida do animal. Quando o sangue é vertido, a vida se esvai. Quando o sangue era aspergido sobre o altar, uma vida inocente era derramada em lugar do pecador culpado. Os sacrifícios do Antigo Testamento mostram uma teologia de substituição do culpado pelo inocente. Essa teologia, todavia, era incompleta, porque um animal, por mais perfeito que fosse, de maneira alguma é tão valioso quando uma alma humana (Mq 6.6,7). A solução é encontrada claramente em Is 53.10, onde o inocente Servo do Senhor morreu como oferta pelo pecado (cf. Jo

1.29).

*** 12.31 até seus filhos e suas filhas queimaram. O sacrifício de**

crianças era comum nos tempos antigos, especialmente na colônia fenícia de Cartago, no Norte da África. Nas culturas antigas pagãs, crianças eram, algumas vezes, sacrificadas, em ocasiões de grande necessidade, como expressão de devoção aos deuses (2Rs 3.27). Até mesmo alguns israelitas, em certas oportunidades, ocuparam-se dessa prática detestável (Jz 11.30-40; Sl 106.34-39; Jr 7.31).

*** 12.32 nada lhe acrescentarás. Ver 4.2.**

*** 13.1-18** Moisés faz advertências contra a apostasia no cap.13. A

primeira delas (vs. 1-5) diz respeito aos falsos profetas. As demais seções advertem contra um parente próximo que tentar alguém à apostasia (vs. 6-11), bem como a apostasia de uma cidade inteira (vs. 12-18). Em casa caso, a pena era a morte.

*** 13.1-5** A advertência contra os falsos profetas foi dada para

enfatizar que embora um profeta parecesse ter credenciais impressionantes, o teste teológico continuava sendo crucial. Nenhum verdadeiro profeta podia defender uma religião falsa, visto que o Deus de Israel é o verdadeiro e único Deus. Todas as outras deidades fazem parte da imaginação humana. Aqueles que seguissem os falsos profetas e adorassem a seus deuses falsos, deviam ser eliminados da nação de Israel.

*** 13.6-11** A atenção volta-se para o segundo caso de sedução à

apostasia.

* **13.6 teu irmão... amigo.** Os laços mais chegados de

parentesco na terra não dissolviam a obrigação da pessoa de permanecer fiel ao verdadeiro e único Deus (cf. 21.18-21).

* **13.10** Ver a nota teológica "Os Três Propósitos da Lei", índice.

* **13.12-18** No terceiro caso de apostasia temos o envolvimento de

uma cidade inteira. Primeiramente, uma investigação devia ser feita (vs. 12-14).

Se o caso provasse ser verdadeiro, a cidade devia ser destruída (vs. 14,15). Note que o saque da cidade não deveria ser uma questão de vantagem pessoal (vs. 16-18). A idéia de lucro poderia corromper o aspecto de julgamento daqueles que investigavam. O termo hebraico para a palavra "montão" é *tel,* que a arqueologia moderna usa para os cômoros constituídos por montões de ruínas de gerações sucessivas das cidades enterradas que têm sido escavadas.

* **14.1 não vos dareis golpes... por causa de algum morto. Ver**

Lv 19.27,28, onde são dadas as mesmas regras. Os detalhes quanto a esse costume não são muito claros, mas sem dúvida envolvia práticas associadas à adoração dos ancestrais, no luto ritual pagão. Visto que Israel fora escolhida como possessão especial de Deus (v. 2; 26.18), o povo de Israel teria que ter costumes diferentes, rejeitando todas as práticas pagãs e seus rituais.

* **14.3-21** Esta seção e Nm 5.1-4 são as principais referências à

legislação entre o limpo e o imundo, fora de Lv 11—15. A única base dada para essas proibições é que Israel devia ser santa ao Senhor. Várias razões, variando de religiosas a médicas, têm sido sugeridas para essas leis. Em muitos casos, essas proibições requerem o que

seria um bom procedimento de saúde pública, embora a distinção entre o limpo e o imundo não fosse inteiramente uma questão de saúde. Antes, essa distinção ensina uma importante verdade moral e espiritual: a separação de alimentos específicos e de doenças retratavam a santidade de Deus e de seu povo. Ver as notas em Lv 11—15.

*

14.11 Toda ave limpa comereis. Nenhuma fórmula sin é dada aqui

para identificar as aves limpas. As aves de rapina usualmente eram consideradas imundas, provavelmente por causa de seu contato frequente com carniça. A carne de tais aves podia, igualmente, apresentar um risco à saúde. Algumas das aves citadas nos vs. 12-18 não podem mais ser precisamente identificadas.

*

14.19 todo inseto que voa. Ver a referência lateral.

exceções: Lv 11.22 menciona especificamente a locusta, o gafanhoto, o grilo, e o gafanhoto devorador como insetos limpos.

*** 14.21 o cabrito no leite da sua própria mãe. Essa proibição não foi**

plenamente explicada. Aparecendo também em Êx 23.19 e 34.26, essa proibição é a base da prática, entre os judeus ortodoxos, de não comerem produtos de leite e carne juntos. Esta proibição pode ser similar a 22.6, que proíbe tomar o passarinho-mãe juntamente com seus filhotes. Ali, a idéia é preservar a mãe e o ninho, para que haja mais aves no futuro. Alguns também têm sugerido que cozer um cabrito no leite de sua mãe era uma prática cananéia, com implicações religiosas, mas as evidências quanto a isso não são claras.

* **14.22 os dízimos.** O dízimo é a décima parte. A lei do dízimo foi

expressa já na época dos patriarcas (Gn 14.20; 28.22). Lv 27.32 especifica que o dízimo dos animais não deveria ser escolhido, mas devia ser "de tudo o que passar debaixo da vara do pastor".

* **14.23 perante o SENHOR... comerás.** Os dízimos deviam ser levados

ao santuário (12.17), onde os adoradores deviam comer uma porção em feliz comunhão com os sacerdotes, com os levitas e com os pobres. Longe de ser uma exigência pesada, a entrega dos dízimos seria uma ocasião de alegre celebração e adoração (12.7, nota; cf. 2Co 9.7).

* **14.24 Quando o caminho te for comprido demais. As viagens não**

eram fáceis de se empreender, e o transporte de produtos agrícolas era mais difícil ainda. Uma solução prática era permitida — os israelitas podiam converter os bens em dinheiro, e transportar o dinheiro (v. 25).

* **14.28 Ao fim de cada três anos.** Os dízimos do terceiro ano são

mencionados de novo somente em Dt 26.12, e os detalhes precisos não são claros. Visto serem um presente especial para os levitas e os pobres, e visto que as cidades levíticas estavam espalhadas por todo o território de Israel (Js 21), não seria prático conduzir todos os dízimos, de uma vez só, ao lugar

central de adoração. Deste modo, essas oferendas dos dízimos deviam ser oferecidas para serem armazenadas nas cidades de Israel e usadas para a provisão dos necessitados.

*** 15.1 Ao fim de cada sete anos, farás remissão. O ano**

sabático foi estabelecido e descrito em Êx 23.10,11 e Lv 25.1-7, requerendo que a terra ficasse em repouso durante o sétimo ano. Esta passagem (15.1-11) adiciona a estipulação de que as dívidas deviam ser perdoadas naquele ano. Visto que um empréstimo podia ser combinado pouco antes do ano sabático, esse empréstimo era um virtual presente. Por essa razão, os vs. 7-11 advertem contra recusar-se a emprestar aos pobres nessas circunstâncias.

*** 15.4 para que entre ti não haja pobre. O perdão de**

empréstimos pessoais aos pobres, aparentemente está em vista aqui. Deus desejava abençoar materialmente o seu povo na Terra Prometida, para que os empréstimos se tornassem desnecessários (vs. 5 e 6). Embora uma obediência completa teria resultado na erradicação da pobreza em Israel, Moisés reconheceu realisticamente que alguma pobreza continuaria (v. 11; cf. Mt 26.11). As disposições do ano sabático e do Ano de Jubileu (Lv 25.8-34) eram provisões graciosas de Deus, para minimizar a opressão contra os pobres.

*** 15.12 Quando um de teus irmãos... te for vendido. Visto que esta lei**

da servidão é semelhante aos regulamentos do ano sabático, poder-se-ia pensar que no ano sabático todos os escravos eram libertados. Mas isso não é declarado. Antes, o período de servidão era de seis anos para todo escravo hebreu, e no sétimo ano esse escravo ficava livre.

Relembrando a experiência de servidão da nação de Israel no Egito (v. 15), Israel devia mostrar-se misericordioso para com os escravos. Um escravo, na antiga nação de Israel tinha direitos (Êx 21.1-11,20), e as provisões da redenção deles, neste passagem, eram generosas — um escravo liberto devia receber algo para iniciar tudo de novo (vs.

13 e 14; cf. Êx 12.35,36). A lei da servidão aqui descrita não contradiz a estipulação para a libertação no Ano do Jubileu (Lv 25.39-43). Aquela estipulação provavelmente refere-se a um caso especial de servo empobrecido, cuja propriedade ancestral tivesse sido

perdida, e que, por isso mesmo, não tinha para onde ir se ficasse livre. Quando chegava o Ano do Jubileu, sua residência lhe era devolvida e ele passava a residir nela.

* **15.19 Todo primogênito... consagrarás.** Ver Dt 12.17; e 15.19 referência lateral.

nem tosquiarás. O bezerro primogênito não podia ser posto a trabalhar, e nem o cordeiro podia ser tosquiado, porque deviam ser dados ao Senhor quando ainda eram filhotes.

* **15.21 algum defeito. Ver 17.1.**

* **16.1-17** A maior parte do cap.16 aborda a questão dessas três

festas de peregrinação, assim chamadas porque requeriam que todos os varões adultos as celebrassem no santuário. Essas Festas são mencionadas de maneira breve em Êx 23.14-17, terminando com a mesma ordem, dada em linguagem semelhante em Dt 16.16. Todo homem devia trazer suas oferendas. As festas são mencionadas novamente em Êx 34.18-23, onde a Páscoa é simplesmente incluída com a intimamente associada Festa dos Pães Asmos (Êx 23.15, nota). Todas as cinco grandes festas são relatadas de maneira mais completa em Lv 23, e são mencionadas com suas oferendas em Nm 28 e 29.

* **16.1 no mês de abibe.** No livro de Êxodo, a Páscoa (Êx 12.1

14) e a Festa dos Pães Asmos (Êx 12.15-20) foram instituídas no "primeiro mês" (Êx 12.2,18), também chamado "abibe", um dos nomes de meses dos cananeus (Êx 13.4; 23.15). O nome babilônico

do primeiro mês do ano era nisã, e os nomes babilônicos dos meses aparecem nos livros do Antigo Testamento dos períodos exílico e pós-exílico (p.ex., Et 3.7).

celebra a Páscoa. Ver as notas em Êx 12.1-26. A Páscoa simbolizava claramente a substituição, visto que o cordeiro era morto em lugar dos primogênitos. Embora o sangue de animais, por si mesmo, não pudesse redimir seres humanos, o cordeiro pascal era um símbolo sacramental que

prenunciava o sacrifício eficaz de Cristo (Hb 10.1-10). Portanto, Paulo está plenamente justificado ao dizer: "Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado" (1Co 5.7).

* **16.6 no lugar que... Deus, escolher.** A localização era o

santuário. Ver a nota em 12.5.

* **16.7 sairás pela manhã e voltarás às tuas tendas. O cordeiro**

ou cabrito seria morto no santuário, ao pôr do sol, assado naquela área por várias horas, e então comido à meia-noite. Após essa celebração, o povo de Israel voltaria às suas tendas na manhã seguinte. Depois que os filhos de Israel se estabeleceram em Canaã, eles se reuniam no santuário central, e a maioria por certo vivia em tendas novamente. Nos tempos modernos, a páscoa celebrada pelos samaritanos, no monte Gerizim, vem sendo realizada precisamente dessa maneira.

* **16.9-12** A Páscoa era sempre celebrada no dia catorze do primeiro

mês (correspondente a nossos meses de março/abril). Os israelitas usavam o mês lunar, pelo que a páscoa caía sempre em uma lua cheia. Associada com a páscoa havia a apresentação do primeiro molho de grãos maduros (Lv 23.9).

No dia seguinte ao sétimo sábado após essa apresentação (Lv 23.15,16) era o dia da "Festa das Semanas" (v. 10), chamada de "Pentecostes" no Novo Testamento, por causa desse cálculo de cinqüenta dias.

* **16.13-17** A "Festa dos Tabernáculos (v. 13) é chamada pelos judeus de Festa de Sukkoth (tendas) porque, durante uma semana eles deviam reunir-se em torno do santuário e viver em estruturas temporárias. Essa festa começa no décimo quinto dia do sétimo mês lunar (modernos setembro/outubro), no fim da estação agrícola, depois que os grãos já foram trilhados e as uvas já estavam colhidas. Naturalmente, o dízimo da colheita devia ser trazida a essa festa, que também servia para relembrar a experiência dos israelitas peregrinos ao deixarem o Egito (Lv 23.43). Em adição, essa festa era o tempo de ler a lei mosaica (31.10-13; Ne 8).

* **16.18 Juízes e oficiais constituirás.** Moisés havia designado líderes no

Sinai (Dt 1.13) e esta seção especifica que tal organização devia continuar. Outrossim, o elevado ideal de justiça, e de justiça somente, devia guiar a conduta deles (19.15-21, nota).

* **16.19 o suborno cega.** Esse fato é com freqüência enfatizado (Êx 23.8;

Pv 17.23).

* **16.21 poste-ídolo.** Temos aqui uma referência aos postes-ídolos de

madeira, imagens ou árvores que representavam a deusa cananéia Aserá (ver a referência lateral). Não podia haver compromisso com a idolatria pagã (17.27). Apesar dessas advertências, esses santuários pagãos de Aserá tornaram-se, mais tarde, uma armadilha para os israelitas (Jz 3.7,8; 2Rs 13.6; 17.10).

* **17.1 algum defeito.** Foi repetidamente ordenado que qualquer

defeito em um animal torná-lo-ia impróprio para o sacrifício (15.21; Lv 22.19-25; Nm 19.2). Além disso, Lv 21.16-23 especifica que qualquer sacerdote com uma deformidade física não podia oficiar. O simbolismo é claro: Deus é santo (Lv

21.23), e ele requer perfeição. Como símbolos do Salvador perfeito que viria, e de seu precioso sacrifício, os animais sacrificados teriam que ser sem defeito.

* **17.2-7** Está aqui em vista o pecado da idolatria, cuja seriedade é

indicada pela pena de morte, consistentemente decretada (v. 5; cap. 13). Em tais casos, o alvo judicial não era a reabilitação ou a restituição, mas expurgar a abominação da idolatria de Israel (vs. 4,7).

* **17.6 duas ou três testemunhas.** A condenação não se baseava

em boatos. Duas ou três testemunhas tinham que concordar (v. 6; 19.15-19;

Nm 35.30), as quais deveriam estar suficientemente convictas e sinceras para participar do apedrejamento, sabendo que a pena pelo falso testemunho a um crime era a mesma do próprio crime (19.19). Não havia tortura para que houvesse confissão e nem tortura das testemunhas.

*** 17.8 alguma coisa te for difícil demais em juízo.**

Desconhecemos os detalhes precisos do sistema judicial dos israelitas (19.1521, nota). Havia tribunais superiores que cuidavam de casos mais difíceis (Êx 18.21-26), com sacerdotes que julgavam junto com outros juízes. Esta passagem salienta que o ofício judicial fora divinamente determinado, e que os vereditos deviam ser aceitos, sob pena de morte (v. 12).

*** 17.14-17** A referência a um "rei" (v. 14) é condicional, e não precisa

subentender que o texto foi escrito quando algum rei governava Israel, embora os críticos tenham argumentado que, devido à referência à cavalos, esposas e riquezas, esta seção esteja se referindo a Salomão e foi escrita muito tempo depois dele por um de seus inimigos. Não havia rei nos dias de Moisés; mas a possibilidade futura de haver um governante assim era óbvia, visto que todas as nações antigas tinham seus reis, e até fora predita a existência de um rei em Israel, em Gn 49.10. Que Israel poderia vir a ter um rei nunca foi negado, embora fosse declarado, enfaticamente, que Deus era o Rei de Israel (33.5).

Em adição, o v. 15 adverte contra a escolha de um rei estrangeiro, uma estipulação que não pode ser dirigida contra Salomão e seus sucessores, que eram israelitas propriamente.

*** 17.18 escreverá... um traslado desta lei...** As palavras "desta lei" pode

referir-se ao livro de Deuteronômio como um todo, ou talvez ao livro da aliança (Êx 24.7), ou a outras partes do Pentateuco. Como nação em aliança com Deus, Israel devia ser governado de acordo com as leis da aliança.

* **18.1 toda a tribo de Levi.** Não somente os sacerdotes, mas a

tribo inteira de Levi, totalizando vinte e três mil homens, não devia receber nenhuma herança (Nm 18.20,26,62; Dt 10.9). Essa tribo não teria fazendas para cultivar e viver delas, pois dependeria dos dízimos e das ofertas do povo (vs. 3-5). Moisés, deu para eles, especificamente, quarenta e duas cidades, seis das quais seriam cidades de refúgio (Nm 35.2-8). No tempo certo, essas cidades foram distribuídas por Josué (Js 21).

* **18.3 o direito devido aos sacerdotes. Em lugar de uma**

herança sob a forma de terra, e em reconhecimento de seus deveres

sacerdotais, os sacerdotes tinham o direito a porções específicas dos animais oferecidos em sacrifício. Posteriormente, a prática foi, algumas vezes, abusada por sacerdotes corruptos (1Sm 2.12-17).

* **18.9 as abominações daqueles povos. Antecipando as**

instruções relativas às profecias verdadeiras e falsas, nos vs. 19-22, Moisés proibe todas as tentativas de discernir o futuro através das artes ocultas, meios pagãos, bem como apelar para a feitiçaria e a bruxaria. O caráter detestável dessas práticas é sublinhado e citado como uma razão do julgamento divino contra os cananeus (vs. 9, 12).

* **18.18** Moisés, o mais proeminente profeta do período do Antigo Testamento, introduziu o tema da profecia israelita. Deus comunicaria a sua Palavra a Israel através de uma sucessão de profetas. Na qualidade de mediadores da Palavra de Deus ao povo de Israel, os demais profetas do Antigo Testamento funcionariam de maneira semelhante a Moisés (v. 16). Mas nenhum deles seria o mediador inicial de uma aliança, e nenhum deles teria igual intimidade com Deus como tinha Moisés, e nem receberia revelações divinas tão claras como aquelas que lhe foram dadas (Nm 12.6-8; Dt 34.10). Esta passagem, pois, encontra cumprimento final no profeta que é igual,

ou na verdade, maior do que o profeta Moisés — Jesus Cristo (At 3.22-26; 7.37; cf. Jo 5.45-47; Hb 3.2-6). À semelhança de Moisés, Cristo foi o Mediador de uma aliança entre Deus e o seu povo (Lc 22.20; Hb 8.7-13). Ver a nota teológica "Profetas", índice.

*** 18.20-22** Dois meios de discernir os falsos profetas dos profetas

autênticos são dados no livro de Deuteronômio. O primeiro é a integridade teológica — um verdadeiro profeta não ensinará o erro e nem desviará o povo (v. 20; 13.1-5). O segundo é que suas predições proféticas sobre o futuro se cumprirão (v. 22). Ver "A Autenticação das Escrituras", em 2Co 4.6.

*** 19.2 três cidades.** Essas cidades de refúgio deveriam ser

separadas na terra de Canaã. As três cidades de refúgio na Transjordânia já tinham sido escolhidas e designadas. Ver Dt 4.41-43 quanto à seqüência do

estabelecimento dessas cidades.

*** 19.4 aquele que, sem o querer, ferir o seu próximo. A lei do**

homicídio não-intencional foi dada pela primeira vez em Êx 21.13, e então, mais plenamente, em Nm 35.6-28. Esta passagem reitera algumas questões levantadas em Números. Outros regulamentos foram acrescentados, como a disposição para a construção de estradas de acesso até às cidades de refúgio. Além disso, esta passagem especifica três cidades de refúgio adicionais na terra de Canaã, se o território da nação de Israel fosse muito ampliado. Mas tanto Números quanto Deuteronômio deixam claro que um homem culpado de assassinato premeditado deveria morrer. A pena de morte, pois, estava bem fundamentada, não como um desrespeito pela vida, mas como um intenso respeito pela vida da vítima inocente, feita à imagem de Deus (Gn 9.6).

* **19.9 amando... e andando nos seus caminhos. Ver 6.4.**

* **19.14 Não mudes os marcos do teu próximo.** Embora este versículo tenha sido, algumas vezes, mal interpretado, como se exortasse pelo respeito aos costumes e crenças dos antigos, o termo "marcos" na realidade refere-se a pedras que serviam como demarcação dos limites das terras. Essa lei era essencial para impedir invasões e furto de terras (27.17; Pv 22.28; 23.20).

* **19.15-21** O princípio geral era que uma convicção não podia se

basear no testemunho de uma única testemunha (v. 15). Quando o falso testemunho era detectado, a testemunha falsa devia receber a mesma punição que a pessoa falsamente acusada receberia (vs. 19-21).

Na jurisprudência do antigo Oriente Próximo, era grande a responsabilidade do juiz. Ele não comparava simplesmente um delito com uma lei específica para então proferir seu veredito. Pelo contrário, ele comparava um caso com os princípios da lei, e com casos típicos e dava uma decisão em consonância com a justiça e a eqüidade (1.13; 16.18; 17.8).

* **19.15 Uma só testemunha. Ver 17.6.**

* **19.20 temam.** Ver "Os Três Propósitos da Lei", em 13.10.

* **19.21 olho por olho.** Muita discussão tem girado em torno deste

versículo. Alguns argumentam que este versículo é brutal e oposto às idéias do Novo Testamento, que falam em amor e misericórdia. A expressão "olho por olho" ocorre mais duas vezes no Pentateuco (Êx 21.24; Lv 24.20). Em cada caso, o versículo acha-se dentro de um contexto jurídico; trata-se de um princípio de justiça pública — a penalidade deve ser compatível com o crime. Existem indicações de que o termo não era entendido literalmente (Êx

21.18,26,27). A única pena física mencionada nessa lei é a pena de açoites, e isso limitado a quarenta vergastadas (Dt 25.3). Cristo opôs-se àqueles que usavam este versículo como uma desculpa para a vingança pessoal (Mt 5.38, nota). Ver as notas em Êx 21.24 e Lv 24.20.

*** 20.1 não os temerás.** O caráter destemido do exército de Israel,

particularmente a importância de depender totalmente de Deus, é o assunto dos vs. 1-9. As isenções citadas ilustram o princípio que diz que qualquer homem cujo coração não estivesse firme na luta não deveria estar presente (vs. 5-8). O poder de Deus, e não a superioridade numérica, é que garantiria a vitória de Israel (v. 4; cf. 32.30, nota; Jz 7.1-8). Um dos resultados de tal atitude seria uma elevada moral, que por si só contribuiria para a vitória.

*** 20.10 oferecer-lhe-ás a paz.** As antigas cidades muradas poderiam

resistir a um ataque por determinado tempo, e os invasores poderiam desejar evitar o dispendioso trabalho de um cerco prolongado. Uma oferta de paz em troca de tributo como vassalo (v. 11), junto com a ameaça de morte para os soldados defensores, poderia ser atraente para ambas as partes. Essas estipulações de guerra (comparativamente humanitárias para aquele período) eram aplicadas a inimigos fora da Terra Prometida (v. 15).

*** 20.17 destruí-las-ás totalmente.** A palavra hebraica para essa prática é

herem, que significa "destinar à condenação" (ou seja, devotar tudo ao Senhor), conforme ocorreu a Jericó durante a conquista (Js 6.17-19). Ver as notas em Lv 27.28; Dt 7.26.

*** 20.19 não destruirás o seu arvoredo.** A referência, como é claro,

aponta para árvores frutíferas (v. 20). Uma das bênçãos segundo a aliança de Deus com Israel era que os filhos de Israel gozassem do fruto da terra que Deus lhes havia dado (7.12,13).

*** 21.1 se achar alguém morto.** No caso de um assassinato sem

solução, os anciãos da cidade mais próxima deviam fazer um juramento de inocência e ignorância. O simbolismo da novilha, morta quando o juramento era feito, é claro: ela morria como um símbolo do assassino que deveria morrer. A terra devia ser expurgada de culpa séria. A morte vicária da novilha prenuncia a morte de Cristo como uma satisfação pelos pecados, sejam conhecidos ou desconhecidos, cometidos pelo povo de Deus.

*** 21.11 e vires entre eles uma mulher formosa. A lei preservava a**

santidade do casamento. Um homem israelita podia ficar com uma mulher cativa, mas tinha que esperar um mês. À mulher devia ser dada a oportunidade de ajustar-se e de lamentar pela sua família. Ela era uma esposa, e não gado, e se o marido se divorciasse dela, ele então não podia vendê-la como escrava.

*** 21.15 duas mulheres.** Da mesma maneira que o divórcio fora permitido

"por causa da dureza de vossos corações” (Mt 19.8), assim também a poligamia era permitida, mas os seus males eram mitigados. A esposa não-amada tinha seus direitos, e o filho primogênito de uma esposa não-amada não podia perder a sua herança.

*** 21.18 um filho contumaz e rebelde.** Em vista aqui não está a

desobediência banal dos filhos, mas rebelião contínua e sistemática e pecado profundo e crônico. Embora as palavras "contumaz e rebelde"

não tenham sido precisamente definidas, no v. 20 esse filho é chamado de "dissoluto e beberrão" (cf. Pv 23.21). Em tais casos, os seus próprios pais não deviam proteger seus filhos (cf. Zc 13.2,3).

*** 21.22 o pendurares num madeiro.** O enforcamento, como um método

de execução, não é mencionado no Antigo Testamento. A prática aqui em vista é a exposição do cadáver de um criminoso ou de um inimigo (1Sm 31.10-13). Essa horrenda exposição, que simbolizava a maldição divina (v. 23), não podia continuar por mais de um dia. Este versículo motivou o pedido dos fariseus de ter o corpo de Jesus tirado da cruz, antes do cair da noite (Jo 19.31). O significado de Gl 3.13 é que Cristo, embora inocente, morreu como se fosse um criminoso, ao tomar a maldição que merecíamos (cf. At 5.30).

*** 22.1 restitui-los-ás**. Note a ênfase sobre o direito de

propriedade privada (cf. Êx 23.4). A lei concernente à propriedade perdida requeria que um esforço fosse feito para encontrar o proprietário da propriedade desviada ou perdida devolvendo-a para ele. Se o proprietário não pudesse ser encontrado, a mesma devia ser guardada para ele, até que este fosse encontrado.

*** 22.4 não verás caídos.** Novamente, se possível, deve ser

evitada qualquer perda acidental de propriedade privada (cf. Êx 23.5). Jesus citou este versículo a fim de justificar a cura de um homem no dia do Sábado. Os fariseus permitiram que a lei de ajudar um animal caído tomasse precedência sobre as leis da guarda do sábado, mas não tiveram misericórdia de um homem que estava em necessidade séria (Lc 14.5).

*** 22.5 não usará roupa de homem... peculiar à mulher. As**

mulheres não deviam adotar os atavios de um varão (p.ex.,

transportar armas), e os homens não deviam vestir-se como mulheres. Deviam ser respeitados os símbolos da diferença entre os sexos, e apesar desses símbolos variarem com a passagem do tempo, e de cultura para cultura, permanece de pé o princípio da distinção entre os sexos (Gn 1.27; cf. 1Tm 2.13). As violações da ordem da criação, tal como o homossexualismo e a bestialidade (Lv 18.22,23; 20.13; 1Co 6.9; 1Tm 1.10) são "abominações". Também tem sido sugerido que a troca de roupas masculinas por femininas, e vice-versa, faziam parte das práticas religiosas pagãs.

* **22.8 no terraço, um parapeito.** Temos aqui uma lei contra a

negligência criminosa. Os telhados, no Israel antigo, eram planos, e se obtinha acesso aos mesmos por meio de uma escadaria externa. O telhado era usado para se trabalhar ali (Js 2.6), ou para o lazer. Com o intuito de impedir ferimentos acidentais ou morte, devido à queda, um parapeito ou cerca foram especificados.

* **22.9-11** Proibições semelhantes acerca de misturas são

encontradas em Lv 19.19. As razões para esses regulamentos não são mais claros para nós. Várias sugestões têm sido feitas; que esses versículos ensinam a importância das distinções na ordem da criação, que relembram Israel de sua chamada à pureza e separação das nações circundantes (v. 11, nota), ou que considerações práticas estivessem envolvidas (p.ex., a mistura de sementes como algo prejudicial à agricultura).

* **22.10 com junta de boi e jumento.** A razão para isso pode ser a impraticabilidade de fazer um jumento puxar o peso que deve ser puxado por um boi, ou de fazer um boi caminhar no ritmo mais rápido de um jumento. Ou, até mesmo o contraste entre animais limpos (o boi) ou imundos (o jumento; Dt 14.1-8) pode ter servido para relembrar Israel de sua chamada à pureza. Paulo cita este versículo em 2Co 6.14, proibindo a comunhão entre crentes e incrédulos.

* **22.11 estofos de lã e linho juntamente.** Alguns têm sugerido que

tais materiais encolheriam desigualmente, o que significa que não seriam bem lavados. Outros têm argumentado que, mediante a ingestão de alimentos puros (14.3-21) e de não misturar sementes (22.9), de não usar animais de trabalho diferentes (22.10), ou materiais diferentes em suas vestes, o povo de Israel era relembrado que devia ser um povo puro (7.2-5, e notas).

* **22.12 Farás borlas.** Essas borlas relembravam Israel dos mandamentos do Senhor e a responsabilidade dessa nação em ser santa perante Deus (Nm 15.38-40).

* **22.14-21** Esses versículos provêem um meio para julgar a queixa de

um marido de que sua esposa não era virgem quando se casaram. Tal acusação, quando feita por um homem que quisesse livrar-se de uma esposa que o desagradasse, podia ser desmentida pelos pais da esposa, ao apresentar "evidências" visíveis da "virgindade" dela, presumivelmente os lençóis manchados usados durante a noite de núpcias (v. 15).

* **22.22-29** As implicações do sétimo mandamento são aqui desenvolvidas (5.18; Êx 20.14), no tocante a casos de adultério e de violação sexual. Cuidados especiais são dedicados à preservação da santidade da aliança do casamento: o adultério com uma mulher casada ou noiva era punido com a execução de ambos os participantes que consentissem (vs. 22-24), enquanto que menores penalidades eram determinadas para a relação sexual com uma mulher solteira (vs. 28,29). As mulheres dependiam de suas relações de casamento para proteção e situação social na sociedade do antigo Oriente Próximo, e a lei provia importantes proteções para as mulheres. A pena pelo estupro à força de uma mulher casada era a morte do homem que cometesse o delito (vs. 25-27). O homem que violasse a honra de uma virgem era obrigada

a casar-se com ela, e não poderia posteriormente se divorciar dela

(v.29).

* **22.30 Nenhum homem tomará sua madrasta.** Ver Lv 18.7,8; 20.11.

* **23.1 assembléia do SENHOR**. Essa frase refere-se à comunidade reunida em adoração diante do Senhor, e não à população de Israel como um todo (Ne 13.1-3). A palavra hebraica que significa "assembléia" *(qahal)* é usualmente traduzida por *ekklesia* na Septuaginta (o Antigo Testamento Grego). Este é, também, o termo empregado no Novo Testamento Grego para "igreja".

* **23.3 amonita ou moabita... décima geração**. Conforme indica a palavra "eternamente", "nem ainda a sua décima geração", é provavelmente uma expressão idiomática que denota a exclusão permanente da comunidade adoradora de Israel (cf. Ne 13.1).

Essa exclusão especial dos amonitas e moabitas se devia não às suas origens incestuosas (Gn 19.30-38), e, sim, à oposição teimosa deles contra

Israel (v. 4; Ne 13.2). O Antigo Testamento também olha para o futuro, para uma Nova Aliança na qual as exclusões dessa passagem são superadas (Is 56.3-8), um evento prefigurado por Rute, a moabita, que se tornou um ancestral de Davi e do Messias (Rt 1.4; 4.17; Mt 1.5).

* **23.4 Balaão.** Note a clara referência aos detalhes, em Nm 22—

24.

* **23.9-14** Visto que o acampamento dos soldados israelenses era um

lugar da presença de Deus, como o Guerreiro divino (v. 14; 20.4), o acampamento devia ser mantido puro de coisas imundas. Em vista,

aqui, estão os casos de imundícia tanto higiênica quanto situações de urinação ou, talvez, de emissão noturna (v. 10; cf. Lv 15.16), e de defecação no acampamento (v. 13).

*** 23.15 o escravo que, tendo fugido.** A escravidão em Israel era

cuidadosamente regulamentada, e seus abusos eram limitados (15.12, nota). Em vista aqui está algum escravo que escapou de outro país e se refugiou no território de Israel.

*** 23.17 não haverá quem se prostitua no serviço do templo. Ver as**

referências laterais. A prostituição ritual, envolvendo tanto indivíduos do sexo masculino quanto do sexo feminino, era uma das características das religiões cananéias da fertilidade.

*** 23.19 não emprestarás com juros.** A economia agrícola da antiga

nação de Israel era muito diferente da economia comercial dos nossos dias, e todo empréstimo usualmente era pedido em face da pobreza. Deus desejava abençoar um obediente povo de Israel, tornando desnecesário todo pedido de empréstimo (15.4, nota), e aqueles a quem o Senhor tivesse feito prosperar materialmente deveriam ajudar os irmãos israelitas em aflição, não cobrando juros deles. Esse regulamento não se aplicava àqueles que estivessem fora do pacto (os "estrangeiros", v. 20).

*** 23.21 voto ao SENHOR.** Tal voto era feito voluntariamente (v. 22). Um voto tomado era considerado uma questão seríssima, e todo voto válido devia ser observado. A lei dos votos aparece, na íntegra, em Lv 27 e Nm 30.

*** 24.1-4** Ver "Casamento e Divórcio” em Ml 2.16. A situação descrita

(vs. 1-3) é seguida pelo preceitoo jurídico (v. 4). O divórcio era permitido na lei mosaica, conforme dissse Jesus mais tarde, "por causa da dureza de vossos corações" (Mt 19.8). A restrição a um novo casamento para um casal divorciado (v. 4) seria para desencorajar divórcios casuais.

* **24.1 coisa indecente**. O texto refere-se à mesma "coisa

indecente" de Dt 23.14, tendo um sentido bastante genérico. Ao que tudo indica, não há indicação aqui de adultério, pois o adultério era punido com a morte (22.22). O fato do divórcio, por uma variedade de razões, foi reconhecido, mas não necessariamente permitido (os vs. 1-3 são descritivos, e não prescritivos).

* **24.5 recém-casado.** Uma isenção de um ano para o homem

recém-casado não somente fortaleceria a relação de casamento e beneficiaria o lar, mas também ajudaria o moral nas fileiras do exército (20.1, nota).

* **24.6 penhor.** Visto que os empréstimos eram dados tipicamente

para aliviar a dificuldade econômica daquele que recebia o empréstimo (23.19, nota), o material dado como "penhor" provavelmente não teria o mesmo valor à quantia do empréstimo, mas seria uma possessão material dada como sinal da promessa a ser paga. Em consonância com o propósito do empréstimo, aquele que emprestasse não deveria causar maiores dificuldades ao que pedisse o empréstimo confiscando itens essenciais como uma mó doméstica ou vestes externas (vs. 10-13,17). Outras referências às práticas de empréstimo, no Antigo Testamento, incluem Êx 22.26,27; Jó 22.6; 24.3,9; Am 2.8.

* **24.7 roubado um dentro os seus irmãos.** O principal propósito

de se sequestrar alguém era o de vender as pessoas raptadas como

escravos para se obter lucro. Vender outros israelitas à escravidão noutros países, era

um crime proibido sob pena de morte, provavelmente porque tais escravos eram cortados da vida da comunidade da aliança com Deus (o que era uma forma de "morte"; Êx 12.19 e Lv 7.20, notas). A escravidão firmada por contrato era permitida em Israel, mas era atenuada de vários modos importantes (15.12, nota). Paulo condenou os comerciantes de escravos ("raptores") juntamente com outros violadores dos Dez Mandamentos (1Tm 1.10).

* **24.8 praga da lepra.** Ver a nota em Lv 13 e 14.

* **24.14 o jornaleiro pobre.** O interesse de Deus pelos pobres e

oprimidos é enfatizado nesta passagem (Sl 9.18, nota).

* **24.16 Os pais não serão mortos em lugar dos filhos**. Essa lei interessante e justa é citada em 2Rs 14.6 e 2Cr 25.4, onde foi citada como sendo do "livro da lei de Moisés" ou "lei no livro de Moisés".

* **24.19 Quando... segares a messe.** O intuito compassivo dessa lei é visto em Rt 2.2-23 (cf. Lv 19.9,10; 23.22).

* **25.3 Quarenta açoites.** Esse é o pano de fundo da prática judaica de dar "uma quarentena de açoites menos um" (2Co 11.24). O intuito dessa prática era resguardar-se contra algum possível erro na contagem dos açoites, e tinha um caráter de misericórdia.

* **25.4 Não atarás a boca ao boi.** De acordo com o apóstolo

Paulo, esta provisão sobre os bois aponta para o princípio mais geral de que aqueles que trabalham, particularmente os ministros do evangelho, merecem uma justa remuneração por seu trabalho (1Co 9.9-12; 1Tm 5.18).

* **25.5 seu cunhado.** Temos aqui a única menção, na Bíblia, à lei do casamento levirato (que vem da palavra latina *levir,* que quer dizer "irmão do marido"). A limitação a irmãos que "moram juntos" pode indicar que se aplicava a um irmão solteiro, mas é duvidoso que essa limitação funcionasse realmente na prática. O propósito óbvio desse arranjo era manter os direitos da

propriedade da linhagem da família do falecido. O costume do casamento levirato data dos tempos patriarcais, sendo mencionado em Gn 38.8-11; Rt 3.1 - 4.12; Mt 22.23-28; Mc 12.18-23 e Lc 20.27-33.

* **25.13 pesos diversos.** O desprazer de Deus diante de negócios desonestos é salientado (Lv 19.35,36; Pv 11.1; 16.21; 20.10,23; Mq 6.11).

* **25.17-19** Quanto ao conflito histórico entre Israel e Amaleque, ver Êx

17.16 e nota.

* **26.2 primícias de todos os frutos.** Muitos eruditos têm

sugerido que os vs. 1-11 referem-se a um dízimo especial das primícias, que Israel devia trazer quanto tomasse posse da Terra Prometida (v. 4), embora alguns pensem que a cerimônia referida nestes versículos diz respeito à oferta perpétua de primícias (Lv 23.9-14). Seja como for, é provável que as palavras da cerimônia que recitam os poderosos atos de Deus, em favor de Israel (vs. 310) continuassem a ser usadas na adoração dos hebreus.

lugar que... Deus, escolher. Ver a nota em 12.5.

* **26.5 Arameu, prestes a perecer.** O original hebraico aqui

traduzido pelas palavras "prestes a perecer", algumas vezes é traduzido por "perambulador". Esse versículo pode referir-se à idade

avançada de Jacó quando ele desceu ao Egito (Gn 47.9; cf. 46.30), ou à mudança das circunstâncias de Jacó e às suas viagens a Arã depois de volta a Canaã, através de Canaã, e, finalmente, ao Egito (Gn 28.2-5; 29.1; 31.20,21; 33.18; 35.1,16,21; 46.1-28).

* **26.12 os dízimos.** Acerca dos dízimos e dos dízimos do terceiro ano,

ver as notas em 14.22 e 14.28.

* **26.13 o que é consagrado.** Na qualidade de coisas santas (coisas

consagradas a Deus), os dízimos não podiam ser empregados em qualquer coisa que fosse imunda ou idólatra (v. 14). A frase "dei para a casa de algum

morto" (v. 14) pode referir-se a práticas idólatras (14.1, nota).

* **26.15 Olha desde... o céu.** Esta frase foi adaptada por Salomão em sua

grande oração por ocasião da dedicação do templo (1 Rs 8.30).

* **26.16-19** Nestes versículos conclui-se a seção das estipulações segundo a Aliança que começam em 12.1. Aqui o povo aceitou as condições da aliança por seu compromisso de obediência às estipulações da Aliança (v. 17; cf. Êx 24.7); e as duas partes na Aliança (Deus e o povo de Israel) "declararam" lealdade um ao outro (vs. 17,18).

* **27.1—30.20** Moisés continua seu livro de despedidas com um terceiro discurso, dedicado especialmente às sanções mediante as quais as exigências da aliança seriam impostas. Depois de convocar o povo a um juramento segundo a Aliança, à luz da rebeldia deles, e profetizando uma renovação da aliança no futuro, Moisés convidou os israelitas a "escolherem a vida", de acordo com a promessa feita a

seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó.

*** 27.1 Moisés... ordem.** Moisés e os anciãos especificaram uma

cerimônia de dedicação a ser realizada depois que os israelitas entrassem na Terra Prometida. As leis seriam publicadas; a cerimônia seria impressionante; o povo adicionaria o seu "amém", e a isso seguir-se-ia uma liturgia de promessas de bênçãos e maldições.

*** 27.2 e as caiarás.** Moisés providenciou a publicação da lei por

ocasião da cerimônia da renovação da aliança no monte Ebal (vs. 3,8).

Grandes pedras seriam caiadas, e as palavras da lei seriam escritas sobre elas. Essa técnica de escrever sobre alguma superfície caiada é tipicamente egípcia (o costume dos cananeus e dos mesopotâmicos era gravar palavras em superfícies de pedras). Visto que Moisés estava intimamente familiarizado com o Egito e seus costumes, estes versículos provêem outra indicação de que o texto do livro de Deuteronômio remonta aos tempos de Moisés.

*** 27.5 não manejarás instrumento de ferro. As pedras deviam**

ser pedras "não cortadas", ou pedras inteiras (Js 8.31; cf. Êx 20.25). Visto que o ferro foi usado na construção do templo de Salomão (1Cr 22.3,14), não precisamos concluir que o ferro fosse um metal proibido na adoração religiosa. Ver a nota em 8.9.

*** 27.12 estarão sobre o monte Gerizim, para abençoarem. Não há**

razões aparentes para as alocações dos dois grupos de tribos. Aqui Levi foi incluído entre as tribos regulares (as seis tribos que proferiram as bênçãos), embora alguns levitas devessem recitar as maldições que o povo responderia com seu "amém". A tribo de José unia as

tribos de Manassés e Efraim, pelo que a enumeração segue os nomes dos doze patriarcas, em lugar das divisões tribais posteriores.

* **27.15-26** Esta lista de delitos sujeitos a maldições não é exaustiva. Estes delitos podem ter sido escolhidos como exemplificações dos tipos de pecados que poderiam escapar à detecção, e, assim sendo, permaneceriam secretos (cf. vs. 15,24). Até mesmo pecados secretos afetariam o relacionamento pactual de Israel com Deus (cf. Js 7.10-26).

* **27.15 que fizer imagem de escultura.** A primeira maldição diz respeito à idolatria (5.7-9).

Amém. Essa palavra hebraica, transliterada para o português e outras línguas modernas, significa "assim seja".

* **27.16 desprezar a seu pai ou a sua mãe.** A segunda maldição diz respeito ao quinto mandamento (5.16).

* **27.17 os marcos.** Ver a nota em 19.14.

* **27.18 fizer o cego errar o caminho.** Lv 19.14 ordena o cuidado pelos incapazes.

* **27.19 perverter o direito.** Deus defende a causa dos desamparados

* **27.20 se deitar com a madrasta.** Ver a nota em Dt 22.30.

* **27.21 se ajuntar com animal.** A pena imposta contra essa perversão

era a morte (Êx 22.19; Lv 18.23; 20.15).

* **27.22 se deitar com sua irmã.** Essa maldição diz respeito tanto a uma

irmã legítima como a uma meia-irmã (tendo o mesmo pai, mas uma

mãe diferente). Ver Lv 18.11; 20.17.

* **27.23 se deitar com sua sogra.** A penalidade contra esse pecado era a

morte (Lv 18.17; 20.14).

* **27.24,25** Tanto o agressor secreto quanto o assassino contratado

caem sob uma maldição divina, embora ambos possam esperar não serem detectados (vs. 15-26 e nota).

* **27.26 não confirmar as palavras desta lei.** A maldição final abrange

todo o restante dos mandamentos de Deus. Paulo citou este versículo para sublinhar a severidade das exigências de Deus e a impossibilidade de merecer a salvação por meio das obras (Gl 3.10). Medidos pelos padrões de Deus, todos os seres humanos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23). Mas isso não remove a obrigação do crente em obedecer às leis morais de Deus, mediante a capacidade conferida pelo Espírito Santo.

* **28.1-68** Após registrar a liturgia do ritual da aliança, no monte Ebal

e no monte Gerizim (cap. 27), Moisés convocou a congregação em Moabe para obedecer os mandamentos de Deus, destacando as prometidas bênçãos de Deus, pela obediência, bem como as suas maldições, pela desobediência. As bênçãos são mais breves, e foram apresentadas em primeiro lugar. As maldições, pelo menos em alguns casos, são o inverso exato das bênçãos, e elas continuam com uma ênfase que inspira reverente temor antes de chegarem ao seu clímax com uma nota de condenação (v. 68).

* **28.4 fruto... fruto... fruto.** Os filhos dos hebreus, suas

plantações e seus rebanhos seriam abençoados. Para um povo de cultura agrícola, esses eram os elementos cruciais da vida física.

* **28.5 o teu cesto e a tua amassadeira. As atividades**

domésticas seriam abençoadas.

* **28.6 entrares... saíres.** Esta expressão, que se refere às

atividades diárias normais, sublinha a abrangência da bênção divina (cf. 31.2). Deus abençoaria de todas as maneiras um povo obediente.

* **28.10** Ver "'Este é o Meu Nome': A Auto-Revelação de Deus", em Êx 3.15.

* **28.11 na terra.** As bênçãos detalhadas acima seriam cumpridas na

Terra Prometida — a qual, por si mesma, era uma grande parte da bênção.

*
28.12 seu bom tesouro, o céu. Essa expressão idior expressa a

convicção de que a chuva, tão crucial para a prosperidade agrícola de Israel era um dom de Deus (11.11-17; Sl 104.13). Temos aqui uma advertência implícita contra as religiões cananéias da fertilidade que atribuíam a precipitação das chuvas ao deus pagão, Baal.

* **28.16-19** As maldições aqui existentes espelham negativamente as

bênçãos dos vs. 3-6.

* **28.23 bronze... ferro.** Essas metáforas de céus sem chuvas e de terras

estéreis seriam assustadoras para um povo agrícola, que tanto

dependia da chuva quanto de um bom solo (cf. Lv 26.19).

*** 28.25 te fará cair diante dos teus inimigos. Essa expressão é o**

contrário da bênção do v. 7, com a adição terrível de que seus cadáveres seriam expostos, sem haver ninguém para dar-lhes um sepultamento decente

*** 28.27** As várias enfermidades mencionadas aqui não podem ser

precisamente identificadas. Elas podem estar incluídas entre as "moléstias do Egito" (v. 60), das quais Deus prometeu livrar os filhos de Israel (7.15; Êx 15.26), se eles obedecessem às suas leis. Os egípcios sofriam de várias enfermidades tropicais e parasitas (cf. Dt 14.3-21, nota).

*** 28.35 planta do teu pé... cabeça.** Descrição de um grande tormento,

que também foi usado para descrever as feridas de Jó (Jó 2.7).

*** 28.36,37** A maldição pactual do cativeiro e do exílio aqui mencionada

tornou-se um importante elemento nos processos jurídicos proféticos contra o Israel desobediente, nos fins do Antigo Testamento (p.ex., Is 5.13; Jr 13.19; 29.17-19).

*** 28.36 o teu rei, que tiveres constituído sobre ti. Ver Dt 17.14-17**

quanto a outra menção de uma futura monarquia possível em Israel.

*** 28.44 Ele te emprestará a ti.** Esta maldição, tal como diversas outras

nesta seção, é o inverso de uma bênção anterior (vs. 12, 13; 23.19, nota).

* **28.49 extremidade da terra.** Essa expressão que fala em uma distância

extrema se baseia em como o olho humano percebe a terra, como se terminasse onde se encontram o horizonte e o céu; seu equivalente é "de longe" (cf. 13.7).

* **28.53 Comerás o fruto do teu ventre.** O canibalismo era um

acontecimento terrível que acontecia durante os cercos antigos, quando o suprimento alimentar de uma cidade era cortado por períodos prolongados. Essa maldição teve um cumprimento assustador durante os cercos de Samaria e de Jerusalém (2Rs 6.28,29; Jr 19.9; Lm 2.20 e 4.10).

* **28.58 este nome glorioso e terrível.** Ver "'Este é Meu Nome': A Auto-

* **28.61 no livro desta lei.** O registro escrito que documentava as

condições de uma aliança tinha valor legal e era uma parte crucial dos tratados do antigo Oriente Próximo (Introdução: Data e Ocasião). O livro de Deuteronômio como tal é o registro da aliança entre Deus e o seu povo (v. 58; 31.24-26).

* **28.64 vos espalhará.** Alguns eruditos têm argumentado que essas

ameaças de exílio indicam que porções do livro de Deuteronômio foram escritas durante ou depois do exílio babilônico (século VI a.C.). Esse argumento está baseado na opinião de que a profecia preditiva sobrenatural é uma impossibilidade. Na realidade, porém, esta maldição segundo a Aliança está lavrada em termos mais gerais do que se aplicariam ao exílio babilônico. É aqui ameaçada uma

dispersão generalizada, "de uma até à outra extremidade da terra". Teria cumprimento nos exílios assírio e babilônico, bem como na dispersão dos judeus após a queda de Jerusalém, no ano 70 d.C.

*** 28.68 mas não haverá quem vos compre.** Esse tema de abandono

ecoa o v. 29 deste capítulo. A agregação de maldições, aqui, é avassaladora. Este capítulo deve ser comparado com o trecho semelhante porém mais curto de Lv 26, que termina com a possibilidade de confissão, arrependimento e restauração. Aqui, o tema da restauração possível é transferido para o cap. 30.

*** 29.1 aliança... na terra de Moabe.** Os estudiosos têm debatido

se este primeiro versículo conclui o que antecede ou introduz o que se segue. Esta última é mais provável. Esta "aliança... na terra de Moabe" é uma renovação da aliança do Sinai ("aliança... em Horebe"). Como era usual,

Moisés recita a história dos poderosos atos divinos em favor de Israel, no êxodo do Egito e durante a peregrinação no deserto (cf. o discurso de Moisés em 1.6—4.38). Segue-se uma advertência contra apartarem-se os filhos de Israel do Senhor, uma promessa de restauração, mediante arrependimento, e uma solene exortação à obediência.

*** 29.2 na terra do Egito**. O livramento de Israel da escravidão

egípcia, que ocupa um terço do livro de Êxodo, é mencionado muitas vezes em Deuteronômio (p.ex., 1.30; 4.20,34; 5.6 e 11.2-7).

*** 29.4 o SENHOR não vos deu... olhos para ver. Paulo**

combinou este versículo com Is 29.10, e aplica ambos os versículos

aos judeus de seus dias (Rm 11.8).

*** 29.5 Quarenta anos.** A preservação especial de roupas foi

mencionada em 8.4. O fato adicional dado aqui é que eles não beberam nem vinho e nem qualquer outra bebida fermentada, visto que não havia uvas no deserto. Eles também não tinham pães, mas Deus lhes supriu com o maná.

*** 29.12 entres na aliança.** Ao chamar isso de uma renovação da aliança

do Sinai, devemos lembrar que a aliança era a mesma, mas não o povo. Todos os homens com mais de vinte anos de idade tinham perecido no deserto.

Muitas das pessoas com menos de vinte anos então, agora entre os quarenta e os sessenta anos de idade, tinham visto os grandes acontecimentos, entretanto sem tomar parte deles. Agora eles também deviam afirmar a aliança.

*** 29.19 para acrescentar à sede a bebedice.** O hebraico original desta

frase (aparentemente um antigo provérbio) é de difícil tradução. A palavra aqui tida por "acrescentar", pode ser traduzida por "incluir" ou, alternativamente, pela palavra "varrer" ou "destruir". Por igual modo, os termos aqui traduzidos por "sede" e "bebedeira" algumas vezes têm sido traduzidos por "terra regada" e por "terra seca". A frase inteira significa que o pecador não escapará ao julgamento por ocultar-se secretamente na companhia dos justos (cf. o v. 21). Outra possibilidade de tradução é: "de forma que a terra bem regada é destruída juntamente com a terra seca" ou "de forma que o beberrão será destruído com aquele que tem sede", o que indica que o pecado de um trará desgraça a muitos (cf. vs. 22-25). Uma terceira tradução possível é: "acrescentar à sede a bebedeira", precisamente o que lemos em nossa versão

portuguesa, e cujo sentido é que o homem pecaminoso piora sua culpa afundando-se mais ainda no pecado.

* **29.21 livro da lei.** Ver a nota em 28.61 (cf. Js 1.7,8).

* **29.23 Sodoma.** Os nomes das quatro cidades que foram destruídas nos

dias de Abraão são citados. Em Gn 14, cinco cidades da planície foram mencionadas, mas não é relatada a destruição das mesmas. Em Gn 19 Sodoma e Gomorra são mencionadas, e é declarado que a área inteira fora destruída, mas que Zoar fora poupada. Deuteronômio reúne os dois registros históricos e menciona as quatro cidades destruídas. O julgamento de Sodoma e das outras cidades foi um exemplo da ira divina. Tal como fizera Moisés, Isaías comparou o julgamento de Israel ao de Sodoma (Is 1.10). Jesus também comparou o julgamento, por ocasião de seu segundo advento, ao julgamento de Sodoma (Lc 17.28-35), da mesma maneira, Pedro faz posteriormente (2Pe 2.6).

* **29.29** O significado da segunda parte deste versículo é aparente: A lei

revelada por Deus reveste-se de importância vital, e os israelitas e seus filhos obrigatoriamente deviam seguir a lei revelada. A referência às "coisas encobertas" pode sugerir que Moisés enfrentava aqui o futuro incerto da nação de Israel, lembrando-se da sua inconstância, e como eles se voltaram para o bezerro de ouro em Horebe (Êx 32). Nessa incerteza, Moisés entregou o futuro incerto nas mãos de seu Deus fidedigno.

* **30.1-10** Prevendo a real possibilidade de julgamento e exílio para

Israel, Moisés vislumbra o futuro arrependimento, restauração e bênção divina de Israel após o período de julgamento. Significativamente, essa bênção futura incluirá o livramento da

escravidão ao pecado. A referência de Moisés à circuncisão do "coração" (v. 6; cf. 10.16) é básica para a expectação profética posterior (Jr 31.31 -34; Ez 36.25-27), e encontra cumprimento no Novo Testamento (Rm 2.29).

*** 30.2 de todo o teu coração e de toda a tua alma. Moisés**

referiu-se de novo ao grande mandamento de Dt 6.5, apegando-se à esperança do arrependimento onde houvera apostasia e julgamento.

*** 30.4,5** A medida da compaixão de Deus, na restauração, igualará

ou mesmo ultrapassará a medida de sua ira no julgamento e no exílio.

*** 30.6 O SENHOR... circuncidará o teu coração. Ver as notas**

nos vs. 1-10 e 10.16. A prometida restauração e renovação resultará de uma obra soberana de Deus nos corações de seus eleitos. Mediante a circuncisão (transformação) de seus corações, Deus substituirá a total incapacidade e a teimosia (5.29; 10.16; 29.4) pela humildade e pelo arrependimento de que eles precisam (cf. os vs. 1 e 2), purificando para si mesmo um povo que o amará e que lhe será obediente. Ver "Legalismo", em Mt 23.4.

*** 30.7 sobre os teus inimigos.** A restauração futura trará um

cumprimento às promessas feitas a Abraão e à sua descendência. "Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem" (Gn 12.3). Moisés vinculou a restauração prometida nos vs. 3-10 a outro julgamento de Deus contra os inimigos de seu povo.

*** 30.10** As bênçãos da aliança renovada serão inseparáveis da obediência do remanescente restaurado do povo aos mandamentos do Senhor (cf., p. ex., Mt 7.21), mas essa obediência não servirá de base. A obediência de Cristo, que é a vitória sobre o

pecado, da qual o remanescente pela fé compartilhará, é a única base meritória de tais bênçãos.

* **30.11-14** Relembrando as suas palavras em 6.6, Moisés sustenta

que o mandamento de Deus, revelado através dele, e a retidão requerida eram

facilmente alcançáveis por Israel (v. 11). Ele prevê, entretanto, que aqueles com corações e ouvidos incircuncisos duvidariam dessas revelações, negando essas verdades, e procurariam estabelecer uma justiça própria (vs. 12 e 13). Moisés, entretanto, repreendeu tal obstinação, insistindo que a palavra da retidão encontra-se muito perto, "na tua boca e no teu coração" (v. 14) — na boca e no coração que falam, não na incredulidade e na rebelião de sua retidão

própria, mas na fé e na humildade da retidão do Senhor. Essa retidão, Deus demonstrou nas obras de salvação e julgamento, mediante as quais ele confiou seu juramento a Abraão, Isaque e Jacó (cf. 8.17,18; 9.4-6; 30.1-7; especialmente 1.29-33 e 9.23). O mandamento que Moisés proclamou aqui era uma palavra que convidava à fé, e a retidão foi revelada como uma retidão alcançada pela fé (cf. v. 10, nota). Paulo aludiu a esses versículos em Rm 10.68, atualizando a admoestação de Moisés em vista da revelação da retidão de Deus na pessoa e na obra de Cristo. Paulo pregou a palavra que exige a fé no ponto onde Moisés teve que deixá-la, insistindo que o povo de Israel (e os gentios, Rm 10.12,13) deve agora confessar com sua boca que Jesus é Senhor (cf. Dt 6.4), e crer de todo coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos (Rm 10.9). A obra de Deus em Jesus Cristo revelou de novo a sua retidão (Rm 3.21-26) e confirmou seu juramento aos pais (cf. Rm 4.18-25; Gl 3). Ver "A Palavra de Deus: a Escritura como Revelação", em Êx 32.16.

* **30.15 Vê que proponho.** Moisés requereu uma tomada de decisão.

Existem dois caminhos: o da vida e o da morte, a bênção de Deus ou o julgamento certo. Josué apresentou as mesmas alternativas (Js 24.15), e Jesus, maior do que Moisés ou Josué, conclamou os seus discípulos a seguirem a vereda estreita que leva à vida (Mt 7.13,14).

*
30.19 céus e a terra... por testemunhas. A menção

lembra a forma dos antigos tratados documentados do Oriente Próximo, que tinham uma lista de testemunhas no fim, com freqüência os nomes de deuses pagãos. Na aliança bíblica, a criação de Deus foi chamada para testemunhar contra o seu povo.

* **31.1—34.12** Nesta seção final de sua obra, Moisés estipulou uma suave transição na administração da aliança após a sua morte. Também incluiu o Cântico de Moisés e a bênção de Moisés às doze tribos. O livro termina com um obituário de Moisés.

* **31.1 Passou Moisés a falar.** Essa breve exortação (vs. 1-8)

dificilmente pode ser considerada outro discurso, mas faz parte das

disposições de Moisés de suas responsabilidades finais e da transferência de autoridade a Josué, seu sucessor (Introdução: Esboço).

* **31.2 da idade de cento e vinte anos.** At 7.30 diz-nos que

Moisés tinha passado quarenta anos em Midiã, cuidando de ovelhas. Esse tempo não foi gasto em vão, pois ele aprendeu sobre a geografia e o clima da península do Sinai, preparando-se para liderar os israelitas naquela área por outros quarenta anos. A humilhação de ter sido rebaixado de príncipe no Egito para um pastor de ovelhas também foi realizado pelo propósito disciplinador divino, de preparar Moisés para seu papel maior como pastor do povo de Deus. Isso denota quarenta anos para a juventude e o treinamento de Moisés no Egito. Desta forma, Deus assegurou que Moisés fosse preparado

para a sua grande tarefa.

Já não posso sair e entrar. Uma referência às limitações sobre as atividades diárias de Moisés, como líder do numeroso povo de Israel (Dt 28.6, nota). A declaração, em 34.7, de que "não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor", não significa que ele não sentia os efeitos de sua idade avançada. O papel multifacetado de Moisés como líder estava chegando ao fim.

*** 31.3 Josué passará adiante de ti.** Ver as notas em 1.37 e 3.23.

Embora o idoso Moisés continuasse ativo (34.7), a conquista de Canaã requereria alguns anos, e era tempo para um homem mais jovem ocupar-se das tarefas do grande profeta. O mais importante, porém, é que o próprio Senhor guiaria Josué, tal como havia feito com Moisés (Êx 33.14,15).

*** 31.6 Sede fortes e corajosos.** Essas e as palavras que se

seguem assemelham-se ao encorajamento que Deus deu a Josué, depois da morte de Moisés (Js 1.9).

*** 31.7 Chamou Moisés a Josué.** A transferência de poder político

com freqüência é uma questão delicada. Sabiamente, e por ordem de Deus, Moisés elevou Josué na presença do povo de Israel.

*** 31.9 Esta lei, escreveu-a Moisés.** A conclusão do ministério da

aliança de Moisés foi marcada pelo término da escrita da lei (vs. 24-26; 28.61 e nota). Repetidamente, em Deuteronômio e Êxodo, lemos que Moisés deixara registrada por escrito a lei ou leis do Senhor. Em Levítico, a maioria dos capítulos começa com as palavras: "O SENHOR falou a Moisés". Deus usou Moisés preeminentemente para falar e para escrever suas palavras a Israel (18.15-19, nota).

*** 31.10-13** Moisés providenciou a instrução regular do povo e dos

seus filhos, na lei da aliança, pelos sacerdotes, num período do ano em que o povo teve tempo amplo para aprender. A Festa dos Tabernáculos caía no outono e perdurava por uma semana (16.13-17, nota). Durante o ano sabático, a terra ficaria sem cultivo, e o povo, desta forma, não estaria sobrecarregado com deveres agrícolas (15.1, nota). Essa prática de ler a lei em intervalos regulares era característico dos tratados de suserania entre as nações, nos tempos de Moisés, que tipicamente proviam a publicação regular das condições contratuais da aliança (Introdução: Data e Ocasião).

* **31.14 tenda da congregação.** A legitimidade e autoridade de Josué, como sucessor de Moisés, foi sublinhada por sua comissão na tenda da congregação, acompanhada pelo aparecimento de Deus na coluna de nuvem (cf. Nm 12.4-12).

* **31.19 Escrevei para vós outros este cântico.** Conhecendo a inclinação do povo de Israel para a infidelidade (v. 21), e percebendo o poder do cântico na adoração e na memória, o Senhor ordenou a Moisés escrever um cântico que serviria como testemunho nos dias futuros. Outros exemplos da poesia de Moisés incluem Êx 15.1-18; 32.18; Nm 10.35,36 e Sl 90.

* **32.1 ó céus... a terra.** Moisés tinha chamado os céus e a terra como testemunhas no fim da renovação da aliança, em 30.19.

* **32.3 proclamarei o nome do SENHOR.** Este cântico visava testemunhar sobre o Senhor, sobre a sua vontade e sobre a obra salvífica de Yahweh em favor de Israel nos dias futuros.

* **32.4 Rocha!** Este versículo traz a primeira citação nas Escrituras de "Rocha" como sendo um nome para Deus (vs. 15, 18 e 30; e há uma figura semelhante, em Gn 49.24, mediante o uso de

uma palavra hebraica diferente). Sugerindo a fidelidade e a permanência constantes do Senhor, esse vocábulo é comum nos Salmos e em outras passagens poéticas (Sl 95.1; Is 44.8).

* **32.5 suas manchas.** Note o agudo contraste entre o Deus

constante e justo (v. 4) e a nação corrupta (v. 5).

* **32.8 as heranças.** O sentido aqui é que Deus, por decreto, deu

a Terra Prometida a Israel. Era uma antiga concessão aos patriarcas (v. 7).

segundo... filhos de Israel. Deus é soberano sobre toda a história do mundo, mas a própria história segue dentro do interesse do plano de redenção de Deus para seu povo escolhido de Israel (Gn 12.3).

* **32.10 como a menina dos olhos.** Uma referência à pupila dos olhos (ver a referência lateral). Assim como a pupila dos olhos é ciosamente guardada contra qualquer ferimento, assim Deus protegeria a Israel.

* **32.11 voeja sobre os seus filhotes.** A figura é a de uma águia a ensinar seus filhotes a voar. As figuras poéticas do Cântico de Moisés são poderosas expressões das relações de Deus com o seu povo. Ver também Gn 1,2 e nota.

* **32.14 carneiros... Basã.** Ver a nota em 3.1.

* **32.15 o meu amado.** No hebraico, *Jesurum.* Essa palavra deriva do termo hebraico para "reto" *(yashar).* Com freqüência usado para representar Israel como o povo reto de um Deus santo e reto (33.5,26; Is 44.2), aqui o

termo é usado ironicamente.

engordando-se... deu coices. Israel é aqui descrito como sendo a

figura sugestiva de um boi cevado.

*** 32.17** Ver a nota teológica "Demônios", índice.

*** 32.21 não é povo.** Tal como Israel provocou a Deus ao adorar aquilo

que "não era Deus", assim também Deus o provocou por meio "daquele que não é povo" (povo fora da esfera da aliança mosaica). Essa profecia foi parcialmente cumprida no Antigo Testamento quando Israel foi derrotado pelo instrumento do julgamento divino, os assírios e os babilônios (Is 10.5; Jr 21.410). No Novo Testamento, Paulo encontrou outro cumprimento deste versículo na extensão do evangelho aos gentios (Rm 10.19 e 11.11).

*** 32.22 um fogo se acendeu... até ao mais profundo do inferno.**

Quanto à figura da ira de Deus como um fogo consumador, ver Sl 21.9; Jr 15.14; 17.4. A figura poética aqui representa a ira de Deus como se fosse um fogo que a tudo devora, que queima até ao mais profundo sepulcro, consumindo a superfície da terra, e que chega às raízes dos montes.

*** 32.27 para que os seus adversários não se iludam. Embora Israel**

merecesse ser destruída, por causa de sua desobediência (v. 26), o Senhor preserva um remanescente do povo israelita, para que os gentios não tomassem o crédito por sua vitória sobre Israel e deixassem de ver a mão de Deus na história. A Assíria e a Babilônia foram mais tarde julgadas por sua arrogante falta de entendimento (Is 10.12-19; 47.6-8).

*** 32.30 um só perseguir mil.** O número de pessoas não é importante

quando o Senhor faz intervenção. Israel, com a ajuda de Deus, poria em fuga um vasto número de adversários (Lv 26.8), ao passo que um Israel numeroso mas desobediente seria derrotado por alguns poucos, chegando mesmo a fugir quando ninguém os estivesse perseguindo (Lv 26.17).

*** 32.32 vinha de Sodoma.** Os deuses falsos produzem más ações e um

fruto venenoso. Sodoma era um símbolo de terrível destruição (29.23, nota).

*** 32.35 A mim me pertence a vingança, a retribuição. O Novo**

Testamento cita este versículo por duas vezes, de maneira levemente diferente (Rm 12.19 e Hb 10.30).

*** 32.36 justiça... compadecerá.** A relação destes termos sugere que

"justiça" aqui significa "tomará vingança" (cf. v. 43). Contudo, Israel deve ver que não existe ajuda à parte do único Deus verdadeiro.

*** 32.39 Eu Sou, Eu somente.** Os hebreus enfatizavam mediante a

repetição. Esta estrofe inteira é uma impressionante expressão da singularidade de Deus em seu ser, poder, providência e justiça. Visto que Deus é tanto infinitamente justo quanto Todo-poderoso, podemos ter a certeza de que o mal será finalmente destruído (Ap 19.1,2).

*** 32.43 Louvai ... o seu povo.** A Septuaginta (o Antigo Testamento grego)

e um dos rolos dos Papiros do Mar Morto tem uma versão mais longa desta frase (ver a referência lateral). Essa versão maior é citada em

Hb 1.6.

vingará o sangue dos seus servos. Este cântico triunfal de Moisés é ecoado na consumação da história da humanidade (Ap 19.2).

*** 32.47 é a vossa vida.** Moisés enfatizou, uma vez mais, que a

obediência sincera aos mandamentos de Deus é uma questão de vida — vida eterna — e de morte (30.19,20).

*****

32.49 monte Nebo. Usualmente identificado com o atu

uma montanha a cerca de 19 km a leste de onde o rio Jordão entrava no mar Morto. Elevando-se a 1.220 m acima do mar Morto, esse monte proveu a Moisés um ponto vantajoso para ver a Terra Prometida.

*** 33.1-29** Em Gn 49, os filhos de Lia são citados em primeiro lugar,

seguidos pelos filhos da criada de Raquel. Aqui a ordem é diferente. Rúben, o filho primogênito de Jacó, é mencionado primeiramente (v. 6), seguido pela tribo real de Judá (v. 7; cf. Gn 49.10), e da tribo sacerdotal de Levi (vs. 8-11). As tribos que descendiam dos filhos de Raquel aparecem em seguida (vs. 12-17), seguidos pelos filhos remanescentes de Lia, Zebulom e Issacar (vs. 18, 19). Finalmente, são mencionados os filhos das criadas (vs. 20-24). A tribo de Simeão é omitida, talvez para reter o número doze, embora a bênção de Jacó tivesse predito que os descendentes de Simeão seriam espalhados por todo o Israel (Gn 49.7).

*** 33.1 homem de Deus.** Esta expressão é costumeiramente

usada para indicar os profetas (1 Sm 9.6; 1Rs 13.1; 17.18; 2Rs 4.7), mas é aplicada a Moisés somente aqui e no título do Salmo 90.

* **33.2 O SENHOR veio de Sinai.** O evento definidor do ministério

de Moisés, a revelação no Sinai, é relembrado ao descrever a teofania no monte (Êx 19.18; cf. Hc 3.3).

santos. Provavelmente temos aqui uma referência aos anjos das hostes celestiais que circundam o trono de Deus (cf. 1Rs 22.19; Dn 7.9,10). O Novo Testamento também menciona o papel dos anjos, na transmissão da lei mosaica (At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2 e nota).

* **33.5 se tornou rei ao seu povo amado. Uma referência ao**

Senhor como rei sobre o seu povo (cf. 1Sm 12.12; Sl 10.16). Moisés nunca foi chamado de rei. Quanto a "povo amado" ver Dt 32.15.

* **33.6 não sejam poucos.** O hebraico também, pode ser

traduzido por "mas sejam poucos". Esse texto alternativo pode refletir a maldição lançada contra Rúben, em Gn 49.3,4.

* **33.7 Judá.** Essa bênção subentende o papel guerreiro dos reis

davídicos, descendentes de Judá, ao conduzirem Israel à batalha. Mas a bênção de Judá é extremamente breve, em vista da promessa do governo que

seria dado a Judá, em Gn 49.8-12 e em vista do papel extenso de Judá em sua história posterior. A brevidade dessa bênção indica uma data do livro de Deuteronômio durante o período de vida de Moisés.

* **33.8 Levi.** A bênção sobre Levi reflete a fidelidade deles ao

tempo do bezerro de ouro, quando Levi pôs-se ao lado de Moisés e atuou no julgamento contra os descendentes de seus irmãos pecaminosos (Êx 32.2729).

Tumim... Urim. Ver a nota em Êx 28.30.

* **33.16 que apareceu na sarça.** Moisés alude aqui a Êx 3.4.

príncipe entre seus irmãos. Ou: "separado dentre seus irmãos". A palavra hebraica traduzida por "separado dentre" algumas vezes é usada para os que cumpriam o voto do nazireado (cf. Nm 6.1-21, nota). Mas essa palavra também pode significar "príncipe" (conforme encontramos em nossa versão portuguesa). É aplicada a José, em Gn 49.26, com bênçãos semelhantes. Por causa das bênçãos mencionadas, o sentido de "príncipe" pode ser preferido.

* **33.17 miríades... milhares.** Durante esse período, Efraim era menos numerosa do que Manassés (Nm 26.34,37), mas Efraim estava destinada a tornar-se mais numerosa e importante do que Manassés (cf. Gn 48.17-20). Por causa da importância da tribo de Efraim, o nome "Efraim" posteriormente foi aplicado às dez tribos do norte, que formaram a nação de Israel (cf. 2Cr 25.7; Os 5.3,11-14).

* **33.22 Basã.** Ver a nota em Dt 3.1. Essa bênção pode referir-se à localização onde se estabeleceu a tribo de Dã, perto de Basã (Jz 18.27-29). Mais provavelmente, uma comparação entre Dã e a força e a ferocidade dos leões que habitavam as florestas de Basã pode estar em foco.

* **33.24 banhe em azeite o seu pé.** O azeite de oliveira, valioso como alimento e também como combustível para as lamparinas, simboliza aqui a

prosperidade material da tribo de Aser (Gn 49.20; cf. Jó 29.6).

* **33.26-29** Esta estrofe final tem abençoado os corações do povo de Deus através dos séculos. O Senhor é o Deus majestoso (v. 26), o Deus eterno (v. 27), o Deus protetor e providencial (v. 28). A grande bênção de Israel era que ele era o Deus deles. Tão esplêndido hino de louvor talvez só seja igualado por certas passagens do Novo Testamento, como "o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro", em Ap 15.3,4.

* **33.26 ó amado.** Ver Dt 32.15 e nota.

* **34.1-12** Este capítulo é um suplemento, possivelmente

acrescentado pelo autor do livro de Josué, a fim de vincular sua obra com os livros de Moisés (Introdução: Autor).

* **34.1 de Gileade até Dã.** As descrições que encontramos aqui e

no v. 2 citam as áreas em termos das áreas das tribos, conforme elas aparecem no livro de Josué (Js 13—19).

* **34.7 não... escureceram... abateu. Ver nota em 31.2.**

* **34.8 por trinta dias.** O mesmo período de lamentação que

houve no caso de Arão (Nm 20.29; cf. Gn 50.3,10; 2Sm 1.12). Exibições ritualistas de lamentação, no Antigo Testamento, incluíam choro, jejum, rasgar das vestes, o vestir de panos de saco e lançar pó sobre a cabeça (ver Gn 37.34,35; Sl 35.13; Lm 2.10). Certas práticas de lamentação pelos mortos eram proibidas em Israel (14.1, nota).

* **34.9 espírito de sabedoria... impôs sobre ele as mãos.**

Moisés, anteriormente, havia imposto as mãos sobre Josué, para simbolizar a transferência da liderança divinamente ordenada (Nm 27.18). Deus confere poder àqueles a quem ele escolhe e ordena para o serviço.

* **34.10-12** Ver a nota em 18.15-19; "Profetas", em Dt 18.18.

* **34.10 Nunca mais.** Visto que nenhuma duração de tempo é

especificada, essas palavras não subentendem, necessariamente, que muitas gerações se tinham passado desde a morte de Moisés. Josué tomou o lugar de Moisés, mas ele percebeu que os milagres de Moisés e seu acesso a Deus foram inigualáveis (18.15-19, nota; Nm 12.6-8).

*
34.11 sinais e maravilhas. Jesus se levantou como u

semelhante a Moisés, mas superior a ele. Jesus operou milagres, sinais e maravilhas perante os reis e demais governantes do povo, bem como à vista de todo o povo de Israel (Mt 4.23-25; At 2.22; 3.22-26).

JOSUÉ

*** 1.1-18** As palavras iniciais indicam tanto o ponto de partida

histórico do livro como a necessidade que o povo enfrentou de uma reavaliação de sua comunhão com Deus da qual o livro trata. A morte de Moisés conclui o castigo de Deus sobre a geração que saiu do Egito (5.4-6; Dt 1.35; 32.51). Que se deve dizer quando Moisés tinha morrido e o povo de Israel tinha caído debaixo do julgamento de Deus? Este primeiro capítulo introduz a resposta a esta pergunta, a saber que mesmo "depois da morte de Moisés", o Senhor foi fiel às suas promessas. Ver Introdução: Características e Temas.
Essa realidade e suas conseqüências foram descritas por Deus a Josué (vs. 1-9), e então por Josué ao povo de Israel em geral (vs. 10 e 11), e, em particular às duas tribos e meia (vs. 12-15). Finalmente, ficou registrada a reação do povo (vs. 16-18).

*** 1.1 servo do SENHOR.** Esse título de honra sugere o papel

especial de Moisés dentro dos propósitos de Deus (vs. 1, 2, 7, 13, 15; cf. Is 42.1). Esse título também foi dado a Abraão (Gn 26.24), e será aplicado a Josué por ocasião de sua morte (24.29).

Josué. O nome de Josué foi mudado de "Oséias" ("salvação") para "Josué" ("o SENHOR é salvação"), por Moisés (Nm 13.16). Josué aparece como assistente de Moisés desde Êx 17. Ele foi um dos homens enviados de Cades-Barnéia para explorar a Terra Prometida (Nm 13.8), e ele se uniu a Calebe convidando os israelitas a confiarem no Senhor, e não se rebelarem contra ele (Nm 14.6-9). Tal como Calebe (Dt 1.36) ele escapou ao julgamento que caiu sobre aquela geração, por causa de sua recusa em obedecer a Deus em Cades-Barnéia. Josué foi apresentado como sucessor de Moisés, conforme fora antecipado antes da morte de Moisés (Nm 27.12-23; Dt 3.28; 31.1-8). O papel de Josué, porém, continuou a ser subordinado

ao papel de Moisés. Isso foi expresso na sua submissão ao "livro da lei" (1.8, nota), bem como em sua obediência aos mandamentos de Moisés, algo repetidamente enfatizado por todo o livro (p.ex., 1.7; 8.31; 11.12,15; 14.2,5 e 20.2). Na transição entre Moisés e Josué há continuidade, porque o propósito de Deus para com Israel persiste, mas

também existe descontinuidade, porquanto a era de Moisés foi ímpar e é o padrão de comparação para as gerações futuras. Há, semelhantemente, uma continuidade e também descontinuidade na transição no Novo Testamento, entre os evangelhos e o livro de Atos.

*** 1.2 passa este Jordão.** O povo de Israel estava no lado leste

do rio Jordão (Dt 1.1), que tem um vale profundo e formava uma formidável fronteira entre eles e a terra que Deus lhes havia prometido, ao oeste. Ver também 3.15.

à terra. A Terra Prometida foi uma dádiva de Deus aos israelitas, em fidelidade à sua promessa a Abraão (vs. 3 e 6). Este é o tema dominante do livro: note a elaboração dessa idéia, em 24.13, que ecoa em Dt 6.10,11. A terra é uma expressão daquilo que o Novo Testamento chama de "graça" (Ef 2.8). Ver nota em 21.43.

*** 1.3 vosso pé.** A palavra "vosso" está no plural, indicando que a

promessa foi dirigida a todo o povo de Israel.

***1.4** A extensão da Terra Prometida aqui excede aquilo que foi,

de fato conquistado nos dias de Josué e corresponde às dimensões do reino de Davi e Salomão (1Rs 4.21). A despeito da ênfase sobre o cumprimento nos dias de Josué (21.45, nota), o livro entende a promessa como se ainda apontasse para o futuro (13.1, nota; 23.5,12-13).

* **1.5-9** Estas promessas foram dirigidas a Josué, pessoalmente, como o sucessor de Moisés. Esta seção começa e termina com a promessa de Deus de que estaria com Josué. Em segundo e penúltimo lugar, pela ordem, está a exortação para ele ser forte e corajoso. No meio está o mandamento para guardar a lei juntamente com a promessa de vitória se ele assim procedesse. No cap.23, Josué aplicou essas idéias a todo povo de Israel, à luz da fidelidade de Deus, que o livro de Josué proclama.

* **1.5 serei contigo.** Ver Gn 26.3 e notas; Êx 3.12. A presença

divina não é um conceito geral aqui, nem uma experiência mística, mas é a presença de Deus para cumprir as suas promessas. Cf. a promessa de Jesus, em Mt 28.20.

* **1.6 Sê forte e corajoso.** A confiança, baseada nas promessas

de Deus, é a essência da fé bíblica (vs. 9,18; 8.1; 10.8,25 e 11.6).

herdar. A noção de que a terra era uma herança é uma idéia importante neste livro. Uma herança é alguma coisa entregue no passado, como a terra foi dada na promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó. Em segundo lugar, o que é herdado demanda responsabilidades. Ver 1 Pe 1.4.

* **1.7 fazer.** O relacionamento essencial entre a fé e a obediência

é ilustrada aqui. A fé é a confiança baseada na promessa de Deus (v. 6), e tal fé resulta na obediência (v. 7).

a lei. A palavra hebraica é mais ampla em seu significado do que "lei" em português. Pode incluir tanto promessas quanto mandamentos, bem como os registros das atividades de Deus. Ver nota teológica, índice, "A Palavra de Deus: a Escritura como Revelação".

bem-sucedido. O sucesso deve ser entendido aqui em termos daquilo que Deus prometeu. Tal sucesso não pode ser compreendido

simplesmente como uma recompensa obtida mediante a obediência, porque a promessa foi prometida antes de qualquer ato de obediência. Seria mais exato compreender o sucesso prometido como algo que podia ser perdido devido à desobediência.

* **1.8 livro da lei.** Ver 8.34-35; 23.6; 24.26; Dt 31.24-26.

medita. Cf. Sl 1.2. Da meditação no livro da lei fluem todas as conseqüências da promessa já vista nos vs. 6 e 7; a obediência e o sucesso (v. 8), a fé e a presença de Deus (v. 9). Ver nota teológica, índice, "Entendendo a Palavra de Deus".

* **1.11 três dias.** A narrativa de Josué não foi disposta em uma

ordem cronológica estrita (Introdução: Características e Temas). É possível que o mandamento do v. 11 fosse proferido após 3.1, mas foi registrado aqui para indicar o papel de Josué como o líder do povo por designação divina. É possível que "três dias" não seja uma expressão exata, mas que o seu sentido seja "alguns poucos dias".

possuirdes. A promessa que Deus havia dado (v. 2) requer o ato humano de tomar posse, um ato de fé obediente (vs. 6; 18.3 e notas).

* **1.12-15** Nm 32 mostra-nos como os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés (13.8, nota) já tinham recebido sua porção de terras a leste do rio Jordão. Ficou entendido que eles se ajuntariam ao resto de Israel na conquista da porção ocidental da Terra Prometida (Nm 32.16-32; Dt 3.18-20). Todo o povo de Israel devia participar em tomar posse da Terra Prometida como um todo. Há uma dramática seqüência no cap.22. Ver notas em 12.1 e 13.8-33.

* **1.13 descanso.** Ver também o v. 15. O alvo da dádiva divina da

Terra Prometida é, com freqüência, referida como "descanso" (11.23; 21.44; 22.4; 23.1) uma condição ou estado que vincula a terra com os propósitos de Deus na criação (Gn 2.2,3). Quanto à extensão neotestamentária da idéia, ver Hb 3.7—4.11.

* **1.16-18** A resposta obediente dos israelitas a Josué, e, portanto, a

Deus, será ecoada e elaborada no fim do livro (Js 24.16-24). A conexão essencial entre a fé e a obediência fica implícita aqui: a obediência do povo era uma evidência de que eles acreditavam na promessa. As qualidades necessárias para a liderança de Josué consistiam em Deus estar com ele (v. 5 e nota), e dele ser um homem de fé (v. 6, nota).

* **2.1—5.12** A primeira seção principal do livro relata o movimento dos

israelitas desde Sitim (2.1), atravessando o rio Jordão (caps. 3; 4; cf. 1.2), até

entrarem na terra de Canaã. Esse movimento assinala o fim de uma era (5.9) e também o começo de uma nova vida na Terra Prometida (5.12). Isso representa o primeiro testemunho principal do livro acerca da fidelidade de Deus para com suas promessas.

* **2.1-24** Antes da seqüência esperada do capítulo 1 (a saber, 3.1),

há a surpreendente história dos espias que retornaram a Josué proclamando a promessa de Deus (v. 24; cf. 1.2-5). Embora o livro de Josué descreva, com detalhes gráficos, a destruição dos cananeus (caps. 6—12), ele também dá um lugar proeminente a Raabe, uma prostituta cananéia (Lv 18.24 no contexto).

Foi dos lábios dela que os espias ouviram o testemunho da promessa e do poder de Deus (vs. 9-11), à luz da qual ela buscou e encontrou "misericórdia"

(v. 12). Ela será poupada do julgamento vindouro (6.22,23), encontrando um lugar entre o povo de Deus (6.25). Este capítulo testifica a graça de Deus ao levar tal mulher a buscar e encontrar a

misericórdia divina. A história de Raabe aplica uma importante perspectiva aos julgamentos de Deus, que ocuparão grande parte deste livro.

* **2.1 Sitim**. Esse local serve de lembrete de um tempo quando

Israel se tornou culpado de adultério (tanto físico quanto espiritual; Nm 25.1-3), um período que não foi esquecido neste livro (22.1).

espias. O papel desempenhado por esses espias, foi tanto incomum quanto a conquista que se seguiu. Tanto o papel deles como a conquista são moldados pela promessa de Deus. Ver o relatório que trouxeram de volta, no v. 24. Cf.

Nm 13.17-20.

prostituta, cujo nome era Raabe. A narrativa não diz por qual razão eles escolheram a casa de Raabe. Ela é relembrada no Novo Testamento como pertencendo à linhagem de Cristo (Mt 1.5), e também como um exemplo de fé (Hb 11.31) e de boas obras (Tg 2.25).

* **2.2 rei de Jericó.** A terra de Canaã compunha-se de cidades-

estado, cada qual com seu próprio monarca.

* **2.3** A narrativa, narrada com habilidade, cria um momento de

2.3

tensão antes de anunciar ao leitor que os homens tinham estado escondidos (v.

4).

* **2.4 eu não sabia.** Na verdade, ela sabia (v. 9). O autor do livro

de Josué não justificou e nem condenou Raabe por haver mentido, mas Tiago aprovou a ação dela (Tg 2.25). Usar de meios para ludibriar o inimigo é uma tática necessária numa guerra. A questão fundamental foi que assim, Raabe protegeu os espias estrangeiros (vs. 9-11).

* **2.7 fechou-se a porta.** O clima de suspense da narrativa

aumenta aqui, pois os espias parecem agora ter sido apanhados.

* **2.9 sei.** Raabe sabia o que Deus queria que os israelitas

soubessem (3.10) — que a promessa divina era verdadeira.

pavor. Essa é a reação inevitável de encontrar-se do lado errado daquilo que Deus promete fazer. Contrastar 1.6. Na guerra santa o pânico tomava conta dos inimigos de Deus apenas pela aproximação do exército divino (5.1; 9.24; 10.2; Êx 15.14-16; Dt 2.25).

* **2.10 temos ouvido.** A causa do conhecimento de Raabe, bem

como do terror dos cananeus, eram as notícias daquilo que Deus já tinha feito em favor de Israel, em fidelidade às suas promessas. Ver nota em 9.3.

amorreus. O termo "amorreus" é flexível, algumas vezes aplicado a todos os povos da terra de Canaã (p.ex., 24.15), algumas vezes mais especificamente ao povo que habitava na região montanhosa (p.ex., 5.1), especialmente em distinção aos jebuseus, que também residiam na região montanhosa (p.ex., 3.10).

Seom e Ogue. Ver nota em 12.2-5.

destruístes. Ver notas em 6.17,18.

* **2.11 o SENHOR vosso Deus é Deus em cima nos céus e em**

baixo na terra. O reconhecimento de Deus, requerido em Israel (Dt 4.39) foi expresso por Raabe.

*** 2.12 misericórdia.** A palavra hebraica com freqüência refere-se

à misericórdia de Deus para com Israel, em consonância com as suas promessas.

um sinal certo. Provavelmente o juramento referido no v. 14.

*** 2.13 livrareis a nossa vida da morte.** A misericórdia que Raabe

buscou pressupõe a certeza que ela tinha das promessas de Deus. Essa certeza envolvia o livramento da ira vindoura (cf. 1Ts 1.10).

*** 2.14 dando-nos o SENHOR esta terra.** A certeza da promessa

divina é novamente tomada por certa.

*** 2.15 os fez descer... o muro da cidade. A situação de**

suspense criada nos vs. 2, 3 e 7 é aqui resolvida.

*** 2.18 cordão de fio de escarlata.** O fio escarlata não é

mencionado no cap.6. É improvável que uma significação simbólica por estar compreendida na cor escarlata, embora possamos fazer uma associação com o cordeiro pascal e o sangue de Cristo.

*** 2.24 o SENHOR nos deu.** Os espias voltaram com o relato de

que a promessa de Deus era, verdadeiramente, certa (1.2); e isto eles tinham aprendido de Raabe.

*** 3.1—4.24** A travessia do rio Jordão, o rio que assinalava a fronteira da Terra Prometida, foi uma ocasião de admiração

comparável à travessia do mar Vermelho (4.23; cf. 3.7; 4.14). A grande significação dessas maravilhas é

indicada em 4.24. Essas maravilhas deviam permanecer como um testemunho para todos os povos de todos os séculos de que a mão do Senhor é poderosa. A proeminência da arca da aliança (3.3, nota) relaciona o poder de Deus às promessas Deus que são o âmago da aliança. O cap.3 apresenta os eventos em ordem; o cap.4 retorna e elabora diversas questões, especialmente as pedras memoriais em Gilgal.

* **3.2 três dias.** Ver nota em 1.11.

* **3.3 a arca da Aliança do SENHOR, vosso Deus. Ver Êx**

25.10-22; Dt 10.5. A arca da aliança desempenha um papel proeminente nos caps. 3, 4, 6 e 8. Ela representava não somente a presença do Senhor (Nm 10.33-36), mas especificamente a sua aliança, que implica em seu compromisso diante de suas promessas, bem como as obrigações conseqüentes de Israel. Ver notas em 1.5 e 24.25.

os levitas sacerdotes. Ver Dt 10.8.

* **3.4 Haja a distância... entre vós e ela. O propósito dessa**

separação pode ter sido para assegurar que a arca estivesse visível para o maior número possível de israelitas. Ver 4.11.

* **3.5 Santificai-vos.** Ver 5.15 e nota. Provavelmente refere-se a

atos físicos como lavar-se, que simbolizava a santidade do povo. Houve um requisito semelhante quando Deus desceu para o povo, no monte Sinai (Êx 19.10,14,15).

maravilhas. A mesma palavra foi usada para indicar as pragas do

Egito (Êx 3.20; Jz 6.13; Sl 78.11 e Mq 7.15), bem como por ocasião da conquista da terra de Canaã (Êx 34.10; 1Cr 16.9-24; cf. Jr 21.2).

*** 3.7 começarei a engrandecer-te.** O Senhor validaria a

liderança de Josué repetindo as maravilhas que ele fizera às margens do mar

Vermelho através de Moisés. O Deus de Josué era o Deus de Moisés. Ver nota em 4.14.

para que saibam. Os atos de Deus com frequência têm o propósito de esclarecer e dar conhecimento (Êx 8.10; Dt 4.35; 2Rs 19.19; Is 45.6). Tal conhecimento nunca é meramente intelectual. Entretanto, é atingível mediante o ouvir acerca dos atos de Deus, bem como de contemplá-los (2.9,10; 4.24). Aqui, o objeto do conhecimento é a presença de Deus com Josué (1.5, nota; cf. Êx 14.31), que o povo de Israel experimentaria através da fidelidade de Deus às suas promessas. Ver notas no v. 10; 4.24.

*** 3.9 ouvi as palavras do SENHOR, vosso Deus. Esse é um**

dever fundamental do povo de Deus. Ver 1.8; 24.2.

*** 3.10 Nisto.** A referência provável é ao milagre inteiro da

travessia do rio Jordão, embora a atenção se enfoque sobre o papel da arca (v. 11).

conhecereis. Ou seja: "conhecer por experiência". Cf. o v. 7. O que eles conheceriam era a presença de Deus no meio deles, no cumprir sua promessa a eles até um certo ponto. Notavelmente, esse conhecimento já havia sido assimilado por Raabe, em 2.9.

o Deus vivo. O Deus de Israel se opunha aos ídolos sem vida e era contrastado com eles (Dt 32.21).

cananeus... jebuseus. Temos aqui uma das diversas maneiras de mencionar os habitantes da terra de Canaã (Gn 15.18-21; Dt 7.1). Ver nota em 2.10.

*** 3.11 a arca da Aliança do Senhor de toda a terra. Lit., "a arca**

da Aliança, o Senhor de toda a terra". Não somente o símbolo da aliança, mas o próprio Senhor iria à frente de seu povo. O lembrete de que ele é o Senhor de toda a terra, sugere que os eventos que se seguem teriam um propósito que ultrapassaria as fronteiras de Israel (4.24; cf. 2.11; Gn 12.3; Êx 19.5,6).

*** 3.12 doze homens.** Isso antecipa o principal assunto do cap.4; ver 4.2.

*** 3.13 se amontoarão.** Essa linguagem tem similaridades com Êx

15.8 e Sl 78.13, que descrevem a travessia do mar Vermelho (4.23). O Deus do êxodo é o Deus da conquista.

*** 3.14 Tendo partido o povo.** Este versículo retoma as ações a

partir do v. 6.

*** 3.15 o Jordão transbordava... todos os dias da sega. Essa**

informação vital toma o leitor de surpresa. A travessia seria ainda mais notável do que o v. 13 tinha indicado.

*** 3.17 a arca.** Sendo instrumental no milagre, a arca transmitiu a

poderosa mensagem da fidelidade de Deus às suas promessas da aliança.

*** 4.2 doze homens.** Todas as tribos de Israel deviam estar

representadas (1.12-15).

* **4.6 sinal.** Esse testemunho para as gerações futuras, sobre a

fidelidade de Deus, foi o primeiro entre os muitos testemunhos do livro de Josué (7.26; 8.29). Ver nota no v. 9.

Que vos significam estas pedras? Êx 12.26,27 e Dt 6.20-25.

* **4.7 arca.** Assim como a arca da aliança aparece com

proeminência no cap.3, da mesma forma, ela também é central para o relato da história às gerações futuras. Ver notas em 3.3,17.

memorial. O propósito do "sinal" (v. 6) e o relato sobre o mesmo era que as gerações futuras se lembrassem da maravilhosa fidelidade de Deus às suas promessas. Quanto à importância de tal lembrança para Israel, ver Dt 8.1-20; 1Co 11.25 e 2Tm 2.8.

* **4.9 até ao dia de hoje.** Isto é, até o dia em que o escritor

sagrado escreveu o livro de Josué. Essa expressão ocorre com freqüência no livro de Josué (5.9; 6.25; 7.26; 8.28,29; 9.27; 10.27; 13.13; 14.14; 15.63 e 16.10), o que aponta para a evidência em favor da verdade e da relevância da narrativa.

* **4.12 Rúben... Gade... Manassés. Ver 1.12-15.**

* **4.13 uns quarenta mil.** Alguns estudiosos sugerem que a

palavra traduzida aqui por "mil" significa uma unidade militar de número não-especificado, um "contingente".

* **4.14 o SENHOR engrandeceu a Josué... e respeitaram-no. A**

exaltação de Josué ocorreu em cumprimento a 3.7. Ver Êx 14.31. A poderosa fidelidade de Deus às suas promessas teve o efeito de

exaltar aquele cuja liderança estava baseada nessas promessas.

* **4.15-18** Aqui é descrita a conclusão do milagre, com o enfoque

ainda sobre a arca.

* **4.16 a arca do Testemunho.** Também chamada de a arca da

Aliança (Êx 25.16,21,22; 31.18; 32.15 e 40.20). Os Dez Mandamentos tinham sido depositados na arca como um testemunho à aliança que Deus fizera com Israel.

* **4.19 no dia dez do primeiro mês.** Esse é o dia em que o

cordeiro pascal devia ser escolhido (Êx 12.3), sublinhando a conexão entre a travessia do rio Jordão e o Êxodo. Ver vs. 23 e 5.10.

* **4.23,24** O pronome "vosso", nos vs. 23 e 24 identifica as gerações

posteriores com os grandes atos anteriores de Deus, como Moisés fez em Dt 4.9-24; 5.2-5, e conforme Josué fará em Js 24.5-10 (24.7, nota).

* **4.24 todos os povos da terra.** As maravilhas dos caps. 3 e 4

teriam efeitos que ultrapassariam a geração imediata e iriam muito além do povo de Israel (2.10; 5.1; cf. Gn 12.3). As admiráveis obras de Deus na Bíblia devem afetar aqueles que ouvem falar delas, tão poderosamente como aqueles que as vêem (Êx 10.2; e, supremamente, Jo 20.30,31). Ver notas em 2.9,10.

conheçam. O conhecimento de Deus e de seus propósitos constituem-se nos objetivos daquelas maravilhas (3.7,10 e notas). Agora fica demonstrado que esse alvo é aplicável a todos os povos. Esse conhecimento não subentende, necessariamente, a salvação

(Êx 14.18).

temais ao SENHOR. Uma expressão comum do Antigo Testamento que representa a verdadeira fé (Sl 128.1). Ver 24.14, nota.

* **5.1-12** Um momento significativo (v. 9) com o deserto atrás deles e a

nova vida na Terra Prometida à sua frente (vs. 11,12), assinalado por dois atos simbólicos: a circuncisão (vs. 2-8) e a páscoa (v. 10). A circuncisão foi o sinal da aliança com Abraão (Gn 17.9-14, notas), e era requerida para a participação na páscoa (Êx 12.48). A circuncisão marcava o povo da promessa; a páscoa celebrava sua redenção do Egito. Tanto a promessa feita a Abraão quanto a redenção da escravidão no Egito previam esse dia (Gn 17.8; Êx 3.8).

* **5.1 ouvindo todos os reis**. Ver 4.24; nota em 2.9.

amorreus. Ver nota em 2.10.

* **5.2 Passa, de novo, a circuncidar. Ver o v. 5.**

* **5.4-7** Essa circuncisão era necessária porque a geração que saíra do

Egito tinha caído sob o julgamento de Deus. Em sua graça, Deus estava levantando uma nova geração para si mesmo (v. 7). A circuncisão física tinha seu significado espiritual, a circuncisão do coração (Dt 10.16; 30.6 e notas).

* **5.6 não obedeceram à voz do SENHOR.** Essa é a descrição

mais simples do comportamento que provocou o juízo divino. A referência é a Nm 14 (Dt 1.32,43).

o SENHOR tinha jurado. As promessas de Deus podem ser negativas.

* **5.7 em seu lugar pôs a seus filhos**. Essa gente, na realidade,

formava um "novo Israel”.

* **5.9 removi de vós o opróbrio do Egito. Essas palavras**

indicam a grande significação daquele momento. A redenção da escravidão no Egito só se completou com a entrada na Terra Prometida. Ver a promessa do Êxodo e seu alvo em Êx 3.8. Se esse alvo, não tivesse sido atingido, o opróbrio do Egito teria permanecido (Dt 9.28).

até o dia de hoje. Ver nota em 4.9.

* **5.12 cessou o maná.** Temos aqui uma nova indicação de que

uma nova era havia começado e que a primeira seção principal do livro está concluída; ver Introdução: Esboço. Quanto ao maná e sua significação, ver Êx 16; Dt 8.3.

* **5.13—12.24.** A segunda seção principal do livro diz como os israelitas conquistaram a terra de Canaã. A chocante violência e a terrível destruição que se vê nesses capítulos perturba a muitos leitores. Não obstante, este texto parece retinir com louvores a Deus. Isso foi assim por causa da destruição, que é o verdadeiro e justo julgamento de Deus contra os pecadores (Gn 15.16; cf.

Lv 18.24-27; Dt 9.4,5), através do qual ele cumpriu suas graciosas promessas a Israel (note a conexão entre a salvação e o julgamento, em Êx 14.13,14 e Ap 19.1,2). Essas narrativas de destruição que encontramos no livro, não menos do que qualquer outra coisa no livro, testificam da fidelidade de Deus às suas promessas (cf. a maldição na promessa em Gn 12.3) e prefiguram seu julgamento final contra aqueles que rejeitarem a sua graça (Mt 25.46; Hb 9.27 e 10.26-31).

* **5.13-15** O relato sobre a conquista começa com o aparecimento do

"príncipe do exército do SENHOR". Isso nos mostra, em primeiro lugar, que a soberania de Deus é livre; em segundo lugar, que Deus, e não Josué, é que controlava a ação que se seguia; e, em terceiro lugar, que Josué era o servo do mesmo Deus que apareceu a Moisés na sarça ardente (Êx 3.5).

* **5.14 Não.** O príncipe do exército do Senhor encorajou a Josué, mas

não estava sob as ordens de Josué. Deus não estava obrigado nem a destruir todos os cananeus e nem a libertar todos os israelitas, conforme é poderosamente ilustrado nos capítulos subseqüentes, nas experiências de Raabe (6.25) e de Acã (cap.7). Ver nota em 6.17,18.

príncipe do exército do SENHOR. O "príncipe", segundo parece, é um aparecimento do pré-encarnado Filho de Deus (1.5 e nota; Gn 16.7). O Guerreiro divino e seu exército estavam preparados para a guerra.

* **5.15 Descalça as sandálias.** Essa ordem assemelha-se à de

Êx 3.5, estabelecendo uma continuidade entre o que começou com Moisés e o que se seguiu sob Josué. Josué foi o sucessor de Moisés. A "santidade" é, fundamentalmente, uma qualidade de Deus. Pessoas (3.5, nota) ou coisas são descritas como santas quando pertencem a Deus de alguma maneira especial.

* **6.1-**
27 Os elementos essenciais de uma compreensão teológ

conquista são indicados neste relato sobre Jericó, a primeira cidade a ser destruída. A destruição dos cananeus, não menos do que a travessia do rio Jordão, foi uma poderosa obra de Deus em sua

fidelidade à aliança (note o papel da arca da aliança nos caps. 6, 3 e 4, e ver notas em 3.3,11,14,17; 4.16). O temível julgamento de Deus que estava operando para cumprir a prometida libertação de seu povo, é um importante tema bíblico (p.ex., Êx 14.13,14; Ap 19.1,2). Além disso, que a graça de Deus não se restringe a Israel (Gn 12.3) é evidenciado pela experiência de Raabe e sua família (v. 25). Deus não era simplesmente anti-cananeu (ver nota em 5.14).

* **6.1 Jericó.** Essa cidade tinha um nome que provavelmente

significa "Cidade Lua", um centro de adoração (Gn 11.27—25.11 e nota).

* **6.2 o SENHOR.** Embora alguns entendam que "SENHOR"

refira-se ao "príncipe do exército do SENHOR" (5.13-15), estes versículos mais provavelmente são um episódio separado que introduzem a história da conquista.

Olha, entreguei na tua mão Jericó. Um notável paradoxo, visto que tudo quanto tinha sido "visto", de acordo com o v. 1, eram os portões fechados de Jericó. A promessa de Deus criou possibilidades não inerentes na presente situação. Um contraste semelhante entre as presentes circunstâncias e o que Deus prometeu encontra-se com freqüência na Bíblia, tal como na atual experiência dos crentes (Gn 15.2-5; Is 65.17 e Rm 8.18).

* **6.4 Sete**. Ver nota em Gn 4.16.

no sétimo dia. Esse número sugere um paralelo na obra de criação. Tal como a obra da criação atingiu o alvo no sétimo dia (Gn 2.1-3), assim também a obra de redenção da escravidão do Egito atingiu o seu alvo com a posse da Terra Prometida. O descanso sabático está relacionado tanto à criação como à redenção (Êx 20.8-11 e Dt 5.12-15; Js 1.13, nota). Em Hb 3.7—4.11, a palavra "descanso" refere-se ao alvo final do povo de Deus.

* **6.5 cada qual em frente de si.**
O colapso das muralhas de

Jericó permitiria o acesso por todas as direções.

* **6.6 Levai a arca da Aliança.** Ver nota em 3.3. O cortejo, com a

arca no seu centro, aplicava as promessas da Aliança de Deus, simbolicamente, a Jericó. Para Jericó as promessas da Aliança significariam julgamento. O paralelo entre o papel da arca, na travessia do rio Jordão (caps.

3—4), e na conquista de Canaã é iluminado por Êx 15.1-18, onde a travessia do mar Vermelho e a conquista são descritas em termos semelhantes. Todos

esses eventos são atos poderosos de Deus, de acordo com a sua aliança, direcionada ao alvo de conduzir o seu povo ao descanso prometido.

* **6.8 diante do SENHOR.** Tal como se lê em 3.11 (nota), a

presença da arca é identificada com a presença do próprio Senhor. Ver nota em 1.5.

*** 6.11 a arca do SENHOR rodeou a cidade. O cortejo inteiro**

pode ser resumido referindo-se apenas à arca.

no arraial. Em Gilgal (5.10).

*** 6.15-19** A descrição do que aconteceu no sétimo dia foi expandida

com um relato sobre o discurso de Josué. Em harmonia com o estilo de narrativa, observado anteriormente (1.11; 2.6 e notas), as palavras dos vs. 1719 podem ter sido proferidas antes, mas foram registradas aqui para surtirem um efeito dramático.

*** 6.17 condenada.** Essa mesma palavra pode ser traduzida por

"totalmente destruída", em 2.10; ver nota em 1Sm 15.3. Na guerra santa, essa cidade foi reservada para Deus. A consequência é vista no v. 21, a terrível realidade do julgamento divino contra Jericó, como também por todo o resto da terra de Canaã (11.11,12,14,20; Lv 27.28,29; Dt 13.16; 20.10-18).

somente viverá Raabe... e todos os que estiverem com ela. O juízo divino não exclui a graça. A misericórdia que ela buscou em 2.12 lhe seria conferida.

*** 6.18 condenadas.** A mesma palavra hebraica ocorre aqui por

três vezes, advertindo os israelitas a não caírem no mesmo julgamento que vitimou os cananeus. O capítulo seguinte (7) mostra a necessidade dessa advertência.

*** 6.19 consagrados.** Ou "santificados". Ver referência lateral e

nota em 5.15.

* **6.20,21** A queda de Jericó foi descrita de maneira breve. Outros detalhes podem ser deduzidos do v. 24; 8.2; 10.1 e 24.11.

* **6.23** **fora do arraial**. Essa expressão pode descrever um estado temporário (v. 25), devido à imundícia cerimonial (p.ex., Lv 13.46).

* **6.24** **Casa do SENHOR.** Ver nota em 9.23.

* **6.25 habitou no meio de Israel.** Raabe acabou sendo incluída no povo de Deus. Ver Mt 1.5; Hb 11.31; Tg 2.25.

até ao dia de hoje. Ver nota em 4.9.

* **6.26** **Maldito... o homem que se levantar e reedificar. Jericó** iria permanecer debaixo da maldição de Deus, presumivelmente como sinal do julgamento divino que havia caído sobre os cananeus e que poderia sobrevir a Israel. Ver 1 Rs 16.34.

* **6.27** **era o SENHOR com Josué.** Ver nota em 4.14.

* **7.1-26** Se Raabe, a cananéia que encontrou misericórdia, é uma história da graça de Deus em meio ao seu julgamento (6.25), a história de Acã é uma história da santidade de Deus, da qual ninguém deve abusar (24.19; Nm 17.11-13; Hb 10.30,31). Este sétimo capítulo de Josué relata o primeiro caso de desobediência na Terra Prometida, um episódio funesto à luz da história que se segue (2Rs 17.7-20) e uma ocasião que nos faz relembrar o terceiro capitulo de Gênesis (v. 21, nota). O incidente e a lição dali derivada, para Israel, são relembrados em 22.18-20.

* **7.1** **os filhos de Israel**. Embora o delito tivesse sido cometido por um só homem, todo o povo de Israel foi envolvido e afetado (ver o

v. 11; 22.18). Os fatos declarados no v. 1 só gradualmente vieram a tornar-se conhecidos dos israelitas.

coisas condenadas. Ver 6.18; nota em 6.17.

A ira do SENHOR. A ira do Senhor é a sua hostilidade justa e pessoal contra o mal. Diferente da antigas concepções pagãs da ira divina, na Bíblia a ira de Deus nunca é arbitrária ou caprichosa. Ela faz parte da mensagem tanto do Novo Testamento quanto do Antigo Testamento (Mt 3.7; Jo 3.36; Rm 1.18; Cl 3.6; 1Ts 1.10; Hb 10.26-31 e Ap 6.16).

* **7.2-5** Em contraste com as histórias sobre os espias (cap. 2) e sobre a conquista de Jericó (cap. 6), Israel agora estava sob a ira de Deus, e o resultado seria diferente.

* **7.2 de Jericó... a Ai.** O movimento foi para oeste, e para o

centro da região montanhosa.

Bete-Áven. Esse nome significa "casa do nada", ou "casa da iniqüidade". O nome pode ter sido usado zombeteiramente contra Betel (conforme se vê em Os 4.15 e 10.5).

* **7.3 Não suba todo o povo.** Ver o contraste com o relatório

trazido pelos espias, em 2.24.

* **7.5 trinta e seis.** O número das mortes não foi grande. O

temor e o desânimo dos israelitas eram devidos mais à ira do Senhor do que à escala humana da derrota.

o coração do povo se derreteu. A desobediência em Israel representou um grande retrocesso. Agora os israelitas encontram-se na situação dos cananeus, conforme se vê em 2.11 e 5.1.

* **7.6 rasgou as suas vestes... deitaram pó sobre a cabeça.**

Essas eram expressões convencionais de tristeza (Jó 1.20; 2.12). A causa da tristeza foi o aparente fracasso das promessas da Aliança, cujo símbolo era a

arca. Ver notas em 3.3,17; 4.16. A oração de Josué (vs. 7-9) apelaria para aquelas promessas. Ver nota em 10.6.

* **7.7-9** Josué orou em favor de Israel, tal como Moisés tinha feito em

circunstâncias parecidas (cf. Nm 14.13-19).

* **7.7 por que...** Essa pergunta veio dos lábios daqueles que

descobriram que sua experiência contrastava com sua compreensão das promessas de Deus. Pode ser que essa pergunta expressasse uma atitude rebelde (como se vê em Nm 14.3), mas também pode exprimir uma verdadeira fé perplexa diante das circunstâncias (cf. Sl 22.1).

amorreus. Ver nota em 2.10.

* **7.9 Ouvindo isto.** Ver nota em 9.3.

o nosso nome. A promessa feita a Abraão incluía um "grande nome" (Gn 12.2). A oração de Josué estava baseada nas promessas de Deus.

teu grande nome? A reputação de Deus estava em jogo (Êx 32.12; Nm 14.1316; Ez 36.16-23).

* **7.11 Israel.** A unidade corporativa de Israel foi salientada por

todo este capítulo. O pecado de um homem (v. 15) trouxe culpa a toda a comunidade da qual ele fazia parte (22.18).

violaram a minha aliança. Temos aqui uma outra indicação da natureza do pecado. O conceito da aliança de Deus inclui a fidelidade às suas promessas, bem como as conseqüentes obrigações do povo de Israel, que havia recebido as promessas. Ver nota em 3.3. Tratava-se da aliança de Deus porque ele havia imposto as suas condições.

coisas condenadas. Ver 6.18; nota em 6.17.

* **7.12 se fizera condenado.** A causa da derrota de Israel em Ai

não fora uma falha nas promessas de Deus (7.6, nota), mas, sim, a desobediência.

já não serei convosco. O terrível retrocesso de 1.5 leva a primeira metade do capítulo 7 a um clímax; e a segunda metade trará as palavras "enquanto não eliminardes do vosso meio as coisas condenadas".

* **7.13 santifica.** Ver nota em 3.5. Em contraste ao cap. 3, esta é

uma preparação para os israelitas serem julgados por Deus.

* **7.14 que o SENHOR designar.** O procedimento pode ter sido

através do Urim e do Tumim (Êx 28.30, nota).

* **7.15 loucura em Israel.** O ato de Acã foi uma ação contrária à

natureza de Israel como o povo em relação pactual com Deus, e, portanto, um ato de loucura. Em outros lugares, essa expressão é usada para indicar perversões sexuais, proibidas em Israel (Gn 34.7; Dt 22.21; Jz 20.6,10; 2Sm 13.12; Jr 29.23).

* **7.20 pequei.** Ver nota no v. 11.

* **7.21 Vi... cobicei-os e tomei-os.** Pode haver aqui uma alusão a

Gn 3.6, onde esses três verbos ocorrem na mesma ordem. O padrão do jardim do Éden foi repetido na Terra Prometida; nem bem o dom de Deus havia sido dado e os recebedores já desejaram aquilo que fora proibido, e tomaram do mesmo.

* **7.23 perante o SENHOR.** Isto é, presumivelmente diante da

arca. Ver nota em 6.8.

* **7.24 tudo quanto tinha.** A misericórdia de Deus para com

Raabe estendeu-se à sua família (6.23), e a punição de Acã atingiu a família dele.

* **7.26 apagou o furor da sua ira.** A ira de Deus, sendo justa,

cessa quando o pecado é resolvido. Isso é fundamental para o ensino do Novo Testamento de que a morte de Cristo é um sacrifício expiatório ou propiciatória (Rm 3.25,26).

* **8.1 Não temas.** Cf. 7.5. Esse chamamento à fé (1.9; 1.6, nota)

estava baseado nas promessas de Deus, a despeito das circunstâncias visíveis. Trata-se de uma expressão comum do favor de Deus (Gn 15.1). Confirma que a ira do Senhor para com Israel havia cessado.

toda a gente de guerra. Contrastar com 7.3.

entreguei. A promessa de 1.2,3 (notas) foi aplicada a Ai.

* **8.2 como fizeste a Jericó.** Ver 6.21; nota em 6.17.

saqueareis os seus despojos. Tal como houve uma exceção à destruição total de Jericó (6.17), da mesma forma Deus faz outra exceção na exigência da destruição total.

* **8.3 Trinta mil.** Ver nota em 4.13.

* **8.5 como dantes. Ver 7.5.**

* **8.12 cinco mil.** O número que difere dos "trinta mil", no v.3,

pode indicar que havia duas unidades atribuídas a diferentes aspectos da emboscada.

* **8.14 campinas.** O vale do rio Jordão.

* **8.15 deserto.** Terras não-cultivadas a leste de Ai, e não o

deserto do outro lado do vale do Jordão (v. 24).

* **8.17 nem em Betel.** A súbita inclusão de Betel não foi explicada,

mas ver 12.9,16.

* **8.18 a lança.** Cf. a ação de Moisés em Êx 14.16; 17.9.

* **8.28,29 até ao dia de hoje.** Ver nota em 4.9.

* **8.29 Enforcou-o**. Esse ato foi um sinal da maldição divina

(21.22,23; cf. Gl 3.13).

* **8.30-35** A primeira fase da narrativa sobre a conquista (6.1—8.35)

conclui com a assembléia do povo no monte Ebal e no monte Gerizim para ouvir a promessa de bênção de Deus e sua advertência quanto à maldição. Essa assembléia foi ordenada por Moisés (Dt 11.29; 27.1-13); ela mostra que a vida de Israel, incluindo a entrada na Terra Prometida, foi estabelecida pela aliança e devia ser vivida segundo as palavras de Deus (v. 34).

* **8.30 monte Ebal.** Imediatamente ao norte de Siquém, onde

Abraão ouviu a promessa de Deus de que daria a Terra Prometida

aos seus descendentes, e onde também ele edificou um altar a Deus (Gn 12.6,7). O altar edificado por Josué, naquele mesmo local, muitos anos mais tarde, representou a repetição e a renovação das promessas da aliança entre Deus e Israel.

*** 8.31 Moisés, servo do Senhor.** Ver nota em 1.1.

no livro da lei de Moisés. Ver nota em 1.8. Aqui a referência é a Dt 27.5 (cf.

Êx 20.25).

pedras toscas. Eram usadas para mostrar que o altar pertencia ao Senhor (Êx 20.25 nota).

holocaustos. As oferendas eram essenciais para o estabelecimento da aliança com Deus. Ver Gn 15.9,10; Êx 20.24.

*** 8.32 lei de Moisés... diante dos filhos de Israel. A Palavra de**

Deus foi exibida diante do povo de Israel.

pedras. Essas poderiam ser as pedras do altar, mas Dt 27.1-8 indica que pedras especiais podiam ser erguidas como superfícies para escrita.

*** 8.33 da arca.** No centro da assembléia de Israel estava a arca,

o símbolo da aliança que fazia deles o povo de Deus, de acordo com o qual eles tinham recebido a sua terra (3.3; 6.4; 7.6 e notas).

abençoado o povo de Israel. Embora bênçãos e maldições surgirão (v.34), as bênçãos sempre terão prioridade no propósito de Deus. Em Gn 12.1-3, as bênçãos resumem o bem que Deus prometera a Abraão (14.13; 22.6).

*** 8.34 a bênção e a maldição.** Ambos os aspectos da aliança de

Deus já tinham sido experimentados na Terra Prometida: a bênção no cap.6 e 8.1-29, e a maldição no cap.7. Ver Dt 27—28.

* **8.35 congregação.** Essa reunião do povo de Deus para ouvir

essa palavra continuou nos tempos da igreja do Novo Testamento (cf. Dt 9.10).

* **9.1,2** Estes dois versículos formam o pano-de-fundo dos caps. 9—12. O temor dos israelitas, que tinha imobilizado os cananeus em 5.1, aqui os une contra Josué e contra Israel. Há uma antecipação do Sl 2.1-3, a oposição a Deus e ao seu governo que culminou na crucificação de Jesus (At 4.25-27). A impotência dos governantes, no Sl 2, é amplamente ilustrada pela lista dos reis derrotados em Js 12.

heteus... jebuseus. Ver nota em 3.10.

* **9.3 Gibeom.** A ação do povo de Gibeão (a cerca de treze km

ao norte de Jerusalém) contrasta-se com o padrão geral por toda a terra de Canaã (vs. 1,2).

ouvindo. O efeito das novas acerca da poderosa fidelidade de Deus às suas promessas é um tema importante na narrativa da conquista (2.10,11; 5.1; 9.1,9; 10.1; 11.1; cf. 7.9). Para os cananeus, essas notícias eram terríveis, pois significavam que o Deus dos céus e da terra (2.11), haveria de destruí-los (5.13 —12.24, nota).

* **9.4 usaram de estratagema.** Esse logro atrairia uma maldição

sobre os gibeonitas (v. 23), e forma um contraste com a ação de Raabe, para

com os representantes de Israel, no cap.2.

* **9.6 Chegamos de uma terra distante.** Os gibeonitas fingiram

que eles viviam fora da zona potencial de interesse de Israel. Os

israelitas estavam dispostos a fazer um tratado com eles tendo em vista as disposições de Dt 20.10-18.

aliança. Uma aliança é o estabelecimento de um relacionamento por intermédio de um tratado. Essa aliança forçaria os filhos de Israel a pouparem os gibeonitas.

*** 9.7 heveus.** Esse grupo étnico, ao qual os gibeonitas

pertenciam, foi um daqueles que Deus tinham prometido expulsar de Canaã (3.10).

*** 9.9 nome.** Ver nota em 7.9.

ouvimos. Ver nota no v. 3.

*** 9.10 tudo quanto fez.** As novas que os gibeonitas tinham

ouvido são as mesmas que foram confessadas por Raabe (2.10, nota). A reação deles, porém, foi bastante diferente da reação dela.

amorreus. Ver nota em 2.10.

*** 9.14 não pediram conselho ao SENHOR. Como eles deveriam**

ter buscado conselho não é especificado, mas tal como em Js 5.6, a fala de Israel foi de não obedecer a Deus.

*** 9.15 concedeu-lhes paz.** O sentido é explicado pela frase

seguinte, "de lhes conservar a vida".

*** 9.16,17 três dias... ao terceiro dia.** Se o v. 16 antecipa o resultado

do v. 17, então os três dias em cada versículo podem ser os mesmos.

De Gilgal a Gibeom são cerca de 31 km.

* **9.18 murmurou.** Murmurar (contra Moisés, Arão, e, em última

análise, contra o Senhor) foi uma atividade comum de Israel no deserto; (Êx 15.24; 16.2,7-9; 17.3; Nm 14.2,27,36).

* **9.20 ira.** Ver 7.11 e nota. Contraste este juramento, guardado

com todo escrúpulo, embora baseado numa mentira dos gibeonitas, e o pacto do cap. 7.11, baseado no mandamento do Senhor, que foi quebrado.

* **9.21 rachadores de lenha e tiradores de água. Ou seja,**

escravos domésticos.

* **9.23 casa.** O tabernáculo é chamado de casa em 1Sm 1.7. Nos

tempos de Salomão, o tabernáculo ficava em Gibeão (2Cr 1.3,5).

meu Deus. O perigo representado pelos cananeus restantes na Terra Prometida era que eles fizessem Israel abandonar ao Senhor para servirem a outros deuses (Dt 7.4). A implicação dessa maldição é que os gibeonitas serviriam na casa do Deus de Israel, sem serem contados como membros do seu povo. Os rituais e sacrifícios do tabernáculo requeriam suprimentos de madeira e água.

* **9.24 tememos.** Ver nota em 2.9.

*

9.27

até ao dia de hoje. Ver nota em 4.9.

no lugar que Deus escolhesse. Ver Dt 12; cf. Êx 20.24.

* **10.1-43** A hostilidade antecipada em 9.1,2 começa a emergir. No

cap.10, as nações hostis do sul foram derrotadas por uma notável intervenção divina. O estratagema dos cinco reis (v. 4) e sua destruição (v. 26,40-42) é como a descrição de Sl 2 (9.1,2, nota), e demonstra o grande poder de Deus em cumprir as suas promessas. Esse é o tipo de batalha descrita em Dt 20, que realmente não foi combatida por Israel, mas por Deus (v. 14 e Dt 20.4).

* **10.1 Adoni-Zedeque**. Esse nome significa "meu Senhor é

justo". Cf. o nome de Melquisedeque, o qual era rei de Salém (ou Jerusalém) (Gn 14.18, nota).

Jerusalém. Essa é a primeira vez em que essa forma do nome dessa cidade ocorre na Bíblia; em Gn 14.18 ela aparece com o nome de "Salém".

destruído totalmente. Ver notas em 6.17,18.

paz. Ver 9.15.

* **10.2 temeu**. Ver nota em 2.9.

era cidade grande como uma das cidades reais. Gibeom não tinha rei (9.11), mas era tão importante como as cidades-estado dos cananeus que tinham reis.

* **10.3 Horão... Debir.** Esses eram os reis das cinco cidades

cananéias do sul.

* **10.5 amorreus**. Ver nota em 2.10.

* **10.6 livra-nos, e ajuda-nos.** O relacionamento de tratado entre

Gibeom e Israel (9.15) permitiu que Gibeom apelasse para Israel, buscando

ajuda, sendo este o mais forte de seus parceiros com quem tenham algum tratado. Esse aspecto de um pacto humano ilustra a aliança entre Deus e Israel.

* **10.8 Não os temas... os entreguei.** As ações específicas neste

capítulo aconteceram por causa das promessas de Deus, introduzidas no cap. 1. Ver 1.2,3,5-9; 8.1 e notas.

* **10.9 toda a noite.** Gilgal ficava no fundo do vale do Jordão e

Gibeom estava no alto de uma montanha, a 32 km para o oeste.

* **10.10 os conturbou.** Essa mesma expressão é, com freqüência, usada

nas descrições de batalhas onde o Senhor é o Guerreiro divino (2.9, nota; Êx 14.24; 23.27; Jz 4.15; 1Sm 7.10; 2Sm 22.15; cf. Jr 51.34).

* **10.11 Mais foram os que morreram pela chuva de pedra. Isso**

enfatiza que a vitória foi uma dádiva dada por Deus a Israel. Experiências como essas iluminam o uso de fenômenos meteorológicos nas descrições poéticas do juízo divino (Sl 18.7-16; Is 30.30).

* **10.12 no dia.** Esse relato pode ser um retrospecto; a ordem cronológica

dos eventos é difícil de discernir.

Sol... lua. Essas palavras retóricas dirigem-se ao sol e à lua, mas, na realidade são uma oração dirigida ao Senhor.

* **10.13 o sol se deteve.** Essas palavras descrevem o que aconteceu na

linguagem diária, que não explica a natureza do milagre.

no Livro dos Justos. Uma obra literária agora perdida, talvez uma celebração das vidas dos heróis israelitas (2Sm 1.18). A citação extraída do Livro dos Justos pode estender-se até o fim do v. 15. Os escritores bíblicos com freqüência usaram fontes escritas (Lc 1.1-4).

* **10.14 o SENHOR pelejava por Israel.** Ver Dt 20, especialmente o v. 4; cf. Êx 14.14.

* **10.16-27** A narrativa volta aos eventos do v. 10 para terminar a história dos cinco reis, introduzidos no v. 5.

* **10.19 o SENHOR... vo-lo entregou.** A ação de Deus, em termos de sua promessa, continua dominando a narrativa. Ver os vs. 8, 10 e 14.

* **10.21 não havendo ninguém que movesse a língua.** Ninguém dizia uma só palavra, e muito menos movia uma arma. Nada podia levantar-se contra o exército de Deus.

* **10.24 pé sobre o pescoço.** Temos aqui um ritual vívido que simbolizava a vitória. Os inimigos derrotados com frequência são declarados "sob os pés" do vitorioso (1Rs 5.3; Sl 110.1; 1Co 15.25), e os escabelos reais do Egito retratavam os pés de Faraó sobre os pescoços de seus inimigos.

* **10.26 os pendurou em cinco madeiros**. Ver nota em 8.29.

* **10.27 até ao dia de hoje.** Ver nota em 4.9.

* **10.28-39** Estes versículos apresentam uma narrativa sumária das

vitórias sobre cidades no sul da terra de Canaã. O relato enfatiza a completa destruição das cidades, em consonância com o julgamento divino (vs. 28-39; 6.17,18 e notas). Outra ênfase é a unidade de Israel

(1.12-15), sob a liderança de Josué (1.1-9).

* **11.1-23** A narrativa sobre a conquista da região norte da Palestina é

semelhante em suas ênfases com o relato das vitórias obtidas no sul, no cap.10 (10.1-43, nota), e leva à conclusão o registro do livro sobre a conquista do território por parte de Israel.

* **11.1-5** Cf. a reação dos reis cananeus em 10.1-5.

* **11.1 Jabim, rei de Hazor.** Hazor era uma importante cidade no

norte da Palestina (v. 10); Jabim talvez fosse um título herdado (Jz 4.2).

ouvido. Ver nota em 9.3.

* **11.2 Quinerete.** Provavelmente perto do mar da Galiléia (12.3).

nas planícies. No vale do rio Jordão.

Dor. Na costa do mar Mediterrâneo.

* **11.4 muito povo.** A enorme ameaça suscitada pelos cananeus

é vividamente apresentada como sendo o pano-de-fundo para a promessa que aparece no v. 6.

* **11.6 Não temas.** A promessa de Deus (1.2,3,9), contra o pano-

de-fundo dos vs. 4 e 5, novamente cria uma possibilidade não inerente à situação. Ver notas em 6.2; 8.1; 10.8.

já os terás traspassado. O fraseado, no hebraico, é enfático, e é idêntico a "eu dou", em 1.2.

os seus cavalos jarretarás, e queimarás os seus carros. Esta é

uma promessa de que Deus prevaleceria sobre os armamentos mais avançados da época (Sl 20.7).

*** 11.11 totalmente os destruíram.** A mesma expressão ocorre nos vs.

12, 20, 21. Ver nota em 6.17.

*** 11.12 como ordenara Moisés, servo do SENHOR. O sucesso da**

conquista foi enfaticamente retratado em termos de obediência aos mandamentos de Deus, dados através de Moisés (1.1-18; 1.1,3; 5.15 e notas). O escritor sagrado fez a mais próxima conexão possível entre as promessas de

Deus (v. 6, nota) e os seus mandamentos. A fé e a obediência não podem andar separadas. Ver nota em 1.7.

*** 11.16 toda aquela terra**. Em princípio, toda aquela terra agora pertencia

aos israelitas, embora ainda houvesse "muitíssima terra para ser possuída" (13.1).

*** 11.18 Por muito tempo.** Isso serve de indicação de que os capítulos

anteriores apresentaram uma narrativa grandemente condensada.

*** 11.19 fizesse paz.** Ver 9.6,15.

*** 11.20 do SENHOR vinha o endurecimento. A relação entre a**

soberania divina e a responsabilidade humana é vista no

endurecimento divino dos corações, para chegar aos seus propósitos. Os atos soberanos de Deus não anulam a sua justiça e nem a responsabilidade humana (Êx 10.1,2; Rm 9.14-29).

* **11.21,22 enaquins.** Esse povo eram os temíveis habitantes da terra

de Canaã, que atemorizaram os israelitas e os tinham levado à desobediência a Deus, uma geração anterior (Nm 13.26-33; Dt 1.28; 2.10-12 e notas; Js 14.12 e 15.14. A destruição deles concluiu a narrativa da conquista obediente sob Josué.

* **11.23 herança... conforme as suas divisões e tribos.** Temos aqui um sumário antecipado dos caps. 13—21. Ver nota em 1.6.

a terra repousou da guerra. Essas palavras relatam de forma resumida a conquista e o cumprimento da promessa de Deus, dada em 1.2-5. Ver notas em 1.13; 21.45.

* **12.1-**
24 Este capítulo resume a conquista inteira da Terra P

sob Moisés e Josué, com uma lista dos reis derrotados e seus territórios. Trata-se de uma elaboração de 11.17, uma notável resposta para o problema de

9.1,2 (nota) e um testemunho à veracidade da promessa que há em 1.5, provendo uma conclusão apropriada à narrativa inteira da conquista.

* **12.1 terras.** Note que o território a leste do rio Jordão está

claramente incluído no território que Deus dera a Israel (v. 7). Ver notas em 1.12-15; 13.8-33.

o ribeiro de Arnom. Esse rio corre para o mar Morto, partindo do leste, e assinala a fronteira sul ali.

monte Hermom. A nordeste do mar da Galiléia.

* **12.2-5** Ver Nm 21.21-35; Dt 2.24 - 3.11. A derrota de Seom e Ogue

assinalou o início da conquista e é relembrada como um testemunho do poder e da fidelidade de Deus (p.ex., Dt 29.7,8; 31.4; Js 2.10; 9.10; Ne 9.22; Sl 135.11; 136.19,20).

* **12.6 Moisés, servo do SENHOR.** Ver nota em 1.1.

* **12.7-24** Este relato resumido da conquista sob as ordens de Josué

é semelhante a narrativa dada até este ponto, mas com acréscimos, indicando a natureza incompleta e representativa da narrativa anterior.

* **13.1—21.45** A terceira seção principal do livro detalha a divisão da Terra Prometida entre as tribos. A significação desses capítulos se torna explícita em 21.43-45. As listas de fronteiras e cidades representam o conteúdo objetivo das promessas de Deus. Embora muitos dos lugares não sejam mais conhecidos, e embora a partilha das terras aqui não signifique em todos os casos que a tribo designada realmente ocupava as mesmas (23.13), não obstante podemos ver nesta passagem um testemunho esmerado da fidelidade do Senhor.

* **13.1 Era Josué, porém, já idoso.** O que fica implícito é que

novas conquistas não teriam lugar sob as suas ordens.

muitíssima terra ficou. O livro de Josué fala tanto do cumprimento completo das promessas de Deus (11.23; 21.45), como da natureza incompleta de possessão da Terra Prometida (p.ex., 13.1; 23.4,5). Cf. a perspectiva do Novo Testamento da natureza completa daquilo que nos foi dado em Cristo, e a futura expectação do que ainda resta

(p.ex., Ef 1.3,14). Enquanto o livro de Josué testifica a Israel acerca da experiência da completa fidelidade do Senhor, a promessa permanecia, apontando para o futuro. Ver notas em 1.4; 21.45 e Gn 13.15.

* **13.3 que se considera como dos cananeus. Estritamente**

falando, os filisteus não eram cananeus, mas o território deles ficava na terra

de Canaã e estava incluído nas promessas divinas feitas a Israel.

* **13.4 amorreus.** Ver nota em 2.10.

* **13.6 reparte.** Ver 14.2; 15.1, nota; 18.6 e 19.51.

herança. Ver nota em 1.6.

* **13.7 Manassés.** O filho mais velho dos dois filhos de José. Ver

Gn 48 e notas.

* **13.8-33** Assim como o sumário da conquista, no cap. 12 começou

com os reis e seus territórios a leste do rio Jordão (12.1-6; cf. 1.12-15), assim também o relato da distribuição das terras começa com a divisão deste território às tribos de Rúben (vs. 15-23), Gade (vs. 24-28) e à meia tribo de Manassés (vs. 29-31), nos dias de Moisés. Sendo assim, o que Josué fez é considerado a conclusão daquilo que Moisés tinha começado. E assim foi afirmada a unidade de Israel, apesar da fronteira geográfica do rio Jordão (22.25) e do lapso de tempo entre a obra de Moisés e a obra de Josué. Ver cap. 22.

* **13.8 rubenitas.** Rúben era o filho mais velho de Jacó, nascido

de Lia (Gn 29.32; 35.22; 49.3,4 e notas).

gaditas. Gade era o sétimo filho de Jacó, seu primeiro filho com

Zilpa (Gn 30.9-11; 49.19 e nota).

* **13.13 não desapossaram.** A significação desse fracasso dos israelitas tornar-se-á mais clara no livro de Juízes (Jz 1.27-36; 2.20—3.6).

até ao dia de hoje. Ver nota em 4.9.

* **13.14 tribo de Levi.** Levi foi o terceiro filho de Jacó, que Lia lhe deu (Gn 29.34; 34.25; 49.5 e notas). O fato de Levi não ter recebido qualquer partilha de terras, nem de Moisés e nem de Josué, é explicado aqui e no v. 33 (também 14.3,4 e 18.7). Ver Dt 18.1-8. As doze tribos de Israel são contadas de diversas maneiras no Antigo Testamento. Quanto à divisão em doze territórios, os descendentes de José foram contados como duas tribos, Efraim e Manassés (14.4; Gn 48.5).

* **13.22 Balaão, filho de Beor.** Ver Nm 31.8. Balaão estava associado ao "incidente de Peor" (Nm 31.16), referido em Js 22.17. A má influência de Balaão foi relembrada por longo tempo (2Pe 2.15; Ap 2.14).

adivinho. Um adivinho tenta chegar ao conhecimento das coisas por meios mágicos ou ocultos. Essa era uma prática comum entre os pagãos, mas proibida em Israel (Lv 19.26; Dt 18.9-14; 1Sm 15.23; 2Rs 17.17; 21.6; Is 2.6 e Ez 13.23).

* **13.33** Ver nota no v. 14.

* **14.1-5** Isso introduz os territórios a oeste do rio Jordão, e relaciona

os mesmos aos territórios do leste, explicando novamente a exceção dos levitas. O efeito era o de manter a atenção do leitor sobre a unidade essencial de todo o povo de Israel. Ver nota em 13.8-33.

* **14.1 heranças.** Ver nota em 1.6.

Canaã. Aqui se refere às terras a oeste do rio Jordão.

Eleazar, o sacerdote. Eleazar era filho de Arão, o sumo sacerdote (Êx 6.23). Ele foi mencionado aqui antes de Josué, provavelmente por causa do papel do sacerdote, que era o de lançar as sortes (Êx 28.30; 1Sm 2.28).

*** 14.2 por sorte.** Ver nota em 15.1.

*** 14.3,4 aos levitas... Manassés e Efraim. Ver nota em 13.14.**

*** 14.6-15** A história da herança conferida a Calebe abre a narrativa

da divisão da terra sob as ordens de Josué, enquanto que a herança de Josué aparece no fim (19.49,50). Esse arcabouço ilustra os princípios da fidelidade dos homens a Deus, que correspondem à fidelidade de Deus às suas promessas. A história de Calebe termina em 15.13-19.

*** 14.6 Gilgal.** Provavelmente essa é a mesma Gilgal de Js 10.43,

a leste de Jericó.

Calebe Ele representava Judá entre os doze espias enviados por

Moisés de Cades-Barnéia para espiarem a Terra Prometida (Nm 13.6). Calebe e Josué representaram a tribo de Efraim na mesma missão (Nm 13.8) e foram os dois únicos espias que creram na promessa de Deus (Nm 13.30; 14.69,24,30,38; Dt 1.36).

*** 14.7 como sentia no coração.** O relatório de Calebe tinha

expressado sua confiança na promessa de Deus. Ver Nm 14.6-9.

*** 14.8 perseverei em seguir o SENHOR. A fé de Calebe é**

exemplar.

* **14.9 Moisés... jurou.** Esse juramento não ficou registrado em

Nm 14 e nem em Dt 1.

* **14.12 enaquins.** Ver nota em 11.21,22.

para os desapossar. A fé na promessa de Deus não é expressa através da passividade humana, mas mediante uma obediência ativa. Ver notas em 1.6,7; 17.15.

* **14.14 até ao dia de hoje.** Ver nota em 4.9.

* **14.15 a terra repousou da guerra.** Ver nota em 11.23.

* **15.1-63** O primeiro território a oeste do rio Jordão a ser descrito foi

o de Judá, antecipando a importância dessa tribo na história posterior de Israel como a tribo de Davi, e, finalmente, a tribo do Messias vindouro (Is 11.1; ver também Gn 49.8-12). Os nomes dos lugares não podem ser identificados. Além disso, a alocação nunca foi seguida completa ou exatamente. A promessa divina nunca foi plenamente concretizada na experiência de Israel no Antigo Testamento. Ver Introdução: Características e Temas.

* **15.1 a sorte.** Ver 14.2 e 18.6. O método de lançar as sortes não

é especificado. O que importa é que as terras não foram divididas por decisão humana (Pv 16.33; 18.18).

* **15.8 Jerusalém.** Jerusalém ficava fora do território de Judá até

a cidade ser, finalmente, capturada por Davi (2Sm 5.7).

* **15.14 filhos de Enaque.** Ver nota em 11.21,22.

* **15.17 Otniel.** Ver Jz 3.7-11, quanto ao seu papel posterior de juiz.

* **15.20-62** Estes versículos dão uma lista detalhada de cidades

conferidas a Judá. Embora muitas delas não possam mais ser identificadas, a extensa enumeração é uma clara representação da promessa de Deus (21.45).

* **15.20 herança.** Ver nota em 1.6.

* **15.63 Não puderam, porém, os filhos de Judá expulsar.** Esta breve nota sobre o fracasso da tribo de Judá é um lembrete de que as promessas de Deus não estavam ainda completas. Ainda restava um pouco para ter cumprimento dessas promessas (21.45, nota). A vitória sobre os jebuseus, em Jz 1.8, aparentemente não foi uma vitória permanente (cf. Jz 1.21).

até ao dia de hoje. Ver nota em 4.9.

* **16.1—17.18** Esses dois capítulo descrevem a atribuição de terras aos dois filhos de José, Efraim e Manassés (Gn 41.50-52; Js 13.14 e nota). Metade da tribo de Manassés já havia recebido suas terras a leste do rio Jordão (17.1).

* **16.1 em sorte, caiu.** Ver nota em 15.1.

* **16.4 Manassés e Efraim.** Aqui os dois filhos de José são

mencionados segundo a ordem do seu nascimento (Gn 48.12-20).

herança. Ver nota em 1.6.

* **16.5-10** Efraim era o filho mais jovem de José (Gn 41.52) mas os

territórios a ele pertencentes foram descritos antes dos de Manassés, provavelmente por causa da precedência que lhe foi dada em Gn 48.12-20.

* **16.10 Não expulsaram.** Ver nota em 15.63.

até ao dia de hoje. Ver nota em 4.9.

* **17.1 Manassés.** Manassés era o mais velho dos dois filhos de José (Gn 41.50,51; 48.12-20; Js 16.5-10, nota).

o primogênito de Manassés. Ver Gn 50.23.

* **17.3-6** Era uma disposição da lei de Moisés que as filhas homem que não tivesse filho homem, herdariam de seu pai (Nm 27.1-11, especialmente o v. 8).

17.12,13 não puderam expulsar. Ver notas em 15.63 e 21.45.

* **17.14-18** A petição queixosa do povo de José (v. 14) e seu temor pelos cananeus (v. 16), fazem contraste com a fé e a coragem de Calebe (14.612).

* **17.14 uma sorte apenas e um quinhão.** O território de Manassés, de ambos os lados do rio Jordão, e o de Efraim, são tratados como uma unidade (16.1).

* **17.15 sobe... e abre ali clareira na terra.** A fé na promessa de Deus devia ser expressa através de uma ação corajosa e obediente. Ver notas em 1.6,7; 14.12.

* **17.16 não nos basta... os cananeus.** O temor deles e sua indisposição para obedecer foram expressões de incredulidade.

* **17.18 expulsarás.** Josué respondeu aos temores do povo de José com uma aplicação das promessas de Deus (1.2-5).

* **18.1 Reuniu-se toda a congregação. Ver 8.35 e nota.**

Silo. Localizada no território de Efraim, a cidade de Silo ainda não havia atingido proeminência na história bíblica, mas aqui ela se tornou o que foi chamado, em Dt 12, de "o lugar que o SENHOR vosso Deus escolher" (Dt 12.5,11,18; cf. Jr 7.12). Nos dias de Davi esse papel foi transferido para Jerusalém. Quanto ao papel de Silo na história de Israel, ver Js 22.12; Jz 18.31; 21.19; 1Sm 1.3,24; 2.14; 3.21; 4.3; 14.3; 1Rs 2.27; 11.29; 14.2; Sl 78.60; Jr 7.12,14; 26.6,9.

tenda da congregação. Esse nome é usado para indicar o tabernáculo, no livro de Josué, somente aqui e em 19.51 ("tabernáculo" em 22.19,29; "casa", em 6.24; 9.23). A "congregação", neste caso, é o encontro de Deus com o seu povo (1.5, nota). O tabernáculo continha a arca da aliança, a caixa de madeira e ouro que continha os Dez Mandamentos (3.3; 4.16 e notas; Êx 25.10-22). Era aquele o lugar onde o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento que visava a purificação espiritual e a comunicação com Deus era realizado, e que continuaria como princípio até aos tempos do Novo Testamento.

* **18.3 sereis remissos.** O mesmo verbo hebraico ocorre em Pv 18.9; 24.10.

possuir. Isso significa ocupar a terra completamente, algo mais do que a conquista inicial (1.11,15; 13.1; 21.43). Trata-se de um ato de fé obediente, porquanto estava baseado na promessa de Deus (1.11, nota), o que explica a nota de repreensão envolvida na pergunta feita por Josué.

o SENHOR, Deus de vossos pais. Temos aqui uma alusão às promessas feitas aos patriarcas da nação (1.1-9, nota).

vos deu. Ver notas em 1.2,3,11.

* **18.6 perante o SENHOR.** A presença de Deus era representada

pelo tabernáculo, pois ali ele falava com os filhos de Israel "do meio dos dois querubins" (3.11; 7.23, notas; Êx 25.22).

* **18.7 os levitas não têm parte... Gade, Rúben e... Manassés já**

haviam recebido. A maneira de contar exatamente o número de doze tribos em Israel é explicada novamente. Ver notas em 13.8-33 e 13.14.

* **19.1 no meio da dos filhos de Judá.** O território conferido a

Simeão era dentro do território que coube a Judá (Gn 49.7). Judá e Simeão agiram juntos em Jz 1.3,17. Em algum estágio, a tribo de Simeão parece ter perdido sua identidade distinta.

* **19.8,9 herança.** Ver nota em 1.6.

* **19.15 doze.** Não fica claro quais são essas doze cidades.

* **19.30 vinte e duas.** Há mais de vinte e duas cidades

mencionadas, mas algumas podem ser referidas como marcas nas fronteiras.

* **19.38 dezenove.** A lista, ao que tudo indica, está incompleta.

* **19.47 Dã.** Um relato mais completo sobre Dã e sua conquista de Lesém é dado em Jz 19.

* **19.49,50** Ver notas em 14.6-15.

* **19.50 o mandado do SENHOR**. Esse mandamento divino não ficou registrado em qualquer outro lugar (cf. 14.9, nota). Ver Nm

14.30.

Timnate-Sera. Ali seria sepultado Josué (24.30).

* **19.51 Eleazar.** Ver nota em 14.1.

Silo. Ver nota em 18.1.

perante o SENHOR. Ver nota em 18.6. **tenda da congregação**. Ver nota em 18.1.

* **20.1-9** O registro da divisão da terra é seguido por uma estipulação em favor da justiça básica, ilustrando a preocupação de Deus pela justiça e pela preservação da vida. A estipulação subentende a idéia de uma justa retribuição, ao mesmo tempo em que refreia a injustiça que poderia resultar da vingança (Dt 4.41-43).

* **20.2 cidades de refúgio.** Esses eram lugares onde certos

infratores poderiam escapar de uma vingança injusta, na busca por um julgamento justo. Cidades assim também seriam dadas aos levitas (Js 21.1-42; Nm 35.6), e, por implicação, esses seriam lugares onde a lei de Deus poderia ser encontrada.

por intermédio de Moisés. Ver Êx 21.12-14; Nm 35.6-34; Dt 19.1-13.

* **20.3 por engano... sem o querer.** Um pecado não-intencional

recebe um tratamento específico por parte da lei (Lv 4.2,13,22,27; 5.15,18; Nm 15.22-29; 35.22; Dt 4.42; 19.4; Ez 45.20; cf. Hb 9.7).

vingador do sangue. Esse vingador seria o parente masculino mais próximo da vítima ou, talvez, um oficial da cidade onde o homicídio ocorreu (Nm 35.1921).

* **20.4 à porta dela**. O portão da cidade era o lugar usual para se

realizar transações legais (Rute 4.1-12).

anciãos. Aparentemente, os anciãos faziam uma audiência preliminar acerca da causa do acusado.

* **20.5 não lhe entregarão.** Pressupõe-se em favor do réu.

* **20.6 até que morra o sumo sacerdote. A morte do sumo**

sacerdote assinalava o fim de uma era e provia uma limitação conveniente das estipulações apresentadas aqui.

* **20.7 Designaram.** O verbo hebraico correspondente também

pode ser traduzido "separado" ou "santificado".

* **20.8 Dalém.** Ver Dt 4.41 -43.

* **20.9 o estrangeiro.** A atenção dispensada aos estrangeiros em

Israel era uma característica regular da lei (p.ex., Êx 12.48,49; 20.10; 22.21; 23.9,12).

* **21.1-42** A última parte da divisão da terra é a atribuição de cidades

aos levitas, cuja falta de uma herança na terra foi mencionada em 13.14 (nota), 33; 14.3,4; 18.7. Essas cidades continuavam a pertencer às tribos às quais elas tinham sido atribuídas, mas foram separadas, juntamente com as suas pastagens (v. 8), para servir de morada aos levitas.

* **21.2 O SENHOR ordenou, por intermédio de Moisés.**

Referem-se a Nm 35.1-8. O pedido dos levitas, tal como o pedido de Calebe, em 14.6-12, foi uma expressão de fé na promessa de Deus.

*	**21.3**	**herança.** Ver nota em 1.6

*	**21.4**	**sorte.** Ver nota em 15.1.

coatitas. Coate foi o segundo filho de Levi (Êx 6.16; Nm 3.17), mas seus descendentes tiveram primazia, porque a linhagem sacerdotal através de Arão descendia dele (Êx 6.18,20). Arão e seus filhos tinham sido escolhidos por Deus para serem sacerdotes (Êx 28.1; Lv 8.1-36).

Judá... Simeão... Benjamim. As cidades destinadas a essas tribos ficavam perto de Jerusalém, onde, posteriormente, o templo seria edificado, embora a própria Jerusalém não seja mencionada neste capítulo.

* **21.6 Gérson.** Esse foi o primeiro filho de Levi (Êx 6.16; Nm 3.17).

* **21.7 Merari.** Esse é o terceiro filho de Levi (Êx 6.16; Nm 3.17).

* **21.10 primeira**. A primazia da linhagem sacerdotal é enfatizada (v. 4).

* **21.12 Calebe.** Ver nota em 14.6.

* **21.13 cidade de refúgio.** Ver nota em 20.2.

* **21.17 Gibeom**. Ver nota em 9.3. Os gibeonitas tiveram que servir na casa de Deus (9.23 e nota).

* **21.43-45** Este resumo passa em revista o livro inteiro, e não apenas os caps. 13-21. A idéia que domina o livro inteiro é a fidelidade de Deus às suas promessas (v. 45).

* **21.43 jurara dar a seus pais.** A fidelidade de Deus, confirmada

neste livro, é a sua fidelidade às promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó. No Novo Testamento, essas promessas são identificadas como o evangelho (Gl 3.8; Introdução: Características e Temas).

* **21.44 nenhum... resistiu.** Estas palavras sintetizam os capítulos 1—12, cumprindo a promessa de 1.5.

inimigos. Ver nota em 23.1.

* **21.45 Nenhuma promessa falhou.** O escritor fala da conquista como se tivesse sido completada (vs. 43-45, nota; 10.40-42;11.23; 23.1,14), enquanto continuava a descrever a ocupação como incompleta (13.1-7; 15.63; 17.12,13; 18.3; 23.5). Um país pode ser oficialmente derrotado e ocupado antes que cada porção do mesmo cesse de oferecer resistência.

casa de Israel. Israel é considerado uma unidade (1.12-15; 13.8-33, notas).

* **22.1—24.33** Este livro se encerra com três capítulos sobre a fidelidade de Israel, correspondendo à fidelidade de Deus que tem sido o principal assunto até aqui (21.43-45 e nota). A resposta humana exigida pela graça notável de Deus é o tema que se repete nos capítulos finais. Cada capítulo

começa com Josué convocando o povo (22.1; 23.1,2; 24.1), e enfoca a sua atenção sobre a fidelidade que Deus agora requeria da parte deles.

* **22.1 rubenitas... Manassés.** Ver nota em 13.8-33.

* **22.4 repouso.** Ver 21.44; 1.13 e nota.

* **22.5 guardar... ameis... andeis.** As várias expressões usadas

para descrever a resposta humana apropriada diante da graça de

Deus, encontram-se em (Dt 4.9,29; 6.5; 10.12,13; 11.13 e notas). Elas retratam um amor e uma obediência confiante e de todo o coração (23.11 e nota; Jo 14.23).

* **22.6,7 abençoou.** Ver 8.33, nota.

* **22.8 Voltais.** As palavras de bênção de Josué assumiram a

forma de mandamentos (tal como se vê em Gn 1.28). Obedecer-lhes é receber o benefício.

* **22.9 Silo.** Ver nota em 18.1.

Gileade. Referindo-se, de modo geral, às terras a leste do rio Jordão.

* **22.10 altar grande e vistoso.** Esse altar serviria de monumento (v. 27).

* **22.12 toda a congregação.** Ver 8.35 e nota.

saírem à peleja. A reação dos israelitas pode ser entendida à luz do mandamento de que não tivessem altares rivais no santuário central (Lv 17.8,9). A lei requeria ações disciplinares contra a apostasia (Dt 13.12-18).

* **22.13 Finéias.** A ação dele, em Peor (v. 17; Nm 25.7,8) adiciona solenidade ao fato de ter sido escolhido para essa missão.

* **22.16 toda a congregação.** A unidade de Israel é enfatizada no livro

inteiro de Josué. Fronteiras geográficas e diferenças de experiência são transcendidas pelo único Deus, sob cujas promessas todo o Israel era um só povo (13.8-33). O corolário se constitui em que a apostasia e a rebelião contra Deus destruirão essa unidade.

deixando... de seguir. A apostasia consiste na infidelidade contra o Senhor; e o arrependimento é abandonar o pecado e voltar-se para o

Senhor (1 Rs 8.33;

Jr 3.7; Os 6.1).

um altar, para vos rebelardes. O altar foi compreendido pelo restante de Israel à luz de ensinos como os de Lv 17.8,9 e Dt 12. Mas a acusação foi precipitada. A lei mosaica requeria cuidadosa investigação antes de se tomar qualquer ação (Dt 13.12-14).

* **22.17 a iniqüidade de Peor.** Essa foi uma ocasião de grande apostasia, antes do povo de Israel entrar na Terra Prometida (Nm 25; Js 2.1, nota).

não estamos ainda purificados. Quanto à purificação, ver Lv 11—16. Uma purificação interior também está subentendida aqui. Os israelitas ainda não estavam libertos da tendência que demonstraram ter em Peor.

* **22.18 se irará.** Ver nota em 7.1.

* **22.19 Se a terra... é imunda.** Isto é, se a terra não se tornasse santa, mediante a presença de Deus. As terras a leste do rio Jordão eram uma dádiva de Deus tanto quanto as terras do oeste, a despeito da separação geográfica pelo rio Jordão (13.8-33 e nota).

tabernáculo. Ver nota em 18.1.

contra nós. A apostasia ofende não somente a Deus, mas também a seu povo.

* **22.23 Se edificamos**. Ambos os grupos do povo de Israel aceitavam os ensinamentos de passagens tais como Lv 17.8,9 e Dt 12 (v. 16, nota).

oferta. Ver Lv 1 - 3.

* **22.25 por limite entre nós e vós.** O livro de Josué

repetidamente rejeita a desunião (v. 16, nota).

não tendes parte no SENHOR. Negar que a terra pertencia à Deus (v. 19) era negar que eles compartilhavam da promessa de Deus.

* **22.27 testemunho.** O altar devia funcionar como um testemunho (cf. as pedras em Gilgal; 4.20-24), e não para servir como local de sacrifícios.

* **22.30 satisfeitos.** Contrastar a reação de Finéias à apostasia que realmente houve, em Nm 25.7,8.

* **22.31 o SENHOR está no meio de nós.** Os temores expressos no v. 18 não se cumpririam, pois a infidelidade suspeitada não havia ocorrido.

livrastes. Essa é uma maneira incomum de salientar um fato importante; por não terem se desviado do Senhor, eles tinham livrado Israel da ira de Deus.

* **22.34 Testemunho.** O altar testificava (v. 27) da realidade única que unia o povo inteiro de Israel, e, por implicação, do delito que poderia destruir Israel (v. 16).

* **23.1-16** Josué, em sua idade avançada, discursou perante todo o Israel, provavelmente em Silo (18.1; 19.51; 21.2). Os caps. 23 e 24 tomam as exortações do primeiro capítulo e aplicam-nas a Israel, depois do cumprimento substancial das promessas de Deus. O começo e o fim do livro de Josué (caps. 1 e 23-24) transmitem o propósito do livro inteiro, que é o de exortar à uma obediência fiel baseada na completa fidelidade de Deus às suas promessas. O

discurso de Josué, no cap. 23, exprime isso por três vezes (vs. 3-8, 9-13 e 1416), com variações quanto à ênfase.

* **23.1 repouso.** Ver nota em 1.13. A experiência de "repouso a

Israel de todos os seus inimigos", aqui ainda incompletamente concretizada, tornar-se-ia parte da esperança de Israel (Dt 12.10; 2Sm 7.11; 1Cr 22.9; cf. Mq 5.9 e Lc 1.71).

inimigos. Israel representava o reinado de Deus perante o mundo (Êx 19.5,6) e seria uma bênção a todas as nações (Gn 12.3). A hostilidade das nações contra Israel era uma expressão de sua hostilidade contra Deus (cf. Gn 3.15; Êx 23.22, notas).

velho. Josué morreu com cento e dez anos de idade (24.29, nota).

* **23.2 a todo o Israel.** Josué convocou representantes de todas

as tribos.

* **23.3-8** Nesses versículos, a chamada à obediência foi introduzida

por um lembrete sobre a fidelidade de Deus (vs. 5, 9, 14).

* **23.3 Deus... pelejou por vós**. Ver nota em 10.14.

* **23.4 nações que restam.** Uma afirmação da completa

fidelidade de Deus às suas promessas, e da natureza ainda incompleta da conquista real aparecem, lado a lado, neste capítulo (21.45, nota).

* **23.6 Esforçai-vos, pois, muito.** As conseqüências das

promessas de Deus, aplicadas a Josué, em 1.6 (nota), são agora aplicadas a todo o povo de Israel.

e cumprirdes. Ver nota em 1.7.

no livro da lei. Ver nota em 1.8.

* **23.7 para que não vos mistureis com estas nações. O**

hebraico original faz uma conexão íntima entre os vs. 6 e 7. A obediência fiel ao livro da lei levaria os israelitas evitarem a associação com nações pagãs.

*** 23.8 vos apegareis. Ver nota em 22.5.**

como fizestes. A geração prévia que se rebelara no deserto, e as gerações que se seguiram não agiram da mesma forma (cf. 24.31).

*** 23.9 ninguém vos resistiu até ao dia de hoje. A promessa**

feita a Josué, em 1.5, foi cumprida em favor dos israelitas (Dt 7.24 e 11.25).

*** 23.11 para amardes ao SENHOR, vosso Deus. Na Bíblia, o amor pode ser ordenado. Isso não significa que a tal amor falte profundeza emocional. Na verdade, o amor bíblico envolve mais do que as emoções. Esse amor é expresso em obediência alegre e voluntária (22.5, nota).**

*** 23.12 vos desviardes. Ver 22.16 e nota.**

e com elas vos aparentardes. Ver notas em Gn 26.34,35; 34.1-31 e 38.1-30.

*** 23.13 Deus, não expulsará mais. A validade da promessa de Deus (v. 5) não dependia da cooperação humana. A história de Israel mostra isso, como também o resto da Bíblia, culminando na obra de Cristo. Mas a promessa divina não beneficiaria aqueles que rejeitassem a graça de Deus. Essa estipulação fazia parte da promessa divina, desde o princípio (Gn 12.3).**

*** 23.14-16 Ver nota nos vs. 3-8. Nesta seção final do discurso de Josué, a exortação, uma vez mais, baseia-se sobre um lembrete da fidelidade de Deus, mas consiste inteiramente de advertências quanto às conseqüências de desviar-se do Senhor.**

* **23.14 Vós bem sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma**. O conhecimento da fidelidade de Deus nunca pode ser uma questão meramente intelectual, mas permeia e amolda todos os aspectos da vida do indivíduo.

Nem uma só promessa caiu. Ver nota em 21.45.

* **23.15 boas coisas... ameaças.** Existem dois aspectos na fidelidade de Deus, porquanto há dois lados em sua aliança — promessas e advertências. Pode-se confiar em Deus de que ele cumprirá suas advertências tão plenamente quanto podemos confiar que ele cumprirá suas promessas.

* **23.16 Quando violardes a aliança.** Ver nota em 7.11. **ira.** Ver nota em 7.1.

* **24.1-28** Já perto do fim de sua vida, Josué liderou o povo de Israel a uma reafirmação da aliança, mais ou menos aquilo que Moisés fizera pouco antes de sua morte (Dt 32.46). Tal como no caso do livro de Deuteronômio, pode haver uma analogia entre essa renovação da aliança e o tipo de tratado que era usado, tipicamente, para formalizar as relações entre as nações soberanas poderosas e as nações mais fracas, das quais eram suseranas (ver Deuteronômio: Introdução). Esses tratados, chamados de "tratados de suserania", comumente incluíam elementos como aqueles que se acham em Js 24, tais como um prólogo histórico passando em revista os cuidados tomados pela parte mais forte em relação ao seu país cliente (vs. 2-13): uma proibição a qualquer aliança externa (vs. 14,23), e também a necessidade da existência de um documento escrito (vs. 25 e 26). Também existem diferenças significativas entre esses tratados antigos e Js 24.

* **24.1 reuniu Josué todas as tribos.** Ver 8.33-35; 23.2 e nota.

Siquém. O próprio lugar onde Deus tinha prometido, pela primeira vez, a terra aos descendentes de Abraão (Gn 12.6,7), foi o lugar onde

os seus descendentes se reuniram, depois de terem recebido a terra. Ver nota em 8.30.

diante de Deus. Isso não implica, necessariamente, a mudança do tabernáculo de Silo (Js 19.51) para Siquém, naquela ocasião. A presença de Deus não estava restrita ao tabernáculo (cf. 1 Rs 8.27), assim como a sua presença também não era garantida pela possessão física da arca (1Sm 4.3-11).

* **24.2 Assim diz o SENHOR.** Josué fala com a autoridade de

Moisés (Dt 5.27) e de um profeta (Dt 18.15-19).

dalém do Eufrates. Presumivelmente a referência aqui é a Ur (Gn 11.28) ou Harã (Gn 11.31).

outros deuses. Esse aspecto pagão sublinha a graça de Deus, da qual essa história testifica, e provê o pano-de-fundo para a exortação no v. 14.

* **24.3-13** A palavra de Deus ao povo de Israel nessa oportunidade,

não representou uma palavra nova. Os livros de Gênesis (vs. 2-4), Êxodo (vs. 5-7), Números (vs. 8-10) e Josué (vs. 11-13) são passados em revista por meio de reiterações do trato do Senhor com o povo de Israel desde os tempos de Abraão, enfocando a dádiva da Terra Prometida a Abraão, e agora recebida pelos seus descendentes. A recapitulação começa com a condensação da promessa feita a Abraão, passando pela saída do Egito (Gn 11—50).

* **24.3 Eu, porém.** Deus é o sujeito dominante dos verbos nos vs.

3-13.

lhe multipliquei a descendência. A promessa de muitos descendentes a Abraão é uma consideração preeminente no livro de

Gênesis (Gn 12.2; 15.5; 17.2 e notas), e está relacionada à bênção de Deus sobre a humanidade, em Gn 1.26-28 (cf. Êx 1.7, nota).

* **24.4 Jacó e Esaú.** O princípio da eleição divina ficou clara na

escolha de Jacó sobre Esaú (Gn 25.23; Rm 9.11 e nota). Assim também fica clara a realidade de que as promessas de Deus estão em aparente conflito com o curso imediato da história. Jacó precisou ir ao Egito.

* **24.5-7** O relato de Josué acerca do êxodo é notável por não ter

ele mencionado a outorga da lei no monte Sinai. O relato concentra-se nas ações que levaram diretamente à ocupação da Terra Prometida.

* **24.6 mar Vermelho.** Ver nota em Êx 13.18.

* **24.7 vossos olhos viram**. O povo dos dias de Josué é referido

como tendo participado dos eventos remidores do passado. Isso enfatiza que eles deviam ver a bondade de Deus para com eles, não somente em sua experiência pessoal, mas também na história mais ampla de seu povo. Ver nota em 4.23,24.

no deserto por muito tempo. Algumas poucas palavras resumem tudo desde a travessia do mar Vermelho até à chegada na Terra Prometida. Ver nota nos vs. 5-7.

* **24.8-10** O resumo de Josué do livro de Números não menciona as

rebeliões que tiveram lugar no deserto (Nm 14.25), provavelmente por que a ênfase, em sua recapitulação, esteja nos feitos de Deus.

* **24.8 amorreus.** Ver nota em 2.10.

* **24.9 Balaão.** Ver Nm 22—24; nota em Js 13.22.

* **24.10 e ele teve de vos abençoar.** Balaão ilustra o completo poder de Deus sobre aqueles que quiseram prejudicar seu povo.

* **24.11 amorreus... jebuseus.** Ver 3.10 e nota.

* **24.12 vespões.** Provavelmente temos aqui uma metáfora que indica um

pânico súbito (2.9; 5.1; Êx 23.28; Dt 7.20).

não com a tua espada. Os israelitas receberam a terra como uma dádiva que não devia ser considerada sua própria realização (1.2, nota; cf. Ef 2.8).

* **24.14 temei ao SENHOR.** Ver Js 4.24. Essa reação positiva é requerida

pela história da fidelidade de Deus às suas promessas, nos vs. 2-13. O temor ao Senhor é associado ao conhecimento de sua graça e é plenamente compatível com o amor a ele (Dt 10.12,13; Sl 130.4). Contrastar com 2.9, onde os cananeus temeram a Deus por causa de seu julgamento vindouro, e com 7.5, onde os israelitas experimentam a ira do Senhor.

deitai fora os deuses. Isso pode referir-se, literalmente, aos ídolos, ou, metaforicamente, aos deuses que esses ídolos representavam, ou a ambas as coisas. A bondade de Deus para com Israel (vs. 2-13) requer uma lealdade exclusiva, resumida pelo primeiro mandamento (Êx 20.3).

Eufrates. Ver nota no v. 2.

no Egito. A idolatria de Israel no Egito seria lembrada por Ezequiel (Ez 20.7-10; 23.3-8,19-21,27).

* **24.15 escolhei, hoje, a quem sirvais.** Há uma certa ironia em oferecer

uma espécie de escolha, depois que o Senhor fora rejeitado. A escolha foi entre os deuses que Abraão deixara para trás (vs. 2,3) e os deuses dos amorreus que tinham sido expulsos da Terra Prometida (vs. 12; 2.10, nota).

Eu e a minha casa. Ver 6.25; 7.24; At 16.15.

* **24.16-18** Em resposta à chamada do v. 14, o povo de Israel repudiou

os outros deuses (v. 16), reconheceu a bondade do Senhor desde o êxodo até à conquista, e concluiu prometendo obediência ao Senhor.

* **24.19 Não podereis servir ao SENHOR.** Essa declaração paradoxal

em breve mostraria ser verdadeira (v. 31, nota; 7.1-26, nota; 23.12,13, nota; Jz 2.7,10-13; 2Rs 17.7-23; Dt 31.16). Ela se baseia na santidade de Deus, da qual ninguém pode aproximar-se descuidadosamente (Sl 15.1,2; Ec 5.1,2).

Ademais, Josué advertiu o povo de Israel por conhecer pessoalmente a rebeldia deles (22.17 e nota).

santo. Somente um povo separado dos caminhos pagãos (Lv 18.3; 20.26) pode servir o Deus que é santo, inteiramente separado de outros deuses (Lv 19.2).

zeloso. Ver Êx 20.5 e nota.

não perdoará. As transgressões em vista, aqui, equivalem à apostasia descrita no versículo seguinte.

* **24.20 se voltará.** A maneira de Deus tratar com o povo mudaria

da graça para o juízo (Gn 6.7). Em um outro sentido, Deus nunca muda (1Sm 15.29), visto que a sua promessa sempre incluía a ameaça de castigo (23.15; Gn 6.6 e notas).

* **24.21 serviremos ao SENHOR**. O povo de Israel rejeita a possibilidade imaginada ou predita, no v. 20.

* **24.22 testemunhas contra vós mesmos.** Quando eles foram acusados de abandonar o Senhor, a causa contra eles seria ratificada pela decisão deles naquele momento.

* **24.23 deitai fora**. Ver nota no v. 14.

* **24.25 fez Josué aliança**. Josué formalizou o relacionamento (cf. Gn 15.18; Dt 4.23; 29.1; ver também notas em 3.3 e 9.6).

estatuto e direito. Esse estatuto especificaria o conteúdo da obediência de Israel ao Senhor.

* **24.26 livro da lei de Deus.** Provavelmente, deve ser identificado com o

livro da lei em 1.8; 8.31 e 23.6.

carvalho. Cf. Gn 12.6; 35.4 e Jz 9.6.

* **24.27 testemunha.** Compare com as pedras em Gilgal que deviam

prover um testemunho do que Deus tinha feito (4.20-24, nota).

* **24.28 cada um para a sua herança.** Essas palavras são uma nota

apropriada de conclusão ao livro que fala sobre a dádiva divina da herança prometida a Israel. Palavras semelhantes ocorrem, após um período consideravelmente diferente, no fim do livro de Juízes (Jz 21.24). Ver nota em 1.6.

* **24.29-33** As mortes de Josué e Eleazar assinalam o fim do período

tratado neste livro. Seus sepultamentos, juntamente com o sepultamento dos ossos de José, na terra que agora estava sob a posse de Israel, simbolizam o cumprimento fiel das promessas feitas por Deus aos patriarcas.

* **24.29 servo do SENHOR.** Ver nota em 1.1.

cento e dez anos. Essa também era a idade de José quando ele morreu (Gn 50.22 e nota). Vidas longas assim indicavam as bênçãos de Deus (cf. Dt 34.7).

* **24.30 sua própria herança.** Ver 19.49,50. Diferente de Abraão, que tivera que comprar terras para obter um lugar de sepultamento (Gn 23.4; cf. Gn 33.19), Josué foi sepultado em sua própria terra.

*** 24.31 Serviu, pois, Israel ao SENHOR todos os dias de Josué. A**

fidelidade da geração de Josué e dos anciãos serviu de testemunho ao poder do Senhor em tudo quanto ele havia feito por Israel. O fato de que tal fidelidade

seria de breve duração dá apoio à declaração de Josué, nos vs. 19 e 20 (notas; Jz 2.7,10-13).

*** 24.32 Os ossos de José.** A promessa que foi crida por José (Gn

50.24,25 e notas) agora alcança o seu cumprimento.

Jacó comprara. Ver Gn 33.19. A nova situação de possuir a terra é novamente contrastada com os tempos dos patriarcas, que tinham apenas a promessa de que a receberiam.

*** 24.33 Eleazar.** Ver nota em 14.1.

Finéias. Ver nota em 22.13.

JUÍZES

*** 1.1-2.5** Essa introdução a Juízes, em que o cumprimento da aliança é expressado na expropriação e destruição dos cananeus, levanta a questão da liderança para a luta contra eles (v. 1). São narrados os sucessos e fracassos das várias tribos, quanto a guardarem a aliança, e o juízo divino contra Israel pelo seu fracasso pactual de permitir que os cananeus habitassem na terra (cf. Dt 7.1-2; 20.16-20). O espaço e os pormenores dedicados aos sucessos de Judá (vs. 3-20) formam um nítido contraste com os relatos breves dos fracassos das demais tribos (vs. 21-36), embora a casa de José seja tratada de modo positivo (vs. 22-26).

* **1.1 Depois.** O livro de Josué começa de modo semelhante: "Depois da

morte de Moisés" (Js 1.1).

Quem. Os israelitas fazem uma pergunta quase idêntica no fim do livro - "Quem dentre nós subirá primeiro a pelejar contra Benjamim?" (20.18). Deus escolheu Judá. Davi e seus herdeiros nasceriam dessa tribo.

cananeus. Os cananeus formavam um dos vários grupos que habitavam na terra de Canaã. Os israelitas foram ordenados a aniquilá-los (Dt 7.1-2; 20.16-20), e a questão de se conseguiriam obedecer aos termos da aliança ocupará a totalidade dessa seção introdutória.

* **1.8 espada.** Judá obedeceu à aliança, destruindo sem misericórdia os

habitantes (Dt 7.1-2; 20.16-20). Judá não ocupou Jerusalém nessa ocasião (v.

21).

* **1.10-15** Esses versículos, que descrevem as vitórias de Calebe e de Otniel,

são citados de Js 15.13-19.

* **1.12 Calebe**. Calebe, embora fosse, de descendência, quenezeu (Gn 15.19; Nm 32.12), era contado como membro da tribo de Judá. Representou Judá quando os espias foram enviados a Canaã (Nm 13.6).

* **1.13 Otniel... o irmão de Calebe, mais novo do que ele.** Ver Js 15.1719. Jz 1.12-15 fornece o único retrato que temos desse primeiro juiz.

* **1.19 Esteve o SENHOR com Judá.** Deus cumpriu sua promessa segundo a aliança (v. 2). Com a exceção da casa de José, o escritor trata resumidamente acerca das demais tribos, e descreve como tendo sido fracassadas as suas tentativas de colonizar a terra (1.27-36, nota).

carros de ferro. Esses carros, com suas rodas de madeira revestidas de ferro, eram armas poderosas, especialmente nas planícies. Com efeito, Judá é desculpada por não ter conseguido desalojar os cananeus.

* **1.20 Calebe.** Calebe, da tribo de Judá, é um exemplo de fidelidade à aliança. Em Dt 1.35-36, Calebe é recompensado pela sua obediência à aliança, obediência esta que provém da fé na promessa de Deus.

* **1.21 filhos de Benjamim.** O escritor especifica que Benjamim, a tribo de Saul, não fez uma conquista final de Jerusalém. De acordo com Josué 15.63, a tribo de Judá também falhou em expulsar os jebuseus de Jerusalém. A cidade ficava na fronteira entre as duas tribos. A conquista completa de Jerusalém ficou para Davi realizar (2Sm 5.7).

* **1.22 o SENHOR era com eles.** Além de Judá (v. 19), é somente a respeito da casa de José que está escrito que "o SENHOR era com eles.”

* **1.27-36** Judá, Benjamim, e José já foram mencionados. As falhas das demais tribos são apresentadas resumidamente, em forma de esboço.

* **1.34 filhos de Dã.** Ver caps. 17 - 18.

* **2.1-5** Esse trecho passa em revista o capítulo anterior e, assim como 2.20 - 3.6, fornece o pano de fundo para a narrativa que se segue. A aliança foi feita entre Deus e "vossos pais”; são as duas partes pactuais. As condições da aliança proíbem tratados com os

cananeus ou a mistura do culto com a religião deles. A inobservância dessas exigências provocou o castigo do pacto sobre Israel (Dt caps. 28 - 31).

* **2.1 o Anjo do SENHOR.** Uma teofania, ou seja: uma revelação visível de Deus. Ver 6.11-24; 13.2-23. As palavras do mensageiro preeminente de Deus (6.11 -24; Êx 3.1 -17) são as palavras do próprio Senhor. O Anjo do Senhor levou Israel para fora do cativeiro no Egito e lutou em favor dos israelitas (Êx 14.19; 23.20-23; 33.2; Nm 20.16; Is 63.9).

Gilgal. A arca da aliança estava em Gilgal (Js 5.1-12).

Do Egito vos fiz subir. Os Dez Mandamentos começam com a mesma declaração (Êx 20.2; Dt 5.6), o que nos relembra que a história daquilo que Deus tem feito está ligada com os seus mandamentos. O Deus Soberano que promulga a aliança identifica-se como o Benfeitor do seu povo.

e vos trouxe à terra, que, sob juramento, havia prometido. Deus cumpriu o seu juramento (Js 23.3-16). A diferença principal entre Deus e o seu povo é que Deus cumpre seu voto enquanto o povo quebra o seu.

nunca invalidarei a minha aliança. Ver Dt 7.9.

* **2.2 derribareis os seus altares.** A idolatria é considerada como o principal, o ato típico de violação à aliança (v. 11; Êx 34.13; Nm 33.52; Dt 7.5; 12.3; Js 23.16).

não obedecestes. Israel celebrou casamentos com os habitantes da terra (3.5-6) e não derrubou os altares destes (6.25-32). Não era possível expulsar os cananeus por causa do pecado de Israel.

* **2.3 adversários... laços.** Os casamentos mistos com os cananeus, bem como todos os demais relacionamentos com eles,

tinham sido proibidos porque semelhantes contatos levariam à idolatria (Êx 34.12; Nm 33.55; Dt 7.16; Js 23.1213). Por ter desobedecido às condições da aliança, Israel sofreria o que Canaã sofrera: a remoção da terra (Nm 33.56; Js 23.13; 2Rs 17.5-8; 25.1-11).

* **2.6-10** Essa seção, excetuando-se o v. 10, tem estreita semelhança

com Js 24.28-31 e introduz o padrão para os ciclos dos juízes que se seguem.

* **2.6 Havendo Josué.** Ver 1.1; Introdução: Data e Ocasião.

* **2.7 Serviu o povo ao SENHOR.** Ver Js 24.16-18, 21-22, 31. A

obediênca à aliança levou a bênções na terra para aquela geração.

viram todas as grandes obras. Ver v. 10; Dt 4.9; 6.22; 7.19; 11.2-7; Js 23.3.

* **2.10 que não conhecia ao SENHOR, nem tão pouco as obras que fizera a Israel.** Uma geração devia declarar as maravilhas de Deus à geração seguinte (Dt 4.9; 6.1-6). Salmistas posteriores as louvam (Sl 44.1-3; 78.2-8). Se o povo de Deus soubesse o que ele tinha feito, obedeceria aos mandamentos da aliança. Mas os líderes - os chefes de famílias, os sacerdotes e os juízes - não guardaram a aliança nem contaram à geração seguinte a respeito dos atos poderosos de Deus.

* **2.11-19** Esses versículos oferecem o padrão a ser seguido nos caps. 3 - 16. Demonstram a soberania de Deus na história, enquanto ele executa os juízos da aliança. Foi ele quem vendeu o seu povo e lutou contra ele, e foi também ele que suscitou os juízes para livrá-lo. A idolatria foi o pecado pelo qual Deus castigou a Israel. O conteúdo dos vs. 11-19 é elaborado em 1Sm 12.9-11 e Sl 106.34-46.

* **2.11 fizeram... o que era mau.** Esse refrão ocorre em 2.11; 3.7, 12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1.

serviram aos baalins. A iniqüidade de Israel chega ao cúmulo na sua adoração aos falsos deuses (v. 2 nota). Os israelitas escolheram Baal, o deus cananeu da tempestade, e rejeitaram o Senhor que os fez passar pelo Mar Vermelho e que era o verdadeiro Senhor da tempestade. "baalins" está no plural porque Baal era adorado de modo diferente em cada localidade cananéia.

* **Astarote.** Lit. "Astarotes". No plural feminino. Eram as deusas da fertilidade no panteão cananeu.

* **2.14. e os entregou.** Ver Dt 28.48; 1Sm 12.9. Os inimigos e opressores de Israel não tinham poder sobre o povo de Deus a não ser que ele assim permitisse. A conquista por Israel agora é revertida, à medida que povos de fora de Canaã (arameus, moabitas, midianitas, amalequitas, e filisteus) oprimem os israelitas, os novos habitantes da terra (3.8-12; 4.2; 6.1; 10.7; 13.1).

* **2.15 a mão do SENHOR era contra eles.** A mão do Senhor estava associada com o poder salvífico de Deus (Êx 3.20; 6.1; 13.3; Dt 4.34). Agora, a mesma mão estava virada contra os israelitas, em castigo. O Senhor era fiel tanto para abençoar quanto para julgar. Quando Deus livra os seus, ele os livra dos

inimigos como um ato de graça. É o seu próprio juízo que permite aqueles inimigos prevalecerem, e ao livrar os seus, ele tem que desviar esse juízo.

* **2.16 juízes.** O papel dos juízes era primariamente livrar a nação dos

seus inimigos (3.9, 15; 1Sm 12.11).

* **2.17 se prostituíram.** Tendo em vista que o acordo segundo a aliança

pode ser comparado com o casamento, a prostituição é uma metáfora padronizada para a infidelidade e a desobediência (8.33; Dt 31.16; o Livro de Oséias).

*

2.18 se compadecia. Os gemidos do povo comoviam

2.24; 6.5).

*

2.19 nada deixavam. Nem os juízes (v. 17) nem a de como

tinham sido livrados bastavam para levar o povo a guardar a aliança (v. 10).

*** 2.23 deixou ficar aquelas nações.** Ver Dt 7.22-23; Js 13.1-7. Assim

fica explicado por que ainda havia cananeus durante o período em que Israel tinha sido fiel (vs. 6-9). Os vs. 20-22 e 3.1-4 fornecem mais uma razão para Deus ter deixado ficar os cananeus: testar o coração do povo.

*

3.1 não sabiam. Ver 2.10. Mesmo o juízo divino era acompanhado pela

sua graça. A provação era uma oportunidade para a geração que não tinha visto o Senhor operar em seu favor exercer a fé e ver com seus próprios olhos o seu poder (v. 2).

*

3.3 filisteus, e todos os cananeus, e sidônios, e

cananeus e os heveus deveriam ser totalmente destruídos (1.1). Davi os derrotou ou destruiu.

* **3.5 no meio dos cananeus... jebuseus.** Todas essas eram nações

condenadas à destruição (1.1). Israel violou a aliança por habitar entre elas ao invés de destruí-las.

* **3.6 tomaram de suas filhas.** Isso teve o efeito de levar os israelitas à

idolatria. O resultado de fazer alianças com os cananeus ao invés de destruir a sua população é explicado repetidas vezes nos ciclos de narrativas que se seguem (2.2). Fica claro que o povo se importava mais com as alianças com seus vizinhos pagãos do que com sua aliança com Deus.

* **3.7 aos baalins e ao poste-ídolo.** Ver 2.11, 13 e notas.

* **3.9 Otniel.** Ver 1.13, nota. É ressaltada a posição de destaque da tribo

de Judá em Israel, posto que o primeiro juiz provinha dessa tribo, e foi o único juiz sem nenhuma falha explícita em guardar a aliança. O sucesso de Judá promove Davi, que foi descendente dessa tribo.

* **3.10 o Espírito do SENHOR.** O Espírito é mencionado também em

conexão com Gideão, com Jefté e com Sansão. Pelo dom do Espírito, os juízes eram revestidos de poder para libertar o povo (6.34; 11.29; 13.35; 14.6, 19;

15.14).

e ele julgou a Israel. Isso significa que lutou em favor de Israel e libertou o povo. Ver Introdução: Título.

* **3.11 a terra ficou em paz durante quarenta anos. Embora o**

padrão em

2.11-19 não mencione a duração dos períodos de paz, as próprias narrativas terminam com um comentário a respeito da paz ou da falta dela (v. 30; 5.31;

8.28; 12.7; 15.20; 16.31).

* **3.12-30** A história de Eúde humilha o opressor do povo de Deus.

* **3.12** Ver 2.11, nota.

Eglom, rei dos moabitas. O Senhor fortaleceu o rei pagão para ser usado como seu instrumento de juízo.

* **3.15 canhoto.** Lit. "com sua mão direita restringida." Essa não é a

palavra hebraica usual para significar "canhoto." É empregada de novo somente em 20.16, também no tocante a homens de Benjamim. "Benjamim" pode ser traduzido como "filho da mão direita," e é possível que o escritor esteja fazendo um jogo de palavras com referência a um filho canhoto da mão direita.

* **3.20 Tenho a dizer-te uma palavra de Deus. A mensagem secreta**

mencionada no v. 19 revela ser uma mensagem divina. Não se tratava de uma palavra falsa, mas da genuína palavra de Deus operando contra a mesma vara levantada por Deus para castigar o seu povo (v. 12, nota). Eglom tinha sido útil como uma ferramenta da ira de Deus contra Israel, mas agora essa ira volta-se contra o mesmo rei.

* **3.28 o SENHOR entregou.** Cada um dos principais juízes,

menos Otniel,

verbalmente reconhece o controle de Deus na vitória de Israel (4.14; 7.15; 11.2130; 15.18; 16.28).

* **3.30 em paz oitenta anos**. Ver v. 11, nota.

* **3.31 Sangar, filho de Anate.** Sangar é mencionado somente aqui e no

cântico de Débora (5.6). Tendo em vista que Anate era uma deusa cananéia de guerra, talvez "filho de Anate" tenha sido um apelido de herói de guerra.

seiscentos... com uma aguilhada de bois. Sansão matou mil filisteus com uma queixada de jumento (15.15-17).

* **4.2 Jabim.** Esse Jabim é descendente do Jabim mencionado em Js 11.1-9.

* **4.4 Débora, profetisa, mulher de Lapidote.** Lit. "uma mulher, uma profetisa, a mulher de Lapidote." A ênfase está no fato de uma mulher ser líder em Israel. Débora, uma profetisa, é mencionada na altura da narrativa em que é geralmente o libertador que é mencionado (6.8, nota).

* **4.5 atendia... a juízo.** Ou seja: era magistrado, promulgando decisões jurídicas.

* **4.6 monte Tabor**. Era uma colina redonda que ocupava uma posição isolada no lado norte da planície no vale de Jezreel.

* **4.7 ribeiro Quisom.** O ribeiro Quisom ficava ao sopé do monte Tabor, e estava virtualmente seco durante boa parte do ano (v. 15, nota).

* **4.8 Se fores comigo.** Baraque estava pedindo que Débora

arriscasse sua vida para verificar a veracidade das palavras dela, e também estava pedindo a uma mulher que fizesse aquilo que ele mesmo fora designado para fazer. Do ponto de vista dele, a missão era suicida, já que o monte Tabor era tão exposto que facilmente poderia ser cercado pelos carros de Sísera, sendo impedida qualquer via de escape. A fé de Baraque não era suficiente para enfrentar esse perigo.

* **4.9 não será tua a honra.** Baraque foi castigado por ter duvidado (v.8).

pois às mãos de uma mulher o SENHOR entregará a Sísera. O inimigo não será entregue a Baraque, mas a uma mulher. De conformidade com o plano de

Deus, Jael (v. 17) terá sucesso onde Baraque, devido à falta de fé, fracassará (vs. 18-22).

* **4.10 a Zebulom e a Naftali. Ver 5.13-18.**

* **4.13 o ribeiro Quisom.** Ver vs. 7, 15.

* **4.14 o SENHOR entregou a Sísera.** Débora confirma a sua palavra da

parte do Senhor (v. 7).

* **4.15 o SENHOR derrotou.** O cântico de Débora nos dá a entender que

o Senhor enviou chuvas que provocaram inundações repentinas imobilizando os carros de guerra inimigos.

* **4.18-21** Ver o relato poético em 5.24-27.

* **4.21 cravou a estaca**. Nenhum motivo é citado para a ação de Jael.

Uma mulher matou Sísera, e assim a palavra do Senhor a Baraque foi cumprida (v. 9). As mulheres não eram normalmente guerreiras, e era considerado vergonhoso morrer às mãos de uma mulher (9.53-54).

* **5.1-32** "O Cântico de Débora" é famoso por sua antigüidade e pela

sua notável qualidade literária.

* **5.2 os chefes se puseram à frente em Israel. A liderança é um tema**

principal em Juízes.

* **5.4 de Seir... desde o campo de Edom.** O monte Seir era a cordilheira

principal que passava por Edom, o ponto de partida de Israel para as batalhas de conquista (Dt 33.2). Deus é retratado como o grande Guerreiro indo à frente do seu povo.

* **5.4, 5 a terra estremeceu... diante do SENHOR. Deus é retratado como**

um guerreiro que emprega os elementos criados como armas. O retrato de Deus dominando a tempestade é duplamente apropriado: ao derrotar Sísera mediante um aguaceiro (v. 20) Deus refuta a alegação de Baal de ser este o senhor das tempestades.

* **5.6, 7 cessaram as caravanas.** A liderança fracassada de Israel tinha

resultado no caos e no domínio por estrangeiros. Não era como nos dias em que Deus tinha sido o guerreiro indo adiante de Israel (vs. 4-5). As caravanas já não passavam pelas estradas, pois essas eram inviáveis por causa dos opressores estrangeiros e dos salteadores.

Ninguém oferecia proteção.

* **5.7 mãe em Israel.** Os príncipes não queriam assumir a liderança

(subentendido no v. 2), mas uma mulher foi suscitada para conduzir Israel. Contrastar esse "mãe em Israel" com a desesperançosa mãe de Sísera (v. 28).

* **5.8 Escolheram-se deuses novos, então a guerra estava às portas.**

Essa é uma representação poética do ciclo do pecado e do castigo (2.11-19). A idolatria traz sofrimento à cidade.

* **5.9 se ofereceram.** Mais adiante no cântico, há uma comparação muito

pungente entre os que foram voluntários para a luta e aqueles que, por algum motivo, se recusaram (v. 13-23).

* **5.10 cavalgais jumentas brancas.** Jumentas eram cavalgadas pela

nobreza; o cântico é dirigido aos chefes mencionados nos vs. 2, 9.

* **5.11 atos de justiça do SENHOR.** Esses atos de justica do Senhor são

sua intervenção e a derrota dos inimigos do seu povo. São estes os seus julgamentos na terra (cf. Ap 15.4).

* **5.15 grande discussão.** A falta da participação de Rúben, Gileade, Dã e Aser (v. 17) demonstra que Israel não estava unido.

* **5.20 pelejaram as estrelas.** A participação dos céus significa que Deus estava intervindo, lutando como o Guerreiro divino do céu.

Historicamente, esse texto tem sido interpretado como sendo fundamento bíblico para a astrologia, mas isso distorce o significado da passagem.

* **5.23 Meroz.** Uma cidade de localização incerta.

* **5.24-27** Essa seção do cântico forma um paralelo estreito com a

narrativa de 4.18-22.

* **5.32 em paz quarenta anos.** A terminação padronizada liga o cântico de Débora e Baraque com o cap. 4 (cf. 2.19; 3.11).

* **6.1 - 8.32** Gideão foi o maior dos juízes. Os seguintes fatos confirmam esse conceito. (a) Sua história é a mais longa no livro. (b) O Senhor está mais visivelmente ativo nessa história do que em qualquer das demais. (c) O Anjo do Senhor apareceu a ele, mas a nenhum outro juiz (vs. 11-24). (d) Séculos mais tarde, Isaías relembra a derrota de Midiã por Gideão como uma grandiosa vitória (Is 9.4; 10.26). (e) É alistado em primeiro lugar na lista de libertadores em Samuel ("Jerubaal," 1Sm 12.11). (f) É colocado em paralelo com Moisés (6.11-24, nota). (g) O povo procurou fazê-lo rei (8.22-23). (h) Vivia como rei (8.26-27, 30, 32). Apesar de tudo isso, porém, Gideão fracassou gravemente em um aspecto. Gideão fez uma estola sacerdotal de ouro, e esta induziu ele e outros ao pecado (8.27). Na sua grandeza e na sua deficiência, Gideão prenunciou a necessidade de um libertador melhor, de um rei que realmente guardaria a aliança. Dessa maneira, ele aponta para Cristo.

* **6.2 o domínio dos midianitas**. Nenhuma das outras histórias em Juízes dedica tanta atenção aos pormenores da opressão quanto esta. Lares, colheitas, e gado ficaram sujeitos à maldição da aliança (Dt 28.30-33, 38-42). A opressão midianita era tão grande que Isaías a mencionou séculos mais tarde (Is 9.4; 10.26).

* **6.6 ficou muito debilitado.** Lit. "feito pequeno." A maldição da

aliança foi uma inversão da promessa de Deus a Abraão (Gn 15.5; 22.17; Dt 28.62; Sl 107.38-39).

clamavam. Ver 2.19; 3.9.

* **6.8 um profeta.** Os profetas constantemente lembraram o povo de suas obrigações pactuais. As palavras desse profeta cujo nome não foi citado (vs. 810) são virtualmente idênticas às palavras do Anjo do Senhor em 2.1 -3.

* **6.8, 9 vos fiz subir... e vos livrei... e os expulsei... e vos dei**. Lembrar-se desses atos salvíficos de Deus é o primeiro passo para guardar a aliança. Em Israel, a apostasia religiosa estava ligada ao esquecimento dos atos salvíficos de Deus, e da sua lei.

* **6.11-24** Esse é o âmago da narrativa de Gideão. Sua chamada é semelhante à chamada de Moisés (Êx 3); ele faz a pergunta que é pivotal na mensagem do livro (v. 13); e sua busca pela fé começa com sinais (6.1—8.32, nota). A necessidade e a busca de um libertador que cumpra a aliança, tal como o profeta Moisés, é o enfoque de Juízes.

* **6.11 veio o Anjo do SENHOR.** Ver 2.1; 13.3.

* **6.13 por que.** Essa pergunta é crucial no livro de Juízes. O Anjo não

respondeu à pergunta, pois o profeta já dera a resposta (vs. 8-10; Dt 28.47-52;

29.24-27; 31.17-18). Alguns dos salmos postulam uma pergunta semelhante (Sl 44.20; 74.9-11).

* **6.14 Vai nessa tua força.** Ver v. 34; 7.2, 7. Deus seria a sua força, embora Gideão ainda não o soubesse.

* **6.15 a mais pobre.** Saul, quando lhe perguntaram a respeito do

reinado, empregou palavras semelhantes (1Sm 9.21).

* **6.22 vi... face**. Ver 13.22; Dt 5.24; Is 6.5; 1Tm 6.16.

* **6.25-32** Esse episódio na vida de Gideão explica como ele veio a ser chamado Jerubaal. A idolatria do seu pai imediato é trágica, à luz daquilo que Gideão diz a respeito de "nossos pais" no v. 13.

* **6.25, 26 derriba o altar. Ver Dt 12.3.**

* **6.26 em camadas de pedra.** De conformidade com as disposições da Lei

de Moisés.

* **6.31 Se é deus.** Ver 10.14.

* **6.33-40** Gideão quis reforçar sua confiança ao pedir sinais (v. 17), e o

Senhor não os negou a ele (cf. Lc 1.18-20).

* **6.34 Espírito do SENHOR.** Ver 3.10 e nota; 11.29; 13.25; 14.6, 19; 15.14.

* **6.36 Se hás de livrar.** Embora o Espírito tinha vindo sobre Gideão, este ainda lutava com sua fé (6.27, nota).

* **7.1-8** A redução drástica das tropas demonstrou o poder de Deus para salvar Israel, e lhe trouxe glória. Serviu também de desafio a Gideão e encorajou Israel a confiar nele.

* **7.17 Olhai para mim.** Essas palavras são semelhantes àquelas de Abimeleque, filho de Gideão (9.48-49).

* **7.23 - 8.21.** A falta de união em Israel fica aparente nas dificuldades entre Gideão, Efraim, Sucote, e Penuel.

* **7.25 na penha de Orebe.** Ver Is 10.26.

* **8.1-3** O conflito aqui entre Efraim e Gideão é semelhante ao conflito entre Efraim e Jefté; ver 12.1-6.

* **8.4-21** Gideão tem problemas com os homens de Sucote e de Penuel, e acaba castigando os dois grupos por não lhe terem ajudado na perseguição dos líderes midianitas.

* **8.22 Domina sobre nós**. Gideão foi um juiz tão notável que o povo

queria torná-lo rei.

* **8.23 o SENHOR vos dominará.** Esse versículo, assim como 1Sm 8.7-9, demonstra que o reinado em Israel foi um erro. Mesmo assim, Juízes demonstra que se tornara necessário. Sem rei, a sociedade desintegrava-se (21.25).

* **8.24 dai-me... as argolas.** Embora Gideão rejeitasse o reino, agia como rei (v. 30 e 31).

* **8.27 estola sacerdotal.** A estola sacerdotal genuína do sumo sacerdote era usada para buscar a vontade do Senhor (1Sm 23.9-11; 30.7,8).

se prostituiu. Gideão, o maior dos juízes até Samuel, deu ao povo ocasião para pecar (2.17 e notas).

um laço a Gideão e à sua casa. O pai de Gideão tinha sido idólatra (6.25), e agora Gideão caiu no mesmo pecado.

* **8.31 Abimeleque.** Gideão dá ao filho da sua concubina o nome de

“Abimeleque” ("meu pai é rei”), apesar de Gideão ter alegado não querer ser rei. Ver vs. 23, 24.

*** 8.33 - 9.57** A história de Abimeleque demonstra o desastre que o tipo

errado de rei podia vir a ser. Abimeleque era um antilibertador, um opressor do povo, e um violador da aliança. Sua história suscita a pergunta de quem deve ser rei (9.2, 8-20, 28, 29). Tendo em vista essa pergunta, é significante que Abimeleque e Saul se assemelhem em aspectos importantes (9.23, nota; 9.54, nota). Assim fica subentendido que Saul era o mesmo tipo de rei que Abimeleque. A mensagem aos leitores de Juízes era que não deveriam querer que Isbosete, filho de Saul, fosse o seu rei, assim como Israel não tinha desejado Abimeleque, filho de Gideão.

*** 8.33 Baal-Berite.** Lit. “Baal (senhor) da aliança.” Esse deus era uma

imitação falsa do Deus que realmente era o Senhor da aliança. Ver 9.4, nota.

*** 8.34 não se lembraram.** Lembrar-se de Deus e das suas obras

salvíficas é o primeiro passo na obediência à aliança (2.10, nota).

* **8.35 nem usaram de benevolência. Ver 9.5, 16-19.**

* **9.1 Abimeleque.** Ver 8.31, nota.

* **9.4 Baal-Berite.** Ver notas no v. 46; 8.33. O templo de Baal-Berite

pagava o salário dos que oprimiam Israel nos tempos de Abimeleque.

* **9.5 sobre uma pedra.** Esses homens, com efeito, foram sacrificados a

Baal-Berite (v. 53, nota).

* **9.7 monte Gerizim**. O monte da bênção (Dt 27.12) foi usado para uma

maldição. Essa inversão ressalta o tema que permeia a história de Abimeleque (8.33- 9.57, nota).

* **9.14 espinheiro**. O reinado de Abimeleque, produto da idolatria (v. 4), seria um espinho para Israel (2.3, nota).

* **9.20 saia fogo**. A maldição de Jotão é cumprida nos vs. 45-52.

* **9.23 um espírito de aversão.** O paralelo histórico com Saul é

significante. Tanto Abimeleque quanto Saul receberam um espírito mau para vir contra eles quando começaram a perder os seus respectivos reinos (1 Sm 16.14). Essa é a primeira mênção da ação direta de Deus na história de Abimeleque.

* **9.26 Gaal.** Gaal é outro "Abimeleque," um irmão perdido que reivindica o direito de reinar tendo por base sua ascendência.

* **9.28 Quem é Abimeleque.** Note o discurso semelhante no v. 2,

também pronunciado em Siquém.

* **9.45 e a semeou de sal**. Isso a arruinaria para a agricultura.

* **9.46 El-Berite.** Lit. "deus da aliança." El era o pai dos deuses no panteão

cananeu. Esse era possivelmente o mesmo templo que aquele mencionado em 9.4, que fornecia dinheiro a Abimeleque. Agora, ele voltou para destruí-lo.

* **9.48 fazei-o também vós.** As palavras de Abimeleque, ao comandar seus homens, assemelham-se àquelas do seu pai (7.17).

* **9.49 e queimaram.** Assim foi cumprida a maldição de Jotão (v. 20).

* **9.53 uma pedra superior de moinho.** Uma pedra figurou de modo destacado na morte de Abimeleque, assim como figurara no assassinato de todos os seus irmãos (9.5, nota).

* **9.54 Desembainha a tua espada, e mata-me**. Assim como Saul (1Sm 31.4), Abimeleque quis manter o seu orgulho até a morte. Esse incidente, assim como a presença de um espírito mau da parte de Deus (9.23 e nota), ressalta uma grande semelhança entre Saul e Abimeleque.

Mulher o matou. Teve que compartilhar com Sísera esta indignidade (4.9).

* **9.56 Assim, Deus fez tornar**. Deus não fica muito visível nessa narrativa (9.23, nota). Mas ele levou Abimeleque ao juízo.

* **10.1-5** Dois juízes, Tola e Jair, são apresentados com poucos pormenores. Quatro outros juízes menores são descritos de modo semelhante (3.31; 12.8-15).

* **10.1 Tola**. Tola é mencionado somente aqui nas Escrituras.

* **10.3 Jair**. Assim como Tola, Jair não é mencionado em nenhuma outra parte da Bíblia.

* **10.4 que cavalgavam trinta jumentos.** Trinta filhos, trinta jumentos, e o controle de trinta cidades indica grandes riquezas e poder (5.10).

* **10.6 - 12.7** Cf. 1Sm 12.11. A lista dos ídolos seguidos (10.6) e o caos interno de Israel, tornaram-se ainda maiores (12.1-7). Jefté introduziu somente seis anos de paz (12.7) ao invés de uma geração inteira de paz (3.11, 30; 5.31; 8.28). Finalmente, de modo precipitado e pecaminoso, Jefté sacrificou sua filha (11.30-40, nota).

Muitos aspectos de Jefté relembram Gideão, Abimeleque, ou Saul. Jefté, assim como Gideão, era "homem valente" (6.12; 11.1). Os dois homens deixaram os efraimitas zangados por não os terem conclamados a participar de uma batalha (8.1-3; 12.1-6). Jefté e Abimeleque eram igualmente filhos marginalizados, sendo que um nasceu de uma concubina, e o outro de uma prostituta. Os dois reuniram para si bandos de aventureiros (9.4; 11.3). Tanto Jefté quanto Saul foram proclamados líderes em Mispa (11.11; 1 Sm 10.17). Os dois enfrentaram os amonitas como seus primeiros adversários (11.12-29; 1Sm 11.1-11). Tanto Jefté quanto Saul fizeram um juramento estulto que tornou-se em uma ameaça para seus primogênitos, e os dois ofereceram um sacrifício ilícito (11.30-40; 1 Sm 13.814; 14.24-25).

* **10.6 deuses.** Nos relatos anteriores, somente os Baalins e Astarote foram mencionados (2.11, 13; 3.7). Essa lista mais longa de deuses indica uma descida em parafuso nas violações da aliança perpetradas por Israel. Ver também os vs. 11-12 e a nota. Os povos mencionados cercavam Israel nas suas fronteiras.

* **10.10-16** Esse é o único relato no livro de Juízes onde Israel não

somente clama a Deus, como também deixa de lado os seus ídolos. Noutras ocasiões eles simplesmente clamaram ao Senhor, e ele os livrou (10.10; 2.19;

3.9). Deus sabia que o arrependimento era superficial, mas mesmo assim escolheu livrar os seus (cf. Dt 32.15-38).

* **10.10 deixamos o nosso Deus e servimos aos baalins.** A mesma linguagem é empregada na acusação contra eles no v. 6.

* **10.12 vos oprimiam.** A lista de deuses no v. 6 coincide quase

identicamente com a lista das nações opressoras. Israel rejeitara o Deus que libertara a nação e, além disso, seguia os deuses incompassivos dos seus opressores.

* **10.13 não vos livrarei mais.** Ver Dt 8.19-20; 31.16-17; Nm 33.55-56; Js

23.13; Jz 2.3.

* **10.14 clamai aos deuses que escolhestes.** Ver Dt 32.37-38. O mesmo

motejo é visto em Jr 2.28; 11.12,13.

* **10.15 livra-nos**. O desejo de ser libertado, e não o desejo de servir ao

Senhor, foi o verdadeiro motivo do arrependimento de Israel.

* **10.17 Mispa**. Ver 11.11; 20.1.

* **11.1 homem valente.** Esse título tinha sido aplicado a Gideão

(6.12).

filho duma prostituta. A ascendência de Jefté fez dele um marginalizado (v. 2).

*** 11.3 homens levianos.** Outra semelhança entre Jefté e Abimeleque

acha-se nos seus seguidores (9.4).

*** 11.9 o SENHOR mos der.** Jefté demonstrou a sua fé de que seria Deus

quem lhe daria a vitória.

*** 11.10 O SENHOR será testemunha.** Os anciãos estavam prestando

juramento para confirmar uma aliança.

*** 11.11 Jefté proferiu todas as suas palavras perante o SENHOR, em Mispa.** A aliança é confirmada diante do Senhor em Mispa. Anos mais tarde, o povo tornou Saul rei, também diante do Senhor em Mispa (1 Sm 10.17).

*** 11.12-29** Para o contexto histórico desse conflito, ver Nm 20.14-21;

21.10-35; Dt 2.16—3.11. Nos tempos de Jefté, os amonitas esperavam que pudessem estender o seu território para dentro de uma região que antigamente lhes pertencera, mas que agora pertencia a Israel havia trezentos anos. Jefté repudiou as exigências dos amonitas relembrando essa história e demonstrando que os israelitas não tomaram mais do que aquilo que o seu Deus lhes dera e, tendo recebido ordens diretamente dele (Dt 2.18-19), nada tinham roubado de Amom.

*** 11.12 rei dos filhos de Amom**. Assim como no caso de Saul, o primeiro adversário de Jefté foram os amonitas (1Sm 11.1-11).

Gileade foi a região ameaçada também na história de Saul.

* **11.23 o SENHOR, Deus de Israel.** A guerra era considerada uma luta entre os deuses das forças combatentes. Se Israel ganhou, foi porque o Deus de Israel lhe dera a vitória, e ninguém poderia disputar o resultado (v. 24). Ver v. 21.

* **11.27 o SENHOR, que é juiz, julgue.** Ver vs. 21,23. Jefté declarou que Deus era o Juiz sobre todos os povos e deuses. Aqui, a palavra é usada num sentido jurídico de promulgar uma decisão, embora Deus também, em última análise, viria a ser libertador (vs. 32-33). O livro dos Juízes afirma que Deus é o Rei verdadeiro (8.23) e o Juiz verdadeiro, sendo o único que poderia aliviar as angústias de Israel.

* **11.29 Espírito do SENHOR**. Ver 3.10 e nota.

* **11.30-40** Jefté derrotou os amonitas, mas no decurso dos seus atos fez um

voto precipitado ao Senhor e sacrificou a sua filha como holocausto. Deus não deveria ser adorado do modo como os pagãos adoravam aos seus deuses, mediante o sacrifício humano (Dt 12.31; 18.10; Sl 106.37-38). Como libertador, Jefté não mostrou ao povo como guardar a aliança, embora demonstrasse evidência da sua fé (vs. 10-11, 21,23, 27). Assim como Jefté, Saul também fez um voto precipitado que acabou se tornando em uma ameaça contra seu próprio filho (1 Sm 14.24-45).

* **11.35 rasgou as suas vestes.** Era o sinal de luto por causa de uma

morte.

fiz voto. Embora os votos fossem sagrados (Dt 23.21-23), a ação de Jefté foi errada. O sacrifício humano era totalmente proibido em Israel

(v. 39, nota). O ato de cumprir um voto pecaminoso é pecado. Juramentos e votos ilícitos não devem ser feitos ou, se forem feitos, não devem ser cumpridos (cf. Mt 14.1-12).

*** 11.36 faze, pois, de mim segundo o teu voto. Ou seja: "ofereça-me**

como sacrifício" (vs. 30-31).

*** 11.37 chore a minha virgindade.** Isso significa, provavelmente, lamentar

porque nunca se casaria nem teria filhos. (vs. 38, 39).

*** 11.39 lhe fez segundo o voto.** O fato fica claro, embora seja expressado

de modo delicado. Jefté sacrificou a sua filha como holocausto. É observado que ela era virgem, mas esse não era o conteúdo do voto. O sacrifício humano era pecado, uma imitação da prática pagã (11.30-40, nota; Dt 12.31; Sl 106.38).

*** 12.1-7** Essa narrativa, que segue imediatamente após o sacrifício da

filha de Jefté (11.30-40), dá a entender que a luta entre Jefté e Efraim, bem como seu período abreviado como juiz (v. 7) foram o castigo divino contra ele por ter

sacrificado a sua filha. O Sl 78 (especialmente vs. 9-11, 67) reflete sobre a recusa de Efraim de entrar na luta, e explica a rejeição divina de Efraim como líder de Israel. Judá, a tribo de Davi, e não Efraim, conduziria Israel (Sl 78.68-72).

*** 12.1 homens de Efraim.** Assim como Gideão, Jefté teve problemas com

Efraim (8.1-5); diferentemente de Gideão, deixou resultar em guerra civil. Havia lastimável falta de união em Israel.

Por que. Ver em 8.1 uma pergunta quase idêntica postulada a Gideão.

*** 12.4 no meio de Efraim e Manassés.** Os gileaditas descendiam de

José, da mesma forma que Efraim e Manassés.

*** 12.5 os vaus do Jordão.** Gileade estava ao leste do Jordão, e Efraim ao

oeste.

*** 12.6 chibolete... sibolete.** Os efraimitas podiam ser reconhecidos pela

maneira de pronunciarem certas palavras no seu dialeto.

*** 12.7 Jefté... julgou a Israel seis anos.** Os juízes anteriores ficavam na

liderança durante quarenta ou oitenta anos, e a paz durava uma ou duas gerações. O governo abreviado de Jefté, o aumento do número de deuses sendo adorados, e a guerra civil com Efraim contribuem para a decadência moral cada vez maior de Israel.

*** 12.8-15** Ibsã, Elom e Abdom são mencionados resumidamente (10.1-5,

nota). Nada mais se sabe acerca desses homens. Elevam a doze o número total de juízes mencionados no livro dos Juízes.

*** 12.14 setenta jumentos.** Abdom tinha poderes e riquezas virtualmente

como uma realeza (10.4).

* **13.1—16.31** A história de Sansão é a última nos ciclos dos juízes. Seu futuro era grandemente promissor. Era nazireu desde o ventre materno, e seu nascimento foi uma dádiva sobrenatural aos pais estéreis; assim como o grande juiz Gideão, o Anjo do Senhor apareceu no seu chamamento; diferentemente de qualquer outro juiz, seu chamado ocorreu desde o ventre materno; e mais do que qualquer outro juiz, experienciou o poder do Espírito vindo sobre ele (13.25; 14.6, 19; 15.14). Mesmo assim, de todos os juízes, Sansão foi o mais claramente sem comprimisso. Tendo assumido o voto do nazireado (13.4-5, 7, 14; 16.17; Nm 6.121), só observou o aspecto de não cortar os cabelos. Repetidas vezes violou a aliança de Deus e o seu voto ao procurar esposas estrangeiras, deitar-se com prostitutas, tocar em coisas mortas, e beber vinho. Não demonstrou interesse em libertar Israel. A forma do seu chamamento e as circunstâncias do seu nascimento e da sua vida só ressaltam a tragédia da sua vida e enfatizam até quais profundezas Israel se rebaixara. Mas Deus o suscitara para livrar Israel dos filisteus (v. 5), e ele aproveitou até mesmo os pecados de Sansão como ocasião contra eles (14.4).

Sansão não era como Gideão, nem como Samuel. Embora o Espírito tivesse vindo repetidas vezes sobre ele, esse fato não teve nenhum impacto sobre o seu caráter. Assim como Saul, Sansão perdeu, o revestimento do Espírito como resultado do castigo divino. Mesmo assim, o relato do fim da sua vida (16.25-31) reflete uma renovação da sua fé enquanto era prisioneiro dos seus inimigos (e os de Deus). Hb 11.32 alista Sansão no rol de honra da fé.

* **13.1 Tendo os filhos de Israel tornado a fazer o que era mau. A**

formúla introdutória usual é especialmente abreviada (cf. 2.11-19).

entregou nas mãos dos filisteus. Ver 2.14; 1 Sm 12.9.

*** 13.2-25** Da mesma maneira que Gideão (6.11-24) os pais de Sansão não

reconheceram o Anjo do Senhor. Viram um fogo milagroso, e depois temeram as

conseqüências de terem visto o Anjo do Senhor. Esses paralelos notáveis suscitam a pergunta de se Sansão não viria a ser um juiz tão grande como Gideão (13.1 - 16.31, nota). Três vezes, as exigências do nazireado foram definidas, antes mesmo de Sansão nascer (vs. 4-5, 7, 14). Essa repetição ressalta a sua importância.

*** 13.2 estéril.** A mãe de Sansão era estéril, assim como Sara, Rebeca,

Raquel (Gn 16.1; 25.21; 29.31), e a mãe de Samuel (1Sm 1.2, 5; Jz 13.1 —

16.31, nota).

*** 13.3 o Anjo do SENHOR.** Ver 2.1; 6.11-24; 13.1 - 16.31, nota; “Anjos”,

índice.

*** 13.5 nazireu... desde o ventre de sua mãe.** Para o contexto histórico,

ver Números 6.1-21. Normalmente, o voto do nazireado era tomado por um determinado período de tempo, e não desde o nascimento (13.1—16.31, nota).

*** 13.6 sua aparência era semelhante à dum anjo de Deus. Ela deixou**

de reconhecer que era realmente o Anjo do Senhor (6.22; 13.16).

* **13.15 prepararemos um cabrito.** Repetiram a hospitalidade de Gideão

(6.19).

* **13.17 Qual é o teu nome.** Jacó fez a mesma pergunta (Gn 32.29).

* **13.19-22** Esses incidentes formam um paralelo com aqueles na vida de Gideão (6.20-22).

* **13.24 o menino cresceu, e o SENHOR o abençoou.** A despeito da bênção divina, Sansão era fraco na fé (13.1-16.31, nota), em contraste com Samuel (1 Sm 2.26; 3.19) e com Jesus (Lc 2.52).

* **14.1—15.20** Imediatamente depois de entender que o Senhor estava com Sansão e que o Espírito começava a se mover nele (13.25), o leitor é informado de que Sansão procurou uma esposa dentre os filisteus (14.1-2). Nessa seção é revelado que Sansão tinha forças prodigiosas, capacidades poéticas, e orgulho e mau gênio intensos. A narrativa gira em torno da busca e da perda da esposa filistéia e das conseqüências tanto para a Filístia quanto para Sansão. No decurso desses eventos, Sansão violou o voto do nazireado ao tocar num animal morto (14.8-9), e ao beber vinho (v. 10). Tudo que lhe restava fazer nesse sentido era cortar os seus cabelos. Três vezes o Espírito do Senhor veio sobre ele, e ele matou os seus inimigos. Liderou Israel durante vinte anos (15.20). Normalmente, esse seria o fim da narrativa. Sansão, no entanto, continuava a se deixar desviar por mulheres estrangeiras, e a história termina com a narrativa da sua morte como resultado de seus próprios feitos (cap. 16).

* **14.2 uma mulher... dos filisteus.** Os israelitas não devem casar-se com

mulheres estrangeiras (3.1-6; 14.3; Dt 7.3-4; 1Rs 11.1-6; Ed 9-10).

* **14.4 isto vinha do SENHOR.** Embora o desejo de Sansão fosse

pecaminoso, Deus o usou visando seus próprios propósitos de exercer o juízo contra os filisteus.

* **14.6 Espírito do SENHOR.** Ver 3.10, nota.

* **14.8, 9 o corpo do leão**. Parte do voto nazireu incluía evitar a mínima

aproximação a um cadáver (Nm 6.6). Sansão tocou no cadáver, o que já anularia o seu voto. Não contou aos pais. À primeira vista, imaginaríamos que ele guardou segredo visando o propósito de apresentar o seu enigma, mas também estava escondendo a transgressão do seu voto.

* **14.10 fez... um banquete.** Num banquete destes, o vinho era

normalmente servido. Mas Sansão, como nazireu, era proibido de beber vinho (13.1-16.31, nota; 13.2-25, nota).

* **14.19 o Espírito do SENHOR.** Ver 3.10, nota.

* **14.20 Ao companheiro de honra.** Esse não era um costume, mas uma

tentativa de um pai envergonhado em salvar as aparências (15.1-2). Até mesmo os filisteus continuavam a referir-se a Sansão como "o genro do timnita” (15.6).

* **15.1 nos dias da ceifa do trigo.** Esse era um tempo de seca, quando,

então, os campos se queimariam facilmente (vs. 4-5).

sua mulher. Legalmente, era esposa de Sansão.

* **15.2 a dei ao teu companheiro.** Ver 14.20 e nota.

* **15.6 o genro do timnita.** Ver 14.20 e nota.

*** 15.13 amarraram-no com duas cordas novas. Ver 16.11-12.**

*** 15.14 o Espírito do SENHOR.** Ver 3.10, nota; 14.6, 19.

*** 15.15 uma queixada de jumento, ainda fresca... mil homens. Ver o**

paralelo com Sangar, filho de Anate (3.31).

*** 15.18 clamou.** Essa é uma das duas únicas vezes que a narrativa diz que

Sansão falou ao Senhor (16.28).

morrerei eu, agora, de sede. Assim como os israelitas que presenciaram milagre após milagre no deserto, Sansão queixou-se a Deus. O paralelo é marcado pelo clamor por água e pela maneira milagrosa de Deus fornecê-la (v. 19; Êx 17.1-7;

Nm 20.1-13). Tanto Israel quanto Sansão queixavam-se a Deus, mas ele, na sua misericórdia e compaixão, supriu as suas necessidades (Jz 10.10-16).

*** 15.20 vinte anos.** Normalmente, essas palavras assinalariam o fim da

história, mas não neste caso (14.1-15.20, nota). Assim como Jefté (12.7), Sansão não dirigiu Israel durante uma geração inteira (quarenta anos) assim como tinham feito os juízes anteriores.

*** 16.1-22** Esse relato contém duas histórias paralelas que demonstram o

desejo que Sansão tinha pelas mulheres, sua força prodigiosa, e os esforços que os filisteus fizeram para prendê-lo. As contínuas violações da aliança por parte de Sansão foram julgadas por Deus; os filisteus o prenderam e o cegaram (vs. 2122). As tentativas de Dalila

para enganar Sansão revelam quão tolo ele era por ainda ficar com ela. É ainda mais estranho que o Espírito de Deus tenha se apartado dele somente quando foram cortados os seus cabelos, e não nalgum momento anterior das suas violações da aliança. Deus teve paciência com Sansão até desaparecer o último sinal do seu voto, e foi então que ele o julgou.

*

16.1 uma prostituta. Sansão violou novamente a alian

* **16.11 cordas novas.** Ver 15.13.

* **16.15 Como dizes.** Ver 14.16-17.

* **16.17 desde o ventre de minha mãe. Ver 13.5.**

se vier a ser rapado. Sansão sempre desconsiderara os demais aspectos do seu voto (13.1-16.31, nota). Sua verdadeira força era o Espírito do Senhor (v. 20).

* **16.20 o SENHOR se tinha retirado dele.** O Espírito do Senhor já não lhe

dava forças (13.25; 14.6, 19; 15.14). Assim como Saul (cf. Is 16.14 com 1Sm 15.23), Sansão perdeu o poder do Espírito porque desobedeceu. Deus era a sua força, e não alguma magia associada com seus cabelos cumpridos.

* **16.23 Nosso deus nos entregou.** Deus é o Juiz que permitia que

opressores maltrassem seu povo por causa do pecado deste (v. 20); não foi o poder dos deuses das nações que as capacitou a vencer Israel (2.14-15).

* **16.28 SENHOR Deus.** A petição final de Sansão é tirar vingança pela

perda da sua vista. O escritor não comenta esse motivo. Deus, na sua graça, respondeu à oração e permitiu que Sansão matasse os inimigos de Israel (10.1016; 15.18-19).

*** 16.30 mais... do que os que matara na sua vida. Ver 13.1-16.31, nota.**

*** 16.31 Julgou... vinte anos.** Ver 15.20, nota.

*** 17.1-18.31** Essa seção, que relata a idolatria dos danitas, faz parte da

conclusão do livro dos Juízes. As expressões: "Naqueles dias não havia rei em Israel" (17.6; 18.1), e "cada qual fazia o que achava mais reto" (17.6) são repetidas na última seção dos ciclos de narrativa (19.1; 21.25). Sem um rei, o povo estava na desgraça.

*** 17.2** A história começa de modo abrupto, com a devolução de dinheiro

furtados. A mãe não parece ter ficado surpresa.

*** 17.3 dedico... ao SENHOR... para fazer uma imagem de escultura e**

uma de fundição. Essa declaração é altamente irônica. Por mais bem-

intencionada, a consagração da prata dessa maneira violava o segundo mandamento (Dt 5.8), o que indica a ignorância espiritual daquele período.

*** 17.5 uma estola sacerdotal.** Ver 8.27 e nota.

*** 17.6 Naqueles dias.** Ver 18.1; 19.1; 21.25. O refrão comenta a

ignorância de Mica e da sua mãe, ignorância típica daqueles tempos. Fizeram ídolos em nome do Senhor, e designaram seu próprio sacerdote.

* **17.7 Levita.** A herança dos levitas era a de servirem ao Senhor na sua

morada, o tabernáculo (Dt 18.1-8; Js 13.14, 33; 14.3-4).

* **17.10 sê-me por pai.** Isto é, num sentido religioso.

* **17.11 como um de seus filhos.** O fato que o levita "consentiu" com o

plano proposto demostra sua total insensibilidade à apostasia. Um oficial do tabernáculo estava servindo a um ídolo.

* **17.13 me fará bem.** Essa é uma declaração tola (v. 3, nota; 17.1-18.31,

nota), que ilustra ainda mais como o entendimento estava obscurecido naqueles tempos, rebaixando-se até ao nível da superstição.

* **18.1 Naqueles dias... àquele dia.** Essa expressão repetida (ver também

17.6) indica com sutileza, desde o próprio início da narrativa, que os danitas estavam fazendo o que era reto aos seus próprios olhos.

não havia rei em Israel. Ver 17.6, nota.

não lhe havia caído por sorte a herança. Os danitas tinham falhado em não conquistar a porção destinada a eles (1.34-36). Estavam violando a aliança.

* **18.2 a espiar... a terra.** Estavam imitando os seus antepassados (Nm

13.2, 12).

* **18.3 reconheceram a voz.** Ou seja: o sotaque distintivo do jovem do sul

de Israel (cf. 12.6).

* **18.5 Consulta a Deus.** Aparentemente os sacerdotes usavam uma

estola sacerdotal para buscar saber a vontade do Senhor (8.27 e nota).

* **18.6 o caminho que levais está sob as vistas do SENHOR.** A ironia trágica dessa história - o levita ministrando a ídolos, a confiança absurda de Mica (17.13) - cancela a validade de semelhante bênção pronunciada por lábios ímpios.

* **18.7 em paz e confiado.** Sua natureza pacífica e indefesa é ressaltada

pela repetição (vs. 10, 27-28).

* **18.9 a terra... é muito boa.** Diferentemente dos espias originais que

entraram em Canaã, estes espias trouxeram um bom relatório. A conquista seria fácil, porque o povo de nada desconfiava, e era pacífico (vs. 7, 10).

*** 18.14 uma estola sacerdotal, e ídolos do lar, e uma imagem de**

escultura, e uma de fundição. Essa lista inteira (17.5) é repetida três vezes nos seis versículos que se seguem (vs. 17, 18, 20) e, ainda, é referida mais duas vezes de modo mais geral (vs. 27, 30-31).

*** 18.16 seiscentos homens... armados... à entrada. A ação dos danitas foi**

um tipo de paródia da conquista da terra iniciada anteriormente sob a liderança de Josué. Vão com a força de números esmagadores contra um único lar, ao invés de enfrentarem, com a força do Senhor, um inimigo feroz. Duas vezes é mencionado que os homens armados ficaram à entrada da porta.

*** 18.19 sê-nos por pai e sacerdote. Ver 17.10, nota.**

*** 18.20 Então, se alegrou o coração do sacerdote. Ficou feliz pelo**

progresso pessoal.

tomou a estola sacerdotal... a imagem de escultura. O sacerdote estava para dirigir Dã em falsa adoração, assim como tinha feito na casa de Mica.

*** 18.21 diante de si**. Isto é, a fim de protegê-los de um ataque vindo por

detrás.

*** 18.24 Como... me perguntais.** Mica é uma figura patética, que acredita

que Deus abençoará a "obediência" em qualquer forma que ele optasse por oferecê-la (17.13).

*** 18.27 Levaram eles o que Mica havia feito. Ver v. 14.**

um povo em paz e confiado. Os israelitas deviam destruir somente as sete nações proscritas de Canaã (Dt 7.1). Aos demais povos, deviam primeiramente oferecer a paz (Dt 20.10-18). Dã não perguntou quem eram essas pessoas (Js 9.1-27) e pode ter destruído uma população inocente. Além disso, essa não era a região que Deus havia apontado à tribo de Dã (Js 19.47).

*** 18.30 levantaram para si aquela imagem de escultura. Isto exemplifica**

o comportamento na ausência de um rei, quando todos faziam o que era reto aos seus próprios olhos (v. 14; 17.6).

Jônatas, filho de Gérson, o filho de Manassés. Esse foi o levita que Mica tinha contratado (17.10, 13).

até ao dia. Visto que o v. 31 especifica que o ídolo de Mica permaneceu em pé enquanto "a casa de Deus esteve em Silo," o cativeiro mencionado aqui seria o período de opressão que começou com a vitória dos filisteus perto de Silo, quando, então, a arca foi removida de lá (1 Sm 4.4, 11). O cativeiro na Babilônia ocorreu muito mais tarde.

*** 18.31 a Casa de Deus.** Trata-se do tabernáculo, que esteve em Silo até aos tempos de Samuel (Js 18.1; 1 Sm 3.21; 4.3). Isso foi antes do reinado de Davi. A arca foi levada de Silo para a batalha pelos filhos de Eli, e foi capturada pelos filisteus (1Sm 4.4-11). Depois disso, a arca nunca mais esteve em Silo.

*** 19.1-21.25** A situação em Israel havia se deteriorado tanto que alguns entre o povo de Deus comportavam-se como os habitantes de

Sodoma e de Gomorra (Gn 19.1-11). A guerra civil entre as tribos foi o resultado. Essa história final na conclusão de Juízes declara que a desgraça de Israel era resultado da falta de um rei (19.1; 21.25; cf. 17.6; 18.1). Foi Benjamim a tribo que pecou.

Ainda mais, foram os homens de Gibeá, cidade natal de Saul, que se comportaram como o povo de Sodoma. A ação de Saul em 1 Sm 11.6-8 forma um paralelo claro com a profanação que o levita fez da sua concubina (19.29, nota). Finalmente, Judá, a tribo de Davi, foi a escolha do Senhor para ser líder contra Benjamim (note a semelhança da linguagem entre 1.1-2 e 20.18). Os benjamitas tinham praticamente se tornado cananeus. Ninguém, porém, estava sem culpa no caso. Cada tribo estava fazendo o que achava certo (21.25). A conclusão a ser tirada era que havia necessidade de um rei, proveniente de Judá e não de Benjamim. Davi, e não Saul, teria as qualificações iniciais. Mas o próprio Davi, sendo um homem, revelaria ser insuficiente para a tarefa, conforme demonstrariam os acontecimentos posteriores (2 Sm 12.10, 11). Somente o Senhor, a quem o povo rejeitara (1Sm 8.7, 8) poderia ser Rei verdadeiro (8.22,

23).

* **19.1 levita.** Esse homem provinha da tribo cujos homens serviam ao Senhor como seus sacerdotes.

concubina. Uma concubina era normalmente uma escrava, e tinha uma condição jurídica inferior a de uma esposa (8.31; 9.18).

* **19.2 aborrecendo-se dele.** Ou: "prostituindo-se". A lei exigia que os adúlteros fossem apedrejados (Dt 22.22), mas o povo não estava seguindo a lei (17.6; 21.25).

* **19.10 Jebus... Jerusalém.** Ver 1.21 e nota.

* **19.12 Não nos retiraremos a nenhuma cidade estranha.** Ironicamente, não querem pernoitar com estrangeiros, mas depois descobrem que seus compatriotas israelitas não são melhores do que

Sodoma e Gomorra (19.1-21.25, nota).

Gibeá. Quando o livro dos Juízes foi escrito, Gibeá devia ser bem conhecida como a cidade natal de Saul (19.1-21.25, nota).

* **19.14-20.48** A história do que aconteceu com o levita em Gibeá é semelhante à história de Sodoma e Gomorra (Gn 19.1-13). O pecado de Gibeá foi como o de Sodoma e Gomorra, e os benjamitas foram destruídos pela permissão e ajuda do Senhor (20.18, 28, 35). Saul provinha de Benjamim, e não seria de ajuda para ele, nem para seus descendentes, que esses eventos fossem lembrados.

* **19.15 assentou-se na praça da cidade.** Dessa maneira, os viajantes demonstraram que precisavam de hospitalidade (vs. 16-20).

* **19.16 um homem velho... de Efraim.** Foi necessário um outro

"estrangeiro", de outra geração para lhes dar hospitalidade.

* **19.18 para a Casa do SENHOR**. Isto é, para o tabernáculo em Siló

(18.31).

* **19.22 Traze para fora o homem. Ver Gn 19.5.**

* **19.23 não façais tal loucura.** No mínimo, segundo os costumes da

hospitalidade, o hospedeiro não pode contemplar a entrega do seu hóspede à violência. Na Lei, o ato sexual envolvido é descrito como "abominação" (Lv 18.22; 20.13).

* **19.24 Minha filha virgem.** Assim como Ló ofereceu as suas filhas para

proteger o seu hóspede (Gn 19.8), o hospedeiro oferece a sua filha

para proteger o levita. O autor não comenta a moralidade dessa oferta, mas a história inteira é apresentada como uma derradeira ilustração das conseqüências malignas de abandonar o governo de Deus e fazer o que é certo aos seus próprios olhos.

* **19.28 porém ela não respondeu.** Já estava morta.

* **19.29 doze partes.** Os leitores originais de Juízes deviam estar bem

cientes de como Saul, posteriormente, cortou bois em doze partes a fim de conclamar Israel a lutar contra os amonitas (1Sm 11.6-8).

* **19.30 Nunca tal se fez.** Trata-se do uso grotesco do cadáver da mulher.

* **20.1-48** O ataque contra o levita e sua concubina resultou na guerra civil

entre Benjamim e o restante de Israel (cap. 19). As referências à atuação unida de Israel (vs. 1-2, 8, 11) ressaltam um fato importante: Pela primeira vez no livro dos Juízes, a nação de Israel ficou unida. Embora a sua atuação não fosse

injusta, é lastimável que só se uniram a fim de castigar uma das suas próprias tribos (v. 23). Judá tinha que tomar a liderança contra Benjamim assim como fizera contra os cananeus (v. 18; 1.1,2 e notas).

* **20.1 perante o SENHOR em Mispa.** Ver 11.11, nota. Saul tornou-se rei em Mispa.

como se fora um só homem. Pela primeira vez, Israel agiu unido, mas o propósito era guerrear contra seus irmãos.

desde Dã até Berseba. As extremidades do norte e do sul de Israel.

* **20.2 na congregação do povo de Deus.** Depois dos repetidos ciclos de pecado, do juízo, e do livramento, é uma evidência da misericórdia de Deus que Israel ainda fosse chamado de o seu povo.

* **20.5 violaram a minha concubina.** O levita omite os pormenores de como a concubina tinha sido oferecida (19.23-24).

* **20.8 como um só homem**. Ver vs. 1, 11, e 20.1-48, nota. Os israelitas prestaram juramento no sentido de levar o caso até às últimas conseqüências.

* **20.13 tiremos de Israel o mal.** Os israelitas não percebiam o mal que permeava a sua própria comunidade.

* **20.16 canhotos**. Ver 3.15, nota.

* **20.18 Betel.** Ou "Casa de Deus". A arca do Senhor e o sacerdote com a estola sacerdotal estavam em Betel nesses tempos (v. 27).

Quem dentre nós subirá, primeiro. Essa é a mesma linguagem empregada no início de Juízes, quando, então, a questão a ser resolvida era quem comandaria a luta contra os cananeus (1.1).

Judá. O Senhor deu a mesma resposta que em 1.2, mas numa situação diferente.

* **20.23 consultaram o SENHOR.** Ver vs. 18, 27-28; cf. 1Sm 28.6.

Benjamim, nosso irmão. Note como os israelitas agora acrescentam a palavra "irmão" à sua consulta (v. 18).

* **20.48 passaram a fio de espada**. Os israelitas trataram os benjamitas como os cananeus (1.8, 17). Além disso, o fim dos benjamitas foi como o dos habitantes de Sodoma (19.14-20.48, nota).

* **21.1-25** As ações de Israel nesse episódio final do livro devem ser interpretadas à luz do comentário final: "Naqueles dias não havia

rei em Israel: cada um fazia o que achava mais reto” (v. 25). Os israelitas queriam saber por que esse triste fim lhes sobreviera (vs. 3, 15, 6.13, nota). Assim como no caso de Gideão (6.13), não foi dada nenhuma resposta. Entretanto o contexto global do livro oferece a resposta clara de que Israel tinha pecado, e continuava a pecar horrivelmente.

* **21.8 Jabes-Gileade**. O primeiro ato de Saul como rei foi defender Jabes-Gileade. Visto que era um benjamita proveniente de Gibeá, Saul pode ter sido descendente de uma das mulheres tiradas de Jabes-Gileade (v. 12).

* **21.15 o SENHOR tinha feito brecha nas tribos de Israel.** Assim fez Deus para castigar os benjamitas pelo seu pecado.

* **21.19-23** A degeneração de Israel agora estava tão completa que até

mesmo propuseram e permitiram o sequestro das suas próprias mulheres para evitar a violação de um voto precipitado. A nação de fato agia irrefreadamente, segundo suas próprias inclinações pecaminosas (v. 25; cf. 17.6).

*
21.25 Naqueles dias. Embora a única esperança de

lealdade ao seu Rei divino, a nação preferiu satisfazer-se com uma monarquia humana (1 Sm 8.7, 22), que inevitavelmente iria fracassar.

RUTE

* **1.1-5** Esse prefácio avança rapidamente através do fundo histórico

necessário (tempo, lugar, e motivo do conflito), armando o palco para as cenas que se seguirão.

* **1.1 Nos dias em que...** Essa expressão traduz a fórmula hebraica

padronizada para a abertura de um livro histórico. O período dos juízes em Israel gozava de má fama como tempo de instabilidade e apostasia.

fome. Os eventos no livro de Rute giram em torno da maldição da fome, e da sua correspondente conversão em bênçãos. A fome era, às vezes, um sinal da desaprovação divina (1Rs 17.1). Noemi (1.21) reconhece amargamente a mão soberana de Deus nas suas circunstâncias que, de qualquer maneira, os acontecimentos nunca acontecem à parte dos seus decretos.

terra de Moabe. Lit. "campinas de Moabe.” Os moabitas, que tinham parentesco com Israel através de Ló (Gn 19.37), ocuparam partes da Transjordânia central em várias ocasiões. Embora Deus inicialmente os protegesse dos invasores isaelitas (Dt 2.9), os moabitas foram subjugados por Saul (1Sm 14.47) e depois, por Davi (2Sm 8.2). Ver também Dt 23.3. Houve alguns períodos de relacionamentos amistosos, com consideráveis intercâmbios culturais e econômicos, conforme revela o fato de Davi, enquanto era fugitivo, ter colocado seus pais aos cuidados do rei de Moabe (1 Sm 22.3). A estadia de Elimeleque em Moabe ocorre durante um período desses.

* **1.2 Elimeleque.** Embora a história tenha tido seu clímax quando Deus

forneceu um herdeiro imediato para o falecido Elimeleque, o drama enfatiza o papel das mulheres na família (4.14, 16) e a relevância passageira de Elimeleque como ancestral remoto de Davi (4.17-22).

Noemi. Lit. "agradável” (v. 20-21). A história de Noemi é contada primeiro.

* **1.4 mulheres moabitas**. Essa ação não era proibida, embora Dt 23.3-6 proibisse aos descendentes masculinos o acesso ao

templo. A ironia é que um herdeiro, e um ancestral do rei Davi, nasceria de alguma dessas estrangeiras.

* **1.5 ficando, assim, a mulher.** Noemi era uma mulher velha e estéril,

num país estrangeiro, com duas noras estrangeiras que não tinham filhos. Parece uma candidata improvável para desempenhar algum papel na história da redenção segundo a aliança com o Senhor.

* **1.6, 7** Esses versículos armam o palco para os vs. 8-18. As mulheres terão que resolver quais fatores determinarão os seus caminhos: achar um marido e ter filhos, viver no seu próprio país, ficar perto dos parentes, ou finalmente, para Rute, confiar no Senhor como Deus soberano. O amor de Noemi pelas suas noras, e a sua reação diante de experiências amargas nas mãos de Deus, dominam a cena. A decisão de Rute, e seu voto irrevogável de fidelidade ao povo de Noemi e ao Deus dela, demonstra claramente o impacto que o caráter e fé que Noemi possuia tiveram sobre sua nora.

* **1.6 o SENHOR se lembrara do seu povo.** É soada uma nota de esperança. A história de Rute nunca perde Deus de vista, cujo amor fiel domina toda a História.

* **1.9, 10 iremos contigo.** Essa declaração inicial das duas noras ressalta a tensão dramática.

* **1.11 Tenho ainda... filhos.** Noemi, ao falar em criar mais filhos para substituírem os maridos falecidos, só serviu para aumentar seu senso de perda. A própria idéia talvez se refira à lei do casamento por levirato. Segundo essa lei, se um homem morresse, deixando uma viúva, o irmão dele tinha a obrigação de casar-se com a viúva, tomando seu lugar e preservando a linhagem da família (Dt 25.5, 6). Também existia um costume que quando alguém morresse, um parente chegado (ou “resgatador”) tinha o dever de comprar (ou “redimir”) a herança do falecido. Exatamente como esses

costumes funcionaram na história de Rute e Boaz é assunto de contínuos debates (2.20, nota).

* **1.15 seus deuses.** Um elemento novo é introduzido. Até a essas alturas, podia ter sido pressuposto que as noras tinham se tornado adoradoras do Senhor. Agora fica claro que a escolha de uma pátria é uma escolha em favor do Deus verdadeiro, ou contra ele. No contexto da escolha de Orfa, a coragem e beleza da declaração de Rute (vs. 16-17) fica tanto mais óbvia.

* **1.19-21 Noemi... pobre.** A pergunta das mulheres (v. 19) expressa

como ficaram atônitas porque essa mulher, cujas circunstâncias antes refletiam o seu nome ("agradável"), tivesse agora caído em tempos tão adversos.

Noemi não hesita em dizer que isto veio do Senhor. Não oferece uma razão, e o narrador não sugere nada a respeito da razão dos sofrimentos dela.

* **1.22 Rute... a moabita.** Ela não é uma Rute qualquer. Para a história, é crucial que ela seja lembrada como estrangeira (1.4; 2.2, 6, 21; 4.5, 10; especialmente 2.10). Além disso, o leitor pode ser levado a pensar na antepassada de Rute, a filha de Ló, e dos começos incestuosos da nação moabita (Gn 19.30-38). Nos dois casos o problema é não ter filhos, ou a falta de um herdeiro masculino.

sega da cevada. Calendários antigos, tais como o Calendário de Gézer, do século X a.C., associavam os meses com o ciclo agricultural. A cevada era o primeiro dos cereais a serem colhidos, em abril; o trigo era o último. Na tradição posterior, as colheitas de cevada e de trigo vieram a ser identificadas com as festas da Páscoa e do Pentecostes. A ocasião da colheita era num momento de celebração, de se regozijar juntamente diante de Deus, e de se lembrar dos pobres. O desenvolvimento da narrativa está

vinculado a esse esquema. As mulheres voltam para casa na ocasião da colheita da cevada, um tempo de favor divino, e o início da restauração frutífera para Noemi.

* **2.1-23** O capítulo dois apresenta a última personagem principal, Boaz, e

o tema principal: o do parente chegado, ou redentor, que tem certas

responsabilidades para com a família e os bens de um parente que morre (2.20, nota). O narrador, sabendo o que está para acontecer, só dá uma leve indicação quando descreve Boaz como "um parente" no v. 1. Somente depois de a bondade natural de Boaz, e o charme natural de Rute, terem exercido o seu efeito, é que Noemi revela a chave à história inteira: Boaz "é nosso parente chegado" (2.20 com referência lateral). Mesmo então, nenhuma reivindicação é feita, não há apelo aos costumes. Os eventos devem esperar o seu devido curso, enquanto Noemi traça planos, Rute serve em silêncio, e Boaz termina a colheita. Deus, no entanto, já tinha provido a solução mediante a lei (Lv 25).

* **2.1 parente.** Ou "amigo." O texto hebraico deixa sem definição a

situação técnica de Boaz, mas a história se desdobra como se ele fosse o "parente redentor" descrito em Lv 25.25, cuja responsabilidade se relaciona primariamente, mas não exclusivamente, com os bens de um parente empobrecido (1.11; 2.20 e notas). Posteriormente (p.ex., 2.20; 3.9), Boaz será identificado como um "resgatador", mas, por enquanto, é apresentado somente para preparar o leitor para as circunstâncias que colocam Rute no seu campo.

senhor de muitos bens. A expressão em hebraico usualmente significa um notável guerreiro, mas aqui significa uma pessoa poderosa e importante na sociedade.

* **2.2 Deixa-me ir ao campo.** À primeira vista, a iniciativa de Rute é

simplesmente manter ela e Noemi com vida, segundo um costume codificado em Levítico (19.9-10; 23.22) e Deuteronômio (24.19). Sendo pessoas pobres, Rute e Noemi receberiam alguma ajuda, mas muito mais está para vir a elas. Um indício dessa provisão é oferecido no triste pedido de Rute de apanhar espigas "atrás daquele que mo favorecer.”

* **2.3 por casualidade entrou.** Parece que chegou por coincidência ao

campo do seu parente, porém Deus está dirigindo os eventos.

* **2.4 Eis que.** A chegada de Boaz satisfaz as expectativas levantadas nos vs. 1-3.

* **2.6, 7** A resposta do servo estabelece o caráter de Rute. Ela é fiel, tendo vindo ainda jovem a um país estrangeiro por amor à sua parenta. É modesta, pois pediu permissão por algo que podia ter sido considerado seu direito. É trabalhadeira, tendo ficado ocupada desde a manhã.

* **2.7 entre as gavelas**. O pedido de Rute parece não ir além daquilo que era seu direito como viúva (Dt 24.19-21). Mas a resposta de Boaz acabará indo muito além da exigência legal (v. 15).

desde pela manhã até agora está aqui. Entende-se usualmente que ela tinha trabalhado durante a manhã inteira, mas é possível que estivesse esperando que seu pedido fosse concedido pelo dono do campo. É mais provável que se refira ao trabalho, posto que interrompeu sua manhã com uma pausa na choça.

* **2.8-12** Os eventos se desdobram rapidamente quando Boaz concede o pedido e oferece a ela proteção e sustento (vs. 8-9). Rute reconhece seu favor a ela, uma "estrangeira” sem merecimentos (v.

10). É somente então (vs. 1112) é que a narrativa oferece algum indício da operação providencial de Deus. Boaz já ficara sabendo que Rute não é nenhuma estrangeira comum. Ela buscara "refúgio" sob as "asas" do Senhor, e dele receberá sua "recompensa"

(v. 12). A lealdade de Rute a Deus, embora ela fosse estrangeira, virá a ser um elemento essencial no grande plano divino da redenção. O plano será levado a efeito através de Davi, o rei segundo a aliança, e de Cristo, o maior filho de Davi. A recompensa da fé que Rute possuia transcende, em muito, a ocasião e circunstâncias locais.

* **2.14-16** A permissão de Boaz é claramente além do usual.

* **2.14 vinho.** Era um tipo de vinagre, azedo porém refrescante para beber ou para molhar o pão (cf. Nm 6.3).

* **2.17 debulhou... quase um efa.** Debulhar os grãos separava as

sementes das cascas e da palha. Um efa pesava cerca de 17,6 kg., uma quantidade considerada grande para alguém apanhar.

* **2.18 o que lhe sobejara depois de fartar-se. O que reservara da**

sua refeição do meio-dia (v. 14).

* **2.20 que ainda não tem deixado a sua benevolência. O amor de**

Deus é fiel, e ele não se esquecerá daqueles que ama. As bênçãos que ele prometeu passarão de Boaz para Rute e para Noemi e, finalmente, a todos os eleitos.

nosso parente chegado. Ver referência lateral, e a Introdução: Dificuldades de Interpretação. A lei da redenção agora surge na

trama. Segundo essa lei, o parente masculino consangüíneo mais próximo tinha o dever de preservar o nome e os bens da família. Esse dever podia envolver: (a) vingar a morte de um membro da família (Nm 35.19-21); (b) comprar de volta bens da família que tinham sido vendidos para pagar dívidas (Lv 25.25); (c) comprar de volta um parente que tiver se vendido à escravidão a fim de pagar dívidas (Lv 25.4749); e (d) casar-se com a viúva de um parente falecido (Dt 25.5-10). Segundo parece, esses deveres podiam ser renunciados ou recusados sob determinadas circunstâncias (cf. Rt 3.12; 4.1-8). Boaz era um destes "parentes chegados" (ou "resgatadores") para Rute, e esse fato passa a determinar o curso dos eventos (ver 1.11; 2.1 e notas). O destino de Rute ocorrerá conforme a lei, diferentemente da ancestral dela, a filha de Ló, que cometeu incesto (Gn 19.30-38).

* **2.23 até que a sega... se acabou**. Esse período de dois meses

prepara o palco para o incidente na eira (cap. 3).

* **3.1-**
18 Agora a narrativa avança em direção à solução. Numa

visita à meia-noite, Rute implementa e expande o plano de Noemi, jogando em risco sua própria reputação e todas as suas expectativas. Reivindica a proteção de Boaz como "resgatador" (v. 9, referência lateral). A confiança que

ela tinha no caráter dele é vindicada, e ela não é molestada. A atividade de Deus por detrás do cenário continua sem interrupção. Mas mesmo nesse momento, o noivado deve ser adiado; há um parente ainda mais próximo (3.12), e Boaz, um homem de notável honradez, não descansará antes de remover esse obstáculo.

* **3.1** Assim como as duas filhas de Ló (Gn 19.31-32), Noemi e Rute tinham perdido os respectivos maridos e filhos. Novamente, Noemi agiu para preservar a linhagem da sua família, mas de modo

bem diferente das filhas de Ló.

buscar-te um lar. Lit. "repouso.” Isso significa o casamento de Rute, necessidade esta que sempre preocupara Noemi (1.9).

* **3.3, 4** As instruções, apresentadas a Rute com tanta exatidão, aparentemente sugerem uma armadilha.

à eira. Essa era uma área limpa onde os grãos eram esmagados ou partidos a fim de fazer separação entre a palha e as sementes. A colheita passava, então, a ser joeirada - lançada no ar a fim de deixar o vento soprar a palha para longe, ao passo que os grãos cairiam diretamente ao chão. Tudo isso acontecia na primavera, na ocasião das festas da colheita. O profeta Oséias refere-se à eira como um local comum de imoralidade sexual (Os 9.1).

* **3.4 e lhe descobrirás os pés.** Uma comparação entre essa cena e a história das filhas de Ló (Gn 19.30-38) é instrutiva. Diante da sugestão de Noemi, Rute deveria se aproximar de Boaz com certa coragem. Mas seu propósito era o de ficar noiva. Sua resposta (v. 9) demonstra que ela não estava pensando em engravidar-se fora do casamento.

e te deitarás. Rute espera com paciência aos pés de Boaz até ele acordar (vs. 8-9); nada de impróprio acontece entre eles durante a noite (v. 11).

* **3.7 alegre.** Boaz tinha bebido, mas sem ficar bêbado. Depois de todo

o trabalho e festividades do dia, Boaz foi até "ao pé de um monte de cereais”, lugar onde Rute podia encontrar-se com ele em particular. A providência de Deus estava preparando um caminho para ela.

* **3.9 estenda a tua capa sobre a tua serva.** Ver referência lateral. Ez

16.8 explica a expressão idiomática. Rute pede diretamente o favor do casamento, embora as instruções de Noemi não fossem tão explícitas assim (v. 4).

resgatador. Ver referência lateral. A lei não especifica o casamento como a responsabilidade de semelhante pessoa, embora se possa considerar uma extensão de Lv 25. O nome e as propriedades de Malom serão preservados (4.10), o que sugere um casamento de levirato, mas é difícil ver como Dt 25.5-6 seria aplicável a rigor. Ver Introdução: Dificuldades de Interpretação e nota em 2.20. Novamente, Rute vai muito além do plano especificado por Noemi.

*** 3.10 benevolência.** Lit. "amor segundo a aliança.” Em todas as

partes do livro, o próprio amor de Deus segundo a aliança (1.8; 2.20) é refletido por aquele de Rute (1.8, 16-17). Agora, sua fidelidade é comprovada quando (a) invoca os deveres do parente chegado, e (b) não quis seguir nenhum dos jovens. A "benevolência” à qual Boaz se refere é, segundo parece, a proposta de Rute de seguir o costume que forneceria um herdeiro para Noemi.

a primeira. Isto é, quando optou por acompanhar Noemi.

*** 3.11 mulher virtuosa.** Essa expressão é equivalente, na forma

feminina, à expressão hebraica traduzida por "senhor de muitos bens” em 2.1. Rute ascendeu da condição de ser uma moabita e uma serva, ao se tornar atraente para Boaz como possível cônjuge.

*** 3.12 resgatador... mais chegado do que eu. Boaz menciona, de**

repente, um fator complicante. Se Noemi estava pensando num parente, porque esse parente mais chegado não foi mencionado antes? O costume da

redenção parecia estar alcançando uma solução, mas agora surge um problema ao longo do caminho. O noivado precisa ser adiado.

* **3.15 seis medidas de cevada.** Esse presente demonst a

magnaminidade de Boaz para com Rute (v. 17), e simboliza a mudança na situação de Noemi (1.21). Rute recebe grãos da parte de Boaz como símbolo da sua frutificação futura.

* **3.16 Como se te passaram as coisas.** As mesmas palavras hebraicas

são traduzidas por "Quem és tu?” no v. 9.

* **3.18 Espera**. Essa é uma expressão irônica, pois o tempo de espera

será muito breve. Noemi não acha que a conclusão do assunto demorará muito.

* **4.1-17** O quarto capítulo ressalta o propósito divino por detrás da decisão original de Rute no sentido de seguir a Noemi e ao Deus de Noemi. As disposições necessárias parecem girar em torno de uma combinação do casamento por levirato (Dt 25.5-10) e as leis do parente resgatador (Lv 25). Rute foi tomada como esposa, e bênçãos antigas em favor da sua fertilidade foram invocadas. A amargura de Noemi é transformada em alegria, e seu neto viria a ser avô do rei Davi. Nestes eventos revela-se a providência oculta do Senhor.

* **4.1 à porta.** A entrada de uma cidade era o local usual para as transações jurídicas e comerciais.

fulano. Boaz deve ter sabido o nome do homem. O narrador cita Boaz usando uma palavra indefinida, talvez para não celebrar na sua história uma pessoa egoísta.

* **4.2 tomou dez homens.** Não há registro de uma exigência jurídica de um número específico de homens. A tradição judaica posterior, segunda a qual dez homens formam um quórum para o culto, talvez se derive desse

incidente. Numa cultura rural, onde o uso da escrita era limitado, era importante um contrato ser lavrado na presença de várias testemunhas oficiais.

* **4.3 a tem para venda.** Essa venda é um elemento novo e surpreendente, da qual nenhum indício foi dado até agora. Os pormenores da venda não são necessários para a história sendo, portanto, omitidos.

* **4.5 também a tomarás da mão de Rute.** Essa associação entre Rute e Noemi, dentro das leis dos bens e da família de um parente falecido, é uma aplicação incomum dessas leis. Mas entender esses pormenores não é essencial para o propósito da narrativa.

* **4.7 tirava o calçado.** Pouca coisa se sabe a respeito do simbolismo desse costume. Fica claro, porém, que sua finalidade era confirmar legalmente a transação. Ver Dt 25.9-10 (num contexto diferente) e Am 8.6.

* **4.10 para suscitar o nome deste.** O desaparecimento do nome da pessoa depois da morte era considerado um infortúnio extremo (1Sm 24.21; 2Sm 14.7).

* **4.11 como a Raquel e como a Lia.** Essas são as duas esposas de Jacó (Israel), que foram as mães (naturalmente ou através das suas servas, Zilpa e Bila) de todos os filhos de Israel, os cabeças das doze tribos.

Efrata... Belém. Assim como em 1.1-2, esses nomes de lugares, associados com Davi, recebem destaque especial.

* **4.12 seja... como... Perez.** Em tempos muito mais antigos, Judá

se tornara pai de Perez pelo motivo de Onã ter se recusado a cumprir a sua obrigação de parente chegado (Gn 38.29). Perez tornou-se símbolo de descendência frutífera. Agora, da mesma maneira, Boaz se torna pai de Obede (v. 21) porque outra pessoa se recusou a cumprir a obrigação do levirato. A despeito das falhas humanas, a linhagem messiânica foi preservada (Mt 1.3,5, 16).

* **4.14-17** Os louvores das mulheres celebram o cumprimento do amor pactual de Deus a Noemi. Sua nora, Rute, vale mais para ela do que sete filhos valeriam (v. 15). Além disso, Noemi tem, com efeito, um filho na pessoa do seu neto Obede (v. 17). Ele se tornará avô de Davi.

* **4.16 Noemi tomou o menino.** Possivelmente isto signifique que houve um procedimento de adoção formal. Mas seja como for, essa cena final é o final feliz daquilo que é verdadeiramente "A História de Noemi.” A viúva triste que pensava que tivesse voltado pobre (1.21) recebeu fartura além das suas expectativas (Sl 126.5,6).

* **4.18-22** A genealogia final (Introdução: Características e Temas) transfere o enfoque de Noemi novamente para Boaz, e preenche um propósito maior da narrativa. A genealogia começa a partir de Perez, alguém que conseguiu "irromper” (Gn 38.29, referência lateral), e de quem as mulheres ao abençoar Rute se lembravam como o filho vigoroso de Tamar (v. 12). Assim como Rute, Tamar se tornou uma antepassada de Davi de modo inesperado. Para os leitores do Novo Testamento, Davi não é o ponto final das provisões de Deus ao seu povo escolhido, à sua noiva segundo a aliança. Mas, para o seu próprio tempo, a jornada de Rute havia alcançado seu propósito divinamente determinado.

1 SAMUEL

* **1.1-7.17** Deus governa e liberta o seu povo antes dos tempos da

monarquia. Assim o faz suscitando Samuel (caps. 1-3), intervindo diretamente contra os filisteus (4.1-7.1), e dando a Samuel a vitória

contra os filisteus (7.217).

* **1.1 um homem.** Essa expressão com a genealogia que a acompanha sugere que Elcana era um homem de posição. A referência a uma esposa estéril (v. 2) assemelha-se à introdução ao nascimento de Sansão (Jz 13.2).

Ramataim. Possivelmente significa "montanhas gêmeas.” O nome ocorre somente aqui no Antigo Testamento. Talvez seja o mesmo que Arimatéia (ao noroeste de Betel) no Novo Testamento. A cidade natal de Samuel é usualmente chamada Ramá, uns oito km ao norte de Jerusalém (1.19; 2.11; 7.17; 8.4; 15.34; 19.18; 25.1).

de Zufe. "Zufe" é tanto um nome pessoal (1 Cr 6.35) quanto um território (9.5).

Efraimita. Efraim era seu lugar de origem, e não necessariamente a tribo dos seus antepassados (1Cr 6.16-30, 33-37).

* **1.2 duas mulheres.** A poligamia é mencionada primeiramente em Gn 4.19. É reconhecida e regulamentada, porém não endossada, em Dt 21.1517.

não os tinha. Ana não tinha filhos e era provocada pela sua rival prolífica (vs. 6, 7). Uma esposa estéril, porém favorecida, que recebe como bênção de Javé um filho especial, não é incomum no Antigo Testamento. Ver Gn 18.1-15 (Sara-Isaque); 25.21-26 (Rebeca-Esaú e Jacó); 30.22-24 (Raquel-José); Jz 13.2-5 (esposa de Manoá-Sansão). No Novo Testamento, ver Lc 1.5-25 (Isabel-João).

* **1.3 Este homem subia.** Talvez estivesse observando a "solenidade

do SENHOR em Silo" (Jz 21.19), ou talvez fosse a uma cerimônia familiar (20.6). No Pentateuco (os cinco livros de Moisés, ou Torá) há referência a três grandes festas anuais de peregrinação (Êx 23.14-17; 34.18-23; Dt 16.1-17).

SENHOR dos Exércitos. É aqui que esse título ocorre pela primeira vez no Antigo Testamento. "SENHOR" representa "Javé" em hebraico, o nome pessoal do Deus de Israel, em distinção à designação geral: "Deus." "Exércitos" é a tradução usual de outra palavra conforme o contexto, pode incluir as hostes de Israel (17.45), as hostes cósmicas ou os corpos celestiais (Dt 4.19), e as hostes angelicais (Js 5.14). De modo global, o título expressa a soberania do Senhor sobre todos os poderes terrestres e celestiais.

Silo. A meio-caminho entre Siquém e Betel, Silo (atualmente Seilun) era um centro religioso israelita importante durante o período antes da monarquia (Js 18.1; Jz 21.19). O santuário ali (Jr 7.12) pode ter sido destruído pelos filisteus depois da batalha de Afeque (4.1-11).

Eli. Assim como no caso de outras pessoas bem-conhecidas no Antigo Testamento (Josué, Êx 17.9; e Jônatas, 1Sm 13.2), Eli é apresentado pela primeira vez simplesmente com seu nome.

* **1.5 porção dupla.** A expressão em hebraico é difícil, mas

usualmente tem sido interpretada no sentido de uma porção especialmente honrosa. As tentativas de Elcana para diminuir a tristeza de Ana expressando seu amor por ela (v. 8) não surtiram efeito.

o SENHOR a houvesse deixado estéril. A esterilidade de Ana não proveio do acaso, nem como forma de castigo (2Sm 6.23), mas estava debaixo do controle soberano do Senhor.

* **1.6 A sua rival.** Ver nota em 1.2.

* **1.7 não comia**. Ana se recusou a comer até que o Senhor

respondesse à sua oração; compare as ações de Davi em 2Sm 12.16-20, e contraste com as de Saul em 1Sm 28.23-25. No Novo Testamento, o jejum freqüentemente acompanha assuntos sérios com o Senhor (At 13.2-3; 14.23).

* **1.9 templo.** A menção de "pilares" aqui e "portas" em 3.15, bem

como lugares de dormir em 3.2, 3, talvez sugira uma estrutura mais permanente do que a tenda dos tempos de Moisés. Outras designações para a estrutura em Samuel são "a casa do SENHOR" (v. 7; 3.15) e "a tenda da congregação" (2.22). Em 2Sm 7.6 fica claro que antes dos tempos de Davi o tabernáculo ou templo era uma tenda e não uma estrutura permanente.

* **1.11 voto**. Sobre votos feitos por mulheres casadas, e a

responsabilidade do marido de confirmá-los ou anulá-los, ver Nm 30.6-15.

e de mim te lembrares. Ana pede, não simplesmente que o Senhor a mantenha em mente, mas que ele faça algo especial para ajudá-la.

não passará navalha. O voto de Ana reflete elementos do voto do narizeado (Nm 6.1-21). Especificamente, trata-se de abster-se de uvas ou de qualquer coisa feita com uvas, deixar de cortar os cabelos, e evitar todo e qualquer contato com algum cadáver. Embora semelhantes votos geralmente fossem feitos por um período limitado de tempo, o de Ana era por "todos os dias" da vida do seu filho (ver Jz 13.5, nota).

* **1.13 embriagada.** O fato de Eli ter concluído que Ana estava

embriagada constitui-se em elemento estranho na narrativa porque sugere que o fervor na oração não era algo familiar a ele.

* **1.16 filha de Belial.** Ou: "ímpia". Ver referência lateral e 2.12.

* **1.18 o seu semblante já não era triste.** As atitudes de Ana como

modo de corresponder à bênção pronunciada no v. 17 evidenciam a sua fé.

*** 1.20 Samuel.** Vários significados do nome "Samuel" têm sido

sugeridos, inclusive "ouvido por Deus" (referência lateral), "aquele que provém de Deus," "nome de Deus," e até mesmo "filho de Deus" (como aquele "dado" ou "prometido" por Deus). "Saul" provém do verbo hebraico "pedir," que ocorre freqüentemente nessa seção.

*** 1.21 voto.** Ver Lv 7.16 e nota.

*** 1.22 desmamado.** No antigo Oriente Médio, um filho era desmamado

mais tarde do que freqüentemente é o costume hoje (2 Macabeus 7.27: "por nove meses te trouxe em meu seio e por três anos te amamentei"). O desmame pode também ter sido celebrado com uma festa (Gn 21.8).

*** 1.23 a sua palavra.** Ou: "a palavra dele". "A tua palavra" (de Ana)

(referência lateral) talvez deva ser preferida aqui. Elcana, como marido de Ana (1.11, nota), invoca a ajuda do Senhor no cumprimento do voto de sua esposa.

*** 1.24 um novilho de três anos... odre de vinho. Segundo Nm 15.8**

10, o cumprimento de um voto deveria ser acompanhado pela oferta de um novilho, farinha e vinho. Ana traz tudo, porém, em medida maior que a exigida.

*** 2.1-10** Tendo recebido a resposta à sua oração, Ana entoa um cântico

jubiloso de ação de graças. Focalizando a soberania do Senhor e a sua graça aos humildes, Ana antecipa os temas principais dos livros de Samuel. Os mesmos temas de soberania, graça, e da libertação são reiterados no cântico de Davi de ação de graças perto do fim de 2 Samuel (cap. 22). Os dois cânticos fornecem um arcabouço poético para 1 e 2 Samuel. O cântico de louvor (mais breve) de Maria (o *Magnificat,* Lc 1.46-55) parece ter seguido o modelo de Ana. Os dois cânticos iniciam-se com regozijo por causa do livramento pelo Senhor (v. 1; Lc 1.46-48), exaltam a incomparabilidade e santidade do Senhor (v. 2; Lc 1.49, 50), condenam a jactância orgulhosa (v. 3; Lc 1.51), indicam mudança da sorte humana como resultado de intervenções pelo Senhor soberano (vs. 4-8; Lc 1.52, 53), e expressam o cuidado fiel que o Senhor dedica aos seus (v. 9; Lc 1.54, 55). O cântico de Ana termina com a

asseveração de que o próprio Senhor dará forças ao seu rei, ao seu ungido (vs. 9-10).

*** 2.1 força.** Lit. "chifre," palavra esta que [em hebraico] é usada

figuradamente no Antigo Testamento para significar orgulho e força. É Deus quem exalta a força dos justos e abate as forças dos ímpios (Sl 75.10). Davi exalta o Senhor como "o meu escudo, a força da minha salvação" (v. 10, nota; 2Sm 22.3).

*** 2.2 Rocha.** Como metáfora para Deus, esse termo está concentrado

nos trechos poéticos tais como o cântico de Moisés em Dt 32; o cântico de Davi em 2Sm 22; Salmos; e Isaías. A metáfora sugere a força e a soberania de Deus, e a segurança daqueles que confiam nele. Aqui recai o enfoque na incomparabilidade do único Deus verdadeiro, em oposição às falsas fontes de segurança (compare o contraste com os falsos deuses, também chamados "rocha," em Dt 32.31, 37; Is 44.8).

*** 2.5 tem sete filhos.** O número sete expressa o que é idealmente

completo (Rt 4.15).

*** 2.9 porque o homem não prevalece pela força. As narrativas**

subseqüentes confirmam que não é a proeza física, mas a presença de Deus, que traz a vitória. Na narrativa da arca nos caps. 4-6, o Senhor faz os filisteus sentirem a sua mão sem a ajuda de agentes humanos (5.6). Outros exemplos desse tipo são a vitória do Senhor através de Samuel no cap. 7; os resultados contrastantes de Saul e Jônatas nos caps. 13 e 14; a escolha de Davi, o mais jovem dos filhos de Jessé, no cap. 16; e a vitória de Davi sobre Golias no cap. 17.

*****
2.10 seu rei. A referência aqui ao rei do Senhor a

central dos livros de Samuel, a saber: a instituição de uma monarquia, e subentende que a idéia de uma monarquia, corretamente cogitada, não é errada. Que Israel teria um rei é previsto em vários trechos do Pentateuco (Gn 49.10; Nm 24.7, 17-19; Dt 17.14-20).

seu ungido. Numerosos objetos e pessoas estavam sujeitos à unção

religiosa no Israel antigo (Êx 30.22-33), mas era o rei que, em última análise, tinha o título de "ungido do SENHOR" ou simplesmente de "ungido." As pessoas escolhidas para servir a Deus eram ungidas para simbolizar que essa era a sua vocação, que eram autorizadas para realizá-la, e que Deus lhes daria a ajuda da qual necessitassem. As referências ao rei como o ungido do Senhor predominam nos livros de Samuel (v. 35; 12.3. 5; 16.6; 24.6) e nos Salmos (Sl 2.2; 18.50). O presente trecho é a primeira referência a um rei de Israel como o "ungido" de Deus, embora a idéia de ungir um rei já se encontre na fábula de Jotão (Jz 9.8, 15). A palavra "messias" em português representa a palavra "ungido" em hebraico. No Novo Testamento, "Cristo" representa a palavra grega *Christos,* que também significa "ungido."

* **2.12 os filhos de Belial.** Assim se traduz uma expressão em hebraico que conota pessoas vis, sem valor [que é a tradução literal de belial].

É usada a respeito daqueles que incitam à idolatria (Dt 13.13) ou à insurreição (10.27; 2 Sm 16.7; 20.1); que são sexualmente imorais (Jz 19.22); ou que são mentirosos (1Rs 21.10, 13). Infelizmente, a expressão podia ser aplicada aos filhos de Eli.

não se importavam. Lit. "não conheciam," o que forma um contraste irônico entre os filhos de Eli e Samuel (3.7, nota).

* **2.13 o costume daqueles sacerdotes.** A prática descrita nos vs. 13,

14 é diferente dos preceitos de Lv 7.28-36 e Dt 18.3. A cobiça dos filhos de Eli levou os israelitas a desprezarem a oferta do SENHOR (v. 17).

* **2.15 antes de se queimar a gordura.** Deste os tempos em que Abel ofereceu a gordura dos primogênitos do seu rebanho (Gn 4.4), as partes gordurosas eram consideradas as melhores, e por isso mesmo, reservadas para o Senhor. Os sacerdotes tinham o dever de

queimar a gordura no altar, como oferenda ao Senhor (Lv 3.16; 7.31). Assim como o sangue, a gordura

era rigorosamente proibida para o consumo humano, e quem a comesse seria expulso do meio do povo de Deus (Lv 3.17; 7.23-25).

* **2.18 Samuel.** O comportamento de Samuel, que ministra fielmente

diante do Senhor, e também o de Eli, que regularmente abençoa Elcana com sua esposa (v. 20), está em nítido contraste com os abusos dos filhos de Eli.

estola sacerdotal de linho. Algum tipo de roupa interna curta, associada ao serviço sacerdotal (22.18), que também foi usada pelo rei Davi quando trouxe a arca para Jerusalém (2Sm 6.14). Ver também 2.28, nota.

* **2.19 túnica.** Uma roupa externa, que deveria ser usada por cima da

estola sacerdotal de linho.

* **2.20 filho que devolveu.** As palavras de Eli relembram as de Ana em

1.27, 28. As palavras "dádiva" e "pedir" em hebraico são derivadas da mesma palavra que o nome "Saul" (1.20, nota).

* **2.21 diante do SENHOR.** Ou: "com o SENHOR"; a mesma

expressão em hebraico é usada no v. 26.

*
2.22 Eli. Novamente, assim como no v. 12, o enfoqu

menino Samuel para a casa de Eli.

ouvia. Eli tinha que ser informado a respeito daquilo que ele já deveria ter observado e controlado por sua própria iniciativa. Mas seus delitos são muito mais profundos do que a simples falta de atenção (v. 29).

se deitavam com as mulheres. Quanto à "tenda," ver nota em 1.9; quanto às "mulheres que serviam," ver Êx 38.8. A prostituição cultual, embora fosse explicitamente condenada pela Lei (Dt 23.17, 18), era praticada pelos cananeus e se constituía em perigo constante para os israelitas (1 Rs 15.12; 2Rs 23.7; Os 4.14).

* **2.25 Deus lhe será o árbitro.** O argumento de Eli é que, embora possa haver alguma mediação nas disputas entre as pessoas, ninguém que poderá intervir quando o delito for contra o próprio Deus. Os filhos de Eli pecaram, antes de mais nada, contra o Senhor (v. 17), e selaram o seu destino ao se recusar a prestar atenção à advertência de Eli.

o SENHOR os queria matar. Essa declaração clara da soberania de Deus sobre o destino dos ímpios não diminui a responsabilidade das pessoas pelas suas próprias ações. Um exemplo do relacionamento entre a soberania divina e a responsabilidade humana acha-se no endurecimento do coração de Faraó nos primeiros capítulos do Êxodo. Em cerca de metade das ocasiões, é declarado que Faraó endureceu seu próprio coração (Êx 8.15); nas demais ocasiões, é declarado que Deus o endureceu (Êx 4.21; Rm 9.17, 18). Deus pode castigar o pecado persistente e deliberado removendo a capacidade de a pessoa se arrepender (Js 11.20; Rm 1.24, 26, 28).

2.26 no favor do SENHOR. A gravidade da recusa dos filhos de Eli de prestarem atenção aos homens ou a Deus é enfatizada pelo contraste marcante com Samuel, que cresce no favor de Deus e dos homens. A ênfase dada ao crescimento de Samuel como sendo mais do que meramente físico prenuncia um tema que é posteriormente desenvolvido nas figuras contrastantes de Saul e de Davi. A expressão no v. 6 é usada por Lucas para descrever a infância de

Jesus (Lc 2.52; ver Pv 3.4).

* **2.27-36** As palavras do homem de Deus a Eli exibem características típicas dos discursos proféticos de juízo. Há uma acusação (expressa aqui através das perguntas acusadoras que enfatizam o contraste entre a graça do Senhor e a desobediência de Eli) e uma proclamação de juízo, confirmada por um sinal. Outros exemplos de discursos proféticos desse tipo acham-se nos caps. 13; 15; em 2Sm 12.7-12.

* **2.27 homem de Deus.** No Antigo Testamento, esse título é freqüentemente empregado de modo intercambiável com "profeta" (9.8-11; 1Rs 13.15-18; 2Rs 5.8; 6.10-12).

casa de teu pai... no Egito. Embora a genealogia de Eli não esteja registrada em nenhuma parte do Antigo Testamento, o v. 28 subentende que ele era um descendente de Arão. A asseveração de que o Senhor se revelou e selecionou a casa de Eli já nos tempos da servidão de Israel no Egito ressalta a ingratidão grosseira da casa de Eli.

* **2.28 trazer a estola sacerdotal.** A estola sacerdotal mencionada aqui

não é a roupa mencionada no v. 18, mas a estola do sumo sacerdote, que continha o "peitoral do juízo" e o "Urim e o Tumim," através dos quais se podia descobrir a vontade do Senhor (Êx 28.4-30).

e dei... as ofertas. Tanto no Antigo Testamento (Nm 18.8; Dt 18.1) quanto no Novo (1Co 9.13, 14; 1Tm 5.17, 18) Deus providencia o sustento daqueles que estão no seu serviço.

* **2.29 honras.** Embora os delitos dos filhos de Eli fossem mais

atrevidos, ele próprio não fica sem culpa. Como pai e sumo sacerdote, não deveria ter se limitado a confrontar seus filhos somente com palavras (vs. 2325). Ter deixado de agir firmemente

equivaleu a honrar seus filhos acima do Senhor (v. 30). A palavra hebraica traduzida por "honrar" é uma palavra-chave nos relatos subseqüentes da queda da família de Eli e da captura e devolução da arca (caps. 4-7); ver notas em 4.21; 6.5, 6.

* **2.30 perpetuamente.** Contínua ou indefinidamente.

* **2.31 não haja mais velho nenhum em tua casa. A dizimação da**

casa de Eli começa com a morte dos seus filhos (4.11) e a sua própria (4.18). Ela continua com o massacre dos sacerdotes de Nobe por Saul (22.17-19) e culmina quando Salomão remove Abiatar do sacerdócio (1 Rs 2.26, 27).

* **2.32 o aperto da morada de Deus.** Ou: "um inimigo em minha

morada". O termo em hebraico é difícil, e partes dos vs. 31,32 faltam na Septuaginta e nos Rolos do Mar Morto. Se for correta a tradução "o inimigo na

morada de Deus", o versículo aludiria à captura da arca (4.1-11), à destruição da morada do Senhor em Siló (Jr 7.12-14), e à sua recolocação em Nobe (21.1).

*
2.34 sinal. Pronunciamentos proféticos eram freqüentemer

confirmados por sinais (2.27-36, nota; cf. 10.7, 9; 1Rs 13.3, 5; 2Rs 19.29; 20.8, 9).

* **2.35 sacerdote fiel.** Embora a declaração em 3.20 de que Samuel foi

"confirmado" como um profeta do Senhor sugira que Samuel possa ter sido o cumprimento dessa predição, o cumprimento mais claro vem na pessoa de Zadoque, que serviu como sumo sacerdote lado a

lado com Abiatar no reinado de Davi (2Sm 8.17, nota) e que chegou à preeminência no reinado de Salomão (1 Rs 2.35). Os descendentes de Zadoque mantiveram-se no sumo sacerdócio desde o reinado de Salomão até aos tempos de Antíoco Epifânio e dos macabeus (para os detalhes, ver Introdução ao Período Interbíblico).

meu ungido. Essa é a segunda alusão neste capítulo ao rei vindouro (v. 10 nota).

*** 2.36 um pedaço de pão.** Os juízos proféticos eram caracterizados pela

correspondência entre o crime e o castigo. A fome ameaçada nesse versículo corresponde com a satisfação da gula descrita nos vs. 12-27 e 29.

*** 3.1 a palavra do SENHOR era mui rara.** Quando o Senhor retém a

sua palavra, é sinal do seu desagrado (14.37; Sl 74.9; Lm 2.9; Am 8.11,12).

De maneira inversa sua comunicação com Samuel é sinal do seu favor.

visões. Tais visões ou revelações eram necessárias para o bem-estar do povo de Deus (Pv 29.18).

*** 3.3 antes que a lâmpada de Deus se apagasse. Pode se tratar**

simplesmente de uma referência ao horário (Êx 27.20-21; Lv 24.1-4). O emprego de "lâmpada" como uma metáfora de esperança e de promessa é

muito comum (2Sm 21.17; 22.29; 1Rs 11.36; 15.4; Jó 18.5; Sl 132.17; Pv 13.9), e é possível também aqui. Com Samuel no cenário, ainda

há uma fagulha de esperança.

templo. Ver nota em 1.9.

arca. Também chamada, em outros textos, "a arca do Testemunho" e "a arca da aliança," essa caixa de madeira de acácia revestida de ouro é descrita em Êx 25.10-22. A arca assume importância nos caps. 4-6 e de novo em 2Sm 6.

*** 3.7 Samuel ainda não conhecia o SENHOR. A repetição da**

terminologia do v. 2.12 a respeito de "conhecer" a Deus serve para enfatizar o contraste no sentido. Os filhos de Eli "não se importavam com o SENHOR" porque o desconsideravam impiamente. Samuel era uma criança, e nenhuma revelação ainda viera até ele.

*** 3.8 Então, entendeu Eli.** A lentidão de Eli em reconhecer que Deus

estava chamando Samuel relembra ocasiões anteriores de falta de percepção (1.12-16) e de consciência (2.22, nota), o que contribui à impressão do leitor de Eli como um sacerdote idoso cujos olhos se escureceram (v. 2) de mais de uma maneira.

*** 3.12 tudo quanto tenho falado.** Ver 2.27-36. A repetição a Samuel

do oráculo contra Eli confirma o próprio oráculo e estabelece Samuel como um profeta do Senhor (v. 20).

*** 3.13 se fizeram execráveis**. A Septuaginta (o Antigo Testamento em

Grego) coloca "Deus" no lugar de "se". Isto representa a mudança de uma única consoante no texto hebraico original. Se os filhos de Eli estavam blasfemando contra Deus, tratava-se de um delito que levava à pena da morte (Lv 24.15, 16).

e ele os não repreendeu. Eli, tendo em conta a sua posição de sumo sacerdote, deveria ter tomado medidas para refrear os seus filhos logo que a

repreensão verbal tivesse comprovado sua ineficácia (2.29, nota; 2Sm 13.21, nota).

*** 3.14 nunca lhe será expiada a iniqüidade, nem com sacrifício,**

nem com oferta de manjares. Embora houvesse provisões para a expiação dos pecados não intencionais dos sacerdotes (Lv 4.1-12), os pecados da casa de Eli desafiavam diretamente a Deus (Nm 15.30-31). Eles tinham desprezado os meios normais de expiação: os sacrifícios e as oferendas (2.17, 29).

*** 3.18 É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver. Eli aceita**

humildemente a sua rejeição, e confessa o direito de Deus em governar os assuntos dos homens. Suas palavras estabelecem um padrão segundo o qual os personagens posteriores na narrativa deveriam ser julgados: Saul (20.30,31) e Davi (2Sm 15.25,26).

*** 3.19 o SENHOR era com ele.** Da perspectiva dos livros de Samuel, é

a presença de Deus com alguém que faz a diferença entre a vitória e o fracasso (16.18; 18.12, 14, 28).

e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Ver 9.6.

Samuel, portanto, foi aprovado no como verdadeiro profeta (Dt 18.21,22).

*** 3.20 desde Dã até Berseba... profeta do SENHOR. Embora as**

responsabilidades de Samuel como juiz o levariam a servir numa determinada área nas regiões montanhosas centrais (7.15-17), sua reputação como profeta espalhava-se por "todo o Israel" (2Sm 3.10; 17.11; 24.25; 1 Rs 4.25).

*** 3.21 Silo.** Ver nota em 1.3.

*** 4.1 Veio a palavra de Samuel a todo o Israel. O episódio que**

começou com a notícia a respeito da raridade da palavra do Senhor (3.1) termina com a notícia da mudança introduzida pela escolha de Samuel para ser "profeta do SENHOR" (3.20 e nota).

filisteus. Os filisteus são um dos "Povos do Mar" mencionados nos textos egípcios desde os tempos de Ramsés III. Até o tempo dos juízes (Jz 3.31; 1316), os filisteus tinham se estabelecido ao longo das praias da Canaã do sul, numa associação de cinco cidades: Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate, e Gaza (6.17; Jz 3.3). Os filisteus tentavam freqüentemente expandir os seus territórios, e nos tempos de Samuel e da monarquia inicial, estavam em conflito direto com os isaelitas ao norte e ao leste.

Ebenézer. Este pode ser um local arqueológico cerca de 3 km a leste de Afeque (cf. v. 6). Ebenézer (que significa "Pedra de Socorrro") é mencionada de novo em 5.1. A Ebenézer em 7.12 relembra essas primeiras referências (7.12, nota), mas é um lugar diferente, perto de Mizpa.

Afeque. Afeque estava na extremidade sul da planície de Sarom, cerca de 8 km da praia do Mediterrâneo, perto da nascente do rio Yarquom (29.1). Estava entre as cidades conquistadas por Josué (Js 12.18).

*** 4.3 Por que nos feriu o SENHOR?** A pergunta dos

anciãos é

apropriada por refletir a crença de que "do SENHOR é a guerra" (17.47). Não esperam uma resposta, mas imediatamente põem em prática seu próprio plano.

Tragamos... a arca. A convicção aparente dos anciãos de que a arca seria uma garantia mágica da presença do Senhor é semelhante àquela dos filisteus (vs. 7-9). A salvação depende da livre iniciativa de Deus e da Sua graça soberana, e não das técnicas ou planos humanos (2Sm 15.25 e nota).

* **4.4 SENHOR dos Exércitos.** Ver nota em 1.3.

Hofni e Finéias. Com seus dois filhos ímpios (2.12-17, 27-36) encarregados da arca, não é de admirar que o coração de Eli estava "tremendo pela arca de Deus" (v. 13).

* **4.6 hebreus.** Essa palavra ocorre pela primeira vez em Gn 14.13 como uma descrição de Abrão. Documentos extrabíblicos do segundo milênio a.C. mencionam um povo diverso e disseminado chamado "habiru." Isso tem levado a debates consideráveis a respeito da identidade desse povo com os hebreus bíblicos. Os habiru pareciam ser uma classe de estrangeiros ou refugiados sem terra, que sobreviviam ou por se empregarem como soldados ou agricultores, ou por meio de pilhagem.

* **4.8 grandiosos deuses... que feriram aos egípcios.** O clamor dos filisteus revela sua perspectiva politeísta, mas deixa pouca dúvida quanto ao impacto que aquele evento teve sobre as nações em derredor (6.6; Js 2.9-11).

* **4.10 trinta mil.** Ao invés de trazer alívio, os israelitas, na sua tentativa de manipular o Senhor visando seus próprios interesses, sofreram uma derrota ainda maior (v. 2).

* **4.1 Foi tomada a arca de Deus.** Um evento tão

surpreendente quanto desastroso, a perda da arca certamente deve ter feito tinir ambos os ouvidos (3.11).

mortos... Hofni e Finéias. Em cumprimento de 2.34 e 3.12.

* **4.13 seu coração estava tremendo pela arca de Deus.** Eli, anteriormente repreendido por honrar mais aos seus filhos do que ao Senhor (2.29), agora demonstra mais preocupação pela arca de Deus do que pelos próprios filhos (vs. 17-18).

* **4.18 menção da arca de Deus.** Não foram as más notícias das perdas pesadas sofridas pelos israelitas, nem a notícia da morte dos seus próprios filhos (v. 17), mas a informação de que a arca de Deus tinha sido tomada foi o motivo que desencadeou a reação que resultou na morte do próprio Eli.

havia ele julgado a Israel. Não há nenhuma contradição necessária quando Eli é descrito tanto como sacerdote quanto como juiz (Dt 17.8-12; 19.17; 1Cr 23.2-4; 2Cr 19.8; Ez 44.24). "Julgado" associa-o com os líderes que Deus suscitou entre a morte de Josué e a instituição da monarquia.

quarenta anos. A liderança de Eli, de duração de quarenta anos, deve ter coincidido parcialmente com as façanhas de Sansão (Jz 13-16) e possivelmente também com a atividade dos juízes mencionados em Jz 12.815.

* **14.21 Icabode... Foi-se a glória.** A esposa de Finéias, ao morrer, dá ao

seu recém-nascido o nome de Icabode, que significa tanto: "Nenhuma glória" quanto "Onde está a glória?" (2.29, nota). Conforme deixa claro o v. 22, a "glória" à qual ela se refere não é primariamente a casa de Eli, mas a arca de Deus, que agora se encontrava perdida. Ver também nota em 14.3.

* **5.1 Ebenézer.** Ver 4.1, nota.

Asdode. Uma das cinco cidades filistéias principais (4.1), Asdode fica cerca de 80 km ao sul de Ebenézer e 4 km afastada da costa do Mediterrâneo. A ocupação de Asdode pelos filisteus é atestada arqueologicamente já nos séculos XII e XI a.C. No período do Novo Testamento, o local era chamado Azoto (At 8.40).

*** 5.2 Dagom.** Uma deidade de destaque entre os filisteus, bem como

na Mesopotâmia, na Síria, e na Fenícia desde os meados do terceiro milênio a.C., Dagom era considerado em tempos passados uma deidade-peixe por causa da semelhança entre o nome Dagom e a palavra hebraica *dag,* que significa "peixe." Agora parece mais provável que esse nome deva estar associado com a palavra hebraica *dagan,* que significa "grão," de modo que Dagom seria um deus da agricultura ou da fertilidade. Dagom parece ter sido chefe do panteão filisteu (Jz 16.23; 1 Cr 10.10), que incluía a deusa Astarte (plural Astarote) (31.8-10) e o deus Baal-Zebul ("O Príncipe Baal"). Baal-Zebul era adorado em Ecrom, e seu nome era distorcido internacionalmente pelos

israelitas para formar Baal-Zebub ("senhor das moscas"; 2Rs 1.1-6, 16). A adoração de Dagom é atestada ainda no período macabeu (século II a.C.; 1Mc 10.83, 84).

na casa de Dagom. No Oriente Médio antigo, o exército vitorioso levava os deuses dos derrotados e os depositiva no templo dos seus próprios deuses como sinal da inferioridade e subordinação dos deuses conquistados. Embora a arca de Deus não fosse um ídolo, foi tratada assim pelos filisteus.

*** 5.3 Dagom com o rosto em terra.** A deidade supostamente vitoriosa

está em posição de prestar homenagem à deidade ostensivelmente vencida (v. 2, nota).

*

5.4 cabeça... mãos estavam cortadas. O dano especí

deve ser entendido à luz da prática comum na antigüidade de cortar a cabeça e as mãos dos inimigos mortos (Jz 7.25; 8.6; 1Sm 17.54; 31.9; 2Sm 4.12).

*

5.5 pisam no limiar. Os limiares estão freqüentemente

com significado especial, e a prática de não pisar no limiar de um lugar sagrado era conhecida, senão mesmo aprovada, em Israel (Sf 1.9). Ligar o costume dos sacerdotes de Dagom com esse incidente humilhante talvez visasse ridicularizá-los mais do que transmitir informações a respeito da sua prática ritual.

até ao dia de hoje. Essa frase sugere um intervalo significante de tempo entre o evento e o seu relato (cf. 6.18).

*

5.6 a mão do SENHOR castigou duramente. Ver v.

em vs. 1, 4; 2.9. O Senhor não é domado por amigos nem inimigos. Recusando-se a ser manipulado por Israel, Deus revelou a sua presença no território dos inimigos de Israel (4.21). Ali, ele demonstrou a sua soberania, e levou os filisteus a sentir o peso da sua mão em julgamento.

tumores. A explicação mais plausível para os tumores é a de que eram sintomas da peste bubônica, transmitida por roedores.

* **5.8 os príncipes dos filisteus.** Parece haver referência aos

governantes de uma aliança filistéia (4.1, nota), que podiam cooperar entre si em tempos de emergência.

Gate. É debatida a localização de Gate, mas a melhor candidata é

Tell es-Safi, cerca de 20 km ao leste de Asdode. É possível que o plano dos filisteus fosse o de remover a arca para outra cidade na esperança de que a peste não irrompesse ali, e assim poder comprovar que era por mera coincidência que a peste tinha sucedido em Asdode. Essa esperança foi dramaticamente esmagada (v. 9).

* **5.10 os ecronintas exclamaram.** Após a experiência fracassada em Gate, o povo de Ecrom, pelo menos, já não tem dúvidas a respeito dos perigos de ficar com a arca (v. 8, nota). Ecrom ficava 8 km imediatamente ao norte de Gate, e das cidades principais do filisteus, era aquela que ficava mais perto do território israelita.

* **5.11 Devolvei a arca.** Os ecronitas, não podendo suportar estar

debaixo da forte "mão do SENHOR” (v. 6, nota), agora imploram para que a arca seja devolvida "para o seu lugar."

* **6.1 Sete meses.** Os eventos registrados no capítulo anterior

aconteceram, não em questão de dias, mas de meses. O número sete freqüentemente significa integralidade.

* **6.2 adivinhadores.** Juntamente com a feitiçaria e a magia (Nm

23.23), a adivinhação era explicitamente condenada em Israel (Dt 18.10, 14; Jr 27.9; Ez 13.23). Era praticada por alguns dos vizinhos de Israel (Nm 22.7; Ez 21.21).

Que faremos. Eles tinham o mesmo problema que havia confrontado o povo de Asdode (5.8). Tentar mudar a arca de lugar em lugar do território filisteu fracassou, e tornou-se claro que a única solução era devolver a arca a Israel.

* **6.3 oferta pela culpa.** A oferta visa reconhecer a culpa, e compensar

pelo delito de roubar a arca (v. 4).

*

6.5 Fazei umas imitações dos vossos tumores. O

adotado pelos filisteus tinha vários propósitos. O ouro usado para os modelos era um tipo de indenização por terem roubado a arca (v. 4), ao passo que as imitações dos tumores e dos ratos eram provavelmente uma forma de magia.

O propósito declarado pelos filisteus, porém, era "dar glória" ao Deus de Israel. Com essa proclamação, a narrativa da arca quase completa o seu circuito. Foi porque Israel deixara de honrar o Senhor e de lidar corretamente com a arca que Deus a removera do seu povo.

do vosso deus. O tratamento opressivo que o Senhor aplicou aos deuses dos filisteus é como seu tratamento aos "deuses do Egito" (Êx 12.12). Conforme indica o versículo seguinte, os próprios filisteus pereceberam essa comparação.

*** 6.6 Por que, pois, endureceríeis o coração. Formas da palavra**

hebraica traduzida por "endurecer" nesta frase acham-se freqüentemente na história da rejeição do sacerdócio de Eli e da perda da arca. Noutros contextos, a palavra é traduzida por "glória" (v. 5; 4.21), e "honra" (ver 2.29 e nota).

depois de os haverem tratado tão mal. Ou "abusado deles", ou "feito grandes coisas entre eles." A mesma expressão é usada em 31.4; Êx 10.2; Jr 38.19.

*** 6.7-9** Um texto antigo de ritual heteu revela alguns paralelos com o

procedimento descrito nestes versículos. No ritual heteu, o alívio de uma peste que, segundo se pensava, tinha sido causada por algum

deus inimigo é

buscado através da coroação cerimonial de um carneiro a fim de pacificar o deus inimigo, para então tanger o carneiro ao longo de uma estrada que leva ao território inimigo. Na versão filistéia, o motivo de escolher vacas que nunca tinham sido submetidas ao jugo, e de separá-las dos seus bezerros, parece ser para garantir que se as vacas realmente seguissem na direção de Israel, não seria por causas naturais, nem por coincidência, mas pela influência do Deus de Israel.

* **6.9 Bete-Semes.** Lit. "Casa do Sol." Um entre vários lugares em Israel com este nome, esta Bete-Semes tem sido identificada com Tell er-Rumeileh, uns 12 km ao leste de Ecrom (5.10, nota). Bete-Semes era uma cidade fronteiriça (v. 12; Js 15.10), freqüentemente sendo disputada pelos filisteus e israelitas (2Cr 28.18).

* **6.12 andando e berrando.** Obviamente não contentes em deixarem seus bezerros para trás, as vacas nem por isso se desviaram do seu caminho ordenado por Deus.

* **6.13 a sega do trigo.** Ver 12.17, nota.

* **6.14 Josué, o bete-semita.** Embora esse Josué não seja mencionado noutra parte da Bíblia, seu campo e a grande pedra nele localizada eram aparentemente bem conhecidos na ocasião em que foi escrita a presente narrativa (v. 18).

holocausto. Ver nota em 10.8.

* **6.15 levitas.** Bete-Semes era atribuída aos levitas; especificamente aos descendentes de Arão (Js 21.16).

e os puseram sobre a grande pedra. Essa rocha foi usada como um pedestal para a arca e os objetos de ouro, e não como um altar improvisado.

* **6.18 até ao dia de hoje.** Ver nota no v. 14.

* 6.19 olharam para dentro da arca. Ver Nm 4.5, 20. O manuseio presunçoso da arca levara à sua perda, e um delito semelhante deve agora ser castigado na ocasião da sua devolução. O problema de manusear a arca de modo impróprio surgirá de novo em 2Sm 6.

* 6.20 Quem poderia estar. Cf. Êx 9.11.

* 6.21 Quiriate-Jearim. Localizada uns 15 km ao nordeste de Bete-Semes, Quiriate-Jearim também é chamada Quiriate-Baal (Js 15.60; 18.14), Baalá (Js 15.9), e Baalim de Judá (2Sm 6.2).

* 7.2 vinte anos... lamentações ao SENHOR. À luz da referência de

Samuel a "deuses estranhos" entre os israelitas (v. 3), parece que foi somente no fim desses vinte anos que Israel começou a buscar o Senhor.

* 7.3 preparai o vosso coração ao SENHOR... e ele vos livrará. O

ciclo da apostasia, da opressão, do arrependimento e do livramento que era tão típico no Livro dos Juízes (Jz 3.7-9) é repetido nos eventos deste capítulo.

* 7.4 os Baalins e os Astarotes. Ver notas em 5.2; 31.10.

* 7.5 Mispa. Uma cidade em Benjamim, quase 12 km ao norte de Jerusalém e 13 km ao nordeste de Quiriate-Jearim, Mispa desempenhou um papel de destaque em Israel antes da monarquia (10.17; Jz 20.1; 21.1, 5, 8).

Era uma das paradas regulares no circuito de Samuel (v. 16). O nome, que significa algo como "lugar de vigia," subentende um ponto alto estratégico para ver a circunvizinhança, e foi dado a vários locais

(p.ex., 22.3).

* 7.6 tiraram água e a derramaram perante o SENHOR. Embora essa ação não tenha paralelo em outros trechos das Escrituras, parece significar arrependimento e, juntamente com o jejum, o desejo de buscar a Deus com sinceridade (cf. 1.15; Sl 62.8; Lm 2.19). A ação de Davi em 2Sm 23.16 ocorre num contexto diferente e tem um significado diferente.

Pecamos contra o SENHOR. As palavras e as ações (v. 4) dos israelitas dão evidência do verdadeiro arrependimento. O tempo já está próximo para o Senhor libertar seu povo dos seus opressores filisteus. A reação dos filisteus diante dessa convocação em Mispa (v. 7) oferece uma oportunidade para esse livramento.

*** 7.8 clamar ao SENHOR.** No livro dos Juízes, "clamar" ao Senhor era

atendido mediante um libertador que o Senhor suscitaria (Jz 3.9, 15). Aqui, as funções de Samuel são as de intercessor e intermediário, enquanto a vitória seja claramente obra do Senhor (v. 10).

*** 7.9 holocausto.** Ver nota em 10.8.

*** 7.10 trovejou o SENHOR... sobre os filisteus. Essa declaração**

relembra dramaticamente as palavras que Ana proferira anteriormente: "Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus troveja contra eles" (2.10; cf. 2Sm 22.14). Essas palavras de Ana foram imediatamente antecedidas por esta declaração dela: "o homem não prevalece pela força" (2.9). A força humana pesa pouco na balança quando o Senhor resolve agir.

*** 7.11 Bete-Car.** Sua localização é desconhecida.

*** 7.12 Ebenézer.** Um local diferente daquele mencionado em 4.1 (nota)

e em 5.1; mesmo assim, este Ebenézer não deixa de relembrar o episódio anterior quando, então, os israelitas tentaram manipular seu Deus ao levar a arca à batalha, só para serem totalmente derrotados. Agora, Deus lhes deu uma grande vitória sobre os mesmos inimigos. Samuel levanta uma pedra memorial com o nome de Ebenézer ("Pedra de Socorro"), não somente para comemorar a vitória, mas também como lembrete dos resultados diferentes trazidos pela presunção, por um lado, e pelo arrependimento, por outro.

Até aqui nos ajudou o SENHOR. A expressão significa que o Senhor tinha estado com eles por toda a caminhada "até este lugar," ou "até esta hora."

*** 7.13 nunca mais vieram ao território de Israel. A referência aqui é**

quanto à situação tática e não à posterior história de Israel. Os filisteus foram derrotados de modo convincente e não tentaram nenhum contra-ataque (compare 2Sm 2.28 com 3.1; também 2Rs 6.23 com 6.24), mas isso não exclui agressões filistéias subseqüentes (9.16; 10.5; 13.3; 14.52).

a mão do SENHOR foi contra eles [os filisteus]. O que Deus fizera enquanto a arca esteve no território dos filisteus (5.4, 6; 6.5 e notas), ele agora continua mediante a liderança de Samuel. No decurso da vida de Samuel,

Deus continuou a dar a Israel a vitória, embora as batalhas às vezes fossem renhidas (14.52). A derrota narrada no cap. 31 veio somente depois da morte de Samuel (25.1).

*** 7.16 Betel**. 16 km ao norte de Jerusalém.

Gilgal. Gilgal ficava provavelmente no vale do Jordão, perto de Jericó (Js 5.10).

Mispa. Ver nota em 7.5.

7.17 Ramá. Ver nota em 1.1.

* **8.5 constitui-nos, pois, agora, um rei.** Os motivos apresentados pelos anciãos para desejarem um rei, embora fossem aceitáveis em si mesmos (segundo confirma o narrador nos vs. 1-3), são realmente um pretexto; o que realmente queriam era ser "como todas as nações" (cf. v. 20).

* **8.7 não te rejeitou a ti.** Posto que os anciãos colocam seu pedido em termos de "um rei... para que nos governe" (v. 5, nota), Samuel inicialmente interpreta essa petição em termos de um ataque contra sua própria liderança (v. 6). Mas o Senhor lhe indica que a afronta é muito mais grave do que isso.

rejeitou... a mim. O ultraje no pedido dos anciãos acha-se, não no conceito da monarquia humana por si só, pois havia muito tempo desde que a monarquia em Israel tinha sido prevista (2.10, nota) mas, sim, no rompimento do relacionamento pactual com Deus. O pecado deles foi o de rejeitar a Deus como seu Rei, e de querer, pelo contrário, um monarca humano (10.19; 12.1220; contrastar a recusa de Gideão em Jz 8.23).

* **8.10 que lhe pedia um rei**. Pela segunda vez em 1 Samuel, um

indivíduo é "pedido." O indivíduo concedido como resposta ao primeiro pedido foi Samuel (1.20, nota), e é Saul (cujo nome é baseado na raiz hebraica que significa "pedir") que será dado como resposta ao segundo pedido.

* **8.11 Este será o direito do rei.** Os vizinhos cananeus de Israel, bem como muitos dos reis israelitas foram culpados de práticas

opressivas como aquelas que são descritas nos vs. 11-17.

carros. Ver 2Sm 8.4; 15.1; 1Rs 4.26; 10.26-29.

corram adiante deles. Compare as ações de Absalão em 2Sm 15.1 com Adonias em 1Rs 1.5.

* **8.14 lavouras... vinhas.** Ver nota em 22.7.

* **8.15-17 dizimará.** As exigências do rei ou tirarão daquilo que pertence ao Senhor (Lv 27.30-32; Dt 14.22, 28), ou criarão um novo fardo de impostos para os seus súditos.

* **8.18 vosso rei**. Ver 12.13 e contrastar com 16.1.

mas o SENHOR não vos ouvirá. A julgar pelas conseqüências, rejeitar o Senhor em favor de um rei humano é o equivalente moral e religioso de abandonar o Senhor a fim de servir a outros deuses (Jz 10.10-14).

* **8.20 como todas as nações.** Ver nota no v. 5.

fazer as nossas guerras. A serem constrastadas com "as guerras do SENHOR" (18.17; 25.28).

* **8.22 Atende à sua voz, e estabelece-lhe um rei.** A acolhida pelo Senhor do pedido pecaminoso do povo a essas alturas da narrativa, deixa o leitor perplexo. Se é pecaminoso esse desejo do povo que pede um rei, e se equivale a uma rejeição de Deus como rei (vs. 7, 18 e notas), como Deus pode concedê-lo? Uma resposta acha-se nos padrões de monarquia aceitável que o Senhor estabelecerá. Deus está graciosamente disposto a dar ao povo um rei, e até mesmo a abençoá-lo, mas não o tipo de rei que o povo tem em mente (10.1,7, 8 e notas). Ao mesmo tempo, por terem adotado a monarquia em incredulidade, vieram a padecer debaixo de reis como aqueles das nações pagãs.

Volte cada um para sua cidade. Samuel, ao mandar para casa os homens de Israel, subentende que estabelecer um rei requererá certa preparação. O decurso dessa preparação será narrado nos capítulos que se seguem.

*** 9.1 homem de bens.** O versículo inicial do relato das aventuras de

Saul tem semelhança de forma com o início da narrativa do nascimento de Samuel (1.1). Nos dois casos, o pai da personagem principal é apresentado com referências genealógicas suficientes para sugerir um homem de posição. Também na apresentação de Samuel somos informados a respeito da observância religiosa fiel do pai (1.3-5), ao passo que no presente relato passamos a conhecer imediatamente Saul (v. 2), e o enfoque permanece exclusivamente em qualidades externas.

*** 9.2 filho... moço... belo.** A ênfase dessa descrição é a estatura física

de Saul e sua aparência impressionante. Compare com a descrição de Absalão em 2Sm 14.25, 26.

*** 9.6 Nesta cidade há um homem de Deus. Que Saul não tem**

consciência da presença e da reputação do homem de Deus, ou que não pensou em consultá-lo, reflete negativamente sobre seu julgamento.

tudo quanto ele diz, sucede. O homem de Deus é Samuel, de quem foi dito em 3.19 que o Senhor deixou nenhuma de todas as suas palavras cair em terra.

*** 9.7 presente não temos que levar ao homem de Deus. Josefo**

(Antigüidades 6.4.1) interpreta as palavras de Saul como sinal de que ignorava que um profeta verdadeiro não aceitaria pagamento. Os escritos dos profetas de Israel revelam desdém por aqueles que profetizam por dinheiro (Mq 3.5, 11), embora haja várias referências a bens sendo oferecidos em troca de favores proféticos (p.ex., 1 Rs 14.3; 2Rs 4.42; 8.8). Em dois casos o pagamento é explicitamente recusado (1Rs 13.7-9; 2Rs 5.15, 16), e em certa ocasião em que bens são aceitos, o pagamento não beneficia pessoalmente o profeta, mas é distribuído entre o povo (2Rs 4.42).

*** 9.9 ao profeta... antigamente, se chamava vidente. Os termos são**

sinônimos.

*** 9.12 Elas responderam**. No hebraico, os vs. 12, 13 transmitem

emoção e animação quando as moças conclamam Saul a subir depressa à cidade, onde chegará na hora certa de se encontrar com Samuel.

no alto. Embora fosse reconhecido que semelhantes lugares altos (freqüentemente locais da adoração cananéia) postulavam uma nítida ameaça contra a pureza da adoração israelita (p.ex., Lv 26.30; Nm 33.52; Dt 12.2, 3;

Jr 2.20), fica aparente em trechos semelhantes a este que a adoração a Javé, às vezes, era dirigida ali, especialmente durante o primeiro período da monarquia (10.5; 1 Rs 3.2-4). Semelhantes cultos podem ter se tornado necessários pela perda do santuário em Silo (1.3, nota). Depois da divisão do reino, a adoração no "altos" era um problema grave tanto no norte (1 Rs 12.31, 32; 13.32-34) quanto no sul (1Rs 14.22-24). A remoção dos "altos" foi um dos

alvos principais dos movimentos de reforma dirigidos pelos reis do

sul, tais como Ezequias (2Rs 18.4) e Josias (2Rs 23.5).

* **9.16 o qual ungirás.** Ver nota em 2.10.

príncipe. A palavra parece ser um título para "alguém designado para reinar" (cf. seu uso com referência a Salomão como príncipe herdeiro em 1Rs 1.35). A tarefa de Saul no contexto imediato é libertar Israel dos filisteus e, no contexto do cap. 8, a pressuposição lógica é a de que ele passará a ser rei.

filisteus. Ver nota em 4.1.

* **9.18 Saul se chegou a Samuel**. O fato de que Saul não reconheceu

Samuel é um indício perturbador da insensibilidade e descuido espirituais que caracterizarão Saul cada vez mais à medida em que a narrativa progride.

* **9.20 tudo o que é precioso em Israel.** Essa expressão [também

pode ser compreendida como: "todo o desejo de Israel"] talvez sugira que Saul é exatamente o tipo de rei que o povo deseja no cap. 8.

* **9.24 Tomou... a coxa... e a pôs diante de Saul. O tratamento dado a**

Saul ilustra, não somente a mudança de sua condição social que acabara de ser elevada, mas também a previsão que Samuel, com a ajuda divina, fizera da sua chegada (vs. 15, 16).

* **10.1 te ungiu... por príncipe.** Ver nota em 9.16.

sua herança. Ver 9.16 ("meu povo de Israel"); 2Sm 20.19 e nota; Dt 32.9. A disposição de Deus de conceder ao povo um rei humano não significa que ele abriu mão do seu domínio sobre seu próprio povo,

Israel. O rei constituído sempre era subordinado a Deus.

*** 10.2-6** As palavras de Samuel serão confirmadas para Saul à medida

que a seqüência de eventos se cumpre na ordem prevista. Finalmente, Saul ficará debaixo do poder do Espírito (vs. 5, 6).

*** 10.5 a guarnição dos filisteus.** A alusão a uma "guarnição dos

filisteus" prenuncia a tarefa que aguarda aquele que foi designado para livrar o povo de Deus dos filisteus (9.16). Quanto à colocação de guarnições nos territórios sujeitados, ver a prática de Davi em 2Sm 8.6.

grupo de profetas. Samuel está associado com um grupo de profetas em

19.20, onde ele é tido como seu líder. Note a associação semelhante entre Eliseu e os "filhos dos profetas" e 2 Rs 2; 6.1; 9.1; etc. Esses grupos proféticos parecem ter sido compostos de defensores da religião verdadeira em tempos de apostasia e indiferença espiritual generalizadas.

profetizando. A profecia no Antigo Testamento é freqüentemente, mas não exclusivamente, associada com a entrega de uma mensagem (ver o papel de Arão como "profeta" ou porta-voz de Moisés em Êx 7.1; e compare Ez 21.19; Am 3.8). Os profetas de Deus eram os seus mensageiros (2 Sm 7.1-5; 12.1; 24.11-12). Em alguns lugares, a profecia está associada com a música (Êx

15.20, 21; 1Cr 25.1). A profecia em vista aqui parece ser a de louvar a Deus e exortar o povo, com acompanhamento musical.

*** 10.6 O Espírito do SENHOR se apossará de ti. Ver v. 10; 11.6,**

nota. A atividade do Espírito com Sansão é expressa em termos idênticos (Jz 14.6, 19; 15.14). Embora o Espírito tivesse sido posteriormente retirado de Saul (cf. 16.14; 18.10), Davi foi revestido do Espírito de modo permanente (16.13). Freqüentemente no Antigo Testamento a outorga do Espírito é um revestimento de uma pessoa pelo poder de Deus para uma tarefa específica. De maneira inversa, Deus pode enviar um espírito de mentira (1 Rs 22.23) ou um espírito maligno! (16.14-16, 23; 18.10; 19.9; Jz 9.23).

* **10.7 faze o que a ocasião te pedir.** À luz da comissão geral de Saul,

de livrar Israel dos filisteus (9.16) e da menção específica por Samuel de um

símbolo visível do domínio filisteu no local do terceiro e último sinal (v. 5), as palavras de Samuel podiam ser interpretadas no sentido de Saul corresponder à sua unção atacando o posto avançado dos filisteus. No caso, essa possibilidade não foi concretizada. As palavras de Samuel também podem ser interpretadas como sendo um encorajamento para Saul se submeter à influência profética mencionada no v. 6.

* **10.8 descerás adiante de mim a Gilgal.** Depois de Saul ter feito "o que a ocasião pedir," deve se reunir com Samuel em Gilgal, para este oferecer sacrifícios e dar mais instruções a Saul.

holocaustos. Uma descrição completa do ritual do holocausto pode ser vista em Lv 1.3-17. Os holocaustos também são mencionados em 6.14, 15; 7.9, 10; 13.9, 12; 15.22; 2 Sm 6.17, 18; 24.22-25.

ofertas pacíficas. A oferta de comunhão é descrita em Lv 3, e é mencionada pela primeira vez em Êx 20.24. Outras referências em Samuel às ofertas de comunhão são: 11.15; 13.9; 2Sm 6.17, 18; 24.25.

* **10.9 Deus lhe mudou o coração.** A linguagem é semelhante a

Ez 11.19; 36.26, e talvez até mesmo a João 3.3 (ver também Jr 31.31). Entretanto é difícil definir com exatidão qual foi a experiência de Saul.

* **10.11 também Saul entre os profetas?** O provérbio (v. 12) expressa surpresa diante de algo muito improvável. Os circunstantes que conheciam Saul ficam surpreendidos ao vê-lo associando-se com entusiastas religiosos.

* **10.12 quem é o pai deles?** Visto que os líderes dos grupos proféticos eram às vezes chamados "Pai" (2Rs 2.12; 6.21), essa pergunta pode significar a tentativa de se procurar o líder desse grupo específico. Se, por outro lado, os circunstantes desprezavam a profecia, sua surpresa poderia ser porque um homem tal como Saul, de boa família e reputação social, se associaria com tais "loucos" (cf. 2Rs 9.11), cujos pais eram inferiores ao dele. Ainda outra possibilidade é que a pergunta signifique que o "Pai" ou origem dos grupos

proféticos não segue regras normais, e que Saul, por mais improvável que seja, tenha achado um lugar entre eles. Ver "Profetas" em índice.

* **10.14-16** O significado desse diálogo tem deixado os comenta

perplexos por muito tempo. Alguns entendem que a relutância de Saul em mencionar o reino (v. 16) era um sinal de sua humildade.

* **10.17 Convocou Samuel o povo.** A escolha que o Senhor fizera de Saul agora é tornada pública em Mispa, aparentemente lançando sortes ou usando o Urim e Tumim (v. 20 e nota).

* **10.20 foi indicada por sorte a de Benjamim.** Lançar sortes foi provavelmente o método da seleção (cf. Lv 16.8-10; Nm 26.55) e pode ter envolvido o Urim e o Tumim (2.28; Êx 28.30, nota; Nm 27.21; Dt 33.8).

* **10.22 escondido entre a bagagem.** O Senhor seleciona Saul embora este não esteja imediatamente presente. Algo semelhante ocorre com Davi (16.11).

* **10.25 o direito do reino.** Uma expressão semelhante em 8.9-11 refere-se às conseqüências negativas de se ter um rei. Aqui, significa os regulamentos que um rei deve seguir (Dt 17.14-20; 2Rs 11.12, nota).

e o pôs perante o SENHOR. Ver Dt 31.26; Js 24.26.

* **10.27 Como poderá este homem salvar-nos?** Os que levantam essa dúvida são rebeldes porque lançam dúvidas contra o processo de seleção dirigido pelo Senhor.

* **11.1 Naás, amonita.** Os amonitas, descendentes de Ló, eram um povo semítico (Gn 19.38; Dt 2.19) cujo reino estava estabelecido ao lado leste do Jordão, ao sul do rio Jaboque. Embora os amonitas às vezes ficassem em paz com Israel (2Sm 10.2), freqüentemente exerciam pressões na fronteira oriental de Israel (Jz 3.13; 11.4-32), assim como faziam os filisteus ao oeste.

Segundo os Rolos do Mar Morto e Josefo (Antigüidades 6.5.1), o cerco de Jabes-Gileade fazia parte de uma campanha maior por Naás.

Jabes-Gileade. Uma cidade principal no território que provavelmente pertencia a Gade, Jabes-Gileade ficava ao leste do rio Jordão, quase 36 km ao sul do mar de Quinerete (Galiléia).

* **11.2 vos serem vazados os olhos direitos. Embora a razão**

declarada para semelhante tratamento fosse "trazer... vergonha sobre todo o Israel," Josefo (Antigüidades 6.5.1) observa que a perda do olho direito impossibilitaria o serviço militar, posto que a visão do olho esquerdo ficava escondida pelo escudo.

* **11.3 nos entregaremos a ti.** Embora os anciãos de Jabes

claramente pretendam que Naás entenda suas palavras como uma rendição, o verbo hebraico aqui empregado é freqüentemente usado no sentido de soldados "saindo" à batalha (8.20; 18.30; 2 Sm 18.2-4, 6). Quando, no v. 10, os homens de Jabes prometem, novamente, que "sairão" aos amonitas, vemos certa ironia, porque os amonitas ainda estão pensando em termos de rendição, quando a verdadeira intenção é a de atacar.

* **11.6 o Espírito de Deus se apossou de Saul. Essa frase relembra a**

atividade do Espírito com Sansão (10.6, nota), só que aqui (como também em 10.10) "Deus" consta no lugar do nome pessoal "SENHOR."

* **11.7 cortou-os em pedaços.** A ação de Saul toscamente forma um

paralelo com a do levita em Jz 19. O pecado do levita era bem conhecido, e a comparação não serviria de elogio para Saul.

e a Samuel. Ver notas em 10.1, 7, 8.

* **11.8 Bezeque.** Localizada uns 14 km ao oeste do rio Jordão, do

outro lado de onde estava Jabes-Gileade.

filhos de Israel... homens de Judá. Até mesmo antes da divisão do reino (1Rs 12), era freqüentemente feita uma distinção entre as tribos do norte e do sul (17.52; 18.16; 2Sm 2.10; 3.10; 5.5; 11.11; 12.8; 19.11, 40-43; 20.2; 21.2; 24.1, 9).

* **11.10 nos entregaremos a vós outros**. Ver nota no v. 3.

* **11.11 três companhias**. Ver 13.17; Jz 7.16; 9.43; 2Sm 18.2.

pela vigília da manhã. Entre 2:00 e 6:00 da madrugada, tirando proveito da escuridão como escudo.

* **11.12 Trazei-os.** A referência inclui, mas talvez não esteja limitada

"filhos de Belial" em 10.27.

* **11.13 o SENHOR salvou a Israel.** Saul interrompe uma pergunta

dirigida a Samuel com uma confissão que denota o ponto alto da sua própria vida. Sua anistia ou perdão daqueles rebeldes (10.27) que o rejeitaram pode possivelmente ser comparado com sua relutância em matar Agague e os rebanhos de Amaleque (15.9), se for considerado como uma recusa de cumprir os aspectos mais severos de uma comissão divina.

* **11.14 vamos a Gilgal e renovemos ali o reino.** Em certo nível, trata-se do processo da ascesão de Saul ao trono que agora pode ser retomado (v. 15, nota), mas num nível mais profundo é o reino contínuo do Senhor que deve ser renovado (cap. 12).

Gilgal. Ver nota em 13.4.

* **11.15 proclamaram Saul seu rei**. A análise da ascensão de uma

pessoa no Israel antigo a uma posição de liderança divide-se num processo de três passos: (a) a designação como tendo sido a escolha do Senhor; (b) uma demonstração de bravura e de ter recebido poder da parte do Senhor, ao realizar uma façanha heróica; e (c) a confirmação pelo povo. Saul fora

designado por Samuel, e tivera uma experiência profética (cap. 10). Embora pudesse ter atacado imediatamente a guarnição filistéia em Gibeá (10.5, 8) ganha pouco depois uma vitória importante ao libertar

Jabes-Gileade (v. 13). Passa, então, a ser coroado em Gilgal.

ofertas de paz. Ver nota em 10.8.

*

12.1 constituí sobre vós um rei. O processo da as

completado, e o discurso de Samuel no cap. 12 marca o fim do período dos juízes.

* **12.3-15** Samuel apresenta três argumentos para compelir o povo a reconhecer a sua própria culpa em pedir um rei. Primeiro, convida o povo a concordar que ele tinha sido um líder inculpável (vs. 4, 5). Segundo, ressalta que no passado sempre tinha sido o Senhor que nomeava líderes (v. 6), e que estes sempre tinham revelado ser plenamente adequados (vs. 7, 8). Terceiro, enfatiza que mesmo quando os israelitas "se esqueceram do SENHOR, seu Deus", o Senhor fora gracioso para com eles. Embora ele os sujeitasse à opressão dos inimigos (v. 9), atendia suas confissões de pecado e seus rogos por livramento (v. 10), e suscitava juízes, entre os quais havia o próprio Samuel (v. 11). Dentro desse contexto da suficiência da provisão do Senhor, a exigência do povo em ter um rei humano, embora o próprio Senhor fosse seu rei (v. 12), pode ser considerada rebelião (8.7). Mesmo assim, a monarquia pode ter sucesso, se tanto o rei quanto o povo temer ao SENHOR, e o servir, e lhe atender à voz (v. 14).

* **12.3 seu ungido.** Ver nota em 2.10. A unção de Saul é ordenada em 9.16 e realizada em 10.1.

de quem tomei o boi... o jumento? O boi e o jumento, possessões valiosas nos tempos bíblicos, são mencionados no décimo mandamento como objetos típicos da cobiça (Êx 20.17; Dt 5.21).

* **12.7 pleitearei convosco.** Samuel pessoalmente se apresentara como réu, e fora inocentado (vs. 3-5); agora desempenha o papel de promotor, e o povo se torna o réu. Seu crime é o de ter

desejado ter um rei, em total desrespeito para com todos os "atos de justiça" do Senhor durante todo o período do Êxodo e dos Juízes (vs. 7-11).

* **12.12 Vendo vós que Naás, rei dos filhos de Amom, vinha contra vós outros.** Embora o fato não seja explicitamente mencionado no cap. 8, é possível que a ameaça dos amonitas já tenha sido motivo de preocupação naquela ocasião (11.1, nota). Alternativamente, Samuel pode ter meramente citado o episódio com os amonitas como sendo o exemplo mais recente da tendência infiel do povo de buscar a ajuda dos homens, e não de Deus.
Saul pessoalmente deu ao Senhor todo o crédito pela vitória (11.13).

* **12.13 o rei que elegestes.** Ver 8.18 e contrastar com 16.1. **e que pedistes.** Ver 8.10, nota.

* **12.14 Se temerdes ao SENHOR.** Uma condição prévia fundamental para a bênção segundo a aliança, nos dias de Moisés (Dt 6.2, 24; 10.12; 31.12, 13), nos dias de Josué (Js 4.24; 24.14), e agora na nova era da monarquia, o "temor ao SENHOR" significa reverência diante dele e dar-lhe a honra e obediência a que lhe pertencem como Deus e como Pai gracioso.

* **12.16-19** Tendo pleiteado a sua causa contra o povo nos vs. 3-15, Samuel passa a invocar um sinal dramático para reforçar sua declaração da culpa do povo. O sinal produz o resultado desejado, e o povo se arrepende porque "a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei" (v. 19). Quanto aos sinais que acompanham as declarações proféticas, ver 2.34, nota.

* **12.17 sega do trigo.** O trigo era provavelmente segado em maio e junho, no começo da estação seca de Israel.

* **12.20-25** Tendo visto o arrependimento do povo, Samuel os conforta: "Não temais," e os desafia a renovar a sua dedicação a Deus (v. 20).

* **12.23 orar por vós... vos ensinarei.** As responsabilidades de Samuel

no reino incluirão a intercessão e instrução (12.1, nota; para outros deveres de Samuel ver 10.8).

* **12.24 temei ao SENHOR**. Ver nota no v. 14.

de todo o vosso coração. Ver v. 20; 16.7.

* **13.1—14.52** Começa oficialmente o reinado de Saul. Compare a informação cronológica de 13.1 com fórmulas semelhantes em 2Sm 2.10; 5.4;

1 Rs 14.21; 22.42). A narrativa se volta para os embates iniciais entre Saul e os filisteus, que eram uma ameaça contínua contra Israel.

* **13.1** É provável que Saul tenha reinado cerca de vinte anos, e a cifra

"quarenta" em Atos 13.21 seria um número redondo com o significado de "um tempo prolongado." Ver a cronologia na Introdução: Data e Ocasião.

* **13.2 Micmás**. Uns 7 km ao sudeste de Betel no lado norte de Uádi

Suwenet, um vale formado por uma torrente que flui na estação das chuvas, e que era usado para viagens entre o vale do Jordão e as terras altas centrais.

Gibeá de Benjamim. Pode se tratar da Gibeá a uns 5 km ao norte de Jerusalém, ou possivelmente tenha sido uma aldeia voltada para o vale de Micmás do lado sul do Uádi Suwenet.

*** 13.3 Jônatas derrotou a guarnição... em Gibeá. Talvez seja a**

mesma guarnição em cujas redondezas Saul profetizara.

fez tocar a trombeta. As trombetas eram usadas na guerra como modo de sinalização (2Sm 2.28; 18.16; 20.1).

hebreus. Ver nota em 4.6.

13.4 Gilgal. Saul reage à crise precipitada por Jônatas (v. 3), reunindo o povo em Gilgal de conformidade com as instruções de Samuel (10.8). A posição de Gilgal no vale do Jordão perto de Jericó colocou-a fora do controle imediato dos filisteus, e assim era um local estratégico para uma mobilização geral. Gilgal desempenhara um papel de destaque na história anterior de Israel (Js 4.19, 20; 5.10; 9.6; 10.6-15, 43; 1Sm 7.16; 11.14).

*** 13.7 o povo.** Trata-se das pessoas mobilizadas no v. 4, e não das

tropas que já estavam em ação no v. 2.

*****
13.8 o prazo determinado por Samuel. Samuel tinha

previamente sete dias (10.8).

*****
13.9 o holocausto e ofertas pacíficas. Ver 10.8, not

*** 13.11 Que fizeste?** Ver nota em 2.27-36.

Vendo. Da perspectiva puramente humana, as desculpas de Saul pareceriam ter algum valor. Entretanto elas não levam em conta a

liberdade de Deus para agir em prol do seu povo, segundo a confirmação dada pelo testemunho de Jônatas em 14.6.

*

13.13 Procedeste nesciamente. Essa expressão hebraica

o fracasso tanto intelectual quanto moral. Para uma confrontação semelhante entre um profeta e um rei, ver 2Cr 16.7-9.

em não guardar o mandamento. Nesse contexto, Saul transgredira ao oferecer sacrifícios pela sua própria autoridade.

*

13.14 não subsistirá o teu reino. As esperanças que

estabelecer uma dinastia foram desfeitas, mas o próprio Saul ainda não será deposto (15.23).

um homem que lhe agrada. A frase pode ser interpretada "um homem da sua própria escolha," ressaltando a eleição soberana da parte de Deus. Mesmo assim, à luz de textos bíblicos tais como 2.35 e 16.7, o texto também diz que Davi, o escolhido do Senhor, "era segundo o coração de Deus" no sentido de estar dedicado à sua vontade e aos seus propósitos.

* **13.15 Então, se levantou Samuel**. Por causa das ações estultas de

Saul, parece que Samuel partiu sem dar mais instruções a ele (10.8). O texto mais longo na Septuaginta (a antiga tradução grega do Antigo Testamento; ver a referência lateral) é provavelmente correto, e sugere que depois de Samuel partir, Saul voltou a ficar com Jônatas em Geba (v. 2, nota; v. 16, nota).

* **13.16 Geba.** Ver referência lateral. Outra leitura possível é "Gibeá" (v.2,

nota).

* **13.17 saqueadores saíram... em três tropas**. Grupos de assalto aterrorizavam e saqueavam, além de manter a pressão militar mediante o reconhecimento e o controle de vias de acesso importantes.

* **13.19-21** Aos israelitas faltavam armas, e até mesmo dependiam dos filisteus para afiar seus instrumentos agrícolas. As evidências arqueológicas sugerem que os filisteus aprenderam a forjar ferro antes dos seus vizinhos.

* **13.22 com Saul e com Jônatas, seu filho**. Esse fato lança as esperanças de Israel em duas pessoas em particular, e o capítulo seguinte faz uma comparação entre elas, deixando Saul em desvantagem.

* **14.1 Porém não o fez saber a seu pai.** Jônatas, ao resolver não contar ao seu pai a respeito do seu plano ousado, talvez dê a entender sua falta de confiança neste (cf. a reação semelhante de Abigail diante da atitude do marido Nabal em 25.19).

14.3 filho de Aitube, irmão de Icabode. A presença de um membro da casa sacerdotal de Eli, rejeitada por Deus (2.30) no arraial de Saul traz à memória a rejeição recente da própria casa real de Saul.

trazia a estola sacerdotal. A presença no arraial de Saul da estola sacerdotal, que era usada para indagar a vontade de Deus (2.28 nota), encoraja a expectativa de que a usará para pedir a orientação divina, conforme fez Davi em data posterior (23.9-12; 30.7-8). Nesse caso, no entanto, Saul deixa por conta de Jônatas a tarefa de descobrir a vontade do Senhor (v. 10, nota). No v. 19 (nota) Saul demonstra uma falta de respeito para com a estola sacerdotal; e, mais tarde, ataca de modo selvagem aqueles cujo dever é cuidar da estola sacerdotal e zelar pelo seu devido uso (22.18; cf. 21.19). No fim, os esforços de Saul para descobrir a vontade do Senhor recebem só o silêncio como resposta (28.6, nota).

*

14.4 Bozez... Sené. Esses nomes significam, possivelme

"escorregadio" e "espinhoso" e assim dramatizam o desafio que Jônatas tinha diante dele.

* **14.6 incircuncisos**. Os incircuncisos eram pessoas que, assim como

os filisteus, estavam fora da aliança com Deus (Gn 17.14; Êx 12.48; Jz 14.3; 15.18).

para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar. Compare a confiança de Davi em 17.47. Embora o narrador não ofereça nenhuma crítica à desculpa de Saul em 13.11 (que "o povo ia se espalhando," etc.), a confissão corajosa de Jônatas serve de comentário indireto sobre a mediocridade daquela desculpa.

* **14.10 Isto nos servirá de sinal.** Jônatas não quer adiantar-se sem a

aprovação do Senhor. Nisto, é mais fiel do que o seu pai, que parece demonstrar cada vez menos compromisso com a busca da orientação divina (13.8-15; 14.18, 19, 36 e notas).

* **14.11 hebreus.** Ver nota em 4.6.

* **14.18 arca de Deus.** Ver referência lateral. A Septuaginta (antiga tradução grega do Antigo Testamento) contém o termo "estola sacerdotal" o que é provavelmente correto, pois essa estola sacerdotal estava claramente presente em Gibeá (v. 3, nota) e era usada para inquirir do Senhor (2.28, nota). O texto existente em hebraico, "arca," é duvidoso, porque a arca estava em Quiriate-Jearim nessa ocasião (7.1,2); nunca é dito que a arca foi usada como meio de obter uma mensagem divina; e tocar na arca (cf. v. 19) resultava em morte (6.19; 2Sm 6.6, 7).

* **14.19 Desiste.** Ao mandar o sacerdote deixar de fazer uso do instrumento mediante o qual a vontade do Senhor, poderia ter sido determinada, Saul assume sobre si mesmo a responsabilidade pelos acontecimentos (cf. 13.9).

* **14.21 hebreus.** Ver nota em 4.6.

* **14.24 angustiados naquele dia.** Esse é um relato de algo que aconteceu anteriormente naquele mesmo dia, ou seja: depois de Jônatas sair para atacar os filisteus (vs. 13, 14) mas antes de Saul entrar na batalha (v. 20).

porquanto Saul. Isto também pode significar "assim Saul", significando que Saul colocou o povo sob um juramento por causa da tristeza deles, e não que a tristeza houvesse sido causada por aquilo que Saul disse ao povo.

* **14.27 Jônatas, porém, não tinha ouvido.** Isso provavelmente porque saíra do arraial antes do juramento ter sido imposto (v. 24, nota).

* **14.29 Meu pai turbou a terra.** A falta de confiança de Jônatas em seu

pai implícita na exclusão dele de seus planos (v. 1) agora passa a ser uma condenação aberta da ação estulta do seu pai ao submeter o povo a um juramento. Assim como no caso de Acã (Js 7.16-18, 25), a sorte será lançada para desmascarar o culpado, o "perturbador" da terra. A sorte revela Jônatas

como aquele que violou o juramento (v. 42), mas o verdadeiro perturbador de Israel era Saul.

* **14.31 Aijalom**. Cerca de 24 km ao oeste de Micmás no vale de Aijalom,

que parece ser o caminho que os filisteus seguiram de volta ao seu

país.

* **14.33 comendo com sangue.** No Antigo Testamento são registradas

proibições freqüentes contra comer sangue (Gn 9.4; Lv 3.17; 7.26, 27; 17.10, 12; 19.26; Dt 15.23; Ez 33.25).

* **14.35 o primeiro altar.** É também o único altar a ser mencionado.

* **14.37 Disse, porém, o sacerdote**. É incomum que o sacerdote,

provavelmente Aías (v. 3), tenha tomado a iniciativa. Mas o fato condiz com o padrão cada vez menor do compromisso de Saul na busca pela orientação do Senhor (v. 10, nota).

* **14.39 Porém nenhum... lhe respondeu.** O povo protegia Jônatas.

* **14.45 Tal não suceda.** Ao ser forçado pela severidade de Saul (vs. 39,

44) a escolher entre Saul e Jônatas, o povo optou por Jônatas, claramente reconhecendo-o como aquele que o Senhor usara na batalha naquele dia. O comportamento estulto de Saul o alienara de todos ao seu redor, inclusive dos seus próprios seguidores. Seu isolamento não é permanente, no entanto, pois Jônatas volta posteriormente a ser da sua confiança (20.2), e o povo demonstra sinais de lealdade renovada (23.19; 24.1). Até mesmo Samuel passa a ter mais contatos com ele (cap. 15).

* **14.47-51** Aqui temos um resumo das façanhas militares de Saul (vs.

47, 48) e pormenores acerca de sua família e de Abner (vs. 49-51). Uma comparação entre essa seção e o resumo mais longo das

vitórias de Davi e dos seus oficiais em 2Sm 8 revela várias semelhanças, mas também uma diferença reveladora: em nenhuma parte do resumo a respeito de Saul existe

algo semelhante à declaração repetida a respeito de Davi: "o SENHOR dava vitórias a Davi, por onde quer que ia" (2Sm 8.6, 14).

* **14.52 forte guerra.** Ver notas em 7.13.

* **15.1 Enviou-me o SENHOR a ungir-te.** Samuel menciona seu papel na unção de Saul a fim de estabelecer o contexto da continuação de seu serviço como mediador das ordens de Deus a Saul (10.1, nota).

atenta, pois, agora, às palavras do SENHOR. As palavras hebraicas traduzidas por "atentar" e "palavras", lit. "voz" são repetidas várias vezes nesse capítulo, ressaltando o tema central da obediência ("atentar," "dar ouvidos," "obedecer," e "voz," e "balido... mugido" nos vs. 1, 14, 19, 20, 22, 24).

* **15.2 Amaleque**. Descendentes de Esaú (segundo Gn 36.12, 16), os amalequitas eram um povo nômade do deserto que habitava no sul de Judá e além, na direção do Egito. Lutavam freqüentemente contra os israelitas. Ver referências lateral, e Jz 3.13; 6.3-5, 33; 7.12; 10.12.

* **15.3 destrói totalmente.** Lit. "colocá-los sob a maldição." Isso significa devotar pessoas ou objetos completamente ao Senhor. Na guerra, isso usualmente exigia a destruição total das propriedades e a execução das pessoas. A inclusão de animais nesse versículo é algo especialmente notável. Essa maldição era um elemento da "guerra santa" e não podia ser decretada por ninguém a não ser Deus.

homem e mulher, meninos e crianças de peito. Ver 22.19 e nota.

* **15.4 Telaim.** Trata-se provavelmente de Telém, alistada em Js 15.24 como uma das cidades de Judá. A Septuaginta (tradução grega primitiva do Antigo Testamento) contém "Gilgal" que, segundo alguns têm sugerido, foi o local onde Samuel deu suas instruções a Saul (vs. 1-3).

* **15.6 porque usastes de misericórdia.** Talvez uma alusão à bondade

do sogro queneu de Moisés (Jz 1.16) registrada em Êx 18.

* **15.7 desde Havilá até... Sur.** Ver Gn 25.18. Sur é mencionada em

27.8 como sendo um local nas fronteiras do território amalequita, perto da fronteira oriental do Egito. A localização de Havilá permanece incerta, mas o sentido geral da referência é que a vitória de Saul foi bastante ampla.

* **15.8 Agague.** Este é um nome pessoal, ou um título, assim como

"Faraó"; ver Nm 24.7; "agagita" em Et 3.1.

todo o povo. Não se trata de "todos" sem exceção, mas de todos quantos caíram nas mãos de Saul (há referências posteriores aos amalequitas em 27.8; 30.1, 18). Para este sentido limitado de "todos", cf. 13.7; 31.6.

* **15.9 Saul e o povo pouparam.** Agiram de modo contrário às ordens

do Senhor (v. 3). O desejo de tirar proveito da vitória pode ter sido o motivo da relutância em destruir coisas de valor. Acã apropriou-se de bens que tinham sido condenados à destruição, aparentemente porque era cobiçoso (Js 7.1). Ao leitor não é contado o motivo de Saul ter poupado Agague, quer seja a política, assim como a

misericórdia que Acabe teve com Ben-Hadade (1 Rs 20.30-34), quer seja o orgulho, o desejo de demonstrar publicamente seus cativos como troféus de guerra. Saul realmente levantou um monumento da vitória, "para si" (v. 12).

* **15.11 "Arrependo-me."** Ver nota em v. 29.

deixou de me seguir. Essa é uma grave acusação formal, tendo em vista 12.14, onde a obediência e o seguir ao Senhor são citados como sendo os requisitos essenciais para um reinado bem-sucedido.

Samuel se contristou. Lit. "Samuel irou-se." A mesma expressão hebraica é empregada em 18.8 e 2Sm 6.8.

toda a noite clamou ao SENHOR. Fica claro que Samuel não sente nenhum prazer na rejeição de Saul (v. 35; 16.1).

* **15.12 Carmelo.** Cerca de 12 km ao sul de Hebrom (25.2; Js 15.55).

Não se trata do monte Carmelo ao norte.

levantou para si um monumento. O paralelo mais próximo acha-se em 2Sm 18.18, onde Absalão "levantara para si uma coluna" a fim de celebrar o seu nome.

* **15.14-23.** Esses versículos demonstram as características padronizadas

de um discurso de julgamento profético contra um indivíduo (2.27-36, nota), mas nesse caso o acusado, Saul, vigorosamente contesta as acusações.

* **15.15 os trouxeram ... para os sacrificar.** Como resposta à acusação

de Samuel, Saul oferece duas desculpas: Primeiro, o povo é o

culpado, e não ele; segundo, os animais seriam oferecidos como sacrifício. Samuel responderá a essas desculpas.

* **15.17 pequeno aos teus olhos**. Sejam quais tenham sido as idéias de

Saul a respeito da sua condição como rei, Samuel rejeita sua tentativa de evitar sua responsabilidade pessoal por aquilo que acontecera.

* **15.19 te lançaste ao despojo.** Samuel rejeita a alegação de que os

animais foram poupados por serem necessários para o sacrifício. Quanto ao verbo traduzido "lançar-se," ver 25.14, nota.

* **15.20,21** Desconsiderando o repúdio de Samuel às suas desculpas,

Saul as repete com teimosia.

* **15.22, 23** A forma poética desses dois versículos ressalta sua

importância culminante nesse episódio.

* **15.22 holocaustos.** Ver nota em 10.8.

o obedecer é melhor do que o sacrificar. Embora Samuel obviamente não acredite na desculpa de Saul (v. 19, nota), mostra que mesmo na hipótese de haver verdade nisso, a lição é que a prática de rituais não tem valor quando não é acompanhada por um espírito sincero e submisso. Ver denúncias semelhantes de rituais sem conteúdo, feitas posteriormente por outros profetas de Israel: Is 1.10-17; Jr 6.19, 20; 7.21-26; Os 6.6; Am 5.21-24; Mq 6.6-8; também Sl 51.16, 17; Pv 15.8; 21.3, 27.

* **15.23 rebelião... feitiçaria... idolatria.** A feitiçaria e a idolatria

eram

pecados especialmente graves.

Visto que rejeitaste... ele também te rejeitou a ti. Quando Samuel chega ao ponto de pronunciar a sentença contra Saul, expressa-a de uma maneira que deixa clara a justiça do veredito divino. O delito e o castigo correspondem entre si (2.27-36, nota). Embora a falha de Saul no cap. 13 resultasse no fim de suas esperanças para sua dinastia (13.14), sua desobediência no contexto presente implica no fim do seu direito pessoal de ser rei. O capítulo seguinte narra como Davi foi ungido e como o Espírito do Senhor afastou-se de Saul (16.13, 14).

* **15.24, 25** Finalmente, Saul começa a aceitar a responsabilidade

("Pequei"), embora continue culpando o povo por ter dado início aos eventos lastimáveis. ("Temi o povo e dei ouvidos à sua voz"). Superficialmente, a confissão de Saul parece adequada, mas levando-se em conta as advertências de Samuel em 12.14, 15, suas confissões parecem não conduzi-los à possibilidade de uma reconciliação, mas à certeza de que "perecerá" (12.25). Saul passará a oferecer uma segunda confissão, mais honesta, no v. 30.

* **15.26 Não tornarei contigo.** Samuel, ao recusar-se a voltar com Saul,

dá a impressão de não estar satisfeito com a sinceridade da confissão como um todo (v. 30, nota).

*

15.28 rasgou... o reino. Samuel aproveita o incidente

símbolo apropriado de o Senhor ter "rasgado o reino" de Saul (cf. 24.4, 5; 1 Rs 11.29-33).

*

15.29 não mente, nem se arrepende. A rejeição de é decisiva, e

nenhuma tentativa de mitigar as suas conseqüências surtirá efeito. Não há contradição entre essa declaração e as declarações nos vs. 11 e 35 de que o SENHOR "se arrependeu" de ter constituído Saul rei, embora "arrepender-se" represente a mesma palavra hebraica que "lastimar-se" nesse versículo. Assim como em Nm 23.19, a lição é que quando o Senhor faz um pronunciamento que visa ser definitivo, ele não pode ser persuadido a mudar de idéia.

*** 15.30 honra-me.** A verdadeira preocupação de Saul torna-se clara na

sua segunda confissão (vs. 24, 25 e nota). Conforme Samuel parece já suspeitar (v. 26, nota), Saul se interessa menos por se reconciliar com o Senhor do que ser honrado diante dos anciãos do "meu povo." Em troca dessa honra, Saul se oferece a tratar com reverência o SENHOR "teu" Deus.

*** 15.31 Samuel seguiu a Saul.** Vários motivos pela mudança da decisão

anterior de Samuel (v. 26) podem ser sugeridos: (a) Saul finalmente fez uma confissão sincera; (b) não existe o perigo, depois dos vs. 28, 29, de que Saul interprete a atitude de Samuel como retratação do julgamento que pronunciou; (c) Samuel ainda vai lidar com Agague.

*

15.35 Samuel... tinha pena de Saul. Ver nota no v.

*** 16.1—31.13** Esses capítulos narram a ascensão de Davi ao poder, e a perda do poder de Saul, bem como a sua morte. A ascensão de Davi é marcada pela sua unção por Samuel e seu período no serviço de Saul (caps.

16—18), sua fuga de Saul (caps. 19-23), seu cuidado em não cometer o crime de sangue (caps. 24—26), e sua fuga aos filisteus (caps. 27—31).

* **16.1 belemita.** Belém, mencionada pela primeira vez em Gn 35.19, é a

cidade natal de Davi (17.12, 15). Quanto à relevância dessa localidade para o Messias ("o ungido"), ver Mq 5.2; Mt 2.5, 6; Jo 7.42.

me provi. A seleção de um rei para "mim" (o Senhor) contrasta com a escolha de um rei para "eles" (o povo) em 8.22 (8.18; 12.13).

* **16.2 Vim para sacrificar.** Embora essa declaração seja verdadeira

em si, não revela o motivo principal para a viagem de Samuel a Belém (v. 1). É bem provável que haja um tom irônico na ordem que o Senhor deu a Samuel, justamente por ter sido dada não muito depois de Saul ter alegado que poupou o melhor dos animais somente "para os sacrificar" (15.15, 21). Casos de "informação incompleta" como este precisam ser aquilatados dentro das suas circunstâncias específicas (20.6; 21.2; 27.10; 2Sm 16.17-19; Js 2.4 e notas).

* **16.3 ungir.** Ver nota em 2.10.

* **16.4 os anciãos da cidade, tremendo.** Ver a reação semelhante de

Aimeleque quanto Davi chegou sozinho em Nobe (21.1). Não é mencionado nenhum motivo para o grande temor dos anciãos. Provavelmente tinha a ver com a função profética de Samuel como instrumento do juízo divino.

* **16.7 nem para a sua altura, porque o rejeitei. A referência à**

"estatura" como uma medida errônea para classificar a qualificação

de um indivíduo para ser rei, juntamente com o aviso de que esse filho de Jessé é "recusado," faz relembrar Saul, cuja altura era notável (9.2; 10.23) mas que foi rejeitado (15.23, 26).

o SENHOR, o coração. É axiomático que os padrões divinos são interiores, e não exteriores (13.14, nota; Rm 2.28, 29). Ver "Deus Vê e Conhece: Onisciência Divina", índice.

*** 16.13 no meio de seus irmãos.** É provável que os anciãos também

tenham presenciado a unção de Davi (vs. 4, 5). A ênfase na presença dos

irmãos nesse evento talvez lance luz sobre o comportamento de Eliabe em 17.28.

o Espírito do SENHOR se apossou de Davi. Ver notas em 10.6; 11.6. O revestimento de Davi pelo Espírito "daquele dia em diante" destaca-o de Saul (e também de Sansão) sobre quem o Espírito vinha apenas esporadicamente.

*** 16.14 Tendo-se retirado de Saul o Espírito do SENHOR. A presença**

do Espírito de Deus, que confere poder e validade, deve ter sido removida de Saul na ocasião da sua rejeição definitiva como rei no cap. 15 (cf. também v.

1).

um espírito maligno. Cf. 1Rs 22.21-23. A palavra hebraica pode descrever algo que perturba, aflige, ou que é danoso.

*** 16.18 homem de guerra.** Esse relatório talvez pareça estar em conflito

com a declaração de Saul em 17.33 de que Davi, sendo só um jovem na ocasião, não estava em pé de igualdade com Golias. Pode-se dizer, como resposta, que a recomendação feita de Davi era, decerto, um exagero, assim como uma carta de referência nos dias de hoje. Por outro lado, Saul estava comparando Davi com Golias, e relutava em tomar o risco de mandar alguém contra o gigante filisteu.

o SENHOR é com ele. Esse fato, mais do que qualquer qualidade humana, explicará a ascensão persistente (embora custosa) de Davi ao poder, ao passo que o crescente reconhecimento de Saul de que Davi havia sido preferido a ele desempenhará um papel considerável na sua própria desintegração psicológica (3.19; 17.37; 18.12, 28, 29; 20.13; 2Sm 7.9 e notas).

*** 16.19 Envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas. Saul,**

sem o saber, convida seu futuro substituto a fazer parte da sua corte. A ascensão de Davi ao poder é dirigida providencialmente, e não é resultado do esforço humano ou da cobiça pelo poder.

*** 16.21 este o amou muito.** Não fica claro no texto se essas palavras

descrevem a atitude de Saul para com Davi ou de Davi em relação a Saul.

Note, também, o modo de Jônatas corresponder a Davi (18.1, 3; 20.17), bem como o de Mical (18.20, 28), do povo (18.16), e possivelmente até mesmo os demais servos de Saul (18.22). O sendido provável é o de que "Saul amou a Davi" (ver o v. 22).

*** 17.1 entre Socó e Azeca, em Efes-Damim.** Socó ficava 24 km ao oeste de Belém, perto da fronteira da Filistéia, e Azeca ficava quase 4 km ao noroeste de Socó.

* **17.2 vale de Elá**. O vale desce do leste para o oeste, e passa imediatamente ao norte de Socó e Azeca.

* **17.4 guerreiro.** É raro no Antigo Testamento, o resultado de uma luta mortal entre dois campeões ser considerado como a vontade dos deuses (compare 2Sm 2.14-16). É bem atestado, porém, entre alguns dos vizinhos de Israel.

seis côvados e um palmo. São quase 3 metros. A Septuaginta (tradução grega primitiva do Antigo Testamento), os Rolos do Mar Morto, e Josefo (Antigüidades 6.9.1) registram quatro côvados ao invés de seis. Assim, Golias teria cerca de dois metros, o que não deixava de ser uma altura notável segundo os padrões da antigüidade.

* **17.5-7** É surpreendente a descrição pormenorizada da armadura e das armas de Golias. Davi, porém, não precisa confiar em equipamentos (vs. 39, 50).

* **17.11 Saul.** O desafio dos filisteus aos "servos de Saul" tinha

sido o de "escolher um homem" (v. 8). A escolha lógica teria sido Saul (9.2; 10.23, 24), mas este se encontrava tão aterrorizado quanto os demais.

* **17.12 efrateu.** Ver Gn 35.19; 48.7; Rt 1.2; 4.11; 1Cr 4.4; Mq 5.2.

* **17.15 Davi... ia a Saul e voltava.** O tempo de Davi era dividido entre

os deveres ao seu rei (16.21-23) e ao seu pai. A família inteira de Davi é apresentada juntamente com ele (vs. 12-14).

* **17.25 lhe dará... a filha**. Ver notas em 18.17-19,20-27.

* **17.26 incircunciso filisteu.** Ver nota em 14.6.

*** 17.28 Ouvindo-lhe Eliabe... acendeu-se-lhe a ira. A ira repentina de**

Eliabe é a reação de um homem que não tinha a capacidade de enfrentar um

desafio e que ressentiu-se ao ser sobrepujado por seu irmão menor. O fato de Davi ter sido ungido só serviria para aumentar o ciúme de Eliabe. Em Gênesis 37, os irmãos mais velhos de José reagem da mesma maneira ao saberem que um dia ele viria a ser superior a eles (Gn 37.2-19).

a quem deixaste aquelas poucas ovelhas. Por mais inquieto que Davi tivesse ficado no tocante à batalha, agiu com responsabilidade para com seus deveres mais corriqueiros (vs. 20, 22).

tua presunção. Ou "teu orgulho", "tua insolência".

a tua maldade. Lit.: "a insolência do teu coração." Contrastar o modo de Eliabe julgar Davi com o de Deus, conforme indicam declarações tais como:

"um homem que lhe agrada" (13.14) lit.: "um homem segundo seu coração", e "o SENHOR vê o coração" (16.7).

*** 17.33-37** A conversa entre Saul e Davi ilustra vividamente a diferença

radical entre suas perspectivas. Saul continua pensando naquilo que é humanamente possível ("não poderás," v. 33), ao passo que Davi confia que "O SENHOR... me livrará" (v. 37).

*** 17.36 incircunciso filisteu.** Ver 14.6, nota.

*** 17.37 o SENHOR seja contigo.** A ascensão de Davi ao poder continua

sendo promovida por Saul, sem ter este a mínima consciência disso. Tendo introduzido Davi na corte real (16.19, nota), Saul passa a enviá-lo para lutar em seu lugar. Mais irônico de tudo, Saul invoca sobre Davi a bênção que faz a distinção mais nítida entre os dois e que explica o sucesso que Davi teve em sua vida - "o SENHOR seja contigo" (16.18 e nota).

* **17.38, 39** A rejeição por Davi da armadura de Saul apóia a lição da

narrativa, de que "o SENHOR salva, não com espada, nem com lança; porque do SENHOR é a guerra" (v. 47).

* **17.45 em nome do SENHOR dos Exércitos.** Ver nota em 1.3. Davi

vem "em nome" de Deus, ou seja: pela autoridade e poder de Deus. Quanto ao significado do nome de Deus como expressão do seu caráter, ver, por exemplo, Êx 34.5-7.

* **17.46 os cadáveres... dos filisteus.** Davi sobrepuja as ameaças de

Golias (v. 44), pois a sua contra-ameaça abrange a totalidade do exército filisteu.

* **17.47 do SENHOR é a guerra.** Ver notas em vs. 38, 39; 14.6.

* **17.50 matou**. Ou seja: deu-lhe a ferida mortal (v.51, nota).

não havia espada. Esse versículo assinala o auge da luta entre Golias, que tinha todas as vantagens (do ponto de vista físico), e Davi, que tinha Deus do seu lado, e que conseguiu triunfar até mesmo sem uma espada (cf. vs. 45-47)

* **17.51 matou.** Aqui é usada uma forma diferente do verbo hebraico

usado no v. 50; o sentido seria "liquidou," assim como também em 14.13.

* **17.52 Gate e... Ecrom**. Ver notas em 4.1; 5.8, 10.

* **17.54 e a trouxe a Jerusalém.** Posto que Jerusalém ainda estava nas mãos dos jebuseus (2Sm 5.6-9 e notas), essa observação deve ser entendida como uma referência a uma ocasião posterior.

* **17.55 De quem é filho este jovem?** A pergunta de Saul e a resposta de Abner parecem estar em conflito com os eventos descritos em 16.18-22. Ao mesmo tempo, parece haver um relacionamento cronológico entre os caps. 16 e 17 (v. 15 e 18.2). A pergunta de Saul pode ter sido inspirada pela preocupação em saber mais a respeito da posição social de quem receberia a promoção prometida em 17.25, inclusive o casamento com sua filha.
A intensidade do interesse de Saul talvez reflita, também, seu conhecimento de que seu reino acabaria sendo dado "ao teu próximo, que é melhor do que tu" (15.28). Ver 18.18 e nota.

* **18.2 não lhe permitiu que tornasse para casa de seu pai. Ver nota em 17.15.**

* **18.3 aliança.** A natureza da aliança não é declarada explicitamente. Ver o v. 4, nota. Mais referências à aliança entre Jônatas e Davi incluem 20.8, 13-17, 42; 22.8; 23.18.

* **18.4 Despojou-se Jônatas da capa.** Como príncipe herdeiro (20.31), era de se esperar que sucederia seu pai como rei. Em 13.22, Jônatas e Saul tinham sido distinguidos do restante do povo por possuírem espadas e lanças. Nesse caso, Jônatas, ao doar a Davi sua capa e suas armas não somente quis demonstrar a sua lealdade, mas também o seu reconhecimento de Davi como sendo a escolha de Deus para ser o próximo rei. Ver a confissão explícita de Jônatas em 23.17; ver também 2Sm 1.10, nota.

* **18.5 Saul o pôs sobre tropas.** O sucesso militar continua a distinguir Davi, e Saul concede a Davi um comando militar à altura das suas realizações.

* **18.7 Davi, os seus dez milhares.** Ver 21.11; 29.5. Um aspecto comum da poesia hebraica é aumentar ou intensificar um ou mais termos na

primeira metade de um verso na segunda metade. Quanto ao paralelismo entre mil e dez mil, ver Dt 32.30; Sl 91.7; 144.13; Mq 6.7. Quer o cântico das mulheres louve Saul e Davi de maneira igual, quer subentenda que Davi é melhor do que Saul, este certamente fica ofendido (v. 8).

* **18.8 que lhe falta, senão o reino?** Saul (com razão) percebe que Davi pode ser o "próximo" que o substituirá (15.28; 17.55, nota).

* **18.10 espírito maligno.** Ver nota em 16.14.

teve uma crise da raiva. Ou: "profetizou". Experiências estáticas poderiam ser causadas pelo Espírito de Deus (10.6, 15), ou também por espíritos malignos ou falsos profetas (1 Rs 18.29).

* **18.12 o SENHOR era com este.** Ver 16.18 e nota. **se tinha retirado de Saul.** Ver 16.14 e nota.

* **18.13-16** Saul, ao remover Davi da corte e também do alto comando militar, talvez tenha pretendido diminuir a visibilidade e popularidade deste, além de aumentar seu risco de morrer numa batalha. No entanto, o efeito das tramas de Saul, acabou resultando no inverso. Davi é levado a um contato mais estreito com o povo, de modo que "todo o Israel e Judá amavam Davi" (v. 16).

* **18.17-19** Tendo em vista a grande popularidade de Davi, Saul não

pôde continuar adiando o cumprimento da sua promessa (17.25). Mesmo assim, acrescenta uma condição adicional: "guerreia as guerras do SENHOR," na esperança de que os filisteus (e não Saul) matassem Davi (vs. 17, 21,25). Davi diz que não tem posição social para casar-se com a filha do rei, protesto convencional em tais circunstâncias (cf. 9.21). No último momento, Saul viola a sua promessa e dá Merabe a outro homem.

* **18.20-27** Quando a segunda filha de Saul, Mical, apaixona-se por Davi, Saul oferece a este uma segunda oportunidade de tornar-se seu genro (vs. 20, 21). Mais uma vez, ele aumenta as condições prévias que Davi precisava cumprir (v. 25). Davi não demora (v. 26) em cumprir em dobro a exigência de Saul, e assim se torna genro do rei (v. 27).

* **18.28,29 o SENHOR era com Davi.** O medo cada vez maior que Saul tinha de Davi tem fundamento, visto que o Senhor é com Davi (vs. 12, 14). O sucesso de Davi não teria deixado Saul tão aflito se este, da mesma maneira que Jônatas, tivesse conseguido aceitar com equanimidade a sua própria rejeição.

* **19.1 sobre matar Davi.** Os atentados indiretos de Saul contra a vida de Davi não surtiram efeito (cap. 18), por isso ele resolve agir de modo mais direto.

* **19.4 Jônatas falou bem de Davi.** A magnanimidade de Jônatas para com Davi forma um contraste marcante com a malevolência de Saul, continuando, assim, a comparação desfavorável entre o pai e o filho, já mencionada (13.22; 14.1, 6, 10, 29 e notas). Parece provável que a lealdade de Jônatas a Davi tenha tido a sua origem, não da ignorância acerca do destino de Davi, mas de uma aceitação voluntária da mesma (18.4, nota; 23.17, nota).

* **19.9 espírito maligno.** Ver nota em 16.14.

* **19.10 Procurou Saul encravar a Davi na parede.** Talvez por sentir ciúmes dos sucessos militares de Davi (v. 8; 18.8), Saul apela a um dos seus velhos truques (18.10, 11).

* **19.11 disto soube Davi por Mical, sua mulher.** À medida que os atentados de Saul contra a vida de Davi se tornam cada vez mais intensos e visíveis, Davi é alertado primeiramente pelo filho de Saul (v. 2) e depois, pela filha do mesmo.

* **19.12 fugiu e escapou.** A partir desse incidente, Davi sempre estará

fugindo de Saul.

* **19.13 um ídolo do lar.** A mesma expressão que surge em Gn 31.19,

34, 35; Jz 18.14. As referências em Gênesis subentendem objetos pequenos, ao passo que a referência aqui sugere algo maior.

* **19.17 ele me disse.** Mical, escondendo os fatos do seu pai, visa

preservar sua própria vida. Levando-se em conta o comportamento posterior de Saul (20.32, 33), Mical tinha justo motivo para ter medo dele (cf. 16.2).

* **19.18 Ramá.** Ver nota em 1.1.

casa dos profetas. Essa expressão, que traduz uma palavra que ocorre só nesse capítulo, pode ser transcrita por "Naiote," como se fosse um nome de um lugar, e está associada com o nome da cidade de Ramá. É bem possível que se refira aos "acampamentos" onde os profetas em Ramá habitavam (cf. "o lugar em que habitamos" em 2Rs 6.1,2).

* **19.20 grupo de profetas profetizando. Ver nota em 10.5.**

* **19.22 poço grande... em Seco.** Não é conhecida a localidade de Seco,

mas talvez fique a quase 3 km ao norte de Ramá. Alguns têm sugerido uma reconstrução da difícil expressão hebraica com base na Septuaginta (tradução grega primitiva do Antigo Testamento) dando à expressão o sentido de: "poço da eira na colina descalvada." Esse pode ter sido um marco bem conhecido, do tipo que é mencionado mais de uma vez em Samuel (20.19; 2Sm 20.8).

* **19.23 o mesmo Espírito de Deus veio sobre ele. Desde o início de**

suas tentativas de liquidar com Davi, Saul foi frustrado por Jônatas, por Mical, por Samuel e, agora, finalmente, pelo próprio Deus.

* **19.24 Também ele despiu a sua túnica**. Túnicas, nos livros de

Samuel, parecem ter usualmente um significado simbólico, que freqüentemente

diz respeito à monarquia (15.28; 18.4; 24.4-6 e notas). Enquanto Jônatas deu voluntariamente a sua capa a Davi em 18.4, a ação de Saul aqui foi feita sob a compulsão do Espírito de Deus.

* **20.1 casa dos profetas.** Ver nota em 19.18.

* **20.2 Tal não suceda.** Parece que Jônatas desconhece os atentados

mais recentes contra a vida de Davi (19.9-24) e toma por certo que o juramento feito em 19.6 ainda está sendo cumprido.

* **20.5 a Festa da Lua Nova**. Essa festa era uma ocasião de regozijo

no início de cada mês. Era marcada pelo ressoar das trombetas (Nm 10.10; Sl 81.3) e por sacrifícios específicos (Nm 28.11-15). A festa é freqüentemente mencionada em conjunto com o Sábado (2Rs 4.23; 1Cr 23.31; Ne 10.33; Is 66.23; Ez 46.3) e talvez tenha sido sujeitada a regulamentos semelhantes (Am 8.5). A celebração da Festa da Lua Nova é mencionada uma vez no Novo Testamento (Cl 2.16).

* **20.6 dirás.** Jônatas faz uso da desculpa de Davi, nos vs. 28, 29. Ao

avaliarmos a ética de semelhantes ações, podemos fazer uma comparação com as instruções que o Senhor deu a Samuel em 16.2 (nota), embora naquele contexto a desculpa era uma meia-verdade, e não uma inverdade total, conforme parece ter sido o caso aqui.

Belém. Ver nota em 16.1.

sacrifício anual. Ver nota em 1.3; cf. 1.21.

* **20.7 teu servo.** Trata-se de uma expressão de humildade e

deferência (1.11, 16; 3.10; 17.32; 22.15; 23.10; 25.24).

* **20.8 aliança.** Ver 18.3, 4 e notas. Promessas mútuas de amizade e

de lealdade são reiteradas nos vs. 13-17, 42.

* **20.13 seja o SENHOR contigo, como tem sido com meu pai. Essa**

única referência ao Senhor estando "com Saul" deve ser entendida como referindo-se à monarquia. Reconhecendo que Davi agora é o rei escolhido por Deus (18.4, nota; 23.17 e nota), Jônatas lhe oferece uma lealdade maior e acima da lealdade que deve ao seu próprio pai (v. 16).

* **20.15 Nem tão pouco cortarás... a tua bondade**. Para o cumprimento deste pedido, ver 2Sm 9.1-8; 21.7.

* **20.16 os inimigos de Davi**. Ver nota no v. 13. Posto que é o próprio Davi que assume o compromisso de manter a aliança com Jônatas, "inimigos" é provavelmente uma referência eufemística a Saul, pai de Jônatas (cf. 25.22; 2Sm 12.14).

* **20.17 jurar**. Ver nota no v. 8.

* **20.18 Festa da Lua Nova.** Ver nota no v. 5.

* **20.19 pedra de Ezel.** Fora desse texto, o local é desconhecido. O

significado em hebraico pode ser algo como "Pedra da Saída." A pedra era possivelmente um marco conhecido na saída da cidade; quanto a outros marcos desse tipo mencionados em Samuel, ver 19.22; 2Sm 20.8 e notas.

* **20.23 o SENHOR está entre mim e ti. Ver Gn 31.50, 53.**

* **20.24 Festa da Lua Nova.** Ver nota no v. 5.

* **20.25 Abner.** Era parente de Saul e comandante militar (14.50).

* **20.26 não está limpo.** Ver especialmente Lv 7.19-21. As leis da pureza são tratadas mais detalhadamente em Lv 11—15, embora referências a "puro" e "impuro" sejam freqüentes por todo o Pentateuco (Gn 7.2; Lv 5.2; Nm 5.2; Dt 14.3-21; etc.). A questão em pauta é a impureza ritual ou religiosa, e não especificamente a física.

* **20.28, 29** Ver nota no v. 6.

* **20.30 Filho de mulher perversa e rebelde. Assim c**

interjeções semelhantes de nossos dias, a ofensa é dirigida contra Jônatas, e não necessariamente contra a mãe deste.

* **20.31 nem tu estarás seguro, nem seguro o teu reino. A despeito**

das palavras de Samuel em 13.14, Saul ainda se apega à esperança em favor da sua dinastia (cf. 18.8, nota). Contraste com a maneira bem disposta de Jônatas aceitar a vontade do Senhor (v. 13; 18.4; 23.17 e notas). As palavras de Saul deixam inferir que Jônatas era seu primogênito e, portanto, o próximo herdeiro do trono.

* **20.33 Saul atirou-lhe com a lança.** As reações opostas de Saul e

Jônatas diante de Davi tinham começado a criar uma barreira separação entre pai e filho. O atentado de Saul contra a vida de Jônatas está de conformidade com suas tentivas anteriores de matar Davi (18.11; 19.10).

* **20.42 juramos.** Ver nota no v. 8.

* **21.1 Nobe.** Provavelmente localizada a menos de 4 km ao nordeste

de Jerusalém (Is 10.32), Nobe tornou-se "cidade destes sacerdotes" (22.19) algum tempo depois da desgraça que caiu sobre Silo (1.3, nota; 2.32, nota) por intermédio dos filisteus (4.1-11).

Aimeleque. Quer se trate do irmão de Aías, ou simplesmente de outro nome de Aías (14.3), Aimeleque ocupa o cargo de sumo sacerdote que antigamente tinha sido ocupado pelo seu bisavô Eli (1.9). Ver também Marcos 2.26 e nota.

* **21.2 o rei deu-me uma ordem.** Tendo tirado proveito de um pretexto

apresentado numa ocasião recente (20.6, nota), Davi volta a usar o mesmo método, mas com resultados desastrosos para Aimeleque e os sacerdotes em Nobe (22.6-19).

* **21.4 pão sagrado.** Ou seja: "os pães da proposição" (v. 6; Êx 25.30;

35.13; Lv 24. 5-9; 1Cr 9.32). Ver a referência de Jesus a esse episódio em Mt

12.3, 4; Mc 2.25, 26; Lc 6.3, 4.

se abstiveram das mulheres. A pureza ritual fazia parte da consagração antes de batalha ou de outras ocasiões importantes (Êx 19.15; Lv 15.18; Dt 23.9-14; Js 3.5; 2Sm 11.11-12).

* **21.6 pães da proposição.** Ver v. 4 e nota.

* **21.7 Doegue, edomita.** A presença de Doegue desperta a apreensão

do leitor, assim como fez com Davi (22.22). Essa preocupação revela

ser bem fundamentada à medida em que a narrativa progride (22.9, 10, 18, 19).

Doegue é mencionado, também, no título do Sl 52.

* **21.9 espada de Golias.** Ver 17.51,54.

estola sacerdotal. Ver 2.28, nota.

* **21.10 Aquis.** Ver 27.2-12; 29.1-11; título do Sl 34, onde "Abimeleque" pode ser um título para reis filisteus.

Gate. Ver notas em 4.1; 5.8.

* **21.11 Davi, o rei.** Tanto dentro quanto fora de Israel, o destino de Davi ao trono parece ser esperado, mesmo se a declaração dos filisteus possa ser melhor compreendida como um exagero popular.

Davi, os seus dez milhares? Ver nota em 18.7.

* **22.1 caverna de Adulão.** Adulão, que talvez signifique "refúgio," tem

sido identificado com um local a uns 25 km ao sudoeste de Jerusalém, a meio-

caminho entre Gate e Hebrom. Ver também 2Sm 23.13; Js 12.15; títulos dos Sl 57 e 142.

toda a casa de seu pai, desceram ali para ter com ele. A veemência com que Saul atacou sua própria família (20.33) deixou os familiares de Davi com poucos motivos de se sentirem seguros.

* **22.3 Mispa de Moabe.** A localização específica dessa cidade é desconhecida. Quanto ao nome Mispa ("torre de vigia"), ver 7.5, nota.

rei. Moabe já tinha um rei em Jz 3.12.

Deixa estar... convosco. A resolução de Davi, ao buscar refúgio em Moabe, talvez tenha se baseado, não somente na suposição de que uma nação inimiga de Saul (14.47) bem poderia apoiar um rival deste, mas também nos vínculos entre os familiares de Davi e os moabitas (Rt 4.13-17).

o que Deus há de fazer de mim. Davi, ao tomar todas as medidas práticas ao seu alcance, não deixa de reconhecer o soberano controle de Deus sobre a sua situação (2Sm 15.25, 26).

* **22.4 lugar seguro.** Ver nota em 23.14.

* **22.5 profeta Gade.** A presença desse profeta, que posteriormente serviria a Davi como vidente (2Sm 24.11; 2Cr 29.25; cf. 1 Cr 29.29), fica sendo, nessas alturas, uma lembrança de que o destino de Davi havia sido determinado por Deus, que lhe dá a sua proteção. Mais tarde, Davi também se ajuntaria a um sacerdote (vs. 20-23).

* **22.6 tendo na mão a sua lança.** A alusão aqui à lança de Saul talvez seja um lembrete do seu gênio violento (18.10, 11; 19.10; 20.33), que chega à sua plena expressão nesse episódio.

* **22.7 filhos de Benjamim.** Saul, tendo escolhido só membros da sua

própria tribo para ficarem ao seu redor (9.1,2; 10.21), agora procura aumentar a lealdade deles a ele apelando aos seus interesses: será que Davi, da tribo de Judá, tenderá a tratar com justiça os benjamitas?

terras e vinhas. As perguntas dirigidas por Saul aos seus oficiais sugerem que ele se ocupava em pelo menos algumas das práticas abusivas da realeza contra as quais Samuel advertira (8.10-18).

* **22.8 meu filho fez aliança.** Ver notas em 18.3, 4.

* **22.9 Doegue, o edomita.** Ver 21.7 e nota.

Aimeleque, filho de Aitube. Ver 21.1 e notas.

* **22.13 conspirastes contra mim.** A suposição de Saul, de que

Aimeleque tinha conspirado com Davi contra o rei, não tem fundamento; Aimeleque foi simplesmente enganado por Davi (21.2, nota).

se levantasse contra mim e me armasse ciladas. A suposição de Saul de motivos hostis da parte de Davi é tão sem fundamento quanto a sua pressuposição a respeito de Aimeleque.

* 22.14 chefe da tua guarda pessoal. Aimeleque deve estar ainda pensando que Davi estivesse prestando algum tipo de serviço secreto para Saul (21.2) quando veio lhe pedindo auxílio.

* 22.17 não quiseram estender as mãos contra os sacerdotes. A

ordem de Saul, no sentido de exterminar os sacerdotes do Senhor, é tão maligna e irracional que seus próprios soldados se recusam a cumpri-la. Pelo menos uma vez antes, os homens de Saul tinham achado necessário contrariar as suas ordens (14.45 e nota).

* **22.18 matou... oitenta e cinco homens. Ver nota em 2.31.**

estola sacerdotal de linho. Ver nota em 2.18.

* **22.19 homens, e mulheres, e meninos, e crianças de peito. É uma**

ironia que a chacina total dos habitantes de Nobe, "a cidade dos sacerdotes," forme um paralelo quase literal com a ordem que tinha sido dada para o extermínio dos amalequitas (15.3) que Saul deixara de cumprir, e desta forma prejudicando ainda mais a sua reputação.

* **22.20 Abiatar... fugiu para Davi.** O apoio a Davi continua a aumentar,

mormente como resultado dos próprios esforços impensados de Saul visando sua autopreservação. Agora, Davi tem o apoio tanto de profetas (v. 5) quanto de sacerdotes. Abiatar traz a Davi a estola sacerdotal (23.6), que era um meio de discernir a vontade do Senhor (2.28, nota; 14.3, nota).

* **22.22 Fui a causa.** Seria fácil para Davi desculpar-se pelo massacre

em Nobe, simplesmente condenando Saul. Ao invés disso, não hesita em reconhecer sua própria parte na culpa pela tragédia (21.2, nota). Nessa confissão, o leitor recebe um vislumbre de uma diferença notável entre Davi e seu antecessor: a qualidade do seu arrependimento (15.24-26, 30 e notas;

2Sm 12.13, nota).

* **23.1 Queila.** Localizada acerca de 5 km ao sul de Adulão (22.1), perto

do território filisteu, Queila também é mencionada em Js 15.44.

saqueiam as eiras. Cf. Jz 6.3-6.

* **23.6 estola sacerdotal.** Não a "estola sacerdotal de linho"

tradicionalmente usada por todos os sacerdotes (cf. 22.18), mas aquela que se associa com as consultas a Deus (2.28, nota).

* **23.7 Deus o entregou nas minhas mãos.** A interpretação dos

eventos apresentada por Saul não tem fundamento, conforme deixa claro a

asseveração totalmente oposta do narrador: "Deus não o entregou

nas suas mãos” (v. 14).

*** 23.12 Entregar-me-ão os homens de Queila.** Tendo em vista o modo

implacável de Saul tratar a cidade de Nobe, o comportamento dos homens de Queila provavelmente reflete medo mais do que ingratidão a Davi.

*** 23.13 homens, uns seiscentos.** O aumento do número dos homens

de Davi, de quatrocentos (22.2) para seiscentos é uma indicação de sua força crescente (22.20, nota).

*** 23.14 no deserto, nos lugares seguros.** Essa expressão sugere uma

área geográfica, e não uma localização específica (22.4; 2Sm 5.17; 23.14).

deserto de Zife. A aldeia de Zife fica a mais de 20 km ao sudeste de Queila e a 8 km ao sudeste de Hebrom. Esse deserto seria o ermo ao sul de Hebrom. Zife é mencionada em Js 15.55, juntamente com Maom (v.24) e Carmelo (1Sm 15.12; 25.2).

Deus não o entregou nas suas mãos. Deus exerce controle soberano sobre o destino de Davi (v. 7; 22.20 e notas).

*** 23.16 Jônatas, filho de Saul... lhe fortaleceu a confiança em Deus.**

Já não ignorando a maldade do seu pai para com Davi (contrastar 20.2), Jônatas age como amigo leal ao ajudar Davi a achar força na única fonte onde a verdadeira força pode ser encontrada. Ver 30.6, onde Davi mais uma vez "se reanimou no SENHOR, seu Deus."

* **23.17** **eu serei contigo.** Embora Jônatas não sobreviverá para servir a

Davi (31.2), sua boa disposição em abrir mão de suas ambições pessoais por amor ao rei escolhido por Deus (18.4; 20.13) estabelece um contraste nítido com os esforços desesperados que Saul fazia para manter-se agarrado a um reino que já não lhe pertencia (15.23).

Saul... bem sabe. Ver 20.30, 31. Saul, quando não quis aceitar a sua rejeição (compare a reação de Eli em 3.18) não pode ser desculpado sob a alegação de não saber para quem o reino passaria.

* **23.18** **aliança.** Ver notas em 18.3, 4.

* **23.19** **zifeus.** Ver nota no v. 14; 26.1.

Gibeá. Essa era a cidade natal de Saul (10.26).

* **23.24** **deserto de Maom.** Mais de 12 km ao sul de Hebrom, Maom é

mencionada em 25.2 como a cidade natal de Nabal.

* **23.27** **os filisteus invadiram a terra.** A cronologia providencial dessa

incursão pelos filisteus é óbvia.

* **23.28** **Saul desistiu de perseguir a Davi.** Saul se distingüe por

sacrificar seus interesses pessoais por amor à segurança nacional.

* **23.29** **lugares seguros de En Gedi.** En Gedi era uma fonte grande na

costa íngreme ocidental do mar Morto. Nas proximidades dela, Davi tinha acesso a provisões e proteção durante sua fuga de Saul.

* **24.1 deserto de En-Gedi.** Ver nota em 23.29.

* **24.4 Hoje é o dia do qual o SENHOR te disse. Embora fosse**

providencial que Saul tivesse entrado justamente na caverna onde Davi e seus homens se ocultavam, não houve a mínima indicação que Deus pretendesse que Davi levantasse a sua mão contra Saul (cf. v. 6). A sugestão feita pelos homens de Davi nesse sentido teria sido uma conclusão errônea tirada por eles.

cortou a orla do manto de Saul. Davi se limita a um ato simbólico (v. 5, nota).

* **24.5 sentiu Davi bater-lhe o coração.** Embora Davi posteriormente

chegasse a exibir essa orla do manto de Saul como prova da sua lealdade para com Saul (v. 11), suas dores de consciência (cf. 2Sm 24.10) sugerem que o desejo de obter semelhante prova pode não ter sido a única razão para ele se aproximar de Saul. Tendo em vista a relevância régia desses mantos (15.28; 18.4; 19.24 e notas), Davi pode ter se sentido culpado de cobiçar de maneira errada a realeza e de um ato de agressão contra o ungido do Senhor (v. 6).

Ver a nota teológica "A consciência e a Lei", índice.

* **24.6 o ungido do SENHOR.** Davi reconhece a santidade do ungido do

Senhor e a salvaguarda (26.9; cf. 2.10, nota), deixando ao Senhor o julgamento e a vingança (v. 12).

* **24.13 provérbio.** Davi parece estar ressaltando uma verdade tal como

o ensino de Jesus: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7.16, 20). Davi é conhecido por seu domínio próprio, mas Saul é conhecido

pelos seus esforços em tentar destruir Davi.

* **24.14 um cão morto.** Davi se humilha diante de Saul, assim como

Mefibosete posteriormente fará diante de Davi (2Sm 9.8). A expressão "cão morto" ocorre só mais uma vez no Antigo Testamento, em 2Sm 16.9. "Cão" é normalmente usado como insulto (17.43; 2Sm 3.8; 2Rs 8.13).

* **24.17 Mais justo és do que eu.** Tendo acabado de escapar com a sua

vida, Saul experimenta um raro momento de remorso. O testemunho que dá quanto à retidão de Davi reconhece o direito deste de ser rei; até o próprio Saul reconhece que Davi não teve sua ascensão ao poder por meios ilícitos.

* **24.20 tenho certeza de que serás rei.** Contraste a repreensão

que Samuel dirigiu a Saul em 13.14: "Já agora não subsistirá o teu reino."

Mas Saul, diferentemente de Jônatas em 18.4 (nota), não dá o mínimo sinal de estar disposto a ceder o trono a Davi (ver 26.25 nota).

* **25.1 os filhos de Israel... o prantearam.** A extensão desse luto é sinal do destaque que Samuel tinha como líder. Compare o luto que acompanhou a morte de Jacó (Gn 50.10), de Arão (Nm 20.29), e de Moisés (Dt 34.8).

Ramá. A cidade natal de Samuel (1.1, nota).

* **25.2 Carmelo.** O mesmo Carmelo onde Saul erigiu um monumento em homenagem à sua própria pessoa (15.12, notas). O

local desse incidente perto do Carmelo é a primeira de muitas lembranças de Saul nesse capítulo.

* **25.3 Nabal.** No v. 25, Abigail explica que o nome significa "loucura." Se parece improvável que os pais tenham pretendido dar um nome assim ao filho, talvez se trate simplesmente de um jogo zombeteiro de palavras com um nome que tinha semelhança com "louco".

casa de Calebe. Quanto às posses tribais de Calebe, ver Js 14.13; 15.13. A semelhança entre o nome "Calebe" e a palavra "cão" em hebraico (cf. 24.14, nota) talvez explique a inclusão desse detalhe específico na apresentação da pessoa de Nabal.

* **25.8 Davi, teu filho.** Compare a atitude de respeito e de deferência adotada por Davi ao chamar Saul de "meu pai" em 24.11.

* **25.14 este disparatou com eles.** O modo de Nabal atacar os mensageiros de Davi é maligno. A palavra hebraica traduzida por "disparatou" significa "gritar fortemente contra" ou "voar em cima de" alguma coisa, e está estreitamente relacionada com o substantivo hebraico para "aves de rapina." O mesmo verbo é aplicado a Saul para descrever sua maneira desenfreada de "lançar-se" ao despojo tirado dos amalequitas (cf. 14.32).

* **25.16 De muro em redor nos serviram.** Não somente os homens de Davi se refrearam de causar danos (v. 7), como também a sua presença oferecia proteção aos pastores de Nabal (v. 21).

*** 25.17 ele é filho de Belial, e não há quem lhe possa falar. A**

lastimável situação em que Nabal se acha provém da sua própria maldade.

Sua falta de sabedoria é uma recusa a conhecer.

*** 25.19 Porém nada disse ela ao seu marido Nabal. O cuidado de não**

levar sua ação ao conhecimento do seu marido demonstra a falta de confiança de Abigail nele. Tendo em vista o seu reconhecimento da escolha de Davi por parte do Senhor (v.28 e nota), sua decisão de ir contra os interesses de seu marido parece estar apoiada no pensamento de que é melhor obedecer a Deus do que aos homens (At 5.29).

*** 25.22 se eu deixar, ao amanhecer, um só do sexo masculino. Sem**

se refrear por causa dalguma condição social especial de Nabal (contrastar 24.9-12), a intenção de Davi é tomar vingança pessoal.

*** 25.25 Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele. Ver nota no v.3.**

*** 25.28 casa firme.** A percepção que Abigail tem de Davi está tão certa

quanto a do seu marido está errada (vs. 10, 11; 2Sm 7.11-16).

pelejas as batalhas do SENHOR. As palavras de Abigail fazem uma alusão indireta à diferença entre o papel correto que Davi desempenhava como militar, e a vingança pessoal que agora está

querendo. Participar honrosamente em conflitos envolve tomar posição firme em favor de Deus e deixar que o Senhor lide pessoalmente com quem nos lesou (24.12).

não se ache mal em ti. Se Davi tivesse se vingado por conta própria contra o seu inimigo, teria se assemelhado a Saul, e Davi posteriormente louva ao Senhor por ter enviado Abigail para dissuadi-lo de semelhante transgressão (v. 32).

* **25.29 atada... feixe... cavidade... funda.** Note a repetição poética no

discurso de Abigail.

* **25.36 como banquete de rei.** Essa expressão traz a idéia de que Nabal, de alguma maneira, era semelhante a outro rei, Saul.

* **25.39 Bendito seja o SENHOR.** Davi teria errado se tivesse liquidado o caso com suas próprias mãos, mas não porque Nabal era inocente. Tendo ouvido a notícia da morte de Nabal, Davi dá graças ao Senhor por tê-lo impedido de cometer pessoalmente um crime sem, porém, deixar de apoiar a sua causa.

* **25.40-44 Abigail... Ainoã... Mical.** Davi agora tem três esposas: Mical, filha de Saul, que tinha sido dada a outro homem; Ainoã; e Abigail. Ver também 2Sm 2.2; 3.2, 3.

* **26.1 Vieram os zifeus a Saul.** Ver nota em 23.19.

* **26.6 Abisai, filho de Zeruia.** Ver nota em 2Sm 2.18.

* **26.8 Deus te entregou... o teu inimigo. Ver nota em 24.4.**

* **26.9 contra o ungido do SENHOR.** Ver 24.6 e nota.

* **26.10 o SENHOR... o ferirá.** As palavras de Davi expressam uma certeza baseada (ou pelo menos confirmada) pelo modo recente

de o Senhor lidar com Nabal (25.38, 39).

* **26.12 da parte do SENHOR... profundo sono.** A sobrevivência de Davi e o seu êxito definitivo dependiam do governo e da orientação de Deus (ver também 30.2, 19 e notas).

* **26.19 na herança do SENHOR.** Ver nota em 2Sm 20.19.

Vai, serve a outros deuses. Davi quer dizer que tinha sido expulso para viver entre estranhos, longe do povo de Deus.

* **26.20 uma perdiz.** A perdiz, cujo nome em hebraico significa "aquele

que chama," é um termo sabiamente escolhido para Davi, que fica em pé na crista da montanha e "clama" (vv. 13, 14).

* **26.21 Pequei; volta.** O modo de Davi corresponder à confissão e

convite de Saul (v. 22) indica que duvida da sinceridade de Saul; compare a resposta de Samuel diante de um convite semelhante da parte de Saul em 15.24-26.

* **26.25 Bendito sejas tu, meu filho Davi.** O comportamento de Saul é

errático, e Davi não confia nas suas confissões, nem nas suas bênçãos (27.1; ver nota em 24.20).

* **27.1 algum dia... nas mãos de Saul.** A despeito das lições de fé que

tinha aprendido recentemente (26.10), Davi cansa de ser um fugitivo passando constante perigo de vida, e cede diante do temor humano de que Saul acabará conseguindo destruí-lo. A ansiedade de Davi talvez tenha sido aumentada pelo fato de ele e seus homens terem

consigo os seus familiares (v. 3). Pela segunda vez (21.10), Davi busca refúgio entre os arquiinimigos de Israel, os filisteus.

* **27.2 Aquis.** Sendo, agora, óbvio e indiscutível o rompimento entre

Davi e Saul, Aquis prontamente aceita a presença de Davi, esperando, indubitavelmente, obter benefícios do apoio de Davi nas suas próprias lutas contra Saul (29.6).

* **27.3 com ambas as suas esposas.** Ver nota em 25.40-44.

* **27.5 contigo na cidade real.** Embora o pedido de Davi, no sentido de

receber moradia "numa das cidades da terra", baseie-se grandemente, no desejo de não ser um peso financeiro para a cidade real, ele também espera ter maior liberdade de ação por estar longe dos olhos de Aquis (vs. 8-11).

* **27.6 Ziclague**. Alistada entre as cidades de Judá (Js 15.31; 19.5), a cidade antiga de Ziclague pode ter sido em Tell Esh-Shariá, 24 km ao noroeste de Berseba. Tendo sido uma possessão israelita, Ziglague agora estava debaixo do controle dos filisteus nesses tempos.

reis de Judá. Essa expressão é segundo o ponto de vista de um período posterior à divisão de Israel entre os reinos do norte e do sul (1 Rs 12).

* **27.8 gesuritas.** Vizinhos dos filisteus (Js 13.2), esses povos não eram os mesmos que os gesuritas ao leste do Jordão (Js 13.11; 2Sm 15.8; 1Cr 2.23). A esposa de Davi, mãe de Absalão (2Sm 3.3), provinha dos gesuritas ao leste do Jordão.

gersitas. Não identificáveis; Gezer (ver referência lateral) fica bem distante. **amalequitas**. Ver nota em 15.2.

Sur. Ver nota em 15.7.

* **27.9 não deixava com vida nem homem nem mulher.** Esse método de Davi ocultaria de Aquis a sua vida dupla (v. 11). É duvidoso se esta prática foi correta - tendo em vista a falta de quaisquer indicações de que o Senhor lhe ordenara esse tipo de atuação.

* **27.10 Davi respondia**. Não é esta a primeira ocasião em que Davi acha necessário usar de engano (20.6; 21.2 e notas; cf. 16.2, nota).

o Sul de Judá. Ver 2Sm 24.7; 2Cr 28.18. A grande região sul de Israel, o Neguebe, estendia-se desde Berseba para o sul, até ao Golfo de Aquabá.

Jerameelitas. 1 Cr 2.9-15 menciona Jerameel como um descendente de Judá através de Hezrom e como um irmão de Rão, ancestral de Davi.

queneus. Os queneus e os jerameelitas são mencionados juntos em 30.29.

* **27.12 Aquis confiava em Davi.** Aquis foi enganado pelo logro de Davi, que alegava ter atacado aldeias em Judá e na sua vizinhança.

* **28.1 Fica sabendo.** Aquis indica que sua benevolência para com Davi acarreta certas obrigações. A mesma frase em hebraico é usada na advertência que Salomão deu a Simei em 1 Rs 2.37, 42.

* **28.2 quanto pode o teu servo.** A ironia da resposta ambígua de Davi (este lutará em favor de Aquis, ou contra ele?) tem seu paralelo na ironia (talvez inconsciente) da resposta de Aquis.

minha guarda pessoal para sempre. Supõe-se que a oferta de Aquis depende do desempenho de Davi na batalha. A expressão hebraica aqui empregada por Aquis significa "guardador da minha

cabeça," que é uma escolha infeliz de palavras, tendo em vista o que Davi fez com Golias (17.4954).

*

28.3 Samuel era morto. A morte de Samuel sinaliza

era.

os médiuns e os adivinhos. Embora a expulsão por Saul dos médiuns e espíritas esteja em total conformidade com a lei de Moisés (Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.11), isso é só uma demonstração parcial de zelo pela religião de Israel. Saul, ao consultar uma médium, indica claramente sua própria infidelidade e desobediência (1Cr 10.13), ao passo que Lv 20.6 diz que semelhante pessoa deve ser "eliminada do seu povo."

* **28.4 Suném**. Localizada um pouco ao sudoeste da colina de Moré e

25 km ao sudoeste do mar de Quinerete (Galiléia), Suném era o local do arraial dos filisteus na véspera da batalha em que Saul morreu (cap. 31).

Gilboa. Essa é provavelmente a cordilheira montanhosa que começa a 8 km ao sul de Suném e que se estende para o sul, ao longo da margem oriental da

planície de Jezreel. Pode, também, ser uma aldeia localizada no âmago da cordilheira de Gilboa, 17 km ao sul de Suném. Ver 29.1 e nota.

* **28.5 muito se estremeceu o seu coração. Ver 17.11 e nota.**

* **28.6 o SENHOR não lhe respondeu.** A consulta por Saul foi instigada pela ansiedade (v. 5), e não pela piedade, e a recusa do Senhor em responder relembra a ameaça em 8.18.

nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Saul rejeitara o Senhor e, como conseqüência, foi rejeitado pelo Senhor (15.23 e nota). Assim, foi excluído dos meios normais de buscar conselhos de Deus. Enquanto Davi tinha o profeta Gade no seu séquito (22.5), é improvável que houvesse um profeta verdadeiro acompanhando Saul. Além disso, a estola sacerdotal legítima contendo o Urim e o Tumim (2.28, nota) passou a fazer parte das possessões de Davi através de Abiatar (23.6).

* **28.7 Apontai-me uma mulher que seja médium**. Apesar dos elementos desse tipo terem sido expurgados da terra (v. 3, nota), Saul parece não ter dúvida nenhuma de que seria possível achar uma médium, e seus atendentes conseguem imediatamente indicar uma.

En Dor. Js 17.11, 12 testifica acerca de uma influência cananéia persistente em En Dor, que ficava uns 8 km ao norte de Suném (v. 4, nota). Saul, para chegar a En Dor, teve que ir além das linhas dos filisteus.

* **28.12 Vendo a mulher a Samuel.** Esta expressão relata o que a mulher disse ter visto, porém, nem mesmo Saul viu coisa alguma. Em uma primeira leitura, a surpresa da mulher pode dar a entender que de fato Samuel apareceu diante dela e que o fenômeno era algo fora do seu controle. A surpresa, no entanto, pode ter sido causada porque, de alguma forma, ela reconheceu o rei. Dizer que a aparição foi da Samuel realmente, contraria vários argumentos na área teológica. O diálogo nos versos seguintes entre o suposto Samuel e Saul também foi feito através da mulher, sem ter nenhuma evidência de que o

verdadeiro Samuel tenha dito qualquer das coisas mencionadas. Isso sem contar a descrição vaga e imprecisa que a médium dá nos próximos versos da suposta figura de Samuel. Ainda mais, seria incoerente que, uma vez que Saul não foi respondido pelo Senhor por várias formas (nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas, v.6), venha agora receber uma resposta através do finado profeta Samuel

(se fosse mesmo Samuel falando através da necromante, o Senhor agora estaria respondendo, pois Samuel não falaria de si mesmo). O autor do Livro das Crônicas ao relatar as causas da morte de Saul (1Cr 10.13-14) diz que este morrera porque "interrogara e consultara uma necromante e não ao Senhor".

* **28.14 Entendendo Saul que era Samuel.** Segundo parece, Saul

reconheceu Samuel quando a médium descreveu a sua capa. O destino da monarquia de Saul tem sido simbolizado de várias maneiras por capas, e a alusão à capa de Samuel relembra o pronunciamento devastador em 15.28 (ver também 18.4; 24.4-6).

* **28.19 tu e teus filhos estareis comigo.** Ou seja: entre os mortos

(31.2-4).

* **28.23 Não comerei**. Ver nota em 1.7.

* **29.1 Ajuntaram os filisteus.** Essa declaração volta à narrativa iniciada em 28.1,2, porém interrompida a fim de descrever a visita de Saul à médium (28.3-25).

Afeque. Provavelmente a mesma Afeque mencionada em 4.1 (nota), 45 km ao norte de Gate. Os filisteus reuniram as suas forças em Afeque antes de continuarem a sua marcha para o norte (v. 2).

Jezreel. Ao norte do monte Gilboa, poucos quilômetros ao sul de Suném, e 64 km ao nordeste de Afeque.

* **29.3 hebreus.** Ver nota em 4.6.

coisa nenhuma achei contra ele. Esse juízo revela a medida da ingenuidade de Aquis, e não da sinceridade de Davi (27.8-12).

*** 29.4 para que não se faça nosso adversário no combate. Os**

demais comandantes filisteus são menos ingênuos do que Aquis, e talvez ainda guardem lembranças dolorosas de traição em meio a uma batalha anterior contra Israel (14.21).

*** 29.5 Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros respondiam**

nas danças. Ver nota em 18.7; 21.11.

*** 29.8 Porém que fiz eu?** Essa pergunta, um protesto de inocência

genuína ao ser dirigida a Saul (26.18), agora não passa de disfarce enganoso. Davi tinha, na realidade, feito bastante coisa errada (27.8-12), se Aquis tão-somente pudesse vê-la.

para que não vá pelejar contra os inimigos do rei, meu senhor. Assim como em 28.2, Davi volta a empregar ambigüidades que são aparentes ao leitor, mas não a Aquis. A ambigüidade aqui é a identidade de o "rei, meu senhor." Podia ser Aquis, Saul, ou possivelmente o próprio Deus.

*** 29.9 aos meus olhos és bom como um anjo de Deus. A confiança**

de Aquis, que é um erro grosseiro nesse caso, deixa-o praticamente com papel de tolo. Quanto à expressão "anjo de Deus," ver 2Sm 14.17, 20; 19.27.

*** 30.1 Ziclague**. Ver nota em 27.6.

amalequitas tinham dado com ímpeto. Ver notas em 15.2, 8. Tendo sido as vítimas das incursões vitoriosas de Davi (27.8), os

amalequitas aproveitaram a ausência de Davi de Ziclague para retaliarem.

o Sul. Ver nota em 27.10.

* 30.2 a ninguém mataram. É evidência notável da proteção

providencial que o Senhor dera a Davi (v. 19; 26.12), cuja própria prática tinha sido bem diferente (27.9).

*** 30.3 suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados**

cativos. Essa virada dos eventos deve ter causado consternação excepcional, porque era a solicitude pela segurança das famílias que desde o início deve ter motivado a retirada de Davi e seus homens ao território dos filisteus (27.1, nota).

*** 30.6 Davi se reanimou no SENHOR, seu Deus. Ver nota em 23.16.**

* 30.7 Abiatar a trouxe. Ver nota em 22.20.

* 30.9 ribeiro de Besor. Ribeiros da estação chuvosa da vizinhança de

Berseba e do sul convergem para o ribeiro de Besor, que corre para o noroeste até desembocar no mar Mediterrâneo. Davi e seus homens devem ter chegado à ravina uns 20 km ao sul de Ziclague.

* 30.10 cansados. Sua exaustão não é de se estranhar depois de uma

marcha de mais de 96 km a partir de Afeque (29.1-11) até ao ribeiro de Besor.

* 30.14 a banda do sul dos queretitas. Os queretitas provinham

provavelmente de Creta. São freqüentemente mencionados com os filisteus (Ez 25.16; Sf 2.5). Os "quereteus e peleteus" serviam sob o comando de Benaia, filho de Joiada, como tropas profissionais leais a Davi (2Sm 8.18;

15.18; 20.7, 23) e, pelo menos durante algum tempo, também a Salomão (1Rs 1.44). Que formavam o "guarda real" deduz-se de 2 Samuel 23.20, 23.

a banda do sul de Calebe. Calebe, filho de Jefoné, é mencionado pela primeira vez em Nm 13.6 como um dos espias escolhidos para fazer um reconhecimento da terra de Canaã. É elogiado em Nm 14.24 como quem "perseverou" em seguir ao Senhor e que, portanto, receberia uma herança na Terra Prometida. Sua herança incluía Hebrom (Js 14.13, 14; Jz 1.20).

* 30.19 Não lhes faltou coisa alguma. Essa é mais uma prova marcante

de como o Senhor vigiava com solicitude a situação de Davi (v. 2, nota).

* 30.21 ribeiro Besor. Ver nota no v. 9.

* 30.22 filhos de Belial. Ver nota em 2.12, onde é usada a mesma

expressão hebraica.

* 30.23 o que nos deu o SENHOR. Davi reconhece que o salvamento

bem-sucedido não foi obra dele mesmo, mas do Senhor (vs. 2, 19 e notas). Foi por isso que rejeitou a idéia de que as tropas na linha da frente têm o direito a mais despojos do que aqueles que permaneceram na retaguarda.

* 30.26 despojo aos anciãos de Judá. Provavelmente estivesse

agradecendo a eles pela ajuda que lhes deram na sua fuga de Saul (v. 31). Entretanto também foi nessa região que Davi foi primeiramente reconhecido oficialmente como rei (2Sm 2.1-4).

* 30.27-31 Conforme diz o v. 31, essas cidades estavam dentro do

alcance das peregrinações de Davi como fugitivo. Todas elas ficam no sul de Judá. Essa Betel (v.27), por exemplo, não deve ser confundida com a cidade mais ao norte, de mesmo nome (7.16, nota).

* 31.1 Monte Gilboa. Ver nota em 28.4.

*** 31.2 Jônatas, Abinadabe e Malquisua, filhos de Saul. Ver 14.49.**

Quanto a uma lista de todos os quatro filhos de Saul, ver 1 Cr 8.33. Crônicas registra o nome de Esbaal, que provavelmente foi alterado mais tarde para Is-Bosete ("homem de vergonha") para evitar qualquer associação com o deus dos cananeus, Baal. Is-Bosete foi o único filho de Saul que sobrou com vida depois da derrota no monte Gilboa.

* 31.4 estes incircuncisos. Ver nota em 14.6.

Saul tomou da espada e se lançou sobre ela. Embora alguns louvem a ação de Saul como digna de um herói trágico, o teor dos livros de Samuel indica o contrário. Recomendáveis são aqueles que, assim como Davi nos tempos de aflição, acham em Deus a sua força (23.16; 30.6), e que, assim como Jônatas, rendem-se totalmente à sua vontade (18.4, 28, 29; 19.4; 20.31; 23.17 e notas).

* 31.6 todos os seus homens. Quanto ao significado de "todos," ver a nota em 15.8.

* 31.10 Astarote. Trata-se da deusa da fertilidade dos cananeus.

Bete-Seã. Localizada no vale do Jordão, uns 24 km ao sul do mar de Quinerete (Galiléia), essa cidade fronteiriça do território de Manassés está alistada em Js 17.11, 16; Jz 1.27 entre aquelas cidades que resistiram a ocupação pelos israelitas e que permaneceram como fortalezas dos cananeus e filisteus.

* 31.11 Jabes-Gileade. Ver nota em 11.1.

* 31.12 tiraram o corpo de Saul... do muro. Esse ato corajoso dos "homens valentes" de Jabes Gileade é uma expressão de gratidão pelo seu próprio resgate efetuado por Saul, narrado no cap. 11. Além disso, era considerado extremamente vergonhoso aos mortos ficarem sem sepultamento.

2Samuel

* 1.1 Ziclague. Ver 1Sm 30.1; nota em 1Sm 27.6.

*** 1.2 com as vestes rotas e terra sobre a cabeça. Logo após a**

devastadora derrota de Israel (ver 1Sm 31.1), o mensageiro aparentemente achou ser apropriado ter a aparência de alguém que lamentava (cf. Js 7.6; 1Sm 4.12). Sua alegação de ter tido uma parte na morte de Saul (v. 10), entretanto, mostra que ele esperava que pelo menos essa parte das notícias agradassem a Davi.

*****
1.6 Os carros e a cavalaria apertavam com ele. C

combate com freqüência levavam arqueiros (cf. o ferimento de Saul, em 1Sm 31.3).

*** 1.10 Arremessei-me, pois, sobre ele, e o matei. O amalequita**

deve ter chegado onde estava o cadáver de Saul antes dos filisteus (1Sm

31.8) . Na esperança de receber uma recompensa de Davi, ele inventou uma parte para si mesmo na morte de Saul.

... coroa ... bracelete. A coroa em pauta presumivelmente é uma versão mais leve da pesada coroa oficial. A maneira pela qual as insígnias reais de Saul chegaram às mãos de Davi forma um notável contraste com a entrega voluntária de Jônatas de suas vestes e armas a Davi (1Sm 18.4 e nota). Esse contraste é a epítome das reações radicalmente diferentes de Saul e de Jônatas à vontade divina no tocante a Davi e à casa de Saul (p.ex., 1Sm 18.28,29; 19.4; 20.30,31; 23.17,18).

* 1.14 o ungido do SENHOR? Por não compartilhar da convicção

de Davi sobre a posição sacrossanta do "ungido do SENHOR” (1Sm 24.6;

26.9) , o amalequita assinou sua própria condenação à morte (vs. 15 e 16).

*** 1.15 Vem, lança-te sobre esse homem. A severa reação de**

Davi à história do amalequita traz evidências de que ele não estava envolvido na morte de Saul (cf. 4.10).

* 1.17 Pranteou Davi. O lamento se iniciou com uma introdução

que apresentava o refrão: "Como caíram os valentes!” A primeira seção exorta o povo a lamentar por Saul, e é assinalada pelas referências às "filhas dos filisteus" (v. 20) e às "filhas de Israel" (v. 24). A segunda seção (vs. 25 e 26) expressa o lamento pessoal de Davi por Jônatas. O lamento se encerra com uma repetição final do refrão

triste.

* 1.18 Hino ao Arco. "Arco" serve de título para o lamento e pode

referir-se a Jônatas, cujo arco foi mencionado no v. 22. "As armas de guerra" (v. 27) provavelmente se refiram a Saul e Jônatas. Compare a designação de Elias e Eliseu como "carros de Israel e seus cavaleiros" (2Rs 2.12; 13.14).

Livro dos Justos. Ver nota em Js 10.13.

* 1.19 Como caíram os valentes! Essa frase, que se refere a

Saul e a Jônatas (v. 17), é repetida como um refrão nos vs. 25 e 27. "Valentes" ocorre também no v. 21, como um paralelo de "Saul".

* 1.20 Não o noticieis em Gate. Davi implorou a seus ouvintes

que não permitissem que as notícias fossem ouvidas entre as cidades filistéias, para que as filhas dos filisteus não se alegrassem diante da derrota de Israel, assim como as filhas de Israel tinham-se regozijado antes diante da derrota dos filisteus (1Sm 18.7).

*** 1.21 que jamais será ungido com óleo. Era costume**

condicionar e preservar escudos de couro esfregando-os com azeite (Is 21.5). Pode ser mais do que mera coincidência que esse uso particular dessas palavras tenha sido associado à realeza. Não somente os reis eram "ungidos" (1Sm 2.10, nota) para ocuparem o seu ofício, mas a palavra "escudo" é, algumas vezes, usada no Antigo Testamento como uma figura de um

"soberano" ou um "chefe" (referência lateral em Sl 7.10). Por trás do sentido literal das palavras talvez esteja a implicação, "soberano, Saul, não mais ungido com óleo".

*** 1.22 nem voltou vazia a espada de Saul. O intuito desta**

expressão é a de louvar a capacidade militar de Saul.

* 1.26 ultrapassando o amor de mulheres. O louvor de Davi ao amor

de Jônatas (cf. 1Sm 18.3) não significa que o amor entre amigos seja inerentemente superior ao amor conjugal. A ênfase aqui parece ser a qualidade espantosamente destituída de egoísmo do amor de Jônatas por Davi. O próprio Davi não era totalmente destituído de egoísmo em suas relações com as mulheres (3.2, nota).

* 2.1 consultou Davi ao SENHOR. Embora tivesse consciência

de ter sido divinamente designado para tornar-se o próximo rei de Israel, Davi buscou a orientação do Senhor, tal como já havia feito por tantas vezes antes (p.ex., 1Sm 23.2,4,9-12; 30.7,8).

Hebrom. Localizada a quase 31km a sudoeste de Jerusalém, Hebrom tem a maior elevação dentre todas as cidades de Israel, e estava estrategicamente bem localizada para o início do reino de Davi sobre Judá. Hebrom era uma cidade real cananéia quando os israelitas chegaram do Egito (Js 10.3), mas suas ligações com o povo de Deus remontam aos tempos dos patriarcas (p.ex., Gn 13.18; 23.2,19; 35.27).

* 2.2 Ainoã... Abigail. Ver 1Sm 25.40-44, nota.

a jezreelita. Citada em Js 15.56 como sendo uma das aldeias da região montanhosa ao sul de Hebrom, esta Jezreel não é a bem conhecida Jezreel ao norte (v. 9).

o carmelita. Ver notas em 1Sm 15.12; 25.2.

* 2.4 ungiram ali Davi rei. Quanto à unção, ver 1Sm 2.10 nota.

Davi já tinha sido ungido por Samuel (1Sm 16.3,12,13), e agora foi ungido novamente, dessa vez como rei sobre Judá. E ele seria ungido

pela terceira vez, como rei sobre Israel (5.3).

* 2.5 Benditos do SENHOR sejais vós. O elogio de Davi aos

habitantes de Jabes-Gileade, por sua bondade para com Saul, alcançou duas coisas. Primeiramente demonstra que ele não guardava malícia para com o rei agora falecido, e em segundo lugar armou o palco para a sua própria liderança sobre o gileaditas, a leste do rio Jordão.

* 2.8-32 A instituição liderada por Abner, do filho de Saul, Is-Bosete,

como rei de Israel, resultou em guerra entre as casas de Saul e de Davi.

* Is-Bosete. Ver nota em 1Sm 31.2. Como tornar-se-á evidente, este último filho sobrevivente de Saul foi pouco mais do que um mero títere nas mãos de Abner.

e o fez passar a Maanaim. Abner fez Is-Bosete atravessar o rio Jordão, provalmente em um esforço para escapar da pressão dos filisteus. Dois lugares próximos do rio Jaboque têm sido sugeridos para Maanaim, um a pouco mais de 11km, e o outro a cerca de 27km das margens do rio Jaboque.

*** 2.9 rei sobre Gileade... sobre todo o Israel. A maneira como**

as regiões específicas foram alistadas sugere que o controle mantido por Is-Bosete sobre essas áreas era mais completo do que o seu controle sobre Israel como um todo.

* 2.11 sete anos e seis meses. Ver nota em 5.4,5.

* 2.12 Gibeom. Gibeom era uma cidade benjamita, atualmente chamada el-Jib, cerca de 8km ao norte de Jerusalém.

* 2.13 Joabe, filho de Zeruia. Ver nota no v. 18.

*** 2.14 Levantem-se os moços e batam-se diante de nós. Abner**

sugeriu uma forma de combate representativo similar ao duelo entre Davi e Golias (1Sm 17.4, nota). Mas um grande derramamento de sangue não pôde ser evitado em nenhuma das duas ocasiões (vs. 17, 31.).

* 2.18 os três filhos de Zeruia. De acordo com 1Cr 2.16, Zeruia

era uma das duas irmãs de Davi, desta forma, os filhos dela eram sobrinhos dele.

Joabe. Joabe desempenhou um importante papel durante todo o reinado de Davi, tendo servido como comandante das forças militares de Davi (8.16). Embora fosse um ardoroso defensor de Davi, Joabe ocasionalmente mostrava ser um homem descontrolado (3.39), agindo segundo os seus próprios interesses (3.26,27) e até mesmo desafiando as ordens de Davi (18.5,9-14). Joabe foi executado pelo rei Salomão (1 Rs 2.28-35).

Abisai. Abisai serviu juntamente com Joabe no exército de Davi (10.10; 18.2 e 23.18).

Asael. Também tido como um dos heróis de Davi (23.24). A incansável perseguição de Asael a Abner, no presente episódio, o levará a uma morte violenta (v. 23).

*** 2.22 como me avistaria rosto a rosto com Joabe, teu irmão?**

As tentativas de Abner de evitar ferir a Asael podem ter sido motivadas não simplesmente pelo temor de vingança da parte de Joabe, mas também pelo desejo de não erigir barreiras desnecessárias a um eventual entendimento com Davi. Ver nota no v. 26.

*** 2.26 ordenar ao povo que deixe de perseguir a seus irmãos.**

A referência de Abner a "seus irmãos" pode sugerir uma mudança em direção a uma situação mais conciliadora; e talvez Abner sentisse que Davi não podia ser

detido. Abner preferia obter tréguas a ser derrotado, especialmente se pudesse continuar autônomo.

* 2.28 trombeta. Ver nota em 1Sm 13.3.

* 2.30,31 A disparidade no número de baixas sofrido pelas tropas de

Davi e pelas de Benjamim prenuncia a tendência futura.

*** 3.1 a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi. Pelo**

menos nas tribos do Norte, a transferência de poder para Davi, após a morte de Saul, não foi feita sem resistência. Uma figura chave no apoio a Saul foi Abner, comandante militar de Saul que tinha instituído o filho sobrevivente de Saul, Is-Bosete, como rei em Maanaim (2.8,9). Mas a maré estava a favor de Davi (2.30,31, nota).

* 3.2-11 A lista de seis filhos de Davi (vs. 2-5) ampliou a declaração

do v. 1, de que "Davi se ia fortalecendo", ao passo que o desentendimento entre Abner e Is-Bosete, por causa de uma concubina (vs. 6-11) realçam a declaração final do v.1, "os da casa de Saul se iam enfraquecendo".

*** 3.2 Em Hebrom, nasceram filhos a Davi. Conforme revela a**

lista que se segue, Davi tomou mulheres adicionais em Hebrom. Em 5.13-16, depois da chegada de Davi em Jerusalém, ainda mais esposas e concubinas foram acrescentadas, e pelo menos mais onze filhos teriam nascido a Davi (ver a lista acumulada em 1Cr 3.1-9). Apesar de o narrador não apresentar qualquer avaliação explícita sobre o comportamento de Davi (os antigos reis do Oriente Próximo comumente multiplicavam esposas e filhos), isso viola os padrões determinados em Dt 17.17.

*** 3.3 Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur. O casamento de**

Davi com uma esposa estrangeira do pequeno reino arameu de Gesur pode ter tido motivos políticos, dando-lhe um aliado ao norte do reino instável de Is-Bosete.

*** 3.7 Por que coabitaste com a concubina de meu pai? A**

apropriação por Abner de uma certa concubina de Saul eqüivaleria à reivindicação ao trono de Israel (12.8, nota; 16.21, nota; 1Rs 2.22). O leitor não é informado se a suspeita de Is-Bosete era bem fundamentada ou era simples paranóia. Seja como for, Abner usou essa acusação como uma oportunidade para mudar sua lealdade para com Davi (vs. 8-10).

* 3.9 como jurou o SENHOR a Davi. Ver 5.2, nota; 1 Sm 13.14,

nota; 15.28; 24.20, nota.

* 3.10 Dã até Berseba. Uma expressão proverbial que indica o

"país inteiro" (ver Jz 20.1).

* 3.11 o temia. A reação de Is-Bosete indica que Abner tinha

condições não somente de ameaçar, mas também de cumprir a sua ameaça.

* 3.12 De quem é a terra? Abner quis dizer que a terra era dele,

como alguém que a controlava e podia dá-la a Davi, ou então que a terra pertencia a Davi por direito, e que Davi deveria valer-se da ajuda de Abner, para poder tomar posse dela.

* 3.13 trouxeres a Mical, filha de Saul. Devolver a Davi a sua

esposa, Mical (ver 1Sm 18.27), não somente corrigiria o erro de Saul por tê-la dada como esposa a outro homem, na ausência de Davi (1Sm 25.44), mas também fortaleceria a reivindicação de Davi ao trono de Saul. As restrições de Dt 24.1-4 não se aplicam à esta situação, visto que a separação que houve entre Davi e Mical foi involuntária.

*** 3.14 enviou Davi mensageiros a Is-Bosete. A insegurança da**

posição de Is-Bosete se evidencia não somente em seu temor de Abner (v. 11), mas também em sua incapacidade de resistir às ordens de Davi.

cem prepúcios de filisteus. Davi referiu-se ao preço de uma noiva que Saul havia estabelecido em troca de Mical (1Sm 18.25); o pagamento que ele fizera realmente fora o dobro do preço combinado (1Sm 18.27).

* 3.16 Baurim. Normalmente identificada como sendo um local a

cerca de 2,4km a leste de Jerusalém, no território de Benjamim. Baurim foi o lugar de origem de Simei, filho de Gera (16.5; 1 Rs 2.8).

chorando. Um rápido vislumbre do sofrimento causado por feitos fora do controle desse homem.

*** 3.17 procuráveis que Davi reinasse sobre vós. Ver o v. 1,**

nota. Ao que parecia, Is-Bosete e Abner era tudo quanto se interpunha no caminho das relações harmoniosas entre Davi e Israel. Aqui Abner saiu de cena, e Is-Bosete não haveria de resistir por muito tempo sem ele (cap. 4).

* 3.18 Davi, meu servo. Davi é agora reconhecido como o

detentor de uma comissão primeiramente outorgada a Saul (ver 1Sm 9.16).

*** 3.21 para fazerem aliança contigo. Ver 5.3.**

em paz. A repetição desta frase por duas vezes mais, nos vs. 22 e 23, sublinha o fato que Davi não estivera envolvido na morte de Abner; ver também os vs. 26,28,29,37.

* 3.24 A agitação de Joabe diante da idéia da partida pacífica de

Abner torna-se evidente em suas palavras a Davi.

* 3.26 o poço de Sirá. Ficava a poucos quilômetros ao norte de

Hebrom.

sem que Davi o soubesse. Esta observação é outra confirmação da inocência de Davi quanto à morte de Abner (vs. 21-23,28,29,37).

*** 3.27 em vingança do sangue de seu irmão Asael. Ver**

também o v. 30. Em 2.18-23 a morte de Asael por Abner é retratado, essencialmente, como uma questão de defesa própria, e o contexto da batalha no ato de Abner deixa duvidoso se Joabe tinha o direito de agir como "vingador do sangue" (14.11; Nm 35.16-25; Dt 19.11-13; Js 20.3). Joabe também pode ter desejado eliminar um rival em potencial na corte de Davi (ver seu assassinato de Amasa, em 20.10).

*** 3.28 Inocentes somos eu e o meu reino. Ver os vs. 21**

23,26,37.

*** 3.29 Caia este sangue sobre a cabeça de Joabe. A decisão de**

Davi de proferir uma maldição sobre a casa de Joabe, em lugar de tomar ação disciplinar direta pode ter sido um resultado das circunstâncias ambíguas do crime de Joabe. Mais provavelmente, porém, tais fatores como o poder considerável de Joabe e sua reputação incluindo seu relacionamento familiar com Davi tenham influenciado a sua decisão. Em última análise, porém, o crime de Joabe não deixou de ser punido (1 Rs 2.5,6,28-35).

* 3.39 mais fortes. Ou seja, mais "implacáveis". Ver o v. 29, nota;

cf. 16.10; 19.22.

* 4.1 Abner morrera. A morte de Abner afetou a Is-Bosete e a

"todo o Israel" da mesma maneira, mas por razões diferentes. Is-Bosete perdeu a coragem por saber que a morte de Abner significava a perda da espinha dorsal de seu governo. A nação de Israel, entretanto, ficou "perturbada" diante do que pode ter parecido uma rejeição de sua proposta amigável a Davi (3.1721).

* 4.2 dos filhos de Benjamim. A origem benjamita dos

assassinos de Is-Bosete é salientada (dois versículos são dedicados para estabelecer o fato), talvez para mostrar que o desencanto com a casa de Saul se estendia até mesmo em sua própria tribo.

*** 4.3 Tinham fugido os beerotitas para Gitaim. Embora**

Beerote fosse uma das quatro principais cidades dos gibeonitas (um povo amorreu que enganou Josué para que ele estabelecesse um tratado de paz com eles; Js 9.17), Js 18.25 indica que a cidade fora alocada a Benjamim. O rei Saul tinha tentado aniquilar os gibeonitas (21.1,2), e essa agressão pode explicar a fuga dos beerotitas para Gitaim.

*** 4.4 notícias da morte de Saul e de Jônatas. (1 Sm 31).**

Mefibosete. Mefibosete reaparecerá novamente em 9.6-13; 16.1-4; 19.24-30; 21.7 (21.8 menciona um Mefibosete diferente).

*** 4.9 remiu a minha alma de toda a angústia. Visto que**

Recabe e Baana tem procurado figurar-se como agentes do castigo do Senhor contra Saul (v. 8), a reação de Davi deixou claro que, com a ajuda do Senhor, como seu Libertador, ele não tinha nenhuma necessidade de assistência humana.

* 4.12 Deu Davi ordem. Davi não demonstrou nenhuma

hesitação em agir nesta ocasião, diferentemente do que ocorreu no caso de Joabe (3.29, nota).

cortado as mãos e os pés. Mutilações dessa natureza não eram incomuns no antigo Oriente Próximo.

* 5.1 todas as tribos de Israel. Ou seja, os líderes dos

israelitas; cf. "todos os anciãos”, no v. 3. Alguns estudiosos têm

sugerido que a palavra hebraica aqui traduzida por "tribos" também pode significar "governantes".

Somos do mesmo povo de que tu és. Essa é uma expressão de parentesco (19.12,13; Gn 29.14; Jz 9.2), e também foi a primeira dentre três razões apresentadas pelos israelitas, nos vs. 1 e 2, para desejarem tornar Davi seu rei.

*** 5.2 fazias entradas e saídas militares com Israel. Uma**

expressão idiomática que indicava campanhas militares (1Sm 18.13,16). A segunda razão para quererem tornar Davi seu rei foram seus sucessos militares (1Sm 17.32,45-47; 18.7; 25.28).

o SENHOR te disse. A terceira razão é a comissão divina (1Sm 16.1, nota).

apascentarás. O emprego do termo "pastor" com freqüência é usado metaforicamente, na Bíblia, para indicar ou Deus (Gn 49.24; Sl 23.1; 80.1, etc.), ou o seu Filho, Jesus (Jo 10.11; Hb 13.20; 1Pe 5.4; Ap 7.17, etc.), ou líderes humanos divinamente designados (7.7; Nm 27.15-17, etc.). A imagem é a de uma liderança íntima e zelosa (v. 12, nota).

chefe. No hebraico, essa mesma palavra é traduzida por "príncipe", em 1Sm 9.16 (nota).

*** 5.3 o rei Davi fez com eles aliança. Ver 3.21. O pacto**

estabelecido para que Davi governasse as tribos do Norte provavelmente consistiu em leis para o governo real (1Sm 10.25), incluindo os direitos e responsabilidades mútuas, e para com o Senhor (2Rs 11.17). Fica evidente na revolta de Seba (20.1), que esse pacto não acabou com o sentimento de identidade separada, sentido por Israel e Judá, e, isto também pode ser visto particularmente na dissolução do reino unido, no reinado de

Roboão (1Rs 12.16).

Ungiram Davi. Ver nota em 2.4.

*

5.4,5 No Antigo Testamento, uma fórmula estereotipada

inicia a narrativa do governo de um rei (p.ex., 1Sm 13.1; 2Sm 2.10; 1Rs 14.21; 22.42, etc.). Neste caso, essa fórmula assinalou apropriadamente o início do reinado de Davi sobre todo o Israel.

* 5.6 Jerusalém. Uma cidade de grande antigüidade (ocupada já

no terceiro milênio a.C.), Jerusalém ficava no território de Benjamim, perto da

fronteira norte de Judá. A cidade fora anteriormente conquistada por Judá (Jz 1.8); mas nem Judá e nem Benjamim tinha conseguir expulsar de forma permanente os seus habitantes jebuseus (Js 15.63; Jz 1.21). Davi pode ter pensado que a localização estratégica de Jerusalém e sua condição relativamente independente tornava a cidade adequada para constituir uma capital nacional que não implicaria em favoritismo a qualquer região em particular.

jebuseus... disseram a Davi. A zombaria dos jebuseus, quer sugerindo excesso de confiança ou simplesmente a determinação de lutar até o último homem (mesmo que fossem cegos ou aleijados) reflete a hostilidade que havia entre os jebuseus e Davi (ver o v. 8; 1Sm 17.54, nota).

* 5.7 fortaleza de Sião. Temos aqui a primeira ocorrência da

palavra "Sião" na Bíblia e a única nos livros de Samuel. Originalmente, esse nome designava uma colina fortificada na extremidade sul da serra de Ofel. Posteriormente, o nome veio a ser usado em um sentido extenso para indicar toda a Jerusalém (2Rs

19.21; Is 2.3), e até mesmo para toda a nação de Israel (Sl 149.2; Is 46.13). Esse nome ocorre com freqüência na literatura poética e profética de Israel, onde é, com freqüência, apresentada como sendo o lugar dos poderosos feitos de Deus de salvação e julgamento (p.ex., Sl 14.7; Is 4.4; Lm 4.11).

* 5.10 crescendo em poder. Da mesma maneira que os capítulos

3 e 4 detalham como "os da casa de Saul se iam enfraquecendo" (3.1; 3.2-11, nota), assim também os capítulos 5-10 mostram como "Davi se ia fortalecendo" (3.1). A razão fundamental para as vitórias de Davi era que o Senhor estava com ele (ver nota em 1Sm 16.18).

* 5.11 Hirão, rei de Tiro. Tiro era uma cidade portuária da

Fenícia, a cerca de 56km ao norte do monte Carmelo e a 40km ao sul de Sidom. A generosidade de Hirão para com Davi foi motivada pelo caráter impressionante das recentes realizações de Davi, embora também envolvesse um certo elemento de interesse próprio. Tiro precisava das rotas comerciais

que passavam agora controladas por Davi, bem como pelo meio das terras da Palestina central (cf. Ed 3.7). A amizade de Hirão com Israel continuou até durante o reinado de Salomão (1 Rs 5.1-12; 9,.11; etc.).

* 5.12 o SENHOR o confirmara rei. Ver nota em v. 10.

por amor do seu povo. Davi compreendeu não somente que seu governo dependia inteiramente de Deus, mas também que tinha o propósito de beneficiar o povo de Deus (v. 2; 8.15).

* 5.13-16 Ver 3.2, nota, e a lista um pouco mais longa em 1Cr 14.3-7.

* 5.17 Ouvindo, pois, os filisteus. Embora o reinado de Davi

sobre Judá não tenha sido contestado pelos filisteus, a extensão do

seu domínio para as tribos do norte trouxe uma ameaça aos interesses dos filisteus que eles não podiam ignorar.

fortaleza. Ver 1Sm 23.14, nota.

* 5.18 vale dos Refaim. Esse vale começa poucos quilômetros a

sudoeste de Jerusalém e desce ao oeste na direção do território dos filisteus (21.16, nota; 23.13; Js 15.8; 18.16).

* 5.19 Davi consultou o SENHOR. Ver nota em 2.1.

* 5.20 Baal-Perazim. Ver a referência lateral. Baal-Perazim tem

sido identificada com um local a cerca de 5km a sudoeste de Jerusalém.

* 5.21 deixaram lá os seus ídolos. Davi infligiu sobre os filisteus

uma perda semelhante àquela que Israel sofrera com a captura da arca, em 1Sm 4.

os levaram. Ver nota em 1Sm 5.2; 1Cr 14.12 diz que Davi os queimou.

*** 5.24 é o Senhor que saiu diante de ti. O Senhor é um**

guerreiro (Êx 15.3), que sai adiante de seu povo para combater por eles (ver Êx 14.14; Dt 1.30).

* 5.25 desde Geba até Gezer. A derrota dos filisteus, por parte de

Davi, foi mais decisiva que a derrota deles diante de Jônatas (1Sm 14.31). Derrotar os filisteus, em particular (8.1) tinha uma significância especial (3.18; 19.9; 1Cr 14.17; cf. 1Sm 9.16).

* 6.2 Baalim de Judá. Ver referência lateral e nota em 1Sm

6.21.

arca de Deus. Ver nota em 1 Sm 3.3. o Nome. Ver 1 Sm 17.45 e nota; cf. Dt 12.5,11,21.

SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1Sm 1.3.

* 6.3 carro novo. Esse modo de transportar a arca relembra o

precedente filisteu, em 1Sm 6,7, mas negligencia a orientação divina de que a arca, equipada com argolas e varas (ver Êx 25.12-14; 37.5), deveria ser carregada nos ombros dos sacerdotes (ver Nm 4.15,19; 7.9; Dt 10.8; Js 3.8, etc.).

Casa de Abinadabe. Ver 1Sm 7.1.

Uzá e Aiô. Apesar de terem sido feitas tentativas para identificar Uzá com Eleazar, em 1Sm 7.1, é mais provável que os dois filhos aqui mencionados fossem irmãos de Eleazar, ou talvez, até mesmo netos de Abinadabe. A palavra hebraica para "filho" também pode significar "descendente".

* 6.7 por esta irreverência. O original hebraico é difícil aqui,

mas conforme a explicação dada em 1Cr 13.10, "por ter estendido a mão à arca". É possível que a punição não diga respeito apenas ao fato de que Uzá

tenha tocado na arca, porém, mais importante ainda, esteja relacionada à maneira irregular em que a arca estava sendo transportada (v. 3, nota; 1Cr 15.13-15).

* 6.8 Desgostou-se Davi. O leitor não é informado se o

desgosto de Davi foi causado pela morte de Uzá, pela precipitação de Uzá, ou pela maneira descuidada com que ele mesmo procurara transportar a arca.

* 6.10 Obede-Edom, o geteu. Isto é, um homem de Gate. É

incerto se a referência é à Gate dos filisteus (1Sm 4.1, nota; 5.8, nota) ou à Gate-Rimom (uma cidade levítica no território de Dã ou Manassés; Js 21.2325). Nos livros de Crônicas, Obede-Edom é frequentemente referido como um levita (p.ex., 1Cr 15.17-25; 16,5,38; 26.4,5,8,15; 2Cr 25.24).

* 6.13 levavam a arca. Dessa vez, a arca foi transportada de

acordo com a legislação mosaica (vs. 3,7 e notas).

tinham dado seis passos. Após os seis primeiros passos.

sacrificava ele. O sacrifício de Davi talvez fosse um sinal de agradecimento e intercessão — agradecimento porque o cortejo tinha começado com a bênção de Deus, e intercessão para que assim continuasse.

* 6.14 estola sacerdotal de linho. Ver nota em 1Sm 2.18.

* 6.16 o desprezou. Sugestões sobre a causa do desprazer de

Mical são oferecidas somente mais adiante, nos vs. 20-22.

* 6.17 holocaustos e ofertas pacíficas. Ver nota em 1Sm 10.8.

* 6.20 Que bela figura fez o rei de Israel. O comentário de Mical

estava carregado de sarcasmo. Ela mencionou o fato de ser ele rei, sua falta de modéstia e suas outras mulheres. O ciúme de Mical pode ter sido despertado porque seu pai fora substituído por Davi.

descobrindo-se. Davi tirara suas vestes externas e, em lugar delas, trajava apenas uma estola sacerdotal de linho. (v. 14).

* 6.21 Perante o SENHOR. Davi não aceitou as acusações de

Mical. Ele tinha celebrado diante do Senhor, e não perante as servas (isto é, diante dos olhos delas). E Davi mencionou, retrucando, que o Senhor é quem deslocara Saul, colocando ele, Davi, no seu lugar.

* 6.22 Ainda mais desprezível me farei. Ou então: "Ainda me

humilharei mais do que isso". Diferentemente de Eli e seus filhos (1Sm 2.29,30 e notas), e o próprio pai de Mical, Saul (1Sm 15.12,30, e notas), Davi estava disposto a rebaixar-se, a fim de que o Senhor recebesse a honra que lhe era devida.

delas serei honrado. Davi retrucou que ele não tinha razão para sentir-se envergonhado diante das servas. O desprazer de Mical por causa de Davi, era injusto.

*** 6.23 Mical, filha de Saul, não teve filhos. Isso aconteceu, ou**

por direta decisão do Senhor, ou porque Davi excluiu Mical das suas relações conjugais. Era um opróbrio uma mulher israelita morrer sem filhos (1Sm 1.5,6).

*** 7.1 descanso de todos os seus inimigos. Ver notas nos vs. 6**

e 9. Ver também o v. 11; Dt 12.10; 25.19; Js 23.1.

* 7.2 Natã. Mencionado aqui pela primeira vez, Natã, o profeta,

também desempenhará um papel significativo no capítulo 12 e em 1Rs. Ver também 1Cr 29.29; 2Cr 9.29; 29.25.

numa tenda. Ao que parece, Davi via o seu palácio como um símbolo de seu governo agora estabelecido (5.11,12), e ele propõe que o governo de Deus devesse ser igualmente simbolizado com uma habitação permanente.

* 7.3 Vai. O plano de Davi pareceu razoável a Natã, mas logo se

corrigiu, quando a isso foi ordenado pelo Senhor (v. 4). Natã não era um lisonjeador (12.7-14).

* 7.4-17 A significação histórica e teológica da promessa divina feita

a Davi registrada nestes versículos (com paralelo em 1Cr 17.3-15) dificilmente pode ser exagerada. De fato, a promessa de um reino davídico duradouro tem sido chamada de cume de toda a revelação do Antigo Testamento. Olhando para trás, ela retoma as promessas de bênção feitas a Abraão e sua descendência eleita (Gn 17.16), e as faz repousar sobre Davi (vs. 9,10,12). E, olhando para diante, prepara para a esperança messiânica que inspira a fé de Israel antes e depois do exílio babilônico (Is 11.1; Jr 23.5,6; Zc 3.8; 6.12). A esperança na vinda de um Messias culminou no aparecimento de Jesus Cristo (Is 9.1-7; Lc 1.32,33,69,70; At 2.30,31; 13.22,23; Rm 1.1-4; 2Tm 2.8 e Ap 22.16).

* 7.5 meu servo Davi. Conforme 3.18; Sl 89.3. A referência do

Senhor a Davi como "meu servo", colocou Davi em uma companhia seleta que incluía Abraão (Gn 26.24), Moisés (Nm 12.7,8; Dt 34.5), Calebe (Nm 14.24) e Josué (Js 24.29).

* 7.6 em casa nenhuma habitei. Deus tem acompanhado seu

povo eleito por todas as suas peregrinações (vs. 6,7). Somente quando ele os fixasse em seu lugar (v. 10), e eles desfrutassem de "descanso" (v. 11), que ultrapassasse àquilo que eles já desfrutavam sob Davi (v. 1), Deus permitiria que uma casa permanente fosse construída em honra ao seu nome (v. 13).

* 7.9 fui contigo. Ver nota em 1Sm 16.18.

grande o teu nome. Essa declaração sobre um grande nome para Davi relembra a promessa divina feita ao patriarca Abraão, em Gn 12.2. Cf. 8.13, onde lemos que Davi "ganhou renome".

* 7.11 ele, o SENHOR te fará casa. Tendo recusado a oferta de

Davi para edificar-lhe uma casa (templo; v. 5), o Senhor respondeu com o gracioso anúncio de que, em lugar disso, ele estabeleceria a dinastia de Davi.

*** 7.12 teu descendente. Salomão.**

que procederá de ti. Palavras idênticas foram ditas a Abraão, em Gn 15.4.

* 7.13 ao meu nome. Foi "por causa do seu grande nome" que o

Senhor recusou-se a rejeitar o seu povo, depois de terem pedido, pecaminosamente, um rei (1Sm 12.22). Agora o Senhor anuncia a Davi que seu próprio filho, que o sucederia como rei, construirá um templo "para o meu nome". Quanto a uma explicação da significação do nome de Deus, ver Êx 34.5-7; e nota em 1Sm 17.45.

* 7.14-16 por pai... por filho. A plena significação dessa promessa,

que expressa o relacionamento especial que o Senhor estabelecia com os reis da linhagem de Davi (Sl 2.7; 89.18-37), realizou-se, finalmente, em Cristo (Mc 1.11; At 13.33; Hb 1.5).

* 7.14 castigá-lo-ei. Como um pai, o Senhor disciplinaria o filho

real, quando este errasse. Mas o seu amor pactual nunca seria retirado dele. Embora a punição fosse severa, chegando à perda da terra e do templo (1Rs 9.6-9), a promessa de Deus de que estabeleceria para sempre o trono de Davi não pode falhar. Essa promessa viria a ser crescentemente entendida em termos messiânicos (Is 9.7; 11.1-5; Jr 33.14-26; Mq 5.2-5).

*** 7.18 entrou o rei Davi na Casa do SENHOR, ficou perante**

ele. Presume-se que Davi se sentou defronte da arca, o símbolo da presença do Senhor (Êx 25.22; 30.6; Dt 10.8; Js 6.8). Não era comum uma pessoa sentar-se enquanto orava (Dt 10.7).

Quem sou eu...? Tendo oferecido a Deus uma casa, Davi ficou surpreso diante da declaração do Senhor de que ele construiria para Davi uma casa. A

humildade evidenciada através das palavras de Davi: "Quem sou eu?" concorda com o seu reconhecimento de que o Senhor soberano é que estivera com ele (1Sm 16.18, nota), conduzindo-o até àquele ponto.

*** 7.19 isto é instrução para todos os homens. O sentido**

original hebraico desta frase é difícil. O versículo paralelo de 1Cr 17.17 tem um texto muito diferente: "me trataste como se eu fosse homem ilustre".

* 7.22-24 Davi faz uma consideração de sua posição única e a de

sua casa (vs. 18-21) para contemplar o caráter ímpar de seu Deus. Ele é o único e verdadeiro Deus, e em seu favor desmerecido ele escolheu tanto a Davi como a própria nação de Israel, para ser o seu povo, através de quem seu grande nome tornar-se-ia conhecido (ver Êx 15.11-13; Dt 7.6-8).

*** 8.1 feriu Davi os filisteus, e os sujeitou. Neste sumário das**

vitórias de Davi, a primazia é dada à derrota dos filisteus, o arquiinimigo de Israel (3.18; 1Sm 9.16) e contra quem as vitórias de Davi em muito ultrapassaram as de seu antecessor, Saul (1Sm 14.52). Ver também 5.25, nota.

as rédeas da metrópole. O trecho paralelo de 1Cr 18.1, diz, "Gate e

suas aldeias". Pode referir-se, de alguma maneira, às capitais dos filisteus (ver referência lateral).

* 8.2 e os mediu. Davi executou dois terços de seus oponentes

moabitas e reduziu os sobreviventes à posição de tributários. A razão para o tratamento implacável infligido por Davi a um povo em quem ele antes havia confiado (1Sm 22.3) não é declarada.

moabitas. Ver notas em 1Sm 22.3.

* 8.3 Hadadezer. Esse nome parece ser um composto de

"Hadade", o deus sírio da tempestade, ou Baal, e "ezer", que significa "ajuda". Embora derrotado por Davi, Hadadezer mais tarde ajudou os amonitas em sua oposição a Davi (2Sm 10.15-19).

Zobá. Durante o reinado de Saul já tinha havido conflito entre Israel e os "reis de Zobá" (1Sm 14.47), uma região síria ao norte de Israel.

* 8.4 jarretou todos os cavalos dos carros, menos. De acordo

com Dt 17.16, os reis de Israel não deveriam "multiplicar" cavalos. Não obstante, dois dos filhos de Davi, Absalão e Adonias, mais tarde pretenderam defender suas aspirações ao trono preparando carros de combate e tendo cinqüenta homens correndo diante deles (2Sm 15.1; 1Rs 1.5; cf. 1Sm 8.11). Um terceiro filho de Davi, Salomão, se tornará bem conhecido por seus carros de combate (1Rs 4.26-28; 9.22; 10.26-29).

* 8.6 o SENHOR dava vitórias a Davi por onde quer que ia.

Essa declaração, repetida no v. 14, destaca o sumário das vitórias de Davi sobre o de Saul (1Sm 14.47-51, nota; 16.18, nota).

* 8.8 bronze. O trecho de 1Cr 18.8 observa que Salomão usou

esse bronze na construção do templo.

* 8.11 os quais também o rei Davi consagrou ao SENHOR. O

ato de Davi talvez fosse em preparação para o templo que seria construído por Salomão (1Cr 22.1-5,14; 29.1-5,16-19).

* 8.13 siros. Ver referência lateral. A matança de dezoito mil

edomitas, no vale do Sal, ao sul ou sudoeste do mar Morto, é creditada a Abisai, em 1Cr 18.12. É possível que Abisai tenha recebido crédito como um dos generais de Davi. Ver também o título do Sl 60.

* 8.15 julgava e fazia justiça a todo o seu povo. Na qualidade

de tipo de rei teocrático, Davi não somente subjugou os inimigos de Israel (vs. 1-14), mas também reconheceu que seu chamado era para ser justo (23.3). Seus descendentes nem sempre seguiram o exemplo por ele deixado, apesar das exortações proféticas (Jr 22.3). Finalmente, viram a ruína de Jerusalém (predita, p.ex., em Jr 22.5; cf. 52.12-14). Mas antes mesmo da queda de

Jerusalém houve uma esperança em torno do "Renovo justo", derivado da linhagem de Davi, "e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra" (Jr 23.5; 33,15). Quanto a essa expectativa messiânica, ver nota em 7.4-17.

a todo o seu povo. Ver nota em 5.12.

* 8.16 Joabe. Ver nota em 2.18.

cronista. A natureza específica desse ofício é difícil de ser determinada. As conjecturas incluem ser responsável pelos registros oficiais, ser o secretário de estado, e, mais possivelmente, o arauto do rei. Josafá continuou mantendo esse ofício sob a administração de Salomão (1 Rs 4.3).

* 8.17 Zadoque, filho de Aitube. Zadoque era um sacerdote

levita que descendia de Arão através de Eleazar (1Cr 6.3-8, 50-53). Embora ele tivesse sido um dos dois principais sacerdotes durante o reinado de Davi, tornou-se o único sumo sacerdote durante a administração de Salomão (1Rs 2.35). Desse período em diante, os sacerdotes zadoquitas foram uma das famílias sacerdotais mais importantes e influentes (Ed 7.1,2; Ez 40.46; 44.15).

Aimeleque, filho de Abiatar. De acordo com 20.25 e 1Rs 4.4, Zadoque e Abiatar eram os sacerdotes de Davi (ver 15.24,35; 19.11). Foi antes noticiado que Abiatar, um dos "filhos de Abimeleque" juntara-se a Davi durante seu exílio da corte de Saul (1Sm 22.20). Parece provável, portanto, que os nomes do pai e do filho foram aqui trocados (assim como em 1Cr 18.16). Abiatar era descendente de Eli, por meio de um Aitube diferente do pai de Zadoque (1Sm 14.3; 22.20). Seu afastamento, por parte de Salomão, por ter apoiado Adonias, que aspirava ao trono (1Rs 1.7,8) tivesse o cumprimento do julgamento contra a casa de Eli (1 Sm 2.31, nota: 1 Rs 2.26,27).

Seraías, escrivão. O nome dele tem sido registrado com formas diferentes (20.25; 1Cr 18.16; e possivelmente 1Rs 4.3) pode sugerir uma origem não-israelita — talvez egípcia, onde a tradição dos escribas estava bem

estabelecida. Um escriba pertencia a uma das classes de servos civis de maior posição (2Rs 12.10; 18.18).

* 8.18 Benaia. Homem de credenciais militares notáveis (23.20

22). Benaia demonstrou sua intensa lealdade a Davi e a Salomão (1Rs 1.8,36,37), e, depois de cumprir a ordem de Salomão de executar a Joabe, tornou-se comandante supremo do exército de Salomão (1Rs 2.34,35; 4.4).

ministros. O texto hebraico diz aqui "sacerdotes", um ofício que claramente não tinham o direito de exercer. O trecho paralelo de 1Cr

18.17 diz "eram os primeiros ao lado do rei". Davi e Salomão, pelo menos, supervisionavam os sacrifícios (2Sm 6.17,18; 1 Cr 21.28; 2Cr 5.6).

* 9.1 casa de Saul. Quanto ao declínio progressivo da "casa de

Saul", ver nota em 5.10.

bondade... por amor de Jônatas. Quanto ao pacto entre Davi e Jônatas, ver 1Sm 18.3,4; 20.15 e notas.

* 9.4 Maquir, filho de Amiel. Mencionado também em 17.27-29.

Maquir parece ter sido um homem rico, que ocupava uma boa posição social para ser o hospedeiro de um descendente do primeiro rei de Israel.

Lo-Debar. Essa cidade tem sido normalmente identificada como tendo sido em Gileade, a cerca de 6,5 km a noroeste de Maanaim, uma cidade que por pouco tempo foi a capital de Is-Bosete, a leste do rio Jordão (2.8, nota).

* 9.6 Mefibosete. Ver nota em 4.4.

* 9.7 as terras de Saul, teu pai. A propriedade que Davi

devolveu a Mefibosete pode ter sido substancial (v. 10, nota).

tu comerás pão sempre à minha mesa. Davi também ofereceu a Mefibosete um lugar de honra em sua própria mesa (quanto a essa prática, ver 2Rs 25.29).

Tem sido sugerido que Davi agiu para defender seus próprios interesses, visto que esse ajuste permitiria a Davi que mantivesse Mefibosete sob sua vigilância. Mas essa sugestão parece improvável por várias razões. O texto não oferece qualquer indício desse motivo. A condição de Mefibosete como homem aleijado impedia-o de ser

uma ameaça para Davi; e Davi certamente teria sabido,
por experiência própria, que seria perigoso ter um rival em sua corte
(ver 16.3).

* 9.8 Um cão morto. Ver nota em 1Sm 24.14.

* 9.10 quinze filhos e vinte servos. O número de homens

trabalhando nas terras mostra que as propriedades eram extensas. O número também indica o poder de Ziba, e sua ameaça em potencial para Mefibosete (16.3; 19.26).

*** 9.12 um filho pequeno, cujo nome era Mica. Ver também as**

genealogias de 1Cr 8.34,35; 9.40,41. As beneficências de Davi "por amor de Jônatas" (v. 1) não se limitaram a Mefibosete.

* 10.1 filhos de Amom. Ver nota em 1Sm 11.1.

*** 10.2 Usarei de bondade para com Hanum, filho de Naás. A**

frase hebraica traduzida por "usarei de bondade", sugere que havia um pacto entre Davi e Naás, embora a agressão de Naás para com Israel, tenha ajudado Saul a subir ao poder (1Sm 11.1-11; 12.12). O relacionamento de amizade entre Davi e Naás pode ter sido firmada durante o período em que Davi vivia fugindo de Saul.

* 10.3 a cidade. Provavelmente, temos aqui uma referência à

capital, Rabá (11.1, nota).

* 10.4 lhes rapou metade da barba. Hanum humilhou os

emissários de Davi.

* 10.5 Jericó. A primeira localidade a oeste do rio Jordão por

onde passaria a delegação que retornava de Rabá.

* 10.6 siros de Bete-Reobe e... de Zobá. Ver nota em 8.3. Bete-

Reobe ficava a sudoeste de Zobá (cf. Nm 13.21; Jz 18.28).

Maaca. Maaca era a região ao norte do lago Hulé (Dt 3.14; Js 13.11-13).

Tobe. Provavelmente uma cidade a leste do rio Jordão e a 77km ao

norte de Rabá (11.1, nota; Jz 11.3,5).

* 10.7 Joabe. Ver nota em 2.18.

* 10.10 Abisai. Ver nota em 2.18.

* 10.12 Sê forte... e faça o SENHOR o que bem lhe parecer. Achando-se na difícil posição militar de ter de lutar em duas frentes de combate, Joabe exortou seus homens a terem coragem, mas reconheceu que o resultado do conflito dependia, em última análise, do Senhor (cf. as palavras de Davi em 15.26).

* 10.14 voltou Joabe. Ao que parece, ele não capturou a cidade de Rabá

nessa oportunidade (11.1; 12.26-29).

* 10.16 Hadadezer. Ver nota em 8.3.

Helã. Ficava a cerca de 19km ao norte de Tobe (v. 6, nota).

* 10.19 temeram os siros de ainda socorrer. A porta estava aberta para

uma segunda campanha militar contra os amonitas.

*** 11.1 no tempo em que os reis costumam sair para a guerra.**

Ver 1Rs 20.22,26. No Oriente Próximo, a primavera era um tempo propício

para campanhas militares, visto que as chuvas de inverno tinham cessado e a colheita que exigia mão-de-obra intensiva ainda não teria começado.

enviou Davi a Joabe. Essa não é a primeira vez em que Davi envia

Joabe em uma expedição militar (10.7), mas visto que isso ocorreu anteriormente no tempo em que "os reis costumam sair para a guerra", e, no entanto, "Davi ficou em Jerusalém", pode haver aqui alguma crítica contra Davi, por ter ele ficado atrás.

sitiaram Rabá. Chamada de "Rabá dos filhos de Amom", em Dt 3.11, e noutros lugares (2Sm 12.26; 17.27; Jr 49.2; Ez 21.20), essa cidade era a capital de Amom (Am 1.13-15). Fica a 39km a leste do rio Jordão, defronte de Jericó. Nos tempos do Novo Testamento, era chamada Filadélfia, e atualmente é Amã, na Jordânia. Ver também 10.14 e nota.

*** 11.2 Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito. O luxo de Davi**

faz um contraste marcante com as atividades de Joabe e seus homens (vs. 1,11).

* 11.3 Bate-Seba. Somente em 2Sm 12.24 o nome "Bate-Seba"

será mencionado de novo; nos versículos intermediários a referência será à "mulher" (v. 5) ou à "mulher" de Urias (v. 26; 12.10,15). O enfoque, nessas palavras, não é tanto sobre a própria Bate-Seba, como ao seu estado de esposa de outro homem.

* Eliã. Se o pai de Bate-Seba é o mesmo "Eliã, filho de Aitofel" (2Sm 23.34), isso poderia ajudar a explicar a traição de Aitofel contra Davi e em favor da conspiração de Absalão (15.12; 16.15), que, ostensivamente, foi motivada por um senso de injustiça da parte de Davi (15.4,6). Observe, especialmente, a natureza do conselho de Aitofel, em 16.20,21.

Urias. Urias é um nome hebraico que significa "o Senhor é a minha luz".

* 11.4 Sua imundícia. Se a referência é à menstruação (Lv

15.19-30), a alusão seria remover toda a dúvida que Davi era o responsável pela gravidez de Bate-Seba (v. 5).

* 11.5 Estou grávida. Bate-Seba deixa com Davi a decisão sobre

o que deveria fazer.

* 11.8 lava os pés. Urias compreendeu que Davi lhe estava

sugerindo que ele dormisse com sua esposa. Isso tornaria possível a tentativa de fazer Urias assumir a paternidade da criança.

um presente do rei. Talvez Davi quisesse encorajar o casal.

*** 11.9 Porém Urias... não desceu para sua casa. Apesar dos**

esforços de Davi, Urias não fez o que ele considerava errado. Não é impossível que Urias soubesse do relacionamento de Davi com Bate-Seba (talvez através dos mensageiros referidos no v. 4), embora isso seja improvável em vista de sua disposição em levar a carta de Davi para Joabe (v. 14). Urias explicou sua abstinência no v. 11.

* 11.11 A arca, Israel e Judá. A insistência de Urias de que ele não se

deixaria tratar melhor do que seus companheiros de batalha enfatiza novamente o contraste de sua atitude com a natureza repreensível do pecado de Davi. Embora o próprio Senhor (pois estava simbolizada pela presença arca) estivesse no campo de batalha, o rei estava em Jerusalém (vs. 1,2 e notas).

* 11.13 e o embebedou. Ver nota no v. 8. Ainda assim Urias continuou

fiel ao seu dever, e não desceu para a sua casa.

* 11.15 Ponde a Urias na frente. Não tendo conseguido enganar

Urias, agora Davi viu-se compelido a tomar outro curso, e Joabe, como era de se esperar, dispôs-se a ajudar a Davi (2.18; 3.27; 20.10 e notas).

* 11.21 Jerubesete. "Besete", que significa "vergonha", algumas vezes

era substituído por "Baal". Ver referência lateral.

*** 11.22 tudo o que Joabe lhe havia mandado dizer. A Septuaginta**

(tradução do Antigo Testamento para o grego) tem um texto mais longo, onde esta declaração é seguida por uma iracunda reação de Davi, conforme aquilo que Joabe havia dito nos vs. 20 e 21.

* 11.25 Não pareça isto mal aos teus olhos. A resposta de Davi foi

cínica. Ele fingiu estar consolando seu cúmplice no assassinato. Note o palavreado semelhante do v. 27.

* 11.27 Passado o luto. O período costumeiro para o luto provavelmente

era de sete dias (Gn 50.10; 1Sm 31.13). Os líderes nacionais algumas vezes eram lamentados por períodos maiores. Assim, houve pranto por Arão durante trinta dias (Nm 20.29), o que também aconteceu no caso de Moisés (Dt 34.8). Os egípcios choraram setenta dias por Jacó (Gn 50.3).

lhe deu à luz um filho. Ver 12.14.

foi mal aos olhos do SENHOR. Ver o v. 25. Davi tinha quebrado pelo menos quatro dos Dez Mandamentos (Êx 20.2-17; Dt 5.6-21), a saber: assassinato, adultério, mentira e cobiça da mulher do próximo.

* 12.1 O SENHOR enviou Natã. Os profetas eram servos da

palavra de Deus, que exerce autoridade até sobre os reis. Os profetas precisavam de coragem, e algumas vezes entravam em conflito direto com os reis (1 Rs 22.8; 2Rs 1.3,4; Mc 6.17: cf. At 7.52).

um rico e outro pobre. O rico era Davi, e o pobre era Urias. Essa parábola também se cumpriu no caso de Acabe e Jezabel contra Nabote (1Rs 21.1-14).

* 12.3 a tinha como filha. Este versículo termina com a palavra

hebraica para "filha", a qual, não por acaso, é também a primeira sílaba do nome Bate-Seba.

*** 12.5 o homem que fez isso deve ser morto. A parábola de**

Natã tinha obtido sucesso; ao pronunciar julgamento contra o homem rico da parábola, Davi condenou a si mesmo. Sua resposta foi uma exclamação, e não uma decisão jurídica. Ele menciona primeiramente a morte, e, em seguida, a restituição do que era devido.

* 12.6 quatro vezes. Êx 22.1 ordena uma quádrupla restituição

por ovelhas roubadas. Alguns têm detectado aqui um indício da perda subseqüente de quatro filhos de Davi; o primeiro filho de Bate-Seba (vs. 14, 18), Amnom (13.28,29), Absalão (18.14,15) e Adonias (1Rs 2.24,25).

* 12.7-12 De uma maneira típica dos discursos de julgamento

profético (1Sm 2.27-36, nota), Natã começou com uma acusação incluindo uma descrição da providência do Senhor (vs. 7 e 8), uma pergunta acusadora e uma acusação formal (v. 9). E Natã concluiu anunciando o julgamento e as penas correspondentes ao crime.

* 12.7 Eu te ungi. Compare a acusação formal de Samuel contra

Saul (1Sm 15.17).

* 12.8 as mulheres de teu senhor. É incerto se esta declaração

deve ser considerada literalmente (somente uma esposa e uma concubina de Saul são mencionadas; 3.7 e 1Sm 14.50), ou se, simplesmente, refere-se à plena extensão do reino de Saul herdado por Davi. Quanto à questão de os reis ficarem com os haréns de seus antecessores, ver 3.7 e notas.

* 12.9 o que era mal perante ele? Essa mesma expressão

aparece em 11.25,27.

A Urias, o heteu, feriste. Visto que Davi causou a morte de Urias em batalha, ele era tão culpado como se o tivesse assassinado com suas próprias mãos.

* 12.10 não se apartará a espada jamais da tua casa. Assim como Urias foi morto de forma violenta, assim também a casa de Davi seria perseguida pela violência. Absalão matou Amnom (13.28,29); Joabe matou Absalão (18.14,15) e Salomão ordenou as mortes de Adonias (1Rs 2.24,25) e Joabe (1 Rs 2.29-34).

* 12.11 suscitarei o mal. Essa profecia se cumpriu pela rebelião de Absalão (caps. 15—18).

Se deitará com elas, em plena luz deste sol. Essa predição teve cumprimento em 16.21,22.

* 12.13 Pequei contra o SENHOR. Quando foi acusado pelo profeta de Deus, Davi reagiu com uma confissão imediata e fora dos padrões de uma confissão; contrastar com as confissões de Saul, em 1Sm 15.24,25,30 (notas). O Sl 51, de acordo com o seu subtítulo é uma quadro mais completo do arrependimento de Davi.

não morrerás. Ver notas em 11.5 e 12.5.

* 12.14 Os inimigos do SENHOR. Com base em uma antiga tradução

deste versículo, alguns eruditos crêem que a palavra "inimigos" deveria ser omitida. A acusação de Natã, nesse caso, seria que Davi tinha desprezado diretamente ao Senhor.

* 12.17 e não comeu com eles. Ver nota em 1Sm 1.7.

* 12.20 adorou. Tal como Eli, mas diferente de Saul, Davi aceitou

humildemente a disciplina do Senhor (15.26; 16.11; 1Sm 3.18 e notas).

*
12.23 Eu irei a ela. Ou seja, ao lugar dos mortos

37.35).

* 12.24 Então Davi veio a Bate-Seba. Aqui, de acordo com algumas traduções pela primeira vez, Bate-Seba é chamada esposa de Davi (11.3, nota).

Salomão. Esse nome próprio usualmente é considerado como derivado da palavra hebraica que significa "paz" (cf. 1Cr 22.9). Outra possibilidade é que esse nome signifique "substituição", pois o nascimento de Salomão teria compensado pela perda do primeiro filho.

* 12.25 Jedidias. Ver referência lateral. Esse nome confirma que "o SENHOR o amou" (v. 24) e que o Senhor decretou o bem para o futuro da casa de Davi. A despeito do pecado de Davi e de seus descendentes, o favor do Senhor não será jamais retirado (7.14, nota).

* 12.26-31 Neste ponto, a narrativa volta a ocupar-se com a campanha contra os filhos de Amom (11.1 e nota). Dessa vez, não foi

Davi que enviou Joabe, mas Joabe foi quem mandou chamar Davi (v. 27).

* 12.28 aclame sobre ela o meu nome. A preocupação de Joabe pode ter sido despertada por seu interesse pela reputação de Davi, sendo apropriado que o rei recebesse as glórias da vitória.

* 12.30 a coroa... do seu rei. Uma coroa que pesava nada menos que 34kg seria pesada demais para ser usada, exceto nas cerimônias breves. Essa coroa seria de uma estátua de Milcom ou Moloque. As mesmas letras consoantes da palavra hebraica traduzida por "seu rei" poderia também ser lida como "de Milcom" (isto é, Moloque, a principal divindade dos amonitas: ver 1Rs 11.5,33).

* 12.31 Fê-lo passar a serras, e a picaretas e a machados... e em fornos de tijolos. A subjugação de inimigos derrotados era uma prática

comum de Davi (8.2), bem como na cultura do antigo Oriente Próximo, de modo geral (Êx 1.11; Js 9.22-27; 1 Rs 9.20,21).

* 13.1-39 Os filhos de Davi seguiram o exemplo de seu pai no

adultério (Amnom, vs. 1-22) e no assassinato (Absalão, vs. 23-39).

*** 13.6 prepare dois bolos à minha presença. Tanto a palavra**

hebraica para "bolos" como o verbo "preparar", são termos da palavra hebraica que significa "coração", e podem ter uma conotação amorosa. Uma palavra mais comum para alimento foi usada por Jonadabe, no v. 5, e por Davi, no v. 7. Infelizmente, parece que Davi não compreendeu a intenção que havia na proposta de Amnom.

à minha presença. Essa ênfase (que também figura nos vs. 5 e 8) sugere um aspecto de concupiscência no pedido de Amnom.

* 13.12-14 O desesperado apelo de Tamar a Amnom aponta, em

primeiro lugar, para os padrões morais distintivos de Israel ("não se faz assim em Israel", v. 12), e, depois, para as reivindicações da decência humana ("a minha vergonha") e, ainda, para o interesse pessoal de Amnom ("tu serias como um dos loucos de Israel"), e, finalmente, para o casamento como um meio melhor de cumprir o desejo de Amnom (v. 13). Mas ele não deu ouvidos à sua meia-irmã (v. 14).

* 13.12 não me forces. O verbo hebraico aqui traduzido por "forçar"

também é usado em outros para descrever atos de estupro (Gn 34.2; Dt 22.24,29) e de violência sexual (Jz 19.24; 20.5).

* 13.13 não me negará a ti. É duvidoso que Davi tivesse permitido tal

casamento (ver Lv 18.9,11; 20.17; Dt 27.22), ou se Tamar estava simplesmente tentando utilizar todo argumento possível.

* 13.15 Maior era a aversão... que o amor. Com grande discernimento

psicológico, o autor sagrado observou que nem bem Amnom violara Tamar e já sentia súbita aversão pela vítima de seu crime.

*** 13.16 maior é esta injúria, lançando-me fora. Ver Êx 22.16; Dt**

22.28,29.

* 13.17 Deita fora esta. Uma maneira rude e abrupta de referir-se a

Tamar. Compare essas palavras com a despedida grosseira de Amnon (v. 15).

* 13.18 túnica talar de mangas compridas. Uma peça de vestuário

semelhante foi dada a José por seu pai, Jacó (Gn 37.3).

* 13.20 Esteve Amnom, teu irmão, contigo? A capacidade que Absalão

teve para discernir o mal sofrido por Tamar sugere que a paixão de Amnom por sua meia-irmã não era nenhum grande segredo.

cala-te... Não se angustie o teu coração. Embora tivesse buscado acalmar sua irmã, Absalão em breve planejaria vingar-se de Amnom (vs. 22,32).

* 13.21 Davi... muito se lhe acendeu a ira. Que Davi tenha ficado furioso

diante da violação de Tamar, por parte de Amnom é compreensível; mas o fato de que ele não tomou qualquer medida disciplinadora não o é (1Sm 3.13 e nota). A tradução da Septuaginta e os Papiros do Mar Morto adicionam aqui: "e não quis ferir a Amnom, porque era seu filho mais velho e o amava". Essas palavras adicionadas sendo originais ou não, ressaltam uma fraqueza na maneira de Davi tratar com seus filhos (14.24,33; 1Rs 1.6 e notas). Era dever de Davi, como pai e como rei, "administrar juízo e justiça a todo o seu povo" (8.15 e nota). Sua falha em fazer isso contribuiu para a maior crise política de sua vida, a rebelião de Absalão. Uma das queixas de Absalão era que Davi não fazia justiça no país (15.4-6).

* 13.23 Baal-Hazor. Não a cidade conhecida de Hazor, na Galiléia, pois

Baal-Hazor ficava a cerca de 8km de Betel. Pode ter sido escolhida por

Absalão para facilitar sua fuga iminente em Gesur, do outro lado do

rio Jordão (v. 37).

convidou Absalão a todos os filhos do rei. O convite foi para que eles participassem dos festejos que acompanhariam a tosquia das ovelhas (cf. 1Sm 25.4-8).

* 13.26 deixa ir conosco Amnom, meu irmão. Amnom e mais

velho de Davi e príncipe herdeiro, mas mesmo assim, o fato dele ter sido citado nominalmente por Absalão despertou suspeitas da parte de Davi. Este perguntou: "Para que iria ele contigo?”

* 13.27 Insistindo Absalão com ele. Davi enviou não somente Amnom,

mas também o resto de seus filhos, talvez para impedirem Absalão de vingar-se de Amnom.

* 13.28 o matareis. Com um golpe de mestre, Absalão vingaria sua irmã,

Tamar, e também se aproximaria mais do trono (3.3; 15.1-6). Ele também se tornaria um assassino, repetindo o pecado de seu pai, assim como Amnom havia repetido o pecado de imoralidade sexual de Davi.

* 13.29 seu mulo. Ver nota em 18.9.

* 13.32 só morreu Amnom. Jonadabe parece que sabia algo sobre os

planos de Absalão.

* 13.37 Talmai. O avô de Absalão por parte de sua mãe (3.3).

Gesur. Ver nota no v. 23.

*** 13.39—14.1 O coração do rei começava a inclinar-se para Absalão.**

É difícil determinar quais emoções ou reações são especificadas por essas expressões. Ver referência lateral.

* 14.2 Tecoa. Mais tarde conhecida como o lugar de nascimento

de Amós. Tecoa era uma aldeia a 16km ao sul de Jerusalém.

* 14.7 toda a parentela se levantou contra a tua serva. A

história inventada pela mulher sábia levantou não somente a questão da vingança do sangue (v. 11; 3.27; Nm 35.16-25; Dt 19.11-13; Js 20.3), mas também a continuidade da linha de sua família em sua própria propriedade, pois seus inimigos propunham-se a executar o filho sobrevivente. Conforme ela salientou, isso a deixaria sem nome nem descendente, algo que a lei dos israelitas procurava evitar (Dt 25.5-10). A mulher, habilmente, introduziu em sua história fictícia o mesmo dilema que Davi estava enfrentando. Seu dever em vingar o sangue de Amnom conflitava com a sua ansiedade de que Absalão, agora, presumivelmente, seu herdeiro, pudesse ser morto. Cf. a parábola de Natã em 12.1-4.

* 14.9 A culpa... caia sobre mim. A mulher estava ou

expressando sua disposição para suportar qualquer culpa que surgisse, ou estava pedindo, mediante uma linguagem polida, da corte, permissão para falar mais um pouco (1Sm 25.24).

* 14.11 lembra-te, ó rei, do SENHOR teu Deus. A mulher requereu e arrancou um juramento da parte de Davi, no nome do SENHOR, que "os vingadores do sangue" não "se multipliquem a matar". Tal como se dera no caso da parábola de Natã (12.1-6), foi arrancado da própria boca de Davi um julgamento, que, em seguida, seria usado

para julgá-lo (v. 13).

* 14.14 Deus não tira a vida, mas cogita. A mulher parece indicar que Deus não deseja tirar vidas, mas estava pronto para determinar que o castigo cessasse. Algumas traduções dizem aqui: "Deus não tira a vida de quem providencia para que uma punição termine".

* 14.15,16 Embora a mulher tivesse alcançado o seu objetivo, ao pleitear em favor de Absalão, ela agora volta à questão de seu próprio filho,

talvez na esperança que Davi continuasse a crer na história dela e não descobrisse que ela e Joabe tinham conspirado juntos (vs. 1-3).

* 14.17 anjo de Deus. A mulher lisonjeou a Davi ao elogiar o seu juízo.

Ver também o v. 20; 19.27; 1Sm 29.9.

* 14.23 Gesur. Ver 13.37, nota.

* 14.24 não veja a minha face. Davi permitiu que Absalão retornasse a

Jerusalém, mas a alienação entre ele e Absalão continuaria.

* 14.25,26 Tal como se deu no caso de Saul, antes dele, Absalão foi

descrito em termos exclusivamente físicos (1Sm 9.1,2 e notas). A descrição de como seus cabelos eram cortados e pesados não somente dá a entender a vaidade de Absalão, mas também prefigura a maneira como ele haveria de morrer (18.9-15).

* 14.27 três filhos. Ver nota em 18.18.

uma filha cujo nome era Tamar. O fato de que somente o nome da filha de Absalão ficou registrado, às vezes é entendido como se

implicasse em que os filhos de Absalão tivessem morrido cedo. Mas a significação dessa nota pode ser outra. O nome da filha de Absalão era o mesmo que o nome de sua irmã, cuja violação fizera Absalão entrar em conflito com Davi.

* 14.32 me mate. Absalão tinha a esperança de conquistar seu pai, pois

sem se importar com o que acontecesse, ele não esperava ser executado. Até aquele ponto dos acontecimentos, Davi não tomara qualquer providência direta contra ele, e Absalão tinha alguma justificação por ter morto a Amnom. Na verdade, o pedido dele era que, ou fosse completamente punido, ou completamente perdoado, sem ser deixado entre esses dois extremos.

* 14.33 O rei beijou a Absalão. A narrativa termina abruptamente.

Embora o ato de Davi algumas vezes seja referido como o "beijo da

reconciliação", é duvidoso que tenha acontecido uma reconciliação genuína. Ironicamente, beijando aqueles que o procuravam para fazer-lhe algum pedido, Absalão em breve roubaria os corações do povo e lançaria uma rebelião contra o seu pai (15.5,6).

*** 15.1 um carro e cavalos, e cinqüenta homens. Ver notas em**

8.4; 1Sm 8.11.

* 15.4 para que eu lhe fizesse justiça. Ver a nota em 13.21.

* 15.7 Ao cabo de quatro anos. Quatro anos a partir do encontro

referido no v. 33 seriam seis anos após a volta de Absalão para Jerusalém (14.28).

Hebrom. Ver nota sobre 2.1. Hebrom foi onde Absalão nasceu (3.2,3), mas também o lugar onde Davi foi ungido rei sobre Judá (2.4) e

subseqüentemente também sobre Israel (5.3).

* 15.8 Gesur. Ver nota em 13.23.

* 15.9 Vai-te em paz. Embora empregasse uma expressão padronizada (p.ex., 1Sm 1.17; 20.42; 29.7), a despedida de Davi a Absalão adiciona um toque de ironia à história, visto que Absalão planejava declarar guerra ao seu pai.

* 15.10 Absalão é rei em Hebrom. Ver nota no v. 7.

* 15.12 Aitofel. Ver nota em 11.3 ("Eliã").

* Giló. Uma cidade da região montanhosa de Judá (Js 15.48,51), provavelmente não muito longe de Hebrom.

* 15.17 na última casa. Talvez denote um marco bem conhecido, na saída da cidade.

* 15.18 a guarda real. Ver nota em 1Sm 30.14.

* geteus. Isto é, os de Gate. Talvez Davi tenha conquistado a lealdade daquelas tropas durante o tempo em que esteve na região filistéia governada por Aquis, de Gate (1Sm 27).

seiscentos. Esse número, que ocorre com freqüência em contextos militares (p.ex., Jz 3.31; 18.11; 20.47; 1Sm 13.15), pode designar uma unidade militar padronizada.

* 15.19 Itai, o geteu. Esse estrangeiro tornou-se um dos comandantes

militares de confiança de Davi, juntamente com Joabe e Abisai (vs. 21,22; 18.2,5,12).

* 15.20 ontem. Provavelmente, devemos entender essas palavras em sentido figurado, e não literalmente.

* 15.21 lá estará também o teu servo. Itai e seus homens eram, por certo, mercenários, mas a lealdade de Itai era sincera.

* 15.23 o ribeiro Cedrom. Um vale que corria do norte para o sul ao longo do lado oriental de Jerusalém, e que separava Jerusalém do monte das Oliveiras.

* 15.24 Abiatar... Zadoque. Ver nota em 8.17.

a arca da Aliança de Deus. Ver notas em 1 Sm 3.3; 4.3.

* 15.25 Torna a levar a arca de Deus. Davi, como é claro, resistia a qualquer noção de um poder mágico da arca (contrastar com os anciãos de Israel, em 1Sm 4.3). Antes, ele se lançava sobre a misericórdia do Senhor.

* 15.26 faça de mim como melhor lhe parecer. Com humildade, Davi

aceitou a vontade do Senhor (10.12, nota: 1Sm 3.18); no entanto, isso não o impediu de tomar providências para assegurar a sua sobrevivência (vs. 28,3236).

* 15.27 voltai em paz para a cidade. Zadoque, Abiatar e seus filhos revelariam ser úteis à causa de Davi, em 17.15-21.

* 15.28 nos vaus do deserto. Provavelmente a região ao longo das praias ocidentais do Mar Morto; ver 17.16.

* 15.30 encosta das Oliveiras. Ver nota no v. 23.

tinha a cabeça coberta e caminhava descalço. Esses são sinais de

tristeza e lamentação (Et 6.12; Is 20.2-4; Jr 14.3,4; Mq 1.8).

* 15.32 Husai. Nem bem Davi tinha orado para que o conselho de Aitofel fosse confundido, e eis que ele recebe de presente, na pessoa de Husai, os meios para realizar o seu objetivo.

o arquita. Os arquitas eram descendentes dos cananeus (Gn 10.15-17), e o território deles ficava a oeste de Betel (Js 16.2).

* 15.37 Husai... amigo de Davi. Provavelmente um conselheiro oficial. Ver 1Cr 27.33.

* 16.1 Mefibosete. Ver nota em 4.4.

*** 16.4 Teu é tudo que pertence a Mefibosete. Enquanto Davi**

*

16.5

Baurim. Ver nota em 3.16.

pareceu acreditar na história de Ziba sobre a traição de Mefibosete, ele mudará seu parecer depois de ouvir o lado da história da parte de Mefibosete (19.2430).

Simei. Sendo parente de Saul, Simei pode ter considerado Davi como responsável pelas mortes de Abner e Isbosete (vs. 7 e 8; e quanto à inocência de Davi, ver 3.21,26,28; 4.9,12 e notas). Ele também pode ter-se resentido da permissão de Davi quanto à execução de sete descentes de Saul, pelos gibeonitas (21.1, nota). E, além disso, como residente em Baurim, Simei pode ter ficado triste com o tratamento que Davi dera a Mical, filha de Saul, pois foi em Baurim que seu segundo marido recebeu ordens para deixá-la, quando ela estava sendo levada de volta para Davi (3.16).

* 16.8 o SENHOR te deu agora a paga. Simei estava certo em

pensar que a retribuição divina fazia parte das aflições de Davi, mas essa retribuição não ocorreu devido a qualquer injustiça em relação à casa de Saul. Elas eram devidas ao pecado de Davi contra Urias e Bate-Seba (12.11).

* 16.9 Abisai, filho de Zeruia. Ver nota em 2.18.

cão morto. Ver nota em 1Sm 24.14.

* 16.11 Deixai-o; que amaldiçoe. Davi se recusou a silenciar a Simei, e

isso por diversas razões. O Senhor teria impulsionado Simei a amaldiçoar a Davi (v. 10); se o próprio filho de Davi queria matá-lo, quanto mais um parente de Saul; se a maldição fosse injusta, o Senhor recompensaria a Davi com o bem (v. 12). A pronta submissão de Davi ao julgamento divino demonstra ser coerente com o seu caráter (12.20-23; 15.26), e nos faz lembrar de Eli (1Sm 3.18, nota).

* 16.15 Aitofel. Ver nota em 11.3 ("Eliã").

* 16.16 Husai, o arquita. Ver nota em 15.32.

* 16.17-19 A suspeita de Absalão acerca do "amigo" de Davi (v. 16; 15.37) arrancou dele uma resposta rápida de que ele se mostraria leal àquele a

quem o Senhor e todo o Israel tinham escolhido. Outrossim, é natural que quem tivesse servido ao pai também servisse ao filho.

* 16.21 Coabita com as concubinas de teu pai. Para remover qualquer idéia, entre os seguidores de Absalão, sobre uma reconciliação com Davi, Aitofel aconselhou a Absalão para que se deitasse com as concubinas de Davi, que tinham sido deixadas para trás (15.16). Isso deixaria clara a reivindicação de Absalão pelo trono

(3.7, nota; 12.8, nota; 1Rs 2.22). Qualquer que tenha sido a motivação, tal comportamento era abominável para Deus (Lv 18).

* 16.22 ele coabitou. O ato cumpriu o julgamento anunciado por Natã, em 12.11,12.

* 17.5 Husai, o arquita. Ver nota em 15.32.

* 17.6 Desta maneira. Absalão explicou o conselho de Aitofel a

Husai.

* 17.7-13. Depois de ter declarado que o conselho de Aitofel não era bom "desta vez” (v. 7), Husai oferece um plano alternativo, enfatizando não uma ação rápida, mas, sim, baseada na força esmagadora (vs. 11-13). O plano sugerido por Husai ganhava tempo para Davi escapar para o outro lado do rio Jordão (vs. 16,22).

* 17.11 desde Dã até Berseba. Ver Jz 20.1; 1Sm 3.20.

* 17.12 cairemos sobre ele, como o orvalho cai sore a terra. A

comparação usada por Husai lembra o sentido de um poder todo-abrangente de um ataque em massa, avassalador, e também sugere, por seu uso de uma figura de linguagem serena, diminuir o sentido de urgência, sugerindo que a vitória seria obtida sem muito esforço.

* 17.14 Pois ordenara o SENHOR. Embora o Senhor não fizesse

intervenção direta, ele, de maneira alguma, demonstra-se inativo.

dissipado o bom conselho. Essa foi uma resposta à oração de Davi em 15.31.

* 17.15 Zadoque e a Abiatar. Em 15.27-29, Davi os enviara, juntamente

com os filhos deles, Aimaás e Jônatas, a Jerusalém, a fim de colherem e transmitirem informações a ele (15.35,36). Quanto a informações gerais sobre Zadoque e Abiatar, ver nota em 8.17.

* 17.16 vaus do deserto. Ver nota em 15.28.

* 17.17 Jônatas e Aimaás. Ver nota no v. 15.

En-Rogel. Uma fonte fora das muralhas de Jerusalém, provavelmente no sul.

uma criada. Tirar água de uma fonte era uma tarefa normal para uma jovem criada, e essas visitas à fonte não seriam notadas.

*** 17.18 entraram em casa de um homem, em Baurim. Devido à**

passagem recente de Davi por Baurim, o local onde Simei o amaldiçoara (16.514), ele saberia quem o apoiava. Sobre Baurim, ver nota em 3.16.

* 17.23 sua cidade. Ver 15.12 e nota.

se enforcou. O suicídio de Aitofel presumivelmente foi impulsionado não só por ter seu recente conselho sido desconsiderado, mas também porque ele compreendeu que as chances de êxito de Absalão tinham se tornado bastante remotas. E também porque não havia possibilidade de reconciliação entre Davi e Aitofel (16.21 e nota).

* 17.24 Maanaim. Ver nota em 2.8.

* 17.25 Amasa. De acordo com 1Cr 2.13-17, Amasa era sobrinho de

Davi. Isso tornaria Amasa primo tanto de Absalão quanto de Joabe (2.18 nota).

Absalão nomeou Amasa para substituir a Joabe como comandante do exército, e Davi, posteriormente faria a mesma coisa (19.13). Entretanto, a duração do cargo de Amasa seria breve, pois Joabe nunca fechou sem olhar para a concorrência (20.9,10).

Abigail. A mãe de Amasa era ou irmã de Davi (1Cr 2.15-17) ou talvez sua meia-irmã, visto ser ela aqui descrita como "filhas de Naás, e irmã de Zeruia".

Naás. Presumivelmente, essa é uma Naás diferente da amonita "Naás, de Rabá", mencionada no v. 27.

* 17.27 Sobi, filho de Naás. Tal como Hanum, Sobi era membro da família real dos filhos de Amom (10.1,2), mas, diferentemente de Hanum, ele respeitava Davi, e pode ter sido o escolhido de Davi para governar a cidade de Rabá, depois que a mesma foi capturada (12.26-31).

Rabá, dos filhos de Amom. Ver nota em 11.1.

Maquir. Ver nota em 9.4.

Barzilai. Para saber mais acerca desse benfeitor de Davi e quanto à tentativa para recompensá-lo, ver 19.31-39; 1Rs 2.7.

* 18.1 mil... cem. Eram unidades militares (Êx 18.21; Nm 31.14;

Dt 1.15; 1Sm 8.12; 22.7; 29.2).

* 18.2 um terço. Era uma prática convencional dividir as tropas

em três grupos (1Sm 11.11).

Abisai. Ver nota em 2.18.

* 18.3 Não sairás. Como reação ao enfático pronunciamento de

Davi, no versículo anterior, as tropas mostraram-se inflexíveis no sentido de que Davi não as acompanhasse. Talvez os soldados temessem que os

sentimentos de Davi para com Absalão (v. 5; 18.33—19.7), ou simplesmente sua idade avançada (21.15-17), pudesse mostrar ser uma desvantagem na campanha. Eles reconheceram, além disso, que a morte de Davi significaria uma derrota indiscutível, conforme Aitofel tinha salientado diante de Absalão, anteriormente (17.2,3).

* 18.4 ao lado da porta. Ou seja, em Maanaim (17.24,27). Ver

nota em 19.8.

* 18.6 no bosque de Efraim. Embora o território de Efraim

ficasse a oeste do rio Jordão, o presente contexto dá a entender que o "bosque de Efraim" ficava a leste daquele rio. Efraim pode ter conquistado algum território à leste do rio.

* 18.8 o bosque... consumiu. O inimigo perder-se-ia em meio a

um terreno áspero e desconhecido. Alguns tomariam a oportunidade para desertar, enquanto que outros se tornariam presa fácil para soldados mais experientes.

* 18.9 montado no seu mulo. As mulas eram a montaria favorita

dos membros da casa real (13.29; 1 Rs 1.33).

preso nele pela cabeça. O texto não diz que a famosa cabeleira de Absalão tenha se enroscado nos ramos do carvalho, mas isso parece provável (14.25,26 e nota).

* 18.11 E forçoso me seria dar-te. Joabe não mostrou escrúpulos em

violar a ordem expressa de Davi acerca de Absalão (v. 5).

* 18.12,13 O homem, como é óbvio, não demonstrou a mesma atitude

que Joabe demonstrava acerca das ordens expressas de Davi. Outrossim, ele concluiu astutamente que, se matasse a Absalão, Joabe negaria ter tido qualquer parte na execução e o deixaria ficar com a culpa sozinho.

* 18.16 tocou Joabe a trombeta. Ver nota em 1Sm 13.3.

* 18.17 sobre ele mui grande montão de pedras. Tal sepultamento com freqüência era reservado para os criminosos ou os inimigos (Js 7.26; 8.29).

* 18.18 para si uma coluna. Conforme o ato de Saul, em 1Sm 15.12. Ainda vivo, Absalão tinha contemplado para si mesmo uma carreira monárquica e tinha erigido uma coluna de lembrança em sua própria honra; mas na morte ele foi rotulado como um traidor, e foi sepultado sob um monte de pedras.

vale do Rei. Provavelmente perto de Jerusalém (Gn 14.17).

Filho nenhum tenho. Os três filhos de Absalão, mencionados em 14.27 sem, contudo, serem citados seus nomes, presumivelmente ainda não teriam nascido ou já tinham falecido quando Absalão erigiu o monumento em honra a seu nome.

* 18.19 Aimaás. Aimaás tinha servido anteriormente como mensageiro para Davi (15.36; 17.15-21) e desejava servi-lo novamente.

* 18.20 Tu não serás, hoje, o portador de novas. Podemos inferir, com base no v. 27, que havia uma correlação entre o mensageiro escolhido e o conteúdo da mensagem. A decisão de Joabe de não enviar Aimaás pode ter sido ditada pelo desejo de não querer parecer estar muito alegre diante da morte de Absalão.

* 18.21 etíope. A Etiópia, também chamada de Cuxe, é uma área ao sul do Egito.

* 18.25 só, traz boas notícias. Se ele estivesse fugindo do campo de batalha provavelmente não viria sozinho, e nem estaria se aproximando de forma tão enérgica e aberta (cf. 19.3, que fala do povo "quando foge envergonhado da batalha", e assim penetra sorrateiramente na cidade).

*** 18.27 homem... de bem... boas-novas. Ver nota no v. 20.**

*** 18.29 Vi um grande alvoroço... porém, não sei o que era.**

ocultou o conhecimento que tinha da morte de Absalão (v. 20).

* 18.32 como aquele. O etíope ofereceu como resposta uma expressão

convencional (1Sm 25.26), que Davi compreendeu prontamente (v. 33).

* 18.33 Meu filho Absalão. A horrenda repetição da explosão emocional

de Davi transmite-nos a sua angústia diante da perda de seu filho (19.4). A despeito de todo o mal causado por Absalão, a tremenda tristeza de Davi cegou-o para tudo o mais (19.5, nota).

*** 19.5 envergonhaste a face de todos os teus servos. O que**

poderia, sob circunstâncias diferentes, ser uma exibição compreensível de tristeza é algo totalmente inaceitável aqui. Joabe diz, de maneira decisiva, diante de Davi, qual o efeito desmoralizante que o seu comportamento estava tendo sobre aqueles que tinham salvado a sua vida. Se as ações de usurpadores posteriores nos servem de guia, o sucesso de Absalão poderia ter custado as vidas de Davi e de toda a sua casa (1Rs 15.29; 16.11,12; 2Rs 10.6,7,17).

*** 19.7 Nem um só homem ficará contigo. Joabe praticamente**

ameaçou dirigir, ele mesmo, uma rebelião contra Davi, se este não corrigisse o seu comportamento, mostrando às suas tropas a honra apropriada.

* 19.8 o rei... se assentou à porta. Atendendo aos apelos de

Joabe, Davi tomou lugar na porta de Maanaim (18.4, nota), o mesmo

lugar onde tinha dado ordens sobre o tratamento que deveria ser dado a Absalão (18.5). As duas cenas da porta nos dão uma moldura da narrativa sobre a morte de Absalão.

* 19.13 Amasa. Ver nota em 17.25.

comandante do meu exército, em lugar de Joabe. A promoção de Amasa sobre Joabe, por parte de Davi, pareceu ser uma jogada de astúcia política, visto que Amasa se havia aliado a Absalão, e estava merecendo a morte de um traidor. Mas a providência real revelou ser um erro (20.8-10).

* 19.15 Gilgal. Ver 1Sm 13.4, nota.

* 19.16 Simei, filho de Gera. Ver 16.5-14 e notas.

Baurim. Ver nota em 3.16.

* 19.20 casa de José. Estritamente falando, a "casa de José" incluiria

apenas os descendentes dos dois filhos de José, Efraim e Manassés (Gn 48.5,20; Js 17.17). Entretanto, essa expressão é freqüentemente usada para descrever todas as tribos do norte (Js 18.5; 1Rs 11.28; Am 5.6; Zc 10.6). No presente contexto, até mesmo a tribo de Benjamim, tribo de Simei, foi incluída.

*** 19.21 amaldiçoado ao ungido do SENHOR? Essa foi uma ofensa**

grave. Ver nota em 1Sm 2.10.

* 19.22 Morreria alguém, hoje, em Israel? Quanto a um sentimento

semelhante, sob circunstâncias parecidas, ver 1Sm 11.13.

* 19.23 Não morrerás. Embora Davi guardasse seu juramento, ele não

se esqueceria da ofensa praticada por Simei, e, em seu leito de morte, levaria o fato à Salomão (1 Rs 2.8,9).

* 19.24 Mefibosete. Ver nota em 4.4.

não tinha tratado dos pés. A negligência de Mefibosete quanto à higiene pessoal significava sua aflição sobre a sorte de Davi se este voltaria ou não, e poderia ser uma evidência de sua lealdade.

* 19.27 anjo de Deus. Ver nota em 14.17.

* 19.29 repartas... as terras. Ou Davi estava indisposto a chamar Ziba a

prestar contas de sua traição, ou estava inseguro quanto à verdade da história narrada por Mefibosete, pelo que ele optou por uma solução neutra.

* 19.37 Quimã. À luz das circunstâncias e das palavras de Davi, em 1Rs

2.7, é razoável supormos que Quimã fosse filho de Barzilai. O nome locativo "Gerute-Quimã, que está perto de Belém" (Jr 41.17) pode sugerir que uma concessão de terras fez parte da recompensa de Quimã.

* 19.43 Dez tantos temos no rei. Embora houvesse dez tribos do norte,

havia apenas duas tribos do sul: Judá e Simeão. Os do norte, porém, sentiam-se desprezados.

fizestes pouco caso de nós? A hostilidade entre o norte e o sul de Israel, que tanto se evidenciava, seria o pavio da revolta de Seba

(cap. 20), e, posteriormente, produziria a divisão do reino (1Rs 12). Ver nota em 1Sm 11.8.

* 20.1 um homem de Belial. Ver referência lateral e nota em 1Sm

2.12.

Seba, filho de Bicri, homem de Benjamim. Da mesma tribo que Saul, Seba pode até ter sido seu parente.

Não fazemos parte de Davi. Ver nota em 19.43. Embora o comportamento agressivo dos homens de Judá certamente foi um fator na questão, uma certa lealdade a Saul também deve ter desempenhado um papel na retirada de apoio em massa de Davi, por parte das tribos do norte.

cada um para as suas tendas. Essa expressão arcaica não deveria ser entendida, nesse estágio da história, que os israelitas ainda habitavam em tendas. Ver Jz 19.9, onde a mesma palavra hebraica, aqui traduzida por "tendas", aparece traduzida por "casa".

* 20.3. as suas dez concubinas. Ver 15.16; notas em 16.21,22.

* 20.4 Amasa. Ver notas em 17.25 e 19.13.

três dias. Esse era um prazo limitado, embora não impossível, para a realização da tarefa estabelecida por Davi.

* 20.5 demorou-se além do tempo. A razão da demora de

Amasa não é declarada. Talvez ele não apoiasse inteiramente a causa de Davi, ou, alternativamente, fosse incapaz de obter a lealdade imediata entre os membros da tribo de Judá, cuja lealdade talvez continuasse com Joabe (v. 11 e nota).

* 20.6 disse Davi a Abisai. Embora Amasa estivesse

demonstrando ser insatisfatório no cargo que ocupava, Davi continuava indisposto a reintegrar a Joabe (19.13), e, dessa forma, encarregou Abisai em lugar de Joabe. Mas pelo fim do episódio, Joabe retomará sua ocupação anterior, indiferente aos desejos de Davi (vs. 13 e 23).

os servos de teu senhor. Esses são chamados de "homens de Joabe", no v.7.

* 20.7 a guarda real. Ver nota em 1Sm 30.14.

valentes. Presumivelmente são os mesmos indivíduos que foram citadas em 23.8-39.

* 20.8 à pedra grande. Provavelmente tratava-se de um marco

territorial bem conhecido, da mesma ordem que aqueles outros mencionados nos livros de Samuel (2Sm 15.17; 1Sm 19.22; 20.19). A pedra grande pode ter sido um altar (cf. 1Sm 14.33,34), e alguns estudiosos têm sugerido um elo com o "alto maior" de Gibeom (1Rs 3.4).

Gibeom. Ver nota em 2.12.

fez cair a espada. Não é dito se a espada caiu no chão, ou para dentro das dobras da túnica de Joabe (talvez cingida para a marcha). Ver nota no v. 10.

* 20.9 lhe pegou a barba. Esse era um gesto normal para

administrar o beijo de saudação, e, mui provavelmente, não despertaria qualquer suspeita.

* 20.10 a espada que estava na mão de Joabe. Não fica claro se essa

foi a mesma espada que tinha caído, e que foi retirada ou do chão ou das dobras da túnica de Joabe (v. 8, nota), ou uma segunda arma que Joabe carregava oculta (neste caso a espada caída foi apenas para distrair). Seja como for, Joabe foi capaz de apanhar Amasa inteiramente desprevenido, e matá-lo, tal como tinha feito com Abner (3.27).

* 20.11 Quem está do lado de Joabe... Davi. Duas coisas podem ser

inferidas dessa convocação. Joabe continuava a desfrutar da lealdade pessoal de, pelo menos, alguns homens que pertenciam às tropas, embora ele tenha sido preterido por Davi (19.13), e que a lealdade de Amasa a Davi não gozava de total confiança. Ver nota no v. 5.

* 20.14 Abel-Bete-Maaca. Essa cidade também foi mencionada em 1Rs

15.20; 2Rs 15.29. Quanto ao reino de Maaca, ver 10.6 e nota. Abel geralmente tem sido identificada como uma localidade a cerca de 19km ao norte do lago Hulé e a 6,5km a oeste de Dã.

beritas. Esse nome não aparece em lugar nenhum, em todo o Antigo Testamento; alguns têm sugerido o termo "bicritas" (cf. "Seba, filho de Bicri", no v. 1).

* 20.19 uma cidade e uma mãe em Israel. A expressão "uma mãe em

Israel" exprime veneração e honra (Jz 5.7). A cidade "pacífica e fiel" merecia ser tratada com respeito, em lugar de ser destruída como uma traidora rebelde.

a herança do SENHOR. Ou seja, Israel — seu território e seu povo, no seu todo e em suas partes (14.16; 21.3; 1Sm 10.1 e nota; 26.19).

* 20.21 região montanhosa de Efraim. Esse nome pode aplicar-se à

área geográfica que se estende até o território de Benjamim, ou então Seba, embora fosse um benjamita (v. 1), estivesse vivendo no território de Efraim.

* 20.23-26 Este resumo dos oficiais de Davi forma um paralelo com a

lista de 8.15-18, com várias diferenças. Falta a fórmula de abertura acerca do "reinado de Davi" (8.15), e não menciona os filhos de Davi (cf. 8.18). Seraías (8.17) é aqui chamado de Seva (v. 25), e dois novos nomes são adicionados à lista: Adorão e Ira (vs. 24, 26). 1Rs 4.1-6 indica que muitos dos oficiais de Davi continuaram em seus cargos, durante pelo menos a primeira parte do governo de Salomão.

*** 20.23 Joabe era comandante de todo o exército de Israel. Ver nota**

no v. 6. Tendo recuperado sua posição anterior, aparentemente sem qualquer protesto da parte da Davi, Joabe a manteve até ser executado por Salomão, por motivo de traição (1Rs 1.7; 2.22,28-35).

Benaia... da guarda real. Ver 1Sm 30.14, nota.

* 20.24 Adorão. Depois de servir não somente Davi, mas também a

Salomão (1Rs 4.6, nota), Adorão foi apedrejado por "todo o Israel", durante os primeiros dias do rei Reoboão (1 Rs 12.18).

trabalhos forçados. A palavra hebraica usada em 1Rs 12.18 descreve trabalho imposto a povos subjugados, como sucedera aos israelitas no Egito (Êx 1.11), ou aos cananeus sobreviventes, depois da conquista pelos israelitas (Js 16.10; Jz 1.28). Ela também descreve o

trabalho executado por recrutas do próprio Israel executando os projetos de construção de Salomão (1Rs 9.15). Nem Adorão e nem os trabalhadores forçados tinham sido incluídos no primeiro sumário do governo de Davi (8.15-18), o que pode sugerir que o trabalho

forçado só foi introduzido mais tarde no reinado de Davi (como talvez em 12.31).

Josafá... era o cronista. Ou talvez um "arauto real" (ver 8.16 e nota).

* 20.25 Seva, o escrivão. Ele era um oficial de alta posição, talvez

equivalente ao moderno "secretário de estado" (ver nota em 8.17).

* 20.26 Ira. Ira não é mencionado em qualquer outro lugar do Antigo

Testamento, a menos que ele seja "Ira, filho de Iques" (23.26), ou "Ira, itrita" (23.38), ambos citados entre os heróis de Davi (23.24-39).

O jairita. Alguns eruditos têm tentado associar "Ira, o jairita" com a cidade levítica de "Jatir" (Js 21.14). Outros pensam em "Jair, filho de Manassés" (Nm 32.41; Dt 3.14) ou em "Jair, o gileadita" (Jz 10.3).

* 21.1 uma fome. Um fenômeno nada incomum na terra de Canaã (Gn 12.10; 26.1; Rt 1.1). Na Bíblia, a fome é, com freqüência, reconhecida como uma manifestação do julgamento divino (p.ex., 24.13; Dt 32.24; 2Rs 8.1; Sl 105.16; Is 14.30; Jr 11.22; Ez 14.21 e Ap 6.8).

em dias de Davi. O arcabouço do tempo é determinado de modo bastante geral. Talvez a fome aqui descrita possa ser datada nos dias em que Mefibosete chegou à corte de Davi (v. 7; cap. 9), e antes da rebelião dirigida por Absalão (16.5, nota), mas isso é, realmente, incerto.

Há culpa de sangue sobre Saul e sobre a sua casa. Saul tinha

tentado aniquilar os gibeonitas (v. 2; 4.3, nota), embora, como é óbvio, ele tenha alcançado sucesso apenas parcial.

*** 21.2 os filhos de Israel lhes tinham jurado. O acordo entre os**

israelitas e os gibeonitas está registrado no cap. 9 do livro de Josué. Embora Israel se tenha mostrado falho em fazer tal tratado, sem de nada indagar ao

Senhor (Js 9.14), eles, ainda assim, sentiam-se obrigados a cumprir promessa feita (Js 9.19).

no seu zelo pelos filhos de Israel e de Judá. A tentativa de Saul de aniquilar os gibeonitas não foi motivada por um zelo religioso, mas por um zelo nacionalista. Talvez ele tenha querido livrar sua tribo de nascimento, Benjamim, de sobreviventes amorreus indesejáveis. Quanto à associação ancestral de Saul com Gibeom, ver 1Cr 9.35-39.

* 21.3 a herança do Senhor. Ver nota em 20.19.

* 21.6 sete. Esse número representa um número completo, e não

o número de gibeonitas mortos por Saul.

Gibeá de Saul, o eleito do SENHOR. Alguns eruditos crêem que o texto deva ser interpretado da seguinte forma: "Gibeom — no monte do SENHOR"; cf. "no monte, perante o SENHOR", no v. 9, bem como "o alto maior", em Gibeom, em 1Rs 3.4.

* 21.7 poupou a Mefibosete. Ver nota em 9.1; cap. 9.

juramento ao SENHOR... entre Davi e Jônatas. Ver notas em 1Sm 18.3; 20.13.

* 21.8 Mefibosete. Um filho de Saul, que não deve ser confundido

com o Mefibosete que era filho de Jônatas (4.4).

Rispa. Ver os vs. 10,11; 3.7.

Merabe... Adriel. Ver referência lateral; 1Sm 18.19. O pai de Adriel, Barzilai, o meolatita, não deve ser confundido com o gileadita desse mesmo nome (17.27; 19.31 e 1 Rs 2.7).

*** 21.9 no princípio da ceifa da cevada. Isto é, em abril.**

* 21.10 não deixou que as aves do céu se aproximassem deles de dia. Era considerado uma desgraça quando os corpos dos mortos eram transformados em carniça para as aves e os animais do campo (Dt 28.26; 1Sm 17.44,46; Sl 79.2; Is 18.6; Jr 7.33; 16.4). Rispa montou guarda sobre os cadáveres, até que os mesmos pudessem ser sepultados (vs. 11-14).

* 21.11-14 Davi foi motivado pela vigília de Rispa para recolher os ossos dos mortos (assim diz a tradução grega da Septuaginta no v. 13), tal como fizera nos casos de Saul e Jônatas, dando-lhes um sepultamento decente, no túmulo de Quis, pai de Saul.

* 21.14 Deus se tornou favorável para com a terra. Uma declaração quase idêntica ocorre em 24.25 depois que a praga, causada pelo recenseamento feito por Davi, foi retirada.

* 21.15-22 Esses versículos descrevem, de modo breve, a derrota de quatro campeões filisteus às mãos de Davi e seus homens. Embora seja difícil localizar esses eventos cronologicamente, com alguma precisão, sua colocação literária produz um prefácio apropriado para o cântico de louvor de Davi (cap. 22).

* 21.16 descendia dos gigantes. "Rafa" (ver referência lateral) é provavelmente melhor entendido com um substantivo coletivo para os refains, habitantes pré-israelitas da terra de Canaã (Gn 14.5; 15.20) notáveis pelo seu tamanho gigantesco (Dt 2.20; 3.11; Js

17.15). O termo "refains” às vezes é aplicado a povos tais como os emins, os zanzumins, e os anaquins (Dt 2.10,11,20,21), sendo todos notáveis pelo seu tamanho e força. De conformidade com Js 11.21,22, os anaquins foram expulsos por Josué da região montanhosa de Israel e Judá, mas permaneceram nas cidades filistéias de Gaza, Gate e Asdode.

trezentos siclos. Quase 3,5kg. A ponta da lança de Golias pesava o dobro disso (1Sm 17.7).

* 21.17 Abisai. Ver nota em 2.18.

lâmpada de Israel. Essa metáfora expressa a crença de que a esperança de Israel e a promessa da bênção residisse em Davi e na sua casa (1Sm 3.3, nota).

* 21.18 gigantes. Ver nota no v.16.

* 21.19 Elanã... feriu a Golias. A passagem paralela de 1Cr 20.5 contém o termo "irmão de”. Tem sido sugerido que "Elanã” seja outro nome para Davi (assim como "Jedidias” para Salomão, 2Sm 12.24,25). Isto nos traria a interpretação de que Elanã (Davi) tivesse matado o Golias, o que tornaria 1Cr 20.5 difícil, ao menos que Elanã (Davi) tenha matado tanto o Golias quanto o Lami. Nem o livro de Samuel nem Crônicas supõe que alguém além de Davi tenha matado Golias, e assim, ainda não parece claro por que o nome Elanã é apresentado em dois versos.

* 21.20 gigantes. Ver nota no v. 16.

* 21.22 caíram pela mão de Davi e... de seus homens. Davi esteve diretamente envolvido na luta com Isbi-Benobe (vs. 16 e 17).

* 22.1 cântico. O cântico de louvor de Davi (que também aparece

no Sl 18, com pequenas variações), juntamente com a oração de Ana, forma uma moldura apropriada para os livros de 1 e 2 Samuel

(1Sm 2.1-10, nota). Esse cântico enfoca a atenção sobre o livramento de Davi por parte do Senhor. Pode ser esboçado da seguinte forma: Louvor introdutório a Deus como "Salvador" (vs. 2-4); a aflição do salmista (vs. 5 e 6); a petição do salmista (v. 7); a resposta do Senhor em demonstração através da natureza (vs. 8-16) e o livramento pessoal do salmista (vs. 17-20; a inocência do salmista (vs. 21-25) e a fidelidade do Senhor (vs. 26-30); o livramento do Senhor (vs. 31-27) e as vitórias resultantes do salmista (vs. 38-46); e louvor concludente a Deus como

Salvador (vs. 47-51). O Salmo 144, igualmente atribuído a Davi, mostra muitas semelhanças quanto ao tema e linguagem.

todos os seus inimigos. Ver 8.1 -14; cf. 5.8; 7.1,9,11; 18.32.

das mãos de Saul. Ver 12.7; 1Sm 18—31 (especialmente 18.9-11; 19.2,1011,15-16).

* 22.2 rocha. Ver também os vs. 32,47; nota em 1 Sm 2.2.

* 22.3 força. Ver notas em 1Sm 2.1,10.

* 22.5 Ondas... torrentes. Ver o v. 17. A figura de torrentes

inundantes ocorre com freqüência na poesia do Antigo Testamento como símbolo de aflição e destruição (Sl 32.6; 69.1,2, 14; 144.7; Is 43.2; Jn 2.5).

* 22.7 Na minha angústia. Estar em um lugar estreito ou

apertado é uma figura de linguagem comum para expressar a angústia. No v. 20 (nota) o alívio é descrito como ser levado para um "lugar espaçoso”.

do seu templo. Provavelmente signifique o santuário celestial de Deus (1Rs 8.27,38,39; Sl 11.4; Is 6.1; Jn 2.7; Ap 11.19; 14.17; 15.5).

* 22.9 Das suas narinas, subiu fumaça. Conforme a linguagem

simbólica usada para descrever o poder espantoso de leviatã, em Jó 41.18-21.

*
22.11 Cavalgava um querubim, e voou. Ver Êx 25.17-22; Nm 7.89; Ez

10.19; 11.22.

* 22.14 Trovejou o SENHOR desde os céus. Ver 1Sm 2.10; 7.10. A voz

do Senhor com freqüência é comparada a um trovão (Jó 37.4,5; 40.9; Sl 29.3; Is 33.3).

o Altíssimo. Ver Gn 14.19 e notas.

* 22.15 Despediu setas. Quanto a uma figura simbólica semelhante, ver

Dt 32.23,42; Jó 6.4; Sl 64.7. Os relâmpagos algumas vezes são descritos como as setas do Senhor (Sl 77.17; cf. Hc 3.11; Zc 9.14).

* 22.17 muitas águas. Ver o v. 5, nota.

* 22.20 lugar espaçoso. Ver o v. 7, nota.

* 22.21-25 Davi não estava reivindicando justiça própria ou

impecabilidade, em qualquer sentido absoluto. Antes, ele asseverava sua inculpabilidade no tocante a seus inimigos e a sua confiança de que o Senhor recompensa aqueles que buscam ser fiéis a ele (v. 26; 1Sm 26.23). Se esse não fosse o caso, então Davi certamente seria classificado entre os "altivos" (v. 28).

* 22.27 inflexível. Lit., "e com o perverso, deixa-o nas veredas

tortuosas”.

na economia da justiça de Deus, estes que partem para a perversidade encontrarão caminhos tortuosos” (Is 59.8).

* 22.28 humilde... altivos. Ver o tema da inversão divina da sorte

humana, na oração de Ana (1Sm 2.1-10 e nota; especialmente o v. 7).

* 22.29 a minha lâmpada. Conforme notas em 21.17; 1Sm 3.3.

* 22.32 rochedo. Ver o v. 2 e nota.

* 22.44 meu povo. Provavelmente temos aqui uma referência aos muitos

perigos que Davi experimentou às mãos de Saul, de Absalão e de outros. O versículo correspondente, em Sl 18.43, diz simplesmente "o povo", como faz a Septuaginta (tradução do Antigo Testamento para o grego), neste versículo.

* 22.51 seu rei... ungido. A menção ao "rei" do Senhor e ao seu "ungido"

nos faz lembrar o versículo final da oração de Ana, em 1Sm 2.10. Após a

promessa de dinastia em 2Sm 7.5-16, Davi pôde falar com confiança na infalível misericórdia de Deus aos seus descendentes, para sempre. O tema da dinastia é a transição para o cap. 23, onde Davi celebra a "aliança eterna” que ele tinha com o Senhor (23.5).

* 23.1 últimas palavras. Ou seja, o seu último poema. Ver 1Rs

2.1-10 quanto às instruções finais de Davi a Salomão.

Palavra. Ou "oráculo" (cf. Nm 24.3,4). Essa palavra, no hebraico, com freqüência, embora não exclusivamente, está associada à profecia (p.ex., 1Sm 2.30; 2Rs 9.26), associação esta que não é imprópria para Davi (v. 2 e nota; At 2.30).

mavioso salmista de Israel. Uma outra possível tradução do original hebraico é: "o amado do Protetor de Israel".

* 23.2-4 O Senhor revelara a Davi o caráter essencial e os benefícios

gloriosos do rei teocrático ideal. Somente em Cristo, o grandioso Filho de Davi, tais qualidades de caráter foram plenamente exibidas e tais benefícios plenamente realizados (7.4-17, nota).

*** 23.2 O Espírito do SENHOR fala por meu intermédio. Outras**

referências a Davi, agindo ou falando sob inspiração divina, incluem 1Cr 28.11,12; Mt 22.43; At 1.16; 4.25. O poder dado pelo Espírito a Davi é contado em 1Sm 16.13.

* 23.3 Rocha. Ver o v. 32; notas em 22.2; 1Sm 2.2.

com justiça. Um governo justo só é possível se viver em correto relacionamento com Deus. Sobre o que significa "temer" a Deus, ver 1Sm 12.14, nota.

*** 23.4 a luz da manhã... cujo esplendor, depois da chuva. Os**

benefícios de um governo justo são a iluminação, a frutificação e o refrigério. Para um desenvolvimento maior de temas semelhantes, ver Sl 72.

*** 23.5 Não está assim com Deus a minha casa? A confiança de**

Davi repousava não em sua retidão pessoal, mas na aliança eterna que o Deus gracioso estabelecera com ele (7.11-16; 2Cr 13.5; 21.7; Sl 89.3,4,28,29; Is 55.3; Ez 37.25,26).

* 23.6 filhos de Belial. Ver nota em 1Sm 2.12. O enfoque aqui

pode estar sobre aqueles que se opunham ao governo de Davi.

* 23.8-39 A apresentação dos "valentes" de Davi, nestes versículos,

forma um paralelo com a descrição mais breve dos heróis de Davi em 21.1522. De acordo com o v. 39, os guerreiros citados deveriam totalizar trinta e sete. Eles são apresentados em dois grupos de três (vs. 8-12 e 13-17), além de Abisai (vs. 18,19), Benaia (vs. 20-23) e os trinta e um heróis alistados nos vs. 24-39. Entretanto, os "três" dos vs. 13-17 aparentemente devem ser contados entre "os trinta" (v. 13; v. 24, nota), e não em separado. Desta maneira, esta lista contém trinta e seis valentes, e com Joabe se completaria o número de trinta e sete. Uma lista similar é encontrada em 1Cr 11.10-47 com mais de quinze nomes adicionais e nenhum total final.

* 23.8 oitocentos. 1Cr 11.11 diz "trezentos", o que, mui

provavelmente, representa um erro de copista.

* 23.10 naquele dia o SENHOR efetuou grande livramento. Essa declaração, repetida no v. 12, serve de lembrete ao fato de que, sem importar as qualidades heróicas dos agentes humanos, é Deus quem, em última análise, concede a vitória (8.6,14; 1Sm 14.15,23; 19.5).

* 23.11 um pedaço de terra cheio de lentilhas. Destruir as safras agrícolas era uma tática comum de guerra (Jz 6.3-6,11).

* 23.13 Vale dos Refains. Ver nota em 5.18.

* 23.14 fortaleza. Ver nota em 1Sm 23.14.

* 23.16 a derramou como libação ao SENHOR. O feito de bravura dos

três homens serviu como testemunho de sua devoção a Davi, ao passo que a

recusa de Davi em beber a água (v. 17) que fora obtida sob o risco de vida dos seus leais seguidores é uma prova do seu amor por eles.

* 23.18 Abisai. Ver nota em 2.18.

* 23.20 Benaia. Ver nota em 8.18.

* 23.23 guarda. A guarda pessoal de Davi presumivelmente compreendia

os queretitas e os peletitas (1Sm 30.14, nota).

* 23.24 Asael. Ver nota em 2.18.

os trinta. "Trinta" podia ser um número arredondado. Não é de surpreender que um número maior dos valentes de Davi pertencessem à tribo de Judá do que a qualquer das outras tribos.

Elanã. Esse não era, necessariamente, o mesmo Elanã que aquele referido em 21.19 (nota).

* 23.29 Gibeá, dos filhos de Benjamim. Davi recebeu apoio até de

gente da cidade de Saul (1Sm 10.26; 11.4).

* 23.30 Benaia. Não o mesmo Benaia referido nos vs. 20-23.

* 23.34 Eliã, filho de Aitofel. Ver nota em 11.3.

* 23.36 Zobá. Ver nota em 8.3.

* 23.37 beerotita. Ver nota em 4.3.

* 23.39 Urias, heteu. Ao concluir a lista dos valentes de Davi com Urias, a vítima do grande pecado de Davi, relatado no capítulo 11, este capítulo se encerra com um pungente lembrete de que Davi era, assim como todos os demais homens, um pecador que precisava do perdão divino (cap. 12). Esse tema prossegue no capítulo seguinte.

ao todo trinta e sete. Ver nota nos vs. 8-39.

* 24.1-25 Este capítulo é uma conclusão apropriada para os livros de

Samuel. Davi aparece conforme ele era, um pecador, mas um pecador sempre pronto a arrepender-se e a lançar-se sobre os cuidados da misericórdia divina (12.13 e nota). Uma outra nota apropriada é a associação entre a eira de Araúna (vs. 18-25) com o monte Moriá, o futuro local do templo (1Cr 22.1; 2Cr 3.1; Gn 22.2).

* 24.1 Tornou. Se a intenção aqui é apontar para uma ocasião

específica, provavelmente deva estar se referindo à fome de 21.1.

incitou a Davi. O pronome "ele” aqui deve ser entendido como sendo o Senhor (cf. 1Sm 26.19). De acordo com 1Cr 21.1, entretanto, foi Satanás quem impulsionou a Davi. A questão aqui enfocada é o mistério da presença e da prática do mal. As Escrituras dizem que Deus não é o autor do mal (Tg 1.1315), mas também nos ensina que os atos ímpios dos homens e de Satanás não ficam fora da soberana determinação de Deus (Êx 4.21; 1Sm 2.25 e nota: 1Rs 22.20-23; Jó 1.12; Ez 14.9; At 4.27,28). Satanás é uma criatura, e, portanto, absolutamente subordinada à soberania de Deus. As atividades e os desejos de Satanás não podem criar um espaço isento do controle de Deus, que fuja dos propósitos divinos.

levanta o censo de Israel e de Judá. Fazer o recenseamento não parece ter sido algo errado em si mesmo (Nm 1.1,2; 4.1,2; 26.1-4),

mas ver Êx 30.11,12. O ato do recenseamento aqui pode ter tido origem numa falta de confiança no

coração de Davi, ou mesmo no desejo de obter controle sobre a providência divina, ao fazer um inventário dos recursos visíveis de Deus. Pelo fato de que o relato (v. 9) enfatiza a força militar, pode sugerir que Davi queria ter mais territórios do que aqueles que o Senhor lhe havia concedido.

* 24.2 de Dã até Berseba. Uma expressão proverbial que

indicava o território de Israel.

* 24.3 mas, por que. A razão da relutância de Joabe não é

declarada. Poderia haver, com igual naturalidade uma razão política ou religiosa, pois o povo poderia interpretar o recenseamento como um sinal de que Davi planejava aumentar os impostos ou convocar mais soldados.

* 24.5-7 Estes versículos indicam que o recenseamento foi iniciado

pela região sul, a leste do rio Jordão, tendo continuado em sentido anti-horário, por toda a região, até chegar, finalmente a Berseba.

* 24.8 nove meses e vinte dias. A maior parte desse tempo foi

gasto fazendo-se o recenseamento; a própria viagem teria sido realizada em questão de poucas semanas.

*** 24.9 em Israel, oitocentos mil homens... em Judá eram**

quinhentos mil. 1Cr 21.5 diz "um milhão e cem mil" e "quatrocentos e setenta mil", respectivamente. Quanto a essa diferença, ver as notas em 1 Cr 21.5.

* 24.10 perdoes a iniqüidade. O apelo de Davi, pedindo perdão, pode ter sido concedido por Deus antes da chegada de Gade (vs. 11-13). Mesmo assim, tal como no caso do pecado de Davi contra Urias e Bate-Seba, o perdão recebido não significava que o pecado não teria maiores conseqüências (v. 13; 12.13,14).

* 24.12 Vai, e dize a Davi. O Senhor enviou Gade para confrontar a Davi, da mesma maneira que antes tinha mandado o profeta Natã (12.1 e nota).

* 24.13 fome... inimigos... peste... Subentendida na ameaça da

perseguição por parte de "inimigos" era a perda de vida pela espada, conforme 1Cr 21.12 deixa explícito. Fome, espada e praga formam a tríade de "ais", uma ameaça contra a quebra da aliança por causa de um coração endurecido (Lv 26.23-26; Dt 28.21-26; 32.24,25; 1Rs 8.37; 2Cr 20.9; Is 51.19; Jr 14.12; Ez 6.11,12).

* 24.14 caiamos nas mãos do SENHOR. Tecnicamente, isso permitiria a

primeira ou a terceira opção, ou seja, a fome ou a praga. Algumas vezes a escolha de Davi é inferida como tendo sido egoísta, mas todas as três opões, incluindo a fuga de inimigos, custaria vidas (v. 13, nota). A motivação que impelia Davi era inteiramente diferente, porquanto ele já havia aprendido que as misericórdias do Senhor são grandiosos (v. 16; cf. Êx 34.6,7; Ne 9.17; Sl 30.5; 86.14-16; 103.8-10; Is 54.7,8; 60.10; Os 11.8,9; Jl 2.13).

* 24.15 de Dã até Berseba. Ver o v. 2.

* 24.16 Anjo do SENHOR. Ver nota em Gn 16.7. Quanto aos anjos do

Senhor como agentes de julgamento, ver Êx 33.2; Sl 35.5,6; 78.49; Mt 13.41; At 12.23.

eira de Araúna. Ver nota em 24.1-25.

* 24.17 Seja, pois, a tua mão contra mim. O coração de Davi, tal como

o coração de Deus (v. 16), se entristeceu ante o sofrimento que ele viu entre seu povo, suas "ovelhas". Na qualidade de seu rei-pastor, ele sentiu compaixão, e, sem saber que Deus, em sua misericórdia, já havia afrouxado a sua mão (vs. 16, 21), pediu que Deus pesasse sua mão somente sobre ele. Davi merecia ser punido por seu pecado, ao passo que o povo era inocente. A oferta de Davi como pessoa culpada, para sofrer no lugar das "ovelhas" inocentes, não é uma analogia muito próxima da morte de Cristo por amor às suas ovelhas (Jo 10.11), embora a linguagem seja similar. Cristo era inocente, e morreu pelos culpados.

* 24.22 holocausto. Ver nota em 1Sm 10.8.

*** 24.24 não oferecerei ao SENHOR meu Deus, holocaustos que não**

me custem nada. Embora a graça e o perdão de Deus sejam gratuitos, Davi compreendia que a adoração apropriada a Deus nunca é barata ou negligente (cf. Ml 1.6-14; 2Co 8.1-5). O testemunho coerente das Escrituras é que Deus merece o melhor de nós, as "primícias" ou os primeiros frutos (Nm 18.12; Dt 18.3-5; 26.10; Ne 12.44; Pv 3.9).

cinqüenta siclos de prata. 1Cr 21.25 registra uma soma muito maior de seiscentos siclos de ouro, provavelmente referindo-se a uma transação muito maior, da qual os cinqüenta siclos de prata representavam apenas uma parte.

* 24.25 holocaustos e ofertas pacíficas. Ver nota em 1Sm 10.8.

O SENHOR se tornou favorável para com a terra. Uma declaração quase idêntica é feita em 21.14.

1 Reis

* 1.1—2.11 Salomão sucedeu a Davi como rei de Israel, a despeito da

turbulência política e das intrigas de Adonias, Abiatar, Joabe e Simei.

* 1.1 velho e entrado em dias. No início do livro de 1 Reis, Davi

estava com cerca de setenta anos de idade (2Sm 5.4; 1Rs 2.11).

* 1.3 Abisague, sunamita. Suném ficava a cerca de 26 km a

sudoeste do mar de Quinerete (Galiléia), perto do monte Gilboa (Js 19.18; 1Sm 28.4; 2Rs 4.8).

* 1.4 o rei não a possuiu. Visto que Davi não teve relações

sexuais com Abisague, Adonias, mais tarde, solicitou casar-se com ela (2.17), o que não era contrário à lei de Dt 22.30.

* 1.5 Adonias. Provavelmente o filho vivo mais velho de Davi

(2Sm 3.2-5; 13.28; 18.14). Como tal, ele pode ter pensado que sucederia a seu pai. Nessa época, entretanto, não havia costume algum ou lei que ditasse quem seria o sucessor de Davi, além da própria decisão do monarca (vs. 13,

17, 20, 30).

carros, e cavaleiros. Tal como fizera Absalão antes dele (2Sm 15.1), Adonias deu sinal de suas ambições e posicionou-se para conquistar o trono.

* 1.6 Jamais... o contrariou. Tal como fizera com seus outros

filhos rebeldes, Davi não fez qualquer tentativa para questionar ou disciplinar Adonias. Antes, a paciência e o perdão do rei só pareciam convidar novos atos de rebeldia (2Sm 13.32,39; 14.33; 18.5).

de aparência mui formosa. Uma boa presença era uma vantagem para alguém que aspirava ao trono (1Sm 9.2; 16.12; 2Sm 14.25,26).

* 1.7 Joabe, filho de Zeruia. Joabe era o comandante em chefe do

exército de Israel, e um dos apoiadores de Davi há longo tempo (2Sm 2.13; 8.16; 18.2; 20.10,23). Seu relacionamento com Davi foi estendido por sua dura ação ao abafar as rebeliões (ver 2Sm 18.5; 19.5-8,13; 1Rs 2.5,6).

Abiatar, o sacerdote. Abiatar e Zadoque eram os dois sumos sacerdotes nomeados por Davi (1Sm 22.20-22; 2Sm 8.17, nota).

* 1.8 Benaia, filho de Joiada. Benaia era o comandante dos

queretitas e peletitas, forças mercenárias que funcionavam, em grande medida, como membros da guarda pessoal de Davi (2Sm 8.18; 20.7; 23.20; 1Cr 18.17).

Natã, o profeta. O profeta de maior proeminência durante o reinado de Davi (2Sm 7.1-17; 12.1-15).

Simei. Um homem diferente do Simei referido em 2Sm 16.5-8; 1Rs 2.8,36-46. Talvez esta pessoa seja o "Simei, filho de Elá", que era um dos governadores de Salomão (4.18).

os valentes. Ver 2Sm 23.8-39.

* 1.9 Imolou. Uma vez mais, Adonias seguiu o exemplo deixado

por Absalão (2Sm 15.7-12; 1.5, nota).

fonte de Rogel. Essa fonte estava localizada no sul da cidade. Por causa de sua importância para a cidade de Jerusalém, as fontes eram consideradas um lugar apropriado para tal atividade (v. 33; 2Sm 17.17).

* 1.11 Bate-Seba, mãe de Salomão. As rainhas-mães podiam

desempenhar um papel de influência nos negócios do estado (ver 1Rs 2.19; 15.13; 2Rs 10.13). Na qualidade de mãe de Salomão, Bate-Seba tinha grande interesse em fazer com que Adonias fosse frustrado em seus planos de tornar-se rei.

1.12
para que salves a tua vida e a de Salomão, teu

Visto que os aspirantes ao trono, no antigo Oriente Próximo procuravam consolidar suas próprias posições eliminando todos os rivais em potencial, o conselho de Natã transmitia um senso de urgência (cf. 1Rs 15.29; 2Rs 10.11. 11.1).

* 1.13 Por que, pois, reina Adonias? O conselho de Natã tira

proveito da ambigüidade e da instabilidade inerentes durante uma tentativa de golpe. Na realidade, Davi continuava sendo o rei, mas as palavras de Natã lembram o fato de que Adonias também havia reivindicado publicamente essa posição (vs. 5,9). Ao aconselhar para que tanto Bate-Seba quanto ele mesmo fossem falar com o rei Davi, Natã pretende deixar claro a gravidade da situação ao "rei mui velho" (v. 15).

* 1.17 juraste. Na antiga nação de Israel, um juramento feito no

nome do Senhor, constituía-se numa obrigação sagrada e, como tal, era considerado inviolável (ver Êx 20.7; Lv 19.12; Js 9.15,18,20; Jz 11.30,35; Ec 5.4-7).

*** 1.20 lhe declares quem será o teu sucessor. Somente uma**

declaração pública de que Salomão seria o sucessor de Davi como monarca seria suficiente para fazer retroceder a rebelião de Adonias.

* 1.24-27 acaso disseste. Incisivamente, Natã ataca a questão em

seu ponto crucial. Ou Davi tinha afirmado em particular que Adonias seria seu herdeiro autêntico (e desta forma Natã, Zadoque e Benaia seriam afastados) ou Davi não tinha feito isso (e, assim sendo, Adonias se havia rebelado contra seu próprio pai).

*** 1.30 Teu filho Salomão reinará depois de mim. Salomão seria**

o "descendente" por meio de quem Deus cumpriria a sua promessa de estabelecer "o trono" do reino de Davi, "para sempre" (2Sm 7.12,13).

* 1.33 Salomão na minha mula. Mulas e burros eram usados

como montarias da realeza em Israel (Jz 10.4; 2Sm 13.29; 18.9; Zc 9.9). Davi,

por conseguinte, estava fazendo uma declaração pública de que Salomão era o herdeiro.

Giom**. A fonte de Giom, localizada a acerca de 800m ao norte da fonte de Rogel (v. 9), era uma das principais supridoras de água de Jerusalém (2Cr 32.30; 33.14). Devido à topografia, a fonte de Rogel não era visível de Giom; no entanto, as duas fontes estavam a uma distância em que era possível ouvir sons**

provenientes uma da outra (v. 41).

* 1.34 o ungirão rei sobre Israel. **Sacerdotes (Êx 28.41; 29.4-9;**

Lv 4.3,5,16), reis (1Sm 2.10; 9.16, 10.1) e, ocasionalmente, profetas (1Rs 19.16), eram ungidos no antigo Israel. A palavra hebraica traduzida em português por "ungido" tornou-se um termo técnico para indicar os ungidos do Senhor, usualmente com conotações régias. Esse título normalmente é traduzido por "messias". A palavra grega para "ungido" é *Christos* **(em português, Cristo, Mt 1.17). Embora Salomão tenha recebido as promessas divinas feitas a Davi, essas promessas só foram plenamente cumpridas por ocasião da vinda de Jesus Cristo.**

tocareis a trombeta e direis: Viva o rei Salomão! **Uma celebração pública da nova posição de Salomão como príncipe coroado (cf. 1Sm 10.24; 2Sm 15.10; 16.16; 2Rs 9.13; 11.12).**

* 1.35 sobre Israel e sobre Judá. **Embora composta por doze tribos, a**

nação de Israel compunha-se de duas grandes unidades, Israel, ao norte, e Judá, ao sul. Quando Davi tornou-se rei, ele teve de receber a aprovação tanto de Judá (2Sm 2.4) quanto de Israel (2Sm 5.3). Na qualidade de herdeiro da dinastia davídica, Salomão tornou-se rei de ambas essas áreas ao mesmo tempo.

* 1.38 a guarda real**. Ou: "os queretitas e os peletitas". Ver nota**

no v. 8.

* 1.39 Zadoque, o sacerdote. **Na antiga nação de Israel tanto os**

sacerdotes quanto os profetas podiam oficiar na unção de um rei (1Sm 9.16; 16.12; 2Rs 9.1-3; 11.12).

tabernáculo. Uma referência à tenda armada por Davi (2Sm 6.17) para abrigar a arca da Aliança (Êx 37.1-9), e que não era a mesma coisa que o tabernáculo de Moisés (Êx 35.4-29; 36.8-38; 1 Rs 3.4; 1 Cr 16.39 e 21.29).

* 1.41 Adonias... ouviram. Ver nota no v. 33.

* 1.47 E o rei se inclinou. Davi louvou a Deus (v. 48), porque a

sua oração pela sucessão fora respondida favoravelmente (cf. Gn 47.31).

* 1.50 pontas do altar. As "pontas do altar" eram projeções que

se assemelhavam a chifres, que saíam dos quatro cantos, no alto do altar (ver Êx 27.2; 29.12; Lv 4.7; Sl 118.27). O lugar de sacrifício era sagrado, e Adonias buscara refúgio ali, perante Deus, na esperança de que não seria morto (Êx 21.12-14; 1Rs 2.28-34).

* 1.52 Se for homem de bem. Salomão poupa a Adonias, sob a

condição de que ele se portasse como cidadão leal no reino de Salomão.

* 2.1 deu ele ordens a Salomão. Davi, tal como Jacó (Gn 49),

Moisés (Dt 31.1 -8), Josué (Js 23) e Samuel (1Sm 12) antes dele, fez um discurso final antes de sua morte. Esses discursos assinalavam a transição de uma era para outra, bem como a transferência de autoridade.

* 2.2 pelo caminho de todos os mortais. Ou seja, o sepulcro

(ver Js 23.14).

Coragem, pois, e sê homem! Essas instruções eram apropriadas, antes que um guerreiro entrasse em batalha ou antes que uma pessoa se ocupasse de uma tarefa difícil (Dt 31.7,23; Js 1.6,7,9,18;

1Sm 4.9).

*** 2.3 para andares nos seus caminhos, para guardares os**

seus estatutos. Davi admoestou Salomão para que fosse fiel a Deus e assim experimentasse a bênção divina (cf. Dt 4.40; 6.2; 8.6,11; 10.12—11.1).

*** 2.4 Se teus filhos guardarem o seu caminho. As instruções**

dadas por Davi a Salomão refletem as promessas de Deus feitas a Davi através do profeta Natã, em 2Sm 7.8-16, e reafirmadas na oração de Davi, em 2Sm 7.18-29. Aqui Davi sublinhou a necessidade de fidelidade à aliança (cf. 8.25,26; 9.4,5).

de todo o seu coração e de toda a sua alma. Essas palavras são uma alusão a Dt 4.29 e 6.5. Quando Jesus perguntou qual seria o maior de todos os mandamentos, ele também citou Dt 6.5 (Mt 22.35-40).

* 2.5 Joabe, filho de Zeruia. Joabe foi o mais bem sucedido,

mas também foi o menos escrupuloso dos generais de Davi (1.7 e nota). Davi convocou Salomão para vingar-se dos crimes cometidos por Joabe contra seus rivais — "Abner, filho de Ner" (2Sm 3.22-30) e "Amasa, filho de Jeter" (2Sm 20.4-10) — e que não deixasse de aplicar-lhe o castigo devido. A maneira como Joabe apanhou a Abner e a Amasa em uma armadilha e os assassinou foi ilegal (Dt 19.1-13; 21.1-9).

* 2.7 que comem à tua mesa. Em outras palavras, esses

desfrutariam de uma posição honrosa na corte e compartilhariam das benesses do estado (ver 2Sm 9.7; 19.28; 2Rs 25.29; Ne 5.17).

* 2.8 Simei, filho de Gera. Ele havia amaldiçoado e apedrejara

a Davi quando este estava fugindo de seu filho, Absalão (2Sm 16.5-8). Posteriormente, Simei pediu perdão e Davi prometeu que Simei não morreria (2Sm 19.16-23).

* 2.9 não o tenhas por inculpável. Amaldiçoar a um governante

violava a lei de Deus (Êx 22.28; cf. 1Rs 21.10).

* 2.10 na Cidade de Davi. Uma das maiores realizações de Davi

foi a captura de Jerusalém, que se tornou a capital da nação. Mais tarde, a cidade recebeu o nome de Davi, em sua homenagem (2Sm 5.7).

*** 2.11 Davi reinou... quarenta anos. Davi reinou**

aproximadamente de 1010—970 a.C. Durante seus últimos anos ele pode ter dividido o trono de Israel com Salomão (1.38-40).

* 2.15 todo o Israel... que eu reinasse. Essa foi uma mera esperança

de Adonias (1.7-10).

porque do SENHOR ele o recebeu. Adonias afirma reconhecer a santidade do reinado de Salomão, mas seu pedido por Abisague sugere algo contrário.

* 2.17 me dê por mulher a Abisague. No antigo Oriente

Próximo, uma corte e uma família grandes eram sinais de realeza. Abisague permaneceu virgem enquanto ficou com Davi (1.1-4), e, assim sendo, Adonias tecnicamente não estaria quebrando a lei se se casasse com ela (Dt 22.30).

Não obstante, caso Adonias conseguisse casar-se com Abisague, que pertencera ao harém de Davi, isso constituiria uma reivindicação

ao trono e seria uma afronta direta à autoridade de Salomão (cf. 2Sm 3,6,7; 12.7,8; 16.2024).

* 2.18-21 Bate-Seba consentiu com o pedido de Adonias. Entretanto,

não fica claro se ela foi enganada pelo ardil de Adonias ou se ela estava fazendo de conta, confiante na resposta de Salomão.

* 2.19 à sua mão direita. A "mão direita” era uma posição de

elevada honra (Sl 110.1; Mt 20.21).

* 2.24 estabeleceu. Ver o v. 12.

casa, como tinha dito. De acordo com 1Rs 11.43 e 14.21, o filho de Salomão, Roboão, nascera cerca de um ano antes de Salomão subir ao trono como rei (cf. 1Cr 22.9,10).

* 2.26 Visto que Abiatar, como sumo sacerdote, "levara a arca”

(2Sm 15.24,29) e compartilhara das dificuldades de Davi (1Sm 22.20-23; 23.69; 30.7; 2Sm 17.15 e 19.11), Salomão amenizou a penalidade que foi imposta a Abiatar, banindo-o para Anatote (sua terra natal). Anatote ficava a 6,5 km de Jerusalém.

* 2.27 cumprindo, assim, a palavra. O autor dos livros dos Reis

gostava muito de salientar o cumprimento de promessas anteriores de Deus (8.20; 12.15; 15.29; 16.12). Nesse caso, a profecia de um homem de Deus, concernente à morte e à remoção dos descendentes de Eli do ofício sacerdotal (1Sm 2.30-36) se cumpriu durante o reinado de Salomão.

* 2.28 Tendo ouvido falar na execução de Adonias e no banimento

de Abiatar, Joabe fugiu para "o tabernáculo do SENHOR" (1.39, nota),

e "pegou nas pontas do altar" (1.50, nota), na vã esperança de escapar da devida retribuição.

* 2.29 Vai, arremete contra ele. Joabe só poderia ter achado

asilo diante do altar do Senhor se tivesse causado a morte de outrem por acidente (Êx 21.14). Pelo contrário, o papel de Joabe na sedição de Adonias deu a Salomão a oportunidade de cumprir um dos últimos pedidos de seu pai (vs. 5,6; 1.7, nota).

* 2.32 A despeito de sua anterior lealdade a Saul e a Absalão,

Abner tornou-se o comandante do exército de Israel (2Sm 2.8,9), e Amasa comandante do exército de Judá (2Sm 19.13; 20.4-10); conseqüentemente, eles foram tidos por Joabe como ameaças ao seu controle das forças militares.

* 2.35 Tanto Zadoque quanto Abiatar previamente tinham

desempenhado papéis de liderança em Israel, como sacerdotes nomeados por Davi (2Sm 8.17, nota). Zadoque e seus descendentes agora se tornam a única família sumo sacerdotal em Israel (1Sm 2.35).

* 2.39 Gate. Gate era uma das cinco principais cidades da Filístia

(Js 13.3; 1Sm 21.11 e 27.2).

*** 3.1 Salomão aparentou-se com Faraó. O nome do Faraó,**

aqui mencionado, não é conhecido, mas pode ser um dos últimos monarcas da vigésima primeira dinastia egípcia. Esse casamento político confirma a proeminência internacional de Israel durante o período da monarquia unida.

* 3.2 oferecia sacrifícios sobre os altos. Quando os israelitas

entraram na terra de Canaã, eles deveriam destruir todos os santuários dos altos dos cananeus (Nm 33.52; Dt 7.5; 12.3). No entanto, preferiram edificar seus próprios centros de adoração em locais divinamente aprovados (ver Êx 20.24; Jz 6.24; 13.19; 1Sm 7.17; 9.12,13). A adoração nesses locais era aceitável pelo Senhor, até que o santuário central, considerado longamente em Deuteronômio 12 fosse edificado.

* 3.3 preceitos. Estão em foco as estipulações da aliança

mosaica (2.3, nota).

porém. O autor sagrado retornará mais adiante a essa exceção, durante o reinado de Salomão (11.1-13). E mesmo depois que o templo havia sido edificado, Salomão continuou a adorar indiscriminadamente nos altos.

* 3.4 o alto maior. Os livros de Crônicas dizem que o

tabernáculo de Moisés e o antigo altar de bronze estavam localizados em Gibeão (ver 1Cr 21.29; 2Cr 1.2-6).

holocaustos. Serviam como ações de graça e como expiação; os holocaustos eram o tipo mais comum de oferendas. O animal sacrificado era queimado completamente, excetuando o couro, que ficava com o sacerdote (Lv 7.8).

* 3.5 sonhos. Esse sonho estabeleceu o pano de fundo para o

primeiro grande período do governo de Salomão como rei. Quanto aos sonhos como veículos de revelação na Bíblia, ver Gn 26.24; 28.12; 31.11; 46.2; Nm

12.6; Jz 7.13; Dn 2.4; 7.1; Mt 1.20; 2.12,19,22.

* 3.7 criança. Quando subiu ao trono, Salomão talvez tivesse

vinte anos. Ele era jovem e inexperiente, mas humilde o bastante para reconhecer isso (cf. Jr 1.6).

* 3.8 povo grande. Desde o êxodo do Egito, os israelitas tinham

crescido em população ao ponto de se poder ver que as promessas feitas a Abraão (Gn 12.2; 13.16; 22.17,18) e Jacó (Gn 32.12) estavam agora tendo cumprimento. Essa numerosa população apresentava consideráveis desafios ao seu líder.

* 3.10 agradaram ao Senhor. Salomão não pediu os desejos

comuns de um monarca oriental: vida longa, riquezas ou a morte de seus inimigos (v. 11).

* 3.12 não houve teu igual. A sabedoria de Salomão não tem

comparação na história de Israel (4.29-34; 10.6-9).

*** 3.14 Se andares nos meus caminhos... prolongarei os teus**

dias. Diferente de outros dons divinos, uma vida longa dependia da contínua fidelidade de Salomão a Deus — uma condição que ele falharia em cumprir (11.1-13).

* 3.15 Em gratidão a Deus, Salomão retornou a Jerusalém, ficou

diante da arca, o símbolo central da presença de Deus (Êx 37.1-9) e ofereceu holocaustos (v. 4, nota) e sacrifícios pacíficos (Lv 3).

* 3.16 vieram... ao rei. No antigo Oriente Próximo, esperava-se

de um rei que ele atendesse causas e apelos especiais (2Sm 14.4-21; 15.1). Dessa maneira, o monarca era diretamente responsável pelo povo.

*** 3.25 dai metade a uma e metade a outra. Uma tradição**

jurídica no antigo Oriente Próximo estipulava que se um juiz não pudesse

determinar quem era o legítimo dono de uma propriedade disputada ele teria que dividi-la em partes iguais entre os dois proprietários (cf. Êx 21.35). A aplicação dessa tradição, neste caso, foi brilhante.

* 3.28 tiveram profundo respeito ao rei. O governo de Salomão

demonstrou que Deus realmente lhe havia dado "sabedoria... para administrar justiça" (cf. v. 11; Pv 16.10).

* 4.1 todo o Israel. Salomão, à semelhança de Davi antes dele,

governou sobre um reino unido (1.35, nota).

* 4.2 No hebraico, a palavra "filho" pode significar "descendente"

(Gn 31.28,43). Nesse caso, provavelmente Azarias era filho de Aimaás (1Cr 6.8,9), e, assim sendo, era neto do sacerdote Zadoque.

* 4.4 Zadoque e Abiatar. Esses eram os dois sacerdotes

principais durante os dias do rei Davi e o começo do reinado de Salomão. Salomão depôs Abiatar por haver-se juntado a Adonias em sua sedição (1.7; 2.27) enquanto que Azarias sucedeu a Zadoque como sacerdote durante o reinado de Salomão (v. 2).

* 4.5 Natã. A identidade de Natã não é clara. As possibilidades

incluem o profeta Natã (2Sm 7.2-17; 12.1-15; 1Rs 1.11) e o filho de Davi (2Sm 5.14).

* 4.6 mordomo. Esse cargo importante envolvia a administração

do palácio e a superintendência das propriedades do rei (1Rs 16.9; 18.3; 2Rs 18.18,37; 19.2).

Adonirão. Também conhecido como "Adorão", estava encarregado dos que trabalhavam forçados durante os reinados de Davi (2Sm 20.24), Salomão e Roboão (12.18).

dos que trabalhavam forçados. Eram realizados, primariamente, embora não

com exclusividade, por cativos de guerra de nações derrotadas (5.13-16; 9.15,23; Nm 31.25-47; Js 9.23).

* 4.7 doze intendentes. Os novos distritos administrativos,

governados por esses intendentes, não são exatamente os mesmos que as antigas áreas tribais, possivelmente por que as tribos variavam grandemente em população e nas suas posses de terras, e Salomão desejava uma renda mensal constante para o seu governo.

* 4.19 Geber... Gileade. Quanto a Seom, ver Nm 32.33; Dt 2.24

37. Depois que os israelitas capturaram o território de Seom, eles derrotaram o rei Ogue, de Basã, e capturaram todas as suas terras (a leste do mar de Quinerete; ver Nm 32.33; Dt 3.1-11). Geber, pois, era o intendente de um grande distrito a leste do rio Jordão.

*** 4.20 numerosos como a areia que está ao pé do mar. Temos**

aqui o cumprimento das promessas feitas aos patriarcas (3.8, nota; Gn 22.17; 32.12).

* 4.21 até à fronteira do Egito. As fronteiras do reinado de

Salomão eram, em essência, as fronteiras prometidas a Abraão (Gn 15.18;

17.8; Dt 1.7; 11.24; Js 1.4). Portanto, na apresentação do livro dos Reis, Salomão governava um império que representava o

cumprimento das promessas feitas aos patriarcas, há muito esperado (cf. vs. 24, 25).

* 4.22 provimento diário. Essas provisões atendiam às

necessidades da corte de Salomão, do seu palácio e de sua numerosa família.

* 4.24 Tifsa... Gaza. Tifsa estava localizada nas margens

ocidentais do rio Eufrates, e Gaza estava localizada na costa sudoeste do mar Mediterrâneo.

paz por todo o derredor. Davi teve que travar muitas guerras para garantir a posse do reino, e Salomão desfrutou desse resultado. Condições de paz eram

um requisito prévio para grandes projetos de construção, tais como o templo e o palácio real (2Sm 7.10,11; 1Rs 5.3-5).

*** 4.26 quarenta mil cavalos em estrebarias. Existem variações**

nas versões quanto ao número das estrebarias que Salomão tinha para os cavalos que puxavam carros de combate (referência lateral). Se "doze mil cavaleiros" significa "doze mil cavalos", então cada estrebaria alojava três cavalos. O complemento normal para um carro de combate eram dois cavalos primários e um cavalo de reserva. De acordo com 1Rs 10.26, Salomão possuía mil e quatrocentos carros de combate. A força de carros de combate de Salomão e a sua administração requeriam provisões amplas e regulares (vs. 27 e 28).

* 4.30 Oriente. Isto é, a Mesopotâmia ao nordeste (Gn 29.1) e a

Arábia ao oriente (ver Jr 49.28; Ez 25.4,10).

egípcios. Exemplos de literatura de sabedoria tanto da Mesopotâmia

quanto do Egito têm sido descobertos e traduzidos.

* 4.32 provérbios... cânticos. Salomão era um amante e

apoiador da literatura de sabedoria, e foi, pessoalmente, um autor produtivo.

* 4.33 plantas... animais... aves. Salomão manifestava um

interesse especial pela natureza. Ao escrever seus provérbios, Salomão ordenou as relações sociais; ao alistar as questões da fauna e da flora, ele pôs em boa ordem os elementos de seu reino.

*** 4.34 De todos os povos vinha gente. Salomão adquiriu**

reputação internacional por sua sabedoria. Os monarcas de várias nações enviaram emissários para aprender a erudição de Salomão. Os textos de Ebla, de 2350 a.C., mencionam homens letrados provenientes de muitas nações a fazerem "preleções" em Ebla, mostrando como essas viagens eram possíveis desde os tempos antigos.

* 5.1 Hirão, rei de Tiro. Tiro é uma cidade na costa do mar

Mediterrâneo, atualmente no Líbano. Visto que Hirão governou em cerca de 980-947 a.C., seu reinado coincidiu com os governos de Davi e Salomão.

Hirão sempre fora amigo de Davi. Hirão supriu materiais e trabalhadores quando Davi construiu para si mesmo um palácio (2Sm 5.11).

*** 5.3 guerras com que o envolveram os seus inimigos.**

Embora Davi tivesse desejado construir o templo, ele passou grande parte de seu governo expandindo e consolidando o reino (2Sm

7.10,11). Em um jogo de palavras em torno da palavra hebraica para "casa", o profeta Natã disse a Davi que Deus edificaria uma "casa" ou dinastia para ele, ao mesmo tempo em que os descendentes de Davi construiriam uma "casa" ou templo para Deus (2Sm 7.12-16). Mediante a graça de Deus, Salomão está implementando a promessa feita a seu pai, Davi.

* 5.4 descanso de todos os lados. O descanso que os líderes

de Israel tinham esperado (Êx 33.14; Dt 25.19; Js 1.13,15; 2Sm 7.11) era, agora, uma realidade.

* 5.5 nome do SENHOR. Dentro da cultura semita, um nome

era concebido como se revelasse algo do caráter e da identidade de uma pessoa (Gn 17.5; 32.28; Êx 3.13,14; 34.6,7; Dt 12.5).

Teu filho. Salomão refere-se explicitamente à promessa de Deus em 2Sm 7.12,13.

* 5.6 do Líbano... cedros. Os cedros eram famosos no antigo

Oriente Próximo, e era freqüentemente usados na construção de palácios reais e templos.

não há quem saiba. Os israelitas não dispunham dos artífices e artesãos necessários para construir o templo por si mesmos.

sidônios. Em um sentido estrito, estes eram os residentes da cidade portuária de Sidom, ao norte de Tiro. Aqui, porém, o termo provavelmente refere-se aos habitantes de Tiro, Gebal (Biblos) e Sidom, o povo que mais tarde se tornou conhecido como os fenícios.

* 5.7 Bendito seja, hoje, o SENHOR. Até mesmo um monarca

estrangeiro reconheceu as realizações que o Deus de Israel manifestara através do rei Salomão (cf. 10.6-9).

* 5.9 provisões à minha casa. Em troca da ajuda de Hirão,

Salomão devia suprir alimentos para a sua corte (v. 11), bem como salários para os seus operários (v. 6).

*** 5.12 Deu o SENHOR sabedoria a Salomão. Os talentos**

administrativos e políticos de Salomão são, uma vez mais, associados ao dom da sabedoria, conferido por Deus (cf. Dt 1.15; Is 11.2-4).

*** 5.13 uma leva de trabalhadores dentre todo o Israel.**

Salomão obrigou a alguns, dentre seu próprio povo, ao serviço, como trabalhadores forçados sobre seus projetos de construção. Essa política foi profundamente ressentida e contribuiu, não de maneira desprezível, para a divisão do reino, após a morte de Salomão (9.22; 12.4,16 e notas).

* 5.14 Adonirão. Ver nota em 4.6.

* 5.18 giblitas. Gebal (ou Biblos) tornara-se internacionalmente

conhecida por seu comércio de papiro, a forma antiga de papel feita de folhas prensadas e secas da cana do papiro.

* 6.1 No ano quatrocentos e oitenta. A cronologia observada

pelo autor sagrado reflete quão momentosa foi a construção do templo para a vida da nação de Israel com Deus. A construção do templo, nos dias de Salomão, foi a culminação de uma longa série de eventos que começou com o livramento do Egito.

no ano quarto do seu reinado. Aproximadamente 966 a.C., o que coloca o êxodo do Egito no ano de 1446 a.C. Alguns eruditos acreditam que o êxodo tenha ocorrido no século XIII a.C. Eles compreendem os 480 anos, referidos neste versículo, de uma dentre duas maneiras. Alguns tomam essa cifra como um número figurado que representa doze gerações de quarenta anos cada. Outros, à base do costume antigo, que prevalecia no Oriente Próximo, argumentam

que a figura é o total de uma seqüência de períodos, alguns dos quais se coincidiam.

* 6.2 A casa... ao SENHOR. Há várias similaridades entre o

tabernáculo e o templo, embora o templo tivesse o dobro das dimensões do tabernáculo (Êx 26.15-30; 36.20-34). Ambas as construções eram divididas em três seções principais: um vestíbulo, um santuário (o Lugar Santo) e o santuário interior (o Santo dos Santos). Essa estrutura em três partes era comum em outros templos do antigo Oriente Próximo. Mas o santuário de Israel diferia radicalmente dos santuários pagãos porquanto não havia ali ídolos. No seu centro estava a arca da aliança que continha os Dez Mandamentos, a vontade moral de Deus que ordenava a vida de Israel (Dt 10.4,5; 1 Rs 8.6-9).

* 6.4 janelas de fasquias fixas superpostas. Largas pelo lado interior

da parede, essas janelas iam diminuindo gradualmente, até formarem uma pequena abertura na parede externa.

* 6.5 câmaras. Essas câmaras ou pequenas salas rodeavam o

Santo dos Santos e o Lugar Santo, mas não o vestíbulo. Eram usadas como armazéns.

* 6.6 O andar de baixo. A altura total dos três andares das salas

laterais não era tão alta quanto à do próprio templo.

* 6.8 porta da câmara do meio. Ou seja, das câmaras laterais

(ver referência lateral).

*** 6.11 veio a palavra do SENHOR a Salomão. Mui**

caracteristicamente, o Senhor falou a Salomão, não através de outros profetas, mas como a um profeta (3.5,11-14; 9.2-9; 11.11-13).

* 6.12 se andares nos meus estatutos. **Fazendo referência**

especial à construção do templo, Deus relembrou a Salomão que as promessas feitas a Davi requeriam fidelidade à aliança por parte de Salomão (2.3,4 e notas).

* 6.13 não desampararei o meu povo**. A existência do templo**

não garantia, por si mesma, a presença de Deus com Israel. A lealdade à Torá (lei mosaica) era a questão fundamental no relacionamento do povo de Israel com Deus (2.3, nota e 9.6-9).

* 6.16 santuário... o Santo dos Santos. **O Santo dos Santos, um**

cubo perfeito com cerca de 9,15 m de lado (v. 20), era a área mais sagrada do templo. Era ali que ficava a arca da Aliança (v. 19) e os dois querubins.

Somente o sumo sacerdote tinha o direito de penetrar ali, e mesmo assim somente uma vez por ano, no Dia da Expiação (no hebraico, *Yom KippuT;* **Lv 16; 23.26-32; Nm 29.7-11). O tabernáculo também tinha "um Santo dos Santos" (ver Êx 26.33; cf. Hb 9.12,14).**

* 6.19 a arca da Aliança do SENHOR. **Sendo o símbolo central**

da comunhão dos israelitas com Deus, a arca continha as duas tábuas da aliança mosaica (Êx 25.21; Dt 9.9).

* 6.20 Cobriu também de ouro**. O templo de Jerusalém era belo**

e caríssimo. Em sua glória e beleza, esse templo terrestre era um símbolo do templo celestial de Deus (1Rs 8.36,39; Hb 9.11).

*** 6.22 altar que estava diante do Santo dos Santos.**

Provavelmente esse era um altar de incenso (7.48; Êx 30.1,6; 37.25-28; Hb 9.4).

* 6.23 dois querubins. Eram representações de criaturas aladas,

dotadas de rostos humanos (cf. Gn 3.24; Ez 41.18,19). Os dois querubins estavam postados como guardiães em cada extremidade da arca da Aliança (8.6,7; 2Cr 3.10-13). As pontas de suas asas estendidas chegavam a quase 5 m, ou seja, metade da altura do próprio Santo dos Santos (v. 16). No antigo Oriente Próximo, os reis eram, algumas vezes, retratados como sentados em um trono apoiado em querubins. Os querubins no templo podem ter representado a entronização simbólica de Deus no Santo dos Santos. Deus estava presente com o seu povo e estava associado, de maneira especial, com esse lugar de adoração (1 Sm 4.4; 6.2; 1Rs 8.10-13; 2Rs 19.15; Sl 80.1; 99.1).

* 6.29 palmeiras e flores abertas. Uma figura que fazia lembrar

o jardim do Éden, no segundo capítulo de Gênesis. Embora nossos primeiros ancestrais tenham sido expulsos do paraíso por causa de sua rebelião contra Deus (Gn 3.24), e nós compartilhemos da expulsão deles, a comunhão com o Senhor continua possível, através da sua graça.

* 6.36 o átrio interior. Parte do átrio exterior que circundava o

templo, onde estavam situados o grande altar e o mar de fundição (cf. 7.23-26). O acesso a essa área mais próxima do próprio templo pode ter sido restringida aos sacerdotes (2Cr 4.9).

três ordens. Cada camada de pedras era separada por uma camada de vigas de cedro (cf. Ed 6.4). Construções semelhantes tem sido desenterradas em Megido.

* 6.38 sete anos. Foram necessários sete anos para Salomão

edificar o templo, ao mesmo tempo em que, para construir o seu palácio, ele precisou de treze anos (7.1).

* 7.2 a Casa do Bosque do Líbano. Provavelmente foi assim

chamado o palácio por causa do extenso uso de cedro pelo lado de dentro. Esse complexo provavelmente estava localizado imediatamente ao sul do

templo.

cem côvados de comprimento, cinqüenta de largura, e trinta de altura.

Embora fosse da mesma altura que o templo, o palácio de Salomão era consideravelmente mais comprido e tinha o dobro da largura (6.2).

* 7.6 o Salão das Colunas. Tendo a metade do comprimento do

palácio e cerca de dois terços de sua largura (7.2), essa construção provavelmente era um impressionante salão de entrada.

* 7.7 a Sala do Julgamento. Essa era a sala onde Salomão

cumpria formalmente os seus deveres como administrador do santo reino de Deus (3.16, nota).

* 7.13-51 Esta parte da narrativa não obedece a uma ordem

cronológica. Salomão, na realidade, começou a tomar providências para equipar o templo, antes que este tivesse sido concluído (2Cr 2.7,13,14).

* 7.13 Hirão. Esse Hirão não deve ser confundido como o rei

fenício do mesmo nome, com quem Salomão ratificara um tratado para o suprimento de materiais e operários especializados (5.1-12).

* 7.15 duas colunas de bronze. Cada uma dessas colunas foi

posta de um lado da entrada do templo (v. 21). Não fica claro se elas estavam de pé sem tocar no edifício do templo ou se sustentavam um telhado, que também cobria o pórtico do templo.

* 7.18-20 Os capitéis. Eram comuns, no antigo Oriente Próximo,

capitéis bem ornamentados.

* 7.23 o mar de fundição. Uma gigantesca bacia circular com

capacidade de até cerca de 30 mil litros de água (2Cr 4.5, nota). De acordo com Crônicas, os sacerdotes usavam o mar em suas purificações (2Cr 4.6). Sua significação simbólica é questionada. Alguns eruditos destacam os

atributos positivos da água como doadora de vida, ao passo que outros argumentam que o mar de bronze celebrava o poder de Deus sobre as forças do caos, tipificadas pelo mar (cf. Ap 21.1).

* 7.25 doze bois. A imensa bacia de bronze repousava sobre

quatro tríadas de bois, voltados para os quatro pontos cardeais. No antigo Oriente Próximo, os bois simbolizavam a força física e reprodutiva. O posicionamento deles indicava o senhorio universal de Deus.

* 7.27 de bronze dez suportes. Esses vagões portáteis e

grandemente enfeitados sustentavam bacias de água (v. 38). Os sacerdotes usavam a água para lavar os pedaços de animais que tinham sido mortos para servir como ofertas nos holocaustos (Lv 1.9,13; 2Cr 4.6).

* 7.40 as pás, e as bacias. Os sacerdotes usavam as pás para

remover as cinzas do altar, e as bacias eram usadas para os ritos que envolviam sangue ou água (ver Êx 27.3; Jr 52.18).

* 7.46 Sucote. Esse centro metalúrgico estava localizado a leste

do rio Jordão, ao norte do Vádi Jaboque (Gn 33.17; Js 13.27; Jz 8.4,5). Zaretã ficava nas proximidades.

* 7.48 o altar de ouro... a mesa de ouro. O mesmo altar descrito

em 6.22. Os "pães da proposição" (1Sm 21.4,6), dispostos sobre a mesa de ouro, eram considerados uma oferenda a Deus (Êx 25.23-30; Lv 24.5-9; Nm 4.7; 2Cr 13.11; Mt 12.4).

* 7.49 castiçais. Havia dez desses castiçais no templo, em

comparação com um único castiçal no tabernáculo (Êx 25.31-40; 26.35).

* 7.51 Davi, seu pai. Durante o seu período de governo, Davi

acumulou despojos das campanhas militares e recebeu tributo de uma grande variedade de nações (2Sm 8.9-12; 1Cr 18.7-11; 2Cr 5.1).

tesouros da Casa do SENHOR. Depósitos para guardar as riquezas do governo, algumas vezes usadas como tributos pelos reis, para afastar invasores estrangeiros (15.18; 2Rs 12.18; 18.13-16). Um tesouro era também objeto de assaltos por parte de reis opositores (1Rs 14.25,26; 2Rs 14.13,14).

* 8.1 os anciãos de Israel. Líderes principais que estavam

encarregados do governo local e da justiça, ao longo da história do Antigo Testamento (Êx 18.13-26; Nm 11.16-30; Jz 21.16-24; 1Sm 8.1-9).

Cidade de Davi, que é Sião. A parte mais antiga da cidade de Jerusalém ficava ao sul do templo. Davi tinha antes trazido a arca da casa de Obede-Edom para Sião (2Sm 6.1-19).

* 8.2 festa. Ao que tudo indica, Salomão esperou onze meses

para dedicar o templo (6.38), a fim de que a cerimônia pudesse fazer parte da Festa dos Tabernáculos, no Ano Novo, que era comemorada ao sétimo mês (Lv 23.34; Dt 16.13-15).

* 8.4 tenda da congregação. O tabernáculo, juntamente com

todos os seus móveis e utensílios, foi trazido presumivelmente de Gibeão (3.4, nota), pelos sacerdotes e pelos levitas.

*** 8.6 debaixo das asas dos querubins. Ver nota em 6.23.**

* 8.8 até ao dia de hoje. Declarações como esta (9.13,21;

10.12; 12.19) foram escritas da perspectiva de um escritor que viveu antes da destruição do templo (586 a.C.). Ver Introdução: Autor.

* 8.9 as duas tábuas de pedra. A cópia da aliança (cf. o v. 21;

Êx 25.16,21; 40.20).

Horebe. Seguindo o padrão estabelecido no Deuteronômio, os escritores da história deuteronômica chamam o local onde a aliança foi estabelecida de "monte Horebe", e não de "monte Sinai". O nome "Horebe" foi usado onze

vezes no livro de Deuteronômio (cf. Dt 5.2) e duas vezes na história (aqui e em 19.8). "Sinai" ocorre apenas uma vez em cada um (Dt 33.2 e Jz 5.5).

*** 8.10 uma nuvem encheu a Casa do SENHOR. Depois do**

êxodo do Egito, Deus liderou o seu povo pelo deserto, mediante uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite (Êx 13.21; 40.3638). No monte Sinai, Deus revelou-se por meio de uma nuvem (Êx 19.9; 24.1518). Quando o tabernáculo foi levantado, Deus o cobriu com a nuvem de sua glória (Êx 40.34,35; cf. Lv 16.2). Neste incidente, Deus mostrou a sua aprovação ao santuário recém-construído.

* 8.12 habitaria em trevas espessas. Ninguém pode ver Deus

Pai e viver, mas Deus pode revelar-se e manifestar o seu amor para com o seu povo por meios indiretos (v. 10 e nota).

* 8.13 lugar para a tua eterna habitação. O templo, como um

lugar divinamente sancionado para as orações e os sacrifícios, era um sinal especial da presença de Deus entre o seu povo (Sl 76.2; 132.13,14; Is 8.18;

Am 1.2).

* 8.22 estendeu as mãos. Esse gesto era uma atitude de oração

(Êx 9.29; Is 1.15; 1Tm 2.8).

* 8.23 não há Deus como tu. A natureza incomparável de Deus é

um tema proeminente através de toda a Escritura (Êx 15.11; Dt 4.39; Sl 86.8; Mc 12.29; Ef 4.6; Ap 19.6). A fidelidade de Deus não é algo temporário (3.6; 8.16; Dt 7.9,12; Sl 52.8; Hb 13.8), e nem está o seu poder limitado a um país específico (vs. 41-43; Jonas).

*** 8.25 contanto que teus filhos guardem o seu caminho.**

Salomão repetiu a condição que a sua dinastia continuaria a governar o povo de Israel se os filhos de Davi permanecessem fiéis a Deus

(2.3,4; 6.11-13; 9.49; 11.11-13).

* 8.29 O meu nome estará ali. Deus tinha prometido que ele

estaria presente, de maneira especial, no templo de Jerusalém. Salomão suplica ao Senhor que ouvisse as orações que fossem dirigidas na direção do templo (Dn 6.10; 9.17; Jn 2.4).

* 8.31 que jure. Em certas cessões de julgamento um suspeito

poderia ter que fazer um juramento de inocência no santuário a fim de corroborar a sua defesa (Êx 22.7-12; Nm 5.11-31). Salomão pede para que Deus, através de seu envolvimento nas vidas dos suspeitos, condenasse o culpado e declarasse o inocente isento de culpa (v. 32).

* 8.33 por ter pecado contra ti. A derrota a um inimigo não era

uma derrota pelo deus do inimigo, mas uma derrota de Israel pelo próprio Deus, devido à infidelidade do povo (Dt 28.25; Js 7; 2Cr 36.15-19; Lm 2.1-8).

* 8.34 faze-o voltar à terra. Não era incomum que o exército e o

povo derrotado na guerra fossem deportados para outra terra. Salomão pede que Deus se mostre misericordioso e restaure àqueles que lhe pedirem o perdão.

* 8.35 Quando os céus se cerrarem. Da mesma maneira que

Deus dirige a sorte de seu povo na guerra, assim também Deus controla o mundo da natureza. A seca era uma das maldições da aliança (1Rs 17.1; Dt 28.22-24; Am 4.7,8).

* 8.37 fome... doença. Salomão mencionou uma grande

variedade de aflições: fome, pestilência, gafanhotos, guerra e doenças, todas elas mencionadas em Deuteronômio 28.

*** 8.39 dá a cada um segundo todos os seus caminhos.**

Salomão roga a Deus para que use de seu conhecimento infinito para estabelecer a justiça entre o seu povo.

*** 8.43 afim de que todos os povos da terra conheçam o teu**

nome. Salomão ora aqui que, algum dia, todos os povos entreguem suas vidas a Deus, tal como Israel estava fazendo (cf. Is 56.6-8; Zc 8.23 e Mt 28.19).

* 8.44 Quando o teu povo sair à guerra. Salomão referia-se aqui

às atividades militares empreendidas por ordem divina (ver 1Rs 20.13-30; Lv 26.7; Dt 20; 21.10; 1Sm 23.2,4; 2Sm 5.19,24).

* 8.46 não há homem que não peque. Ver " Pecado Original e

Depravação Total", em Sl 51.5.

os leve cativos. O exílio para longe da Terra Prometida era uma das mais severas maldições do pacto sinaitico (v. 33, nota; Lv 26.33-45; Dt 28.64-68; 30.1-5). O exílio era, igualmente, uma maldição em vários tratados antigos do Oriente Próximo.

* 8.50 perdoa o teu povo. Estando fora da terra de Israel, não

significava que as promessas de Deus deixaram de ser operantes (Ne 1.11). Salomão roga a Deus que faça com que os captores dos exilados israelitas mostrem misericórdia para com seus cativos (Sl 106.46).

* 8.53 os separaste. Visto que Deus escolheu especificamente a

Israel e os libertou da escravidão no Egito, para que se tornasse sua própria herança especial (Êx 19.3-6; Dt 4.20 e 9.26), Salomão ora

para que Deus não se esqueça dessa história de redenção, quando Israel se encontrar em exílio.

*** 8.56 SENHOR, que deu repouso ao seu povo. Depois de**

consideráveis reviravoltas no período do vagar pelo deserto e da conquista, Israel tinha esperado o cumprimento da "boa promessa, que ele havia prometido através de Moisés, seu servo" (5.4, nota; Êx 33.14; Dt 12.10). No Novo Testamento, os crentes são exortados a fazer todo esforço para entrarem no descanso de Deus (Hb 4.11; cf. Ap 14.13).

* 8.60 não há outro. Os chamados deuses que os povos adoram

são fictícios; o único Deus real é o Deus de Israel (cf. Dt 4.35).

* 8.63 vinte e dois mil bois. No decurso de catorze dias de

festividades dedicatórias, Salomão e a grande multidão presente em Jerusalém ofereceram um número incrível de sacrifícios, muito mais do que aquele apresentado durante a dedicação comparativamente mais modesta do segundo templo (Ed 6.16-18).

* 8.64 ofertas. Quanto aos holocaustos, ver nota em 3.4. Ofertas

de cereais com freqüência acompanhavam os sacrifícios de animais (Lv 2; 7.11-14; 8.26; 9.4; 14.20; Nm 15.1-10), e eram indicações de gratidão e louvor dos adoradores. Quanto a ofertas pacíficas ver Levítico 3.

o altar de bronze. Esse altar, onde os sacrifícios eram queimados, estava localizado defronte do templo (vs. 22, 54), e era diferente do altar do incenso, dentro do templo (6.22, nota).

* 8.65 a entrada de Hamate. Essa área, perto do limite norte do

território controlado por Israel, estava localizada a cerca de 32 km ao

sul de Cades, às margens do rio Orontes (Js 13.5; 2Rs 14.25).

rio do Egito. Provavelmente o mesmo que o Vádi El-Arish, no norte da península do Sinai. Pessoas provenientes do reino inteiro de Salomão estiveram presentes a essas festividades (4.21).

*** 8.66 todo o bem que o SENHOR fizera a Davi, seu servo, e a**

Israel, seu povo. Graciosamente, Deus cumpriu sua promessa a Davi de que um de seus descendentes edificaria o templo que ele tinha desejado edificar (2Sm 7.1-16). Deus também dera a Israel um santuário central (Dt 12), bem como descanso de seus inimigos (1 Rs 5.4).

* 9.3 santifiquei. Deus santificou o templo, fazendo-se presente

de maneira especial (8.10-13,29).

* 9.4 Se andares. A atenção muda para a conduta de Salomão e

dos futuros reis de Israel. Conforme foi dito anteriormente (2.3,4 e notas; 8.25), o futuro domínio dos descendentes de Davi sobre Israel dependia de sua fidelidade à Torá.

* 9.7 eliminarei. A presença do templo não servia de garantia

imutável contra as conseqüências de uma infidelidade prolongada à aliança (6.13, nota). As maldições do pacto entrariam em efeito se o rei e o povo de Israel se mostrassem infiéis (Dt 28.37 e Jr 19.8).

* 9.9 deixaram. Outros povos haveriam de compreender a

causa do incomum espetáculo de Deus destruindo seu próprio templo e exilando o seu povo (Dt 29.24-28).

* 9.10—10.29 Esta seção ressalta a glória de Salomão ao mencionar seus projetos de construção (9.10-28), a sua fama (10.1-

13) e as suas imensas riquezas materiais (10.14-29).

* 9.10 Ao fim de vinte anos. Tendo em vista as notas

cronológicas anteriores (6.1,37,38; 7.1), isso seria em torno de 946 a.C.

* 9.11 este lhe deu vinte cidades. Embora Salomão e Hirão

tivessem assinado um tratado anterior (5.1-12), parece que agora Salomão estava com dificuldades financeiras. Em troca de Hirão ter enviado 120 talentos (quatro toneladas e meia) de ouro (v. 14), Salomão concedeu a Hirão o uso de vinte cidades na Galiléia (cf. 2Cr 8.2 e nota).

* 9.14 cento e vinte talentos de ouro. À primeira vista, isso

parece como uma imensa quantidade de ouro. No entanto, o ouro que Salomão recebeu de Hirão não foi tanto quanto os 150 talentos de ouro que Tiglate-Pileser III, da Assíria, afirmou ter recebido de Tiro em cerca de 730 a.C.

* 9.15 Milo. Conforme a cidade de Jerusalém foi se expandindo

para o norte, ao longo da cadeia de Ofel, tornou-se necessário fazer obras de terraplanagem para servir de fortificação para a cidade. O "Milo" (lit.,

"enchimento") aparentemente foi uma estrutura dessas, construída a leste do palácio para preencher uma depressão (cf. o v. 24; 11.27; 2Sm 5.9; 2Rs 12.20; 2Cr 32.5).

Hazor... Megido... Gezer. Essas cidades estavam estrategicamente localizadas ao longo das maiores rotas comerciais. Hazor ficava a 16 km ao norte do mar de Quinerete (Galiléia); Megido ficava na entrada do vale de Jezreel, em uma passagem estratégica através da cordilheira do Carmelo. E Gezer ficava a 32 km a oeste de Jerusalém.

As escavações arqueológicas revelaram idênticos portões salomônicos em cada um desses locais. Ao fortificar esses três locais, Salomão consolidou o seu controle sobre o comércio.

*** 9.16 Faraó... subira e tomara a Gezer. Gezer tinha**

permanecido nas mãos dos cananeus, apesar da conquista dos israelitas (Js 16.10; Jz 1.29). Faraó capturou Gezer, talvez dos filisteus. Visto que o Egito e Israel tinham um tratado (3.1), era do interesse de ambos os países que Gezer não ficasse em mãos hostis.

* 9.17 Bete-Horom, a baixa. A 16,5 km de Jerusalém (cf. Js

16.3), ao pé da passagem estratégica que controlava o acesso às terras altas da Judéia.

* 9.18 Baalate. A quase 13 km a nordeste de Asdode, perto da

costa do mar Mediterrâneo (cf. Js 19.44).

Tadmor. Provavelmente a mesma cidade também chamada Tamar,

a quase 26 km a sudoeste do mar Morto (Jz 1.16). Tamar significa "palmeira". Ez 47.19; 48.28.

*** 9.20 dos amorreus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus.**

Quando Israel entrou na terra de Canaã, eles deveriam destruir completamente as nações que ocupavam a região (Dt 7.1; 20.17; Js 3.10; 9.1). Os israelitas, porém, não fizeram isso de qualquer maneira sistemática (Js 16.10; Jz 1—2; 3.5) e a política de Salomão era a de recrutar os descendentes desses povos

* 9.22 não fez Salomão escravo algum. Salomão recrutava

permanentemente povos estrangeiros que viviam dentro do território de Israel, mas os trabalhadores de Israel que ele convocava serviam por períodos fixos de tempo (5.13, nota; 12.4, nota).

* 9.26 Eziom-Geber. Para não depender das marinhas mercantes

e dos portos de outras nações, Salomão construiu navios em Eziom-Geber, seu próprio porto. Para Israel isso foi um empreendimento novo, e Salomão valeu-se da ajuda de seu aliado, Hirão, rei de Tiro, que supriu marinheiros para acompanhar os marinheiros de Salomão (v. 27).

mar Vermelho. Ou seja, no golfo de Áqaba (Jr 49.20,21).

* 9.28 Ofir. A localização de Ofir é debatida (Jó 28.16; Sl 45.9; Is

13.12) . As sugestões incluem a parte ocidental da Arábia, o Chifre da África, e a Índia.

* 10.1 Sabá. Há duas sugestões principais quanto a essa

localização — o sudoeste da Arábia (moderno Iêmen) e o norte da Arábia, a terra dos sabeus (Jó 1.15; 6.19; Sl 72.10).

com respeito ao nome do SENHOR. A rainha de Sabá veio a Jerusalém não somente por causa da fama de Salomão, mas porque ela reconheceu a relação entre a fama de Salomão e o SENHOR.

perguntas difíceis. Desejando descobrir se a reputação de Salomão era merecida, a rainha de Sabá submeteu-o a testes com perguntas difíceis (cf. Jz

14.12) .

10.5 a comida da sua mesa. Ver notas em 2.7 e 4.22.

seus copeiros. Um copeiro ocupava um posto importante nos governos do

*** 10.9 Bendito seja o SENHOR, teu Deus. A rainha de Sabá**

mencionou especificamente o nome pessoal do Deus de Israel em sua declaração a Salomão (vs. 6-9). Jesus citou a rainha de Sabá em sua acusação contra o povo de seus próprios dias (Mt 12.42; Lc 11.31).

* 10.11 naus de Hirão. Além de ajudar Salomão a construir sua própria

frota, Hirão, rei de Tiro, usou alguns de seus próprios navios para transportar mercadorias para Salomão (9.26-28; 10.22).

madeira de sândalo. Ver referência lateral. As sugestões sobre a natureza dessa madeira incluem o sândalo vermelho e o junípero.

* 10.12 harpas e alaúdes para os cantores. A realeza israelita

provavelmente patrocinava músicos para compor hinos e salmos apropriados para a adoração no templo.

* 10.13 Salomão deu. Salomão e a rainha de Sabá trocaram presentes

(v. 10).

* 10.14 se trazia a Salomão cada ano. Um tributo anual e constante era

necessário para sustentar todos os projetos e despesas de Salomão.

* 10.15 dos vendedores... dos negociantes. Salomão controlava um

amplo território nas rotas comerciais ao norte, para a Mesopotâmia, e

ao sul, para o Egito. As tarifas cobradas sobre os bens transportados através de Israel teriam sido substanciais.

governadores da terra. Ver 4.7-19.

* 10.16,17 paveses. Esses grandes escudos eram extremamente

pesados e valiosos, e eram feitos principalmente por razões cerimoniais e estéticas. O uso de tais escudos, como um sinal visível das riquezas materiais

de um rei e de sua alta posição não foi de Salomão. Depois de uma campanha militar que ocorreu exclusivamente em cerca de 714 a.C., o rei Sargão II afirmou ter tomado "seis escudos de ouro" de um templo.

* 10.18 um grande trono de marfim. **Salomão usou o grande influxo de tributos para sustentar um estilo de vida extravagante (vs. 18-21,23-25). Seu trono provavelmente era feito de madeira adornada com marfim e ouro. Entalhes em marfim marchetado de ouro têm sido encontrados nos palácios reais da Assíria, em Ninrode. O desejo de Salomão por móveis e edifícios da melhor qualidade consistia-se em um fardo para os seus súditos (12.4).**

* 10.21 Todas as taças... eram de ouro. **Belos vasos de ouro, dos tempos antigos, têm sido encontrados no Egito (século XIII a.C.) em Ugarite (na costa do Mediterrâneo, na Síria moderna, século XIII a.C.) e na Pérsia (séculos VI a IV a.C.).**

* 10.22 uma frota de Társis. **Essas chamadas "naus de Társis" (referência lateral) eram construídas para empreender grandes viagens pelo Mediterrâneo.**

com as naus de Hirão. **Ver nota em 9.26.**

* 10.26 carros e cavaleiros. **A "lei do rei", em Dt 17.16 proibia os monarcas de Israel a acumularem grandes números de carros**

de combate e cavalos.

* 10.28 do Egito e da Cilícia. **A Cilícia ficava na parte sul da atual Turquia. É possível que o Egito (no hebraico,** *misrayim)* **tenha sido confundido com** *"Musri",* **também na Turquia (ver também 2Rs 7.6). Salomão pode ter financiado a formação de suas próprias forças militares mediante seu comércio com os famosos cavalos da Cilícia e os carros de combate superiores do Egito (v. 29).**

10.29 Importava-se... exportavam. **Não somente Salomão juntou**

carros de combate e cavalos em grande número, mas também iniciou um comércio substancial com essas mercadorias através dos "comerciantes do rei" (v. 28). Ao assim fazer, Salomão estava explorando a localização geográfica estratégica de Israel.

os reis dos heteus. Os heteus habitavam na Anatólia (Ásia Menor). Durante o reinado de Salomão eles não continuaram mais sendo o império unificado que tinham sido entre 1375-1240 a.C. Agora eram governados por vários reis menores, cada qual em seu próprio domínio.

*** 11.1 amou Salomão muitas mulheres estrangeiras. Se na**

primeira parte de seu reinado Salomão "amava ao SENHOR, andando nos preceitos de Davi, seu pai" (3.3), mais tarde ele "amou muitas mulheres estrangeiras". Os casamentos diplomáticos entre as dinastias de vários reinos eram comuns no antigo Oriente Próximo, como um meio de ratificar tratados, mas a multiplicação de esposas régias é algo proibido, em Dt 17.17. Além disso, havia proibições contra casar-se com mulheres estrangeiras nas terras que Israel deveria possuir (Êx 34.16; Dt 7.1-4; Js 23.12,13).

* 11.2 vos perverteriam o coração. Esta expressão alude à

advertência que se encontra em Dt 7.4.

* 11.4 como fora o de Davi, seu pai. Davi é consistentemente

apresentado como um rei-modelo (3.14; 9.4; 14.8; 15.3; 2Rs 8.19; 22.2). Ele não era perfeito (2Sm 11 e 12; 24.1-15; 1Rs 15.5), mas quando pecava, seu arrependimento era exemplar (2Sm 12.16,17; 24.10-17). A devoção de Davi a Deus não tinha paralelo.

* 11.5 Astarote. Essa era a deusa fenícia do amor e da

fertilidade, que os gregos chamavam de Astarte (cf. Jz 2.13; 2Rs 23.13).

Milcom. Também chamado Moloque (referência lateral). Ele era o deus nacional dos amonitas.

* 11.6 fez Salomão o que era mau. Os muitos pecados de

Salomão violavam princípios fundamentais da religião dos israelitas: a multiplicação de esposas (v. 1, nota), a adoração a outros deuses (Êx 20.3,5) a edificação de santuários para deuses estrangeiros (vs. 7,8; Êx 20.4).

* 11.7 Camos. Esse era o deus nacional dos moabitas (2Rs

3.26,27). Ver "Sincretismo e Idolatria", em Os 2.13.

* 11.10 a outros deuses. Ver 3.14; 9.6-9.

* 11.11 tirarei de ti este reino. Ver os vs. 29-39.

* 11.12 não o farei nos teus dias. O grande amor de Deus por Davi

levou-o a abrandar seu julgamento sobre Salomão em dois aspectos: primeiro, Deus adiou a divisão do reino até que o filho de Salomão começasse a reinar; e segundo, Deus não removeu o reino inteiro da dinastia davídica (v. 13).

* 11.13 uma tribo. Provavelmente devemos pensar em Judá (12.20; 2Rs

17.18). Se Judá já estava subentendida, sem ter sido mencionada, outra tribo é indicada aqui, tal como Benjamim (12.21), ou Simeão.

por amor de Jerusalém. Jerusalém era a cidade escolhida por Deus, o local do santuário central de Israel, antecipado em Deuteronômio 12 e construído por Salomão. Jerusalém é um símbolo central do amor de Deus por seu povo e a comunhão entre Deus e seu povo por toda a Bíblia (Sl 68.29; 122.2-6;

135.21; 137.5-7; Is 62.1; Dn 9.25; Ap 3.12 e 21.2,10).

* 11.15 estando Davi em Edom. Ver 2Sm 8.14. Uma vitória anterior de

Joabe foi revertida, pois Hadade voltou de seu exílio no Egito e se rebelou com sucesso contra Salomão (v. 25).

* 11.18 de Midiã. Os midianitas viviam a leste de Moabe e Edom.

Parã. Essa área ficava na península do Sinai, a sudeste de Cades.

deu a Hadade uma casa. Tendo percebido o poder emergente de Davi, Faraó estava disposto a abrigar os inimigos de Davi, na esperança de que, algum dia, eles poderiam reduzir o poder de Israel (v. 21). Os tratados antigos proibiam prover asilo a rebeldes políticos.

* 11.22 deixa-me ir. Após a morte de Davi, Hadade quis retornar à sua própria terra, a despeito das objeções de Faraó, provavelmente porque ele queria liberá-la do domínio israelita (v. 25).

* 11.23 outro adversário. Anteriormente, Salomão podia jactar-se de que em seu reino não havia "nem inimigo, nem adversidade alguma" (5.4). Mas agora Deus o afligia com uma sucessão de inimigos.

Hadadezer, rei de Zobá. Quanto à conquista por Davi de Hadadezer e da Síria, ver 2Sm 8.3-6; 10.15-19.

* 11.24 Damasco. De sua base em Damasco, Rezom persistentemente causava dificuldades a Salomão.

* 11.26-43 Jeroboão se rebela contra Salomão e escapa para o Egito, até à morte de Salomão.

*** 11.26 Jeroboão, filho de Nebate... levantou a mão contra o rei. Ao**

passo que Hadade e Rezom eram inimigos externos levantados por Deus, Jeroboão, um efraimita, foi um adversário interno.

Zeredá. A quase 34 km de Jope, no território de Efraim.

* 11.27 a Milo. Ver nota em 9.15.

* 11.28 sobre todo o trabalho forçado da casa de José. Jeroboão estava encarregado dos trabalhadores que Salomão convocara das tribos de Efraim e Manassés (5.13-16) e estava bem

consciente acerca do

ressentimento que essas duas tribos sentiam contra Salomão (12.4).

* 11.29 silonita. Siló era em Efraim, a cerca de 19 km a leste de Zeredá.

* 11.30 rasgou-a em doze pedaços. Aías realizou um ato simbólico, ou seja, encenou uma parábola. Esses atos pitorescos dramatizam a realidade da palavra falada e das intervenções de Deus na história (cf. 22.11; Is 20; Jr 13.111). Nesse caso, os pedaços rasgados da veste de Aías ilustram a iminente divisão do reino.

* 11.31 Toma dez pedaços. Em nome do Senhor, Aías convocou Jeroboão para que tomasse dez dos doze pedaços, que simbolizavam as dez tribos do norte, sobre as quais, em muito breve, Jeroboão tornar-se-ia o rei. Assim como no caso das rebeliões anteriores de Hadade e Rezom, a insurreição de Jeroboão foi um julgamento divino contra Salomão.

* 11.32 uma tribo. Ver nota no v. 13.

* 11.34 Fá-lo-ei príncipe. Ver nota no v. 12.

* 11.35 da mão do seu filho. Ou seja, do sucessor de Salomão, Roboão (12.1-24).

*** 11.36 para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada. A**

metáfora de uma lâmpada significa a permanência da dinastia davídica na cidade de Jerusalém (15.4; 2Sm 21.17; 2Rs 8.19; 2Cr 21.7; Sl 132.17).

* 11.37 sobre tudo o que desejar a tua alma. Uma promessa semelhante foi dada a Davi (2Sm 3.21).

rei sobre Israel. Ou seja, sobre as dez tribos do norte. Durante o período do reino dividido, o termo "Israel", na maior parte das vezes designa essas dez tribos. E "Judá" denota o domínio ainda governado pelos descendentes de Davi.

* 11.38 Se ouvires tudo o que eu te ordenar. Jeroboão seria sujeitado às mesmas estipulações da aliança que operaram nos casos de Saul, Davi e Salomão (2.3,4 e notas).

eu serei contigo. Essas palavras servem como segurança da presença e sustentação de Deus (Dt 31.8; Jz 2.18; 6.12,16; 1Sm 3.19; 2Sm 5.10 e 7.9). Aías espera que Jeroboão seja mais leal do que fora Salomão.

* 11.39 todavia, não para sempre. Essa frase antevê restauração do poder davídico. Tal restauração foi tentada por Josias, rei de Judá, mas ele não pôde completá-la (2Rs 22,23). Os profetas também anteviam uma renovação do governo davídico (Jr 30.9; Ez 34.23; 37.15-28; Os 3.5; Am 9.11). Essas esperanças se cumpriram em Jesus Cristo, o Messias (Mt 1.1; Mc 1.1).

* 11.40 Sisaque. Sisaque foi o primeiro rei sobre a vigésima segunda dinastia egípcia e governou de 945 a 924 a.C. (1Rs 14.25,26). Salomão casou-se com a filha de um Faraó da vigésima primeira dinastia (3.1, nota).

* 11.41 livro da história de Salomão? Essa foi uma das fontes informativas (não mais existente) usada pelo autor de 1 e 2 Reis. Outras fontes informativas oficiais são mencionadas em 14.19 e 29.

* 11.42 quarenta anos. Aproximadamente de 970 a 930 a.C.

* 12.1-24 A recusa do rei Roboão em atender a petição do povo para

aliviar a carga que pesava sobre eles, acendeu a vontade de

secessão por parte das tribos do norte. Desse momento em diante, o reino do norte usualmente é referido como Israel, enquanto que o reino do sul normalmente como Judá.

* 12.1 Siquém. Esse importante centro israelita, associado com a

renovação da aliança com o Senhor (Js 24.1-33) ficava no norte do território de Efraim, a 48 km ao norte de Jerusalém.

para o fazer rei. Roboão viajou para Siquém para se tornar rei por aclamação (ver 1Sm 11.15 e o pacto que as dez tribos do norte fizeram com Davi em 2Sm 5.1-3). No caso, as tribos do norte não aceitaram Roboão.

* 12.2 Tendo Jeroboão... ouvido isso. Ou seja, sobre a morte de

Salomão (11.43).

*** 12.4 Teu pai fez pesado o nosso jugo. A palavra "jugo" é**

caracteristicamente usada para indicar a opressão dos israelitas por governantes estrangeiros (Lv 26.13; Dt 28.48; Is 9.4; 10.27; 14.25; Jr 27.8,11; Ez 34.27). O uso dessa palavra aqui é uma acusação a Salomão por haver imposto severo trabalho sobre o seu próprio povo (5.13; 9.22; 11.28 e notas).

* 12.6 os homens idosos. Esses conselheiros idosos e

experientes estavam inteirados acerca das tradições de Israel e compreendiam como a monarquia havia afetado as vidas dos israelitas comuns.

* 12.7 Se, hoje, te tornares servo. Embora lhe tivessem confiado

o poder, o rei israelita devia estabelecer a justiça e servir tanto a Deus quanto ao seu povo (Dt 17.14-20; Sl 72).

* 12.8 os jovens. Esses jovens conselheiros, assim como o

próprio Roboão, tinham crescido na corte real. Aparentemente eles pensavam que os privilégios de Roboão eram inalienáveis como aqueles de um monarca oriental.

* 12.10 Meu dedo mínimo é mais grosso do que os lombos de meu pai. Essas palavras constituem-se numa jactância arrogante e imprudente sobre quão mais opressivo seria o jugo de Roboão do que tinha sido o jugo de Salomão, seu pai (v. 11).

* 12.15 do SENHOR. O autor sagrado não menciona a atuação de Deus, visando desculpar a insensatez de Roboão. Deus estava usando as ações mal

orientadas de Roboão como um instrumento para cumprir a profecia de Aías (11.31-39).

* 12.16 Cuida, agora, da tua casa, ó Davi. As tribos do norte separaram-

se de Judá e da autoridade dos descendentes de Davi. Quanto a uma expressão de escárnio idêntica contra o próprio Davi, ver 2Sm 20.1.

* 12.17 filhos de Israel. Ou seja, membros das tribos do norte que se

tinham estabelecido no sul.

* 12.18 Adorão. Sem nenhuma sabedoria, Roboão enviou

trabalhos forçados para abafar o levante (4.6 e 5.14, onde Adorão é tido por "Adonirão").

todo o Israel. Ou seja, representantes das tribos do norte (12.1).

* 12.19 até ao dia de hoje. Ver 8.8 e nota.

* 12.20 para a congregação. Jeroboão não parece haver desempenhado

um papel ativo na assembléia de Siquém. Mas uma vez que ele se tornou rei, passou a governar as questões israelitas (vs. 25-33).

*
12.22 homem de Deus. A expressão comum "homem

um profeta (1Sm 2.27; 1Rs 13.1; 2Rs 4.7).

* 12.23 ao resto do povo. Provavelmente uma referência aos membros

das tribos do norte que se tinham estabelecido em Judá (v. 17).

*
12.24 volte para a sua casa, porque eu é que fi
O profeta

Semaías reafirmou o que o profeta Aías tinha declarado antes (11.29-39); a divisão do reino ocorre pela vontade de Deus. A existência de dois reinos é ordenada por Deus, e cada um agora tem a oportunidade de comprovar sua lealdade à aliança.

* 12.25-33 No esforço por segurar a lealdade dos seus súditos, Jeroboão fez os bezerros de ouro de Betel e Dã e instituiu um sistema alternativo de adoração para Israel.

* 12.25 Penuel. Jeroboão consolidou seu governo fortificando as cidades

de Siquém e Penuel, duas cidades críticas ao longo do rio Jaboque.

*** 12.27 Se este povo subir para fazer sacrifícios. Jeroboão teme que a**

unidade religiosa entre o norte e o sul pudesse levar também ao retorno da unidade política.

* 12.28 dois bezerros de ouro. Os cananeus, caracteristicamente,

retratavam seus deuses de pé sobre touros, novilhas ou outros animais. Provavelmente, Jeroboão provavelmente preparou seus bezerros de ouro como uma espécie de plataforma de trono para Deus, e não como imagens do Senhor. Não obstante, sua inovação foi um convite para que as práticas religiosas cananéias entrassem no reino do norte (cf. Êx 32.4).

* 12.29 Betel... Dã. Esses locais eram os extremos sul e norte do reino de

Jeroboão. Betel (lit., "casa de Deus") era um centro histórico de adoração dos israelitas (Gn 12.8; 28.11-19; 35.6,7; Jz 20.26-28; 1Sm 7.16).

* 12.30 isso se tornou em pecado. O estabelecimento de centros

religiosos nacionais em competição com aquele existente em Jerusalém é repetidamente referido nos livros dos Reis como o pecado de Jeroboão (13.34; 14.16; 15.26,30; 16.2; 2Rs 3.3; 10.29; 13.2 e 17.22). Infelizmente, cada um dos reis do norte seguiu a vereda aberta por Jeroboão. Nenhum deles tentou instituir uma reforma completa. Sem qualquer oposição resoluta contra o pecado de Jeroboão, essa atitude trouxe a deterioração e a extinção de Israel (2Rs 17.22,23).

* 12.31 santuários nos altos. Ver nota em 3.2. Ao promover a adoração

nos lugares altos, Jeroboão introduziu outras inovações no culto por ele criado.

dentre o povo, constituiu sacerdotes. Jeroboão criou seu próprio

sacerdócio, sem importar-se com as qualificações sacerdotais ou com o fato de não serem da linhagem levítica (Dt 18.1-8; Jz 17.10-13).

* 12.32 Fez uma festa. Talvez ele tenha imitado a Festa dos

Tabernáculos (Lv 23.34; 1 Rs 8.2).

* 12.33 escolhido a seu bel-prazer. Ou seja, uma festa não sancionada

por Deus. Ao instituir seus próprios centros religiosos, suas festividades e seu sacerdócio, Jeroboão desejou, deliberadamente, dissociar a si mesmo e aos seus súditos do templo de Jerusalém e da adoração efetuada ali. Como é claro, isso foi claramente contra o propósito da comissão divina de Jeroboão, conforme se vê descrito em 11.36-39 e 12.15, que exigia uma separação política, mas não uma separação religiosa entre Israel e Judá. A lealdade à aliança (11.38) requer lealdade ao templo estabelecido em honra a Deus, bem como aos seus sacerdotes, festividades e sacrifícios.

* 13.1 homem de Deus. Ver nota em 12.22.

de Judá. Deus enviou um profeta do sul para denunciar o culto de Jeroboão no norte.

* 13.2 Josias. Ele governou Judá de 640 a 609 a.C., trezentos

anos depois de Jeroboão.

sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos. Essa profecia teve cumprimento durante o reinado de Josias (2Rs 23.15-20). Ao queimar ossos humanos sobre o altar, Josias contaminou-o e o tornou impróprio para continuar a ser usado como um recinto sagrado.

* 13.3 Os profetas algumas vezes davam um sinal, uma prova

imediata, para corroborar uma profecia (2Rs 19.29; 20.8-11 e Jr

44.29,30).

e se derramará a cinza que há sobre ele. Dessa maneira, o altar foi

profanado (Lv 6.10-13).

* 13.5 O altar se fendeu. Esse sinal (v. 3) confirmou a profecia

acerca de Josias e demonstrou a condenação divina ao sistema religioso instituído por Josias.

* 13.6 a mão do rei se lhe recolheu. Deus, em generosamente

curar a mão de Jeroboão, reafirmou a autoridade de seu profeta.

* 13.8 nem comeria pão, nem beberia água. Se o profeta

aceitasse a hospitalidade do lugar, isso implicaria que ele estava aprovando as políticas de Jeroboão.

* 13.9 Não comerás pão, nem beberás água... não voltarás. O

profeta tinha instruções explícitas da parte de Deus acerca de sua conduta pessoal (v. 17).

* 13.11 Morava em Betel. O idoso profeta era do norte, diferentemente

do homem de Deus que chegara de Judá.

* 13.18 mentiu-lhe. O homem de Deus, proveniente de Judá, não poderia

ter sabido disso, exceto que a nova revelação violava suas próprias ordens, recebidas da parte de Deus.

* 13.20 a palavra do SENHOR. Ironicamente, Deus usou a "mentira" do

idoso profeta de Betel para cumprir uma profecia verdadeira (v. 18).

* 13.22 teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais. Era

considerado importante ser sepultado juntamente com os próprios ancestrais, no sepulcro da família (1 Rs 1.21; Gn 47.30; Js 24.32; 2Sm 2.32 e 17.23).

* 13.24 o jumento e o leão. O estranho comportamento dos animais foi

entendido como sendo miraculoso, e quando chegaram as notícias ao idoso profeta, ele imediatamente compreende a sua significação.

* 13.30 Ah! Irmão meu! Esse lamento foi para alguém de igual posição e não a um superior (cf. Jr 22.18).

* 13.31 ponde os meus ossos junto aos ossos dele. O idoso profeta identificou-se com a profecia do homem de Judá, pedindo para ser sepultado no mesmo túmulo que ele. Quando Josias mais tarde contaminou o altar de Betel, ele não perturbou os ossos devido ao respeito especial pelo profeta de Judá (2Rs 23.17,18).

* 13.34 pecado à casa de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

*** 14.1 adoeceu Abias, filho de Jeroboão. As pessoas, nos**

tempos do Antigo Testamento, algumas vezes procuravam os profetas para curarem suas enfermidades (2Rs 4.18-22; 5.1-14) ou para predizer a sorte de alguém que estava enferma (2Rs 1.2-4; 8.8).

* 14.2 disfarça-te. Jeroboão, segundo parece, temia o profeta, e

pensou que seu filho seria melhor tratado se não aparecesse associado com ele, seu pai.

* 14.3 Leva contigo dez pães. A esposa de Jeroboão devia levar

consigo esses presentes, apropriados para um cidadão comum, mas não para a realeza (1Sm 9.6-8; 2Rs 5.15; 8.8), a fim de parecer agradável para Aías.

* 14.11 cães o comerão... as aves do céu. Ver Dt 28.26. Tais maldições eram típicas do mundo antigo, incluindo Homero (Ilíada 1.4).

* 14.15 arrancará a Israel desta boa terra. A possibilidade de exílio como castigo pela apostasia aparece na aliança mosaica (Dt 28.63,64; 29.28), no discurso de despedida de Josué (Js 23.15,16) e na oração de Salomão no templo (8.33,34,46-53).

postes-ídolos. Provavelmente figuras esculpidas da deusa cananéia, Aserá,

uma consorte de Baal (Êx 34.13; Dt 12.3; Jz 3.7).

* 14.17 Tirza. Tirza ficava a 22,5 km a oeste do rio Jordão, na metade do

caminho entre Jerusalém e o mar de Quinerete (Galiléia). Era ali que Jeroboão rendia, e mais tarde tornou-se a capital de Israel (15.33), até que Onri edificasse a cidade de Samaria (1 Rs 16.24).

chegando ela ao limiar da casa. A morte de Abias era uma indicação de que as demais profecias de Aías também teriam cumprimento (v. 18).

* 14.19 mais atos de Jeroboão. O autor sagrado não pretendia escrever

um relato exaustivo sobre o reinado de Jeroboão. Antes, ele escreveu o que considerava importante para seus leitores conhecerem (Introdução: Características e Temas).

livro da História dos Reis de Israel. Ver nota em 11.41 e Introdução:

Autor.

* 14.20 vinte e dois anos. Ou seja de 930 a 909 a.C.

* 14.21-31 Esses versículos resumem o reinado de Roboão, filho e

imediato sucessor de Salomão. Seu reinado foi marcado por uma idolatria e por uma imoralidade crescentes, a perda de tesouros para o rei do Egito, e uma guerra contínua com Jeroboão.

*
14.21 Roboão. O autor sagrado mudou a sua atençãc o reino do

sul, registrando eventos que coincidem cronologicamente aos acontecimentos do reino do norte.

dezessete anos. Isto é, de 930 a 913 a.C.

*
14.22 Judá. A Septuaginta (tradução do Antigo Testame

"Roboão" em lugar de "Judá" (cf. 2Cr 12.14, que diz "ele fez o que era mau").

* 14.23 altos. Ver nota em 3.2.

Colunas. Basicamente eram pedras levantadas no solo. Muitas dessas pedras sagradas eram usadas pelos cananeus, em sua adoração. Tais colunas eram proibidas pela lei de Israel (Êx 23.24; Lv 26.1; Dt 12.3; 16.22).

Postes-ídolos. Ver nota no v. 15.

debaixo de todas as árvores verdes. Atividades religiosas que ocorriam perto de certas árvores, nos dias do Antigo Testamento, eram consideradas dotadas de significação especial (Dt 12.2; 2Rs

17.10; Is 57.5; Jr 2.20; Ez 6.13; Os 4.13).

* 14.24 prostitutos-cultuais. Os cananeus acreditavam que a

prostituição ritual (ver referência lateral) ajudava a garantir a fertilidade da terra, dos rebanhos e das pessoas. Essa prática, porém, era proibida em Israel (Dt 23.17,18; 1 Rs 15.12; 22.46; 2Rs 23.7 e Os 4.14).

* 14.25 Sisaque. Ele é o fundador da vigésima segunda dinastia do Egito,

e começou a reinar em 945 a.C. De conformidade com fontes egípcias, incluindo um fragmento de uma inscrição relatando campanha de Sisaque, Sisaque também invadiu Israel e infligiu uma destruição generalizada.

* 14.26 tomou os tesouros. Isto é, os tesouros guardados no templo

pelo rei Salomão (1Rs 7.51).

* 14.27 escudos de bronze. O reino independente de Judá era pequeno

e pobre demais para repor os paveses de ouro de Salomão.

*** 14.29 livro da História dos Reis de Judá. Ver nota em 11.41.**

* 14.30 guerra... todos os seus dias. Pequenos atritos de fronteira ou

guerras plenas entre Israel e Judá caracterizaram a história primitiva da monarquia dividida (1Rs 12.24; 14.19; 15.6; 2Cr 13.1-20).

* 14.31 Naamá... amonita. Roboão nasceu de um dos casamentos de

Salomão com mulheres estrangeiras (11.1).

* 15.2 Três anos reinou em Jerusalém. Isto é, de 913 a 910 a.C.

Era o nome de sua mãe Maaca. Provavelmente devido às suas fontes informativas, o autor alistou o nome das mães dos reis somente dos monarcas de Judá (Ver Introdução: Cronologia).

*** 15.3 os pecados que seu pai havia cometido. Ver 14.22-24.**

como o coração de Davi, seu pai. Davi foi um rei modelo (11.4, nota).

* 15.5 Urias, o heteu. Ele era o marido de Bate-Seba e general

do exército de Davi, a quem Davi assassinou (2Sm 11).

*** 15.7 livro da História dos Reis de Judá? Ver nota em 11.41 e**

Introdução: Autor.

guerra entre Abias e Jeroboão. Ver nota em 14.30; 2Cr 13.1-20.

* 15.10 Quarenta e um anos reinou. Ou seja, entre 910 e 869 a.C.

Maaca, filha de Absalão. Ver nota no v. 2.

* 15.11 Asa fez o que era reto. Asa obteve seus elogios eliminando os

símbolos religiosos dos cananeus (vs. 12-14).

* 15.12 os prostitutos-cultuais. Ver nota em 14.24.

os ídolos que seus pais fizeram. Ver nota em 14.23.

* 15.13 rainha-mãe. Algumas vezes, a rainha-mãe exercia considerável

influência sobre a corte real (1.11-14,28-31; 2Rs 11.1-20).

vale do Cedrom. Esse vádi (um leito de rio sazonal) corre pelo vale que assinala a fronteira oriental de Jerusalém.

* 15.14 os altos. Esses centros rurais de adoração podiam ser devotados

ao Senhor ou a uma das divindades cananéias, ou ainda a alguma combinação de ambos (3.2 e nota).

* 15.15 Trouxe à Casa do SENHOR. Asa tentou substituir alguns dos

tesouros perdidos durante a invasão de Sisaque (14.25,26).

* 15.16 guerra... todos os seus dias. Provavelmente, a referência não é

a alguma guerra total, mas a uma série contínua de conflitos e batalhas (14.30 e nota).

* 15.17 Ramá. Essa cidade ficava no território de Benjamim, a

apenas 10 km ao norte de Jerusalém. Visto que Ramá estava estrategicamente localizada na junção de várias rotas comerciais que levavam às terras altas da Judéia, o rei israelita podia limitar o acesso a Jerusalém. Além disso, Israel era muito maior que Judá. A campanha e o bloqueio de Baasa representou uma ameaça séria.

* 15.18 os enviou a Ben-Hadade. Asa usou o dinheiro do templo para

subornar os sírios para que o ajudasse contra os israelitas governados por Baasa. Os sírios teriam que quebrar um tratado para fazer isso, conforme o próprio Asa reconheceu.

* 15.20 Ben-Hadade deu ouvidos. O rei sírio ganhou dinheiro

de Judá, e

território de Israel, ao trair Baasa.

Ijom... Dã... Naftali. Essa área ficava ao norte do mar de Quinerete (Galiléia). Ao subjugá-la, a Síria passou a controlar rotas comerciais bem como o acesso às cidades fenícias de Tiro e Aco.

* 15.21 Tirza. Ver nota em 14.17.

* 15.22 todos, sem exceção. Asa recrutou trabalhadores forçados para destruir a Ramá e edificar as fortificações de Geba e Mispa (5.13, nota; 9.22, nota).

Geba de Benjamim. Ramá, Geba e Mispa ficavam todas entre 8 a 16 km ao norte de Jerusalém. Ao fortificá-las, Asa desencorajou outra campanha israelita contra Judá (cf. 2Cr 14.6,7).

*** 15.23 no livro da História dos Reis de Judá? Ver nota em 11.41.**

* 15.24 Josafá. Quanto a seu governo, ver 22.41-50.

* 15.25-32 Estes versículos relatam acerca do reinado de Nadabe, rei de Israel, mas dão mais atenção às ações subseqüentes de seu assassino e sucessor, Baasa. Assim que se tornou rei, Baasa matou a família inteira de Jeroboão, em cumprimento à profecia de Aías (14.10,11).

* 15.25 dois anos. Ou seja, entre 909 e 908 a.C.

*** 15.26 pecado com que seu pai fizera pecar a Israel. Ver nota em 12.30.**

* 15.27 Gibetom. Essa cidade foi designada à tribo de Dã, mas

freqüentemente ela era controlada pelos filisteus (Js 19.44). Ficava a oeste de Jerusalém e a 8 km ao norte de Ecrom.

* 15.29 matou toda a descendência de Jeroboão. Ele fez isso a fim de

consolidar a sua posição como monarca. Baasa livrou-se de todos os possíveis pretendentes ao trono na família de Jeroboão. Isso cumpriu a profecia de Aías, feitas a Jeroboão (14.10,11). O autor não elogiou os atos de Baasa; ao invés disto, mais adiante ele os condenou (16.7).

*** 15.31 livro da História dos Reis de Israel? Ver nota em 11.41.**

* 15.32 guerra entre Asa e Baasa. Ver nota em 14.30.

* 15.33 Tirza. Ver nota em 14.17.

* 15.34 caminho de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

* 16.2 te levantei do pó. Tal como no caso da condenação de

Jeroboão, por Aías (14.7,8), Jeú inicia seu discurso profético relembrando a bondade de Deus para com Baasa.

no caminho de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

* 16.3 Baasa... à tua casa. Isso porque Baasa seguiu as políticas

de Jeroboão, Baasa e sua família sofreriam a mesma sorte daquele (15.29).

* 16.4 cães. Ver 14.11 e nota.

*** 16.5 livro da História dos Reis de Israel? Ver nota em 11.41.**

* 16.8 reinou dois anos. Ou seja, entre 886 e 885 a.C.

*** 16.11,12 não lhe deixou nenhum do sexo masculino. Essa ação**

cumpriu a profecia em 16.3,4 (15.29, nota).

*** 16.14 livro da História dos Reis de Israel? Ver nota em 11.41.**

* 16.15 No ano vigésimo sétimo. Ou seja, 885 a.C.

Gibetom. Cerca de 40 km a oeste de Jerusalém, e a 8 km ao norte de Ecrom, uma importante cidade filistéia.

reinou Zinri sete dias em Tirza. A história de Israel, o reino do norte, foi cravejada de freqüentes golpes políticos ou tentativas de golpe. Judá, o reino

do sul, mostrou ser um tanto mais estável, talvez porque seus reis continuaram a ser descendentes de Davi. Mas a instabilidade de Israel, no norte, também pode ser atribuída ao desprezo de seus reis pela aliança mosaica. A agitação política era a maneira de Deus disciplinar e renovar a liderança de Israel (11.29-39; 14.7-11; 16.1-4; 21.19-22; 22.17; 2Rs 1.2-4).

* 16.16 Zinri conspirou. Os soldados de Israel recusaram o governo de Zinri.

Onri, comandante. Onri tinha uma posição superior à de Zinri (v. 9). As tropas podem ter sentido maior obrigação de seguir a Onri do que a Zinri.

* 16.19 no caminho de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

* 16.20 livro. Ver nota em 11.41.

* 16.21 se dividiu. Tibni contestou o direito de Onri ao trono.

* 16.22 Tibni morreu, e passou a reinar Onri. Esta sucinta declaração deixa-nos a impressão que Tibni foi morto na luta contra Onri e seus seguidores; mas causas naturais não podem ser excluídas.

* 16.23 No trigésimo-primeiro ano de Asa. Ou seja, 880 a.C. O conflito entre Onri e Tibni perdurou quatro anos (v. 15).

reinou doze anos. Ou seja, entre 885 e 874 a.C.

* 16.24 Samaria. À semelhança de Davi (2Sm 5.6-12), Onri fundou sua própria capital, Samaria. Ficava a meio caminho entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, e cerca de 60 km ao norte de Jerusalém. Samaria podia ser defendida com facilidade e tornou-se a capital permanente de Israel (20.1; 2Rs 6.24; 10.17; 13.6; 18.9,10). Contudo, algumas vezes, "Samaria" refere-se ao reino do norte como um todo (2Rs 17.24; Am 3.9,12).

* 16.26 os caminhos de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

* 16.27 poder que manifestou. Política e militarmente, Onri foi muito

bem sucedido. A pedra moabita, uma inscrição de um dos vizinhos de Israel, declara que Onri subjugou Moabe e capturou Medeba. Muito mais tarde, os anais do rei assírio, Tiglate-Pileser III (cerca de 732 a.C.) continuavam descrevendo Israel como a "casa de Onri”.

* 16.29 vinte e dois anos. Ou seja, entre 874 e 853 a.C.

* 16.30 Fez Acabe... o que era mau. Note que essa mesma frase foi

aplicada a Jeroboão (14.9), significa que ele foi "extremamente mau".

* 16.31 tomou por mulher a Jezabel. Esse casamento do filho de Onri

com a filha de Etbaal, pode ter sido arranjado por Onri devido a razões políticas. A presença de Jezabel trouxe apoio oficial, na nação de Israel, à adoração a Baal.

serviu a Baal. "Baal" significa "senhor" ou "marido". Baal era um deus da tempestade, uma divindade dominante da religião cananéia. Ele era considerado providencial por enviar chuvas e fertilidade à terra, semeando assim a vida.

* 16.33 poste-ídolo. Ver nota em 14.15.

*** 16.34 Hiel, o betelita... edificou a Jericó. Depois de sua anterior**

destruição (Js 5.13 - 6.27), Jericó havia sido habitada como uma colônia (Js 18.21; 2Sm 10.5). O desejo de Hiel de transformar o local da antiga Jericó em uma cidade plena faz cumprir a maldição existente em Js 6.26, que proibia a reconstrução da cidade e apontava as conseqüências de tal ato.

* 17.1 Elias. O nome desse profeta significa "Yah é Deus". Yah é

uma forma abreviada do nome divino "Yahweh", traduzida em português por "SENHOR" (cf. Êx 3.14,15). O nome de Elias corresponde ao tema de seu

ministério: o Senhor é Deus e não existe outro. Elias foi o principal profeta de Yahweh quando Acabe e Jezabel estavam promovendo a adoração a Baal em Israel.

tesbita. É provável que Elias tivesse nascido em uma cidade chamada Tisbe.

Gileade. Gileade é uma área de extensão indefinida a leste do rio Jordão.

nem orvalho nem chuva haverá. Baal (16.31 e nota) era o deus

cananeu da tempestade, e essa seca questionou a capacidade de Baal controlar as condições atmosféricas.

segundo a minha palavra. A seca demonstraria ao povo de Israel que estava desviado quem era o verdadeiro Deus.

*** 17.4 ordenei aos corvos que... te sustentem. Embora Elias**

estivesse no deserto, o Senhor podia prover para ele da mesma forma como fizera em favor da nação de Israel, séculos antes, durante o êxodo do Egito (Êx 16.4-36). Ironicamente, Israel estava na Terra Prometida, mas se esquecera de quem a sustentava.

* 17.5 torrente de Querite. Esse riacho provavelmente fluía para

o rio Jordão, vindo do oriente. Pode ter estado na parte norte de Gileade, na direção do mar de Quinerete (Galiléia).

* 17.9 Sarepta. Essa cidade ficava no litoral do Mediterrâneo,

entre as cidades de Tiro e Sidom. Deus ordenou que Elias viajasse para fora de Israel e entrasse na área onde a religião cananéia era suprema.

viúva. "Viúva" é praticamente sinônimo de "pobre", porquanto no antigo Oriente Próximo, as viúvas viviam quase desprotegidas pela lei e eram facilmente exploradas (Dt 14.29; 16.11; 24.20; 26.12; Sl 94.6; Is 47.8,9). Essa viúva específica não era israelita.

*** 17.12 Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus. Essa é uma fórmula**

de juramento (1.17, nota), feito em nome do Deus de Elias. A viúva pode ter desejado demonstrar respeito para com Elias, ou ela pode ter tido um interesse genuíno no Deus de Israel.

*** 17.13 primeiro faze dele para mim um bolo pequeno. Elias**

apresentou à viúva um teste de fé, exigindo dela um total compromisso. A despeito da escassez de alimentos, ela deveria alimentar o profeta de Deus antes de cuidar de si mesma e de seu filho.

* 17.18 Que fiz eu, ó homem de Deus? A mulher ficou perturbada diante

de Deus, porquanto seu filho estava morto, e ela se queixou perante Elias sugerindo que a missão dele era de puni-la por causa do pecado dela.

*** 17.21 estendendo-se três vezes sobre o menino. Elias realizou um**

ato simbólico juntamente com uma oração profética (11.30, nota). Seu repetido contato físico com o corpo do menino enfatizou o pedido que o calor e a vida voltassem ao menino (cf. 2Rs 4.34; At 20.10).

* 17.22 Ver nota teológica "Milagres", índice.

* 18.3 o mordomo. Esta era uma importante posição na

administração real (4.6, nota).

*** 18.4 Jezabel exterminava os profetas do SENHOR. Não se**

contentando em promover sua religião nativa, Jezabel perseguia os seguidores do Senhor e assassinava os seus profetas.

* 18.5 cavalos e mulos. A seca ameaçava o governo de Acabe,

porquanto o exército dependia desses animais, por exemplo, nas forças de carros de combate. A reação de Acabe à seca foi prática,

pois tentou descobrir água, ao invés de procurar chegar até ao âmago da questão: quem é soberano sobre a natureza e a vida.

* 18.12 o Espírito do SENHOR te leve. Anteriormente, Elias tinha

desaparecido do outro lado do rio Jordão, para então emergir em Sarepta.

* 18.17 ó perturbador de Israel? Acabe via Elias como um perturbador

da ordem, uma ameaça ao funcionamento normal da sociedade. Sua compreensão era superficial.

* 18.18 os baalins. Eram manifestações locais do deus Baal.

* 18.19 monte Carmelo. Esse monte se projeta ao longo do litoral do mar

Mediterrâneo, na direção oeste do mar de Quinerete (Galiléia). Visto que ficava próximo às cidades fenícias, provavelmente era muito forte ali a influência da religião de Baal.

profetas do poste-ídolo. Ou: Asera. Ver nota em 14.15.

que comem da mesa de Jezabel. Esses profetas falsos eram sustentados pelo estado (2.7, nota).

* 18.24 o deus que responder por fogo. Visto que os seguidores de

Baal acreditavam que Baal controlava o trovão, o relâmpago e as tempestades, o desafio de Elias atingiu o âmago desse poder alegado (16.31, nota).

*** 18.26 manquejando, se movimentavam ao redor do altar. Os**

profetas de Baal se envolveram numa dança ritual (referência lateral) para despertar o indiferente Baal.

* 18.27 Clamai em altas vozes. Os mitos de Baal retratam-no viajando,

guerreando, visitando o sub-mundo e até mesmo morrendo e voltando à vida. Elias sabia acerca dessas crenças, e se aproveitou disso, zombando dos seguidores de Baal.

atendendo a necessidades. Esta frase provavelmente é um eufemismo como o sentido de aliviar o ventre.

* 18.28 segundo o seu costume. Eles se cortavam para provocar a Baal.

A auto-dilaceração era proibida segundo a lei do Antigo Testamento (Lv 19.28; Dt 14.1), apesar disto era praticada por alguns judeus (Jr 41.5; 47.5).

* 18.29 profetizaram eles. Essa descrição, provavelmente, indica um

transe ou estado extático.

até que a oferta de manjares se oferecesse. Isto é, em torno das 15 hs (Êx

29.38-41; Nm 28.3-8; 2Rs 16.15 e At 3.1).

* 18.31 doze pedras. Elias enfatizou a unidade do povo de Israel, a

despeito da divisão do reino em dois. Dessa forma, ele salientou que o fato ocorrido no monte Carmelo não era relevante somente para as tribos do norte, mas para as tribos do sul, por semelhante modo (Êx 20.25; 24.4; Js 4).

Israel será o teu nome. Essas palavras são uma citação de Gn 35.10, onde Deus declara o nome especial que ele tinha dado anteriormente a Jacó.

*** 18.36 aproximou-se o profeta Elias e disse. Em contraste com as**

atividades complicadas e frenéticas dos profetas de Baal, a oração de Elias foi simples e direta.

*** 18.37 a ti fizeste retroceder o coração deles. O ato humano do**

arrependimento não é possível sem a graça divina.

* 18.40 ribeiro de Quisom. Esse ribeiro corre na direção norte, na

planície abaixo do monte Carmelo.

ali os matou. Israel era uma teocracia, uma sociedade fundada e constituída sob Deus. Dt 13.1-5 determina a execução dos falsos profetas: Dt 13.13-18 e 17.2-7 prescreve a morte de qualquer um que abrace a idolatria ou incite outros a se tornarem idólatras.

* 18.41 come e bebe. A austeridade de Acabe podia terminar, porque a

fome em breve terminaria (cf. Tg 5.17,18).

*** 18.45 Acabe subiu ao carro e foi para Jezreel. Acabe usava a cidade**

de Jezreel (localizada próximo ao monte Gilboa) como sua segunda residência (em adição a Samaria: 20.43; 21.1).

* 19.1 Acabe fez saber a Jezabel. Jezabel tinha grande poder no

governo de Israel (18.4, nota). Juntamente com Acabe, ela quis punir a Elias por ter matado os profetas de Baal (v. 2).

*** 19.2 Façam-me os deuses como lhes aprouver. O juramento**

solene de Jezabel invocou uma pena contra ela mesma se ela deixasse de matar a Elias num período de 24 hs (1.17, nota).

* 19.3 Berseba. No território ao sul de Judá, a 209 km ao sul de

Jezreel. Tal como já tinha feito antes, Elias fugiu para fora das fronteiras do reino do norte (17.3-6,9).

* 19.4 zimbro. Esses arbustos do deserto crescem até cerca de

2,75 m, e dão alguma sombra.

Basta. Depois de estabelecer com a ajuda de Deus uma luta titânica contra os profetas de Baal, na qual se saiu perfeitamente vencedor, Elias ficou desanimado e deprimido. Embora o Senhor tivesse derrotado a Baal, Elias tornou-se um fugitivo de Acabe e Jezabel. Por causa da incompatibilidade entre o visível (os defensores de Baal, que continuavam governando a Israel) e o invisível (a soberania de Yahweh), Elias quis morrer.

* 19.7 o caminho te será sobremodo longo. Elias devia viajar

por um vasto território até o monte Horebe (isto é, o monte Sinai), o local original da revelação de Deus a Moisés. Horebe ficava na Península árida do Sinai, entre Israel e o Egito, mas a localização exata é desconhecida (Êx 3.1; 17.6; 33.6; Dt 1.2,6,19; 4.10,15).

* 19.11,12 passava o SENHOR. Deus convoca a Elias para preparar-

se para receber uma revelação divina, mais ou menos da mesma forma como ele preparou Moisés no monte Sinai (Êx 33.30-33; 34.2).

vento... terremoto... fogo. Esses fenômenos foram indicações da presença de Deus no monte Sinai (Êx 19.18,19; 20.18; 24.17; Dt 4.11,12; 5.22-25), mas Deus não se revelou a Elias através deles.

um cicio tranqüilo e suave. O Senhor respondeu a Elias de uma maneira inesperada. Deus estava presente no quase silêncio. Contrariando as noções de Elias, o silêncio divino não indicava inatividade divina.

* 19.13 envolveu o rosto. Moisés foi coberto pela "mão" de Deus antes que ele passasse (Êx 33.20-23), e Elias cobriu o próprio rosto ao ouvir o "cicio tranqüilo e suave". Ninguém pode ver a Deus e viver (1Tm 6.16).

* 19.15 unge a Hazael rei sobre a Síria. Embora fosse comum que os profetas ungissem os reis, era extremamente incomum para eles ungir reis estrangeiros. O propósito de Deus, nisso, foi usar esse rei de Damasco para trazer o seu juízo contra a casa de Acabe (2Rs 8.7-15,28,29; 10.32; 12.17,18 e 13.3,22).

* 19.16 a Jeú... ungirás. Jeú era um comandante militar que serviu tanto a Acabe como ao filho deste, Jorão (2Rs 9.5,6). Por incitação de Elias, Jeú daria início a um completo expurgo da casa de Acabe (2Rs 9.1—10.17).

Eliseu, filho de Safate. O nome "Eliseu" significa "Deus é salvação" ou "Deus salva", sendo uma caracterização apropriada da missão de Eliseu. Existem muitos paralelos entre o trabalho de Elias e o trabalho de Eliseu. Ambos obedeceram aos padrões do pacto do Sinai, a despeito da oposição de certos reis (18.17-46; 21.19-22; 2Rs 3.13; 9.1-10).

* 19.18 sete mil. Elias tinha pensado ser o único profeta de Yahweh que

restava.

toda boca que o não beijou. Ou seja, sete mil não tinham beijado a imagem de Baal (cf. Os 13.2).

* 19.20 o que fiz contigo. Com essa declaração elíptica e enigmática, Elias aparentemente permitiu que Eliseu fizesse uma visita de despedida à sua casa, porquanto o que lhe tinha sucedido era grandioso, e não perderia seu efeito através de tal demora.

* 19.21 os imolou. Eliseu entregou-se completamente à sua nova chamada profética, pondo fim à sua antiga maneira de viver. O chamado de Jesus a seus discípulos foi uma reivindicação abrangente (Mc 1.16-20; 2.14). A mesma coisa pode ser dita acerca de qualquer um que queira segui-lo (Mc 8.34-38).

o servia. Eliseu não começou em pé de igualdade com Elias, mas como seu aprendiz ou ajudante. Moisés também contou com Josué como seu servo, e o treinou para ser seu sucessor (Êx 24.13; 33.11).

* 20.1 Ben-Hadade, rei da Síria. Provavelmente devemos ter em

mente aqui Ben-Hadade II, neto do Ben-Hadade mencionado em 1Rs 15.18-20.

trinta e dois reis. Ben-Hadade II reuniu uma coligação de 32 reis, de cidades-estados dependentes e de chefes tribais para a sua campanha contra Acabe.

* 20.4 ó rei, meu senhor. Acabe dirigiu-se a Ben-Hadade como

um inferior a um superior. Acabe esperava que rendendo-se ele poderia preservar sua própria vida e impedir que sua cidade fosse destruída.

* 20.9 isto, agora, não posso consentir. Nessa rendição (v. 4),

Acabe não imaginava realmente entregar suas mulheres e crianças, pelo menos não aquelas de seu palácio e de seu séquito.

*** 20.10 Façam-me os deuses como lhes aprouver. Irado diante da**

recusa de Acabe, Ben-Hadade prometeu reduzir Samaria a um montão de poeira.

* 20.11 quem se cinge. Acabe respondeu com um provérbio que diz que

é uma insensatez jactar-se da vitória antes da luta ter começado.

*** 20.13 Pois, hoje, a entreguei nas tuas mãos. Essa era a forma de**

demonstrar certeza antes das batalhas, quando o Senhor estava prestes a lutar ao lado de Israel (Js 6.2,16; 8.1,18; Jz 7.2; 18.10; 2Cr 13.16; 16.8). Deus defende a causa de seu povo contra os opressores e os inimigos (Êx 15.1-21;

Jz 5; Hc 3.3-19; Ap 18).

* 20.16 embriagando-
se. Os excessivamente confiantes estavam

insensíveis para com suas responsabilidades.

* 20.23 Seus deuses são deuses dos montes. Isto é, os deuses tanto

de Samaria quanto de Jerusalém, ambas na região montanhosa. Segundo os conceitos politeístas da época, cada deus tinha zonas específicas de influência e poder.

pelejemos contra eles em planícies. Compreendia-se que as guerras eram travadas não somente pelos exércitos, mas também por seus respectivos deuses, e por isso os sírios queriam lutar nas planícies, onde eles acreditavam que Yahweh estaria fora de sua esfera de

influência, e, portanto, estaria em uma posição de fraqueza.

* 20.24 tira os reis. Os reis acabaram embriagados (vs. 12 e 16), e seria

sábio substituí-los por guerreiros.

* 20.26 Afeque. Essa cidade ficava a cerca de 6,5 km do mar de

Quinerete (Galiléia).

*** 20.31 os reis... de Israel são reis clementes. Certas potências do**

Oriente Próximo, como a Assíria, mostravam-se brutais para com os vencidos.

panos de saco... cordas. Os sírios estavam dramatizando sua humildade e submissão aos israelitas.

* 20.32 o teu servo. Antes, Acabe tinha-se dirigido a Ben-Hadade como

se este fosse um superior (vs. 4,9); agora as condições mudaram completamente.

É meu irmão. A surpreendente resposta de Acabe retratou Ben-Hadade como um igual em um relacionamento pactual (9.13), uma concessão que os homens de Ben-Hadade exploraram imediatamente (v. 33).

* 20.34 monta os teus bazares. O comércio internacional poderia render

lucros substanciais (10.23-29), e a garantia de um mercado em outro país permitiria uma distinta vantagem econômica para os comerciantes israelitas.

com esta aliança. Os dois reis formalizaram suas negociações ratificando um pacto ou acordo.

* 20.35 discípulos dos profetas. Essa designação indica os membros de

um tipo de associação de profetas. Elias e Eliseu provavelmente eram líderes de tais grupos (2Rs 2.3,15; 4.1,38; 6.1 e 9.1).

20.36 Visto que não obedeceste à voz do SENHOR. Esse incidente, extremamente incomum, precisa ser entendido dentro do contexto da história anterior, na qual Acabe não obedeceu aos ditames de uma guerra santa. Cônscio do tratado que Acabe fizera com Ben-Hadade II, o profeta dramatizou as conseqüências de quem se recusara a dar ouvidos à palavra de Deus.

um leão te matará. O idoso profeta de Betel proferiu um decreto semelhante de juízo contra o homem de Deus vindo de Judá (13.20-25).

* 20.39 um talento de prata. Uma enorme quantidade de prata (cerca de

34 kg), mais do que um soldado comum poderia pagar.

* 20.40 Esta é a tua sentença. Acabe não demonstrou misericórdia, e assim condenou a si mesmo (v. 42; 2Sm 12.7).

* 20.42 o homem que eu havia condenado. Ver Lv 27.28; Js 6.17; 7.1,20-26. As guerras eram campanhas nas quais o próprio Deus lutava e ganhava, usando os israelitas como seus agentes. Ao entrar nessas guerras, Israel devia conduzir-se da maneira prescrita, observando estipulações de conduta santa. Acabe estava disposto a aceitar a vitória divina, mas ele violou as regras da guerra santa, ao fazer um tratado com Ben-Hadade vinculando Israel a uma potência estrangeira (Dt 7.1-6; 20.16-18).

a tua vida será em lugar da sua vida, e o teu povo, em lugar do seu povo.

Mesmo que cada indivíduo seja responsável pela sua própria conduta diante de Deus, os atos de cada um inevitavelmente afetam as vidas de outras pessoas para o bem ou para o mal.

* 21.1 Jezreel. Essa localidade ficava a cerca de 39 km ao norte

de Samaria. Acabe tinha um palácio ali, além do outro palácio na capital (18.45).

* 21.2 Dá-me a tua vinha. Nas nações cananéias, um rei podia

apoderar-se de propriedades e de objetos pessoais pertencentes a outrem ao seu bel prazer, porque, em teoria, toda a propriedade pertencia a família real, e tão-somente era confiada aos súditos. Em Israel, Deus era o proprietário da terra (Êx 19.3-8; Lv 25.23) e o povo era tido como seus mordomos (Nm 14.8; 35.34; Dt 1.8). Os poderes de um monarca israelita eram limitados, em contraste com os poderes de um rei cananeu (Dt 17.14-20; 1Sm 8.9-19; 10.25). Quando Acabe quis ficar com a vinha de seu vizinho, Nabote, o procurou negociar uma compra (cf. 16.24).

* 21.3 Guarde-me o SENHOR. A reação de Nabote foi imediata,

porquanto suas terras eram uma herança sagrada que o Senhor lhe havia

dado. Quando o território da Terra Prometida foi distribuído, após a conquista (Js 13 - 21), cada família recebeu sua própria herança como um dom divino e uma custódia. Visto que a vinha de Nabote era a sua porção da herança de sua família, vendê-la seria o mesmo que deserdar seus próprios descendentes (Lv 25.23; Nm 27.1-11; 36.1-12).

*** 21.8 escreveu cartas... aos anciãos e aos nobres. Jezabel**

usou o poder régio para acusar falsamente a Nabote e então executá-lo.

* 21.9 Apregoai um jejum. Jezabel, com a cumplicidade de

Acabe, fomentou a apreensão entre os habitantes da cidade, porquanto um jejum era uma reação característica diante de uma crise ou de uma grande transgressão (Jz 20.26; 1 Sm 7.5,6; 2Cr 20.3; Jn 3.5,7-9).

* 21.10 dois homens malignos. A lei de Israel estipulava que pelo menos duas testemunhas eram necessárias para condenar uma pessoa à pena capital (Nm 35.30; Dt 17.5,6; 19.15).

Blasfemaste contra Deus e contra o rei. A pena por amaldiçoar a Deus era a morte (Êx 22.28; Lv 24.10-16).

* 21.13 para fora da cidade. Em consonância com a lei mosaica, os assassinos evitaram a impureza ritual (Lv 4.14; Nm 15.35,36). 2Rs 9.26 acrescenta que os filhos de Nabote também foram mortos, eliminando quaisquer herdeiros possíveis.

*** 21.24 os cães o comerão... as aves do céu o comerão. Ver 14.11 e nota.**

* 21.25 Ninguém houve, pois, como Acabe. Ver 16.30-33 e notas.

* 21.26 amorreus. Essa palavra refere-se aos habitantes pré-israelitas de

Canaã (Gn 15.16; Dt 1.7; 2Sm 21.2).

*** 21.27 rasgou as suas vestes, cobriu de pano de saco o seu corpo.**

O juízo divino, proferido através de Elias, mudou a atitude de Acabe. Os atos de rasgar as vestes e de usar pano de saco eram sinais de profunda lamentação e arrependimento (Gn 37.34; 2Sm 3.31; 2Rs 6.30; Lm 2.10; Jl 1.13).

* 21.29 não trarei este mal nos seus dias. Deus reviu a punição que tinha decretado nos vs. 21-24. A penalidade não foi rescindida, mas foi adiada por uma geração, devido à misericórdia de Deus.

seu filho. Isto é, Jorão (2Rs 9.25,26). Embora Acabe não viveria o bastante para ver o fim de sua dinastia, ele e Jezabel tiveram mortes desonrosas (22.37,38; 2Rs 9.10,34-37).

* 22.1 Três anos. Israel gozou de paz por três anos após a guerra

de dois anos entre a Síria e Israel, descrita em 20.1-34. Durante esse período de paz, Hadadezer (Ben-Hadade II), da Síria, Acabe de Israel, e dez outros reis formaram uma coligação para afastar a invasão assíria, liderada por Salmaneser III. Os registros históricos dos assírios relatam que na principal batalha dessa campanha, que aconteceu em Qarqar, na Síria, às margens do rio Orontes (853 a.C.), Acabe contribuiu com duzentos carros de guerra e com dez mil soldados. A reivindicação assíria de que os assírios obtiveram uma grande vitória parece ser um exagero, porque os assírios se retiraram e não tentaram invadir novamente a região durante cerca de quatro anos.

* 22.2 Josafá, rei de Judá. Quanto ao seu reinado, ver os vs. 41

50 e 2Rs 3.7-27.

* 22.3 Ramote-Gileade. Localizada a cerca de 32 km a leste do

rio Jordão, perto de um tributário ao rio Iarmuque, Ramote-Gileade tornou-se possessão de Israel durante a conquista (Dt 4.43; Js 20.8; cf. 1Rs 4.13) e Acabe achou que era tempo de recuperá-la dos sírios (v. 4).

* 22.4 Serei como tu és. Essa linguagem diplomática significa a

concordância de Josafá em unir-se na campanha contra os sírios. Josafá parece ter sido um associado menor nessa coligação, e não um igual com Acabe, pois Acabe lhe determinou o que fazer (v. 30). Visto que anteriormente Judá fora aliado dos sírios contra Israel (15.16-21), esse novo arranjo assinalou uma mudança na política estrangeira tanto de Israel quanto de Judá. Em algum ponto no reinado de Acabe, ele formalizou suas relações com Judá, dando sua filha, Atalia, em casamento a Jeorão, filho do rei de Judá (2Rs 8.18,26). Atalia era uma devotada adoradora de Baal, e esse casamento diplomático introduziu a adoração a Baal patrocinada pelo estado, em Judá, corrompendo-se assim a adoração a Yahweh (2Rs 11).

*** 22.5 Consulta primeiro a palavra do SENHOR. Era comum**

consultar-se a Deus ou seus profetas, antes de iniciar alguma campanha militar importante (1Sm 23.1-4; 2Sm 2.1; 2Rs 3.11; 2Cr 20.3-17).

*** 22.6 profetas... quatrocentos homens. Os profetas cujas**

palavras ficaram registradas nas Escrituras são apenas uma fração do número total de pessoas que se chamavam de profetas naqueles tempos (18.19; 2Rs 3.13; Jr 28). Profetas também eram comuns em outras sociedades do antigo Oriente Próximo.

Eles disseram: Sobe. A maioria dos profetas israelitas anelava por agradar seus patronos, geralmente reis, proferindo lisonjas e mensagens agradáveis (Jr 28.1-4; Am 7.10-13).

*** 22.7 Não há aqui ainda algum profeta do SENHOR. Josafá**

mostrou-se cético diante desses profetas.

* 22.8 Micaías, filho de Inlá. O nome "Micaías" significa "Quem é

como Yahweh?" Ele só aparece neste capítulo.

nunca profetiza de mim o que é bom. De acordo com Jeremias, era preciso desconfiar dos profetas que profetizavam com grande otimismo sobre o futuro da nação (Jr 29.8,9).

* 22.10 assentados, cada um no seu trono. Acabe e Josafá estavam

sentados no lugar onde as decisões judiciais e municipais eram tomadas (Dt 21.19; 25.7; Rt 4.1 -12; Am 5.10-15).

* 22.11 Zedequias. Esse homem era um dos profetas procurados por

Acabe.

chifres de ferro. Os chifres representam o poder (Dt 33.17; Zc 1.18-21). Quanto aos atos simbólicos dos profetas, ver 11.30, nota.

* 22.14 Tão certo como vive o SENHOR. Um juramento convencional

(1.17, nota).

o que o SENHOR me disser, isso falarei. Mesmo que ele desejasse dizer algo diferente, Micaías só podia falar a palavra do Senhor.

* 22.15 Sobe e triunfarás. Micaías estava sendo sarcástico, e Acabe

sabia disso.

* 22.17 Vi todo o Israel disperso. Micaías retrata os exércitos de Israel

derrotados e sem líderes como estando em um estado de anarquia.

que não têm pastor. O termo "pastor" pode referir-se a um rei (Zc 13.7). Micaías não identificou que pastor seria este.

* 22.22 Sairei e serei espírito mentiroso. Um dos seres celestiais

cumpriu os desejos de Deus usando os quatrocentos profetas como o meio de reforçar uma falsa sensação de segurança no coração de Acabe (1 Sm 16.1416; Jó 1.6-8,12; Jr 14.14-16; 23.16,26; Ez 14.9 e Gl 1.6-9).

* 22.25 de câmara em câmara. Quando a batalha tivesse terminado, Zedequias seria envergonhado e buscaria refúgio.

* 22.28 Se voltares em paz. A despeito da vontade de Acabe, a profecia

permaneceria de pé.

* 22.30 Eu me disfarçarei. O disfarce de Acabe indica que ele temeu as

palavras de Micaías.

as tuas vestes. Cinicamente, Acabe convidou Josafá a ficar vestido em suas vestes reais, esperando que se algum rei tivesse que ser morto em batalha (v. 17), esse rei deveria ser Josafá.

*** 22.31 Não pelejareis nem contra pequeno nem contra grande.**

Neutralizar o líder de um exército contrário era algo decisivo, porque, uma vez morto esse líder, o exército dele entraria em colapso.

* 22.38 os cães lamberam o sangue do rei. Esse ato dos cães foi um

cumprimento parcial da profecia de Elias em 21.19 (cf. 2Rs 9.25,26).

as prostitutas banharam-se nestas águas. Provavelmente a referência é à prostituição cultual, efetuada no templo de Baal; mas ver referência lateral.

* 22.39 casa de marfim que construiu. As escavações arqueológicas

em Samaria descobriram casas construídas com marfim decorativo que datam desse período. Tal extravagância foi ironizada por Amós (Am 3.15).

cidades que edificou. As escavações arqueológicas revelam que Samaria e Megido foram refortificadas durante esse período.

livro da História dos Reis de Israel? Ver nota em 11.41.

* 22.40 Acazias. Quanto ao reinado de Acazias, ver os vs. 51-53 e

2 Reis 1.

* 22.41 no quarto ano. Se Josafá foi co-regente com seu pai Asa, por

três anos, conforme alguns eruditos acreditam, o quarto ano seria 869 a.C., e

se referia ao começo de seu reinado independente.

* 22.42 vinte e cinco anos reinou. Isto é, entre 872 e 848 a.C.

* 22.43 fez o que era reto perante o SENHOR. Josafá foi um dos reis do

reino do sul, Judá, que o autor sagrado dos livros dos Reis retrata sob uma luz positiva.

Todavia, os altos não se tiraram. Ver nota em 3.2.

* 22.44 Josafá viveu em paz com o rei de Israel. Embora os primeiros anos do reino dividido fossem assinalados por guerras intermitentes, o tratado entre Josafá e Acabe foi o começo de um período de relações pacíficas entre Judá e Israel (cf. 2Rs 8.18,26).

* 22.45 como guerreou. Ver 2Rs 3.7-27; 2Cr 17.11; 20. livro da História dos Reis de Judá? Ver nota em 11.41.

* 22.46 prostitutos-cultuais. Ver nota em 14.24.

* 22.47 reinava um governador. "Não havia rei em Edom", pois, com

toda a probabilidade, Edom era um vassalo de Judá. O rei de Judá, era quem decidia quem governaria Edom (2Rs 8.20-22).

* 22.48 navios de Társis. Josafá, tal como fizera Salomão antes dele, quis estabelecer uma marinha sua, com base em Eziom Geber (1 Rs 9.26-28; 10.22; 2Cr 20.35-37).

Ofir. Ver nota em 9.28.

* 22.49 Acazias, filho de Acabe. Ver 1Rs 22.51; 2Rs 1.18.

Vão os meus servos embarcados com os teus. Ver 2Cr 20.35-37.

* 22.51 reinou dois anos. Ou seja, entre 853 e 852 a.C.

* 22.52 seu pai... sua mãe. Ou seja, Acabe e Jezabel (1 Rs 16.29-34).

nos caminhos de Jeroboão. Ver nota em 12.30.

* 22.53 Ele serviu a Baal, e o adorou. A adoração a Baal, introduzida e

apoiada por Acabe e Jezabel, foi perpetuada por seu filho (16.31, nota).

2 Reis

*** 1.3 Elias, o tesbita.** Ver nota em 1Rs 17.1. **rei de Samaria.** Ver nota em 1 Rs 16.24.

*** 1.8 homem vestido de pêlos... cinto de ouro.** Em sua aparência, em seu ascetismo e em sua coragem profética, João Batista assemelha-se a Elias (Mt 3.4). Ambos os profetas tiveram um ministério de julgamento e arrependimento (Mt 3.112; Lc 3.2-17).

*** 1.9 Homem de Deus, o rei diz: Desce.** Para Acazias, a profecia de

Elias constituía uma interferência nos negócios do estado, pelo que o profeta deveria ser considerado responsável diante do rei por seus atos. A reação de Acazias revela uma compreensão caracteristicamente cananéia dos poderes ilimitados de um monarca (1Sm 8.11-17; 1Rs 21.2, nota cf. Dt 17.14-20).

*** 1.17 Jorão**. Jorão, à semelhança de Acazias, era filho de Acabe (3.1;

1 Rs 22.51). Esse Jorão do reino do norte, Israel, não deve ser confundido com Jeorão, filho e sucessor de Josafá (ver 8.16,23), que

reinou no reino do sul (Judá), mais ou menos na mesma época.

* **1.18 livro da História dos Reis de Israel**. Ver nota em 1Rs 11.41.

* **2.1 ao céu por um redemoinho.** Na Bíblia somente Elias e Enoque

(Gn 5.24) foram privilegiados de não morrerem mas serem levados diretamente para o céu.

Gilgal. Localizado ao oeste do Jordão, perto de Jericó.

* **2.2 Betel**. Betel era uma das principais cidades das terras altas

centrais (1Rs 12.29, nota).

* **2.8 feriu as águas.** Elias, tal como Moisés e Josué, antes dele,

testificou a divisão das águas, o que permitiu aos escolhidos de Deus passarem em segurança para o outro lado, caminhando em terra seca (Êx 14.21,22; Js 3.14-17).

* **2.9 porção dobrada.** Em Israel, o filho mais velho recebia uma

partilha dupla da herança da família, e também tinha o direito de suceder a seu pai (Dt 21.17). O desejo de Eliseu de receber "porção dobrada” do espírito de Elias foi, por conseguinte, um pedido ousado de levar adiante o ministério de Elias.

* **2.10 Dura coisa pediste.** Não dependia de Elias, mas cabia a Deus

determinar se seria atendido o ousado pedido de Eliseu.

* **2.11 um carro de fogo, com cavalos de fogo.** Os auxiliares celestes

de Deus escoltaram Elias ao céu, por meio de um "redemoinho". O fogo aparece por diversas vezes no ministério de Elias, como um sinal do poder todo-consumidor de Deus (1.10,12,14; 1Rs 18.38; cf. 1Rs 19.12).

*** 2.12 Meu pai, meu pai**. Esse título respeitoso endereçada a uma

pessoa de autoridade (Gn 45.8; Jz 17.10 e Mt 23.9) seria usado mais tarde com Eliseu (6.21; 13.14). O profeta Malaquias declarou que Elias retornaria antes da vinda do "dia do SENHOR" (Ml 4.5 e nota). Elias prepararia o povo para o ministério do Senhor (1.8, nota).

*** 2.13 levantou o manto.** Antes, Elias tinha lançado seu manto sobre

Eliseu, como sinal de que Eliseu seria o seu sucessor (1Rs 19.19). Agora o que tinha sido prometido se cumpriu.

*** 2.14 elas se dividiram... e Eliseu passou. Deus designou Josué**

como o sucessor aprovado de Moisés (Nm 27.12-23; Dt 31.1-8; 34.9; Js 1.1 -9), levando-o a liderar o povo para o outro lado do rio Jordão e entrar na Terra Prometida, tal como Moisés levara o povo de Israel a atravessar o mar Vermelho (Êx 14 e 15; Js 3). Agora Deus nomeia Eliseu como sucessor de Elias, dividindo as águas do rio Jordão tal como fizera com Elias (v. 8).

*** 2.15 os discípulos dos profetas... se prostraram diante dele em**

2.15

terra. Ver nota em 1 Rs 20.35.

* **2.19 Os homens da cidade**. Esses homens, com toda a

probabilidade, eram os líderes de Jericó (v. 18).

* **2.20 prato novo**. Um prato novo estaria isento de qualquer impureza

cerimonial.

ponde nele sal. O termo aqui ressalta o aspecto preservador do sal, e é um símbolo apropriado de como Deus é fiel às suas promessas e que sustenta o seu povo (Lv 2.13; Nm 18.19; 2Cr 13.5; Ez 43.24; Mt 5.13; Mc 9.49,50).

* **2.23 calvo.** Pode ser que os jovens estivessem comparando,

sarcasticamente, Eliseu com o mestre Elias, o qual era "coberto de pêlos" (1.8), e desafiando-o a "subir" ao céu, da mesma forma que Elias tinha feito (v. 11).

* **2.24 e os amaldiçoou.** Eliseu, em seu ministério, era

caracteristicamente compassivo para com os arrependidos e duro e severo para com os obstinados. A morte dos jovens de Betel tornou-se outra manifestação pública do poder de Deus presente em seu porta-voz, Eliseu (vs. 14,21).

* **3.1 no décimo oitavo ano de Josafá**. É provável que Jeorão, de

Judá, e seu pai, Josafá, tenham sido co-regentes por aproximadamente cinco anos (853-848 a.C.). O "segundo ano de Jeorão" (1.17) seria a mesma coisa que "o décimo oitavo ano de Josafá" (3.1).

doze anos. Isto é, entre 852 e 841 a.C.

* **3.2 a coluna de Baal.** Ver a nota em 1Rs 14.23. Jorão iniciou uma

reforma secundária, na tentativa de desfazer um pouco do dano causado por seus pais.

*** 3.3 pecados de Jeroboão.** Ver a nota em 1 Rs 12.30. A reforma de

Jorão não foi completa; ele não reformou a falha fundamental na adoração do reino do norte.

*** 3.4 Mesa, rei dos moabitas**. De acordo com a Pedra Moabita,

Mesa reconheceu que, tal como seus antecessores, ele também tinha sido vassalo de Israel. Ele alegou ter libertado sua terra da sujeição a Israel e se arrogava em dizer que "Israel pereceu para sempre".

pagava o seu tributo. Parte das obrigações de Mesa, como rei vassalo, era pagar tributo regularmente ao seu superior.

*** 3.9 o rei de Edom.** O governante de Edom provavelmente era

vassalo do rei de Judá, e, portanto, forçado a ajudá-lo (cf. 8.20; 1 Rs 22.47).

*** 3.11 Não há, aqui, algum profeta do SENHOR? Josafá fez pergunta**

similar a Acabe (1 Rs 22.7).

*** 3.14 não respeitasse a presença de Josafá. Eliseu consentiu em**

profetizar para a coligação, mas somente por causa de Josafá, cujo reinado era considerado de maneira positiva (1 Rs 22.43).

*** 3.15 trazei-me um tangedor.** O tangedor era um músico, empregado

para prover uma atmosfera apropriada para o recebimento de uma revelação divina (cf. 1Sm 10.5,6; 19.20-24).

o poder de Deus. Lit. "a mão do SENHOR". Essa frase simboliza a inspiração profética (Ez 1.3; 8.1 e 13.9).

*** 3.16 neste vale.** É geralmente identificado com o vale do Zerede, um

riacho sazonal que flui para dentro da extremidade sul do mar Morto, e que formava a fronteira entre Edom e Moabe (Dt 2.13).

*** 3.20 vinham as águas pelo caminho de Edom. Enchentes**

repentinas nos montes de Edom fluíam rapidamente pelo leito seco na direção do mar Morto.

*** 3.22 as águas vermelhas como sangue.** Essas águas estavam

coloridas devido ao arenito vermelho de Edom (cf. Gn 25.30).

*** 3.25 Quir-Haresete.** Provavelmente esse era o nome da capital de

Moabe (Is 16.7,11; Jr 48.31,36), a cerca de 18 km a leste do mar Morto, e a 22 km e meio ao norte do vale do Zerede.

*** 3.27 seu filho primogênito.** Esse ato horrendo tinha por finalidade

induzir o deus Camos a evitar que os moabitas sofressem derrota certa. O sacrifício de infantes era algo expressamente proibido em Israel (Êx 34.20; Dt 18.10); não obstante, dois dos reis posteriores de Judá (Acaz e Manassés) aparentemente o praticaram (16.3; 21.6).

*** 4.1 discípulos dos profetas.** Ver nota em 1 Rs 20.35.

meus dois filhos para lhe serem escravos. A lei mosaica permitia que se vendessem filhos como servos (ou escravos) durante um período limitado de tempo (Êx 21.2,7; Lv 25.39-46; Dt 15.12-18). Infelizmente, essa disposição legal estava sujeita a abusos constantes (Ne 5.5-8; Jr 34.8-22; Am 2.6; 8.6).

*** 4.8 Suném.** Na parte norte da terra de Canaã, fora de Israel (1 Rs

1.3, nota).

*** 4.12 Geazi**. O auxiliar pessoal de Eliseu (5.20-27; 6.15).

*** 4.14 ela não tem filho, e seu marido é velho. Um herdeiro se**

revestia de grande importância, porquanto o nome da família e suas possessões seriam transmitidas aos filhos. Se não houvesse filhos, entretanto, a casa e os bens da família seriam deixados para outros. Desta forma, viver como viúva, o que se constituia em um futuro bem provável para aquela mulher, tornariam as coisas muito difíceis para ela (1Rs 17.9, nota).

*** 4.17 deu à luz um filho.** Por toda a Bíblia, a graça de Deus para com

mulheres sem filhos, como Sara (Gn 17.16-19), Rebeca (Gn 25.21-26), Raquel (Gn

29.31; 30.22-24) e Isabel (Lc 1.5-25), mostra o seu amor e compaixão pelos pobres e oprimidos.

*** 4.21 o deitou sobre a cama do homem de Deus. Ela se recusou a**

aceitar a morte de seu filho e ocultou o corpo do menino no dormitório de Elias para que o ritual das lamentações não se iniciasse (Gn

50.10; 2Cr 35.25; Jó 2.12,13; Dn 10.2; Mc 5.38; Jo 11.33).

*** 4.23 Não é dia de Festa da Lua Nova nem sábado. A antiga nação**

de Israel tinha um calendário lunar e uma festa era celebrada a cada lua nova (Nm 10.10; 28.11-15; Ed 3.5; Ne 10.33; Is 1.13,14; Am 8.5). A lei mosaica não permitia que se trabalhasse em dia de sábado, e possivelmente também não no dia da Lua Nova (Êx 16.23; 20.8-10; 1Sm 20.5 e 1Cr 23.31).

*** 4.27 abraçou-lhe os pés.** Esse ato era um sinal de respeito (Jo

11.32).

*** 4.38 Põe a panela grande ao lume.** Durante um período de fome, o

pedido de Eliseu não era trivial (cf. 1Rs 17.11-13).

*** 4.39 trepadeira silvestre.** Naquela região existem várias espécies de

trepadeiras que apresentam certo grau tóxico, mas que se assemelham a plantas comestíveis.

*** 4.42 Baal-Salisa**. Na região montanhosa de Efraim, às margens do

riacho de Caná.

pães das primícias. Ao trazer as primícias da colheita, o homem demonstrou sua dedicação a Eliseu e sua gratidão por seu trabalho profético (Lv 2.14; 23.9-21; Dt 18.3-5).

*** 5.1 rei da Síria**. Esse rei e o rei de Israel (v. 5), provavelmente foram

Ben-Hadade II (8.7; 13.3; 1Rs 20.1), e Jorão (1.17; 3.1 e 9.24).

* **5.2 tropas.** Durante a longa história da tensão entre Israel e Síria,

5.2

com freqüência havia choques e disputas nas fronteiras.

* **5.5 uma carta ao rei de Israel.** O rei da Síria enviou uma missiva

oficial ao rei de Israel, apresentando-lhe Naamã e solicitando em prol deste um favor. O rei da Síria estava enganado ao supor que Eliseu trabalhava sob as ordens do rei de Israel.

dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro. Ou seja, cerca de 340 kg de prata, e 68 kg de ouro.

* **5.7 rasgou as suas vestes.** Esse era um sinal de grande aflição

(1 Rs 21.27 e nota).

* **5.8 Por que rasgaste as tuas vestes.** Eliseu repreendeu o rei de

Israel por haver reagido ao pedido do rei da Síria com tanta apreensão, sem crer que Deus pudesse ajudá-lo.

saberá que há profeta em Israel. Ver 3.11; 8.7,8; 1Rs 17.24; 18.36. Eliseu respondeu afirmativamente à solicitação dos sírios (v. 3).

* **Eliseu lhe mandou um mensageiro.** Tanto Elias quanto Eliseu freqüentemente submetiam a teste a fé das pessoas a quem eles ministravam (1 Rs 17.13; 2Rs 4.3,4). Neste caso, Eliseu nem ao menos foi ao encontro de Naamã, mas, em lugar disso, enviou instruções a ele por meio de um mensageiro.

*** 5.11 moveria a mão sobre o lugar**. Não percebendo a importância

da liberdade divina e nem o papel crítico da fé, Naamã achava inconcebível ter que banhar-se por sete vezes no rio Jordão.

*** 5.12 Abana e Farfar, rios de Damasco.** Se a cura profética fosse um

rito sem sentido, Naamã bem poderia ter ficado em sua própria casa.

*** 5.15 Em toda a terra não há Deus, senão em Israel. Naamã não estava**

dizendo apenas que o Senhor era mais poderoso do que os deuses da Síria; mas

estava confessando que só existe um Deus, o Senhor; e, ao assim dizer, Naamã adotou a fé de Israel como a sua própria fé (1Rs 18.39).

*** 5.16 Tão certo como vive o SENHOR. Essas palavras**

correspondem a um juramento (1Rs 1.17 e nota).

*** 5.17 uma carga de terra de dois mulos.** Os povos do antigo Oriente

Próximo acreditavam que os deuses estavam ligados à terra onde eram adorados. Naamã pediu um pouco do solo da terra do Senhor para santificar o altar que ele planejava lhe edificar em outro país.

*** 5.18 Rimom.** Essa palavra (lit., "romã") é uma paródia do nome

Ramanu, o deus sírio da tempestade, correspondente a Baal. Essa principal divindade da Síria também era conhecida pelo nome de Hadade (Zc 12.11).

* **5.22 discípulos dos profetas**. Ver nota em 1 Rs 20.35.

* **5.27 a ti e à tua descendência.** O pecado não é algo apenas

individual, mas também coletivo (Êx 20.5).

* **6.1 discípulos dos profetas.** Ver nota em 1 Rs 20.35.

* **6.5 machado.** Esse instrumento era caro e relativamente raro em

Israel nesse tempo. Pelo fato de que o profeta tinha emprestado o machado de um amigo, sua perda representaria um problema.

* **6.8 rei da Síria**. Assim como no cap.5, os reis da Síria e de Israel (v.

9) não foram chamados por seus nomes. O mais provável é que tenham sido Ben-Hadade II (8.7; 13.3; 1Rs 20.1) e Jorão (1.17; 3.1; 9.24).

guerra a Israel. A despeito da ratificação de um tratado ente Israel e a Síria (1 Rs 20.34; 22.1), as duas nações continuaram a lutar.

* **6.16 mais são os que estão conosco.** Eliseu referia-se ao "exército"

celestial de Deus (cf. Js 5.13-15; 2Cr 32.7,8; Dn 10.20; 12.1). Ao lutarem nas

guerras por Deus, os israelitas acreditavam que não estavam lutando sozinhos, mas contando com o poder de Deus (Êx 15.1-12; Dt 20.1-4; 2Sm 22.7-16,31-51). Ver também Mt 26.53.

* **6.17 lhe abras os olhos.** Eliseu orou para que o servo visse algo que

não aparece a olhos nus: os exércitos celestiais de Deus prontos para

batalhar contra os sírios.

* **6.21** **meu pai**. Os reis chamavam Eliseu de "pai", por terem grande

respeito por ele (2.12 e nota; 13.14).

* **6.22** **Não os ferirás.** A lição destacada por Eliseu era dupla. Em

primeiro lugar, os cativos não pertenciam ao rei, porque a vitória pertencia a Deus. Em segundo lugar, os cativos que se colocavam à mercê de seus captores normalmente não eram mortos (Dt 20.11; 2Sm 8.2).

* **6.24** **Ben-Hadade**. O mais provável é que tenha sido Ben-Hadade II

(8.7; 1Rs 20.1, nota).

* **6.25** **a cabeça de um jumento por oitenta siclos de prata. Uma**

parte indesejável de um animal imundo (Lv 11.2-7; Dt 14.4-8) estava sendo vendida por quase um quilo de prata.

* **6.28** **Dá teu filho, para que, hoje, o comamos. As maldições da**

Aliança do Sinai previam exatamente essa espécie de canibalismo (Lv 26.29; Dt 28.52-57; cf. Lm 2.20; 4.10; Ez 5.10).

* **6.30** **rasgou as suas vestes.** Esse ato era um sinal de aflição (1 Rs

21.27, nota).

trazia pano de saco por dentro, sobre a pele. Isso demonstrou que

até o rei

estava em estado de lamentação (Gn 37.34; 1Rs 21.27; Jo 3.5,6).

* **6.32 juntamente com os anciãos.** Os líderes da cidade estavam

conferenciando com Eliseu, e não com o rei (1 Rs 8.1, nota).

* **7.1 Um alqueire de flor de farinha por um siclo. Eliseu profetizou**

uma súbita reversão da fome, quando cerca de oito litros de farinha de trigo seria vendido por menos de dezesseis gramas de prata (cf. 6.25).

* **7.3 à entrada da porta**. A lei mosaica proibia que pessoas com

enfermidades na pele vivessem na comunidade (Lv 13.46; Nm 5.1-4; 12.14,15).

* **7.6 heteus e... egípcios.** Os heteus viviam na Ásia Menor (Nm

13.29). O Egito (no hebraico, *misraym)* pode ter sido confundido com um estado secundário próximo do lugar de onde viviam os heteus, cujo nome era semelhante ao nome hebraico para Egito (cf. 1 Rs 10,28,29 e notas).

* **8.1 a fome**. O escritor sacro não declarou quanto tempo havia

passado entre os eventos do cap.4 e o presente incidente.

* **8.2 na terra dos filisteus.** Isto é, na planície sudoeste, onde a

chuva era bastante adequada para a agricultura.

* **8.3 a clamar.** Em sua obrigação como supervisor do sistema

judicial

da nação, o rei ouvia causas especiais (1Rs 3.16, nota).

* **8.4 o rei.** Seu nome não nos foi fornecido, mas se este rei era Jorão

(1.17; 3.13), então é surpreendente que ele nada soubesse sobre as atividades de Eliseu. Ou este incidente teve lugar pouco tempo depois dos eventos narrados em 4.8-37 ou o rei aqui referido era Jeú (cap. 9).

Geazi. Ele era o auxiliar pessoal de Eliseu (4.12, nota; 5.27, nota).

* **8.7 Veio Eliseu a Damasco.** Era incomum que profetas de Israel

visitassem capitais estrangeiras. Mas Eliseu estava em uma missão incomum: implementar a primeira das três ordens que Deus havia dado a Elias, no monte Horebe (1Rs 19.15,16).

Ben-Hadade. Provavelmente Ben-Hadade II (6.24; 1Rs 20.1, nota).

* **8.8 Hazael**. O Senhor tinha dito a Elias que ele deveria ungir Hazael

como rei sobre a Síria, como parte do julgamento divino contra a casa de Acabe

(1 Rs 19.15).

* **8.9 de tudo que era bom de Damasco**. A cidade de Damasco tinha

uma reputação internacional como um centro de comércio do antigo Oriente Próximo.

Teu filho Ben-Hadade. Essa é uma indicação diplomática da alta

consideração que Ben-Hadade tinha por Eliseu (6.21; 13.14).

* **8.12 deitarás fogo... rasgarás o ventre.** Tais atrocidades eram

comuns nas guerras antigas (Gn 34.29; Sl 137.9; Is 13.16; Os 10.14; 13.16; Am 1.13; Na 3.10). Eliseu, contudo, não aprovava tais atos; antes, ele os lamentava.

* **8.13 teu servo, este cão.** Essa expressão de autodepreciação na

presença de um superior ocorre em certo número de documentos extrabíblicos (cartas de Laquis e Tell-el-Amarna), do começo do século VI a.C., em Judá (ver também uma fórmula parecida em 1Sm 17.43; 24.14; 2Sm 3.8). Inscrições assírias referem-se a Hazael como "filho de ninguém", isto é, um cidadão comum.

* **8.15 tomou um cobertor.** Hazael entendeu a profecia de Eliseu

como licença para cometer assassinato, uma indicação da crueldade de Hazael.

* **8.16 Jeorão.** Jeorão provavelmente, reinou juntamente com seu pai,

Josafá, por cinco anos, antes de tornar-se monarca exclusivo de Judá (1.17; 1Rs 22.42). Este versículo assinala a morte de Josafá e o começo do governo independente de Jeorão (848 - 841 a.C.).

* **8.18 andou nos caminhos dos reis de Israel. Geralmente, os reis**

de Judá eram avaliados com referência a seus antecessores. Jeorão foi propositalmente contrastado com a "casa de Acabe", porquanto ele imitava suas políticas. Acabe introduziu e sancionou a adoração a Baal, no reino de Israel, no norte, e agora Jeorão fazia a mesma coisa em Judá.

a filha deste era sua mulher. As dinastias governantes do norte e do sul estavam agora ligadas por ideologia e por laços de sangue (v. 26; 2Cr 21.6). Atalia promoveu a adoração a Baal no sul, tal como sua mãe, Jezabel, tinha promovido a religião de Baal no norte (1Rs 16.31; 18.4; 19.2).

*** 8.19 por amor de Davi, seu servo.** Por causa do amor do Senhor

para com Davi, Judá foi preservado em sua existência, tendo sido mantida acesa a lâmpada de Davi.

*** 8.22 até ao dia de hoje.** Ver a nota em 1 Rs 8.8.

se rebelou também Libna. Libna era uma cidade que ficava próxima da fronteira com a Filístia, a cerca de 24 km a sudeste de Asdode.

*** 8.23 Livro da História dos Reis de Judá**. Ver nota em 1Rs 11.41.

*** 8.24 Acazias**. Não deve ser confundido com seu tio por parte de

mãe, o rei Acazias, de Israel (1Rs 22.40,51—2Rs 1.18).

*** 8.25 No décimo-segundo ano de Jorão, filho de Acabe. Isto é, 841**

*** 8.26 Atalia.** Ver nota no v. 18.

*** 8.27 Ele andou no caminho da casa de Acabe, e fez o que era**

mau. Tal como seu pai, Jeorão, Acazias imitou as políticas religiosas de Acabe, sancionando a adoração, em Judá, do deus cananeu, Baal (1Rs 16.31, nota).

*** 8.28 Foi com Jorão, filho de Acabe... à peleja. Anteriormente,**

Josafá, rei de Judá, havia aliado-se a Acabe, rei de Israel, em uma campanha contra os sírios, em Ramote-Gileade (1Rs 22). Esta campanha, tal como a anterior, terminou em desastre (1Rs 22.32-37).

*** 8.29 Então, voltou o rei Jorão para Jezreel. Nessa cidade havia**

uma residência real dos reis do norte (1 Rs 18.45, nota). Também foi este o local do terrível crime de Acabe e Jezabel contra Nabote (1 Rs 21).

*** 9.1 discípulos dos profetas.** Ver nota em 1 Rs 20.35.

*** 9.3 Toma... azeite, derrama-lho sobre a cabeça. Eliseu instruiu um**

dos profetas para que realizasse um rito de unção, usado para designar um (futuro) monarca (11.12; 23.30; 1Sm 9.16; 10.1; 16.13 e 2Sm 2.7).

*** 9.9 como à casa de Jeroboão... como à casa de Baasa. Deus**

tinha destruído essas duas dinastias israelitas anteriores por causa de sua infidelidade (1Rs 15.27-30; 16.8-13).

*** 9.10 não haverá quem a enterre.** A falta de sepultamento era um

sinal de desgraça (Jr 8.2; 16.4-6; 22.19; 25.33).

*** 9.11 este louco**. Por causa de seu estilo de vida incomum, hábitos

excêntricos e mensagem proféticas extáticas, os profetas eram tidos como loucos por certas pessoas (cf. Jr 29.26; Os 9.7).

*** 9.13 tocaram a trombeta.** As trombetas anunciavam a unção de um

rei (cf. 2Sm 15.10; 1Rs 1.34).

*** 9.21 Nabote, o jezreelita.** O golpe político de Jeú atingiu o seu

clímax no mesmo lugar onde Acabe e Jezabel tinham mandado matar Nabote (1 Rs 21.1-16).

*** 9.22 Que paz.** A pergunta feita por Jeú atingiu em cheio o âmago da

questão. Não pode haver verdadeira paz enquanto houver idolatria e feitiçaria (cf. 17.17; 21.6; Jz 2.17; 8.33; Os 2.3; Na 3.4).

*** 9.25 o SENHOR pronunciou contra ele esta sentença. Ver 1 Rs**

21.21-24.

* **9.27** **Acazias, rei de Judá... morreu.** Jeú não estava autorizado a

matar os descendentes de Davi que estavam aparentados com a casa de Acabe, através de sua filha, Atalia (cf. os vs. 8-10). Jeú mostrou-se por demais zeloso no cumprimento de sua comissão. Oséias o criticou "pelo sangue de Jezreel" (Os 1.4).

* **9.29** **No ano undécimo**. Esse número talvez nos informa acerca dos

anos completos de seu governo, deixando de fora o ano em que ele subira ao trono. Isso concordaria com os números apresentados em 8.25.

* **9.30** **Jezreel.** O cenário volta a ser o sinistro local do assassinato de

Nabote.

* **9.31** **Zinri**. Ao referir-se a Jeú dessa maneira, Jezabel aludia

sarcasticamente ao massacre sangrento efetuado por Zinri, quase meio século antes (1 Rs 16.9-15).

* **9.32** **eunucos.** Essa última palavra pode referir-se a homens que

eram empregados como guardas e auxiliares dos haréns reais, no antigo Oriente Próximo (como aqui), ou a oficiais da corte real (20.18; Is 39.7; Jr 29.2; 34.19; 38.7; Dn 1.3,7-10).

* **9.34** **filha de rei.** Jeú não dignificou Jezabel com o título de "rainha

de Israel", mas antes, referiu-se a ela como a filha de Etbaal, rei dos sidônios (1 Rs 16.31).

* **9.36 os cães comerão a carne de Jezabel.** O oráculo de julgamento

do qual Jezabel escarneceu com tanto desprezo, enquanto vivia, agora se cumpria em sua morte (1 Rs 21.23). Cães também estiveram presentes na morte de Acabe

(1 Rs 22.38).

* **10.1 setenta filhos.** Esse número provavelmente incluía netos. Mas é

desconhecido o número das esposas que Acabe tinha (1Rs 20.5).

anciãos. Ver nota em 1Rs 8.1.

tutores. Esses guardiões (ver a referência lateral) eram responsáveis pela criação e educação das crianças do palácio real. O rei estava morto, e Jeú falava em vários personagens menores.

* 10.5 o responsável pelo palácio. Ver nota em 1 Rs 4.6.

o responsável pela cidade. Essa posição é semelhante à de "governador da cidade", em 1Rs 22.26.

* 10.6 tomai as cabeças dos homens, filhos de vosso senhor. A

exigência de Jeú tomou a forma de um trocadilho. No hebraico, "cabeça" pode significar parte do corpo, ou pode significar "líder" ou "chefe". É incerto, entretanto, se Jeú estava solicitando a morte de todos os descendentes do sexo masculino de Acabe, ou apenas os líderes entre os príncipes reais.

* 10.7 e os mataram, setenta pessoas. Os líderes de Samaria não se

arriscaram: cumpriram literalmente as ordens de Jeú. Dessa maneira, outro componente da profecia de Elias foi realizado (1Rs 21.21-24).

* 10.8 Ponde-as em dois montões. Os reis assírios, como

Assurbanipal e Salmaneser III, intimidavam as populações deixando montes de cabeças perto dos portões das cidades.

* 10.11 Jeú feriu também todos. As ações de Jeú ultrapassaram em muito os

mandatos do oráculo de Elias (1 Rs 21.21-24), e o oráculo entregue pessoalmente a Jeú (9.7-10).

* 10.12 Bete-Equede, dos Pastores. Provavelmente localizada a alguns

poucos quilômetros a nordeste de Jenim.

* 10.13 Parentes de Acazias. Esses parentes não percebiam que havia um

golpe político.

*
10.15 Jonadabe, filho de Recabe. Ele pertencia a uma

Israel, que levava uma vida de austeridade e abstinência. Seguindo suas convicções

15

acerca da adoração a Deus, os recabitas não plantavam campos e nem bebiam vinho (Jr 35).

*** 10.18 Acabe serviu pouco a Baal; Jeú, porém, muito o servirá. O ardil das**

palavras de Jeú teve por intuito fazer com que os apoiadores de Baal

revelassem publicamente a sua lealdade. Tendo destruído totalmente a casa de Acabe (v. 17), agora Jeú começa o seu expurgo da adoração a Baal em Israel.

* **10.21 casa de Baal.** Acabe tinha erigido essa estrutura em Samaria (1 Rs

16.32).

* **10.26 colunas.** Ver nota em 1 Rs 14.23.

as queimaram. Monumentos de pedra podem ser despedaçados se forem aquecidos no fogo, para depois derramar-se água fria sobre.

* **10.27 a transformaram em latrinas**. Isso contaminou o local e desencorajou

quaisquer adoradores futuros de Baal de tentarem reconstruir o seu templo.

* **10.31 lei do SENHOR.** Quanto à importância de guardar a lei mosaica, ver a

nota em 1 Rs 2.3.

* **10.33 desde o Jordão para o nascente do sol.** Hazael foi bem-sucedido na

captura dos territórios tribais de Israel localizados na Transjordânia, cumprindo assim uma das profecias de Elias (8.12).

Aroer. Essa cidade ficava a apenas alguns poucos quilômetros ao norte do rio Arnom, a leste do mar Morto (Dt 2.36; Js 12.2 e 13.9,16).

* **10.34 os mais atos de Jeú.** Em uma inscrição no "Obelisco Negro", o

monarca da Assíria, Salmaneser III, registrou que "Jeú, filho de Onri",

pagou-lhe tributo de prata, de ouro e de outros artigos. Acerca disto nada é dito nos livros dos Reis.

livro da História dos Reis de Israel. Ver nota em 1Rs 11.41.

* **10.35 Jeoacaz**. Quanto ao reinado dele, ver 13.1-9.

* **10.36 vinte e oito anos**. Ou seja, entre 841 e 814 a.C.

* **11.1-21** Joiada, o sacerdote, liderou um golpe político contra a

usurpadora Atalia, mãe de Acazias, e defendeu o jovem Joás, filho de Acazias, como legítimo herdeiro de Judá.

* **11.1 Atalia.** Sendo filha de Acabe, ela se dedicou a fazer a adoração

a Baal florescer em Judá (8.18; 11.18). Essa tentativa de expurgar a casa real de Judá levou a dinastia de Davi à beira da extinção.

* **11.2 Jeoseba**. Provavelmente, não sendo filha de Atalia, Jeoseba

seria uma meia-irmã de Acazias. Em 2Cr 22.11, ela é identificada como a esposa do sacerdote Joiada (cf. os vs. 4 e 9).

Joás. Ele era filho de Acazias, e, em conseqüência, era neto de Atalia.

numa câmara interior. Joás, que tinha menos que um ano de idade (vs. 3,21), e que ainda não havia sido desmamado, foi providencialmente salvo da perseguição efetuada por Atalia.

* **11.3 na Casa do SENHOR.** No templo, Joás seria instruído na lei de

Deus.

seis anos. O autor sagrado reconheceu que Atalia exerceu controle sobre Judá no mínimo por seis anos, mas visto que ele considerava o reino dela como ilegítimo, ele não a dignificou com a usual introdução e conclusão (cf. vs. 1 e 20 com 11.21— 12.3,19-21). Os anos que ela passou como chefe de estado de Judá são contados como parte do reinado de Joás.

* **11.4 cários... guarda.** Ou seja, a guarda real (cf. 2Sm 8.18; 20.23).

Eles são de origem incerta, embora alguns eruditos os retratem como mercenários vindos da Cária, no sudeste da Ásia Menor.

* **11.6 portão detrás da guarda.** Esse portão provavelmente estava na

muralha sul, separando o templo do palácio real.

* **11.10 lanças e os escudos**. Esses artigos podem ter feito parte dos despojos que Davi capturou do rei Hadadezer, de Zobá (2Sm 8.3-11). Dedicados por Davi ao Senhor (2Sm 8.7,11), essas lanças e esses escudos estavam guardados no templo. Outra explicação é que esses armamentos faziam parte das lanças e dos escudos pessoais de Davi.

* **11.12 Testemunho.** Refere-se à aliança sinaítica como um todo (Êx 25.16; cf. 23.3), ou a um documento mais limitado que especificava os deveres e as limitações do rei (Dt 17.14-20).

* **11.14 estava junto à coluna.** As colunas, chamadas "Jaquim" e "Boás", circundavam o vestíbulo do templo (1Rs 7.15-22). Quando o povo se reunia no templo, em ocasiões importantes, como em algum discurso real, as pessoas costumavam ficar de pé nessa área, defronte do templo propriamente dito.

povo da terra. O significado preciso dessas palavras é discutido entre os eruditos, sendo provável que seu significado tenha mudado

durante o curso da história de Israel (Ed 9.1,2). Aqui, parece designar os líderes do povo que tinham permanecido fiéis ao Senhor e à dinastia de Davi.

rasgou os seus vestidos. Ver nota em 1 Rs 21.27.

* **11.15 matai-o à espada.** Essa ordem segue as estipulações de Dt 13.12-18.

Não a matem na Casa do SENHOR. O derramamento de sangue no recinto do templo seria um sacrilégio.

* **11.17 aliança.** Joiada liderou o povo e Joás a renovarem sua lealdade à aliança mosaica. Outras renovações da aliança já tinham acontecido no passado, em Israel (Dt 29.1; Js 8.30-35; 24.1-28). Os livros de Crônicas mencionam várias renovações da aliança durante a história da monarquia (2Cr 15.12; 23.16; 29.10 e

34.31). Considerando-se o influxo da adoração a Baal no passado recente de Judá, era apropriado que todos buscassem um novo início, rededicando-se ao Senhor.

e o rei, e o povo. Ver 2Cr 23.3. Tal acordo delinearia as responsabilidades das duas partes dentro do contexto maior da aliança mosaica (Dt 17.14-20 e 2Sm 5.3).

* **11.18 povo da terra.** Ver nota no v. 14.

casa de Baal. Joiada liderou o povo em uma completa reforma, que pode ser comparada com a reforma anterior, liderada no norte por Jeú (10.18-29).

* **11.19 dos cários.** Ver nota no v. 4.

* **11.21 Era Joás da idade de sete anos.** Joiada foi uma influência

significativamente positiva sobre Joás, durante a primeira parte do reinado deste (12.2; 2Cr 24.22).

*** 12.1 No ano sétimo de Jeú... quarenta anos reinou. Ou seja, entre**

835 e 796 a.C.

*** 12.2 o que era reto**. Joás foi um dos vários reis judeus que

receberam uma avaliação positiva (Introdução a 1Reis: Características e Temas).

*** 12.3 os altos.** O reinado de Joás não deixou de ter suas falhas

religiosas. O povo continuou a adorar "nos altos" (1 Rs 3.2 e nota).

*** 12.4 Todo o dinheiro das coisas santas.** Joás propos o uso das rendas do

templo para conservar o templo (cf. Ne 10.32). O templo fora negligenciado durante os anos de Atalia (v. 5; 2Cr 24.7).

taxa pessoal. Os jovens israelitas, quando atingiam a idade de vinte anos, eram obrigados a alistar-se para passar um ano em serviço militar e doar meio siclo para o santuário (Êx 30.11-16).

*** 12.9 os sacerdotes**. Ver 22.4; 23.4; 25.18; Jr 35.4; 52.24.

*** 12.13 nem vaso algum**. Ver 1 Rs 7.50. A prioridade era dada para reparar o edifício do templo. Durante o regime de Atalia, os móveis e utensílios do templo foram usados para a adoração a Baal (2Cr 24.7).

*** 12.16 oferta pela culpa.** Ver Lv 5.16; 6.6,7; Nm 5.7-10.

oferta pelos pecados. Ver Lv 4. A restauração instituída por Joás

não privou os sacerdotes das fontes principais de suas rendas (Lv 7.7).

* **12.17 Gate.** Essa era uma das cinco principais cidades dos filisteus; havia pertencido anteriormente a Judá (1Cr 18.1; 2Cr 11.8).

* **12.18 todas as coisas santas.** Joás saqueou seu próprio palácio e o templo, para pagar um imposto ou suborno para que Hazael se retirasse.

* **12.19 Quanto aos mais atos.** Ver 2Cr 22.10—24.27. **livro da História dos Reis de Judá.** Ver a nota em 1Rs 11.41.

* **12.20 servos.** Os servos de Joás eram filhos de mulheres estrangeiras empregadas pelo governo (14.5; 2Cr 24.26).

casa de Milo. Esse termo pode referir-se ou a uma edifício construído sobre o "Milo", em Jerusalém (as terraplenagens construídas por Salomão; 1Rs 9.15, nota) ou então a um local dentro das muralhas de Jerusalém, a noroeste da cidade de Davi (cf. Jz 9.6,20).

* **12.21 Amazias.** Quanto ao reinado de Amazias, ver 14.1-22.

* **13.1 No vigésimo-terceiro ano de Joás... reinou dezessete anos.**

Ou seja, entre 814 e 798 a.C.

* **13.2 nos pecados de Jeroboão.** Ver nota em 1 Rs

* 13.3 Ben-Hadade, filho de Hazael. Temos aqui uma menção a Ben-

Hadade III. Quanto a Ben-Hadade I, ver 1Rs 15.18-21; quanto a Ben-Hadade II, ver 1 Rs 20.1 e nota; 2Rs 6.24; 8.7.

* 13.5 deu um salvador a Israel. Tal como nos tempos dos juízes (Jz

2.16-23), Deus proveu ajuda temporária dos ataques dos sírios. Esse libertador não foi mencionado pelo nome.

* 13.6 pecados da casa de Jeroboão. Ver nota em 1 Rs 12.30.

poste-ídolo. Ver a referência lateral. Esse objeto foi erguido por Acabe (1 Rs 16.33), e aparentemente não chegou a ser tocado pelas reformas de Jeú (2Rs 10.18-28).

* 13.7 cinqüenta cavaleiros, dez carros e dez mil homens de pé. O

rei foi deixado com um grande número de homens de infantaria, mas apenas com pouquíssimos carros de combate. Isso diminuiu drasticamente a sua capacidade de rápida reação diante de alguma crise militar.

* 13.8 livro da História dos Reis de Israel. Ver nota em 1Rs 11.41.

* 13.10 No trigésimo-sétimo ano de Joás. Isto é, 798 a.C. Joás reinou entre

798 e 782 a.C.

* 13.11 pecados de Jeroboão. Ver nota em 1 Rs 12.30.

* 13.12 livro da História dos Reis de Israel. Ver nota em 1Rs 11.41.

* 13.13 Jeroboão. Jeroboão II governou entre 793 e 753 a.C., incluindo onze

anos como co-regente com seu pai, Jeoás. Jeroboão começou a reinar de modo independente quando Jeoás morreu, em 782 a.C. Ver 14.23-29.

* 13.14 Meu pai. Ver nota em 2.12.

Carros de Israel e seus cavaleiros. Anteriormente, Eliseu usara essa expressão para dirigir-se a Elias; agora Jeoás faz uso do cumprimento com Eliseu.

* **13.17 janela para o oriente**. Essa janela abria-se para o lado da região controlada pela Síria (10.32,33).

Flecha da vitória contra os siros. A ação simbólica foi uma profecia que o próprio Jeoás haveria de cumprir.

Afeque. Ver nota em 1 Rs 20.26.

* **13.18 e cessou.** De alguma maneira, Jeoás deixou de perceber o sentido interior do que o profeta o estava exortando a fazer. Eliseu considerou que Jeoás era claramente culpado pela sua falta de entusiasmo.

* **13.20 Morreu Eliseu**. Presume-se que Eliseu morreu devido à sua idade avançada.

* **13.23 por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó.** A fidelidade de Deus é constante e eterna (cf. 1Rs 18.36).

* **13.24 Ben-Hadade.** Ou seja, Ben-Hadade III (v. 3, nota).

* **13.25 três vezes Jeoás o feriu.** Isso cumpriu a última profecia de Eliseu (v. 19); as vitórias de Jeoás impediram a expansão dos sírios. Posteriormente,

Jeroboão II também derrotaria os sírios (14.25).

* **14.1 No segundo ano de Jeoás.** Ou seja, em 796 a.C.

* **14.3 Fez ele o que era reto perante o SENHOR.**
Amazias seguiu as

leis da aliança (ver 1 Rs 2.3, nota).

ainda que não como Davi, seu pai. Ver nota em 1Rs 11.4.

*** 14.4 os altos não se tiraram.** Amazias foi um dos vários reis de Judá

que foram elogiados pelo autor. Mas seu louvor é restringido, porquanto Amazias tolerava a adoração nos santuários no alto das colinas (1Rs 3.2, nota).

*

14.5

matou os seus servos. Ver 12.20,21.

*****

14.7 Ele feriu dez mil edomitas. Essa grande vitória reverteu

temporariamente algumas perdas anteriores (cf. 8.20-22; 2Cr 25.11,12).

vale do Sal. Provavelmente temos aqui menção às planícies salgadas do mar Morto (cf. 2Sm 8.13 e Sl 60, subtítulo).

Sela. A Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento) identifica Sela (que significa "rocha" no hebraico) com Petra (que significa "rocha" no grego), localizada ao longo do vale Tectônico, a 80 km do mar Morto. Alguns eruditos modernos situam-na no norte do território idumeu perto de Bozra (Jz 1.36).

até ao dia de hoje. Esta frase reflete um tempo antes de os judeus terem sido levados cativos para a Babilônia (1Rs 8.8, nota).

*** 14.8 Jeoás**. Ver 13.10-25.

* **14.9 O cardo**. O reino do norte era maior e mais poderoso do que o

reino do sul (1Rs 14.30; 15.16,17 e notas). Nessa fábula (cf. Jz 9.8-15), um pequeno cardo (Amazias) pensava ser igual a um cedro do Líbano (Jeoás), somente para ser esmagado sob os pés.

* **14.11 Bete-Semes.** Uma cidade que ficava a 24 km a oeste de Jerusalém (1 Rs 4.9).

* **14.13 Jeoás... prendeu a Amazias.** Provavelmente Jeoás levou Amazias de volta a Samaria (v. 14). Amazias foi forçado a ficar ali até à morte de Jeoás (v. 17).

Porta de Efraim. Essa porta principal da cidade ficava na muralha norte (Ne 8.16; 12.39).

Porta da Esquina. No ângulo noroeste da muralha (2Cr 26.9; Jr 31.38; Zc 14.10).

* **14.15 livro da História dos Reis de Israel.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **14.16 Jeroboão.** Ou seja, Jeroboão II, que governou entre 793 e 753 a.C.

(vs. 23-29).

* **14.18 livro da História dos Reis de Judá.** Ver a nota em 1Rs 11.41.

* **14.19 Laquis**. Uma importante cidade de Judá, a 24 km a oeste de Hebrom.

* **14.21 dezesseis anos.** É provável que Uzias ou “Azarias” tenha se tornado

rei durante a ausência de seu pai, e que os reinados de pai e filho

tenham se coincidido por muitos anos (vs. 13 e 17).

*** 14.22 Elate.** Um porto marítimo construído no golfo de Ácaba. Elate foi usado

pela primeira vez por Salomão para fomentar o comércio marítimo com outras nações (1 Rs 9.26-28). Visto que Amazias derrotou os edomitas (v. 7), seu filho, Azarias, foi capaz de reconstruir Elate e usá-la novamente com um porto de Judá (cf. 1 Rs 22.47-49; 2Rs 8.20-22; 16.6).

*** 14.23 No décimo quinto ano de Amazias.** Isto é, em 782 a.C., que marcou

o começo do reinado independente de Jeroboão.

Jeroboão. Isto é, Jeroboão II. Quanto ao reinado de Jeroboão I, ver 1Rs 11.26— 14.19.

quarenta e um anos. Ou seja, entre 793 e 753 a.C. É provável que Jeroboão II tivesse sido co-regente com seu pai, Jeoás, por onze anos, no começo de seu reinado (Introdução a 1Rs: Características e Temas).

*** 14.24 pecados de Jeroboão.** Ver a nota em 1Rs 12.30. Política e

economicamente falando, Jeroboão II foi um dos monarcas mais bem sucedidos em toda a história do reino do norte (v. 25). Ele forçou os sírios a retrocederem de Damasco para a Síria central. E também expandiu o território de Israel na direção do mar Morto.

*** 14.25 a entrada de Hamate.** Essa área ficava na parte mais ao norte de

Israel (Nm 13.21; 34.7-9; 1Rs 8.65, nota).

mar da Planície. Ou seja, o mar Morto (Js 3.16; 12.3). Jeroboão expandiu as fronteiras de Israel para o sul, no lado oriental do rio Jordão, as terras de Amom e de Moabe. Jeroboão II controlou mais terras do que qualquer rei anterior do reino do norte (cf Am 6.14).

Jonas, filho de Amitai. Ver a introdução ao livro de Jonas.

Gate-Hefer. Ficava a cerca de 23 km ao oeste da parte sul do mar de Quinerete (Galiléia). Ver Js 19.13.

*** 14.27 apagar o nome.** No antigo Oriente Próximo os nomes eram apagados

das inscrições como um sinal de rejeição ou perda de poder (Êx 32.32,33; Dt 9.14; 29.20).

*** 14.28 Damasco.** Capital da Síria.

Hamate. Ou seja, a "entrada de Hamate". Ver nota no v. 25.

Judá. Davi e Salomão tinham controlado tanto Damasco quanto Hamate (2Sm 8.6;

1 Rs 8.65; 2Cr 8.3).

livro da História dos Reis de Israel. Ver nota em 1Rs 11.41.

*** 14.29 Zacarias.** Quanto ao reinado de Zacarias, ver 15.8-12.

*** 15.1 No vigésimo-sétimo ano de Jeroboão. Isto é, 767 a.C.,**

quando Amazias morreu e Azarias começou o seu governo independente.

*****

15.2 Tinha dezesseis anos. Azarias, também chamado

(15.30,32,34; Is 6.1), provavelmente foi co-regente com seu pai, Amazias, por muitos anos, que foi capturado por Jeoás de Israel (14.13, nota).

cinqüenta e dois anos. Ou seja, entre 792 e 740 a.C. Azarias, tal como Jeroboão II, no norte, desfrutou de um longo reinado, embora ao final tenha sofrido de uma doença da pele (v. 5).

* **15.3 Ele fez o que era reto perante o SENHOR. Ele seguiu os**

ditames da aliança (1 Rs 2.3, nota).

* **15.4 os altos não se tiraram.** Azarias, tal como seu pai, Amazias

(14.3,4) é louvado, mas esse louvor foi restringido, porquanto Azarias não fez cessar a adoração nos santuários nos altos das colinas (1 Rs 3.2, nota).

* **15.5 leproso.** Azarias sofria de alguma forma de doença da pele

distinta da doença de Hansen (2Cr 26.16-21).

Jotão... tinha o cargo da casa. Ele obteve o mais elevado posto no governo de Judá (18.18; Is 22.15-23). Jotão agiu como rei, quando Azarias ficou incapacitado e tornou-se rei quando Azarias morreu (vs. 32-38).

* **15.6 livro da História dos Reis de Judá**. Ver nota em 1Rs 11.41.

* **15.7 Jotão.** Ver os vs. 32-38.

* **15.8 No trigésimo-oitavo ano de Azarias.** Isto é, 753 a.C. Zacarias

foi o último rei da dinastia de Jeú (10.30).

* **15.9 pecados de Jeroboão**. Ver nota em 1 Rs 12.30.

* **15.10 Salum... matou-o.** A morte de Zacarias precipitou um longo conflito

pelo poder que envolveu uma série de revoluções e contra-

revoluções. Incluindo Zacarias, Israel teve quatro reis diferentes (Salum, Menaém, Pecaías) em apenas treze anos. Nenhum desses reis mereceu a sanção profética (cf. Os 8.4).

* **15.11 livro da História dos Reis de Israel**. Ver nota em 1Rs 11.41.

* **15.13-16** Tendo usurpado o trono de Israel mediante o assassinato de Zacarias, Salum reinou apenas por um mês, antes dele mesmo ser morto.

* **15.13 no trigésimo-nono ano de Uzias.** Ou seja, em 752 a.C. Uzias também

é chamado Azarias (v. 2, nota).

* **15.14 Tirza.** A antiga capital do reino de Israel (1Rs 14.17; 15.21,33).

* **15.15 livro da História dos Reis de Israel.** Ver a nota em 1Rs 11.41.

* **15.16 Tifsa.** Há um lugar chamado Tifsa no rio Eufrates, no extremo norte

(1 Rs 4.24), mas no texto original provavelmente se lê: “Tapua”, na fronteira entre Manassés e Efraim (Js 16.8; 17.7,8).

fez rasgar pelo ventre. Ver nota em 8.12.

* **15.17 reinou dez anos.** Ou seja, entre 752 e 742 a.C.

* **15.18 pecados de Jeroboão.** Ver nota em 1Rs 12.30.

* **15.19 Pul.** Esse era o nome do rei assírio Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.; cf.

1Cr 5.26). O império assírio ia-se fortalecendo cada vez mais. Os

anais de Tiglate-Pileser III afirmam que ele recebeu tributo de vários reis ocidentais, incluindo Menaém, de Samaria.

mil talentos de prata. Essa quantia é coerente com o tributo exigido por outros reis, durante esse mesmo período.

consolidar o seu reino. Ironicamente, Menaém usou seu relacionamento de vassalo com os temidos assírios para consolidar seu próprio governo sobre Israel. Essa subserviência voluntária de Israel à Assíria foi lamentada pelo profeta Oséias (Os 5.13,14).

*** 15.20 cinqüenta siclos de prata.** Uma conversão das cifras indica que

sessenta mil homens, pagando cinqüenta siclos (570 gr.) de prata cada um, teriam levantado os mil talentos necessários.

*** 15.21 livro da História dos Reis de Israel.** Ver nota em 1Rs 11.41.

*** 15.23 No qüinquagésimo ano... reinou... dois anos. Isto é, 742-740 a.C.**

*** 15.24 pecados de Jeroboão.** Ver nota em 1 Rs 12.31.

*** 15.25 Peca... filho de Remalias.** Um alto oficial do reino do norte, que

decerto fazia parte da facção anti-assíria do reino do norte (v. 29). Ele buscou ter um bom relacionamento com os sírios durante o seu governo como uma maneira de se proteger das intenções dos assírio sobre o ocidente (16.1-9; Is 7.1).

cinqüenta homens dos gileaditas. Peca, tal como os rebeldes antes dele (vs. 10, 14), pode ter sido natural de Gileade. Peca pode ter reinado sobre Gileade, antes de tentar derrubar Pecaías, em Samaria.

* **15.26 livro da História dos Reis de Israel.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **15.27-31** Tendo assassinado a Pecaías, Peca o substituiu como rei de

Israel. O rei da Assíria captura parte do território de Israel durante o reinado de Peca.

* **15.27 No qüinquagésimo-segundo ano de Azarias. Ou seja, 740 a.C.**

vinte anos. Ou seja, 752-732 a.C. A cronologia do governo de Peca é difícil de ser fixada. É possível que ele tenha liderado uma rebelião durante o reinado politicamente instável de Menaém (vs. 17-22), e que o reinado dele seja calculado a partir desse momento (v. 25, nota).

* **15.28 pecados de Jeroboão.** Ver nota em 1 Rs 12.30.

* **15.29 Tiglate-Pileser.** Ou seja, Tiglate-Pileser III. Todas as cidades e regiões

aqui alistadas estão na parte norte do reino de Israel. Durante sua campanha de 733-732 a.C., Tiglate-Pileser também atacou a Síria capturando a sua capital, Damasco (16.9).

levou os seus habitantes para a Assíria. Tal como foi observado em 10.32, Deus estava reduzindo Israel em território e em população.

* **15.30 no vigésimo ano de Jotão.** Ou seja, em 732 a.C. Quanto ao reinado

de Oséias, ver 17.1-6.

* **15.31 livro da História dos Reis de Israel.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **15.32 No ano segundo de Peca.** Ou seja, 750 a.C.

* **15.33 Tinha vinte e cinco anos de idade.** Provavelmente, Jotão foi co-

regente com seu pai Azarias (Uzias) nos primeiros dez anos de seu reinado (v. 2, nota).

dezesseis anos. Ou seja, entre 750 e 735 a.C.

* **15.34 Fez o que era reto perante o SENHOR.** Ele se mostrou leal à aliança

mosaica (1Rs 2.3, nota).

* **15.35 os altos não se tiraram.** Ver nota em 1 Rs 3.2.

a Porta de Cima da Casa do SENHOR. Essa porta também é chamada de "porta superior de Benjamim" (Jr 20.2) e estava na parte norte do complexo do templo, voltada para o território de Benjamim.

* **15.36 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **15.37 Rezim.** Ele foi o último rei da Síria. A Síria e Israel tinham forjado uma

aliança para combater os assírios, e estavam preparados para forçar o rei de Judá a aliar-se a eles, invadindo Judá (v. 29, nota; 16.5-12 e notas).

* **16.1 No décimo-sétimo ano de Peca.** Isto é, 735 a.C. Os estudiosos

discordam acerca da cronologia precisa do reinado de Acaz (cf. 15.33,37; 17.1; 18.1, e também a Introdução a 1 Reis: Características e Temas).

* **16.2 dezesseis anos**. Ou seja, entre 732 e 715 a.C. Esses números

representam a duração de seu reinado, desde o seu reconhecimento oficial como rei de Judá pelos assírios.

* **16.3 andou no caminhos dos reis de Israel. O pecado de Jeroboão**

(1Rs 12.26-33), de construir centros de rituais religiosos em Betel e Dã, foi seguido por todos os reis subseqüentes de Israel. Esses locais de culto no norte foram canais para trazer religiões estrangeiras ao reino do norte. No reino do sul, Acaz erigiu um altar estrangeiro em Jerusalém. Tal como fizera Jeroboão I, Acaz oficiou nos sacrifícios inaugurais do novo altar (vs. 10-13; 1Rs 12.32,33).

queimou a seu filho como sacrifício. A atrocidade dos sacrifícios infantis podia ser vista em alguns dos povos vizinhos de Judá, embora essa prática tivesse sido declarada ilegal pela legislação mosaica (Lv 18.21; Dt 18.10; cf. 2Rs 3.27). Acaz não foi o único rei da Judéia a desobedecer a essa lei (21.6; 23.10; Jr 7.31 e 32.35).

as abominações dos gentios. Em sua conduta, Judá estava se tornando idêntica às nações que Deus havia expulsado da terra de Canaã, para que os israelitas pudessem habitar na terra. O povo de Judá estava traindo sua chamada divina como "reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.6).

* **16.5 Rezim... com Peca.** Os reis da Síria e de Israel queriam

submeter o rei de Judá, à força, ao controle deles, para que pudessem apresentar uma frente unida contra a Assíria (15.19,25,37). Foi nessa crise que interveio o profeta Isaías, que aconselhava o irresoluto rei Acaz (Is 7.1-17).

* **16.6 Rezim... restituiu Elate à Síria**. Isso desfez a vitória

anterior de

Azarias (14.22).

os siros vieram a Elate. Ou: “edomitas”. Os sírios não se demoraram a explorar a derrota de Judá.

até ao dia de hoje. Ver nota em 1 Rs 8.8.

*** 16.7 Tiglate-Pileser.** Ver notas em 15.19,29.

*** 16.8 Tomou Acaz a prata e o ouro.** Acaz, tal como vários reis antes

dele, tentou comprar a segurança com o pagamento de um grande tributo, dado como suborno, a uma potência estrangeira (12.18; Êx 23.8; Dt 16.19; 1 Rs 15.18; Is 5.23; Ez 22.12). Uma lista assíria dos governantes que trouxeram tributo a Tiglate-Pileser, em 734 a.C., inclui o nome de "Jeoacaz, de Judá" (Acaz).

*** 16.9 levou o povo para Quir.** A destruição da Síria cumpriu as

profecias tanto de Isaías (Is 7.16) como de Amós (Am 1.5). A localização exata de Quir não é conhecida (Is 22.6; Am 9.7).

*** 16.13 oferta de manjares.** Ver Lv 7.11-21. A maior parte desses sacrifícios

também foi oferecida por ocasião da dedicação do templo, no reinado de Salomão (1 Rs 8.64). Acaz considerava de grande importância para o seu reinado a construção desse altar estrangeiro.

*** 16.15 o holocausto da manhã.** Ver Êx 29.38,39.

a oferta de manjares da tarde. Ver nota em 1 Rs 18.29.

o holocausto do rei, e a sua oferta de manjares. Ver Ez 46.12.

*

o altar de bronze ficará para a minha deliberação posterior. Acaz perverteu o altar antigo, em seu uso normal, e preferiu empregá-lo para ritos de adivinhação, uma prática estrangeira mediante a qual os sacerdotes tentavam predizer o futuro, examinando as entranhas dos animais sacrificados. A adivinhação era rigorosamente proibida em Israel (Lv 19.26; Dt 18.10).

16.17 os painéis... a pia. Ver 1Rs 7.27-37.

o mar. Ver 1 Rs 7.22-26.

os bois de bronze. Acaz, mui provavelmente, usou o bronze para pagar tributo aos assírios.

* **16.19 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **16.20 Ezequias.** Quanto ao seu reinado, ver os caps. 18—20.

* **17.1-6** Esta seção narra o reinado de Oséias, o último rei de Israel. Em 722 a.C., o rei da Assíria conquistou Samaria e deportou o povo de Israel para a Assíria.

* **17.1 No ano duodécimo de Acaz.** O sincronismo com o reinado de

Acaz é difícil de acompanhar. Ver 16.1 e nota.

Oséias... reinou... nove anos. Ou seja, entre 732 e 723 a.C., terminando com seu aprisionamento por três anos, antes da queda de Samaria (vs. 4 e 5).

* **17.3 Salmaneser.** Tratava-se de Salmaneser V, que sucedeu a

Tiglate-Pileser III como rei da Assíria, e que governou entre 727 e 722 a.C. Oséias, ao contrário de seu antecessor, Peca (15.27-31 e notas), era vassalo da Assíria.

*** 17.4 Sô, rei do Egito.** "Sô" talvez fosse o nome de um lugar no delta

oriental do Egito, onde estava o rei do Egito. Mudando sua lealdade para com o Egito, Oséias esperava que os egípcios o protegessem de quaisquer vinganças da Assíria. O profeta Oséias condenou a sua diplomacia como "sem entendimento" (Os 7.11).

não pagava tributo ao rei da Assíria. Negar pagar tributo a um suserano equivalia à rebelião.

*** 17.5 a sitiou por três anos.** A campanha dos assírios seguiu-se ao

aprisionamento de Oséias, em 724-723 a.C. Durante o longo cerco, Salmaneser V

morreu e foi sucedido por Sargão II (Is 20.1), que mandou para o exílio os habitantes de Samaria (v. 6).

*** 17.6 No ano nono de Oséias.** Ou seja, 722-721 a.C. O número

apresentado ("ano nono") conta o seu reinado a partir de 730 a.C., talvez por ter tido apoio dos assírios e por isso ter atrasado seu reconhecimento oficial. Outra possibilidade é que a cifra omite os três anos que ele passou na prisão.

o rei da Assíria. Sargão II, que governou a Assíria entre 722 e 705 a.C.

transportou a Israel. Sargão II afirma, em seus anais, ter deportado 27.290 habitantes de Israel para lugares distantes. A captura de Samaria marcou o fim do reino do norte, Israel (1Cr 5.25,26). E esse

reino nunca mais se levantou (vs. 7-23 e notas). Há evidências arqueológicas que sugerem que muitas pessoas fugiram de Israel, durante a sucessão dos ataques assírios contra a nação, e se estabeleceram em Judá. O influxo de refugiados do norte aumentou significativamente a população de Jerusalém, durante os fins do século VIII e o século VII a.C.

Gozã. Essa capital provincial assíria ficava próxima do rio Habor, um tributário do Eufrates, na parte norte do país.

cidades dos medos. Embora não identificadas por nome, provavelmente elas ficavam na área nordeste do rio Tigre, e ao sul do mar Cáspio.

*** 17.8 estatutos.** Não somente Israel imitou as práticas de seus

vizinhos pagãos (Êx 34.15; Dt 18.9; Jz 2.13), mas também teimou em seguir as inovações cúlticas de seus reis desviados (1Rs 12.26-33; 16.30-34).

*** 17.9 altos.** Ver nota em 1 Rs 3.2.

*** 17.10 colunas.** Ver nota em 1 Rs 14.23.

postes-ídolos. Ver a nota em 1Rs 14.15.

em todos os altos outeiros, e debaixo de todas as árvores frondosas. Ver Dt

12.2; Jr 2.20; 3.6,13; 17.2.

*** 17.12 ídolos.** Qualquer representação de alguma divindade pagã ou mesmo

do Senhor era expressamente proibida (Êx 20.4; Dt 4.15-19,23-28).

*** 17.13 toda a lei.** Ou seja, a legislação mosaica, com todas as

disposições da

aliança (1Rs 2.3, nota).

*** 17.16 imagens de fundição, dois bezerros.** Os ídolos religiosos de

Jeroboão I, em Betel e Dã (1Rs 12.28,29), foram, pelo menos em parte, moldados segundo a construção do bezerro de ouro, por parte de Arão (Êx 32.4,8; Dt 9.12,16; Os 13.2).

o exército do céu. Embora isso tivesse sido condenado pela lei mosaica (Dt 4.19 e 17.3), alguns israelitas participaram nesses cultos aos astros (21.5; 23.4,5 e Am 5.26).

serviram a Baal. Ver 1Rs 16.31,32.

*** 17.17 queimaram a seus filhos e suas filhas como sacrifício. Ver notas**

em 3.27 e 16.3.

adivinhações... agouros. Ver nota em 16.15.

*** 17.19 andaram nos costumes que Israel introduziu. Ver 8.18; 11.18-21.**

*** 17.20 o SENHOR rejeitou a toda a descendência de Israel. A rejeição**

divina foi demonstrada pelo exílio deles da Terra, que lhes havia sido concedida (v. 6).

*** 17.21 rasgou a Israel da casa de Davi.** A criação do reino do norte foi uma

punição contra Salomão (1Rs 11.11-13), mas também foi um começo promissor para as tribos do norte (1Rs 11.29,30).

o fez cometer grande pecado. A referência, aqui, é à construção dos dois bezerros de Jeroboão, em Betel e Dã (1Rs 12.25-33; 14.7-16 e notas).

* **17.24 rei da Assíria.** O mais provável é que esse rei fosse Sargão II. Quando os assírios deportaram pessoas de Israel, eles também importaram para ali pessoas vindas de outros países. Essa norma política tinha por intuito assegurar que a nação derrotada não se firmasse de novo. Os registros históricos dos assírios confirmam que reis assírios posteriores levaram mais imigrantes estrangeiros para a Samaria.

Babilônia, Cuta. Nesse momento histórico, a Babilônia estava sob o controle assírio. Cuta ficava a cerca de 13 km a nordeste de Babilônia.

Ava,... Hamate... Sefarvaim. Ava ou "Iva" e Sefarvaim ficavam, provavelmente, na Síria (18.34; 19.13). Hamate ficava às margens do rio Orontes (cf. 14.25 e nota).

Samaria. Após a queda diante dos assírios, a região do já inexistente reino do norte, Israel, usualmente passou a ser chamado de "Samaria" (1Rs 16.24, nota).

* **17.25 para o meio deles leões**. Leões eram com freqüência usados por Deus como um instrumento de julgamento (1Rs 13.24; 20.38; Am 3.12).

* **17.26 a maneira de servir o deus da terra.** Os assírios, como muitos outros povos do antigo Oriente Próximo e Médio, acreditavam que os deuses de uma terra específica perturbariam os habitantes que residiam ali se esses deixassem de realizar os ritos apropriados àquelas divindades.

* **17.29 os seus próprios deuses.** Trazer de volta um sacerdote israelita para servir em Betel não obrigou os imigrantes que tinham se estabelecido em Samaria a seguirem a religião local. Pelo contrário, eles continuaram a seguir suas próprias práticas religiosas, apossando-se de santuários locais e adorando ali.

os samaritanos. Ver 23.19; 1Rs 12.31; 13.32. Embora a expressão "samaritanos" apareça somente aqui em todo o Antigo Testamento, ela ocorre em documentos extrabíblicos já no século VIII a.C., referindo-se aos residentes do reino do norte.

* **17.33 serviam aos seus próprios deuses**. A religião era sincretista — ela

combinava elementos de adoração ao Senhor com a adoração a outras muitas divindades.

* **17.34 Até ao dia de hoje**. Ver nota em 1Rs 8.8.

aos filhos de Jacó, a quem deu o nome de Israel. O relacionamento entre Deus e o povo que ele elegeu foi o pacto ratificado no monte Sinai (v. 35; Êx 19—24) e renovado nas planícies de Moabe (Deuteronômio). Ser um israelita não era tanto uma classificação étnica, mas religiosa, de que a pessoa pertencia ao Deus da Aliança (Êx 12.38; Dt 26.5; Rom 9.8).

* **17.39 ele vos livrará das mãos de todos os vossos inimigos. Tal como**

Deus tinha libertado o seu povo no passado, ele poderia fazer novamente no futuro (Êx 20.2; 23.22; Dt 20.1-4; 23.14).

* **17.41 até ao dia de hoje.** Ver nota em 1Rs 8.8. A despeito da conquista

assíria e sua esteira de acontecimentos, alguns dos "samaritanos" e

seus descendentes continuaram a abraçar o monoteísmo e a seguir a aliança sinaítica por todo o período bíblico, e chegaram até aos tempos modernos.

*** 18.1 No terceiro ano de Oséias.** Isto é, em 729 a.C., referindo-se ao

começo do reinado de Ezequias, como co-regente com seu pai, Acaz (cf. 16.1; 17.1 e Introdução a 1 Rs: Características e Temas).

*** 18.2 vinte e nove anos.** Seu governo como monarca exclusivo

perdurou de 715 a 686 a.C.

*** 18.3 Fez ele o que era reto perante o SENHOR. Ezequias foi um**

dos reis mais louvados de toda a história de Judá (vs. 4, 7 e notas).

Davi, seu pai. Quanto ao reinado de Davi como o padrão segundo o qual todos os demais reinados são julgados, ver nota em 1Rs 11.4.

*** 18.4 Removeu os altos.** Ezequias, agindo de modo diferente dos reis

anteriores de Judá, reformou a adoração popular destruindo os santuários locais

(1 Rs 3.2 e nota).

colunas... poste-ídolo. Ver notas em 1Rs 14.15,23.

a serpente de bronze. Originalmente preservada para comemorar a misericórdia de Deus para com os israelitas, quando estavam no deserto (Nm 21.6-9), essa serpente de bronze tornara-se um objeto de adoração, ou seja, um ídolo (cf. Jo 3.14,15).

*** 18.7 rebelou-se contra o rei da Assíria e não o serviu. O pai de**

Ezequias, Acaz, tinha sido vassalo da Assíria e modificara alguns dos utensílios do templo para refletir esse fato (16.7-18). A rebeldia de Ezequias contra os assírios provavelmente envolveu a negação do pagamento de tributo a eles.

*** 18.8 Feriu ele os filisteus.** Durante o governo de Acaz, os filisteus

tinham sido capazes de capturar território judaico (2Cr 28.18).

Gaza e seus limites. Gaza ficava próxima às costas do mar Mediterrâneo;

Ezequias, pois, penetrara fundo no território dos filisteus.

*** 18.9-37** Os assírios invadiram o território de Judá, e, avançando para

Jerusalém, exigiram a rendição de Judá.

*** 18.9-12** O escritor fornece aqui um sumário da queda de Samaria,

narrada e comentada mais plenamente no cap. 17. Ao assim fazer, ele reforçou a ameaça que a Assíria representava para Judá.

*** 18.13—20.19** A história dessa campanha de Senaqueribe e seus

acontecimentos encontra-se também em Is 36—39, com algumas poucas adições e omissões.

*** 18.13 No décimo-quarto.** 701 a.C. — datado a partir do reinado exclusivo de Ezequias (vs. 1 e 2, e notas).

Senaqueribe, rei da Assíria. Senaqueribe foi o sucessor de Sargão II, em 705 a.C.

contra todas as cidades fortificadas de Judá. Os anais históricos de Senaqueribe registram a sua campanha contra a Fenícia, Judá, as cidades da Filístia e o Egito. Ele afirmou ter tomado 46 cidades e "incontáveis pequenas aldeias". Ele também se jactou de ter "enjaulado como uma ave em uma gaiola" a Ezequias, em Jerusalém. Seus anais, entretanto, não afirmam que Senaqueribe tenha capturado Jerusalém (Mq 1.9 e nota).

* **18.14-16** Ezequias tentou convencer Senaqueribe a retirar-se, oferecendo-lhe um gigantesco pagamento de tributo (v. 7, nota). Ao usar os tesouros do templo e do palácio real para influenciar as ações de um rei estrangeiro,

Ezequias seguiu o exemplo de Asa (1Rs 15.18), e de seu próprio pai, Acaz (16.8,9). Os anais históricos de Senaqueribe confirmam que Ezequias lhe enviou tributo nessa ocasião.

* **18.17 o rei da Assíria enviou.** Alguns estudiosos acreditam que isso refere-se a uma segunda campanha de Senaqueribe contra Ezequias, provavelmente doze a treze anos após a primeira. Mas apesar dessa teoria ser possível, não há evidências sólidas em seu apoio, e, seja como for, ela é desnecessária. Os anais de Senaqueribe coerentemente registram que Senaqueribe não somente exigia tributo dos reis que "não se inclinam em submissão ao meu jugo", mas também insistia em depor os reis rebeldes e substituí-los por outros de sua própria escolha. Ezequias apenas enviou tributo, ele não abdicou (vs. 14-16).

Laquis
Essa fortaleza judaica estava localizada a 45 km a sudoeste de

Jerusalém (cf. Mq 1.13).

* **18.18** Os três oficiais assírios se reuniram com três oficiais judeus: o administrador do palácio (cf. 1 Rs 4.6), o secretário (cf. 2Sm 8.17) e o cronista (cf. 2Sm. 8.16).

* **18.26 Rogamos-te que fales em aramaico aos teus servos.** O aramaico (a língua da antiga Síria) tornara-se, por esse tempo, a linguagem de diplomacia internacional. Ao pedir que os oficiais assírios usassem o aramaico, o oficial judeu

esperava impedir que os habitantes de Jerusalém compreendessem a fala do comandante assírio.

* **18.31 vide... figueira... cisterna.** A descrição indica uma vida diária normal e pacífica (1 Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10).

* **18.32 vos leve para uma terra.** Essas palavras são uma paródia do dom divino da Terra Prometida aos israelitas. O rei assírio, dessa maneira, ofereceu-se para substituir as promessas do Senhor pelas suas próprias promessas. Ezequias mais tarde referir-se-ia a essas reivindicações como blasfêmias (19.1-6).

* **18.33** Na Bíblia, o Senhor é totalmente distinto de outros deuses. O comandante assírio, entretanto, não fez distinções. Na opinião do comandante, se os deuses das nações não tinham podido derrotar a Assíria, nem o Senhor dos judeus conseguiria fazê-lo.

* **18.34 Hamate... Sefarvaim... Iva.** Ver nota em 17.24.

Arpade. Ficava localizada perto de Hamate, na Síria. Arpade foi capturada em 740 a.C.

* **18.36 Calou-se, porém, o povo.** O esforço dos assírios por causar um

levante do povo judeu contra seu rei (vs. 29,31,32) foi um fracasso total.

* **18.37 com suas vestes rasgadas.** As vestimentas rasgadas indicavam a

aflição emocional dos oficiais judeus (1 Rs 21.27, nota).

* **19.1 rasgou as suas vestes.** Ver 1Rs 21.27.

cobriu-se de pano de saco. Ver nota em 6.30.

* **19.2 o mordomo.** Ver 1 Rs 4.6, nota.

o escrivão. Ver 2Sm 8.17.

os anciãos dos sacerdotes. Provavelmente, esses anciãos eram os cabeças das várias famílias sacerdotais de Jerusalém.

profeta Isaías. Isaías teve um papel crucial ao prover Ezequias com bons conselhos durante essa crise (Is 37).

* **19.4 pelos que ainda subsistem.** Esse remanescente inclui todos os

habitantes deixados em Judá, originários tanto de Judá quanto de Israel, depois dos ataques dos assírios e suas deportações (17.6, nota).

* **19.8 Libna.** Essa cidade ficava na fronteira entre Judá e a Filístia, a cerca

de 19 km a sudeste de Asdode. Nos seus anais, Senaqueribe se jacta de como ele compeliu Ezequias a entregar à sua custódia o rei de Ecrom, a quem Ezequias tinha aprisionado em Jerusalém. Senaqueribe, segundo parece, conseguiu reverter a maior parte das primeiras conquistas de Ezequias contra os filisteus (18.8).

Laquis. Ver 18.17 e nota.

* **19.9 Tiraca, rei da Etiópia.** A Etiópia, que a Bíblia chama de

"Cuxe",

refere-se à parte do sul do Egito, e às terras mais para o sul. Tiraca era irmão do Faraó Sebteco, que lançou uma campanha contra a Palestina, para enfrentar os assírios, sob o comando de Senaqueribe. Embora Tiraca só tivesse se tornado rei em 690 ou 688 a.C., pelo tempo da composição desta passagem era natural referir-se a ele com esse título característico de "rei".

* **19.12 Gozã.** Ver 17.6.

Harã. Ver Gn 11.31.

Rezefe. Uma cidade na Síria, a nordeste de Hamate.

os filhos de Éden, que estavam em Telassar. Éden era um distrito na Síria, ao sul de Harã.

* **19.13 Hamate... Iva.** Senaqueribe citou essa lista de nomes, incluindo cidades da Assíria para onde ele tinha deportado pessoas de Israel (17.24 e nota), a fim de impressionar a Ezequias de que Judá sofreria como Israel tinha sofrido.

* **19.18 porque deuses não eram.** Ver Dt 4.28,35; 32.17-21; Sl 115.3-8; Is 40.18-20; 44.9-20.

* **19.21 A virgem, filha de Sião.** Essa frase refere-se, afetuosamente, à cidade

de Jerusalém (Is 1.8).

meneia a cabeça por detrás de ti. Essas palavras descrevem um gesto de zombaria, enquanto os assírios fugiam (Jr 18.16).

* **19.25 Acaso, não ouviste**. Equivocadamente, os assírios pensavam que

suas grandes vitórias originavam-se em seu grande poder. Eles não

reconheciam que Deus era o responsável final pelo sucesso militar deles (cf. Is 10.5-12; 14.2427).

*** 19.28 porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio na tua boca. Essa**

referência diz respeito ao costume dos assírios tratarem os inimigos capturados como se fossem animais de uma caravana (2Cr 33.11; cf. Ez 19.4,9). Deus viraria a mesa contra os assírios.

*** 19.29 sinal.** Ou seja, a predição de um evento futuro (1Rs 13.3, nota).

*** 19.30 de resto.** Ver as notas no v. 4 e Is 1.9. O remanescente não somente

sobreviveria, mas também floresceria.

*** 19.34 por amor do meu servo Davi.** Ver nota em 1 Rs 11.36.

*** 19.35 o Anjo do SENHOR.** Quanto aos anjos como instrumentos de

destruição, ver Gn 19.15; 2Sm 24.16. A maciça destruição do exército assírio fala das profecias dos vs. 21,32-34.

*** 19.36 Nínive.** Nínive era a capital do reino assírio.

*** 19.37 Nisroque.** Esse deus não figura nos anais históricos da Assíria.

o feriram à espada. Documentos da Assíria registram que em um conflito pelo trono, em 681 a.C., um dos filhos de Senaqueribe o assassinou. O autor dos livros dos Reis uniu os eventos que cercaram a vergonhosa derrota de Senaqueribe (701 a.C.), e seu assassinato (681 a.C.).

Ararate. Esse é outro nome para Urartu, a Armênia de nossos dias (Gn 8.4). **Esar-Hadom**. Esar-Hadom reinou na Assíria de 681 a 669

a.C.

* **20.1 Naqueles dias.** Há boas razões para acreditarmos que esse

incidente, bem como a recepção aos embaixadores babilônios (vs. 12-19) ocorreram antes da invasão assíria de Judá, em 701 a.C., porquanto, de acordo com documentos babilônicos, Merodaque-Baladã (v. 12) morreu em 703 a.C. Visto que Deus acrescentou quinze anos à vida de Ezequias (v. 6), Ezequias deve ter adoecido em 702 a.C., ou mesmo antes.

* **20.5 Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas. Por motivo de sua**

compaixão, Deus acrescentou quinze anos à vida de Ezequias (v. 6). As reformas de Ezequias (18.4,5), juntamente com sua confiança permanente em Deus, durante a invasão assíria (18.7,22,32 e 19.4) revelam a consistência do caráter desse rei. Quanto a esse respeito, a conduta de Ezequias foi exemplar. Esta passagem não somente ressalta a importância da oração, mas também salienta a liberdade, compaixão e onipotência de Deus (cf. 1 Rs 21.27-29).

* **20.6 das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade. Ver**

notas no v. 1 e 1Rs 11.13.

* **20.7 pasta de figos.** A agência divina nas curas não exclui o uso de

medicamentos (v. 5).

* **20.10 dez graus.** A referência é às marcas (lit., "passos") sobre o "relógio de sol de Acaz" (v. 11; Is 38.8; cf. Js 10.12-14).

*** 20.12 Merodaque-Baladã.** Merodaque-Baladã (ver a referência lateral) foi rei

da Babilônia a partir de 721 a.C., até ser forçado pelo rei assírio, Sargão II, a descer à condição de vassalo (710 a.C.). Pouco depois da morte de Sargão (705 a.C.) Merodaque-Baladã conseguiu uma liberdade por pouco tempo do domínio assírio, em 704 a.C., até Senaqueribe o forçar a abdicar, em 703 a.C. (v.1, nota).

enviou cartas e um presente a Ezequias. A Assíria era o império mundial dominante desse período, e é provável que Merodaque-Baladã, juntamente com o rei do Egito, estivesse procurando encorajar a Ezequias a tornar-se independente da Assíria.

*** 20.13 seu arsenal e tudo quanto se achava nos seus tesouros. Essa**

exibição mui provavelmente ocorreu antes que Ezequias tivesse enviado os seus tesouros como tributo aos assírios (v. 1, nota; 18.14-16, nota). Ezequias estava tentando impressionar os seus visitantes babilônios com as riquezas e o poder de sua nação de Judá. Ezequias mostrou-se simpático diante da idéia de tornar-se aliado do Egito e da Babilônia. Isaías, o profeta, opôs-se ao tratado de Acaz com a Assíria (Is 7.1-17), e se opôs a essa tentativa de Judá estabelecer um tratado com a Babilônia e com o Egito (vs. 16-18; Is 30 e 31).

*** 20.17 será levado para a Babilônia.** Isaías repreendeu um Ezequias

ingênuo. Os mesmos tesouros que poderiam ter induzido um tratado, também poderiam ter encorajado uma invasão contra Judá. Essa profecia foi cumprida por uma invasão babilônica, em 598 a.C., e pelo exílio babilônico de 586 a.C. Tendo procurado refúgio com os babilônios, Ezequias acabou descobrindo que os babilônios causariam a ruína de Judá.

*** 20.18 Dos teus próprios filhos, que tu gerares, tomarão. O filho de**

Ezequias, Manassés, foi exilado pelos assírios e mantido cativo na Babilônia (2Cr 33.11). Posteriormente, isto aconteceu com outros descendentes de Ezequias (24.15; 25.7).

*** 20.20 o açude e o aqueduto, e trouxe água para dentro da cidade.**

Ezequias, preparando-se para a invasão dos assírios, melhorou o suprimento de

água de Jerusalém. Há uma inscrição no túnel de Siloé que celebra o término desse impressionante feito de engenharia. O duto de água corre desde a fonte de Giom, que fica fora das muralhas da cidade (cf. 1 Rs 1.33, nota), passando por 557 m de rocha sólida, até ao tanque de Siloé, dentro da cidade.

livro da História dos Reis de Judá. Ver nota em 1Rs 11.41.

*** 21.1-18** Estes dezoito versículos resumem o reinado perverso de

Manassés, rei de Judá. Manassés leva o povo de Judá ao pecado, reintroduzindo a idolatria; ele também se tornou culpado de derramar "muitíssimo sangue inocente”

(v. 16). Tão grandes foram os pecados de Manassés que Deus profere desastre sobre Judá e Jerusalém.

*** 21.1 doze anos de idade.** Mui provavelmente, Manassés começou o

seu reino como co-regente com seu pai, Ezequias.

cinqüenta e cinco anos. Ou seja, de 697 a 642 a.C., incluindo uma

co-regência de dez anos com seu pai, Ezequias. O reinado de Manassés foi o mais longo de todos os reis de Judá. Os registros assírios dizem que Manassés foi vassalo tanto de Esar-Hadom (681-669 a.C.) quanto de Assurbanipal (669-627 a.C.).

* **21.2 Fez ele o que era mau.** Manassés presidiu sobre o pior período

de infidelidade na história de Judá. As reformas instituídas por seu pai, Ezequias, foram revertidas por Manassés, que também introduziu elementos pagãos na adoração judaica, que foram sem precedentes durante o período inteiro da monarquia (vs. 3-11, notas).

* **21.3 os altos que Ezequias, seu pai, havia destruído. Ver 18.4 e**

nota em 1 Rs 3.2.

altares a Baal. A adoração a Baal, sancionada pelo estado, tinha sido anteriormente erradicada pelas reformas lideradas pelo sumo sacerdote Joiada (11.18).

poste-ídolo. Ver nota em 1Rs 14.15.

como o que fizera Acabe. Manassés imitou as políticas do pior rei do reino do norte (1 Rs 16.30-33).

se prostrou diante de todo o exército dos céus. Na Babilônia e noutras nações, o sol, a lua e as estrelas eram personificados como deuses (17.16; 23.5). A adoração dos astros era proibida em Israel (Dt 4.19; 17.3).

* **21.4 altares na casa do SENHOR.** Esses altares foram dedicados ao

"exército dos céus” (v. 5).

Jerusalém. Ver nota em 1Rs 11.13.

*** 21.6 queimou a seu filho como sacrifício.** Quanto a essa horrível

prática dos sacrifícios infantis, ver nota em 16.3 e Dt 12.29-31.

tratava com médiuns e feiticeiros. Ver nota em 16.15.

*** 21.7 a Davi e a Salomão, seu filho.** Davi desejara construir

pessoalmente o templo (2Sm 7.1-3), mas o Senhor prometeu a Davi, em lugar disso, que edificaria a Davi uma dinastia perene, e que seu filho, Salomão, ergueria o templo (2Sm 7.8-16). Essa promessa foi cumprida durante o reinado de Salomão e Deus abençoou o templo como o lugar divinamente ordenado para os sacrifícios e orações (1Rs 9.1-3; cf. Dt 12.5).

*** 21.8 contanto que tenham cuidado.** A Terra Prometida era um

presente, e sua possessão foi condicionada à fidelidade dos israelitas ao Senhor (Dt 1.8; 3.18; 4.1,25-28; 1Rs 9.4-9).

Moisés, meu servo. Ver nota em 1Rs 2.3.

*** 21.11 amorreus.** Uma designação geral para os habitantes originais da terra

de Canaã (1 Rs 21.26, nota).

*** 21.13 o cordel... o prumo.** Tanto Samaria (17.5,6) como a casa de Acabe

(2Rs 10.10,11) foram destruídos. Yahweh usa para destruição os instrumentos normalmente empregados nas construções (Is 34.11; Lm 2.8 e Am 7.7-9).

*** 21.14 Abandonarei.** Terminara o tempo para a paciência e a

tolerância.

Jerusalém e Judá não seriam derrotadas por um povo superior ou por um deus

superior. Pelo contrário, Deus estava abandonando o que sobrara das doze tribos originais (o "remanescente") a seus inimigos, como um castigo (Is 1.5). Está em vista o exílio de Judá na Babilônia, o que ocorreu em 586 a.C. (25.1-17).

* **21.15 desde o dia.** Após ter libertado o seu povo da servidão no Egito, Deus

estabeleceu uma aliança com Israel, no monte Sinai (Êx 19.1; Nm 10.10). Embora tanto Deus quanto Israel tenham feito promessas mútuas nessa aliança, somente Deus permaneceu fiel. A história de Israel foi caracterizada por constante rebelião.

* **21.16 derramou muitíssimo sangue inocente.** Essa expressão refere-se à

opressão e à perseguição contra os fracos (Jr 7.6; 22.3,17; Ez 22.6-31).

* **21.17 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **21.19 Amom... reinou dois anos.** Ou seja, entre 642 e 640 a.C. É possível

que Amom, tal como fora Manassés antes dele, tenha sido um vassalo da Assíria.

* **21.24 o povo da terra.** Ver nota em 2Rs 11.14. Desejando uma reforma

plena e não apenas a remoção de Amom, o povo deu um passo à

frente e colocou no trono um descendente de Davi que seria leal ao legado davídico.

* **21.25 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **22.1 trinta e um anos**. Ou seja, entre 640 e 609 a.C.

Bozcate. Uma cidade que ficava no território de Judá, mencionada em Js 15.39, mas de localização desconhecida.

* **22.2 Davi, seu pai.** O escritor sagrado elogiou a vários monarcas de

Judá — Asa (1Rs 15.11), Josafá (1Rs 22.43), Joás (2Rs 12.2), Amazias (14.3), Azarias (15.3), Jotão (15.34), e Ezequias (18.3), mas escreveu a Josias os mais altos louvores (23.25). Foi Josias quem instituiu as mais completas reformas que qualquer outro rei de Judá (23.1-24). O profeta Jeremias também elogiou o reinado de Josias (Jr 22.15,16).

não se desviou. Seus atos estiveram de acordo com o mandato da aliança (Dt 5.32; 17.11,20; 28.14; Js 1.7; Pv 4.27).

* **22.3 No décimo-oitavo ano.** Isto é, quando Josias tinha 26 anos de

idade.

o escrivão. Quanto aos "escrivães", ver 2Sm 8.17; Ed 7.6 e notas. Pelo tempo do reinado de Josias, o império assírio esteve em estado de declínio. Josias, diferentemente de Manassés, afirmou a independência de Judá da Assíria. Josias foi capaz de obter controle de pelo menos uma parte do antigo reino do norte (23.4,1520).

* **22.4 Hilquias**. Provavelmente não era o mesmo homem mencionado

como pai de Jeremias (Jr 1.1), esse Hilquias foi o bisavô do sumo sacerdote Seraías, que foi exilado para a Babilônia (25.18-20).

o qual os guardas da porta ajuntaram do povo. O rei Joás já havia utilizado a mesma técnica para coletar fundos para reparar o templo (2Rs 12.4,5). Josias estava restaurando o templo, depois da negligência que houve nos tempos de Manassés e Amom.

* **22.8 o Livro da Lei.** Sendo, na realidade, um rolo, esse documento

provavelmente era uma cópia do livro de Deuteronômio (Dt 28.61; 31.24,26). As reformas que Josias iniciara (23.1-24) seguiram Deuteronômio.

* **22.11 rasgou as suas vestes.** Ver nota em 1 Rs 21.27. Josias ficou aflito

porque a lei não estava sendo observada, e ele percebeu que isso desagradava a Deus (v. 13; Dt 6.10-19; 28.15-68).

* **22.12 Aicão, filho de Safã.** Aicão era o pai de Gedalias, que foi mais tarde

nomeado governador de Judá por Nabucodonosor (2Rs 25.22; Jr 26.24).

* **22.13 Ide e consultai o SENHOR.** Josias, a exemplo de vários outros reis antes dele, em uma situação perigosa consulta um profeta ou profetisa (19.2; 20.1-5; 1 Rs 14.1-18; 20.13,14).

* **22.14 a profetisa Hulda.** Provavelmente ela era uma profetisa da corte real,

que era consultada quanto a questões de estado (Dt 18.14-22).

na Cidade Baixa. Provavelmente era um bairro recentemente

desenvolvido na colina ocidental de Jerusalém (cf. 2Cr 33.14 e Sof. 1.10).

* **23.1 anciãos.** Ver 1Rs 8.1, nota.

* **23.2 livro da aliança.** Os comentaristas bíblicos têm debatido sobre o

conteúdo exato desse livro ou rolo. Embora Êx 20—23 seja chamado de "livro da aliança" (Êx 24.7), é improvável que somente esses capítulos do livro de Êxodo estejam em foco. A julgar pelos tipos de reforma que Josias efetuou, nos vs. 4-24, o livro era uma cópia do livro de Deuteronômio (22.8, nota), ou um grupo maior de leis, que incluía o Deuteronômio.

* **23.3 junto à coluna.** Ver 11.14, nota; 1Rs 7.15 e nota.

fez aliança. Josias, à semelhança de Moisés (Êx 24.1 -8; Dt 29.1), Josué (Js 24.1 -28) e Joiada (2Rs 11.17), antes dele, liderou o povo na renovação de sua lealdade a Deus. Durante a liturgia, o povo se comprometeu a guardar mandamentos, testemunhos e estatutos do Senhor.

de todo o coração e de toda a alma. Ver Dt 6.5, e o resumo da lei por Jesus, em Mt 22.36-40.

*

23.4

Baal. Ver nota em 1 Rs 16.32.

poste-ídolo. Ver a nota em 1Rs 14.15. **exército dos céus.** Ver notas em 17.16 e 21.4.

cinzas... para Betel. Betel era um dos dois lugares originais onde Jeroboão I usou bezerros de ouro em um culto rival (1 Rs 12.26-33).

Ao depositar as cinzas em Betel, Josias contaminou o centro religioso de Jeroboão (cf. os vs. 15-20).

* **23.5 sacerdotes.** Ver Os 10.5; Sf 1.4.

altos. Ver nota em 1 Rs 3.2.

* **23.6 o queimou e o reduziu a pó.** Foi assim que Moisés fez, depois

que os israelitas adoraram um bezerro de ouro (Êx 32.20; Dt 9.21).

sobre as sepulturas do povo. Josias agiu dessa maneira para contaminar o poste-ídolo, e não a fim de contaminar as sepulturas dos pobres (Nm 19.16; Jr 26.23).

* **23.7 prostituição cultual.** Ver a nota em 1 Rs 14.24.

* **23.8 desde Geba até Berseba**. Geba ficava no extremo norte de

Judá, e Berseba ficava no extremo sul. Josias estava centralizando a adoração do reino do sul em consonância com os preceitos de Dt 12.

* **23.9 não sacrificavam sobre o altar do SENHOR. Dt 18.6-8 permite**

que os sacerdotes locais tivessem a opção de se juntarem àqueles do santuário central. Todavia, a origem incerta desses sacerdotes podem tê-los tornado impróprios para essa tarefa (1Rs 12.31; 13.33). Eles poderiam aspirar a um papel secundário no culto do templo.

comiam pães asmos. Os sacerdotes dos altos tinham a permissão de receber uma porção das provisões dos sacerdotes (Lv 2.10; 6.16-20).

* **23.10 Tofete.** Sacrifícios de crianças eram efetuados nesse

lugar, no vale do

Filho de Hinon, fora de Jerusalém (16.3; 21.6; Is 30.33; Jr 7.31,32; 19.5,6).

Moloque. Ver nota em 1Rs 11.5.

*** 23.11 os cavalos... tinham dedicado ao sol.** Alguns dos povos vizinhos de

Israel consideravam o sol como uma divindade (17.16), e o deus-sol dos assírios era conhecido pelo título de "auriga". Cavalos de argila, em tamanho miniatura, com discos solares sobre as cabeças, têm sido encontrados em escavações feitas perto da área do templo. Ver também Ez 8.16.

*** 23.12 derribou**. Ao derrubar os altares usados na adoração astral, Josias

reverteu a política de Acaz (16.3,4,10-16), de Manassés (21.3) e de Amom (21.21).

*** 23.13 os altos... os quais edificara Salomão.** Dentre todos os reis de Judá,

Josias foi ousado o bastante pra derrubar os altos edificados por Salomão para os deuses de suas esposas estrangeiras (1Rs 11.1-8,33).

*** 23.14 fez em pedaços... cortou.** Josias contaminou os recintos sagrados

que datavam dos dias de Roboão, onde havia "colunas" e "postes-ídolos" (1Rs 14.23).

*** 23.15 o altar que estava em Betel.** Ver 1 Rs 12.32,33. Não é claro se Josias

contaminou o centro de culto que Jeroboão I estabeleceu em Dã (1Rs 12.29,30), ou se esse centro de culto continuava funcionando.

* **23.16 sepulturas.** Essas sepulturas pertenciam aos sacerdotes de Betel

nomeados por Jeroboão I (1Rs 12.31,32; 13.2).

segundo a palavra do SENHOR. Ver a profecia em 1 Rs 13.2,32 e o relato do qual ela faz parte (1 Rs 13).

* **23.18 Samaria.** Esse nome geográfico provavelmente designa aqui o extinto

reino do norte (v. 19 e 17.24; 1Rs 13.32) e não a cidade que era conhecida por esse

nome. O profeta do norte provinha de Betel (1Rs 13.11), e Onri edificou a cidade de Samaria algum tempo depois dessa profecia (1Rs 16.24 e nota).

* **23.19 nas cidades de Samaria.** Josias começou as suas reformas no norte

em Betel, e então estendeu-as para o antigo reino do norte.

* **23.20 matou todos os sacerdotes.** Ver os estatutos relativos àqueles que

defendiam a adoração de outros deuses (Dt 13.6-18; 17.2-7).

* **23.21-28** Josias reinstitui a Páscoa.

* **23.21 neste livro da aliança.** Está em foco o livro de Deuteronômio,

especialmente 16.1-8, que autoriza comer a Páscoa somente no santuário central. A Páscoa era originalmente observada em família (Êx 12.1-28, 43-49).

* **23.23 o ano décimo-oitavo.** Ou seja, quando Josias tinha 26 anos de idade.

* **23.24 médiuns, os feiticeiros**. Foram introduzidos por Manassés (21.6).

ídolos do lar. Quanto a esses pequenos ídolos, ver Gn 31.19; Jz 17.5 e 1 Sm 19.13. **palavras da lei.** Ver notas no v. 2; 22.8.

* **23.26 o SENHOR não desistiu do furor da sua grande ira. As reformas de**

Josias adiaram um pouco mas não mudaram a decisão de Deus de exilar o seu povo, por causa dos pecados de Manassés (21.12-15 e notas).

* **23.28 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **23.29 Neco.** Esse faraó governou de 610 a 595 a.C.

contra o rei da Assíria. A essa altura da história, a Babilônia era a nação mais poderosa do Oriente Próximo, e o império assírio estava em declínio. Neco, mui provavelmente, estava em marcha a fim de ajudar os assírios contra os babilônios que ressurgiam.

* **23.30 povo da terra.** Ver nota em 11.14.

Jeoacaz. Jeoacaz (ou Salum) foi escolhido para substituir Josias, embora ele fosse o filho mais jovem de Josias (1 Cr 3.15; Jr 22.11). Ele pode ter sido escolhido em preferência a seus irmãos mais velhos por estar seguindo uma postura anti-egípcia, como aquela do seu pai (cf. Ez 19.3,4).

o ungiu. Ver nota em 1Rs 1.34.

* **23.31-35** Estes versículos resumem o breve reinado de Jeoacaz, rei de

Judá, que fez "o que era mau perante o SENHOR" (v. 32). Jeoacaz foi capturado e deportado para o Egito, e seu filho, Eliaquim (Jeoaquim) o substituiu.

* **23.31 três meses.** Em 609 a.C.

Jeremias. Não o profeta Jeremias, que provinha de Anatote (Jr 1.1).

Libna. Ver a nota em 8.22.

* **23.33 Ribla, em terra de Hamate.** Essa cidade ficava às margens do rio

Orontes, na parte norte do vale do Líbano. Ela foi primeiramente usada pelo Faraó-Neco, e mais tarde por Nabucodonosor, como quartel-militar (25.6).

* **23.34 Eliaquim... Jeoaquim.** Quando forçavam seus vassalos a fazer um

juramento de lealdade, os reis assírios algumas vezes trocavam-lhes os nomes. A capacidade de Faraó-Neco em fazer Eliaquim mudar seu nome pode ter sido uma demonstração do seu poder como suserano.

* **23.35 do povo da terra exigiu prata e ouro.** Jeoaquim cobrou impostos do

próprio povo que tinha levado Jeoacaz ao trono (v. 30).

* **23.36—24.7** O escritor sagrado deixa claro que as desgraças que tinham sobrevindo a Judá, nas mãos de invasores estrangeiros, eram cumprimento da

palavra de julgamento de Deus contra Judá, por causa dos pecados de Manassés (21.10-15; 24.2-4).

* **23.36 onze anos.** Ou seja, entre 609 e 598 a.C.

Ruma. Essa cidade ficava localizada a cerca de 23 km a oeste do mar de Quinerete (Galiléia).

* **24.1 subiu.** De acordo com os registros babilônicos, Nabucodonosor

II subjugou a "terra de Hati", incluindo a "cidade de Judá" (isto é, Jerusalém).

Nabucodonosor. Nabucodonosor II foi o rei da Babilônia de 605 a 562 a.C. A Babilônia derrotou Neco, do Egito, em uma grande batalha, em Carquemis (Jr 46.2), e Judá agora era subjugada pela Babilônia, em lugar do Egito.

três anos. Isto é, entre 604 e 602 a.C.

se rebelou contra ele. Insurgindo-se contra o conselho de Jeremias (Jr 27.9-11), a decisão de Jeoaquim de rebelar-se pode ter sido influenciada pela defesa bem sucedida do Egito contra Nabucodonosor, em 601 a.C.

* **24.2 Enviou o SENHOR... bandos de caldeus. A reação de Deus**

contra a rebeldia de Judá foi imediata. Os sírios, moabitas e amonitas eram vassalos da Babilônia, e provavelmente foram compelidos a participar da invasão de Judá.

* **24.4 sangue inocente que ele derramou.** Ver nota em 21.6. A violação da

aliança era tão repreensível que o Senhor "não perdoou" esse pecado.

* **24.5 livro da História dos Reis de Judá.** Ver nota em 1Rs 11.41.

* **24.6 Jeoaquim.** Ele é também chamado de "Jeconias" (1Cr 3.16), e

de "Conias" (Jr 22.24).

reinou em seu lugar. Jeoaquim morreu (598 a.C.) antes que Jerusalém se rendesse aos babilônios (vs. 8-12).

* **24.7 ribeiro do Egito**. Ver 1 Rs 8.65, nota.

* **24.8 três meses**. De acordo com os registros babilônicos, Jerusalém

caiu em 16 de março de 597 a.C. O reinado de Jeoaquim deve ter começado em dezembro de 598 a.C.

* **24.13 todos os utensílios de ouro. Ver 1Rs 7.51.**

* **24.14 dez mil.** Jr 52.28 dá um total de "três mil e vinte e três" deportados,

mas isso talvez não inclua as mulheres e as crianças.

senão o povo pobre da terra. Os babilônios deportavam as classes elevadas e os líderes de terras capturadas. Dessa maneira, eles quebravam a economia dessas sociedades.

* **24.16 os homens valentes... os artífices, e ferreiros. Esses talvez façam**

parte do total arredondado de "dez mil", no v. 14.

* **24.17 Matanias.** Um irmão de Jeoaquim (pai de Joaquim) e filho de Josias

(1Cr 3.15; Jr 1.3).

Zedequias. O nome de Matanias foi mudado, provavelmente para demonstrar que ele era um monarca vassalo de Nabucodonosor (23.34, nota).

* **24.18—25.21** Esta seção dos livros dos Reis tem paralelo em Jr 52.127.

* **24.18 onze anos.** Ou seja, entre 597 e 586 a.C.

Jeremias. Não era o profeta Jeremias. Ver 23.31 e nota. **Libna**. Ver nota em 8.22.

* **24.19 conforme tudo quanto fizera Joaquim.** O autor sagrado não nos

conta todo o mal que Zedequias cometeu durante o seu reinado. O julgamento de Deus já havia sido decretado, e Judá estava escorregando para o esquecimento (20.17,18; 21.12-15; 22.16,17). Mais informações sobre o governo de Zedequias podem ser encontradas em Jr 21; 24; 27; 29; 32; 37—39; Ez 17.11-21.

*** 24.20 Zedequias rebelou-se contra o rei da Babilônia. A despeito de ter**

sido nomeado um rei vassalo por parte de Nabucodonosor, Zedequias entrou em conluio com o Egito e outras nações contra os babilônios (Jr 27.3-8; Ez 17.11-21). A decisão infeliz de Zedequias de rebelar-se contra os babilônios pode ter sido encorajada pelo Faraó Hofra (Apries), que subiu ao trono do Egito em 589 a.C.

*** 25.1 no nono ano.** Isto é, janeiro de 588 a.C.

*** 25.2 até ao undécimo ano do rei Zedequias. Ou seja, julho de 586**

a.C. (Jr 39.2; 52.5-7).

*** 25.3 fome**. Durante o assédio, Jerusalém experimentou terríveis

privações (Jr 38.2-3 e Lm 4.10).

*** 25.4 porta que está entre os dois muros.** Esse portão ficava na

muralha sudeste da cidade de Davi, e pode ter sido a "Porta da Fonte" (Ne 3.15).

*** 25.6 ao rei de Babilônia, a Ribla.** Ver nota em 23.33.

*** 25.7 a ele vazaram os olhos.** A cegueira era uma punição comum

para os cativos rebeldes, no antigo Oriente Próximo e Médio (Ez 12.13).

o levaram para a Babilônia. Zedequias desconsiderou o conselho de Jeremias (Jr 38.14-28) que tinha exortado o rei a render-se à

Babilônia, porquanto o julgamento do Senhor era inevitável. Através de uma rendição pacífica, Jerusalém poderia ser poupada da destruição. Mas a teimosa resistência de Zedequias só trouxe horrendos resultados para ele e para o povo de Israel. O próprio Zedequias morreu na Babilônia (Jr 52.11).

* **25.8 do quinto mês.** Ou seja, agosto de 586 a.C.

* **25.9 todos os edifícios importantes.** A terrível carnificina e

destruição foi deliberada. Nabucodonosor não reconstruiu Judá nem fez de Jerusalém uma capital provincial babilônica. E, diferente do que fizeram os assírios no tratamento que deram a Israel (2Rs 17.24-31; Ed 4.2), ele não importou novos colonos de outras áreas para substituírem os mortos e os exilados.

* **25.11 desertores**. Ao que tudo indica, alguns dentre os israelitas tinham-se

bandeado para os babilônios, antes mesmo do cerco final. E os babilônios levaram esses para a Babilônia.

levou cativos. Os babilônios implementaram uma segunda deportação (24.12-16), deixando somente os pobres para cultivarem a terra (v. 12).

* **25.15 os braseiros, as bacias.** Ver 2Rs 24.13; 1Rs 7.50; Jr 15.13; 20.5 e

27.16-22.

* **25.18 Seraías, sumo sacerdote**. Ele era neto de Hilquias (22.4,8; 1Cr

6.13,14) e um dos ancestrais de Esdras (Ed 7.1).

* **25.21 os feriu e os matou**. Os babilônios eliminaram

todos os líderes

restantes, nem todos os quais eram militares.

*** 25.22 Gedalias.** Tendo abolido a monarquia de Judá, Nabucodonosor

nomeou Gedalias como governador. O pai de Gedalias, Aicão, apoiara Jeremias (Jr 26.24). Nabucodonosor escolheu um cidadão bem conhecido de Judá para ser o governador, a fim de trazer estabilidade à terra (Jr 40.9-12).

Aicão. O pai de Gedalias tinha sido um dos grandes conselheiros de Josias (22.12).

*****

25.23 Mispa. Gedalias morava em Mispa, a quase 13

Jerusalém (Jr 40.6).

*** 25.24 jurou.** Ver nota em 1Rs 1.17.

*** 25.25 no sétimo mês**. Isto é, outubro de 586 a.C.

Ismael... de família real. O avô de Ismael, Elisama, era secretário real sob Jeoaquim (Jr 36.12; 41.1). Ismael fazia parte de uma facção em Judá que via Gedalias como um colaborador e que queria resistir aos babilônios (ver a narração detalhada em Jr 40.13—41.18). Provavelmente Ismael tinha ambicionado o restabelecimento do trono de Judá, onde ele mesmo seria o rei.

feriram Gedalias, e ele morreu. Esse fato piorou as condições em Judá (Jr 44.114). Os exilados consideraram a morte de Gedalias uma grande perda. Eles instituíram dias de jejum para lamentar pela sua morte, bem como pela destruição de Judá e Jerusalém (Zc 7.5; 8.19).

*** 25.26 foram para o Egito.** Temendo represálias dos

babilônios, os líderes do

golpe buscaram refúgio no Egito, onde governava um Faraó anti-babilônico (24.20 e nota). A lei do rei, em Dt 17.14-20 proíbe qualquer rei de Israel a levar o povo de volta ao Egito (Dt 17.16). Ironicamente, esses líderes do golpe, em sua busca pelo poder, tornaram-se culpados ao incorrerem em uma das maldições da aliança — voltando ao Egito, a terra da escravidão e do trabalho forçado (Dt 28.68).

*** 25.27-30** O autor dos livros de Reis termina sua obra com uma nota de

esperança ao chamar atenção para a misericórdia demonstrada para com Joaquim, rei de Judá, estando ele exilado na Babilônia.

*** 25.27 No trigésimo-sétimo ano**. Isto é, março de 561 a.C.

Evil-Merodaque, rei da Babilônia. Evil-Merodaque era filho e sucessor de Nabucodonosor (24.1, nota).

libertou do cárcere a Joaquim. Documentos administrativos da Babilônia mencionam o pagamento de rações de azeite e cevada a Joaquim, rei de Judá, bem como a cinco de seus filhos. Evil-Merodaque pode ter iniciado esses atos de misericórdia por ocasião de sua entronização.

*** 25.28 lhe deu lugar de mais honra.** Dt 4.25-31; 30.1-10 e a oração de

Salomão no templo (1Rs 8.46-53) são passagens que se referem às condições de exílio. Esses textos exortam o povo de Israel ao arrependimento (Dt 4.30; 30.2; 1 Rs 8.47). A oração de Salomão de que os exilados recebessem compaixão às mãos de seus captores foi atendida no tratamento bondoso dado a Joaquim. Dt 30.3-5 promete a restauração do povo de Deus, e, em 538 a.C., os judeus tiveram permissão de voltar à pátria (Ed 1.1-4; Is 44.24-28; 45.1-6). Os crentes entendem a promessa em Dt 30.6 no sentido de que Deus

circuncidará os corações de seu povo, para que lhe sejam obedientes, o que seria cumprido pelo derramamento do Espírito Santo (Atos 2.14-21; 2Co 3.1-6).

*** 25.29 passou a comer pão na sua presença.** Ver nota em 1 Rs 2.7. O

tratamento preferencial dado a Joaquim foi um raio de esperança sobre a continuação das promessas feitas a Davi (2Sm 7.8-16). Os sombrios capítulos finais dos livros dos Reis enfatizam o julgamento divino sobre Judá (21.10-15; 23.26,27; 24.3,4,20; 25.21), mas também revelam, nos seus últimos versículos, que a destruição de Judá e de Jerusalém não extinguiu a linhagem de Davi. Há razão em se olhar para o futuro com plena confiança em Deus.

1 Crônicas

* 1.1—9.34 O escritor sagrado estabeleceu a eleição e a ordem do

povo de Deus desde o começo da história até o retorno de Judá do exílio babilônico no século VI a.C. Essa eleição é a base dos privilégios e responsabilidades dos leitores, como a continuação do povo de Deus.

* 1.4-27 Começando com Noé, a narrativa mostra como Deus escolheu algumas nações e preteriu a outras. Os filhos de Noé foram tratados em separado: Jafé (1.5-7), Cão (1.8-16) e Sem (1.17-27). Selecionando partes de Gn 10.1-32 (Gn 10, nota), o cronista colocou a linhagem escolhida em último lugar. Dentre os descendentes de Noé, somente os semitas gozavam de um relacionamento especial de aliança com Deus.

* 1.5 filhos. Nas genealogias do antigo Oriente Próximo, os

termos "filhos" e "pais" com freqüência são usados literalmente. Mas também pode ser usados em um sentido mais figurado, referindo-se a

relacionamentos de parentesco relativamente distantes, ou a outras relações sociais ou geográficas. Aqui, "filhos" indica relacionamentos culturais e geográficos. Cf. o enfoque geográfico de 1Cr 2.42-55; 4.1-23; 28.43; 6.54-81; 7.20-29; 9.2 e 11.10-47.

* 1.8 filhos de Cam. Maior atenção foi dada aos descendentes

de Cam do que aos de Jafé, porque Israel tinha maior relacionamento com eles. A lista começa com todos os quatro filhos de Cam, mas registra somente os descendentes de Cuxe, Mizraim e Canaã. "Cuxe" é o termo hebraico para a Etiópia, a saber, as áreas remotas ao sul do Egito. E "Mizraim" significa o "Egito".

* 1.17 filhos de Sem. A eleição divina restringe-se dentre os

semitas, destacando a família de Abraão. O autor sagrado segue Gn 10.21-31

bem de perto e adiciona um breve sumário de Gn 11.10-27 para ampliar ainda mais a genealogia de Abraão.

* 1.28 Abraão. O plano da eleição soberana de Deus é

demonstrada nos descendentes de Abraão. Como fizera antes, o escritor trata primeiro daqueles que não foram escolhidos (1.29-33), e depois da linhagem escolhida de Isaque (1.34—2.2).

* 1.31 filhos de Ismael. Seguindo de perto o livro de Gênesis, o

relato distingue os descendentes de Ismael da linhagem da aliança.

Ismael. Foram-lhe prometidas grandes bênçãos da parte de Deus (Gn 16.11,12), mas ele não era herdeiro da aliança da graça que Deus estabeleceu com Abraão (Gn 17.18-21).

* 1.32 filhos de Quetura. Ver nota em Gn 25.1-4. Os

descendentes de Abraão, através de Quetura, não pertenciam à

linhagem da promessa de Isaque.

* 1.34 filhos de Isaque. Ou seja, Esaú e Jacó. Ver Gn 25.27-34;

27.1-40.

* 1.35 filhos de Esaú. Ver Gn 36.10-43.

* 2.1 filhos de Israel. Esta lista acompanha Gn 35.23-26,

excetuando a posição ocupada por Dã.

* 2.3—9.1 O escritor apresentou as doze tribos de Israel como

o alvo da eleição divina. Agora ele descreve a extensão e a ordem da nação em relacionamento pactual com o Senhor, cobrindo personagens proeminentes de todas as tribos, excetuando Dã e Zebulom. As listas envolvem não somente pessoas mas também territórios tribais. Isso sugere uma esperança de que a comunidade daqueles que tinham retornado do exílio acabariam se multiplicando até incluir todas as tribos e seus territórios (1.5, nota).

* 2.3—4.23 Judá figura em primeiro lugar, uma mudança na ordem de

nomes anunciada em 2.1,2. A prioridade de Judá reflete a importância do trono de Davi quanto à esperança dos exilados que tinham voltado da Babilônia.

* 2.3-9 filhos de Judá. Esses foram Er, Onã, Selá (com uma mulher cananéia; Gn 38.2), Perez e Zerá (com Tamar, nora de Judá; Gn 38.11-30). Perez e Hezrom foram antepassados de Davi.

* 2.6 Etã, Hemã, Calcol e Dara. Esses eram homens

tradicionalmente sábios, comparados com Salomão em 1Rs 4.31. Etã e Hemã provavelmente devem ser distinguidos dos músicos de Davi, embora tivessem os mesmos nomes (1Cr 15.19 e Sl 88; 89).

* 2.7 Carmi. Um filho de Zinri, mencionado no versículo anterior

(Js 7.1).

* 2.10 Rão. Desviando-se da ordem dos filhos de Hezrom,

apresentada em 2.9, Rão aparece aqui em primeiro lugar, como parte da linhagem de Davi (2.3—4.23 e nota). Essa informação genealógica provavelmente foi tirada do livro de Rute (Rt 4.18-22).

* 2.15 Davi, o sétimo. De acordo com 1Sm 17.12-14, Davi foi o

oitavo filho de Jessé. Eliú foi omitido aqui, embora tenha sido mencionado em 27.18. Talvez Eliú tenha sido omitido porque ele não teve filhos.

* 2.18-24 Este Calebe não é o "Calebe, filho de Jefoné" (Nm 13.6;

1Cr 4.15), mas "Quelubai" (v. 9).

* 2.20 Bezalel. A linhagem de Rão leva (v. 10) a Jessé, pai de

Davi, e a linhagem de Calebe leva a Bezalel, supervisor da construção do tabernáculo, nos dias de Moisés (Êx 31.1-5; 35.30—36.7). A proximidade da família real (2.10-17) com a família de Bezalel reflete a associação do trono de Davi com a adoração no templo, depois do exílio (6.1, nota).

* 2.25 Jerameel. Este é o único lugar onde a Bíblia dá

informações genealógicas sobre a família de Jerameel, que viveu no sul de Judá (1Sm 27.10; 30.27-29).

* 2.34 Sesã. Estas informações adicionais sobre a família de

Jerameel concentram a atenção sobre a linhagem de Sesã (2.31) até Elisama (2.41). É possível que Elisama tenha sido contemporâneo de

Davi (a vigésima terceira geração de Judá), mas ele pode ter sido o escriba do rei Jeoaquim (Jr 36.12,20).

* 2.42 pai de Zife... Abi-Hebrom. Ou: "pai de Hebrom". Quando o

termo "pai" é associado com o nome de alguma cidade ou aldeia, provavelmente significa "fundador" ou "cabeça" (1.5, nota). A inclusão de povoações que ficavam fora do controle da comunidade encorajaria os leitores da época a pensar em reconquistar todos os territórios antes ocupados pelo povo de Deus (2.3—9.1, nota).

* 2.55 queneus. Esses eram estrangeiros aparentados com

Moisés por casamento, e adotados pela tribo de Judá (Jz 1.16; 4.11). Foram considerados membros legítimos do povo de Deus.

* 3.1 filhos de Davi. Essa narrativa a respeito da linhagem de

Rão, antepassado de Davi (2.3—4.23, nota), mostra que Zorobabel (3.19) foi o legítimo herdeiro da linhagem de Davi. O registro da família de Davi cobre os seus filhos nascidos em Hebrom e Jerusalém (3.1-9); os descendentes de Salomão (3.10-16) e os descendentes de Jeoaquim (3.17-24). A lista desses filhos foi derivada de 2Sm 3.2-5; 5.13-16; 13.1.

* 3.10 filho de Salomão. Os demais filhos de Davi são

negligenciados e o enfoque recai sobre Salomão, o descendente escolhido. A linhagem real passa de Davi a Salomão sem ser ameaçada (23.1, nota). Azarias (3.12) é o mesmo homem que mais tarde passa a ser chamado de Uzias (2Cr 26.1, nota).

* 3.15 filhos de Josias. O primogênito de Josias, Joanã

(desconhecido por outras fontes) não o sucedeu no trono. Salum (Jeoacaz) sucedeu a Josias (2Cr 36.1; 2Rs 23.30,31). Faraó-Neco retirou Salum do poder e o substituiu por seu irmão, Eliaquim

(Jeoaquim, 2Cr 36.3,4; 2Rs 23.32-34). Jeoaquim foi sucedido por seu filho, Joaquim (2Cr 36.9,10; 2Rs 24.8-16), mas Nabucodonosor substituiu Joaquim pelo terceiro filho de Josias, Zedequias (2Cr 36.10-14; 2Rs 24.18-20).

* 3.17 Jeconias. Também era chamado Joaquim ou Conias

(referência lateral). O profeta Jeremias, cuja vida e palavras eram conhecidas pelo autor sagrado (2Cr 35.25; 36.12,21,22), anunciou que Deus removeria a família de Jeconias do trono (Jr 22.30 e nota). Em sua misericórdia, entretanto, Deus retirou a sua maldição e estabeleceu novamente a linhagem de Jeconias. Jeconias foi solto da prisão, na Babilônia (2Rs 25.27-30). Sesbazar (cujo nome é escrito Senazar em 3.18) trouxe os tesouros do templo de volta a Judá (Ed 1.11; 5.14-16). Zorobabel (3.19) foi governador sobre a comunidade judaica restaurada, terminado o exílio babilônico, e reconstruiu o templo (Ed 3.1-13). Deus declarou que Zorobabel era seu "anel de selar" (Ag 2.23), revertendo assim a maldição lançada sobre Jeconias (Jr 22.24). Zorobabel nunca se tornou rei, mas a sua linhagem representava as esperanças reais da comunidade judaica. Tanto Mateus (Mt 1.12,13) quanto Lucas (Lc 3.27) identificaram Jesus, o Rei supremo, com essa linhagem.

* 3.19 Pedaías... Zorobabel. Zorobabel é chamado filho de

Sealtiel (3.17), (ver também Ed 3.2,8; Ne 12.1; Ag 1.12,14; 2.2,23; Mt 1.12; Lc 3.27). Isso pode significar que Zorobabel sucedeu a Pedaías. Podemos presumir que Pedaías pode ter-se tornado o chefe da família, após a morte de Sealtiel, adotando Zorobabel como seu filho.

*** 3.21 filhos de Refaías... Secanias. Provavelmente não**

descendentes de Zorobabel, mas de outras famílias davídicas contemporâneas de Zorobabel. Se esse parecer está correto, esta genealogia só avança duas gerações para além de Zorobabel (Introdução: Data e Ocasião).

* 3.22 Seis ao todo. Na verdade, este versículo menciona apenas

cinco nomes. Um dos nomes pode ter-se perdido por ocasião da cópia posterior do texto. Mas também é possível que "seis" inclua Semaías com os cinco filhos como descendentes de Secanias.

* 4.1-23Judá. Nesta seção, nomes pessoais e de clãs são misturados com nomes geográficos, alguns deles fora das fronteiras do território ocupado pelos exilados que retornaram da Babilônia (2.42, nota).

* 4.1 Carmi. Provavelmente refira-se a Calebe (2.9). Nesse

caso, o versículo nos dá uma genealogia linear de Judá a Sobal (2.4,5,9,50).

*** 4.9 Foi Jabez mais ilustre do que seus irmãos. Temos aqui**

um breve exemplo da extraordinária piedade da linhagem de Judá. A bênção através da oração e da confiança em Deus é um dos grandes temas dos livros de Crônicas (1Cr 5.18-22; 17.16-27; 21.1—22.1; 2Cr 6.12-42; 7.12-16; 13.1416; 14.11-13; 18.31; 20.5-30; 30.18-20; 32.20-24 e 33.11-13). Em harmonia com as referências geográficas que aparecem neste capítulo, o enfoque recai sobre a expansão territorial (1.5, nota), sobre a vitória e a segurança por meio da oração (2Cr 6.34, nota).

* 4.13 Otniel. O primeiro juiz de Israel (Js 15.17; Jz 1.13; 3.9-11).

* 4.17 Bitia, filha de Faraó. O casamento de Merede com a filha

de Faraó não é registrado em qualquer outro lugar. Isso sugere um tempo em que os israelitas eram proeminentes no Egito, talvez durante os dias de José.

* 4.21-23 Selá. O filho sobrevivente mais velho de Judá (2.3). O

registro sobre Selá inclui nomes de pessoas, nomes geográficos e associações comerciais (trabalhadores de linho, artesãos de barro e servos reais; ver nota em 1.5).

* 4.24 Simeão. A tribo de Simeão estava intimamente associada à

tribo de Judá (Js 19.1-9; Jz 1.3). Essa passagem é bem diversificada: genealogias (4.24-27,34-38), geografia (4.28-33) e notas históricas sobre a expansão territorial (4.39-43). Quanto a outros registros genealógicos sobre a tribo de Simeão, ver Gn 46.10; Êx 6.15; Nm 26.12-14.

* 4.28 Berseba. A lista de povoações de Simeão baseia-se em Js

19.2-8 (cf. Js 15.26-32, onde várias dessas aldeias são dadas a Judá). O conhecimento dos territórios dominados antes do exílio babilônico instilaria esperanças de expansão geográfica depois do retorno do povo judeu da Babilônia (2.3—9.1, nota).

* 4.34 Mesobabe. O autor sagrado mencionou alguns líderes

proeminentes da tribo de Simeão (4.34-38), e então descreveu como eles expandiram seus territórios em diversas direções (4.39-43). Neemias 11.26-29 indica que algumas dessas cidades (Moladá, Hazar-Sual, Berseba, Ziclague e En-Rimom) foram reocupadas após o exílio babilônico. O propósito era narrar aos leitores até onde se estendia a Terra Prometida.

* 4.41 até ao dia de hoje. Ver também o v. 43. A expressão "hoje"

ou "dia de hoje", nos livros de Crônicas, podem referir-se aos próprios tempos do autor (5.26; 2Cr 20.26; 35.25), ou podem referir-se aos dias anteriores, em que as fontes estavam sendo citadas. Ocasionalmente, podem até indicar o período das origens documentárias usadas pelas fontes (13.11; 2Cr 5.9; 8.8; 10.19 e 21.10). Algumas vezes, isso pode ser entendido como uma expressão idiomática que significa "e assim por diante" ou "em

perpetuidade".

* 5.1-26 Aqui são consideradas as tribos que se instalaram a leste

do rio Jordão. Essa narrativa está dividida em quatro seções: Rúben (vs. 1-10); Gade (vs. 11-17); uma breve narrativa (vs. 18-22) e a meia-tribo de Manassés (vs. 23-26). A esperança era que essas tribos seriam incluídas na nação, depois do retorno dos exilados da Babilônia (2.42 nota).

* 5.1 pois era o primogênito. O escritor sagrado explica aqui

por que Rúben, o primogênito de Jacó, recebe tão pouca proeminência entre as tribos. Ele contaminou o leito de seu pai (Gn 35.22; 49.4), e perdeu seu direito à primogenitura e à dupla porção da herança (Dt 21.15-17). Em lugar de Rúben, José recebeu dupla porção através de seus filhos, Efraim e Manassés, que foram tratados como tribos distintas (Gn 48.1-22).

* 5.2 dele veio o príncipe. O príncipe aqui mencionado é Davi,

e, por implicação, Zorobabel, seu descendente (2Sm 5.2; 6.21; 1Cr 11.2 e 17.7).

* 5.6 Tiglate-Pileser. Um rei da Assíria (745-727 a.C.), também

conhecido como Pul (v. 26). Ele invadiu Israel (2Rs 15.29) e requereu de Acaz o pagamento de tributo (2Cr 28.21, nota). Ver as introduções aos livros de Amós, Isaías, Oséias e Miquéias.

* 5.8 Aroer... Baal-Meom. Essa informação geográfica está

fundamentada em Nm 32.37,38 e Js 13.15-23.

*** 5.18-22 Dos filhos de Rúben, dos gaditas e da meia tribo de**

Manassés. Essa breve narrativa diz respeito a todas as três tribos da

parte leste do rio Jordão (cf. 4.9,10). A história ilustra a importância da oração e da dependência a Deus em batalha, um tema que aparece com freqüência nesta história (2Cr 6.34, nota).

* 5.21 cem mil. Os israelitas sobrepujaram um exército muito

mais numeroso que o deles próprios (v. 18; 19.7, e nota).

* 5.22 até ao exílio. Essa observação refere-se à deportação das

tribos que habitavam a região leste do rio Jordão, pelos assírios, em 734 a.C. (vs. 6, 26).

* 5.23-26 As tribos a leste do rio Jordão sofreram exílio por causa da

infidelidade da meia-tribo de Manassés que trouxe o castigo divino. Esses

acontecimentos fazem contraste com a narrativa anterior de oração e bênção (vs. 18-22; cf. 4.9,10).

* 5.25 se prostituíram. Ver nota em 2Cr 21.11.

* 5.26 até ao dia de hoje. Ver nota em 4.41.

* 6.1 Levi. Um longo relato sobre a tribo de Levi provê o pano-

de-fundo quanto à disposição dos encarregados do templo na comunidade restaurada, após o exílio na Babilônia. O autor faz uma vinculação da monarquia davídica com a adoração no templo, em sua concepção de um povo restaurado. As considerações abrangem povos e territórios (1.5; 2.3 - 9.1, nota). A atenção dada a Levi revela a importância do templo e do sacerdócio.

Se os exilados que voltaram quisessem ter a bênção de Deus, então a família real (Judá) e os encarregados pelo templo (Levi) também deviam continuar suas funções apropriadas (29.22, nota). A narrativa

abrange os sacerdotes que descendiam de Arão, uma pesquisa sobre os três clãs de Levi, os músicos do templo designados por Davi (6.31-47) e os deveres dos filhos de Arão e de outras famílias. Essa narrativa provê um argumento racional para o funcionamento da tribo de Levi no período pós-exílio da Babilônia.

* 6.8 Zadoque. Ver nota em 15.11.

* 6.10 Azarias. Um interesse pelos preparativos do templo de

Salomão como um modelo para ser seguido pela comunidade que retornara do exílio explica a relevância de um comentário sobre Azarias (1 Rs 4.2 e Introdução: Características e Temas).

* 6.14,15 Jeozadaque. A linhagem sumo sacerdotal foi

acompanhada até Jeozadaque, pai de Josué, que foi o sumo sacerdote no começo do período que se seguiu ao exílio babilônico (Ed 3.2; 5.2; 10.18; Ag 1.1; 2.2; Zc 3.1; 6.11).

* 6.16-19 Baseado em Êx 6.16-19; Nm 3.17-20; 26.57-61.

* 6.22 Aminadabe. Provavelmente outro nome para Isar (vs. 2,

37, 38; Êx 6.18,21).

* 6.22,23 Assir... Elcana... Ebiasafe. Todos esses homens eram

filhos de Coré (Êx 6.24; cf. o v. 37).

* 6.26,27 Zofai... Naate... Eliabe. Provavelmente eram nomes

alternativos para Zufe, Toá e Eliel (vs. 34,35).

* 6.27,28 Elcana... Samuel. 1Sm 1.1 faz Elcana e seus ancestrais

remontar a Zofia (Zufe) como efraimitas. Essa designação pode ter indicado a localização onde ele morava, e não a sua tribo (1Sm 1.1,

nota).

* 6.31 Davi constituiu. Davi nomeou grupos de cada um dos três

clãs de Levi como músicos (15.16-26; 2Cr 35.3); a família de Hemã de Coate (vs. 33-38), a família de Asafe de Gérson (vs. 39-43) e a família de Etã, de Merari (vs. 44-47). É salientada a importância da música na adoração a Deus (15.16, nota), e o que é dito também fornece uma base para as funções desses clãs no período que se seguiu ao exílio babilônico.

*** 6.49 tudo quanto Moisés... tinha ordenado. Ver nota em**

16.40.

* 6.53 Zadoque. A consideração sobre as famílias dos levitas é

concluída observando-se o direito exclusivo dos zadoquitas de oferecerem sacrifícios por serem descendentes diretos de Arão. Talvez tenha havido alguma controvérsia, entre as famílias dos levitas, sobre isso, no tempo em que o livro estava sendo escrito (15.11, nota).

* 6.60 arredores. Áreas ao redor das cidades, usadas como

pastagem.

* 6.64 Neste relato (vs. 54-81), fundamentado em Js 21.4-48, o

autor salienta a vasta área que pertencera a Levi. A maior parte dos lugares citados ficava fora das fronteiras da província ocupada depois da volta do exílio, sugerindo a esperança de que a comunidade restaurada se expandisse (2.42, nota).

* 7.1 Issacar. O registro sobre Issacar está alicerçado em Gn

46.13; Nm 1.28; 26.23-25. Algumas porções desse relato originam-se

de listas militares (vs. 2,4,5). Quanto ao número de homens de guerra, ver nota em 12.23.

* 7.6-12 Benjamim. O autor sagrado retornará novamente à tribo de Benjamim, no cap. 8, para traçar a linhagem de Saul. Aqui ele se fundamenta em listas militares (vs. 7,9,11). Quanto ao número de homens de combate, ver nota em 12.23.

* 7.13 filhos de Naftali. Essa lista repete informações

encontradas em Gn 46.24 e Nm 26.48-50.

* 7.14 Manassés. Ver 1Cr 5.23-26, nota. Grande parte das

informações presentes aqui baseiam-se em Nm 26.29-34 e Js 17.1-13. O enfoque sobre mulheres, nessa linhagem, pode derivar-se da importância das filhas de Zelofeade, em Nm 26.33.

* 7.20 Efraim. Questões de linhagem e de geografia aparecem

novamente (2.3 - 9.1, nota).

* 7.30 Aser. A linhagem de Aser baseia-se em Gn 46.17 e Nm

26.44-46. Quanto ao número de homens de combate, ver nota em 12.23.

* 8.1 Benjamim. A pesquisa das tribos de Israel conclui com um

segundo tratamento, mais extenso, de Benjamim (cf. 7.6-12). A genealogia de Benjamim compara-se em tamanho à de Judá (2.3—4.23) e à de Levi (6.1-81). A tribo de Benjamim reveste-se de importância especial por causa de sua

íntima associação com Judá nos dias anteriores e posteriores ao exílio babilônico (1Rs 12.20,21; 1Cr 9.4-9). Saul, o primeiro rei de Israel, pertencia à tribo de Benjamim (1Sm 9.1 - 10.27; 1Cr 9.35-44). Este capítulo está disposto segundo dados geográficos: Geba (vs. 1-

7), Moabe (vs. 8-13), Jerusalém (vs. 14-28) e Gibeom (8.29-40).

* 8.1-7 Cf. as várias listas em 7.6-12; Gn 46.21; Nm 26.38-41.

* 8.8-13Moabe. Quanto aos israelitas que viviam no território de Moabe

(v. 8); ver 1Sm 22.3-5 e Rt 1.1,2.

* 8.29-40 Grande parte desta lista é repetida em 9.35-44. Ela vai de Benjamin em Gibeom a Saul (8.33) e muitas gerações depois deste.

* 8.33 Esbaal. Provavelmente esse era o seu nome original, cujo

sentido é "homem de Baal". Ele também é chamado "Isvi", ou, "homem do SENHOR” (1Sm 14.49) e Isbosete, "homem de vergonha" (2Sm 2.8).

* 8.34 Meribe-Baal. Esse nome para Mefibosete provavelmente

era escrito, a princípio como Meri-Baal ("herói de Baal" ou "amado por Baal"), que mais tarde foi mudado para Meribe-Baal, talvez significando "oponente de Baal"). O nome "Mefibosete" significa "procedente da boca da vergonha" (2Sm 4.4 e 9.6).

* 9.1-34 Este capítulo contém um resumo seletivo dos israelitas que

compunham a primeira comunidade daqueles que retornaram do exílio na Babilônia. Grande parte deste material também aparece em Ne 11.

* 9.1 Todo o Israel. As listas das tribos de Israel representam a

nação inteira de Israel. O povo histórico de Deus e seus territórios são apresentados como um modelo para a comunidade daqueles que retornariam do exílio na Babilônia (11.1; 2Cr 10.1; 29.24 e notas).

* 9.2 suas próprias possessões. O relato enfatiza que os

judeus que retornaram da Babilônia readquiriram as terras que eram legitimamente deles.

os israelitas, os sacerdotes, os levitas e os servos do templo. As listas que se seguem (9.4-34) cobrem cada uma dessas categorias, excetuando os "servos do templo", que podem ter sido descendentes dos gibeonitas (Js 9.23), que tinham sido forçados a manter o tabernáculo (Ed 8.20).

*** 9.3 Judá... Benjamim... Efraim e Manassés. Considera-se**

que os reinos norte e sul se reuniram sob Ezequias (2Cr 29.1 e nota). Representantes de toda a nação foram para o exílio babilônico e voltaram à Terra Prometida. Por essa razão, o autor sagrado não negligencia Efraim e Manassés entre os judeus que retornaram. No entanto, a Judá e a Benjamim foi dada uma atenção especial, visto que representavam o reino do sul, a pátria da linhagem de Davi e a localização do templo.

* 9.4-6 Aqueles que pertenciam à tribo de Judá são tidos como filhos de Judá: Perez (9.4), Selá (9.5 — "silonitas", provavelmente representam os "selanitas"; cf. 2.3; 4.21-23; e Nm 26.20) e Zerá (9.6).

* 9.15,16,33 Asafe... Jedutum. Levitas encarregados da música (6.39; 9.33; 16.41,42). A proeminência deles nesta lista reflete a importância da música na adoração (15.16 e nota).

* 9.16 netofatitas. Netofá era uma cidade a cerca de 5 km ao sul

de Belém (Ne 7.26 e 12.28).

* 9.17 porteiros. Há uma lista de porteiros em 1Cr 26.1-19. Esta lista vai até aos tempos de Davi (vs. 23,24). Os ciclos do dever dos porteiros são descritos, decerto como um modelo para a nova geração. O tabernáculo de Davi requeria 24 porteiros. As tarefas e a rotatividade eram definidas por sorteio (26.12-18).

* 9.28-34 Os levitas realizavam uma variedade de funções no templo.

Isenção especial era feita quanto aos músicos (15.16, nota).

* 9.39 Saul. O autor sagrado, a essa altura, já havia estabelecido

a identidade, a ordem e o território do povo de Deus por meio de

listas e genealogias. Sua próxima tarefa, que ocuparia muitas páginas, era dar um retrato da monarquia unida. A monarquia unida é apresentada como um ideal para a comunidade dos exilados que tinham retornado da Babilônia, engajados na restauração do reino em seus próprios dias. Em lugar do longo registro da ascensão e queda de Saul que há nos livros de Samuel, os livros de Crônicas simplesmente relatam a genealogia de Saul (9.35-44), e a transferência de autoridade de Saul para Davi (10.1-14) antes de voltar-se para a história de Davi (caps. 11—29) e de Salomão (2Cr 1—9).

* 10.1 caíram mortos. Os soldados de Israel (10.1), Saul (10.4,6

8,12-14), seus filhos (10.2,6-8,12) e o escudeiro de Saul (10.5), todos morreram, indicando que Saul estava sob severo julgamento divino (10.13). O autor sagrado segue 1Sm 31 em seu relato sobre o suicídio, profanação e o sepultamento de Saul. E adicionou os vs. 13 e 14 para trazer à tona a razão para esses trágicos acontecimentos.

* 10.6 toda a sua casa. Os três filhos de Saul (10.2) e seus

principais oficiais morreram. Mas Is-Bosete (também conhecido como Es-Baal) sobreviveu (8.33; 9.39; 2Sm 2.8). A casa governante de Saul chegara a um fim abrupto, diferente da casa (ou dinastia) de Davi, que Deus estabeleceu de modo permanente sobre Israel (17.1-15, nota).

* 10.9 tomaram a sua cabeça. Ver o paralelo entre Davi e Golias

(1Sm 17.54). O tratamento do corpo de Saul, por seus inimigos, ressalta a desonra de sua derrota e morte.

* 10.13 transgressão. Em 1Cr 10.1-12 o falecimento de Saul é visto

como o resultado do julgamento divino. Saul morreu por ter sido infiel ao Senhor, deixando de "cumprir a palavra” e de "inquirir” da parte do

Senhor. A

consulta de Saul com a médium de En-Dor (tacitamente proibida em Dt 18.914) foi o clímax de suas falhas (1Sm 28).

*** 10.13,14 consultara uma necromante e não ao SENHOR. Ver nota em 2Cr 7.14.**

Davi. O governo de Davi é crucial para a história desse período. Davi foi o monarca exemplar para a geração que retornava do exílio na Babilônia. Os livros de Crônicas reconhecem que Davi teve falhas (13.7-11; 21.1 -7), mas não registrou as falhas e as tribulações principais registradas nos livros de Samuel (2Sm 11.1—21.14). A narrativa sobre o reinado de Davi enfoca duas grandes preocupações: a grande popularidade de Davi (caps. 11, 12) e os seus preparativos para a construção do templo de Jerusalém (caps. 13 - 29). Essa seção é disposta primariamente por temas, e não cronologicamente. O apoio entusiasmado a Davi, vindo de todo o Israel, deveria servir de encorajamento e modelo para os exilados que estavam voltando do exílio.

* 11.1 todo o Israel. Essa e outras expressões semelhantes são

usadas na narrativa sobre a monarquia unida, para referir-se à nação como um todo sob o governo de Davi e Salomão (11.10; 12.38; 14.8; 15.3,28; 18.14; 19.17; 21.5; 28.4,8; 2Cr 1.2; 7.8; 9.30). Embora ainda houvesse esperança para um reino unificado e inclusivo, sob um novo rei davídico, essa esperança não poderia ser cumprida senão por ocasião da vinda de Cristo, o Filho de Davi e Rei messiânico (2Cr 10.1, nota; 29.24, nota; ver também Introdução: Características e Temas).

* 11.2 teu Deus, te disse. Em diversas ocasiões, nesta seção, foi

explicado que o apoio popular recebido por Davi era o resultado do decreto soberano de Deus (11.3,9,10; 12.18,23). Um rei legítimo de

Israel tinha que ser escolhido por Deus, e não apenas pelos sentimentos populares (Dt 17.14,15); Davi satisfazia essa qualificação (2Cr 6.6).

* 11.5 Porém Davi tomou a fortaleza. O sucesso de Davi foi

demonstrado mediante o relato da conquista e da fortificação de sua cidade

capital. Projetos de construção bem sucedidos com freqüência exibiam a bênção de Deus sobre um rei. Ver notas em 2Cr 2.1 - 8.16; 11.5-12; 14.6,7; 17.12; 26.9; 27.3,4 e 32.27-29.

* 11.10-47 Em seu todo, esta lista de chefes e poderosos baseia-se

em 2Sm 23.8-39. O propósito da lista é declarado no versículo inicial: esses líderes apoiavam o reino de Davi com "todo o Israel... segundo a palavra do SENHOR". Os atos poderosos dos homens de Davi ressaltam suas notáveis qualidades, assim como as do próprio Davi.

* 11.10 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 11.15-19 Os heróis de Davi exibiram habilidade e coragem ao

buscarem água para ele além das linhas do inimigo. Por outro lado, Davi mostrou-se humilde, ao oferecer a água como uma libação ao SENHOR (Gn 35.14; 2Rs 16.13; Jr 7.18).

* 11.41-47 O cronista adicionou algo à lista dos valentes de Davi,

registrada em 2Sm 23.39. Referências repetidas às tribos e localizações ilustram o apoio diverso e generalizado dado a Davi.

* 12.8-19 Na fortaleza de Davi no deserto (cf. 1Sm 22.14,29; 24.1),

israelitas de várias regiões de Israel vieram aliar-se a ele. Havia

partidários de Gade, Benjamim, Judá e Manassés. Ver nota em 11.10-47.

*** 12.8 seu rosto era como de leões... ligeiros como gazelas.**

Metáforas baseadas nos animais eram comuns para indicar guerreiros e líderes, e os homens da tribo de Gade eram ligeiros e ferozes.

* 12.15 transbordava. Em março e abril, as neves que se derretem

fazem, com freqüência, os rios da Palestina transbordarem, tornando o rio Jordão difícil de atravessar. Esse detalhe enfatiza a coragem superior dos partidários de Davi da tribo de Gade.

* 12.18 o Espírito. Ao mencionar o Espírito Santo, o autor sagrado explica que a passagem de homens de Benjamim, a tribo de Saul, para Davi, não foi mal orientada. O Espírito de Deus dirigiu os apoiadores de Davi.

* 12.19 mas não ajudou os filisteus. Ao mesmo tempo em que abreviava significativamente o relato de 1Sm 29, o escritor mostra claramente que Davi não lutou contra seus compatriotas israelitas.

* 12.20 Ziclague. Davi continuou recebendo o apoio de seus compatriotas em Ziclague (12.8-19, nota).

* 12.22 como exército de Deus. O autor sagrado elogia o exército de Davi, comparando-o ao inumerável exército celeste.

* 12.23 Hebrom. Davi encontrou outros partidários em Hebrom, com representantes provenientes de cada tribo. Os números parecem excessivamente altos. Várias explicações para esse grande contingente de apoiadores são possíveis. A palavra hebraica traduzida aqui por "mil" pode ser um termo técnico que se refere a

uma unidade militar consideravelmente menor. Nesse caso, o v. 24 significaria: "Dos filhos de Judá, que traziam escudo e lança, seis unidades com oitocentos homens armados para a peleja". Em segundo lugar, as consoantes do hebraico traduzidas por "mil", também poderiam significar, com outros pontos vocálicos, "seis chefes, com oitocentos homens armados para a peleja". Finalmente, é possível que exista aqui um exagero figurado ou retórico (12.22, nota).

* 12.38-40 O relato do apoio generalizado, dado a Davi, encerra-se com a observação que o povo de Hebrom, bem como o resto da nação, "era unânime" em seu apoio a Davi. Eles celebraram o seu novo rei com alegria e festejos. Esse feliz acontecimento teria sido um modelo para a comunidade que estava voltando do exílio babilônico.

* 12.38 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 13.1—29.30 O segundo componente essencial do reinado-modelo de Davi — seus entusiasmados preparativos para o templo — é relatado aqui. A narrativa divide-se em duas partes: a centralização da adoração em Jerusalém (caps. 13—16) e os preparativos para o templo (caps. 17—29). A comparação com 2Sm 5 e 6 indica que as narrativas nos livros de Samuel e de Crônicas foram dispostas por temas, e não em estrita ordem cronológica. A narrativa dos livros de Crônicas divide-se em três partes: a tentativa sem sucesso de transferir a arca para Jerusalém (cap. 13). As bênçãos de Davi (cap. 14) e a recuperação bem-sucedida da arca (caps. 15; 16).

* 13.1-4 Essa introdução não aparece em 2Sm 5 e 6. Enfoca o apoio de

"toda a congregação de Israel" quanto à adoração centralizada em Jerusalém (13.4-8; ver também 11.1, nota).

* 13.2 Se bem vos parece... do SENHOR. A harmonia entre Davi

e o seu povo, quando buscavam obedecer a Deus, é um modelo para os exilados que estavam retornando da Babilônia (2Cr 30.4,5).

* 13.3 não nos valemos dela. O cronista contrasta aqui Davi e

Saul (11.2). Davi se preocupara com a arca, ao passo que Saul a negligenciou.

13.6 Que se assenta acima dos querubins. A arca da aliança representava a presença de Deus entre o seu povo.

é invocado o nome do SENHOR. O "nome" do Senhor indica a proximidade de Deus, o poder divino que habitava no templo, acessível por meio das orações e dos sacrifícios (16.10; 22.7,8,10,19; 28.3; 29.16; 2Cr 2.1,4; 6.510,20,32-38; 7.16,20; 12.13; 20.8,9; 33.4,7). O Novo Testamento ensina os crentes a orarem "no nome" de Jesus, ou seja, pela "autoridade de Jesus" (Jo 12.28; 14.13,14; 16.24).

* 13.7 num carro novo. Os israelitas não observaram a lei de

Deus sobre o transporte da arca com varas, aos ombros dos sacerdotes (Êx

25.12-15). Ao invés disto, eles manusearam a arca desconsiderando a santidade de Deus, e as regulamentações divinas de adoração (15.2,11-15).

* 13.8 alegravam-se perante Deus. Ver nota em 15.16.

* 13.10 e o feriu. Uzá demonstrou desconsideração para com a santidade

da adoração, tocando na arca (Nm 4.15). Embora, aparentemente, tivesse sido um delito secundário, a violação de Uzá envolvia o descuido pela santidade de Deus, o que exigia um castigo que serviria como uma advertência para todos os filhos de Israel (v. 7 e nota).

* 13.11 até ao dia de hoje. Ver nota em 4.41.

* 13.13 Obede-Edom. Era um levita (15.18,21,24), que foi abençoado ao

ter muitos filhos (26.4,5), presumivelmente porque ele cuidava apropriadamente da arca. Os livros de Crônicas com freqüência mencionam numerosos filhos como sinal da aprovação e da bênção divinas (14.3; 2Cr 11.18-23; 13.21).

* 14.1 Essa narrativa ilustra que a despeito da falha de Davi (cap.

13), Deus o firmou e o abençoou. Aparecem aqui três itens: os preparativos para a construção do palácio (14.1,2), os filhos de Davi nascidos em Jerusalém (14.3-7), e a vitória de Davi sobre os filisteus (14.8-17).

*** 14.2 O SENHOR o confirmara rei... por amor do seu povo de**

Israel. Davi reconheceu que o estabelecimento de seu reino era uma bênção para o povo. Depois de seu exílio na Babilônia, os leitores seriam encorajados por essas observações, em sua esperança de ter um novo rei davídico (2Cr 2.11, nota).

* 14.8-12 A vitória de Davi sobre os filisteus contrasta com a derrota

de Saul (10.1-7). Davi inquiria pela vontade do Senhor (14.10,14); Saul tinha consultado uma médium espírita (10.13). Esse evento também contrasta com a tentativa fracassada de Davi de devolver a arca para Jerusalém (13.1-14). E se

Davi ficara chocado diante da ira do Senhor contra Uzá (13.11), agora ele declarava que Deus "rompeu as fileiras inimigas" contra os filisteus (14.11).

* 14.8 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 14.12 que se queimassem. Davi seguiu os regulamentos mosaicos nesses atos (Dt 7.5,25).

* 14.17 temível a todas aquelas gentes. Este versículo foi adicionado à narrativa de 2Sm 5, ressaltando a fama internacional de Davi (v. 1, nota). Davi mostrava-se poderoso contra os seus adversários. Outras nações viam o poder de Deus nas vitórias do rei de Israel e temiam (Js 2.11; 2Cr 17.10; 20.29). Os leitores do livro seriam encorajados a esperar por um novo Davi, que derrubaria as potências mundiais seculares (Ag 2.6,7,20-23; Zc 9.1-13).

* 15.1—16.43 Essa narrativa sobre a bem-sucedida recuperação da arca da aliança explica a ordem dada por Davi aos levitas sobre a adoração. Oito versículos (15.25—16.3) são semelhantes a 2Sm 6.12-19.

* 15.1 armou uma tenda. O tabernáculo continuava em Gibeom

(16.39) . Davi mandou construir um novo tabernáculo para abrigar a arca.

* 15.2 Este e os vs. 13-15 mostram que Davi transferiu a arca para

Jerusalém atendendo às exigências da legislação mosaica (Êx 25.12-15; Dt 10.8; 18.5).

* 15.4-10 Todas as três divisões da tribo de Levi (coatitas, meraritas e

gersonitas) foram incluídas na organização de Davi para a adoração, provendo um modelo para as ordens levíticas após o término do exílio da nação na Babilônia (6.1-53 e notas).

*
15.11 Zadoque e Abiatar. Esses eram os dois sumos

durante o governo de Davi. Zadoque servia ao tabernáculo, em Gibeom

(16.39) , e Abiatar servia em Jerusalém (18.16; 27.34 e notas). Posteriormente,

Salomão excluiu a Abiatar, por este haver apoiado a tentativa de Adonias de apossar-se do trono (1 Rs 1.7; 2.26,27). Isso deixou Zadoque e seus descentes como sendo a família sumo sacerdotal em Jerusalém (6.1,53 e notas).

* 15.15 como Moisés tinha ordenado. Ver nota em 16.40.

* 15.16 Interesse pela música na adoração se evidencia em 1 e 2

Crônicas: ver 1Cr 6.31-47; 9.15,16,33; 13.8; 15.28; 16.4-6; 23.5; 25.1-7; 2Cr 5.12,13; 7.6; 23.13; 29.25-30; 34.12. Essa ênfase, sem dúvida, estava relacionada à preocupação pela restauração da adoração apropriada no período do retorno da Babilônia (6.1 e nota).

* 15.27 um manto de linho fino. As vestes de linho fino e a estola de

linho eram as vestes comuns dos sacerdotes (1Sm 2.18; 22.18).

* 15.28 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 15.29 Mical, filha de Saul. A atenção se desvia aqui para o coração

endurecido da filha de Saul. Fazendo contraste com o povo de Israel, com os levitas e com Davi, Mical ficou desgostosa diante da adoração entusiasmada. A sarcástica reprimenda de Mical (2Sm 6.20) não é aqui repetida, talvez para evitar lançar qualquer dúvida sobre a pureza da adoração de Davi.

* 16.4 levitas. Aqui se faz menção à organização davídica dos

levitas (6.1, nota).

celebrar, e louvar e exaltar. Esses três verbos correspondem aos três tipos principais de salmos.

*** 16.7-36 celebrarem com hinos o SENHOR. Temos aqui um salmo**

de celebração não encontrado nos livros de Samuel. Esta passagem é semelhante a porções de diversos salmos (compare os vs. 8-22; com Sl 105.115; vs. 23-33 com Sl 96; vs. 34-36 com Sl 106.1,47, 48). Davi celebrou a entrada da arca em Jerusalém como um poderoso ato de Deus, e suas

palavras se revestiram de um valor contínuo para aqueles que retornavam a Jerusalém do exílio babilônico. Davi conclama o povo a louvar a Deus (vs. 813). Ele relembrou a promessa da Terra Prometida e da proteção de Deus durante as peregrinações pelo deserto no passado (vs. 15-22). Os leitores posteriores experimentaram bênçãos semelhantes em sua volta para a Terra Prometida. Davi convidou o povo a clamar por proteção e livramento (v. 35). Aqueles que estavam retornando da Babilônia precisavam de idêntica ajuda da parte de Deus. Finalmente, o povo de Israel correspondeu com louvores e alegria diante das bênçãos de Deus (v. 36), tal como os leitores posteriores deviam louvar a Deus em seus dias.

* 16.11 Buscai. Ver nota em 2Cr 7.14.

* 16.29 adorai. Ver nota teológica "O Modelo de Deus Culto",

índice.

* 16.40 tudo o que está escrito na lei. O empenho de Davi

em observar

a lei mosaica nos é apresentada como um modelo para a reorganização da comunidade de Israel, depois que esta voltou do exílio babilônico (6.49; 15.15; 22.12,13; 2Cr 6.16; 12.1,2; 14.4; 17.3-9; 24.6,9; 25.4; 30.15,16; 31.3-21; 33.8; 34.19-33; 35.6-26). Ver Introdução: Características e Temas.

* 17.1—29.30 Davi contribuiu decisivamente para a história de Israel, fazendo preparativos para a construção do templo. Este relato tem seis seções principais: a comissão de Deus (cap. 17); os preparativos militares (caps. 18— 20); a descoberta do local do templo (21.1—22.1); a designação dos construtores (22.2-19); a organização da mão-de-obra (caps. 23—27); e a liderança da celebração e exortação nacionais (caps. 28; 29).

* 17.1-
27 A comissão recebida por Davi da parte de Deus,

preparativos para o templo, divide-se em duas partes: O oráculo dinástico de Natã (17.1-15) e a oração de aceitação por Davi (17.16-27). O autor sagrado segue 2Sm 7 bem de perto.

* 17.1-15 A palavra "casa" jaz no âmago desta passagem. Davi viu

sua própria casa ("palácio") e desejou edificar uma "casa" (um templo) para Deus. Mas Deus declarou que ele edificaria uma "casa" (uma dinastia; v. 10) para Davi. O filho de Davi edificaria uma "casa" (um templo, v. 12) para o Senhor.

* 17.1,10 O cronista não repetiu as referências ao descanso de Davi

de seus inimigos, que se acham em 2Sm 7.1,11. A ênfase é que Davi era um homem de guerra (mas ver 17.8; 22.18) e, portanto, desqualificado para edificar o templo (22.6-10 e nota).

* 17.7-14 Natã anunciou as promessas de dinastia associadas à

aliança davídica. A aliança feita com Davi também foi celebrada em Sl 89 e 132. Deus prometeu que os descendentes de Davi tornar-se-iam uma dinastia que sempre governaria Israel. Os reis individuais estariam sujeitos a severos castigos (2Sm 7.14; Sl 89.30-32), mas a linhagem de Davi nunca seria rejeitada permanentemente do trono (2Sm 7.15,16; 2Cr 6.16; Sl 89.33-37; 132.11,12). Essa aliança era a base da esperança de que Israel seria plenamente restaurada (Introdução: Características e Temas). O Novo Testamento revela que as promessas feitas a Davi se cumpriram em Cristo. Cristo cumpriu de modo perfeito as condições da aliança com Davi (Hb 4.15); ele serviu de Mediador do pacto da graça (At 2.25-36; Hb 9.15), e ele prometeu voltar à terra como Rei conquistador (Mt 24.29-31; Mc 13.24-27; Lc 21.25-28).

* 17.13 Eu lhe serei por pai... por filho. Essa linguagem indica uma adoção especial do rei escolhido, e não uma crença na divindade do monarca, como acontecia em outras culturas antigas do Oriente Próximo e Médio (Sl 2.7; 45.6; 89.27 e nota). Os escritores do Novo Testamento entenderam essas palavras acerca de Salomão como um prenúncio de Cristo, o Rei davídico final (Mc 1.11; Lc 1.32,33; Hb 1.5). Cristo era o Filho de Davi, mas também era o Filho de Deus. Foi concebido pelo Espírito Santo (Lc 1.35) e é a segunda pessoa da deidade (Jo 1.1-18; 17.1).

*** 17.14 seu trono será estabelecido para sempre. Deus designou a**

linhagem de Davi como a dinastia permanente sobre o seu povo. Quando os descendentes de Davi fracassavam, eram punidos (2Sm 7.14), mas Deus sempre levantava outro filho de Davi, para continuar a linhagem. Essa promessa transmitia esperança à comunidade depois do exílio no século VI a.C. se cumpriu em Jesus, o qual reina para sempre sobre o trono de Davi (vs. 7-14, nota; 2Cr 21.7).

* 17.16 Quem sou eu. A sincera expressão de humildade de Davi traz um

exemplo atraente e valioso (29.14-16; 2Cr 2.6).

* 17.24 nome. Ver nota em 13.6.

* 18.1—20.8 Esta seção diz respeito às realizações militares e políticas de Davi. Baseada em 2Sm 8; 10; 11 e 21, ela está organizada em quatro seções: Um levantamento das vitórias (18.1-13); uma lista dos oficiais (18.1417); a vitória sobre os filhos de Amom (19.1—20.3); e a vitória sobre os filisteus (20.4-8). Esse relato demonstra como Davi estabeleceu a segurança política necessária para a construção do templo, nos dias de Salomão (18.13, nota; 22.17-19). Em segundo lugar, fornece o pano-de-fundo para as enormes contribuições de Davi para a construção do templo (18.8,11 e nota). Em terceiro lugar, antecipa a desqualificação de Davi para a construção do templo, por causa de suas atividades guerreiras (22.6-10, nota; 28.3). Em quarto lugar, as vitórias de Davi inspiravam os leitores a esperar a vitória sobre os inimigos de seus dias (19.1—20.3, nota). O envolvimento de Davi com Mefibosete (2Sm 9; 21.1-14) é omitido, tal como seu adultério com Bate-Seba e os acontecimentos resultantes (2Sm 11—20; ver 10.14, nota).

* 18.1-13 Ver 2Sm 8.1-14 e notas. A única omissão digna de nota

nesse relato foi o severo tratamento de Davi sobre os moabitas (2Sm 8.2).

* 18.4 sete mil. De acordo com o texto paralelo de 2Sm 8.4, Davi

capturou "mil e setecentos" cavaleiros. Entretanto, uma antiga tradução de 2Samuel concorda com 1Crônicas, dizendo "sete mil cavaleiros", o que

demonstra que pode ter havido erro de copista até certo grau no texto hebraico de 2Samuel (ver 19.18 e nota).

*** 18.8,11 Salomão fez... também o rei Davi consagrou. Davi**

consagrou os despojos de guerra à construção do templo, preparando o caminho para Salomão construí-lo.

* 18.11 Edom... Amaleque. A lista de inimigos cobre a maior parte dos

exércitos mencionados nos caps. 18—20.

* 18.13 o SENHOR dava vitórias a Davi. As vitórias de Davi proviam um

ambiente político seguro que permitiu a Salomão concentrar os seus esforços na construção do templo (19.1—20.3, nota).

*** 18.14 Reinou, pois, Davi, sobre todo o Israel. A organização interna**

da nação, feita por Davi também contribuiu para a estabilidade necessária para os projetos de construção (18.1—20.8, notas).

todo o Israel. O cronista baseia essa expressão em 2Sm 8.15.

*** 18.16 Zadoque... Abimeleque, filho de Abiatar. Ver nota em 15.11.**

* 18.17 guarda real. Era formada por mercenários estrangeiros (1Sm

30.14 nota).

os primeiros. A palavra hebraica traduzida por "ministros", em 2Sm 8.18, é a palavra normalmente traduzida por "sacerdotes". Crônicas usa uma palavra mais definidamente referente a um alto ofício

político. Tecnicamente, Davi e seus filhos não eram sacerdotes, e o escritor sagrado estava sendo aqui mais preciso sobre a ordem apropriada entre a realeza e o sacerdócio (6.1, nota).

* 19.1-20.3 Compare 2Sm 10.1-19; 11.1; 12.29-31 e notas. Quanto à

omissão do pecado de Davi com Bate-Seba e as dificuldades daí decorrentes na casa de Davi (2Sm 11.1—21.14), ver nota em 18.1—20.8.

* 19.1 dos filhos de Amom. Os amonitas eram inimigos antigos

dos israelitas (Jz 10.7-9; 10.17—11.40; 1Sm 11.1-11; 14.47). Eles também causaram problemas à comunidade de Israel depois que esta retornou da Babilônia (Ne 2.19; 4.3,7,8).

* 19.6 Mesopotâmia. Crônicas substitui o local chamado Bete-

Reobe pela Mesopotâmia, e omite a referência a Tobe (2Sm 10.6).

* 19.7 trinta e dois mil. As vitórias de Israel são salientadas com

freqüência mediante a menção do número das tropas inimigas (15.18-22; 2Cr 12.2-4; 13.3; 14.9.

* 19.17 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 19.18 Sete mil. 2Sm 10.18 diz "setecentos". É possível que o número

mais alto em Crônicas se deva ao erro de um copista, na transmissão do texto.

*** 20.1 no tempo em que os reis costumam sair para a guerra.**

Os exércitos antigos geralmente avançavam após a colheita da

primavera, quando o alimento era mais abundante (2Sm 11.1; 1Rs 20.22,26).

* 20.2 mui grande despojo. Ver nota em 18.8,11.

* 20.4 foram subjugados. Essa informação não se acha em 2Sm

21.18. A frase indica que a promessa de 17.10 teve cumprimento (2Cr 13.18; contrastar com 28.19).

* 21.1—22.1 A narrativa continua, contando como Davi descobriu o local do templo (17.1—29.30, nota). O tema das vitórias militares (19.1—20.8) leva ao relato sobre o recenseamento feito por Davi. Com duas grandes exceções, o relato segue bem de perto 2Sm 24 (21.1; 21.28—22.1 e notas). 2 Samuel relata como Davi provocou problemas para a sua nação, mas como intercedeu

com sucesso em seu favor. Em Crônicas a moral da história é contar como Davi foi conduzido por Deus para descobrir o local sagrado do templo.

* 21.1 Satanás. Quando a palavra hebraica *satan* é usada com

um artigo definido, isso significa, lit., "o adversário" (Jó 1.6; Zc 3.1). Aqui Satanás é usado pela primeira vez sem o artigo definido, provavelmente indicando um nome próprio. Ver "Satanás", em Jó 1.6.

Satanás se levantou. De conformidade com 1Sm 24.1, foi Deus quem instigou Davi. O próprio Deus a ninguém tenta (Tg 1.13), mas ele emprega meios criados que estão sob o seu controle soberano. Crônicas identifica Satanás como o instrumento pelo qual Davi foi desviado do caminho reto. Essas duas passagens, em seu conjunto, lembram-nos que Deus é soberano sobre todos os acontecimentos, sem excetuar a tentação e o pecado (11.4; 25.20, nota; Êx 4.21, nota; Js 11.20; 1Rs 22.22,23; 2Cr 10.15, nota; Jó 1.12; 2.10; Ez 3.20;

14.9; Mt 6.13; At 4.27,28).

*** 21.3 trazer, assim, culpa sobre Israel. Fazer um**

recenseamento não era algo proibido pela lei do Antigo Testamento, embora houvesse regulamentos específicos (Êx 30.12; Nm 1.2; 26.2). O desejo de Davi em contar seu poderio militar pode ter sido uma indicação de dependência ao poder humano em lugar de depender do poder divino (2Cr 13.18 e nota). Tendo em vista a reação de Joabe (1 Cr 21.6 e 27.24), Davi pode ter insistido que a tribo de Levi também fosse contada para o serviço militar (v. 6, nota).

* 21.5 em Israel. (2Sm 24.9). Ver nota em 11.1.

um milhão. As diferenças entre esse número e aquele referido em 2Sm 24.9 são problemáticas. É possível que o número de homens de Judá tenha sido incluído no total de Israel (ou seja, *incluindo Judá,* que tinha 470 mil homens, e não "e Judá"). Crônicas pode ter incluído alguns elementos, como Levi e Benjamim, nessa contagem (21.6, nota). Ou os números podem ter sido meras aproximações. Além disso, um ou ambos os textos podem ter sofrido erros de cópia.

* 21.6 não foram contados. Joabe não completou a ordem que

Davi lhe comissionara (v. 3, nota).

Levi e Benjamim. Essas tribos não foram incluídas no recenseamento. A tribo de Levi devia ser excluída de qualquer censo militar, em consonância com a legislação mosaica (Nm 1.49; 2.33). E a tribo de Benjamim pode ter sido excluída porque o tabernáculo estava em Gibeom, nessa ocasião (v. 29).

* 21.13 são muitíssimas as suas misericórdias. Apesar da severidade do castigo divino, Davi confiava na abundante misericórdia de Deus. Sem dúvida, as promessas feitas a Davi, em 17.1-14, fornecem o contexto da confiança de Davi na misericórdia do Senhor.

* 21.16 Este versículo não se acha no texto hebraico tradicional de

2Sm 24. Entretanto, textos dos livros de Samuel, recém-descobertos (Rolos do Mar Morto), além de outros testemunhos, sugerem que é provável que o versículo fazia parte dos livros originais de Samuel.

* 21.20,21 Embora esses versículos sobre Ornã (escrito "Araúna" em 2Sm 24), não apareçam no texto hebraico tradicional de 2Sm 24.20, textos recém-descobertos de Samuel (Rolos do Mar Morto) e outros testemunhos sugerem que essa informação pertencia originalmente aos livros de Samuel.

* 21.22 pelo seu devido valor. Esta porção da narrativa nos faz relembrar a compra que Abraão fez do local de sepultamento para Sara (Gn 23). Davi comprou o local por seu devido valor. Como resultado, o local do templo futuro (21.28—22.1, nota) era uma possessão real devotada ao templo.

*** 21.25 por aquele lugar a soma de seiscentos siclos de ouro. 2Sm**

24.24 diz: "Davi comprou a eira e pelos bois pagou cinqüenta siclos de prata". Alguns têm sugerido que Samuel enfocou a atenção sobre a eira com seus bois, enquanto Crônicas dá o valor do local inteiro.

* 21.26 o qual lhe respondeu com fogo. Uma ocorrência rara, indicando a aprovação especial de Deus aos atos de Davi (Lv 9.24; 1 Rs 18.37,38). Esse acontecimento prenuncia a dedicação do templo por parte de Salomão, naquele mesmo local (2Cr 7.1).

* 21.28—22.1 Esses versículos não se encontram em 2Sm 24. Eles mostram interesse pelos sacrifícios (21.28) e possivelmente ajudam a explicar a negligência de Davi quanto ao tabernáculo (21.29,30). O fato principal foi que Davi reconheceu a eira de Ornã como o local para o futuro templo (22.1). Esse fim notável com sua clara narrativa de falha moral na vida de Davi indica vividamente o lugar onde a comunidade deveria voltar-se para o sacrifício, perdão e resposta às suas orações (2Cr 3.1; 6.12-42 e notas).

* 22.2—29.20 Esta é a mais longa seção sobre a vida de Davi encontrada somente em Crônicas. A história de como Davi completou os preparativos para a construção do templo começa e termina com descrições sobre assembléias reais (22.2-19 e 28.1—29.20) que são semelhantes em diversos pontos (compare 22.8 com 28.3; 22.13 com 28.20 e 22.17 com 28.21).

* 22.2-19 Essa foi a primeira assembléia na qual Davi comissionou

trabalhadores estrangeiros (22.2-4), a Salomão (22.5-16) e aos líderes dos israelitas (22.17-19) para construírem o templo de Deus.

* 22.2 estrangeiros. Davi e Salomão usaram trabalhadores

forçados dentre, principalmente os estrangeiros (1Rs 5.13-18; 9.15-23; 11.28; 2Cr 2.2,17-18 e 8.7-10). A menção a "estrangeiros" que participaram na construção do primeiro templo de Jerusalém corresponde à participação de estrangeiros na reconstrução do templo, terminado o exílio babilônico dos judeus (Is 60.10-12).

* 22.3 ferro. Presumivelmente tomado dos filisteus, que Davi

havia subjugado (1Sm 13.19-22).

bronze. Colhido como despojo de guerra (18.8,11, nota).

* 22.5 moço e tenro. Salomão não tinha experiência suficiente

para lidar com a responsabilidade de preparar a construção do templo (cf. 29.1; 2Cr 13.7).

o preparou Davi em abundância. O tema central desta seção é como Davi proveu virtualmente tudo para o templo erguido por Salomão, incluindo plantas do projeto, materiais, operários, divisão das tarefas, estabilidade política e apoio popular. Com efeito, o templo foi um projeto conjunto de Davi e Salomão (22.2—29.20; 2Cr 2.3 e notas). Ver Introdução: Características e Temas.

* 22.6-10 O autor sagrado explica por qual motivo o próprio Davi não

podia edificar o templo. 1 Rs 5.3-5 afirma que Davi estivera por demais preocupado com a guerra, e esta passagem declara, especificamente, que Davi estava ritualmente contaminado pelo derramamento de sangue, pelo que não podia envolver-se diretamente na construção do templo (2Cr 6.9).

* 22.7,8,10,19 nome. Ver nota em 13.6.

* 22.9 descanso... paz e tranqüilidade. Em diversas ocasiões,

paz e descanso da guerra são vistos como uma recompensa de Deus à fidelidade do seu povo (v. 18; 2Cr 14.6,7; 15.15; 20.30; 23.21). Essa bênção foi conferida àqueles que estavam retornando do exílio na Babilônia como base de esperança em seus dias turbulentos.

* 22.12,13 guardes a lei do SENHOR. Ver nota em 16.40.

* 22.13 sê forte e corajoso. A comissão de Davi a Salomão (22.12,13) nos faz lembrar a comissão que Josué recebeu da parte de Deus (cf. 28.20 e Js 1.6-9).

* 22.17-19 O sucesso de Davi na guerra trouxera a estabilidade

política necessária para a construção do templo (18.1—20.8, nota).

* 22.18 paz. Ver nota em 1 Cr 22.9.

* 22.19 buscardes ao SENHOR. Ver nota em 2Cr 7.14.

* 23.1 Esse versículo de abertura é um título temático para 23.1 —

29.20.

constituiu a seu filho Salomão rei sobre Israel. Aparentemente tendo por certo o conhecimento que seus leitores tinham dos livros dos Reis, o autor dos livros de Crônicas, pouco disse sobre os detalhes da história da ascensão de Davi ao poder (11.1-9 e nota). Ele também não descreveu a luta de Salomão para chegar ao trono (1Rs 1 e 2), e apresenta uma suave transição de poder de Davi para Salomão. Ver 3.10-16 e nota, e Introdução: Características e Temas.

* 23.2 - 27.34 A organização de Davi dos encarregados pelo serviço religioso (23.2—26.32) e civil (cap. 27) estabeleceu meios para a administração de Salomão, e também proveu um modelo para a reorganização do povo na comunidade judaica após a volta do exílio na Babilônia.

* 23.2-32 os sacerdotes e levitas. Entre as observações de introdução (23.2-6) e as de conclusão (23.24-32) vem a lista de divisões dos levitas em gersonitas (23.7-11), coatitas (23.12-20) e meraritas (23.21-23). Ver nota em 6.1.

* 23.3 de trinta anos para cima. Ao que parece, a idade em que os levitas começavam a servir era ajustada de acordo com a necessidade: trinta anos (Nm 4.1-3), vinte e cinco anos (Nm 8.23-25) e vinte anos (1Cr 23.24,27). Um período de aprendizado pode ser considerado em algumas passagens.

* 23.5 instrumentos. Ver nota em 15.16.

* 23.6-23 Cf. listas semelhantes em 1Cr 6.16-30; 24.20-30.

* 23.24,27 vinte anos. Ver nota no v. 3.

* 23.28 assistir os filhos de Arão. Os levitas estavam debaixo da autoridade dos sacerdotes arônicos. Ver notas em 6.53 e 15.11.

* 24.1,2 O relato segue a divisão tradicional dos filhos de Arão (cf. 6.3; Êx 6.23; Nm 3.2-4). Os descendentes de Eleazar e de Itamar eram os únicos que serviam como sacerdotes (6.1, nota; Lv 10.1-3).

* 24.3 Zadoque. Ver notas em 6.53 e 15.11.

* 24.5 Repartiram-nos por sortes. O lançamento de sortes em consonância com os padrões revelados tinha por desígnio assegurar que as decisões fossem feitas de acordo com a orientação divina, e não segundo os preconceitos humanos (Pv 16.33; Lc 1.8,9; At 1.26).

* 24.6 Aimeleque, filho de Abiatar. Ver nota em 18.16.

* 24.7-18 Uma ordem de vinte e quatro nomes foi estabelecida

para

prover uma rotação regular de deveres entre as famílias sacerdotais. Ver prática semelhante nos tempos do Novo Testamento (Lc 1.8,9).

* 24.7 Jeoiaribe. O pai dos Macabeus (Matatias) pertencia à

divisão de Jeoiaribe (cf. 1Macabeus 2.1).

* 24.10 Abias. O pai de João Batista (Zacarias) pertencia à divisão de Abias (Lc 1.5).

* 24.31 como os seus irmãos menores. O tratamento igual para com todas as famílias foi um modelo a ser seguido durante o período que se seguiu ao exílio na Babilônia (24.5, nota). Talvez estivesse havendo uma controvérsia que requeresse a ênfase sobre o tratamento justo.

Zadoque. Ver notas em 6.53 e 15.11.

* 25.1-31 A música de adoração é mencionada muitas vezes neste capítulo (15.16, nota).

* 25.1 chefes do serviço. O nome de Davi, mencionado

juntamente com esses chefes recomendava suas tarefas (11.10; 12.32) como um modelo para a reorganização da comunidade judaica.

profetizarem. Os encarregados do templo eram vistos em papéis proféticos em várias oportunidades (2Cr 20.14-17; 24.19-22; 29.30; 35.15; cf. 2Rs 23.2 com 2Cr 34.30). Esse tema sugere o papel dos sacerdotes como guias na restauração da comunidade judaica, depois que os exilados tinham voltado da Babilônia (Zc 6.9-15).

*** 25.8 Deitaram sortes para designar os deveres. Ver nota em**

24.5.

* 25.9-31 A primeira... vigésima quarta. Ver nota em 24.7-18.

* 26.1-19 porteiros. Os deveres específicos dos porteiros são descritos em 9.22-29.

* 26.4 Obede-Edom. Ver nota em 1Cr 13.13.

* 26.5 porque Deus o tinha abençoado. Filhos numerosos são um sinal da bênção divina (13.13 nota).

* 26.13-16 deitaram sortes. Quanto ao lançamento de sortes, ver nota em 24.5.

* 26.14 lado do oriente. Aí ficava a entrada principal do templo, onde ficavam seis porteiros (26.17).

* 26.15 a Obede-Edom, a do lado do sul. Aí ficava a entrada principal do rei. Obede-Edom foi altamente honrado por essa incumbência.

* 26.20 levitas. Aos levitas foram dadas responsabilidades no templo (26.20-28) e também fora de Jerusalém (26.29-32).

tesouros. O templo era um armazém de grandes riquezas (29.6-9; 2Cr 4; 34.911; 36.7-19). Os levitas estavam encarregados de fazer as coletas e de gerenciar seus extensivos recursos.

*** 26.26-28 Davi... Samuel... Saul... Abner... Joabe. Ao que tudo** indica, foi dada uma atenção especial às doações ao templo feitas por figuras importantes.

* 26.29-32 Funções jurídicas e administrativas para os levitas foram

estabelecidas na legislação mosaica (Dt 17.8-13). Ver notas em 2Cr 17.7,8 e 19.5-11.

* 27.1-34 O autor sagrado volta-se para questões de ordem militar

(27.1-15), chefes tribais (27.16-24), superintendentes reais (27.25-31) e conselheiros reais (27.32-34). A extensa organização que Davi deu ao seu reino lançou as bases para o projeto do templo de Salomão (22.5, nota).

* 27.1 de mês em mês. Os deveres militares tinham uma

rotatividade, tal como se dava com as responsabilidades sacerdotais (24.7-18, nota).

* 27.2 vinte e quatro mil. Ver nota em 12.23. Muitos oficiais

citados aqui aparecem em listas semelhantes em 11.11-47 (cf. 2Sm 23.8-39).

* 27.16-22 tribos de Israel. Gade e Aser foram omitidas, talvez

porque Efraim e as duas metades de Manassés foram contadas. O total permaneceu sendo doze.

* 27.23,24 Estes versículos referem-se ao recenseamento de Davi em

21.1— 22.1 (2Sm 24). Por causa da reação divina ao recenseamento, a contagem nunca veio a tornar-se parte do registro oficial da corte.

* 27.25-31 Provavelmente tenhamos aqui uma lista parcial que

indicava quantas propriedades e riquezas Davi havia adquirido nos preparativos para a construção do templo por Salomão (22.5, nota).

* 27.32-34 Uma lista dos mais íntimos conselheiros de Davi (18.14-17)

ressalta a organização de Davi para Salomão construir o templo.

* 28.1—29.20 O autor sagrado descreveu a assembléia final de Davi, na qual ele exortou os oficiais de Israel e Salomão (cap. 28), coletou contribuições para o templo (29.1-9) e ofereceu louvores e petições (29.10-20). Ver nota em

22.2— 29.20.

* 28.1 todos os príncipes de Israel. Esses são os oficiais

mencionados no capítulo 27, representando a nação inteira (11.1, nota).

* 28.3 meu nome. Ver nota em 13.6.

* 28.4,8 todo o Israel. Ver nota em 11.1.

* 28.5 escolheu ele a Salomão. Salomão foi designado como o

sucessor de Davi por eleição divina, e não por motivo de manobras humanas. Ser escolhido por Deus era o requisito essencial para que houvesse um legítimo rei de Israel (Dt 17.15).

* 28.6 filho. Ver nota em 17.13.

*** 28.7 cumprir os meus mandamentos e os meus juízos. Ver**

nota em 16.40.

*

28.9 Se o buscares... se o deixares. Condições básica

aliança se aplicam às promessas feitas a Davi e à sua linhagem. Embora a própria dinastia davídica não fosse rejeitada, reis individuais e a nação poderiam sofrer severamente o castigo divino contra a apostasia. Quanto a expressões semelhantes desse princípio, ver 2Cr 6.14,16; 7.17-22; 15.2; 16.79; 19.2,3; 21.12-15; 24.20; 34.23-28. Ver também Introdução: Características e Temas.

* 28.12 planta... tinha em mente. Ou "tinha pelo Espírito". Embora Davi tenha planejado ativamente o templo, seus esforços eram dirigidos pelo Espírito Santo. Isso sublinha a necessidade da comunidade judaica, após o retorno do exílio babilônico, seguir os padrões estabelecidos para o templo de Davi e Salomão.

* 28.20 Sê forte e corajoso. A linguagem assemelha-se à comissão conferida a Josué (22.13, nota).

* 28.21 se acham contigo... às tuas ordens. A organização de Davi quanto aos sacerdotes, levitas e artesãos visava a construção do templo, por Salomão (22.5, nota).

* 29.1-9 Davi seguiu o exemplo deixado por Moisés ao pedir contribuições para o projeto do templo (Êx 25.1-8; 35.4-9,20-29). Essas direções relembrariam os exilados da Babilônia quanto à importância de continuar a darem contribuições para o novo templo (Ag 1.2-11; Ml 3.8-10). Ver notas em 2Cr 24.10-12.

* 29.1 moço e inexperiente. Ver nota em 22.5.

* 29.2-5 Davi declarou o propósito por detrás das realizações

anteriores. Tudo fora feito para preparar os meios para a construção do templo de Salomão (22.5; 27.1-34 e notas).

*** 29.3 o ouro e a prata particulares que tenho dou. Davi**

contribuiu com suas próprias riquezas em adição aos despojos de

guerra (18.8,11; 2Cr 30.24 e notas). Davi serviu como um exemplo de contribuição generosa para o templo (29.18, nota).

* 29.7 daricos. O darico era uma moeda persa usada nos dias do

cronista. Ele usou essa terminologia para a compreensão de seus leitores (Introdução: Autor).

* 29.10-19 Davi louva a Deus pelo que já tinha sido realizado (29.10

13), e roga ao Senhor que continue capacitando o povo e a Salomão (29.1419).

* 29.11 Teu, SENHOR. Provavelmente esta é a origem do final mais longo da oração do Pai Nosso (Mt 6.13; cf. Lc 11.4). Ver nota teológica "A Grandeza de Deus", índice.

* 29.14-16 Embora Davi tivesse trabalhado arduamente nos preparativos para o templo de Salomão, ele reconheceu que todas as suas realizações vinham da mão soberana de Deus. Davi viu a si mesmo como fraco e sem esperança à parte da bênção de Deus (2Cr 1.9; 20.6,12).

* 29.14 quem sou eu. Ver nota em 17.16; 2Cr 2.6.

* 29.16 nome. Ver nota em 13.6.

* 29.18 conserva para sempre. As palavras de Davi falam diretamente aos leitores de tempos posteriores, os quais deviam continuar a contribuir voluntariamente para a adoração no templo.

* 29.19 guardar os teus mandamentos. Ver nota em 16.40.

* 29.21-
25 A transferência da autoridade para Salomão culminou

uma grande celebração com sacrifícios (v. 21), festejos (v. 22), e

harmonia nacional (vs. 22-25). Ver nota em 23.1.

* 29.22 Pela segunda vez. Essa expressão é omitida de algumas

traduções antigas, possivelmente porque sua referência exata é difícil de determinar. É possível que 1Rs 1.32-36 relate a primeira unção, realizada em particular, seguida agora pela unção mais pública. Tanto Saul (1Sm 10.1; 11.14,15) quanto Davi (1Sm 16.13; 2Sm 2.4; 5.3) receberam mais de uma unção.

Zadoque, por sacerdote. O autor sagrado associou de perto a monarquia davídica com o sacerdócio da linhagem de Zadoque (6.1, nota).

* 29.24 prestaram homenagens. O escritor sagrado omitiu qualquer

consideração da tentativa de rebelião de Adonias (1 Rs 1), aparentemente contando o incidente como uma tentativa fracassada que não altera a unanimidade do apoio prestado a Salomão.

*** 29.25 qual antes dele não teve nenhum rei em Israel. Especialmente**

no tocante à edificação do templo, o reinado de Salomão foi mais glorioso do que o reinado de seu pai, Davi.

* 29.29,30 crônicas. O autor de Crônicas refere-se a várias fontes

históricas sobre o reinado de Davi, em adição aos livros de Samuel e Reis (ver Introdução).

2 Crônicas

* 1.1-17 Esta seção é equilibrada por uma seção paralela sobre a

sabedoria e

as riquezas de Salomão (9.13-28).

* 1.1 fortaleceu-se. Com freqüência, o historiador usa expressões como

essa para indicar sucesso após alguma dificuldade (12.13; 13.21; 17.1; 25.11; 27.6). Ele reconheceu, indiretamente, que a ascenção de Salomão ao poder foi tumultuada, embora ele tenha omitido os detalhes dados em 1Rs 2 (1 Cr 23.1, nota).

Deus, era com ele. O sucesso de Salomão resultou da bênção soberana de Deus, em cumprimento às esperanças de Davi (1Cr 22.11,16; 28.20).

* 1.2-13 Esta passagem segue mais ou menos a 1Rs 3.4-15, mas a narrativa é um tanto expandida, enfatizando o tema do reinado de Salomão sobre "todo o Israel" (v. 2), e explicando porque Salomão foi sacrificar em Gibeom (vs. 3-6).

* 1.2 todo o Israel. ver a nota em 1Cr 11.1.

* 1.5 Bezalel. No decurso da construção do templo, Salomão surgiu como

uma espécie de contraparte de Bezalel, que tinha construído o tabernáculo. Ver as notas em 1Cr 2.20 e Êx 31.1-11.

* 1.7 apareceu... disse. Tal como o faz o livro de 1 Reis, os Crônicas

relatam que Deus falou diretamente a Salomão por meio de sonhos (7.12). Salomão, à semelhança de Davi, foi um instrumento de revelações para Israel (1Cr 22.8; 28.6,19).

*** 1.9 cumpra-se a tua promessa feita a Davi, meu pai. Essa**

o reino de Salomão a Davi (1Cr 17.1-15, nota; 22.5, nota). Salomão dependeu inteiramente de Deus quanto à capacidade de cumprir seu papel de rei (cf. 1Cr 29.14-16, nota).

um povo numeroso como o pó da terra. Salomão reconheceu a multiplicação de Israel como cumprimento da promessa de Deus a Abraão (Gn 13.16; 22.17). Essa promessa

encorajaria os leitores nos tempos depois do exílio babilônico quanto ao repovoamento bem sucedido da Terra Prometida em seus próprios dias (Ne 1.8,9; Zc 8.7,8).

* 1.10 sabedoria. O esplendor e o poder do reinado de Salomão resultou da sabedoria divinamente conferida a ele. Em sua sabedoria, Salomão prefigurou a Cristo, que é a Sabedoria do Deus encarnado (Is 11.1,2; Cl 2.3).

* 1.13 O relato no livro de Reis termina com o sacrifício de Salomão em Jerusalém

(1Rs 3.15). Desconsiderando isso, bem como o julgamento de Salomão entre as duas mães (1 Rs 3.16-28), Crônicas enfoca a construção do templo, por Salomão, como demonstração de sua sabedoria.

* 1.14-17 Deus manteve a sua promessa de tornar Salomão um homem rico (v. 12). Esta passagem está ligada a seu paralelo (9.13-28), na narrativa total, pela repetição do tema do comércio com cavalos (compare 1.14,16,17 com 9.25-28), e da abundância de "prata e ouro” com as "pedras", e os "cedros" que eram tão comuns quanto os sicômoros (1.15; 9.27).

* 2.1-18 A obra mais proeminente de Salomão nos livros de Crônicas é a

construção do templo. A menção ao templo e ao palácio (v. 1) e a Hirão (v. 3) vincula esta passagem à narrativa paralela em 8.1-16.

* 2.1 nome. Ver a nota em 1Cr 13.6.

casa para o seu reino. O palácio de Salomão é mencionado em diversos lugares (2.12; 7.11; 8.1; 9.3,11), mas não há descrição de sua elaborada construção, como se vê em 1Rs 7.1-12. A atenção se enfoca sobre o templo.

* 2.2 Designou Salomão setenta mil homens. Ver a nota em 1 Cr 22.2.

* 2.3 Davi, meu pai. O relato da mensagem de Salomão a Hirão deixa

claro que Davi lançou os alicerces sobre os quais Salomão estava edificando (v. 7; e cf.

1 Rs 5.3-5). Ver nota em 1 Cr 22.5.

* 2.4 nome. Ver nota em 1Cr 13.6.

obrigação perpétua para Israel. Isso serve de lembrete de que os cultos no templo de Salomão deviam ser observados em seus dias.

* 2.6 o não podem conter. Salomão reconheceu que o seu templo era

incapaz de conter o Criador onipresente (6.18). No entanto, o esplendor do templo devia refletir a grandeza de Deus.

E quem sou eu. Salomão reconheceu que ele era indigno das bênçãos de Deus, tal como seu pai o fora antes dele (1Cr 17.16, nota).

* 2.11 Porquanto o SENHOR ama ao seu povo. O estabelecimento da linhagem davídica foi um ato do amor divino para com Israel (1Cr

14.2 nota).

* 2.12 um filho sábio. Este versículo deixa explícito que a sabedoria de Salomão

tornou-se visível na sua construção do templo (1.13, nota).

* 2.14 Dã. 1Rs 7.14 diz que a mãe de Hirão-Abi era de Naftali. Ela pode ter sido da tribo de Dã, mas vivia em Naftali.

*** 2.17,18 estrangeiros... para levarem as cargas... talharem pedras... para**

dirigirem o trabalho do povo. Ver nota em 1Cr 22.2.

* 3.1 monte de Moriá... na eira de Ornã. O lugar onde foi construído o templo de Salomão era santo, correspondendo ao lugar onde Abraão foi testado (Gn 22.2-14). Davi comprou o local após o seu recenseamento (1Cr 21.1—22.1), garantindo assim o local para a construção do templo por Salomão (1Cr 22.5, nota).

* 3.3-17 Comparado ao relato da construção do templo em 1 Rs 6.4-20, este

relato dá mais detalhes de ornamentação (3.4-9), incluindo as descrições do salão principal (a "sala grande", 3.5-7), do Santo dos Santos (3.8-14) e do pórtico (3.15-17).

* 3.4 O pórtico. O pórtico do templo fez o comprimento da estrutura inteira ser de oitenta côvados (36,60 m).

*

3.5

a sala grande. Isto é, o Lugar Santo.

* 3.10 querubins. Essas decorações eram estátuas postas em pé (vs. 11-18), bem

maiores do que os querubins sobre o propiciatório da arca da aliança (Êx 25.18-20).

* 3.14 véu. O templo de Salomão acompanhava o padrão do tabernáculo de

Moisés, mas tinha o dobro das suas dimensões (Êx 26.31-35). No templo de Salomão também havia um véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo ("a sala grande"). O véu proibia o acesso ao Santo dos Santos. Simbolizava a restrição do acesso à presença de Deus, uma restrição eliminada pela obra mediatória da morte de Cristo (Mt 27.51, nota; Hb 9.1-14, nota; 10.11-22, nota).

* 3.15 trinta e cinco côvados de altura. 1Rs 7.15 diz "dezoito côvados" (cf. 2Rs

25.17; Jr 52.21). Tem sido sugerido que os trinta e cinco côvados representam o comprimento das duas colunas (dezoito mais dezoito) ou então a soma das dimensões dadas (dezoito de altura, doze ao redor e cinco para o capitel). Também é possível que um copista posterior tenha introduzido um erro.

* 4.1 um altar de bronze. Mencionado também em 1 Rs 8.64; 2Rs 16.14. O

altar de bronze era o altar principal. As medidas maiores são das dimensões da base, subindo-se ao altar por meio de degraus (Ez 43.13-17).

* 4.2 o mar de fundição. Ver a referência lateral. Era a versão de Salomão

do "lavatório de bronze", no tabernáculo de Moisés (Êx 30.18). A água dessa bacia era usada nos rituais de purificação (4.6; 1Rs 7.23, nota).

* 4.3 colocíntidas. Veja também 7.24. Em algumas versões, diz "bois". A bacia de

bronze repousava sobre as figuras de doze "bois", e a beirada ornamentada provavelmente era formada por botões ou colocíntidas de alguma espécie.

* 4.4 doze bois. Ver notas em 1 Rs 7.25. Os doze bois apontavam nas quatro

direções da bússola (cf. Nm 2 quanto ao acampamento da tribos de Israel; Ap 21.12-14).

* 4.5 três mil batos. 1Rs 7.26 diz "dois mil batos". Temos aqui números

arredondados e não declarações exatas de volume.

* 4.9 o pátio dos sacerdotes e o pátio grande. Esses dois pátios são mencionados em Reis (1Rs 6.36; 7.12). O pátio grande era para os leigos.

* 4.11 Hirão. Um dos artesãos enviados por Hirão, rei de Tiro (2.13; 4.16).

* 4.11-22 O texto segue 1Rs 7.40-50 na descrição do trabalho de Hirão.

* 5.1 Davi, seu pai. O historiador liga o templo de Salomão diretamente aos preparativos feitos por Davi (2.3, nota).

* 5.2—7.10 O texto segue de perto a narrativa da dedicação do templo, em 1Rs 8. O relato foi feito em quatro seções: uma celebração de abertura da transferência da arca (5.2—6.2); a bênção de Salomão (6.3-11); a oração de Salomão (6.12-42); e as celebrações de conclusão (7.1-10).

* 5.3 Todos os homens de Israel. Tal como sucedera a Davi, Salomão recebeu apoio generalizado da parte do povo de Israel (1Cr 11.1, nota).

no sétimo mês. Ou seja, o mês de Tisri, quando a Festa dos Tabernáculos era celebrada. Visto que o templo foi terminado no oitavo mês do décimo primeiro ano de reinado de Salomão (1 Rs 6.38), a arca foi trazida onze meses mais tarde.

* 5.5 os levitas-sacerdotes. As referências repetidas aos sacerdotes e aos levitas, neste relato, indicam que Salomão observou com cuidado os regulamentos sobre o tabernáculo e o templo (1Cr 6, notas).

* 5.10 até ao dia de hoje. Ver nota em 1Cr 4.41.

Nada havia... senão as duas tábuas. No tabernáculo dos tempos de Moisés, a arca também continha a vara de Arão (Nm 17.10,11) e o vaso de maná (Êx 16.32-34).

* 5.11-13 Ver 1Rs 8.10,11. Os livros de Crônicas enfatizam o uso da música no

culto (ver 1Cr 15.16, nota).

* 5.13 porque ele é bom... para sempre. Uma linha familiar de louvor descritivo que honra a Deus por sua bondade e misericórdia perpétuas (7.3,6; Sl 106.1; 107.1; 136).

* 5.13.14 nuvem... glória. Deus abençoou o templo de Salomão com a sua

presença, assim como havia abençoado o tabernáculo (Êx 40.34-38). Os profetas esperavam que a glória de Deus retornasse ao templo após o exílio na Babilônia (Ez 43.15; Ag 2.7-9; Zc 2.10; 8.3).

* 6.1,2 Salomão expressa aqui a sua esperança quanto à

permanência da presença de Deus no templo. Isso foi um forte desejo da comunidade de Israel que procurava se estabelecer após ter retornado da Babilônia, no século VI a.C. (5.13,14, nota).

* 6.5-10,20,32-34,38 nome. Ver nota em 1Cr 13.6; "'Este é o meu nome': a auto-revelação de Deus", índice.

* 6.9 tu não edificarás. Quanto à explicação sobre a desqualificação de

Davi, ver 1 Cr 22.6-10 e nota.

* 6.10 como prometera o Senhor. Ver notas em 1Cr 17.1-15.

* 6.13 Este versículo não aparece no texto hebraico tradicional (massorético) de 1 Rs 8. A repetição de "estendeu as mãos", no fim dos vs. 12 e 13 pode ter feito um escriba saltar por cima do material que fica no meio das duas expressões, em algum ponto na cópia dos manuscritos.

pátio. Isto é, no "pátio grande", fora do edifício do templo (4.9, nota).

* 6.14 a aliança e a misericórdia. As palavras de louvor de Salomão tocam em ambos os lados do relacionamento pactual entre Deus e o seu povo. Deus guarda a sua aliança, e o povo de Israel deve andar nela "de todo o coração". A violação da aliança provocava a retribuição divina (Dt 7.9-12; 30.15-20). Essa idéia da aliança é central nos livros de Crônicas (1Cr 28.9, nota).

* 6.16,17 Salomão refere aqui à promessa feita através de Natã, sobre uma dinastia permanente de Davi (1Cr 17.7-14, notas).

* 6.16 contanto que teus filhos guardem o seu caminho. É enfatizada aqui a responsabilidade de perseverar.

para andarem na lei. Ver nota em 1Cr 16.40.

* 6.18-39 Salomão volta-se aqui para o âmago de sua preocupação. Ele ora para que o templo seja o centro nacional de orações eficazes. Ele começou com um pedido geral a Deus para que ouvisse as orações do povo (vs. 18-21), alistando sete situações específicas nas quais as orações podiam ser oferecidas no templo ou em sua direção (vs. 22-39). Esse aspecto da oração de Salomão encorajaria os leitores, nos tempos da restauração após o exílio na Babilônia, a fazerem do templo restaurado o centro da oração naquele tempo.

*** 6.18 o céu dos céus não te podem conter. Ver nota em 2.6.**

* 6.19-21 a oração... a súplica. Ver nota em 7.14.

* 6.21 ouve do lugar da tua habitação. Salomão usa por quatro vezes essa expressão em sua oração (vs. 21,30,33, 39). O templo era o lugar terreno que provia acesso ao santuário celeste, através dos sacrifícios oferecidos ali, e à promessa da graciosa presença de Deus (1Cr 13.6, nota).

* 6.22 e lhe for exigido que jure. Quanto aos tipos de procedimento legal que aqui estão em mente, ver Êx 22.10,11; Lv 6.1 -7.

* 6.24 por ter pecado contra ti, for ferido. A derrota militar é, com freqüência, alistada como conseqüência da violação da aliança (Lv 26.14-17; Dt 28.25,26,47-52).

* **6.24,26,37 se converter... se converterem. Ver nota em 7.14.**

* 6.24,26,32,34,38 orar... orarem. Ver nota em 7.14.

* 6.26 não houver chuva. A chuva e a seca são apresentadas como bênçãos e maldições da aliança (Lv 23.3,4; Dt 11.13,14; Jr 3.3; Jl 2.23-27; Ag 1.9-11).

* 6.28 fome... gafanhotos. Fomes e pragas de várias espécies são, com

freqüência, alistadas como maldições próprias da aliança (Lv 26.16,20,25,26; Dt 28.2022,27,28,35,42).

* 6.32,33 estrangeiro. Salomão rogou que estrangeiros também recebessem

respostas às suas orações feitas no templo. Os profetas esperavam pelo tempo em que os gentios seriam incluídos entre o povo de Deus (Is 56.6-8; Zc 8.20-23; 14.16-21). A forma da petição salienta a centralidade do templo, à medida que o reino se expandisse a outras nações. A inclusão de muitos gentios no reino, foi, finalmente, cumprida em Cristo (Rm 3.29; Gl 3.14; Ef 2.14-22).

* 6.34 sair à guerra. O escritor com freqüência registra como Deus responde

às orações proferidas em ocasiões de batalha (1Cr 5.18-22, nota; 2Cr 13.14, nota; 14.11, nota; 18.31, nota; 32.20, nota).

* 6.36-39 os leve cativos... faze-lhes justiça. O exílio e o cativeiro são, com freqüência, alistados como maldições por causa da violação da aliança (Dt 28.36,37,64).

A petição de Salomão foi atendida por duas vezes, dentro da própria história de Crônicas. Primeiramente, no caso de Manassés (33.10-

13), e, mais tarde, o remanescente inteiro de Israel (36.20-23), que sofreu exílio na Babilônia, mas foi restaurado à Terra Prometida.

* 6.37 converterem. Ver nota em 7.14.

* 6.38 voltados para a sua terra... cidade... casa. Ver a prática de Daniel (Dn

6.10) e de Jonas (Jn 2.4).

* 6.40 Agora, pois, ó meu Deus. A oração de Salomão termina com uma

adaptação do Salmo 132.8-10, que fala sobre a alegria da adoração no lugar escolhido por Deus. As palavras finais da oração, registradas em 1Rs 8.50,51, especificam que o povo fora escolhido por Deus e trazido para fora do Egito. Salomão pediu que Deus se lembrasse do Seu povo e do lugar que Ele tinha escolhido, e que ali recebesse, graciosamente, todos quantos se voltassem para Ele. O apelo de Salomão está baseado na iniciativa divina de eleição.

* 7.1 desceu fogo do céu. Ver nota em 1 Cr 21.26. glória. Ver índice "A Glória de Deus".

* 7.2,3 A repetição de elementos que já tinham sido mencionados em 5.13,14 equilibra a celebração inicial com a celebração final. Note, especialmente, os louvores à misericórdia permanente de Deus (7.3,6; 5.13, e nota).

* 7.6 A música de adoração aumenta o esplendor das celebrações (1 Cr 15.16, nota).

todo o Israel. A nação inteira estava envolvida (1Cr 11.1, nota).

* 7.8 festa. A saber, a Festa dos Tabernáculos (5.3, nota).

* 7.10 a Davi, a Salomão. 1 Rs 8.66 diz simplesmente "Davi". Mas o escritor de Crônicas considerou a construção do templo como um esforço conjunto de Davi e Salomão (1Cr 22.5, nota).

* 7.13-15 Estes três versículos não aparecem em Reis. Eles relatam a resposta de Deus a vários pedidos mencionados na oração de Salomão (6.14-42). Os leitores da época posterior ao retorno dos exilados da Babilônia estavam esperando a ajuda divina para que lhes restaurasse ou "curasse" a terra (Introdução a 1 Crônicas: Data e Ocasião).

* 7.13 chuva... gafanhotos... peste. Refere-se diretamente a 6.26-31.

* 7.14 o meu povo. Deus prometeu que a nação de Israel receberia alívio das dificuldades causadas por seus pecados, contanto que os israelitas se voltassem para ele em humildade e oração. Esta promessa foi especialmente relevante para a comunidade restaurada, terminado o exílio babilônico. Um certo número de eventos nos reinos dividido e reunido ilustram os princípios desta passagem (12.6; 13.14; 14.8-15; 18.31; 20.5-19; 32.20; 33.12,13, e notas). Por muitas vezes, em Crônicas, os conceitos desta passagem aparecem como fatores decisivos para as bênçãos ou as maldições divinas.

se humilhar. Uma atitude de contrição e de dependência de Deus (12.6,7,12; 30.11; 33.12,19,23; 34.27).

* 7.16,20 nome. Ver nota em 1Cr 13.6.

* 7.17-22 A promessa de que a dinastia fundada por Davi permaneceria para

sempre deu esperança àqueles que esperavam a restauração da nação de Israel, depois de sua volta do exílio na Babilônia. Apesar de que a promessa à linhagem de Davi era irrevogável, a nação sempre enfrentou a ameaça de punição, se se mostrasse infiel (1Cr 17.7-14, nota; e 28.9, nota).

* 7.17 os meus estatutos e os meus juízos. Ver nota em 1Cr 16.40.

* 8.1-16 Este relato dos projetos de construção de Salomão, entre os quais estava o levantamento do templo, se equilibra com 3.1—5.1. Seu conteúdo segue 1Rs 9.10-28.

* 8.2 Hirão lhe tinha dado. Inicialmente, Salomão havia dado essas cidades a Hirão, o qual, mais tarde, as devolveu (1Rs 9.10-14).

* 8.8 fez Salomão trabalhadores forçados. Ver nota em 1 Cr 22.2. até hoje. Ver nota em 1 Cr 4.41.

* 8.11 santos são os lugares. Salomão fez a sua esposa egípcia mudar-se por motivo de consideração pela santidade da arca e dos lugares associados com ela. Diferente dos livros de Reis (1Rs 11.1-13) e de Neemias (Ne 13.26,27), Crônicas se abstém de comentários negativos aos casamentos de Salomão com princesas estrangeiras. Esses fatos tristes eram bem conhecidos.

* 8.12-16 Novamente, o relato de detalhes concernentes ao culto, aos levitas e os sacerdotes é mais completo do que em Reis (cf. 1Rs 9.25; 1Cr 6.1, nota).

* 9.8 para o estabelecer para sempre. A rainha de Sabá reconheceu o

governo sábio de Salomão como uma provisão de Deus em favor do bem-estar de Israel.

As riquezas e a sabedoria de Salomão (2.13-28), tal como o favor internacional de que ele

10

desfrutava (v. 23), eram um ponto alto para a comunidade da aliança. A geração que voltou das aflições do exílio babilônico olhava para isso como uma inspiração e coragem para a sua obra de

reconstrução.

*** 9.23 Todos os reis do mundo. Ver 9.8, nota.**

* 9.27,28 prata... cedros... cavalos. Ver nota em 1.14-17.

* 9.29-31 Escrevendo para uma geração que carecia de encorajamento (v. 8,

nota), o autor não discute sobre o bem-conhecido problema causado pelas esposas estrangeiras de Salomão (1Rs 11.1-40). Ele passa diretamente da glória do rei para o final de seu reinado. Por semelhante modo, ele não destaca o pecado de Davi com Bate-Seba, e as tribulações que esse ato causou.

* 9.29 escritos no livro da. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 10.1—28.27 O Reino dividido. Nesta seção, o escritor faz uso de 1Rs 12—2Rs 17. Seu registro sobre o período da monarquia dividida não repete a dura condenação das tribos do norte que se encontra em Reis, preferindo enfocar os eventos em Judá, onde estava o templo, e onde vivia o rei davídico. Por toda esta seção, o escritor registra como as condições no reino dependiam da fidelidade da nação a Deus. Quando os leitores consideravam esses eventos, eles podiam ver claramente as escolhas em favor da bênção ou da maldição, em seus próprios dias.

Ao narrar sobre o reinado de Roboão, o autor fez uso amplo de Reis (cf. 10.1—11.4 com 1Rs 12.1-24; 12.9-16 com 1Rs 14.21,25-31), ao mesmo tempo em que apresentava a matéria em consonância com seu próprio entendimento e ênfase teológicos. A narrativa é apresentada em duas partes (caps. 10; 11 e 12.1-14), cada parte narra uma situação problemática, um encontro profético e uma bênção divina. A conclusão é um relato de suas guerras com Jeroboão e de sua morte (12.15,16). Os capítulos inculcam nos leitores a maldição de Deus contra o orgulho e a infidelidade, bem

como os benefícios para quem vivesse em humildade e obediência à palavra profética (20.20, nota).

* 10.1—11.23 A primeira seção, que conta o reinado de Roboão, enfoca os seus três primeiros anos como rei (11.17), onde há um conflito (cap. 10), a obediência à palavra

profética (11.1-4) e a bênção divina (11.5-23). A passagem de 10.1—11.4 é derivada de 1Rs 12.1-24 (notas); o cronista adiciona 11.5-23.

* 10.1 Roboão. Reinou em 931—913 a.C.

todo o Israel. Ao considerar o período da monarquia dividida, essa expressão e outras como ela podem referir-se: somente ao reino do sul (11.3; 12.1; 24.5; 28.23); somente ao reino do norte (10.16; 11.13; 13.4,15); ou a ambos os reinos juntamente (18.16; cf. 1Cr 11.1, nota; 2Cr 29.24, nota).

* 10.15 vinha de Deus, para que o SENHOR confirmasse a palavra. O autor salienta que a reação de Roboão deve ser vista à luz dos propósitos soberanos de Deus. A profecia de Aías acerca de Jeroboão (1 Rs 11.29-39) cumpriu-se mediante essa distorção dos eventos. A soberania de Deus controla os atos pecaminosos dos seres humanos (1Cr 21.1, nota).

* 10.16 todo o Israel. Ver em nota 10.1.

* 10.19 até ao dia de hoje. Ver nota em 1Cr 4.41.

* 11.2 Semaías. Esse profeta aparece por duas vezes durante o reinado de Roboão (cf. 12.5-8). Para seu crédito e benefício, por ambas as vezes Roboão ouviu a palavra do profeta.

* 11.3 todo o Israel em Judá. Ver nota em 10.1.

* 11.4 eu é que fiz isto. Ver nota em 10.15.

* 11.5-23 O escritor oferece três ilustrações de bênçãos divinas a fim de demonstrar a sabedoria da reação de Roboão à advertência profética (20.20, nota). O texto menciona fortificações e força militar em Judá e Benjamim (11.5-12), o abandono do reino do norte por parte dos levitas (11.13-17), e o aumento de sua família (11.18-23).

11.5 para defesa, fortificou cidades. Ver nota em 1Cr 11.5.

* 11.13 todo o Israel. Ver nota em 10.1.

* 11.14 Jeroboão... os lançaram fora. O historiador não repete a narrativa

encontrada em 1 Reis sobre como Jeroboão estabelecera centros de adoração idólatras em Dã e Betel (1 Rs 12.25-33), mas assume que o leitor saiba do fato. Jeroboão rejeitou os sacerdotes e os levitas que eram fiéis a Jerusalém como o lugar próprio da adoração.

A animosidade de Jeroboão impeliu esses sacerdotes para Roboão. O tema dos israelitas fiéis bandeando-se para Judá aparece por diversas vezes nos períodos dos reinos dividido e reunido (13.8-11; 15.9; 30.10-12). Após o retorno do remanescente do exílio na Babilônia, essas narrativas foram um precedente para os israelitas do reino do norte, visto que a restauração se centralizou em torno de Jerusalém (1Cr 9.3, nota; ver a Introdução: O Reino Dividido).

*** 11.17 três anos andaram no caminho de Davi e Salomão. Roboão desfrutou da**

bênção divina porque ele imitou a fidelidade de Davi e Salomão nos três primeiros anos de seu reinado.

* 11.18-23 O historiador menciona com freqüência o aumento da família para

demonstrar a bênção de Deus (1Cr 13.13, nota).

* 11.20 Maaca. Ver 13.2, nota.

* 12.1-12 Quanto à segunda porção principal da narrativa sobre o reinado de

Roboão (caps. 10—12, nota), o historiador expandiu a narrativa de 1Rs 14.25-28. Ele relatou a desobediência de Roboão em seu quarto ano de governo, e a retribuição divina pela invasão de Sisaque em seu quinto ano (12.2).

*** 12.1,2 deixou a lei do SENHOR... transgredido contra o SENHOR. Ver 1 Rs**

14.22-24 quanto a maiores detalhes sobre a apostasia de Roboão. Ver também nota em 1Cr 16.40.

* 12.1 todo o Israel. Ver nota em 10.1.

* 12.2 Sisaque. Fundador da vigésima segunda dinastia egípcia (c. 945-924 a.C.),

cuja campanha militar estendeu-se até as planícies de Jezreel e Megido.

* 12.3-9 O autor adiciona estes versículos para completar o paralelo com o

encontro anterior de Roboão com Semaías (cf. 11.2-4; 10.1—11.23, nota).

*** 12.3 com mil e duzentos carros e sessenta mil... era inumerável a gente. Ver**

nota em 1Cr 19.7.

* 12.6 se humilharam. Ver também os vs. 7,12. Este evento ilustra a

resposta de Deus à oração de Salomão (7.14, nota).

* 12.7,8 Embora Semaías tivesse modificado seu primeiro aviso, o plano soberano de Deus não foi frustrado. Advertências proféticas tinham por desígnio despertar ao arrependimento. Se fossem bem sucedidas nisso, a ameaça de juízo era, com freqüência, removida, adiada ou abrandada (Jr 18.1-12; Jl 2.12-14; Jn 3).

* 12.12 em Judá ainda havia boas coisas. Enquanto Roboão continuava a sofrer por seus pecados, Deus estabeleceu graciosamente o seu reino e abençoou a nação.

* 12.14 Fez ele o que era mal. Provavelmente uma referência aos pecados de Roboão em seu quarto ano (vs. 1,2, nota). 1Rs 14.29-31 não inclui essa observação.

* 12.15 escritos no livro. Ver a Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 13.1—14.1 A narrativa do reinado de Abias em Crônicas (13.2-21) difere consideravelmente da narrativa em Reis (1Rs 15.3-5). Crônicas enfatiza o lado positivo do reinado de Abias, enquanto que o escritor de Reis enfoca o lado negativo (1 Rs 15.3). Crônicas relata o discurso de Abias contra o reino do norte (13.4-12), bem como sua confiança em Deus, demonstrada pela oração, nas batalhas (13.14).

* 13.1 Abias. Ele reinou entre 913 e 910 a.C., enquanto Jeroboão I governava o reino do norte (930—909 a.C.).

* 13.2 Micaía. Uma soletração variante de "Maaca" (ver 11.20; 1Rs 15.2). Maaca, ao que tudo indica, era a neta de Absalão, através de sua filha, Tamar, e do marido dela, Uriel, de Gibeá.

guerra entre Abias e Jeroboão. 1 Rs 15.6,7 menciona essa guerra, mas Crônicas dá maiores detalhes, incluindo o traçado das linhas de batalha, o discurso de Abias, a própria batalha, e o resultado da mesma.

*** 13.3 quatrocentos mil homens... oitocentos mil homens. Judá estava**

apequenado diante de Israel, destacando assim o poder de Deus em favor da fiel Judá (1Cr 12.23, nota; 19.7, nota).

* 13.4-12 O discurso de Abias contra o reino do norte deixou claro que a

dinastia de Davi era aprovada por Deus, e que o culto no templo de Jerusalém fora estabelecido por Deus.

* 13.4 monte Zemaraim. Ficava nas regiões fronteiriças entre Judá e Israel,

provavelmente no território de Benjamim (cf. Js 18.22).

* 13.6 Jeroboão... se rebelou. Abias apelou para o exército do norte, lançando a

culpa sobre Jeroboão pela sua rebeldia contra Roboão.

* 13.7 jovem e indeciso, não lhes pôde resistir. Abias explica que o delito de

Roboão contra as tribos do norte (10.1-17) foi resultado de sua juventude e inexperiência (cf. 1Cr 22.5; 29.1; 2Cr 12.13).

* 13.8 reino do SENHOR. Apesar do delito de Roboão, opor-se à dinastia de Davi

era resistir ao próprio Deus.

* 13.9 Lançastes fora os sacerdotes... e os levitas. O autor de Crônicas já tinha

mencionado a saída desses levitas como uma indicação da bênção

divina a Roboão (11.13-17 e notas).

* 13.10 nunca o deixamos. Fazendo contraste com o reino do norte, Judá tinha

permanecido fundamentalmente leal ao templo, aos sacerdotes e aos levitas (mas ver 12.1,2). Esse parecer sobre as condições de Judá foi revertido nos dias de Ezequias (29.4-11, nota; 30.6-9, nota).

* 13.11,12 O discurso de Abias refere-se ao seu cuidado pela adoração correta. Os leitores originais de Crônicas estavam restabelecendo a adoração em Jerusalém, após a volta dos judeus do exílio na Babilônia.

* 13.12 Eis que Deus está conosco. Ver Is 7.14, notas; Nm 14.9; Sl 46.7; Mt 1.23.

A presença de Deus com o exército de Judá garantiu a vitória. Abias afirmou que Deus estava com Judá, mesmo em uma batalha contra o reino do norte.

* 13.14 Clamaram ao SENHOR. Em sua oração dedicatória, Salomão tinha falado sobre orar a Deus na batalha (6.34, nota). A oração aparece como o fator decisivo na batalha (1Cr 4.9, nota).

* 13.15 todo o Israel. Neste contexto, o reino do norte.

* 13.18 foram humilhados. Ver nota em 1Cr 20.4.

porque confiaram no Senhor. Confiança no poder do Senhor, ao invés de confiar no poder humano, é um tema dominante em 1 e 2 Crônicas (16.2, nota).

* 13.20,21 Os resultados, para Jeroboão e Abias, indicam se Deus os aprovava ou desaprovava. Jeroboão nunca se recuperou de sua derrota. Abias, porém, ficou mais forte e teve muitos filhos (1Cr 13.13, nota).

* 13.22 da História do profeta Ido. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 14.1 a terra esteve em paz. Ver nota em 1 Cr 22.9.

* 14.2—16.14 Este relato sobre o reinado de Asa é consideravelmente mais longo do que o de 1Rs 15.9-24. O reinado de Asa é apresentado em duas partes: anos de fidelidade e bênção (14.2—15.19), e anos posteriores de infidelidade e maldição (cap.

16). Essas duas partes formam um padrão de paralelos contrastantes. A crescente prosperidade de Asa (14.2-7) é equilibrada pela seção final que conta sua enfermidade e morte (16.11-14). A seção principal diz respeito à guerra, aos encorajamentos proféticos e à reação do rei (14.8—15.19 e 16.1-10). O historiador contrasta os resultados de confiar

em Deus (15.8-19), com os resultados de confiar na força humana (16.2, nota; 20.20, nota).

* 14.2 Asa. Ele reinou de 911 a 870 a.C.

* 14.3 aboliu... o culto nos altos. Asa removeu os lugares altos pagãos, tanto em Jerusalém como em "todas as cidades de Judá" (14.5), mas 15.17 (1Rs 15.14) indica que esses esforços iniciais não continuaram por toda a sua vida. Uma explicação similar diz respeito às descrições da remoção dos lugares altos por Josafá (cf. 17.6; 20.33).

* 14.4 buscasse ao Senhor. Ver nota em 7.14. observasse a lei e o mandamento. Ver nota em 1Cr 16.40.

* 14.6 não houve guerra. Aparentemente, isso significa que não houve guerras grandes durante esse período. O escritor diz mais adiante que Asa tinha capturado algumas cidades de Efraim, durante esse tempo (15.8).

o SENHOR lhe dera repouso. Crônicas apresenta paz durante o reinado de Asa, como uma bênção pela sua devoção e obediência a Deus (14.2—16.14, nota; 1Cr 22.9, nota).

* 14.6,7 Edificou... Edifiquemos. Deus também ajudou a Asa em seus projetos de construção (1Cr 11.5, nota).

* 14.7 pois temos buscado ao Senhor. Asa diz aqui abertamente que seu sucesso veio de ter buscado a Deus (v. 4).

* 14.8-15 Quando Zerá atacou, Asa buscou o Senhor e logrou vitória, cumprindo assim a súplica de Salomão em sua oração (6.34, nota). Essa batalha contrasta diretamente com a batalha posterior de Asa contra Baasa (16.1-6; ver nota em 14.2— 16.14).

* 14.8 O exército de Asa totalizava 580 mil homens. O exército agressor era quase

o dobro em forças ("um milhão de homens", v. 9). Quanto a esses numerosos exércitos, ver nota em 1Cr 12.23.

* 14.9 Zerá, o etíope. Talvez um general do Faraó Osorcom I, segundo monarca

da vigésima segunda dinastia egípcia. A "Etiópia", na Bíblia, é a remota região ao sul do Egito, incluindo porções das modernas Eritréia, Etiópia e Sudão.

um milhão de homens. Ver 1Cr 19.7, nota.

* 14.11 o fraco. Asa expressou sua incapacidade para a batalha contra Zerá (20.12,

nota).

em ti confiamos. A confiança no poder do Senhor foi a chave da vitória de Asa (16.2, nota).

* 15.1-7 Azarias proclamou o princípio da retribuição, tão freqüentemente ilustrado

neste relato sobre a monarquia dividida. A fidelidade a Deus traz a bênção; a deslealdade resulta no castigo divino.

* 15.2 se o buscardes. Ver notas em 7.14 e 1 Cr 28.9.

* 15.4 voltaram ao SENHOR. Ver nota em 7.14.

* 15.8-19 Asa reagiu aos profetas iniciando novas reformas (v. 8) e uma

assembléia de renovação do pacto (vs. 9-15); ele foi ao extremo de depor Maaca, sua parenta, por causa da apostasia religiosa dela (vs. 16-19).

* 15.9 desertaram para ele. Israelitas vindos das tribos do norte (11.14, nota)

desertaram e se uniram a Asa, quando ele suprimiu a idolatria e restabeleceu a adoração em Jerusalém.

* 15.12 Entraram em aliança. A renovação da aliança aqui continua o

relacionamento de Deus com seu povo através das gerações. Asa (15.12), Joiada (23.16), Ezequias (29.10) e Josias (34.30-32) lideram a nação em tais renovações.

* 15.13 Morresse. A lei de Moisés prescrevia a pena capital para aqueles que

buscassem outros deuses (Êx 22.20; Dt 13.6-16).

* 15.15 paz por toda parte. Ver nota em 1Cr 22.9.

* 15.17 todos os seus dias. Ver nota em 14.3.

* 15.19 Não houve guerra. Ver nota em 14.6.

* 15.19—16.1 trigésimo quinto ano... trigésimo sexto ano. Reis registra que Elá sucedeu a Baasa no vigésimo sexto ano de Asa (1Rs 15.33; 16.8), Zinri, no vigésimo sétimo ano de Asa (1 Rs 16.10,15) e Onri, no trigésimo primeiro ano de Asa (1 Rs 16.23). Em conseqüência, essa batalha não pode ter ocorrido no ano trigésimo sexto de Asa (16.1), visto que Baasa já estaria morto havia dez anos. Nenhuma solução simples para essa dificuldade tem sido encontrada.

* 16.1-
6 A batalha de Asa contra Baasa, de Israel, deu iníc Ele

buscou a ajuda de Ben-Hadade, da Síria, em nítido contraste com a sua batalha contra Zerá, quando ele confiou no Senhor (14.2—16.14, nota).

*** 16.2 tesouros da Casa do SENHOR... a Ben-Hadade. Os atos de Asa foram**

errados em dois pontos. Ele tirou tesouros do templo, mostrando desconsideração pelo templo e seu culto (cf. 28.21). Em segundo lugar, ele se aliou a uma potência estrangeira, em lugar de confiar no Senhor. O historiador demonstra por muitas vezes quão benéfico é confiar em Deus (1Cr 5.20; 2Cr 13.18; 14.11-15; 16.7,8; 32.20-22). Ele também deplora alianças com o estrangeiro, e salienta suas terríveis consequências (18.1; 19.2; 20.35-37; 22.3-9; 25.7; 28.16-21; 35.21, nota), uma advertência adequada para aqueles que estavam reedificando a nação, depois da volta do exílio na Babilônia.

* 16.7-
10 Em contraste com o episódio anterior do encorajame e

das reformas de Asa (cap. 15), Hanani agora repreendia o rei Asa, o

qual reagiu negativamente (14.12—16.14, nota).

*
16.7 escapou das tuas mãos. Baasa abandonou sua |

de Asa e de Ben-Hadade, impedindo assim a vitória de Asa (16.5).

* 16.8 não foram os etíopes. Hanani referiu-se diretamente ao contraste com a vitória de Asa sobre Zerá (14.8-15). Os "etíopes" eram um povo ao sul do Egito. Os "líbios" eram um povo que habitava no norte da África.

* 16.9 desde agora haverá guerras contra ti. Hanani ameaça com o juízo divino, por causa da infidelidade de Asa (1Cr 28.9, nota; 2Cr 14.6, nota).

* 16.10 alguns do povo. Presumivelmente aqueles que concordavam com o profeta Hanani.

* 16.11-14 A rejeição de Asa à palavra profética levou à sua enfermidade e morte

(14.2—16.14, nota).

* 16.12 médicos. Asa continuou afastando-se do Senhor e a confiar na força

humana. O Antigo Testamento não hesita em prescrever tratamento médico para enfermidades físicas (2Rs 20.5-7, e o uso de bálsamo, em Jr 8.22; 51.8), mas nunca divorcia os remédios naturais da busca à ajuda divina (Dt 32.39).

* 16.14 mui grande a queima que lhe fizeram. Essas fogueiras não eram de cremação, mas memoriais que honravam reis falecidos. Contrastar as honras prestadas a Asa com a reação à morte de Jeorão (21.19).

* 17.1—21.3 A narrativa sobre o reinado de Josafá incorpora a maior parte do

relato em Reis (cf. 1 Rs 22.1 -35 com 2Cr 18.2-34; 1 Rs 22.41 -46,49 com 2Cr 20.31 -36),

adicionando algum material e um sumário de seu governo.

* 17.1 Josafá. Ele reinou entre 872 e 848 a.C. É provável que Josafá tenha sido co-regente de Asa por três anos (872—869 a.C.), por causa da doença de Asa (16.11-14; cf. 20.31, nota).

* 17.2 cidades de Efraim. Ver nota em 14.6.

* 17.6 os altos. Ver nota em 14.3.

* 17.7 No terceiro ano. A missão didática provavelmente teve lugar logo depois da

morte de Asa (17.1, nota).

* 17.7,8 príncipes... levitas. Os oficiais do rei foram acompanhados por levitas, a

quem Moisés tinha designado como mestres do povo (1Cr 26.29-32, nota; 2Cr 19.5-11, nota).

* 17.9 o livro da lei do SENHOR. A identidade desse livro é incerta. Talvez incluísse o Pentateuco inteiro, mas à luz da natureza das reformas de Josafá (19.4-11), pode ter se limitado somente ao livro de Deuteronômio.

* 17.10 o terror do SENHOR. O medo do poder divino exibido na força militar de

Josafá, lhe deu paz com outras nações (1Cr 14.17, nota).

*** 17.12 edificou fortalezas e cidades-armazéns. Ver nota em 1Cr 11.5.**

* 17.14-18 Quanto a esses grandes números, ver nota em 1Cr 12.23.

* 18.1—19.3 Em contraste com seus primeiros anos, Josafá ficou sujeito à maldição de Deus, por ter ignorado o aviso profético e ter feito uma aliança com o reino do norte (16.2, nota; 20.20, nota).

* 18.1 aparentou-se com Acabe. O autor refere-se aqui ao casamento do filho de

Josafá, Jeorão, com Atalia, filha de Acabe (21.6; 22.2). Em Reis, Acabe representa o máximo da apostasia do reino do norte (1 Rs 16.30). Cf. 19.1-3 e ver nota em 16.2.

* 18.2 o persuadiu. No hebraico, essa expressão pode ter a conotação de

convidar à apostasia (Dt 13.6; 1Cr 21.1).

Ramote-Gileade. Uma cidade a 48 km a leste do rio Jordão, mais próxima do mar da Galiléia do que do mar Morto. Pertencia a Israel desde os dias de Moisés (Dt 4.43; Js 20.8). Ben-Hadade não devolveu a cidade a Israel, conforme ele tinha concordado (1Rs 20.34).

* 18.18 Vi o SENHOR. A visão de Micaías sobre as deliberações celestes (cf. Jó 1.612; Is 6.1-8; Zc 3) demonstra que a soberania de Deus abrange todos os eventos maus (1Cr 21.1, nota).

* 18.28 Em contraste com Roboão (11.4) e Asa, após a sua primeira batalha (5.1-8), Josafá não deu atenção à advertência do profeta. Como resultado, Josafá quase morreu (18.31). Ver nota em 20.20.

* 18.31 Josafá, porém, gritou. O escritor adiciona às palavras de 1

Rs 22.32 a declaração explícita de que "o SENHOR o socorreu", relembrando o pedido de Salomão na sua oração dedicatória (6.34, nota; 7.14, nota).

* 18.34 morreu. O escritor não reiterou os detalhes da morte de Acabe, que se acham em 1Rs 22.36-40.

* 19.1-3 Josafá escapou de morrer depois de ter gritado ao Senhor (18.31).

Mesmo assim, Jeú repreendeu-o por causa de seu pecado. Deus tinha castigado a Josafá por ter dependido de um pacto com o estrangeiro (16.7-10, nota; 1Cr 28.9, nota).

* 19.5-11 Josafá estabeleceu um sistema de tribunais, por toda a Judá, para

tornar obrigatória a lei de Moisés (1Cr 26.20-32). Antes, ele tinha enviado líderes, levitas e sacerdotes para ensinar (17.7-9).

* 19.6 ele está convosco. Isso não quer dizer que as decisões deles fossem inspiradas, mas que Deus aprovava o trabalho dos tribunais em geral, e queria que as decisões deles fossem de acordo com a Sua lei, antes de tudo.

* 20.1-30 Essa batalha não foi historiada em Reis. Josafá reagiu a uma séria

ameaça militar com uma confiança exemplar no Senhor (contrastar sua abordagem à batalha em 18.1—19.3).

* 20.1 filhos de Moabe... Amom. Os descendentes desses inimigos continuaram sendo uma ameaça a Israel após a volta do exílio babilônico (Ne 2.19; 4.1-3,13).

* 20.2 Grande multidão vem contra ti. Ver nota em 1Cr 19.7.

* 20.3,4 apregoou jejum. Josafá reagiu imediatamente convocando Judá a um

jejum, e a buscar o Senhor. Esses atos nos relembram a oração dedicatória de Salomão (ver notas em 6.34).

* 20.5-19 A assembléia de Josafá seguiu o padrão litúrgico com freqüência

associado às orações de lamentação: houve uma oração coletiva (20.5-13); houve um oráculo divino de libertação (20.14-17); e o povo respondeu com louvores (20.18,19).

* 20.9 Josafá aplicou a oração dedicatória de Salomão explicitamente à sua situação (6.12-42 e notas).

* 20.12 em nós não há força. Confissão da impotência humana, humildade e

confiança no poder divino também aparecem na oração de Asa (14.11, nota).

* 20.15 não é vossa, mas de Deus. O esforço humano, nas guerras de Israel, era

controlado pelo poder divino. O profeta relembrou a Josafá que a responsabilidade humana depende da soberania de Deus (v. 17).

* 20.20-30 A estratégia e o resultado dessa batalha formam um contraste notável

com a batalha anterior de Josafá (18.28-34 e notas).

* 20.20 crede nos seus profetas e prosperareis. 2 Crônicas com freqüência

enfatiza quão importante é confiar e obedecer à palavra profética (caps. 10-12, nota; 14.2 —16.14, nota; 18.1—19.3, nota; 24.19, nota;

25.1-13, nota; 25.15,16, nota; 28.5-15, nota; 36.15, nota; ver também a Introdução a 1 Crônicas: Características e Temas). A instrução dada a Josafá contrastou com sua anterior rejeição de Micaías (18.1-32).

*** 20.21 sua misericórdia dura para sempre. Ver nota em 5.13.**

* 20.26 até ao dia de hoje. Ver nota em 1 Cr 4.41.

*** 20.29 Veio da parte de Deus o terror. Ver nota em 17.10.**

* 20.30 paz... repouso. Ver nota em 1Cr 22.9.

* 20.31 vinte e cinco anos. 2Rs 3.1 (dezoito anos) e 8.16 (quatro anos) levam o

reinado de Josafá a vinte e dois anos. Crônicas e 1 Rs 22.42 incluem os três anos nos quais Josafá foi co-regente com Asa (17.1, nota).

* 20.33 os altos. Ver nota em 14.3.

* 20.34 escritos nas Crônicas. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 20.35-37 O texto inclui uma breve nota de outro tempo, quando Josafá foi repreendido por um profeta por ter entrado em aliança com o reino do norte (16.2, nota).

* 20.37 Eliezer... profetizou. Ver nota em 20.20.

* 21.2-20 O historiador suplementa o registro sobre o reinado de Jeorão em Reis (2Rs 8.16-24). Em Reis o parecer é negativo. Jeorão reinou como co-regente de Josafá de 853 a 848 a.C. (2Rs 1.17; 3.1), e por sua própria autoridade de 848 a 841 a.C. Ele assassinou seus irmãos (21.2-7); Edom e Libna revoltaram-se contra ele (21.8-10); ele caiu na idolatria (21.11); e Elias profetizou um julgamento iminente (21.12-20).

* 21.2 irmãos. O assassinato dos irmãos de Jeorão, aqui registrado, é adicional ao relato em Reis (2Rs 8.16-22). Por outro lado, Reis descreve como Salomão se livrou de Adonias, um evento omitido em

Crônicas (1Rs 2.24).

* 21.4 Israel. Ver nota em 10.1.

* 21.5 oito anos. Como monarca exclusivo (21.2-20, nota).

* 21.7 não quis destruir a casa de Davi. A casa de Davi estava à beira do aniquilamento. Jeorão merecia morrer, mas Deus preservou a sua vida para cumprir a sua promessa de uma dinastia permanente de Davi. Apesar dos pecados dos descendentes individuais de Davi, a linhagem davídica nunca seria inteiramente rejeitada (1Cr 17.7-14, nota).

* 21.8-10 O desagrado de Deus para com Jeorão evidenciou-se quando essas

duas nações, sujeitas antes a Judá, se rebelaram com sucesso.

* 21.8 os edomitas. Josafá havia subjugado a Edom mediante sua reta confiança em Deus (20.1-30). Jeorão, entretanto, falhou em sua tentativa.

* 21.10 até ao dia de hoje. Ver nota em 1Cr 4.41.

Libna. Uma área entre Judá e a Filístia.

* 21.11-20 Este episódio, que ilustra a profundidade do pecado de Jeorão, foi

adicionado ao relato de Reis.

* 21.11 fez altos. Ao passo que Asa e Josafá não conseguiram livrar a terra de todos os lugares altos (14.3, nota), Jeorão os edificou ativamente (cf. 28.25).

seduziu... à idolatria. Talvez literalmente, mediante o envolvimento com os rituais de prostituição do culto pagão, ou metaforicamente, através da infidelidade espiritual (1Cr 5.25).

* 21.12 Elias. A única menção a esse profeta em Crônicas; compare o longo relato

de suas atividades como profeta em 1Rs 17—2Rs 2.

* 21.14-19 O julgamento contra Jeorão foi duplo. Deus prometeu um "grande

flagelo" que sobreviria ao povo e à família de Jeorão, ameaça cumprida pelos ataques dos filisteus e dos árabes. Em segundo lugar, Jeorão foi acometido por uma doença terminal. A ênfase recai sobre uma retribuição imediata (1Cr 28.9, nota).

* 21.19 não lhe queimou aromas. Contrastar isso com a reação à morte de Asa

(16.14). Jeorão (21.20), Joás (24.25), Acaz (28.27) e Manassés (33.20) morreram na ignomínia. Amom foi assassinado de modo vergonhoso (cf. 33.24).

* 21.20 Crônicas suplementa o registro dado em 2Rs 8.24, sobre a morte e o

sepultamento de Jeorão, com detalhes que revelam sua completa desgraça.

oito anos. Ver nota em o v. 5.

* 22.1-9 O registro de Crônicas liga intimamente Acazias (841 a.C.) com seu pai, Jeorão (21.4-20). Ambos os reis foram profundamente influenciados por Atalia, pelo que foram avaliados negativamente (21.6; 22.3,4). Em ambos esses reinados, a dinastia davídica esteve à beira de ser aniquilada, mas escapou (21.16,17; 22.7-9).

* 22.3-9 Crônicas apresenta a rápida queda de Acazias como um castigo divino por

causa de sua aliança com o reino do norte (16.2, nota).

* 22.5 Hazael. Ver 1Rs 19.15 e 2Rs 8.7-15.

* 22.8 Ao executar Jeú juízo. Reis registra que Eliseu ungira a Jeú a fim de

destruir a casa de Onri (2Rs 9.1—10.31). A morte de Acazias fez parte desse julgamento.

* 22.9 o sepultaram. Acazias recebeu um sepultamento honroso, não por causa de seu próprio caráter, mas por causa de seu avô, Josafá.

* 22.10—24.27 Compare 2Rs 11 e 12, sobre o registro da história de

Joás. Esta porção de Crônicas ilustra a íntima associação entre o rei e o sacerdote. A linhagem davídica foi preservada por Jeosabeate e seu marido, o sacerdote Joiada (22.10 —23.21); o rei davídico serviu fielmente sob a influência de Joiada (24.1-16); mas falhou ao rejeitar a instrução do filho de Joiada, e mandou executá-lo (24.17-27). A cooperação entre o rei e o sacerdote era essencial. Ver também Zc 3; 4; 6.9-15.

* 22.10-12 O pacto de casamento de Josafá (18.1, nota) finalmente rendeu o seu

pior resultado. Atalia por um triz não destruiu a linhagem davídica em seu esforço por estabelecer-se como rainha.

* 22.11 Joás. Reinou entre 835 e 796 a.C.

* 22.12 Atalia. Ela foi a única rainha que governou Judá (841—835 a.C.).

* 23.1-11 O sacerdote zadoquita Joiada resistiu à rainha Atalia e

obteve o apoio

militar necessário para as reformas políticas e no templo.

* 23.2 percorreram Judá... todas as cidades. Este versículo expande a narrativa de Reis, pintando o apoio generalizado a Joás em Judá (1Cr 11.1, nota).

* 23.3 como falou o SENHOR. Ver nota em 1Cr 17.14.

* 23.11 o livro do Testemunho. Provavelmente o pacto feito em 23.3;compare também Dt 17.18-20.

*** 23.13 trombetas... cantores... instrumentos músicos. Ver 1Cr 15.16, nota.**

* 23.16 fez aliança. Ver nota em 15.12.

* 23.17 casa de Baal. Provavelmente um santuário dedicado a Baal erigido por Atalia (cf. 1Rs 11.1-8).

* 23.18,19 Este relato enfatiza, mais do que 2Rs 11.18, que a nova ordem do templo, sob Joiada e Joás, era segundo o plano mosaico e davídico. Os livros de Crônicas foram escritos no tempo da reconstrução que houve após o retorno dos judeus do exílio babilônico; tal encorajamento foi apropriado.

* 23.21 tranqüila. Ver nota em 1 Cr 22.9.

* 24.1-22 Este relato deve ser comparado com 2Rs 12. Note que os vs. 15-22 são um longo suplemento.

* 24.2 todos os dias do sacerdote Joiada. As realizações positivas de Joás resultavam da influência de Joiada (24.14). Depois da morte de Joiada, Joás afastou-se do Senhor (24.17-19; cf. 26.5). O historiador ilustra a importância do apoio mútuo entre o rei e o sacerdote (22.10—24.27, nota).

* 24.5 os sacerdotes e os levitas. Crônicas, mais do que 2Rs 12.1-3, enfatiza a necessidade de uma ordem levítica apropriada (23.18,19, nota).

dinheiro... de ano em ano. Esse requisito era a taxa de meio siclo, referida em Êx 30.1116; 38.24-26 (ver 24.9).

*** 24.6,9 imposto que Moisés... imposto que Moisés. Ver nota em 1Cr 16.40.**

* 24.10-12 As doações generosas e jubilosas dos oficiais e do povo eram um bom

exemplo para aqueles que estavam atarefados na restauração do culto no templo, após a volta do exílio babilônico (1Cr 29.1-9, nota).

* 24.19 profetas... eles não deram ouvidos. A apostasia está ligada à rejeição dos

profetas de Deus (20.20, nota).

*** 24.20 deixastes o SENHOR, também ele vos deixará. Ver nota em 1 Cr 28.9.**

* 24.23,24 Crônicas menciona com freqüência as derrotas militares como juízos

divinos contra o pecado (1Cr 10; 2Cr 13.1-16; 18.33,34; 21.16,17; 25.14-24; 28.1-5; 33.111).

* 24.24 estes deixaram o SENHOR. As coisas voltaram-se contra Judá, conforme

fora ameaçado na aliança (Dt 28.25; 32.30; 1Cr 28.9, nota).

* 24.26 a amonita... a moabita. Josafá havia derrotado

antes a Amom e a Moabe

(20.1, nota).

* 24.27 no livro da História dos Reis. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 25.1-28 O relato do reinado de Amazias (796—767 a.C.) deve ser comparado com

2Rs 14. Note que a guerra contra Edom ficou registrada somente em Crônicas (vs. 5-16). O autor das Crônicas mostra como as alianças com os estrangeiros, a reação contra as instruções dos profetas e a idolatria afetam a segurança militar de Israel. O relato descreve fidelidade e infidelidade e é muito parecido com o que se conta sobre Joás e Uzias (22.10—24.27, nota).

* 25.1-13 Acazias não era devotado ao Senhor de todo o coração, mas ele

reagiu adequadamente à advertência profética (20.20, nota).

* 25.4 livro de Moisés. Ver 1Cr 16.40.

* 25.5,6 trezentos mil... cem mil. Quanto a essas grandes quantidades, ver nota em 1Cr 12.23.

*** 25.7 não deixes ir contigo o exército de Israel. O profeta, uma vez mais,**

condena uma aliança com o reino do norte (16.2, nota).

o SENHOR não é com Israel... Efraim. Abias tinha expressado uma opinião semelhante acerca do reino do norte (13.9,10).

* 25.8 Deus tem força. De uma forma típica, o homem de Deus proclamou a

necessidade de confiar unicamente no poder divino nas batalhas (16.2, nota).

* 25.10 a ira deles contra Judá. Embora Amazias tivesse obedecido à palavra

profética, os mercenários do norte ficaram irados. Embora tivessem sido pagos, eles tinham perdido sua chance de obter despojos (cf. o v. 13).

* 25.12 todos foram esmigalhados. Amazias seguiu as instruções de Moisés

quanto à guerra santa (Dt 20.13-18).

* 25.13 Samaria. Uma cidade não-identificada de Judá, e não a melhor conhecida

capital do reino do norte.

* 25.14 trouxe consigo os deuses. Em contraste com a obediência anterior de

Amazias (v. 12), ele agora desobedecia às instruções de Moisés (Êx 20.3; Dt 7.25) e o exemplo de Davi (1Cr 14.12), trazendo os deuses dos edomitas para Jerusalém. Eventualmente, ele acabou adorando a esses deuses.

* 25.15,16 Em contraste com seu arrependimento anterior diante da palavra profética (25.7-10), Amazias rejeitou o profeta e recebeu uma advertência severa (20.20, nota).

25.16 Deus resolveu destruir-te. Ver nota em 1Cr 28.9.

* 25.20 isto vinha de Deus. A soberania de Deus inclui o endurecimento dos corações dos pecadores, de modo que não mais atendem os avisos (1Cr 21.1, nota; cf.

Êx 3.19; 4.12; 7.3,4).

* 25.22-24 A derrota de Amazias contrasta com a sua vitória anterior (vs. 11-13).

* 25.26 no livro da História dos Reis. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 26.1-23 O historiador que compôs Crônicas adicionou uma longa seção (vs. 5

20) aos breves relatos sobre Uzias, em 2Rs 14 e 15. Sua narrativa divide-se em quatro estágios: ascensão ao poder (vs. 1-20), obediência e bênção (vs. 3-15), desobediência e maldição (vs. 16-20) e sumário e morte (vs. 22,23).

* 26.1 Uzias. Esse rei reinou de 792/91 a 740/39 a.C. Em 2Rs ele é chamado com freqüência, mas não sempre, de Azarias.

* 26.4 segundo tudo o que fizera Amazias, seu pai. O historiador compara Uzias com seu pai, cujo reinado também esteve dividido entre a bênção e a maldição.

*** 26.5 buscar a Deus... buscou ao SENHOR. Ver nota em 7.14.**

nos dias de Zacarias. Um conselheiro real desconhecido. É improvável que essa seja a pessoa citada em Is 8.2, visto que "nos dias de" sugere que Zacarias morreu durante o reinado de Uzias, e não poderia ter sido um conselheiro de seu neto. Joás foi obediente enquanto Joiada viveu, e Uzias agiu corretamente sob a tutela de Zacarias (24.2, nota).

* 26.6-15 Uzias foi abençoado no conflito internacional (vs. 6-8), nos negócios domésticos (vs. 9,10) e na força militar (vs. 11-15).

* 26.7 os meunitas. A bênção de Uzias nos faz lembrar a vitória de Josafá (20.1 -30).

* 26.8 Os amonitas. Ver nota em 1Cr 19.1.

* 26.9 edificou Uzias. Uma reversão da destruição na derrota de Amazias (25.23).

Ver nota em 1Cr 11.5.

* 26.13 trezentos e sete mil e quinhentos homens. Quanto a esse número tão

grande, ver nota em 1Cr 12.23.

* 26.16-20 Este episódio mostra o juízo de Deus contra o orgulho de Uzias. Tal como aconteceu a Roboão (12.1), o sucesso inicial levou-o a desconsiderar Deus e sua lei. A lepra de Uzias é mencionada apenas de passagem em 2Rs 15.5.

* 26.16 havendo-se já fortificado. Moisés avisara a Israel que tivesse o cuidado de

não permitir que o sucesso o deixasse orgulhoso, confiando em de si mesmo e não em Deus (Dt 8.10-18).

* 26.17 Azarias. Um sacerdote doutra forma desconhecido. Ele e oitenta sacerdotes

corajosos proferiram o juízo de Deus contra Uzias. O autor de Crônicas destaca já pela terceira vez o papel dos sacerdotes como instrutores da realeza (24.2, e nota).

* 26.18 mas aos sacerdotes. A queima de incenso restringia-se aos sacerdotes,

segundo a legislação mosaica (Êx 30.7-9; Nm 16.39,40). Ver sobre "Os Cristãos e o Governo Civil", índice.

* 26.21 foi excluído da Casa do SENHOR. Uzias ficou sujeito à quarentena e

conservado fora do templo, em acordo com a lei de Moisés (Lv 13.46; Nm 5.1-4).

* 26.22 o profeta Isaías... os escreveu. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 26.23 no campo. Uzias foi sepultado longe dos demais membros da família real

em relativa desonra, por causa da maldição da lepra.

* 27.1-9 Em contraste com os registros desde Joás até Uzias, onde cada reinado é

um equilíbrio de obediência e desobediência (22.10—24.27, nota), a avaliação do autor sobre Jotão é inteiramente positiva. Isso é seguido por um tratamento negativo acerca de Acaz (cap. 28). Crônicas destaca que a fidelidade a Deus é o caminho para o sucesso, nos projetos de construção e nos conflitos militares.

* 27.1 Jotão... dezesseis anos. Ele reinou entre 750 e 732 a.C.. Jotão reinou

durante o período de lepra de seu pai, Uzias (750—740 a.C.) e foi co-regente com seu filho, Acaz (735—732 a.C.). Durante seis anos ele foi monarca exclusivo. Os "dezesseis anos", mencionados aqui e no v. 8, provavelmente referem-se à sua co-regência com seu pai e seu reinado independente. Adicionando seus quatro anos com Acaz, isso eleva o total de anos de reinado a vinte anos (2Rs 15.30).

* 27.2 não entrou no templo do SENHOR. Jotão não violou regulamentos sacerdotais, conforme Uzias fizera (26.18, nota).

o povo continuava na prática do mal. O historiador explica aqui que o povo, e não Jotão, era culpado da corrupção contínua (cf. 2Rs 15.35).

* 27.5,6 Este registro da vitória sobre os amonitas destaca a aprovação divina

a Jotão.

* 27.7 no livro da História dos Reis. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 28.1-27 A narrativa sobre Acaz em 2Rs 16 é suplementada por 2 Crônicas. O

reinado de Acaz contrasta violentamente com o reinado de seu pai (cap. 27, nota), e o relato enfoca como a infidelidade leva à derrota militar.

* 28.1 Acaz. Ele reinou com Jotão em 735—732 a.C., e então como monarca exclusivo por dezesseis anos, 732—716 a.C. Se ele tinha vinte anos quando assumiu o ofício real, tinha trinta e seis ao morrer, e teria apenas onze anos de idade quando nasceu seu filho, Ezequias (29.1). Algumas fontes antigas falam em "vinte e cinco anos", em lugar de "vinte", quanto à idade em que subiu ao trono.

* 28.3 queimou a seus próprios filhos. A apostasia de Acaz foi tão completa que

ele praticou sacrifícios humanos. Ver Lv 18.21; Dt 12.31; 18.10; 2Rs 16.3; 17.17; 21.6. 23.10; 2Cr 33.6; Sl 106.37,38; Is 57.5; Jr 7.30,31; 19.5; 32.35; Ez 16.20,21; Mq 6.7.

* 28.5-15 Acaz foi derrotado na batalha como um juízo divino contra a sua

flagrante apostasia (v. 5).

* 28.5 rei dos siros... rei de Israel. Rezim (rei da Síria) e Peca (rei de Israel)

uniram suas forças contra Acaz (2Rs 16.5,6; Is 7.1-17).

* 28.9 Samaria. Voltando-se do seu usual foco de atenção sobre o reino do sul

(Judá), o historiador relata que os cidadãos de Samaria, capital do reino do norte, obedeceram quando um profeta falou com eles. Essa obediência foi um contraste instrutivo com a apostasia de Judá, o reino do sul.

*** 28.21 tomou despojos da Casa do SENHOR. Ver nota em 16.2.**

não o ajudou. Tiglate-Pileser da Assíria (745—727 a.C.) deu a Judá algum alívio temporário das ameaças da Síria e de Israel (2Rs 16.7-9), mas Judá tornou-se subserviente à Assíria.

* 28.25 fez altos. Ver nota em 21.11.

* 28.26 no livro da História dos Reis. Ver Introdução a 1 Crônicas: Autor.

* 28.27 não o puseram nos sepulcros. Ver nota em 21.19.

* 29.1 Ezequias. O reinado de Ezequias (716-687 a.C.) iniciou uma nova era na

história de Israel e de Judá. O reino do norte tinha sido destruído pelos assírios, e agora só Judá restava. Ezequias reuniu representantes de ambos os reinos para formar um único reino reunido, com um só rei e um só templo, em Jerusalém. O autor de Crônicas dedica mais atenção a Ezequias do que a qualquer outro rei, excetuando Davi e Salomão. Ele usa matéria de 2Rs 18—20, mas suplementa isso amplamente, incluindo um relato extenso das reformas do templo por Ezequias e a celebração da páscoa (29.3—31.1). O reinado de Ezequias aparece como um retorno à glória do reino de Salomão.

* 29.3 abriu as portas... e as reparou. Ezequias contraria as ações de seu pai,

Acaz (28.25, nota), e restaura a ornamentação de ouro que tinha sido retirada das portas do templo (2Rs 16.8,9).

* 29.4 Crônicas normalmente dedica atenção a questões concernentes aos sacerdotes e levitas (1Cr 6.1, nota).

* 29.4-11 O discurso de Ezequias estabelece um contraste com as avaliações

anteriores de Abias (13.6-12, notas). Judá agora não era mais diferente de Israel; ambas as nações tinham abandonado a Deus. Judá também teria que se arrepender.

* 29.7 fecharam as portas. Conforme Acaz tinha feito (28.24).

* 29.8 sobre Judá e Jerusalém. Ezequias afirma que Judá e Jerusalém estavam sob a maldição de Deus por negligenciarem o templo.

* 29.9 cativeiro. Durante o reinado de Acaz, muita gente de Judá fora levada ao exílio pelos sírios (28.5-8) e pelos edomitas (28.17). Esses eventos prefiguravam o cativeiro babilônico, ainda por vir (36.15-23), tornando o reinado de Ezequias um exemplo persuasivo em favor da restauração após o exílio.

* 29.10 estou resolvido. A ira de Deus fez Ezequias voltar-se para o Senhor, em arrependimento, em lugar de fazê-lo afastar-se de Deus, cheio de medo.

a fazer aliança. Ver nota em 15.12.

* 29.12-14 O historiador mencionou representantes das três divisões da tribo de Levi (v. 12), e das três famílias dos cantores (vs. 13,14). As reformas de Ezequias foram amplamente apoiadas pelos

levitas, e estavam em harmonia com a ordem estabelecida por Davi e Salomão (1Cr 6.1, nota).

* 29.13 Elisafã. Um líder proeminente dos coatitas (Nm 3.30).

* 29.16 Os sacerdotes entraram na Casa do SENHOR. O historiador oferece esses detalhes para demonstrar que a renovação de Ezequias obedeceu estritamente à legislação mosaica.

* 29.20-36 A dedicação do templo, por parte de Ezequias, é noticiada em três

partes: sacrifícios trazidos pelos líderes (vs. 20-24), disposições das músicas (vs. 25-30) e sacrifícios trazidos pelo povo (vs. 31-36).

* 29.21 a favor do reino, do santuário e de Judá. Sacrifícios foram oferecidos em

favor da família real, dos sacerdotes e levitas, e também em favor do povo. Todos esses três grupos se tinham envolvidos na apostasia encabeçada por Acaz (2Rs 16).

* 29.24 todo o Israel. Em conexão com o reino reunido (caps. 29—36), a expressão

"todo o Israel" (30.1; 31.1; 35.3) refere-se tanto a Judá como aos refugiados das tribos do norte (1Cr 11.1, nota; 2Cr 10.1, nota). Ezequias ordenou que sacrifícios fossem oferecidos, não em favor de Judá somente (v. 21), mas em favor de todos os descendentes de Israel. Esse desejo de unificar foi claramente expresso em seus preparativos para a páscoa (30.1-6).

* 29.25 címbalos, alaúdes e harpas. Ver nota em 1Cr 15.16.

* 29.32-35 Esses sacrifícios foram em menor número, mas mesmo assim fizeram

lembrar o que Salomão tinha oferecido quando da dedicação do templo (7.4-6).

* 29.36 subitamente, se fez esta obra. A restauração do templo levou menos do

que três semanas (vs. 3,17), uma evidência de que Deus estava agindo entre o povo.

* 30.1 a Páscoa. O escritor de Reis enfatiza a páscoa no reinado de Josias (2Rs

23.21-23), sem entrar em pormenores sobre a organização das celebrações por parte de Ezequias. O escritor de Crônicas exalta essa celebração que uniu as tribos do norte e do sul na adoração no templo. Tal reunião revestiu-se de notável relevância para aqueles que estavam trabalhando em prol da restauração de Israel, no tempo que se seguiu à volta dos exilados da Babilônia (Introdução a 1 Crônicas: Características e Temas).

*** 30.2 o rei... seus príncipes... toda a congregação. Ezequias seguiu o bom**

exemplo de Davi (1 Cr 13.1).

no segundo mês. Normalmente, a Festas dos Pães Asmos e da Páscoa eram observadas no primeiro mês (Êx 12.2,6; Dt 16.1-8; cf. 2Cr 35.1). Contudo, eram feitas

exceções em favor daqueles que estavam viajando ou estavam imundos (Nm 9.9-13). Ezequias aplicou a exceção generosamente em favor da nação inteira (v. 3).

* 30.6-9 Ezequias enviou a mesma carta tanto para Israel quanto para Judá (v.

6). Sua carta contrasta com o discurso de Abias aos do norte (13.4-

12). Nos dias de Ezequias, tanto Judá quanto Israel estavam em necessidade de arrependimento e renovação.

* 30.6 voltai-vos ao SENHOR. Ver nota em 7.14.

para o restante que escapou. O historiador usou essa terminologia em um sentido técnico, indicando aqueles que tinham sido poupados por Deus para representarem a continuação da nação.

* 30.9 acharão misericórdia... tornarão a esta terra. Ezequias relembra aqui a oração dedicatória de Salomão (6.36-39). Sua preocupação pelo retorno daqueles que tinham sido levados ao exílio foi instrutiva para qualquer um que esperasse ver a nação restaurada no tempo em seguida ao exílio babilônico (Zc 8.7,8).

* 30.11 Todavia, alguns. A presença de ao menos alguns era importante, mesmo que todos não viessem.

* 30.16 a lei de Moisés. Ver nota em 1Cr 16.40.

* 30.17-20 A falha de alguns que não se purificaram ritualmente ameaçou a

reunificação das tribos. Ezequias intercedeu pelos ofensores, e Deus possibilitou a reunificação da nação (cf. Êx 32.30-32).

* 30.23-27 Tal como a celebração de Salomão no templo se estendeu (7.8,9),

assim também a festa de Ezequias se prolongou por outra semana.

* 30.24 Ezequias... apresentou. Ezequias seguiu o exemplo de Davi, sustentando as atividades do templo com suas próprias posses (1Cr 29.3, nota; 2Cr 35.7,8, nota).

* 30.27 santa habitação de Deus, até aos céus. Note a linguagem semelhante na

oração de Salomão (6.21, 30, 33, 39).

* 31.2-21 A não ser por 31.20,21 (cf. 2Rs 18.5-7), este material não se encontra

em Reis. O autor de Crônicas escreve em um tempo quando o culto no templo estava sendo restabelecido, e as provisões de Ezequias teriam sido de óbvia relevância para aquela tarefa.

*** 31.2 Estabeleceu... os turnos dos sacerdotes e dos levitas. Ezequias retornou**

à ordem de Salomão (8.14), que seguia o modelo de Davi (1Cr 6.1, nota).

* 31.3,4 lei do SENHOR. Ver nota em 1Cr 16.40.

ordenou ao povo... que contribuísse com sua parte. Tal como Davi havia feito, Ezequias contribuiu de seu próprio tesouro, antes de apelar para o povo (1Cr 29.3, nota).

* 31.16 de três anos para cima. Talvez essas palavras se refiram à inclusão de

crianças na distribuição de alimentos (ver também o v. 18). Porém, "três" poderia ser o erro de um copista em lugar de "trinta", a idade do serviço ativo no templo (1Cr 23.3, nota).

* 31.21 prosperou. O Senhor recompensou a Ezequias pela sua fidelidade e

obediência. Ele o livrou da invasão (32.1), curou a sua enfermidade (32.24), perdoou o seu orgulho (32.26) e lhe deu riquezas (32.27-31).

* 32.1-23 Em Reis, o relato sobre a invasão de Senaqueribe é o episódio mais

importante do reinado de Ezequias (2Rs 18.17—19.37). Crônicas, porém, dá uma breve narrativa, usando essa invasão para ilustrar a bênção divina conferida por causa da fidelidade, da confiança e da oração.

* 32.7,8 O discurso de Ezequias demonstrou que ele confiava totalmente no poder

divino para vencer o seu grande inimigo.

* 32.9 O escritor de Crônicas não repete o que diz 2Reis acerca do pagamento de

tributo de Ezequias a Senaqueribe, retirando valores dos tesouros do templo, ou a

acusação assíria de que Ezequias estava em aliança com o Egito (2Rs 18.14-27). Ele preferiu enfatizar as virtudes de Ezequias.

* 32.20 o rei Ezequias e Isaías... oraram. Há um relato mais detalhado sobre esses acontecimentos em 2Rs 19.1-34. Quanto ao valor da oração em batalha, ver 6.34, nota.

* 32.24-26 Há um relato mais completo sobre essa enfermidade e oração em 2Rs 20.1-11.

* 32.25 o seu coração se exaltou. Ver nota em 26.16.

* 32.27-29 riquezas e glória em grande abundância. As riquezas de Ezequias nos fazem lembrar a riqueza do reinado de Salomão (caps. 1; 9.13-28).

* 32.31 O historiador abrevia o registro de 2Rs 20.12-19 (cf. Is 39) no qual Isaías disse a Ezequias que seus tesouros seriam tomados pela Babilônia. Ao que parece, o autor supôs que seus leitores estavam familiarizados com o relato de Reis, e deixou de lado a dura reprimenda de Isaías.

os embaixadores... da Babilônia. Os embaixadores babilônicos vieram investigar relatos do "sinal" de Ezequias (v. 24; cf. 2Rs 20.8-11). Ao que tudo indica, eles desejavam uma aliança militar com Ezequias contra a Assíria.

para prová-lo. Ezequias foi testado para ver se ele formaria uma aliança com a Babilônia contra a Assíria. Conforme o relato do livro dos Reis, Ezequias falhou na prova (2Rs 20.12-19).

* 32.32 escritos na Visão do Profeta Isaías. O historiador podia estar se referindo ao livro canônico de Isaías (chamado de "visão" em Is 1.1).

* 33.1-20 Este retrato de Manassés forma um notável contraste com 2Rs 21.118. A dura condenação de Manassés (2Rs 21.10-16) foi omitida, e, em lugar disso, há o relato sobre seu exílio, arrependimento, retorno e reformas (vs. 11-17). O escritor de Reis culpou Manassés pela queda de Jerusalém (2Rs 21.11-15). Sabedor disso, o historiador

das Crônicas encorajou seus leitores ao mostrar que até o pior dos pecadores pode ser perdoado e restaurado através do arrependimento, da humildade e da oração.

* 33.1 Manassés... cinqüenta e cinco anos. Ele reinou entre 696 e 642 a.C., o mais longo de todos os reinados em Judá.

* 33.2 as abominações dos gentios. Note a repetição desse tema no v. 9. Ver a avaliação similar de Acaz (28.3). Os pecados de Manassés foram tão grandes que ele se tornou merecedor de destruição, tanto quanto os cananeus aos quais Deus destruiu durante a conquista (Gn 15.16).

* 33.4 meu nome. Ver v. 7 e nota em 1 Cr 13.6.

* 33.6 queimou seus filhos como oferta. Essa é outra terrível similaridade entre

Manassés e Acaz (28.3, nota; 33.2, nota).

* 33.8 Moisés. Ver nota em 1Cr 16.40.

* 33.10 Falou o SENHOR. O historiador abrevia a descrição mais completa, que há

em 2Rs 21.10-15.

* 33.11-13 O autor adiciona um relato sobre o exílio, o arrependimento e a volta

de Manassés.

* 33.11 rei da Assíria. Ou Esar-Hadom (681 - 669 a.C.) ou Assurbanipal (669 - 627 a.C.).

à Babilônia. É possível que Manassés se tivesse envolvido na rebelião (652—648 a.C.) de Shamash-Shun-Ukim, da Babilônia, contra o rei assírio, Assurbanipal. O cativeiro de Manassés, na Babilônia, e seu retorno à Terra Prometida podia lembrar os leitores originais de sua própria deportação e de sua recente restauração.

* 33.12,13 A oração e a restauração de Manassés estiveram em harmonia com a

dedicação do templo por Salomão (6.36-39) e a resposta de Deus a ela (7.14, nota).

* 33.14-16 Quanto a reformas similares, ver 17.1-6.

* 33.14 O historiador registra os projetos de construção de Manassés como um sinal da bênção divina.

* 33.15 todos os altares. O autor de Reis registrou que Josias teve que destruir os altares que Manassés havia erigido (2Rs 23.12). Ao que parece, as reformas de Manassés foram incompletas.

*** 33.18,19 na História dos reis de Israel... História de Hozai. Ver Introdução a**

1 Crônicas: Autor.

*** 33.20 sepultado na sua própria casa. Ver nota em 21.19.**

* 33.21-25 Ver 2Rs 21.19-26.

* 33.21 Amom... dois anos. Ele reinou de 642 a 640 a.C.

* 34.1—36.1 O reinado de Josias também ficou registrado em 2Rs 22.1—23.30.

* 34.1 Josias... trinta e um anos. Josias reinou entre 640 e 609 a.C.

* 34.3—35.19 O historiador baseia seu relato sobre as reformas de Josias em 2Rs 22.3—23.23, mas a ordem dos eventos difere. Falando em termos gerais, em 2Reis as reformas de Josias foram resumidas geograficamente: o descobrimento do livro no templo (2Rs 22.3—23.3), a reforma da cidade e da nação (2Rs 23.4-20), e a celebração da páscoa no templo (2Rs 23.21-23). O historiador de Crônicas ordenou os eventos cronologicamente: a reforma da cidade e da nação (34.3-7), o descobrimento do livro no templo (34.8-33), e a celebração da páscoa (35.1-19). As referências ao oitavo e ao décimo segundo anos (34.3) e ao décimo oitavo ano (34.8; 35.19) indicam que as reformas começaram antes do descobrimento do livro.

* 34.3 sendo ainda moço. Josias começou a reverter as normas políticas de Amom quando ainda era jovem.

começou a purificar. A remoção da idolatria por Josias foi narrada mais completamente em 2Rs 23.4-20.

* 34.12 levitas. O envolvimento dos levitas asseguraria que as reformas de Josias seguiriam o padrão estabelecido por Davi (1Cr 6), Salomão (II Cró. 7.6; 8.14) e Ezequias (29.2-29).

* 34.13 instrumentos músicos. Ver nota em 1Cr 15.16.

* 34.15 o Livro da Lei... do SENHOR. Provavelmente Deuteronômio (2Rs 22.8, nota). Os sacerdotes entregaram o livro a Josias, que o aceitou como o guia de suas reformas (cf. Ed 7.6-10; Ne 8; 9).

* 34.23-28 Hulda, a profetisa, anunciou julgamento divino por causa da violação

da lei de Deus, mas a humildade de Josias teve o efeito de adiar o desastre (1Cr 28.9, nota).

* 34.30 aliança. Josias promulgou a lei de Deus ao povo e jurou ser-lhe obediente.

E requereu que o povo se juntasse a ele na renovação do relacionamento de Deus com a nação (v. 32).

* 35.1 Páscoa. A páscoa celebrada no décimo oitavo ano do governo de Josias é

mencionada de passagem em 2Rs 23.21-23, mas aqui é descrita com detalhes. Tal como Ezequias antes dele (30.1, nota), Josias observou entusiasticamente a celebração nacional no templo de Jerusalém (ver também Ed 6.19-22).

primeiro mês. Ver nota em 30.2.

* 35.3 todo o Israel. Isso inclui habitantes dos reinos do norte e do sul. À

semelhança de Ezequias, Josias presidiu sobre uma reunião do povo (30.1, nota).

*** 35.4 segundo a prescrição de Davi... e a de Salomão. A celebração de Josias**

poderia ficar como um exemplo às gerações futuras por ter sido efetuada de acordo com os padrões reconhecidos de Davi e de Salomão.

*** 35.6 Segundo a palavra do SENHOR, dada por intermédio de Moisés. Ver**

nota em 1Cr 16.40.

* 35.7,8 Josias seguiu um padrão semelhante ao de Davi (1 Cr 29.3, nota) e ao de Ezequias (30.24, nota). Suas contribuições pessoais foram seguidas por contribuições entusiasmadas de outros.

* 35.18 Nunca... tal Páscoa... desde os dias do profeta Samuel. O escritor fez uma observação similar sobre a páscoa de Ezequias (30.26).

* 35.20 Até um rei que "tivesse restaurado o templo" sofreria a retribuição divina se ignorasse a palavra de Deus. Josias caiu em batalha por ter-se recusado a obedecer às palavras divinamente dirigidas através de Faraó Neco (v. 22).

* 35.21 contra a casa que me faz guerra. Não é claro por que Josias tentou impedir o avanço de Faraó Neco. Talvez ele estivesse envolvido em uma aliança com inimigos de Neco (cf. 2Rs 23.29).

* 35.22 da parte de Deus. De alguma maneira, Deus tinha transmitido seus propósitos ao rei estrangeiro, tal como tinha falado a Abimeleque por meio de um sonho (Gn 20.3); mas Josias não lhe deu ouvidos.

* 35.24 Jerusalém prantearam. Apesar de sua fraqueza final, Josias foi um rei honroso de Judá (21.19, nota).

* 35.25 Jeremias compôs uma lamentação. Esta passagem tem sido interpretada como se demonstrasse que Jeremias escreveu o livro de Lamentações, mas a identificação é incerta.

até ao dia de hoje. Ver nota em 1 Cr 4.41.

* 35.27 no livro da História dos Reis. Ver a Introdução a 1 Crônicas.

* 36.2-14 O historiador repassou rapidamente os reinados dos três filhos de

Josias (Jeoacaz, Jeoaquim e Zedequias), bem como de seu neto (Joaquim). Seu relato é

42

mais breve que o de Reis (2Rs 23.31—24.20); ele relata as falhas e a desobediência que levaram ao exílio na Babilônia (1Cr 3.15, nota; 3.17, nota).

* 36.2 Jeoacaz. Reinou por três meses, em 609 a.C.

* 36.3 o rei do Egito. Depois da derrota de Josias por parte de Neco (609 a.C.), o

Egito dominou Judá.

* 36.4 e lhe mudou o nome. Mudar o nome de outro rei demonstrava domínio

político.

* 36.5-8 Uma abreviação do trecho de 2Rs 23.36—24.7.

* 36.5 Jeoaquim. Reinou entre 609 e 598 a.C.

* 36.6 Nabucodonosor, rei da Babilônia. Depois que o Egito foi derrotado pelos

babilônios em Carquêmis (605 a.C.), Judá ficou sujeito ao poder da Babilônia.

* 36.9 Joaquim. Reinou por pouco mais de três meses, em 597 a.C. Essa captura

e soltura ficou registrada em 2Rs 24.8-12; 25.27-30. Crônicas não fala sobre sua soltura de Babilônia, preferindo terminar com o edito de Ciro, que permitiu que os exilados retornassem a Jerusalém.

* 36.11 Zedequias. Reinou entre 597 e 586 a.C. Zedequias buscou apoiar-se no

Egito, mas sem resultado positivo. Os babilônios cercaram Jerusalém por dois anos, e, finalmente, conquistaram a cidade em 586 a.C.

* 36.14 todos os chefes. Não somente os reis, mas também os sacerdotes e o

povo tinham cometido pecados que os tornavam passíveis da retribuição do exílio na Babilônia.

* 36.15 seus mensageiros. As advertências dos profetas figuram com freqüência

em Crônicas (20.20, nota). Jeremias esteve ativo durante o reinado de Zedequias (Jr 1; 21; 34; 37; 38 e 52).

* 36.16 não houve remédio. Compare Hb 6.4-6.

* 36.21 a terra se agradasse dos seus sábados. Essa observação mostra-nos que

Deus tinha seus próprios propósitos ao permitir o exílio babilônico dos judeus. Durante esse período, a terra desfrutaria do descanso sabático que lhe havia sido negado (Lv 26.40-45).

setenta anos. Ver Jr 25.1-14 e Dn 9. Crônicas considera o fim dos

setenta anos como o primeiro ano de Ciro (538 a.C.). Talvez o cálculo comece na primeira deportação (605 ou 604 a.C.), no reinado de Jeoaquim. Zc 1.12-17 talvez indique que os setenta anos foram medidos a partir da destruição do templo, em 586 a.C., até à sua nova dedicação, em 516 a.C.

* 36.22,23 Esta passagem é repetida com alguma variação em Ed 1.1-4. Ciro

exerceu uma política liberal para com muitos povos deportados pelos babilônios. A liberação de Israel relembra a oração de dedicação de Salomão (6.36-39, nota).

*** 36.23 me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém. Deus fez Ciro**

ordenar a volta do povo de Israel com o propósito específico de reconstruir o templo. No decurso da sua obra, o escritor de Crônicas deu a devida ênfase ao templo e aos seus cultos, mostrando como sua renovação podia ser efetuada sob a orientação de Deus.

Esdras

* 1.1-
3 As mesmas palavras, com diferenças pequenas, encerr
2

Crônicas. Esdras continua a História da Redenção onde as Crônicas a tinham deixado.

* 1.1 No primeiro ano. 538 a.C., o primeiro ano do reinado de

Ciro. Ele conquistou a Babilônia em outubro de 539 a.C., e reinou sobre a Pérsia de 550 a 530 a.C.

para que se cumprisse a palavra do SENHOR. Jeremias havia

profetizado setenta anos de cativeiro na Babilônia (Jr 25.11,12; 29.10; ver Dn 9.2). De 605 a.C., quando os primeiros cativos foram deportados, até 538 a.C., quando o decreto do retorno foi expedido, passaram-se sessenta e sete anos. Outras profecias também podem estar em vista (Jr 16.14,15; 27.22). O Senhor estava soberanamente fazendo cumprir a palavra falada, mais de meio século antes.

despertou o SENHOR o espírito de Ciro. Essa frase expressa o tema principal do livro; Deus opera soberanamente através de agentes humanos responsáveis para realizaram seu plano de redenção (6.22; 7.27). Nas palavras de Pv 21.1, o Senhor dirigiu o espírito de Ciro "como ribeiros de águas; segundo o seu querer o inclina".

* 1.2-4 O decreto pode ter sido redigido com a ajuda de conselheiros

judeus.

*1.2 O SENHOR, Deus dos céus. Um título que identifica o

Senhor como a autoridade e o poder supremos (5.12; 6.9,10; 7.12,21,23; Ne 1.4,5; 2.4,20; Dn 2.18,19,37,44; Jn 1.9).

me deu... me encarregou. O testemunho de Ciro à soberania de Deus provavelmente para ele foi apenas uma formalidade, visto que o cilindro de Ciro diz coisas semelhantes quanto a outros deuses (1.3, nota).

uma casa em Jerusalém. A "casa" refere-se, em primeiro lugar, ao templo, mas no fim incluirá a cidade de Deus e o povo de Deus. A reconstrução da "casa" de Deus é um tema dominante em Esdras e Neemias (Introdução: Características e Temas).

* 1.3 Ciro tratou Israel da mesma maneira que tratou seus outros povos

vassalos. O propósito dele era conseguir o apoio dos deuses desses

povos a seu serviço (note a motivação de Dario, em 6.10, e de Artaxerxes, em 7.23). O propósito soberano do Senhor, porém, era fazer continuar o progresso da redenção.

todo o seu povo. A comissão de Ciro dirigia-se a todo o povo de Israel, e não somente aos líderes, expressando um tema importante do livro (Introdução: Características e Temas). O povo de Deus, como um todo, era vital ao cumprimento do plano divino da redenção.

*

1.4 Todo aquele que restar em alguns lugares. Ess

se aos judeus que permaneceram na Babilônia, e, talvez, também a gentios.

o ajudarão. No êxodo do Egito, os egípcios despediram Israel para fora do país com muitos presentes (Êx 12.35,36).

*1.5

A reação foi descrita em linguagem paralela ao decre

enfatizando o resultado imediato no povo ao decreto de Ciro e ao estímulo dado por Deus.

se levantaram os cabeças de famílias. Esses eram os patriarcas das grandes famílias dos hebreus.

de Judá e de Benjamim. As duas tribos que tinham sido exiladas pelos babilônios.

os sacerdotes, e os levitas. A restauração do culto no templo requeria que eles voltassem (8.15-17).

Deus despertou. A mesma frase no hebraico, como no v. 1 (ver referência lateral). O poder soberano de Deus gerou o decreto e a reação favorável.

* 1.8 Mitredate. Um oficial persa.

* Sesbazar. Alguns estudiosos o identificam com Zorobabel. Todavia, Sesbazar parece ter sido uma figura um tanto desconhecida, em 5.14-16, ao passo que Zorobabel é bem conhecido (5.2,3). Provavelmente, Sesbazar fosse o líder oficial, talvez um persa designado por Ciro, ao passo que Zorobabel era o líder popular.

* 1.9-11 O total dos números nos vs. 9, 10 é de 2.499, e não 5.400,

conforme se lê no v. 11. A razão dessa discrepância não é conhecida. A dificuldade se combina com o desconhecimento exato do que significam as "bacias" e as "taças". O surgimento desses tesouros deve ter encorajado os espíritos do povo de Deus, visto que Jeremias tinha profetizado que eles seriam preservados e levados de volta a Jerusalém (Jr 27.22).

* 1.11 Os exilados voltaram a Jerusalém com os artigos para o templo,

de acordo com o decreto de Ciro. O Senhor cumpriu a sua promessa de que após castigar o seu povo por ter quebrado o pacto, ele o traria de volta à Terra Prometida (Dt 30.1-5).

* 2.1-70 A lista dos exilados que retornaram talvez não pareça

teologicamente importante, mas a repetição da mesma lista, com algumas variações, em Ne 7, sugere outra coisa. Em primeiro lugar, o Senhor conhece pessoalmente o seu povo. O relacionamento pactual entre o Senhor e o seu povo é um laço de amizade íntima. Em segundo lugar, pessoas comuns são vitais para a realização do plano divino da redenção (Introdução: Características e Temas). Não somente os líderes religiosos e políticos são importantes na reconstrução da casa de Deus, mas também o é o povo comum. De fato, "o restante do povo" contribuiu mais para a reconstrução do que fizeram os "cabeças das famílias" ou o governador (Ne 7.70-72). Em

terceiro lugar, a numeração assemelha-se àquelas que se encontram em Números e em Josué (Nm 1.26; Js 18; 19). Assim como o Senhor formou a comunidade do pacto depois do êxodo do Egito, assim também ele a recria, após o retorno da Babilônia.

* 2.2 Zorobabel. **Um descendente de Davi e neto de Jeoaquim;**

ele foi o líder responsável pelo lançamento dos alicerces do templo (3.8-10).

Jesua**.** **Ele era o sumo sacerdote na época da restauração (Ag 1.1;**

Zc 3.1).

Neemias**.** **Não aquele Neemias que, posteriormente, supervisionou a**

reconstrução das muralhas de Jerusalém.

Mordecai. **Não o mesmo Mordecai que era primo de Ester.**

* 2.2-35 **O primeiro grupo a ser alistado era composto de leigos. A**

lista divide-se em duas partes: parte um (vs. 3-20) dá os nomes de família dos que retornaram; e parte dois (vs. 21-35) alista as suas cidades. Os leigos são mencionados antes do clero, em consonância com a ênfase, em Esdras e Neemias, sobre a relevância do povo comum na reconstrução do reino (2.1-70, nota).

* 2.36-58 **Os grupos seguintes estavam oficialmente associados ao**

culto no templo: os sacerdotes (vs. 36-39), os levitas (v. 40), os cantores (v. 41), os porteiros (v. 42), os servidores do templo

("*nethinim*", vs. 43-54), e os servos de Salomão (vs. 55-57). Os servos de Salomão provavelmente serviam no templo, visto que são contados juntamente com os servidores do templo, no v. 58.

* 2.59-63 **O grupo final dos que retornaram compunha-se daqueles**

que não puderam provar que eram israelitas. Novamente, os leigos são alistados em primeiro lugar (v. 60), e então os sacerdotes (v. 61).

* 2.62 foram tidos por imundos. Um homem tinha que descender de

Arão a fim de ser um sacerdote (Êx 29.44; Nm 3.3).

* 2.63 coisas sagradas. Somente um sacerdote ou um membro de sua

casa podia comer das porções dos sacrifícios distribuídas aos sacerdotes (Lv 22.10).

Urim e Tumim. Um artifício na tomada de decisões (Êx 28.30), necessário nesse caso para determinar a linhagem desses sacerdotes.

*** 2.64 quarenta e dois mil trezentos e sessenta. Temos aqui o mesmo**

total que se vê em Ne 7.66. A soma das cifras na lista de Esdras, porém, é de apenas 29.818, ao passo que a soma da lista, em Ne 7, é de 31.089. Certos grupos podem ter sido contados sem terem sido alistados, ou um erro pode ter ocorrido em manuscritos copiados.

* 2.66 voluntárias ofertas. O primeiro templo também foi construído

com ofertas voluntárias (1Cr 29.1-9), e não mediante os dízimos. O princípio das doações voluntárias, acima dos dízimos, e de acordo com a capacidade de cada um, continua em operação na construção do reino, sob a Nova Aliança (2Co 8.11).

* 2.70 Este versículo final encerra a seção ecoando o v. 1. No v. 1 eles

"subiram" e "voltaram"; e neste v. 70 eles "habitaram nas suas cidades". O Senhor tinha feito voltar o povo da promessa à Terra Prometida.

* 3.1—6.22 O povo reconstruiu o altar, reiniciou os sacrifícios (3.1-6) e

então reconstruiu o próprio templo (3.7—6.22). Impelidos pelos profetas Ageu e Zacarias (5.1,2), e abençoados por Deus (5.5), eles obtiveram sucesso, apesar da oposição dos povos que residiam ao redor deles (cap. 4), bem como do governador do Trans-Eufrates, "daquém do Eufrates" (5.3—6.12).

* 3.1 o sétimo mês. Este era o mês de Tisri (setembro-outubro),

o mês da Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-44). O desejo de celebrar essa

festa (3.4), sem dúvida proveu o estímulo necessário para a reconstrução do altar.

* 3.2 holocaustos. Os holocaustos eram os sacrifícios primários

(Lv 1), mas também havia outras ofertas (v. 5). Os holocaustos eram a base contínua sobre a qual um povo pecaminoso podia viver na presença de um Deus santo (Êx 29.42), pois prenunciava o futuro sacrifício de Cristo, como o sacrifício final que leva os pecadores à presença de Deus (Hb 10.19,20).

como está escrito. A palavra escrita era um instrumento poderoso usado por Deus para cumprir o seu plano redentor.

* 3.3 ainda que estavam sob o terror. Eles tiveram a coragem

de erigir o altar e lançar os alicerces do templo. Mas a coragem deles em breve seria submetida a teste (4.4,5), e o trabalho pararia (4.24).

* 3.4-6 Não somente foi celebrada a Festa dos Tabernáculos, mas o

sistema sacrifical inteiro foi posto em movimento, porquanto os sacrifícios eram uma parte da manutenção do relacionamento segundo a aliança (Hb 9.22). Tão importantes eram os sacrifícios que foram iniciados antes que o próprio templo terminasse.

* 3.7 Provisões foram feitas para se começar imediatamente a

reconstrução do templo. A linguagem do v. 7 relembra os materiais reunidos para o templo de Salomão (1 Cr 22.2-4; 2Cr 2.8-16).

*** 3.8 No segundo ano. 536 a.C.**

no segundo mês. Esse era o mês de Ziv (ou Iyar, abril-maio), a mesma época do ano em que Salomão começara a construção do templo original (2Cr 3.2).

para a superintenderem. Essa frase é virtualmente idêntica à linguagem usada acerca do templo de Salomão (1 Cr 23.4).

*** 3.10 Quando os edificadores lançaram os alicerces. O foco da**

narrativa é a reação popular, e não a mecânica da construção. Se a devolução dos artigos do templo encorajaram os espíritos do povo (1.9-11, nota), muito mais o fez o lançamento dos alicerces, pois este

confirmou a sua fé em Deus, o qual havia prometido a restauração após o exílio (Dt 30.1-5). A expressão de louvores deles ecoa com exatidão a dedicação do templo de Salomão (2Cr 5.13).

*

3.12 Porém muitos... choraram. As lágrimas dos membı

idosos da comunidade não eram lágrimas de alegria, mas de desapontamento, por causa do contraste entre esse pequeno começo (cf. Zc 4.10) e o esplendor do templo de Salomão. Desapontamentos similares seriam, posteriormente, repreendidos (Ag 2.1-5), mas pelo momento a alegria do Senhor era a força de muitos.

* 4.1 os adversários. Embora essa gente tivesse vindo

aparentemente com boas intenções, eles foram chamados de "adversários", visto que depois tentaram transtornar o trabalho de restauração. Havia algum motivo político nesse conflito, porquanto somente os que retornassem tinham recebido autorização, da parte de Ciro, para ocuparem-se na construção (1.24). Em última análise, porém, o problema era religioso. Os "adversários" eram pessoas de várias origens que tinham sido transplantados para Samaria, a área ao norte de Judá, depois da destruição do reino do norte de Israel, em 722 a.C. (4.9,10, nota). Eles adoravam a muitos deuses e incorporaram a adoração ao Senhor em seu politeísmo (2Rs 17.24-41). A animosidade entre os judeus e os samaritanos que descendiam desses "adversários" forma parte do pano-de-fundo do Novo Testamento (cf. Jo 4.1-42).

*** 4.3 nós mesmos, sozinhos, a edificaremos. Essa**

discriminação não era nem racial e nem política, e, sim, religiosa. Desde os primeiros dias de permanência na Terra Prometida (Jz 3.6) e através de sua história (2Rs 17.7-17), alianças com estrangeiros conduziram os israelitas à idolatria, e, finalmente, ao exílio da Terra Prometida (2Rs 17.18-23). O fracasso dos retornados de se

separarem da população indígena tornou-se logo um

problema (Ed 9, 10). O mesmo princípio de separação religiosa continua operando sob o Novo Pacto (2Co 6.14 - 7.1).

* 4.4 as gentes da terra. Os "adversários" do v. 1.

* 4.5 alugaram... conselheiros. Talvez esses fossem oficiais

persas que se deixaram subornar. Os esforços de obstrução dos adversários causou um adiamento na obra desde os tempos de Ciro (550—530 a.C.) até ao segundo ano de Dario (522—486 a.C.).

* 4.6-23 Este material é uma seção separada, que descreve a

oposição à reconstrução das muralhas depois de Dario e durante os reinados de Xerxes (486—465 a.C.) e de Artaxerxes I (465—424 a.C.). A narrativa justifica chamar os povos circunvizinhos, no v. 1, de "adversários". Em segundo lugar, mostra que a oposição não era um problema passageiro, mas uma antevisão de uma prolongada oposição ao povo de Deus, na reconstrução da "casa" de Deus — o templo, mas também a cidade e a nação.

* 4.6 Assuero. Ele é o mesmo Xerxes, que sucedeu a Dario e foi

o rei da Pérsia entre 486 e 465 a.C.

escreveram uma acusação. O sujeito do verbo desta frase não é especificada, mas o contexto mostra que os perturbadores eram uma geração posterior aos "adversários" do v. 1. Coisa alguma é dita acerca da natureza dessa acusação.

* 4.7 Artaxerxes. Artaxerxes I, sucessor de Assuero (Xerxes) e

rei da Pérsia de 465 a 424 a.C.

lhe escreveram. Ou seja, a Artaxerxes. Não há informação sobre o conteúdo dessa carta, mas considerando o seu contexto, sem dúvida

foi um esforço para impedir a reconstrução das muralhas de Jerusalém.

em caracteres aramaicos. Essa era a linguagem da diplomacia internacional,

no antigo Oriente Próximo e Médio.

* 4.8—6.18 Esta seção não foi escrita no hebraico, mas no aramaico, a

linguagem dos documentos originais. A correspondência exprime a preocupação de vários oficiais gentílicos sobre o progresso do trabalho dos judeus.

* 4.8 O escrivão. Os escrivães (escribas) eram altos oficiais que

escreviam a correspondência oficial e mantinham arquivos para o governo provincial (7.6, nota).

* 4.9 os outros seus companheiros. A oposição não consistia

em alguns poucos, mas tinha uma base ampla.

* 4.10 Asnapar. Provavelmente Assurbanipal, o último rei bem-sucedido da Assíria (668—627 a.C.), que transplantou vários povos para Samaria. Essa prática começou após a queda de Samaria, em 722 a.C., provavelmente por Sargão II (2Rs 17.24).

daquém do Eufrates. A área a oeste do rio Eufrates, incluindo Arã, Fenícia e Palestina.

* 4.12 vão restaurando os seus muros. Ver nota em 4.6-23.

* 4.14 somos assalariados do rei. Lit., "somos salgados com o sal do

palácio". Provavelmente, isso é uma maneira de referir-se à obrigação

pactual de um vassalo para com seu senhor (cf. Lv 2.13; Nm 18.19; 2Cr 13.5).

* 4.15 no livro das crônicas. Uma alusão aos vários documentos escritos em aramaico, usados na escrita desta seção de Esdras, teriam sido guardados em um arquivo semelhante.

cidade foi rebelde... destruída. Ver 2Rs 18.7; 24.1.

* 4.16 não terá a posse. Como é óbvio, essa frase importava em um

exagero, mas essas palavras tinham por intuito influenciar na decisão de Artaxerxes.

* 4.18 foi distintamente lida. Ao rei não foi dado um sumário da carta;

ela foi lida para ele palavra por palavra.

* 4.20 Sob Davi e Salomão, Israel recebia tributos de outras nações.

Agora, embora tivessem retornado à Terra Prometida, o povo de Deus devia submeter-se ao governo dos ímpios (9.9 e nota).

* 4.24 Após a seção que trata da oposição à reconstrução das muralhas

(vs. 6-23), o autor retorna ao tema dos vs. 1-5, a reconstrução do templo.

* 5.1,2 O ano em que Ageu e Zacarias começaram a profetizar foi o

mesmo ano referido em 4.24, o segundo ano de Dario (Ag 1.1; Zc 1.1). O trabalho no templo não foi reiniciado por causa de um decreto de Dario, mas por causa da pregação dos profetas de Deus e por

causa da resposta obediente do povo de Deus (Ag 1.14,15).

* 5.1 cujo Espírito estava com eles. Tanto o povo (Dt 28.10)

quanto os profetas (Jr 15.16) pertenciam a Deus.

* 5.2 os ajudavam. Essa ajuda tomou a forma de uma pregação

corajosa e de um encorajamento constante (como nos livros de Ageu e Zacarias).

* 5.3,4 Assim que as obras no templo foram reiniciadas, os oficiais

persas da área recomeçaram a sua oposição.

* 5.5 Dessa vez Deus preferiu intervir, e os oficiais permitiram

que o trabalho continuasse até ouvirem notícias da parte de Dario. Aqui, como em todas as partes dos livros de Esdras e Neemias, Deus interveio através dos atos do povo (cf. nota em 1.1).

* 5.8 província de Judá. Judá era uma província do império

persa, e não um estado político independente.

a obra se vai fazendo com diligência. Esse trabalho de reconstrução prosperava graças aos cuidados de Deus (v. 5), à pregação dos profetas (vs. 1,2) e à liderança de Zorobabel e Jesua (v. 2).

* 5.9 Quem vos deu ordem. A pergunta destaca a ausência de

independência de Judá.

* 5.11-16 A resposta dos líderes judeus às perguntas dos oficiais

persas (vs. 3,4) é incluída na carta mandada a Dario.

* 5.11 Deus dos céus e da terra. Essa era uma forma mais completa

do título freqüente, "Deus dos céus” (1.2, nota).

um grande rei de Israel. Salomão havia construído o templo original nos anos de 966—959 a.C. (1Rs 6.1,38).

* 5.12 ele os entregou nas mãos. Deus entregara Israel nas mãos de Nabucodonosor a fim de puni-los por terem quebrado o pacto. Aqueles que confiam em Cristo estão a salvo da justa ira de Deus (1Jo 4.17,18), porque Deus entregou Cristo nas mãos de homens ímpios, e Cristo sofreu a ira de Deus em favor dos eleitos (Mc 9.31; Lc 9.44; 24.7; Rm 8.32).

o caldeu. Os caldeus viviam no sul da Mesopotâmia e estabeleceram o império neo-babilônico ao derrotarem os assírios em 612 a.C. O novo império continuou até ser derrubado pelos persas, em 539 a.C.

* 5.13 deu ordem. Eis a resposta, no nível humano, à pergunta feita em 5.3.

* 5.14 Sesbazar. Ver nota em 1.8.

* 5.16 daí para cá, se está edificando. O trabalho não foi feito de modo contínuo, mas houve uma interrupção de cerca de dezessete anos (4.24, nota).

* 5.17 que se busque. Esta é a segunda referência a uma busca nos arquivos, sublinhando o tema do poder dos documentos escritos (Introdução: Características e Temas). A primeira busca (4.15) tinha feito parar a construção da muralha. A segunda busca resultaria no templo ser completado.

* 6.1,2 Dario respondeu ao pedido de Tatenai. A busca começou

nos tesouros da Babilônia, mas o decreto foi achado em Acmeta (Ecbátana, ver referência lateral), uma cidade a mais de 480 km a nordeste de Babilônia, sendo, provavelmente, a cidade de onde Ciro

expedira o decreto.

* 6.3-5 Essa cópia do decreto difere um tanto da versão de 1.2-4. Exemplificando, o nome de Deus ("Senhor") não foi usado. A cópia em 1.2-4 foi o que os arautos proclamaram aos judeus, enquanto que essa cópia consiste nas minutas guardadas como um registro oficial.

oposição, foi feita provisão para dar continuidade aos cultos no templo.

* 6.10 orem pela vida do rei. Ver nota em 1.3.

* 6.11 todo homem que alterar este decreto. Era costume proferir uma

maldição contra qualquer um que alterasse um documento oficial (cf. Ap 22.18,19). Em resultado da oposição, ao povo de Deus foi garantido um apoio irrevogável para a construção do templo.

*** 6.13 assim o fizeram pontualmente, segundo decretara o rei Dario.**

Dario tinha ordenado que seu decreto fosse cumprido "com toda a pontualidade" (v. 6.12), e assim aconteceu.

* 6.14 profetizaram... Ageu e Zacarias. A pregação dos profetas

impeliu o povo a começar a trabalhar de novo (5.1,2), até a obra estar terminada.

Deus... Ciro. No hebraico uma mesma palavra foi usada para indicar a ordem de Deus e os decretos dos reis persas. Os decretos soberanos de Deus não negam a responsabilidade humana, mas antes, confirmam-na. A referência a Artaxerxes pode parecer fora de lugar, visto que o templo propriamente dito foi terminado antes dele ter-se tornado rei. Todavia, o templo não foi explicitamente mencionado no texto aramaico do v. 14, pelo que a referência pode ser a uma previsão do término da reconstrução da inteira "casa de Deus", incluindo a comunidade e as muralhas que foram reconstruídas sob a autoridade de Artaxerxes (7.11-26; Ne 2.1,8).

* 6.15 Acabou-se esta casa. A data foi 12 de março de 515 a.C., quatro

anos depois do trabalho ter sido reiniciado (Ag 1.5), vinte anos depois que o trabalho fora iniciado (3.8) e quase exatamente setenta anos depois que o templo de Salomão fora destruído, em 586 a.C.

* 6.16 a dedicação desta Casa de Deus. Com a dedicação do templo,

foi atingido um grande marco. A seção parentética de 4.6-23 já tinha dado uma previsão de tribulações que se aproximavam. A dedicação das muralhas (Ne 12.27) e as reformas finais (Ne 13) completariam a

restauração da comunidade judaica.

* 6.17 ofereceram. Comparativamente, o número de oferendas foi

pequeno, em comparação com o que ocorreu nos dias de Salomão (1Rs 8.62,63). A referência a uma oferta pelo pecado mostra a consciência de pecado e a fé em Deus, que guarda seu amor segundo a aliança (Dt 7.9).

* 6.18 está escrito no livro de Moisés. O texto escrito preceituava os

deveres no templo e assegurava que esses deveres fossem cumpridos. A primeira seção em aramaico de Esdras termina neste versículo.

* 7.1 Passadas estas coisas. Cerca de sessenta anos se

tinham passado entre os eventos do fim do cap. 6 e o começo do cap. 7. A única informação sobre esse período, com base em Esdras e Neemias, diz respeito à oposição nos dias de Assuero (4.6, nota) — os eventos no livro de Ester ocorreram durante esse período (Et 1.1).

Artaxerxes. Artaxerxes I, rei da Pérsia entre 465—424 a.C.

Esdras. A longa introdução de Esdras (vs. 1-10) assinala a importância dele quanto àquilo que se segue. A primeira informação dada acerca de Esdras é sobre seus antepassados. A genealogia dele é plena, mas não completa; a frase "filho de” com freqüência é usada para indicar "descendente". A linhagem de Esdras remonta a Arão, estabelecendo sua autoridade sacerdotal em seus atos subsequentes.

* 7.5 subiu da Babilônia. Nem todos os exilados piedosos

tinham retornado com Sesbazar, em 538 a.C. A família de Esdras não

havia retornado. É provável que Esdras não tivesse ainda nascido ao tempo do primeiro retorno. Ele cresceu na Babilônia, onde vivia a maioria dos exilados.

* 7.6 era escriba versado. No Antigo Testamento, os escribas com

freqüência eram oficiais do governo que escreviam documentos oficiais (4.8, nota; 2Sm 8.17; 1Rs 4.3), administravam tesouros do templo (2Rs 12.10,11; 22.3,4,9; Ne 13.13), serviam como emissários da corte (2Rs 18.18-37) e proviam funções literárias como tomar ditados (Jr 36.32). Esdras tinha autoridade governamental (v. 25), mas sua mais importante qualificação era a

de mestre na lei de Deus (vs. 10,11,14; Ne 8.1-9).

dada pelo SENHOR. A "Lei de Moisés" tem origem divina (2Tm 3.16). A referência aqui pode ser aos primeiros cinco livros da Bíblia.

o rei lhe concedeu tudo quanto lhe pedira. As ações de pessoas responsáveis remontam à atuação de Deus. Esdras pediu e Artaxerxes o atendeu, pois Deus favorecia a Esdras.

* 7.7 subiram... alguns dos filhos. Esdras não subiu sozinho,

mas ele liderava uma segunda leva de exilados que retornavam.

no ano sétimo. Isto é, 458 a.C.

* 7.9 chegou a Jerusalém. A viagem ocorreu durante a

primavera, quando haveria muita água ao longo do caminho. Levou cerca de quatro meses.

a boa mão do seu Deus. O sucesso é aqui atribuído à providência divina.

* 7.10 Porque. O alvo da vinda de Esdras a Jerusalém é dado

agora. Como ouvinte diligente e praticante da Palavra (Tg 1.22), o alvo de Esdras era ensinar a outros a mesma.

* 7.11-26 Uma cópia de uma carta do rei Artaxerxes registra a

comissão real dada a Esdras para que retornasse a Jerusalém e pesquisasse o estado espiritual do povo (v. 14), para que provesse suprimentos para o templo (vs. 15-24) e para que providenciasse a administração da justiça (vs. 25,26).

* 7.11 carta. A carta (vs. 12-26), escrita em aramaico (4.7, nota), dava a Esdras a autoridade para efetuar as reformas registradas nos capítulos que se seguem. A carta pode ter sido escrita por Esdras e então assinada por Artaxerxes, ou Artaxerxes pode ter tido conselheiros judeus que ajudaram a compor a carta, conforme alguns dos detalhes parecem indicar.

* 7.12 rei dos reis. Um título usado pelos monarcas persas para indicar

sua supremacia sobre todos os reis vassalos. Fica implícito no livro de Esdras (1.1, nota) que Deus é o verdadeiro Rei dos reis, e esse fato também é declarado explicitamente em outros trechos das Escrituras (Ap 17.14; 19.16).

escriba. Ver nota no v. 6.

* 7.13 Essa permissão de retornar envolvia todos quantos quisessem

fazê-lo, tal como o fizera o decreto original de Ciro, em 1.3.

* 7.14 para fazeres inquirição. Ao passo que Ciro comissionara os

primeiros a voltarem, para "edificarem" um templo, Artaxerxes comissionou Esdras a inquirir acerca da condição espiritual do povo judeu. Seus esforços ajudariam a reconstruir a comunidade do povo

de Deus, a "casa" de Deus" (Nm 12.7).

* 7.15-17 O conhecimento de Artaxerxes quanto a detalhes do culto dos israelitas indica que Esdras ou conselheiros judeus escreveram pessoalmente a carta, ou, pelo menos, ajudaram na escrita da mesma (1.2-4, nota).

* 7.18 a vontade do vosso Deus. A conformidade à vontade de Deus é

um dos grandes temas do resto deste livro.

* 7.20 E tudo mais que for necessário. A generosidade de Artaxerxes

foi idêntica à de Dario (6.9).

*** 7.23 para que haveria grande ira. Ver nota em 1.3.**

* 7.25 O papel de Esdras era duplo: exercer autoridade governamental e

ensinar a lei de Deus (7.6, nota).

o povo que está dalém do Eufrates. Essas palavras apontam para os judeus que tinham retornado a Judá e a Jerusalém.

* 7.26 a lei do teu Deus e a lei do rei. **As duas leis não eram idênticas.**

A distinção entre a lei religiosa e a lei civil era mais importante para os judeus no exílio, que viviam sob uma autoridade civil estrangeira, do que durante a monarquia, quando o estado era da mesma religião que o povo judeu. A segunda seção aramaica de Esdras termina com este versículo.

seja condenado. **Ao próprio Esdras não foi dada a autoridade de**

punir, neste versículo; os "príncipes" e os "anciãos" é que exerciam essa autoridade, segundo se vê em 10.8.

*

7.27 moveu o coração do rei. **As ações de Artaxer**

aos atos soberanos de Deus.

*

7.28 estendeu... sua misericórdia. **Aqui, "misericórdia"**

palavra hebraica *hesed,* **que se refere à lealdade de Deus ao pacto. A mesma palavra ocorre em 9.9. O favor de Artaxerxes para com Esdras devia-se à lealdade de Deus para com o seu povo, segundo a aliança.**

para mim**. Esta é a primeira referência a Esdras na primeira pessoa, que marca o começo das "Memórias" de Esdras (Introdução: Características e Temas).**

a boa mão do SENHOR. **A consciência que Esdras tinha do controle providencial de Deus foi uma fonte de encorajamento para as tarefas que havia à sua frente.**

* 8.1-
14 **Nem todos os exilados retornaram em resposta a**

de Ciro, em 538 a.C. Um segundo grupo, significativamente menor, retornou com Esdras cerca de oitenta anos após o primeiro retorno.

* 8.15 nenhum dos filhos de Levi. **Esdras queria mais levitas para**

servirem no templo (v. 17), e, talvez, para ajudarem nos sacrifícios mencionados no v. 35. Talvez ele também quisesse levitas para fazerem parte da caravana para a Terra Prometida, tal

como tinham feito ao tempo do Êxodo do Egito, e no primeiro retorno da Babilônia (1.2, nota).

* 8.16 enviei. Esdras selecionou um grupo de homens influentes para

persuadir alguns levitas a retornarem em sua companhia.

* 8.17 chefe em Casifia. A localização desse lugar não é certa, mas

poderia ser Ctesifonte, no rio Tigre, ao norte de Babilônia. Visto que antes (Dt 12.5; Jr 7.2,3) e depois "o lugar" se refere a algum lugar santo, parece que Casifia era o local de um santuário. Havia um santuário judaico em Elefantina, no Egito, nesse mesmo tempo. Os levitas estariam concentrados em tal santuário, o que explica por que Esdras enviou a delegação a Casifia. Ido seria o líder nesse santuário.

* 8.18-20 a boa mão de Deus. Esdras não se cansava de atribuir o

seu sucesso ao controle providencial de Deus (7.6, nota). Trinta e oito levitas foram persuadidos a retornar, juntamente com três líderes levíticos importantes e duzentos e vinte servos do templo ("Nethinim"). Tal como o Senhor tinha impelido os espíritos de Ciro (1.1) e dos primeiros judeus que regressaram (1.5), e de Artaxerxes (7.27), assim também ele impeliu aqueles levitas a aceitarem a chamada de Esdras.

* 8.21 um jejum. O jejum é um aspecto de "nos humilharmos" com o

propósito de pedir alguma coisa da parte de Deus (2Cr 20.3).

pedirmos jornada feliz. Segurança contra os bandidos, entre outros perigos, está aqui em vista (v. 31).

* 8.22 tive vergonha. Esdras tinha testificado do controle providencial

de Deus, não somente diante dos santos, mas também diante de Artaxerxes. Teria sido incoerente com esse testemunho solicitar uma escolta militar. Ver nota em Ne 2.7-9 quanto a um contraste entre Esdras e Neemias quanto a esse ponto.

* 8.23 ele nos atendeu. Não ali mesmo, por meio de palavras, mas

através da jornada inteira, mediante as ações divinas (vs. 31,32).

* 8.24 doze. Doze sacerdotes e doze levitas, talvez representando o

Israel inteiro (cf. v. 35).

* 8.25 ofereceram o rei. A contribuição total, alistada no v. 26, é

enorme, de tal modo que os críticos têm duvidado da autenticidade da lista. Todavia, os reis persas eram conhecidos por suas grandes riquezas e generosidade para com as religiões de povos conquistados. Também havia famílias judaicas ricas na Babilônia, naquele tempo.

* 8.28 sois santos ao SENHOR. A santidade é um dos atributos divinos

(Lv 19.2), e, por extensão, um atributo de qualquer pessoa ou de qualquer coisa a ele pertencente, especialmente sacerdotes (Lv 21.6) levitas (Nm 3.1113, onde "santificados" significa dedicados a Deus) e artigos do templo (Êx 30.22-29). A ordem estrita de Esdras originou-se da ameaça espiritual que o contato com o profano representava para o santo.

* 8.31 no dia doze. De acordo com 7.9, a partida deu-se no

primeiro dia.

A diferença deve-se ao atraso sofrido a fim de encontrar os levitas necessários.

livrou-nos. Uma vez mais, Esdras atribuiu seu sucesso ao controle providencial de Deus. O jejum e a oração para que houvesse uma jornada segura foi respondida com a chegada das pessoas e das possessões em Jerusalém (vs. 21,32).

* 8.32 repousamos ali três dias. Compare o descanso similar ao de

Neemias, em Ne 2.11 (cf. Js 3.2).

* 8.35 ofereceram holocaustos. Tal como as provisões tinham sido

feitas (7.17), assim também os sacrifícios foram oferecidos. Isso é um quadro de êxito completo.

* 9.1 Acabadas, pois, estas coisas. Ou seja, quatro e meio meses após a chegada (7.9; 10.9).

vieram ter comigo os príncipes. Esdras tinha chegado a fim de ensinar a lei (7.10, nota), e agora alguns dos líderes vinham a ele dar-lhe notícia de certos pecados. Possivelmente estavam reagindo ao seu ensino.

não se separaram. A questão em pauta era a diferença religiosa, e não racial, conforme os versículos seguintes o indicam (vs. 10-12; 4.3, nota).

dos povos de outras terras. Dos alistados, somente os amonitas, os moabitas e os egípcios estavam presentes nos dias de Esdras. Os outros estavam na terra durante a conquista por parte de Josué, e a menção dos mesmos pode ter levado à mente as proibições originais contra os casamentos mistos (Êx 34.1016; Dt 7.1-4).

* 9.2 se misturou a linhagem santa. O problema não era o

casamento misto entre diferentes grupos étnicos, mas a mistura entre os santificados, mediante a aliança com o Senhor, e aqueles que estavam fora dessa aliança, e, portanto, imundos (8.28,29, nota; 9.11,12, nota).

os príncipes. Nem todos os líderes conduziram o povo ao pecado, pois alguns deles procuravam conduzi-los à reforma.

*** 9.3 rasguei as minhas vestes e o meu manto. Esse ato era**

uma maneira típica de expressar tristeza (2Sm 13.19).

arranquei os cabelos da cabeça e da barba. Esse ato era incomum. Alguns anos mais tarde, Neemias encontraria o mesmo pecado, mas ao invés de puxar seus próprios cabelos, puxou os cabelos dos culpados (Ne 13.25).

*** 9.4 todos os que tremiam das palavras. Havia um grupo que**

não se misturara por casamentos mistos, mas que, temendo ao Senhor, tinham observado a sua lei (cf. Is 66.2).

sacrifício da tarde. Cerca do meio-dia, um horário tanto de oração quanto de sacrifícios (Sl 141.2).

* 9.5 me pus de joelhos, estendi as mãos. Ver 1 Rs 8.54. O ato

de ajoelhar-se exprime humildade diante do Senhor majestoso (Sl 95.6), e estender as mãos comumente acompanha as petições (Sl 28.2).

* 9.6 confuso e envergonhado. Antes, Esdras se envergonhara

de pedir proteção para Artaxerxes na viagem de retorno (8.22). Agora

a sua vergonha era de tipo diferente, uma vergonha unida à culpa que resulta do pecado.

nossas iniqüidades... nossa culpa. Esdras estava agudamente cônscio do pecado e da culpa do povo perante Deus. Note-se também a mudança repentina do "meu" para o "nosso". Embora Esdras não fosse culpado de ter-se casado com alguma mulher pagã, ele se identificou com o povo em seu pecado, tal como fez o Servo Sofredor de Isaías (Is 53.12; 2Co 5.21).

* 9.7 Desde os dias de nossos pais. Havia um senso de

solidariedade coletiva e de responsabilidade mútua que atravessava as gerações.

* 9.8 por breve momento. Estava em perigo a situação dos que

tinham retornado do exílio como recebedores do favor divino.

a graça da parte do SENHOR... para nos deixar alguns. A justiça requeria o fim absoluto do povo de Deus, mas a graça preservou um remanescente. Através desse remanescente o Messias viria e a redenção seria realizada.

para dar-nos estabilidade. Lit. "para dar-nos uma estaca". As tendas eram levantadas por meio de uma "estaca", que a mantinha de pé (Jz 4.21), ou por meio de um prego que segura objetos pendurados no mesmo (Is 22.23-25). O Senhor tinha dado a Israel um lugar em seu templo, como se fora a estaca de

uma tenda, e fizera de Esdras alguém em quem se podia confiar com as cargas.

nos alumiar os olhos. Uma expressão idiomática que indica aumento de vigor (Sl 13.3).

* 9.9 somos servos. Embora restaurados à sua terra, o povo de

Deus não era politicamente independente, conforme tinha sido durante a monarquia (4.19-23, nota).

não nos desamparou o nosso Deus. A promessa de Deus de que não

desampararia a nação de Israel era, em seu aspecto externo e tipológico, condicional (10.5, nota). Se Israel se esquecesse de Deus e da aliança, desconsiderando a lei, ela perderia as bênçãos e experimentaria as maldições de Deus (Dt 28.20. 29.24,25; 31.16,17). Mesmo assim, Deus jamais desampararia totalmente a Israel, por meio de quem o Cristo viria ao mundo. Ver Lv 26.44,45; Sl 89.30-37; Is 54.7; Rm 11.

os reis da Pérsia. Especificamente, Ciro (550—530 a.C.), que expediu o decreto do retorno; Dario (522—486 a.C.), que confirmou o decreto, e Artaxerxes (465—424 a.C.), que comissionou Esdras para ensinar o povo de Israel.

um muro de segurança em Judá e em Jerusalém. Essa frase não se refere às muralhas edificadas posteriormente por Neemias, mas é antes uma figura que representa a proteção dada aos exilados retornados (note a outra linguagem figurada no v. 8, e que a muralha de Neemias não foi construída ao redor de todo o território de Judá).

* 9.10 deixamos os teus mandamentos. Deixar os mandamentos de

Deus significa que as maldições do pacto podiam sobrevir ao povo de Israel a qualquer momento (v. 9, nota sobre "não nos desamparou o nosso Deus").

* 9.11 ordenaste... dizendo. Moisés era o profeta que dera inicialmente

o mandamento (Dt 7.1-3). As palavras não são a citação de um texto isolado, mas um resumo da teologia da separação, que leva em conta numerosos textos, como Lv 18.25; Dt 4.5; 7.3; 18.9; 27.3; 2Rs 21.16.

A separação não era étnica ou racial, mas religiosa. Os casamentos mistos com pessoas de fora da aliança introduziriam uma tentação insuportável para corromper ou abandonar o culto ao Deus vivo e verdadeiro (cf. Dt 7.3,4; Jz 14.1-4; 1Rs 11.1-4; 2Co 6.14).

*** 9.13 menos do que merecem as nossas iniqüidades ... restante**

que escapou. A restauração fora feita à base da graça divina e da promessa da aliança com Abraão (Dt 4.25-31). Assim também se dera com a entrada inicial na Terra Prometida (Dt 9.5).

* 9.14 até não haver restante. Esdras temia que a quebra atual do

pacto poderia resultar em um juízo final. Embora o juízo divino sobreviesse mais tarde à nação (Lc 20.9-19), mesmo assim haveria um remanescente segundo a graça (Rm 11.1 -5).

* 9.15 A conclusão de Esdras era que mesmo agora o povo vivia

somente por causa da graça de Deus.

* 10.1 Esdras orava... chorando. Outros líderes tinham marcado o

passo para o pecado (9.2). Agora Esdras marcava o passo para o arrependimento, não exortando o povo a lamentar-se, mas lamentando-se ele mesmo.

* 10.2 A confissão de Esdras, em 9.13,14 tornou-se a confissão do povo

através de um de seus líderes, Secanias.

ainda há esperança. Secanias encorajou a Esdras, dizendo-lhe que nem tudo estava perdido.

* 10.3 façamos aliança. Não se tratava de uma aliança

inteiramente

nova, mas da renovação da aliança com Moisés em termos de um juramento

(v. 5), de que guardariam a estipulação referente aos casamentos mistos (Dt 7.3; cf. Jr 34.8-22 quanto a outra renovação similar do pacto).

despediremos. Não temos aqui o vocabulário usual dos hebreus quanto ao divórcio, e é usado somente aqui para se despedir uma esposa. A expressão hebraica no v. 2, "casando com mulheres", não é a frase usual para indicar casamento, e é usada da mesma maneira somente em Ne 13, em uma situação análoga. A escolha da linguagem, por parte do autor, parece indicar que ele não considerava as uniões como casamentos legítimos, e nem a despedida das mulheres como um divórcio propriamente dito.

segundo a lei. A lei não provia explicitamente para essa situação exata. A frase pode indicar o envio para longe, de uma mulher com seus filhos, algumas provisões (Gn 21.14) e certos direitos legais (Dt 21.10-14).

* 10.5 Esdras se levantou. Esdras reagiu bem ao encorajamento de

Secanias, e pôs em prática o seu conselho.

e todo o Israel... E eles juraram. A aliança foi condicional, conforme o indica o juramento feito pelos israelitas, e não pelo Senhor (9.9, nota; Jr 34.8-22).

* 10.6 na câmara. Localizada no templo.

não comeu pão, nem bebeu água. Um jejum total era raro (Dt 9.18). O jejum indica que Esdras não pensava que os exilados eram imunes às punições próprias do pacto, somente à base de um juramento.

* 10.8 em três dias. Três dias era tempo suficiente para qualquer um

que quisesse viajar até Jerusalém, devido ao território reduzido de Judá.

seriam totalmente destruídos, e ele mesmo separado. O não atendimento teria resultado na perda das propriedades e na excomunhão (7.26).

* 10.9 Judá e Benjamim. Ver nota em 1.5.

no dia vinte do nono mês. Corria o mês de dezembro, na estação fria e chuvosa. Jerusalém é mais fria do que a maior parte do interior do país ao redor, e as chuvas, na região da cidade, se concentravam mais do que nos climas temperados.

todo o povo. O povo de Israel como um todo atendeu à proclamação.

tremendo por causa desta coisa. A aflição de Esdras se havia espalhado entre a população (v. 1, nota).

* 10.11 fazei confissão. Lit., "dai graças e louvai". Quando uma pessoa confessa o seu pecado e confia na misericórdia de Deus, Deus está sendo louvado. O Salmo 103 "bendiz" a Deus, confessando quem Deus é e o que ele tem feito.

fazei o que é do seu agrado. A confissão deve resultar no arrependimento (v. 6, nota).

separai-vos. Ver nota em 9.11,12.

* 10.12 Respondeu toda a congregação. Não somente todos os homens se tinham reunido e expressado sua aflição (v. 9), mas também concordaram com Esdras quanto ao pecado e à culpa deles.

* 10.13 Porém. Não se tratava de uma tentativa de escapar

da responsabilidade de se arrepender, mas de uma expressão de preocupação genuína de que o arrependimento fosse posto em prática.

* 10.15 se opuseram. Provavelmente opuseram-se ao adiamento, embora a oposição pode ter sido à despedida das mulheres estrangeiras.

* 10.18-44 Com base nessa lista dos culpados de terem contraído casamentos mistos, é evidente que o indivíduo que tivesse pecado não poderia

encontrar abrigo na comunidade mais lata (Dt 29.19-21). Mas para aqueles que se valem dos sacrifícios providos por Deus, sempre haverá perdão (v. 19).

Neemias

* 1.1 As palavras de. Essa frase introdutória não quer dizer que o

livro de Neemias fosse, originalmente, um livro distinto. Pode indicar o começo dos registros pessoais ou memórias de Neemias (Introdução: Autor)

Neemias. Esse nome significa "o Senhor tem confortado".

mês de quisleu... no ano vigésimo. Novembro-dezembro de 446 a.C., o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes I (2.1; Ed 7.1).

Susã. Essa cidade era uma residência de inverno dos reis da Pérsia (Et 1.2, nota).

* 1.2 Hanani. Uma forma abreviada de Hananias, que significa "o

Senhor é gracioso". Um certo Hananias, que era chefe dos negócios judaicos, é mencionado nos papiros de Elefantina, e alguns acreditam que esse fosse irmão de Neemias (7.2).

* 1.3 as suas portas queimadas a fogo. Talvez essa destruição

fosse o resultado dos eventos registrados em Ed 4.7-23, mas a referência às "portas" torna mais provável a destruição feita por Nabucodonosor em 586 a.C.

* 1.4 jejuando e orando. O jejum é aqui ligado às lamentações

(1Sm 31.13), e a fazer um pedido a Deus (Ed 8.21, nota). Neemias era homem de oração (2.4; 4.4,9; 5.19; 6.9,14; 13.14,22,29,31).

o Deus dos céus. Ver as notas em Ed 1.2; Dn 4.37.

* 1.5 Neste discurso, Neemias considerou tanto a transcendência

quanto a imanência de Deus. O verdadeiro Deus não somente está muito acima de seu povo, como é o Deus dos céus (v.4, nota); Ele também está perto do seu povo, como o Deus da Aliança (Dt 4.7).

a misericórdia. Ver a nota em Ed 7.28.

* 1.6 hoje faço... dia e noite. A referência é à oração de um dia

específico (v. 11), após quatro meses de oração e jejum (1.4; 2.1, nota). "Dia e noite", aqui usado, significa "continuamente" (Js 1.8; Sl 1.2).

*1.7 A aliança feita com Moisés era condicional; o Senhor guardaria

as suas promessas e Israel obedeceria os seus mandamentos divinos (v. 5). Israel falhou, não obedecendo os mandamentos de Deus, e o resultado foi o exílio (Ed 9.9, nota).

* 1.8 Lembra-te. Uma petição comum (Dt 9.27; Sl 132.1; Jr 14.21),

particularmente no livro de Neemias (5.19; 6.14; 13.14,22,29,31).

* 1.9 De lá os ajuntarei. A aliança feita com Moisés prometia a

restauração de um remanescente, após o exílio (Dt 30.1-5), com base na aliança feita com Abraão (Dt 4.25-31).

fazer habitar o meu nome. O nome de Deus simboliza o próprio Deus, conforme ele se revela ao seu povo. Um lugar para seu nome habitar é um lugar para ele estar com seu povo e receber a adoração (Dt 12.5, nota).

* 1.10 resgataste. A referência é ao êxodo (Êx 32.11; Mq 6.4).

* 1.11 que se agradam de temer o teu nome. O temor a Deus é a

resposta correta diante da auto-revelação de Deus. Temer a Deus é conhecê-lo (Pv 9.10), confiar nele (Sl 34.11,22), obedecer a ele (Pv 8.13), e mostrar-lhe

reverencia.

este homem. Artaxerxes I.

copeiro. Um membro da corte real, cuja responsabilidade era escolher o vinho (2.1) e salvaguardá-lo de qualquer veneno. O acesso que o copeiro tinha ao rei resultava em prestígio e influência na corte.

* 2.1 nisã... ano vigésimo. A data era março-abril de 445 a.C., quatro

meses depois que Neemias recebeu o relatório sobre Jerusalém. O ano novo persa, ou outro feriado, pode estar indicado mediante o uso do vinho (cf. 1.11, nota).

rei Artaxerxes. Ver a nota em Ed 4.7.

* 2.2 temi sobremaneira. Neemias temeu a ira do rei (Pv 16.14), por estar

ele triste em uma ocasião festiva, ou porque estava prestes a pedir do rei que revertesse uma decisão anterior (Ed 4.21). Neemias também

pode ter temido que lhe fosse recusada a permissão que ele buscava obter.

* 2.5 para que eu a reedifique. Reedificar a cidade era um dos

aspectos de reedificar a "casa de Deus" (cf. Nm 12.7), um dos grandes temas nos livros de Esdras e Neemias (Introdução a Esdras: Características e Temas). É também o enfoque de Ne 1.1—7.3.

*** 2.6 Quanto durará... marquei certo prazo. Pode parecer**

duvidoso que Neemias tenha requerido a ausência de doze anos, presumida em 5.14, mas seu pedido para reconstruir sua residência pessoal (v.8), parece indicar que mais que uma breve ausência estava em foco desde o começo.

* 2.7 E ainda disse. Neemias fez agora seus pedidos específicos.

cartas. As duas referências a cartas, nos vs.7 e 8, fazem parte de um grande tema dos livros de Esdras e Neemias: a palavra escrita é um instrumento eficaz, usado por Deus, para cumprir seu propósito remidor (Introdução a Esdras: Características e Temas).

* 2.8 madeira para as vigas das portas. O escopo do projeto de

construção torna-se claro: fortaleza, muralhas, residência do governador.

a boa mão do meu Deus. Neemias atuou como um agente humano responsável ao fazer o pedido, mas o sucesso vinha do beneplácito soberano de Deus (Ed 7.6). Esse tema expressa a mensagem abrangente dos livros de Esdras e Neemias (Introdução a Esdras: Características e Temas).

* 2.10 Sambalá. Um nome babilônico que significa "Sin (o deus lua) dá vida". Sambalá e seus descendentes serviram por mais de um

século como governadores de Samaria, a área ao norte de Judá. De alguma maneira, ele pode ter adorado ao Deus de Israel (2Rs 17.24-41), visto que os nomes de seus filhos, Delias e Selemias, terminam com uma forma abreviada de "Yahweh".

Tobias. Provavelmente governador de Amom, a leste de Judá. O nome significa "o Senhor é bom", indicando que ele, por semelhante modo, pode ter adorado o Deus de Israel (6.17,18; 13.4).

ficaram sabendo. Referências ao fato que os inimigos "ficaram sabendo" pontuarão o resto de 1.1-7.3, como um refrão (v. 19; 4.1,7; 15.6,1,16). O conflito foi-se aumentando até ser resolvido em 6.16.

muito lhes desagradou. A oposição teve um aspecto político, mas em suas raízes era um movimento religioso (v. 20; Ed 4.13, notas).

* 2.11-18 Pouco depois de retornar a Jerusalém, Neemias conduziu uma

inspeção noturna das muralhas e, consciente da bênção de Deus, aconselhou os oficiais da cidade a reconstruírem essas muralhas.

* 2.11-16 A espera de três dias de Neemias, depois de haver chegado

em Jerusalém, convida-nos a fazer uma comparação com Esdras (Ed 8.32).

Esdras agiu publicamente, e Neemias secretamente (o fato que Neemias não havia declarado nada a ninguém é enfatizado no v.12; cf. v.16).

* 2.17 assolada. A cidade estivera arruinada por quase cento e cinqüenta

anos (1.3, nota). Uma tentativa anterior de reconstruir as suas muralhas fora frustrada (Ed 4.7-23). A presença de Neemias alteraria

tudo isso.

reedifiquemos os muros. Ver a nota no v.5.

* 2.18 e também as palavras que o rei. O conhecimento que Neemias

tinha da soberania de Deus como a fonte final de seus planos não excluía as ações do rei, providencialmente ordenadas (v.8, nota).

disponhamo-nos. A iniciativa de Neemias encontrou o apoio de todo o coração da parte dos líderes de Judá, mas agora o leitor já sabe que essa reação, por igual modo, foi governada pelo propósito divino (Ed 1.5, nota).

* 2.19 Sambalá... Tobias. Ver o v. 10 e nota.

Gesém, o arábio. Este terceiro oponente de Neemias provavelmente era um chefe árabe que controlava a área sul de Judá. Neemias é retratado como virtualmente cercado por inimigos: Sambalá ao norte, Tobias a leste e Gesém ao sul (4,7,8, nota).

* 2.20 o Deus dos céus. Ver a nota em 1.4.

bom êxito. Neemias havia pedido sucesso da parte de Deus, em 1.11. Agora ele expressava a confiança de que a soberania de Deus daria o êxito ao povo de Israel.

não tendes parte. Quanto a esse exclusivismo religioso, ver a nota em Ed 4.3.

* 3.1-32 Este capítulo sublinha um importante tema dos livros de Esdras e Neemias: o povo de Deus como um todo, e não somente os líderes, são vitais para a realização do propósito divino da redenção. O povo de Deus inteiro trabalhou em conjunto para reconstruir as muralhas: clero e corpo laico, artífices e negociantes, por aldeias e por famílias, cada grupo contribuiu para o todo

ser completado (cf. Ef 4.16).

* 3.1. Eliasibe. Ele era neto de Jesua, o sumo sacerdote dos dias de

Zorobabel.

a Porta das Ovelhas. Esse portão ficava na esquina nordeste da cidade (cf. Jo 5.2). A descrição dos versículos que seguem move-se no sentido horário até que a Porta das Ovelhas é mencionada de novo, no v.32.

Torre dos Cem. Essa torre ficaria em algum ponto do lado norte, o lado com as mais pobres defesas naturais.

Torre de Hananeel. Uma torre que havia no lado norte.

* 3.3 Porta do Peixe. Um dos principais portões do lado norte da

cidade (2Cr 33.14; Sf 1.10), era, provavelmente, o portão usado pelos mercadores (cf. 13.16).

*** 3.5 seus nobres, porém, não se sujeitaram. Embora o texto**

apresente um notável quadro de unanimidade, também observa, realisticamente, que nem todo o povo de Deus esteve em harmonia com o que o Senhor estava fazendo através de Neemias.

* 3.6 Porta Velha. Um portão na esquina noroeste da cidade.

* 3.8 Muro Largo. Uma muralha no lado oeste da metade norte da

cidade.

* 3.10 defronte de sua casa. É igualmente provável que outros, tais como Jedaia, tivessem trabalhado em seções próximas de suas residências.

* 3.11 Torre dos Fornos. Uma torre no lado oeste da cidade, talvez no meio da seção.

* 3.12 ele e suas filhas. Essa frase é um extraordinário testemunho da dedicação da comunidade inteira à tarefa da reconstrução (5.1, nota; 12.43, nota).

* 3.13 Porta do Vale. Na esquina sudoeste da cidade, defronte do vale de Hinom.

* 3.15 Porta da Fonte. Na esquina sudeste da cidade, de frente para o vale do Cedrom.

Cidade de Davi. Embora destroçada, a seção continuava sendo a cidade que Davi havia estabelecido para ser a capital política e religiosa da teocracia. Havia continuidade entre as gerações passadas e a presente (Ed 2.1-70, nota).

* 3.26 Ofel. Usualmente, esse lugar tem sido localizado ao sul do monte do templo, mas mais provavelmente incluía também a parte sul

da cidade, abaixo da Porta das Águas.

Porta das Águas. A cerca de meio caminho subindo pelo lado leste da cidade, esse portão dava a frente para o vale do Cedrom e para a principal fonte de água, a fonte de Giom.

* 3.28 Porta dos Cavalos. No lado nordeste da cidade.

* 3.29 Porta Oriental. Exatamente ao norte da Porta dos Cavalos.

* 3.31 Porta da Guarda. Entre a Porta Oriental e a Porta das Ovelhas.

* 3.32 Porta das Ovelhas. A descrição que segue o sentido horário termina seu circuito (v.1, nota).

* 4.1-3 Tendo Sambalá ouvido. O conflito entre Israel e seus governantes gentios ia-se avolumando (2.10, nota). O intuito da zombaria era fazer parar o trabalho.

* 4.4,5 Esta é a primeira de três orações imprecatórias (6.14; 13.29). Uma oração imprecatória é aquela que amaldiçoa um inimigo (p.ex., Sl 79.12; 94.1-3; 137.7-9). Ver Introdução aos Salmos: "As Maldições dos Salmos".

* 4.7 Mas ouvindo Sambalá. Mais um grupo, os asdoditas, é

acrescentado à lista dos inimigos. Neemias estava agora completamente cercado pelos inimigos, visto que Asdode ficava na planície da Filístia, para seu lado oeste (2.19, nota).

* 4.10 Então, disse Judá. Um termo coletivo é aqui usado, enfatizando que o desencorajamento se tinha generalizado.

Já desfaleceram as forças... o muro. Talvez essas duas linhas fossem entoadas

pelo povo. Parte da razão do desencorajamento era que o trabalho

era difícil.

* 4.12 dez vezes nos disseram. Dez é um número simbólico de algo

completo. O temor da violência estava crescendo na mente do povo.

* 4.13 então pus o povo. A primeira providência de Neemias foi estacionar

guardas adicionais nos pontos mais vulneráveis. A tensão continuou a elevar-se, quando o povo de Judá pegou em armas pela primeira vez.

* 4.14 grande e temível. Ver "A Grandeza de Deus", em 1Cr 29.11.

* 4.15 Deus tinha frustrado os desígnios deles. Em Ed 4.5,24 os inimigos

tinham frustrado o plano para a construção do templo; agora Deus retribuía à altura, frustrando os planos deles de pararem a edificação.

voltamos todos nós ao muro. Neemias reagiu com êxito à maré de desencorajamento, adicionando guardas e exortando o povo.

* 4.16 lanças... couraças. Os armamentos, mencionados pela primeira vez

no v.13, são suplementados aqui com escudos e couraças.

* 4.17 os carregadores... a arma. Os carregadores tinham uma das mãos

livres para carregar uma arma, que podia ser não mais do que uma pedra, para ser lançada.

*** 4.18 Os edificadores cada um trazia a sua espada. Os**

edificadores

precisavam ter as duas mãos livres para o serviço, pelo que traziam uma espada à cinta.

a trombeta. A trombeta, ou *shofar,* tinha inúmeras funções no Antigo Testamento. Aqui, como em Jz 3.27, a trombeta servia para dar ordens militares às tropas.

* 4.21 até ao sair das estrelas. Isso nos mostra quão grande era a dedicação deles, visto que o trabalho usualmente terminava ao pôr-do-sol.

* 5.1-13 Esta seção deixa de lado o tema principal de oposição por parte de pessoas de fora, a fim de considerar as dificuldades que surgiram pelo lado de dentro. As causas prováveis citadas das pressões econômicas eram que Judá estava impedido de comerciar com os vizinhos; os agricultures abandonavam os seus campos, porque tinham que permanecer em Jerusalém (4.22); havia fome (v.3); e administradores anteriores tinham sobrecarregado o povo (v.15). Os tempos andavam tão ruins que crianças eram vendidas como escravas, casas e vinhas eram hipotecadas e dinheiro era emprestado a juros. O que Neemias observou para seu espanto era que não estrangeiros, mas os próprios israelitas estavam impondo essas medidas intoleráveis.

* 5.1 e de suas mulheres. Visto que as mulheres desempenharam

um papel secundário nos livros de Esdras e Neemias, a menção a elas enfatiza quão severa era a crise (3.12, nota; 12.43, nota).

* 5.3 nesta fome. As fomes, com freqüência, eram sinais do juízo

de Deus (Dt 11.16,17; 1Cr 21.12; Ag 1.7-11). Talvez essa fome fosse causada pelo juízo divino contra os líderes, por não estarem agindo certo.

* 5.5 para serem escravos. De acordo com Lv 25.39-43, um

homem que empobrecesse podia vender, a si mesmo e a seus familiares, a um outro israelita, a fim de firmar os pés financeiramente; e deveria então ser tratado como um trabalhador contratado, e não como um escravo. O erro, nos dias de Neemias, parece ter sido duplo: (a) somente as crianças estavam sendo vendidas, resultando no rompimento da unidade das famílias; (b) as crianças estavam sendo tratadas como escravos, e não como trabalhadores contratados.

* 5.7 repreendi os nobres. Um passo ousado por parte de Neemias.

usurários. A lei proibia não somente a usura, mas também a cobrança de juros de qualquer espécie (Êx 22.25-27; Lv 25.35-37; Dt 23.20).

*** 5.10 Também eu, meus irmãos e meus moços. Parece que Neemias**

chegou a emprestar dinheiro a juros. Ele incluiu a si mesmo na chamada ao arrependimento.

* 5.11 do trigo, do vinho e do azeite. Essa tríada familiar segue a ordem

da colheita agrícola: amadureciam primeiramente os grãos, depois as uvas, e, finalmente, as azeitonas.

* 5.12 e os fiz jurar. Esse ato foi uma renovação de seu compromisso de

que guardariam a lei de Moisés acerca dos empréstimos e da escravidão por causa de dívidas. Ver a nota teológica "Linguagem, Juramentos e Votos Honestos", índice.

* 5.13 sacudi o meu regaço. Nesta renovação da aliança,

dramatizou as maldições contra quem não cumprisse o juramento (cf. Jr 34.8-22).

* 5.14 Vigésimo ano... trigésimo-segundo ano. De 445 a.C. até 433 a.C.

O período de doze anos foi o primeiro mandato de Neemias como governador; depois ele foi chamado de volta à corte persa (13.6,7), e então voltou a Jerusalém para ocupar um segundo mandato como governador, de duração desconhecida.

o pão devido ao governador. Um governador tinha o direito de cobrar impostos para seu sustento pessoal. Neemias abriu mão desse direito visando o benefício do povo (v.18; cf. 1Co 9.4,12; 2Ts 3.8,9).

* 5.15 os primeiros governadores... oprimiram. Sesbazar (Ed 5.14) e

Zorobabel (Ag 1.1) tinham sido governadores anteriores, mas seus mandatos tinham sido quase cem anos antes. Os governadores opressivos tinham sido os antecessores imediatos de Neemias, cujas normas políticas tinham sido prejudiciais (5.1-13, nota).

por causa do temor de Deus. Ver a nota em 1.11.

* 5.16 Neemias aceitou ser governador para servir, e não para obter

vantagens pessoais; esse fora o motivo que ele teve para ir a Judá, em primeiro lugar (2.5).

* 5.17 eram meus hóspedes. De acordo com os costumes persas,

Neemias, como governador, tinha que hospedar os oficiais sob a sua autoridade, como também dignitários visitantes, vindos de outros

países.

* 5.18 para cada dia. O alimento alistado poderia ter alimentado centenas

de pessoas. Neemias era tão generoso quanto rico.

* 5.19 Lembra-te de mim. O segundo uso de "lembra-te" em uma oração

(1.8, nota) e a primeira dentre quatro orações sob a forma de "lembra-te de mim" (13.14,22,31).

* 6.1 Tendo ouvido Sambalá. Essa frase continua a série de frases

semelhantes (2.10, nota) e leva o leitor de volta ao tema principal de Ne 1.1—7.3, do qual o cap. 5 é uma digressão (5.1-13, nota). O conflito que vinha se avolumando atinge aqui o seu clímax, quando as muralhas já estavam virtualmente terminadas. Essa tentativa final de fazer parar o trabalho foi tríplice: prejudicar (vs. 2-4); assustar (vs. 5-9) e lançar Neemias (vs. 10-13) no descrédito.

* 6.2 Ono. Era o extremo noroeste do território de Judá, tão distante

da segurança de Jerusalém como era possível sem se deixar o país.

intentavam fazer-me mal. Uma frase vaga, talvez referindo-se a assassinato (v.10), ou uma alegação posterior de que a viagem de Neemias a Ono era para alistar outras pessoas na revolta contra a Pérsia (v.6).

* 6.3 por que cessaria a obra? Neemias percebeu que o propósito

básico do plano era fazer parar o trabalho de reconstrução das muralhas.

* 6.4 Quatro vezes. Ambos os lados do conflito mostraram-se

persistentes, quando o conflito atingiu o seu clímax.

* 6.5 uma carta aberta. As cartas normalmente eram seladas, mas

Sambalá queria que essa carta fosse pública, na tentativa de fazer parar a obra de reconstrução.

* 6.6,7 A acusação era plausível: as muralhas estavam sendo reconstruídas, Judá tinha antecedentes de rebeliões contra os seus senhores, e Neemias era um líder habilidoso, que tinha paixão por sua terra natal.

* 6.9 fortalece as minhas mãos. Outra das breves orações tão

características de Neemias (1.4, nota).

* 6.10 Semaías. Ele pode ter sido não somente um profeta (v.12), mas também um sacerdote, o que lhe dava acesso ao templo.

Casa de Deus. O ardil final agora se desdobrava. Neemias poderia buscar asilo no átrio do templo (Êx 21.12-14), mas ele não tinha permissão de adentrar o templo propriamente dito, visto que não era um sacerdote (Nm 18.7).

* 6.11 A coragem de Neemias destaca-se novamente (5.7, nota).

* 6.13 para me atemorizar... e me vituperassem. A idéia era fazer Neemias agir como um covarde e um infrator da lei, para que sua reputação ficasse arruinada e ele não pudesse terminar a muralha.

* 6.14 Lembra-te. Este é o terceiro uso do "lembra-te", em uma oração (1.8, nota), bem como a segunda oração imprecatória (4.4,5, nota), visto que o "lembra-te", aqui, visa o julgamento divino.

* 6.15 Acabou-se, pois, o muro. Este versículo, na verdade, forma

a conclusão da seção iniciada no v.1, onde o v.16 abrira o episódio final de Ne 1.1 — 7.3. A última das seis tentativas de fazer parar o trabalho dos judeus também fracassou.

mês de Elul. Agosto-setembro de 445 a.C.

* 6.16—7.3 Embora a oposição à reconstrução das muralhas tivesse cessado quando as mesmas se completaram (v.16), continuaram as tentativas para intimidar a Neemias (6.17-19). Neemias tomou providências para garantir que os portões da cidade não continuassem a sofrer agressões por parte dos inimigos de Israel (7.1-3).

* 6.17-19 O parentesco de Tobias por meio de casamento, com aqueles que trabalhavam nas muralhas, teria provido um canal natural para a transferência de informações aos oponentes de Neemias sobre as circunstâncias em Jerusalém.

* 7.1 assentadas as portas. Isso mostra que agora a muralha

estava terminada (6.1).

*** 7.2 maioral do castelo sobre Jerusalém. Líderes foram**

nomeados para supervisionar a segurança da cidade.

Hananias. Ver a nota em 1.2.

temente a Deus. Ver a nota em 1.11.

* 7.3 até que o sol aqueça. Foram nomeados guardas para dar

segurança aos portões durante a noite. Os portões usualmente eram abertos no alvorecer; esperar até mais tarde era uma medida de segurança em favor da cidade.

* 7.4-73 Neemias prepara-se para satisfazer a necessidade de

repovoar Jerusalém (vs. 4,5), consultando um registro genealógico dos exilados que tinham voltado antes (vs. 5-73).

* 7.5 o meu Deus me pôs no coração. Ver a nota em "mão de

meu Deus", em 2.8.

para registrar as genealogias. O propósito desse registro era ajudar a repovoar Jerusalém, o que se tornará claro quando esse tema for retomado em 11.1,2.

livro da genealogia dos que subiram primeiro. Quanto à significação teológica dessa lista, ver a nota em Ed 2.1-70. A repetição da lista sublinha a continuidade da geração de Neemias com a geração dos primeiros judeus a retornarem.

* 7.73—13.31 A própria comunidade da aliança foi reconstituída quando Israel renovou a sua aliança com Deus (7.73—10.39), dedicou as muralhas da cidade (caps. 11 e 12), e obedeceu a outros aspectos da lei (cap. 13).

* 8.2 perante a congregação. Os participantes (ver também no v.3)

são os mesmos que foram solicitados a se fazerem presentes à leitura da lei, preceituada para a festa dos Tabernáculos, em Dt 31.10-13.

o primeiro dia do sétimo mês. Era o tempo da celebração da Festa das Trombetas (Nm 29.1-6).

* 8.3 leu no livro, diante da praça. Quanto à leitura pública da lei,

no contexto da ratificação da aliança ou de sua renovação, ver Êx 24.7; Js 8.3035; 2Rs 23.1-3.

* 8.5 o livro. Um rolo.

todo o povo se pôs em pé. Ao se levantarem, eles expressaram sua reverência pela lei (cf. o v.6).

* 8.6 Amém! Amém! O povo participou dos louvores oferecidos por

Esdras; a repetição exprime o grau enfático de concordância.

levantando as mãos. O ato de levantar as mãos acompanhava freqüentemente a oração e os louvores a Deus (Sl 28.2; 63.4; 134.2; 1Tm 2.8).

* 8.8 dando explicações. A lei foi não somente lida, mas também

explicada, para garantir que o povo apanhava o seu significado. Também pode ter havido tradução do hebraico para o aramaico. A doutrina da perspicuidade ("clareza") das Escrituras é que as coisas necessárias para a salvação podem ser entendidas pela Bíblia sem técnicas especiais ou sem educação superior. Essa verdade não elimina a necessidade de uma exposição fiel das Escrituras por parte de pessoas treinadas para isso (Ed 7.6-10).

* 8.9 Neemias... Esdras... levitas. Houve unidade entre todos os

líderes, naquela ocasião.

Este dia é consagrado... não pranteeis. A santidade e o pranto não se excluem mutuamente (Lv 23.26-32; Is 6.3-5), mas era claro que, naquela ocasião, a tristeza

ficaria imprópria.

* 8.10 aos que não têm nada preparado. Aqueles que tinham alimentos

em abundância deviam dividi-los com os que nada possuiam (cf. Sl 22.26). Este incidente provê uma ilustração para compreendermos o

pecado envolvido em 1Co 11.17-34.

* 8.14 habitassem em cabanas. Esse plano de moradia temporária fazia

lembrar a vida no deserto, depois que os israelitas foram redimidos do Egito e antes de entrarem na Terra Prometida (Lv 23.42,43).

durante a festa do sétimo mês. A festa dos Tabernáculos (Lv 23.34-40).

* 9.1 se ajuntaram. Em 8.1, o povo se reuniu para ouvir a lei; aqui

todos se reuniram para confessar os seus pecados, com resultado da leitura (v. 3).

* 9.2 dos seus pecados... de seus pais. Ver a nota em Ed 9.7.

* 9.3 lei do SENHOR. A lei requer pelo menos duas respostas:

confissão e adoração.

* 9.5-37 Nesta oração de louvor, os levitas (vs. 4,5) dirigiram-se a Deus em

favor do povo, exaltando-o como Criador (v. 6) e Redentor (vs. 7-12), Legislador e Disciplinador, Salvador e Juiz (vs. 13-31). À base de seu caráter e de sua aliança, eles pediram a Deus para levar em conta a aflição deles (vs. 32-37), em preparação para a sua renovação da aliança (9.38—10.39, e nota).

* 9.7,8 O povo louvou a Deus por ter escolhido a Abraão e por ter-lhe dado a

aliança da promessa (Gn 12—22).

* 9.8 com ele fizeste aliança. Essa aliança com Abraão (Gn 15) é a

base sobre a qual a graça de Deus se ampliou por várias vezes, a seu povo infiel, conforme se destaca no restante desta oração de louvor.

cumpriste as tuas promessas. A promessa divina a Abraão tinha como única condição o juramento do Deus justo (Gn 15.9-21; Dt 9.4-6).

* 9.9-12 Deus é louvado por libertar Israel do Egito (Êx 1—19).

* 9.13-21 Os louvores a Deus continuavam com uma narrativa da

outorga da lei no monte Sinai, bem como as graciosas provisões de Deus no deserto.

* 9.13 o monte Sinai. Ver Êx 20.

juízos retos... mandamentos bons. A lei não era considerada como uma carga pesada, mas como um deleite (Sl 119.5-16; Rm 7.12).

* 9.14 sábado. O dia de sábado era um símbolo-chave da lei (Is 56.2,4,6; Ez 20.13,16,21,24; 22.8; 23.38).

* 9.15 lhes juraste. A referência é ao juramento de Deus a Abraão (Êx 6.8).

* 9.16,17 A primeira confissão de pecados.

* 9.17 levantaram um chefe. Ver Nm 14.1-4. Em contraste com a infidelidade de Israel está a fidelidade de Deus ao seu juramento a Abraão (vs. 8,15; Ed 9.13, nota).

* 9.18 ainda mesmo quando. A graça de Deus brilha ainda mais esplendorosamente quando é justaposta aos pecados de Israel (Rm 9.22-24).

* 9.19-21 Os cuidados contínuos de Deus no deserto não se

deviam à

obediência de Israel, mas à sua própria compaixão, que se originava em sua promessa a Abraão (vs. 7,8).

* 9.22-25 Deus capacitou os israelitas a conquistarem a terra de Canaã,

em consonância com a sua promessa a Abraão (vs. 7,8).

* 9.26-28 Israel reagiu diante da fidelidade de Deus com uma rebelião

desobediente durante os dias dos Juízes. Quanto ao padrão de rebeldia, opressão, petição e salvação, ver Jz 2.10-19.

* 9.28 segundo a tua misericórdia, os livraste muitas vezes. Onde o pecado abundou, a graça superabundou (Rm 5.20).

* 9.29-31 Os louvores a Deus continuaram, com a menção de sua

paciência, durante a monarquia.

* 9.29 pelo cumprimento dos quais o homem viverá. A aliança feita com Moisés oferecia vida em troca da obediência (Lv 18.5; Rm 10.5). Israel, deixando de merecer a vida na terra, testifica sobre a necessidade universal de um Substituto, por meio de quem os requisitos justos da lei possam ser plenamente satisfeitos em favor daqueles que não podem satisfazer as condições por eles mesmos (Rm 8.3,4).

* 9.32 não menosprezes toda a aflição. A petição é que Deus faça de novo o que ele tinha feito no passado: ver a aflição de seu povo e vir em socorro dos seus.

reis da Assíria. Estão em foco os reis neo-assírios dos fins do século X a.C. Depois deles vieram os reis neo-babilônios do final do século

VII a.C., e então os reis persas em meados do século VI a.C.

* 9.33 tu és justo. A execução das maldições segundo a aliança, no

decurso da história de Israel estava em perfeita harmonia com o princípio da justiça divina, alicerçada na aliança com Moisés (Ed 9.9, nota).

*
9.34,35 Os líderes foram destacados como notavelmente

* 9.36 servos. Ver a nota sobre "somos escravos", em Ed 9.9.

* 9.37 estamos em grande angústia. Implícita neste declaração está uma

petição por socorro (v.32, nota).

* 9.38—10.39. O povo não somente orou pedindo socorro, mas também renovou suas obrigações conforme a aliança. Desde o começo, o pacto mosaico tinha sido renovado após períodos de violação da aliança (Êx 34; 1Sm 12; 2Rs 23).

* 9.38 e o escrevemos. Quando a lei tinha sido anotada e selada, podia tornar-se um instrumento eficaz nos propósitos remidores de Deus (Introdução a Esdras: Características e Temas).

* 10.1-27 Os líderes que tinham renovado a aliança são mencionados. Surpreendentemente, Esdras está ausente. Ele desempenhou um papel significativo no capítulo oitavo, mas agora, tranqüilamente, havia desaparecido da cena. Seu trabalho foi completado com sucesso quando o povo leu a lei e a entendeu pessoalmente.

* 10.1 Os que selaram foram. A lista das pessoas, as quais, em sua maioria, não são conhecidas de outro lugar, reforça um dos

temas principais dos livros de Esdras e Neemias: o povo de Deus como um todo, e não apenas os grandes líderes, é vital para a realização do plano divino da redenção (Introdução

* 10.28 os servidores do templo. Eram servos do templo, juntamente com

os sacerdotes, os levitas e outros (1Cr 9.2, nota).

* 10.29 convieram... num juramento. O juramento feito pelo povo (9.15; Ed

10.5, nota) enfatiza a natureza jurídica distintiva das disposições da aliança com Moisés, em comparação com a aliança abraâmica da graça (Gn 12.1,3), na qual o juramento foi feito exclusivamente por Deus. Conforme o apóstolo Paulo revelaria mais tarde, a aliança com Moisés foi uma espécie de "tutor", cuja introdução não anularia a aliança da promessa já feita com Abraão (Gl 3.17,24). Por toda a história da Redenção, todas as disposições da aliança com Deus requerem uma obediência originada da fé em Deus, e a disposição de observar os termos da aliança.

* 10.30-39 São elaborados compromissos específicos de obediência.

*** 10.30 nem tomariam as filhas deles para os nossos filhos. Os**

casamentos mistos com pessoas fora da aliança sempre foi um problema na história de Israel (cf. Ed 4.3, nota).

* 10.31 no dia de sábado. Ver Êx 20.8-11; Dt 5.12-15; Ver a nota em 9.14.

* 10.32 a terça parte dum siclo. Êx 30.13,14 preceitua meio siclo. A

diferença poderia ser o uso de um novo sistema monetário sob o governo dos persas, ou poderia ser uma concessão à economia difícil daqueles tempos.

*** 10.33 para as ofertas. Ver Lv 1—7.**

*** 10.39 não desampararíamos a casa do nosso Deus. A reconstrução da**

casa de Deus é um dos temas principais dos livros de Esdras e Neemias

* 11.1 deitou sortes. Essa frase liga essa lista aos compromissos em 10.30-39 (cf. 10.34) e mostra quão rapidamente esses compromissos foram implementados.

um de dez. Povoar a cidade com uma décima parte do povo foi o primeiro passo em não negligenciar a casa de Deus, conforme se tinha prometido em 10.39.

na santa cidade. Uma frase rara, usada alhures somente no v.18; Is 48.2; 52.1. A santidade se tinha expandido — de vasos santos (Ed 1.7; cf. 8.28), para sacerdotes (Ed 8.28), para o povo (Ed 9.2), para o santo lugar (Ed 9.8), para os portões (3.1), para os sábados (9.14) — a cidade inteira era agora santa. A cidade com tudo quanto nela havia tornara-se santa, uma "casa de Deus", que o Senhor se tinha proposto a edificar (Hb 3.1-6).

* 11.2 que voluntariamente se ofereciam. Provavelmente isso não se refere a um segundo grupo em adição a um em cada dez, escolhidos pelo lançamento de sortes, mas a um espírito bem disposto por parte daqueles que foram escolhidos.

* 11.4 Judá... Benjamim. Ver a nota em Ed 1.5.

* 11.23 um mandado do rei. Essa referência pode ser a Davi (12.24;

1Cr 25) ou ao rei Artaxerxes (Ed 7.21-24).

* 11.25-36 Esta lista é daqueles que se estabeleceram na área

circundante. Está vinculada a Ed 2.21-35, ligando como um todo os livros de Esdras e Neemias.

* 12.1-10 Esta lista de sacerdotes e levitas que voltaram na companhia

de Zorobabel vincula o fim de Neemias com o começo de Esdras, unindo a obra inteira.

* 12.1 Zorobabel... Jesua. Ver a nota em Ed 2.2.

Esdras. Esta não é a mesma figura notável dos livros de Esdras e Neemias. Aquele Esdras retornou oitenta anos depois de Zorobabel (Ed 7.6, nota).

* 12.9 estavam defronte deles. Quanto ao cântico antifônico, ver o v.24.

* 12.10 Eliasibe. Ver 3.1, nota.

* 12.12-21 Este versículo é repetido, com certas variações, à base dos

vs. 1-7.

* 12.22-26 Esta é uma lista dos chefes de famílias levíticas.

* 12.22 Dario, o persa. Este foi Dario II (423-404 a.C.), ou, mais provavelmente ainda, Dario III (336-331 a.C.).

* 12.27-43 Essa cerimônia de dedicação era das muralhas que

circundavam a "casa de Deus", o templo como tal e a comunidade, muralhas estas que estavam agora completas. Nesta seção, Neemias

escreveu na primeira pessoa do singular (v.31).

* 12.27 procuraram aos levitas. A dedicação não podia ter lugar sem a ajuda dos levitas, que são incluídos nas listas anteriores (vs. 1-26).

*** 12.28,29 Ajuntaram-se os filhos dos cantores. Daí a lista de**

11.22,23.

* 12.30 Purificaram-se. A pureza ritual era representação ou símbolo da pureza moral (Lv 16.30).

* 12.31-39 Teve lugar um grande cortejo, que aparentemente começou na Porta do Vale (3.13). Parte desse cortejo, encabeçado por Esdras (v.36), moveu-se no sentido anti-horário (v.31), passando pela Porta do Monturo, da Fonte, das Águas, antes de chegarem ao templo. A outra parte do cortejo, encabeçada por Neemias (v.38), moveu-se em sentido horário, passando pelas portas do lado norte da cidade e avançando até o templo. Quanto às localizações, ver o cap. 3 e notas.

* 12.43 Deus os alegrara. O povo regozijou-se, porque Deus lhe dera motivos para tanto, por sua operação soberana, através de agentes humanos (Introdução a Esdras: Características e Temas).

as mulheres e os meninos. A inclusão de mulheres e de crianças sublinha as grandes dimensões da celebração (3.12, nota; 5.1, nota).

* 12.44-47 Estes versículos mostram que o povo tinha cumprido o seu compromisso (10.39), e não havia negligenciado a casa de Deus.

*** 12.45 segundo o mandado de Davi e de seu filho Salomão. Ver 1 Cr 25;**

2Cr 8.14.

* 12.47 Todo o Israel. O povo de Deus como um todo, e não somente os grandes líderes, é vital para a concretização do plano divino da redenção.

* 13.1-3 O compromisso de obediência geral à lei de Moisés (10.28,29) incluía a separação de povos circunvizinhos (10.28). O povo, porém, não anuiu diante desse aspecto da lei (Dt 23.3-6). A exclusão de todo "elemento misto" estava em acordo com o compromisso de 10.28,29. Era uma separação religiosa,

e não racial ou política (Ed 4.3, nota).

* 13.1 Naquele dia. Isso aconteceu durante o segundo mandato de Neemias como governador, conforme é indicado pelas referências cronológicas nos vs. 4 e 6.

* 13.3 Ouvindo... esta lei. Embora Esdras não mais estivesse presente, sua labuta ainda estava rendendo frutos (10.1-27, nota).

* 13.4-14 O compromisso final, de que não negligenciariam a casa de Deus (10.39), tinha sido violado durante a ausência de Neemias (v.11), tal como os compromissos referentes às câmaras da casa de Deus e aos dízimos (10.37-39). Fazia-se necessária uma reforma.

* 13.4 Eliasibe. Esse Eliasibe possivelmente era o sumo sacerdote (3.1, nota), mas o mais certo ainda é que ele fosse outro sacerdote com o mesmo nome; pois o sumo sacerdote dificilmente teria ficado encarregado das câmaras.

Tobias. Ver a nota em 2.10.

* 13.6 não estive em Jerusalém. Ver a nota em 5.14.

rei de Babilônia. Os reis da Pérsia ostentavam esse título depois de ter sido conquistado o império babilônico (Ed 5.13).

* 13.8 atirei. Cf. Mt 21.12,13.

* 13.10 os quinhões dos levitas. Essas palavras ligam esta seção com o compromisso em 10.37. Os levitas não possuíam terras (Nm 18.20-24; Dt 14.29; 18.1), embora alguns deles pudessem ter rendas particulares (Dt 18.8). A dependência dos levitas do sustento por parte do povo pode explicar a relutância

de muitos levitas em deixarem a Babilônia (Ed 8.15-20).

* 13.11 contendi. Ver a nota em 5.7.

desamparou. O compromisso de não se negligenciar a casa de Deus (10.39) fora violado.

* 13.12 trouxe os dízimos. Eles assim fizeram em harmonia com o

compromisso de 10.37.

* 13.13 fiéis. Cf. At 6.1-5; 2Co 8.16-21.

* 13.14 lembra-te de mim. Este é o quarto uso do "lembra-te" em uma

oração (1.8, nota), bem como a segunda das quatro orações de Neemias na forma específica de "lembra-te de mim" (5.19, nota).

* 13.15 ao sábado... traziam... vendessem. Três elos com o compromisso

de 10.31, que tinham sido violados.

* 13.16 tírios. Esses homens eram um dos "povos da terra", em foco em

10.31.

* 13.19 Dando já sombra. Os israelitas usualmente contavam os dias de

pôr-do-sol ao pôr-do-sol (Lv 23.32; Et 4.16; Dn 8.14, referência lateral).

* 13.22 lembra-te de mim. Ver a nota no v.14.

* 13.23 haviam casado. Esdras havia tratado com esse problema perene

vinte e cinco anos antes (Ed 9.1, nota).

asdoditas. Ver a nota em 4.7,8.

* 13.25 lhes arranquei os cabelos. O ato de Neemias pode ser contrastado

com o de Esdras, em Ed 9.3.

Não dareis mais. Esdras realmente dissolveu as uniões ilegítimas (Ed 10.3, nota), ao passo que Neemias somente tentou impedir tais uniões no futuro.

* 13.26 o fizeram. O argumento vai do maior para o menor: "Se o próprio

Salomão não foi poupado, quanto menos vós sereis poupados".

* 13.28 era genro. Seu casamento foi duplamente grave: primeiramente,

porque um sumo sacerdote, em particular, não devia aparentar-se com um estrangeiro (Lev. 21.14), em segundo lugar, porque Sambalá era um inimigo (2.19. 4.1; 6.1).

* 13.29 Lembra-te deles. Este é o sexto uso das palavras "lembra-te", em

uma oração (1.8, nota), bem como a terceira oração imprecatória (4.4,5, nota).

* 13.31 fornecimento de lenha. As contribuições em madeira eram feitas

em consonância com o compromisso feito em 10.34.

Lembra-te de mim. Ver a nota no v.14. O livro não termina no ponto alto de 12.2747, mas com uma observação sobre o fracasso em cumprir os compromissos de 10.30-39 e a necessária continuação de reforma. O povo de Deus não tinha chegado a um lugar de repouso. Os livros de Esdras e Neemias mostram a devoção dos fiéis ao templo de Deus e à comunidade circundante, uma devoção que chegaria à maturidade em Cristo e na Igreja (1Co 3.5-17; Ef 2.21,22; 4.16; Hb 3.1-6).

ESTER

* 1.1 Assuero. Também conhecido como Xerxes (486 - 465 a.C.),

Assuero foi o rei persa mencionado em Esdras 4.6. Ele tornou-se famoso por consolidar o império de seu pai, Dario, por seus bem sucedidos projetos de construção, e por suas guerras contra os gregos, de 480 a 470 a.C.

Etiópia. No hebraico, "Cuxe", na região ao sul do Egito, que agora faz parte do norte do Sudão.

cento e vinte e sete províncias. A referência aqui é ao grande número de divisões dentro dos vinte distritos administrativos maiores, ou satrapias, dentro do império persa.

* 1.2 na cidadela de Susã. Essa acrópole, um palácio fortificado

a 36,60 m acima da cidade circundante de Susã, era uma das três capitais

persas e a residência real de inverno. Tem sido escavada por diversas vezes, desde 1851.

* **1.3 no terceiro ano. 483 a.C.**

* 1.4-7 Durante cento e oitenta dias o rei exibiu com ostentação as

riquezas reais. A dispendiosa festa externa de sete dias foi o clímax das celebrações. Os detalhes esmerados dos vasos de beber e da abundância do vinho salienta a generosidade do monarca.

* 1.9 Vasti. Esse nome, que não se encontra em qualquer outro

lugar, pode estar relacionado à palavra persa que significa "a amada" ou "a melhor". Fontes informativas extrabíblicas dão à rainha de Assuero o nome de Amestris. Ele pode ter tido outras rainhas.

* 1.12 As razões para a desobediência de Vasti não são citadas no texto

hebraico, embora os antigos intérpretes judeus tenham explicado que ela recebera ordens de comparecer despida, vestindo apenas a sua coroa, ou então que ela apresentava algum defeito físico. A recusa da rainha em obedecer introduz o tema da obediência e da desobediência.

* 1.13,14 entendiam dos tempos. Essa expressão usualmente refere-se à astrologia, embora neste contexto provavelmente signifique "procedimento apropriado a ser seguido” (cf. 1Cr 12.32). O sabor satírico da narrativa evidencia-se no fato do rei, que acabara de exibir todo o seu poder e a glória de seu magnificente reino, precisar consultar os peritos nas questões de lei e de justiça, e dirigir-se aos nobres (cf. Ed 7.14) conselhos sobre como enfrentaria o comportamento de sua esposa.

* 1.19 se inscreva, nas leis dos persas... e não se revogue. A

imutabilidade das leis decretadas pelos reis é uma característica importante no desenvolvimento dessa narrativa (4.11; 8.8). Era

preciso efetuar o plano de banir Vasti, entregando a posição dela para alguém melhor, mais bela e mais obediente.

* 1.21,22 cartas a todas as províncias do rei. O sistema postal dos

persas, renomado por sua eficiência, foi usado para publicar os irrevogáveis decretos reais (3.12-14; 8.9,10; cf. 9.20,30).

* 2.1 apaziguado. O uso do mesmo verbo raro, em 7.10, sugere

um paralelo entre a despedida de Vasti e o enforcamento de Hamã.

lembrou-se de Vasti. O rei talvez tenha-se arrependido de suas ações, mas já era tarde; a legislação dera um cunho definitivo às ações dele.

* 2.5 Mordecai. Um nome pessoal derivado de Marduque, o

deus da cidade da Babilônia. Mordecai, tal como Ester (Hadassa), pode ter tido também um nome judaico. A descoberta de textos antigos (incluindo um datado de cerca de 485 a.C.) do nome babilônico pessoal Mardukaya, e a descoberta de um arquivo de textos em Nipur, contendo os nomes de judeus dos tempos

de Artaxerxes I e de Dario, salientam a autenticidade do nome de Mordecai bem como a historicidade dos eventos por detrás dessa narrativa. Mordecai era um judeu que vivia na cidade, o que pode dar a entender que ele era um oficial persa.

Jair... Simei... Quis. Os nomes podem referir-se à sua genealogia remota, e não imediata (Simei, 2Sm 16.5-14; Quis, 1Sm 9.1,2; 1Cr 8.33). Quis pode bem ter sido um ancestral mais antigo, e não o daquele que foi levado para o exílio. Que a família de Mordecai fora "transportada... com Jeconias" (o rei Joaquim) pode significar que sua família pertencia à nobreza dos judeus (v.6; 2Rs 24.617; 25.27-30). A conexão de Mordecai com Saul, que também era da tribo de Benjamim, assume grande significado quando encontramos Hamã,

inimigo de Mordecai, que era um parente distante do amalequita Agague, inimigo de Saul (3.1, nota: Introdução: Características e Temas).

* 2.7 Hadassa. Esse era o nome hebraico de Ester, um nome

que significa "murta".

Ester. Nome talvez derivado da palavra persa que significa "estrela", ou uma forma de Istar, uma deusa babilônica.

* 2.9 alcançou favor. Um uso secular da palavra hebraica que

significa lealdade à Aliança (hesed, Êx 15.13, nota). Agradar o rei e obter o seu favor, tão necessários para a sobrevivência no império de Assuero, podem ser vistos como sinais do cuidado providencial de Deus e da orientação dada a Ester (cf. v.17; 5.2; contrastar as referências mais explícitas à providência divina em Dn 1.9).

os devidos alimentos. Lit. "suas porções". O recebimento, por parte de Ester, de porções especiais de alimentos, contrasta com seu jejum intencional em 4.16. Diferente de Daniel, Ester não seguia as leis dietéticas dos judeus (v.10).

* 2.12 Os preparativos esmerados estavam em consonância com os

outros excessos da corte (1.4-8).

* 2.18 A subida ao trono de Ester, celebrada com um banquete, contrastou

com o banquete de Vasti, em 1.9.

concedeu alívio. Lit., "deu um descanso", uma celebração que pode ter incluído a remissão de impostos, a distribuição de presentes (provavelmente alimentos) e outros favores. Essas celebrações

prefiguraram o grande banquete e o descanso dos judeus em 9.16-18,22. Ver Introdução: Características e Temas.

* 2.19 à porta do rei. Essa expressão (cf. v.21; 3.2; 5.9,13; 6.10,12)

pode subentender que Mordecai fora nomeado um oficial do palácio, uma posição que não somente o capacitava a descobrir a conspiração para assassinar o rei (v.21), mas também para incitar os ciúmes de Hamã (5.13).

*
2.23 pendurados numa forca. Lit., "em uma árvore". Is
a

impalação em estacas de madeira, uma forma persa e assíria de execução. Para os judeus, isso seria um sinal de que os dois oficiais estavam sob a maldição de Deus (Dt 21.22,23, nota), confirmando quão apropriada era a lealdade de Mordecai ao rei pagão.

escrito no livro das crônicas. Mordecai não foi recompensado nessa ocasião (6.1-11); pelo contrário, o relato da promoção de Hamã aparece em 3.1.

* 3.1 Hamã... agagita. Embora os nomes "Hamã" e "Hamedata"

possam ser persas, a identificação de Hamã como "agagita" sugere uma importante associação com Agague, rei dos amalequitas, o arquiinimigo de Israel, que se opusera a Saul (Êx 17.8-16; Dt 25.17-19; 1Sm 14.47—15.35).

*** 3.2 Mordecai... não se inclinava, nem se prostrava. A recusa**

de Mordecai em honrar a Hamã não pode ser explicada à base da lei veterotestamentária, visto que os judeus não consideravam o ato de prostrar-se perante os reis e outras pessoas honradas como uma

violação do primeiro e do segundo mandamentos (Êx 20.3-6; 1Sm 25.23; 2Sm 18.28; 2Rs 4.37). Hamã e

Mordecai são melhor compreendidos como representantes de duas nações hostis — Israel e seu inimigo, Amaleque, uma nação sujeita à maldição divina (v.1, nota). A recusa de Mordecai de prostrar-se diante de seu inimigo hereditário, porque ele (Mordecai) era "judeu", é compreensível (v.4). Por igual modo, pode ser explicada a excessiva paixão de Hamã em destruir a nação judaica inteira, devido apenas à insolência de Mordecai (v.6).

* 3.7 Pur, isto é, sortes. **Hamã usava a antiga prática do**

lançamento de sortes (1Sm 14.41,42; Pv 16.33) para determinar o tempo mais propício para executar o seu plano de destruição dos judeus. A forma plural de *pur, purim,* **é o nome da celebração que comemora a morte de Hamã, o "adversário dos judeus" (9.23-32).**

* 3.9 dez mil talentos de prata. **Essa enorme peita é calculada**

como cerca de dois terços das rendas anuais do império persa, no reino de Dario.

* 3.10 tirou da mão o seu anel. **Outra reação impulsiva do rei**

autorizava Hamã a expedir decretos reais (cf. Gn 41.42). A repetição do nome completo de Hamã, juntamente com a frase "adversário dos judeus", sublinha o predicamento terrível dos judeus, neste ponto.

* 3.12-14 **Os planos de Hamã começaram a movimentar-se. A exagerada**

linguagem descritiva (por exemplo, os múltiplos verbos no decreto, "matassem, destruíssem e aniquilassem") exibe a paixão do decreto insensato e enfatiza o extremo perigo em que

se achava o povo da Aliança com Deus. Ver Introdução: Características e Temas.

e que lhes saqueassem os bens. **Isso deve ser comparado à recusa dos judeus quanto a saquearem (9.10,15,16).**

*** 4.1-3 rasgou as suas vestes... clamou... luto... jejum, e choro. Essas**

reações de Mordecai (vs. 1,2) e dos judeus, em todas as províncias (v.3), serviram de sinais convencionais de horror e tristeza intensos, diante do

recebimento das más notícias (cf. Gn 37.29,34; Dn 9.3; Jn 3.6). Os persas reagiram do mesmo modo, depois de sua derrota pelos gregos, na batalha de Salamina.

* 4.4 roupas para vestir. Ester talvez quisesse que Mordecai

estivesse devidamente vestido, a fim de que pudesse falar com ele em pessoa (v.2).

* 4.5 Hatá. O nome dele significa "o bom" ou, talvez, "correio".

* 4.8 decreto. Mordecai certificou-se que Ester recebesse um

exemplar do decreto, e também que ele fosse explicado a ela (talvez traduzido) antes de encarregá-la de rogar ao rei por misericórdia pelo povo judeu. A ordem anterior de Mordecai de que Ester ocultasse sua identidade como judia foi agora alterada (2.10).

* 4.12-14 Sutilmente, Mordecai alude à sua crença de que Deus, em sua

Soberania, tem providencialmente disposto os eventos na vida de Ester para colocá-la em posição de livrar todos os judeus. Mordecai cria que o Deus Soberano traria alívio e libertação para os judeus,

que Ester poderia ser o canal para essa libertação, e que Deus não se limitava a esse plano, caso Ester escolhesse não se envolver.

* 4.16 Vai, ajunta... jejuai por mim. Com convicção, fé e temor, Ester

pede em seu favor um jejum (orações sempre acompanhavam os jejuns religiosos, Dt 9.9; Jz 20.26,27; Ed 8.21-23; 2Sm 12.16; Dn 9.3), em seu favor. Deus honrou a fé dos judeus nessa ocasião, salvando-os da destruição.

três dias, nem de noite nem de dia. Usualmente os jejuns eram preceituados somente por um dia. Esse jejum desusadamente longo indica a seriedade da situação e contrasta eficazmente com as festas que aparecem no começo e no fim do livro (1.3,5,9; 2.18; 9.17,18).

contra a lei. O dilema de Ester reintroduz o tema da obediência a Deus, visto

que, para Mordecai, a obediência importava em desobedecer à lei dos persas.

se perecer, pereci. Vemos aqui a coragem de Ester, e não uma resignação passiva (cf. Gn 43.14).

* 5.1,2 Usando vestes reais que, indubitavelmente, destacam sua beleza

física (contrastar as vestes de lamentação, em 4.15,16), Ester aproximou-se do rei, que atendeu seu pedido de uma audiência.

* 5.3 até metade do reino. Essa oferta generosa reflete uma

convenção própria da corte, e não deve ser entendida literalmente (v.6; cf. Mc 6.23). O primeiro pedido de Ester foi que o rei e Hamã estivessem presentes a um banquete (v.4). Sua segunda resposta (v.8) realmente obrigou o rei a atendê-la em sua petição. Mas foi

somente em 7.2-6 que Ester, finalmente, respondeu à pergunta do rei. As táticas de adiamento de Ester não somente demonstraram sua sabedoria e senso de controle mas também aumentaram o suspense da história.

* 6.6-9 A identidade daquele que devia ser honrado é ocultada (cf. o

ocultamento intencional de Hamã, da identidade do povo que seria destruído, em 3.8). Supondo que ele mesmo seria o homem a ser honrado, Hamã ocultou sua lista de sonhos pessoais, que se concentrou não nas vantagens materiais e na posição pessoal, mas antes na aclamação e na adulação públicas (cf. Gn 41.42,43).

* 6.13 não prevalecerás contra ele. A esposa e os conselheiros de

Hamã exprimiram a crença de que o povo judeu é indômito e, talvez, até a crença que o Deus deles era o Deus vivo. Ver as predições sobre a queda de Amaleque diante de Israel (Êx 17.16; Nm 24.20; Dt 25.17-19; 1Sm 15; 2Sm 1.8-16; cf. Dn 6.26,27; Js 2.11; 9.29; Ez 38.23). Ver também Introdução: Características e Temas.

* 6.14 levaram Hamã. Os negócios da corte eram sempre efetuados

com grande pressa. Era um costume oriental que os servos escoltassem os convidados a funções especiais.

* 7.3 O drama da cena é intensificado enquanto Ester desvenda

lentamente a sua petição pela sua própria vida e o seu pedido para que seu povo fosse poupado.

* 7.4 fomos vendidos. Uma referência à peita inicial de Hamã

(3.9; 4.7).

destruírem, matarem e aniquilarem de vez. Os verbos hebraicos usados foram precisamente aqueles empregados no decreto inicial (3.13).

o inimigo não merece. O original hebraico é um tanto difícil de traduzir aqui. Ester parece ter argumentado que a oferta financeira de Hamã (3.9) não compensaria pelos danos sofridos pelo rei (isto é, a renda que ele perderia da parte dos judeus).

* 7.8 tinha caído sobre o divã. As violações da etiqueta, por

parte de Hamã, selaram o seu destino.

cobriram o rosto de Hamã. Os auxiliares da corte compreenderam o que ficara implícito na palavra do rei (v.8). Como sempre, o rei acolheu o conselho de outros — aqui, do eunuco Harbona (1.10; cf. sua fala em 5.14). A ordem para enforcar Hamã na forca preparada para Mordecai é a grande reversão irônica da história. Ver Introdução: Características e Temas.

*** 8.1 à rainha Ester a casa de Hamã. De acordo com os**

costumes persas, as propriedades de um traidor eram confiscadas pela coroa.

Mordecai veio perante o rei. A situação de Mordecai foi oficializada (1.14), e ele assumiu a posição oficial e pessoal de Hamã.

* 8.7,8 Embora o rei não fosse capaz de revogar formalmente o decreto

(1.19), ele autorizou Ester e Mordecai a expedirem outro decreto que anulasse

eficazmente o primeiro.

* 8.9-14 O novo decreto, expedido dois meses e dez dias

após o primeiro

(3.12), foi quase idêntico ao primeiro decreto de Hamã (3.12-15).

* 8.17 muitos... se fizeram judeus. A conversão daqueles que pertenciam a outras nações, e que temiam aos judeus, assinala um clímax na história (cf. Js 2.9; Êx 15.14-16; Sl 105.38).

* 9.1 sucedeu o contrário. O tema de uma irônica reversão é

novamente salientado. Ver Introdução: Características e Temas.

* 9.2 o terror que inspiravam. O temor do Deus dos judeus

estava por detrás do terror generalizado dos persas diante dos judeus (cf. Êx 15.14-16). A reversão (v.1, nota) foi tão completa que todos os oficiais que teriam dado o seu apoio ao extermínio dos judeus os ajudaram.

* 9.5 fizeram... o que bem quiseram. É enfatizada a extensão

da matança (vs. 6-11), mas também é destacado o fato que os judeus não saquearam os gentios (v.10). A recusa dos judeus em saquear faz-nos lembrar que os amalequitas saquearam os judeus, o que levou à morte de Saul (1Sm 15.17-19). Esse contraste (cf. 8.11) sugere a propriedade da conduta dos judeus nesse embate com os amalequitas, a despeito da extensão da matança.

* 9.12-15 O pedido de vingança maior ainda, por parte de Ester (v.13), que pode ter sido devido ao alto grau de anti-semitismo naquela cidade, levou a um segundo dia de derramamento de sangue em Susã (v.15). Notavelmente, a ênfase da narrativa é sobre a matança dos inimigos, e não apenas sobre a vitória lograda. Os dois dias de matança têm levado a diferenças entre os judeus sobre em qual dia se deve observar a festa de Purim (vs. 17-19).

* 9.14 dependuraram... dez filhos de Hamã. Os cadáveres dos

filhos mortos de Hamã (v.12) foram exibidos como uma advertência e como um sinal de desonra final (2.23, nota).

* 9.16,17 A execução de outros setenta e cinco mil inimigos enfatizou a

extensão do antagonismo contra os judeus por todo o império persa, o que, por sua vez, explica as celebrações que se seguiram.

* 9.16 tiveram sossego dos seus inimigos. O descanso concedido aos judeus, nessa ocasião, tornou-se a base da celebração anual da festa de Purim (ver também o v.22).

* 9.19 e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros. A

troca de presentes, usualmente sob a forma de alimentos (v.22), capacitou até aos judeus mais pobres unirem-se às celebrações (Ne 8.10,12; Dt 16.11,14), e serviu de exemplo adicional dos cuidados providenciais pelos oprimidos, neste caso dentro da própria comunidade judaica.

* 9.20-32 Esses versículos esclarecem que o propósito do livro de Ester é o de estabelecer a festa de Purim como uma festividade a ser celebrada por cada nova geração de judeus, dando instruções acerca de sua observância.

* 9.20 Mordecai escreveu estas coisas. Ele enviou as cartas de instrução acerca da festa.

* 9.24,25 Este breve sumário dos eventos dos capítulos anteriores enfoca não Ester e Mordecai, mas o rei e Hamã, e apresenta Hamã como o adversário arquétipo de todos os judeus, passados e presentes (3.10; 8.1; 9.10).

* 9.29-32 Ester e Mordecai enviaram uma carta final oficial acerca do Purim que colocava a Festa dentro do arcabouço das práticas israelitas mais estabelecidas do jejum e da lamentação (v.31). Dessa

maneira, a Festa de Purim tornou-se uma celebração religiosa oficial dos judeus, uma tarefa que o autor do livro de Ester parecia considerar importante, por causa da origem não-mosaica da festividade.

* 10.1-3 Este pós-escrito enfoca a atenção sobre o rei Assuero e sobre

Mordecai e convida a atenção dos leitores a fixar-se sobre os registros oficiais ("crônicas") dos reis da Média e da Pérsia, quanto a maiores informações (cf. 1Rs 14.19,29). Por alguma razão, o nome de Ester não foi incluído no pós-escrito.

*
10.3 Mordecai é estimado como um estadista judeu ic

importância dele como um modelo para os judeus seguirem, e no estabelecimento da Festa de Purim, foi reconhecida no livro apócrifo dos Macabeus, onde a festa de Purim é chamada de "o dia de Mordecai" (2 Macabeus 15.36).

Jó

* 1.1-5 O prólogo (1 e 2) começa com uma descrição de Jó, abençoado e

dedicado a seu Deus.

* 1.1 Uz. Esse era o nome de uma extensa região a leste do

território de Judá, talvez à beira do deserto, mas que mesmo assim permitia plantações (v. 14) e criação de gado (v. 3). Jó não era nômade, mas um ancião em uma das principais cidades da região (29.7).

íntegro e reto. Essa é apenas uma linguagem comum e não significa que Jó fosse impecável.

*** 1.3 ovelhas... camelos... bois... jumentas. Entre os**

patriarcas, media-se a riqueza pela quantidade de animais de criação (cf. Gn 30.43).

* 1.5 os santificava. Jó vivia corretamente preocupado com o

bem-estar espiritual de seus filhos.

Oferecia holocaustos. Através desse meio da graça, o patriarca Jó, tal como Abraão (Gn 15.9,10), desempenhava o papel de sacerdote de sua família, consagrando seus filhos ao Senhor.

blasfemado contra Deus em seu coração. O hebraico diz aqui, literalmente, "bendizia a Deus", mas isso é um eufemismo. Amaldiçoar a Deus era um pecado sobre o qual o próprio Jó seria testado (v. 11).

* 1.6— 2.13 O escritor revela os acontecimentos no céu e suas

conseqüências sobre a terra que conduziram aos sofrimentos de Jó.

* 1.6-12 Essa é a primeira das duas cenas no céu, retratando o

conselho divino e enfocando o encontro entre Deus (Yahweh) e Satanás.

Satanás era mais do que um advogado de acusação. Ele se opunha à vontade de Deus, em consonância com o papel da serpente, em Gn 3. No v. 9 ele inquiriu quanto aos motivos religiosos de Jó. O uso do nome "Yahweh", o nome de Deus segundo a aliança, nos caps. 1 e 2 (e também em 38.1; 40.1 e o cap. 42) indica que Deus estava num relacionamento pactual com Jó, em amor e misericórdia, do princípio ao fim.

* 1.6 Satanás. Ver a nota teológica chamada "Satanás", índice.

* 1.8 Jó era homem honrado por Deus, o qual o aprovou como um verdadeiro e fiel servo, isto é, alguém que observava os juramentos solenes do relacionamento segundo a aliança. Foi Deus, e não Satanás, quem destacou Jó para ser submetido a teste.

* 1.11 Haveria o próprio Jó, que era tão sensível à possibilidade de seus filhos blasfemarem contra Deus, de pecar agora dessa mesma maneira?

* 1.12 Ao Adversário foi permitido submeter Jó a teste, mas, por enquanto, somente no tocante às suas possessões e à sua família. O poder do adversário ficou restringido àquilo que lhe foi permitido pelo Senhor.

* 1.13-22 Apesar de Satanás ter sido autorizado por Deus (e por ele limitado) no assalto das possessões, servos e filhos do patriarca, Jó permaneceu constante em sua crença de que Deus é bom.

* 1.20-22 Jó proferiu um poema que retrata a sabedoria de uma tranquila

submissão à vontade secreta de Deus. Tudo pertence ao Criador, que lhe dera tudo. O povo de Deus deve louvar ao Senhor sem importar o que o Senhor fizer com o que lhe pertence. A palavra "bendito" (v. 21), é a mesma palavra usada no v. 11, para "blasfema". Usando essa mesma palavra aqui, o autor estava salientando como Jó frustrou as predições de Satanás no v. 11. Mas o v. 11 deixa implícito que o teste ainda não havia acabado.

* 2.1-6 A marcha dos acontecimentos no céu — outro circuito de

acusações da parte de Satanás — antecede mais sofrimentos para Jó na terra.

*** 2.3 Ele conserva a sua integridade... sem causa. A súbita**

mudança das palavras de 1.6-8, no fim de 2.1-3, mostra que o Adversário, que tinha perdido o primeiro *round,* **fora humilhado por Deus através de um pouco de ironia. A mesma palavra que Satanás tinha usado para acusar Jó é novamente usada aqui, traduzida "sem causa". O Adversário é que tinha cometido um erro, e não Jó.**

* 2.4 Pele por pele. **Satanás estava sugerindo que até a**

declaração de fé de Jó, em 1.21, nada era senão um fingimento. Ele estaria disposto a sacrificar qualquer coisa por sua própria pele. Se Deus ao menos estendesse sua mão e tocasse no corpo de Jó, então este amaldiçoaria a Deus em seu rosto.

* 2.6 mas poupa-lhe a vida. **Deus permitiu que o Adversário**

fosse usado como seu instrumento para ferir a Jó. Isso salienta o problema do mal. Satanás, como uma criatura, é limitado. Ele vai somente até onde Deus permite. A palavra aqui traduzida por "poupa" também pode ser traduzida por "salvaguarda". Parece que Satanás estava sendo responsabilizado pela vida de Jó.

* 2.7-10 **A despeito de Satanás ter sido autorizado por Deus (e por ele**

limitado) a ataques contra o seu corpo, Jó mostrou-se firmemente apegado à sua convicção que Deus era merecedor de louvores.

* 2.7 tumores malignos. **Não temos meios de saber a natureza exata**

da enfermidade de Jó.

* 2.8 sentado em cinza. **Talvez por meio de tentativa e erro, os**

antigos tenham aprendido que as cinzas eram um lugar onde as enfermidades não se espalhavam. Ou essa pode apenas ter sido uma maneira de lamentar-se.

* 2.9 A esposa de Jó não sabia que Deus havia garantido a vida de Jó.

* 2.10 como qualquer doida. A palavra hebraica aqui traduzida por "doida" tem a ver com as idéias de infidelidade e de apostasia religiosa, como em Sl 14.1 (cf. 53.1). Trata-se mais de um julgamento ético do que de um julgamento intelectual.

não pecou Jó com os seus lábios. Isso destaca a pureza da linguagem usada por Jó, uma antecipação do contraste que se verá no diálogo, onde as palavras de Jó foram menos puras.

* 2.11-13 Chegam os amigos de Jó para consolá-lo em meio aos seus terríveis sofrimentos.

* 2.13 Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma. Essa conduta, ligada ao número completo (sete), exprimia a mais intensa forma de tristeza que eles podiam exibir. O protocolo oriental exigia que Jó fosse o primeiro a falar. Quanto à prática de lamentar os mortos por sete dias, ver Gn 50.10.

* 3.1—27.23 Em três ciclos de declarações, o escritor explorou as perspectivas humanas sobre os sofrimentos de Jó.

* 3.1-26 Jó rompe o silêncio com uma lamentação ferozmente emocional. Ele expressou o mesmo tipo de depressão que tomou conta do salmista (Sl 88), e também de Jeremias (Jr 20.14,15), cujos amargos lamentos foram, quanto à linguagem, semelhantes aos de Jó.

* 3.3-10 Jó não amaldiçoou a Deus, mas chegou ao ponto de duvidar da sabedoria divina ao dar-lhe vida.

* 3.11-26 Os vs. 3-10 têm a forma de maldições, enquanto que estes dezesseis versículos são perguntas retóricas. Jó dá vazão à sua frustração, perguntando por que ele não foi um natimorto (vs. 11,12,16). Visto que isso não

lhe tinha acontecido, ele prosseguiu, perguntando retoricamente por que ele não experimentara morte prematura (vs. 20,23).

* 4.1—5.27 Elifaz começou o primeiro ciclo de declarações (caps. 4—14), nas quais Jó e seus amigos debateram as razões de sua sorte ingrata.

* 4.2-6 Elifaz foi o menos cáustico dos três amigos de Jó, pelo menos em

sua primeira declaração. Essas palavras iniciais, que supõem que Jó é inocente (v. 7), devem ser comparadas com 22.1-11, onde ele se mostra plenamente convicto de que Jó estava recebendo o que merecia. Jó é elogiado por ser um mestre de sabedoria (vs. 3,4), mas no quinto versículo ele é advertido a não deixar de aplicar a si mesmo o que tinha ensinado a outros.

* 4.6 o teu temor de Deus. O temor a Deus é a maneira do

Antigo Testamento referir-se à verdadeira adoração.

*** 4.8 os que... semeiam o mal, isso mesmo eles segam. Essa**

é uma verdade da sabedoria que não pode ser negada, mas seria Jó culpado disso? Que os inocentes nunca perecem (v. 7) não corresponde à verdade, desde a morte de Abel (cf. Gn 4.8-11).

* 4.16 a aparência. Elifaz não sabia o que ou quem era a aparição, mas

estava seguro de que era uma revelação sobrenatural.

*** 4.17 Seria... o mortal justo diante de Deus? A pergunta não era se**

os seres humanos podem ser mais justos do que Deus, o que era inconcebível naquela cultura, mas se poderiam ser justos aos olhos dele. Os próprios anjos não são puros aos seus olhos (v. 18). É possível que somente o v. 17 seja uma revelação do Espírito, e que os vs. 18-21 sejam o comentário de Elifaz sobre essa revelação.

* 4.21 morrem, e não atingem a sabedoria. Ou seja, a morte dos tais

ocorre sem propósito, e, portanto, não tem sentido. Eles "perecem para sempre" (v. 20) sem que jamais tenha havido um propósito para as suas vidas.

*** 5.1 para qual dos santos anjos te virarás? Nenhum dos**

"filhos de Deus", os anjos santos, ousaria ajudar a Jó.

* 5.7 o homem nasce para o enfado. O ponto de Elifaz é que

as tribulações não surgem espontaneamente, como uma erva daninha qualquer, mas foi plantada por aqueles que a colherem.

como as faíscas das brasas voam para cima. Lit., "os filhos de Resefe voam para cima". Resefe era o deus da pestilência e da destruição. Uma frase semelhante é usada em Ct 8.6, onde o amor é descrito como "brasas de fogo". Em outros lugares, essa expressão idiomática é usada para indicar os relâmpagos (Sl 78.48) bem como a pestilência (Dt 32.24; Hc 3.5.).

* 5.17-26 Esta referência é à natureza disciplinadora do sofrimento

humano, o único lugar nas declarações dos três conselheiros onde o

assunto é ao menos tocado.

* 5.19 De seis... na sétima. Uma expressão poética que significa

"muitas".

*** 5.23 com as pedras do campo terás a tua aliança. As tentativas para**

explicar tal aliança como uma linguagem meramente figurada não satisfazem o contexto. Alguns estudiosos interpretam aqui: "Aliança com a prole do campo", visto que o outro lado do paralelismo diz: "Os animais da terra viverão em paz contigo". Visto que os animais selvagens com frequência matam os animais domésticos, isso se ajusta ao contexto inteiro, pois no v. 22 Elifaz dissera que Jó não tinha necessidade de temer as feras da terra.

* 5.25 se multiplicará a tua descendência. Considerando que Jó havia

perdido todos os seus filhos, essa declaração foi tanto desnecessária quanto cruel.

5.26 Neste ponto, nem Jó e nem Elifaz teriam imaginado que essa

declaração se cumpriria no caso de Jó.

*** 5.27 Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é. Essa**

declaração final mostra-nos que Elifaz estava em erro. Ele pensava que compreendia o que estava acontecendo com Jó, mas na verdade não o entendia. Tal alegação revela arrogância espiritual.

* 6.1—7.21 Jó repreende Elifaz por proferir palavras presunçosas e

insensíveis, para não dizermos falsas, acerca dele (6.1-30), e então dirige a sua queixa a Deus.

*** 6.3,4 as minhas palavras foram precipitadas. Porque as flechas do**

Todo-poderoso estão em mim cravadas. Jó desculpa-se pela sua explosão de impaciência, fantasiando que Deus se tornara seu inimigo.

*** 6.6,7 sem sal o que é insípido... minha alma recusava tocar. Elifaz**

não lhe havia oferecido um alimento substancial (v. 5), isto é, palavras de consolo. O que supostamente era bom alimento (palavras) deu náuseas a Jó.

*** 6.8 que Deus me concedesse o que anelo. O único consolo**

que restava era o intenso alívio da dor que a morte lhe traria. Ele afirma fortemente uma fé contínua no Senhor. Note-se, nesta passagem, que Jó acreditava em uma bem-aventurada vida no além.

*** 6.25 Como são persuasivas as palavras retas! A diferença entre Jó**

e seus amigos é sumariada aqui. As declarações desses amigos estavam formalmente corretas, mas não se aplicavam necessariamente a Jó. De fato, os amigos o acusaram falsamente de ter vivido uma vida pecaminosa. Jó insistiu em ter falado palavras honestas acerca da sua vida. Ele não tinha esquecido-se de Deus e nem vivido dissipadamente.

* 6.27 Até sobre o órfão lançaríeis sorte. Mais adiante, Jó falaria sobre

seus próprios cuidados amorosos pelos órfãos (31.16-22). O próprio nome de Jó talvez signifique "sem pai".

* 6.29 minha causa triunfará. Lit., "está nela". O "nela" é a insistência

dos amigos de que ele estava sofrendo por causa de seus pecados. Ou ele ou eles deviam estar equivocados.

* 6.30 o meu paladar. Nos vs. 6 e 7, Jó já havia falado das palavras

deles como um mau alimento. Aqui ele pleiteia que mudem a "ração" que lhe estavam servindo.

* 7.1-21 Jó dirige aqui as suas palavras a Deus. Esta é uma oração sob a

forma de um queixume que os salmistas com frequência usavam.

* 7.1 Não é penosa a vida. No hebraico, essa terminologia

muitas vezes se referia ao serviço militar.

* 7.5 A enfermidade de Jó pode ter sido uma combinação de doenças.

Sintomas repulsivos, entretanto, apareciam por toda a sua pele, seu

maior e mais sensível órgão físico.

* 7.7 não tornarão a ver o bem. Pior do que a dor é a perda da

esperança de volta à saúde.

* 7.9 jamais tornará a subir. Essa é uma linguagem das

aparências. Jó não estava desenvolvendo uma doutrina, mas meramente afirmava o que todos observavam. Mais adiante, Jó mostraria que ele acreditava na possibilidade da ressurreição (14.12-15).

* 7.11 não reprimirei a boca. Tal como o salmista, Jó insistiu em

queixar-se da "amargura de sua alma"; mas note que ele aqui se queixa diante de Deus, e não diante do homem.

* 7.12 Acaso, sou eu o mar. O hebraico usa aqui a palavra "mar" como

um nome próprio, sem o artigo definido. Essa é uma linguagem poética para a ruidosa divindade cananéia Yam (Mar). Jó não adorava a Yam, mas conhecia a

história a respeito dele.

* 7.14 me espantas com sonhos. Jó imaginava que Deus, na verdade, estava fazendo tudo aquilo. O leitor sabe, desde o prólogo, que Deus permitira que Satanás fizesse aquilo. Contudo, essa permissão estava dentro da ordenação soberana de Deus.

* 7.15 minha alma escolheria... antes, a morte. Jó via a morte como o caminho de escape; mas Satanás não recebeu permissão para ir a esse extremo, e nem a morte serviria ao propósito de Satanás de fazer Jó amaldiçoar a Deus.

* 7.16 Deixa-me. Uma vez mais, Jó imaginou que Deus é que o

estava atormentando. Porém, sabemos pelo prólogo que Deus tinha um elevado e santo propósito ao permitir que Satanás tocasse em Jó.

* 7.17 Que é o homem, para que tanto o estimes. Cf. Sl 8.4 e 144.3. O salmista não estava sofrendo, pelo que os seus pensamentos sobre o assunto eram positivos. Ele se admirava de que Deus cuidasse tanto da criatura que era o reflexo de sua própria imagem. Em sua aflição, porém, Jó preferiria que Deus o deixasse em paz.

* 7.20 Ó Espreitador dos homens. Jó pensava que Deus exagerava ao buscar falta nos homens. Por qual pecado era que Deus o estava punindo tão severamente?

a mim mesmo me seja pesado? Alguns manuscritos hebraicos e a antiga tradução para o Grego dizem: "te seja pesado?”

* 7.21 não tiras a minha iniquidade? Embora Jó salientasse a sua integridade (isto é, seu compromisso honesto com a piedade e com a retidão) em sua vida anterior, ele nunca negou ser um pecador.

* 8.1-22 Essa resposta apresenta Bildade como um homem brutal e sem

sentimentos. Ele se fizera surdo para com o clamor por compaixão da parte de Jó (6.13,14,26). Sua mensagem a Jó foi direta. Ele e sua família tinham recebido o que mereciam. Se ao menos agora ele se arrependesse de atos desavergonhados que tinham trazido essa desgraça, ele poderia ser restaurado a uma prosperidade e felicidade ainda maior do que tinha desfrutado antes.

* 8.2 qual vento impetuoso. Essa foi uma fortíssima acusação. Diferia

do tom antes usado por Elifaz, o qual tentara uma abordagem suave a princípio (4.2).

* 8.6 se fores puro e reto. Na mente de Bildade, Deus só tem

misericórdia quando os seres humanos a merecem. A misericórdia, entretanto, jamais poderá ser merecida. Se for merecida então já seria justiça.

*** 8.8 pergunta agora a gerações passadas. Elifaz tinha**

apelado para a revelação como a sua autoridade, embora essa revelação fosse um tanto enigmática (4.12-17). Bildade, porém, apelou para as tradições humanas.

* 8.13 ímpio. Bildade extrai várias ilustrações da natureza, para descrever a desesperança daquele a quem ele chamou de "ímpio". A palavra hebraica por detrás desse vocábulo refere-se a alguém que é profano ou contaminado pelo pecado. Como é óbvio, Bildade considerava Jó como um caso típico de impiedade.

* 8.20 Deus não rejeita ao íntegro. Este versículo contém o âmago da teologia de Bildade sobre o sofrimento. Como sabedoria-padrão não estava errada. Sl 1.6 ensina que o Senhor cuida do caminho dos justos, mas que o caminho dos ímpios perecerá. O erro de Bildade consistia em supor que por Jó estar sofrendo, forçosamente tinha que ser um ímpio.

* 9.1—10.22 A réplica de Jó a Bildade, nos caps. 9 e 10, começa com um discurso sobre o poder e a sabedoria de Deus (9.1-13), mas muda para

indagações sobre a justiça divina (9.14-35). Em 9.30 ele começa a dirigir suas palavras a Deus, e isso continua até o fim do cap. 10.

*** 9.2 como pode o homem ser justo para com Deus? Jó**

concorda com o ponto de vista de Bildade de que Deus castiga os ímpios e cuida dos justos (Sl 1.6), mas haverá alguém que seja inteiramente justo?

* 9.3 Jó ainda não sabia que o próprio Deus seria o seu examinador

(38.3; 40.7).

* 9.6 cujas colunas. O globo terrestre é descrito poeticamente,

como se tivesse uma arquitetura subterrânea.

* 9.7 A referência é a um eclipse do sol, bem como ao

desaparecimento de certas estrelas no decorrer das estações do ano.

* 9.8 As figuras poéticas deste versículo referem-se à criação e ao

controle de Deus sobre as forças da natureza.

* 9.13 os auxiliares do Egito. Lit., "Raabe". Raabe é o monstro marinho

dos semitas, cujo nome recebeu a prostituta no segundo capítulo do livro de Josué. Cf. 26.12. Em Is 30.7, esse nome aparece como um símbolo do Egito.

* 9.15 Jó deseja ter uma audiência com Deus para provar a sua inocência,

mas pensa que a sua causa é sem esperança (vs. 14-20, 32-35).

* 9.21-24 Estes versículos representam o ponto mais baixo dos discursos

de Jó. Tal como acontece com muitos dos que sofrem pesadamente durante um longo período, Jó foi tentado a mostrar-se um fatalista. Ele hesitou entre a esperança e a dúvida, e chegou mesmo a acusar a Deus.

*** 9.24 se não é ele o causador disso, quem é logo? Essas tristes mas**

profundas palavras refletem a crença de Jó na soberania absoluta de Deus. Ele não teria sentido essa perplexidade se pensasse que Deus está limitado.

* 9.25-31 Jó se encontrava apanhado em um dilema impossível. Ele

se acreditava inocente, mas de acordo com a opinião tradicional sobre o sofrimento, sua experiência proclamava que Deus pensava o contrário dele.

* 9.33 Não há entre nós árbitro. Elifaz havia ridicularizado Jó com o pensamento de que nenhum ser celeste pensaria jamais em defendê-lo (5.1). Aqui Jó toca em uma verdade profunda, a de que o homem pecaminoso precisa de um árbitro que possa pôr-se em contato tanto com Deus quanto com o homem. Embora não seja uma predição direta, este versículo prevê a necessidade de "um só Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2.5).

* 10.1 A minha alma tem tédio. Cf. 7.16; 9.21. Jó não somente estava disposto a morrer, mas também procurava com isso seu único meio de escape (6.8,9). Coisa alguma poderia acontecer-lhe de pior, portanto ele se queixaria abertamente.

* 10.2 faze-me saber por que contendes comigo. Ele falou supondo que o ponto de vista tradicional acerca do sofrimento, defendido pelos conselheiros, estava correto. Ele não fora capaz de livrar-se dessa opinião.

* 10.3 Parece-te bem. Lit., "é bom?" Talvez devesse ser traduzido por "será certo?"

favoreças o conselho dos perversos. Não admira que Deus, mais tarde, tivesse acusado Jó de lançar a sua justiça no descrédito.

* 10.4-7 Temos aqui ironia pura. Jó sabia que Deus é onisciente. Ele não

precisava procurar pecados como se fosse um advogado de acusação humano. Ele sabia que Jó era inocente; não obstante, tinha feito de Jó sua vítima indefesa.

* 10.8-12 Tal como o autor de Sl 139.13-16, Jó compreendia que Deus o

tinha formado no ventre materno, dera-lhe vida, e o abençoara. Agora, ele não

podia entender como o mesmo Deus podia maltratá-lo tanto.

* 10.13 Estas coisas. Quais são as "coisas" às quais Jó se referia? Jó parece dar a entender que seus sofrimentos eram um castigo divino planejado desde o começo de sua vida. Ele não compreendia que o plano de Deus para os seus sofrimentos visava outra coisa além do mero castigo.

*
10.14,15 Tudo isso foi vinculado à suposição equivocad

seus sofrimentos eram devidos à ira punitiva de Deus.

* 10.21 o lugar de que não voltarei. Note a diferença entre a presente descrição de Jó sobre aquele lugar como uma terra de sombras, ao passo que em 3.13-19 ele olhava para o lugar como um lugar de paz e descanso. Isso prova que o desvario emocional de Jó não deve ser usado como a base para a construção de uma teologia veterotestamentária ou cristã normativa. A regra de interpretação deveria ser que quando Jó ou os conselheiros estão em harmonia com a teologia normativa, nós aceitássemos a palavra deles. Mas no fluxo dramático do livro, não podemos depender nem dele e nem deles como uma fonte de formulações teológicas.

* 11.1-20 Zofar, o mais severo dos conselheiros de Jó, agora

expressa sua opinião sobre a sorte de Jó, aplicando erroneamente algumas verdades sobre Deus.

* 11.1o naamatita. Naamá ficava possivelmente na Arábia. Essa não é

a Naamá de Js 15.41, que ficava no começo da região montanhosa de Judá.

* 11.4 sou limpo aos teus olhos. Essa não é uma citação exata do que Jó tinha dito, o qual nunca se declarou impecável. Ele afirmara não levar o tipo de vida pecaminosa que pudesse merecer tão severos castigos. Ele já havia admitido que nenhum mortal pode ser justo diante de Deus (9.2).

* 11.6 Deus permite seja esquecida parte da tua iniqüidade. Essas palavras refletem a suposição de Zofar sobre a enormidade do pecado de Jó.

* 11.7-9 Essas palavras são uma expressão eloqüente da transcendência de Deus, que Zofar, em seguida, aplicou erroneamente.

* 11.13-20 Isso pode parecer um bom conselho para um pecador devasso,

mas não se aplicava ao caso de Jó. À semelhança de Bildade, Zofar não abriu espaço para a misericórdia. Jó precisaria tornar-se justo, antes mesmo de Deus aceitá-lo.

* 11.14,15 Não passava de arrogância da parte de Zofar pensar que ele

sabia por que Jó estava sofrendo. Sabemos, com base no prólogo,

que não era porque Jó houvesse pecado. Jó tinha sido chamado por Deus para unir-se à grande companhia daqueles sofredores inocentes que sofriam para a glória do Senhor.

* 12.1—14.22 A réplica de Jó neste longo discurso começa com uma explosão de sarcasmo contra os seus conselheiros. Ele continuou a falar com eles até 13.19. A começar por 13.20, Jó voltou-se para Deus, criando uma grande interrupção no seu discurso. Essa inclinação de Jó para falar com Deus (orar) fazia notável contraste com os seus conselheiros, que nunca disseram uma só palavra para Deus. Eles tão-somente falavam acerca dele.

* 12.4-6 Jó agonizava por estar sendo transformado em motivo de

zombaria, até mesmo, diante de seus próprios amigos, ao passo que os malfeitores e idólatras viviam no lazer e na segurança.

*** 12.7,8 pergunta agora às alimárias... fala com a terra. Tal como**

Elifaz que apelara para a revelação, e como Bildade, que apelara para as tradições humanas em apoio a seus argumentos, Jó conclamou a todas as criaturas do universo a darem testemunho ao seu argumento de que os ímpios prosperam e que os justos sofrem.

* 12.12 Ironia, dirigida aos conselheiros, que eram idosos mas não se tinham tornado sábios.

* 12.13-25 Nesta unidade poética, Jó expôs a doutrina da liberdade

soberana de Deus. Alguns têm interpretado isso como uma crítica sutil sobre como Deus gerencia erroneamente o universo. Segundo esse ponto de vista, Deus é limitado, e precisa ser "perdoado" pelas suas criaturas. Mas por todo este livro, mesmo quando Jó está

rugindo por causa de seus sofrimentos e sugerindo dúvidas sobre a justiça de Deus, ele sempre partiu da premissa que Deus é soberano, e que o homem não pode apresentar objeção eficaz ao que Deus faz. Jó debatia-se diante de um mistério, um mistério profundo demais para os seus superficiais conselheiros. Essa parte do discurso pode ter sido provocada pela pergunta de Zofar, em 11.7: "Porventura desvendarás os arcanos de Deus?" O poema também pode ser uma réplica ao hino de Elifaz, em 5.1-26, onde somente coisas boas acontecem a pessoas boas, uma idéia comprovada falsa nesta estrofe.

* 13.13-27 Jó volta ao pensamento sugerido no v. 3. Por esta altura ele já

havia decidido que teria uma audiência com Deus.

* 13.14 porei a vida nas minhas mãos. Jó temia que não conseguiria

sobreviver à audiência com Deus.

*** 13.15 Eis que me matará, já não tenho esperança. Há traduções que**

dizem: "Eis que me matará, contudo, confiarei nele". Com base nessa possível tradução, este versículo tem sido com frequência citado como a suprema expressão de confiança no Senhor. Jó confiava que ele teria uma audiência com Deus, e que isso produziria a sua libertação: "Pois um hipócrita não poderia comparecer diante dele!" Outrossim, o v. 18 deixa claro que Jó era positivo sobre ser vindicado quando comparecesse diante do Senhor. A palavra "defenderei" subentende que seria provada verdadeira a alegação de inocência por Jó diante das acusações falsas que os conselheiros lhe vinham fazendo.

* 13.23 Quantas culpas e pecados tenho eu? Jó confiava que se

seus

pecados fossem descobertos, eles não incluiriam aquela espécie de iniqüidades desenfreadas que poderiam justificar seus terríveis sofrimentos.

Ver as notas em 11.4 e 29.7-17.

* 13.24 me tens por teu inimigo. Essa era a fantasia enganadora com a

qual Jó estava lutando. Deus nunca considerou Jó seu inimigo.

* 13.28 Provavelmente este versículo é a linha de abertura do poema em

14.1-6. Neste poema Jó imaginava que Deus está constantemente castigando os seres humanos por suas más ações.

* 14.7-22 Tendo chegado à conclusão que a morte era a única via de

escape dos sofrimentos, Jó sugeriu que Deus o deixasse morrer, e então o ressuscitasse, depois que sua ira se abrandasse. O leitor, porém, sabe desde o início que Deus não estava irado com ele. Este capítulo não ensina claramente uma doutrina da ressurreição, mas mostra que o assunto estava na mente das pessoas.

* 14.13 me encobrisses na sepultura. Jó duvidava que Deus lhe infligiria

uma morte temporária, e concluiu que Deus não faria isso. Mas ele acreditava na capacidade de Deus agir dessa maneira.

* 14.14 substituído. Uma forma da palavra traduzida por "renovar-se", no

v. 7.

* 14.18-22 Jó, finalmente, concluiu que o mundo continuaria como no

passado, e que aqueles que sofressem como ele continuariam a ter pequena esperança. Ele declara que Deus iria ao ponto de destruir a esperança do homem (v. 19).

* 15.1-35 Elifaz começa agora o segundo ciclo das declarações (15.1 —

21.34), afastando-se da abordagem cheia de tato que ele usara nos caps. 4 e 5.

* 15.3 com palavras que de nada servem. Foi mais do que a pressão

de seus iguais que impelira Elifaz. O que o impelira foi o rugido adicional que

ele ouvira saindo dos lábios de Jó.

* 15.7,8 Esta lista de perguntas retóricas está eivada de sarcasmo. No v.

8, Elifaz retribui a Jó o mesmo sarcasmo que Jó usara com ele em 12.2.

* 15.9 Elifaz continua a responder a Jó, usando as próprias palavras

deste. Cf. 12.3; 13.2.

* 15.10 A ironia de Jó, em 12.12, foi bem percebida por Elifaz. Ele

assegurou a Jó que todos os anciãos estavam a favor dos conselheiros, e não de Jó.

* 15.14,15 Elifaz relembra o oráculo que havia recebido em 4.17. Cf.

os vs. 15 e 16 com 4.18,19.

* 15.30-35 Uma melancólica descrição poética do que os conselheiros

queriam dizer com o verbo "perecer".

* 16.1—17.16 Jó entende a acusação de Elifaz como sendo uma repetição doentia de uma perspectiva defeituosa sobre os sofrimentos.

* 16.3 para responderes assim. Jó estava cansado, não da extensão

dos discursos deles, mas porque eles nada diziam que fosse útil.

* 16.8-14 Uma vez mais, Jó imaginou que Deus era seu adversário. No v.

9, a figura é a de um leão. Nos vs. 12-14 surge a figura de linguagem de um guerreiro.

* 16.18 A terra é personificada como uma testemunha dos sofrimentos de

Jó.

* 16.19 Jó acreditava ter uma testemunha no céu, noção esta que foi

sumariamente eliminada por Elifaz, em 5.1. Mas agora esse pensamento tinha uma significado tremendo para Jó.

* 16.22 Este versículo vai melhor com o cap. 17 (cf. 13.8, nota). Isso serve

de lembrete de que as divisões em capítulos não fazem parte do original. Jó anelava pela morte como uma libertação de sua dor constante (14.13), embora ele esperasse viver "alguns anos” mais.

* 17.3 Jó queria que Deus o vindicasse, isto é, comprovasse aos

conselheiros que ele estava com a razão.

* 17.4 seus corações. Ou seja, às mentes dos conselheiros.

* 17.6 Visto que Deus não o tinha vindicado, ele continuava a considerar

Deus como culpado por sua condição terrível. Cf. 30.10.

* 17.7 Os sintomas de sua enfermidade incluíam tumores, outros

problemas cutâneos e pesadelos (2.7; 7.5,14). Aqui e em 19.20 houve perda de peso; e em 19.17, mau hálito; em 30.30, febre; e em 30.17, dores contínuas.

* 17.12 Jó parece relembrar as palavras de Zofar em 11.17.

* 18.1-21 Bildade acusou Jó, repetindo, sem paciência, a sua exposição

anterior sobre o destino dos iníquos (cf. 8.8-19).

* 18.2-4 Bildade iniciou suas declarações com uma reprimenda

desalmada contra quem estava sofrendo tanto. Ele em nada mudara o seu argumento.

* 18.14 ao rei dos terrores. Os cananeus consideravam a morte como

um deus cujo lábio inferior tocava na terra, e cujo lábio superior tocava no céu, de tal modo que ele engolia tudo. De acordo com

Bildade, o "primogênito da morte" seguia os passos de seu pai, devorando a pele e os membros dos ímpios. De acordo com Is 25.8, o Senhor "tragará a morte" para sempre (1Co 15.54).

* 19.1-29 No cap. 19, Jó acusou Deus de enganá-lo e de não ouvir o seu apelo por justiça (vs. 6,7), despindo-o de honras e atacando-o (vs. 9-12), e de alienar seus parentes e amigos (vs. 13-20). Jó estava errado em todas estas questões. Ele estava lutando contra Deus sobre a aparente falta de sentido de seus sofrimentos, que eram, na realidade, obra do Adversário, embora este agisse pela ordem do Senhor, para realizar um elevado propósito. Os conselheiros, por sua vez, tinham reduzido Deus e os seus atos a uma fórmula impessoal. Eram incapazes de compadecer-se da agonia que Jó estava sofrendo ou de mostrar-lhe qualquer misericórdia.

* 19.20 a pele dos meus dentes. Essa expressão idiomática

sugere um escape quase impossível. Alguns sugerem que a frase quer dizer "com apenas minha pele ou minhas gengivas restando". Seus dentes se perderiam.

* 19.21 Jó precisava de amizades sinceras (6.14), mas nada disso era possível esperar da parte de seus conselheiros, os quais só aumentavam a sua desgraça.

* 19.23,24 Jó tinha uma importante mensagem que ele queria que

fosse inscrita de forma permanente para a posteridade. Através da inspiração do Espírito, suas palavras foram preservadas para todos os tempos, na Bíblia (cf. Mc 14.9).

* 19.25 sei que o meu Redentor vive. A palavra hebraica traduzida aqui por "Redentor" também pode ser traduzida por "Vingador", "Garantidor", "Vindicador" ou "Parente-Remidor" (Rt 2.20, nota). As palavras de Jó são claras, mas de sua perspectiva, quem ele esperava que o ajudasse? O prólogo revela que Deus não era inimigo de Jó. Deus tornar-se-ia seu vindicador (42.7). Jó parece estar

pensando no Redentor como uma terceira pessoa (16.19-21).

por fim se levantará sobre a terra. Segundo a mente de Jó, esse Vindicador seria tanto celestial (16.19) quanto terreno (capaz de andar neste mundo).

* 19.26 em minha carne. O sentido da preposição "em" pode ser ou "em"

minha carne, ou "à parte" da minha carne. Visto que o livro de Jó toca na idéia da ressurreição no cap. 14, parece provável que quando a morte é referida no v. 26, a ressurreição está em mente, com a tradução: "em" minha carne. O que é certo é que Jó acredita ter um Redentor que o ama, e por quem seu coração anela (v. 27). A passagem inteira evoca fortemente a necessidade que todo pecador tem de um Mediador que seja, ao mesmo tempo, Deus e homem (1Tm 2.5,6).

* 20.1-29 O cap. 20 é outra declaração eloquente da sorte dos ímpios.

Nessa declaração, Zofar expressou a verdade do governo moral do mundo por parte de Deus, mas deixou de fazer uma aplicação correta da mesma.

*** 20.2 visto que os meus pensamentos me impõem resposta. As**

palavras finais de Jó, em 19.28,29, não foram esquecidas por Zofar.

*** 20.29 Tal é, da parte de Deus, a sorte do homem perverso. Aquilo**

que Zofar tinha ensinado ocorreria, mas tristemente, ele não teve uma palavra a dizer sobre a misericórdia de Deus. Mesmo em seu discurso anterior, em 11.13-20, onde ele exortou Jó a mudar seus

caminhos, não há qualquer menção à misericórdia. De acordo com Zofar, as pessoas só obtêm as bênçãos de Deus se as merecerem.

* 21.1-
34 Jó encerrou seu segundo ciclo de declarações com firme

rejeição dos argumentos de seus amigos, de que os ímpios sempre sofrem. Note como ele alude às próprias palavras deles. Cf. 20.11 com 21.7; 8.19 com 21.8; 18.5 com 21.17; 5.4 e 20.10 com 21.19; 20.5-7 com 21.28-30.

*

21.5 Olhai para mim e pasmai; e ponde a mão s a boca. Jó

pensa que se eles tivessem qualquer compaixão deixariam de acusá-lo e de mentir acerca dele.

*

21.7 Como é, pois, que vivem os perversos. Jó r que está

perplexo. Ele não tem resposta. Mas os conselheiros supunham que sabiam

exatamente o que estava sucedendo (cf. Jo 9.41).

* 21.22 Acaso, alguém ensinará ciência a Deus. O alto conceito de Jó acerca de Deus tornava seu problema ainda mais complexo.

* 22.1-30 Elifaz começa aqui o terceiro ciclo de declarações (22.1 — 26.14), mencionando os pecados de Jó e convidando-o a arrepender-se.

* 22.2,3 Elifaz reage à declaração de Jó de que Deus permite que

os ímpios fiquem sem punição, e também diz que a retidão humana nada lhe acrescenta.

* 22.3 O sentido parece ser: "Agradaria a Deus se fosses vindicado?"

* 22.5 Elifaz chega à conclusão que Zofar e Bildade já haviam expressado — os pecados de Jó são intermináveis.

* 22.6-11 Temos aqui um ataque pessoal direto contra Jó por causa de seus pecados específicos, especialmente os pecados sociais contra os pobres e as viúvas. Mais adiante, Jó chega a enfatizar sua retidão social (caps. 29 e 31).

* 22.12-14 Elifaz ataca a queixa de Jó de que Deus estava ausente

(13.24). Não deixaria de ser natural para Jó, em meio a seus sofrimentos, queixar-se de que Deus era ou por demais observador e intruso para deixá-lo em paz (7.17-19; 10.8; 16.9), ou por demais distante.

* 23.1-12 Os pensamentos de Jó vacilam. No cap. 9 ele duvidou que Deus

o ouviria. No cap. 13 ele estava convicto de que seria ouvido e vindicado. Em 17.1 ele achava que somente a morte o aguardava, mas também que seus conselheiros não triunfariam, e que ele seria vindicado (17.10-16). Essa convicção atinge seu ponto culminante em 19.25-27, e dali por diante ele não mais duvida, conforme provam estes versículos e, especialmente, o cap. 31.

* 23.8 O Deus de Jó é invisível, mas tem um olho que a tudo vê (v. 10).

* 24.1-25 Jó ainda não aprendeu a importante lição de que a justiça

não opera mecanicamente neste mundo, mas de acordo com a vontade divina. Não fosse assim, e a raça humana já teria perecido há muito tempo. Este capítulo alterna-se entre descrições dos ímpios afortunados e os sofrimentos das vítimas deles, com ênfase sobre os sofrimentos. Jó quer que os ímpios sejam julgados a fim de que aqueles que conhecem a Deus vejam e saibam que Deus é justo. Este capítulo mostra o quanto Jó odiava a iniqüidade.

* 24.18-24 Alguns estudiosos pensam que essas palavras constituem

uma citação das palavras dos conselheiros, sem que Jó indicasse a fonte, visto que os pontos de vista aqui expressos parecem mais coerentes com as proposições deles do que com as de Jó. Outros, porém, pensam que o capítulo inteiro é uma tentativa de fazer Jó falar de maneira mais ortodoxa. Mas Jó pode ter uma razão para parecer adotar o argumento dos conselheiros.

* 24.23,24 Estes versículos devem ser ligados ao v. 1, se quisermos

entender a lição ensinada por este capítulo. Jó está tentando mostrar que, embora os ímpios sejam castigados, isso ocorre pouco a pouco (vs. 23,24), enquanto que aquilo que os justos querem ver é justiça satisfeita completamente. O pensamento de Jó antecipa a doutrina dos profetas sobre o "dia do Senhor", que prevê o juízo final.

* 25.1-6 Bildade não apresenta qualquer novo argumento, mas

repete o que já havia sido dito sobre o domínio, o poder e a pureza de Deus.

* 25.4 Como, pois, seria justo o homem perante Deus. A impureza humana é um fato, mas o que falta aqui é um indício da graça. Paulo, que desenvolveu a doutrina da depravação total do homem, na Epístola aos Romanos, apresentou-a como pano-de-fundo da maravilhosa graça de Deus. Bildade não pensava em

termos da graça divina.

* 25.5,6 gusano... verme. Bildade se arriscou a exagerar na profundeza

da indignidade humana, por ter uma visão pessimista do homem (cf. Elifaz em 15.14-16). A doutrina da depravação total não é pessimista. Mesmo no pecado, os seres humanos retêm a imagem de Deus, que confere a cada pessoa dignidade e valor.

* 26.1-14 **Este capítulo está dividido em partes distintas: Os vs. 1-4 e**

os vs. 5-14. Isso tem levado alguns estudiosos a dizer que somente os versículos iniciais são palavras de Jó. Note o uso irônico de perguntas retóricas que terminam com a sugestão (v. 4) de que os seus conselheiros representavam alguma fonte informativa externa.

* 26.5-
14 **Essas palavras celebram a onipotência de Deus.**

diferem das palavras de Jó em 9.5-10, e não precisam ser atribuídas, conforme algumas vezes o são, a um dos conselheiros.

* 26.5,6 **Diferindo dos deuses cananeus, que possuíam domínio restrito de**

poder, o verdadeiro Deus é Senhor inclusive do *seol* (Pv 15.11), o suposto domínio de Mote, o deus da morte.

* 26.7,8 **O propósito de Jó aqui não era ensinar ciência espacial, mas**

glorificar a Deus através dos mistérios de sua obra na natureza.

* 26.11 as colunas do céu. **É possível que tenhamos aqui uma**

referência aos montes, que com frequência elevam-se até à altura das nuvens e parecem dar apoio ao firmamento.

* 26.12 fende o mar. **Deus governa o suposto domínio de Yam, o deus**

cananeu dos mares. Jesus Cristo mostrou ser ele o verdadeiro Deus de seu antigo povo quando acalmou o mar, em Mt 8.23-27.

o Adversário**. No original hebraico temos "Raabe", um monstro místico das profundezas, adorado pelos cananeus, semelhante a leviatã. Essa figura poética enriquece o conceito do grande poder de Deus sobre o ruidoso mar (Sl 89.9,10).**

* 27.1-12 Estes versículos foram endereçados aos conselheiros. Com um

juramento alicerçado sobre a existência de Deus, Jó nega suas falsas acusações e, ao mesmo tempo, assevera a sua integridade.

* 27.7-10 Maldições como estas encontram-se nos salmos (Sl 109.6-15;

139.19-22). Ver a Introdução a Salmos.

* 27.13-
23 Jó volta a sua atenção para o debate sobre a sorte dos ímpios,

um tema muito trabalhado pelos conselheiros. Os comentários de Jó mostram que ele compreende o assunto tal e qual eles o entendiam. Mas Jó faz os conselheiros, e não ele mesmo, os objetos implícitos do destino descrito.

* 28.1-28 A nova forma do capítulo 28 indica que a disputa ou

diálogo

tinha terminado. Agora um tipo diferente de literatura de sabedoria estava sendo apresentado: uma sabedoria padronizada, como a que aparece no livro de Provérbios. O autor do livro de Jó medita sobre a falta de sabedoria exibida até este ponto no diálogo. O assunto é a natureza fugidia da verdadeira sabedoria (cf. o refrão nos vs. 12,20). O poema termina (v. 28) com a resposta à pergunta formulada no refrão: "Mas onde se achará a sabedoria?”

* 28.1-11 O homem, técnico como ele é, busca tesouros dos recessos

ocultos da terra.

* 28.28 Aplicação do poema que termina no fim do cap. 28. Podemos

aprender a sabedoria de Deus através de sua vontade revelada, e obedecendo a ela (Dt 4.5,6; Pv 8.4-9; 9.10). Quanto a uma aplicação neotestamentária, ver Cl 2.2,3 e Ef 3.8-10.

* 29.1-25 Este capítulo começa o primeiro dos três monólogos (caps. 29—

31; caps. 32—37; caps. 38—41). Em primeiro lugar, relembra os dias de bênção. No cap. 30 ele lamenta a sua perda, especialmente a perda da amizade com Deus. No cap. 31 ele defende-se e exige novamente a sua vindicação.

* 29.2-6 Jó lamenta a perda do favor de Deus sobre ele mesmo e sobre a

sua casa.

* 29.7-17 Jó relembra a nobre reputação pessoal que ele edificara como

praticante daquilo que Tiago chamaria de "religião pura e sem mácula” (cf. os vs. 12-16 com Tg 1.27).

*** 29.14 justiça... veste... manto e turbante era a minha eqüidade. Este**

versículo, que está no meio do capítulo, com tudo o mais centralizado em seu redor, é uma afirmação enfática do argumento principal de Jó, sua reclamação por vindicação.

* 29.18-20 À luz de seus feitos passados, Jó tinha esperado ser homem

vigoroso nos seus últimos anos de vida.

* 29.21-25 Jó lembra sua anterior dignidade e honra.

* 30.1-31 Cf. o cap. 30 com o cap. 29. Aqui, ponto após ponto, Jó lamenta

como as bênçãos que ele desfrutara tinham-lhe sido arrebatadas. No capítulo 29 ele era tratado com honras por parte dos homens, com bênçãos da parte de Deus, além de seus próprios feitos de benevolência. Note como este capítulo salienta exatamente o contrário.

* 30.1-15 Jó chora sua desonra da parte de escorraçados (cf. 29.7-10,21

25). Estes versículos servem de bom exemplo do estilo discursivo do poeta.

* 30.16-
23 Ele não estava recebendo bênção alguma da parte

(cf. 29.2-6,18-20).

* 30.18 está desfigurada a minha veste. A Septuaginta (tradução do

Antigo Testamento para o grego), diz aqui: "Ele apanha a minha veste". Jó falava novamente como se Deus fosse seu inimigo.

* 30.24-31 Ver 29.11-17. Jó não recebera qualquer benevolência da

parte de seus amigos. Eles se esqueceram da bondade de Jó no passado, sem a retribuírem.

* 31.1-40 A mais importante questão na mente de Jó, no capítulo 31,

é a falsa acusação de que ele era homem de excepcional iniqüidade, e que não estava sofrendo mais do que merecia. Este capítulo está baseado sobre um importante tema nos procedimentos legais dos dias de Jó. Ele apelou para Deus, com um juramento no nome divino, e com um convite às sanções divinas, se estivesse mentindo. Embora ele protestasse inocência, não era a justiça-própria do fariseu, em Lc 18.11,12. Tal como o salmista, Jó era a vítima de falsas acusações, pelo que a vindicação tornara-se uma paixão para ele.

* 31.1-4 Jó explica que resolvera não pecar com seus olhos (1Jo 2.16).

Talvez ele estivesse falando em mais do que a mera concupiscência, talvez se referisse à adoração da deusa da fertilidade, tão popular nos tempos veterotestamentários. A palavra aqui traduzida por "donzela" (v. 1), era usada para indicar a deusa da fertilidade nos escritos cananeus. Ela era uma espécie de Vênus, e era chamada a "donzela Anat", em Ugarite.

* 31.5-8 Jó exime-se de avareza com uma sanção alicerçada nas "balanças honestas", a justiça de Deus.

* 31.9-12 Jó exime-se de adultério tendo o fogo de Deus como sua sanção.

* 31.13-15 Jó exime-se de injustiça com referência ao tribunal de Deus como sua sanção.

* 31.16-23 Jó isenta-se de negligência dos necessitados e abuso contra os fracos tendo o terror de Deus como sua sanção.

* 31.24-27 Jó exime-se da idolatria no tocante ao ouro ou aos deuses.

* 31.29-34 Jó exime-se do ódio, do egoísmo e da hipocrisia. Nestes

versículos, a sanção de Jó é o divino julgamento (v. 28).

* 31.35-37 O clímax: Jó coloca sua assinatura de compromisso ("Eis aqui

a minha defesa assinada!", v. 35), e desafia alguém a fazer uma acusação específica.

* 31.37 Jó já havia expressado a confiança que Deus o aceitaria, se ele

tivesse oportunidade de apresentar o seu caso (13.14-16). No fim, isso só será possível mediante a graça divina.

* 31.40 Fim das palavras de Jó. Com a sua assinatura Jó encerra o seu

caso. O resto agora dependia do Juiz.

* 32.1— 37.24 Estes capítulos apresentam o segundo monólogo, o do jovem Eliú, o qual, diferentemente dos outros, tinha um nome hebraico. Alguns críticos vêem-no como uma pessoa importante aos seus próprios olhos, supostamente sabedor de tudo. Outros acreditam que estes capítulos são adições ao texto original. Ambas essas opiniões são defeituosas. Eliú não é mencionado no epílogo

(cap. 42), mas a razão disso é que ele não se tornou culpado dos mesmos erros dos outros três conselheiros. A crítica de Eliú gira em torno das palavras de Jó proferidas durante a disputa. Ele citou Jó, mas não o acusou de ter vivido uma vida ímpia. Ele salientou uma questão negligenciada pelos três amigos: a natureza disciplinar e redentora dos sofrimentos. Somente Elifaz tinha tocado na questão do sofrimento como uma disciplina (5.17). A abundância das palavras de Eliú, tal como a de Jó e a de seus conselheiros, era considerada prova de eloqüência na cultura deles.

* 32.1-5 O narrador introduziu os quatro discursos de Eliú na situação de

Jó, com uma explicação de por que ele se envolveu no debate.

* 32.3 condenavam a Jó. De acordo com as antigas tradições judaicas, o texto original dizia "condenavam a Elohim", o que foi mudado pela convenção piedosa para "condenavam a Jó", para evitar assim um pensamento blasfemo.

* 32.6—33.7 Eliú precisou desta seção inteira para fazer a sua introdução, e dar a sua razão para também falar. Parece que ele tinha uma personalidade mais calorosa do que os conselheiros, os quais nunca chamaram a Jó pelo nome (cf. 33.1,31).

* 33.8 tuas palavras. Ao citar Jó, Eliú mostrou-se exato (cf. 33.10,11, com 13.24 e 27). Citações literais não eram a norma esperada na antiga cultura oriental.

* 33.12-22 O apelo de Eliú à transcendência de Deus repete o que os

conselheiros já haviam dito, mas ele lida com o tema de forma diferente. Seu propósito é demonstrar que, apesar da transcendência de Deus, ele fala ao homem: através da revelação (sonhos) e através dos sofrimentos.

* 33.23-30 Agindo de modo diferente dos conselheiros, que não viam

lugar algum para a graça ou para a mediação (5.1), Eliú sabe que Deus provê ambas.

* 34.1-37 Após uma introdução pedante, Eliú citou palavras de Jó

que são fáceis de refutar (12.4; 13.18; 27.2,6). A sua tese é que ninguém é verdadeiramente inocente, pelo que Deus a ninguém nega a justiça (v. 5). O corpo principal deste segundo discurso é uma defesa da bondade e da justiça de Deus (vs. 10-30). Eliú encerra com outra condenação das palavras de Jó e o convida ao arrependimento (vs. 31-37).

*** 34.10 longe de Deus o praticar ele a perversidade. Nos próximos 21**

versículos Eliú expõe esse tema. Em momentos de esgotamento extremo Jó afirmara praticamente o oposto (10.3; 12.4-6; 21.7,8; 24.1-12).

* 34.14,15 Eliú está certo: a constante graça de Deus é necessária

para que qualquer de suas criaturas continue a viver.

* 34.16-20 Jó havia perguntado por que os inocentes não vêem o

julgamento divino contra os ímpios (24.1). A resposta de Eliú é que Deus já os está julgando o tempo todo, embora isso nem sempre seja evidente.

* 34.31 O texto hebraico dos vs. 31-33 é difícil de ser compreendido.

* 35.3 Esta pergunta assemelha-se às palavras de Elifaz em

22.3, mas

pode ser extrapolada das palavras de Jó em 9.14-31.

* 35.6,7 Eliú não estava dizendo que Deus não toma conhecimento do

bem e do mal, mas que Deus não está sujeito ao poder da criatura. Ver Rm 11.34,35.

* 35.9-13 Jó tinha-se queixado, no cap. 23, que Deus era indiferente para

com a sua condição. Eliú replicou com alguns bons conselhos (especialmente os vs. 9-11). Mas parte da réplica não se aplica a Jó (v. 12).

* 35.14-16 Eliú criticou o que Jó havia dito, e seu efeito sobre o

relacionamento entre ele e Deus.

* 36.1—37.24 O quarto discurso de Eliú enfoca os sofrimentos de Jó do ângulo da justiça perfeita de Deus e de seu poder absoluto.

* 36.1-4 Eliú abre o discurso com uma apologia na qual repete as suas

credenciais.

* 36.5-15 Eliú luta com o queixume de Jó sobre os ímpios que prosperam

e sobre os justos que sofrem (v. 6). Com isso em mente, ele frisa o poder, a bondade, a justiça e a misericórdia de Deus. Mas tudo isso dentro do contexto do ponto de vista de sofrimento na proporção direta aos pecados, e de retidão sempre abençoada. Somente o julgamento final revelará isso; cf. Jo 9.2,3 com Rm 2.6; 2Co 5.10.

* 36.16-21 Eliú afirma os bons propósitos de Deus nos sofrimentos de Jó,

e adverte-o severamente a aceitar a disciplina divina com sua promessa de livramento da aflição.

* 36.22-26 Eliú volta agora à sua tese inicial (v. 5), acerca da soberania de

Deus, cujo propósito é sempre bom.

* 36.27—37.13 A descrição pitoresca feita por Eliú da majestade de Deus exibida nas forças da natureza se parece um tanto com o primeiro discurso de Deus (cf. o capítulo 38).

* 37.14-24 Torna-se aqui mais nítido o elo com os discursos divinos (caps. 38—41), quando o jovem conselheiro começa a interrogar a Jó acerca do poder e da retidão de Deus. Suas palavras finais antecipam o aparecimento de Deus nos céus (vs. 21,22).

* 38.1—41.34 Em seu aparecimento Deus não menciona a Jó a questão dos seus sofrimentos e muito menos deu as razões para eles. O que o Senhor diz é muito mais importante do que os sofrimentos de Jó, que o Senhor sabia que em breve removeria. E nem Jó recebeu uma declaração de acusação, conforme queria (31.35), mesmo porque não havia nenhuma. E assim Jó aprende que devia deixar o seu caso, incluindo o seu desejo de vindicação, nas mãos de um Deus bom e soberano, que não é seu inimigo (1Pe 4.19).

* 38.1—40.2 Expondo a fraqueza e a insensatez do patriarca o Senhor convocou a Jó para retirar as suas acusações contra o Todo-poderoso.

* 38.1 o SENHOR. O divino nome da Aliança, Yahweh, é agora usado de novo, tal como se viu no prólogo, mostrando que o autor do

livro foi um israelita. Jó e os conselheiros usavam outros epítetos divinos, como "Deus" ou "o Todo-poderoso". Jó 12.9 é o único lugar onde Jó ou os conselheiros usam o nome "Yahweh", e alguns manuscritos, mesmo ali, dizem apenas "Deus". Parece que Jó não era um israelita.

* 38.4—39.30 Nesse exame de Jó, o Senhor revela-se como soberano sobre o mundo natural. Ele é o Criador (38.4-14) da terra (vs. 4-7), do mar (vs.

8-11), do dia e da noite (vs. 12-15). Ele é o Senhor da natureza inanimada (38.16-38) e da natureza dotada de vida (38.39—39.30).

* 38.5 se é que o sabes? A ironia que aqui transparece, bem como nos

vs. 18 e 21, não é sarcasmo, mas um lembrete de que Deus é o Criador.

*
38.7 Quanto à personificação das forças naturais como de Deus,

ver Sl 104.4 e Hb 1.7.

* 38.15 A luz dos ímpios é trevas (Is 5.20; Lc 11.35).

*
38.17 as portas da morte. As "portas" representam o

16.18). O Senhor é soberano em sua dimensão invisível, que nenhuma pessoa viva jamais viu (17.16). De acordo com as religiões pagãs de Canaã, o deus Mote era o governante das dimensões dos mortos, mas Jó sabia que não era assim (cf. 26.6).

* 38.26 chover... no ermo. Em um mundo onde a água da chuva era

preciosa, Deus impressionou Jó com a sua liberdade soberana para fazer o que deixa perplexos aqueles que não apreciam as distinções entre o Deus soberano e eles mesmos.

*** 38.31 atar as cadeias do Sete-estrelo... Órion. Somente Deus exerce**

domínio sobre as forças cósmicas que constrangem as constelações chamadas Sete-Estrelo, e aquelas que compõem a cadeia do caçador Órion.

*

38.36 sabedoria... entendimento. A palavra hebraica tradu

"meteoro", ocorre somente aqui, e seu sentido tem estado em dúvida desde os tempos antigos. Se uma tradução tradicional for aceita, o versículo pergunta quem deu sabedoria ao "íbis" e ao "galo", aves que eram tidas como algo que anunciava a vinda da chuva e as inundações do rio Nilo.

*

38.39 Aqui as perguntas mudam da criação inanimada a criação

animada: um exemplo de criaturas de Deus, grandes e pequenas.

*** 39.1,2 Sabes tu... ou cuidaste... Podes contar. Deus lembra Jó de sua**

obra criadora, sábia e sustentadora, mesmo nas colinas estéreis, onde o homem quase não pode viver — bem como da ignorância de Jó, em contraste.

*** 39.5 Quem despediu livre o jumento selvagem. Essa criatura**

selvagem era grandemente admirada por sua liberdade e pela sua capacidade de viver no "ermo" (v. 6).

* 39.9 Acaso, quer o boi selvagem servir-te? Esse animal, atualmente

extinto, já era raro na Palestina, nos dias de Jó. Ele foi caçado até à extinção pelos egípcios e pelos assírios.

* 39.18 ri-se do cavalo e do cavaleiro. O avestruz é uma ave que não

pode voar, mas que corre mais rápido do que um cavalo. Jó tinha-se queixado de paradoxos em sua vida; mas Deus mostrou paradoxos naturais que só são resolvidos nos propósitos secretos (ou revelados) do Deus auto-existente.

* 39.19 dás tu força ao cavalo. Provavelmente esse era o cavalo de

guerra, por reputação o mais forte e inteligente dos animais.

* 39.29 seus olhos a avistam de longe. Em adição ao misterioso instinto

migratório das aves (v. 26), essas palavras falam sobre a visão fenomenal das águias.

* 40.1,2 Essa conclusão do primeiro discurso deve ser comparada com

seu início, em 38.2. Ambos os discursos relutavam as declarações ousadas mas errôneas de Jó, durante seus momentos de dúvida.

* 40.3-5 Jó abandona seu desejo obsessivo de ser vindicado. Era a vez de

Jó falar, mas ele nada tinha para dizer. Ele ficou humilhado diante do

Todo-poderoso.

* 40.6—41.34 O Senhor inicia o seu segundo discurso (40.6,7), tal como o

fizera em 38.1-3, mas aqui desafia a Jó com uma nova linha de raciocínios sobre as perguntas de Jó quanto a Deus ser justo a julgar os ímpios. Em seu primeiro discurso, Deus revelou-se como o Senhor da natureza, mas aqui como o Senhor do reino moral.

* 40.8-14 Essa seção enfatiza o poder de Deus sobre o orgulho e a

iniqüidade (vs. 11,12). Os monstros mencionados nos versículos que se seguem, o hipopótamo e o leviatã, provavelmente representam forças do mal que Deus controla, mas diante das quais Jó ficaria impotente.

* 40.15 Hipopótamo. A raiz da palavra hebraica aqui empregada quer

dizer "gado", mas a forma como ela aparece aqui subentende o sentido de "o animal acima de toda comparação". Partes da descrição, especialmente o v.

19, ultrapassam qualquer criatura natural como o hipopótamo ou o crocodilo. A literatura cananéia descreve a deusa Anate vencendo um touro terrível e um "leviatã" com sete cabeças. A fala do Senhor indica que quaisquer que sejam as forças sugeridas por tais criaturas, não passam de brinquedos em comparação com o poder insondável do Senhor.

* 41.1 Crocodilo. É possível que o "leviatã" (aqui traduzido "crocodilo")

e o "beemote" (hipopótamo de 40.15) formem uma repetição poética, ambos referindo-se a uma única criatura. A descrição poética nessas

linhas está ancorada na natureza, mas a criatura ou criaturas descritas representam algo mais do que isso. Tal como o leviatã, em Is 27.1 e Sl 74.14, eles simbolizam poderes ameaçadores nas dimensões celestial e terrestre (Ap 12.7; 13.1).

* 41.34 Este versículo ajusta-se exatamente às linhas que introduzem o

beemote e o leviatã, em 40.11,12.

* 42.1-6 Mui apropriadamente, Jó agora estava mais do que humilhado;

ele tinha que se arrepender de suas palavras precipitadas, nas quais expressou suas dúvida sobre a justiça de Deus, durante seu período mais profundo de sofrimentos. Por causa de sua experiência, seu arrependimento não foi forçado, mas sincero.

* 42.2 Ver sobre "Onipresença e Onipotência", índice.

* 42.5 mas agora os meus olhos te vêem. Jó não podia divisar

fisicamente, através do redemoinho de dentro do qual Deus falava (38.1; 40.6); mas expressou um significado mais profundo. Ele conhecia Deus através de palavras, mas agora experimentava a viva presença divina em seu ser interior. Ele tinha se encontrado com Deus como Salvador e amigo e, acima de tudo, como Deus.

* 42.7-17 O drama introduzido no prólogo, agora completa o seu círculo.

* 42.7-9 Deus repreende os conselheiros de Jó e aceita as orações de Jó

em favor deles.

* 42.7 o que era reto. Visto que Deus havia repreendido (e

perdoado) a

Jó por coisas que este declarara, por que Deus afirma aqui haver Jó dito o que era reto, ao passo que os conselheiros, não? As palavras deles geralmente eram formalmente inculpáveis. Mas os conselheiros falharam pois, ignorando o motivo do sofrimento de Jó, com arrogância imaginaram saber e o acusaram falsamente de pecados que ele não cometera. O fato de a oração de Jó em favor deles ter sido aceita indica que Deus os perdoou graciosamente.

* 42.8 orará por vós. Com frequência supomos que orarmos por nossos

acusadores é um ensino do Novo Testamento, mas esse ensino aparece aqui, no livro de Jó. Dessa maneira, Jó prefigurou a Cristo, o qual, estando encravado na cruz, orou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).

* 42.12 abençoou o SENHOR. Jó foi restaurado, e aqueles que se

tinham recusado a apoiá-lo na sua hora de trevas (19.13-20), foram perdoados. Os estudiosos têm objetado a essa restauração, visto que muitos, através dos séculos, têm sofrido sem serem restaurados. Mas Deus permitiu que Satanás (o Adversário) ferisse a Jó, para provar que seu servo permaneceria fiel. O

leitor sabe que Satanás tem-se mostrado um mentiroso: Jó nunca amaldiçoou a Deus (1.11; 2.5), e Deus foi glorificado. Deus teve muito prazer em recompensar o seu servo. A "perseverança de Jó" era conhecida por Deus (Tg 5.11). O clamor de Jó: "Contudo, defenderei o meu procedimento" (13.15), pode ser comparado ao clamor de Jacó: "Não te deixarei ir, se me não abençoares" (Gn 32.26).

SALMOS

* Sl 1 Como se fora o vestíbulo de um santuário, um dos relativamente poucos salmos de sabedoria introduz a coletânea inteira. Antes de ter uma conversa íntima com Deus, a atitude do leitor para com a lei de Deus precisa ser considerada. A pessoa reta ama e estuda a lei; mas a pessoa ímpia a odeia.

* 1.1 Bem-aventurado. Uma palavra mais enfática do que

"feliz"; ser alguém um "bem-aventurado" é desfrutar do favor e da graça especiais de Deus.

Não anda... não se detém... nem se assenta... O homem justo é aqui descrito pelo que ele evita. Há uma progressão para baixo nos verbos "andar", "deterse" e "assentar-se".

* 1.2 Antes, o seu prazer. O homem justo é descrito como

alguém que ama a lei de Deus. "Lei" pode referir-se a um mandamento específico, mas também à Escritura inteira. A pessoa justa cresce, mediante uma aceitação obediente das Escrituras, que exprimem a vontade de Deus.

* 1.3 como árvore. Assim como José prosperou no Egito, assim

sucederá ao justo. Ele é comparado a uma árvore luxuriante, sempre florescendo porque há água abundante próxima.

* 1.4 Os ímpios não são assim. O contraste é forte. Os ímpios

são comparados a plantas mortas e sem raízes. Um sopro de vento os derruba.

* 1.6 o SENHOR conhece o caminho. Os dois caminhos nesta

vida são determinados pela relação do indivíduo com o Senhor. O ideal da retidão tem cumprimento em Jesus Cristo.

* Sl 2 O tema do reinado permeia este salmo. Ao passo que a maioria dos salmos do reinado enfoca a atenção sobre a monarquia divina ou humana, o Sl 2 integra artisticamente a ambas, contrastando o Rei divino e sua contraparte humana com os hostis "reis da terra". Este salmo não tem título, mas o Novo Testamento o atribui a Davi (At 4.25). O Novo Testamento com freqüência cita e alude a este salmo (Mt 3.17; 17.5; At 4.25-27; 13.33; Rm 1.4; Hb 1.5; 5.5).

Jesus Cristo é o Filho de Davi e o Filho de Deus; nele as promessas dadas a Davi se cumprem.

* 2.2 Os reis. As nações estão se organizando por meio de seus

líderes políticos.

o seu Ungido. Embora o rei davídico vivo certamente esteja em vista aqui, para o salmista, a referência final do cântico é ao Cristo, o Rei dos reis.

* 2.3 Rompamos os seus laços. Uma metáfora que indica uma

atitude de rebelião.

* 2.4-6 O Senhor responde a seus inimigos com a instalação do Rei.

* 2.6 o meu Rei. O Senhor anula os planos dos reis apontando

para o estabelecimento de seu Rei messiânico, prefigurado na monarquia temporal de Jerusalém.

monte Sião. Sião era a colina ao norte da cidade davídica de Jerusalém. A colina não é importante por causa de suas dimensões, mas por estar ali localizado o templo. Algumas vezes, a inteira cidade

de Jerusalém é chamada de Sião. A Sião terrestre era um sinal da Sião celeste. Grande parte do simbolismo do templo prenunciava as realidades celestiais.

* 2.7 Tu és meu Filho. A fala divina dirigiu-se ao Filho de Deus

(cf. Hb 1.5), tendo Davi como testemunha, refletindo a promessa de 2Sm 7.14 — a "Aliança davídica", o qual tem em vista não meramente os descendentes

terrenos de Davi, mas o Filho de Deus, de quem Davi também era um antepassado.

* 2.8 Ver "Deus Reina: A Soberania Divina", índice.

* 2.12 Beijai o Filho. Beijar o Filho é um ato de submissão (cf. 1 Sm 10.1). A palavra "Filho" não é o termo hebraico usual, mas é um inesperado vocábulo aramaico.

* Sl 3 Cercado de aflições e clamando ao Senhor, em sua angústia, o salmista exprime profunda confiança em Deus. Este salmo foi composto quando Davi fugia de Absalão e combatia a revolta. A terminologia militar por todo o salmo pode indicar que o mesmo continuou sendo usado nas lides da guerra.

* 3.1 tem crescido o número. O número e a natureza dos

adversários deixa entrever a origem régia deste salmo. Os adversários da nação de Israel são também os adversários do rei.

* 3.3 o que exaltas a minha cabeça. Uma expressão de

encorajamento.

* 3.4 do seu santo monte. Isto é, Sião (ver nota em Sl 2.6).

Deus designou Sião como o lugar onde o seu povo podia aproximar-se dele por meio de sacrifícios.

* 3.5 Deito-me e pego no sono. Tal como no Salmo 91, o

salmista foi capaz de dormir no acampamento de guerra, embora o inimigo o estivesse cercando.

* 3.7 Levanta-te. Esta expressão é típica dos salmos entoados

no começo de uma guerra. Deus luta por seu povo contra os seus inimigos de carne e sangue.

* Sl 4 Tal como o Salmo 3, este salmo foi composto em meio à aflição, onde o salmista exibiu uma profunda confiança em Deus. Ambos esses salmos meditam sobre a fé durante a noite (vs. 4, 8). O homem justo nada tem a temer, porquanto Deus ouve suas orações e cuida dele. Não é que os justos não pequem, mas vivem em relacionamento de aliança com Deus.

*** 4.1 Responde-me... Deus da minha justiça. Os verbos no**

modo imperativo deste versículo mostram a ousadia do salmista em oração. ele podia chamar a Deus com destemor, porquanto sabia que Deus é a sua justiça (Jr 23.6).

* 4.2 a minha glória em vexame? Parece que o salmista estava

irado com os homens que se afastam de Deus para servir os deuses falsos das nações.

a vaidade. Literalmente, "coisas vazias”.

a mentira. Os ídolos adorados pelas nações são mentiras, porquanto na realidade eles não existem; são apenas figuras de uma imaginação pecaminosa.

* 4.3 o piedoso. Aqueles que estão em situação de aliança com

Deus, os que recebem o amor de Deus.

* 4.4 Irai-vos e não pequeis. Cf. Ef 4.26. Esses são os

sacrifícios preceituados em Lv 1—7, oferecidos com uma atitude reta, sem a qual todos os sacrifícios e adoração seriam inaceitáveis (Sl 40.6-8).

* 4.6 o bem. Os céticos zombam, dizendo que nada é bom. O

salmista responde às dúvidas deles com um apelo para que Deus se revelasse.

a luz do teu rosto. Essa frase assemelha-se à bênção sacerdotal que se acha em Nm 6.25,26.

* 4.8 Em paz me deito. A presença íntima de Deus permitia que

o salmista dormisse pacificamente em plena confiança. Seu coração estava cheio de bênçãos espirituais.

* Sl 5 Este lamento roga ao Senhor, em meio à aflição. Entretanto, o salmista também expressou confiança na proteção do Senhor. A aflição do salmista foi causada pela linguagem maligna dos ímpios.

* 5.1 gemido. A palavra hebraica implica em uma espécie de

sussurro, de fala quase inaudível, como acompanharia a memorização ou uma reflexão (1.2).

* 5.2 Rei meu. Davi, o rei de Israel, dirigiu-se a Deus como o seu

Rei. ele sabia que o seu próprio reinado era um pálido reflexo do reinado de Deus.

*** 5.4 Não és Deus que se agrade com a iniqüidade. Essa é**

uma declaração poética atenuada. Deus odeia o pecado (v. 5; 11.5).

contigo não subsiste o mal. Deus é santo, "separado" de todo o mal. Pessoas pecaminosas não podem entrar em sua presença sem um sacrifício substitutivo.

* 5.7 entrarei na tua casa. O salmista protesta a sua inocência

afirmando o seu desejo de adorar o Senhor. "Tua casa" e "teu santo templo" são frases que podem referir-se ao local onde o templo seria construído, ou talvez o tabernáculo existente nos próprios tempos do salmista (1 Sm 1.9).

pela riqueza da tua misericórdia. O escritor sabia que ele era diferente dos iníquos somente por causa da misericórdia de Deus. Seus próprios pecados haveriam de destruí-lo se Deus não tivesse compaixão dele, ao aproximar-se da presença de Deus.

* 5.8 o teu caminho. A senda segura que Deus abre é,

igualmente, a vereda da obediência à sua vontade.

* 5.9 crimes... sepulcro aberto. Note o leitor como a linguagem

maligna atrai a morte.

* 5.10 caiam por seus próprios planos. O salmista invocou a Deus para castigar os ímpios, por serem eles culpados. O pecado por muitas vezes traz suas próprias conseqüências retributivas.

* Sl 6 Este salmo consiste em um lamento individual. Tal como acontece em muitos lamentos, o salmista expressou sua confiança no Senhor, no fim do salmo. O motivo do salmo parece ter sido uma enfermidade severa (vs. 2,5). Este é um dos sete "salmos penitenciais" (juntamente com os Salmos 32; 38; 51; 102; 130 e 143).

*** 6.1 não me repreendas... nem me castigues. O salmista**

implora que o Senhor se refreasse de castigos verbais ou físicos. Deus, entretanto, disciplina o seu povo (Hb 12.1-13) visando a correção e não a destruição.

*** 6.2 eu me sinto debilitado... meus ossos estão abalados. O**

salmista experimentava certo sofrimento, provavelmente uma grave enfermidade. Alguns tomam essa linguagem como figurativa da aflição espiritual.

* 6.3 até quando? O salmista indagou ousadamente por quanto

tempo ainda Deus permitiria que seus sofrimentos continuassem. ele buscava alívio, desesperadamente, naquele que era capaz de conferir alívio.

* 6.4 Volta-te, SENHOR. O salmista pensava que Deus lhe

havia virado as costas.

por tua graça. A palavra aqui traduzida por "graça" indica quão devotamente Deus se liga ao seu povo, por meio de sua aliança.

* 6.5 não há recordação. Uma declaração semelhante é

expressa em 30.9. A doutrina da ressurreição, tal como a doutrina da Trindade, fica implícita no Antigo Testamento, mas só é plenamente desenvolvida no Novo Testamento. Os vivos observam que os mortos fazem silêncio, e não participam da adoração.

no sepulcro. No hebraico temos a palavra seol. Essa palavra figura principalmente nas passagens poéticas que revelam os pensamentos e os temores dos vivos; mas não apresenta a doutrina da ressurreição ou de um estado intermediário. Ver Is 14.9-11, nota.

*** 6.8 todos os que praticais a iniqüidade. Essa referência,**

juntamente com a referência aos "adversários", no versículo anterior, aparece abruptamente. É possível que os adversários sejam pessoas, como os "amigos" de Jó, que culpavam o paciente, atribuindo sua enfermidade ao seu pecado.

* Sl 7 Um lamento e salmo de refúgio por uma pessoa inocente cercada de inimigos. Assim como uma pessoa falsamente acusada de assassinato podia encontrar abrigo na casa de Deus, e apelar ao tribunal divino, assim também o salmista entregou seu caso a Deus. Seus protestos de inocência referem-se a acusações específicas e não são uma reivindicação de impecabilidade. Ver Sl 11; 17; 26; 27; 31; 71.

* 7.2 como leão. Embora não mais sejam encontrados hoje em

dia no território de Israel, os leões eram abundantes ali, nos tempos antigos. O leão com freqüência simbolizava poder, crueldade e violência (Is 5.29; Na 2.11,12).

* 7.5 persiga o inimigo. ele não temia invocar uma maldição

contra si mesmo, visto saber que era inocente.

*

7.6

Levanta-te. Ver nota em 3.7.

* 7.8 O SENHOR julga. Há um pano de fundo judicial neste

salmo de refúgio. Deus devia julgar entre o salmista e os seus oponentes.

*** 7.14,15 concebeu a malícia... Abre... uma cova. Esses termos**

expressam a convicção de que o pecador colhe aquilo que semeia. O pecado atrai sua própria retribuição.

* Sl 8 O assunto deste hino é a excelência de Deus em suas obras de criação, um dos temas principais da literatura de sabedoria. Este salmo pode ser chamado de poema de sabedoria. Pondera a exaltação, por parte de Deus, da humilde humanidade, outorgando-lhe domínio sobre a criação (Gn 1.28).

* 8.1 Ó SENHOR. No hebraico temos Yahweh, o nome pessoal,

da aliança, que Deus revelou a Moisés ao pé da sarça ardente (Êx 3).

Senhor nosso. Um título que também pode ser traduzido por "governador" ou "senhor de escravos". ele é o nosso Senhor por haver estabelecido a sua aliança com o seu povo.

quão magnífico... é o teu nome! A repetição dessa linha, no final do poema, ressalta a elevada nota de reverência que permeia o salmo. "Nome" indica o caráter ou a reputação de Deus.

* 8.2 pequeninos... adversários. Note-se aqui o contraste entre

os débeis e os fortes. Entretanto, por causa dos louvores a Deus que entoam, os débeis silenciam os poderosos. Ver Mt 21.16.

* 8.3 obra dos teus dedos. O universo, quase ilimitado, é

descrito como obra dos dedos de Deus, o que enfatiza o poder de Deus.

* 8.4-6 Esta passagem foi aplicada a Jesus, em Hb 2.6-8. ele foi o Homem

perfeito, além de ser Deus. Jesus é o modelo seguido pela humanidade remida, tendo restaurado o domínio humano sobre a criação (Gn 1.28). Ver também 1 Co 15.27 e Ef 1.22.

* 8.4 que é o homem. Ver Jó 7.17; 25.6; Sl 144.3. Na vastidão

do universo, e tendo por fundo a grandeza do poder de Deus, o homem é pequenino.

* 8.5 menor do que Deus. A palavra hebraica 'elohim, em nossa

versão portuguesa traduzida por "Deus", também pode significar "seres divinos", ou "anjos". Todavia, se Deus estivesse mesmo em vista, esperar-se-ia "fizeste-o, no entanto, um pouco menor do que tu mesmo".

* 8.6 domínio. O "mandato cultural" de Gn 1.28, conferiu

divinamente, à humanidade, a autoridade e a responsabilidade de governar a vida na terra.

* Sl 9 Este lamento começa como se fosse um poema de ação de graças; mas no v. 13 o salmista volta-se para o Senhor com novas petições, e o salmo conclui nessa nota. É provável que os Salmos 9 e 10 originalmente fossem um único salmo. Juntos eles formam um único acróstico (ver Introdução à Poesia Hebraica).

* 9.1 as tuas maravilhas. No original hebraico isso refere-se

aos grandes atos de Deus, sua intervenção nas atividades humanas, como por ocasião do êxodo do Egito.

*** 9.3 ao retrocederem os meus inimigos. Essa é uma**

declaração de esperança futura, e não de realidade passada.

* 9.4 no trono... julgas retamente. O salmista não confiava em

si mesmo, mas no caráter de Deus como o justo Juiz.

* 9.5 lhes apagas o nome. Para nunca mais serem

lembrados,

o que contrasta com o nome de Deus (v. 2), que será louvado para sempre.

* 9.11 que habita em Sião. Ver 2.6, nota. Os crentes aflitos devem saber que Deus está presente com eles no mundo.

* 9.12 aquele que requer o sangue. Lit., "busca o sangue". Deus não permite que a iniqüidade fique sem ser castigada (Gn 9.6; Na 1.2-6).

* 9.13 portas da morte. Ver Pv 1.12, nota. Este versículo é o primeiro sinal da atual aflição do salmista.

* 9.14 portas da filha de Sião. Frase contrastada com "portas da morte", no versículo anterior. Pela oração respondida o salmista louvaria a Deus nos lugares mais públicos de Jerusalém, a "filha de Sião".

* 9.15 Afundam-se as nações na cova que fizeram. Ver Sl 7.14-16. A iniqüidade de tais inimigos retornaria para caçá-los.

* 9.17 Os perversos. Melhor definidos ainda na segunda metade do versículo como "todas as nações que se esquecem de Deus".

inferno. No hebraico, seol (Pv 1.12, nota).

* 9.18 o necessitado... aflitos. A frase "os pobres e os necessitados" (35.10; 74.21; Pv 31.9; Ez 18.12) é uma expressão fixa no Antigo Testamento, e essas palavras também aparecem com freqüência em trechos paralelos (72.12; Jó 24.4; Is 32.7; Am 8.4). O sentido, por muitas vezes, é a pobreza literal; mas essas palavras também podem ser usadas figuradamente para expressar uma total dependência a Deus (40.17; 86.1; 109.22; ver também Mt 5.3 e Lc 6.20). A pobreza, por si mesma, não é meritória, mas Deus dá uma atenção especial aos clamores dos aflitos (12.5; 72.4, nota).

Jeremias equiparou trazer "justiça e retidão" aos "aflitos e necessitados" com "conhecer-

me" (Jr 22.15,16). Esses cuidados faziam parte da responsabilidade explícita dos que estavam em posições de mando.

* 9.19 Levanta-te. Ver Sl 3.7, nota.

* Sl 10 Este salmo não tem título. Em sua forma original, provavelmente era combinado com o Sl 9 (ver acima sobre o Sl 9). Considerado em separado, este salmo seria um lamento individual, deplorando os ímpios que vitimam os justos, e conclamando a Deus para restaurar a justiça.

* 10.1 Por que... te conservas longe? O salmista estava mais

perturbado pela aparente ausência de Deus do que pela presença dos seus inimigos.

* 10.3 maldiz... blasfema. O julgamento ético dos ímpios está virado de

cabeça para baixo. Eles deveriam abençoar o Senhor e rejeitar os avarentos.

* 10.5 São prósperos... em todo tempo. Da perspectiva dos oprimidos,

parece que o opressor desconhece aflições (Sl 73.12).

* 10.6 Jamais serei abalado. Essa atitude de autoconfiança trouxe

tribulações ao próprio salmista (Sl 30.6). A confiança do crente deve estar firmada em Deus, e não em sua própria capacidade.

* 10.7 A boca... debaixo da língua. Os pecados da expressão verbal

são o foco da atenção. Rm 3.14 alude a este versículo.

* 10.8 Põe-se de tocaia. A metáfora do ímpio postado de emboscada é

bem conhecida no livro de Provérbios (Pv 1.11).

nos lugares ocultos. Os iníquos preferem atuar nas trevas, e não na luz (Jo 3.19).

10.9 na sua rede. Os ímpios são caçadores dos indefesos.

* 10.12 Levanta-te, SENHOR! Ver nota em 3.7.

ergue a mão! Essa metáfora refere-se à ativa intervenção de Deus, em favor do salmista.

* 10.14 órfão. No antigo Oriente Próximo e Médio, os órfãos e as viúvas

eram exemplos extremos de desamparo, visto que não tinham parentes nos quais amparar-se.

* 10.16 é rei. Deus é o Senhor da aliança; ver Introdução: Características

e Temas.

as nações. Aqueles que adoravam a outros deuses e perseguiam o povo de Deus.

* 10.17,18 justiça ao órfão. O lamento termina com uma forte declaração de confiança em Deus, o qual livra os fracos da opressão. Os homens aterrorizam, mas Deus controla a iniqüidade dos homens.

* Sl 11 Outro salmo de refúgio. Ameaçado por seus inimigos, o salmista deposita sua confiança em Deus.

* 11.1 para o teu monte? Talvez "para longe do teu monte". Se é mesmo "para o teu monte", então talvez o conselho seja para fugir da cidade para alguma fortaleza existente em um monte. Mas se é "para longe do teu monte", então a referência é a Sião. Em ambos os casos, Davi estava sendo aconselhado por outros a encontrar salvação em algum lugar que não era Deus.

* 11.2 o arco... a sua flecha. Se este salmo, originalmente tinha um

fundo militar, e seria apropriadamente usado durante períodos de guerra, a sua linguagem figurada também pode referir-se igualmente a outros tipos de aflição.

* 11.3 os fundamentos. Ou seja, o reino concebido como uma entidade

política; incluindo sua economia, sua vida militar e coisas similares.

o justo. Mas talvez esta seja uma referência a Deus: "o Justo". Os demais versículos passam a descrever o que Deus estava fazendo.

* 11.4 seu trono. Na qualidade de Rei do universo, Deus exerce o

controle. Nada escapa à sua atenção. Nem mesmo os atos dos ímpios estão fora do seu alcance.

* 11.6 brasas de fogo e enxofre. Isso nos faz lembrar do juízo contra

Sodoma e Gomorra (Gn 19.24). O mal será completamente consumido a fogo.

será a parte do seu cálice. Existe um cálice da bênção de Deus (Sl 23.5), tanto quanto um cálice de sua ira. Os ímpios sorverão a ira divina até às suas escórias (75.8). Jesus Cristo tomou sobre si o castigo de seu povo, ao sorver o cálice divino de julgamento.

* 11.7 a face. Deus fará sua presença conhecida ao seu povo, no meio

das trevas. Na ressurreição dos justos, essa esperança será plenamente cumprida.

* 12.1 desapareceram os fiéis. À semelhança de Elias, em 1Rs 19.14,

o salmista sentia-se sozinho em sua devoção ao Senhor.

* 12.2 Falam com falsidade. Lit., "falam mentiras" ou "falam vazios",

incluindo falsidades claras, mas também de forma insincera e irresponsável, que barateia e corrói toda comunicação humana.

* 12.3 Corte o SENHOR. Ser "cortado" usualmente significava ser

excluído da comunidade, mas ocasionalmente podia indicar a morte.

* 12.5 eu me levantarei. Ver Sl 3.7, nota.

* Sl 13 Um lamento expressado da perspectiva de um indivíduo. A situação de aflição não é claramente definida, permitindo múltiplas aplicações. Se a palavra "inimigo" for tomada literalmente, então a guerra está em pauta.

Ou então o salmista podia estar doente e prestes a morrer (v. 3).

* 13.1 Até quando, SENHOR? Ver nota em Sl 6.3. As quatro repetições

da expressão exprimem a angústia do salmista.

* 13.5 graça. Um termo próprio da linguagem da aliança,

especificamente, a devoção graciosa, o amor por meio do qual Deus

se vinculou ao seu povo.

regozije-se. Contrastar com o v. 4. O inimigo regozijar-se-ia na queda (morte) do salmista; Deus, em sua salvação.

* Sl 14 Este salmo revela uma atitude de tranqüila meditação, ao mesmo tempo que enfoca a maldade humana. Ver Sl 53, que tem um começo semelhante.

* 14.1 o insensato. O insensato pode ser altamente inteligente, segundo

os padrões do mundo. Mas ele se esquece da natureza verdadeira da realidade (Ec 2.14). Ser chamado de insensato é um julgamento moral.

Não há Deus. O insensato nega a existência de Deus como uma questão de preocupação humana. Isso corresponde ao ateísmo prático. Deus é tido como indiferente para com as atividades do mundo, e especialmente, para com as atividades do indivíduo. Ver "Conhecimento e Culpa", índice.

Corrompem-se. Note o leitor o uso deste salmo por Paulo, em Rm 3.10-18. A insensatez significa falta de moralidade, e não ausência de intelecto natural.

* 14.2 quem busque a Deus. O homem caído em seus pecados não

busca ativamente a Deus.

* 14.4 como quem come pão. Os ímpios com freqüência exploram as

pessoas, e isso sem nenhum senso de culpa. Para eles trata-se de algo tão natural como comer pão.

* 14.6 seu refúgio. Deus pode predominar sobre os planos iníquos dos

malfeitores para o bem dos aflitos. Esse princípio foi salientado por José (Gn 50.20), e foi aplicado à crucificação, em At 2.22-24.

* 14.7 de Sião. O lugar de onde Deus mais revelava pessoal e

diretamente a sua presença.

* Sl 15 Este salmo nos lembra o Sl 1, enfocando sua atenção sobre os requisitos para alguém aproximar-se da presença de Deus, no santuário. É semelhante a Sl 24.3-6. As duas passagens (cf., também 33.14-16) têm sido chamadas de "liturgias de entrada", visto que respondem à pergunta: "Quem pode entrar no santo lugar de Deus?"

* 15.1 tabernáculo? Lit., "tenda". Antes do templo ser erigido, o símbolo

da habitação de Deus entre o seu povo era uma tenda.

santo monte? O monte Sião, onde o templo estava localizado.

* 15.2-5 Os dez requisitos para a entrada ali são éticos, e não formais ou

litúrgicos.

* 15.4 com dano próprio. Alternativamente, "e não se retrata". A lição é

a mesma: quando faz uma promessa, a pessoa justa cumpre a sua palavra.

* 15.5 não empresta o seu dinheiro com usura. Dt 23.19,20. De um estrangeiro se podia cobrar juros, mas não de um compatriota israelita. A intenção dos empréstimos era aliviar a necessidade extrema, e tais juros eram uma forma de exploração.

* Sl 16 Este salmo exprime confiança no Senhor, embora seja difícil dizer se a crise era passada ou presente para o salmista. A morte poderia ser iminente para ele (v. 10).

* 16.1 Uma invocação ao Senhor e um apelo pedindo socorro. Esta linha indica que a crise continuava presente para o salmista.

* 16.3 santos. Lit., "aqueles que foram separados". O povo eleito de Deus.

* 16.4 por outros deuses. O perigo de adorar a outros deuses era um perigo sempre presente em Israel (cf. 1Rs 18). O salmista enfatizou aqui que os poderes e epítetos atribuídos aos deuses pagãos pertenciam, realmente, a Yahweh (Sl 29).

as suas libações de sangue... o seu nome. Isto é, dos deuses estrangeiros. Esses são dois exemplos das maneiras como os sistemas religiosos das nações circunvizinhas tentavam compelir suas divindades a ajudá-las.

* 16.5 porção... cálice... sorte. Três metáforas que descrevem a vida como um presente de Deus.

* 16.6 as divisas. Uma vez mais, provavelmente uma metáfora para a qualidade de vida do salmista. A vida que Deus lhe dava não somente era segura (v. 5), mas também era "agradável".

* 16.7 meu coração. Lit., "rins". Tal como no caso de "coração", os rins representam o âmago da pessoa do ser humano.

* 16.10 não deixarás a minha alma na morte. A aplicação imediata deste salmo é a Davi e aos santos do Antigo Testamento. Refere-se ao livramento da ameaça imediata da morte, mas aponta profeticamente para o Filho de Davi, a quem o Davi histórico servia de reflexo e prenúncio. Tanto

Pedro quanto Paulo reconheceram que Jesus foi o cumprimento final deste salmo (At 2.25-28; 13.35).

* Sl 17 Um salmo de refúgio, cujo título é "Oração". O livro dos Salmos é um livro de orações, bem como uma coletânea de hinos.

* 17.1 meu clamor. O salmista não estava negando que era um

pecador. Mas estava negando acusações específicas feitas contra ele.

* 17.2 o julgamento. O salmista levou sua causa a Deus.

* 17.3 Sondas-me o coração. Aqui, o "coração" é o centro oculto do ser

de uma pessoa, mas Deus pode decifrar o coração.

* 17.4 pela palavra dos teus lábios. A vontade de Deus, exibida pela

sua própria lei.

* 17.5 tuas veredas. Essas veredas, definidas na Palavra de Deus,

devem ser contrastadas com os "caminhos do violento" (v. 4).

* 17.7 maravilhas da tua bondade. A palavra hebraica por detrás de

"bondade" denota o amor de Deus para com aqueles que têm aliança com ele.

ó Salvador. O salmista podia pensar na história passada de Israel e ver por quantas vezes Deus tinha salvado seu povo aflito. O êxodo do Egito é o grande exemplo do amor salvífico de Deus.

* 17.8 a menina dos olhos. A pupila, uma das partes mais sensíveis do

corpo humano (Dt 32.10).

* 17.10 Insensíveis, cerram o coração. Uma tradução alternativa é "sua

gordura", uma caricatura de sua aparência física.

* 17.11 cercando os nossos passos. O inimigo havia tomado a iniciativa

de destruir o salmista.

* 17.12 Com o leão. Comumente conhecido por sua violência e

crueldade. Cf. Sl 7.2; 10.9; 22.13.

* 17.13 Levanta-te. Sl 3.7, nota.

* 17.14 cujo ventre tu enches. Este versículo exprime a verdade geral

de que os justos não padecerão necessidade.

* 17.15 contemplarei a tua face. O salmista conhecerá a presença de

Deus, dando a entender a sua ressurreição na "semelhança" de Deus (1Jo 3.2.).

* Sl 18 Este salmo agradece ao Senhor por um grande livramento. O mesmo salmo aparece em 2Sm 22 com minúsculas diferenças.

* 18:Título. Ver Introdução: Autor; Características e Temas. O título atribui este salmo a Davi.

* 18.1 Eu te amo. Não é a palavra hebraica usual para "amar"; enfatiza a intimidade, expressando a devoção pessoal de Davi.

* 18.2 minha rocha. Este termo conota proteção. Quando fugia de Saul, Davi achava refúgio nas cavernas e penhascos dos leitos secos dos rios.

força da minha salvação. "Força", é lit., "chifre".

* 18.4 Laços de morte. Os tentáculos da morte elevam-se do seol, do inferno, para arrastar para baixo o salmista.

torrentes de impiedade. Os poderes do mal e da morte são freqüentemente comparados a um dilúvio avassalador (Is 28.15,17,18; Mt 16.18; Sl 46.2, nota; 69.1,2, nota).

* 18.6 do seu templo. Lugar da presença especial de Deus. Por ocasião

da dedicação do templo, Salomão deu a entender que aquela era a solução apropriada para as tribulações (1Rs 8).

* 18.7 a terra se abalou. Quando Deus se revela como um guerreiro a

natureza se convulsiona (Is 24.4-13; Na 1.5).

montes. Os montes simbolizam tudo quanto é firme e estabelecido no mundo, mas estremecem perante o poder de Deus.

* 18.8 narinas... boca. As narinas e a boca são figuras de linguagem

padronizadas sobre a ira. Fumaça e fogo com freqüência acompanham uma teofania (uma auto-revelação pessoal de Deus: Gn 15.17; Êx 19.18; Na 1.6.).

* 18.9 sob os pés densa escuridão. Deus é retratado como quem

viera

à batalha com as nuvens de tempestade. Esse retrato é frequente na Bíblia (Sl 68.4; 104.3; Na 1.3; Dn 7.13). No Novo Testamento, Cristo é retratado como quem voltará à terra entre nuvens (Mc 13.26; Ap 1.7).

* 18.10 um querubim. Os seres angelicais são mencionados pela

primeira vez em Gn 3.24. O papel deles, em Gn 3, e sua representação simbólica em lugares-chaves no tabernáculo (Êx 26.1,31), indicam que eles são guardiães da santidade de Deus (cf. Ez 1 e 10).

* 18.13 a voz. O trovão; cf. Sl 29.3-9.

* 18.14 suas setas. Os relâmpagos.

* 18.15 se viu... se descobriram. Quando Deus aparece como o

defensor de seu povo, as águas, que representam o caos e o mal, retrocedem. Cf. 77.16-19 (um reflexo do êxodo do Egito; Na 1.4; Ap 21.1).

tua repreensão. Deus controla as águas caóticas do mar (Sl 106.9). Jesus mostrou ser a segunda pessoa da Trindade ao silenciar as águas caóticas com sua repreensão (Lc 8.22-25).

* 18.16 muitas águas. Símbolos da tribulação e aflição (Sl 69.2).

* 18.19 um lugar espaçoso. Isso pode ser uma alusão ao êxodo e à

conquista da terra de Canaã. Deus livrou Israel de muitas águas (o mar Vermelho) e trouxe os israelitas a um lugar espaçoso (a Terra Prometida). O lugar espaçoso contrasta com o lugar estreito, de onde seria difícil ou mesmo impossível escapar de um inimigo.

* 18.21 os caminhos do SENHOR. A lei da aliança com Deus.

* 18.25 benigno te mostras... também íntegro. O termo traduzido aqui

por "benigno" refere-se à bondade especial de Deus para com aqueles que estão na aliança.

* 18.27 tu salvas o povo humilde. Um ensino constante do Antigo

Testamento e dos Salmos, mais notavelmente Sl 113.7-9.

* 18.29 desbarato exércitos. Um vislumbre daquilo que serviu de

inspiração original do versículo. Parece que o salmista estava guerreando.

* 18.30 a palavra do SENHOR. Sua revelação ao seu povo. Visto ser

este um salmo de Davi, em um pano-de-fundo guerreiro, talvez a referência mais específica seja a 2Sm 7,a aliança com Davi, onde Deus prometeu ser o Pai e o Deus de Davi.

* 18.31 senão o SENHOR? O uso dessas perguntas retóricas é enfático:

não há outro como o Senhor (Êx 15.11).

* 18.34 um arco de bronze. Os arcos antigos eram feitos primariamente

de madeira, às vezes reforçados com metal. O arco de bronze tem por finalidade sugerir a força do salmista, dada por Deus.

* 18.36 os meus pés não vacilaram. As veredas são estreitas e

rochosas em Israel, levando um soldado a escorregar e se ferir. Isso ilustra a confiança de Davi, divinamente sustentada e inabalável.

*** 18.38-40 sob meus pés... puseste em fuga os meus inimigos.**

Tábuas e memoriais em pedra do antigo Oriente Próximo mostram inimigos debaixo dos pés dos conquistadores, e prostrados diante de seus captores.

* 18.41 Gritaram... clamaram ao SENHOR. Essas palavras indicam que

o salmista estava combatendo contra compatriotas israelitas.

* 18.43 me livraste. A marca pessoal de Davi é forte aqui. Deus lhe

concedeu vitórias sobre nações circunvizinhas que foram postas debaixo de seu governo (2Sm 8.1-14).

* 18.49 entre os gentios. Versículo citado por Paulo, em Rm 15.9, como

cumprido em Cristo, que chamou os gentios para compartilharem de seus louvores a Deus Pai.

* 18.50 seu ungido. Por ocasião de sua coroação, o rei era ungido com

óleo pelo sacerdote. Jesus Cristo, o Senhor e descendente de Davi, cumpriu este salmo.

* Sl 19 Este salmo louva ao Senhor por seus dois grandes presentes à humanidade: a criação e a lei. Usando uma terminologia moderna, este salmo fala da revelação geral de Deus, na natureza, bem como de sua revelação especial, nas Escrituras.

* 19.1-6 Há uma revelação de Deus na Criação; mas os

homens resistem

ao que vêem (Rm 1. 18-20).

* 19.1 Os céus. O salmista usou aqui uma linguagem própria da criação;

cf. Gn 1.1-8, onde essa palavra tem sido traduzida por "firmamento", "céu" ou "expansão". Ver nota teológica chamada "Revelação Geral", índice.

* 19.2 discursa. Esta metáfora assevera que a criação, especificamente

dos céus, confirma constantemente o poder e a bondade de Deus.

* 19.4 toda a terra. A revelação de Deus na criação está franqueada

para todos quantos não a suprimem. Paulo aplicou este versículo à proclamação do evangelho (Rm 10.18).

uma tenda. O sol é personificado por toda esta seção, mas não deificado, diferentemente daquilo que se vê em outras religiões antigas do Oriente Próximo e Médio. O contexto indica que a referência à tenda (tabernáculo) provavelmente é uma alusão à sua ausência durante a noite.

* 19.5 como herói. Robusto e forte quando cruza o céu, o sol é uma

criação de Deus. Se o sol é poderoso, muito mais poderoso é Deus.

* 19.6 nada. Coisa alguma escapa ao calor do sol, e coisa alguma pode

ser ocultada do Criador.

* 19.7-11 A lei, uma revelação especial de Deus, reflete o caráter de seu

autor. Nomes diferentes são usados para indicar a lei, sinônimos que apontam para a inteira revelação especial de Deus à humanidade.

* 19.7 A lei. No hebraico, Torah, é o termo mais geral para indicar a lei

de Deus.

restaura a alma. A Palavra de Deus transforma a vida daquele que se sujeita a essa Palavra.

dá sabedoria. A sabedoria não é um poder intelectual superior. A Palavra de Deus instila a reverência a ele.

* 19.12,13 as próprias faltas... soberba. O salmista sabia que

pecava consciente e também inconscientemente. Ele orou contra ambas as faltas.

serei irrepreensível. Somente através da graça de Deus.

* 20.1 te. Ao rei. A congregação implora ao Senhor que abençoe o rei,

quando ele parte para a guerra. As bênçãos existentes nestes versículos também são apropriadamente aplicadas aos crentes do Novo Testamento em sua batalha de fé.

* 20.2 Do seu santuário. Cf. 1 Rs 8.44,45.

* 20.5 Celebraremos com júbilo a tua vitória. Os salmos contêm hinos

de louvor entoados a Deus depois das vitórias. Dois exemplos disso são os Sl 24 e 98.

* 20.6-8 Israel ganharia a vitória por causa da presença do SENHOR. A

confiança de Israel estava arraigada na promessa de Deus de que protegeria o seu povo na guerra, quando fosse obediente a seus mandamentos (Dt 7 e 20).

* 20.6 ungido. O rei davídico prenuncia o Filho de Deus que reina para

sempre, Jesus Cristo, o Messias (referência lateral).

* 20.7 em o nome do SENHOR. A libertação do crente do pecado e de

Satanás, tal como o livramento de Israel de inimigos, está baseada na dignidade de Deus, na qual podemos confiar.

*** 21.2 Satisfizeste-lhe o desejo do coração. Uma linguagem**

semelhante é usada em 20.4, embora seja incerto se foi a mesma ocasião que inspirou a ambos os salmos. A primeira porção deste Salmo 21 soa como a resposta à oração feita no Salmo 20.

* 21.3 pões-lhe na cabeça uma coroa de ouro. Embora alguns estudiosos pensem que este versículo diz respeito a uma coroação, provavelmente o mesmo refere-se à transição de um líder de guerra (que não usa sua coroa) para um rei assentado em seu trono.

* 21.4 Ele te pediu vida... para todo o sempre. O rei orou que sua vida lhe fosse poupada durante a batalha — e recebeu a vida eterna, tal como sucede hoje com os crentes.

* Sl 22 Este salmo é bem conhecido por suas muitas citações e alusões no Novo Testamento (Mt 27.35,39,43,46; Jo 19.23,24,28; Hb 2.12). Este salmo, tal como o Salmo 69, expressa os sofrimentos de

Cristo, o Filho de Davi, que morreu às mãos de homens perversos.

* 22.1 por que me desamparaste. O salmista grita de angústia o "por quê?", próprio de um sofredor reto. Onde está a presença que Deus tinha prometido (Js 1.5)? Esse grito foi, finalmente, dado por Jesus, que conheceu a realidade de um abandono total, o que foi apenas parcial no caso de Davi. No lugar de Davi e de todo o povo de Deus, Jesus suportou a temível maldição merecida pelo pecado.

* 22.3 entronizado entre os louvores. A realeza de Deus existe antes de qualquer aclamação humana, mas o seu reino manifesta-se aos adoradores, ao louvarem-no.

* 22.4,5 nossos pais. Davi pensava no tempo em que Abraão foi livrado dos cinco reis (Gn 14), no tempo em que José foi tirado da prisão egípcia (Gn 41), e, principalmente, no tempo em que Moisés e todo o Israel foram libertados da terra do Egito (Êx 1-15).

* 22.7 zombam. Os inimigos do salmista ridicularizavam de sua confiança em Deus. Essa experiência é aludida em Mt 27.41-44, tal como Cristo teve que suportar o ridículo dos sacerdotes hipócritas e dos criminosos.

* 22.9 quem me fez nascer. O salmista afirmou uma confiança de longa data na capacidade de Deus de salvá-lo. Ele tinha tido confiança em Deus desde quando podia lembrar-se.

* 22.12 fortes touros de Basã. Esses touros eram notórios por sua força e por seu tamanho (Am 4.1).

* 22.13 como faz o leão. Com freqüência esse animal representava força, ferocidade e violência, tanto na Bíblia como no Oriente Próximo e Médio (Na 2.14; Sf 3.3).

* 22.14 meus ossos... meu coração. Ataques externos correspondiam à agonia interior. As figuras simbólicas, usadas por Davi, refletiam o turbilhão interno induzido pela ameaça dos inimigos

que o cercavam. Conforme foram cumpridas em Cristo, as palavras proféticas descrevem a agonia do Crucificado.

* 22.16 traspassaram-me. O texto hebraico tradicional pode refletir o erro de um copista, pois diz (lit.) "como um leão". A Septuaginta (a antiga tradução do Antigo Testamento para o grego) sugere que o texto correto é mesmo "traspassaram-me".

* 22.19-21 Após os lamentos e confissões de confiança chega o clímax, um apelo ao Senhor. Observe que os inimigos são nomeados em sentido inverso: seres humanos, cães, leões e bois.

* 22.21 tu me respondes. A certeza de que estava sendo ouvido também se faz presente em outros salmos de lamento (3.4; 28.6; cf. 27.13; 34.4,6;

38.15; 118.5,21).

* 22.22 declararei o teu nome. O louvor agradecido do salmista seria

oferecido como o pagamento de seus votos (v. 25). Em Hb 2.12, este versículo foi aplicado a Cristo, que liderou o louvor da grande congregação.

* 22.24 nem ocultou dele o rosto. Os inimigos de Cristo o desprezaram,

mas Deus não o desprezou.

* 22.25 cumprirei os meus votos. Menções a votos são comuns nos

salmos de lamentação (13.6; 27.6; 35.18; 54.6; 69.30,31; cf. 51.16; 116.13,14). O sofredor prometeu apresentar ações de graças quando sua oração fosse respondida (Lv 7.16; 22.23; Dt 12.6,7).

* 22.26 hão de comer e fartar-se. Talvez haja aqui uma referência à

refeição sacrifical das oferendas pacíficas do Antigo Testamento, quando o voto era pago e os adoradores eram incluídos.

* 22.27 os confins da terra. O escopo dos louvores expandir-se-ia,

mostrando a referência profética ao Cristo e à igreja no Novo Testamento.

* 22.31 contarão que foi ele quem o fez. Essa vitória final de salvação

foi realizada por Cristo (Jo 19.30).

* Sl 23 Este salmo talvez seja o mais bem conhecido exemplo de um salmo de confiança (Introdução: Características e Temas). Trata-se de uma unidade literária, com duas metáforas dominantes que expressam os cuidados e a bondade de Deus: o pastor e a mesa do banquete.

* 23.1 meu pastor. A imagem de Deus como um pastor é

inesgotavelmente rica. O pastor permanece com seu rebanho (Is 40.11; 63.912). suas ovelhas dependem totalmente dele quanto ao alimento, à água e à proteção de animais ferozes. No Novo Testamento, Jesus se revela como o pastor de seu povo (Jo 10.11,14), cumprindo a profecia de que Deus viria para pastorear o seu povo (Ez 34.7-16,23).

*** 23.2,3 me faz repousar... Leva-me... refrigera-me... Guia-me.**

Estes dois versículos exprimem a metáfora dos cuidados do pastor por suas ovelhas. O Senhor cuida amorosamente de seu povo.

* 23.4 vale da sombra da morte. Ver Jó 10.21,22.

bordão... cajado. A vara servia para combater animais ferozes, e o cajado para dirigir o rebanho.

* 23.5,6 O Senhor tratava o salmista como um hóspede de honra.

* 23.5 uma mesa. A figura de linguagem passa a ser a de um banquete, para uma celebração de vitória.

unges-me. Os convidados eram ungidos nos banquetes (Sl 104.15; Lc 7.46).

* 23.6 habitarei. Tal como as ovelhas com os seus pastores, o salmista se tranqüilizou na certeza de um lar eterno com Deus. Ver Jo 14.23; "Deus é Amor: Bondade e Fidelidade", índice.

* Sl 24 Só Jesus se qualifica para ascender aos céus (vs. 3,4), e ele é o Senhor vitorioso, diante de quem se abrem os portais da glória (vs. 7-10).

* 24.1 Ao SENHOR pertence a terra. Deus criou e sustenta a terra inteira; ela lhe pertence. Paulo citou este versículo a fim de estabelecer o princípio de que não existe alimento, embora oferecido aos ídolos pagãos, que seja errado para os crentes comerem (1Co 10.25,26).

* 24.2 Fundou-a ele sobre os mares. Esta passagem reflete a história da criação, em Gn 1. Entretanto, o mar é também uma figura poética para indicar o mal. Por todos os Salmos e os profetas, Deus é retratado como alcançando uma vitória sobre os mares (Sl 29.10,11; 77.16-20; 104.5-9; Na 1.4; Dn 7).

* 24.3 Ver "O Modelo de Deus Para o Culto", índice.

* 24.4 limpo de mãos. Ações retas.

puro de coração. Pensamentos e motivos justos. dolosamente. Não jura pelos nomes de falsas divindades.

* 24.7-9 cabeças. As portas da cidade ou do templo são aqui personificadas.

para que entre. A volta do Rei da glória subentende que ele saiu para batalhar, e retornará vitorioso.

* Sl 25 Este salmo acróstico é, primariamente, o lamento de um indivíduo (vs. 16-21), mas o último versículo aplica-o à comunidade. Uma linguagem própria da aliança (v. 10) e da sabedoria (vs. 4,5) permeiam o poema.

* 25.5 Ver "Entendendo a Palavra de Deus", índice.

* 25.6,7 Lembra-te... misericórdia... bondades. Essas três palavras estão conectadas intimamente à aliança com Deus, que era a base da confiança do salmista.

*** 25.10 a sua aliança e os seus testemunhos. sua vontade revelada**

para a nossa vida, isto é, a lei.

* 25.12 que teme ao SENHOR. Cf. Pv 1.7 e Ec 12.13. O temor do Senhor

é reverência e respeito para com Deus, e não uma ansiedade capaz de perturbar a vida. Ver também nota em Sl 111.10.

* 25.13 herdará a terra. As bênçãos e maldições de Dt 27.28 deixam claro que Israel ficará com a terra dada por Deus, se permanecer fiel às condições da aliança (cf. v. 10).

*** 25.14 aos quais ele dará a conhecer a sua aliança. Cada vez em que**

Abraão duvidou da capacidade de Deus cumprir as suas promessas,

feitas em Gn 12.1-3, Deus apareceu a ele e renovou a aliança (Gn 15 e 17).

*** 25.18,19 os meus pecados... os meus inimigos. O salmista**

reconheceu aqui que suas tribulações eram causadas tanto por seus próprios pecados como pelos ataques de forças externas (o "inimigo").

* 26.1 na minha integridade. Davi identificou-se, em seus motivos e em

suas ações, com os retos, e não com os ímpios. Ele convidou a Deus para que perscrutasse a veracidade de sua reivindicação (v. 2). Davi não tinha ilusões de ser impecável (53.5) e também de não precisar de misericórdia (v. 11; 130.3).

*** 26.4 Não me tenho assentado. Cf. Sl 1.1**

* 26.6 do teu altar. A linguagem aqui usada é própria de uma oração

para admissão ao santuário.

* 26.9 pecadores. Ele queria distanciar-se dos ímpios, pois se

entrassem no recinto do santuário (vs. 6-8), seriam destruídos imediatamente. Davi pediu para ser poupado desse castigo.

* 26.12 em terreno plano. Uma metáfora que fala da estabilidade

pessoal e de um correto relacionamento com o Senhor.

* 27.1 a minha luz. Deus nos confere clareza, ordem e compreensão,

ao passo que as trevas são más e caóticas. Ver Na 1.8, onde a

derrota do inimigo é demonstrada por ter sido o mesmo empurrado até às trevas. Ver também "Deus é Luz: Santidade e Justiça Divinas", índice.

* 27.2 para me destruir. O adversário buscava o mal do salmista. Essa expressão também tem um sentido figurado, "caluniar-me".

* 27.4 na Casa do SENHOR. O lugar onde a presença de Deus se manifestava era um lugar de proteção do inimigo.

* 27.5 elevar-me-á. Acima de toda a tribulação.

* 27.6 sacrifício de júbilo. O salmista grita por causa da vitória, visto que o Senhor o tinha salvado.

* 27.8 a minha presença. Buscar a presença de Deus é buscar comunhão íntima com ele.

* 27.9 Não me escondas, Senhor, a tua face. O salmista reconheceu que por maior que fosse o seu desejo, ele só podia ver o rosto de Deus se Deus o revelasse.

* 27.13 a bondade do SENHOR. O autor sacro confiava na vindicação divina estando ele ainda vivo.

* 27.14 Espera pelo SENHOR. Ver referência lateral. Seu conselho era: "Em meio à atual tribulação, não desista; dá a Deus tempo para responder".

* 28.1 rocha minha. Ao usar esse apelativo familiar, o salmista relembrou-se que Deus era a sua fonte de proteção e de forças (Dt 32.4,18,31; Sl 78.35).

aos que descem à cova. Ou seja, morrem. A cova representa aqui o seol, a sepultura (6.5, nota).

* 28.2 para o teu santuário. O Santo dos Santos, o ambiente

mais interior do tabernáculo ou templo, onde estava a arca da aliança.

* 28.3 os quais falam de paz. O salmista tinha consciência da hipocrisia

de seus inimigos.

* 28.4 retribui-lhes. Uma imprecação, isto é, uma oração para que Deus

castigue o inimigo.

* 28.5 ele os derribará. O versículo anterior apelava por retribuição, e

este versículo pronuncia o castigo.

* 28.9 o teu povo. O salmista ampliou o seu apelo ao Senhor, para que

este incluísse a nação toda.

apascenta-o. Ver nota em Sl 23.1.

* Sl 29 Um cântico de louvor a Deus, o Rei. Este salmo usa temas que eram correntes nas religiões das nações circunvizinhas: o poder por trás das tempestades (vs. 3-9) e o vitorioso sobre as inundações (vs. 10,11). O salmista ataca essas religiões ao lançar mão dos louvores que eles dedicavam aos deuses falsos a fim de dedicá-los ao Senhor. O retrato de Deus como Rei, entronizado sobre as vencidas águas inundantes, é uma das muitas indicações de que o salmo era usado para celebrar alguma vitória dada por Deus, na batalha.

* 29.1 filhos de Deus. Essa frase é usada nos textos religiosos dos

cananeus, e refere-se aos deuses de seu panteão. Na Bíblia, essa

frase refere-se a seres espirituais, tais como os querubins e os anjos.

* 29.2 seu nome. Ou seja, sua reputação, obtida através de seus atos

na história.

* 29.3-9 Os cananeus acreditavam que Baal provia chuva e fertilidade, e

que o poder dele podia ser visto nas tempestades. Eles o chamavam de "cavalgador das nuvens", em seus textos religiosos. Mas o Senhor controla a natureza (1 Rs 18).

* 29.3 a voz do SENHOR. Os trovões.

águas... as muitas águas. Nas religiões do Oriente Próximo e Médio, tal como na Bíblia, o mar representa as forças do caos e do mal. Ver 18.4; 46.2; 69.1,2 e notas.

* 29.6 o Líbano e o Siriom. Essas são regiões montanhosas que serão

abaladas diante do poder de Deus. Ver Sl 46.2.

* 29.8 o deserto de Cades. Essa expressão poderia ser traduzida,

literalmente, por "o deserto santo". sua localização é incerta.

* 29.10 dilúvios. Ver o v. 3.

* Sl 30 O título indica que este salmo foi composto para a dedicação do templo. Nos dias de Davi, o templo ainda não havia sido construído, mas Davi poderia ter preparado este salmo para a dedicação, tal como preparara materiais para a sua construção (1Cr 22). Uma dificuldade maior é a ausência de qualquer menção ao templo no corpo do salmo (Introdução: Características e Temas). As tentativas para vincular este salmo à praga registrada em 1Cr 21.1—

22.1 falham por não levarem em conta que o próprio Davi não foi então afligido.

* 30.1 tu me livraste. O termo hebraico correspondente é usado para

tirar uma balde de uma fonte, um retrato apropriado para salvar alguém do seol (isto é, o sepulcro), que é, por muitas vezes, retratado como um poço úmido e lamacento.

* 30.2 tu me saraste. Uma indicação de que este salmo foi composto

como ações de graças em resposta a uma cura física.

* 30.3 a minha alma. Ver "Corpo e Alma, Macho e Fêmea", índice.

* 30.4 santos. Esta palavra está relacionada ao amor segundo a aliança, e especifica aqueles que estavam em comunhão com Deus, segundo a aliança.

* 30.5 um momento. A misericórdia de Deus é firme. Ver Rm 8.18; 2Co 4.17.

pela manhã. Cf. Sl 90.14.

* 30.7 a minha montanha. As montanhas, por contraste com o mar, são um símbolo de estabilidade, e com freqüência representam a segurança na proteção de Deus (Sl 46.2).

* 30.9 Que proveito. O salmista barganha com Deus quanto à sua vida (Gn 18), salientando que Deus obteria uma voz para louvá-lo, se o curasse. Contudo, não se trata de um estudo detalhado da vida no além. A questão em pauta é que a morte acabaria com o desejo de Davi de glorificar a Deus neste mundo.

* 31.1 por tua justiça. O salmista apela à justiça do Senhor, em

sua aflição causada pela maldade do inimigo. "Tua justiça” indica a decisão divina de salvar aqueles que estiverem em comunhão com ele segundo a aliança.

* 31.5 entrego o meu espírito. Jesus citou essas palavras estando na cruz (Lc 23.46). Os clamores desesperados de lamento, encontrados nos salmos, com freqüência exprimem a própria angústia de Cristo quando ele sofreu a rejeição por parte do mundo (Sl 22 e 69).

* 31.6 ídolos vãos. Os ídolos são inúteis por serem resultantes da imaginação dos adoradores. O salmista confiava no Senhor, por ser este o "Deus da verdade" (v. 5).

* 31.7 benignidade. Especificamente, o amor entre companheiros de aliança (Deus e Davi), o que levava Deus a corresponder à aflição do salmista.

* 31.10 minha iniqüidade. Várias traduções antigas diziam aqui "aflição",

que se apóia sobre o tema geral que há no salmo de aflição devida a forças externas, e não a alguma culpa do salmista.

* 31.12 vaso quebrado. Uma metáfora que indica alguma enfermidade

séria, ou mesmo a morte (Ec 12.6).

* 31.14 tu és o meu Deus. Uma confissão simples mas fundamental de

que Davi estava em comunhão com Deus segundo a aliança.

* 31.15 os meus dias. O salmista sabia que Deus controlava a história,

em geral, e a vida dele, em particular. Isso lhe servia de consolo em sua aflição.

* 31.16 Faze resplandecer o teu rosto. Ver a bênção sacerdotal de Nm

6.25. A metáfora que envolve o rosto de Deus representa a sua presença amorosa que traria salvação ao salmista.

* 31.21 numa cidade sitiada. Esta frase é difícil de ser entendida. O

salmista poderia estar relembrando algum incidente em particular.

* 31.23 os seus santos. Essa palavra é formada da mesma raiz hebraica

(hesed) que a "misericórdia", "bondade" e "benignidade", entendidas como o amor de Deus para com aqueles que estão em comunhão com ele segundo a aliança.

* Sl 32 Um salmo penitencial, contendo alguma distintiva linguagem sapiencial (vs. 1,2,8-10).

* 32.2 iniqüidade. Três palavras diferentes (no original) com o sentido

de pecado são usadas nos dois primeiros versículos para salientar os muitos aspectos da rebeldia do homem contra Deus. Paulo citou esses versículos em Rm 4.6-8, ao descrever a graça do perdão de Deus.

* 32.3 envelheceram os meus ossos. O salmista percebeu as conseqüências do pecado em seu corpo. Não se trata de uma mera linguagem poética, embora o pecado nem sempre tenha conseqüências físicas imediatas.

* 32.4 meu vigor se tornou em sequidão. A culpa imobilizava e debilitava o salmista.

* 32.5 Confessei-te o meu pecado. O salmista louvou a Deus por sua boa disposição e autoridade em perdoar.

* 32.6 homem piedoso. Ou "santo"; ver Sl 31.23, nota.

muitas águas. Em outras passagens essas palavras foram traduzidas como "águas profundas". Ver notas em Sl 18.4,16; 29.3,10; 46.2; 69.1,2; 144.7.

* 32.8 Instruir-te-ei. O salmista usou linguagem encontrada em seções de sabedoria do Antigo Testamento (p.ex., Sl 1 e Pv 1 - 9). Deus prometeu orientar o salmista no caminho da aliança, no caminho da retidão.

* 32.9 como o cavalo. Os cavalos e as mulas só agem em harmonia com a vontade de seus senhores sob compulsão (Pv 26.3). Os justos devem obedecer por amor e gratidão a seu Deus.

* Sl 33 Há vinte e dois versículos neste salmo, o mesmo número que o das letras do alfabeto hebraico, mas este salmo não é acróstico (ver Introdução à Poesia Hebraica).

* 33.3 novo cântico. Com freqüência, esses salmos "novos" são encontradas em contextos de guerras vitoriosas, e podem ser vistos como brados de vitória. Cf. Sl 96; 98; 144; 149; Is 42.10; Ap 5.9; 14.3).

* 33.4 a palavra do SENHOR é reta. A linguagem que Deus usa com o homem reflete o seu caráter, ele não engana o seu povo, mas os orienta à verdade. A Bíblia, como a Palavra escrita de Deus, faz a mesma coisa.

* 33.6 o exército deles. Essa palavra pode referir-se não somente às

inumeráveis estrelas do céu, mas também às hostes angelicais.

* 33.7 as águas do mar. O Criador é retratado poeticamente como

quem exerce comando sobre as águas do caos (Sl 18.16, nota). Também pode

haver uma alusão poética ao cântico de Moisés e de Israel, à beira do mar Vermelho (Êx 15).

* 33.8 Tema ao SENHOR. A fim de honrá-lo, amá-lo e ser-lhe obediente.

* 33.10 nações. Nações ímpias, que buscam fazer sua própria vontade, e

não a vontade de Deus.

* 33.11 O conselho do SENHOR dura para sempre. Coisa alguma pode subverter os propósitos de Deus. Ele controla a história de modo absoluto.

* 33.12 o povo que ele escolheu. Foi Deus quem tomou a iniciativa de seu relacionamento com Israel, a nação que ele escolheu (Dt 7.7-11).

* 33.13 dos céus. Ver "Céu", em Ap 21.1

* 33.15 Deus não somente vê a todos, mas também forma o coração de todos os homens.

* Sl 34 Este salmo tem um título histórico (ver abaixo), mas os próprios versículos foram escritos em um estilo geral, prestando-se o poema para ser usado por diferentes pessoas em diferentes situações. Este salmo é um acróstico (Introdução: Características e Temas), embora não haja nenhuma linha para a sexta letra hebraica (waw), e a linha para a décima sétima letra esteja fora de ordem,

aparecendo em último lugar.

* 34:Título. Ver 1Sm 21.10-15 quanto à situação histórica do título. Provavelmente, Abimeleque é um título real para o rei dos filisteus, e não o nome próprio do rei (Aquis, nos dias de Samuel).

* 34.2 Gloriar-se-
á no SENHOR. Embora a vanglória seja o cúmulo do

orgulho e da impiedade (Rm 1.30), gloriar-se em Deus é correto (Jr 9.24; 2Co 10.17).

* 34.3 o nome. Isto é, sua reputação. A congregação foi exortada a

testificar dos grandes atos de Deus na história e em nossas vidas.

* 34.4 ele me acolheu. Um dos temas mais frequentes dos salmos é

declarado ousadamente: Deus ouve e responde às orações de seu povo.

* 34.5 sereis iluminados. Os crentes refletem o brilho de Deus (Sl

31.16, nota). Essa iluminação reflete a alegria da presença revelada de Deus, enquanto o senso da retirada de Deus de nós traz as trevas da vergonha.

* 34.6 Clamou este aflito. O salmista, que não tinha forças para salvar

a si mesmo.

* 34.7 O anjo do SENHOR. Ver referência lateral e "Anjos", em Zc 1.9.

dos que o temem. Aqueles que estão em correta comunhão com

Deus. Geazi aprendeu a verdade deste versículo quando Eliseu orou para que seus olhos fossem abertos e apareceu-lhe o exército do Senhor (2Rs 6.8-23).

* 34.8 Oh! provai. O salmista descreveu sua experiência pessoal da

bondade de Deus. Depois de ter provado a bondade de Deus em Cristo, Pedro aludiu a esta passagem (1 Pe 2.3).

*
34.10 Os leõezinhos. Os fortes e implacáveis nem se

aquilo que querem, mas ao povo de Deus nada falta daquilo que é bom para eles.

* 34.11 filhos. Uma maneira comum e poética de dirigir-se a todas as pessoas.

* 34.20 nem um deles sequer será quebrado. Jo 19.36 aplica este versículo a Cristo, o único homem justo perfeito.

* Sl 35 Este salmo é um lamento da parte de alguém cuja vida estava sendo ameaçada. Este salmo usa uma linguagem própria de guerra (vs. 1-3), bem como uma linguagem jurídica (vs. 11,23,24). Por duas vezes o salmo chega a um clímax com a figura do oferecimento de um voto de louvor (vs. 18,28).

* 35.1 Contende. Essa palavra é um termo legal que significa "mover

uma ação contra alguém". Tal linguagem é usada por todo o salmo (vs. 1116,23,24), quando Davi entregou seu caso nas mãos de Deus.

peleja. O salmista conclama o Senhor para que faça guerra em seu favor.

* 35.2 ergue-te. Uma petição que ocorre em muitos dos salmos, dentro

do pano-de-fundo da guerra (cf. 3.7; 7.6; 12.5, etc.).

* 35.3 tua salvação. Dentro deste contexto em particular, essa frase

indica vitória na batalha.

* 35.5 como a palha. Fácil de espalhar e incapazes de resistir. Ver Sl

1.4

* 35.7 sem causa. O justo servo do Senhor não fizera mal algum aos

seus inimigos.

* 35.8 Venha sobre o inimigo a destruição. As más intenções do inimigo voltam-se contra ele mesmo. A sua maldade torna-se em condenação, um tema frequente nos profetas. Se escavarem uma cova para alguém, eles mesmo cairão ali. Ver Sl 7.14-16; 34.21.

* 35.10 SENHOR, quem contigo se assemelha? Cf. Êx 15.11, em um outro salmo do guerreiro divino. Os vs. 9,10 antecipam a segura vitória de Deus.

* 35.11 iníquas testemunhas. A lei condenava a circulação de falsos

testemunhos (Êx 23.1). "Iníquas" indica a crueldade de tal testemunho, cujo propósito era prejudicar o acusado.

* 35.12 o mal pelo bem. O cúmulo da injustiça: cf. Gn 44.4; 1Sm 25.21;

Sl 38.20; 109.5; Pv 17.13.

* 35.13,14 O salmista não fizera mal algum àqueles que agora o

atacavam; pelo contrário, ativa e sacrificialmente, buscava o bem-estar deles.

* 35.19 não pisquem os olhos. Escarnecendo do salmista.

* 35.20 Não é de paz que eles falam. Um termo técnico usado nos

tratados antigos. Eles estavam violando as suas alianças.

* 35.28 minha língua celebrará. O livramento ainda não fora dado, mas

o salmista já estava entoando louvores.

* 36.1 Há no coração. Em outras versões, este salmo começa com as

palavras "um oráculo". Usualmente, essa palavra se acha na fórmula "oráculo do Senhor", identificando o que se segue como uma nova revelação da parte de Deus.

não há temor de Deus. O salmista identifica aqui a raiz de todos os males, tal como Pv 1.7 cita o temor de Deus como o princípio de toda a sabedoria. O

temor de Deus, que se origina na fé é uma reação positiva especial às revelações divinas, o respeito reverente que reconhece total dependência ao Senhor. Na ausência da reverência, surge um tipo diferente de temor do Senhor, a saber, o pavor.

* 36.3 malícia... discernimento. A sabedoria tem um lado ético: ser

sábio consiste em praticar o bem.

* 36.4 No seu leito. Para o iníquo, a iniquidade é uma atividade de

tempo integral. Até mesmo à noite, quando deveriam estar orando antes de dormir, os iníquos planejam e esquematizam coisas ruins.

* 36.5 A tua benignidade. Temos aqui uma palavra especial no

hebraico, dando a indicar a devoção amorosa mediante a qual Deus liga-se ao seu povo. Ela indica a bondade de Deus para com aqueles com quem ele mantém um relacionamento segundo a aliança. Essa palavra é repetida ao longo do livro de Salmos, mostrando que se trata de um livro de orações próprias da aliança com Deus. Essa mesma palavra *hesed* também é traduzida por "bondade" e "misericórdia".

* 36.6 as montanhas de Deus. Ver notas em Sl 29.6; 30.7; 46.2.

* 36.7 tuas asas. Essas palavras parecem referir-se às asas dos

querubins do trono de Deus, representados por seres descritos cobrindo a arca da aliança com suas asas. Ou então Deus é visto como o protetor de seu povo, como uma ave-mãe que protege seus filhotes.

* 36.8 Fartaram-se da abundância. O salmista descreveu Deus como

um rico e generoso hospedeiro.

* 36.9 o manancial da vida. Deus é a fonte de toda vida. A doutrina da

vida eterna é mais plenamente revelada no Novo Testamento (por exemplo, Mt 22.31,32; Lc 23.42,43; Jo 3.16; Ap 21.3-7; 22.3-5). Ver "Ressurreição e Glorificação", índice.

* Sl 37 Um poema acróstico (Introdução: Características e Temas),

e, como quase todos os acrósticos, uma meditação sobre a sabedoria.

* 37.2 como a relva. A metáfora foi muito bem aplicada. Em Israel a

relva nasce e floresce durante o inverno, mas no verão é ressecada pelo sol.

* 37.8 a ira. Provavelmente a ira contra Deus.

isso acabará mal. A ira é uma força perigosa (Tg 1.20).

* 37.9 serão exterminados. Um termo técnico no hebraico que significa

ser exilado, ser excomungado da sociedade, ou mesmo ser executado (Gn 17.14; Lv 17.14).

* 37.11 os mansos herdarão a terra. A terra e o seu cultivo agrícola é a

base da vida física. Este versículo é usado em Mt 5.5.

* 37.13 Rir-se-á dele o Senhor. Ver Sl 2.4. Uma vívida linguagem

humana descreve a insensatez da rebelião contra o Todo-poderoso. Ninguém ameaça a Deus, e nem o seu julgamento pode ser evitado.

*** 37.15 A sua espada... lhes traspassará o próprio coração. A**

conseqüência do próprio pecado. Ver 7.14-16; 34.21; 35.8.

* 37.21 pede emprestado e não paga. O ímpio quebra o oitavo

mandamento, contra o furto, não devolvendo aquilo que ele toma emprestado. O justo paga suas dívidas e dá dinheiro com generosidade. Aqueles que dão misericordiosamente à causa de Deus, acabarão prosperando.

* 37.24 se cair. O homem sábio não é perfeito — pode cair ao longo do

caminho. Mas Deus o guia e protege, até mesmo quando ele peca e encontra obstáculos.

* 37.25,26 Confirmando a verdade do v. 24, o salmista tira proveito da

experiência de sua longa vida para assegurar aos retos que Deus não abandonará nem a eles e nem a seus filhos. Os justos são conhecidos por seus feitos de misericórdia e generosidade.

* 37.30,31 Governadas interiormente pela lei de Deus, tanto a fala

quanto as ações da pessoa reta são sábias e justas. No hebraico, "coração" é a maneira normal de referir-se ao princípio interior que governa a conduta externa (Pv 4.23).

* 37.33 quando for julgado. O Senhor não permitirá que prevaleçam as acusações dos ímpios que tentam destruir àqueles que ele considera justos. Diante de seu próprio tribunal de justiça, Deus os declarará inocentes.

* 37.35 cedro do Líbano. Comumente acontece que os

ímpios prosperam nos negócios deste mundo (Lc 16.8). Longe de serem invejados, deveriam ser lamentados, visto que o seu sucesso temporário é apenas o prelúdio de sua condenação eterna.

* 37.37 terá posteridade. Estão aqui em foco a vida avançada do indivíduo ou de seus filhos, mas em seu sentido final esta promessa refere-se à paz eterna desfrutada na presença de Deus.

* Sl 38 Neste salmo penitencial, o autor atribui sua enfermidade ao pecado e à culpa. Ele conclama o Senhor para ajudá-lo em meio à dor intensa.

* 38.2 as tuas setas. Deus usualmente lutava em prol do salmista e contra o inimigo (Sl 18.14), mas temos aqui um caso bastante diferente. O salmista confessa o pecado que provocou a ira de Deus contra ele.

*** 38.3 por causa da tua indignação... por causa do meu pecado.**

Essas duas frases são paralelas e mostram uma razão dupla (divina e humana) para a enfermidade do salmista.

não há saúde. O pecado do salmista exercera efeitos sérios sobre a sua saúde. Em alguns casos, o pecado e a culpa são a causa das enfermidades, mas nem sempre as enfermidades resultam de pecados cometidos pela pessoa que sofre (livro de Jó; Jo 9.1-12).

* 38.5 as minhas chagas. Fica implícita alguma espécie de abuso físico da parte de outros. Os sintomas não podem estar todos relacionados a uma doença específica ou estado precário de saúde. Tem sido sugerido que os sintomas são, na realidade, um catálogo de aflições experimentadas durante um certo período de tempo.

* 38.11 meus amigos... afastam-se da minha praga. Os amigos do salmista não lhe serviam de ajuda, porquanto tinham medo ou sentiam-se enojados devido à intensidade de seus sofrimentos. Aqui,

como em outros lugares do salmo, somos lembrados da experiência de Jó (v. 3).

* 38.12 Armam ciladas. Enquanto seus amigos mantinham-se afastados, seus inimigos se aproximavam para apressar a sua queda.

* 38.13 como surdo... qual mudo. O salmista estava totalmente incapaz de fazer qualquer coisa em seu próprio favor.

* 38.15 em ti... espero. Este versículo faz soar a nota mais positiva de confiança do salmo inteiro.

* 38.16 Não suceda que se alegrem de mim. Ele mencionou diante de Deus a vergonha que ele sofreria quando o inimigo se regozijasse devido à queda de um dos filhos de Deus.

* Sl 39 Este lamento é mais pessoal e autobiográfico do que a maioria das lamentações. O autor parece ser uma pessoa já idosa, cheia de reflexões, tal como o autor do livro de Eclesiastes. A ira dele (vs. 2,3) não difere muito da de Jó.

* 39.1 para não pecar com a língua. O salmista pode ter estado

questionando a prosperidade dos ímpios e agora teme que, falando com ira e frustração, possa ter dito algo ofensivo a Deus.

mordaça. Ele desejava falar, e tinha que conter-se para manter-se calado.

*
39.2 minha dor se agravou. O salmista reprimiu seus

mas não podia livrar-se deles. Finalmente, falou.

* 39.4 a soma dos meus dias. Sua própria vida curta e difícil tentou o fiel ao compará-la com a prosperidade dos ímpios, e ao questionar

a sabedoria e a justiça de Deus. Ver nota em Sl 88.5.

* 39.6 em vão. Essa mesma palavra, no hebraico, é t

"vaidade" no v. 5. O sentimento é similar àquele encontrado no livro de Eclesiastes (5.8-20).

* 39.10 o teu flagelo. Isso pode incluir alguma enfermidade, mas também

pode estar em pauta a depressão e outros revezes na vida.

* 39.12 O salmista havia passado da ira para o choro. A forte emoção

expressa no salmo faz sua oração final tornar-se especialmente vívida.

* Sl 40 Este salmo tem duas seções, unidas pelos vs. 9 e 10, como uma transição apropriada. Deus tinha respondido a uma oração anterior do salmista, mas ele ainda tinha problemas para serem expostos diante do Senhor. Ele confiava em Deus em um período de novas crises.

* 40.2 dum tremedal de lama... uma rocha. O lodaçal contrasta-se com

os passos firmes possíveis sobre uma rocha. O seol, a sepultura, é com freqüência retratado como uma cova (6.5 e notas; 30.3). Talvez o salmista estivesse enfermo e ameaçado de morte; ou então, visto que o salmo

provavelmente é um salmo régio, ele pode ter sentido a ameaça de morte em batalha.

* 40.3 um novo cântico. Ver Sl 33.3, nota.

* 40.4 Bem-aventurado. Ver Sl 1.1, nota.

os arrogantes. Uma palavra rara, usada para indicar os egípcios. Em Sl 87.4 essa palavra é simplesmente traduzida por "Raabe". É provável que aqui refira-se aos ídolos falsos das nações circunvizinhas.

* 40.6 não quiseste. O salmista sabia que os animais sacrificados no

Antigo Testamento o eram por mandado de Deus. Mas se fossem oferecidos

sem arrependimento e fé genuínos, Deus não os aceitava.

abriste os meus ouvidos. Essa frase difícil pode ser idiomática. O hebraico, traduzido mais literalmente, diria "escavaste", e não "abriste". Isso significa que Deus dera ao salmista ouvidos para ouvir e obedecer. A frase é importante, porquanto é citada em Hb 10.5-7. A epístola aos Hebreus usa a tradução da Septuaginta (Antigo Testamento traduzido para o grego), que diz: "Preparaste corpo para mim". Mas o sentido é o mesmo: os "ouvidos" são para o "corpo" como uma parte é para o todo. A obediência de Jesus no corpo é para oferecer-se, de uma vez por todas, substituindo os sacrifícios de animais do Antigo Testamento.

* 40.7 no rolo do livro está escrito a meu respeito. A referência pode ser ao mandamento registrado para os reis em Dt 17.

* 40.8 agrada-me fazer a tua vontade. Este versículo atinge o âmago da questão. O salmista ofereceu aquilo que Deus requeria dele — obediência de todo o coração.

* 40.9 na grande congregação. Ou os adoradores reunidos ou a nação inteira de Israel.

* 40.12 os males... as minhas iniqüidades. O salmista identificou

a origem de suas perturbações tanto externas (inimigos que procuravam frustrá-lo) quanto internas (seus próprios pecados).

* 40.13-17 Ver notas em Sl 70.

* Sl 41 Este salmo começa com a atmosfera da tradição de sabedoria, e passa, no v. 4, para lamentação e oração.

* 41.1 Bem-aventurado. Ver nota em Sl 1.1

o que acode ao necessitado. Compreende ou simpatiza com aqueles que são fracos e incapazes de cuidarem de si mesmos. O salmista estava nessa condição devido à sua enfermidade debilitante. Nesse caso, os três primeiros versículos aqui podem ter sido ditos por outra pessoa, talvez um sacerdote.

o SENHOR o livra. Aqueles que são autoconfiantes convictos não se volvem para o Senhor, porquanto pensam que não têm necessidade dele. Mas aqueles que não vivem assim iludidos, por perceberem suas fraquezas, não têm outro para quem voltar-se.

* 41.2 feliz na terra. O Senhor preserva a vida de seu povo, mas também o faz prosperar na terra. Isso se aplica à promessa da terra, encontrada na aliança com Abraão (Gn 12.1-3).

* 41.6 coisas vãs. Os inimigos do salmista visitaram-no estando ele enfermo, dizendo palavras de consolo; mas em seguida puseram-se a espalhar mentiras maliciosas acerca dele.

* 41.9 levantou contra mim o calcanhar. Quanto a essa expressão idiomática, ver Gn 25.19-26 e Jr 9.4, onde o substantivo "calcanhar" está ligado ao verbo "enganar". A questão é que o amigo íntimo do salmista o traiu em seu

momento de necessidade. Ele foi abandonado por todos. Jesus aplicou este versículo especificamente a Judas Iscariotes (Jo 13.18).

* 41.13 Bendito seja. Após uma nota de confiança (vs. 11,12), uma

doxologia conclui este salmo final do livro I do saltério (Introdução: Características e Temas).

* Sl 42 Este e o Sl 43 são, na realidade, as duas metades de um único salmo. Há vários manuscritos hebraicos antigos que os põem juntos, e um refrão comum une os mesmos (42.5,11; 43.5). O Sl 43 não tem título, em uma parte do saltério onde quase todos os salmos têm títulos. Os dois salmos formam um único lamento em três partes, cada uma delas concluindo com o refrão (42.1-5, 6-11 e Sl 43). Por alguma razão, o salmista foi forçado a manter-se longe de Jerusalém, o lugar que Deus escolheu para ali colocar o seu trono. Sua distância do Senhor e a presença de seus inimigos levou o salmista a clamar ao Senhor, pedindo ajuda.

*** 42.1 Como suspira a corça pelas correntes das águas. Uma**

poderosa descrição de um profundo desejo pela presença de Deus.

*

42.2 perante a face de Deus? Devido à obra remido

cruz, o crente tem acesso livre ao Senhor, em oração. O salmista sofria por estar separado do templo, o lugar que Deus separou especificamente para a adoração durante o período entre Davi e Jesus. O salmista desejava voltar ao templo e à segurança da presença vivificante de Deus.

* 42.4 Lembro-me destas coisas. Durante aquele tempo de depressão

e de separação de Deus, o salmista relembra o passado, quando seu relacionamento com Deus era bom e ele regozijava em participar dos

cortejos de adoração em Jerusalém. Os cânticos de romagens (Sl 120 - 134) eram entoados durante essas celebrações.

* 42.5 Por que estás abatida, ó minha alma? Estas palavras ocorrem por duas vezes mais, como um refrão (v. 11 e 43.5). No diálogo consigo mesmo, o salmista firma-se de novo em Deus.

* 42.6 lembro-me, portanto, de ti. O Sl 77 é outra lamentação em que a lembrança da graça de Deus provê um baluarte contra a depressão no presente.

terras do Jordão... monte Hermom... outeiro de Mizar. O Hermom é a montanha ao norte das fronteiras de Israel, perto das fontes originárias do rio Jordão. Mizar é uma localização desconhecida.

* 42.7 passaram sobre mim. Na Bíblia, as águas avassaladoras do caos são uma figura de linguagem bem-conhecida para o desespero e a tribulação. Cf. Sl 18.4; 32.6; 46.2,3; 69.1,2; 114.3.

* 42.8 a sua misericórdia. Especificamente, a bondade de Deus para com os que têm aliança com ele, que reconhecem seu governo e a quem ele deu as promessas.

* Sl 43 Ver a introdução ao Salmo 42. Originalmente, este e o salmo anterior eram um único salmo.

* 43.1 Faze-me justiça... pleiteia a minha causa. Essas palavras são termos técnicos jurídicos que emprestam ao salmo um pano-de-fundo forense.

nação contenciosa. Lit., aqueles privados da misericórdia da aliança. Essas eram nações ou povos que não desfrutavam de qualquer relação de pacto com Deus, que não honravam as leis divinas, e, por conseguinte, não participavam das promessas da aliança.

* 43.3 ao teu santo monte. Temos aqui o monte Sião, em Jerusalém, onde estava localizado o templo. O monte inabalável de

Deus deve ser contrastado com as águas turbulentas do caos (46.2,3).

* 43.5 Por que estás abatida. Ver nota em 42.5.

* Sl 44 Neste salmo, a alternância entre o "eu" e o "nós" sugere que o salmista é o rei de Israel. Não é possível identificar uma ocasião especial para a composição deste salmo, e ele pode ser aplicado a muitas ocasiões diferentes.

* 44.1 outrora fizeste, em seus dias. A memória desempenha um

papel-chave nos salmos (Sl 77). Quando estamos aflitos, somos aliviados por relembrar os atos graciosos de Deus no passado. Neste salmo, entretanto, o livramento passado apõe uma sinal de interrogação sobre o presente. Por que Deus não age agora como o fez para nossos pais, no passado?

* 44.2 e os estabeleceste. A referência é à conquista e ao

estabelecimento na Terra Prometida, conforme está registrado no livro de Josué.

* 44.3 a tua destra. Israel não tomou posse da Terra Prometida por seu

próprio poder ou estratégia, mas através do poder de Deus. Deus lutou por eles como um guerreiro em seu meio (Js 6; Dt 7).

* 44.4 Jacó. Um outro nome para Israel.

* 44.6 não é a minha espada que me salva. O povo de Deus precisa

lutar, mas não confiar no tamanho de seu exército e nem em suas armas.

*** 44.9 tu nos lançaste fora, e nos expuseste à vergonha. Deus estava**

com Israel em Jericó, mas agora ele não abençoava o exército com a sua liderança. Disso resultava uma derrota fragorosa para Israel.

* 44.12 Vendes por um nada o teu povo. Essas são palavras ousadas,

um notável exemplo da honestidade da abordagem do salmista a Deus, em suas orações.

* 44.19 as sombras da morte. Normalmente reservadas para os inimigos

de Deus (Na 1.8).

* 44.22 por amor de ti. O mundo parecia virado de cabeça para baixo. O

povo não se havia esquecido de Deus, mas sofria por amor de Deus. Paulo cita este versículo em Rm 8.36.

* 44.23 Desperta! O salmista orava como se Deus estivesse dormindo,

inconsciente do que acontecia com Israel. Essa linguagem corajosa reflete a frustração do autor. O grito usual a Deus, antes das batalhas, é "Levanta-te" (Sl 7.6).

* 44.26 por amor da tua benignidade. Especificamente, o amor de Deus

para com aqueles com quem ele mantém uma relação de aliança (p.ex.,

Abraão, Gn 17.1-9).

* Sl 45 Tal como o título indica, o Sl 45 é um cântico de casamento. Não existe outro exemplo disso no saltério. Os paralelos mais próximos são os poemas de amor achados em Cântico dos Cânticos de Salomão. Este cântico é apropriado para um casamento régio, e provavelmente foi usado em muitas bodas reais através da história de Israel. Visto que a realeza de Davi reflete a realeza de Deus e prenuncia Cristo como o Rei, este salmo tem uma aplicação secundária para o Cristo, o Rei e Noivo, e também para a Igreja, como sua Noiva (Ef 5.25-32). O Sl 45 é aplicado a Jesus Cristo em Hb 1.8,9.

* 45.1 boas palavras... Ao Rei. Temos aqui uma descrição do Rei

messiânico.

minha língua. Essas palavras podem significar que este salmo, além de outros, foi composto oralmente, e passado mais tarde para a forma escrita.

* 45.2 o mais formoso. O poeta toma o papel da noiva, ao exaltar a

beleza de seu amante.

te abençoou para sempre. Essa linguagem reflete as promessas da aliança davídica, em 2Sm 7. Davi teria um descendente no trono, para sempre, uma promessa que se cumpriu em Jesus Cristo, que, na qualidade de Filho de Davi, governa do céu como Rei.

* 45.4 a tua destra. O rei davídico era o cabeça das forças militares de Israel, a quem Deus havia ordenado que combatesse em defesa de seu povo. Nesse papel, o rei reflete a glória de Deus, visto que o Senhor combatia em favor de Israel. Por semelhante modo, Jesus Cristo conduz a Igreja contra as forças demoníacas (Ef 6.10-20), e voltará a este mundo para destruir todas as forças do mal (Ap 19.11-16).

* 45.6 ó Deus. Temos aqui uma clara identificação do Rei divino neste salmo, ou seja, o Cristo.

* 45.7 te ungiu. Os reis davídicos eram ungidos por ocasião de sua coroação (1Sm 16.13), o que era uma prefiguração temporal do Cristo como o ungido Rei da glória.

* 45.8 mirra, aloés e cássia. Uma descrição do rei em seu dia de casamento.

* 45.10 esquece o teu povo. Tal como uma noiva é exortada a deixar sua família anterior, assim também o crente rompe cada laço para juntar-se a Cristo (Gn 2.24; Mt 10.37,38).

* 45.16 teus filhos. O Rei-Redentor é o agente divino por meio do qual muitos filhos são trazidos à glória (Hb 2.10).

* 45.17 os povos te louvarão para todo o sempre. Louvores eternos pertencem ao Rei mencionado neste salmo, o Messias.

* Sl 46 Este salmo tem algumas afinidades com os Sl 48; 76; 84 e 87, que são chamados "Cânticos de Sião". Embora Sião não seja especificamente mencionada, é aludida nos vs. 4 e 5. Martinho Lutero foi impulsionado por este salmo a compor o famoso hino: "Castelo Forte é Nosso Deus".

* 46.1 fortaleza. Ver "Onipresença e Onipotência", índice.

* 46.2 os montes... mares. Este versículo descreve um violento

terremoto; pode haver aqui um retrato do antigo Oriente Próximo e Médio sobre a violência cósmica. Deus vence o mar para realizar os seus propósitos (cf. Sl 18; 74; 77; Na 1).

* 46.4 Há um rio. A antiga e a atual cidade de Jerusalém não tem rio. Havia um rio no jardim do Éden (Gn 2.10), bem como um "rio da

água da vida", que flui do trono de Deus, na Nova Jerusalém (Ap 22.1,2).

o santuário. Quando os israelitas olhavam na direção do templo, sentiam segurança nesse símbolo da proteção divina. Mais tarde, em sua história, o povo de Israel considerava o templo como se fosse um ídolo que o salvaria dos babilônios (Jr 7). Neste salmo, entretanto, a confiança era fiel e obediente, prefigurando a segurança desfrutada pelo povo de Deus na futura cidade eterna (Ap 22.3).

* 46.5 jamais será abalada. A antiga cidade de Jerusalém realmente

caiu diante dos babilônios, em 586 a.C. Mas a Nova Jerusalém permanecerá "pelos séculos dos séculos" (Ap 22.5).

desde antemanhã. Nas campanhas militares, a luta começava ao alvorecer. A ajuda divina também não seria tardia.

* 46.6 a terra se dissolve. Diante da voz de Deus, o tumulto da rebelião

se cala para sempre.

* 46.7 está conosco. O refrão (novamente no v. 11) reflete a consolação

do povo de Deus, que desfruta de sua proteção.

* 46.10 Aquietai-vos. No verdadeiro conhecimento de Deus e de seu

livramento, há paz, o que contrasta com as "nações" perturbadas (v. 6).

* Sl 47 Juntamente com os Sl 93, 95 - 99, este pode ser classificado como um salmo do reino. A figura de linguagem da entronização de

Deus está no próprio âmago do salmo. A ocasião foi uma grande vitória militar. E Deus é Rei, não somente de Israel, mas também do universo. Esta oração também celebra apropriadamente a ascensão ao trono e o governo de Jesus Cristo. Jesus é tanto Rei como Guerreiro (Lc 19.38; 23.38; Jo 1.49).

* 47.1 todos os povos. Visto que Deus é rei de toda a terra, e não

somente de Israel, todas as nações são convocadas para unirem-se nos louvores a ele.

* 47.2 é o grande rei de toda a terra. Ver "Deus Reina: A Soberania

Divina", índice.

* 47.3 Ele nos submeteu os povos. Deus obteve inúmeras vitórias para

seu povo, através da História, começando com a grande vitória no mar Vermelho (Êx 15).

* 47.4 a nossa herança. Essas palavras referem-se à conquista e à

distribuição da Terra Prometida. O trecho de Dt 7.1-11 explica que somente através da graça de Deus foi que Israel chegou a tomar possa dessa herança.

* 47.5 Subiu Deus. Esta é uma cena de entronização. Deus tem sido o

Rei desde toda a eternidade (Sl 93.2), mas após a vitória, sua soberania é celebrada novamente.

* 47.9 Os príncipes. Os líderes deveriam reunir-se hoje; eles se

reunirão amanhã, quando Cristo voltar à Terra.

* Sl 48 Este salmo é semelhante ao Salmo 46, e também pode ser comparado aos Sl 76; 84; 87 e 122. Após a Queda (Gn 3), os seres humanos, pecaminosos, perderam o seu acesso a Deus. A santidade dele não podia tolerar o pecado não-expiado deles. Os patriarcas adoravam a Deus em altares de sacrifício. Depois do êxodo, sacrifícios foram oferecidos no tabernáculo, e mais tarde, no templo designado por Deus, em Jerusalém. A cidade inteira derivava da casa de Deus a sua santidade. Jesus Cristo substituiu o simbolismo do templo com a realidade da sua encarnação (Jo 1.14). Através do seu Espírito, o povo de Deus tornou-se o seu templo (1Co 3.16; 6.19; Ef 2.21;

1 Pe 2.5). O verdadeiro monte Sião é uma realidade celestial reconhecida na assembléia terrena dos santos (Gl 4.26; Hb 12.18-28).

* 48.2 Seu santo monte. O monte Sião, a localização do templo, em

Jerusalém. Ver "A Grandeza de Deus", índice.

a alegria de toda a terra. Embora as nações não o tenham reconhecido, Deus é o Rei do universo, e não somente de Israel.

para os lados do Norte. Lit., "para além de Zafom". Isso não é uma referência a Jerusalém, mas a uma montanha com freqüência descrita nos textos cananeus como o lugar de moradia de seus deuses (Is 14.13 e notas). Yahweh é aqui descrito com termos usados pelas religiões circunvizinhas para mostrar que todo o louvor realmente pertence ao verdadeiro Deus. O louvor dado a outros deuses é vão, visto que eles não existem (Is 44.6; 1Co 8.4).

* 48.4 os reis se coligaram. A linguagem é semelhante à de Sl 2.1-3.

* 48.5 se espantaram. O temor deles era devido ao poder de Deus,

exercido em Jerusalém, porquanto ele havia escolhido aquela cidade como lugar de sua moradia.

* 48.7 as naus de Társis. Navios mercantes.

* 48.8 SENHOR dos Exércitos. Um título militar que identifica Deus

como aquele que lidera seu exército celeste em batalha, visando a proteção de seu povo.

* 48.9 misericórdia. Especificamente, o amor de Deus po

estão em relação com ele segundo a aliança.

* 48.14 nosso guia. A sorte de Israel não era uma q

de esforço humano. Deus exercia o controle, e sua soberania não era limitada pela morte.

* Sl 49 Este salmo pertence à tradição sapiencial (vs. 3,4), pois trata de questões típicas dos livros de sabedoria. O salmista lida com dois problemas: a prosperidade dos ricos e a morte. Este salmo é um dos mais difíceis de traduzir e de interpretar corretamente. Poucos lugares do Antigo Testamento exprimem tão diretamente a esperança da ressurreição dentre os mortos. A doutrina plena da ressurreição só foi revelada quando Jesus ressuscitou e subiu à mão direita de Deus.

* 49.1 Povos todos. Este salmo se aplica não somente

relacionamento redentor com Deus, mas a todos os povos, em todos

os lugares.

* 49.2 ricos e pobres. O salmista sentia-se perturbado diante da

acomodação dos ricos.

* 49.3 falarão sabedoria. O salmo oferecerá discernimento

quanto ao problema em pauta. O salmista identifica-se com os sábios de Israel.

* 49.4 uma parábola... meu enigma. Essas palavras local

dentro da tradição de sabedoria.

* 49.5 nos dias da tribulação. Os dias já próximos da morte do

indivíduo (cf. Ec 12.1).

* 49.6 confiam nos seus bens. Em lugar de confiarem em Deus.

*** 49.7 Ao irmão... ninguém o pode remir. Nenhuma quantia em**

dinheiro pode impedir a morte, ninguém pode escapar dela.

*** 49.10 vê-se morrerem os sábios... como o inepto. Esse pensamento**

nos faz lembrar de Ec 2.12-16. O salmista classifica o rico opressor juntamente com os insensatos e ineptos.

*** 49.11 as suas moradas, para todas as gerações. Os ricos**

gastam

grande parte da vida edificando lares, comprando terrenos e juntando riquezas. Mas todas essas coisas desaparecem rapidamente.

* 49.12 como os animais, que perecem. Ao fazer a comparação dessa

experiência entre os seres humanos e os animais irracionais, o salmista fez um paralelo com o pensamento de Ec 3.18-21.

* 49.14 como ovelhas. Inconscientemente, os ricos, que confiam em si

mesmos, estão caminhando para o abate.

* 49.15 Deus remirá a minha alma... da morte. Embora Deus não aceite

um resgate pela morte (v. 7), ele proveu uma redenção para o salmista. A chave para essa consciência veterotestamentária da redenção da morte é o reconhecimento da eternidade de Deus e de seu eterno relacionamento com o seu povo: "ele me tomará para si". Ver Mc 12.26,27.

* 49.16-20 Os ricos ímpios não podem transportar suas riquezas para

a eternidade escura e sem alegria para a qual são enviados.

* Sl 50 Este salmo tem um fundo profético, visto que grande parte do mesmo foi composto por dois oráculos do Senhor, dos quais um é endereçado aos retos, e o outro é endereçado aos ímpios. Este salmo enfoca

especialmente a necessidade de expressar agradecimentos (vs. 14,15,22,23). No tocante a seu título, ver Introdução: Autor.

* 50.1 o Poderoso, o SENHOR Deus. Este salmo começa, de maneira

impressionante, com três nomes divinos. O terceiro é o nome de Deus comunicado na aliança, traduzido aqui por "Senhor" e escrito com maiúsculas. No hebraico, isso correspondeu ao "tetragramaton", provavelmente pronunciado "Yahweh". "Jeová" usa as vogais de uma palavra diferente, de uma maneira sugerida pelo costume judaico de não proferir o nome sagrado de Deus. Ver Êx 3.13-15 e notas.

desde o Levante até ao Poente. Na direção de leste para oeste, Deus dirige-se à terra toda.

* 50.2 Sião. O local do templo, escolhido por Deus para tornar

conhecida a sua presença. Ver Sl 2.6.

resplandece Deus. A linguagem indica uma "teofania", uma auto-revelação visual de Deus. A presença de Deus manifesta em seu templo, em Jerusalém. Ver Dt 33.2.

* 50.3 perante ele arde um fogo devorador. As teofanias de Deus (v. 2,

nota) com freqüência são acompanhadas por forças poderosas e perigosas, especialmente quando ele fala em juízo (Êx 19; Is 24; Na 1).

*** 50.5 fizeram aliança por meio de sacrifícios. Uma aliança é um**

acordo solene entre pessoas. Aqui, como na maioria dos lugares, estão em pauta laços entre Deus e o seu povo. Porém, visto que o homem é pecaminoso, esse relacionamento deve ser acompanhado por sacrifício, representando o castigo pelo pecado.

* 50.6 Os céus. Talvez uma maneira poética de referir-se aos habitantes

dos céus, os anjos; alternativamente, a glória do céu criado, inanimado.

* 50.7 testemunharei. Essa terminologia jurídica foi usada porque as alianças eram instrumentos legais, como contratos ou tratados. Quando havia algum rompimento da fidelidade do povo, este era com freqüência submetido a juízo pelo Senhor ou por um de seus profetas (Mq 6.1-8).

* 50.8 Não te repreendo pelos teus sacrifícios. Este versículo indica que o problema do povo não era a observância dos ritos sacrificiais. Eles eram fiéis na execução dos mesmos, mas aparentemente compreendiam mal a sua significação.

* 50.9 não aceitarei. Os povos das nações circundantes pensavam que seus deuses comiam os sacrifícios que lhes eram oferecidos e que ficavam com fome quando privados desses sacrifícios. No hino épico de Gilgamés, a deusa Istar lamenta a ausência de sacrifícios resultando numa fome tamanho divino.

* 50.10 são meus todos os animais do bosque. Deus afirma aqui haver criado e ser o proprietário de todas as criaturas que há no mundo.

* 50.13,14 Acaso, como eu carne de touros? Essa pergunta retórica deixa claro que o Senhor nem come os sacrifícios, nem fica satisfeito com eles, à parte de uma dedicação sincera e de ações de graças.

* 50.16 ao ímpio. Provavelmente pessoas ímpias dentro da comunidade professa da aliança, visto que conheciam a lei de Deus.

repetires. Talvez seja referência a uma cerimônia de renovação da aliança, em que a comunidade da aliança com Deus, juntamente, recitava a lei e reafirmava a sua intenção de guardá-la (Dt 31.9-11).

* 50.17 aborreces a disciplina. Um sinal seguro do insensato (Pv 1.7).

* 50.18,19 O salmista citou o sétimo, o oitavo e o nono mandamentos.

* 50.21 e eu me calei. O silêncio de Deus era com freqüência

interpretado pelos ímpios como um sinal de que ele não se importava se eles pecassem.

*
50.22 para que não vos despedace. Deus insiste na obediência por

parte dos ímpios hipócritas, pois, do contrário, eles teriam um fim temível.

* Sl 51 Este salmo é uma declaração extraordinariamente poderosa sobre as profundezas do pecado e do arrependimento. É a mais notável das "orações de penitência" (Introdução do Sl 6), um tipo de lamentação.

* 51.1 segundo a tua benignidade. Davi tornara-se culpado de um

grave pecado, na questão de Urias, marido de Bate-Seba (2Sm 11). Davi pleiteou a misericórdia de Deus, em consonância com o amor que ele prometeu ter pelo seu povo.

a multidão das tuas misericórdias. Quando Deus perdoa os pecadores, isso resulta de sua misericórdia. Os pecadores merecem a morte; mas Deus lhes dá a vida.

* 51.2 Lava-me. Essa palavra significa, especificamente, "lavar roupas".

A iniquidade do salmista era como roupas imundas que precisavam ser lavadas.

* 51.4 contra ti somente. Além de adulterar com Bate-Seba, Davi

enviou o marido dela à morte. Como pôde ele dizer que havia pecado somente contra Deus? A rebelião contra Deus estava à raiz de seu pecado, e seu crime prejudicou pessoas que pertenciam a Deus e transgrediu contra uma ordem social criada por Deus.

justo... puro. Davi reconheceu que a ira de Deus contra ele era justa. Este versículo foi citado por Paulo em Rm 3.4.

* 51.5 Eu nasci na iniqüidade. A Bíblia ensina claramente que as

crianças são pecadoras. Elas não nascem na inocência para somente mais tarde tornarem-se pecadoras. As crianças, por igual modo, precisam da salvação da parte de Deus. Ver a nota teológica "Pecado Original e Depravação Total", índice.

* 51.6 no íntimo, e no recôndito. Ou seja, a verdade e a sabedoria no

centro do ser humano.

* 51.7 com hissopo. A alusão é a Lv 14.6,7, onde é descrita a

purificação dos leprosos em Israel.

lava-me. Isso pode ser uma alusão a Nm 19.19, onde são dadas instruções para as lavagens rituais depois de ter havido contato com algum cadáver. Quanto à necessidade de lavar o coração, ver "Legalismo", índice.

* 51.10 Cria em mim. O verbo é o mesmo usado em Gn 1.1, quanto à

criação do universo. O salmista sabia que a reorientação de seus desejos e pensamentos só podiam ocorrer através da intervenção divina. Ver "Arrependimento", índice.

* 51.11 o teu Santo Espírito. O Antigo Testamento não faz uma

revelação completa da personalidade do Espírito Santo. Davi, porém, compreendeu que seu bem-estar espiritual dependia da presença de Deus com ele. ele temeu que o Espírito Santo lhe fosse tomado, porquanto o Espírito é santo e Davi era pecaminoso. Ver "O Espírito Santo", índice.

* 51.12 a alegria da tua salvação. Davi estava sofrendo de um embotamento espiritual que levava à bancarrota moral. Para impedir tal desastre no futuro, ele orou pedindo alegria.

*** 51.13 ensinarei aos transgressores os teus caminhos. Se perdoado,**

o salmista promete usar sua vida para ajudar outras pessoas a encontrarem o perdão.

* 51.14 minha língua exaltará a tua justiça. Antes, Davi já havia falado sobre a justiça de Deus ao condenar o pecado (v. 4). Agora, essa mesma justiça aparece vencendo o pecado e a condenação por

meio da graça, conforme é explicado em Rm 3.21-26, e resumido em 1Jo 1.9.

* 51.16 não te comprazes em sacrifícios. A Bíblia valoriza a obediência de todo o coração acima da conformidade religiosa externa (40.6-8; Mq 6.6-8). Conforme nos mostra o v. 19, isso não condenava os sacrifícios como tais.

* 51.18,19 A restauração espiritual do rei levou bênçãos para as pessoas em geral.

* Sl 52 Este salmo expressa a confiança no Senhor como um salmo de confiança, pronuncia juízo sobre os ímpios, como uma lamentação, e usa linguagem sapiencial.

* 52:Título O título histórico refere-se ao evento registrado em 1 Sm 22.623. Com efeito, o título identifica Doegue com o homem jactancioso e iníquo, enquanto que Davi aparece como o justo salmista. Entretanto, o próprio salmo não é tão específico assim, e continua a ser imediatamente relevante para o povo de Deus.

* 52.1 homem poderoso. Um soldado ou guerreiro.

* 52.4 palavras devoradoras. Mais exatamente, "confusas". A literatura sapiencial ensina de forma coerente que a confusão está ao lado dos ímpios e que a ordem está ao lado dos justos.

* 52.6 temerão. Este verbo pode soar estranho quando é associado com o verbo rir-se. O sentido, entretanto, não é temor no sentido de pavor, mas antes, de reverência e respeito. Os justos vêem a justiça do julgamento de Deus contra os ímpios.

*** 52.7 que não fazia de Deus a sua fortaleza. Esse homem é o**

contrário de tudo aquilo que os salmos defendem. Por todos os

salmos as pessoas são exortadas a fazer de Deus a sua fortaleza, e não confiarem em si mesmas. Deus é o poder por detrás de seu povo, em todas as suas vitórias.

* 52.8 como a oliveira. Faz-nos lembrar do Salmo 1. As oliveiras podem viver durante séculos.

* 52.9 na presença dos teus fiéis. A segurança de que desfrutava o salmista levou-o a louvar na adoração pública. Ver nota em 22.22.

* Sl 53 Cf. o Sl 14. Uma meditação sobre a iniqüidade do insensato. Deus destruiria os insensatos e restauraria a sorte de Israel. O Sl 53, em contraste com o Sl 14, usa "Deus" em lugar do mais específico "SENHOR" da aliança, para referir-se à deidade. Essa variação ajusta-se ao contexto mais amplo, visto que o Sl 53 faz parte do livro II do saltério, que usa o termo mais amplo, ao invés do nome usado na aliança.

* 53.1-4 Ver notas em Sl 14.1-4.

* 53.5 dispersa os ossos. No Antigo Testamento, Deus com freqüência lutava por seu povo contra seus inimigos de carne e sangue. Dentro da revelação neotestamentária, o conflito espiritual subjacente, para salvar o seu povo do pecado, torna-se o tema dominante, embora o conflito realmente tenha estado nesse nível desde o princípio (Gn 3.4,5).

* 53.6 o livramento de Israel! Uma expressão de esperança no livramento do mal.

* 54:Título. O título histórico localiza a inspiração do salmo nos dias pré-monárquicos de Davi. Ele compôs este salmo depois de ter sido traído pelos zifeus (1Sm 23.19; 26.11).

* 54.1 faze-me justiça. Essas palavras identificam a sua queixa como

uma queixa judicial. Davi tinha sido injustamente atraiçoado pelos zifeus, seus compatriotas de Judá.

* 54.3 insolentes. Embora sejam os compatriotas, o salmista não os

conhece pessoalmente.

* 54.6,7 Um voto de oferecer sacrifícios ao Senhor, como agradecimento

por ter sido libertado de uma dificuldade. Ver 22.22 e nota.

* Sl 55 Tal como muitos outros lamentos, este salmo pranteia por causa do ataque de inimigos. Realmente incomum é a tristeza devido à traição perpetrada por um amigo. Este salmo desce aos abismos do desespero, mas finalmente volve-se para o Senhor com esperança. Este salmo antecipa os sofrimentos de Cristo, que foi traído por Judas Iscariotes, um discípulo do círculo mais íntimo (Mt 26.47-56).

* 55.3 inimigo. O salmista refere-se aos inimigos mediante o uso de

termos gerais, porque sabia que este cântico seria usado por outras pessoas em outras situações (v. 22).

* 55.6 Voaria. O autor sentia o impulso de escapar da causa de sua

aflição, mas era incapaz de fugir.

* 55.9 confunde os seus conselhos. O salmista alude aqui ao juízo

divino contra a geração ímpia que erigiu a torre de Babel (Gn 11.1-9).

* 55.10 giram nas suas muralhas. Homens desregrados estavam soltos

e ativos nas muralhas, a principal defesa da cidade.

* 55.11 suas praças. Essa descrição de uma antiga cidade de Israel,

presumivelmente Jerusalém, durante o reinado de Davi, pode ser aplicada às violentas cidades de hoje em dia.

* 55.13 Os termos vão ficando crescentemente mais íntimos, desde

"homem meu igual", passando por "meu companheiro", e terminando em "meu íntimo amigo".

* 55.14 Juntos andávamos. A parte mais dolorida era que o amigo íntimo

era um adorador junto com o salmista, na casa de Deus.

* 55.15 vivos desçam à cova. Isto é, ao seol, à sepultura.

* 55.18 dos que me perseguem. Embora este salmo possa ter tido a sua

origem em uma batalha, é mais provável que a perseguição seja uma metáfora das lutas que o salmista mantinha contra seus inimigos e amigos que o cercavam.

* 55.19 desde a eternidade. Deus ouvia as orações do salmista de seu

trono real, nos céus.

* 55.20 sua aliança. O salmista descreve aqui o rompimento voluntário

de um acordo formal existente entre amigos. Uma aliança é um acordo solene sob sanções.

*** 55.21 mais macia que a manteiga... mais brandas que o azeite. Uma**

poderosa descrição poética da hipocrisia e do engano.

*** 55.22 jamais permitirá que o justo seja abalado. O contexto do salmo**

mostra que não há promessa inábil de que os justos sempre serão felizes e prósperos. O salmista entoa este lamento ao Senhor por estar desesperado. Este versículo deve significar que Deus não permitirá que os justos fiquem na posição caída para sempre, mas que, no fim, haverá de vindicá-los.

* 55.23 à cova profunda. O sepulcro.

* 56:Título Este título é difícil de adaptar-se à vida de Davi, conforme ela é conhecida pelos livros históricos. O paralelo mais próximo é 1Sm 21.10-15, quando Davi fingia-se louco, diante do rei de Gate, para escapar dele.

* 56.2 Os que me espreitam. Os inimigos, quais animais ferozes,

tratavam o salmista como se fosse presa deles.

* 56.5 torcem as minhas palavras. Eles modificavam os sentidos de

suas palavras para deixá-lo em má situação.

* 56.7 Derriba os povos. O paralelismo deste versículo sugere que os

inimigos eram as nações estrangeiras que circundavam Israel.

* 56.8 Contaste. O salmista conclama a Deus para que ouça e leve em

conta a sua oração.

* 56.9 bem sei. O salmista lembra as promessas da aliança com Deus,

como aquela que há em Dt 28.7, de que Deus espalharia os inimigos de seu povo.

* 56.12 render-te-ei ações de graças. O salmista promete retornar e

agradecer quando a oração fosse respondida. Ele faria isso oferecendo sacrifícios e cantando cânticos de ações de graças semelhantes ao Sl 34. Ver Sl 22.22 e nota.

* Sl 57 Este salmo foi composto antes de Davi tornar-se rei, quando ele se escondia de Saul em uma caverna. Muitos eruditos têm relacionado este salmo a 1Sm 24, mas um paralelo ainda mais próximo é 1Sm 22.1-5, quando Davi fugiu para a caverna de Adulão. Este cântico termina com uma intensa declaração cujo fraseado é parecido com Sl 108.1-5.

* 57.1 à sombra das tuas asas. A imagem de Deus como se fosse uma

ave-mãe que protege seus filhotes das tribulações, transmite a compaixão de

Deus por seu povo. Ver a nota sobre as representações maternais de Deus, em Sl 131.2

* 57.2 ao Deus que por mim tudo executa. A frase hebraica poderia

ser traduzida por "que me vinga", indicando que Deus julga os inimigos de seu povo.

*
57.4 entre leões. Esses animais eram numerosos no a

Próximo e Médio, bem como na Palestina. Com freqüência eles representavam a força e a violência.

* 57.5 acima dos céus. Deus é tão grande que nem mesmo os céus

são capazes de contê-lo (1 Rs 8.27). Deus é transcendental, mas em sua compaixão, ele habita com os homens.

* 57.6 rede... cova. Como se fossem caçadores, os inimigos armaram

armadilhas para o salmista. O princípio que diz que as pessoas más são finalmente apanhadas em seus próprios esquemas malignos é um tema que percorre os Salmos e os Profetas. Ver Sl 7.14-16; 34.21; 35.8; 37.15.

* 57.7 Firme. Coisa alguma era capaz de desviar o salmista de sua

intenção fiel de oferecer a Deus os seus hinos de louvor.

* 57.8 Quero acordar a alva. O salmista ficaria louvando ao Senhor a

noite inteira, até amanhecer o dia.

* 57.9 entre os povos. Deus é mais do que somente o Deus de Israel.

ele é o Rei do universo, e o salmista louvará os grandes feitos de Deus por todo o universo.

* Sl 58 Os salmos de lamentação por muitas vezes contêm seções que são maldições dirigidas contra os maldosos e os injustos. Parece

que os objetos do desprezo do salmista eram governantes humanos (v. 1, nota), especialmente os juízes injustos. A primitiva tradição cristã vinculava este

salmo ao sumo sacerdote e ao Sinédrio, por haverem condenado Jesus (Mt 26.57-68).

* Sl 58.1 ó juízes. A palavra assim traduzida se assemelha ao vocábulo hebraico para "deuses". E a palavra "deuses" poderia ser usada para indicar os juízes corruptos deste versículo, de conformidade com o exemplo em Sl 82.1 (ver referência lateral em Sl 82.1).

* 58.3 desde a sua concepção. Davi reconheceu esse fato em si mesmo, em Sl 51.5. Todos os homens nascem com uma natureza que se rebela contra Deus — esse é o significado da doutrina do pecado original. Davi quis dizer que a maldade dos maus juízes remonta ao começo de suas vidas.

* 58.4,5 peçonha da serpente. O salmista comparou os governantes iníquos às serpentes. A história da queda no pecado (Gn 3), iniciada pela serpente, focaliza o quadro mental. As palavras dos governantes são tão marcantes como o veneno das serpentes, e eles fazem ouvidos surdos aos argumentos lógicos e até à condenação que Deus lance contra eles.

* 58.7 ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas. Que Deus reduzisse a nada os maus esquemas, e a violência dos ímpios contra os inocentes.

* 58.10 Alegrar-se-á o justo. A eternidade mostrará que a condenação divina dos ímpios é justa. Esse castigo causará regozijo, visto que a alternativa seria inconcebível: o céu povoado com os inimigos de Deus (Ap 16.5,6; 19.1-3; 21.27).

* 58.11 há recompensa. Quando os ímpios prosperam ou os justos

sofrem, a fé fica abalada. As promessas da aliança, em Dt 28, provêem maldições para o ímpio e bênçãos para o justo. O juízo final endireitará novamente todas as coisas.

* Sl 59 Este salmo vem do período antes de Davi ter se tornado rei. Saul postou vigias defronte da casa de Davi, na esperança de matá-lo; mas Mical, filha de Saul, ajudou seu esposo Davi a escapar (1Sm 19.11-17).

* 59.3 sem transgressão minha... ou pecado meu. O salmista não estava declarando ser sem pecado; mas estava asseverando que o inimigo não tinha causa contra ele. Assim também aconteceu na situação original, quando Davi não havia cometido qualquer agressão contra a realeza de Saul. Ver Sl 26.

* 59.5 Deus dos Exércitos. Esse título divino indica que Deus possui exércitos celestiais sob o seu comando.

nações... que traiçoeiramente praticam a iniqüidade. Os inimigos eram originários das nações fora de Israel, mas também de dentro da própria nação de Israel.

* 59.6 uivam como cães. Os inimigos pareciam-se com uma matilha de cães rondando as ruas da cidade, tornando-as inseguras. Os cães não eram estimados no antigo Oriente Próximo.

* 59.7 Quem há que nos escute? Ver 64.5, nota.

* 59.10 Deus virá ao meu encontro. Deus guiaria as ações no meio da batalha contra o adversário. Nos dias de Josué, a arca da Aliança, que simbolizava a presença de Deus, guiou Israel à Terra Prometida.

me fará ver o meu desejo. Por enquanto, o inimigo mostrava-se zombeteiro com o salmista, mas este esperava uma mudança na situação.

* 59.11 Não os mates. O salmista desejava prolongar os

sofrimentos do inimigo. Isso faria deles um exemplo para o resto de Israel de que a iniqüidade não compensa.

*
59.12 Pelo pecado de sua boca. As palavras são pc

trazer ou grande bênção ou um tremendo dano.

* 59.13 e se saiba. O alvo final da destruição do inimigo é que se possa

ver a glória da justiça de Deus.

* Sl 60 Este salmo lamenta uma derrota militar, e pergunta a Deus por que ele rejeitou o seu povo. Em sua maior parte, domina a voz da comunidade, e o salmo se dirige a Deus na primeira pessoa do plural.

* 60:Título Este salmo tem o mais longo título do saltério, referindo-se aos eventos registrados em 2Sm 8 e 1Cr 18. Os livros históricos, entretanto, contam apenas a conclusão vitoriosa da batalha. O título e o salmo sugerem que Davi experimentou retrocessos no caminho da vitória. Os livros históricos e este salmo diferem quanto ao número de edomitas mortos no vale do Sal, provavelmente devido ao erro dalgum copista. O salmo associa Joabe à vitória, ao passo que 2Sm 8.13 nomeia Davi, e 1Cr 18.12 alista Abisai. Todos os três eram altos comandantes do exército de Israel, e poderíamos creditar a todos eles a vitória.

* 60.1 tu nos rejeitaste. Quando rejeita o seu povo, Deus o abandona e

o deixa à mercê do inimigo. É somente com a aprovação de Deus que o povo de Israel tinha qualquer motivo para ter confiança.

* 60.3 vinho que atordoa. Nos livros proféticos, essa figura literária é

freqüente. O cálice que faz uma nação cambalear é o cálice do julgamento (Jr 25.15-38; Na 3.11). Jesus sorveu o cálice da ira divina até às borras, em favor de seu povo (Mt 26.39 e paralelos).

* 60.4 aos que te temem. Este versículo é um sinal de esperança para

os fiéis. Deus protege o seu povo das armas do inimigo.

* 60.6 Falou Deus na sua santidade. O oráculo divino provavelmente

foi proferido através de um profeta associado ao templo. O âmago desta

mensagem era que a vitória se aproximava, uma mensagem sustentada pelo relato em 2Sm 8.

dividirei Siquém. Os versículos que se seguem exultam na herança da Terra Prometida.

Siquém... Sucote. Esses nomes relacionam-se aos dois primeiros lugares que Jacó ocupou, depois de retornar de seu encontro com Esaú (Gn 33.17-20). Esses lugares ficam em lados opostos do rio Jordão.

* 60.7 Gileade... Manassés. Ambas essas áreas estão localizadas, pelo menos parcialmente, na região da Transjordânia.

Efraim... Judá. Essas eram as duas mais poderosas tribos de Israel. Com freqüência rivalizaram, mas estavam unidas como partes do exército de Deus.

* 60.8 Moabe... Edom... Filístia. Moabe e Edom ficavam a leste de Judá, e a Filístia ficava a oeste, na costa do mar Mediterrâneo. Esses países foram inimigos tradicionais de Israel, mas neste cântico Deus exulta em seu poder e autoridade sobre elas.

atirarei a minha sandália. Um gesto de desprezo, ou talvez uma reivindicação de posse (Rt 4.7).

* 60.9 me. Provavelmente era o rei quem falava, em favor da nação de Israel.

* 60.12 faremos proezas. O salmista confessa que somente através do

poder de Deus ele obteria a vitória. Essa era a atitude primária que motivava as guerras de Israel, no Antigo Testamento.

* Sl 61 Elementos de lamentação, ação de graças e petição estão combinados neste salmo memorável.

* 61.2 Desde os confins da terra. O salmista quis dar a entender que

ele estava a certa distância do santuário sobre o monte Sião, e se sentia longe de Deus.

A rocha. O salmista chegou ao reconhecimento crítico de que não tinha forças para redimir a si mesmo; e que só lhe restava voltar-se com confiança para Deus.

*
61.3 contra o inimigo. No passado, Deus havia proteg

seus inimigos. Essa frase nos leva a acreditar que o salmista não somente estava fisicamente distante do templo, mas também que estava engajado em uma ação militar para a qual precisava da ajuda divina.

* 61.4 O salmista anela pela comunhão com Deus. Ver o v. 2.

no esconderijo das tuas asas. Alguns eruditos vêem aqui uma

metáfora para a compaixão de Deus, como quando uma ave-mãe protege os seus filhotes.

Por outra parte, a referência de Davi às asas familiares dos querubins, retratados na arca da aliança, parece mais provável.

* 61.5 os meus votos. No processo de dirigir sua petição ao Senhor, o

salmista tinha feito promessas de que seria obediente ao Senhor. Ver 22.22 e 1Sm 1.11.

a herança. Na qualidade de membro da comunidade de Deus, o salmista recebeu as promessas da aliança, incluindo a terra de Israel e a promessa da proteção de Deus.

*
61.6 Dias sobre dias acrescentas ao rei. O rei de | o centro

da ordem social em Israel. A estabilidade do ofício real afetava a estabilidade da sociedade como um todo. O rei terreno era um símbolo do Rei divino. Quando Cristo veio, seu evangelho anunciava o "reino dos céus".

* 61.7 Permaneça para sempre. Jesus Cristo, o Filho maior de Davi,

cumpriu este versículo muito além das expectações do salmista.

bondade. Especificamente, a bondade para com aqueles com quem Deus estava em relação de aliança.

* 62.1 espera silenciosa. Uma verdadeira dedicação só pode ser

encontrada em um correto relacionamento com Deus.

* 62.2 a minha rocha e a minha salvação. Temos aqui retratos da

proteção divina contra os perigos da vida. Ver nota em Sl 28.1.

*** 62.3 uma parede pendida... um muro prestes a cair? Há uma**

expressão moderna que diz: "Chutar um homem quando ele está caído". Os ímpios continuam tirando vantagem dos fracos.

* 62.4 de boca bendizem. Os ímpios acrescentam hipocrisia à violência.

* 62.5 esperança. Sua expectativa de que seria salvo do inimigo

(referência lateral).

* 62.8 ó povo. O salmista volve-se para os fiéis da congregação e

encoraja-os a depositarem sua confiança somente em Deus.

* 62.9 vaidade... vaidade. Essa palavra pode ser traduzida de várias

maneiras. Essa é a mais característica palavra do livro de Eclesiastes, onde é com freqüência traduzida por "vaidade" ou "sem sentido". A questão em pauta é que as pessoas são sem sentido e sem conseqüência, *nelas e delas mesmas.* O salmista consola-se nisso: seus perseguidores, na realidade, nada significavam.

* 62.10 se as vossas riquezas prosperam. A dúvida surge em cena

quando as pessoas se tornam ricas através de meios maus (Sl 73). Neste salmo, o autor vê claramente que essas riquezas são transitórias.

* 62.12 graça. Deus não apenas tem poder para salvar o salmista. Ele

igualmente deseja fazê-la.

retribuis segundo as suas obras. O salmista tem aqui uma perspectiva a longo prazo, visto que no presente os justos estão com freqüência à mercê dos ímpios. Pelo Novo Testamento entendemos que haverá muitas injustiças sem solução, no presente, até à segunda vinda de Cristo.

* Sl 63 Este belo salmo exprime confiança na capacidade de Deus proteger o salmista.

* 63:Título O cenário do salmo é o deserto de Judá.

* 63.1 sede de ti. Cf. Sl 42.

o meu corpo. O livro de Salmos não permite espiritualização falsa. A pessoa inteira anela por Deus, e não apenas o aspecto não-físico da pessoa.

* 63.2 no santuário. O salmista relembra o lugar marcado por Deus,

bem como a visão do "poder" e da "glória" de Deus, que lhe foi confiada ali.

* 63.3 a tua graça. Ou seja, o amor imutável que Deus mostra àqueles

que estão unidos a ele pela sua aliança.

* 63.5 farta-se. Somente quando louvava a Deus, em comunhão íntima

com ele, o salmista se sentia espiritualmente contente.

* 63.6 durante a vigília da noite. O salmista tinha confiança no Senhor

quando era mais vulnerável ao temor e aos ataques.

* 63.7 tuas asas. Deus pode ser comparado a uma ave-mãe que

protege os seus filhotes; mas ver segunda nota em 61.4

* 63.8 A minha alma apega-se a ti. Embora estivesse distante do

santuário, o lugar onde ele havia provado a presença de Deus, ainda assim o salmista desfrutava de íntima comunhão com o Senhor. Apegar-se ao Senhor significa encontrar nele a única esperança (Dt 10.20; 11.22).

* 63.9 os que me procuram a vida. Este versículo é a primeira

indicação de angústia ou perigo no poema da aflição do salmista.

* 63.11 quem por ele jura gloriar-se-á. A justiça de Deus sai-se

vencedora. Aqueles que amam a Deus continuarão a louvá-lo, enquanto os ímpios serão silenciados.

* 64.1 terror do inimigo. Visto não ter sido identificado por nome, o

"inimigo" pode aplicar-se a qualquer adversário.

*

64.3 como espada... flechas, palavras amargas. A Bí

coerentemente que as palavras são poderosas e podem ser usadas visando o bem (Pv 25.15) ou visando o mal (Pv 12.18; 25.18).

* 64.5 Quem nos verá? Eles não temiam os homens, e, mediante sua

pergunta, percebe-se que eles também não temiam a Deus. Pensavam que seus atos passavam despercebidos, esquecidos como estavam de que existe nos céus um Deus justo, o qual vigia cada movimento dos homens (Sl 2).

* 64.6 inquirem tudo. A seus outros crimes, esses espertos malfeitores

adicionavam o pecado do orgulho.

* 64.7 desfere contra eles uma seta. Este versículo deve ser

contrastado com o v. 4. Algumas das mesmas palavras são usadas para ilustrar o caso contrário. Os ímpios que tentam alvejar os justos são, eles mesmos, feridos pelas setas divinas.

* 64.8 a própria língua. Contrastar com o v. 3. Deus inverte os efeitos

exercidos pelas suas línguas. Eles queriam usar suas línguas contra o salmista; finalmente, porém, eles incriminaram a si mesmos.

* 64.9 temerão. Vendo a justiça de Deus, o mundo ficará satisfeito com

a condenação dos ímpios. As pessoas deste mundo reconsiderarão seus próprios atos à luz do modo de Deus tratar com os iníquos.

* Sl 65 A economia agrícola de Israel dependia do regime das chuvas, que comumente era variável. Este salmo agradece a Deus por enviar chuva em resposta à oração.

* 65.1 em Sião. Esse foi o local escolhido por Deus para o templo, e o

lugar para onde eram dirigidos os louvores. Ver nota em Sl 50.2; 128.5; 129.5, e especialmente 2.6.

o voto. Quando Israel apresentava petições diante do Senhor, com freqüência prometia oferecer sacrifícios pelas orações respondidas.

*
65.3 as nossas transgressões. Da perspectiva do pecad

esperança. Deus em sua graça, entretanto, perdoa o pecador; e isso é fonte de profunda alegria para o salmista.

*** 65.4 Bem-aventurado. Ver Sl 1.1**

a quem escolhes. A livre graça de Deus é a fonte da bênção, e a bênção mais alta de todas é desfrutar da comunhão com Deus (Sl 16.11).

* 65.5 Com tremendos feitos. Deus não é uma divindade distante, que

nada tem a ver com a criação. Ele responde às orações intervindo na história e na vida de sua gente.

os confins da terra. Nas teologias dos países circunvizinhos a Israel, pensava-se que houvesse diferentes deuses para diferentes localidades. Por

exemplo, Marduque da Babilônia, e Baal de Ugarite. O salmista, porém, sabia que o Senhor não era simplesmente outro deus entre

muitos; antes, ele é o Deus do universo.

* 65.6 os montes. Um símbolo de firmeza e força. O fato que Deus os

criou mostra-nos seu poder e grandeza (Sl 46.2,3 e notas).

cingido de poder. Deus se cinge de poder como um guerreiro divino que conquista os inimigos de Israel (Êx 15; Js 5.13-15; Jz 5).

* 65.7 o ruído das suas ondas. Os mares representam o caos e o mal

(Sl 77.16-19 e notas), por muitas vezes o caos e o mal das nações circundantes, que atacavam Israel (Dn 7).

*** 65.8 Os que habitam nos confins da terra. Um significado mais**

profundo deste versículo veio à tona por ocasião da vinda de Cristo e a pregação do evangelho por todo o mundo.

* 65.9 e a regas. Cf. 1Rs 17 - 19, os tempos de Elias, quando Deus

amaldiçoou seu povo rebelde, retendo as chuvas.

* 66.3 Que tremendos. Grandes e temíveis.

submissos. Quando Deus aparece como um guerreiro, os inimigos têm razão para temer que serão destruídos (Js 2.11).

* 66.5 Vinde e vede. O salmista convidou os ouvintes a relembrar os

grandes atos de Deus na história (Sl 46.8).

* 66.6 o mar... o rio. A primeira frase deste versículo refere-se à

travessia do mar Vermelho (Êx 14; 15). A segunda refere-se à travessia do rio Jordão quarenta anos mais tarde (Js 3). Esses grandes atos demonstraram o poder de Deus.

* 66.9 o que preserva... a nossa alma. Essa é uma verdade geral, mas

pode haver uma alusão ao êxodo. Um contexto da provação mais recente de Israel também é possível.

*
66.10 nos provaste. Ocasionalmente, Deus submetia seu

decisões difíceis, para ver se seriam obedientes, a despeito dos sofrimentos (Êx 15.25).

A prata. Quando a prata é refinada, ela é purificada; a escória é então retirada. Quando Deus submete o seu povo a algum teste, aqueles que não se mostram obedientes são tirados, enquanto que os fiéis permanecem mais constantes ainda.

* 66.11 cair na armadilha. O Senhor fez o salmista e os fiéis passarem

por um período de aflição.

* 66.12 um lugar espaçoso. Uma possível referência ao salvamento

recente da aflição, embora possa haver aqui uma alusão à conquista da terra de Canaã, por parte de Israel.

* 66.13 pagar-te-ei os meus votos. O salmista expressou seu

agradecimento individual. Ao que tudo indica, recentemente Deus o tinha salvado de alguma aflição. Enquanto ele sofria, prometeu adorar

a Deus com sacrifícios, se Deus ouvisse a sua oração (22.22, nota).

* 66.16 Vinde, ouvi. Com freqüência, o cumprimento de um voto levava a

pessoa a louvar a Deus publicamente, dando testemunho da salvação divina.

* Sl 67 O escopo universal deste salmo é notável, mesmo no livro dos Salmos, onde visões tão amplas não são raras.

* 67.1 faça resplandecer sobre nós o rosto. O salmista adotou aqui a bênção sacerdotal padronizada, encontrada em Nm 6.25. Aquilo que é prometido na bênção é que Deus se fará presente.

* 67.2 em todas as nações. Deus é o soberano de todas as nações, e

não somente de algum país em particular.

* 67.3 Louvem-te os povos. O desejo do salmista de ver os habitantes

de muitas nações diferentes louvarem ao Senhor começou de uma nova maneira quando a crucificação e a ressurreição de Cristo derrubou a "parede da separação" (Ef 2.14).

* 67.6 o seu fruto. Este salmo pode ter sido entoado em uma das

festividades agrícolas, como a Festa da Colheita (Êx 23.14-17).

* Sl 68 Este salmo reveste-se de uma qualidade enigmática. Alguns estudiosos têm-no achado tão desconexo que sugerem que temos aqui uma coletânea de primeiras linhas de outros poemas. No entanto, existem temas e atitudes em comum neste salmo. Demonstra uma atitude parecida com a de um hino, com freqüentes alusões de adoração por parte da comunidade. Deus aparece como

um guerreiro, em seu centro. Sua vitória sobre os seus inimigos, conforme é aqui expresso, tornou-se o pano-de-fundo da vitória de Jesus sobre as forças de Satanás, durante a ascensão (Ef 4.7-13).

* 68.1 Levanta-se Deus. Ver Nm 10.35. Essas eram as primeiras

palavras que Moisés pronunciava a cada dia, antes que Israel marchasse, durante o período que passou no deserto. Quando ele falava, a arca da Aliança era levantada para encabeçar o cortejo.

* 68.2 a fumaça... a cera. Essas duas figuras de linguagem conclamam

a Deus a lidar rapidamente com o inimigo.

* 68.4 ao que cavalga sobre as nuvens. A vinda de Deus com as

nuvens é um tema freqüente nas Escrituras (Sl 18.7-15; 104.3; Dn 7.13; Na 1.3).

* 68.5 órfãos... viúvas. Os órfãos e as viúvas eram particularmente

vulneráveis na sociedade antiga. Deus ordenou a Israel que cuidasse dessas duas classes (Êx 22.22; Dt 10.18; Rt 4.14,15).

* 68.6 o solitário. Visto que a família era o centro da sociedade israelita,

aqueles que viviam fora de sua estrutura viviam sozinhos e, com freqüência, necessitados.

* 68.7 ao avançares pelo deserto. A referência é aos quarenta anos

vagueando pelo deserto.

* 68.8 o próprio Sinai se abalou. Deus fez a terra abalar-se no

Sinai

(Êx 19.18,19).

* 68.9 Copiosa chuva. Uma bênção essencial em uma terra que não

era conhecida por chuvas pesadas. Longas secas tinham efeitos devastadores (1Rs 17—19).

* 68.11 a falange. Ou "hoste". Essa palavra é um termo militar.

*** 68.12 reparte os despojos. Ver Jz 5.30.**

*** 68.16 o monte que Deus escolheu para sua habitação? Embora os**

montes de Basã sejam fisicamente majestáticos, muito mais imponentes, Sião é mais importante, porque a sua majestade é espiritual, e não física.

* 68.18 por dádivas. Em Ef 4.8, Paulo escreveu, "concedeu dons". Em

um cortejo triunfal, o vitorioso recebia e distribuía presentes.

* 68.19 dia a dia, leva o nosso fardo. Deus cuida de seu povo e está

constantemente em contato com nossas necessidades. Esta passagem pode ser contrastada com Is 46.1-4, onde o profeta denunciou abertamente a incapacidade dos ídolos de cuidarem de seus adoradores.

* 68.20 o Deus libertador. O Senhor salva o seu povo das enfermidades

e da morte em batalha. Em Jesus Cristo, seu povo aprende que ele, mediante a sua ressurreição, o livra da morte, r concede a vida eterna.

*
68.22 De Basã. Provavelmente temos aqui uma referên derrota que

sofreu Ogue, rei de Basã, no período antes da conquista da Terra Prometida (Dt 3).

das profundezas do mar. Deus libertou Israel da morte no mar Vermelho (Êx 14).

* 68.24 o teu cortejo. Depois de ter sido guiado por Deus, em batalha, o

exército de Israel retorna à cidade de Jerusalém, levando a arca da Aliança (Sl 24). As multidões, em adoração, acompanhavam o cortejo até o templo.

* 68.29 oriunda do teu templo. O prestígio de Jerusalém tinha uma

única causa espiritual: Deus a escolhera para aquele tempo como o lugar especial de sua moradia (Dt 12; 2Sm 7; cf. Is 22.1,2).

*
68.30 Reprime. Envolvendo mais do que um assédio

(lit. "repreender") uma nação é destruí-la.

a fera dos canaviais. O crocodilo ou o hipopótamo, ambos símbolos do Egito.

* 68.31 a Etiópia. Um aliado tradicional do Egito (Na 3.9). A "Etiópia" (ou

"Cuxe"), na Bíblia, é a remota terra ao sul do Egito, incluindo partes dos modernos países da Eritréia, da Etiópia e do Sudão.

* 68.33 àquele que encima os céus. Tal como no v. 4, o salmista alude

poeticamente aos céus como o carro de combate de Deus.

* Sl 69 Este salmo é bem-conhecido por causa de sua aplicação, no Novo Testamento, à angústia de Jesus, o Servo Justo de Deus, quando ele buscava a vontade de seu Pai, durante o seu ministério terreno.

* 69.1 as águas. O salmista retrata a sua aflição como alguém que se

afundava lentamente nas águas de um rio. As águas buliçosas são uma freqüente ilustração bíblica de caos social ou pessoal. Ver notas em Sl 18.4; 46.2,3.

* 69.2 a corrente me submerge. A linguagem poética desta seção pode ser comparada a uma prova de água, na qual uma pessoa suspeita de um crime podia ser lançada em um rio. Do rio os homens esperavam que suas águas avassalassem e carregassem com a pessoa culpada, mas que liberasse a pessoa inocente.

* 69.5 as minhas culpas. Embora o salmista fosse inocente das acusações aludidas no v. 4, ele não alegava não ter pecado.

* 69.6 os que esperam em ti. O salmista preocupava-se não somente consigo mesmo, mas também por outros, em Israel, que poderiam ser prejudicados de alguma maneira através dos pecados dele. A possibilidade que os seus pecados afetassem a outras pessoas era fomentada pelo seu poder e proeminência na sociedade.

* 69.9 o zelo da tua casa. Este versículo foi aplicado a Jesus quando ele tirou do templo os cambistas (Jo 2.17), e assim, ao fazer

um bem, atraiu o ódio dos ímpios. A inimizade contra Deus pode causar sofrimento para aqueles que se parecem com ele (Rm 15.3).

* 69.11 Pus um pano de saco por veste. Quando o salmista realizava atos religiosos, tais como o jejum, ele tinha que agüentar a ridicularização, de ricos e pobres igualmente (v. 12).

* 69.15 poço. Ver Pv 1.12; Is 5.14 e notas.

* 69.21 fel... vinagre. O gosto amargo do fel é proverbial. Quando o salmista sofreu tais maltratos, ele reagiu com uma maldição (vs. 22-29). A

metáfora tornou-se uma realidade quando a Jesus Cristo foi oferecido vinagre, durante a sua crucificação (Jo 19.29). Ele correspondeu com compaixão por aqueles que o atormentavam.

* 69.25 Fique deserta a sua morada. O salmista solicita aqui a morte dos ímpios (v. 28). Pedro citou este versículo em conexão com a morte de Judas Iscariotes e a vaga que ele deixou entre os discípulos (At 1.20).

* 69.26 perseguem a quem tu feriste. O inimigo piorava a dor dos afligidos. Quando Deus castiga a alguém, isso não é desculpa para outros aumentarem a sua dor.

* 69.30 Louvarei. Foi abrupta a transição da dor e da chamada para o julgamento para um louvor resoluto. Tal compressão de pensamento não é incomum na poesia bíblica.

* 69.31 do que um boi. O boi era o sacrifício mais caro que havia em Israel. Deus interessa-se por um louvor genuíno, e não pelas riquezas (50.1214,23; Os 14.2; Rm 15.6; Hb 13.15).

* 69.32,33 os aflitos... aos necessitados. Deus está sempre receptivo aos pobres e aos humildes.

* 69.35 edificará as cidades de Judá. Os últimos versículos provavelmente foram adicionados depois de Davi, durante ou pouco depois do exílio babilônico dos judeus, no século VI a.C.

* Sl 70 Este salmo é quase idêntico ao Sl 40.13-17.

* 70:Título Em memória. Este título só é usado em outro lugar no Sl 38.

* 70.1 Praza-te, ó Deus, em livrar-me. Em sua situação de desespero,

o salmista pede ousadamente que o Senhor saia em seu socorro.

*** 70.2 Sejam envergonhados e cobertos de vexame. O salmista**

queria que o Senhor fizesse virar a sorte do inimigo. Eles buscavam a ruína do salmista e a sua vida; e ele pediu ao Senhor que os arruinasse.

* 70.5 sou pobre e necessitado. Ver 9.18, nota.

* Sl 71 Um salmo de lamentação proferido por um homem de idade já avançada (v. 9). Este salmo é um dos poucos salmos dos primeiros dois livros do saltério que não têm título.

* 71.2 por tua justiça. Ver nota em Sl 31.1

* 71.3 a minha rocha e a minha fortaleza. Deus é o único lugar de

proteção do salmista. Ver nota em Sl 61.2

* 71.5 desde a minha mocidade. A linguagem usada pelo salmista

mostra que ele era agora um homem de idade já avançada. Ele estava em condições de relembrar a sua vida e ponderar seu

relacionamento com Deus.

* 71.6 do ventre materno tu me tiraste. O salmista confessa aqui que

Deus o criara com um propósito gracioso.

* 71.11 Deus o desamparou. Tal como os amigos de Jó, os inimigos do

salmista tinham chegado a uma conclusão errônea sobre os seus sofrimentos.

* 71.14 esperarei sempre. O salmista podia lembrar sua já longa vida e

ver como Deus o tinha salvado no passado. Sua memória lhe servia como um baluarte de devoção.

* 71.15 ainda que eu não saiba o seu número. Um louvor ininterrupto

não pode expressar de modo adequado a misericórdia de Deus; pois a sua salvação ultrapassa a nossa compreensão.

*
71.18 à presente geração. É dever dos membros mais

comunidade de Deus ensinar aos mais jovens aquilo que Deus fez em suas vidas.

* 71.19 se eleva até aos céus. A justiça de Deus é tão grande que não pode ser contida. Ela desconhece limites.

quem é semelhante a ti? Formular essa pergunta retórica já é respondê-la.

* 71.20 Tu, que me tens feito ver muitas angústias. O salmista

sabia que a vida é difícil e que Deus não o havia abrigado de cada dificuldade. Não obstante, ele tinha confiança em que Deus o livraria.

* 71.21 conforta-me novamente. Jó é exemplo de uma pessoa que foi restaurada após um longo período de sofrimentos. Mas esse tipo de restauração nem sempre acontece durante a existência terrena (Lc 16.25; Rm 8.18; 2Co 4.17).

* Sl 72 A segunda parte dos Salmos conclui com um salmo real pedindo que Deus abençoe o rei justo. Parte da linguagem usada ultrapassa aquilo que se aplicaria a um rei terreno, antecipando o Messias.

* 72:Título Ver Introdução: Autor. A Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento) compreende o título como se nomeasse Salomão como o assunto do salmo, e não como seu autor. Na compreensão tradicional do hebraico o título indica a autoria do salmo.

* 72.1 os teus juízos... a tua justiça. Deus, o Rei divino, é a fonte originária de toda justiça e retidão. Para possuir tais qualidades o rei humano teria que recebê-las da parte de Deus.

* 72.2 o teu povo. O rei humano recebeu sua chamada da parte do Rei divino.

72.3 paz. Ver nota em Sl 122.6.

*

* 72.4 os aflitos... necessitados. O rei tinha uma responsabilidade especial para com os indivíduos vulneráveis da sociedade de Israel. Deus tinha uma preocupação especial e amor pelos pobres, e o rei terreno também tinha que cuidar especialmente deles. Ver 9.18, nota.

* 72.5 enquanto existir o sol. Quando é aplicada ao rei terreno, essa frase é uma hipérbole poética. A linguagem refere-se ao único

Rei que viverá para sempre (Lc 1.33; Hb 7.16; Ap 11.15).

* 72.8 de mar a mar. Há aqui uma alusão às fronteiras prometidas de Israel em Êx 23.31, mas a linguagem ultrapassa em muito qualquer realização de qualquer rei de Israel, e assim prenuncia o futuro reinado do Messias.

* 72.9 os habitantes do deserto. Ele subjugará as tribos rebeldes que vivem no deserto.

* 72.10 Társis... Sabá... Sebá. Esses lugares eram considerados remotos. Társis é usualmente associada a Tartesso, na Espanha. Sabá e Sebá provavelmente ficavam no sul da Arábia.

* 72.17 Subsista para sempre o seu nome. Este versículo relembra as promessas feitas a Abraão em Gn 12.2,3. O rei é o ponto focal da sociedade do povo de Deus. ele representa o povo e é o herdeiro das promessas; em Jesus Cristo, porém, essas promessas se cumprem.

* 72.18,19 Cada um dos cinco livros dos Salmos termina com uma doxologia que louva o nome do Senhor.

* 72.20 Ao se preparar a coletânea dos salmos, nos dois primeiros "livros", os salmos que eram de Davi foram colocados juntos. Como há outros salmos de Davi nos "livros" seguintes, este versículo não se aplica rigorosamente ao conjunto dos salmos 1 a 72.

* Sl 73 Este salmo começa declarando que Deus é bom, uma crença adquirida após longa luta com aquilo que se observa no mundo, especialmente a prosperidade dos iníquos. Esse importante tema também é abordado em Sl 37; 49 e no livro de Jó.

* 73.1 Deus é bom. Aquilo que tinha enevoado o coração do salmista e

perturbado o seu relacionamento com o Senhor, fora resolvido.

* 73.2 quase me resvalaram os pés. Uma vida obediente é, com

freqüência, comparada ao ato de andar ao longo de uma vereda reta (Pv 1 - 9). O salmista descreveu a dúvida e o ceticismo com a figura de linguagem de escorregar de uma vereda.

* 73.6 os cinge como um colar. A prosperidade dos ímpios leva-os aos

pecados mais profundos do orgulho e da violência.

* 73.7 Os olhos saltam-
lhes da gordura. A figura de um coração que

se tornou insensível devido à permissividade (1Jo 2.16).

*
73.9 Contra os céus. Os orgulhosos não temem falar se eles

mesmos tivessem criado o mundo, deixando Deus para trás (At 20.22).

* 73.10 que bebe a largos sorvos. Embora os ímpios sejam tão maus,

ainda assim o povo "bebe" o que eles têm para dizer.

*
73.13 inutilmente. Estes versículos mostram a atitude d

dele ter resolvido a questão em sua mente.

* 73.15 Se eu pensara em falar. Se tivesse expressado as suas dúvidas

e queixas, antes de chegar a uma solução, ele teria instilado a dúvida

na comunidade de Deus.

* 73.16 isso. Ou seja, a prosperidade dos ímpios e o justos.

* 73.17 até que entrei no santuário. A mudança ocorreu quando ele entrou na presença de Deus, que se revelava no templo.

com o fim deles. Embora os ímpios prosperem por algum tempo, sua sorte final é a destruição. Ver "O Juízo Final", índice.

* 73.20 Como ao sonho. Deus manifestar-se-á em julgamento contra os ímpios. Quando ele assim fizer, a prosperidade deles parecerá um sonho.

*** 73.22 eu estava embrutecido e ignorante. As emoções negativas** bloqueavam os pensamentos sobre Deus e seus caminhos.

*** 73.23 tu me seguras pela minha mão direita. Deus está próximo do** adorador, a fim de aconselhá-lo e guiá-lo.

* 73.24 na glória. Apesar de que alguns estudiosos tomam essas palavras como uma alusão à fama e à reputação terrenas, mais provavelmente trata-se de uma referência à glória eterna. Nada romperia a comunhão íntima que o salmista desfrutava com Deus

(Rm 8.38,39).

* Sl 74 Este lamento pela destruição do templo, em 586 a.C., compara-se aos poemas do livro de Lamentações.

* 74.1 Por que nos rejeitas. A derrota de Israel às mãos dos babilônios

indicou que Deus tinha abandonado seu povo escolhido e que não continuaria a protegê-lo. Os profetas (Ez 9—11) descreveram como Deus havia abandonado o seu templo, lançando a culpa sobre o pecado e a incredulidade de Israel. Ver nota em Sl 22.1.

as ovelhas. O escritor sacro apelou para esta metáfora a fim de referir-se ao relacionamento entre Deus e o seu povo, a fim de pleitear a restauração. Ver Sl 23.1.

* 74.2 Lembra-te. O salmista indicava aqui mais do que uma memória mental; ele queria que Deus agisse com base em sua antiga promessa segundo a aliança, para salvar o seu povo.

monte Sião. A localização do templo e o lugar onde Deus tornava a sua presença conhecida de maneira especial. Ver Sl 2.6; 50.2; 128.5; 129.5.

* 74.3 Dirige os teus passos. O salmista roga a Deus que pesquise e reaja aos danos que o inimigo havia infligido às possessões divinas. Quando tomou Jerusalém, em 586 a.C., Nabucodonosor ordenou que o santuário fosse demolido.

* 74.9 Já não vemos os nossos símbolos; já não há profeta. O maior temor de todos era que Deus silenciasse diante da destruição. Este salmo, com toda a probabilidade, foi composto logo depois do evento, visto que vários profetas estiveram ativos durante o período de restauração.

* 74.10 Acaso blasfemará... o teu nome? O salmista

procurava persuadir a Deus, argumentando que a sua própria reputação corria perigo. Asafe se sentia aflito pela aparente inatividade de Deus.

* 74.13 o mar. Nos próximos poucos versículos, o poeta alude a um conceito popular da criação e aplica-o ao Senhor. Quanto à derrota do "Mar", ver Ez 28.2 e nota. Ao usar essas figuras simbólicas, o salmista não estava endossando os mitos populares, mas usando-os para dizer que o Deus de Israel é o Criador de todas as coisas. Os deuses do Oriente Próximo e Médio eram nada, porquanto eles não existiam. Ver Sl 18.4; 29.3,10; 46.2,3; 69.1,2; Jr 14.22; 1Co 8.4.

* 74.14 as cabeças do crocodilo. O salmista tomou aqui, por

empréstimo, a linguagem da mitologia popular, relatado em textos descobertos na antiga Ugarite, na Síria. Naqueles textos, o "crocodilo" (leviatã ou Lotã) é um monstro marinho com sete cabeças, que foi derrotado por Baal nos tempos da criação.

* 74.20 a tua aliança. O escritor apelou para a aliança divina, sabendo

que a paciência de Deus não se exaure, a despeito da desobediência que foi a causa da queda do reino do norte, Israel, no século VIII a.C..

* 74.22 Levanta-te. Ver nota em Sl 7.6.

* Sl 75 O tema de derrubar o ímpio e de exaltar o justo também se encontra no cântico de Ana (1Sm 2.1-10), bem como nas palavras de louvor de Maria (Lc 1.46-55).

* 75.1 rendemos. O salmo começa com ações de graças públicas,

embora, no fim, um indivíduo fala por toda a comunidade.

nome. Ver Sl 8.1.

as tuas maravilhas. Os grandes atos de Deus na História (Ap 15.3,4).

* 75.2 hei de julgar retamente. Os juízos divinos são sempre justos, e

Deus conhece os segredos do coração.

* 75.3 eu firmarei as suas colunas. Deus é quem provê a estabilidade

por detrás da ordem mundial.

* 75.4 força. Diz aqui o hebraico, lit., "chifre". Essa metáfora comum é

de uma fera dotada de um chifre poderoso, que levanta orgulhosamente a cabeça, em desafio e ira. Deus adverte aqui aos ímpios que não ajam dessa maneira contra ele.

* 75.7 Deus é o Juiz. Deus, e não qualquer pessoa no ocidente, no

oriente ou no sul, determina o que ficará e o que não permanecerá.

* 75.8 um cálice. Ver nota em Sl 11.6.

* Sl 76 Este salmo celebra uma grande vitória sobre os inimigos de Israel. Da perspectiva do Novo Testamento, este cântico louva a Deus por sua vitória na Cruz e considera a grande vitória final sobre o mal, no fim da era presente (Ap 19.11-21).

*
76.2 Em Salém... seu tabernáculo. Salém é o nome

Jerusalém. O tabernáculo de Deus é o seu santuário. O tabernáculo era uma tenda, mas o templo, que o substituiu, poeticamente ainda podia ser chamado de tabernáculo.

Sião. O monte onde o templo estava situado (Sl 2.6).

* 76.3 Ali despedaçou. Deus derrotou o inimigo em Jerusalém. Um bom

exemplo de tal batalha seria o cerco de Senaqueribe, em 701 a.C. (2Rs 19; Is 37).

* **76.4 ilustre, e mais glorioso. Ver Jo 1.4-9.**

* 76.5 Despojados foram os de ânimo forte. Deus tinha destruído soldados poderosos; não eram páreo para ele.

* 76.6 repreensão. A repreensão de Deus é a palavra de seu poderoso julgamento. Ante a sua repreensão, as forças do caos e do mal fogem e reina novamente a paz (Na 1.4; Mt 8.23-27; 17.18).

* 76.10 a ira... há de louvar-te. A ira de Deus redunda em louvor, por ser dirigida contra os ímpios e os injustos, que afligem os pobres e os vulneráveis (9.18, nota).

* 76.11 votos. Ver Lv 27.

* Sl 77 Um indivíduo ora em favor da comunidade (vs. 7-9). Segue-se, após um profundo lamento, uma lembrança eloqüente do êxodo.

* 77.2 erguem-se as minhas mãos. Um gesto comum de oração foi feito na direção do céu.

* 77.5 nos dias de outrora. Quando o poder de Deus foi visto a operar em favor deles (Êx 15.6).

* 77.7 A promessa de Deus de estar com o seu povo requeria deste a obediência. Embora Deus seja longânimo, a punição pela desobediência é parte das promessas da aliança. E o Deus fiel cumpre suas promessas (1Sm 4; Ez 9—11; Lamentações).

* 77.9 Esqueceu-se Deus de ser benigno? É impossível que Deus se esqueça da misericórdia, mas o sofrimento explica o questionamento do salmista (v.10).

* 77.11 Recordo. Este versículo apresenta uma transição importante. Recordando as grandes ações de Deus no passado, o salmista adquire confiança para o presente e para o futuro.

* 77.13 tão grande. Quando o escritor se lembrou dos grandes feitos de Deus no passado, recordou-se dos atributos de Deus: sua santidade e seu poder ímpar.

* 77.15 remiste o teu povo. O contexto mostra-nos que o salmista tinha em mente a libertação de Israel da escravidão no Egito.

* 77.16 as águas. Nesta lembrança poética do êxodo, as águas do mar Vermelho foram personificadas. Dessa maneira, a travessia do mar Vermelho é

retratada como uma batalha contra as águas do caos (18.4; 29.3,10; 46.2,3 e notas).

*** 77.19 e não se descobrem os teus vestígios. A ação de Deus vinha**

do alto, e não era controlada pelas condições terrenas.

*** 77.20 O teu povo, tu o conduziste, como rebanho. A travessia do mar**

Vermelho foi um conflito violento: neste versículo, a disposição de ânimo é calma, quando o Pastor de Israel conduzia o seu povo pelo deserto.

* 78.2 em parábolas. O escritor quis dizer que ele contaria os eventos

do passado de uma maneira poética, designada a instruir os corações de gerações distantes.

* 78.3 o que nos contaram. A instrução era disseminada na família do

salmista de geração em geração (Dt 6.4-9; 32.7).

* 78.5 um testemunho... uma lei. Deus estabeleceu um relacionamento

com seu povo, baseado exclusivamente na graça divina. Neste contexto, lemos que ele deu ao povo leis pelas quais deve viver e para mostrar gratidão. Essas leis são resumidas nos Dez Mandamentos (Êx 20; Dt 5).

*** 78.6 a fim de que a nova geração os conhecesse. Ver nota no v. 3.**

* 78.7 lhe observassem os mandamentos. O objetivo da lição de

História não é meramente antiquário, mas visa aprofundar a fé e a obediência do povo de Deus.

* 78.9 Os filhos de Efraim. Este versículo deve ser comparado aos vs.

67 e 68, onde a escolha de Judá é combinada com a rejeição de Efraim.

* 78.10 a aliança de Deus. Deus prometeu proteger o seu povo, se ele

obedecesse às condições da aliança, mas também ameaçou destruí-lo, se as desobedecesse (Dt 27.9—28.68). Ver 77.7, nota.

* 78.13 Dividiu o mar. O principal dentre os grandes atos de Deus foi o livramento de Israel do Egito, mediante o qual o Senhor resgatou seu povo da servidão e o trouxe à sua própria terra. A travessia do mar Vermelho foi a maior demonstração passada do poder de Deus e, por isso, foi trazida de novo à lembrança por salmistas e profetas.

* 78.18 Tentaram a Deus. Por muitas e muitas vezes, Israel queixou-se dos alimentos no deserto, e Deus proveu para as necessidades deles (Êx 16).

* 78.20 Pode ele dar-nos pão também? A provisão divina de água no deserto deveria ter levado os israelitas à fé e à confiança. Em lugar disso, os israelitas submeteram o Senhor a teste, pedindo-lhe comida (cf. Jo 6.25-58).

* 78.21 o SENHOR ficou indignado. A rebeldia provocou o seu juízo (Nm 11.1-3). Depois de haver castigado o povo, ele voltou com a sua graça (vs. 2339), mas a graça conduziu-os somente a outra rebeldia (vs. 40,41). Essa é a história de Israel por todo o Antigo Testamento, talvez melhor representada no livro de Juízes (ver Jz 2.6-23). O trecho de Hb 12.1-12 lembra-nos que Deus castiga a quem ama.

* 78.33 num sopro. No hebraico, essa palavra é a mesma que se encontra na abertura de Eclesiastes: "Vaidade" (Ec 1.2). Essa palavra descreve o mundo à parte de Deus e sob a maldição da Queda. À parte de Deus nada encontramos: somente o temor da morte e o vazio.

* 78.37 nem foram fiéis à sua aliança. Ver o v. 10. Pela Graça Deus iniciou um relacionamento com Israel e então lhes revelou a sua vontade por meio da lei, incluindo as maldições e as bênçãos da Aliança. Mas o povo de Israel desobedeceu à lei, e atraiu o julgamento divino.

* 78.40 se rebelaram contra ele. Os exemplos incluem Nm 11; 14 e 16.

* 78.44-51 O salmista alistou seis das pragas do Egito.

* 78.52 como um rebanho. Ver Sl 77.20.

* 78.54-64 Deus abençoou os israelitas com a Terra Prometida, rapidamente se esqueceram dele.

* 78.55 expulsou as nações. Israel combateu, mas os fiéis sabiam

que

era Deus, o Guerreiro divino, que realmente obteve as vitórias contra os inimigos. A história da derrota de Jericó é um modelo para as batalhas da conquista sob o comando de Josué (Js 5.13—6.27).

*** 78.56 tentaram o Deus Altíssimo, e a ele resistiram. Eles não**

guardaram a lei no deserto, e nem a observaram na Terra Prometida. Ver Jz 2.10-15.

* 78.58 com as suas imagens de escultura. O ponto culminante da

rebeldia deles foi adorarem a deuses falsos.

* 78.60 o tabernáculo de Silo. Pouco depois de terem entrado na Terra

Prometida, o tabernáculo foi armado em Silo (Js 18.1), a 32 km a nordeste de Jerusalém, no território da tribo de Efraim.

* 78.61 a arca da sua força ao cativeiro. Durante a mocidade de

Samuel, Deus castigou Israel e seus líderes, particularmente os filhos de Eli, abandonando-os em batalha e permitindo que os filisteus capturassem a arca (1Sm 4 e 5).

*** 78.65 despertou como de um sono. Deus havia posto**

temporariamente de lado a Israel, parecendo ter dormido. Uma figura de linguagem incomum explica como ele começou a agir.

* 78.67 rejeitou. A rejeição da tribo de Efraim refere-se ao abandono do

santuário de Silo, e talvez, igualmente, a rejeição da monarquia de Saul.

* 78.68 Escolheu, antes, a tribo de Judá. Jerusalém veio a substituir a

Silo, como a localização designada para a adoração a Deus.

monte Sião. Ver nota em Sl 2.6.

* 78.70 dos redis das ovelhas. Este versículo relembra as origens

humildes de Davi (1Sm 16.11-13).

* 78.72 a integridade do seu coração. Este salmo atinge o seu clímax

em uma nota positiva, com um rei fiel em Jerusalém, o lugar da presença especial de Deus.

* Sl 79 A destruição do templo (v. 1) data este salmo no período após Jerusalém ter sido vencida e destruída pelos babilônios, em 586 a.C.

*** 79.1 Ó Deus, as nações invadiram a tua herança. Visto que o povo**

desobedeceu à aliança divina, Deus fez o que tinha avisado que faria (Dt

28.15- 68), enviando uma nação estrangeira contra eles. Tanto a cidade de Jerusalém como seu templo foram destruídos nessa ocasião (2Rs 25; 2Cr

36.15- 23; Lamentações).

* 79.2 teus servos... teus santos. Os fiéis israelitas também sofreram

nas mãos dos babilônios. O salmista destaca a morte dos fiéis, ao

apelar a Deus pela restauração.

* 79.5 Até quando, SENHOR? Essa é uma oração que pedia que Deus

mudasse uma situação difícil.

O teu zelo. Um sinônimo de ira.

* 79.6 Derrama o teu furor sobre as nações. O poeta clamou por uma

reversão, pedindo que Deus desviasse sua ira de Israel para as nações que ele

estava usando para punir o seu povo. No fim, o Senhor respondeu à oração do salmista, restaurando a Israel e destruindo a Babilônia.

* 79.8 as iniqüidades de nossos pais. Este salmo pode ter sido escrito algum tempo depois da destruição de Jerusalém. O principal pecado dos filhos de Israel tinha sido a idolatria, o voltar-se para os deuses falsos.

* 79.11 cativo. O escritor sabia que Deus tinha um lugar especial em seu coração pelos oprimidos e vulneráveis, por isso o relembra daqueles que dele precisavam (9.18, nota).

* 80.1 ó pastor. Deus era o Pastor de Israel (Sl 23), porquanto ele os guiava e lhes provia o de que necessitavam (77.20; 78.52,71,72; 79.13). No antigo Oriente Próximo, "pastor" não era um título incomum dado aos reis.

acima dos querubins. Acima da arca da Aliança, no Santo dos Santos do templo, as asas dos querubins se estendiam sobre o trono de Deus (Êx 25.22; Nm 7.89).

o teu esplendor. Note o leitor a alusão à bênção sacerdotal, em Nm

6.24-26.

O salmista conclamava a Deus para que revelasse a sua graciosa presença aos filhos de Israel.

* 80.2 Efraim, Benjamim e Manassés. A menção dessas principais tribos do reino do norte talvez indique que este salmo foi composto nos dias finais desse reino.

* 80.5 pão de lágrimas. As lamentações deles eram tão contínuas que eram como seu alimento e bebida diários.

* 80.8 uma videira. Israel é a videira que Deus transplantara da servidão, no Egito, para o solo frutífero da Palestina (Is 5.1-7; Jo 15.1,2).

* 80.10 Com a sombra dela. A humilde videira tornou-se tão grande, por

meio das bênçãos de Deus, que as montanhas e os cedros gigantescos foram cobertos com a sua sombra (Lc 13.19).

* 80.11 ao mar... ao rio. Ao mar Mediterrâneo... ao rio Eufrates. A

linguagem nos faz relembrar as promessas feitas a Abraão.

* 80.12 Por que. O salmista sabia que sem importar qual exército

humano tinha realmente derrotado a Israel, Deus é quem o havia permitido. Deus parecia estar voltando as costas ao povo que havia criado.

* 80.17 o filho do homem. Embora a referência possa ser a Israel, é

mais provável que seja ao rei davídico e, em última análise, ao Messias.

* Sl 81 Este salmo começa como um hino, mas a maior parte dele é uma declaração divina na qual Deus relembra Israel do Êxodo e da subseqüente apostasia da nação de Israel. O pano-de-fundo original do salmo era, como é claro, a Festa dos Tabernáculos (v. 3).

* 81.2 Salmodiai. Mediante o exemplo que dão, os salmos ensinam-nos

a adorar com exuberância.

* 81.3 Lua Nova. Ocasionalmente, a Bíblia menciona alguma celebração

especial que teve lugar ao tempo da Lua Nova (1Sm 20.5,18; 2Rs 4.23; Is 66.23; Ez 46.1,6; Am 8.5). Com freqüência, a Festa da Lua Nova é mencionada paralelamente à observância regular do sábado; ver também Cl 2.16,17.

* 81.5 uma linguagem que eu não conhecera. A linguagem poderia ser

o egípcio. Uma outra tradução diz: "uma voz que nós não conhecíamos", referindo-se aos versículos que se seguem.

* 81.6 Livrei os seus ombros do peso. Usando de uma linguagem

especial, Deus relembra o povo de Israel de sua servidão no Egito.

* 81.7 do recôndito do trovão. Essas palavras podem referir-se ao

aparecimento de Deus sobre o monte Sinai (Êx 19.16-25), embora o trovão e o relâmpago fossem sinais freqüentes de sua presença.

Meribá. Ver Êx 17.1-7; Nm 20.1-13.

*** 81.9 nem te prostres ante deus estranho. Essa advertência**

subentende que Israel não estava observando este mandamento fundamental (Êx 20.3).

* 81.10 Eu sou o SENHOR, teu Deus. Essas palavras nos fazem lembrar

claramente do preâmbulo aos Dez Mandamentos (Êx 20.2). O relacionamento baseado na graça veio antes da revelação da lei.

e ta encherei. Grande parte da história de Israel, conforme está registrado de Josué a Crônicas, é a história do povo de Deus buscando satisfação fora de Deus. Quando se preocupavam com a chuva, volviam-se para Baal (1Rs 18). Quando se preocupavam com inimigos, queriam um rei forte (1Sm 8). Eles continuavam esquecendo que tinham um Deus que podia e que queria suprir todas as suas necessidades.

* 81.12 deixei-os andar. Ver Rm 1.24.

* 81.13 Ah! Se o meu povo. Percebe-se claramente, neste versículo, a

compaixão de Deus por Israel.

* Sl 82 Este breve salmo apresenta alguns problemas difíceis. O principal deles são os "deuses" mencionados nos vs. 1 e 6. Vários eruditos tomam isso como uma referência a poderes angelicais, seres espirituais menores, que compõem o concílio celeste de Deus. Uma segunda interpretação entende "deuses" literalmente, como se fossem divindades subordinadas a Yahweh.

Mas a interpretação mais provável é que os "deuses" sejam os juízes humanos. A palavra hebraica 'elohim ("deuses") é usada para indicar juízes humanos em Êx 21.6; 22.8,9. Dentro deste Salmo 82, a natureza humana

desses "deuses" é indicada pelos vs. 6 e 7. Uma paráfrase

aproximada seria: "Na qualidade de juízes, as pessoas poderão vos chamar de 'senhores', mas sois tão mortais como qualquer outra pessoa".

* 82.1 na congregação divina. Fica obscuro o escopo exato dessa congregação. Pode ser a assembléia celestial (incluindo somente poderes espirituais), ou pode incluir reis terrenos.

* 82.3 fraco. Ver Sl 9.18, nota.

* 82.8 julga a terra. Visto que os juízes humanos estavam deixando de refletir a justiça divina, o próprio Deus teria de fazê-lo.

* Sl 83 Este salmo é uma oração-modelo para a guerra espiritual do crente. Em vez de invocarmos o Senhor para que destrua nossos inimigos de carne e sangue, nós o invocamos para conquistar as forças espirituais do mal.

* 83.1 não te cales... nem fiques inativo. O âmago da aliança é a

promessa que Deus estaria com o seu povo. Para o salmista, Deus estaria ausente se eles fossem derrotados diante do inimigo.

* 83.5 Pois tramam. As nações envolvidas no trama contra Israel são alistadas nos vs. 6-8. Têm sido feitas tentativas para identificar a situação histórica por detrás deste salmo, mas desconhece-se qualquer período de tempo no qual todos esses inimigos estiveram ativamente hostis contra Israel, ao mesmo tempo. A ocasião mais semelhante é a guerra de Josafá, registrada em 2Cr 20, mas ali não há qualquer menção à Assíria.

* 83.8 filhos de Ló. Isto é, Moabe e Amom (Gn 19.30-38).

* 83.9 Midiã. Deus permitiu que Gideão destruísse os midianitas (Jz 7).

Sísera... Jabim. Jabim era um dos reis de Canaã, e Sísera era o seu

general, no começo do período dos juízes. Deus livrou os israelitas deles, através do trabalho de Débora (Jz 4 e 5).

* 83.11 Orebe... Zeebe. Dois líderes cananeus que foram destruídos

pelos efraimitas durante a batalha de Gideão contra os midianitas (Jz 7.25 -8.3).

Zeba... Zalmuna. Reis midianitas que foram capturados e executados por Gideão (Jz 8.4-21).

* 83.12 habitações de Deus. A terra de Israel, onde o Deus-Pastor

estabeleceu suas ovelhas, o povo de Israel. A citação é atribuída aos inimigos de Israel, a fim de iluminar a natureza blasfema de seus esquemas contra Israel.

* 83.15 a tua tempestade... O teu vendaval. A ira de Deus é com

freqüência comparada a um violento temporal (Sl 18.7-15; Na 1.3).

* 83.16 para que busquem o teu nome. Este salmo apresenta uma

razão remidora por detrás do castigo. Quando Deus julgar a iniqüidade dos atacantes, estes verão sua própria insensatez e voltarão para ele.

* 83.18 és o Altíssimo. As palavras hebraicas usadas soam semelhantes

ao título mais comum do deus cananeu, Baal. O poeta solicitava que Deus julgasse as nações, a fim de que vissem que Yahweh, e não Baal, é o único Deus.

* Sl 84 Este salmo exprime o profundo anelo do autor pela presença

de Deus. Apesar de os cristãos não terem de viajar a algum local especial para desfrutar da presença de Deus (Jo 4.21-24), este salmo empresta voz ao profundo desejo e felicidade experimentada na íntima comunhão com Cristo.

* 84.1 os teus tabernáculos. Está em foco o templo, o lugar que Deus

escolheu para revelar a sua presença ao povo (Dt 12; 1Rs 8).

* 84.2 pelo Deus vivo! O verdadeiro objeto da devoção do salmista não

era o templo propriamente dito, mas o Deus que ali se revelava. Israel era com freqüência tentada a esquecer-se de Deus e depender dos apetrechos externos da religião (Jr 7).

* 84.3 O pardal... a andorinha. Note o leitor a inveja humorada

expressa pelo salmista. Ele tinha ciúmes dos pássaros que podiam construir seus ninhos perto do altar. Dessa maneira ele expressou seus mais profundos anelos, querendo estar tão perto quanto possível de Deus.

* 84.4 Bem-aventurados. Ver nota em Sl 1.1

em tua casa. Ou seja, o templo, sendo o lugar de encontro com Deus se tornava um céu na terra. Da perspectiva do Novo Testamento, este versículo dá um vislumbre da interminável felicidade celestial.

* 84.5 Bem-aventurado. Ver nota em Sl 1.1

cuja força está em ti. A vitalidade deles encontra-se no poder de Deus, e não em suas próprias forças.

em cujo coração se encontram os caminhos aplanados. Ou, cujos corações se voltam para as peregrinações. Pessoas que viviam fora

de Jerusalém faziam viagens especiais ao templo para desfrutar da presença de Deus na adoração. Os cânticos das romagens (120 - 134) provavelmente eram usados durante essas jornadas (120:Título).

* 84.6 vale árido. Em outras versões, "vale de Baca". Esse era o nome

de um vale desconhecido fora da Bíblia. Há um verbo hebraico de som semelhante que significa "chorar". Outros eruditos identificam o substantivo com uma certa espécie vegetal que floresce em lugares áridos, como o

bálsamo ou o choupo. O contexto indica que esse vale árido era transformado pela presença de jubilosas peregrinações.

* 84.7 em Sião. A localização do templo, o alvo final da peregrinação

dos israelitas. Ver notas em Sl 2.6; 50.2; 74.2; 137.1.

* 84.9 escudo nosso... teu ungido. O rei era não somente o líder

político de Israel, mas também o reflexo do governo de Deus sobre a terra.

* 84.11 é sol. A metáfora que compara Deus ao sol ardentes como a fonte

da luz e da energia. Os raios solares, nas terras a leste do mar Mediterrâneo, tornam o sol um retrato apropriado do poder de Deus.

nenhum bem sonega. Ver Rm 8.28-39, especialmente o v. 32.

* 85.1 Favoreceste... a tua terra. Há várias ocasiões, na história bíblica,

que ilustram este salmo. Talvez a mais apropriada, embora o salmo

possivelmente já existisse havia muitos anos, fosse o retorno de Judá do cativeiro babilônico, no século VI a.C.

* 85.2 Perdoaste a iniqüidade. O infortúnio do povo de Israel derivava-

se de seu pecado na presença de Deus. O perdão dos pecados significa que a ira de Deus tinha sido aplacada. O arrependimento necessário é, igualmente, um dom da graça de Deus.

* 85.8 Escutarei. A comunidade vinha falando como uma unidade até

este ponto ("nós"); mas doravante um indivíduo dá um passo à frente. Quem quer que ele tenha sido (sacerdote ou profeta), ele falava em nome de Deus.

falará de paz. A palavra hebraica aqui traduzida por "paz" *(shalom)* indica saúde e integridade e, tal como "misericórdia", é um termo intimamente associado à aliança. Deus promete a restauração de um relacionamento íntimo com o seu povo.

seus santos. Essa palavra é formada da mesma raiz que "misericórdia" (v. 7), e denota aqueles que são os objetos do amor de Deus segundo a aliança.

* 85.10 Encontraram-se... se beijaram. Há muito tempo este versículo vem sendo interpretado como uma referência à reconciliação que Jesus Cristo efetuou entre a justiça de Deus, que não pode tolerar o pecado, e a sua misericórdia, que não se regozija diante a morte do ímpio (Ez 33.11; 2Pe 3.9). A justiça e a misericórdia uniram-se na cruz de Cristo. Ver "Deus é Luz:

Santidade e Justiça Divinas", índice.

* 85.11 Da terra... dos céus. O futuro relacionamento restaurado com Deus unirá a bênção divina celeste com a fidelidade de seu

povo, na terra.

* 85.12 produzirá o seu fruto. A fertilidade dos terrenos em um clima árido é uma indicação do amor e dos cuidados de Deus por seu povo.

* 85.13 A justiça irá adiante dele. Esse atributo de Deus é personificado como um arauto que proclama o caminho de Deus à frente dele (cf. Sl 23.6).

* 86:Título. Oração. Ver introdução a Sl 17.

* 86.2 que em ti confia. O salmista reconheceu sua própria incapacidade, mas sabia onde encontrar a verdadeira força.

* 86.3 Compadece-te de mim. O poeta sabia que a resposta de Deus à sua oração era uma manifestação da imerecida graça divina. Deus nada lhe devia.

* 86.5 benignidade. O amor especial que Deus tem por aqueles que se relacionam com ele no âmbito da aliança.

para com todos os que te invocam. Deus não perdoa todas as pessoas indiscriminadamente; ele espera até que se voltem para ele com orações de arrependimento.

* 86.8 Não há... semelhante a ti. O salmista percebia que nenhum deus

das nações circunvizinhas podia ser comparado com o Senhor. Essa confissão do caráter ímpar de Deus não é uma admissão tácita da existência de outros deuses (ver o v. 10). O salmista estava comparando as vãs imaginações dos estrangeiros com a realidade de Yahweh.

* 86.9 Todas as nações que fizeste. Yahweh é o Deus de todas as

nações, mesmo quando não o reconhecem como tal. Deus é quem lhes concede existência e qualquer outra bênção que possuam.

* 86.11 dispõe-me o coração. Um coração bem disposto é um coração

fixo em Deus.

*
86.13 tua misericórdia. O amor livremente oferecido e

evangelho.

* Sl 87 O objeto deste salmo é glorificar a Jerusalém, ou Sião, a sede da presença especial de Deus; ver Sl 46; 48 e 76. A contribuição ímpar do Sl 87 é dar um vislumbre do caráter universal da adoração de Deus. sua linguagem abrangente traz-nos à mente o dia futuro, quando os gentios seriam co-herdeiros no evangelho (Ef 3.6).

* 87.1 Fundada por ele. Essas palavras referem-se à construção do

templo, no monte Sião, ao norte da cidade de Davi, e muito mais elevado do que ela.

os montes santos. Deus é onipresente; ele está em toda parte. Não obstante, Deus se encontrava com seu povo, de maneira íntima e especial, em Sião. Ver notas em Sl 2.6; 29.6; 46.2.

* 87.2 ama... mais do que. O argumento não é que Deus tivesse odiado outras regiões de Israel, mas que ele abençoara Jerusalém com a sua presença. Depois da construção do templo, só havia um lugar designado para a adoração oficial a Deus — Jerusalém (Dt 12).

* 87.3 se têm dito de ti. Referindo-se ao pronunciamento divino nos

próximos poucos versículos.

* 87.4 farei menção. Essa introdução formal ao pronunciamento divino

usa da idéia do "livro dos vivos" (Êx 32.32; Sl 69.28; 139.16; Is 4.3; Ap 21.2427).

de Raabe e da Babilônia. Raabe era um apelido do Egito (Is 30.7). O Egito e a Babilônia eram as duas super-potências que continuamente lutavam contra Israel.

Dentre os que me conhecem. Havia estrangeiros ocasionais, como Raabe e Naamã, que adoraram ao Senhor durante o período do Antigo Testamento (cf. Êx 12.38). Este admirável versículo prevê que nações estrangeiras inteiras se prostrarão diante de Deus.

Filístia. O inimigo tradicional de Israel na costa ocidental de Judá, no mar Mediterrâneo.

Tiro. Um rico poder marítimo ao norte de Israel.

Etiópia. A Etiópia da Bíblia é uma região remota ao sul do Egito, incluindo partes dos modernos países chamados Eritréia, Etiópia e Sudão.

* 87.5 Este e aquele nasceram nela. Este versículo refere-se

metaforicamente a um nascimento espiritual em Sião. Sião é a mãe do nascimento espiritual de povos ao redor do mundo.

* 87.6 ao registrar os povos. Ver o v. 4, nota, sobre o "livro dos vivos".

* 87.7 Todas as minhas fontes. A sede física corresponde à sede

espiritual (Sl 42.1,2), que só pode ser satisfeita em Jerusalém, o local escolhido por Deus.

* Sl 88 Este salmo apresenta a mais deprimida de todas as lamentações do saltério. A aflição do salmista podia ser ouvida do começo ao fim, porquanto sua dor vinha desde a sua mocidade (v. 15), até o presente. A maioria das lamentações transmuta-se em confiança e louvor no fim, mas neste salmo o único raio de esperança é que o salmista se preocupava ao menos em orar. Ele referiu-se a Deus como "minha salvação" (v. 1). Um crente não está isento, como tal, de sofrimentos neste mundo. Pelo contrário, a sorte do crente comumente inclui sofrimento e dor. Não podemos esperar escapar de todo o sofrimento, mas encontramos consolação nos sofrimentos e na ressurreição de Cristo (Fp 3.10).

* 88.3 da morte. No hebraico, *sheol;* ver 6.5, nota.

* 88.5 atirado entre os mortos. Ele se encontra em tão más condições que as pessoas o tratam como se ele estivesse morto.

* 88.8 objeto de abominação. A infelicidade do salmista nos faz lembrar os sofrimentos de Jó.

* 88.9 te levanto as minhas mãos. Em uma atitude de oração. Embora Deus o estivesse afligindo, ou talvez porque Deus o estivesse afligindo, o salmista sabia que para ele só havia um refúgio — Deus.

* 88.10 prodígios aos mortos. Ver 6.5; 30.9 e notas.

* 88.17 como água. Quanto à água como um símbolo de tribulação, ver notas em 18.4,15.

* 88.18 os meus conhecidos são trevas. Seus amigos mais íntimos tinham abandonado o salmista (v. 8), e Deus se distanciara (v. 14), deixando nas proximidades dele apenas as trevas. Este é o único salmo que termina com uma nota tão abatida (introdução ao Sl 88).

* Sl 89 Este salmo começa com um tom de júbilo, mas, finalmente, transforma-se em uma lamentação. A questão no âmago do salmo é o pacto davídico. Em 2Sm 7.4-17 (cf. 1Cr 17.1-15) Deus estabeleceu uma aliança com Davi, no qual Deus prometeu que o relacionamento especial passaria para os filhos obedientes de Davi (32.11). A linguagem usada por Deus era enfática; a aliança perduraria "para sempre” (2Sm 7.13).

Contudo, essa promessa não deixava de ter condições impostas aos que a recebiam. Se pecassem, seriam punidos (1Rs 8.25; 2Sm 7.14). O próprio filho de Davi, Salomão, começou a desviar-se, ao admitir os cultos religiosos de suas mulheres estrangeiras (1Rs 11). A contínua desobediência dos reis davídicos resultou no exílio babilônico, bem como o fim daquele período da monarquia de Israel no século VI a.C. Mas a substância espiritual da promessa não foi cancelada: Cristo veio para apossar-se do trono de Davi para sempre (Is 9.7; Lc 1.32; 22.30).

* 89.1 as tuas misericórdias. As maravilhas da dedicação de Deus ao seu povo, no amor de sua aliança com eles.

a tua fidelidade. Deus não é caprichoso ou volúvel, mas, sim, cumpre as promessas que faz (de bênção ou castigo). A esperança no cumprimento da promessa divina a Davi é que motivará o lamento no fim deste salmo (vs. 3851).

* 89.5 os céus. Os céus são aqui personificados; a referência é aos

seres habitantes dos céus, como os querubins e os anjos. Deus é tão grande que até essas poderosas entidades espirituais caem de joelhos em adoração.

na assembléia. Os anjos e outros seres espirituais, existentes no céu, são a divina assembléia de Deus, por meio dos quais ele opera a sua vontade.

* 89.6 nos céus. Tendo mencionado os seres espirituais, o

salmista

destaca de imediato o caráter ímpar de Deus. Os escritos dos cananeus e dos mesopotâmios também mencionam uma "assembléia dos santos", mas esta era uma assembléia composta de deuses diferentes. O Deus de Israel não era o melhor dentre tais deuses, mas era inteiramente diferente deles. O Antigo Testamento exprime em inúmeros lugares a transcendência de Deus (Is 44.6.).

* 89.10 Raabe. Tal como leviatã, Raabe é um monstro marítimo da

mitologia do Oriente Próximo e Médio, representando as forças do mal e do caos (Jó 9.13; Ez 29.3, e nota). Com freqüência, o nome Raabe é aplicado ao Egito (Sl 87.4, e nota).

* 89.11 tu os fundaste. Diferente dos deuses dos povos pagãos, o

Senhor é o Criador do mundo.

* 89.12 o Tabor e o Hermom. O Hermom, no extremo norte de Israel, é o

pico mais alto do país. O Tabor é um monte de formato distinto que fica na planície de Megido, um marco de fronteira entre três tribos de Israel.

* 89.14 Justiça e direito. Como Rei, Deus é o responsável pela

administração da lei na terra de Israel. Ele não julga arbitrariamente.

te precedem. Ver Sl 85.13.

* 89.17 sua força. O rei. A metáfora do "chifre", traduzida como "força",

está associada ao chifre de um touro, que representa a força. Deus

era aquele que dotava o rei humano com poder. Esse pensamento é especificado na linha seguinte.

* 89.19 em visão. As palavras exatas dessa visão não são encontradas

em qualquer outro lugar das Escrituras, mas a alusão mais provável é ao discernimento profético de Natã, em 2Sm 7, se não à palavra divina inicial dada a Samuel acerca do reinado de Davi (1Sm 6).

* 89.21 o meu braço o fortalecerá. O rei tinha responsabilidades

sagradas, tanto políticas quanto religiosas. Deus prometeu dar a Davi a força de que ele precisava para cumprir suas tarefas.

*** 89.24 A minha fidelidade e a minha bondade. Essas duas palavras-**

chave reverberam através deste salmo, a começar pelo primeiro versículo; ver nota em o v. 1.

* 89.26 Tu és meu pai. Uma referência ao relacionamento íntimo

estabelecido entre Deus e Davi, em 2Sm 7.14. O rei desempenhava um importante papel como mediador do pacto davídico, entre Deus e o seu povo. Essa função especial fez a apostasia dos reis posteriores tornar-se especialmente hedionda.

* 89.27 meu primogênito. Chamar Davi de "primogênito" significava que

ele foi o primeiro na fileira da comunidade em aliança com Deus, o cabeça de uma casa (Gn 4.4; 25.31, e notas). Davi, em particular, prefigura a Cristo, de caráter ímpar como o Filho de Deus e Cabeça da Igreja (Ef 1.22; Hb 3.6).

* 89.29 para sempre. A dinastia de Davi, como um empreendimento

político terreno, seria de longa duração, embora não eterna. Caiu por causa dos pecados dos sucessores de Davi. Substituindo-o, sendo a própria realidade que aqui se fez prenunciar, estava o reino eterno de Jesus Cristo.

* 89.31 os meus preceitos. A vontade de Deus sumariada nos primeiros

cinco livros do Antigo Testamento. O trecho de Dt 17.19 ordena que o rei fosse bem versado na lei de Deus e obediente a ela.

* 89.34 Não violarei a minha aliança. As promessas de Deus

perduram

para sempre. A aliança com Davi tem um elemento condicional, conforme este salmo salienta no v. 32, mas seu cumprimento final não depende da reação humana. Davi e o salmista sabiam que essa aliança seria cumprida, mas não podiam saber tudo sobre como isso ocorreria (At 2.29-31; 1Pe 1.10,11).

* 89.38 Tu... o repudiaste. O enfoque deste salmo muda para o presente,

com sua grande ruptura no relacionamento entre Deus e o rei.

o teu ungido. Algum sucessor de Davi, que não foi especificado.

* 89.39 Aborreceste. O salmista torna-se aqui muito franco, falando

ousadamente, em seu apelo, para que Deus rompesse o seu silêncio.

* 89.41 Despojam-no todos. A ausência de Deus era experimentada

através da vitória dos inimigos sobre Israel.

* 89.49 tuas benignidades de outrora. O amor de Deus é o amor pelo

qual Deus se prende ao seu povo em devoção segundo a aliança.

* 89.52 Uma doxologia conclui o livro III do saltério (Introdução:

Características e Temas).

* Sl 90 Este salmo, o único a ser atribuído a Moisés, contrasta a eternidade de Deus com a mortalidade humana. Moisés parece que orou pela bênção de Deus sobre a sua própria geração, condenada a vaguear pelo deserto.

*

90.2 de eternidade a eternidade, tu és Deus. O sa afirma aqui

a existência eterna de Deus. A obra divina da criação (Gn 1) trouxe à existência o universo inteiro; o próprio Deus sempre tinha existido. Ver a nota teológica "A Auto-existência de Deus", índice.

* 90.3 ao pó. Essa é a tradução literal. O juízo de Deus reduz os

descendentes de Adão ao pó, na morte.

* 90.4 como o dia de ontem. Deus não está sujeito ao tempo, mas é o

Criador do tempo. Ver "Deus, o Criador", índice.

* 90.5 A brevidade da vida humana — como um sono — faz contraste com a eternidade de Deus.

* 90.8 os nossos pecados ocultos. As pessoas cometem pecados que pensam poder ocultar, tais como a inveja, o ódio e a concupiscência. Diante de Deus, porém, não existem pecados ocultos (Hb 4.12,13).

* 90.10 setenta anos. Para uma pessoa jovem, setenta anos parece um

longo tempo. Mas diante da eternidade de Deus, e também, no retrospecto humano, é um tempo muito breve.

* 90.11 Quem conhece. Somente Jesus Cristo, que bebeu o cálice cheio da ira de Deus em favor dos pecadores, conhece o pleno poder da morte.

* 90.13 Até quando? Ver nota em Sl 6.3.

* 90.16 as tuas obras. Deus precisa agir para redimir e restaurar.

a seus filhos. Moisés fala de uma geração que entraria na Terra Prometida.

*** 90.17 Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus. Em meio à**

existência no deserto, só a bênção da própria presença de Deus poderia dar significado e alegria à vida.

confirma... as obras de nossas mãos. Aqueles que perambulavam pelo deserto talvez não deixassem monumentos, mas Deus pode outorgar uma significação eterna aos feitos das mãos que o servem.

* Sl 91 O pano-de-fundo original desse poema parece ser a guerra com suas ameaças de batalha e de pragas entre os soldados (vs. 3-8). Em face das duras realidades da guerra, Deus é retratado como uma ave-mãe compassiva que protege os seus filhotes (v. 4).

* 91.1 O que habita... descansa. Este versículo declara o tema do

salmo inteiro. Aqueles que se achegam a Deus podem ter paz com ele, por mais difíceis que sejam as circunstâncias.

* 91.3 Pois ele te livrará. Deus se faz presente e é capaz de livrar o seu

povo. Ver "Onipresença e Onipotência", índice.

*
91.4 com as suas penas. Os salmos de confiança g

uma metáfora sobre a compaixão de Deus em seu âmago.

a sua verdade. O amor constante de Deus e a certeza de que ele cumprirá as suas promessas de amparar o salmista.

*
91.5 terror noturno. Talvez tenhamos aqui uma referênc

que poderiam varrer do mapa um acampamento inteiro.

* seta. O pano-de-fundo literal de uma batalha pode ser tomado figuradamente para indicar os conflitos da vida.

* 91.11,12 aos seus anjos. Deus com freqüência cumpre a sua vontade através de seus auxiliares espirituais, os anjos.

*** 91.12 Eles te sustentarão nas suas mãos. Satanás citou essa**

passagem para Jesus, no deserto (Mt 4.6), tentando-o a saltar do pináculo do templo. O alvo de Satanás era transformar a fé em presunção.

* 91.14 Porque a mim se apegou com amor. A promessa da proteção

divina é outorgada àqueles que têm fé em Deus.

* 92.1 ó Altíssimo. Este título é semelhante a um título comumente

dado a Baal, nos textos religiosos dos cananeus. Aplicá-lo ao Deus de Israel é uma espécie de motejo dirigido a qualquer indivíduo tentado a adorar a Baal (83.18).

* 92.2 a tua misericórdia... a tua fidelidade. Em sua aliança com o seu povo, Deus prometeu amá-lo fielmente. Ele é o autor das condições da aliança que o vinculava ao seu povo (136.1, nota).

* 92.4 nas obras das tuas mãos. O salmista concentrou a sua atenção sobre os atos de Deus dentro do tempo e do espaço. Deus não está fora do contato com a realidade criada, mas opera através dessa realidade para demonstrar seu amor ao seu povo.

* 92.5 Quão grandes... pensamentos, que profundos! Os atos e os pensamentos de Deus nos avassalam quando os contemplamos. Eles nos atraem a um fascínio reverente e a uma humilde devoção que ultrapassam a nossa pobre apreensão.

* 92.7 os ímpios brotam como a erva. O salmista não negou que os ímpios aparentemente prosperam neste mundo.

* 92.9 eis que os teus inimigos perecerão. Quando meditava sobre a grandeza e a justiça de Deus, o salmista chegou à conclusão firme que os ímpios serão destruídos.

* 92.10 tu exaltas o meu poder. Neste versículo, outra vez a palavra chifre é usada no original para significar "poder". O boi selvagem ergue o seu chifre com orgulho e confiança. Ver 75.4; 89.17; 132 ;17; 148.14 e notas.

* 92.12 como a palmeira... como o cedro. Um forte contraste é estabelecido aqui entre o vigor dos justos e a destruição dos ímpios (v. 7). Os ímpios parecem-se com a erva frágil, enquanto que os justos são árvores fortes, vitais e produtivas. Um contraste semelhante se acha em Sl 1.

* 92.13 Plantados na Casa do SENHOR. A fonte da vitalidade dos justos não está neles mesmos, mas em Deus.

* Sl 93 Este breve poema está à frente de um grupo de salmos que louvam a Deus como o Rei (93; 95—100). Pode-se também fazer a comparação com os Sl 24 e 46.

* 93.1 Reina o SENHOR. Esta frase e suas leves variantes podem ser encontradas por toda esta seção do saltério (Sl 96.10; 97.1; 98.6; 99.1). Deus é o Rei, dotado de poder onipotente e controle soberano sobre o mundo. Ver "Deus Reina: A Soberania Divina”, índice.

Firmou o mundo. Esta palavra de segurança alicerça-se sobre o fato de que o Rei criou e sustém todas as coisas. As forças do mal, da

desordem e do caos (vs. 3,4) não avassalarão o mundo.

* 93.2 tu és desde a eternidade. Deus não teve começo; ele não foi criado. Esse conceito do reinado eterno de Deus faz agudo contraste com a teologia da Mesopotâmia e de Canaã. Naquelas regiões próximas de Israel, o poder dos deuses variava de acordo com as mudanças na arena política.

* 93.3 Levantam os rios. As inundações são um símbolo antigo das forças do caos e da maldade. Ver notas em 18.4,15.

* 93.5 os teus testemunhos. A estabilidade e a ordem que existem, por causa do reinado eterno de Deus, são compartilhadas com a humanidade através da lei revelada.

* Sl 94 O salmista apela ao Senhor como Juiz, para impor a justiça a arrogantes malfeitores, aqueles que lhe são desobedientes. O escritor menciona um opressivo "trono da iniqüidade" (vs. 20-23).

* 94.2 Exalta-te, ó juiz da terra. Ver notas em 3.7 e 7.6, "Deus É Luz: Santidade e a Justiça Divinas", índice.

* 94.3 Até quando. Ver nota em Sl 6.3.

* 94.4 falam coisas duras. Eles deveriam envergonhar-se e fazer

silêncio, mas, ao invés disso, bramam dos eirados suas realizações iníquas.

*** 94.6 a viúva e o estrangeiro, e aos órfãos. Ver 9.18, nota.**

* 94.7 O SENHOR não o vê. Os ímpios, em sua prosperidade,

acreditam que Deus não se importa com o que fazem.

* 94.8 prudentes? Os ímpios tornar-se-ão sábios quando abandonarem

a ilusão de que Deus não conhece as suas maquinações pecaminosas, ou que ele é incapaz de impedir essas intrigas.

* 94.11 conhece os pensamentos do homem. O Senhor conhece até

mesmo os pensamentos secretos, ocultos no coração (Sl 90.8).

* 94.13 até que se abra a cova. O salmista reconhece aqui que

geralmente há uma demora entre um ato iníquo e sua punição. Os injustos poderão até prosperar por algum tempo. O certo é que eles pagarão por seus crimes.

* 94.14 não há de rejeitar o seu povo. Deus pode disciplinar os justos (v.

12), fazendo-os voltarem à conformidade com a sua vontade, mas ele jamais os abandonará.

* 94.16 O salmo assume uma nota pessoal quando o autor se prepara

para mencionar como Deus o livrou.

* 94.18 a tua benignidade. Especificamente, o amor de Deus por

aqueles que estão em relacionamento com ele segundo a aliança.

* 94.20 trono da iniqüidade. O trono de um rei que perverte a justiça.

Todo rei de Israel tinha o dever de refletir o governo de Deus, particularmente a justiça e a compaixão divinas. O salmista referiu-se aqui a um rei israelita que

não buscava a vontade de Deus. Há muitos exemplos desses na história do reino dividido de Israel e Judá.

* Sl 95 Este salmo abre com um hino exuberante e termina com a advertência divina para que o povo de Deus ouça a sua voz e lhe seja obediente.

*
95.1 Vinde, cantemos. Um dirigente da adoração, tal

sacerdote, chamou a congregação para adorar o Senhor juntamente com ele.

*
95.3 e o grande rei acima de todos os deuses.

Deus supremo do universo, toda a soberania lhe pertence. A referência é à mitologia popular do Oriente Próximo, e não à existência real de tais deuses (48.2; 74.13, e notas).

*
95.5 o mar... os continentes. Tal como no v. 4, ter

complementares são usados para indicar a terra inteira.

* 95.6 que nos criou. Adoramos ao nosso Criador.

* 95.7 Hoje. Esse "hoje" é um dia sempre presente.

*** 95.8 como em Meribá... como no dia de Massá. Esses nomes**

locativos podem ser traduzidos como "contenda" e "provocação". Eles resumem a atitude de Israel para com Deus durante os quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Quanto ao relato, ver Êx 17.1-7 e notas; Nm 20.113.

* 95.11 não entrarão no meu descanso. Aqueles que se rebelaram

contra o Senhor, no deserto, nunca entraram na Terra Prometida. O

trecho de Hb 3.7 - 4.7 cita esta passagem e a aplica à vida cristã. Os que se professam crentes precisam ouvir a Palavra de Deus, ou não entrarão no descanso divino.

* Sl 96 O salmista conclama todas as nações para proclamarem Deus como seu Rei. Este salmo contrasta Deus com os ídolos sem vida das nações (vs. 4-6). O tema do reinado universal de Deus é similar ao que é visto em Sl 47; 93; 97 e 99, e, particularmente, o Sl 98. O trecho de 1Cr 16.8-36 registra o cântico de ações de graça de Davi, quando ele trouxe a arca para Jerusalém, um cântico composto com os Sl 96 e 105. Ver especialmente 1Cr 16.23-33 quanto ao Sl 96.

* 96.1 um cântico novo. Ver nota em Sl 33.3.

todas as terras. Visto que Deus é o Rei da terra inteira, e não meramente de Israel, o escritor convida todos os seus súditos a louvarem a Deus. Será somente por ocasião da Segunda Vinda de Cristo que um número substancial dos habitantes das nações unir-se-ão ao coro universal de louvores.

* 96.3 as suas maravilhas. Os atos de Deus na história provêem

maravilhosos acontecimentos pelos quais ele será louvado: por exemplo, ele "fez os céus” (v. 5).

* 96.8 trazei oferendas. Ver Lv 2. Essa palavra também é usada para

indicar os tributos devidos a um rei (2Rs 17.4).

* 96.10 Reina o SENHOR. O salmista proclama o reinado de Deus entre

as nações.

para que não se abale. Deus criou o mundo, e ele manterá sob seu controle as forças do caos.

julga... com eqüidade. Deus não governa de forma caprichosa, mas de acordo com a justiça e a retidão. Assim como existe estabilidade na criação, também há estabilidade na justiça.

* 97.1 Reina o SENHOR. Quanto a Deus como Rei, ver nota em Sl 93.1.

a terra. O salmo convida a terra inteira a louvar a Deus. Esse chamamento às nações teve seu significado esclarecido depois da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.

* 97.2,3 Nuvens e escuridão... um fogo. Ver os Sl 18 e 29. A revelação

visível de Deus (isto é, em uma teofania) algumas vezes acontecia no contexto de um evento parecido ao de uma tempestade. Tais manifestações ajudavam o povo de Deus a apreciar o seu tremendo poder.

* 97.5 os montes. Ver nota em Sl 46.2,3.

* 97.7 os que servem imagens de escultura. Ver notas em Sl 96.4-6.

* 97.8 por causa da tua justiça. O povo de Deus sabia que os juízos de

Deus removeriam os ímpios, e isso seria a libertação de Sião.

* Sl 98 Um salmo real, como Sl 47; 93; 95 - 97; 99. O tema da libertação é dividido em passada (vs. 1-3), presente (vs. 4-6) e futura (vs. 7-9).

* 98.1 um cântico novo. Ver "A Música na Igreja", índice.

ele tem feito maravilhas. Essa frase é traduzida por "tuas maravilhas" em Sl 9.1.

lhe alcançaram a vitória. Em seu contexto do Antigo Testamento, a referência é a uma vitória militar. É apropriado hoje em dia aplicar este versículo a alguma vitória espiritual, visto tratar-se de uma grande vitória de Deus sobre "as forças espirituais do mal" (Ef 6.12).

* 98.3 Lembrou-se. A memória de Deus envolve mais do que meras

recordações, pois inclui atos em favor dos seus.

* 98.4 Celebrai com júbilo. Esta seção demonstra a adoração

entusiasmada de um povo dotado de profundo amor a Deus. A adoração deles é ativa e ruidosa.

* 98.7 Ruja o mar. A Natureza é aqui personificada louvando ao Senhor.

Ele é o Criador de todas as coisas, animadas e inanimadas (Sl 95.5).

* 98.8 Os rios... os montes. Ver nota no v. 7 e sobre Sl 46.2,3.

* 98.9 julgará... com eqüidade. Ver nota em Sl 96.10.

* Sl 99 Um salmo real (Sl 93, nota). Este salmo pode ser dividido em três estrofes desiguais, com base em um refrão que é repetido três vezes, com alguma variação (vs. 3,5,9).

* 99.1 Reina o SENHOR. Ver notas em Sl 5.2 e 93.1.

acima dos querubins. Os querubins são seres espirituais que habitam no céu com Deus. Eles são guardiães da santidade de Deus, o que é testemunhado pelo seu papel como protetores do jardim do Éden, após a queda do homem no pecado (Gn 3.24). Os querubins eram representados simbolicamente no tabernáculo, tanto na cortina mais interior (Êx 36.35) quanto no Santo dos Santos (Êx 37.1-9). Este salmo refere-se aos querubins do trono de Deus, com suas asas

estendidas por cima da arca da Aliança.

abale-se a terra. Nas reverberações das auto-revelações especiais de Deus (teofanias), como no caso de um terremoto natural, que algumas vezes eram sentidos por toda a terra. Ver "A Grandeza de Deus", índice.

* 99.2 em Sião. A localização do templo. Ver nota em Sl 3.4.

* 99.3 o teu nome. Ver nota em Sl 8.1.

porque é santo. Esse é o refrão do cântico (vs. 5,9). Deus é separado de todas as suas criaturas. Isso é evidente com base em sua natureza não-criada, em seu poder e em sua perfeição moral.

* 99.4 executas o juízo. Ver nota em Sl 96.10.

* 99.6 Moisés... Arão... Samuel. Três dos mais proeminentes líderes de Israel, no período anterior à monarquia. Todos eles serviram como mediadores entre Deus e o seu povo.

entre os que lhe invocam o nome. A ênfase nesta seção do salmo é que Deus fala a seu povo quando este se volta para ele, pedindo-lhe ajuda, em oração.

* 99.7 na coluna de nuvem. Ver Êx 13.21,22; 40.34-38.

* 99.8 tomando vingança dos seus feitos. Visando o próprio bem deles e para preservar a sua santidade, Deus pode castigar o seu povo. Israel tomou conhecimento disso porque Deus o entregou a potências estrangeiras quando persistia na incredulidade. Isso reflete o castigo corretivo de Deus.

*** 99.9 santo é o SENHOR, nosso Deus. Ver nota no v. 3.**

* Sl 100 Ver 95.1, nota.

* 100.1 todas as terras. Tal como nos salmos reais antecedentes, o convite se estende para além do povo escolhido e atinge todos os povos da terra. Deus também é o Rei desses povos, sem importar se tenham ou não consciência disso.

* 100.2 com alegria. Deus não é um rei despótico que force seu povo a servi-lo. Um serviço de amor é uma resposta agradecida à graça de Deus.

* 100.3 rebanho do seu pastoreio. Ver Sl 23.1 quanto à nota sobre as

implicações régias do retrato de Deus como um pastor.

* 100.4 suas portas... seus átrios. Aquelas portas e átrios do templo.

Este salmo pode ter sido entoado durante uma entrada festiva no recinto do templo.

* 100.5 a sua misericórdia. O amor de Deus pelas pessoas que estão

em relacionamento com ele segundo a aliança.

* Sl 101 Neste salmo, o rei promete viver uma vida de obediência, seguindo a santidade em sua própria vida e buscando desarraigar o mal de seu reino. Davi, entretanto, não pôde viver à altura de seus ideais, ele fracassou vez após vez, embora tenha vivido uma vida de arrependimento. Muitos crêem que o Salmo 101 foi composto por Davi e mais tarde foi usado como salmo de coroação, a começar por Salomão. Nesse caso, os elevados ideais do começo de seu reinado degeneraram em desobediência e, no caso de Salomão, chegaram à apostasia. Somente Cristo pôde oferecer obediência perfeita como ser humano.

* 101.1 a justiça. Esta referência é aos juízos de Deus. O salmista

louva

ao Senhor por causa desses juízos, por serem eles coerentes e justos, e não arbitrários.

*
101.2 caminho da perfeição. Conforme esse caminho é definido pela

lei de Deus. Ver Mq 6.8 quanto à sua descrição clássica.

* 101.3 aborreço. O salmista repudia fortemente os feitos iníquos. Ele

não os tolerará em sua presença. Nisso ele buscava seguir o exemplo de Deus, que não tolera um pecador sem arrependimento em sua presença.

* 101.5 a esse destruirei... não o suportarei. O salmista se oporia ativamente à falta de retidão, em sua área de autoridade.

olhar altivo e coração soberbo. O coração é o alicerce do ser e do caráter de uma pessoa. O "olhar" refere-se ao comportamento do indivíduo. Ver Sl 131.1

* 102:Título Este título é incomum porque menciona não uma ocasião histórica específica, mas a situação (de aflição) em que o salmo encontra uso apropriado.

* 102.2 Não me ocultes o teu rosto. O salmista se admirava de Deus ter

retirado a sua amizade. Ele sabia que se tratava de um sinal da indignação de Deus, visto que ele havia prometido estar com seu obediente povo da aliança.

* 102.3 como em fornalha. Essas palavras indicam a dor e o

sofrimento

na vida, ou, mais especificamente ainda, a um surto de febre alta.

* 102.5 meus ossos já se apegam à pele. O sofrimento do salmista era

não somente espiritual e psicológico, mas físico, igualmente.

* 102.6 como a coruja das ruínas. Ele mostrava-se sozinho em sua

aflição, sem amigos nem defensores.

* 102.8 Os meus inimigos. Como é típico em todas as lamentações,

inimigos não citados pelos nomes, mas reais, serviam de fonte de aflição para o salmista. Visto que esses inimigos não foram chamados por nome, o salmo é aplicável a todas as gerações, em todos os tempos.

* 102.10 da tua ira. O salmista conhecia a causa última de seu

sofrimento: a ira de Deus. Ele nunca disputa a justiça da ira divina, mas volve-

se para Deus para obter alívio.

* 102.12 permaneces para sempre. Em contraposição à fragilidade

do salmista, aparece a constância e a eternidade do Senhor.

* 102.13 Levantar-te-ás. Ver notas em Sl 3.7 e 7.6.

de Sião. Ver Sl 2.6; 3.3. As referências à destruição de Sião têm levado muitos comentadores a situarem este salmo pouco depois do

cativeiro babilônico.

* 102.15 as nações temerão. Quando Jerusalém levantar-se dentre

a destruição, todos os que a virem louvarão ao Senhor.

* 102.20 para ouvir... e libertar. Embora Deus se ache acima do

céu, ele entra no mundo para ajudar os aflitos (9.18; 72.4, e notas).

* 102.23 e me abreviou os dias. Através da enfermidade que agora

ameaçava a vida do salmista.

* 102.25 Em tempos remotos. Deus já existia antes mesmo de sua

obra de criação. O autor da epístola aos Hebreus aplicou os vs. 25-27 a Cristo (Hb 1.10-12). Ali o argumento é que por maiores que sejam considerados os anjos, eles são seres criados, e não são eternos. Mas Cristo, a segunda pessoa da Trindade, existe desde toda a eternidade.

* 102.27 és sempre o mesmo. Ver "A Auto-existência de Deus",

índice.

* 102.28 Os filhos dos teus servos. A esperança do poeta era com

as gerações futuras. Embora sofresse no momento presente, ele antegozava um futuro mais brilhante.

* 103.1 ó minha alma. O salmista efetua um diálogo público consigo

mesmo. Ele se encorajou a louvar a Deus, e assim encorajou também

a outros para que seguissem o seu exemplo.

* 103.3 perdoa todas as tuas iniqüidades. O benefício primário da

graça é o perdão dos pecados (At 13.38). Deus mostra-se compassivo para com o seu povo arrependido.

* 103.4 redime. Da morte.

graça. Ver 92.2, nota.

* 103.5 farta de bens. Deus provê tudo que é construtivo e benéfico para o seu povo.

* 103.6 a todos os oprimidos. Ver 102.2, nota.

* 103.7 a Moisés. Ao referir-se a Moisés, o salmista relembra todas as bênçãos divinas associadas ao êxodo, às peregrinações pelo deserto, e até à conquista da Terra Prometida.

*** 103.12 Quanto dista o Oriente do Ocidente. Quando Deus**

perdoa pecados, ele os remove completamente. A altura e a largura de sua misericórdia são vastas.

* 103.13 Como um pai. A comparação entre Deus e um pai

compassivo e amoroso é desenvolvida em Rm 8.12-17. Ver Êx 4.22,23; Os 11.1,8,9.

* 103.14 Pois ele conhece. Deus nos conhece melhor do que nos

conhecemos a nós mesmos.

* somos pó. De acordo com Gn 2.7, Deus formou Adão do pó da terra. A conseqüência do pecado é que os seres humanos morrem

tão inexoravelmente como os animais (Ec 3.19). Não obstante, Deus tem misericórdia de nós. Ver "Corpo e Alma, Macho e Fêmea", índice.

*** 103.17 misericórdia... sobre os que o temem. Há um**

relacionamento recíproco entre a iniciativa divina e a reação humana. Deus primeiramente nos ama, e então nós o amamos, conforme é demonstrado pela fiel obediência de nossas vidas (Rm 5.8; 1Jo 4.10).

*** 103.18 para com os que guardam a sua aliança. A obediência**

daqueles que guardam a aliança de Deus mostra a realidade de sua misericórdia. Eles andam em devotada comunhão com o Senhor que os amou em sua aliança da graça.

* 103.19 o seu reino domina sobre tudo. Ver "Providência", índice

* 103.21 os seus exércitos. Uma referência ao exército divino.

Estão incluídos os anjos, os querubins e outras criaturas celestes. Ver "Anjos", índice.

* Sl 104 É enfatizado aqui o grande ato da criação, refletindo o ensino e o vocabulário de Gn 1. Podem ser observados paralelos entre este cântico e um hino egípcio de Amenhotepe IV (Aquenatom) ao sol. Entretanto, este salmo afirma que somente o Criador, e não qualquer aspecto da criação, tal como o sol, deve ser adorado (como faziam os egípcios).

* 104.1 ó minha alma. Ver o comentário sobre Sl 103.1.

sobrevestido. Esta seção desenvolve a metáfora da criação como uma veste de Deus. Isso enfatiza a distinção entre o Criador e a criação, e despreza implicitamente a adoração a qualquer aspecto da criação, por mais glorioso que esse aspecto pareça ser (Rm 1.22).

*
104.2 coberto de luz. Uma referência ao primeiro dia

1.3).

o céu. O segundo dia da criação (Gn 1.6-8).

* 104.3 voas nas asas do vento. Ver 18.9, e nota.

* 104.4 labaredas de fogo. Os servos celestes de Deus têm uma

aparência que inspira reverente temor. Quanto mais poderoso deve ser Deus, o Criador deles. Este versículo pode conter uma polêmica contra a adoração a

Baal, visto que os textos mitológicos dos cananeus descrevem os servos de seu deus como chamas de fogo.

* 104.5 para que não vacile. O mundo é estável e bem ordenado, e não caótico. O controle do mundo, por parte de Deus, é um consolo para aqueles que reconhecem isso. Ver "Deus, o Criador", índice.

* 104.6 as águas. Deus criou as águas e ordenou que elas ficassem nos rios, nos lagos e nos oceanos. Nas religiões das nações circunvizinhas, o mar era um símbolo de caos e desordem. A teologia panteística desses povos endeusava o mar e o contrastava com os deuses da ordem. A Bíblia também usa esse quadro mental, mas desaprovando a teologia politeísta (Sl 18.4; 46.2,3; 74.13-15; Na 1).

* 104.9 para que não tornem. Uma referência à promessa de Deus a Noé, terminado o dilúvio (Gn 9.11).

* 104.14 Fazes crescer a relva. Um reflexo sobre o terceiro dia da criação (Gn 1.9-13).

* 104.15 o vinho, que alegra o coração. A bondade de Deus é

exibida em suas provisões para a vida diária (At 14.17; 1Tm 4.3,4).

* 104.19 a lua... o sol. Ver Gn 1.14-19 — o quarto dia da criação.

* 104.21 de Deus. Aquilo que parece ser puramente natural — leões

buscando sua presa — é um ato da providência divina.

* 104.23 Sai o homem. Deus outorgou à sua criação um ritmo

maravilhosamente ordenado.

* 104.24 Todas com sabedoria. Ver notas em Pv 8.22-31. A

resposta divina a Jó (Jó 38—41) contém muitos exemplos da sabedoria de Deus na criação. Ver "A Sabedoria e a Vontade de Deus", índice.

*

104.25

o mar... seres sem conta. O quinto dia da criação (Gn

1.20-23).

*** 104.26 os navios... o monstro marinho. A imaginação do**

salmista foi arrebatada pelo mar misterioso de Deus. À sua superfície, os navios navegam para cá e para lá vindos de portos distantes, enquanto que sob as suas águas oculta-se o monstro leviatã, aqui um símbolo poético do poder criativo de Deus (Jó 41).

* 104.29 Se ocultas o teu rosto. Deus é onipresente: ele está em

todos os lugares (Sl 139). Entretanto, em sua ira, Deus retira as bênçãos da sua aliança, e isso é experienciado como a ausência divina.

* 104.30 Envias o teu Espírito. Isso alude a Gn 2.4-8, à criação do

homem no sexto dia da criação.

* 104.32 as montanhas, e elas fumegam. As colinas são símbolo

de estabilidade e firmeza (Sl 46.2,3), mas o mero toque de Deus as põe em chamas.

*** 104.35 Desapareçam da terra os pecadores. O salmista gostaria**

que fosse removido da terra tudo quanto se opõe à ordem piedosa que ele vinha descrevendo com tanta eloqüência.

* Sl 105 Ao passo que o Salmo 104 louva os atos de Deus na

criação do mundo, este cântico medita sobre os seus atos na história contínua do mundo. Os primeiros quinze versículos são citados (juntamente com Sl 96 e parte do Sl 106) em 1Cr 16, talvez indicando o uso deste salmo na adoração.

* Sl 105.1 entre os povos. Israel não podia esconder sua luz "debaixo do alqueire" (Mt 5.15). O verdadeiro povo de Deus presta por todo mundo testemunho jubiloso sobre a graça divina.

* 105.2 narrai todas as suas maravilhas. Estão em pauta aqueles atos de graça e de juízo que Deus realiza ao longo da História. Deus entra na História e age graciosamente em favor de seu povo, notavelmente através da vida, da morte, da ressurreição e da ascensão de seu Filho unigênito.

* 105.4 buscai perpetuamente a sua presença. Que os crentes busquem viver na presença do Senhor. O salmista com freqüência testificava sobre o horror associado à perda da amizade de Deus (Sl 22.1; 28.1).

* 105.5 Lembrai-vos. Lembrar-se das obras de Deus é mais do que rememorar os acontecimentos; significa reagir com fé e obediência ao que elas significam.

* 105.8 Lembra-se perpetuamente. Uma vez mais (v. 5) as lembranças envolvem fazer, tanto quanto saber. Neste caso, Deus age no presente baseado nas promessas feitas a Abraão.

sua aliança. A aliança específica aqui em foco é o pacto abraâmico (Gn 12.1-3; 15 e 17).

* 105.9,10 a Isaque... a Jacó. Deus reafirmou seu relacionamento

segundo a aliança com os descendentes de Abraão. Ver Gn 26.3.

* 105.11 Dar-te-ei a terra de Canaã. Ver Gn 15.17-20.

* 105.12 forasteiros. Abraão, Isaque e Jacó viveram na Terra

Prometida como estrangeiros. Eles perambulavam de lugar para lugar na terra de Canaã.

* 105.14 repreendeu a reis. Ver Gn 12.10-20; 26.

* 105.15 os meus profetas. Abraão é referido como um profeta, em

Gn 20.7.

* 105.16-22 Deus promoveu José a uma posição de autoridade, no Egito.

* 105.16 Fez vir fome. Deus dirigiu os acontecimentos no Egito, de

tal modo que quando veio a fome, ameaçando aquele país, José já estava no poder, capaz de conservar "muita gente em vida” (Gn 50.20).

*** 105.23 Então, Israel entrou no Egito. Ver Gn 46.**

na terra de Cam. Um outro nome para o Egito.

* 105.28 Enviou trevas. O salmista enfatiza aqui a nona praga do

Egito, mencionando-a primeiro.

* 105.31 moscas e piolhos. Estas são a terceira e a quarta pragas,

na ordem inversa de sua ocorrência real no Egito.

* 105.32 saraiva. A quinta e a sexta pragas não são mencionadas

neste salmo. A praga da saraiva foi a sétima.

* 105.36 os primogênitos. Esta foi a décima e final praga, depois

da qual o Egito permitiu que Israel saísse de Gósen.

* 105.37 com prata e ouro. Podemos ver aqui a grande

misericórdia e a generosidade de Deus. Como nação escravizada pelo Egito, Israel tinha poucas posses. Através das pragas, no entanto, Deus lançou o temor nos corações dos egípcios, pelo que não somente deixaram que Israel saísse do Egito, mas dispuseram-se a entregar seus objetos valiosos para encorajar a saída (Êx 12.33-36).

* 105.40 pão do céu. O maná. A misericórdia providencial de Deus

foi além de tirar os israelitas do Egito — ele proveu para eles no deserto, dando-lhes o que comer e o que beber.

* 105.42 sua santa palavra. A aliança com Abraão incluía a

promessa de que Deus faria de Israel "uma grande nação" (Gn 12.2).

* 105.45 para que lhe guardassem os preceitos. O

relacionamento entre Deus e seu povo segundo a aliança foi estabelecido e mantido por Deus exclusivamente por meio de sua graça. Seu povo (e, de fato, toda a humanidade) tem o dever de corresponder, não meramente por meio da observância formal de mandamentos específicos, mas apropriadamente, com todo o seu ser (Mc 12.29-34; cf. 10.20-22).

* Sl 106 Enquanto que o Sl 105 preocupa-se mais com os atos remidores de Deus, o presente salmo enfoca o pecado humano.

* 106.1 Aleluia! No hebraico, *Halluyah,* "louvai a Yah".

Porque ele é bom. Embora o escritor esteja mais preocupado com os sofrimentos de Israel, ele sabia que esses sofrimentos tinham origem no pecado de Israel, e não no caráter de Deus.

* 106.4 de mim. O salmista não tinha dúvidas de que

povo escolhido, mas ele não presupunha que desfrutaria pessoalmente da bênção de Deus. Ele a pede a Deus em oração.

* 106.6 Pecamos. Este versículo é uma declaração introdutória que

fornece o tema do corpo do salmo, até o fim do v. 39. Israel tinha-se rebelado contra o Senhor, deliberada e constantemente.

* 106.7 foram rebeldes junto ao mar. O poeta queda-se admirado diante

da rebeldia de seu povo. Ele lembrou-se de que uma geração prévia havia duvidado do poder de Deus — embora tivessem acabado de testemunhar as dez pragas — quando foram apanhados entre o exército egípcio e o mar Vermelho (Êx 14).

* 106.9 Repreendeu o mar Vermelho. Ao personalizar o mar Vermelho, o salmista tornou-o parte dos derrotados por Deus entre os poderes do caos.

fê-los passar. Apesar dos pecados dos filhos de Israel, Deus os salvou. O amor perseverante de Deus, em face da rejeição, é um tema principal aqui e, de fato, por toda a Bíblia.

* 106.13 Cedo, porém, se esqueceram. A fé e o agradecimento do

povo de Israel foram de breve duração. Assim como a memória (Sl 105.5, nota) inclui a obediência, também o esquecimento leva à

desobediência.

*** 106.17 Datã... Abirão. Ver Nm 16.**

* 106.20 trocaram a glória de Deus. eles puseram um ídolo de

metal no lugar de Deus e o adoraram. Conforme Paulo salientou (Rm 1.21-23), a idolatria consiste em adorar qualquer parte ou aspecto da criação de Deus.

* 106.22 naravilhas na terra de Cam. Cam é outro nome para o

Egito, e as maravilhas são, preeminentemente, as dez pragas.

*** 106.23 se Moisés... não se houvesse interposto. Ver Êx 32.11**

14. Moisés intercedeu em favor do povo de Israel e o salvou da ira de Deus. Nisso, ele prefigurou a obra de Jesus Cristo, o qual não somente orou pelo seu povo, mas também morreu para salvá-lo.

* 106.24 desprezaram a terra aprazível. Eles desprezaram a Terra

Prometida, não tendo fé que Deus a pudesse dar para eles (Nm 13 e 14).

* 106.26 de mão erguida. Esse gesto acompanha um juramento

formal, mostrando a determinação de Deus de julgar os filhos de Israel.

* 106.28 Também se juntaram. A linguagem é depreciativa, pois adorar a um ídolo estrangeiro é como tornar-se uma besta de carga.

Baal-Peor. Baal era um deus da região do mar Mediterrâneo oriental, ao tempo em que Israel estava entrando na Terra Prometida. Baal assumia características levemente diferentes em casa local de adoração, o que quer dizer que com freqüência essa divindade era

identificada pela região, aqui,

Peor.

sacrifícios dos ídolos mortos. Isso pode referir-se a ritos fúnebres de alguma espécie. Os ritos fúnebres cananeus envolviam pesada ingestão de bebidas alcoólicas, festas e obscenidades. O incidente inteiro, iniciado por Balaão, é relatado em Nm 25.

*** 106.31 Isso lhe foi imputado por justiça. Quando Israel deu os**

passos fatais na direção da idolatria, Finéias tomou uma providência violenta para trazer Israel de volta ao caminho de Deus. Em resultado, Deus fez uma aliança com a família de Finéias, de que lhes daria o sacerdócio. Uma linguagem semelhante é usada em conexão com as promessas feitas a Abraão segundo o pacto (Gn 15.6), e herdadas pela Igreja (Rm 4.3).

* 106.32 nas águas de Meribá. Quanto a Meribá, ver Nm 20.1-13.

* 106.33 foram rebeldes. Por não terem confiado que Deus proveria

o necessário para a sobrevivência deles no deserto.

* 106.37 aos demônios. A realidade espiritual por detrás dos ídolos

mortos é demoníaca, um mundo de hostilidade ao único Deus.

* 106.39 se prostituíram. Unir-se alguém a um deus falso é um

adultério espiritual.

* 106.45 lembrou-se... de sua aliança. As promessas de Deus

exprimem o compromisso que o leva a continuar com seu povo, embora ele lhe tenha virado as costas. Quanto à lembrança, ver Sl 105.5.

* Sl 107 Esse agradecimento comunitário acompanhava a oferenda de sacrifícios (v. 22). A data da composição original deste salmo não é conhecida.

* 107.1 porque ele é bom. Ver os vs. 1, 8, 15, 21,31,43.

a sua misericórdia. A devoção de Deus à sua aliança, mediante o qual ele se obriga diante de seu povo.

* 107.3 e congregou. Parece estar aqui em pauta a situação depois do exílio babilônico.

* 107.4-9 Deus guiou até uma cidade os que perambulavam pelo deserto.

* 107.6 clamaram... e ele os livrou. Esta seção é a primeira dentre quatro que ilustram a prontidão de Deus em responder às orações de seu povo.

* 107.10-16 Deus libertou seu povo antes aprisionado.

*** 107.12 lhes abateu com trabalhos o coração. Deus castigou seu**

povo desviado, a fim de arrancar deles o arrependimento. Ver Hb 12.1-13.

*** 107.13 clamaram ao SENHOR, e ele os livrou. Ver o v. 6.**

* 107.17-22 Deus salva a rebeldes insensatos quando clamam a ele.

* 107.17 Os estultos. Não porque não tivessem inteligência natural, mas por se recusarem a enfrentar a realidade que o Senhor é Deus. A "insensatez" é uma categoria ético-espiritual, e não uma categoria meramente intelectual.

*** 107.18 sua alma aborreceu toda sorte de comida. Parece estar**

aqui em vista alguma espécie de doença física, alguma forma de enfermidade.

* 107.20 a sua palavra. Aprendemos desde o relato da criação (Gn

1.3), que a palavra de Deus é poderosa e eficaz.

* 107.22 sacrifícios de ações de graça. Este versículo sugere a

adoração pública no templo.

* 107.23-32 Deus liberta àqueles que estão em dificuldades no mar.

* 107.24 as obras do SENHOR. O mistério, o poder e a beleza dos mares, com tudo quanto ali vive, testificam, de modo eloqüente, sobre a sabedoria de Deus (Gn 1.9,10,21).

* 107.26 Subiram... desceram. A embarcação, subindo e descendo

sobre as ondas.

*** 107.28 clamaram ao SENHOR, e ele os livrou. Ver os vs. 6, 13 e**

19.

* 107.29 Fez cessar a tormenta. Deus mostra o seu poder e força

divinos controlando o mar caótico. Ver notas em Sl 18.4,15. Cristo demonstrou seu poder celeste quando acalmou a tempestade no mar (Mc 4.35-41).

* 107.33-38 Deus transforma a fertilidade em terras áridas, e as terras áridas em fertilidade. Ele controla todas as coisas.

* 107.34 por causa da maldade. Deus não impõe, arbitrariamente,

a destruição ao seu povo. Aqui o motivo é identificado como o pecado das pessoas. Um exemplo histórico deste versículo pode ser achado em 1Rs 17, onde Deus resolveu suspender as chuvas e o orvalho, em Israel, por causa de Acabe e Jezabel, que tinham feito a nação voltar-se para Baal.

* 107.36 edificaram uma cidade. A referência final é à conquista,

na qual Deus entregou a terra de Canaã a Israel. Eles passaram das duras condições de vida no deserto para a terra aprazível da Palestina.

* 107.39-42 Deus castigo e abençoa o seu povo.

* 107.40 onde não há caminho. Talvez uma referência ao exílio

babilônico.

* Sl 108 Este salmo é composto de dois salmos anteriores. Os

primeiros cinco versículos derivam-se de Sl 57.7-11, e os vs. 6-13 são de Sl 60.5-12. Só há mudanças pequenas no fraseado, mas o efeito final é inteiramente diferente. Os Salmos 57 e 60 incluem elementos de queixa; este salmo é uma declaração de segurança.

* 108.1 Firme está. O salmista tinha resolvido louvar ao Senhor, e coisa

alguma seria capaz de fazê-lo desistir.

* 108.2 Quero acordar a alva. Ver nota em 57.8.

* 108.3 entre os povos. O salmista percebia que Deus é mais do que

apenas o Deus de Israel. Deus é o Rei do universo e, como resultado, o salmista daria testemunho sobre os grandes feitos do Senhor por todo o universo.

* 108.4 a tua misericórdia. Especificamente, a misericórdia que Deus

tem pelas pessoas que se relaciona com ele na aliança.

* 108.5 acima dos céus. Deus é tão grande que nem mesmo os céus

são capazes de contê-lo (1 Rs 8.27). Deus é transcendental, mas de maneiras especiais (atualmente através do Espírito Santo), ele também é imanente, porquanto condescende compassivamente em habitar com seu povo.

* 108.7 Disse Deus na sua santidade. O oráculo divino mui

provavelmente foi proferido através de algum profeta associado ao templo. O sentido de sua mensagem é que a vitória já estava a caminho.

Siquém... Sucote. Esses dois lugares estiveram ligados a Jacó, em Gn 33.1720, como os dois primeiros lugares que o patriarca ocupou depois de voltar de seu encontro com Esaú. Esses locais estavam em lados opostos do rio Jordão.

* 108.8 Gileade... Manassés. Ambas essas áreas estavam localizadas,

pelo menos em parte, a leste do rio Jordão.

Efraim... Judá. Essas eram as duas tribos mais poderosas de Israel. Com freqüência tornavam-se rivais, mas estavam unidas como partes do exército de Deus.

O meu cetro. Ver Gn 49.10.

* 108.9 Quanto a este versículo, ver 60.8, notas.

* 108.10 me. Provavelmente falava o rei, em nome da nação de

Israel.

* 108.13 Em Deus. O escritor confessa aqui que somente através

do poder de Deus eles seriam vitoriosos.

* Sl 109 O salmista estava diante de um tribunal corrupto, onde era

falsamente acusado de ter cometido um crime. Em sua aflição, ele voltou-se para Deus, pedindo ajuda, pedindo-lhe para que fossem invertidos os papéis permitindo-lhe julgar o tribunal, e também uma pessoa em particular (ou o juiz ou o acusador). O poeta não escondeu seus fortes sentimentos contra os seus inimigos (Introdução: Características e Temas).

* 109.1 não te cales! Ver nota em Sl 83.1.

* 109.4 me hostilizam. A linguagem jurídica usada aqui e em outros

trechos deste salmo revela-nos que o salmista era o réu em um ambiente de tribunal.

* 109.5 Pagaram-me o bem com o mal. Ver nota em Sl 35.12.

o amor. O que tornava tão pungente o caso do escritor é que os seus

atacantes tinham sido antes seus amigos, mas voltaram-se traiçoeiramente contra ele.

* 109.6 um ímpio... um acusador. A penalidade contra aqueles que

acusassem falsamente a alguém de um crime era a pena correspondente àquele crime (Dt 19.16-21).

* 109.8 tome outro o seu encargo. Assim como aquele acusador fez

falsas acusações contra o salmista, assim também Judas Iscariotes buscou a morte de Cristo entregando-o às autoridades judaicas. Posteriormente, Judas suicidou-se por remorso. Pedro compreendeu que esse salmo falava sobre essa situação, e o citou quando se buscava substituir Judas no colégio apostólico (At 1.20).

* 109.9 órfãos... viúva. Para aqueles que dependiam de seus parentes

para obterem apoio social, este versículo soava como uma maldição, pedindo punição tanto para o acusador como também para a sua família.

* 109.13 se extinga o seu nome. A maldição enfoca a erradicação

da linha de família do acusador. Na antiga nação de Israel, ter descendentes que se estendiam ao futuro distante era considerado algo extremamente importante.

* 109.17 ela o apanhe. Uma vez mais, o salmista invoca o princípio

de que os ímpios receberão a pena que eles estão tentando impor a outrem. Ver nota no v. 6.

* 109.21 por amor do teu nome. O salmista apelou para a

reputação de Deus (Sl 8.1). Ele pertencia a Deus, mas se morresse às mãos dos ímpios, pareceria como se Deus nada pudesse fazer contra o mal.

*** 109.25 meneiam a cabeça. De nojo.**

* 109.26 segundo a tua misericórdia. A palavra hebraica para

"misericórdia" vincula a salvação à fidelidade de Deus à sua aliança.

* 109.31 ele se põe à direita do pobre. Em lugar de encontrar um

acusador à sua mão direita, o salmista encontra o seu apoio em Deus.

* Sl 110 Não restam dúvidas de que este salmo prenunciava Cristo. O próprio Jesus o citou para mostrar que Davi sabia que seu cumprimento final viria com alguém maior do que ele mesmo (Mc 12.35-37 e paralelos). Antes mesmo da vinda de Cristo, uma interpretação profético-messiânica do salmo era bem conhecida entre os intérpretes judeus.

Não obstante, tal como todos os outros salmos reais, o Sl 110 dirige-se ao tempo em que foi composto pela primeira vez. É provável que fosse entoado ao tempo da coroação do rei. A composição parece ter ocorrido depois que Davi derrotou a Jebus (Jerusalém), e celebra a vitória dele, bem como sua entronização naquela cidade, explicando por que ele também herdou o sacerdócio real de Melquisedeque.

Enfocando a atenção sobre dois oráculos divinos, o primeiro (v. 1) mostra o relacionamento íntimo, mas subordinado, que o rei humano tinha para com o Rei divino. Os escritores do Novo Testamento citam este oráculo para demonstrar a glória pós-ressurreição e para indicar o conflito entre Deus e os poderes espirituais da maldade (At 2.34,35;

1Co 15.25; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 1.13; 1 Pe 3.22).

O segundo oráculo indicava o rei como um sacerdote, mas como um tipo especial de sacerdote. Em oposição ao sacerdócio arônico hereditário, esse sacerdócio derivava de Melquisedeque (Gn 14.18-23), cujas origens misteriosas estão relacionadas a Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote (Hb 5.6; 7.17; 8.1; 10.12-14).

* 110:Título. A veracidade do título de autoria deste salmo é muito importante para a sua interpretação no Novo Testamento (Mc 12.35-37).

*

110.1 SENHOR. A Almeida Revista e Atualizada usa

para essa palavra, sempre que ela traduz o nome divino, Yahweh.

senhor. Este título é, com freqüência, usado para indicar Deus, mas também podia ser empregado em relação a um rei ou a outra pessoa respeitada. O Novo Testamento deixa claro que o rei Davi referiu-se a esse Filho como seu "Senhor" (Mc 12.35-37). O Messias prometido era descendente de Davi, mas é maior do que Davi. Ver "O Reino Celestial de Jesus", índice.

à minha direita. O lugar de honra. Após a sua ressurreição, Jesus foi exaltado à mão direita de Deus, no céu.

os teus inimigos. No Antigo Testamento esses eram inimigos de carne e sangue físicos de Israel. No Novo Testamento, porém, a batalha se intensifica, visto que Jesus luta contra as potências cósmicas e invisíveis da maldade.

debaixo dos teus pés. Um lugar de desgraça, símbolo da subjugação. Após uma vitória militar, os líderes do Oriente Próximo e Médio humilhavam seus inimigos derrotados pisando sobre suas cabeças ou pescoços (Js 10.24-26).

* 110.2 enviará. Deus ampliará a autoridade do Rei.

o cetro. Um símbolo comum de poder e autoridade governamental. de Sião. Ver nota em Sl 2.6.

* 110.3 como o orvalho. No hebraico temos uma passagem difícil. A

imagem compara o orvalho, que aparece de repente durante a noite, e acha-se presente ao amanhecer, com o bem-disposto e misterioso aparecimento das tropas do rei.

* 110.4 segundo a ordem de Melquisedeque. O sacerdócio regular em

Israel derivava-se de Arão, e seus deveres se limitavam à adoração religiosa. Pouco se sabe sobre Melquisedeque (Gn 14.18-20), mas parece que ele combinava as funções de rei e sacerdote. Davi também combinava essas funções até certo ponto. Jesus Cristo é tanto Rei quanto Sacerdote, embora não descenda da linhagem de Arão (Hb 5.6; 7.17; 8.1; 10.12-14).

* 110.5 O Senhor. Um título de respeito (v. 1, nota).

* 110.6 julga entre as nações. Deus por muitas vezes usou o rei humano

para impor seu juízo às nações, por meio da guerra. No que se aplica a Jesus, este versículo prevê o último juízo que terá lugar no tempo do fim.

* 110.7 bebe na torrente. Este versículo é de difícil interpretação no

hebraico. O rei acha refrigério durante a batalha e pode efetuar a obra de julgamento de Deus.

* Sl 111 Este salmo de louvor nos faz lembrar do êxodo, das perambulações pelo deserto, e da conquista da Terra Prometida. Este salmo é um acróstico (ver introdução aos Sl 112 e 119), uma característica comum entre os poemas de sabedoria, e termina em uma nota que pode ser chamada de "lema" do livro de Provérbios (v. 10).

* 111.1 na assembléia. A santa congregação que se reunia para louvar o

Senhor no santuário.

* 111.2 as obras do SENHOR. O salmista tinha em mente os grandes

atos de redenção que Deus realizara no passado da nação de Israel. O exemplo proeminente seria o êxodo, quando Deus libertou seu povo de seus opressores egípcios.

* 111.3 a sua justiça. Deus age na História em conformidade com seu

caráter e sua lei. Através de seus grandes atos históricos, as pessoas podem reconhecer a justiça de Deus.

* 111.4 Ele fez memoráveis. As lembranças envolvem mais do que um

ato da memória; também envolvem devoção e obediência. Ver Sl 44.1.

benigno e misericordioso. Devido o pecado, Israel não podia merecer a salvação da parte de Deus; esta origina-se no amor de Deus pelo seu povo.

Ver Êx 34.6.

* 111.5 Dá sustento. Essas palavras podem aludir às perambulações

pelo deserto, quando, miraculosamente, Deus providenciou alimento para Israel (por exemplo, Nm 11).

lembrar-se-á sempre. Deus não é inconstante. Seu povo pode depender dele.

sua aliança. Quando age para salvar o seu povo, Deus o faz por causa do relacionamento que havia estabelecido com ele.

* 111.6 dando-lhe a herança das nações. Deus entregou a Israel as

terras de vários povos, quando lhe deu a Terra Prometida (Dt 7.1-6).

* 111.10 O temor do SENHOR. Essa frase bem conhecida captura

a maneira certa de alguém aproximar-se do Senhor. O Senhor é Deus, inspirando reverência e respeito. Ele cumpriria as suas ameaças contra os ímpios. Ver notas em Sl 34.7; 36.1; 128.1; 130.4.

* Sl 112 Este salmo está no centro de três salmos que começam com a expressão "Aleluia!" (no hebraico, halluyah). Tanto o salmo anterior quanto este são acrósticos; cada meia linha começa com letras sucessivas do alfabeto hebraico, e eles se complementam em seu conteúdo. O Sl 111 fala sobre Deus e seus feitos, ao passo que o Sl 112 descreve a felicidade do indivíduo que serve a Deus.

* 112.1 nos seus mandamentos. A pessoa justa recebe a lei como um testemunho de Deus; para ela os mandamentos são uma fonte de alegria, para serem guardados em amor e gratidão por sua grande salvação.

* 112.4 nas trevas. As trevas são uma metáfora para indicar

tempos perturbados. O salmista sabia que existem momentos difíceis, mas ele também sabia que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28).

ele é benigno, misericordioso e justo. O homem piedoso reflete os atributos de seu Senhor; ver 111.4

* 112.7 Não se atemoriza de más notícias. O homem justo não teme tribulação ou aflição, porquanto sabe que Deus é capaz de fazê-lo superar todas essas coisas.

* 112.9 Distribui. A generosidade é uma característica fundamental de

um servo de Deus. Paulo cita este versículo em 2Co 9.9, em um contexto que encoraja a generosidade.

* Sl 113 Deus tanto é transcendente (vs. 4-6) quanto é imanente (vs. 7-9); ele está acima da criação, mas se faz presente com o seu povo. Este salmo é o primeiro dentre vários que celebram as grandes festas anuais da Páscoa, das Semanas, dos Tabernáculos, da Lua Nova e da Dedicação do templo. Os Sl 113 - 118 eram entoados durante a Páscoa, pelo que é provável que Jesus e seus discípulos os tenham cantado durante sua última noite juntos (Mt 26.30; Mc 14.26). O Sl 113 (ver o v. 9) deveria ser comparado com os cânticos de Ana (1Sm 2, especialmente os vs. 5 e 8) e de Maria (Lc 1.46-55).

* 113.1 Louvai, servos do SENHOR. Um sacerdote liderava os fiéis na adoração.

* 113.3 Do nascimento do sol até ao ocaso. Ou seja, de leste para

oeste, em todos os lugares.

* 113.4 acima de todas as nações. No antigo Oriente Médio, cada nação

tinha seus deuses nacionais imaginários. Somente o Deus de Israel podia ser proclamado como o verdadeiro Deus de todas as nações.

* 113.5 Quem há semelhante. Yahweh é incomparável.

* 113.6 que se inclina para ver. Parte da grandeza de Deus é a sua

condescendência, como em Belém (Lc 2.4-7; Fp 2.5-11).

no céu. Com freqüência, os céus são referidos como a habitação de Deus; estritamente falando, porém, a transcendência infinita de Deus é tal que os próprios céus são incapazes de contê-lo (1 Rs 8.27).

* Sl 114 As tradições judaicas atribuíam este salmo ao oitavo dia da Páscoa. Em oito breves versículos, e com uma sutileza poética sem rival, o salmista descreveu o tremendo poder da auto-revelação visual (teofania) de Deus, ao tempo em que Israel foi salvo do Egito e quando entrou na terra de Canaã (Êx 13.21).

*
114.1 Quando saiu Israel do Egito. O êxodo foi a ı

demonstração do poder Redentor de Deus durante o período do Antigo Testamento. Foi um evento constantemente relembrado e tornou-se uma fonte de encorajamento para as gerações futuras, incluindo os crentes que se percebem como "estrangeiros e peregrinos” em busca de sua própria "terra natal” (Hb 11.13,14).

* 114.2 o seu santuário. O povo de Israel e sua terra foram o santuário

de Deus porque Deus preferiu fazer-se presente com eles. O tabernáculo e, mais tarde, o templo, foram símbolos de sua presença.

* 114.3 O mar viu isso. O mar Vermelho é aqui personificado (Êx 14 e

15), descrevendo poeticamente a travessia do mar como um conflito entre ele e o Senhor.

* 114.4 Os montes. Os montes eram símbolos de poder, de firmeza e de

constância (Sl 46). O aparecimento de Deus, entretanto, deixou-os a tremer como se fossem carneiros assustados.

* 114.5 Que tens, ó mar. O salmista perguntou ao mar e aos montes,

poeticamente personificados, tornando explícito o que era apenas implícito nas duas primeiras estrofes do poema.

* 114.7 Estremece. Quando Deus vem com poder, para julgar, os

habitantes da terra devem temer, porque eles são os objetos de seu juízo.

Coisa alguma pode resistir ao avanço de Deus.

*** 114.8 converteu a rocha em lençol de água. A provisão de Deus em**

Cades (Nm 20.1-13) demonstrou o seu poder e compaixão.

* Sl 115 Este salmo é uma liturgia para a adoração pública, declarando a fé de Israel no Senhor contra os ídolos inúteis das nações.

* 115.1 tua misericórdia. O afeto de Deus por seu povo, em razão de

sua aliança.

* 115.2 as nações. As nações que circundaram Israel em tempos

diferentes, foram: Canaã, Babilônia, Assíria, Pérsia e Egito.

Onde está o Deus deles? Quando as nações observassem Israel em luta, diriam que o Deus de Israel era incapaz ou não estava disposto a entrar em ação.

* 115.3 tudo faz como lhe agrada. Uma notável expressão sobre a

soberania de Deus.

* 115.4 são os ídolos deles. O salmista faz um agudo contraste entre o Deus vivo de Israel e as divindades fabricadas pelo homem do Oriente Médio. Ver Is 44.6-23; Rm 1.21-23; "Sincretismo e Idolatria", índice.

* 115.8 Tornem-se semelhantes a eles. Quando os povos fabricam seus próprios deuses, fazem-nos segundo a sua própria imagem. E quando adoram a esses deuses, vão-se conformando cada vez mais com a semelhança destes. Ver 2Rs 17.15.

* 115.9 Israel. Uma referência a todo o povo de Deus.

* 115.10 A casa de Arão. Quem falava dirigia-se aos sacerdotes de

Israel.

* 115.11 os que temem o SENHOR. Finalmente, o salmista

salientou aqueles que tremem diante do Senhor. Esses eram os fiéis dentro de Israel, ou então como uma linguagem posterior sugere, também eram prosélitos.

*** 115.12 De nós se tem lembrado o SENHOR. Ver Sl 44.1.**

* 115.15 que fez os céus e a terra. Na qualidade de Criador de

todos, Deus é capaz de prover para o seu povo as bênçãos materiais.

*** 115.16 a terra, deu-a ele aos filhos dos homens. Deus criou a**

terra e ela lhe pertence. Juntamente com a dádiva da terra, vem a responsabilidade de trabalhar e de servir a Deus fielmente.

* 115.17 Os mortos. Ver notas em Sl 88.5.

* Sl 116 Uma exuberante ação de graças ao Senhor por ter livrado

o salmista da morte. É impossível sermos precisos quanto à ameaça que rondava o salmista (talvez fosse uma enfermidade), mas aqui ele relembra seu

grito de aflição ao Senhor e proclama, com alegria, que Deus o ouvira. Em resultado, ele resolveu oferecer sacrifícios ao Senhor. Quanto ao uso deste salmo em uma festa, ver a introdução ao Salmo

113.

* 116.1 Amo o SENHOR. O salmista expressa seu profundo afeto pelo

Senhor, alicerçando-o no próprio amor de Deus. Deus mostrou seu amor pelo salmista ao ouvir a sua oração.

* 116.3 Laços de morte. Era como se cordas saíssem de uma sepultura,

puxando o salmista para o interior da terra.

*
116.5 Compassivo... justo... misericordioso. Deus revel

bondade em sua resposta ao pedido do salmista. Deus não se põe à distância, quando seu povo sofre.

* 116.10 Eu cria, ainda que disse. Foi a fé do salmista em Deus

que o levou a orar ao Senhor, no começo.

* 116.11 todo homem é mentiroso. Ele lembrou-se de sua queixa;

aparentemente ele fora vítima de uma falsa acusação.

* 116.13 o cálice da salvação. Isso pode ser uma referência a uma

oferta de libação (Nm 15.10); muito mais provável, porém, é que se trate de uma metáfora, contrastando com a expressão mais comum "cálice" da ira de Deus (Sl 75.8).

*** 116.14 na presença de todo o seu povo. O salmista prometeu**

proclamar publicamente os grandes atos de Deus (Sl 22.22, nota).

* 116.15 Preciosa. Suas mortes, tal como suas vidas, eram

significativas e importantes para Deus. Ver "Morte e o Estado Intermediário", índice.

116.19 nos átrios da casa do SENHOR. O templo em Jerusalém.

* Sl 117 Este é o mais breve capítulo da Bíblia; mas os louvores exuberantes deste cântico atingem todas as nações. Paulo usou este salmo a fim de mostrar que as nações compartilham das promessas feitas aos patriarcas (Rm 15.7-11).

* 117.1 vós todos os gentios. A chamada ao louvor propaga-se de Israel

para todas as nações da terra.

* 117.2 mui grande é a sua misericórdia. Especificamente, o amor

vinculado à sua aliança. Este versículo, embora use um vocabulário diferente, pode ser visto como uma meditação da verdade expressa em Êx 34.6. Celebra o relacionamento de Deus com o seu povo, segundo a sua aliança.

* Sl 118 Este salmo conclui a seção associada à celebração da Páscoa (113 - 118). Na qualidade de último cântico do grupo, pode ter sido o salmo final na mente de Jesus quando ele celebrou a Páscoa na companhia de seus discípulos (Mc 14.26). Jesus citou os vs. 22 e 23 que falavam sobre ele mesmo (Mc 12.10,11; Mt 23.29; Lc 13.35; cf. At 4.11). O povo saudou a entrada triunfal de Jesus com gritos de alegria, tomados deste salmo (Mc 11.9,10; Lc 19.38; Jo 12.13). O principal orador provavelmente foi o rei (vs. 5-21), mas o salmo como um todo é uma liturgia, havendo outros oradores, igualmente (vs. 21-27). As referências ao altar, ao templo e ao cortejo (vs. 19,20,27) mostram que este salmo era usado na adoração coletiva.

* 118.1 a sua misericórdia dura para sempre. Este é um refrão deste

salmo e do Sl 136.

*** 118.5 invoquei. O rei.**

* 118.6 O SENHOR está comigo. Esse é o âmago da aliança da graça:

Deus se põe ao lado dos seus remidos. Para o salmista, a implicação era que ele nada tinha a temer da parte de quem quer que fosse, porquanto Deus

estava no controle das coisas. A vitória não estava garantida por forças superiores ou por armas; é um dom de Deus.

* 118.12 fogo em espinhos. Esta símile tem dois lados: Os

espinhos, com suas pontas agudas, são boas descrições do inimigo; mas também queimam rapidamente, como se fossem um inimigo em fuga.

* 118.14 ele me salvou. Para o salmista, a "salvação" em foco é a

vitória em batalha.

* 118.15 voz de júbilo. Israel corresponde à ajuda de Deus

cantando cânticos de vitória que se regozijam na salvação recebida de Deus.

a destra do SENHOR. O braço usado para empunhar a espada em batalha (v. 16; cf. Êx 15.6,12).

* 118.19 as portas da justiça. A entrada do santuário, que levava à

presença de Deus, onde o salmista ofereceria agradecimentos. As portas eram da justiça porque aquele que residia por detrás delas é justo, e aqueles que ali entram também devem ser justos (Sl 15 e 24).

* 118.21 foste a minha salvação. Ver nota no v. 14.

*** 118.22 A pedra que os construtores rejeitaram. A metáfora,**

provavelmente, refere-se ao rei, que era o representante do seu povo. A pedra foi posta em desespero, quando a derrota parecia inevitável, e a vitória não era mais uma esperança realista (mas ver a nota seguinte).

a principal pedra. A pedra pequena e insignificante, apesar de ter sido rejeitada, foi exaltada ao lugar principal. Mais tarde, Jesus aplicou esta passagem a si mesmo (Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17; At 4.11 e 1 Pe 2.7). Jesus é a pedra angular (Ef 2.20), rejeitada pelos governantes terrenos de seus dias, mas exaltado à mão direita de Deus Pai. Para alguns essa é uma causa de escândalo (Is 8.14; 1Pe 2), mas para outros é a base de sua esperança.

* 118.24 o dia que o SENHOR fez. Por causa da vitória de Deus,

seu povo deve transformar um dia de desespero em um dia de adoração na presença do Senhor.

*** 118.26 Bendito o que vem em nome do SENHOR. Mais tarde,**

esse clamor foi reverberado pelas multidões, ao aclamarem o verdadeiro Rei, Jesus Cristo, ao entrar ele em Jerusalém (Mt 21.9). De uma maneira ainda fora do entendimento deles, Jesus estava prestes a derrotar o pecado e a morte na cruz do Calvário.

* 118.27 adornai a festa com ramos. O sacrifício foi oferecido em

meio à adoração pública, perante o Senhor.

* 118.29 Rendei graças ao SENHOR. Este salmo termina tal e qual

começou.

* Sl 119 O salmo é um acróstico de vinte e duas estrofes, uma para cada letra do alfabeto hebraico. As oito linhas poéticas de cada estrofe começam pela mesma letra hebraica.

O número oito pode ser ligado às oito palavras hebraicas, espalhadas ao longo do salmo, concernentes ao tema principal. Essas palavras têm sido traduzidas como "lei", "testemunhos", "preceitos", "estatutos", "mandamentos", "juízos", "palavra" e "ordenanças". Em cinco das estrofes ocorrem todas as oito palavras hebraicas, e cada estrofe tem pelo menos seis a oito dessas palavras.

Enquanto que o salmista exprime seu amor pela lei e o seu desejo de ser-lhe obediente, ele também reconhece as suas próprias falhas. Elementos de lamentação e petição são entrelaçados com expressões de confiança e inocência.

A lei é uma expressão fiel do caráter de Deus. Deus enviou o seu Filho para que observasse a lei em nosso lugar. Agora, a lei não continua a nos condenar, pois nos liberta para aceitá-la como nosso próprio guia para agradarmos àquele que morreu em nosso lugar.

*** 119.1 Bem-aventurados. Ver Sl 1.1**

que andam. Uma metáfora que indica as atividades da vida diária.

na lei do SENHOR. A lei, ou Torah, refere-se aos cinco primeiros livros da Bíblia como uma unidade, ou às seções jurídicas daqueles livros. Aqui estão em foco essas seções jurídicas: os Dez Mandamentos e as demais leis do Pentateuco.

* 119.2 e o buscam de todo o coração. O salmista não estava

falando

de uma mera observância externa à lei. Ele exigia uma obediência originada em uma fé profundamente arraigada no Senhor.

*** 119.4 Tu ordenaste... para que os cumpramos. Deus entrou em um**

relacionamento de aliança com Israel, livremente, movido pela sua graça, e dentro desse relacionamento, lhe deu a sua lei para que a obedecesse. Mas Deus não lhe estava pedindo que obtivesse o seu favor, ou que pagasse por sua redenção. Antes, esse era o caminho da obediência agradecida para aqueles que entrassem em aliança com ele.

* 119.5 Tomará. O salmista não pensava em si mesmo como um exemplo

de obediência perfeita.

* 119.7 quando tiver aprendido. A adoração e a obediência requerem

conhecimento das Escrituras.

* 119.8 Cumprirei. O salmista resolveu seguir as leis de Deus.

* 119.9-16 O salmista buscava guardar puro o seu caminho,

meditando sobre a lei de Deus.

* 119.9 segundo a tua palavra. Deus não oculta de nós aquilo que lhe é

agradável. Ele o declara com clareza em sua Palavra, a Bíblia.

*** 119.10 te busquei... não me deixes fugir. Há uma profunda**

conexão entre esforçar-se pela perfeição moral e a percepção de que a inquirição é impossível sem a ajuda divina.

* 119.15 Meditarei. A lei de Deus requer mais do que uma leitura superficial ou a memorização; requer cuidadosa reflexão.

* 119.17 para que eu viva. A vida do salmista depende da graça divina.

* 119.18 Desvenda os meus olhos. Precisamos da graça divina para que nos ilumine quanto à sua palavra. Ele precisa guiar a nossa compreensão.

* 119.19 Sou peregrino. Ver Hb 11.13. O verdadeiro lar do crente não é aqui na terra, mas perto de Deus.

* 119.22 Tira de sobre mim. Este salmo vai além do louvor da lei, pois chega a pedir, em aflição, a graça de Deus.

* 119.23 príncipes... falaram contra mim. Essas palavras talvez indiquem a posição de realeza do salmista.

*** 119.29 Afasta de mim o caminho da falsidade. O salmista** percebeu que se fosse deixado a seus próprios recursos, ele estaria andando por caminhos contrários à lei de Deus.

* 119.33-40 O salmista implora que o Senhor o instrua em sua lei.

* 119.34 de todo o coração. Ele tomara uma resolução de toda a sua mente, força e vontade. O salmista expressou sua profunda

devoção ao Senhor. Ele amava o Senhor e queria ser-lhe obediente. Disse Jesus aos seus discípulos: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15). Ver a nota teológica "Entendendo a Palavra de Deus", índice.

* 119.36 Inclina-me o coração. O salmista percebeu que o seu

amor ao Senhor tinha origem no próprio Deus.

*** 119.37 Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade.**

Com seu desejo positivo de ficar mais perto da lei de Deus, havia um desejo negativo correspondente de afastar-se de coisas sem valor, particularmente os ídolos. Quanto à mesma palavra, ver nota em Sl 31.6.

* 119.38 a tua promessa. Provavelmente refere-se à promessa de

bênção constante na aliança.

* 119.41 as tuas misericórdias. O amor ou devoção de Deus

àqueles que estão em relação de aliança com ele.

* 119.45 com largueza. Ao observar as leis de Deus o escritor seria

libertado da escravidão ao pecado.

* 119.49 Lembra-te. Ver Sl 44.1.

* 119.52 teus juízos de outrora. Promulgados através de Moisés e

contidos nos livros de Êxodo, Levítico e Deuteronômio.

*** 119.54 Os teus decretos... meus cânticos. A lei, na opinião**

do

salmista, não era somente questão de obediência, mas também de adoração.

* 119.55 teu nome. Ver Sl 8.1.

* 119.57 a minha porção. A porção do poeta não era alguma

herança na terra, mas era o próprio Senhor (Nm 18.20).

* 119.63 Companheiro sou. A obediência ao Senhor é realizada na

comunhão com outros crentes, que também servem ao Senhor.

todos os que te temem. Ver Sl 34.7.

* 119.65-72 O salmista já havia descoberto que a aflição fê-lo recuar de

seu afastamento para longe de Deus.

* 119.67 andava errado. Deus usa as aflições e os sofrimentos em

nossa vida para reconduzir-nos de volta a ele (Sl 31; Hb 12.1-13).

*** 119.70 como se fosse de sebo. Cf. 1Tm 4.2.**

*** 119.71 Foi-me bom ter eu passado pela aflição. Fazendo um**

retrospecto, o escritor mostra-se grato pelos seus sofrimentos, porque estes o levaram a uma nova intimidade com o Senhor.

* 119.74 quando me viram. Quando outros que compartilhavam da

profunda dedicação do salmista ao Senhor vissem a sua felicidade, seriam encorajados.

* 119.75 com fidelidade me afligiste. Ver os vs. 67 e 71.

* 119.82 Esmoreceram os meus olhos. Visto que há tanto tempo

ele olhava com profunda expectação.

* 119.83 a um odre na fumaça. Uma notável metáfora, sem

paralelo em qualquer outra parte da Bíblia. A fumaça estraga os odres. Isso compara-se ao dano que o escritor tinha sofrido às mãos de seus inimigos.

* 119.84 Quando me farás justiça. O poeta esperava que Deus

saísse em seu socorro e punisse aqueles que o tinham perseguido injustamente. A aparente demora de Deus em agir servia para ele de provação.

* 119.86 injustamente. Ver Sl 38.19.

* 119.87 mas eu não deixo os teus preceitos. O salmista não

permitiria que a sua obediência dependesse da sua situação.

* 119.89 Para sempre. Tal como Deus é eterno, assim também é a

sua Palavra. Ela é válida para sempre. Ela fala a todas as pessoas e a todo o tempo.

* 119.93 Nunca me esquecerei. Esquecer-se de algo, nos salmos,

subentende a desobediência.

* 119.97 amo a tua lei! O salmista amava a lei porque ela vinha de

seu Deus e Salvador. Ver "A Lei de Deus", índice.

* 119.98 mais sábio que os meus inimigos. Seus inimigos

rebelavam-se contra Deus e rejeitavam a lei, rejeitando o discernimento que Deus, Criador deles, podia dar-lhes.

* 119.99 Compreendo mais do que todos os meus mestres. O

salmista não quis dizer isso como uma jactância, mas como uma expressão enfática de sua devoção à lei de Deus.

* 119.102 pois tu me ensinas. O salmista não reivindica aqui que ele

estudava com uma inteligência superior, ou mesmo com uma determinação superior; antes, ele atribuía tudo a Deus.

* 119.105 Lâmpada para os meus pés. A revelação de Deus provia

o discernimento que guiaria o seu servo. Ele não tropeçaria nas trevas.

* 119.109 Estou de contínuo em perigo de vida. A obediência do

salmista não era isenta de perigo, porquanto o expunha aos ataques astutos de seus adversários. Ele poderia desejar estar livre do perigo, mas preocupava-se mais em viver uma vida piedosa, apesar do perigo.

* 119.113 a duplicidade. O poeta era singelo de mente; ele amava a

Deus e à lei do Senhor. Em conseqüência, ele era estável, diferente do homem de mente dúplice (Tg 1.8).

* 119.119 como escória. Os refugos resultantes quando metais

são

refinados. Quando os ímpios são semelhantemente rejeitados, os justos permanecem como prata refinada. Cf. Pv 25.3-5; Is 1.22,25.

* 119.120 O temor ao Senhor é vividamente descrito aqui.

*** 119.123 Desfalecem-me os olhos. Ver o v. 82.**

* 119.124 segundo a tua misericórdia. A devoção demonstrada por

Deus para com o povo da aliança, demonstrando assim sua misericórdia e compaixão.

* 119.126 Já é tempo... para intervires. Com a honestidade direta

que caracterizava o salmista, ele diz a Deus que este tinha adiado seu julgamento já por tempo bastante. Os ímpios mereciam o castigo que deveriam receber.

*** 119.130 A revelação das tuas palavras. Não está claro se o**

escritor referia-se ao ato inicial da revelação, ao processo de interpretar a palavra de Deus, ou à aplicação da lei ao seu coração. Talvez todas as três etapas estejam em foco, como um único processo que traz luz, esperança e compreensão à alma obscurecida.

* 119.131 aspiro. O conceito é o mesmo que aparece em Sl 42.1,2.

*** 119.132 costumas fazer aos que amam o teu nome. Cf. Rm 8.28.**

* 119.133 Firma os meus passos. O salmista queria que o Senhor o

guiasse por toda a sua vida. Ele percebia que o indivíduo está dentro da vontade de Deus enquanto busca obedecer à sua palavra revelada. Mas ele

também compreendia que a obediência é impossível a menos que Deus lhe supra a graça para assim fazer.

* 119.135 Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo. O

salmista pede que Deus venha estar com ele. Ele queria viver na consciência do favor divino. Comparar com a bênção sacerdotal em Nm 6.22-27.

* 119.137 Justo és, SENHOR. Deus age de acordo com a sua

natureza; nele nada existe de arbitrário ou de incoerente.

* 119.145 De todo o coração. O salmista tornou-se exemplo de

fervorosa e honesta oração a Deus.

* 119.147 Antecipo-me ao alvorecer. O primeiro pensamento do

salmista, quando ele se acordava, era sobre o Senhor.

* 119.149 segundo a tua bondade... segundo os teus juízos. O

amor e a devoção de Deus para com o seu povo não são incompatíveis com a sua lei.

* 119.151 Tu estás perto, SENHOR. A presença do Deus da aliança

anulava os efeitos negativos da presença do inimigo (v. 150).

* 119.153 não me esqueço da tua lei. O salmista esperava que

Deus o abençoaria por ser homem obediente. Tal atitude poderia ser

presunçosa, um pecado de que nos guarda o livro de Jó; mas essa atitude também poderia derivar-se da fé.

* 119.154 Defende a minha causa. Essa frase era muito usada nos

tribunais. O salmista pediu que o Senhor intercedesse por ele perante os seus adversários.

* 119.156 Muitas... são as tuas misericórdias. Ver Lm 3.23.

*
119.161 A oposição dos príncipes indica que o salmis

era uma pessoa poderosa, talvez o rei de Israel.

sem causa. Ver Sl 38.19.

* 119.167 eu os amo ardentemente. A obediência não parecia um

trabalho pesado para o salmista; ele seguia a lei de Deus porque queria.

* 119.169 dá-me entendimento. Esta linha sumaria um dos

principais temas do salmo: o desejo de ter discernimento quanto à vontade de Deus, a fim de que o escritor pudesse agir obedientemente.

* 119.170 livra-me. Outro tema principal do salmo é resumido: o

salmista precisava de livramento.

* 119.175 Viva a minha alma. Uma vez mais, uma indicação de que

o poeta estava em meio à tribulação, quando compôs este cântico.

* 119.176 procura o teu servo. O salmista conclui o salmo

invocando Deus como seu Pastor (Sl 23; Jo 10); ele implora do Senhor que o levasse de volta ao rebanho.

* Sl 120 Este salmo é o primeiro dentre uma série de "cânticos de romagens" (120—134). Conforme a tradição nos sugere, esses cânticos eram entoados pelos peregrinos que se encaminhavam ao monte de Deus (Sião) para adorar. O Salmo 120 abre apropriadamente o grupo com o cântico de um adorador fiel que está ainda longe do templo, entre um povo pagão (v. 5, nota).

* 120.2 dos lábios mentirosos... da língua engomadora. Os inimigos do salmista caluniaram-no sem misericórdia.

* 120.3 Que te... que te. O inimigo cujas mentiras perturbavam o salmista.

* 120.4 Setas agudas do valente. Os mentirosos serão castigados de

acordo com a enormidade de suas mentiras.

* 120.5 em Meseque... Quedar. O escritor podia estar falando

figuradamente, comparando o tratamento que ele recebia da parte do povo de Deus com aquilo que ele poderia esperar da parte dos bárbaros. Os lugares mencionados estavam, literalmente, distantes de Israel, e também um do outro. Meseque ficava na Ásia Menor (Gn 10.2; Ez 38.2) e Quedar ficava na Arábia (Is 21.16; Ez 7.21).

* Sl 121O primeiro versículo sugere por que este salmo foi incluído nos "cânticos da romagens" (Sl 120, nota). A vista do salmista estava firmemente fixada no alvo final, Jerusalém, e Sião, o monte de Deus. A mudança de pronome pessoal do "eu" para o "tu" poderia representar um diálogo interno (similar a Sl 42, Sl 43 ou Sl 103), ou, mais provavelmente ainda, às palavras do peregrino que deu início ao

salmo, seguida pela palavra encorajadora de um sacerdote ou de outra pessoa.

* 121.1 para os montes. Jerusalém ficava na região montanhosa da

Judéia; o templo também foi edificado sobre uma colina — Sião.

*** 121.3 Ele não permitirá que os teus pés vacilem. Uma figura de**

linguagem particularmente apta para indicar a proteção cuidadosa de Deus; Israel é bem conhecido por seus terrenos rochosos e escorregadios.

*** 121.4 não dormita, nem dorme o guarda de Israel. Deus nunca**

dorme, e não havia perigo de que o salmista seria esquecido. Elias ridicularizou sarcasticamente os profetas de Baal, sugerindo que o deus deles estava dormindo, quando tanto precisavam dele (1Rs 18.27).

* 121.5 é a tua sombra. Assim como a sombra projetada por uma pessoa

a acompanha, assim também Deus com o seu povo. Esta metáfora deriva-se da antiga linguagem dos tratados, e tem implicações próprias de um pacto.

* Sl 122 Este "cântico de romagens" registra a decisão do poeta de acompanhar um grupo que ia visitar Jerusalém. Este salmo descreve as glórias de Jerusalém, onde Deus era adorado e onde governava a dinastia davídica (2Sm 7), pedindo que Deus protegesse a cidade e seus habitantes.

Este salmo é semelhante aos cânticos de "Sião", que exaltam a cidade de Jerusalém (46; 48 e 76). Jerusalém era mais valorizada do que outras cidades, porque Deus resolveu revelar-se ali ao seu povo. Desde que Cristo veio, o povo de Deus pode encontrar-se com ele em Cristo, em qualquer lugar da face da terra (Jo 4.19-23). Jerusalém representa todos os crentes (Gl 4.26), e tipifica a Nova Jerusalém vindoura (Ap 21.9-27).

* 122.1 Davi é quem fala, embora as circunstâncias da escrita não nos

tenham sido reveladas. Tempos depois, este salmo era apropriado para os peregrinos que subissem a Jerusalém, por ocasião das maiores festividades de Israel (Êx 23.14-19).

* 122.4 como convém a Israel. Talvez tenhamos aqui uma referência à

lei da centralização da adoração (Dt 12), ou a leis vinculadas às festividades anuais.

* 122.5 tronos de justiça. O rei era o chefe por excelência na terra, e

Jerusalém era a capital tanto política quanto religiosa de Israel.

* 122.6 pela paz. Temos aqui o bem conhecido termo hebraico, *shalom,*

que denota saúde e bem-estar completo. A oração pedia pela ausência de guerra e também pela prosperidade e crescimento.

* 122.8 Por amor dos meus irmãos e amigos. Este salmo promovia um

senso de comunidade entre o povo de Deus. Em última análise, Jerusalém não consistia em tijolos e argamassa, mas em pessoas em

relacionamento umas com as outras e com Deus.

* 122.9 Casa do SENHOR, nosso Deus. O edifício do templo

representava a presença de Deus em meio ao povo de Deus.

* Sl 123 Os dois versículos finais (vs. 3,4) mostram que esta oração originou-se em uma situação de aflição e perseguição.

*** 123.1 elevo os meus olhos! Ver Sl 121.1**

que habitas nos céus. A arca da Aliança e os querubins, no Santo dos Santos, eram, em um sentido representativo, o trono terreno de Deus, mas o salmista, tal como Salomão, sabia que "os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter" (1Rs 8.27).

*** 123.2 os nossos olhos estão fitos no SENHOR, nosso Deus. Um**

servo ficava olhando para as mãos de seu senhor por várias razões: para receber ordens, para ouvir instruções, para receber salário ou provisões. Este versículo ensina-nos que o povo de Deus é totalmente dependente dele quanto a cada aspecto de seu bem-estar.

* 123.3 estamos sobremodo fartos de desprezo. Essas palavras fortes têm levado alguns eruditos a datar este salmo no período posterior ao exílio babilônico, que ocorreu no século VI a.C.

* Sl 124 Nessa comunidade agradecida, o povo louvou ao Senhor por havê-los libertado de um perigoso confronto com seu inimigo. Este salmo foi incluído nos "cânticos de romagens", o que mostra que era usado durante as peregrinações festivas. O livramento descrito não precisava ser, necessariamente, recente, mas poderia ser o êxodo do Egito. Atualmente, esse salmo apela para o Senhor como aquele que é poderoso para proteger a sua Igreja dos ataques dos

principados e poderes das dimensões espirituais (Ef 6.10-20).

* 124.1 que esteve ao nosso lado. Ver 118.6, nota.

Israel que o diga. Essas palavras devem ter sido proferidas por um sacerdote que liderava a congregação em ações de graças coletiva.

* 124.3 e nos teriam engolido vivos. Os adversários tê-los-iam matado. Ver Pv 1.12, nota.

* 124.4 as águas. Ver 18.4,15 e notas.

* 124.6 por presa aos dentes deles. O inimigo é comparado a um leão (Sl 34.10; 58.6), ou a um cão (Sl 59.6,14).

* 124.8 criador do céu e da terra. Israel nada tinha a temer, enquanto Deus lutasse por eles.

* Sl 125 Este é o sexto dos "cânticos de romagens". Começa com um confiante hino de Sião (cf. Sl 46; 48 e 76). Do templo, edificado no monte Sião, o Senhor provia proteção para o seu povo.

* 125.2 Como em redor de Jerusalém estão os montes. As montanhas circundantes eram importantes para a defesa da cidade, e representavam a presença protetora de Deus (12.1; 2Rs 6.17).

* 125.3 O cetro dos ímpios. O cetro é um símbolo de governo político e militar, e neste caso indica a opressão do povo de Deus por uma força ímpia, possivelmente estrangeira.

não estenda a mão à iniqüidade. Por meio de imitação, ou sob as pressões de um governo e de uma sociedade corruptos.

* 125.4,5 Ver 18.25,26.

* 126.1 Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião. A alusão é ao retorno dos exilados da Babilônia, no século VI a.C., quando o cativo povo de Israel teve permissão de voltar ao seu país (ver os

livros de Esdras e de Neemias). A decisão de Ciro de permitir que os exilados retornassem à sua terra, não resultou de mera norma política, mas da intervenção de Deus.

* 126.4 Restaura, SENHOR, a nossa sorte. Ser restaurado do cativeiro

significava mais do que o retorno físico à Terra Prometida. Continuava necessária a presença de Deus e de sua aliança.

como as torrentes no Neguebe. O Neguebe ficava ao sul do território de Israel. Ali a terra é seca, e em um temporal de chuva os wadi (os leitos dos rios formadas na estação chuvosa) tornavam-se inundações perigosos.

* 126.5 com júbilo ceifarão. Deus inverte os infortúnios de seu povo, ele

domina o mal com o bem, o sofrimento com a bênção (Sl 30.11,12; Jo 16.20).

* Sl 127 Esta sábia oração divide-se em duas partes relacionadas entre si. A primeira estrofe (vs. 1,2) expressa a crença de que o esforço humano é inútil sem o concurso de Deus (um paralelo da mensagem do livro de Eclesiastes), quer se trate da edificação de uma casa, de defender uma cidade ou de ganhar a vida. A segunda estrofe (vs. 3-5) enfoca sua atenção sobre outro significado do ato de edificar, a criação de filhos. Os filhos são dádivas de Deus.

Um pai pode ser sustentado durante sua idade avançada por filhos jovens e fortes. Os filhos são o cumprimento da promessa feita a Abraão de que o povo escolhido tornar-se-ia uma grande e numerosa nação (Gn 12.1-3). O enfoque final da promessa de muitos descendentes, feita a Abraão, recai sobre Jesus Cristo. Nos dias atuais, este salmo exprime a alegria dos pais crentes, ao refletirem sobre a dádiva de filhos dados por Deus e a sua promessa feita a

eles (At 2.39).

* 127.1 não edificar a casa. A referência primária é à construção literal

de uma residência, mas na qualidade de um dos "cânticos de romagens", composto por Salomão, é natural que pensemos especificamente sobre o templo. Outrossim, à luz da segunda metade do salmo, a casa refere-se à família, tanto quanto a uma estrutura física.

em vão vigia a sentinela. Uma cidade não se faz segura mediante as suas defesas, mas pela proteção do Senhor. Este salmo relembraria os peregrinos de que Jerusalém não era um lugar de proteção e de segurança mágicas, porquanto tudo dependia do Senhor.

* 127.3 os filhos. Lit., "o fruto do ventre". Este salmo concentra sua atenção sobre os filhos, que tinham o poder de prover para seu pai em sua idade avançada, mas a segunda parte deste versículo inclui todos os filhos, homens e mulheres igualmente.

* 127.5 à porta. Os processos jurídicos formais eram efetuados na vizinhança dos portões das cidades.

* 128.1 aquele que teme ao SENHOR. Ver notas em Sl 34.7; 36.1;

119.63.

anda nos seus caminhos! Aqueles que obedecem à vontade de Deus conforme essa vontade se manifesta em sua lei.

* 128.2 Do trabalho de tuas mãos comerás. Um dos resultados da queda foi que Adão teria que trabalhar arduamente para que tivesse alimento na mesa (Gn 3.17-19). O pregador do livro de Eclesiastes foi levado ao desespero porque algumas pessoas trabalhavam, enquanto que outras, menos merecedoras, desfrutavam dos benefícios de seu labor (Ec 5.8—6.12; Is 65.22). O salmista,

porém, imaginou os justos prosperando com seu próprio trabalho, uma situação justa.

* 128.3 a videira frutífera. A videira produzia as uvas, das quais se fabrica o vinho, uma fonte de alegria para os israelitas (Sl 104.15). A bênção que uma esposa frutífera traz inclui filhos ao redor da mesa.

rebentos da oliveira. As azeitonas e o azeite de oliveira eram valiosos bens de consumo na vida da nação de Israel.

* 128.5 desde Sião. Ou seja, do templo (Sl 2.6; 50.2).

* 128.6 os filhos de teus filhos. Na antiga nação de Israel, vida longa e famílias numerosas eram uma bênção, particularmente à luz da aliança com Abraão (Gn 12.1-3).

Paz. Ver 122.6, nota.

* Sl 129 O propósito deste salmo é amaldiçoar os inimigos de Israel (vs. 58). A introdução (vs. 1-4) assevera, com plena confiança, que o Senhor, com freqüência, havia derrubado os planos malignos contra o seu povo, no passado.

* 129.1 me angustiaram. A história de Israel por muitas vezes é uma história de sofrimentos e opressão, a começar pelo período de escravidão no Egito, e continuando por todo o cativeiro babilônico.

desde a minha mocidade. Desde os primórdios da nação de Israel. A nação foi aqui personificada, falando sobre si mesma como "minha" e "me".

* 129.2 não prevaleceram contra mim. A escravidão no Egito terminou no êxodo; o exílio babilônico terminou com a volta e a restauração de Judá.

* 129.3 Sobre o meu dorso lavraram. A metáfora descreve os horrores dos sofrimentos passados de Israel.

* 129.4 cortou as cordas dos ímpios. Era como se indivíduos ímpios tivessem prendido Israel mediante cordas fortes; mas o Salvador dos israelitas os libertou.

* 129.5 Sião. Ver notas em Sl 2.6; 50.2; 128.5.

* 129.6 a erva dos telhados. A erva é uma metáfora comum para indicar

a brevidade da vida (37.2; 90.5,6; 92.7). Nos telhados as raízes superficiais e o calor do sol tornam a erva mais frágil ainda.

* Sl 130 Este salmo é um queixume de um tipo especial, visto que o autor não pediu a destruição do inimigo, mas mansamente voltou-se para Deus, pedindo o perdão de seus próprios pecados.

* 130.1 Das profundezas. A alusão é às águas profundas da tristeza, que

tinham avassalado o salmista (18.14 e notas).

* 130.3 quem... subsistirá? O salmista estava plenamente consciente de

que não existe ser humano sem pecado (Sl 53.1-3; Rm 3.9-20).

* 130.4 está o perdão. Ver 103.3; Êx 34.7; Lc 7.49; Ef 2.4,5. A percepção

sobre a misericórdia divina ajuda o coração a cultivar corretamente o "temor do Senhor”.

* 130.6 os guardas pelo romper da manhã. Essa frase expressa não

somente o intenso anelo do poeta, mas também a certeza de sua esperança.

* 130.7 espere Israel. O autor sacro agora conclamou a nação inteira

para compartilhar de seu arrependimento e esperança.

* Sl 131 Davi exprimiu profundamente sentida sua confiança no Senhor, com esta simples, clara e, no entanto, profunda oração. Este salmo expressa a confiança de um relacionamento pessoal íntimo com Deus.

* 131.1 coração... olhar... grandes coisas. Este primeiro versículo tem

uma tríplice negação de orgulho: no coração, nos olhos e nas ações.

* 131.2 como a criança desmamada. O salmista traçou um belo quadro

do perfeito contentamento e da confiança de que ele desfrutava em Deus. Ele

não era como uma criança que ainda não tivesse sido desmamada, facilmente perturbada pela fome.

nos braços de sua mãe. Deus é o Criador tanto do homem quanto da mulher. O cuidado e a proteção que são a força de uma mãe são um reflexo de um dos aspectos do próprio caráter de Deus (Pv 8; Is 66.12,13).

* 131.3 Espera, ó Israel. Tal como o Sl 130, esta oração intensamente

pessoal torna-se coletiva no fim.

* Sl 132 Temos aqui um lamento pedindo a Deus que salvasse o rei (vs. 1,6-9). O salmo alicerça essa petição na aliança de Deus com Davi (vs. 10-12; cf. 2Sm 7 e Sl 89) e na escolha de Sião como uma

revelação da presença terrena de Deus (ver Sl 46; 48 e 76). Visto que os vs. 8-10 são citados na oração de Salomão (2Cr 6.41,42), é possível que esse tenha sido o tempo da composição do salmo presente. Após o período da monarquia hebraica, a referência ao Messias, no livro de Salmos, vai-se tornando cada vez mais clara.

* 132.1 de todas as suas provações. Os livros históricos registram as

dificuldades enfrentadas por Davi, ao buscar servir fielmente ao Senhor. Em sua mocidade, ele teve de fugir de Saul; em sua maturidade, ele teve que enfrentar tribulações em seu governo, notavelmente a rebelião encabeçada por Absalão.

* 132.2 fez votos. O voto de Davi emprestou ao templo e à adoração no

mesmo a mais elevada prioridade. O cumprimento desse voto fica implícito nos vs. 6-9, quando Davi ordenou que a arca da Aliança fosse removida de Quiriate-Jearim e trazida para Jerusalém (1Cr 13.6).

* 132.3 Não entrarei na tenda em que moro. De modo semelhante aos

seus sentimentos, registrados em 2Sm 7, Davi se sentiu mal por ter uma lugar de habitação confortável, enquanto que a arca da Aliança, o principal símbolo da presença de Deus, ainda continuava abrigada no tabernáculo.

* 132.6-9 A arca chega ao seu lugar apropriado.

* 132.6 em Efrata. Isto é, Belém.

No campo de Jaar. Quiriate-Jearim (1Cr 13.1-14).

* 132.7 o estrado de seus pés. Uma maneira comum de referir-

se alguém à arca da Aliança. O Senhor revela-se entronizado por cima da arca, descansando sobre ela os seus pés.

* 132.8 Levanta-te, SENHOR. Ver Sl 3.7; 7.6.

* 132.10 Por amor de Davi, teu servo. O clímax deste salmo é um

apelo, feito ao Senhor, para que este abençoasse o descendente de Davi que estava governando no trono. Deus havia prometido a Davi que seus descendentes governariam após ele (2Sm 7.11-16). Embora a linhagem de Davi tenha sido interrompida, as promessas de Deus não ficaram sem cumprimento. Jesus, o Filho maior de Davi, cumpriu a aliança com Davi, e assim, não é para nos surpreendermos que este salmo tenha sido entendido messianicamente pela Igreja primitiva (cf. Lc 1.32; At 2.30).

* 132.11 farei subir para o teu trono. Uma alusão a 2Sm 7.11-16.

*** 132.12 Se os teus filhos guardarem a minha aliança. Havia um**

elemento condicional na aliança com Davi. Seus descendentes físicos só governariam com sucesso em Jerusalém se fossem obedientes ao pacto.

* 132.13 Sião. Ver notas em Sl 2.6; 50.2.

*** 132.14 Este é para sempre o lugar do meu repouso. Deus**

escolheu a Sião e fez com que o templo fosse construído ali, como o reflexo terreno de sua residência celeste. Nesse sentido, o templo era seu palácio, de onde ele governava o mundo.

* 132.15 Abençoarei. Como um rei generoso, o Senhor cuidará do

povo de Israel, seus súditos, dando atenção especial aos destituídos (9.18, nota; Dt 28.1-14).

* 132.17 a força de Davi. Um símbolo de força política (92.10, nota).

uma lâmpada. Ver 1Rs 11.36.

* Sl 133 Nesse "cântico das romagens", "viverem unidos" refere-se

ao relacionamento entre os crentes, ao adorarem o Senhor no monte Sião. Através de Jesus Cristo, o Novo Testamento inclui com eles, povos provenientes de todas as regiões do mundo (Jo 10.16; Rm 1.5; 15.16; Ef 2.1122).

* 133:Título De Davi. Os próprios filhos de Davi não viviam em unidade, mas combatiam entre si amargamente — Amnom contra

Absalão, e Adonias contra Salomão.

* 133.1 os irmãos! Este termo pode referir-se a membros de uma mesma família, mas aqui, como é provável, refere-se a companheiros tribais e nacionais, ao se unirem em adoração.

* 133.2 É como o óleo precioso. A primeira símile refere-se à unção de Arão, o sumo sacerdote. Uma mistura especial e exclusiva de óleos (Êx 30.2233) era derramada com abundância, correndo pela sua barba abaixo e até suas vestes sagradas. Por igual modo, a unidade do povo de Deus é um rico perfume que torna a adoração deles agradável ao Senhor (Rm 15.6).

* 133.3 o orvalho do Hermom... os montes de Sião. O Hermom é um monte majestoso nas fronteiras do norte de Israel, conhecido por sua pesada precipitação de orvalho refrescante. O gotejar do líquido significava que Deus dava a bênção da unidade — por meio do dom do Espírito Santo.

Ali. No lugar onde essa unidade se encontrasse.

* Sl 134 Esta breve conclusão dos "cânticos de romagens" se compõe de uma chamada à adoração (vs. 1,2), seguida por uma bênção (v. 3). Muitos tomam os dois primeiros versículos como uma exortação dos adoradores que partiam, aos sacerdotes, para que cuidassem do recinto do templo à noite. Em resposta, os sacerdotes abençoavam a congregação. Este salmo serve de lembrete de que o louvor a Deus é uma atividade contínua, e não apenas momentânea (cf. 1Ts 5.16,17).

* 134.1 servos do SENHOR. Sacerdotes ou levitas que cuidavam do

templo, à noite.

na Casa do SENHOR. O templo. Ver nota em Sl 2.6.

* 134.3 De Sião. O monte sobre o qual fora construído o templo de

Jerusalém.

* 135.1 Aleluia! No hebraico, *halluyah.* Essa frase abre e encerra (v. 21)

este salmo com louvor.

o nome. Ver Sl 8.1.

servos. A referência mais provável é aos sacerdotes e levitas que serviam na área do templo. Apesar de que alguns eruditos têm dito que a palavra "servos" nunca é usada de maneira assim restrita, as duas frases seguintes parecem limitar a referência ao pessoal do templo.

* 135.4 escolheu para si. O Senhor escolheu Israel para si mesmo por

motivo de seu amor incondicional, e não por causa de qualquer mérito que Israel tivesse (Dt 7.7-11).

para sua possessão. Deus exaltara os humildes e os tornara grandes diante de seus olhos.

* 135.5 está acima de todos os deuses. As nações estrangeiras não

podiam imaginar um deus como o Senhor (113.4, nota).

* 135.6 no mar. Uma referência especial é feita aos mares, visto que,

culturalmente, os mares representavam as forças do caos no antigo Oriente Médio (18.4,15 e notas). Mas é o próprio Deus quem controla o mar.

* 135.7 os relâmpagos para a chuva. O controle de Deus sobre a

tempestade pode ser uma resposta aos cananeus ou aos israelitas que ousassem atribuir o poder da tempestade a Baal (Sl 29, e notas).

* 135.8 os primogênitos no Egito. O ponto culminante das dez pragas

que Deus usou para conquistar a liberdade para o seu povo (Êx 11).

* 135.11 Seom... Ogue. Reis cananeus que se opuseram a Israel

durante seu tempo no deserto, sob o comando de Moisés (Nm 21.21-35).

* 135.15 Os ídolos das nações. As nações em redor do território de

Israel adoravam seus deuses por meio de estátuas de madeira e de metais preciosos. O salmista, à semelhança de Isaías (Is 44), ridicularizou essa prática. Esse é um exemplo rude e absurdo de tomar-se um pedaço da criação e exaltar esse pedaço acima do Criador (Rm 1.21-23).

* 135.18 Como eles se tornam. Os pagãos faziam seus deuses

segundo a própria imagem deles. Os que servem tais deuses tornam-se semelhantes a eles, débeis e desprezíveis. Ver Is 44.9-20; Rm 1.22-25.

* 135.19 casa de Arão. Os sacerdotes. Ver Sl 115.9-11 quanto a

uma progressão semelhante.

* Sl 136 Este salmo é uma liturgia antifonal com um memorável refrão: "Porque a sua misericórdia dura para sempre". Um sacerdote

ou solista cantava a primeira parte de um verso, e a congregação respondia com o refrão. A realização da liturgia sem dúvida era poderosa e comovente, quando o

sacerdote adicionava exemplo após exemplo de motivos para se louvar a Deus.

* 136.1 sua misericórdia dura para sempre. A misericórdia de Deus é a

sua devoção ao seu povo, com quem ele está livremente vinculado mediante o compromisso de sua própria graça, em sua aliança. Ver nota teológica "Deus É Amor: Bondade e Fidelidade", índice.

* 136.5 com entendimento. A sabedoria de Deus está associada à

criação (Pv 8).

fez os céus. Esta seção medita sobre a criação divina, segundo o relato de Gn 1.

* 136.7 os grandes luminares. O sol e a lua (vs. 8,9).

* 136.10 o Egito nos seus primogênitos. A décima e mais terrível

das pragas anteriores ao êxodo (Êx 11).

*** 136.13 separou em duas partes o mar Vermelho. Êx 14 e 15.**

* 136.19,20 Seom... Ogue. Ver 135.11 e nota.

* 136.23 se lembrou de nós. Este salmo torna-se pessoal, aplicando a salvação de Deus ao presente. Deus continua operando conforme operou no passado, para salvar o seu povo das aflições.

* 136.24 dos nossos adversários. Esses inimigos não

são especificados, o que permite a fácil aplicação deste salmo a todas as gerações.

* Sl 137 Dentre todos os salmos, provavelmente este é o mais claramente relacionado a um evento histórico, o exílio de Judá para a Babilônia, no século VI a.C. Há evidências em conflito sobre se este salmo foi composto durante o exílio ou imediatamente em seguida (v. 1, nota). O desespero experimentado

no exílio é eloqüentemente expresso paralelamente à ira contra o inimigo (vs. 7-9).

*

137.1 margens dos rios da Babilônia. Estão em pauta os rios Tigre e

Eufrates, bem como numerosos canais que fluíam perto da cidade de Babilônia, e distantes de Sião e do templo.

nós nos assentávamos... e chorávamos. Essas palavras exprimem o profundo desespero causado pela deportação e pelo exílio.

Sião. Ver Sl 2.6; 50.2; 65.1; 74.2; 128.5; 129.5.

* 137.2 as nossas harpas. Instrumentos de alegria. Após alcançar

alguma vitória, Israel reagia por meio de canções (Êx 15; Jz 5). Nas derrotas, porém, a música cessava e se fazia silêncio (Is 24.8,9).

*** 137.3 aqueles que nos levaram cativos. Os babilônios.**

algum dos cânticos de Sião. Esses são hinos tais como os Sl 46 e 48, que falam sobre a grandeza de Sião e de Jerusalém. Estando Jerusalém destruída, os babilônios ridicularizavam de seus cativos.

* 137.5 que se resseque a minha mão direita. Como tocar a harpa? Se

o salmista não pudesse cantar sobre Jerusalém, ele não cantaria de maneira alguma.

* 137.6 à minha maior alegria. Agora que Cristo já veio, não há nenhum

lugar santo especial; mas durante o período dos salmos havia apenas um lugar — Sião. Simbolicamente, Jerusalém representava a cidade de Deus, composta de todos os crentes (Gl 4.26; Ap 21.9-27). Para os exilados, não somente sentimentos religiosos, mas também sentimentos políticos e culturais eram evocados por pensamentos sobre a terra natal dos israelitas.

* 137.7 Contra os filhos de Edom, lembra-te. Obadias testificou sobre a

hostilidade e o coração calejado dos edomitas, quando Jerusalém caiu diante dos babilônios.

* 137.8 Filha da Babilônia. Uma personificação da nação da Babilônia.

* 137.9 e esmagá-los contra a pedra. Ver Is 13.16; Os 13.16; Na 3.10.

Quanto a esse grito de justiça retributiva, ver Introdução: As Maldições dos Salmos.

* Sl 138 Os próximos oito salmos são atribuídos a Davi.

* 138.1 na presença dos poderosos. Ver a introdução a Sl 82.

* 138.3 clamei, tu me acudiste. Essa era a força motivadora por detrás

das ações de graça de Davi. Deus responde às orações.

* 138.4 todos os reis da terra. Davi sabia que seu louvor individual

era

indigno da grandeza de Deus. Ele imaginou todos os governantes do mundo invocando o Senhor. Isso nunca aconteceu durante o período do Antigo Testamento; se houve algo foi a oposição dos reis da terra a Deus (Sl 2 e 48). Após a vinda de Cristo, o evangelho foi propalado a todas as nações (nota sobre 133:Título). No fim, porém, durante o estado eterno, todos os reis da terra trarão sua glória à Nova Jerusalém (Ap 21.24).

* 138.6 atenta para os humildes. Deus cuida deles e satisfaz os

mesmos em suas necessidades.

* 138.7 em meio à tribulação. Essa tribulação é geral, capacitando os

adoradores posteriores a aplicarem facilmente esse pensamento às suas próprias condições.

a tua destra. Ver Sl 74.11.

*** 138.8 a tua misericórdia. Ver o v. 2.**

* Sl 139 Este salmo é a oração de uma pessoa que invoca a Deus, declarando-se inocente de todas as acusações. Com esse propósito em mente ele medita sobre o caráter de Deus, explorando a sabedoria de Deus, a sua onisciência e a sua grandeza como o Criador.

* 139.1 tu me sondas e me conheces. Compare o leitor o apelo nos vs.

23 e 24. Ele é o Deus que tudo sabe, que tem uma compreensão íntima do salmista, como de toda a sua criação.

* 139.2 penetras os meus pensamentos. Deus é onisciente. Os

pensamentos podem ser a área mais particular de nossa vida, mas não podem ser ocultados do Senhor (1Cr 28.9; Jr 17.10; Jo 2.25).

*** 139.4 Ainda a palavra me não chegou à língua. Deus sabia do**

pensamento de Davi antes que ele falasse. Eis por que podemos orar a Deus em silêncio, em nossos pensamentos. Ver "Deus Vê e Conhece: Onisciência Divina", índice.

* 139.5 Tu me cercas. O Senhor estabelecera os seus limites em torno

dos atos do salmista.

põe a mão. A fim de guiá-lo na vida.

* 139.7 teu Espírito... tua face? A presença pessoal de Deus está em

todos os lugares da criação. O pensamento por detrás dessas perguntas retóricas é que não havia lugar para onde o salmista fosse, que estivesse fora da visão de Deus. Jonas aprendeu essa lição quando tentou fugir da comissão divina de pregar aos ninivitas. Ver "A Natureza Espiritual de Deus", índice.

*** 139.8 aos céus... no mais profundo abismo. O salmista expressa a**

onipresença de Deus através de uma série de contrastes. O primeiro contraste é espacial — Deus está no céu; e sua presença chega ao "inferno" (o "mais

profundo abismo"), que aqui é tradução do termo hebraico *sheol,* "o sepulcro" (6.5 e nota). Não obstante, a esperança de vida para além do sepulcro brilha por todo o salmo (v. 10).

*** 139.9 as asas da alvorada... nos confins dos mares. Uma expressão**

poética que significa de leste para oeste, ou seja, em qualquer parte da terra.

* 139.10 me haverá de guiar. Não é meramente que Deus veria o

salmista onde quer que ele fosse: mas ele estaria ali para guiá-lo e sustentá-lo também. Ver "Onipresença e Onipotência", índice.

a tua destra. Ver Sl 73.23-26; 74.11; 138.7.

* 139.13 tu formaste o meu interior. O conhecimento de Deus

sobre o escritor remonta até antes mesmo de seu nascimento, até o momento de sua concepção, quando o Senhor criou a existência pessoal do salmista.

*** 139.14 por modo assombrosamente maravilhoso me formaste.**

Tais obras incluem a criação do escritor e de todo outro ser humano. A maravilha da criança que se desenvolve no ventre materno redunda em louvores ao Criador.

* 139.15 no oculto. No ventre materno.

nas profundezas da terra. Aqui temos uma metáfora que indica o ventre materno.

*** 139.16 os meus dias... escrito e determinado. A preparação**

divina dos dias do poeta não esperou pela passagem do tempo. Ele se regozijou diante do curso divinamente predeterminado para a sua

vida.

* 139.17 Que preciosos para mim. A incompreensível

grandiosidade do conhecimento de Deus avassalava o salmista. Saber que

alguém tão grande conhecia-o tão intimamente foi uma fonte de consolação para Davi.

* 139.19 apartai-vos, pois, de mim. O salmista queria distanciar-se

dos ímpios, porquanto ele estava aliado com Deus.

* 139.23 Sonda-me... conhece... prova-me. O salmista confiava em

Deus e convidou-o a sondar seus pensamentos e sentimentos mais íntimos (v. 1). E em seguida, submeteu-se à correção e orientação de Deus.

* Sl 140 Este salmo exprime uma queixa e, caracteristicamente, o

salmista volta-se no fim para Deus, com confiança (vs. 12 e 13).

* 140.2 vive forjando contendas. Compreendida literalmente, essa linguagem sugere que o pano-de-fundo original do salmo era a guerra. Provavelmente, a linguagem é figurada, como a referência à caça, no v. 5.

* 140.3 têm veneno de áspide. O adversário, mediante maledicência e calúnia, planejou cuidadosamente a destruição do escritor.

* 140.7 no dia da batalha. Ver o v. 2, nota. O salmista relembra Deus de que ele tinha sido o seu protetor.

* 140.9 a maldade dos seus lábios. O salmista solicita de Deus que faça voltar-se contra os seus perseguidores o mal que eles

arquitetavam para ele (7.14-16, notas).

* 140.10 sejam atirados ao fogo. Ver Introdução: Características e Temas.

* 140.12 manterá a causa do oprimido. Ver 9.18, nota; 72.4.

* 141.2 como incenso... como oferenda vespertina. Essa símile vem da adoração sacrifical do antigo povo de Israel e sugere que o salmo foi posto

dentro daquele contexto. O incenso era valioso e agradável ao Senhor (Êx 30.34-38), e o salmista orou para que suas orações também fossem recebidas favoravelmente. Em Ap 8.3-5, um anjo transportou as orações dos santos, juntamente com o incenso, até ao trono de Deus.

* 141.3 Põe guarda... à minha boca. O escritor previu que seria tentado a falar sem sabedoria, e assim mostrou uma humildade franca, pedindo a Deus que o detivesse.

* 141.4 se incline para o mal. Que indicasse qualquer transigência.

* 141.5 Fira-me o justo. Uma pessoa sábia aceita a correção; a pessoa que se recusa a ouvir será, finalmente, destruída (Pv 29.1; Hb 12.1-13).

* 141.9 dos laços. Um símbolo da caça; ver nota em Sl 140.5.

*** 141.10 Caiam... nas suas próprias redes. Ver 7.14,15 e nota.**

* Sl 142 Este salmo é a queixa de alguém que chegara ao fim de seus próprios recursos.

* 142:Título Quando estava na caverna. Excetuando neste caso, os títulos históricos dos salmos são encontrados somente nos dois primeiros livros do saltério.

* 142.3,4 me esmorece o espírito. O salmista estava exausto de tanto sofrer perseguições.

* 142.4 Olha à minha direita. O lugar onde se esperaria encontrar um auxiliar para o salmista; mas ele queria que Deus visse que não havia ninguém ao seu lado (16.8; 110.5; 121.5).

* 142.7 Tira a minha alma do cárcere. De conformidade com o título, a referência é à caverna onde Davi se escondia (57:Título). No uso posterior, a

prisão podia ser qualquer situação que mantivesse uma pessoa cativa, incluindo um cárcere literal.

os justos me rodearão. Davi aguardava o tempo em que Deus estaria com ele, e ele não mais estaria sozinho.

* Sl 143 Este cântico é o últimos dos "salmos penitenciais" (Introdução ao Sl 6). A nota de arrependimento é vista no v. 2, que pode ter sido aludida por Paulo (Rm 3.20; Gl 2.16). Os Sl 142 e 143 são ambos apelos a Deus para que o ajudasse no meio da tribulação, quando não havia mais recursos dos quais o salmista pudesse depender.

* 143.1 tua fidelidade... tua justiça. O salmista apela à natureza e ao

caráter de Deus.

* 143.2 não há justo nenhum vivente. Davi havia aquilatado o seu

próprio coração à vista de Deus, e tinha aprendido que nenhum ser humano pode pretender ser justo diante do tribunal do juízo divino.

* 143.4 dentro de mim esmorece o meu espírito. Ver nota em Sl 142.3.

* 143.5 Lembro-me. Ver nota em Sl 44.1; cf. Sl 77.3,11; 111.4

* 143.7 como os que baixam à cova. Ou seja, como os que morrem (Ez

26.20).

* 143.8 Faze-me ouvir. O salmista não somente desejava livramento —

ele queria a orientação divina. Ele sabia que somente enquanto andasse no caminho do Senhor é que ele viveria em segurança.

da tua graça. O amor da dedicação pactual de Deus para com o seu povo.

pela manhã. O salmista apresentou esta oração durante a noite, ou então de madrugada, na esperança que a resposta de Deus viesse saudá-lo ao amanhecer.

*** 143.11 por amor do teu nome. Ver Sl 8.1.**

* Sl 144 Este salmo tem como pano-de-fundo um conflito (v. 11); mas o escritor não entrou em pânico ao invocar pelo aparecimento do Senhor. A linguagem usada por Deus em sua aparição é semelhante à do Sl 18, também composto por Davi. A linguagem própria de uma batalha aplica-se figuradamente à guerra espiritual que os crentes têm que desfechar contra "as hostes espirituais da maldade" (Ef 6.10-20).

* 144.1 rocha minha. Ver notas em Sl 62.2; cf. Sl 28.7; Dt 32.18; Êx 17.6.

me adestra as mãos para a batalha. A associação de Deus com a guerra pode ser uma pedra de tropeço para estimarmos o Antigo Testamento. Quanto a esse ponto, porém, não há nenhum conflito entre o Antigo e o Novo Testamentos. No caso dos crentes, a guerra

do povo de Deus tem sido intensificada e aumentada, pois a guerra deles é contra os inimigos espirituais em ordem de combate contra Deus e contra eles mesmos, por causa do Senhor (Ef 6.10-20).

* 144.2 minha misericórdia e fortaleza. A Bíblia não apresenta qualquer

conflito entre o amor de Deus e as suas guerras.

quem me submete. Davi e outros reis posteriores e fiéis.

* 144.3 que é o homem. Ver Sl 8.4.

* 144.4 é como um sopro. A vida do homem é efêmera e de curta

duração. Essa palavra é traduzida por "vaidade" em Ec 1.2. O poeta admirava-se de Deus cuidar dele.

* 144.5 e fumegarão. Quando Deus aparece, a natureza estremece na

sua presença (Êx 19.16-19).

* 144.7 das muitas águas. Os adversários do salmista são comparados

ao conceito popular no Oriente Médio sobre as águas cósmicas do caos (18.4,14 e notas).

* 144.9 novo cântico. Ver nota em Sl 33.3.

* 144.11 do poder de estranhos. A ameaça vinha de fora de Israel.

*** 144.12 Que nossos filhos... e nossas filhas. Quando fossem**

forçados a recuar os estrangeiros opressores, a próxima geração haveria de florescer.

* 144.14 não lhes haja rotura. O poeta imagina completa

segurança contra as ameaças militares vindas de fora.

* Sl 145 O salmista conduz o povo de Israel no louvor ao Senhor.

Este poema é o primeiro de seis hinos que encerram o saltério como se fossem uma exibição de fogos de artifício. Este salmo é um acróstico, onde cada linha paralela começa com uma letra consecutiva do alfabeto hebraico. Mas uma letra (nun) está em falta aqui, talvez um erro de copista.

* 145.1 ó Deus meu e Rei. Ver nota em Sl 93.1.

* 145.3 insondável. O poder e a força de Deus são tão grandes que as

mentes humanas finitas são incapazes de compreendê-los plenamente. Este versículo ensina-nos a doutrina da natureza incompreensível de Deus. As pessoas podem ter uma compreensão verdadeira de Deus, mas nunca uma compreensão total ou completa.

* 145.4 Uma geração louvará a outra. Ver Sl 78.4. Os pais tinham o

dever de apresentar a seus filhos os caminhos do Senhor (Dt 6.20-25).

* 145.5 tua majestade... tuas maravilhas. Deus é grande

que ele é e quanto àquilo que ele faz.

* 145.8 Benigno... é o SENHOR. As palavras constantes

ocorrem várias vezes por todas as Escrituras, começando em Êx 34.6.

misericordioso... de grande clemência. O fato que Deus permite que as pessoas continuem a viver, a despeito de seus profundos pecados. O amor da devoção de Deus por seu povo, segundo a aliança.

* 145.10 Todas as tuas obras. Ver "Revelação Geral", índice.

* 145.11 teu reino. A revelação de Deus como o Rei que governa o

seu reino enfatiza seu poder soberano e seu controle sobre a sua criação.

*** 145.13 O teu reino é o de todos os séculos. Deus é eterno, e o**

seu reino nunca será destruído. Ver a confissão de Nabucodonosor, em Dn 4.34.

* 145.14 sustém os que vacilam. Deus mostra-se compassivo para

com os fracos e restaura os que erram (9.18, nota; 72.4).

* 145.16 a todo vivente. Deus concede dádivas a todas as suas

criaturas, pessoas ou animais, santos ou pecadores.

* 145.18 de todos os que o invocam. Embora Deus seja bondoso

para com toda a sua criação, este salmo especifica aqueles que o amam e se voltam para ele.

* 145.19 dos que o temem. Ver notas em Sl 34.7; 36.1.

* Sl 146 Os últimos cinco salmos são hinos marcados por gritos

iniciais e finais de "Aleluia!", que caracterizam sua atitude geral.

* 146.1 ó minha alma. Ver nota em Sl 103.1.

* 146.3 em príncipes. Alguns eruditos acreditam que esta referência é a

reis estrangeiros, que governaram Judá após o exílio babilônico, no século VI a.C. Entretanto, houve tempos anteriores quando os filhos de Israel colocaram erroneamente a sua confiança em governantes nativos (1Sm 8).

*** 146.5 Bem-aventurado. Ver Sl 1.1**

por seu auxílio. Deus é o único capaz de ajudar os que estão em aflição. Este versículo provê o tema do salmo, e os versículos que se seguem descrevem seu poder e sua compaixão.

* 146.6 que fez. O papel de Deus como Criador é destacado para

enfatizar o seu poder.

o mar. Ver Sl 24.2.

*** 146.7 aos oprimidos... aos que têm fome. Ver 9.18; 72.4.**

* 146.9 transtorna o caminho dos ímpios. Embora Deus promova a

causa dos fracos, ele resiste aos orgulhosos e abusivos.

*** 146.10 reina para sempre. Ver Sl 93.1.**

ó Sião. Ver 2.6, nota; 50.2; 74.2; 84.7; 128.5; 129.5; 137.6.

Aleluia! Ver o v. 1.

* Sl 147 Este salmo faz parte da grande doxologia com que o

saltério termina. O Senhor é louvado por ter permitido a reconstrução de Jerusalém. O salmo provavelmente foi composto durante o período de restauração de Judá, após o cativeiro babilônico do século VI a.C. (Ne 12.27-

47). Tal como em Sl 146, o poder de Deus é radicalmente contrastado com o poder humano.

* 147.1 fica-lhe bem. Dessa maneira o poeta encorajou a congregação a louvar ao Senhor.

* 147.2 congrega os dispersos. Ver a introdução a este salmo.

* 147.4 Conta o número das estrelas. O número das estrelas parece ser infinito. Cf. Gn 15.5.

* 147.5 o seu entendimento não se pode medir. Deus está acima e além da inteligência humana. Não existe medida que possa medir a infinitude.

* 147.8,9 nuvens... chuva... erva... alimento. Deus regula todos os processos que provêem alimentos para as suas criaturas.

* 147.10 nos músculos do guerreiro. Deus não julga a pessoa por

sua força ou aparência física, mas segundo as atitudes de seu coração para com ele (1Sm 16.7). Boa musculatura, tal como bons cavalos, eram importantes para os soldados.

* 147.11 dos que o temem. Ver notas em Sl 34.7 e 36.1.

sua misericórdia. O amor pactual de Deus por seu povo.

* 147.13 as trancas das tuas portas. Os portões proviam

segurança para a cidade; note o leitor o que acontecia quando esses

portões eram fracos (Na 3.13).

* 147.14 o melhor do trigo. Representante de fertilidade e

alimentos.

* 147.15 sua palavra corre velozmente. Ela obtém imediatamente

o seu propósito.

* 147.19 as suas leis e os seus preceitos. Deus guiava Israel no

caminho próprio da conduta coletiva.

* 147.20 Aleluia! Ver o v. 1.

* Sl 148 A convocação para o louvor assume propriedade sobre as

razões para o louvor. A exortação inicial foi na direção do céu (vs. 1-6), a segunda, na direção da terra (vs. 7-12), e a última, na direção do povo escolhido de Deus (vs. 13 e 14).

* 148.1 dos céus. Os céus são normalmente descritos como contendo

diferentes níveis, embora os detalhes nunca sejam mencionados na Bíblia (cf. 2Co 12.2). O mais elevado céu não é capaz de conter Deus (1 Rs 8.27), mostrando-nos que a transcendência de Deus não pode ser aquilatada.

*** 148.4 águas... acima do firmamento. Ver Gn 1.7.**

* 148.5 e foram criados. Ver sobre os seis dias da criação em Gn 1; e

também a nota teológica "Deus, o Criador", índice.

* 148.7 da terra. Essa idéia foi elaborada nos versículos seguintes

enquanto diferentes partes da criação são convocadas para louvarem a Deus.

monstros marinhos. O mar era uma fonte de fascínio especial e de receio para os israelitas. Com freqüência, ele representa tudo quanto se opõe a Deus e à sua ordem criada (18.4,15, notas). A grandeza de Deus fica demonstrada por ele requerer deles o louvor.

* 148.11 reis da terra. Este salmo proclama que um louvor universal

é devido ao Senhor (138.4, nota).

* 148.13 o nome do SENHOR. Ver Sl 8.1.

* 148.14 o poder. Lit., "chifre". O chifre simboliza a força e o vigor da

nação como um todo, ou do rei em particular. Ver 92.10, nota.

povo que lhe é chegado. Ver Dt 7.7-11.

* Sl 149 A referência ao "novo cântico" (v. 1) e a linguagem marcial dos vs. 6-9, sugerem que o cântico foi inicialmente entoado em celebração a certa vitória obtida em batalha. Quanto à guerra, ver 144.1, nota.

* 149.1 Aleluia! Ver nota em Sl 146.1. Note a frase paralela, no v. 9. novo cântico. Ver nota em Sl 33.3.

* 149.2 no seu Criador... no seu Rei. Deus trouxe Israel à existência como uma nação no êxodo do Egito e no deserto do Sinai, e agora governava sobre eles. Esses acontecimentos proviam amplas razões para Deus ser adorado.

filhos de Sião. Ver nota em Sl 2.6.

* 149.3 com flauta... com adufe e harpa. O salmista convidou o povo de Israel a celebrar ao Senhor ativamente, com entusiasmo e alegria.

* 149.5 no seu leito. Os filhos de Israel podiam adorar a Deus em todo o tempo; em público e em particular.

* 149.7 para exercer vingança entre as nações. Deus usa o seu povo para impor juízo sobre as nações. O mais notável exemplo, extraído da história bíblica, foi o julgamento imposto aos povos cananeus nos dias de Josué.

* 149.9 Aleluia! Ver o v. 1.

* 150.1 Aleluia! Ver Sl 146.1. Note o leitor o encerramento paralelo no v.

6.

no seu santuário... no firmamento, obra do seu poder. Era nesses locais que a adoração se enfocava.

*** 150.2 seus poderosos feitos... a sua muita grandeza. Este versículos**

oferecem-nos razões que mostram por que Deus deve ser adorado.

*** 150.3-5 trombeta ... saltério ... harpa... adufes e danças...**

instrumentos de cordas e com flautas... com címbalos sonoros. Uma

notável lista de instrumentos musicais para os louvores de Deus. Ver "A Música na Igreja", índice.

* 150.6 Todo ser que respira. Ver Gn 2.7. A vida pode ser representada

na respiração. A respiração também é o meio da fala, da oração e do louvor.

Aleluia! Ver o v. 1.

Provérbios

* 1.1 Provérbios. A palavra hebraica correspondente a "provérbios" tem uma série de significados, mas usualmente é aplicada a um aforismo ou máxima, dentro de um contexto de sabedoria. O prólogo (1.1-7) aplica-se ao livro inteiro e à variedade de ditos de sabedoria que ele contém, todas elas classificadas genericamente como "provérbios".

Salomão. Embora Salomão tenha escrito muitos provérbios (1 Rs 4.32), as palavras de outros sábios que não eram de Salomão estão aparentemente incluídas sob esse título (p.ex., Agur, 30.1; e Lemuel,

31.1). Até mesmo nos materiais atribuídos a Salomão, algo que não foi de uma autoria direta pode ter sido incluído. As raízes das tradições proverbiais na experiência popular tornam improvável que Salomão tenha sido o originador exclusivo de todos os provérbios que ele deixou registrados por escrito (Introdução: Autor).

* 1.2-4 Temos aqui uma referência explícita ao propósito que há por detrás desta coletânea, a qual sugere alguma espécie de uso educacional que estava sendo feito de tal material, embora não seja forte a evidência a favor da existência de escolas de sabedoria em Israel.

*1.2 a sabedoria. O propósito do livro de Provérbios é guiar o

leitor à sabedoria, um vocábulo com muitas nuances. Está relacionado ao intelecto e ao controle do comportamento humano. Essa é uma maneira de pensar sobre a realidade que capacita alguém a seguir o que é bom na vida. Através da sabedoria, Deus revela quais são os valores da vida e como podem ser alcançados.

o ensino. Esta palavra sugere a disciplina moral e intelectual. Com freqüência indica o aprendizado da sabedoria.

palavras de inteligência. Ou seja, discernimento, a capacidade de ler entre as linhas e fazer distinções corretas.

* 1.3 a justiça, o juízo, e a eqüidade. Esses termos podem ser

usados em contextos religiosos e éticos, bem como nos negócios temporais.

Às vezes, a sabedoria bíblica parece envolver-se em questões deste mundo, mas sempre o faz dentro do arcabouço do desígnio divino para a ordem criada.

* 1.4 prudência. Ou seja, a perspicácia.

aos simples. Essas palavras têm como paralelo, no mesmo versículo, "aos jovens". Refere-se a algum jovem sem tutores e inexperiente, e não àqueles destituídos de capacidades intelectuais. A sabedoria é uma questão de piedade prática.

bom siso. Essa palavra sugere tomar decisões corretas com entendimento.

* 1.5 cresça em prudência. A sabedoria estava institucionalizada na

cultura antiga na qual os sábios convocavam as pessoas para aumentar a sabedoria deles. Sucessivas gerações deveriam aprender das gerações anteriores (v. 8). Note a típica estrutura paralela deste versículo na qual frases quase sinônimas são reunidas.

habilidade. A palavra hebraica, usada somente nos livros de Provérbios e de Jó, significa guiar, orientar ou dirigir. Ela torna clara a importância dos corretos pensamentos e a experiência na tomada de decisões.

* 1.6 Esses diferentes termos podem ser usados como

sinônimos, como em Hc 2.6, mas é provável que aqui sejam formas distintas de ditos de sabedoria, tendo como característica comum um enigma que desafia o intelecto (1.1, nota).

parábolas. As parábolas de Jesus são um tanto diferentes daquilo que se vê no livro de Provérbios, embora exibam a influência da literatura de sabedoria. Temos aqui, provavelmente, um amplo mas identificável tipo de literatura de sabedoria. A palavra é usada para a indicação do enigma de Sansão (Jz 14.12-

19), de uma alegoria (Ez 17.2) e das declarações usadas para testar a Salomão (1Rs 10.1).

*1.7 O temor do SENHOR. Essa idéia é o princípio

controlador

de Provérbios, e é uma antiga e decisiva contribuição israelita para a inquirição humana pelo conhecimento e pelo entendimento. O temor do Senhor é a única base do verdadeiro conhecimento. Esse "temor" não consiste em um terror desconfiado de Deus, mas antes, é o respeito e a adoração reverentes como resposta de fé ao Deus que se revela como Criador, Salvador e Juiz.

Embora o relacionamento pactual de Israel com Deus receba pouca atenção em Provérbios, é significativo o uso do nome divino associado mais de perto com a aliança, o SENHOR (no hebraico, *Yahweh,* Êx 3.15; 6.3 e notas). Isso indica que a aliança redentora de Deus com seu povo e a revelação especial que a acompanha são fundamentais para a verdadeira sabedoria. No livro de Deuteronômio, "temor do Senhor" significa viver segundo as estipulações da aliança, em grata resposta à graça remidora de Deus (Dt 6.2,24). Mais tarde, o templo erigido por Salomão tornou-se a expressão visível do relacionamento pactual de Israel com o Senhor, o que, novamente, é descrito como o "temor do Senhor" (1 Rs 8.40,43). Há um elo importante através de Salomão e do templo entre a sabedoria e a teologia da aliança, encontrada em outras partes no Antigo Testamento.

é o princípio do saber. Ver também 2.4-6; 9.10; 15.33; Jó 28.28; Sl 111.10. O hebraico aponta ou para o ponto inicial do conhecimento, ou para o seu princípio básico e normativo. Esta última possibilidade está em foco aqui. Enquanto que, em sua graça comum, Deus capacita os incrédulos a saberem muito sobre o mundo, somente o temor do Senhor capacita o indivíduo a saber o que alguma coisa significa, em última análise. Dependendo desse entendimento, a sabedoria persegue a tarefa de refletir na experiência humana. Ver "A Sabedoria e a Vontade de Deus", em Dn 2.20.

* 1.8,9 A forma de instrução da literatura de sabedoria, no antigo Oriente

Médio, tipicamente começa com uma chamada para que se preste atenção. Pai e mãe estavam ambos envolvidos na instrução do lar.

* 1.8 o ensino. Ver a nota em 3.1.

* 1.9 diadema de graça... colares. Essas metáforas retratam o

efeito da sabedoria para embelezar a vida do indivíduo.

* 1.10-19 Esses versículos compõem outra unidade na forma da

instrução. É possível que essa forma tenha sido um instrumento de ensino na educação mais formal, aquela efetuada fora do lar, no qual os sábios ensinavam os seus alunos. As cláusulas condicionais, ou frases com um "se" (vs. 10, 11), indicam as situações às quais se aplicam essa sabedoria. A ordem do v. 15 é apoiada pelas razões dadas nos vs. 16-19.

* 1.12 o abismo. O reino da morte é descrito aqui como pronto para tragar as suas vítimas. Em outros lugares, esse termo poético denota uma dimensão onde a corrupção é o pai, e o verme é a mãe (Jó 17.13,14), um domínio dotado de portas (Is 38.10). Trata-se da terra de onde não há retorno (Jó 7.9), do silêncio (Sl 94.17), das trevas (Sl 143.3) e do esquecimento (Sl 88.11,12). Ver 9.18, nota; Is 14.9-11, nota).

* 1.13 bens preciosos. O livro de Provérbios não proíbe e nem desencoraja as riquezas — somente o uso do mal para obtê-las. Entretanto, a riqueza final é a própria sabedoria (2.4; 3.13-16; Jó 28.12-19).

* 1.15 Filho meu. Depois de uma extensa oração condicional (vs. 1014), é repetida a conclamação que reforça a ordem de se evitar más pessoas.

* 1.16 Este versículo é quase idêntico a Is 59.7, sendo parcialmente citado em Rm 3.15.

* 1.17 debalde... ave. Esta declaração é introduzida para fortalecer as razões do conselho do autor. O seu significado aparente é que até uma ave evitará uma armadilha, uma vez que tome conhecimento dela. Aqueles que estão sendo tentados deveriam fazer a mesma coisa.

* 1.19 Tal insensatez é contrária à verdadeira ordem do mundo que,

embora caído, continua sob o governo soberano de Deus. Essa expressão de inevitável retribuição está alicerçada sobre a ordem observável das causas e conseqüências. Aparentes interrupções desse padrão levaram outros escritores bíblicos a voltar a sua atenção para os problemas dos ímpios prósperos e para os sofrimentos dos justos (Jó; Sl 73).

* 1.20 A sabedoria é retratada como se fosse um pregador ao ar-livre,

similar ao conclamador de Is 55. Personificada como se fosse uma mulher, a sabedoria convida os símplices a se arrependerem de sua insensatez e a buscarem a sabedoria, antes que se torne tarde demais. Personificações da sabedoria também podem ser encontradas em 3.14-18; 8.1 -36 e 9.1-12.

* 1.21 portas. O portão da cidade era o fórum público de conselho e

julgamento (Dt 22.15; 25.7; Rt 4.1,11; 2Sm 19.8). Esse é o local apropriado para a figura da sabedoria chamar as pessoas a dar atenção aos seus conselhos.

* 1.22 ó néscios. Ver a referência bíblica; também o v. 4 e nota. Houve

um certo desenvolvimento no pensamento. Em questão não está meramente a obtenção de mais discernimento, mas uma escolha

deliberada entre dois caminhos. A sabedoria e a insensatez, a retidão e a iniqüidade, aparecem em constante oposição em Provérbios como as duas únicas opções na vida (cf. Mt 7.24-27).

escarnecedores. O significado preciso dessa palavra, usada principalmente em Provérbios, é difícil de determinar. O escarnecedor, ou zombador, é uma pessoa que resiste à disciplina dos sábios (9.7,8; 13.1; 14.6; 21.11).

loucos. Pessoas embotadas, a quem não se pode ensinar.

o conhecimento. Ver 1.7. Na literatura de sabedoria, o "conhecimento" é, com freqüência, um sinônimo para a sabedoria.

* 1.23 o meu espírito. O livro de Provérbios reconhece a sabedoria

tanto como uma dádiva divina quanto como uma tarefa humana. O primeiro desses aspectos é visto em 1.7, onde o temor do Senhor cresce da graça de Deus na redenção. A redenção envolve uma renovação da mente, bem como a regeneração da alma (Rm 12.1,2; 1Cr 1.18—2.6).

* 1.24 vós recusastes. A rejeição ao evangelho da sabedoria tem seus

paralelos na rejeição da graça de Deus, por parte de Israel.

* 1.25 o meu conselho. Aqui a sabedoria fala com toda a autoridade.

Sendo o conselho de Deus, seu conselho e orientação não estão abertos a debate (2.6; 8.14).

* 1.28 eu não responderei. A verdadeira sabedoria é ur da

graça salvadora de Deus, e pode-se chegar a um ponto sem retorno, para aqueles que a rejeitem. Essa verdade reforça a urgência da mensagem. Ninguém pode esperar o favor de Deus ao mesmo tempo em que despreza as dádivas que ele oferece (Dt 1.45; 1Sm 28.6; Sl 18.41).

* 1.29 o conhecimento. Essa palavra é um sinônimo para a sabedoria,

e é explicada aqui pela frase paralela que a acompanha, "o temor do Senhor". A sabedoria desce do alto (Tg 3.17), como uma dádiva divina na revelação redentora. Isso é verdade mesmo que ela deva ser desejada e que devamos nos esforçar para obtê-la (2.4-6; Hb 5.7,8; Tg 1.5).

* 1.31 fruto. A relação entre feitos e resultados é observável na relação

natural entre causa e efeito. A figura aqui não é de prazer após uma refeição completa, mas o desgosto por ter comido muito.

* 1.32 desvio. Indiferença ou negligência voluntária.

aos loucos a sua impressão de bem-estar. Temos aqui uma alusão à ignorante auto-satisfação dos que se não deixam ensinar voluntariamente, que não vêem necessidade de aprender qualquer coisa da parte de alguém.

* 1.33 Este versículo faz contraste direto com o v. 32. A sabedoria traz

vida e segurança. Rejeitar a sabedoria é rejeitar tudo quanto promove a vida.

* 2.1-22 Embora à esta instrução faltem os imperativos usuais, a sua força enfática é indicada pelo material abordado — a sabedoria que livra da morte.

Os resultados para quem aceita a sabedoria são o conhecimento de Deus e as bênçãos da vida (vs. 5, 9, 21). Esses dois aspectos da sabedoria — o dom divino e a tarefa humana — são vistos claramente (p.ex., vs. 4 e 6).

* 2.2 O teu coração. A base da razão e da vontade. A moderna

distinção popular entre conhecimento do coração e conhecimento da mente não tem aplicação aqui. O contraste usual do Antigo Testamento é entre a conformidade formal ou externa, à qual falta um verdadeiro assentimento da vontade, e a disposição, o consentimento de todo o coração.

* 2.3 se clamares... alçares a tua voz. Em contraste com a falta

de resposta ao convite da sabedoria, em 1.20-23.

* 2.4 tesouros escondidos. Note a figura similar, usada por

Jesus, em Mt 13.44.

*** 2.5 então, entenderás o temor do SENHOR. Em 1.7, o temor**

do Senhor é o princípio do saber, e aqui é o alvo. Não há nenhuma discrepância, visto que o saber é tanto uma dádiva quanto é uma tarefa. Deus dá conhecimento de si mesmo na revelação redentora. Começando nesse ponto, a pessoa sábia assume a tarefa de aprender mais sabedoria e de conhecer a Deus, sempre movendo-se na direção do alvo de conhecer mais ao Senhor, de modo mais perfeito, sendo moldado à imagem de seu Filho.

* 2.6 o SENHOR dá a sabedoria. Sem importar o quanto

estejamos engajados na tarefa de buscar pelo saber, através de nossa experiência humana no mundo, a fonte de toda a verdade é Deus. Ele deve prover a sabedoria necessária para a devida interpretação da realidade (3.5).

da sua boca. Embora suas ênfases sejam diferentes, tanto Deuteronômio como Provérbios reconhecem que o alicerce subjacente do conhecimento é a Palavra de Deus (Dt 8.3). Antes mesmo do pecado ter entrado no mundo, Adão e Eva precisaram da Palavra de Deus a fim de conhecerem-se a si mesmos e o seu relacionamento para com a criação (Gn 1.28-30).

* 2.7 O caráter de Deus, que os sábios chegam a conhecer (v. 5), é a base da moralidade. Padrões de integridade e justiça são expressões da sabedoria.

* 2.8 seus santos. Estes, são as pessoas que mostram que

possuem o temor do Senhor, imitando o seu amor pactual.

* 2.9 todas as boas veredas. A literatura de sabedoria é

importante em nossa compreensão da orientação de Deus em nossas vidas. Aponta para a tarefa de obtermos sabedoria, para que possamos tomar decisões responsáveis e coerentes com nosso estado de pacto como povo de Deus (1 Pe 2.9).

* 2.11 O bom siso. Ou, "preparado".

* 2.12 Um correto discernimento moral nos salvará daqueles que desprezam a sabedoria.

que diz coisas perversas. Palavras rebeldes que transtornam a verdade.

* 2.16 da mulher adúltera. O adultério é um desvio radical da ordem divina quanto aos relacionamentos humanos (5.1-23; 6.20-29; 7.1-27). O termo hebraico significa uma mulher "estrangeira" ou "estranha". Neste contexto,

indica uma mulher estranha ao relacionamento marital apropriado, uma prostituta ou adúltera.

* 2.17 o amigo da sua mocidade. Ou seja, o seu marido.

aliança do seu Deus. Se essa "mulher adúltera" não é israelita (v. 16, nota), então "aliança" pode ser a cerimônia de casamento testemunhada por algum deus estrangeiro. Mais provavelmente, porém, a mulher em pauta é uma israelita que transgride os requisitos da aliança do Sinai, particularmente o mandamento contra o adultério (Êx 20.14).

* 2.18 para a morte. Na literatura de sabedoria, "vida" não é mera existência, mas uma maneira caracterizada pelas verdadeiras relações que se conformam ao desígnio de Deus. A "morte" é não somente o fim da vida física, mas uma descida irreversível para a desordem da perversidade moral (cf. 5.23, onde "morrer" é paralelo a "perdido, cambaleia").

* 2.19 todos... não voltarão. Essa nota de conclusão esclarece quão sério é quebrar os padrões que não são meros costumes sociais, mas ordenanças da criação divina.

* 2.20-22 A promessa de terras era uma parte básica do pacto que Deus

estabelecera com Abraão, Moisés e o povo (Gn 13.15 e nota; Êx 20.12; Dt 1.8; 26.1-9). Essas promessas prefiguram a promessa da vida eterna (Hb 11.16). O aspecto condicional do pacto é refletido aqui (Gn 17.2, nota) — os retos e os sábios herdam a terra, mas os ímpios são removidos (Dt 28).

* 3.1-
12 Estes versículos provavelmente formam uma única un

instrução, com o típico tratamento de "filho meu", repetido no v. 11. A unidade contém os imperativos comuns (vs. 1, 3, 5-7, 9, 11), e as orações motivadoras (vs. 2, 4, 8, 10). O versículo doze explica o propósito da disciplina do Senhor, encorajando os sábios a seguirem o preceito do v. 11.

* 3.1 meus ensinos. A palavra hebraica para "lei" *(torah),* tem o

sentido básico de "instrução", e, na tradição judaica, designa o Pentateuco. A instrução da sabedoria, apesar de não ser confundida com os preceitos da lei mosaica, é, por igual modo, autoritativa.

meus mandamentos. Esse vocábulo também se acha na lei. Conforme é típico nas frases paralelas da poesia hebraica, a segunda metade do versículo repete a idéia da primeira metade, clareando-a ou expandindo-a. Essencialmente, este versículo significa memorizar os mandamentos, para então pô-los em prática.

* 3.2 eles aumentarão os teus dias. A expectação normal é

que a sabedoria conduzirá a uma longa e próspera vida, que é a bênção de Deus (Êx 20.12).

paz. No hebraico, *shalom.* Este termo denota bem-estar geral, a harmonia de relações, a integridade e a saúde (v. 8). No Antigo Testamento, as bênçãos de Deus são vistas primariamente em termos desta vida presente. Não era fácil reconciliar essa perspectiva com o sofrimentos dos justos ou a prosperidade dos ímpios. A revelação que estava por vir com Cristo, e, especialmente, a sua ressurreição da morte, ainda estava longe, no futuro.

* 3.3 a benignidade e a fidelidade. Essa frase, no hebraico,

indica claramente que a sabedoria está avançando dentro da estrutura do pacto. A instrução (v. 1) é um ensino prático para a vida, baseado no caráter de Deus, revelado em sua Palavra.

ata-as... pescoço. Esta metáfora indica que a sabedoria embelezará a vida do indivíduo.

escreve-as... teu coração. O sentido é o mesmo que se vê no v. 1. Faz essas virtudes parte de ti mesmo, entesourando-as na memória e

então conformando a elas a tua vontade.

* 3.5 Confia no SENHOR. Depende inteiramente da Palavra de

Deus e de suas promessas, reveladas através do sábio (2.6; 16.20). Ver a nota em 1.7.

não te estribes no teu... entendimento. O contraste é entre a percepção da realidade que se submete à Palavra revelada de Deus como a autoridade para toda a verdade, e uma percepção que supõe que as conjecturas humanas se revestem dessa autoridade.

* 3.6 Reconhece-o. Essa é a expressão prática da mente que

se submete a Deus e o reconhece.

ele endireitará as tuas veredas. O Senhor te guiará ao alvo final da vida.

Deus dá sabedoria, e, com ela, a tarefa de se tomar sábias decisões; estes são os dois aspectos da orientação dada pelo ensino da sabedoria. Não há qualquer indício de orientação que ultrapasse o dever de tomar decisões. Mas as decisões humanas não prevalecem diante da proteção da providência divina (Gn 50.20,21; Sl 103.14).

* 3.7 sábio aos teus próprios olhos. Essa frase denuncia a

idéia de que a mente humana, com seu intelecto e razão, é independentemente capaz de atingir uma verdadeira compreensão da realidade, sem precisar da revelação de Deus.

* 3.8 A verdadeira sabedoria afirma a vida das maneiras mais práticas.

* 3.9,10 Honrar a Deus com o uso correto das coisas materiais exprime gratidão pelo seu favor e reconhece que ele controla a ordem natural e os seus processos.

* 3.9 com as primícias. A primeira porção da colheita anual era dada aos sacerdotes (Lv 23.10; Nm 18.12,13).

* 3.11 a disciplina. Embora a instrução de Deus requeira o castigo, essa correção não tem o propósito de prejudicar ou deixar os filhos de Deus irados. Mas visto que o castigo envolve sofrimento, há a necessidade de um encorajamento específico para não rebelar-se contra o castigo.

* 3.12 Hb 12.3-11 explica que a correção de Deus é melhor que a de um pai terreno; como comparação, ver Lc 11.11-13. O castigo não é um conteúdo principal do ensino paternal de Deus; a instrução de Provérbios é designada para as pessoas que querem ouvi-la (2.3-5; 4.5-9; 8.11,17).

* 3.13-20 Esta seção é composta mais como um hino de louvor à sabedoria do que como uma parte de instrução (cf. Sl 1). Mas ver 8.32-36 quanto a uma conclusão prática.

* 3.13 Feliz. Esse vocábulo não significa meramente um sentimento subjetivo. Encontra-se quase exclusivamente nos Salmos e na literatura de sabedoria, descrevendo a vida que desfruta da graça e do favor de Deus.

* 3.14,15 Jó 28 descreve a sabedoria como um tesouro. Salmos 19.10 refere-se especificamente à lei revelada.

* 3.16,17 Ver o v. 2 e notas.

* 3.18 árvore de vida. Provavelmente não temos aqui uma alusão específica à árvore da vida, em Gn 2.9, embora o autor sem dúvida conhecesse sobre ela. A árvore florescente era uma figura comum na literatura da época para indicar bênçãos contínuas. A metáfora é usada novamente em 11.30; 13.12; 15.4. Mais importante é o tema da "vida", em Provérbios. "Vida", na Bíblia, está

essencialmente ligada ao nosso relacionamento com Deus.
A interrupção do relacionamento apropriado com Deus, a fonte da vida, conduz à morte (Gn 2.17). A sabedoria está ligada aos devidos relacionamentos com Deus, com outras pessoas e com a natureza.

* 3.19,20 Sabedoria, compreensão e conhecimento pertencem a

Deus e encontram expressão no ato da criação (8.22-31). O escritor apontou para os propósitos e os desígnios da criação. A ordem da criação não foi totalmente destruída pelo pecado, e a teologia da criação é um aspecto importante da literatura de sabedoria.

* 3.21-26 Essa coletânea de declarações está centralizada sobre o

tema da orientação acerca do caminho da vida.

* 3.21 Ver a nota em 1.4.

* 3.22 Ver as notas nos vs. 2 e 3.

* 3.23 Uma vez mais, a orientação é vista em termos de tomar decisões sábias.

* 3.24 Parte da sabedoria é evitar as situações que nos ameaçam a vida, e não recusando-se a enfrentar os perigos quando os mesmos se fazem necessários, mas buscando relacionamentos corretos e uma existência disciplinada.

* 3.27-35 Esta seção começa com uma série de mandamentos sobre certos abusos nos relacionamentos humanos (vs. 27-31). Esses são seguidos por frases que explicam o interesse direto do Senhor na moralidade desses preceitos (vs. 32-35).

* 3.32 As pessoas desonestas estão alienadas de Deus, mas aquelas que são retas desfrutam de intimidade com o Senhor.

* 3.33 Aqui o típico contraste proverbial entre os justos e os iníquos (cf. 10.2,3,6,7,11,16) está relacionado com as bênçãos e as maldições de Deus. Isso é um paralelo com a teologia do pacto do livro de Deuteronômio, onde a fidelidade é recompensada com as bênçãos de Deus (Dt 11.26-29; 28.1-19).

* 4.1-27 Este capítulo normalmente se divide em três declarações de

instrução, cada qual começando com as palavras dirigidas usualmente por um pai a seu filho (vs. 1, 10, 20). A primeira declaração vê a sabedoria como a mais preciosa aquisição (vs. 1-9), a segunda como a vereda para a verdadeira vida (vs. 10-19), e a terceira como o caminho para a retidão (vs. 20-27). Não há referência direta à religião.

As tradições de sabedoria são compartilhadas por pessoas de diferentes culturas e religiões. Ver as notas em 22.17—24.22. Salomão discutia a sabedoria com pessoas provenientes de outras nações (1Rs 4.29-34; 10.1-7), mostrando como certas características da sabedoria eram compartilhadas, sem importar fronteiras nacionais e religiosas. Em Israel, o discernimento da sabedoria empírica era usado dentro da estrutura do relacionamento do pacto e não podem ser separadas de revelação especial (1.7 e notas).

* 4.2 doutrina. Ou "ensinamento". Os termos hebraicos

correspondentes enfatizam a atividade de receptividade do aprendiz.

*
4.3,4 Os sábios continuam a tradição de sabedoria pa

gerações seguintes a sabedoria que aprenderam de seus pais. Idade e experiência não são autoridades absolutas, mas são fatores importantes e devem ser tidas em alto grau (Lv 19.32).

* 4.4 e vive. Ver as notas sobre 2.18 e 3.2.

* 4.6 Note a estrutura paralela deste versículo, onde a segunda linha diz

quase a mesma coisa que a primeira, no entanto, com algum desenvolvimento do pensamento. "Não desampares" torna-se a injunção positiva de "amar". A sabedoria é muito mais do que um acúmulo de fatos. Envolve confiança e comprometimento.

* 4.7 O princípio da sabedoria é. Conforme está traduzido, este

versículo quer dizer: "A sabedoria é de magna importância; não a negligencies". Um outro sentido possível é este: "A sabedoria é o primeiro

interesse" para o aprendiz. A sabedoria está pronta, e aquele que quiser aprendê-la deve começar imediatamente.

com tudo o que possuis. Jesus usou uma declaração similar sobre como alguém deveria buscar o reino de Deus (Mt 13.45,46).

* 4.9 Ver a nota em 1.9.

* 4.10 Ver a nota em 3.2.

* 4.11 A metáfora da vida como um caminho ou vereda é comum na sabedoria israelita.

* 4.13 porque ela é a tua vida. A vida não pode existir sem a sabedoria. No Novo Testamento, Cristo é chamado de nossa sabedoria (1Co 1.30) e de nossa vida (Cl 3.4).

* 4.14 na vereda dos perversos. Tipicamente, a sabedoria contrasta caminhos e idéias em oposição (especialmente nos provérbios concisos dos caps. 10-22). Esse artifício de ensino acentua a vereda da sabedoria opondo vários de seus aspectos com a vereda da insensatez e do mal. Aqui estão contrastados os vs. 11-13 com os vs. 14-17, e o v. 18 com o v. 19.

* 4.16 não dormem. O mal se assemelha a um tóxico qualquer. Aqueles que são adeptos dele descobrem que, sem a sua dose diária, eles se tornam incapazes de dormir.

* 4.17 comem... bebem. A iniqüidade e a violência tornam-se seu alimento diário.

* 4.18,19 Estes versículos usam a figura de uma luz que vai crescendo de intensidade para caracterizar a justiça, e uma escuridão impenetrável para a maldade (Jo 8.12; Ef 5.8-13).

* 4.20-27 Esta instrução contrasta os dois caminhos da sabed

insensatez, mesmo sem usar esses vocábulos. A ênfase recai sobre a concentração mental e sobre a atenção ao ensino da sabedoria, que conduz à vida.

* 4.21 coração. Ou a mente (2.2, nota).

* 4.22 saúde. Integridade e saúde que incluem o corpo físico (3.8).

* 4.23 dele procedem as fontes da vida. Nossos pensamentos, por sua

vez, amoldam a maneira de falarmos e de vivermos. Ver Mt 12.35; Mc 7.21; Rm 2.29.

* 4.25-27 A sabedoria capacita o indivíduo a manter-se dentro da vereda da vida, sem desviar-se para o lamaçal.

* 5.1-23 Esta passagem deve ser considerada como uma única unidade. Embora os vs. 15-23 concebivelmente são uma composição distinta, o tema é um desenvolvimento lógico do que vem antes. A sabedoria aconselha-nos a evitar a adúltera, destruidora de vidas, e encontrar satisfação sexual e emocional dentro da fidelidade aos laços do matrimônio.

* 5.1-6 Estes versículos descrevem o caráter da adúltera sedutora. À superfície ela pode parecer toda doçura e luz, mas no profundo de seu ser ela emana o odor da morte.

*** 5.2 os teus lábios guardem o conhecimento. O sentido pode**

ser que a pessoa deve aprender a manter um discreto silêncio, sempre que isso for necessário, ou possivelmente, que a pessoa deve ter algo de substância a ser dito (Ml 2.7).

* 5.3 Em contraste com o v. 2, a sedutora começa a sua com palavras de encanto enganador. Cf. a doçura do verdadeiro amor, em Ct 4.11.

* 5.4 o fim. A frase fala do resultado final para a vítima da

sedução.

amargoso como o absinto. Uma planta especialmente amargosa para o paladar, o absinto é usado como uma metáfora para a experiência da aflição (Dt 29.18).

espada de dois gumes. A suavidade das palavras da adúltera engana (v. 3), e o ludíbrio só conduz à injúria.

* 5.5 morte. Não está em pauta somente uma morte prematura,

produzida pela vida dissoluta. Neste contexto, "morte" é tudo quanto não promove a "vida", conforme ela é definida por Deus.

inferno. Lugar dos mortos (no hebraico, *sheol).* A vida desordenada leva à morte física. Quanto ao "*sheol*", ver Is 14.9-11, nota.

* 5.6 anda errante nos seus caminhos. A censura moral aqui é

inseparável da idéia da sabedoria que a insensatez e a iniquidade

envolvem a rejeição da ordem e plano de Deus para as coisas.

* 5.7-14 Estes versos providenciam uma descrição mais detalhada

do fruto da imoralidade e o seu exato preço.

*** 5.8 Afasta o teu caminho... e não te aproximes. Os sábios farão**

uma escolha consciente para evitar qualquer contato com a imoralidade, mantendo-se fora do caminho da tentação.

* 5.9-11 Aqueles que tolamente se engajam na imoralidade pagam um

elevado preço por ela.

* 5.9 a cruéis. Talvez o ultrajado marido da adúltera (6.34,35).

* 5.10 Este versículo refere-se, literalmente, ao elevado custo de manter

uma amante (uma "estranha"). Ou a advertência pode ser que a imoralidade arrebata de sua vítima as riquezas e a força (ver a referência lateral).

* 5.11 Tal dissipação leva o indivíduo a lamentar-se quando ele reflete no

desperdício e na futilidade da vida que ele tem vivido.

* 5.12,13 A imoralidade sexual é o epítome do caminho da insensatez, que

rejeita a disciplina da instrução sábia.

* 5.14 assembléia. Está aqui em pauta ou a desgraça pública ou o

castigo pela comunidade do pacto.

* 5.15 Bebe a água da cisterna. O contexto sugere que temos aqui uma

metáfora das relações maritais entre marido e mulher.

* 5.16 as tuas fontes... os ribeiros. O quadro sugere o desperdício de

uma vida promíscua.

* 5.18 o teu manancial. Outra metáfora para a esposa, talvez indicando

que ela tem tido muitos filhos.

a mulher da tua mocidade. A esposa que tomaste quando ainda eras jovem.

* 5.19 A linguagem poética deste versículo parece-se com a linguagem

dos Cantares de Salomão. O quadro de um gracioso animal de rara beleza enfatiza o prazer físico como parte integral das relações maritais. Ver Ct 1.2,3; 4.1-7.

* 5.21-23 Até este ponto, as advertências contra o adultério não têm

tido qualquer ligação com a lei de Deus. Exortações semelhantes podem ser encontradas em outras tradições de sabedoria. Agora o escritor explica que as conseqüências naturais da insensatez, especialmente da insensatez sexual, são punições ordenadas por Deus.

* 5.21 ele considera. Ou então, "toma nota de". Nossa conduta está sob

um escrutínio constante. O texto não ensina que todo pecado é visitado com uma penalidade imediata. Preferivelmente, Deus supervisiona a ordem criada de tal modo que os pecadores são

apanhados em sua própria insensatez (vs. 22 e 23).

* 5.23 Ele morrerá. Ver a nota no v. 5 e em 2.18.

* 6.1 se te empenhaste ao estranho. Tal acordo para garantir o

débito de outrem não é sábio, pois envolve questões que ultrapassam o controle do fiador (11.15; 17.18; 22.26).

* 6.2 estás enredado. Emprestar dinheiro é uma coisa, mas

prover segurança por outrem é caminhar para dentro de uma armadilha feita pelo próprio indivíduo.

* 6.3 caíste nas mãos. Ao aceitar a responsabilidade pela dívida

alheia, você permite que outro passe a controlar a sua vida.

prostra-te. Esse não é o momento para o orgulho.

* 6.4 não dês sono. Deve haver um esforço sem descanso para

ter o contrato anulado.

* 6.5 O quadro de criaturas caçadas e apanhadas em armadilhas

aumenta o senso de urgência.

* 6.6-11 Estes versículos são uma lição objetiva baseada na diligência da

formiga. A suposição subjacente é não somente que o universo é ordeiro, mas que também há pontos de analogia entre o humilde mundo dos insetos e os seres humanos. Os provérbios de Salomão, baseados na natureza, podem ter traçado outras analogias semelhantes (1 Rs 4.33).

* 6.6 a formiga. Ver 30.25. A diligência da formiga dá a

aparência de uma atividade prudente.

ó preguiçoso. Esse termo sugere uma pessoa ociosa cuja inatividade expressa uma atitude de insensatez (10.26; 13.4; 15.19; 19.24; 20.4 e 26.16).

* 6.10,11 Este dito proverbial tem sido ligado à declaração anterior (vs. 6

9) a fim de prover uma aplicação para ele. O mesmo dito é mais adiante vinculado a uma lição objetiva diferente (24.33,34).

* 6.11 a tua pobreza. Provérbios adverte contra atitudes e

comportamentos que produzem a pobreza. A preguiça é uma das causas da pobreza (10.4,5; 19.15; 20.13). Se a diligência e a atividade são normalmente associadas à prosperidade (12.11; 13.4; 14.23), não pode ser dito que toda pobreza é o resultado da insensatez (14.31; 17.5; 19.1,17,22; 21.12; 22.22; 28.3,11).

como um ladrão... como um homem armado. A comparação não é tanto como um gatuno que chega à noite, mas com um assaltante que domina a sua vítima.

* 6.12-15 A forma sugere uma declaração proverbial que foi expandida

para ser aplicada a uma situação específica. Uma seqüência de frases descritivas é adicionada ao pensamento principal, ou seja, que a pessoa sem valor desperta a discórdia.

* 6.12 O homem de Belial. Uma frase de origem e significado incertos.

Provavelmente indica uma pessoa vil e sem valor, dotada de um

elemento de malevolência ativa.

* 6.13 acena... arranha... faz sinais. A pessoa ímpia não fala de modo

claro e aberto, mas faz sugestões veladas e sinais que semeiam as sementes da desconfiança e da dissensão.

* 6.15 Com a passagem do tempo, essas pessoas se destróem a si

mesmas. O Antigo Testamento revela que, finalmente, Deus castigará o ímpio (24.19,20) e recompensará o justo (23.17,18; 24.15,16), mas não apresenta uma doutrina plenamente desenvolvida de punição no pós-vida. A prosperidade dos ímpios serve de um problema contínuo (Sl 37.7; 73.3-14). O Novo Testamento, por sua vez, indica claramente que o justo julgamento de Deus cairá sobre os ímpios, ou nesta vida ou na próxima (Lc 16.23,24; Ap 14.10-12; 20.15).

* 6.16-19 Estes versículos são os primeiros dentre as declarações

numéricas de Provérbios (cf. 30.15-31). A forma dessas afirmações sugere uma espécie de enigma com uma resposta provida, não para se desconsiderar a pergunta, mas para convidar respostas adicionais mais apropriadas. A literatura de sabedoria com frequência alista coisas juntas que são percebidas como tendo algo em comum. Relações são estabelecidas de maneiras surpreendentes, e o processo de discernir relações ordeiras no universo aumenta a sabedoria. Esta unidade é bastante distinta da unidade anterior (vs. 12-15), mas provavelmente foi colocada após ela visando o desenvolvimento do tema. Enquanto o v. 15 exprime a perspectiva de uma retribuição natural não-especificada, a presente afirmação subentende que o Senhor é quem julga (5.21-23, nota).

* 6.16 Seis... a sétima. O uso de números sucessivos era um comum

artifício da poesia hebraica (Jó 5.19; Am 1.3).

* 6.20-35 Outra advertência contra o adultério (caps. 5; 7; 30.20). A forma

desta seção é, essencialmente, aquela da instrução, embora com considerável variação. Alguns elaborados quadros verbais são usados para aumentar o tom de urgência das advertências (vs. 23, 26, 27, 28, 30 e 31). Os vs. 21 e 23 dependem de Dt 6.8 e Sl 119.105, que se referem à lei mosaica. A lei provê uma clara estrutura para a revelação, mostrando a Israel a resposta apropriada ao relacionamento do pacto de Deus com essa nação. A sabedoria opera dentro dessa estrutura para descrever os limites da responsabilidade humana.

A lei condena o adultério e prescreve uma penalidade para o mesmo (Êx 20.14;

Lv 20.10). A sabedoria compartilha dessa oposição ao adultério — os sábios eram todos homens do pacto — e adiciona suas advertências para com o desastre inevitável que tal loucura traz.

* 6.20 Ver 1.8.

o mandamento. Ver a nota em 3.1.

* 6.21 Ver 3.3 e Dt 6.6,8.

* 6.22 Ver as notas em 3.23,24; cf. Dt 6.7. A sabedoria é abrangente em seus efeitos sobre a vida do indivíduo.

isso te guiará. Ver as notas em 1.5; 2.9 e 3.6.

* 6.23 No Sl 119.105 a mesma metáfora é aplicada à lei como tal. A pessoa sábia aceita a lei revelada, e, dependendo da mesma, examina a natureza e as experiências da vida. Dessa maneira, a sabedoria, suplementa a lei de sua própria perspectiva.

* 6.24 Ver as notas em 2.16 e 5.3.

* 6.25 Não cobices. O desejo cobiçoso do coração é o começo da progressão da insensatez. A conexão entre o desejo e o ato não é tão severamente colocada como em Mt 5.28, mas faz-se presente.

* 6.26 um pedaço de pão. Embora unir-se com prostitutas seja um ato autodestrutivo, o adultério ainda é pior. É não somente uma violação do casamento, mas é um ataque direto contra o mesmo.

* 6.27-29 As vívidas e transparentes metáforas enfatizam a loucura do adultério.

* 6.29 não ficará sem castigo. A sabedoria em Provérbios enfatiza os resultados já esperados da insensatez, mas também, de vez em quando, vai além da cadeia natural de causa e efeito, até o propósito e o julgamento abrangentes de Deus.

* 6.30-
33 A pessoa impulsionada pela fome para roubar, ainda assim está

sujeita à lei, embora as pessoas possam compreender tal necessidade. Em contraste com isso, o adultério não conta com esse fator atenuante e atrai uma total desgraça. A lei requeria a restauração de quatro vezes mais para o furto; "sete vezes tanto" exagera isso para efeito de ênfase (Êx 22.1).

* 6.34,35 O ciúme do marido ofendido conduz à fúria e a uma vingança

sem misericórdia, que nenhum oferecimento de compensação poderá evitar. As forças que impulsionam as relações humanas estão, com freqüência, no centro do pensamento da sabedoria.

* 7.1-27 Este capítulo compõe-se de três partes, possivelmente

independentes, ligadas pelo tema comum do adultério. A primeira (vs. 1-5) e a terceira partes (vs. 24-27) estão sob a forma de instruções, e ambas avisam sobre o envolvimento com a adúltera. A seção do meio (vs. 6-23) aparece como uma narrativa dramática que funciona como um reforço imaginativo da instrução.

* 7.1 os meus mandamentos. Ver a nota em 3.1.

* 7.2 e vive. Ver as notas em 2.18 e 3.2.

como a menina dos teus olhos. Lit., "o homenzinho de teu olho", uma referência à pupila, onde a imagem do observador é refletida. A pupila admite a entrada da luz no olho, e deve ser protegida de todo dano (cf. Dt 32.10; Sl 17.8; Zc 2.8).

* 7.3 Ver 3.3 e notas. Os modos de proceder esboçados nos vs. 1-3 são um aspecto do método usado pela sabedoria. As tradições são transmitidas a fim de moldar a vida e o caráter.

* 7.4 minha irmã... teu parente. Alguém devia pensar sobre a

sabedoria e o entendimento como parentes chegados. Provavelmente isso visa a retratar a desejada intimidade com a sabedoria, em lugar de contrastá-la com a adúltera do v. 5.

* 7.7 simples... carecente de juízo. Ver a nota em 1.4. O jovem

era ingênuo e sem habilidade na arte de viver. O ensino da sabedoria tem por alvo um tipo assim impressionável (1.2-4).

* 7.10 A sedução envolve um espetáculo enganador que atrai a vítima,

ao mesmo tempo em que oculta a intenção real.

* 7.14 Sacrifícios pacíficos. O alimento dessas oferendas religiosas

proveram oportunidade para a glutonaria (Lv 7.12-18). Ver 17.1; 21.27.

* 7.15 As palavras são lisonjeadoras, assegurando ao jovem que ele fora

especialmente escolhido para aquele encontro.

* 7.17 Mirra, aloés e cinamomo. Especiarias aromáticas usadas para

perfumar vestes e leitos.

*** 7.18 Embriaguemo-nos com as delícias do amor. Essa é a mais**

fraudulenta proposição de todas. Sugerir que o sexo casual e ilícito possa satisfazer profundos anelos por um compromisso mútuo e amoroso é uma mentira destruidora.

* 7.19,20 A mulher tinha consciência de que aquela relação ilícita envolvia a ambos em um engano. Eles esperavam inutilmente que poderiam evitar a fúria do marido ciumento (6.33-35).

* 7.21 O poder sedutor das palavras é um tema constante (2.16; 5.3; 6.24; 9.16,17). Em contraposição temos o poder curador das palavras da sabedoria (2.1-6; 3.1,2; 5.1,2; 7.24,25).

* 7.22 Como o boi que vai ao matadouro. O pobre animal não tem consciência de sua sorte, e permite ser levado ao matadouro.

Como o cervo que corre para a rede. A incerteza desta linha não obscurece o sentido geral do versículo: o homem caminha para uma armadilha.

*** 7.23 Até que a flecha lhe atravesse o coração. Um ferimento mortal.**

* 7.25 O teu coração. Ver a nota em 2.2.

não andes perdido nas suas veredas. A receita do homem sábio é manter seus pensamentos (coração) longe do adultério, mantendo-se afastado de lugares onde haja tal tentação.

* 7.26,27 Um motivo de prudência consiste em evitar a carnificina que resulta da insensatez.

* 7.27 a sepultura... morte. Ver 1.12; 2.18; 5.5 e notas.

* 8.1-36 Nos caps. 1—7 o porta-voz da sabedoria é um mestre ou um sábio. Neste majestoso poema, a sabedoria foi personificada como o mestre supremo que ensina com base em sua própria autoridade. Essa personificação, mui provavelmente é um artifício poético para expressar, mais vividamente ainda, a autoridade da sabedoria. Embora seja prematuro ver a sabedoria personificada (especialmente nos vs. 22-31) como um retrato direto de um ser divino, não há dúvida que a revelação de Jesus Cristo como a sabedoria de Deus mostra a importância de uma sabedoria que é sua própria autoridade absoluta (1Co 1.24,30; Hb 1.1-4; Cl 1.15,16; Jo 1.1-18). O poema progride da consideração da tarefa humana de aprender a sabedoria (vs. 1-11) para os poderosos efeitos da sabedoria neste mundo (vs. 12-21), e daí passa à origem

divina da sabedoria e seu lugar na totalidade da criação (vs. 22-31). Um apelo final equipara a sabedoria à vida (vs. 32-36). Por detrás da sabedoria humana está a sabedoria de Deus, original e não-criada, pelo qual ele estabeleceu todas as coisas criadas e seus próprios relacionamentos para com Deus e umas para com as outras. Isso significa que a sabedoria humana é válida e afirmadora de vida até onde a mesma ocorre dentro do contexto provido pela divina revelação especial (cap. 4, nota).

* 8.1-3 Ver as notas em 1.20-33.

* 8.4 ó homens. A palavra hebraica usualmente aplica-

se aos

varões, mas pode estender-se a toda a humanidade. A sabedoria, no papel de um instrutor, dirige-se não a filhos e nem a alunos, mas a todo o povo. Não existe elite de classes nessa questão do aprendizado da sabedoria; ela é para todos.

* 8.5 Ver as notas em 1.4,22.

* 8.6 coisas excelentes. Coisas valiosas ou importantes.

Coisas retas. Fica subentendido o elemento moral.

* 8.7 a verdade. Esta palavra denota o que é totalmente digno

de confiança. É o oposto de iniqüidade. Provérbios relaciona a verdade à sabedoria em vários lugares, e aqui a palavra da sabedoria é descrita de uma maneira que sugere uma origem divina.

* 8.8 São justas. Ver a nota no v. 18.

* 8.9 A sabedoria é uma realidade autoconsistente. É preciso nos

sintonizarmos com ela a fim de aprendermos dele. Isso é outra maneira de dizer que toda verdade é verdade de Deus, e que sem o conhecimento de Deus não podemos conhecer a verdade absoluta. Cf. a sabedoria de Jesus, em Mt 13.10-16; Lc 11.52.

* 8.10,11 A comparação da sabedoria com os mais desejáveis emblemas

das riquezas é uma maneira de enfatizar o seu valor (2.4; 3.14,15; 8.19-21; Jó 28.17). A advertência contra o materialismo crasso é óbvia.

* 8.12 Ver 1.4 e nota.

* 8.13 O temor do SENHOR. Ver 1.7; 2.5; 3.7; 9.10 e notas. A

sabedoria

nos relembra que a busca por uma ética baseada exclusivamente na experiência é fútil. A educação e a experiência devem estar edificadas sobre a base da fidelidade e da esperança providas pelas promessas do pacto de Deus. Os sistemas éticos sem o padrão absoluto do que é certo, bom e verdadeiro, revelado nas Escrituras, não podem sobreviver (Sl 36.9).

a soberba... eu os aborreço. A sabedoria ecoa o ódio que Deus tem pelo mal (6.16; Dt 12.31; 16.22; Sl 5.5; Is 61.8; Jr 44.4).

* 8.14 o conselho. Essa palavra tem o sentido de conselhos derivados

da sabedoria e da experiência, e também planos feitos pela deliberação conjunta em um curso de ação. A mesma palavra é usada para a mente de Deus a respeito de seus próprios planos e propósitos (Is 5.19; 19.17; 25.1; 28.29). A sabedoria tem acesso a esse conselho.

* 8.15,16 A função apropriada para os governantes humanos é definida

pela ordem da criação de Deus, conforme está revelada na Palavra de Deus (Gn 1.26-28). Um governo sábio começa pelo temor do Senhor (Dt 17.18-20; 1Rs 3.6-9; 4.29-34). O Messias governará pela sabedoria perfeita (Is 11.1-3). Ver "Os Cristãos e o Governo Civil", em Rm 13.1.

* 8.17 Eu amo os que me amam. Essas afirmativas fazem o contraste

com a sabedoria sendo ocultada dos insensatos (1.28,29). A sabedoria cuida daqueles que lhe pertencem (4.6,8,9).

os que me procuram me acham. Ver 2.4,5; 3.13-15. Isso sugere uma

relação entre a sabedoria e a graça divina, que o leva a aproximar-se de nós (Is 55.6).

O próprio Jesus é a revelação final da sabedoria divina (1Co 1.24,30; Cl 2.2,3), e possivelmente fez alusão a este versículo em Mt 7.7.

* 8.18 Riquezas e honra. Ver 3.2,16. O princípio do reinado de Salomão

foi um exemplo dos benefícios materiais e sociais da sabedoria (1Rs 10.1-9).

e justiça. Isso significa a obediência à lei de Deus, extendendo-se ao cultivo de corretas relações entre Deus, as pessoas e a criação. Ver Rm 12.18; 1Tm 2.14.

* 8.19 Ver a nota nos vs. 10 e 11.

* 8.22-
31 Esta seção, parecida com um hino, apresenta a sa como

a base do projeto do universo. O enfoque é incomum, mas essa visão sobre a sabedoria não contraria a teologia do pacto e os atos salvíficos de Deus em Israel. Os sábios também eram homens do pacto (1.7; 2.20-22 e notas). O método da sabedoria consiste em enfatizar a teologia bíblica da criação, como base da compreensão de nossas vidas como o povo remido de Deus.

* 8.22 O Senhor. Temos aqui o nome próprio de Deus como o Redentor

e o Autor do pacto (Êx 3.15 e notas). O pacto da redenção de Deus com Israel sublinha seu compromisso com a criação, pois as promessas do pacto culminam em Jesus Cristo — o grande Descendente de Abraão (Gn 12.7; cf. Gl 3.16) e o Filho de Davi (2Sm 7.16; cf. Lc 1.32) — por meio de quem a criação destroçada e caída é

remida (Rm 8.20-22; 2Co 5.17, nota; Cl 1.15-20; Ap 21.1.).

me possuía. A sabedoria não é uma quarta pessoa divina, mas é um atributo de Deus, que recebeu expressão tanto na criação como na redenção. Neste capítulo, a sabedoria foi personificada para conseguir um efeito poético. Os atributos de Deus são eternos, pelo que a figura da sabedoria vem desde o "início".

no início de sua obra. A sabedoria é o primeiro conselho da vontade de Deus (Ef 1.11), o decreto eterno que estabelece todas as coisas em seus relacionamentos e determina o curso da história.

antes de suas obras mais antigas. A sabedoria existia antes da auto-revelação de Deus, em seu pacto e em seus atos salvíficos.

* 8.23 A sabedoria também é anterior à criação do universo.

* 8.24-31 Jó relembra-
nos que a sabedoria da criação, em última

análise, pertence exclusivamente a Deus (Jó 38 e 39). O "mandato cultural", ao atribuir aos seres humanos a tarefa de compreender a criação e de exercer domínio sobre ela (Gn 1.26-28), é a base do interesse da sabedoria, ao conhecer a natureza do mundo (1 Rs 4.29,33). Isso é visto dentro da estrutura estabelecida pela revelação especial (as Escrituras) e no temor do Senhor (1.7, nota; 8.1-36, nota; 9.10).

* 8.24 eu nasci. O sábio plano de Deus antecede os seus atos. A

referência a ter "nascido" sugere que a sabedoria é, de forma singular, uma filha de Deus, mas isso é apenas um artifício poético, e não se refere a um novo ser divino.

* 8.27 aí estava eu. A sabedoria é anterior à criação e participante dela.

A criação é a primeira grande demonstração da sabedoria de Deus.

* 8.28 as fontes do abismo. Ver Gn 7.11; 8.2.

* 8.30 seu arquiteto. A sabedoria é agora descrita como o agente da

criação. Um habilidoso artesanato é um dos aspectos da sabedoria (cf. Êx 31.3), o que salienta a natureza prática da sabedoria. Ver 1.2 e nota.

*** 8.31 regozijando-me... achando as minhas delícias. A sabedoria**

reflete a satisfação expressa na declaração divina de que a criação era muito boa (Gn 1.31).

* 8.32 felizes. Ver a nota em 3.13. As bênçãos de Deus sobre a

obediência são uma das características da teologia da Aliança (Dt 28.1-14; ver 'A Aliança da Graça de Deus", em Gn 12.1). Aqui essa palavra descreve as recompensas da sabedoria (3.13-18).

* 8.34 velando dia a dia às minhas portas. O aluno comparece à casa

do mestre, anelante por aprender o que quer que a sabedoria lhe queira transmitir.

* 8.35 Os benefícios da sabedoria são equiparados com a própria vida.

Ser verdadeiramente vivo é estar corretamente relacionado com Deus, com outras pessoas bem como com a ordem criada. Ver as notas em 3.2,18.

favor do SENHOR. Isto é, aceitação e boa-vontade. O sábio não

estava descrevendo uma maneira alternativa de obter aceitação diferente daquela provida na comunidade do pacto e nos sacrifícios. Antes, ele descreve as riquezas da comunhão dos crentes com o Senhor, na qual suas vidas são moldadas pela verdadeira sabedoria (12.2).

* 8.36 Todos os que me aborrecem. Odiar a sabedoria é odiar a vida,

e, portanto, é amar a morte.

* 9.1-18 Esta seção consiste na disputa de dois convites, um da

sabedoria, e o outro da insensatez. Ambas foram retratadas como mulheres que convidam as pessoas para entrarem em suas casas. A sabedoria convida os simples para comerem de seu alimento vivificante (vs. 1-12). Mas a insensatez oferece um alimento que conduz à morte (vs. 13-18).

* 9.1 as suas sete colunas. O sentido dessas 'sete colunas'

não é claro. Pode apenas indicar o esplendor arquitetônico da casa. Entretanto,

"sete" com freqüência simboliza a perfeição ou o estado completo, pelo que aqui pode representar as perfeições da sabedoria divina.

* 9.2 misturou o seu vinho. É provável que essa mistura fosse

de vinho e especiarias (Ct 8.2).

* 9.3 suas criadas. As servas da sabedoria são enviadas para

recolher qualquer pessoa que ouça o convite dela para a vida.

desde as alturas da cidade. O convite é aberto e universal (Is 52.7).

* 9.4 Quem é simples. Ver 1.4, e nota. Note a disputa da

chamada por parte da insensatez, no v. 16.

Aos faltos de senso. Lit., "aos que faltam o coração", ou seja, a vontade de pensar e de agir corretamente.

* 9.5 Vinde, comei. Um banquete era a ocasião própria a

refeição distribuída pela sabedoria. A idéia do banquete foi usada mais tarde para retratar as bênçãos dos remidos (Is 55.1,2; Mt 22.1-13; 26.29; Ap 19).

* 9.6 Deixai os insensatos, e vivei. Ver 1.4,22; 2.19; 3.2,18;

8.35 e notas.

* 9.7-12 Estes versículos contrastam os sábios com os insensatos, não

somente quanto ao ponto da decisão de entrarem nas casas da sabedoria ou da insensatez, mas também quanto ao tipo de vida que resulta dessas decisões.

* 9.7 o escarnecedor. O escarnecedor além da falta de

discernimento, toma uma decisão consciente para o mal.

traz afronta sobre si. O esforço por corrigir tal pessoa fracassará e poderá ser um tiro pela culatra.

o que censura. Essa frase paralela é sinônima, quanto ao significado, à primeira parte do versículo.

* 9.8 Aqui a estrutura paralela é antitética (isto é, as duas partes são

postas em contraste).

repreende o sábio. Enquanto que um insensato é fechado à

sabedoria, um sábio alegra-se pela oportunidade de fechar-se à insensatez. A sabedoria percebe o lado positivo da correção; a sabedoria não vive na defensiva e nem se ofende facilmente, mas mostra-se humilde e responsiva.

* 9.9 A sabedoria reconhece um importante princípio da natureza humana:

não há ponto de parada; progredimos na direção de nossa escolha. A sabedoria acumula mais sabedoria (cf. Mt 13.12).

* 9.10 O temor do SENHOR. Ver 1.7 e nota: "A Sabedoria e a Vontade

de Deus", em Dn 2.20.

Santo. Lit., "dos santos". Esta tradução é baseada no paralelo com "o Senhor", na linha anterior (cf. 30.3, onde a mesma forma plural é usada).

* 9.11 Ver 3.2 e nota.

* 9.12 Se és sábio, para ti mesmo o és. Em outras palavras, tu mesmo

te beneficiarás (3.13-18; 4.9-13; 8.34,35).

* 9.13-18 A descrição da insensatez é o oposto direto da descrição da

sabedoria, nos vs. 1-6.

* 9.13 apaixonada. Ver 7.11,12.

é ignorante, e não sabe coisa alguma. O apelo sensual da insensatez contrasta com a sabedoria como mestra.

* 9.14 nas alturas da cidade. A insensatez falsifica os atos

da

sabedoria, a fim de parecer sábia (cf. o v. 3).

* 9.15,16 Os convites insistentes da insensatez imitam os convites da

sabedoria (cf. o v. 4).

*
9.17 As águas roubadas. Qualquer coisa proibida, espe
o

sexo ilícito (5.3,15; 7.16-18).

o pão comido às ocultas. Por haver sido furtado ou por ser proibido. Existe uma perversidade na natureza humana que é despertada pela proibição ou pela lei (Rm 7.7-11).

* 9.18 os mortos. No hebraico, *rephaim,* de derivação incerta. Essa

palavra é usada por oito vezes na Bíblia, todas elas na poesia hebraica, referindo-se aos espíritos de pessoas que partiram.

inferno. No hebraico, *sheol,* lit., "a sepultura". Ver 1.12; 5.5; 7.27 e notas. Em Provérbios, o *sheol* é o destino apropriado dos tolos, não por ser um lugar de tormento, conforme o inferno é posteriormente descrito (Ap 14.9-11), mas simplesmente porque aqueles que vão lá perderam a possibilidade de relacionamento com o Deus vivo. Ver também 2.18 e nota.

* 10.1—22.16 Esta seção consiste, principalmente, em provérbios de uma só sentença. Não há qualquer evidência de que essa forma de escrita de sabedoria pertença a um tempo diferente daquele das instruções mais longas dos caps. 1—9. Trata-se simplesmente de uma forma diferente, que funciona de maneiras diferentes. Os

aforismos são, com freqüência, declarados de forma categórica, sem as qualificações que lhes poderiam permitir cobrir cada situação concebível.

A sabedoria de Provérbios pressupõe e edifica-se a revelação especial de Deus na lei (1.7 e notas). Os sábios hebreus supunham que, dada a inteligência humana e o dom da sabedoria de Deus, em sua auto-revelação, o

povo de Deus aprenderia a discernir a ordem e os relacionamentos que produzem uma vida significativa e produtiva. A sabedoria de Provérbios nos oferece o fruto da experiência e da reflexão, ressaltando a necessidade de pensar e aplicando o conhecimento humano e a Palavra de Deus a todas as questões da vida, de uma maneira responsável.

* 10.1-32 Como se dá freqüentemente com a Bíblia, as divisões em capítulos são bastante arbitrárias, e não servem de ajuda na análise dos textos. As sentenças individuais podem ser classificadas de acordo com suas estruturas literárias e seus temas. Os caps. 10—15 consistem, principalmente, de contrastes entre conceitos opostos, conforme é indicado pela conjunção "mas", introduzindo a segunda linha da maior parte desses provérbios. Esse artifício literário comum usa contrastar pares como "justo" versus "ímpio", e "sábio" versus "insensato". Agrupamentos ocasionais de sentenças, de acordo com o tema e a forma, são evidentes no livro, um método que ajuda na memorização, mas que não ajuda a interpretação das declarações mais independentes. Cada sentença tem sua própria aplicação social e alvo especial. Muito parecidas com as declarações populares de nossas sociedades ocidentais, algumas dessas declarações tem sido separadas de seus contextos a fim de proverem normas concisas e práticas para a vida diária.

* 10.1 Provérbios de Salomão. Ver Introdução: Autor.

* 10.2 A justiça. Ver a nota em 8.18. Neste capítulo, cerca de

metade dos versículos contém um contraste entre os justos e os ímpios.

livra da morte. Ver 2.18; 3.18 e notas.

* 10.3 não deixa ter fome. Há uma correlação entre a retidão e a vida, tanto nas promessas do pacto de Deus quanto na experiência de vida em geral. Entretanto, os sofrimentos dos justos não estão aqui em vista (cf. 1.19, nota).

* 10.4,5 Ver 6.6-11; 13.4; 15.19; 24.30-34. Um tema de sabedoria que é

freqüentemente usado, a pobreza, por si mesma, não é vergonhosa, embora o seja a pobreza por causa da preguiça.

* 10.5 filho sábio. Os relacionamentos e as obrigações familiares são

preocupações de primeira ordem na literatura de sabedoria.

* 10.6 bênçãos. Essas bênçãos, aqui não-especificadas, deixam a

aplicação aberta para um leque de situações, mas, tal como no v. 22, a bondade do Senhor é experimentada.

* 10.7 A memória. Como a pessoa justa é lembrada após a sua morte.

* 10.8 aceita os mandamentos. A pessoa sábia deixa-se ensinar, e dá

boa acolhida aos mandamentos da sabedoria (2.1; 3.1, nota).

o insensato de lábios. Os insensatos não sabem quando devem calar-se e escutar. Não têm a disciplina da sabedoria, e promovem sua própria ruína.

* 10.9 será conhecido. Quem tentar perverter a verdade será

desmacarado e disciplinado por Deus.

* 10.10 acena com os olhos. Ver 6.13 e nota.

O insensato de lábios. Ver v.8 e nota. Essa frase não parece se corresponder com a primeira linha, seja como paralelo, ou como contraste. A Septuaginta (o Antigo Testamento em Grego) diz: "mas aquele que repreende com firmeza traz a paz."

* 10.11 manancial de vida. A figura é semelhante a "árvore da vida"

(3.18, nota). As palavras dos sábios, tal qual um poço, é uma fonte de vida (Ez 47.1-12; Ap 22.1-3).

* 10.12 O ódio. A palavra sugere a rejeição da boa ordem, realmente a

dissolução (cf. 1Jo 3.15) dos relacionamentos humanos. Tal ódio causa a fragmentação da sociedade.

o amor. A palavra sugere buscar o melhor para os outros. O amor é a melhor expressão dos relacionamentos ordeiros.

cobre. Para promover a harmonia nos relacionamentos, o amor encobre as questões que provocam contendas. Esse versículo é aludido em Tg 5.20 e 1 Pe 4.8.

* 10.13 Os que são perceptivos revelam o seu caráter na sabedoria das suas palavras. Os que são faltos de senso só se envolvem em brigas. O paralelo sugere que conversa tola é a causa dos seus problemas.

* 10.4 entesouram o conhecimento. A pessoa sábia que não é mais aprendiz, ainda continuará aprendendo. Somente o tolo alega

saber tudo.

a boca do néscio. Note quão freqüentemente o tolo é retratado como um falador (vs. 6, 8, 13, 18, 19, 31 e 32). A epístola de Tiago, os "Provérbios" do Novo Testamento, também explora esse tema (Tg 1.26; 3.1-12). Saber quando se deve falar e quando se deve guardar silêncio é um proeminente tema da sabedoria (11.12, nota: 26.4,5; Jó 38.2; 42.1-6).

* 10.15 a sua cidade forte. A imagem é a de segurança contra as incertezas da vida.

a pobreza dos pobres é a sua ruína. Os pobres não têm grande defesa contra os acontecimentos inesperados. Essa circunstância é observada sem comentários sobre seus acertos e erros (cf. Mt 26.11). Em uma análise final, porém, os ricos, que confiam em si mesmos (28.11), descobrirão que sua segurança monetária é ilusória (11.4,28; 18.10,11; 23.4,5). Somente o Senhor nos serve de defesa segura (3.5,6)

* 10.16 o rendimento. O resultado ou recompensa da justiça é a vida (3.2,18 e notas; cf. Rm 6.23).

pecado. O "pecado" ou sua consequência, a punição, se opõem à vida.

* 10.18 A forma deste versículo difere dos opostos paralelos (paralelismo antitético), encontrados em grande parte deste capítulo. Novamente, o assunto é um falar tolo (mentira ou calúnia), e aquele que se ocupa em tal atividade é ou malicioso ou tolo (v. 14, nota). Tal insensatez não é considerada como coisa leve, porque essa insensatez importa em pecado real (Êx 20.16).

* 10.20 o coração. Aqui essa palavra aparece como um paralelo de língua. A mente, a vontade e o caráter interior do ímpio são fonte de palavras fúteis (Mt 15.18,19).

* 10.21 Ver os vs. 11 e 17. A sabedoria dos justos exerce bons efeitos sobre outras pessoas; mas os insensatos não podem ao menos sustentar-se a si mesmos.

*
10.22 enriquece. Dentro do contexto do Antigo Testame isso

apontaria para as riquezas materiais, um resultado da sabedoria de Salomão (1Rs 4.22-28; 10.4-13). A riqueza não é um alvo da sabedoria, mas com freqüência é uma recompensa (v. 2).

*
10.24 Aquilo que teme o perverso. Os ímpios temem a punição. O

significado dessa frase parece ser que o justo julgamento de Deus é inevitável.

* 10.26 A forma deste provérbio difere do paralelo de opostos (paralelismo

antitético), usual neste capítulo. A comparação gira em torno do que é comum aos três pares (paralelismo sinônimo; ver "Introdução à Poesia Hebraica"). A pessoa preguiçosa é um fator desagradável que causa desgosto ao seu empregador.

* 10.27 O temor do SENHOR. Ver 1.7; 9.10 e notas. A harmonia com

Deus, que é aqui reconhecido como vinda através das provisões do pacto, significa a harmonia com a vida. Tal como no quinto mandamento, as bênçãos de Deus são vistas em termos de uma vida longa e frutífera, na Terra Prometida (Êx 20.12; Dt 5.16, nota). Ver 2.20-22; 3.2 e nota.

* 10.29 Este provérbio estabelece um princípio básico da teologia

da

aliança, e não uma observação sobre a vida humana. Os escritores de sabedoria relembram-nos que a fonte de todo verdadeiro conhecimento e sabedoria é a auto-revelação de Deus em suas obras criativa, providencial e salvífica, e, especialmente, nas Escrituras.

* 10.30 Ver o v. 27. Temos aqui outro provérbio baseado no pacto de Deus

com Israel. A "terra" (ver a referência lateral) é aquela prometida a Israel, e sua possessão é básica para a vida. A possessão da terra era condicionada à resposta da fé às promessas do pacto.

* 10.31,32 Ver a nota no v. 14.

* 10.31 perversidade. Essa palavra sugere aquele que fala com

desonestidade, e busca impedir o são julgamento de outros.

* 11.1-31 Tal como no capítulo dez, muitas das declarações deste capítulo

contrastam os caminhos da retidão e de iniqüidade. Outras frases, que não citam explicitamente esses dois pontos opostos, não obstante compara exemplos específicos dos mesmos.

* 11.1 Balança enganosa. A honestidade e negócios limpos são básicos

à ética do pacto. A referência ao Senhor indica que estão em vista os relacionamentos do pacto.

* 11.2 soberba... desonra. A sabedoria reconhece a importância do

domínio próprio. A arrogância e o orgulho são simplesmente reconhecidos por outras pessoas, que se recusarão então a prestar-

lhes honrarias.

com os humildes está a sabedoria. Porquanto a humildade envolve a avaliação realista do lugar do indivíduo em relação a outros, promove um senso amplo da verdadeira ordem de coisas.

* 11.3 A integridade. Essa palavra deriva-se de um termo hebraico que

significa "completo". Esse termo indica retidão e perfeição éticas. A orientação na vida é posta dentro de sua estrutura ética. Um relacionamento correto com o Senhor conduz a um curso reto na vida.

pérfidos. Essa palavra significa "coisa torta" ou "coisa torcida". Esse estilo de vida destrói a uma pessoa, porque definitivamente não podemos resistir com sucesso à ordem de Deus.

* 11.4 no dia da ira. Esta declaração antecipa não meramente a retribuição natural e impessoal na vida, mas também um Juiz pessoal e sua ira. As riquezas não podem garantir a ninguém proteção contra a ira de Deus (Lc 12.13-21).

A justiça. Ver a nota em 8.18.

* 11.5,6 O sentido é quase idêntico ao do v. 3.

* 11.8 libertado. Uma referência aparente à intervenção da providência divina. As declarações proverbiais afirmam o que é geralmente verdade, mas não sem exceções. O sofrimento dos justos (p.ex., Jó) mostra que apesar de ser perceptível um certo grau de ordem na experiência humana, tal ordem não é invariável, visto que Deus é soberano, e segue os seus próprios propósitos eternos. Somente a confiança na bondade de Deus, mesmo quando esta não se vê de imediato, é direcionada ao problema do sofredor justo. Ver a nota em 10.1—22.16, e "Introdução à Poesia Hebraica".

* 11.9 com a boca. Ver 10.13,14,18, e notas.

pelo conhecimento. A sabedoria e o conhecimento, como o caminho para a vida, capacitam a pessoa a escapar dos caminhos dos ímpios (vs. 4, 6, 8).

* 11.10 Uma sociedade viável deve possuir algum conhecimento do certo e do errado, bem como das recompensas e retribuições. Sem descer a uma vingança vindicativa, há um regozijo apropriado quando os perpetradores do mal, da corrupção, e da miséria humana são destruídos.

* 11.11 As implicações coletivas do comportamento são evidentes: vidas retas fortalecem a comunidade, ao passo que vidas iníquas a corrompem e derrubam.

* 11.12 Ver a nota em 10.14. A maledicência e o escárnio facilmente destróem a reputação alheia, mas não promovem a reputação do maledicente. O indivíduo sábio sabe quando deve guardar silêncio (vs. 13; 12.23; 13.3; 17.28; 18.2,6-8; Ec 3.7).

* 11.13 Temos aqui uma variação do v. 12. Este versículo nota que guardar confidências fortalece os relacionamentos, enquanto que a maledicência de um insensato os destrói (10.14 e nota).

* 11.14 sábia direção... conselheiros. Ver 15.22; 20.18; 24.6. O conselho ou sábia direção era uma característica do surgimento de sabedoria na vida política, durante o reinado de Davi (2Sm 15.30 - 17.23).

* 11.15 Ver 6.1 e nota.

* 11.16 Esses pensamentos paralelos opostos (paralelismo antitético) talvez ensinem que o desejo de respeito vale mais que meras riquezas (22.1; cf. Ec 7.1). Alternativamente, o sentido pode ser que a mulher graciosa retém a honra tão seguramente quanto a mulher cruel adquire riquezas.

* 11.17 bondoso. Esse termo descreve alguém que se comporta corretamente para com os seus semelhantes. Há um interesse próprio legítimo

expresso em "amar o próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). O que é melhor para os outros também é melhor para nós.

* 11.18 Ver 10.2,16; cf. 1Co 9.6-11. A recompensa pode ser material ou

espiritual. O princípio é o valor duradouro das recompensas da retidão.

* 11.19 Os caminhos da retidão e do mal, elaborados em detalhes

específicos, em muitas declarações deste capítulo, são aqui afirmados nos termos mais amplos. O princípio subjacente é explicado em Dt 30.15-20. Neste versículo, a "justiça" e o "mal" são usados num sentido mais amplo, incluindo a ordem dada por Deus na existência, que é discernida pela experiência (8.18, nota).

* 11.20 os perversos. Ou "tortos", "torcidos" (8.8).

* 11.21 não ficará sem castigo. A terminologia legal indica que está

envolvido o julgamento de Deus, e não apenas uma retribuição natural. Por semelhante modo, há um ato judicial de Deus envolvido no escape dos justos desse juízo.

* 11.23 Ver 10.24,25,28-30. O contraste entre os justos e os ímpios é visto

nos destinos deles.

* 11.24-
26 Estes versículos estabelecem o princípio geral de qu

generosa é abençoada, ao passo que a avareza conduz à ruína (v. 17, nota).

* 11.26 A generosidade do v. 25 é ilustrada pelo negociante que pensa na

comunidade, e que põe as necessidades alheias acima de seus próprios interesses.

* 11.27 Ver o v. 17 e nota. Aquele que "procura o bem" é ou o benfeitor da

sociedade, que por sua vez recebe aprovação da comunidade, ou aquele que busca a justiça, que por sua vez recebe a aprovação de Deus (cf. Mt 5.6).

* 11.28 Quem confia nas suas riquezas cairá. Ver o v. 4 e nota. Quando

vemos as possessões como aquilo que nos assegura a vida, Deus é excluído, tal como as corretas relações com o próximo. O resultado é uma vida de qualidade inferior.

* 11.29 Os pensamentos paralelos deste versículo não são óbvios, a

menos que compreendamos que a primeira linha significa um uso descuidado das riquezas da família, o que traz ruína à casa toda. O tolo nada herda (vento), e deverá ser o servo daquele que gerencia bem as suas finanças.

* 11.30 Fruto... árvore de vida. A metáfora está curiosamente misturada.

O resultado da retidão é a vida. Ver 3.18 e nota; 13.12; 15.4.

o que ganha almas. Lit., "toma almas”, ou "toma vidas”. O significado

usual dessa frase é matar, tirar a vida de outrem. Para acomodar isso, a Septuaginta (Antigo Testamento traduzido para o grego) traduz a frase por: "Mas as almas dos desregrados são tiradas antes do tempo". A tradução é incerta.

* 11.31 A forma deste provérbio, ao usar de uma intensificação ("quanto

mais"), é típica de sabedoria (15.11; 17.7; 19.7,10; 21.27).

o justo é punido. Nem mesmo os justos escapam ao escrutínio do julgamento. A Septuaginta (Antigo Testamento grego) traduz: "Se o justo é salvo com dificuldade" (conforme a citação em 1 Pe 4.18).

na terra. Ou "na terra [prometida]". Ver 2.20-22, nota.

quanto mais o perverso. Se os pecados dos justos são julgados, é óbvio que os pecados dos ímpios também são julgados. O princípio da responsabilidade humana é clara: até os justos devem aceitar a responsabilidade por sua insensatez.

*** 12.1 Quem ama a disciplina ama o conhecimento. Lit., "amar a**

disciplina é amar o conhecimento". A forma deste provérbio, tal como em 13.3 e

14.2, agrupa as coisas que se pertencem sem declarar explicitamente a relação existente entre elas. Essas coisas são então contrastadas com seus opostos. A pessoa sábia aceita a correção, e, em conseqüência, fica mais sábia, mas aquela que não aceita críticas não chega a lugar algum.

* 12.2 o favor. Ver a nota em 8.35.

Senhor. Ver a nota em 1.7.

* 12.4 Ver a extensa apreciação da esposa virtuosa, em 31.10-31.

*
12.5 O caráter de uma pessoa estabelece princípios p
ações.

Há uma advertência implícita contra confiar em pessoas com base nas aparências.

* 12.6 Ver 1.11. Este versículo ressalta o poder das palavras para o bem ou para o mal.

livra homens. Em outras palavras, elas resgatarão as vítimas dos ímpios.

* 12.7 Ver 10.25 e nota.

* 12.8 entendimento. Um bom senso prático. A exibição de domínio

sobre a vida ganha louvores.

o perverso de coração. A frase sugere a incapacidade de pensar retamente; mais confusão mental do que mesmo maldade.

* 12.9 Vários provérbios que têm essa forma de comparação direta,

usando a fórmula do "melhor... do que" (15.16,17; 16.8,19,32; 17.1,12; 19.1).

o que se estima em pouco. Uma pessoa sem posição social ou sem reputação.

e faz o seu trabalho. A Septuaginta (Antigo Testamento grego) traduz essa frase por: "que trabalha para si mesmo". O sentido da frase é "Melhor uma prosperidade humilde do que a pobreza ocultada pela pretensão"; ou então: "É melhor trabalhar sem ser valorizado do que passar fome enquanto se sonha em riquezas".

* 12.10 Deus leva em conta o tratamento que damos aos animais (1 Rs

4.33). Isso é coerente com a preocupação pela correta ordem de coisas no mundo.

O justo. Ver a nota em 8.18.

o coração dos perversos é cruel. A pessoa iníqua é incapaz de bondade, até com o seu gado.

* 12.11 Uma variante do v. 9, este versículo contrasta os benefícios do

trabalho duro e honesto com fantasias que nada produzem. Ver 6.6-11; 20.4; 24.30-34; 28.19.

* 12.12 Embora o hebraico deste versículo seja difícil, o contraste

básico

— os benefícios da retidão em contraposição aos efeitos da iniquidade — está claro.

* 12.13 Ver 10.11,14,31.

* 12.14 O princípio da recompensa, expresso, por exemplo, no v. 21, está

enfocado sobre a fala sábia. Tal linguagem cria bons relacionamentos e mostra cuidado pela ordem de coisas capaz de fomentar a vida. Suas recompensas são tão tangíveis como aquelas do labor físico.

* 12.15 O insensato pensa que sabe mais do que as demais pessoas. A

pessoa sábia é humilde o bastante para aprender da experiência alheia e tem a capacidade de discernir os bons conselhos (v. 1).

* 12.16 O domínio próprio é uma das características dos sábios. O

insensato reage por demais fortemente e com precipitação, destruindo relacionamentos. A pessoa sábia deixa o caminho aberto para a reconciliação.

* 12.17 À primeira vista, este provérbio expressa aquilo que deveria ser

óbvio, mas ilustra eficazmente o inevitável relacionamento entre o caráter e os atos (v. 5, nota).

* 12.18,19 Estes dois provérbios podem ter sido postos juntamente com o

v. 17 porquanto expandem o mesmo tema. O v. 18 considera os efeitos das palavras em nossos relacionamentos com outras pessoas, enquanto que o v.

19 considera a força da verdade em comparação com a fraqueza das mentiras, que inevitavelmente cede terreno (cf. o v. 13).

* 12.20 fraude. O contraste com a "alegria" parece requerer que isto

significa fraudar-se a si mesmo.

a paz. Essa palavra (no hebraico, *shalom)* refere-se à totalidade; trata-se de um termo que aplica-se mais aos relacionamentos, que propriamente uma referência a alguma experiência particular de tranqüilidade.

* 12.21 Nenhum agravo. Essa condição básica dos justos refere-se tanto

às calamidades naturais quanto aos julgamentos de Deus. Ver a nota em 11.8.

* 12.22 O caráter e as atitudes auto-revelados de Deus provêem um forte

motivo para a verdade.

* 12.23 oculta o conhecimento. Não por motivo de egoísmo mas a fim

de que não faça espetáculo de seu conhecimento. A sabedoria sabe quando é certo manter o silêncio e quando é certo falar (26.4,5; Ec 3.7; Tg 3.17,18).

proclama a estultícia. O insensato não somente tem um conceito exagerado de sua própria esperteza (v. 15), mas também não pode resistir demonstrá-la. Tal disposição deixa entrever sua real insensatez.

* 12.25 O ministério de encorajamento é mais do que uma palavra

superficial (Tg 2.15,16), mas a palavra falada continua sendo um aspecto importante do cuidado mútuo. Deus age para conosco mediante feitos interpretados pela sua Palavra.

* 12.27 assará. É difícil dizer se a tradução devia ser que o homem é

preguiçoso demais para assar a sua caça, ou se ele é preguiçoso demais para apanhá-la, em primeiro lugar. A segunda linha elogia a diligência sem continuar a metáfora da caça.

* 12.28 a vida. Ver 3.2,18 e notas.

não há morte. No hebraico "não morte". Ver 2.18 e nota, e também 3.2. As consoantes hebraicas traduzidas por "não", também podem significar "para"; em contraste com "a vereda da justiça", que conduz à vida, temos aqui "há uma vereda que conduz à morte".

* 13.1 A capacidade de aprender da criança ou do aluno contrasta com a

propensão do insensato em zombar e em recusar a correção (1.8,22 e notas).

* 13.2 fruto da boca. O poder das palavras é um tema freqüente da

sabedoria. Ver 10.11, 13, 19; 12.14 e notas. As palavras sábias são construtivas, e quem as diz se beneficia pessoalmente disso.

pérfidos. Essa palavra sugere os enganadores traiçoeiros, cuja consciência social está torcida.

* 13.3 O que guarda a boca. Exercendo controle sobre o que diz, a fim

de que aquilo que é dito seja cuidadosamente considerado quanto a

seus efeitos possíveis.

o que muito abre os lábios. Explosões de palavras, precipitadamente ou maliciosamente, sem preocupar-se com as suas conseqüências.

* 13.4 O preguiçoso. Ver 6.6-11 e notas. A responsabilidade humana

não pode ser evitada. Nem o mundo e nem Deus tem a obrigação de nos sustentar a vida.

diligentes. Compreendendo corretamente as recompensas do trabalho honesto, a pessoa diligente é sustentada.

* 13.5 O justo. Ver a nota em 8.18.

* 13.6 Ver 10.9; 11.3-9.

* 13.7 Uns se dizem. Ou "fingem ser". Embora seja notada a

disparidade das possessões, o ponto central do provérbio parece ser a similaridade do fingimento. Cada qual representa mal os fatos sobre si mesmo.

* 13.8 Uma pessoa rica poderá ser seqüestrada para se obter pagamento

de resgate, mas tais ameaças não dizem respeito aos pobres. Por detrás de cada situação está o princípio de que a segurança das riquezas pode ser ilusória, enquanto que a insegurança da pobreza tem suas vantagens.

* 13.9 brilha intensamente. A metáfora apresenta dois tipos de casas:

uma delas é bem iluminada e feliz; a outra é escura e abandonada. Essas casas simbolizam vidas humanas; uma pessoa prospera e vive muito tempo, enquanto que a outra tem sua vida cortada

precocemente (10.27, nota).

* 13.11 A sabedoria do trabalho duro honesto é contrastado com a

insensatez do lucro desonesto.

* 13.12 Uma experiência humana comum: as expectações frustradas

causam uma perda de moral e um senso de desamparo. Isso não dá a entender que a gratificação instantânea seja boa, mas antes, que deveríamos nos esforçar honestamente em busca dos alvos desejáveis da vida.

árvore de vida. Ver 3.18 e nota.

* 13.13 a palavra. A palavra de sábia instrução.

o mandamento. Ver 3.1 e nota. Os efeitos opostos da obediência e da desobediência são temas constantes.

* 13.14 fonte de vida. A mesma palavra hebraica foi traduzida por

"manancial de vida", em 10.11 (10.11, nota).

* 13.15 pérfidos. Ver o v. 2 e nota.

* 13.16 A verdade contida neste provérbio parece ser óbvia, mas ver 12.17

e nota.

* 13.17 O mau mensageiro. Alguém que traz uma mensagem

enganadora.

mal. Ou "infortúnio". Tal mensageiro foi o amalequita que, esperando

conquistar o favor de Davi, afirmou falsamente ter matado a Saul, mas foi executado para sua desgraça (2Sm 1.1-16). As declarações paralelas deste provérbio sugerem que o mensageiro fiel, talvez por ser um enviado da parte de alguém, promove o bem-estar de outras pessoas.

* 13.19 Ver o v. 12 e nota. A concretização de um alvo digno traz

benefícios à vida do indivíduo. Os insensatos, porém, não abandonarão o mal para seguirem tais alvos.

* 13.20 A lição simples é que nos tornamos como aqueles em cuja

companhia nos mantemos.

* 13.21 A sabedoria dos hebreus, com seu enfoque sobre as lições

derivadas da experiência humana (cap. 4, nota), salienta a relação geral de causa e efeito, entre os estilos de vida e os seus respectivos resultados.

Embora isso possa ser considerado uma retribuição natural por causa dos padrões observáveis da experiência humana, há uma suposição subjacente que a ordem que domina o mundo é uma conseqüência do governo de Deus.

* 13.22 deixa herança. Na vida, a sabedoria tem efeitos duradouros,

especialmente na própria família.

depositada para o justo. As riquezas do ímpio podem ser-lhe tiradas e entregues a alguém mais merecedor do que ele (28.8; Jó 27.13-19). Este versículo talvez indique a dissipação irresponsável das riquezas

por causa da insensatez, ou a retribuição divina do rico ímpio, devido a outros pecados (cf. Tg 5.1-3).

* 13.23 A relação natural entre a diligência e a suficiência (vs. 4, 11, nota)

é quebrada pela opressão e pela injustiça.

* 13.24 a vara. Embora essa palavra possa simbolizar qualquer tipo de

correção disciplinar, pouca dúvida há de que a punição corporal era aprovada em algumas situações (10.13; 22.15; 23.13,14; 29.15). Disciplina com amor impede a vara de ser destrutiva (3.11,12 e notas).

* 13.25 Ver os vs. 13, 18, 21, e notas.

* 14.1 A mulher sábia edifica a sua casa. Note os paralelos verbais

com a personificação da sabedoria como se fosse uma mulher que edifica a sua casa, em 9.1.

* 14.2 na retidão. Sendo um contraste com "perverso", essa palavra

significa "reto", "honesto".

Teme ao SENHOR. Ver 1.7 e nota.

* 14.3 Ver 10.13 e nota.

* 14.4 limpo. Não é claro se o hebraico dá a entender que o celeiro fica

"limpo" ou cheio de "grãos", em resultado de não ser usado. Em ambos os casos, o benefício menor do celeiro não-usado deve ser

avaliado contra o nada que é produzido quando os bois não estão trabalhando. Gastos devem ser aceitos se alguma coisa tiver de ser realizada.

* 14.5 Um fato e uma advertência que enfatizam a consistência do caráter com as ações (12.5, 17 e notas).

* 14.6 O escarnecedor. Ver 1.22 e nota.

procura a sabedoria. Esse tipo de pessoa pode reconhecer o valor da sabedoria, mas não se deixa ensinar o bastante para lograr sucesso.

* 14.8 prudente. Dentro do contexto da sabedoria, o termo indica alguém que é esperto, que age com real discernimento de uma maneira que promova a vida. Ver 12.16,23; 13.16 e notas.

enganadora. Talvez por enganar-se a si mesmo (cf. 12.20 e nota), embora enganar outras pessoas possa estar envolvido.

* 14.9 zombam do pecado. Isso pode significar que eles zombam diante da sugestão de apresentar a Deus a oferenda do sacrifício pela culpa, ou de se fazer restituição à pessoa que foi enganada (Lv 6.1-7).

há boa vontade. A segunda linha deste versículo contrasta com a primeira, e o sentido da palavra é a aceitação da parte de Deus, ou a comunhão restaurada com outras pessoas.

* 14.10 Embora grande parte da literatura de sabedoria da Bíblia reflita os relacionamentos entre as pessoas, também existe uma preocupação com aqueles aspectos da vida que são pessoais e particulares. Certas coisas não podem ser comunicadas, e os indivíduos devem aprender a saber que coisas são essas.

* 14.12 Ver 2.18,20-22; 3.18 e notas.

parece direito. Essa declaração subentende que tal caminho não é

direito, e que a pessoa em foco é precipitada, sem discernimento ou ignorante.

* 14.13 Cf. o v. 10 e nota. Uma alegria externa e uma tristeza oculta podem coexistir. Mas a tristeza pode ser a realidade a ser enfrentada no fim.

* 14.14 O hebraico, da segunda linha deste versículo, é difícil, mas o contraste básico entre as recompensas pelo comportamento bom e pelo comportamento mal é evidente.

* 14.15 O simples. Ver a nota em 1.4. A pessoa "simples" é destreinada quanto ao uso do julgamento crítico.

o prudente. Ver a nota no v. 8.

* 14.17 O que presto se ira. Ver v. 29; 16.32; 19.11 e notas.

de maus desígnios. A palavra hebraica usualmente significa "discreção", uma virtude positiva (1.4; 2.11; 3.21; 5.2; 8.12). Uma linha seguinte de sentido contrário (paralelismo antitético), que se encontra na maioria dos provérbios deste capítulo, sugeriria o contrário daquele que se ira com facilidade.

* 14.18 conhecimento. Ver 1.7 e nota.

* 14.19 Mesmo nesta vida, as pessoas más algumas vezes são compelidas a respeitar com rancor as pessoas boas. Mas a justiça de Deus pode ser aqui a intenção da frase, quando os justos serão finalmente vindicados e os ímpios terão que se inclinar diante deles, no julgamento final.

* 14.20 Embora originalmente fosse uma declaração independente acerca de amigos que podem ajudar em tempos de tribulação (cf. Lc 16.9), sua

colocação imediatamente antes do provérbio do v. 21 lhe dá uma

aplicação adicional. Mesmo com a melhor das intenções, as pessoas ficam cansadas de uma amizade que sempre impõe exigências. A amizade é fácil quando não impõe obrigações ou traz benefícios.

* 14.21 A lei de Deus ordena bondade e cuidado pelo próximo como um

reflexo do próprio caráter do Senhor (Lv 19.10-18). Esse princípio adquire ainda maior clareza no Novo Testamento, que requer que nos tratemos uns aos outros de uma forma que reflita o tratamento gracioso que recebemos de Deus, através de Cristo (1Jo 4.7-11).

* 14.22 amor e fidelidade. Essa frase, usada para indicar a amorosa

compaixão do Deus da aliança pelo seu povo (Sl 86.15), é aplicada aqui para o mais profundo amor e lealdade.

* 14.23 Ver 10.4; 12.11; 13.4 e notas.

* 14.24 Conforme o mesmo se acha, este versículo é similar ao v. 23. A

verdade óbvia, na segunda linha, enfatiza a futilidade da insensatez.

* 14.25 Ver o v. 5. A primeira linha exprime os resultados do testemunho

veraz em uma disputa legal (ver a referência lateral). A segunda linha não exprime o oposto do pensamento da primeira linha (conforme usualmente se dá no caso de paralelismos antitéticos), mas simplesmente indica a natureza do testemunho falso, como ele obscurece a verdade.

* 14.26 No temor do SENHOR. Ver 1.7 e nota.

* 14.27 fonte de vida. Ver 3.18; 10.11; 11.30; 13.14 e notas.

* 14.29 Ver o v. 17.

* 14.30 O ânimo sereno. Ver a nota em 2.2. Os antigos reconheciam o

elo existente entre a tranqüilidade mental e espiritual e a saúde física (3.7,8).

*
14.32 ainda morrendo. A Septuaginta (Antigo Testamento grego) diz

"piedade", fazendo um contraste mais direto com "malícia". O texto hebraico não fala explicitamente sobre a ressurreição dentre os mortos, mas sugere a confiança de que Deus vindica os justos (23.18 e nota).

* 14.33 vem a lume. O significado desta linha é incerto. Ou o insensato

exibe aquilo que ele imagina ser a sua sabedoria, ou mesmo o insensato manifesta um ocasional lampejo de sabedoria.

* 14.34 exalta. Ou moralmente, ou em conseqüência de bênçãos

materiais divinas (Dt 28.1-14; 1 Rs 4.20-28).

* 14.35 A sabedoria da corte real provê essa advertência contra o

insensato incompetente.

* 15.1 O poder das palavras de edificar ou de destruir relacionamentos é

salientado aqui e nos vs. 2, 4, 7, 14 e 23.

* 15.2 Ver 6.17,24; 10.20,31; 12.17-19.

* 15.3 Os olhos do SENHOR. Ver 2Cr 16.9; Sl 33.13-15. Os sábios,

algumas vezes, olhavam para além dos acontecimentos observáveis e da retribuição natural para lembrarem-se da realidade da justiça divina. Ver a nota teológica "Deus Vê e Conhece: a Onisciência Divina", índice.

* 15.4 A língua serena. Ou: saneadora. Uma língua conciliadora corrige

os relacionamentos (v. 2; 12.18).

árvore de vida. Ver 3.18 e nota.

a perversa. Ver a nota em 11.3.

quebranta o espírito. Destrói a moral e a autoestima (Is 65.14, referência lateral).

* 15.5 Ver 1.8; 6.20; 12.15; 13.1,13,18. Deixar-se ensinar com humildade

é a marca dos sábios.

* 15.6 grande tesouro. Pode ser uma riqueza material, ou talvez uma

metáfora de própria sabedoria (cf. 8.18-21).

perturbação. Ou "será destruído", conforme diz a Septuaginta (tradução do Antigo Testamento grego).

* 15.7 Ver o v. 2 e nota.

* 15.8 Ver Is 1.12-15; Am 5.21-24. O sábio traça aqui a vida

religiosa de

Israel, ilustrando a estrutura do pacto, dentro do qual a sabedoria bíblica opera.

* 15.10 a vereda. Isto é, o caminho da sabedoria divina (2.12-20). A

disciplina será necessária para trazer o indivíduo de volta ao caminho de Deus (v. 5; 12.1).

o que odeia a repreensão, morrerá. Ver 2.18 e nota.

* 15.11 O além. No hebraico, sheol (1.12, nota).

o abismo. Ver a referência lateral. A morte é aqui retratada como uma espécie de encerramento do indivíduo, da parte do Senhor. O Senhor penetra os segredos do sepulcro; e quão mais fácil é para ele conhecer as nossas mentes (Sl 139.23,24).

* 15.12 O escarnecedor. Ver a nota em 1.22.

* 15.13 Ver a nota em 14.30.

* 15.15 banquete. Uma metáfora sobre a alegria.

* 15.16 Quanto a exemplos da forma de comparação "melhor... do que", ver a nota em 12.9. O temor do Senhor rende suas próprias riquezas (v. 6, nota).

tesouro onde há inquietação. Ver 10.2. As riquezas que não têm origem em uma vida sábia, trazem consigo sementes de destruição (Mc 10.25).

* 15.17 O contraste indica pobreza e riqueza. A qualidade de relacionamentos familiares não está ligada às riquezas; a qualidade da hospitalidade está alicerçada sobre os relacionamentos

pessoais, e não sobre o alimento provido.

* 15.18 Ver 14.17,29; 15.1. A disposição das pessoas acalma ou acende uma rixa. Podemos discordar sem sermos desagradáveis.

* 15.19 Ver 6.6-11; 10.4; 13.4.

retos. A palavra é aqui usada como o oposto de "preguiçoso". Existe um laço implícito entre a preguiça e a injustiça, entre a diligência e a virtude.

* 15.23 Os sábios recebem grande satisfação por serem capazes de dar a palavra apropriada no tempo certo.

* 15.24 Ver 2.18-22 e notas. o inferno. Ver a nota em 1.12.

* 15.25 Um reconhecimento da retribuição divina final. a casa dos soberbos. Ver 14.11.

a herança da viúva. Ver a nota em Dt 19.14. Visto que a opressão sobre as viúvas era algo que realmente ocorria (p.ex., Is 1.17,23; 10.2), este provérbio deve ser visto como uma declaração de confiança de que a justiça de Deus finalmente terá cumprimento.

* 15.26 Tal como nos vs. 8 e 9, manter um correto relacionamento com o

Senhor é a definitiva sabedoria.

* 15.27 ávido... suborno. Essas linhas paralelas sugerem alguém cujas

riquezas foram mal adquiridas. Nossa insensatez usualmente repercute sobre aqueles que nos são próximos (1.19).

viverá. Ver 2.20-22 e notas.

* 15.28 O sábio e o justo reconhecem a necessidade de pesar

cuidadosamente as questões antes de dar conselhos.

* 15.29 Ver a nota no v. 8.

* 15.30 O olhar de amigo. A idéia parece ser que uma pessoa animada e

radiante, ou uma bela cena, afetam a mente do indivíduo da mesma maneira que boas notícias promovem o nosso bem-estar geral. Ver a nota em 14.30.

* 15.32 menospreza a sua alma. A insensatez é autodestrutiva.

* 15.33 Ver 1.7; 11.2 e notas.

* 16.1 Ocasionalmente, os sábios nos relembram que faz parte da

responsabilidade humana raciocinar e agir, e que isso não contradiz a soberania de Deus (vs. 2,9).

a resposta... vem do SENHOR. Essa frase significa ou que Deus nos capacita a dar a resposta certa e efetuar os nossos planos, ou que a resposta de Deus

(sua palavra de decisão) é o poder real que amolda os acontecimentos (19.21; cf. Fp 2.12,13).

* 16.2 espírito. As pessoas são capazes de racionalizar quase qualquer tipo de comportamento, quando se esforçam por justificar-se (12.15; 30.12). O conhecimento de Deus é uma advertência contra tal auto engano (Hb 4.12; cf. 1Co 4.3-5).

* 16.3 Confia. Em Hebraico: "Rola". A expressão é incomum. Pode significar que nossos planos deveriam ser entregues aos cuidados do Senhor (Sl 37.5), ou planejados com a aplicação

consciente dos princípios da Palavra de Deus.

* 16.4 para determinados fins. Lit., "para sua resposta". A totalidade da criação, incluindo os ímpios e seus atos, está sujeita à soberania de Deus e servem a seus propósitos (cf. Rm 9.17-23).

* 16.5 Ver 11.20,21.

* 16.6 Pela misericórdia e pela verdade. Essa expressão resume a atitude dos sábios para com o Senhor (3.3; 14.22; 20.28). A declaração é uma reprimenda à religiosidade formal, desacompanhada da verdadeira fé.

* 16.7 agradável ao SENHOR. Seguir o caminho de Deus produz efeitos reconciliadores e curadores sobre os relacionamentos pessoais.

* 16.8 Ver 15.16,17 e notas.

* 16.9 Ver os vs. 1,2 e notas.

* 16.10 decisões autorizadas. A palavra de um rei era lei, e ele tinha o direito de buscar a orientação do Senhor em seus julgamentos. Davi falou como um mensageiro de Deus (2Sm 14.17,20), e Salomão desejou possuir um coração discernidor (1 Rs 3.9). O dom da sabedoria que Deus deu ao rei não o

dispensava da responsabilidade de buscar sabedoria e de agir de acordo com a justiça.

* 16.11 Ver 11.1; 20.10,23; Am 8.5. Por detrás desta afirmativa há a visão

da sabedoria de Deus como aquele que estabelece e mantém a ordem justa que torna a vida significativa. Quanto à lei contra os pesos falsificados, ver Lv 19.35,36; Dt 25.13-16.

* 16.12-15 A sabedoria concernente à realeza não reflete somente o ideal

de Salomão e de seu sábio governo, mas também exprime o poder do rei para estabelecer a ordem justa em seu reino.

* 16.15 a nuvem que traz chuva serôdia. Ver a nota em Am 4.7,8. O

favor do rei pode fazer a vida do indivíduo florescer como as plantações durante a primavera.

* 16.16 As comparações que usam a fórmula "melhor... do que" afirmam,

sem qualquer ambigüidade, a superioridade de uma coisa sobre outra, embora sem dizer o por quê (12.9, nota). Que a sabedoria é melhor do que as riquezas materiais é um tema comum da sabedoria (3.13-15; 8.10,11,19). Isso não significa que as riquezas sejam, por si mesmas, indesejáveis (3.9,10; 1Rs 3.1013; 10.7-9), mas somente que devem ser adquiridas como o fruto da sabedoria.

* 16.18 Ver 11.2 e nota. Os soberbos são incapazes de aprender e, por

isso, dirigem-se para a destruição.

* 16.19 Ver o v. 16; 15.16 e notas.

* 16.21 a doçura no falar. "Palavras de mel"; palavras que refletem a

aptidão para a comunicação.

* 16.22 fonte de vida. Ver 10.11 e nota.

a sua estultícia lhe é castigo. Em outras palavras, é uma insensatez corrigir os tolos, porque eles não darão ouvidos. O hebraico também

pode significar que a própria insensatez deles torna-se um castigo apropriado para insensatos.

* 16.23 O coração. Ver a nota em 2.2. A pessoa sábia fala de uma mente informada pela verdade.

* 16.24 Palavras agradáveis. Ver a nota no v. 21. Tais palavras têm um

valor curativo para os relacionamentos humanos e para o bem-estar pessoal.

* 16.26 A fome do trabalhador. O mais básico incentivo contra o ócio é a

ameaça da fome (2Ts 3.10-12).

* 16.27 O homem depravado. Ver a referência lateral; e também a nota

em 6.12.

fogo ardente. Esta metáfora enfatiza o poder destruidor das palavras vindicativas e caluniosas.

* 16.30 Quem fecha os olhos. Ver a nota em 6.13.

* 16.31 quando se acham. A vida reta é a vida sábia que promove a

longevidade (3.2, nota). Os idosos são honrados por sua sabedoria, aprendizado e experiência.

* 16.32 Melhor é o longânimo. Tal pessoa traz calma e bom juízo, em

qualquer crise (Tg 1.19,20).

* 16.33 A sorte. Ver a nota em Jn 1.7 e a nota teológica "Providência",

índice .

do SENHOR procede toda decisão. Quando o lançar sorte era usado devidamente a resposta não era uma questão do acaso, mas vinha de Deus.

* 17.1 farta de carnes, e contendas. Lit., "sacrifícios de contendas" (ver

a referência lateral), talvez um contraste com as ofertas pacíficas ou de comunhão (Dt 27.7). Pode haver harmonia sem provisões abundantes.

* 17.2 Um privilégio herdado pode ser facilmente perdido para aqueles

que, mediante a diligência, mostram-se dignos de desfrutar do mesmo (11.29).

* 17.3 aos corações prova o SENHOR. As comparações indicam que o

Senhor usa as nossas experiências a fim de nos aprimorar. Um teste de fogo não vem para nos destruir, mas para nos refinar.

* 17.4 O pecado não está simplesmente no ouvir, mas no implícito desejo

perverso de usar para o mal aquilo que foi ouvido (cf. 16.27).

* 17.5 Ver 14.21 e nota.

* 17.6 os filhos dos filhos. O desejo natural de todos os pais ter netos

foi intensificado em Israel, onde as bênçãos plenas da aliança, que jaziam no futuro, seriam possuídas pelos descendentes do indivíduo (Sl 127.3; 128.1-6).

a glória dos filhos são os pais. Ver Êx 20.12. Os pais são os guardiães e os professores mais influentes da verdade divina aos seus filhos.

*** 17.7 quanto menos ao príncipe, o lábio mentiroso. Ver 8.15,16;**

16.10,12,13 e notas.

* 17.8 o suborno. O ato de subornar geralmente se mostra eficaz. Essa

observação de um comportamento humano corrupto é feito sem se passar julgamento moral (cf. o mordomo injusto de Lc 16.1-9). O suborno é condenado em 15.27. A sabedoria rejeita o pragmatismo em favor da obediência à lei de Deus.

* 17.10 Um tema frequente da sabedoria: as pessoas sábias deixam-se

ensinar. Em contraste, o insensato não aprenderá de forma alguma (9.7-9).

* 17.11 O governo foi instituído por Deus para a preservação da ordem na

sociedade (Rm 13.1-5). A rebeldia convida a retribuição oficial contra a tentativa de destruir a ordem social.

* 17.16 para comprar a sabedoria. Os insensatos não podem

compensar a falta de sabedoria comprando uma educação.

* 17.18 Ver 6.1-3 e notas.

* 17.19 As linhas paralelas deste provérbio vinculam o orgulho e as más

ações com a luta e a destruição, dando ao leitor assunto para sua reflexão.

* 17.21 Ver 10.1; 15.20 e 17.25.

* 17.22 Ver 14.30; 15.13,30 e notas.

* 17.23 Ver o v. 8 e nota.

* 17.24 O contraste é entre a concentração sobre a tarefa do aprendizado

da sabedoria e os devaneios (12.11, nota).

* 17.25 Ver o v. 21 e nota.

* 17.27 Quem retém. Ou seja, aquele que contém sua fala. Este

provérbio contrasta com 16.27,28. Os sábios sabem como controlar sua língua.

* 17.28 Este provérbio é uma extensão hipotética do v. 27. Ironicamente, o

insensato que tem a esperteza de manter-se calado pelo menos mostra algum potencial para a sabedoria.

* 18.1 O hebraico é difícil. A primeira linha sugere que a pessoa

inamistosa (no hebraico, "alienado") busca somente os seus próprios interesses.

* 18.3 As conseqüências sociais da insensatez e da perversidade são a perda da honra e da autoestima.

* 18.4 Águas profundas são as palavras da boca do homem. O

sentido dessa frase é que as palavras de uma pessoa comum são obscuras, ou que as palavras do sábio são profundas. Se admitirmos o primeiro sentido, então a segunda linha contrasta tal obscuridade com a clareza da sabedoria.

Se o sábio é que está em pauta, então a segunda linha desenvolve o tema. A ambigüidade pode até ser deliberada, deixando aberta a aplicação.

* 18.6,7 Ver 6.2; 10.11,14; 13.3; 14.3 e notas.

* 18.7 para a sua alma. Ou "para a sua vida".

* 18.8 Faz parte de nossa natureza humana pecaminosa ter um apetite para a maledicência.

* 18.9 Ver 6.9-11.

* 18.10 o nome do SENHOR. Na cultura hebraica, um nome não era mero rótulo, mas usualmente uma expressão do caráter de uma pessoa. O nome pactual de Deus, "Senhor", está associado a seu caráter como Salvador de seu povo (Êx 3.13-15; 15.1-3, e notas).

Torre forte. A segurança dos justos está baseada no caráter de Deus como um Salvador fiel.

* 18.11 Este versículo forma um claro contraste com o v. 10 (cf. 10.15). A advertência implícita é contra a confiança somente nas riquezas materiais (Lc 12.13-21).

* 18.13 Os insensatos vociferam opiniões sobre assuntos que eles não

procuraram ouvir com cuidado. A pessoa deve escutar bem antes de começar a falar.

* 18.14 Ver 14.30 e nota.

* 18.16 Neste caso, o presente não é, necessariamente, um suborno, mas

os efeitos práticos de um presente são vistos (17.8, nota).

*
18.17 Um argumento, em uma disputa, pode ser pers

desafiado pelo outro lado. Esta parte da sabedoria prática salienta a importância de chegarmos à verdade.

* 18.18 Pelo lançar da sorte. Se a decisão vier de fora, as partes em

contenda podem ambas descansar.

* 18.19 O irmão ofendido. O significado preciso deste versículo é incerto.

O seu intuito aparente é que a reconciliação é difícil.

* 18.20 Do fruto da boca. Ver 12.14; 13.2 e notas.

se satisfaz. Provavelmente uma metáfora dos resultados construtivos da fala sábia, que promove relacionamentos transmissores de vida.

* 18.21 O ato de falar pode trazer o bem ou o dano. A pessoa que gosta

de falar deve averiguar quais são seus efeitos.

* 18.22 uma esposa. Fica entendido que ela é uma boa esposa, como

aquela descrita em 31.10-31 (12.4; 19.14 e notas).

a benevolência do SENHOR. Ver a nota em 8.35.

* 18.23 Este provérbio está baseado sobre uma observação realista da

dura realidade das desigualdades da vida, por causa dos efeitos do pecado.

* 18.24 O homem que tem muitos amigos. O contraste parece ser entre

dois tipos de companhia: aqueles cuja amizade é superficial e que causa tribulações; e o amigo raro, que é leal como um irmão (17.17).

*** 19.2 Não é bom proceder sem refletir... precipitado. Ou seja,**

alguém que se precipita sem um planejamento apropriado. A sinceridade e a energia, por si mesmas, erram o alvo (Rm 10.2).

* 19.3 Os pecadores trazem seu próprio infortúnio, mas culpam Deus por

isso.

* 19.4 Um fato comum da vida, dito sem qualquer julgamento moral (vs.

6,7; 18.23), embora a parcialidade pecaminosa seja óbvia (Tg 2.1-4).

* 19.5 Ver o v. 9. Em uma sociedade bem ordenada, o perjúrio é um crime

sério que é severamente punido (cf. Êx 20.16). A retribuição divina não está em foco aqui, mas antes, as exigências de uma ordem social normal.

* 19.6,7 Ver o v. 4 e nota.

* 19.8 ama a sua alma. Ou então, "ama a vida". A sabedoria promove

relações que são essenciais para o bem viver.

* 19.9 Ver o v. 5, e nota.

* 19.10 Ao insensato... a vida regalada. Um insensato não sabe lidar

com a responsabilidade das riquezas. É possível que este versículo refira-se a um insensato em uma posição de autoridade administrativa, e não em uma posição de riqueza.

ao escravo dominar os príncipes. Essa situação é imprópria, não somente porque os oprimidos tornam-se agora os novos opressores, mas porque é algo

incongruente para aqueles que não estão social e intelectualmente preparados para governar a sociedade. Mas comparar 2Sm 7.8 quanto à exceção.

* 19.11 o torna longânimo. Ver 14.17,29; 16.32 e notas. A disciplina é

uma das marcas do homem sábio. Uma auto-avaliação apropriada impede-o de ofender-se diante de cada pequeno insulto.

* 19.13 Ver 10.1; 17.21.

as contenções. Ou "amolações". Relacionamentos mais íntimos têm um potencial para uma maior destruição.

um gotejar contínuo. Como um telhado com goteiras, que torna uma casa impossível de habitar quando chove (27.15).

* 19.14 Este provérbio não deixa entendido que o Senhor, não esteja

exercendo, em última análise, controle sobre a herança das riquezas. Antes, ele enfatiza que o resultado da escolha do indivíduo quanto à sua esposa não é tão fácil de predizer ou controlar. Um casamento feliz é, realmente, motivo para se agradecer a Deus.

* 19.15 Ver 6.10,11; 10.4 e notas.

* 19.16 o mandamento. Ver a nota em 3.1.

esse morre. Ver 2.18, e nota.

* 19.17 O Senhor recompensa àqueles que demonstram ter compaixão

pelos pobres.

* 19.18 Castiga. Ver 3.11 e nota.

esperança. Ou seja, razão para esperar um resultado desejado.

não te excedas a ponto de matá-lo. Isto é, não contribuas para a sua morte prematura por falhar em discipliná-lo e corrigi-lo.

* 19.21 Ver 16.1,9 e notas.

* 19.22 misericórdia. Ou "lealdade".

é preferível ao mentiroso. Um amigo leal, embora pobre, é melhor do que um amigo traiçoeiro.

* 19.23 O temor do SENHOR. Ver 1.7; 2.5 e notas. "O temor do Senhor",

neste passo bíblico, provavelmente sirva de sinônimo da sabedoria da qual o

Senhor é o sábio Autor (Tg 3.17).

conduz à vida. Ver 3.18 e nota.

ficará satisfeito. Ou então, "dormirá seguro", sob os cuidados do Senhor.

* 19.24 Este provérbio é um comentário humorístico sobre o preguiçoso (6.6, nota). O quadro de uma pessoa preguiçosa demais para alimentar-se, reflete a situação de 6.10,11. Esse tal nem ao menos tem a vontade da autopreservação.

* 19.25 escarnecedor. Ver a nota em 9.7.

o simples aprenderá a prudência. Ver 1.4 e nota. O zombador merece ser castigado, e a mente capaz de ser ensinada do simples observa as instruções recebidas e aprende, e assim é impedido de cair em insensatez semelhante.

* 19.26 O significado deste versículo é claro, especialmente quando visto contra o pano-de-fundo do propósito divino para os relacionamentos familiares (17.6; Êx 20.12).

* 19.28 de Belial. Ver a referência lateral; nota em 6.12.

* 19.29 Ver o v. 25; 10.13; 14.3. Mesmo que o castigo não detenha os tais,

é merecido.

* 20.1 escarnecedor. O vinho zomba da pessoa que cai sob seu

encanto, ou mais provavelmente, torna o indivíduo um escarnecedor (9.7, nota).

não é sábio. Ou é uma insensatez ficar embriagado, ou a pessoa intoxicada não pode agir sabiamente.

* 20.2 Ver 16.14.

* 20.3 Ver 15.18; 17.14.

* 20.4 Ver 6.6-11.

* 20.5 sabe descobri-los. Se as "águas profundas” referem-se a

alguma

verdade profundamente escondida "no coração", então a pessoa sábia é vista como alguém que é capaz de extrair tal sabedoria para a superfície, e dar-lhe expressão (18.4, e nota).

* 20.6 Muitos professam ter tal benignidade (ver a referência lateral), mas

poucos a praticam em seu relacionamento com outras pessoas.

* 20.7 Ver 13.22 e nota; 14.11.

O justo. Ver 8.18 e nota.

* 20.8 Ver o v. 26. Um rei sábio pode discernir entre o trigo e a palha,

entre o bem e o mal.

* 20.9 Ver 16.2 e nota. A resposta a esta pergunta deve ser simplesmente,

"ninguém" (1Jo 1.8).

* 20.10 Ver 11.1 e nota.

* 20.11 criança. A palavra hebraica correspondente cobre um grande

leque de idades, desde a infância até ao início da vida adulta.

* 20.12 Dois dos principais meios de se obter conhecimento são dados

por Deus, e, portanto, são dignos de confiança. Pode haver aqui uma advertência implícita contra o uso errado dos mesmos.

* 20.13 Ver 6.6-11; 10.4; 19.15 e notas.

* 20.14 Um comentário humorístico sobre os costumes do mercado, onde

a barganha é um bem estabelecido ritual social.

* 20.15 Ver 3.13-15; 8.10,11; 16.16. As riquezas materiais não são

condenadas, mas a sabedoria aparece como mais desejável do que elas.

* 20.16 Tome-se a roupa. A roupa é a garantia tomada para que se faça

um empréstimo (Dt 24.6, nota). Este versículo provavelmente é uma advertência para ser cuidadoso com dinheiro em negócios com pessoas que se arriscam ou que não são dignas de confiança.

* 20.17 o pão. Essa é uma metáfora para as riquezas materiais, as quais,

quando buscadas desonestamente, não satisfazem.

* 20.18 Calcule-se o custo e nada se deixe ao mero acaso (1.5; 15.22; cf.

Lc 14.28-32).

* 20.20 apagar-se-lhe-á a lâmpada. Ver 13.9 e nota. A morte sobrevirá,

ou por meio da sociedade que executará a lei, ou pela retribuição divina, ou ainda pelas conseqüências indiretas de tal enorme pecado.

* 20.21 A posse antecipada de uma herança. Ou seja, prematuramente,

antes de se obter a sabedoria para se lidar com ela, ou através de meios errados.

* 20.22 Essa orientação é paralela ao princípio ensinado em Dt 32.35 e

Rm 12.19, advertindo contra tomar-se a lei nas próprias mãos e solapando a ordem da sociedade. O livramento não é nacional (Dt 32.35,36), mas, sim, individual, possivelmente por meio de devidos processos legais, mas tendo em última análise o próprio Senhor como sua fonte.

* 20.23 Ver o v. 10 e nota.

* 20.24 Ver 16.1,9 e notas; 19.21. Tais passagens indicam as limitações

do conhecimento obtido por meio da observação. Somente os propósitos soberanos de Deus são exatos.

* 20.25 É santo. Ou seja, dedicado a Deus. Um voto precipitado que não

pode ser honrado é pior do que não fazer voto nenhum (Ec 5.4-7).

* 20.26 Ver o v. 8 e nota. Um rei sábio tem a capacidade de discernir.

* 20.27 a lâmpada do SENHOR. Uma metáfora para o olho perscrutador

de Deus, que conhece nossos pensamentos mais íntimos (cf. o v. 24).

*
20.28 Amor e fidelidade. Essas virtudes podem referir-se à atitude do

rei para com os seus súditos, o que estabelece uma sociedade

estável e um trono seguro (3.3; 14.22 e notas). Entretanto, é provável que a frase tenha sido usada aqui para falar sobre o pacto de Deus com a dinastia de Davi (2Sm 7.1115).

*
20.29 Ver 16.31 e nota. Enquanto que a força física

a sabedoria deveria aumentar.

* 20.30 O castigo corporal tem utilidade para sondar a consciência, mas é

preciso a sabedoria para se saber quando e como devemos aplicá-lo.

* 21.1 o coração do rei... Senhor. Possivelmente uma referência à soberania de Deus, até mesmo sobre os reis pagãos, que cumprem a sua vontade mesmo quando não querem fazê-lo (p.ex., Ciro, em Is 45.1), ou ao rei de Israel que, à semelhança de Salomão, recebeu uma bênção especial sob a forma da sabedoria de Deus (16.10 e nota). Ver "Deus Reina: a Soberania Divina", em Dn 4.34.

* 21.3 Ver o v. 27. Os temas proféticos tais como esse (1Sm 15.22; Is 1.11-17) raramente são encontrados na literatura de sabedoria (15.8, nota).

* 21.4 Olhar altivo. Ver 6.17. Essa expressão descreve o orgulho e a arrogância, similar ao "coração orgulhoso".

* 21.5 No v. 25 e em 19.15, a pobreza é resultado da preguiça. Aqui ela resulta de ações precipitadas e sem sabedoria.

* 21.6 O hebraico é difícil (ver referência lateral). O significado deste provérbio provavelmente é similar ao de 20.17 (nota).

* 21.7 os arrebata. Ou seja, os "prenderá na armadilha". Ver 1.17,19 e notas; 12.13.

* 21.8 reto. Ver a nota em 14.2.

* 21.9 no canto do eirado. Provavelmente a referência é a um pequeno sótão construído sobre o teto plano comum nas casas.

a mulher rixosa. Ver o v. 19; 19.13 e nota. Essa esposa é o oposto da mulher prudente de 19.14.

* 21.10 o mal. Aquilo que é destrutivo nos relacionamentos humanos.

* 21.12 O Justo. O hebraico pode ser traduzido por "a pessoa justa", mas faz mais sentido traduzi-lo como uma referência a Deus. A retribuição divina é então afirmada com base na justiça de Deus, em vez de ser afirmada com base na observação humana.

* 21.14 Ver 17.8; 18.16 e notas.

* 21.15 A manutenção da verdadeira ordem (justiça) estabelece o bem-estar daqueles que vivem de acordo com ela. Mas aqueles que transgridem essa boa ordem são condenados. Os sábios discernem essa ordem divina, providencial, que, embora maculada pelo pecado, é até certo ponto mantida no mundo. Deus preserva essa ordem e é nossa tarefa perceber essa sua ordem para vivermos de acordo com a mesma. Em seu centro estão a Palavra de Deus e a nossa fiel obediência à ela. Essa obediência é o que se entende pelo "temor do Senhor".

* 21.16 Este provérbio contrasta os caminhos da vida e da morte (2.18; 3.18 e notas). Abandonar a sabedoria é abandonar a própria vida, e terminar entre os mortos.

* 21.17 o vinho e o azeite. Essas palavras aqui sugerem extravagância, especialmente nos banquetes.

* 21.18 Ver 11.8 e nota. Um resgate é uma quantia paga para a soltura de alguém. Entretanto, este provérbio não depende desse

sentido específico, mas indica, em termos gerais ao juízo final, quando os justos serão vindicados e os ímpios serão derrotados.

* 21.19 Ver 19.13; 21.9 e notas.

* 21.21 Aqueles que cultivam relacionamentos corretos e a lealdade, encontram benefícios duradouros na vida (v. 16 e nota).

* 21.22 Ver 16.32 e nota. A força não é páreo para a sabedoria. Uma

figura semelhante é aplicada à batalha espiritual, em 2Co 10.4.

* 21.23 Ver 13.3; 15.23; 18.13 e notas.

* 21.24 zombador. Ver 9.7 e nota; 19.25.

* 21.25 desejando. Esse desejo não o vincula ao mundo real, onde o

trabalho traria as suas recompensas (13.4; 19.24 e notas).

* 21.26 Este provérbio parece ser uma continuação do v. 25. Se não,

trata-se de um contraste entre a ganância e a abnegação.

* 21.27 Ver o v. 3; 15.8 e notas.

* 21.28 Ver 14.25; 19.5,9 e notas.

* 21.29 mostra dureza no seu rosto. O homem perverso apela para a

rispidez em suas negociações com outras pessoas.

considera o seu caminho. Indica que a pessoa reta importa-se em viver segundo a verdade e suas conseqüências.

* 21.30 Os limites da compreensão humana devem ser reconhecidos à luz

da sabedoria e da soberania de Deus. O temor do Senhor (1.7, nota) coloca-nos em contato com a sabedoria revelada de Deus. Mas Deus é sábio além daquilo que ele nos revela, e essa sabedoria não-revelada não pode ser compreendida por nós.

* 21.31 Este versículo aceita como certo que as pessoas farão

preparativos apropriados para atingir os seus alvos, ao mesmo tempo em que reconhecerão que o resultado depende de Deus.

* 22.1 o bom nome. Uma boa reputação é uma das conseqüências

sociais da sabedoria.

do que as muitas riquezas. As riquezas não são desencorajadas, mas postas em uma correta perspectiva (16.16, nota).

* 22.2 se encontram. A despeito das desigualdades desta vida, tanto os

ricos como os pobres estão debaixo de Deus como seu Criador e Juiz.

* 22.3 O prudente... os simples. Ver 1.4 e nota.

* 22.4 da humildade e o temor do SENHOR. Ver 1.7; 15.33 e notas.

riquezas e honra e vida. Uma vida governada pela sabedoria tende à prosperidade. Os sábios de Israel salientavam que um correto relacionamento com o Senhor é a sabedoria final que estimula a vida (3.2,18; 8.18 e notas).

* 22.5 Espinhos e laços. Essas são metáforas para os infortúnios

da

vida que se derivam de um transtorno da verdadeira ordem doadora da vida (cf. 15.19).

o que guarda a sua alma. Isto é, estabelecendo a sua vida sobre a sabedoria de Deus.

* 22.6 Ensina a criança. A expressão hebraica inclui a idéia de

inauguração, ou iniciar a vida de uma criança em um caminho específico. Esse caminho é o caminho da sabedoria (1.22, nota). A verdadeira sabedoria mantém-se por ter a humildade para continuar a aprender no caminho. Ver "A Família Cristã", em Ef 5.22.

* 22.7 Uma simples observação da realidade presente: neste mundo, as

riquezas materiais representam poder (10.15 e nota).

* 22.8 A insensatez transgride a ordem divina, provocando as punições da

tristeza e da dissolução (Os 8.7; Gl 6.7-9).

* 22.9 O generoso. Aquele que se inclina favoravelmente para com os

necessitados. Nosso próprio bem- estar está ligado ao bem-estar de outras pessoas, de tal modo que aquilo que fazemos para o benefício delas também nos beneficia (19.17).

* 22.10 o escarnecedor. Ver 9.7 e nota. A harmonia social não pode

existir se há alguém que procura acirrar os desentendimentos.

* 22.11 o rei. Ver 8.15,16; 14.35; 16.12,13; 20.26 e notas.

* 22.12 Os olhos do SENHOR. Ver 15.3; 20.8,27 e notas. O Senhor é o

guardião da verdade.

* 22.13 o preguiçoso. Ver 6.6 e nota. Com humor e ironia o provérbio

zomba das desculpas do preguiçoso a fim de evitar o trabalho.

* 22.14 Ver 5.3-5; 6.24; 7.5,14-21. Aqui a queda do insensato é atribuída à

ira de Deus.

*** 22.15 A estultícia está ligada ao coração da criança. A propensão**

inata da natureza humana caída pende para a insensatez.

a vara da disciplina. A vara pode aplicar-se a uma larga gama de medidas disciplinares, incluindo o castigo corporal (13.24; 29.15). A disciplina é uma tarefa educacional da sabedoria, sendo algo necessário até que a criança aprenda a autodisciplinar-se.

* 22.16 O hebraico aqui é de difícil tradução. Conforme o texto é aqui

traduzido, tanto a opressão contra os pobres quanto o comprar favores dos ricos, leva o indivíduo à pobreza.

* 22.17—24.22 Esta seção é uma coletânea de afirmações sábias principalmente sob a forma de instruções (Introdução: Características e Temas). Há evidências de que a primeira parte (22.17—23.11) aproveitou-se da sabedoria egípcia de Amenemope (cf. 4.1-27, nota). Nesse caso, esses discernimentos foram conscientemente apropriados como admoestações que ajudam a

pessoa a satisfazer as obrigações do pacto de "confiar... no Senhor” (22.19). O autor dos Provérbios, tal como os historiadores da Bíblia, não foi impedido, em princípio, de usar os materiais existentes no processo da escrita daquilo que Deus inspirou.

* 22.17-
21 Esta seção introdutória exorta o ouvinte a dar atenção e ouvir,

e também indica alguns dos benefícios desse aprendizado.

*
22.17 aplica o teu coração. Pensar com cuidado (2.2 e nota).

*
22.18 aplicares todos aos teus lábios. As declarações

estão prontas para serem usadas.

* 22.19 Essa declaração exprime o ponto-de-vista bíblico da sabedoria

(3.5, nota).

* 22.20 excelentes coisas. Ou, "trinta declarações". Esta última tradução

é preferível, visto que a seção de 22.17—24.22 divide-se em trinta partes, que é formalmente semelhante à disposição de trinta capítulos de Amenemope (22.17—24.22, nota).

*
22.22,23 Uma breve instrução que lança luz sobre a ameaça da

retribuição divina. O Senhor é retratado aqui como o advogado legal

dos pobres (Sl 9.18, nota).

* 22.24,25 O perigo das amizades destituídas de sabedoria é

desmascarado em 1.10-19; 12.26.

* 22.24 o iracundo. Essa pessoa perde facilmente o autocontrole (14.17;

15.18 e notas).

* 22.26,27 Ver 6.1-5 e notas.

* 22.28 Ver 15.25 e notas. Em 23.10,11 é dado o mandamento contra o

contexto no qual é dada a determinação divina de defender os oprimidos.

* 22.29 um homem perito. No hebraico, "que é rápido". Essa velocidade

no trabalho vem de habilidades bem aprendidas, e não por tomar atalhos.

Perante reis será posto. Essas palavras são uma exortação indireta na direção da excelência que, como no caso das escolas egípcias dos sábios, era o caminho da promoção para um serviço mais elevado (22.17—24.22, nota).

* 23.1-3 Os versículos à nossa frente contêm uma advertência,

possivelmente dirigida a um diplomata, contra a perturbação exagerada nos prazeres da mesa, em companhia de algum governante.

* 23.1 para aquele que está diante de ti. O sentido da frase é:

"Não

permitas que o banquete te excite com a gula"; ou então: "Mantem-te atento quanto ao grande governante, e não quanto à comida".

* 23.3 são comidas enganadoras. A glutonaria pode solapar as

relações humanas, e todas as suas vantagens.

* 23.4,5 Não vale a pena arruinar a própria saúde em troca de riquezas

que têm o hábito de desaparecerem como uma ilusão.

* 23.6 do invejoso. O sentido é incerto; mas o contexto sugere uma

pessoa cuja hospitalidade não é sincera, talvez por motivos ocultos.

* 23.8 Vomitarás. Uma metáfora que indica o relacionamento estragado

e o sentimento de desgosto diante da falta de sinceridade do hospedeiro.

* 23.9 Esta breve instrução repete o significado de provérbios como o de 9.7, que indicam que o insensato não pode ser ensinado (cf. Mt 7.6).

* 23.10,11 Ver 22.28 e nota.

* 23.11 o seu Vingador. Na antiga sociedade de Israel, o redentor (no hebraico, *goel)* ajudava outro membro da família, que sofria de grande necessidade (Rt 2.20 e nota). O termo é aplicado com freqüência a Deus, em seu ato salvífico em favor de seu povo (p.ex., Jó 19.25; Sl 19.14; Is 41.14;

43.14; 44.24), conforme é aplicado aqui.

* 23.13,14 Ver 13.24; 19.18; 22.6,15 e notas.

* 23.13 não morrerá. O sentido é que tal castigo corporal não haverá de prejudicar indevidamente a criança, ou então que a disciplina evitará que a criança morra (o significado do v. 14).

* 23.14 do inferno. Ver 9.18, nota.

* 23.17,18 Essa instrução reflete o relacionamento da aliança de Israel e as promessas de Deus (1.7, nota). Ultrapassa as preocupações práticas e imediatas da sabedoria para com a revelação que sustenta o justo sofredor. Ver as notas em 1.19; 11.8.

* 23.17 temor do SENHOR. Ver 1.7 e nota.

* 23.18 bom futuro... a tua esperança. A palavra "futuro" (literal) pode ser uma referência a uma esperança da vida e de vindicação, após a morte. Mais provavelmente, entretanto, refere-se a uma vida longa e plena.

* 23.19-21 Más companhias, alcoolismo e glutonaria são exemplos de uma vida insensata, que facilmente pode tomar conta de um homem.

* 23.22-25 Instruções dadas a crianças quanto a corretos relacionamentos familiares. Esses princípios são derivados do quinto mandamento (Êx 20.12), e são testificados pelas observações discernidoras dos sábios quanto a relacionamentos humanos harmônicos e alegres.

* 23.26-28 Uma advertência contra mulheres imorais (2.16-19; 5.1-20).

* 23.26 Dá-me... o teu coração. Ou seja, presta atenção (2.2, nota). Os

mestres da sabedoria requerem uma atenção fixa e a confiança em

seus ensinos.

* 23.27 cova profunda. A figura é de uma cova para prender animais.

a alheia. Lit., "a mulher estrangeira", um termo usado para indicar pessoas imorais ou adúlteras (2.16, nota).

poço estreito. É impossível de escapar (Jr 38.6).

*
23.28 os infiéis. Lit., "traiçoeiros", indicando a infidelidad conjugal.

* 23.29-35 Os perigos do alcoolismo são apresentados sob a forma de um enigma. Os efeitos são vistos objetivamente (v. 29) e subjetivamente (vs. 3335). Os valores da sabedoria bíblica são justamente os contrários: domínio próprio, percepção clara da realidade, e relacionamentos positivos.

* 23.30 bebida misturada. Ver 9.2 e nota.

*** 23.31 olhes para o vinho, quando se torna vermelho. As ocasiões em**

que o vinho parece especialmente desejável requerem cautela em seu uso.

* 23.32 morderá como a cobra. A ressaca, que é uma conseqüência

natural do alcoolismo, é como uma picada de serpente.

* 23.33 coisas esquisitas... perversidades. Essas palavras sugerem

alucinações e pensamentos confusos.

* 23.34 no meio do mar... no alto do mastro. Duas metáforas náuticas

que exprimem a sensação de tonteira que o alcoolismo produz.

* 23.35 e não me doeu. Amortecido pela bebida, o beberrão nem

percebe os ferimentos que recebe.

tornarei a beber. O alcoólatra anela por mais a despeito da angústia que sente.

* 24.1,2 Ver o v. 19.

*** 24.2 o seu coração maquina violência. Existem pessoas**

deliberadamente más que usam todo o seu intelecto e determinação para prejudicar o próximo.

*** 24.3,4 sabedoria... inteligência... conhecimento. Essas três**

palavras

são usadas como sinônimos da percepção e dos cuidados com os corretos relacionamentos. A verdadeira sabedoria aplica-se ao profissional hábil nas construções (tal como em Êx 36.1), aos relacionamentos humanos e à obtenção legítima da prosperidade material.

* 24.3 edifica-se a casa. "Casa" refere-se literalmente a uma casa na

qual devemos viver, ou é uma metáfora para indicar a família, ou mesmo uma dinastia (2Sm 7.11,12).

* 24.4 bens. Ou as riquezas materiais (p.ex., as riquezas de Salomão),

ou metaforicamente, a beleza de bons relacionamentos familiares.

* 24.5,6 Ver 11.14; 21.22 e notas.

* 24.7 alta demais. É inalcançável para os insensatos, por não se

deixarem ensinar.

no juízo. Ou seja, no portão da cidade, o lugar tradicional para conselho ou julgamento.

* 24.8 mestre de intrigas lhe chamarão. Em uma sociedade bem

ordenada, os valores sociais atuam beneficamente para suprimir o mal. Aqui aquele que planeja intrigas sai envergonhado.

*** 24.9 Os desígnios do insensato são pecado. Ver v.2 e nota. A**

insensatez não é falta de intelecto, mas a rebelião ativa contra a

verdade e a ordem que se deriva dele.

é abominável aos homens. Ver v.8 e nota.

* 24.10 A força moral do indivíduo é vista somente quando ele é verdadeiramente testado.

* 24.11,12 É melhor tratar destes dois versos juntos. Ninguém pode usar a desculpa de ignorância para evitar a responsabilidade ao outro em necessidade.

* 24.12 aquele que pesa os corações. A prestação de contas de alguém a Deus é ressaltada. Aqui é considerado o eterno mais do que as conseqüências meramente sociais na falha em ajudar os outros.

* 24.13 saboreia o mel. Esta referência ao mel não é meramente uma metáfora. Boa comida, uma parte da vida próspera, é um interesse de sabedoria (25.16; Ec 9.7,8; Ct 5.1).

* 24.14 sabe que assim é a sabedoria. A sabedoria sustenta nossa vida interior como o mel sustenta o corpo.

bom fruto. Isto é, esperança para o futuro (ver referência lateral; também 23.18 e nota).

* 24.15,16 A idéia é que Deus não permite ao injusto prosperar permanentemente. Por outro lado, o justo pode sofrer muitas adversidades, até que Deus, por fim, venha a vindicá-los.

* 24.17 não te alegres. Por si mesmo, este versículo faria perfeito

sentido, ao subentender que a compaixão não deveria ser negada inteiramente a qualquer outro ser humano. Apesar do motivo citado no v. 18 parecer inicialmente ser vindicativo ensina que quando não demonstramos bondade para com um nosso inimigo, merecemos a

ira de Deus mais do que o nosso inimigo.

* 24.19 aflijas. Lit., "ficar quente", ou seja, ficar agitado ou vexado.

nem tenhas inveja. Ver o v. 1.

* 24.20 não terá bom futuro. Ou seja, "esperança futura" (v. 14; 23.18 e

nota).

* 24.21 Teme ao Senhor. Ver 1.7 e nota.

e ao rei. Na sociedade israelita, baseada na aliança, o rei tornava-se o exemplar de sabedoria e o agente do governo de Deus (cf. Dt 17.14-20 e notas).

* 24.22 a ruína que virá daqueles dois. Isto é, a justa retribuição de

Deus e do rei.

* 24.23-25 A justiça é essencial. Uma sociedade bem ordenada, é

aquela na qual a justiça é feita e é vista ser feita. Isso complementa as normas dadas nos vs. 21,22.

* 24.26 Como beijo nos lábios. Esta comparação com a mais íntima

expressão de amizade, ilumina o valor de uma resposta justa e certa (cf. 27.6).

* 24.27 edifica a tua casa. Ou a estrutura física, ou a família (v. 3, nota).

Ambas essas coisas requerem uma firme base econômica, como aquela que é provida pelos produtos da colheita, antes que possam ser feitas.

* 24.28,29 Se, conforme parece provável, esses dois versículos

formam um par, há mais em jogo do que a necessidade de se evitar dar falso testemunho (6.16,19). A vingança nasce da ira e do calor da paixão. A perda do controle, descrito no v. 29, é o contrário do domínio próprio exigido pela sabedoria bíblica.

* 24.30-34 Ver 6.6-11 e notas.

* 25.1 provérbios de Salomão. Ver Introdução: Autor; nota em 1.1.

Ezequias. Ele foi rei de Judá no tempo da destruição do reino do norte de Israel. Ezequias executou reformas rigorosas quanto às práticas religiosas corruptas de Judá. Esta introdução de uma nova seção do livro de Provérbios mostra que Ezequias não somente promoveu um retorno à lei de Moisés, mas também encorajou o movimento de sabedoria através da atividade literária.

transcreveram. O desenvolvimento de uma classe escribal em Israel foi ditado pelas necessidades religiosas e administrativas da nação. A palavra hebraica aqui usada indica transmissão e pode significar submeter a tradição oral à forma escrita, ou então transcrever algo que já estava escrito.

* 25.2 Desde a criação já se pode ver que a sabedoria de Deus ultrapassa todo o conhecimento humano (Sl 92.5; 147.5; Is 40.12-17; Rm 1.20). O rei, na qualidade de servo de Deus, fazia inquirições investigando quanto às questões que diziam respeito ao seu governo, e ele deve ser admirado por seu sucesso ao descobrir o que ele precisa saber (16.12-15; 20.8,26; 25.3,5 e notas).

* 25.3 insondável. O mesmo verbo usado no versículo dois foi usado

aqui na forma negativa. O conhecimento que o rei havia adquirido através de esforços e das decisões reais baseados sobre esses esforços são reflexões do governo de Deus, alicerçado na sua sabedoria. Entende-se que o rei governava mediante a nomeação de Deus (cf. Rm 13.4).

*
25.4,5 Sem importar quão hábil seja o artífice, ele p

material com o qual trabalhar. Por semelhante modo, o rei precisa de uma sociedade expurgada de maus elementos, se ele tiver de estabelecer um governo justo. A boa ordem na sociedade não pode simplesmente ser ordenada do trono.

* 25.6,7 A sabedoria da corte real observa um protocolo não-declarado.

Ela repreende a vaidade pessoal e o interesse próprio que se exacerba e leva à humilhação. É melhor começarmos humildes e então sermos exaltados. Jesus adaptou essa instrução para falar de nosso lugar no reino de Deus (Lc 14.7-11).

* 25.8 a litigar. (Ver referência lateral). Esse princípio pode aplicar-se

mais amplamente à necessidade de prudência no falar que reflite no caráter de outras pessoas.

* 25.9 não descubras o segredo de outrem. Não envolvas outros em

uma disputa.

* 25.10 e não se te apegue a tua infâmia. A traição da confiança levará a

uma reputação de deslealdade.

* 25.11 Lit., "maçãs de ouro em salvas de prata, uma palavra aptamente

dita". Esse tipo de comparação proverbial simplesmente coloca duas coisas ou mais lado a lado (cf. v. 18), deixando que o leitor solucione a natureza da comparação. A importância das palavras bem escolhidas, um tema de sabedoria comum, é iluminada por sua comparação com objetos de arte que são obras-primas.

* 25.12 Uma comparação semelhante de idéias acha-se no v.11. Duas peças de joalheria são postas juntas como paralelo a uma boa relação entre a reprimenda do mestre sábio e um aluno receptivo. A comparação implícita diz que ou uma reprimenda é tão valiosa como finas jóias de ouro, ou que uma reprimenda sábia e um ouvido receptivo andam juntas, como jóias que se complementam.

* 25.13 Como o frescor de neve. O quadro não vê uma nevasca sem razão, que seria desastrosa para a colheita, e, sim, um refrigério (cf. o v. 25).

* 25.14 Os habitantes da Palestina com freqüência tinham a experiência de nuvens que prometiam chuvas, mas que se mostravam secas (Jd 12). Tal provérbio pode ser aplicado hoje em dia àqueles que buscam exercer poder e influência, quer política quer pessoal, fazendo promessas que não são cumpridas.

* 25.15 A longanimidade. Ou seja, mostrando-se lento em irar-se e não reagindo às provocações.

esmaga ossos. Mediante uma diplomacia gentil, uma forte resistência é quebrada.

* 25.16,17 O que mui provavelmente eram declarações distintas foi aqui aglutinado para reforçar a mensagem que elas têm em comum: Deves saber quando parar; o mel é bom para qualquer pessoa, mas em exagero adoece a pessoa; a amizade entre vizinhos é boa, mas uma familiaridade excessiva pode abusar da privacidade alheia. Os

relacionamentos precisam ser sabiamente definidos.

* 25.18 O falso testemunho pertence ao mesmo grupo que as armas de guerra, porquanto são todos instrumentos letais, usados para assaltar o bem-estar de outrem.

* 25.20 vinagre sobre feridas. Uma outra tradução possível é "vinagre

sobre a soda" (um agente purificador como a soda para cozer). Da mesma maneira que tirar a capa de alguém ou derramar vinagre sobre feridas causa dor, assim também o faz a frivolidade na presença da tristeza (Sl 137.3,4; Rm 12.15).

* 25.22 amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. O significado dessa metáfora deve ser determinado por seu contexto (ver o v. 21). O apóstolo Paulo (Rm 12.2) usa-a aqui como uma figura para vencer o mal com o bem. Sl 140.10 usa também essa frase como uma descrição do castigo. O sentido mais provável é a penitência através de um doloroso senso de vergonha. Alguns associam essa figura com um rito penitencial egípcio no qual brasas eram transportadas na cabeça para mostrar contrição. Mas este provérbio comenta sobre a recompensa divina: "O Senhor te retribuirá". Ver a nota em 1.7.

À parte Êx 23.4,5, Israel raramente foi ordenado se mostrar bondoso para com seus inimigos. Provavelmente isso se dava por causa do significado dos adversários como aqueles que não somente se opunham ao reino de Deus, mas também ameaçavam a sobrevivência de Israel como o povo messiânico. Jesus desenvolveu as implicações do evangelho para o tratamento dos inimigos pessoais, em Mt 5.43-48.

* 25.23 Note a inevitável relação de causa e efeito expressa em ambas as

linhas.

* 25.24 Ver 21.9 e nota.

* 25.25 Quanto à forma deste provérbio, ver a nota no v. 11.

* 25.26 o justo. Ver a nota em 8.18.

* 25.28 Esta comparação (ver o v. 11, nota) ilustra a vulnerabilidade da

pessoa que perde o domínio próprio.

* 26.1 A comparação é explícita ("como... assim”). A boa ordem

perceptível da natureza deve ter como um paralelo a estima da sociedade quanto ao caráter humano.

* 26.2 A forma é a mesma que no primeiro versículo. As maldições não têm o poder de afligir aquele que é inocente. Tal maldição só tem significado como expressão da retribuição divina.

* 26.4,5 Considerados juntamente, estes versículos ilustram

que nenhum provérbio tem por intuito cobrir todas as situações possíveis. A aparente contradição nos dois provérbios indica que os provérbios devem ser devidamente aplicados. Uma situação requer que evitemos jogar o jogo dos insensatos dando uma resposta, enquanto que a outra situação exige que desmascaremos a insensatez a fim de que o insensato não seja considerado um sábio.

* 26.6 o dano sofre. Enviar um insensato para dar um recado é pedir

por problemas.

* 26.7 Uma declaração de sabedoria dita por um insens

incompatível com seu caráter que a mesma perde a sua força.

*
26.8 Não reconhecer o valor de uma jóia ilustra quã absurdo é honrar

um indivíduo insensato.

*
26.9 Como galho de espinhos... assim é o provérb

afirmação aparentemente refere-se a um espinho que espeta a mão de uma pessoa por demais embriagada para senti-lo. Ou o insensato é por demais símplice para perceber o significado do provérbio, ou então como o espinho fere a mão do embriagado, assim também os insensatos usam o provérbio para seu próprio dano.

*
26.11 Os insensatos não aprendem com os seus erro

retornam, como um cão volta ao seu vômito, a fim de repeti-los.

* 26.12 Existem graus de insensatez, e o maior de todos acha-se nos

insensatos que se julgam sábios. Um exemplo extremo é visto na sabedoria do mundo que considera uma insensatez a sabedoria de Deus (1Co 1.18 - 2.5).

* 26.13-16 Quatro provérbios refletem a preguiça que opera contra a

existência humana bem ordenada e contra a própria vida. Ver 6.6-11; 24.30-34 e notas.

* 26.13 Ver 22.13 e nota.

* 26.14 Da mesma maneira que uma porta gira em suas dobradiças,

assim também os preguiçosos giram incansavelmente em suas camas.

* 26.16 sete homens. Neste caso, o número exato, embora com

freqüência simbolize algo completo, não é importante; serve somente para iluminar quão iludido anda o insensato.

* 26.17 A sabedoria inclui saber quando não devemos interferir nas

disputas alheias.

* 26.18,19 O elemento em comum é o potencial para a destruição: tanto

de propriedades quanto de pessoas (v. 18), e também de relacionamentos pessoais (v. 19).

* 26.20 maldizente. Um maledicente, um produtor de murmurações

maliciosas, que tem pouco interesse pela verdade.

* 26.21 o homem contencioso. Tais pessoas não se sentem felizes a

menos que vivam solapando ativamente os relacionamentos pessoais.

* 26.22 Ver 18.8 e nota.

* 26.23 Embora o texto hebraico seja difícil, o sentido aparente é o mesmo dos vs. 24-26; uma camada de verniz agradável pode ocultar uma natureza contrária por baixo.

* 26.25,26 A pessoa do v. 24 deve ser evitada. Com o tempo, as pessoas perceberão a verdade por detrás do engano (5.14 e nota).

* 26.27 Os criadores de problemas com freqüência entram em dificuldades eles mesmos (cf. Gl 6.7). O tema da retribuição provavelmente deve ser vinculado aos vs. 23-26. Aqui a ênfase não recai sobre o julgamento divino direto, mas sobre a natureza providencialmente autodestrutiva da insensatez, que tem por alvo a destruição de outras pessoas.

* 26.28 O ódio é a quebra final das relações humanas (1Jo 3.15). A fala humana tem um enorme potencial para o mal, e seu mau uso não pode ser desculpado com facilidade (Tg 3.5-10).

* 27.1 Embora a sabedoria se preocupe em apegar-se à vida, as pessoas não exercem controle completo sobre o seu futuro. Os insensatos pensam que têm esse domínio, mas não levam em conta a vontade soberana de Deus (21.30, nota: Lc 12.19,20).

* 27.2 A sabedoria é humilde (cf. 1Co 13.4,5).

* 27.3,4 Duas comparações destacam a natureza destrutiva da insensatez.

* 27.5 a repreensão franca. Uma palavra salutar cujo alvo é a correção, visando o bem do indivíduo.

o amor encoberto. Esse amor, embora genuíno, sente falta da força moral para arriscar dar uma reprimenda.

* 27.6 as feridas feitas pelo que ama. O significado é similar à

"repreensão franca", no v.5.

* 27.7 Ver 25.16,17,27 e notas. O sentido deste provérbio não está

limitado à comida, mas aplica-se a qualquer coisa pelo que tenhamos apetite.

* 27.8 A vadiagem fere tanto o vadio quanto àqueles com quem ele se

relaciona. Os seres humanos carecem de relacionamentos pessoais.

* 27.10 O alvo desta instrução parece ser que o indivíduo deveria

desenvolver relacionamentos além de sua família imediata, pois os parentes algumas vezes se indispõem ou são incapazes de sair em nosso socorro.

* 27.11 Os pais são vindicados perante outros por seu sucesso em

transmitir sabedoria a seus filhos (10.1).

* 27.12 prudente... simples. Ver 1.4; 12.16 e notas.

* 27.13 Ver 20.16 e nota.

* 27.14 A referência mais provável é a protestos falsos e impróprios de

amizade que disfarçam alguma má intenção (26.18,19,24-26).

* 27.17 Esta declaração provavelmente se refere ao efeito positivo da

interação com outros no caráter do indivíduo.

* 27.18 Um trabalho diligente e um serviço honesto são recompensados

(22.29).

* 27.19 Tal como a água reflete nossa aparência externa, assim os

pensamentos de nossos "corações" revelam a nossa natureza interior e o nosso caráter.

* 27.20 O inferno e o abismo. Ver a nota em 15.11. O paralelo com o

abismo, dá a entender que a insaciabilidade dos olhos envolve desejos intermináveis que se tornam destruidores.

* 27.21 O sentido é que o louvor público submete a teste o caráter (aqui a

resistência do indivíduo à tentação do orgulho), ou que a estima pública geralmente é uma indicação digna de confiança do caráter de alguém (mas cf. Mt 5.11).

* 27.22 gral... grãos pilados. Um pilão e um socador, usados para

pulverizar coisas. O insensato não pode ser ensinado, mesmo quando se tomam as medidas mais drásticas.

* 27.23-27 Os recursos econômicos de uma espécie renovável (rebanhos,

colheitas) são preferíveis às riquezas que não podem ser substituídas. Uma atenção cuidadosa à ordem providencial da natureza geralmente assegura uma provisão duradoura para as nossas necessidades. As implicações ecológicas desta passagem tornam-se ainda mais óbvias em um contexto moderno.

* 28.1-28 Este capítulo contém uma mais pesada concentração de

reflexões teológicas do que os primeiros capítulos das sentenças proverbiais. Algumas vezes isso é explícito, com referências a Deus, à lei e à retidão. Em outras sentenças, isso torna-se mais implícito, como no contraste entre os justos e os ímpios, o que parece aceitar a ordem providencial subjacente e o julgamento de Deus.

* 28.2 Embora o hebraico seja difícil aqui, o significado parece ser que a

injustiça e a instabilidade política (conforme ocorreu no reino do norte, Israel) andam de mãos dadas, ao passo que uma pessoa sábia ou justa ajuda a manter a ordem social.

* 28.3 O homem pobre... os pobres. A mudança de um sinal vocálico

no hebraico produz esta leitura: "Um governante que oprime os pobres". Tanto as chuvas excessivas como um govenante maligno podem trazer grande dano.

* 28.4 a lei. Provavelmente esteja em foco a lei de Moisés, embora a

instrução da sabedoria também possa estar em foco (3.1, nota). Ainda que a literatura de sabedoria por muitas vezes pareça refletir mais a experiência humana na ordem criada do que a revelação de Deus nas Escrituras, os sábios hebreus eram homens de Deus que conheciam a lei e suas exigências (1.7, nota).

* 28.5 justo. Esta palavra refere-se ou ao governo moral de Deus sobre

o universo, ou a boa ordem de coisas, da qual o governo de Deus é a base.

os que buscam o Senhor. Aqueles cuja fé reconhece que o propósito da vida é servir a Deus.

entendem tudo. Essa frase não implica em conhecimento total ou em infalibilidade, mas em uma mente renovada que conhece verdadeiramente as coisas, porquanto as conhece conforme são interpretadas pela revelação de Deus, nas Escrituras (1.7, nota).

* 28.6 na sua integridade. A integridade no relacionamento de um

indivíduo com Deus e com outras pessoas é mais importante do que as riquezas materiais.

* 28.7 a lei. Ver o v. 4 e nota.

o companheiro dos libertinos envergonha. Ver 23.19-25 e notas.

* 28.8 juros e ganância. Em Lv 25.35-38, a graça de Deus estabelece o

princípio de ajuda gratuita ao próximo, sem qualquer pensamento quanto ao lucro (Dt 23.19,20).

ajunta-os para o que se compadece do pobre. A justiça de Deus não permite que o rico ganancioso retenha suas riquezas (13.22; 22.16; Jó 27.13-19), mas antes, dá essas riquezas àqueles que ajudam generosamente a outros (19.17).

* 28.9 Ver 15.8,29.

* 28.10 O que desvia os retos para o mau caminho. Parece que a justiça de Deus fica implícita aqui; há um julgamento especial contra aqueles que buscam seduzir o povo de Deus (Mt 5.19; 18.6).

* 28.11 Apesar de que as riquezas materiais não se correlacionam necessariamente à injustiça, e nem a pobreza com a sabedoria e a retidão, há, contudo, essa tendência (vs. 6, 8, 20, 22, 25 e 27).

sábio aos seus próprios olhos. Ver 26.5,16. Não existem insensatos mais autênticos do que aqueles que vêem sua insensatez como se fosse sabedoria (cf. 1Co 1.18-25).

* 28.12 A justiça conduz à boa ordem social e à felicidade, ao passo que a injustiça destrói e aliena (v. 28 e 29.2).

* 28.13 A boa ordem e o bem-estar na vida de alguém estão vinculados a um relacionamento pessoal intenso com Deus. O pecado não-confessado é a definitiva desordem na vida. A confissão e o arrependimento levam à restauração de uma correto relacionamento com Deus, com base na misericórdia (Sl 32.1-4; 1Jo 1.6-9). Todos os demais relacionamentos dependem disso.

* 28.14 Feliz. Ver 3.13 e nota.

o que endurece o coração. Alguém que opõe sua vontade à vontade do Senhor (Êx 7.3,13).

* 28.15 Ver os vs. 3, 16.

* 28.16 A tirania é tão contrária à sabedoria que ela demonstra falta de

discernimento. A segunda linha subentende que o tirano ganancioso produz a sua própria destruição.

*** 28.18 O que anda em integridade será salvo. Ver as notas em 1.19;**

10.3; 11.8.

* 28.20 A fé e a sabedoria podem levar às riquezas, mas dar prioridade às

riquezas é um erro sério.

* 28.21 Ver 18.5; 24.23,24. Até um pequeno suborno pode ter resultados

desastrosos na manutenção da ordem e da justiça na sociedade.

* 28.22 Aquele que tem olhos invejosos. Um avarento (23.6, nota e

referência lateral).

há de vir sobre ele a penúria. O sentido dessas palavras é que ou ao avarento falta a sabedoria para adquirir e manter as riquezas, ou que a justiça de Deus não permitirá que tal pessoa torne-se rica (v. 20).

* 28.23 Uma reprimenda necessária em última análise rende um efeito

positivo sobre os relacionamentos pessoais (27.5), ao passo que a lisonja somente mina essas relações.

* 28.24 Ver 19.26 e nota.

não é pecado. Os relacionamentos familiares são o eixo de todos os laços humanos. Saquear os próprios pais descaradamente exibe uma depravação moral que solapa todos os relacionamentos.

* 28.25 o que confia no Senhor. Dependência e fé estão incluídas no

temor do Senhor (1.7, nota).

* 28.26 O que confia no seu próprio coração. Ver 3.5,6 e notas. Confiar

em si mesmo é o oposto destrutivo da confiança no Senhor.

o que anda em sabedoria. O caminho da sabedoria e o temor do Senhor são correlacionados nos vs. 25 e 26 (1.7, nota).

* 28.27 Ver 11.24-26; 14.21; 22.9 e notas.

* 28.28 Ver o v. 12 e nota; 29.2.

* 29.1 muitas vezes repreendido. Ver 1.30; 5.12; 9.7,8; 10.17; 12.1 e

notas.

endurece a cerviz. Ou seja, torna-se arrogante e incapaz de ser ensinado (28.14).

* 29.3 alegra a seu pai. Ver 10.1; 28.7.

desperdiça os bens. O paralelismo dá a entender que tal comportamento é uma desgraça, bem como uma tristeza para o seu pai (6.26).

* 29.4 Ver 8.15,16; 20.8,26 e notas.

* 29.5 Ver 28.23.

* 29.7 Informa-se ... da causa. Lit., "conhece o julgamento". Eles sabem

e fazem o que Deus requer em favor dos pobres.

* 29.8 escarnecedores. Ver 1.22 e nota.

alvoroçam a cidade. Os faltos em sabedoria, por natureza, tendem a solapar a harmonia que há na sociedade.

* 29.9 De todas as maneiras possíveis, os sábios deveriam evitar disputar

com os insensatos. Os tolos são incapazes de argumentos racionais, e mesmo quando um julgamento correto é dado, não pode ser harmonizado. Ver a nota em 26.4,5.

* 29.12 A corrupção na sociedade tende por começar pelas camadas mais

altas. O governante desonesto não somente atrai maus oficiais, mas encoraja seus subordinados a se corromperem.

* 29.13 dá luz aos olhos de ambos. Deus criou tanto os ricos quanto os

pobres (22.2 e nota).

* 29.14 Ver o v. 4; 16.12-15 e notas.

* 29.15 Ver 13.24; 22.15; 23.13,14 e notas.

* 29.16 Este provérbio expressa implicitamente a confiança no

estabelecimento final de uma ordem justa, sob o governo de Deus.

* 29.17 Corrige. Está em vista não somente o castigo (v. 15), mas

também uma instrução ativa e positiva na sabedoria. No contexto pactual da fé da nação de Israel, a disciplina e a instrução vêm da revelação de Deus em sua palavra e em seus atos.

* 29.18 profecia. Ou não há a palavra profética (1Sm 3.1), ou não estará

havendo habilidade para ouvir a palavra profética (Am 8.11,12).

* 29.19 Uma observação das condições na sociedade dos hebreus, e não

uma atitude constante de todos os trabalhadores (cf. 18.23 e nota). Estão aqui em foco as aplicações educacionais da sabedoria, com o reconhecimento que nem todas as disposições podem ser mudadas por meio somente de palavras ou da razão.

* 29.21 Se alguém anima... ser filho. Naquilo que talvez seja uma

melhor tradução, a Septuaginta (Antigo Testamento grego) diz aqui: "No fim ele se entristecerá". Os servos que não são corrigidos e nem disciplinados serão uma fonte de tristeza (v. 19).

* 29.22 levanta contendas. Ver 15.18 e nota.

* 29.23 Ver 15.33; também 16.18,19 e notas. O pecado do orgulho não

permite que o insensato se beneficie da sabedoria de outrem.

* 29.24 Este versículo retrata a condição dos cúmplices de um crime. São

forçados a ser testemunhas (Lv 5.1), mas se eles testemunharem, incriminam a si mesmo.

* 29.26 A sabedoria reconhece a função especial dos governantes de

manterem a boa ordem, e serem assim agentes do governo de Deus (21.1, nota). Mas ela também reconhece a fraqueza dos governantes humanos. Aqui o suplicante busca um tratamento especial que envolveria alguma forma de injustiça. A única maneira segura de obter a justiça, é buscá-la da parte do Senhor.

* 30.1 Palavras de Agur, filho de Jaque. A identidade desse homem é

desconhecida, mas muitos o consideram um estrangeiro. Ver a nota em 22.17 -24.22; e Introdução: Autor.

De Massá. Essa palavra também aparece em 31.1. Isso significaria que tanto Agur quanto Lemuel eram ismaelitas de Massá, que alguns pensam que ficava na Arábia (Gn 25.14).

fatiguei-me... estou exausto. Uma tradução alternativa reconheceria dois nomes próprios nestas palavras no hebraico "a Itiel e a Ucal", que seriam nomes de pessoas a quem o provérbio teria sido endereçado.

* 30.2,3 Esta declaração não exprime apenas modéstia ou humildade,

mas é um reconhecimento do mistério do ser e dos caminhos de Deus, como aqueles que se encontram nos livros de Jó e Eclesiastes. O escritor estava severamente consciente dos limites do conhecimento e da sabedoria humanos. Deus não é um objeto de nossa investigação ou especulação, mas ele é o Criador infinito e pessoal em quem devemos confiar. Pode haver uma nota de ironia na confissão de ignorância aqui, mas o v. 4 indica o verdadeiro sentido.

* 30.4 Essas perguntas expressam a convicção de que o conhecimento baseado exclusivamente na observação da criação nunca poderá compreender realmente a Deus. No capítulo 38 do livro de Jó, o mesmo ponto é tratado no decurso da resposta de Deus a Jó.

* 30.5,6 Com essas palavras Agur nos oferece seu parecer da Palavra de Deus dentro de estrutura da lei e dos escritos proféticos de Israel. Ele cita Sl 18.30 e ecoa Dt 4.2. O pleno conhecimento de Deus vem através da revelação especial e é recebido por meio da fé (1.7, nota).

* 30.5 é pura. Ou seja, é testada e fica desvendado que ela é plenamente digna de confiança.

* 30.6 Nada acrescentes às suas palavras. Adicionar algo à palavra de Deus é julgá-la e achá-la falha, de acordo com os padrões humanos. Isso muda a base do conhecimento e da verdade de Deus para nós mesmos. Esse orgulho da criatura é a mola mestra do pecado (Gn 2.9, nota).

* 30.7-9 Esta oração reflete o desejo de aprender do tipo de sabedoria que se acha em Provérbios.

* 30.8 o pão que me for necessário. O pedido visa uma suficiência que evita ambos os extremos: da pobreza e das riquezas desnecessárias.

* 30.9 Quem é o SENHOR? As pessoas que possuem um excesso de

possessões materiais em breve se esquecem de sua dependência no Senhor (Dt 8.10-18; Lc 12.16-21).

* 30.10 Esta declaração só é superficialmente vinculada ao que antecede

ou segue. O ponto do provérbio é que a interferência nas questões domésticas dos outros pode ser como um tiro pela culatra.

*** 30.12 puros aos próprios olhos. Ver 16.2; 21.2.**

* 30.15-31 Quanto à forma desses ditos numéricos, ver as notas em 6.1619.

* 30.15 sanguessuga... Dá, Dá. As duas extremidades da sanguessuga

são extraordinariamente parecidas, e o animal parece não ter outra função senão a de sugar sangue. As declarações numéricas seguintes compartilham do tema da ganância.

* 30.17 Os olhos de quem zomba. Os olhares de desprezo podem ser

tão venenosos quanto as palavras. A desonra contra os pais, uma evidência do colapso no relacionamento humano mais básico, merece o pior tipo de maldição.

corvos... os arrancarão. Essas palavras retratam a sorte do cadáver que fica insepulto, com atenção especial aos olhares ofensivos.

* 30.18,19 Os quatro caminhos não podem ser entendidos, ou porque não

deixam vestígios ou porque são tão fáceis, mas misteriosamente, dominados. Alguns estudiosos têm sugerido que a ênfase recai sobre o quarto caminho, as relações sexuais humanas, das quais os outros três caminhos podem ser metáforas.

* 30.20 come, e limpa a boca. Essa expressão é uma metáfora para o

contato sexual (7.18; 9.17) — para ela, o adultério tornou-se tão natural quanto o ato de comer. Este versículo não faz parte da declaração anterior.

* 30.21 estremece a terra. Os quatro itens dos vs. 22 e 23 dificilmente parecem ser capazes de produzir tão terríveis consequências sobre a ordem natural das coisas. Provavelmente temos aqui uma figura de linguagem que aponta para um estado de coisas intolerável.

* 30.24-28 Se esta afirmação não fosse além da história natural, ainda

assim cumpriria um propósito da sabedoria: a percepção da ordem e como as coisas cooperam juntas. Muitos provérbios exibem um interesse pela natureza como se fosse uma parábola sobre a vida humana (p.ex., 6.6-11). O fato que a sabedoria é atribuída a essas criaturas implica em alguma unidade com a existência humana. As criaturas são sábias por serem capazes de vencer algumas sérias fraquezas inerentes, e assim, podem sobreviver muito bem. Esses dons da sabedoria, a cada qual de acordo com seu tipo, são concedidos pelo Criador de todos.

* 30.29-31 A inclusão de um rei com os animais sugere um paralelo

humano com a natureza, e a coerência subjacente de toda a criação. A observação da existência de governo e de ordem na sociedade, tanto dos animais quanto dos seres humanos, indica que ambos são produtos do mesmo gênio Criador.

* 30.32 põe a mão na boca. Em outras palavras, pára de falar; cessa em teus esquemas e em tuas provocações.

* 30.33 o bater do leite... o torcer do nariz... o açular a ira. Lit., "pressionar... pressionar ... pressionar". A repetição enfatiza o paralelo em cada situação. Neste provérbio temos uma advertência que a provocação conduz à contenda.

* 31.1 Palavras do rei Lemuel, de Massá. Ver a nota em 30.1. Lemuel

não foi um rei israelita. A natureza desta seção (vs. 1-9) sugere uma origem egípcia, ou, talvez, babilônica. Sua intenção aparente era vocacional, o equipamento do governante para a sua tarefa. A forma é similar às instruções dos capítulos 1—9 (Introdução: Características e Temas). Neste caso, o ensino foi dado por sua mãe (1.8; 4.1,3). Enquanto o pai possa ter sido o principal professor das crianças, mulheres piedosas também assumiam esse papel (cf. 14.1, nota) e em Israel havia mulheres dotadas de notável sabedoria (2Sm 14.2; 20.16).

* 31.2 filho dos meus votos? Essa expressão pode referir-se a um voto

feito antes do nascimento (cf. 1Sm 1.11).

* 31.3 às que destroem os reis. O paralelo indica que talvez a

fornicação esteja em vista.

* 31.4 Não é próprio dos reis beber vinho. As responsabilidades reais

não davam ao rei qualquer lazer para ser gasto com a ingestão de vinho.

* 31.6 Dai bebida forte... e vinho. Enquanto que o rei devia evitar o uso

de bebidas alcoólicas como meio de escapar das preocupações de seu elevado ofício, elas podiam ser dadas àqueles cujos sofrimentos eram demais para serem suportados.

* 31.8,9 A tarefa do rei era sustentar a justiça na sociedade. Em Israel,

essa tarefa era vista dentro do contexto da aliança com o Senhor (Dt 17.14-20).

* 31.10-31 Esta seção é um poema acróstico que exalta as virtudes de

uma esposa que exemplifica os princípios da sabedoria, tanto prática quanto espiritualmente. A sequência das virtudes é governada mais pelas exigências do acróstico (a primeira palavra de cada versículo começava com letras sucessivas do alfabeto hebraico) do que pela lógica. Não obstante, o efeito total é uma descrição coerente de uma mulher embelezada pelas suas virtudes de sabedoria prática e de caridade. O fato que a casa descrita vivia na

abundância não diminui a aplicabilidade universal dos princípios da sabedoria feminina.

* 31.10 quem a achará? Tal esposa não é um sonho impossível, mas

pode ser difícil de encontrar.

* 31.11 não haverá falta de ganho. Esse estado de coisas resultada da

astúcia da esposa quanto às questões domésticas.

* 31.12 Ver 18.22 e notas.

* 31.14 como o navio mercante. Conforme indica os vs. 16 e 18, ela se

ocupava no comércio.

* 31.15 a tarefa. Sob a forma de alimentos ou de deveres.

* 31.16 Ela era capaz no mundo dos negócios, e reinvestia os seus

ganhos.

* 31.18 a sua lâmpada não se apaga. Essas palavras são ou uma

metáfora que indica a prosperidade (13.9), ou uma referência à sua diligência em usar as horas da noite para trabalhar.

* 31.19 ao fuso. O significado é incerto. O contexto indica a capacidade

de fabricar suas próprias linhas.

* 31.21 lã escarlate. Se "lã escarlate" é a leitura correta, provavelmente

isso indica tecidos de alta qualidade, que são quentes.

* 31.22 de linho fino e de púrpura. Como no v.21, estão em pauta

artigos de alta qualidade.

* 31.23 O que fica implícito é que a habilidade e a diligência da esposa

nos negócios domésticos removia, da mente de seu marido, todas as

preocupações quanto a isso. Ele estava livre para buscar seu lugar, como ancião respeitável na vida pública.

entre os juízes. Ver 1.21 e nota.

*** 31.25 A força e a dignidade são os seus vestidos. Essas palavras**

referem-se ou ao caráter da mulher, ou, conforme está mais provavelmente em vista, na segunda linha, à estima conquistada por seus feitos econômicos. Ela não tinha preocupações excessivas quanto ao futuro. Ambas essas interpretações são coerentes com a sabedoria.

* 31.28,29 O resultado de sua habilidade e sabedoria era que as relações

familiares ficavam solidificadas. Os elogios de seu marido e de seus filhos são a sua grande recompensa.

* 31.30,31 que teme ao SENHOR. Até este ponto, o poema concentra

a sua atenção sobre a sabedoria prática. Agora é enfatizada a base de toda verdadeira sabedoria. O livro de Provérbios termina conforme começara: a observação da ordem criada pode prover alguma sabedoria e conhecimento de Deus (Rm 1.20-23), mas somente a auto-revelação do Criador capacita-nos a conhecer e a apreciar o sentido de realidade centrado em Deus. A verdadeira sabedoria é vista como a vida vivida em obediência de todo coração à revelação divina em sua Palavra, que é "o temor do Senhor" (1.7 e nota). Essa confiança é o alicerce e a vereda contínua da sabedoria, pois ela nos conduz à perfeição final em Cristo.

Eclesiastes

* 1.1 Pregador. O original hebraico enfatiza a função de Salomão

como aquele que convoca a comunidade da Aliança a fim de testemunhar e de celebrar a glória do Rei dos céus que enche seu templo terrestre (1 Rs 8). As palavras de Salomão, pois, foram dirigidas ao povo de Deus, e não aos agnósticos.

filho de Davi. Ver Introdução: Autor.

* 1.2 Vaidade. Essa palavra, no hebraico, significa "sopro" ou

"neblina", ou seja, aquilo que é "inútil", "fútil" ou "não-substancial". A morte dos seres humanos torna inúteis os feitos e desejos das pessoas que criam as culturas terrenas ("debaixo do sol").

tudo. Essa palavra é qualificada pela frase "debaixo do sol" (vs. 3), e aponta para tudo quanto as pessoas experimentam com os seus sentidos (vs. 8).

* 1.3-11 A frase "Que proveito tem o homem?" provê o tema desse

poema de abertura, enfocando a atenção do leitor sobre a evidente futilidade do trabalho e do estudo. Embora essas coisas ofereçam alguma satisfação de realização, a morte parece torná-las sem significado.

* 1.3-8 Por causa da morte, as pessoas precisam recomeçar continuamente suas labutas culturais. Nunca ficam completamente satisfeitas ante os resultados, e são impulsionadas a repetir esforços anteriores.

* 1.3 proveito. A idéia de que o labor da vida não tem proveito,

apresentada aqui como uma pergunta retórica, é declarada diretamente em 2.11.

debaixo do sol. Essa frase é sinônima de "debaixo do céu" e "sobre a terra". O equivalente paulino é: "mundo perverso" (Gl 1.4). As energias investidas sobre os reinos terrenos com frequência não têm valor para o reino dos céus (Mc 8.36). Em contraste, a obra do Senhor não é vã (Jo 6.27-29; 1Co 15.58).

*** 1.4 Geração vai, e geração vem... permanece. As pessoas**

vivem constantemente começando de novo (tal como o sol, no v. 5), enquanto que, por contraste, a terra (à qual cada pessoa retorna) permanece para sempre.

* 1.6 retorna aos seus circuitos. Essa frase é o ponto focal do

poema em 1.4-8, uma figura para o refrão repetido de Salomão,

"correr atrás do vento".

* 1.7 não se enche. As experiências das pessoas comumente

nunca as enchem ou satisfazem, tal como as águas nunca enchem o mar.

* 1.9-11 As realizações culturais não podem reverter o fútil processo da

repetição do que já foi feito, pois todos morrem e suas obras são esquecidas.

* 1.12-15 A investigação pessoal de Salomão conclui que a cultura

humana é mal orientada e incompleta.

* 1.12 rei... em Jerusalém. Ver Introdução: Autor.

* 1.13 com sabedoria. As realizações deste mundo, efetuadas sob a maldição de Deus (Gn 3.16-19), são fúteis e frustantes.

enfadonho trabalho. A existência humana inclui cargas divinamente impostas (Gn 3.16-19; Rm 8.22,23). Jesus é que as tornou suportáveis (Mt 11.28-30).

Deus. O nome pessoal do Deus da Aliança, "Yahweh" (convencionalmente traduzido por SENHOR), não é usado em Eclesiastes.

*** 1.13,14 debaixo do céu... debaixo do sol. Ver 1.3 nota.**

* 1.14 Atentei para todas as obras. Salomão tinha uma perspectiva exata sobre o tempo presente, por causa do dom de Deus (1Rs 3), bem como sobre o passado, porquanto ele meditava sobre a Palavra revelada de Deus.

* 1.15 torto... o que falta. Isso é resultado não somente do mal humano, mas também da maldição divina (7.13; Gn 3.16-19).

* 1.16 em sabedoria. O aumento da verdadeira sabedoria aumenta a sensibilidade do indivíduo para com os efeitos infelizes do pecado, pois nem todos esses efeitos são imediatamente visíveis.

todos os que antes de mim existiram em Jerusalém. Da perspectiva de Salomão, esses se refeririam a antigos reis pré-israelitas (Gn 14.18; Js 10.1).

* 2.1-11 As alegrias das realizações terrenas são insatisfatórias, para Salomão em particular (1 Rs 4-11).

* 2.1 goza, pois, a felicidade. Uma referência à auto-gratificação.

*** 2.3 regendo-me, contudo, pela sabedoria. Ver o v.9. Para**

determinar o que era bom que as pessoas fizessem, Salomão investigou a vida sem esquecer-se da orientação protetora da Palavra de Deus.

* 2.4-9 Grandes obras... Engrandeci-me. As riquezas do mundo

fluíam para Jerusalém e estavam à disposição de Salomão.

*** 2.10,11 me alegrava... a recompensa... nenhum proveito havia**

debaixo do sol. Salomão experimentava alegria ao fazer algum trabalho, mas deixou de atingir a satisfação de produzir qualquer coisa de valor celeste permanente.

* 2.12-17 A vantagem terrena da sabedoria sobre a insensatez é cancelada

pela morte.

* 2.12,13 a sabedoria. Não a sabedoria ou sagacidade secular, mas a

sabedoria dada por Deus, que não tem igual.

* 2.15 busquei eu mais a sabedoria. O valor da sabedoria parece estar comprometido, porque não pode conservar do abismo da morte o sábio mais do que o insensato.

* 2.17 aborreci. Ao concluir que a maldição da morte apaga o proveito do labor sábio, Salomão chegou a odiar a vida nesta presente era maligna.

* 2.18-26 Salomão refletiu sobre as frustrações associadas ao trabalho. A

morte arrebata o proveito do labor de seu produtor. A situação torna-se ainda mais insuportável por não se saber se, no futuro, a propriedade será dissipada por algum insensato (vs. 18, 19) ou dada a algum herdeiro que não lhe dará valor (vs. 20,21).

* 2.23 não descansa. Os fardos dolorosos e sempre presentes da vida solapam até os prazeres legítimos do trabalho (v. 10), e podem privar o trabalhador de seu sono.

* 2.24 melhor. Em sua conclusão sobre o que é bom (v. 3), Salomão observou que os prazeres comuns da vida e do trabalho também se originam em Deus.

* 2.26 ao homem que lhe agrada... ao pecador. Por maior que seja a prosperidade temporária do ímpio, são os justos "diante de Deus" que, afinal de contas, são os beneficiários das bênçãos de Deus.

vaidade. A questão em pauta parece ser a futilidade do trabalho de uma pessoa transferida para outra, tal como se vê nos vs. 20 e 21.

* 3.1 tempo. As pessoas verdadeiramente sábias sabem que todos

os seus "tempos" estão nas mãos de Deus (Sl 31.15), e que há um tempo apropriado para cada atividade humana.

* 3.11 a eternidade. Esse é o termo hebraico que reaparece no v. 14. como "durará eternamente". O coração sabe que a história não é destituída de sentido, mas é frustrado em seus esforços por discernir o padrão dos acontecimentos.

* 3.12 nada há melhor. A principal aplicação do autor é o seu conselho

repetido (2.24-26; 3.12,22; 5.18-20; 8.15) e a sua ordem (9.7-10) para nos contentarmos com o que Deus tem ordenado para a vida de uma pessoa (1Co 7.20; 1Tm 6.8).

* 3.14 temam. O termo significa dar a Deus a honra que corresponde ao que Ele é (Êx 34.8; Is 6.5; Lc 5.8; Ap 1.17).

* 3.15-21 Deus, o Juiz, está em vista.

* 3.17 o justo e o perverso. Como punição pelo seu pecado, as pessoas, como os animais (vs. 18-20), devem morrer (Gn 3.19). Não obstante, a distinção entre os justos e os perversos não é removida pela morte, mas será revelada por ocasião do julgamento divino.

tempo. Deus ordena tudo quanto ocorre sobre a terra (vs. 1-8). Ele também determinou um dia para julgar os feitos de todos os seres humanos (o "dia do Senhor”; Jl 3).

* 3.21 Quem sabe se o fôlego de vida... se dirige para cima. Em outros lugares Salomão observou a idéia que embora o corpo físico retorne ao pó, o espírito retorna para Deus (12.7).

* 4.1-3 dos que foram oprimidos... tenho por mais felizes os que

já morreram. Passando em revista a sorte dos oprimidos, Salomão especulou que os mortos e os ainda não-nascidos estão em melhor situação do que os vivos.

* 4.4-16 A inveja e a falta de contentamento são o combustível que impulsiona a busca da satisfação terrena.

* 4.5,6 descanso. Apesar de seus anteriores pensamentos melancólicos, Salomão concluiu que a suficiência com o contentamento é melhor do que o resultado necessário da preguiça (v. 5), ou o excesso acompanhado pela labuta incansável (vs. 6,8).

* 4.9-12 serem dois. A cooperação, em lugar da contenda arraigada

na inveja, produz o sucesso e provê proteção contra os cobiçosos.

* 4.13-16 Um povo caracteristicamente descontente não aprecia bons líderes, um pensamento que levou Salomão de volta ao seu tema da evidente futilidade da vida no mundo.

* 5.1-7 O sumário do livro de Eclesiastes (12.13) expande a exortação para se temer a Deus (v. 7), o princípio aqui destacado por Salomão.

* 5.2 tua boca. Os pensamentos do coração são expressos nas

palavras que saem da boca. Deus julgará essas palavras (Mt 12.34-37).

* 5.4,5 algum voto. Alguma promessa específica feita a Deus (Dt 23.21-23).

Ver "Fala Honesta, Juramentos e Votos", em Ne 5.14.

* 5.6 tua boca. Ver nota no v. 2.

mensageiro. A palavra hebraica assim traduzida também pode ser

traduzida por "anjo". E também poderia referir-se a um sacerdote que servisse no templo (Ml 2.7).

* 5.8-17 A ganância é responsável por muitos dos aspectos prejudiciais das riquezas.

* 5.8 não te maravilhes. A opressão e a injustiça são inevitáveis

(4.1-3).

* 5.10-12 Quem ama o dinheiro. A ganância é insaciável e furta o sono

do indivíduo; o contentamento, entretanto, provê descanso (1Tm 6.6-10).

* 5.13-17 Salomão ponderou as tragédias das riquezas não-usadas e perdidas. Tudo quanto não for perdido "através do infortúnio", deve ser deixado para trás por ocasião da morte. O labor terreno parece ser inútil.

* 5.18—6.7 Deus distribui soberanamente as riquezas.

* 5.18 boa. A intenção de Deus é que o povo desfrute dos benefícios de seu trabalho como uma devida recompensa por seu labor.

* 5.19 a quem Deus conferiu. A capacidade de desfrutar do labor terreno não se deriva de uma força humana estóica, mas da graça conferida por Deus, a ricos e a pobres (v. 12) igualmente.

* 6.2 Deus. As riquezas e a pobreza, bem como a capacidade ou

incapacidade de desfrutar dos próprios recursos, são decretadas por Deus.

não lhe concede que disso coma. Isso envolve controle sobre o

gerenciamento das riquezas, e não meramente o prazer derivado de gastá-las.

* 6.3 se a sua alma não se fartar do bem. Viver descontente com

a abundante provisão de Deus é uma grande tragédia.

* 6.6 para o mesmo lugar. O caso daqueles que vivem muito

tempo no descontentamento é mais patético do que a de uma criança nascida morta. A criança que nasce morta pelo menos não passa muitos anos na miséria auto-infligida da ingratidão.

* 6.7 nunca se satisfaz o seu apetite. Novamente, o trabalho

terreno, por si mesmo, não preenche o vazio da alma (1.8).

*** 6.8 Ou o pobre que sabe andar perante os vivos. Esses,**

embora pobres, que sabem como viver eficazmente no mundo, evitam o descontentamento de desejos loucos e insatisfeitos.

* 6.10 já se lhe deu o nome, e sabe-se. Deus identifica cada pessoa como um pecador (7.20).

contender. Ninguém, à parte de Cristo, tem defesa contra Deus.

* 7.1 dia da morte. Para os piedosos, a morte é "muito melhor” (Fp

1.23), porquanto vão estar com Cristo.

* 7.2,4 casa onde há luto. Um funeral provê uma indispensável perspectiva para a condição terminal universal.

* 7.7 a opressão... o suborno. Essas experiências comuns podem

ameaçar desestabilizar uma condição espiritual em tudo o mais boa (4.1-3).

* 7.9 a ira se abriga. Se não for dominada, a ira acesa pelas

frustrações da vida leva à insensatez.

* 7.11,12 A sabedoria... dá vida. A verdadeira sabedoria concede

benefícios nesta vida (contrastar com 8.8) e na vida vindoura. Cristo é a sabedoria remidora de Deus (1Co 1.30), tornando a sabedoria acessível aos pecadores.

* 7.13-18 Tanto as ilusões humanas de perfeição nesta vida, quanto o entregar-se à iniquidade, têm Deus por adversário.

* 7.13 quem poderá endireitar. Os decretos de Deus não podem ser revertidos. A maldição do capítulo terceiro de Gênesis só será anulada na consumação.

* 7.14 prosperidade... da adversidade. Deus decreta tanto uma quanto outra coisa.

para que o homem nada descubra. O futuro é desconhecido.

* 7.15 justo... perverso. A pergunta que fica implícita nesta observação é formulada em Jr 12.1: "Porque prospera o caminho dos perversos?" E é tratada ainda mais prolongadamente em Sl 37 e 73.

* 7.16,17 Não sejas demasiadamente justo... Não sejas demasiadamente perverso. O orgulho pode mascarar-se como justiça, até em pequenas coisas; por outra parte, há um impulso para o desregramento que ultrapassa todas as regras normais da vida.

* 7.18 isto, e também daquilo. Um correto conhecimento de Deus livra

aqueles que possuem esse conhecimento dos excessos destrutivos

da auto-justiça e da iniqüidade.

* 7.19 fortalece ao sábio. A sabedoria é poderosa e encorajadora.

* 7.20 Não há homem justo. Todos são culpados diante de Deus (Sl 14.3;

53.3).

* 7.22 muitas vezes. Somos transgressores múltiplos aos olhos de Deus.

* 7.24 quem o achará. Ninguém pode compreender totalmente o

entendimento de Deus, que é qualitativamente diferente do conhecimento humano (8.16,17; 1Co 2.11).

* 7.29 Deus fez o homem reto. Deus criou Adão moralmente bom (Gn

1.31), mas agora todos os homens pecam (Rm 3.23; 5.12). Ver "A Queda", em Gn

3.14.

* 8.5,6 O tempo e o modo. Aquele que é verdadeiramente sábio busca e

geralmente acha o tempo próprio para cada ação (3.1-8).

* 8.8 poder. Não podemos controlar a morte ou o mal, mas Cristo

possui esse poder (Jo 10.18; Ap 1.18).

* 8.9 para arruiná-lo. Provavelmente isso significa prejudicar

àquele que estiver sendo governado. Salomão viu como o uso

irresponsável da autoridade dada por Deus prejudica as pessoas (Rm 13.3,4).

* 8.10-13 Embora existam desigualdades nas sociedades humanas, conforme elas são experimentadas nos distúrbios civis de nossa própria época, Deus, não obstante, ajustará todas as contas com justiça.

* 8.14 sobre a terra. Nesta vida, os justos e os ímpios não recebem,

necessariamente, aquilo que merecem.

* 8.15 exaltei eu. Apesar da injustiça, as pessoas devem regozijar-se nesta

vida. O modo de expressão de Salomão é pessimista, mas no contexto imediato ele mencionou que a vida é um dom de Deus.

* 8.17 toda a obra de Deus. Ver 7.13; 11.5.

não pode compreender. A obra de Deus não pode ser sondada.

* 9.1-10 Salomão ordenou que as pessoas desfrutem da vida, a

despeito da realidade da morte.

* 9.1 nas mãos de Deus. A soberania de Deus controla todos os

negócios tanto dos justos quanto dos ímpios.

se é amor ou se é ódio. No presente, tanto coisas "boas" quanto coisas "más" acontecem a pessoas justas e ímpias, de acordo com o desígnio inescrutável de Deus (Mt 5.44,45; Lc 13.1-5).

* 9.3 cheio de maldade. As pessoas são totalmente depravadas, isto é, corruptas em todos os aspectos (Gn 6.5).

* 9.10 faze-o conforme as tuas forças. Tal como no v. 4, este versículo enfatiza a necessidade de enfrentarmos a vida conforme a encontramos.

* 9.11,12 do acaso. Salomão descreveu as pessoas como vítimas de

uma sorte inescrutável ou mesmo "cruel". Não obstante, o crente compreende que Deus ordena os eventos de maneiras inesperadas.

* 9.16 desprezada. Salomão percebia que a sabedoria, verdadeiramente, é melhor do que a força — mas que os sábios não são devidamente apreciados.

* 10.2 o lado direito... o da esquerda. Essas direções tinham sentidos convencionais de bem e de mal, de bênção e de maldição, no mundo antigo.

* 10.5 erro. Por muitas vezes, os governantes governam de maneira

imprópria.

* 10.10 afia o corte. Devemos vencer os obstáculos a um trabalho

eficaz por estarmos devidamente preparados com a sabedoria ou a habilidade que se fazem necessárias para a tarefa.

* 10.12-14 Nas palavras. As palavras revelam o coração de uma pessoa,

e aquilo que é dito pode ter consequências sérias (Mt 12.34-37).

* 10.19 atende a tudo. Isso pode significar que o dinheiro é

necessário tanto para o alimento como para o vinho, ou que o dinheiro provê para todas as necessidades da vida (cf. 7.12).

* 10.20 aves. Essa figura de linguagem significa um espião ou

informante.

* 11.1 pão sobre as águas. Possivelmente uma referência ao comércio marítimo de Salomão de cereais.

* 11.2 sete... oito. Uma admoestação para dividir em parcelas pequenas os riscos que corremos (vs. 6).

não sabes. A incerteza é uma razão para a diversificação no gerenciamento

financeiro. Ver o v. 6.

* 11.3,4 nuvens. Não devemos usar a incerteza como uma desculpa para a preguiça.

* 11.5 obras de Deus. Temos aqui, de novo, uma afirmação sobre a inescrutabilidade de Deus, do seu conselho secreto (8.17, nota).

* 11.6 não sabes. Ver nota no v. 2.

* 11.7—12.7. A vida jovem, natural, deve ser governada mediante a discrição, porquanto a vida presente será seguida por um garantido encontro com Deus (12.8).

* 11.8 regozije-se... lembrar-se. As alegrias da vida presente devem ser

desfrutadas sem muito apego, na consciência de que elas são apenas temporárias.

* 11.9 Deus te pedirá conta. Salomão não estava encorajando uma auto-

gratificação descuidada, mas dava uma advertência sóbria que Deus levará tudo a juízo (Mt 12.36).

* 12.1 maus dias. Se os prazeres foram irrestritos na juventude, tanto os

prazeres quanto o Criador serão desconhecidos nos últimos anos de vida.

* 12.2-7 Salomão comentou sobre o envelhecimento e a morte, usando a

extensa metáfora de uma casa que está caindo aos pedaços. Ele contrasta a deterioração da casa com a permanência da Natureza. É melhor aceitarmos essas metáforas quanto ao seu efeito total, em lugar de especular quanto ao significado de cada figura individual. Conforme as notas seguintes o indicam, algumas associações são mais claras do que outras.

* 12.3 guardas da casa. As diversas frases aqui provavelmente referem-se

a partes do corpo como membros de uma casa.

*** 12.5 te embranqueceres, como floresce a amendoeira. A cor branca da**

amendoeira é associada aos cabelos brancos das pessoas idosas.

casa eterna. Essas palavras não se referem somente ao sepulcro, mas à presença do Criador e Juiz da pessoa (v. 7).

* 12.6 copo de ouro. Essas palavras descrevem uma lâmpada quebrada

na queda causada pelo rompimento de uma corrente de prata. Copos quebrados e cordas partidas sugerem a fragilidade que vem com a idade avançada.

* 12.7 o espírito volte a Deus. A existência humana continua para

além da

morte.

* 12.8 Vaidade de vaidade. Uma reiteração final do refrão do Pregador.

* 12.9-14 O livro termina com um tributo à sabedoria de Salomão, provendo as chaves que interpretam o livro.

* 12.11 dadas pelo único Pastor. As palavras do livro de Eclesiastes foram

sopradas por Deus (2Tm 3.16).

* 12.13 a suma é. Uma leal submissão ao governo de Deus é a

admoestação central e o sumário da literatura de sabedoria (5.7; Jó 28.28; Pv 1.7; 9.10).

* 12.14 juízo. O julgamento por Deus de nossos pensar atos é um

tema dominante que emerge por todo o livro (3.17; 8.12,13; 11.9; 2Co 5.10).

CANTARES DE SALOMÃO

* 1.1 Ver Introdução: Autor; Título.

* 1.2-4 Expressões postas na terceira pessoa em 1.2 e 1.4 ("Beija-me

com os beijos da tua boca... O rei me introduziu") abrem e fecham o parágrafo, que noutras passagens está na segunda pessoa ("teu nome"... "teu amor"). A jovem oscila entre pensar sobre seu amado ausente e dirigir-se a ele como se ele estivesse presente.

*** 1.4 O rei me introduziu nas suas recâmaras. Temos aqui a**

primeira das cinco ocorrências da palavra "rei" (1.4,12; 3.9,11; 7.5). Aqui no v. 4, há duas possibilidades: ou o rei é Salomão, que havia tentado, sem sucesso, conquistar os afetos da jovem, ou ele é o amado a quem ela, romanticamente, fantasia como o seu rei. Esta última interpretação é a preferida (ver Introdução: Características e Temas). O parágrafo termina como começou, com a jovem referindo-se a seu amado ausente na terceira pessoa do singular (vs. 2-4, nota).

Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos. As "filhas de Jerusalém" (v. 5) concordam com a jovem em que o amor do seu amado é melhor do que o vinho (v. 2).

* 1.5,6 A jovem responde à crítica sobre a cor da sua pele (vs. 5, "eu estou morena") por parte das filhas de Jerusalém (5.10-16, nota). Ela estava queimada de sol porque os irmãos dela a tinham posto a trabalhar nas vinhas, e, em consequência, ela não fora capaz de cuidar apropriadamente de sua "própria vinha" (o corpo dela, v. 6).

tendas de Quedar. As tribos beduínas que residiam na fímbria dos desertos a leste de Israel, fabricavam suas tendas de pêlos escuros de cabra.

Lugares Mencionados nos Cantares de Salomão

Desde os picos do Líbano até às ruas de Jerusalém (Ct 4.8; 6.4), a história de amor em Cantares de Salomão desenrola-se em vários contextos. Os amados referem-se e dirigem-se ao outro, usando várias quadros verbais, incluindo "a rosa de Sarom" (Ct 2.1), "o lírio dos vales" (Ct 2.1) e "as vinhas de En-Gedi" (Ct 1.14).

Líbano Senir Damasco Monte Hermom Monte Carmelo Sunem

Sarom Tirza Monte Gileade Jerusalém Hesbom En-Gedi Quedar

* 1.8 ó mais formosa entre as mulheres. **Em outros lugares,**

essa forma de tratamento só foi usada pelas "filhas de Jerusalém" (5.9; 6.1). Se quem fala aqui são as mesmas "filhas de Jerusalém", cujos olhares críticos são referidos no v. 6, então a atitude delas parece ter mudado. Mais provavelmente, porém, as palavras delas aqui são sarcásticas (5.8,9).

* 1.9 Às éguas dos carros de Faraó. **Salomão começou o seu**

reinado fazendo uma aliança de casamento com Faraó (1Rs 3.1). Ele também comerciou com cavalos egípcios (1Rs 10.28), e os carros de combate de Faraó, com seus dois cavalos tornaram-se muito conhecidos e admirados em Israel. O que é contemplado aqui teria sido excepcional: uma égua enfeitada entre os garanhões, causando admiração e excitação.

* 1.11 (Nós) te faremos. **No v. 4, as "filhas de Jerusalém" reverberam**

os elogios da jovem a seu amado; aqui, porém, elas respondem semelhantemente aos elogios dele a ela. O sujeito no plural (*nós,* **subentendido em português) é contra tomarmos este versículo como uma fala do amado da jovem a usar uma linguagem própria da corte. O chamado plural de majestade não era usado na literatura do antigo Oriente Próximo e Médio.**

* 1.12 o rei. O amado da jovem novamente aparece como um rei,

conforme é indicado no versículo seguinte.

à sua mesa. O original hebraico tem aqui uma expressão incomum, literalmente, "à sua volta". Essa volta não é uma mesa, mas erva e árvores (vs. 16 e 17). A jovem estava pensando nos tempos em que

ela e seu amado passavam tempos sozinhos nos bosques.

* 1.14 En-Gedi. Esse oásis luxuriante ficava a meio caminho para quem

descia para as praias ocidentais do mar Morto.

*** 1.15 Os teus olhos são como os das pombas. O ponto da**

comparação não é declarado. Talvez esteja em foco a meiguice de seu olhar. A jovem retribui o cumprimento indiretamente, em 5.12.

* 2.1 a rosa. O original hebraico indica uma planta da família do

bulbo, como um narciso.

Sarom. A planície que se estendia para o sul, desde o monte Carmelo, seguindo as costas do mar Mediterrâneo. Neste versículo, a jovem compara-se, modestamente, a alguma flor silvestre bem conhecida.

* 2.4 sala do banquete. Literalmente, "sala do vinho". O cenário

é ao ar livre (1.12, nota). A "casa" dos amantes, até essa altura, tinha sido a floresta (1.16,17). Mas agora eles passam para uma "casa" diferente, a saber, a vinha do jovem, a sua "casa" do vinho. Essa expressão continua a linguagem figurada da realeza de 1.4,12 (o pastor é um rei), e a comparação entre o amor e o vinho aparece em 1.2.

o seu estandarte. Estandartes comumente adornavam salões de banquete reais, mas esta sala do banquete, ou "casa do vinho" era diferente. Tinha somente um estandarte, o amor, e esse também era o único "vinho" que seria consumido durante o banquete.

* 2.5 com passas... com maçãs. As passas ou "bolos de

passas” são associadas, em outros lugares do Antigo Testamento, com os ritos religiosos, algumas vezes até em um contexto pagão (2Sm 6.19; Os 3.1). Isso tem feito alguns comentaristas suporem que os Cânticos de Salomão originaram-se como uma peça escrita de um rito de fertilidade pagão envolvendo o sexo ritual (cf. Os 4.11-14). Mas os atos de amor no Livro de Cantares não têm uma dimensão religiosa óbvia. As passas, neste caso, tal como as maçãs, são simples afrodisíacos. A jovem pediu passas de uvas e maçãs para renovar as suas forças.

* 2.7 Quanto a comentários sobre este refrão, que também ocorre em 3.5 e 8.4, ver Introdução: Características e Temas. Aqui o refrão nos faz lembrar que o ato de amor até aqui foi só imaginado, sem tornar-se real, a despeito da linguagem vívida.

* 2.8-17 A linguagem figurada do pastor-amado como uma gazela ou um gamo novo, nas colinas, introduz e conclui esta seção, outro encontro imaginário entre os dois apaixonados. Após ter-se dirigido de modo breve às filhas de Jerusalém, no v. 7, a jovem retorna a seus pensamentos meditativos.

* 2.14 mostra-me o teu rosto. A troca para a forma feminina do pronome possessivo "teu", no hebraico, sugere que este versículo e o seguinte devem ser atribuídos ao pastor, "o amado".

* 2.15 as raposinhas, que devastam os vinhedos. As raposas são o único elemento negativo no cenário em tudo o mais ideal, dos vs. 10-15. O imperativo sem qualquer sujeito específico é como se fosse um passivo ("Que as raposas sejam apanhadas"), e o versículo inteiro exprime o desejo, da parte dos apaixonados, que coisa alguma tenha permissão de interferir em seu ato de amor.

*** 2.16 ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. Em face do**

contexto, o mais provável é que tenhamos aqui uma metáfora para a

intimidade do amor. Ver nota no v. 15 e 6.2.

*** 2.17 Antes que refresque o dia, e fujam as sombras.**

Tradicionalmente, estas linhas têm sido interpretadas juntamente com aquilo que se segue, mas elas podem fazer um melhor sentido se lidas em companhia do v. 16. Os amados estiveram juntos a noite inteira, e quando o dia irrompe, eles precisavam separar-se. O retorno do jovem às colinas assinala o fim do trecho que se abriu no v. 8 (ver 2.8-17, nota).

* 3.1 De noite, no meu leito. A jovem não estava mais com o

seu amado, mas sozinha, no leito dela, imaginando vários encontros com ele. Uma indicação mais explícita de que ela estava sonhando aparece em 5.2. Não é claro onde o sonho começa ou termina, mas por certo essa é uma das grandes características do Livro (Introdução: Características e Temas).

* 3.2-4 Esta busca da jovem pelo seu amado segue-se ao sonho dela

durante a noite, ou é, ela mesma, um de seus sonhos. A presença dos guardas, a patrulharem as ruas da cidade, indica que era noite, e que temos aqui, provavelmente, um sonho. O trecho paralelo de 5.2-8 é um sonho (5.2). Ambos os sonhos têm característica de pesadelo, e aquele no capítulo cinco, é mais obviamente pesadelo do que este (ver especialmente 5.7).

* 3.4 em casa de minha mãe. Presumivelmente, esse era o

lugar onde a jovem solteira dormia (v. 1). Em seu sonho, ela trouxe o seu amado para a casa dela.

* 3.5 A segunda ocorrência do refrão confirma que o ato de

amor, neste

estágio, era imaginário, e não real. A consumação permanece no futuro (2.7, nota).

* 3.6-11 Posta entre as duas indicações de que a jovem estava no leito

(3.1; 5.2), esta cena de casamento é melhor tomada como parte do sonho da

jovem. Um pesadelo cede lugar à fantasia. Ela sonha sobre o dia do casamento, transformado em uma ocasião real, tendo seu amado como rei, o magnificente Salomão. Não foi essa a primeira vez em que ela o imaginou assim (1.4,12; 2.4).

*** 3.8 por causa dos temores noturnos. Os homens de**

Salomão formaram um corpo de guarda-costas, como proteção contra assaltantes, visto que os casamentos eram celebrados após a chegada da noite. Mas este versículo tem uma referência dupla. Há também a "noite", introduzida em 3.1, que foi estragada pelo próprio "temor noturno" da jovem. Esses temores foram banidos, pelo menos durante algum tempo, pela esplêndida visão de Salomão com seus homens de guerra (vs. 2-4, nota).

* 3.11 Sião. Um nome alternativo de Jerusalém (p.ex., Is 40.9).

com a coroa. Não temos aqui uma alusão à coroa do rei, mas o tipo de coroa usada pelas noivas e pelos noivos, nos casamentos judaicos. Esse costume foi abandonado pelos judeus em sua tristeza causada pela trágica guerra contra os romanos e pela perda de Jerusalém (70 d.C.). Há um provérbio rabínico que diz que "um noivo se assemelha a um rei".

sua mãe. A estrutura da família, refletida em Cantares, parece ser

matriarcal (1.6; 3.4; 6.9; 8.1,2,5). Não há qualquer referência a um pai, e dentro do relacionamento entre os apaixonados parece haver mutualidade. Não obstante, há elementos de domínio masculino no Livro de Cantares, notavelmente o papel desempenhado pelos irmãos da jovem (1.6; 8.8,9) e pelos guardas (5.7).

no dia do seu desposório. O Salomão verdadeiro teve muitos casamentos (1Rs 11.3). O dia em vista aqui tem um ideal romântico (vs. 6-11, nota).

* 4.1—5.1 Nesta única unidade o homem elogia a sulamita (4.1-15); ela retruca com um convite (4.16); e ele aceita o convite (5.1).

* 4.1 monte de Gileade. Um elevado platô, a leste do rio

Jordão.

* 4.4 a torre de Davi. A localização dessa torre é desconhecida.

Não se trata da atual torre de Davi, do lado de dentro do portão de Jafa, em Jerusalém, visto que este portão não é mais antigo do que os tempos de Herodes o Grande. O pescoço da jovem estava adornado com jóias, tal como aquela famosa torre estava adornada com escudos.

* 4.6 Antes que refresque o dia. Aproximava-se o tempo em

que os amados deveriam separar-se (2.17, nota).

monte de mirra... outeiro do incenso. O incenso, tal e qual a mirra, era uma especiaria aromática importada (cf. Mt 2.11). Apesar da linguagem exótica, a referência mais provável é à região montanhosa local, fragrante com inflorescências da primavera (cf. 1.13-17).

* 4.8 Noiva minha. Essa palavra, ("esposa" no hebraico

original), não foi usada literalmente, mas como um termo de afeto, em

antecipação ao casamento futuro.

Líbano... Amana... Senir... Hermom. Todos esses locais estão na região norte mais remota da Palestina. Não devemos imaginar que a jovem habitava no cume do monte Hermom. Antes, esses nomes locativos eram símbolos do caráter inacessível da jovem que o namoro deveria vencer.

* 4.9 minha irmã. Nos idiomas do Oriente Próximo e Médio,

"irmã" era comumente usada pelos apaixonados como termo de carinho. Expressava uma proximidade entre pessoas que não eram membros de uma mesma família.

* 4.10 do que o vinho. Volta agora o cumprimento de 1.2.

*** 4.12 Jardim fechado és tu... manancial recluso. Essas são figuras**

de linguagem da virgindade.

manancial... fonte. O seu amado anelava por ela como um viajante sedento anela por águas refrescantes (Pv 5.15-20).

* 4.13,14 Os teus renovos. A imagem do jardim fechado é

desenvolvido mais ainda (v. 12, nota). As "plantas" aludem aos deleites antecipados do ato de amor.

* 4.15 poço das águas vivas. Essa linguagem exprime como o jovem

gostaria que sua querida fosse: não mais uma fonte selada (v. 12 e nota). Há um convite implícito à entrega sexual.

* 4.16 Venha o meu amado para o seu jardim. A jovem destrancou o

"jardim" de sua virgindade para o seu amado (v. 12, nota).

* 5.1 Já entrei no meu jardim. O amado aceita o convite de sua

amada.

minha irmã, noiva minha. A natureza inacessível da jovem fora finalmente vencida (4.8).

Comei e bebei... ó amados. Aqueles que assim disseram não são especificados, mas reverberam a linguagem usada pelo pastor nas duas linhas anteriores ("comi", "bebi"). Comer e beber são, com frequência, linguagem figurada para o ato do amor. A jovem sonha com o tempo em que sua relação com seu amado não somente será consumada, mas terá a aprovação da família e dos amigos.

* 5.2 Eu dormia... velava. Ver notas em 3.1 e 3.2-4.

* 5.5 mirra preciosa. A mirra, em seu estado líquido e virgem,

exatamente como flui da árvore, era uma substância rara e preciosa (cf. Êx

30.23). Não é claro, no original hebraico, se a jovem aplicou a mirra liberalmente a si mesma, antes de ir à porta, ou se seu amado, desapontado, deixara a mirra sobre a porta, como sinal de seu amor. A repetição da expressão exata, no v. 13, favorece um pouco esta última possibilidade.

* 5.6 tinha ido embora. Neste ponto, o sonho da jovem se

transforma em um pesadelo, quando os seus temores se erguem para assustá-la. Primeiramente, houve o temor de perder o amado.

* 5.7 Espancaram-me e feriam-me; tiraram-me o manto. O

pesadelo continuava, quando a jovem agora sonhava que estava sendo atacada (v. 6, nota). A noiva futura tanto anela pelo amor como

teme o amor, e o sonho combina esses anelos e esses temores.

* 5.10-16 Em reação à desvalorização implícita de seu amado, pelas

filhas de Jerusalém (v. 9), a jovem o elogia em termos elaborados. A situação é paralela à de 1.5,6, onde a jovem respondera a uma crítica implícita de sua cor, pelo mesmo grupo de mulheres.

* 5.12 Os seus olhos são como os das pombas. O elogio de 1.15 e 4.1 é devolvido (1.15, nota). O contraste com "cachos... pretos como o corvo", na linha anterior, é notável. A descrição feita pela jovem sugere que o amado dela exibe tanto força quanto ternura.

lavados em leite. Essa figura de linguagem provavelmente refere-se ao branco dos olhos. A descrição dos olhos, neste versículo, serve de exemplo de metáfora mista.

* 5.13 gotejam mirra preciosa. Lit., "gotejando mirra fluente". Ver nota no v. 5.

* 5.14 jacintos. Não se pode determinar a pedra preciosa exata aqui mencionada. Em Êx 28.20, o mesmo tipo de pedra é engastada em ouro, no peitoral usado pelo sumo sacerdote.

* 5.16 Tal é o meu amado, tal, o meu esposo. O relacionamento entre

um homem e uma mulher em Cantares, é mais amplo do que o ato do amor, embora seja central ao mesmo. Envolve também o companheirismo.

* 6.1 E o buscaremos contigo. O animado elogio da jovem ao

seu amado parece ter convencido as filhas de Jerusalém de que ele era digno de ser procurado (cf. 5.9). Mas não fica claro se elas querem encontrá-lo por amor à jovem, ou por interesse próprio.

* 6.2,3 A linguagem destes dois versículos foi extraída das duas

passagens anteriores que tratam de encontros imaginários entre a jovem e seu amado (5.1 e 2.16). O mais provável é que ela suspeitasse dos motivos delas (v. 1, nota), motivo pelo qual na realidade ela tivesse rejeitado o oferecimento das filhas de Jerusalém para ajudá-la na busca do amado dela, e tenha voltado a pensar sobre seus momentos de intimidade com ele.

* 6.4 Tirza. Essa cidade, que ficava a quase dez quilômetros a

nordeste de Siquém, na Palestina central, ocupava um território de grande beleza natural. Foi a capital do reino do norte, Israel, por aproximadamente cinquenta anos, após a morte de Salomão. Continuou sendo um local de intrigas políticas até que foi destruída no século VII a.C. (1Rs 14.17; 15.21; 16.8-18; 2Rs 15.14-16). A referência positiva a Tirza, neste lugar, particularmente no paralelo com Jerusalém, dá apoio ao ponto-de-vista tradicional de que o livro de Cantares originou-se nos dias de Salomão, antes que a hostilidade entre as tribos do norte e do sul levasse à divisão em dois reinos distintos.

* 6.5 Gileade. Ver nota em 4.1.

* 6.8,9 As duas referências a rainhas e concubinas indicam que os vs. 8 e

9 devem ser analisados como um só verso. Aos olhos de seu amado, a jovem é mais bela do que todas as mulheres do harém de Salomão (8.11,12 e notas).

* 6.8 Sessenta... oitenta. No seu apogeu, o harém de Salomão

continha muito mais esposas e concubinas do que isso (1Rs 11.13), e já há a sugestão de seu crescimento futuro na expressão "virgens sem número”.

concubinas. Uma concubina não era uma parceira de sexo ilícito ou casual, mas uma esposa de situação secundária (Gn 25.6; 36.12; Jz 20.4).

* 6.9 pomba, a minha imaculada. Em seus sonhos, a mente da

jovem retorna por várias vezes aos termos de carinho usados por seu amado (5.2).

de sua mãe, a única. O relacionamento íntimo entre a filha e sua mãe transparece neste livro (3.11, nota), mas não há qualquer sinal de possessividade por parte da mãe.

* 6.10 Quem é esta. É a jovem que estava sendo elogiada aqui, provavelmente pelas rainhas e concubinas (vs. 9).

alva do dia... lua... sol. A jovem foi aqui descrita quase como se fosse uma deusa.

formidável como um exército com bandeiras. A frase é uma repetição exata da linha final do v. 4. O elogio dado aqui é um eco do elogio do amado da jovem, e completa a unidade (vs. 4-10).

* 6.12 O original hebraico deste versículo é difícil. No mínimo, o versículo indica que a jovem continuava sonhando ou fantasiando, que ela era uma princesa, e de que o seu amado era um príncipe ou um rei. Ver nota em 3.6-11.

* 6.13 Volta. Os oradores eram do sexo masculino, conforme é indicado pela resposta da jovem, aqui: "Por que quereis contemplar a Sulamita...?" Esses homens, o mais provavelmente é que eles sejam os guardas de 5.7, de quem, presumivelmente, ela havia fugido. Essa identificação explicaria a sugestão de sensualidade na chamada deles. Nesse caso, ela continuava

sonhando. Uma qualidade de pesadelo retorna brevemente neste versículo, para então desaparecer, devido ao aparecimento

oportuno do amado da jovem.

sulamita. **Essa designação provavelmente refere-se à cidade natal da jovem, como uma variante do nome "sunamita" (1 Rs 1.3,15; 2.17-22).**

Maanaim. **Ver a nota textual. Maanaim era o nome de uma cidade a leste do rio Jordão (Gn 32.2). A natureza da "dança de Maanaim" é desconhecida, mas os verbos "contemplemos" e "contemplar" sugerem que a honra da jovem teria sido comprometida se ela dançasse, levando seu amado a intervir, como ele acabou intervindo.**

* 7.1 ó filha do príncipe! **"Príncipe", aqui, é a mesma palavra**

traduzida como "nobre", em 6.12. Ali a jovem imaginou ser uma princesa; aqui ela imaginou seu amado chamando-a como tal. Na vida diária, porém, ela era uma jovem camponesa (1.5,6).

* 7.4 Hesbom. **Essa cidade ficava a leste do rio Jordão, defronte**

de Jerusalém. Ela foi capturada pelos israelitas nos tempos de Moisés (Nm 21.25,26). Escavações têm revelado ali grandes reservatórios, próximos da cidade, talvez as piscinas aqui mencionadas.

à porta de Bate-Rabim. *Bath Rabbim* **("filha de muitos") provavelmente é o nome de um portão, possivelmente um dos portões de Hesbom.**

a torre do Líbano. **A identidade dessa torre é desconhecida. A sua grande altura, sugerida por "que olha para" Damasco, tem levado alguns comentadores a pensarem que a referência é às montanhas do Líbano (cf. v. 5).**

* 7.5 como o monte Carmelo. **Lit., "como o Carmelo". Há dois**

lugares no Antigo Testamento com esse nome. Um deles fica no sul relativamente árido, nas colinas a oeste do mar Morto (1Sm 15.12). O outro é o famoso monte onde o profeta Elias confrontou os profetas de Baal (1Rs 18), no

norte verdejante. É provável que a referência aqui seja ao segundo desses lugares, como uma comparação favorável. O monte Carmelo fica na costa do mar Mediterrâneo, um tanto a oeste do mar de Quinerete (da Galiléia).

um rei. O homem se imagina um rei, encantado pela beleza de sua princesa (v. 1; cf. 1.4,12; 6.12).

* 7.8 subirei... pegarei. Esses são quadros próprios do ato do

amor (v. 7; cf. 5.1).

* 7.9-13 Aqui, tal como em 4.16, a mulher corresponde aos gestos de namoro de seu amado com uma entrega feliz.

* 7.13 mandrágoras. Essa planta tinha flores púrpura e um fruto alaranjado, parecido com o tomate, e acreditava-se que era um afrodisíaco (Gn 30.14-16).

às nossas portas. O lugar imaginário de encontros dos apaixonados era ao ar livre (v. 12); "às nossas portas" significava somente "ali perto". Note o leitor o uso figurada da "casa", em 1.17.

* 8.1 como meu irmão. A palavra chave aqui é "como".

Naturalmente, ela não desejava que seu amado fosse seu irmão, mas somente que ela tivesse a liberdade de beijá-lo em público e ir na companhia dele a qualquer lugar, sem atrair comentários.

* 8.2 na casa de minha mãe. Ver nota em 3.4.

e tu me ensinarias. O original hebraico também poderia ser traduzido

por "ela me ensinaria". E o contexto parece requerer essa última possibilidade de tradução. O homem conduziria a mulher na arte do amor.

* 8.3 Este versículo é idêntico a 2.6. Em ambos os casos, a jovem estava sonhando estar nos braços de seu amado.

* 8.4 Ocorrendo aqui pela terceira e última vez, o refrão aponta para a

consumação que ainda ocorreria (2.7; 3.5; Introdução: Características e Temas).

* 8.5 Quem é esta que sobe do deserto. Essa frase é uma repetição exata de 3.6, que introduz a cena de casamento no sonho da jovem (3.6-11, nota). Agora o sonho cedeu lugar à realidade. O par feliz, casado finalmente, não mais tem que ocultar seu relacionamento, mas podem andar em público de braços dados (contrastar o vs. 1 e nota).

encostada ao seu amado. Esta declaração simples captura uma pose íntima e típica de um homem e sua mulher.

te despertei. Ou seja, "comecei a cortejar-te". O próprio texto hebraico não deixa claro se foi a jovem ou o amado dela quem falou aqui, e nas próximas três linhas. A tradição, conforme é indicado pelos sinais vocálicos adicionados mais tarde, faz a jovem ter falado. O conteúdo das linhas sugere que o homem é quem estava falando, pelo menos até o fim do v. 5. Seja como for, a passagem indica que a consumação tivera lugar, e o casal relembra como tudo começou.

ali. Presumivelmente, isso não se refere à "macieira", mas ao lar dos pais dela, do qual se estavam agora aproximando. A jovem tinha sonhado em trazer para a sua casa o seu amado (3.4; 8.2); e agora ela faz isso, na realidade.

* 8.6 como selo. O "selo" era um sinete feito de metal ou

de

pedra, e usado pendurado em um colar, sobre o coração, ou como uma faixa para ser usada no braço (Gn 38.18).

o amor é forte como a morte. O amor é tão forte como a mais poderosa e negativa experiência humana. Essa frase assinala o começo de um breve "hino ao amor", proferido pela noiva.

o ciúme. **Em paralelo com o "amor", aqui, o "ciúme" é um zelo positivo, semelhante ao ciúme de Deus (Êx 20.5; Jo 2.17). Tal como o amor de Deus, o amor aqui celebrado não tolera rivais.**

brasas de fogo. **Lit., "a chama de Yah", onde "Yah" é uma forma abreviada do nome divino,** *Yahweh.* **O uso dessa expressão confirma que há uma comparação implícita com o amor divino.**

***** 8.8-10 **O clímax dos Cantares de Salomão fora atingido e**

ultrapassado (ver Introdução: Características e Temas). Mas ainda havia espaço para algumas lembranças. Nesta unidade, a mulher relembra quão possessivos e protetores foram seus irmãos, quando ela ainda era jovem demais para casar-se (1.6).

***** 8.8 em que for pedida. **Ou seja, pedida como noiva.**

***** 8.9 Se ela for um muro. **Isto é, se ela for firme em sua recusa**

à proposta de casamento. A reação dos seus irmãos a essa resposta será edificar sobre esse muro uma torre de prata, isto é, eles confirmarão a recusa dela e a honrarão por isso.

se for uma porta. **Em outras palavras, se ela aceitar a proposta. Então os seus irmãos a cercariam com "tábuas de cedro", ou seja, lhe recusarão a permissão de ela casar-se.**

*** 8.10 Eu sou um muro, e os meus seios, como as suas torres.**

A

menina afirmou a força de sua integridade moral, e também a sua maturidade sexual (contrastar o v. 8).

fui tida por digna de confiança. **Um completo bem-estar. No hebraico original temos aqui a palavra** *shalom.* **Por implicação, os Cantares de Salomão apontam para a relação do casamento como a situação em que a paz e a realização devem ser achadas.**

* 8.11 uma vinha em Baal-Hamom. Alguns intérpretes têm considerado

essa "vinha" como uma metáfora do harém de Salomão, mas a designação de um lugar específico sugere outra coisa. A localização de Baal-Hamom é desconhecida.

cada um lhe trazia pelo seu fruto. Os guardas traziam o dinheiro apurado com a venda das uvas.

* 8.12 A expressão "a vinha que me pertence" sugere que este versículo

foi dito pela mulher. Aqui, tal como em 1.8, o uso literal da "vinha" é seguida por um uso metafórico. A "vinha" da jovem é o corpo dela, com sua beleza natural e rústica. Ela contentava-se com seu tesouro para compartilhar com aquele a quem ela amava. Salomão podia guardar a preciosidade dele.

* 8.13 companheiros. Provavelmente os convidados à cerimônia do

casamento.

faze-me, pois, também ouvi-la. O noivo anela estar com a sua noiva.

* 8.14 Vem depressa, amado meu. O desejo era mútuo. Ela o

convidou

a vir com ela, usando de uma linguagem que fazia lembrar seus sonhos com o ato do amor (2.8,9; 4.6).

ISAÍAS

* 1.1 Visão de Isaías. O título refere-se ao livro inteiro de Isaías.

"Visão" significa que o livro é uma revelação de Deus.

Isaías. "O Senhor salva" (8.18).

reis de Judá. Ver Introdução: Data e Motivo.

*1.2 ó céus... ó terra. A totalidade da criação dará testemunho

contra Israel de que o Senhor os havia advertido de que eles seriam julgados se quebrassem o seu pacto com Ele (Dt 30.19; 32.1).

o SENHOR. Esse nome aponta para a revelação pessoal de Deus a Israel, bem como a sua solene promessa de que ele seria o Deus deles (Êx 3.15).

filhos. Eles eram filhos por criação, por eleição e pela aliança (45.11; 49.7; 64.8; Dt 32.6,18; Ml 2.10).

revoltados. A rebelião é uma transgressão voluntariosa contra o governo soberano e gracioso do Senhor (1.28; 43.27; 48.8; 59.13).

* 1.4 Ai. Essa é uma partícula enfática no original hebraico,

usada em contextos de lamentação (1.4), porém, mais frequentemente ainda em ameaças ("ai", 3.9,11; 5.11,18,20,21). O lamento em *staccato* censura a insensatez e a maldade dos filhos de Deus.

Santo de Israel. Ao usar essa designação especial Isaías chamou atenção para o esplendor do Senhor, ímpar e inspirador de respeito. Essa expressão ocorre por vinte e seis vezes em Isaías (p.ex., 5.19,24; 41.14,16,20; 60.9,14). Ver também as expressões "Santo de Jacó" (29.23), "o Santo" (10.17; 40.25), e "teu Santo" (43.15).

* 1.5 Por que. Mais prédica tão somente endurece os pecadores

impenitentes.

* 1,5,6 feridos... feridas. O povo de Israel estava incapacitado de

recuperar-se do castigo de Deus. A imagem da nação que sofria nos traz à mente a figura do Servo sofredor de Deus (53.4,5), o qual suportou o julgamento divino em Seu próprio corpo, como oferenda vicária (isto é, como substituto por outros).

*1.8 A filha de Sião. Essa expressão, no hebraico, é uma

personificação de Jerusalém. Sião era a colina que fora capturada por Davi (2Sm 5.7), mas esse termo geralmente representa a totalidade de Jerusalém, ou mesmo a totalidade de Judá e Israel.

Choça na vinha. Um abrigo temporário (referência lateral) usado pelos vigias durante a colheita. Ver 4.6, nota.

* 1.9 o SENHOR dos Exércitos. Essa designação de Deus apresenta-

o como um guerreiro divino (13.4; 30.27; 40.10; 42.13,25; 59.17; 66.15,16), o comandante de todas as suas tropas, tanto as do céu quanto as da terra. A sobrevivência de Israel, em última análise, não se devia à fraqueza do adversário, mas ao poder soberano de Deus.

alguns sobreviventes. O Senhor não reverteria a sua promessa. Mesmo em meio ao julgamento, ele preservará um remanescente. Paulo citou esse versículo em Rm 9.29, apresentando a idéia de um

remanescente tirado de um grupo maior, como uma expressão da graça eletiva de Deus. Em Rm 9.27, Paulo citou do ensino de Isaías sobre o remanescente, em 10.20-23. Ver também Is 4.3; 7.3, e nota; 11.11,12,16; 28.5; 37.31,32; 46.3.

Sodoma... Gomorra. O povo de Deus tinha-se tornado como os iníquos habitantes da terra de Canaã, cujas cidades tinham sido destruídas (1.10; Gn 18.20,21; 19.24,25). A sorte de Sodoma e Gomorra tipifica o terrível juízo divino contra os reinos deste mundo (3.9; 13.19; Lc 17.28,29; 2Pe 2.6-10; Jd 7 e Ap 11.8).

1.11 sacrifícios. Essas eram as observâncias centrais e visíveis da

religião do Antigo Testamento. Embora Deus é quem tivesse ordenado que fossem realizados, esses sacrifícios não tinham valor sem a obediência de todo o coração (vs. 16,17; 1Sm 15.22,23; Sl 51.16,17; Mq 6.6-8; Mt 23.23).

não me agrado. Ao Senhor desgostava os sacrifícios oferecidos por aqueles que eram praticantes do mal (v. 16), o que ele expressou com intensidade cada vez maior: "não posso suportar” (v. 13); "a minha alma as aborrece” (v. 14).

* 1.16-18 órfão... viúvas. A preocupação com os necessitados é uma demonstração prática da verdadeira piedade (v. 23; 58.7; Sl 9.18, nota; Jr 22.16; Tg 1.27).

* 1.18 escarlata. Essa cor representa mãos "cheias de sangue” (v. 15).

brancos como a neve. Deus pode tirar de nós a mácula do pecado, sem comprometer a sua justiça, porque Jesus Cristo levou sobre si o castigo divino contra os pecadores (53.4-6; Rm 3.21-26).

* 1.19,20 O evangelho é uma espada de dois gumes: a vida eterna (v. 19) ou a morte eterna (v. 20; 66.24).

* 1.21 fiel! A piedade é demonstrada através da perseverança, da estabilidade e da coerência na obediência à vontade de Deus. Através do processo purificador, o Senhor haverá de renovar um remanescente que constituirá, novamente, uma "cidade fiel" (v. 26), porquanto ele é fiel (49.7; 55.3).

prostituta. No campo da religião, uma "prostituta" é uma pessoa idólatra, alguém que se esqueceu de Deus para servir aos ídolos (Jr 2.20; 3.1; Os 2.2; 3.1; Ez 16.23-30). Os pecados mencionados (vs. 21-23) são todos evidências de que o povo de Deus o havia abandonado.

justiça... retidão. Justiça significa relacionamentos corretos entre o povo. Ela é violada por meio do assassinato, da rebeldia, do furto e do suborno (vs. 21-23). A verdadeira justiça defende a causa dos órfãos e das viúvas tanto quanto a

causa daqueles que podem subornar e dar recompensas. Os inimigos da justiça podem baixar leis que facilitem suas transgressões (10.1). A despeito de todos esses obstáculos, Deus prometeu restaurar a retidão na terra (v. 26; 32.1; 33.5,6; 42.1-4).

* 1.22 A tua prata... o teu licor. Essas são figuras simbólicas para os

governantes injustos de Jerusalém (v. 23).

* 1.23 o suborno. A prática do suborno é fortemente condenada na Lei

de Deus, visto que essa prática fomenta a injustiça e a discriminação (cf. Is 5.23; Êx 23.8; Dt 16.19).

* 1.24 o SENHOR. Isto é, o Proprietário, Deus, o Soberano, restaurará a

justiça removendo os seus inimigos, os líderes injustos de Jerusalém.

* 1.26 como no princípio. A nova era será uma restauração, trazendo a

continuação miraculosa e a renovação para a comunidade da Aliança. A liderança e o povo viverão em harmonia com a vontade de Deus (24.23; 32.1).

Cidade de justiça. A nova comunidade será composta de homens e mulheres que põem em prática a retidão e demonstrarão fidelidade a Deus e a outros seres humanos (1.21, nota).

* 1.27 redimida. Esse verbo indica o ato de "resgate", a transferência de

possessão para outrem, através do pagamento de um determinado preço. O arrependido, que virar as costas para a idolatria e a injustiça, encontrará liberdade de Satanás, do pecado e da morte, através da retidão de Cristo, que lhes é imputada e aplicada aos seus corações pelo Espírito Santo.

* 1.29 envergonhareis... confundidos. Aquilo que o povo considera

honroso, será desmascarado como inútil. Os pecadores verão quão errados eles foram quando chegarem à perdição eterna (26.11; 44.9,11; 65.13; 66.5).

carvalhos... jardins. Ver referência lateral. Esses eram lugares de ritos de fertilidade e de adoração pagã que o povo tinha escolhido, em preferência ao

culto a Deus (65.3 e nota; 66.17).

* 1.30 que não tem água. A seca e o fogo são metáforas para indicar o

julgamento. No livro de Isaías, a água significa a salvação livre, graciosa e abundante (11.9; 32.2; 41.18; 55.1; 58.11). A ausência de

água significa separação das bênçãos de Deus (3.1; 50.2).

* 1.31 arderão. Ver nota em 4.4.

* 2.2 Nos últimos dias. Essa referência aos "últimos dias" é indefinida

e pode incluir um longo processo de cumprimento, incluindo os reinados de Ezequias e Josias, o período de restauração após o exílio, o primeiro advento de nosso Senhor e a era presente, bem como a gloriosa consumação (Jr 23.20; 30.24; Ez 38.8,16; Os 3.5). Essa expressão designa um novo período que, para o profeta, jazia em um futuro desconhecido. O novo período alteraria a história em todas as suas dimensões, bem como o alvo na direção do qual os eventos estão avançando. O apóstolo Pedro relacionou esse tempo à nova fase iniciada no dia de Pentecoste, ao usar a expressão como uma introdução que fez da passagem de Joel 2.28-32 (At 2.17).

o monte. O profeta falou sobre o monte do templo como uma metáfora para o reino do Senhor, o qual será exaltado sobre todos os demais reinos (cf. 11.9; 65.25; 66.20). O monte Sião e o templo que havia ali eram símbolos do céu e do santuário terrestre (Hb 9.24). Essas representações terrenas já se passaram (Hb 8.13); através do sacerdócio do Senhor que subiu, a Igreja chega diretamente à realidade celestial (Hb 12.22-24).

no cume dos montes. Os pagãos adoravam seus deuses em santuários edificados nos montes. O Deus de Israel, que era adorado no monte Sião, estabelecer-se-á aos olhos de todas as raças e nações como o único Deus verdadeiro e vivo, tal como ele é adorado hoje em dia.

* 2.3 subamos ao monte. As pessoas se encorajarão umas às

outras a adorarem a Deus, com corações regenerados (Jo 3.3-8).

de Sião. O profeta proclama aqui o novo tempo no qual judeus e

gentios servirão ao único Rei (11.10-12; 27.13; 56.3-8; 66.19-23). Sião, ou Jerusalém, representa o trono de Deus (1.8, nota).

*** 2.4 espadas em relhas de arados. Cf. Jl 3.10.**

* 2.5 na luz do SENHOR. A luz representa as bênçãos, a

presença e a revelação de Deus (9.2; 30.26; 42.6,16; 60.1-3). O Senhor é a luz, tanto na bênção quanto no julgamento (10.17; 60.19,20; cf. Jo 1.4; 8.12). As pessoas que trocam a luz divina pelas trevas de suas mentes corruptas (5.20; 8.20), experimentarão o castigo divino e viverão nas trevas, separadas para sempre de Deus (5.30; 13.10; 59.9; cf. Jo 3.19,20).

* 2.6-9 Isaías condenou o sincretismo, a mistura de noções religiosas. Estes versículos contrastam a luz com todas as coisas adotadas pelo povo, derivadas das nações: a mágica, a ganância, a guerra e a idolatria.

*** 2.6 corrupção do Oriente... os filisteus. Isso refere-se às**

culturas pagãs de ambos os lados de Judá; a Filístia ficava para o ocidente. A lei condena todas as formas de mágica e de adivinhação (Lv 19.26; Dt 18.10,11).

* 2.7 cavalos... carros. Eles confiavam em suas próprias forças

(30.16; 31.1,3), e não na força do Senhor (Sl 20.7).

* 2.10 nas rochas. Por ocasião do julgamento divino as pessoas haverão de buscar abrigo, mas ninguém poderá ocultar-se dele (Ap 6.16).

* 2.11 naquele dia. O dia do Senhor trará julgamento contra os ímpios, mas bênção e salvação aos piedosos (Jl 2.31; Sf 1.7; 2.13-18). A referência de Isaías abrange

eventos históricos (a queda de Israel, da Assíria e de Judá) e a vinda

do julgamento e da salvação (3.7; 7.18-25; 11.10,11; 24.21; 27.1).

*** 2.13 os cedros do Líbano... os carvalhos de Basã. Eram árvores**

portentosas e impressionantes, dotadas de madeira valiosa (Ez 27.5,6). Simbolizavam a permanência e o esplendor da natureza. Mas até essas árvores estavam sujeitas à condenação divina.

*** 2.16 navios de Társis... o que é belo à vista. Esses navios**

simbolizavam o orgulho, por serem os primeiros no escambo e comércio (23.1,8).

* 2.17 naquele dia. Ver 2.11, nota.

* 2.22 homem... fôlego. A pessoa precisa confiar em Deus, que nos dá

o fôlego, e não naqueles que dependem dele.

* 3.1 Todo sustento de pão e todo sustento de água. As condições caóticas eram resultantes da falta de alimentos e de água. Ver nota em 1.30.

* 3.2,3 o valente... o encantador perito. O Senhor removerá toda

espécie de líder nos quais o povo estava confiando como garantia de sua sociedade: guerreiros, sábios, mágicos e outras pessoas proeminentes. Ver 11.2, nota.

* 3.4 meninos... crianças. A nação de Israel seria governada

por pessoas sem experiência e incapazes de governar sabiamente.

* 3.5 cada um, ao seu próximo. O colapso da civilização virá

com a desordem social: ricos contra pobres; jovens contra idosos.

* 3.6 Tu tens roupa. Em uma sociedade em pleno colapso,

alguém que tiver tão pouco como uma troca de roupa decente parecerá próspero o suficiente para ser feito um governante. Mas quando o povo tentar convocar tal pessoa, ela retrucará que suas riquezas são apenas ilusórias; pois ela não terá melhores soluções do que o povo.

* 3.8 Jerusalém... Judá. A queda de Jerusalém (586 a.C.) foi um

cumprimento parcial dessa profecia, e também as devastações causadas pelo

cerco de Senaqueribe à cidade, em 701 a.C.

* 3.9 Sodoma. Israel não tinha senso de vergonha: desafiava a

Deus e agia como se a Aliança com o Senhor não existisse. Ver 1.9,10.

* 3.12 Oh! povo meu! Ver nota em 40.1. Quanto à falta de liderança e suas conseqüências, ver 3.4-7 e notas.

* 3.15 esmagais o meu povo. Compare os atos desses governantes com aqueles atos do rei davídico ideal, em 11.3-5.

* 3.16 as filhas de Sião. Elas viviam sob máximo luxo, às custas de outras pessoas. Os ornamentos visavam impressionar o próximo, fornecer dinheiro vivo em caso de uma emergência, e suprir proteção mágica contra a desgraça repentina. Esses adornos externos refletem uma atitude interior de orgulho (1 Pe 3.3,4).

* 3.24—4.1 podridão... opróbrio. A destituição ameaçada pelo dia do Senhor será expressa mediante palavras associadas ao derramamento de sangue, à guerra e ao cativeiro.

* 3.26 suas portas. Jerusalém é aqui personificada e junta-se à lamentação.

* 4.1 naquele dia. Ver nota em 2.11.

* 4.2 o Renovo. Este termo tem dois sentidos possíveis: um

deles é o sentido literal, correspondendo à frase paralela, "fruto da terra"; e o outro é um título messiânico de Jesus Cristo, que produz fruto espiritual (11.15; Jr 23.5; Zc 3.8; Jo 15.1-8). O remanescente encontrará vida nele (6.13). Visto que Jesus se humilhou, ele agora está coroado de glória (52.13; 53.12; Fp 2.9-11).

glória. Isso significa que ele exibirá o esplendor e o brilho de Deus. A glória de Deus é revelada em todas as suas obras, mas especialmente no Messias (Sl

19.1; Jo 1.18).

para os de Israel que forem salvos. Isto é, um remanescente (1.9, nota).

* 4.3 Sião. Ver nota em 1.8.

santos. Consagrados a Deus, o Santo de Israel (1.4, nota; 62.12).

os que estão inscritos. Os seus nomes estão inscritos no "livro" da vida (Êx 32.32,33; Sl 69.28; Dn 12.1; Ap 20.12).

* 4.4 o Espírito. É possível que tenhamos aqui uma menção ao Espírito Santo, mas o mais provável é que se trate do processo de purificação (cf. 28.6).

purificador. Essa metáfora aponta para o julgamento (1.31; 10.17; 30.27; 42.25). Através do processo de fogo refinador, que consome os infiéis e purifica os fiéis, Deus produzirá uma Sião santa.

* 4.5 Criará. No novo ato de redenção, o Criador dos céus e da

terra (40.26; 42.5; 45.12,18) renovará tudo por amor ao seu povo. A glória da era messiânica será dada por Deus, e não procederá do esforço ou da habilidade humanos (Jo 2.9; Ef 2.4-10).

nuvem... fumo e resplendor de fogo. Diferente do fogo do julgamento divino, no v. 4, essa nuvem e esse fogo assinalarão a presença protetora de Deus, como aconteceu no mar Vermelho (Êx 13.20-22), por cima do tabernáculo (Êx 40.34-36) e no deserto (Nm 9.15-23). Aqui, a sua presença cobrirá um monte Sião restaurado e santificado (2.2, nota).

* 4.6 sombra. Ver nota em 30.2.

refúgio. Em contraste com os ludíbrios humanos (28.15,17), o Senhor proverá abrigo eficaz em face da tempestade (25.4; cf. Sl 14.6; 46.1.62.7; 94.22).

* 5.1-
7 O proprietário e a vinha representam Deus e o seu povo. O cântico

teria cumprimento em Jesus Cristo, o qual substituiria as uvas bravas por fruto novo (Mt 21.33-44; Jo 15.1-6).

* 5.2 torre... uvas boas. Essas figuras de linguagem reforçam a

expectativa de uma colheita abundante.

uvas bravas. O original hebraico significa "coisas fedorentas”.

* 5.5,6 sirva de pasto... seja pisada. Deus decreta a desolação.

espinheiros e abrolhos. As ervas daninhas representam a maldição divina (7.23-25; 32.13), ou seja, a anarquia que se seguirá à guerra (3.4,5). Deus também pode fazer a maldição dar lugar à bênção, substituindo os espinheiros e os abrolhos por ciprestes e a murta

(55.13).

* 5.7 SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1.9.

* 5.8 Essa é a primeira dentre as seis exclamações de "ais", proclamando

indignação de Deus com a ganância, o alcoolismo e outros pecados. O primeiro "ai" condena a cobiça.

reúnem campo a campo. A terra pertencia a Deus (Lv 25.23), tinha sido alocada a famílias específicas como um patrimônio (Nm 33.54), e era a base do ganha-pão. Privados de suas terras, os pequenos fazendeiros de Israel tornaram-se trabalhadores diários ou mesmo escravos.

* 5.9 casas. O julgamento divino terá por alvo os ricos em sua

auto-gratificação. As mansões não serviriam de proteção dos olhos de Deus (24.10, nota).

* 5.10 um bato... um ômer... um efa. Um bato era uma medida para

líquidos com a capacidade de cerca de 4 litros. Apesar de suas dimensões, a vinha produziria praticamente nada. Por semelhante modo, um ômer de sementes plantadas produziria apenas um efa. Seis medidas de semente,

produziriam apenas uma medida na colheita. Desta forma a terra estaria amaldiçoada (Dt 28.38,39).

* 5.11 o vinho. O segundo "ai" condena o alcoolismo. Ver nota em

24.11. O beber em demasia é uma característica da corrupção social e da lassidão moral (caps. 22 e 28; Am 4.1-3; 6.6,7).

* 5.13 o meu povo. Ver nota em 40.1.

cativo. O exílio, com todas as suas desgraças, foi ameaçado como um julgamento contra o povo de Israel, que não tinha demonstrado qualquer conhecimento sobre a maneira certa de conduzir-se.

* 5.14 a cova. No original hebraico temos a palavra hebraica *sheol,* “o

sepulcro”, usada quase exclusivamente na linguagem poética. Ver Pv 9.18 e notas. Isaías retratou a morte como uma fera terrível que devora a qualquer um, sem importar a classe social, incluindo tanto os "honrados” quanto a "multidão” (v. 13).

* 5.16 justiça. Ver 1.21, nota.

* 5.18 O terceiro "ai” condena aqueles que zombam de Deus quando

pecam.

* 5.19 Santo de Israel. Ver 1.4, nota.

* 5.20 O quarto "ai” condena a corrupção moral.

escuridade... luz. Ver notas em 2.5 e 5.30.

* 5.21 O quinto "ai” condena o orgulho e a justiça aos próprios olhos.

sábios a seus próprios olhos. Essa é a expressão de uma autonomia irracional e arrogante. A revelação de Deus, o único que sabe de todas as coisas, é o único alicerce firme do conhecimento.

* 5.22 O sexto "ai” condena aqueles que pervertem a justiça.

valentes para misturar bebidas. Isso refere-se ao vinho e à cerveja, com a adição de especiarias. Uma vez mais, tal como em 5.11, Isaías fala sobre a auto-gratificação excessiva.

* 5.23 por suborno. Ver nota em 1.23. O suborno envolve injustiça e ganância, tal como em 5.8.

* 5.24 a língua de fogo. Ver nota em a "queima", em 4.4.

* 5.25 tremem os montes. Diante da revelação da ira de Deus, a natureza estremece (2.19; 13.13; 24.18,19; Ez 32.6-8, nota). Quanto a uma figura contrastante da redenção, ver 54.10.

ruas. Ver nota em 24.11.

não se aplaca a sua ira. Deus não se reconcilia, e sua ira pende sobre os desobedientes (9.12,17,21; 10.4; 31.3).

* 5.26-30 Essa descrição do exército assírio segue bem de perto os relevos assírios antigos; talvez o poeta tenha visto as tropas assírias com seus próprios olhos.

* 5.26 o estandarte. Trata-se da bandeira de sinais (11.10,12; 18.3; 49.22; 62.10). Como se fora um comandante, durante uma batalha, o Senhor convoca as nações para executarem o seu juízo (10.5).

as nações distantes. Essas nações seriam a Síria, a Assíria, a Babilônia, etc. O exército imperial assírio compunha-se de mercenários contratados de todo o império.

* 5.30 naquele dia. Ver nota em 2.11.

trevas. Essa metáfora que indica depressão, alienação e julgamento (8.22; 42.7; 47.5; 60.2) ensina que todos quantos torcem a justiça, por preferirem viver nas trevas (5.20; 29.15), sofrerão as trevas do juízo divino. Em contrapartida, a luz de Deus raiará sobre os necessitados (9.2; 29.18; 42.7; 49.9; 58.10; 60.1,2). O Senhor é soberano sobre as trevas e sobre a luz (45.7).

angústia. A palavra hebraica correspondente significa “estreiteza”,

"aperto". Deus livra os seus de tal prisão (25.4; 63.9).

* 6.1 Uzias. Ele morreu em 740 a.C., tendo sofrido de lepra (2Cr 26.16-21).

eu vi. Isaías descreve aqui uma "teofania", uma manifestação visível de Deus. A vinda de Deus é, com freqüência, acompanhada por fenômenos como terremotos, fumaça, fogo e relâmpagos (13.3, nota; 29.6; 30.27-31; Êx 19,18,19; Sl 18.7-15; 50.3; 97.2; Mq 1.3,4; Na 1.3-8; Hc 3.3-15).

o Senhor. No hebraico original, *Adonai,* que significa "Soberano".

trono. O Senhor, no seu trono, governa os céus e a terra. O coro dos serafins (6.2, nota) e o esplendor da santidade de Deus inspiraram o profeta por todo o seu ministério.

o templo. Em sua visão, Isaías não viu o templo de Jerusalém, mas, sim, o templo celestial (cf. Ap 4.1-8).

* 6.2 Serafins. Essa é uma palavra hebraica que provavelmente significa "abrasadores" (cf. as serpentes de fogo, em Nm 21.6). Representações de criaturas angelicais com seis asas têm sido descobertas no Oriente Próximo pelos arqueólogos.

cobria o rosto. Os serafins não tinham glória que se comparasse com a glória de Deus, e não podiam olhar diretamente para ele.

cobria os seus pés. Isso pode ser uma indicação de modéstia.

com duas voava. Os serafins faziam a vontade do Soberano. Aqui eles o louvavam.

* 6.3 Santo, santo, santo. Uma tríplice repetição é a forma mais poderosa de superlativo. Coisa alguma é tão santa como Deus. Ver

nota em 1.4.

SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1.9.

toda a terra. Essa proclamação explica a perspectiva cósmica do profeta. Deus é o Rei do mundo, e sua salvação e seu julgamento ampliam-se a todas as nações (1.4,9,12; 42.1,4,5; 65.17; 66.1; cf. Lc 2.14).

sua glória. Ver nota em 4.2, "glorioso".

* 6.5 ai de mim! Isaías ficou espantado diante da glória de

Deus; à semelhança de Pedro, ele ficou com medo (Lc 5.8). Ele pronunciou uma maldição oracular contra si mesmo.

* 6.6 altar. O altar de onde a brasa viva foi tirada não é descrito.

É salientada antes a idéia da purificação, necessária para que o profeta se aproximasse de Deus. O altar simboliza a purificação pelo sangue, e o fogo simboliza a purificação pelo Espírito. O sangue de Cristo e o ministério do Espírito Santo santificam os crentes atualmente.

* 6.7 a minha boca... os teus lábios. A purificação tornou o

profeta aceitável como ministro das palavras de Deus (Jr 1.9).

* 6.8 quem há de ir por nós? O Senhor convidou Isaías a ouvir

as sessões da corte real dos céus. Daquele instante em diante, Isaías tornou-se um servo da corte de Deus e proclamador da mensagem de Deus a reis e ao povo igualmente (cf. 1Rs 22.19,20; Jr 23.18,22).

* 6.9 Vai. A mensagem de Isaías era paradoxal em seus efeitos,

tal como o é a proclamação da palavra de Deus (Mt 13.13-15; Rm 11.7-10,25). A palavra profética cerra o caminho de Deus para os

rebeldes, orgulhosos e hipócritas (29.13-16; 65.1-7), mas o abre para os surdos, os cegos, os humildes e os pobres (29.18,19).

* 6.13 a décima parte. A terra tornar-se-ia um ermo, mas um remanescente seria salvo e purificado (1.9, nota).

o toco. O terebinto e o carvalho do Oriente Próximo e Médio podem produzir novos rebentos mesmo quando parecem ter sido decepados ou danificados acima de toda a esperança de recuperação.

* 7.1—11.16 Esses oráculos de juízo e esperança estão associados à

guerra entre Judá e uma coligação de Israel e da Síria (734-732 a.C.). Acaz, rei

de Judá, foi seriamente ameaçado pela aliança de Peca, rei de Israel, com Rezim, rei da Síria (2Rs 16.5-18; 2Cr 28.16-21). Eles ameaçaram invadir Judá se Acaz não os ajudasse contra a Assíria.

* 7.2 à casa de Davi. Essa expressão aponta para o então

cabeça da casa de Davi, Acaz. Ela relembra a Aliança do Senhor com Davi, concedendo-lhe uma descendência eterna e um reino (2Sm 7.12-16). A tentativa de substituir a dinastia de Davi por outro ("o filho de Tabeel", v. 6) não poderia mesmo vingar, pois isso colocava em risco as promessas de Deus.

ficou agitado. Acaz, o rei orgulhoso, foi incapaz de acalmar o seu povo. A reação do líder lançou pânico entre o seu povo (22.3, nota).

* 7.3 Um-Resto-Volverá. No hebraico, Shear-Jashub (10.20-22).

Essa foi uma promessa de salvação e vida para os fiéis, diante da condenação iminente que Judá infiel sofreria; mas um remanescente permaneceria.

* 7.4 dois tocos. Dois reinos estavam prestes a serem destruídos: Damasco, em 732 a.C., por Tiglate-Pileser III, e Samaria, em 722 a.C., por Sargão II.

* 7.7 o SENHOR Deus. Ver nota em 25.8. O Senhor esvazia o conselho dos reis (8.9,10; 40.23; Sl 33.10,11).

* 7.8 sessenta e cinco anos. Deus cumpriria as suas

promessas após a morte de Acaz (2Rs 17.24-41).

*** 7.9 se o não crerdes... não permanecereis. Temos aqui um**

jogo de palavras que lança mão de diferentes significados de uma mesma palavra hebraica. A fé significa conhecer a promessa de Deus, assentir com ela intelectualmente e confiar em Deus de que ele cumprirá a sua promessa.

* 7.11 um sinal. Um sinal autenticaria a mensagem profética

concernente ao futuro.

embaixo... em cima. Coisa alguma está fora da soberania de Yahweh (Dt 10.14; Sl 139.8; Rm 8.39).

* 7.13 ó casa de Davi. Ver nota em 7.2.

* 7.14 a virgem. Essa palavra hebraica ocorre por sete vezes no Antigo

Testamento. Significa uma mulher jovem, em idade de casar-se, normalmente uma virgem (Gn 24.43). A Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento, feita em cerca de 150 a.C.), traduziu essa palavra hebraica por uma palavra que significa "virgem", mais especificamente. O Novo Testamento

compreendeu que Isaías estivesse fazendo uma designação à virgem

Maria (Mt 1.23). Ver "O Nascimento Virginal de Jesus", em Lc 1.27.

Emanuel. "Deus conosco". Esse nome transmite a promessa divina de salvar, abençoar e proteger os filhos de Deus. A identidade da virgem e de seu filho tem sido assunto de consideráveis discussões. Três opiniões principais têm sido propostas: Primeiramente, alguns, especialmente judeus do século II d.C., entenderam essa profecia como sendo a esposa de Acaz e seu filho, Ezequias (2Rs 18.2). Mas conforme Jerônimo (cerca de 400 d.C.) salientou, Ezequias já havia nascido. Em segundo lugar, outros identificam a mulher como sendo a esposa de Isaías ou como uma mulher que seria sua noiva (8.3). O filho, pois,

seria o filho de Isaías, Maher-Shalal-Hash-Baz. Essa interpretação é questionável. O termo hebraico aqui traduzido por "virgem" normalmente não era usado para uma mulher que já fosse mãe (de shear-Jashub, 7.3). Se alguém que estivesse noiva do profeta está em foco, então torna-se mister supormos que sua primeira esposa tivesse morrido. Além disso, a interpretação requer que o filho tivesse tido nomes contraditórios: Deus Conosco (Emanuel) e Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maher-Shalal-Hash-Baz). Embora isso não seja impossível, parece improvável. Finalmente, a alimentação do menino de "manteiga e mel" sugere que ele cresceria após a destruição de Judá (v. 15, nota). A tradição sugere uma terceira interpretação, identificando o menino como o Messias, uma personagem divina cujo nascimento foi contrário à natureza. Essa interpretação equipara o Menino chamado "Emanuel" com a criança que possuía títulos divinos, em 9.6, e com o Rebento do capítulo onze. De acordo com Mateus, a virgem é Maria, e o Menino é Jesus Cristo (Mt 1.22,3). No v. 16, o nascimento, não obstante, parecia iminente. Talvez a profecia tivesse um cumprimento parcial no nascimento do filho de Isaías, Rápido-Despojo-Presa-Segura (8.1-3), enquanto que o cumprimento definitivo esperava pelo nascimento de Jesus Cristo, que ficaria com o trono de Deus para sempre.

* 7.15 manteiga e mel. Não temos aqui uma alimentação típica

das

criancinhas, mas aponta para um tempo quando as pessoas sobreviveriam de campos não lavrados (v.

22). O Menino é identificado com o remanescente.

quando souber desprezar o mal. A auto-gratificação tornou a liderança fracassada de Israel insensível para com os valores sociais e espirituais (5.1123), mas essa alimentação sensibilizaria o Cristo para a obra do Senhor (42.14).

* 7.16 antes que. Este versículo parece significar que antes do tempo

requerido para a criança tornar-se responsável — aos doze anos — Peca e Remalia seriam ambos derrotados. De acordo com essa interpretação, o "Menino" apontava, primariamente, para o filho de Isaías, e, em segundo lugar, para Cristo.

* 7.18 naquele dia. Ver nota em 2.11. A queda de Damasco, a queda de

Samaria, e a devastação de Judá foram prelibações dos eventos do Juízo Final.

às moscas... às abelhas. Esses insetos vagueiam em grandes números, como as hordas de exércitos invasores.

*** 7.19 nos vales profundos... nas fendas das rochas. Os lugares**

tradicionais de esconderijo não proveriam escape (2.19).

* 7.20 Uma navalha alugada. Rapar a cabeça era sinal de lamentação

(15.2) e uma maneira de humilhar inimigos vencidos (2Sm 10.4,5). Acaz tinha contratado a Assíria para ajudá-lo contra a Síria e a Samaria, mas o Senhor usaria a Assíria para, em lugar disso, humilhar Israel (v. 17).

* 7.22 será tal a abundância. A terra perderia de tal maneira a sua

população que o alimento limitado parecerá abundante.

manteiga e mel. Ver nota no v. 15. O remanescente terá alguma coisa para comer.

* 7.23-25 naquele dia. A terra cultivada será entregue à erva

daninha, e dificilmente serviria sequer como pastagem.

* 8.1 ardósia. Provavelmente um pedaço polido de madeira,

como se fosse uma tabuinha de escrever. O significado do nome é dado na referência lateral e explicado no v. 4.

* 8.2 testemunhas. O rei apóstata, Acaz, foi forçado a fazer

parte do sinal do nascimento de Emanuel (7.10-14). Agora, um sacerdote apóstata, Urias (2Rs

16.10,11) e, presumivelmente, um profeta falso, Zacarias, foram forçados a tomarem parte nessa profecia.

* 8.3 profetisa. Isaías referiu-se à sua esposa dessa maneira,

talvez por causa da associação dela com ele, como um profeta, ou talvez porque ela fosse mesmo uma profetisa (Jz 4.4; 2Rs 22.14).

Rápido-Despojo-Presa-Segura. Ver referência lateral no v. 1. O nome significa a rápida devastação da Síria, de Israel e de Judá, mas também a presença de Deus com o remanescente e o cumprimento iminente da palavra dita por Deus.

* 8.6 este povo. Isto é, Judá.

águas de Siloé. Talvez essas palavras se refiram a uma torrente que fluía das águas de Giom (2Cr 32.30). Essas águas eram um símbolo da provisão do Senhor, que o povo tinha desprezado (cf. 1.30, nota; Jr 2.13; Zc 4.10).

e se estar derretendo de medo. O povo tinha olhado para a queda de Rezim, rei da Síria, sem considerar que essa palavra de julgamento se aplicava a Judá, igualmente.

* 8.7 Eufrates. Esse rio representava aqui os invasores assírios.

O rio Eufrates contrastava com as águas brandas de Siloé (v. 6).

* 8.8 ao pescoço. O que fica entendido é que a Assíria estaria

perto de aniquilar a Judá. No auge da invasão assíria, em 701 a.C., Jerusalém escapou.

ó Emanuel. Ver o v. 10; 7.14, nota. Isaías deu o nome do Menino da virgem a Judá, como o objeto dos cuidados de Deus.

* 8.9 ó povos. Síria e Israel.

* 8.10 Forjai projetos. Ver nota em 11.2.

Deus é conosco. No hebraico, "Emanuel”. Deus estava com o remanescente de Judá, que não seria destruído (v. 8, notas; 7.14, notas).

* 8.11 forte a mão. Isaías teve uma experiência de compulsão interior,

da parte do Espírito de Deus (Ez 1.3; 3.14).

* 8.12 conjuração. O povo considerava Isaías um traidor, porquanto ele

disse que Acabe e a sua administração estavam errados por dependerem da Assíria.

* 8.13 temor... espanto. Não o povo (v. 12), mas o Senhor é quem deve

ser objeto de temor. Ele é a autoridade final, a quem todos se devem submeter, em quem todos devem confiar, e a quem todos devem prestar conta (12.2; 33.6; 50.10; 59.19; Sl 25.12-15; 34.11-14).

* 8.14 santuário. Um lugar de refúgio.

às duas casas de Israel. Judá e Israel.

* 8.16 o testemunho... a lei. Isso poderia referir-se à revelação de Deus

(1.10) a Moisés (Dt 4.44,45), a Isaías, ou a ambos.

meus discípulos. Os seguidores de Isaías registraram a sua profecia como uma lei, a fim de que se soubesse se a mesma falhara ou fora cumprida pelos acontecimentos (vs. 1,2,20). Esse é o teste de um verdadeiro profeta (Dt 18.21,22; Jr 28.9), por meio de quem Deus é conhecido e crido.

* 8.17 Esperarei... aguardarei. Ver 25.9; 26.8; 30.18; 33.2; 40.31; 49.23;

64.4.

Esconde o seu rosto. O Deus da aliança tinha a liberdade de conceder sua graça (54.8; 64.7; Dt 31.18; 32.20).

* 8.18 para sinais e para maravilhas. Os nomes dos filhos eram

significativos (7.3; 8.1,3, e notas).

* 8.19 os necromantes e os adivinhos. Os adivinhos eram

proibidos

em Israel, pela Lei de Deus (Is 2.6, nota).

chilreiam e murmuram. Os médiuns prometiam ter contato com os mortos, os quais, na compreensão popular, eram sem substância e de voz fraca. Isaías, porém, considerava que invocar os mortos era uma tentativa desprezível.

* 8.20 à lei e ao testemunho. Ver nota em 8.16. alva. Ver nota em 2.5.

* 8.22 escuridão. Essa é uma figura de desespero (5.30, nota; 50.10).

* 9.1 Zebulom... Naftali. Essas regiões da Galiléia foram as

primeiras a sofrer com a invasão assíria de 732 a.C. (2Rs 15.29).

* 9.2 luz. Ver nota em 2.5.

sombra da morte. Os assírios projetaram sua terrível sombra sobre a terra e o povo de Israel (cf. Sl 23.4; 44.19; 107.10). Contudo, havia esperança.

* 9.3 alegria. Deus estava abrindo um novo futuro para os

humildes (29.19), onde antes havia apenas melancolia (35.10; 51.3; 61.7). Essa nova alegria encontrou expressão nas metáforas da colheita e da vitória. Contrastar com 5.10 e 8.4.

* 9.4 jugo... vara. Essas são figuras de opressão (10.27; 14.25;

47.6; contrastar com Mt 11.29,30).

no dia dos midianitas. Uma referência à derrota dos midianitas por Gideão (10.26,27; Jz 6.7; 7.22-25).

* 9.5 Os escombros deixados da batalha podiam ser removidos e queimados quando o combate terminasse. Deus levaria a guerra ao seu fim (2.4; Sl 46.9,10; 2Co 10.4).

* 9.6 um menino... um filho. As boas novas foram o nascimento

de Jesus Cristo. Os quatro nomes reais expressam suas qualidades divinas e humanas, dando-nos a certeza de que ele é, realmente, o "Emanuel” (7.14).

nos nasceu... se nos deu. Esses verbos correspondem, de forma coerente, à humanidade e à deidade de Jesus, respectivamente.

Maravilhoso, Conselheiro. Visto que os outros títulos consistem, cada um, de duas palavras, provavelmente é melhor combinar essas duas palavras para formarem um único título: "Conselheiro Maravilhoso”.

Deus Forte. Como um guerreiro, Deus protege o seu povo (10.21; Dt 10.17; Jr 32.18).

Pai da Eternidade. O Pai e o Rei cuidam de seus súditos (40.9-11; 65.17-25; Mt 18.12-14; 23.9-12; Rm 8.15-17).

Príncipe da Paz. O seu governo traz a paz (2.4; 11.6-9; Sl 72.7; Zc 9.10; Lc 2.14).

* 9.7 O trono de Davi. Cristo é descendente de Davi (11.1, nota), o

qual estabelecerá o reino de Deus em "justiça e retidão” (1.21, nota).

O zelo. Deus garante que sua vontade terá cumprimento (37.32; 42.13; Zc 1.14).

* 9.8—10.4 O Senhor julgará a Israel (o reino do norte), e sua capital, Samaria. O reino do norte algumas vezes também é chamado

de Efraim. Judá era o reino do sul, que tinha Jerusalém como sua capital).

* 9.9 soberba e altivez de coração. O motivo deles era preservar e

glorificar a si mesmos. Compare o leitor as palavras deles: "tornaremos a edificar... os substituiremos", no v. 10 (Gn 11.3,4; Is 5.21).

* 9.10 pedras lavradas... cedros. Os moradores pensavam que eles

estavam começando a reedificar com os melhores materiais, quando, na realidade, a destruição os aguardava.

* 9.11,12 os adversários de Rezim. Inimigos. Os assírios (7.1, nota;

7.20, nota; 8.7, nota) atacariam do norte, e os filisteus do sul. O Senhor faria surgirem muitos adversários.

não se aparta a sua ira. Esse refrão também se acha em 9.17,21; 10.4 (cf. 31.3). Ver nota em 5.25.

* 9.13 não se voltou. Eles não correspondiam à disciplina divina (Am 4.6,8-11). Eles não dependiam inteiramente do Senhor para buscá-lo com diligência (8.19; 11.10; 31.1; 55.6; 58.2; 65.10).

* 9.14 A cabeça e a cauda. Essas figuras representam a liderança civil e religiosa, conforme é explicado no v. 15 (cf. 3.1-3; 30.10, nota). As mesmas figuras, incluindo "a palma e os juncos", são usadas acerca da liderança egípcia, em 19.15.

* 9.17 dos seus órfãos e das suas viúvas. Ver nota em 1.16-18. A gravidade da ira de Deus foi vividamente expressa quando foi dito que ele não teria misericórdia dos órfãos.

porque todos eles são ímpios e malfazejos. O pecado é visto em cada pessoa, até mesmo nos órfãos e nas viúvas, e isso corrompe tanto os seus pensamentos como os seus atos (Gn 6.5; 8.21).

* 9.20,21 devora... come. O orgulho, o narcisismo e a cobiça

destróem a fibra da sociedade, especialmente os relacionamentos entre as tribos conforme a Aliança. Historicamente, a tribo de Manassés havia lutado contra Efraim (Jz 12.4), e juntas elas lutaram contra Judá durante a guerra com Israel e a Síria.

* 10.1-4 O princípio da retribuição é um importante ensino bíblico. As pessoas colhem aquilo que semeiam, quer destruição, quer benefício (Gl

* 10.2 justiça. Ver nota em 1.21. Quanto às injustiças sociais, ver 1.23.

aos pobres... os órfãos. Ver 1.16-18; 11.4; Sl 9.18 e notas.

meu povo. Ver nota em 40.1.

* 10.3 no dia do castigo. O dia do Senhor (2.11, nota).

que vem de longe? As desolações provocadas pelos assírios.

* 10.5 cetro da minha ira! Deus faz as nações servirem-no como

instrumentos de sua vontade, mas elas continuam responsáveis pelos seus atos (5.25; 7.20 e notas). A ira de Deus volve-se contra aqueles que administram o seu reino na terra de forma corrupta, incluindo tanto os governantes quanto o povo (9.12,17,21; 10.4,25).

* 10.6 uma nação ímpia. Isso incluía tanto Israel quanto Judá (v. 11).

* 10.9 Calno... Damasco. Essas cidades foram conquistadas pelos

assírios: Calno (Calné, Am 6.2), em 738 a.C., Carquemis, em 717 a.C., Hamate, em 738 e 720 a.C., Arpada em 740 a.C., Samaria em 722 a.C. e Damasco em 732 a.C. Ver também 36.19; 37.12,13.

* 10.10 O meu poder. A Assíria vangloriava-se aqui de seu poder (cf. Dn

4.30; Lc 12.18-20).

os reinos. Ver nota em 13.4.

* 10.12 Sião. Ver nota em 1.8.

* 10.13,14 Estes versículos são uma reiteração dos vs. 5-11. Quanto a

expressões similares de orgulho, ver 14.13,14; Ez 28.2-5.

* 10.15 o machado... o bastão. Ver nota em o v. 5.

* 10.17 a Luz. Ver nota em 2.5.

* 10.18 a glória. Ver nota em 4.2. O que os homens pensam que deve ser

honrado ou desprezado significou pouco perante o julgamento pelo fogo de

Deus.

da sua floresta e do seu campo fértil. O orgulho dos assírios se extinguiria rapidamente, como se fossem espinhos em uma fogueira. E pouco restaria (v. 19).

* 10.20 naquele dia. Ver nota em 2.11. que se tiverem salvado. Ver nota em 1.8.

* 10.22 como a areia do mar. Essa frase relembra a promessa que Deus fizera a Abraão (Gn 22.17; cf. 1Rs 4.20).

será determinada. Deus mostra-se determinado em seu juízo (v. 23; 28.22).

* 10.23 o Senhor, o SENHOR dos Exércitos. Ver notas em 1.9,24.

* 10.24 não temas a Assíria. Uma palavra de encorajamento para o remanescente de Judá (37.6; 41.10,13; 43.1). Ver nota em 35.4.

* 10.25 consumir. Os instrumentos da destruição, seriam, eles mesmos, destruídos.

* 10.26 Midiã... Orebe... Egito. Dois exemplos foram tirados da História da Redenção: a derrota de Midiã na rocha de Orebe (um líder midianita; Jz 7.25), e a vitória sobre o Egito, no mar Vermelho (Êx 14.26-28).

* 10.28-32 Aiate... filha de Sião. Estes versículos descrevem uma

marcha para Judá, do norte para o sul, atravessando as cidades mencionadas.

A última delas, Nobe, era avistada de Sião. Quanto a um retrato semelhante da invasão assíria, mas vinda do sudoeste, ver Miquéias 1.10-16.

* 10.33 Os assírios poderiam inspirar Judá com terror, mas o Senhor faria

intervenção.

* 10.34 Cortará... floresta. Os assírios são aqui comparados a uma

floresta que o Senhor iria derrubar (v. 18, nota).

um poderoso. Ver 33.21.

*

11.1 Do tronco. Tudo quanto restaria da dinastia de

tronco. Os filhos privilegiados de Davi, não menos do que os assírios, eram como árvores que haviam sido decepadas (10.33,34). Mas a despeito desse julgamento contra Judá, o Senhor levantaria uma nova liderança da dinastia de Davi (Mt 1.1).

Jessé. O pai de Davi (1Sm 16.10-13). Davi inaugurou um grande reino, mas o Davi maior (Ez 34.23-25; Zc 12.7-10), por enquanto apenas uma tenra plantinha (53.2), governará um reino incomparavelmente maior.

um renovo. Ver nota em 4.2.

*

11.2 o Espírito do Senhor. Conforme a quádrupla repe enfatiza,

a mesma dádiva divina do Espírito que deu a Davi o seu sucesso (1Sm 16.13; Sl 51.11) haveria de conceder poder ao Messias (42.1; Lc 3.22). O Espírito é o agente criador para estabelecer o reino de Deus (Gn 1.2; Jz 3.10; 6.34; 1Sm 10.6 e notas).

repousará sobre ele. O Espírito veio de formas poderosas sobre os santos do Antigo Testamento. Moisés (Nm 11.17), certos anciãos (Nm 11.25,26); Josué (Dt 34.9); os juízes (1Sm 10.10; 2Sm 23.2; 1Rs 22.24; 2Rs 2.15; Mq 3.8). O Espírito é o agente divino da restauração (32.15; Jl 2.28-32).

sabedoria. Salomão havia orado pedindo sabedoria e entendimento (1Rs 3.9),

a habilidade administrativa de governar o povo em retidão e justiça. Ver Introdução à Literatura da Sabedoria.

conselho. Planos e decisões autoritativos estão em pauta aqui. O conselho humano pode estar ou não em harmonia com o plano de Deus (30.1), mas o conselho do Messias dava-se através do "Espírito".

conhecimento. Isso refere-se ao viver sábio e submisso em harmonia com a vontade de Deus (33.6; 53.11). Deus o tem com perfeição (40.14).

temor do SENHOR. O temor do Senhor inclui ser obediente por causa da fé de que o Senhor cumprirá suas ameaças contra os transgressores (Pv 1.7, nota).

* 11.3 não julgará. Ver nota em 2.4.

* 11.4 com justiça. Ver nota em 1.21.

os pobres... os mansos. Ou seja, aqueles que anelam pela retidão e pela justiça divinas (25.4), por causa da opressão dos governantes deste mundo (3.15; 10.2; 32.7; 61.1). Esses eram os afligidos, os oprimidos e os humildes, a quem Jesus também abençoou (Mt 5.3-10; Sl 19.8, nota).

com eqüidade. A palavra hebraica também significa "nivelado" ou "reto" (40.4). O julgamento de Deus é bem equilibrado e justo.

a vara... o sopro. Com grande poder e autoridade (Sl 2.9; 82.8; Ap 6.15-17; 20.11,12), o Messias conquistaria por meio de sua Palavra (49.2; 61.1; Hb 4.12; Ap 19.15).

* 11.5 a fidelidade. Ver nota em 1.21; cf. 25.1; 33.6.

* 11.6-9 Animais carnívoros, agora refeitos com naturezas que protegem

aquilo que antes devoravam, retratarão eficazmente a paz na terra nos novos tempos sob o governo do Messias. A visão corresponde ao

amor reconciliador na Igreja (Ef 2.14-18) e será consumada nos novos céus e na nova terra (Ap

* 11.10 Naquele dia. Ver nota em 2.11.

Raiz de Jessé. Ver nota no v. 1 (Ap 22.16).

estandarte. Aqui o estandarte é um sinal de esperança (cf. Jo 12.32), em contraste com 5.26 (ver a nota).

a glória. Ver nota em 4.2.

* 11.11 tornará a estender a mão. Na primeira vez em que Deus

resgatou para si um povo foi do Egito, mediante o êxodo; a segunda vez será tirando-o do exílio (51.9,11).

o restante. Ver nota em 1.8. O Senhor guiará os seus filhos de onde quer que eles estejam sendo afligidos.

* 11.12 desde os quatro confins. O remanescente virá de todo o mundo

conhecido, descrito como os quatro confins da terra (24.15; 42.4,10; 51.5; 59.18,19; cf. Mt 24.31).

* 11.13 Efraim... Judá. No período da restauração haverá uma

reconciliação das tribos desunidas. Quando o remanescente retornou à terra, após o exílio, eles ofereceram sacrifícios em prol das doze tribos (Ed 6.17; 8.35).

* 11.14 filisteus... Amom. Essa é uma figura que indica a liberdade da

opressão, da subjugação e dos apertos que caracterizaram a experiência de Israel em sua terra (cf. 54.3; Mq 5.6 e nota, quanto a um uso similar da Assíria).

* 11.15 destruirá totalmente. O segundo êxodo virá mediante outro

milagre, semelhante à divisão das águas do mar Vermelho (vs. 11,12).

com a força do seu vento. Ver Êx 14.24,27.

* 11.16 caminho plano. Um caminho plano será preparado pelo Senhor, um símbolo da certeza de sua salvação (35.8,9; 40.3-5; 57.14; 62.10).

* 12.1-6 O novo hino de Isaías sobre o segundo êxodo corresponde ao hino de Moisés, no primeiro êxodo (Êx 15).

* 12.1 naquele dia. Ver nota em 2.11.

Graças te dou. O profeta falou como um representante do povo de Deus. A razão do louvor é o próprio Deus.

* 12.2 Deus é a minha salvação. Ver Êx 15.2. Ele é a Fonte e Autor da salvação (49.6,8; 51.6,8; 56.1; 62.1).

o SENHOR Deus. A dupla referência ao nome do Senhor é uma ênfase poética sobre a certeza da salvação provida por Yahweh, o Deus do pacto (Êx 3.15).

* 12.3 com alegria... salvação. A salvação do Senhor sempre traz

alegria (35.10; 51.3,11; 61.3), quando o Senhor remove as causas da tristeza e da ansiedade.

água das fontes. A salvação é comparada à abundância de água (Sl 1.3; 65.9; 104.10-13; 107.35), proveniente das "fontes da salvação" (41.18; cf. Jo 4.14).

* 12.4 excelso. Ver 2.11,17; 33.5.

* 12.5 coisas grandiosas. Esta é uma alusão ao "triunfou gloriosamente" (Êx 15.1), bem como um sinônimo de "excelso" (v. 4).

* 13.1—23.18 As profecias de Isaías acerca do dia do Senhor e o que isso significará para as nações. A Babilônia e a Assíria são tratadas juntamente no primeiro oráculo (13.1—14.27), porquanto a Babilônia tornou-se a coroa de jóias do império assírio. Os reis assírios se coroavam como reis dessa cidade renomada. A Babilônia era considerada como uma epítome da religião e da cultura, e, como tal, a Babilônia representa os reinos deste mundo. Pedro e João continuaram a citar a Babilônia como um símbolo das nações ímpias (1 Pe 5.13; Ap 14.8; 16.19; 17.1—18.24).

* 13.1 Sentença. A palavra hebraica envolvida pode indicar um peso literal, correspondendo à idéia de que a palavra profética é uma pesada responsabilidade para o profeta que precisa anunciá-la. De outra forma, a palavra pode também significar uma mensagem ou oráculo, sem qualquer sugestão da idéia de peso.

* 13.2 um estandarte. Ver 5.26, nota.

pelas portas dos tiranos. Fica implícito que a cidade era orgulhosa.

* 13.3 aos meus consagrados... valentes. Esses são os exércitos usados por Deus como instrumentos de julgamento.

* 13.4 o rumor. O grande ruído indica o exercício do poder de Deus (30.30,31; 33.3; Sl 29.5-9).

o clamor de reinos e de nações. O Senhor é o comandante dos reinos humanos. A Babilônia julgava-se "a glória dos reinos" (13.19), ou a "senhora de reinos" (47.5), e governava sobre outros povos com grande violência (14.16).

* 13.5 dum país remoto, desde a extremidade do céu. O reino de Yahweh é universal.

os instrumentos da sua indignação. Ver nota em 10.5.

* 13.6-22 O terror do dia do Senhor é aqui descrito.

* 13.6 o dia do Senhor. Esse dia também é chamado de "o dia" (vs. 9 e 13); ver nota em 2.11.

* 13.7 frouxos... se derreterá. Os povos tornar-se-ão completamente

impotentes (Jr 6.24; Ez 7.17).

* 13.8 contorsões como a mulher parturiente. Essa comparação é usada de vez em quando na Bíblia, para indicar dor e sofrimento intensos (21.3; 49.24; 50.43; Sl 48.6; Mq 4.9; cf. Rm 8.22).

* 13.10 as estrelas... a lua. Esses são símbolos dos juízos cósmicos de Deus (24.23; Jl 2.10,31; Ap 6.12-14).

a sua luz. Ver nota em 2.5. Os povos antigos adoravam os corpos celestes, mas as Escrituras ensinam que Deus é o Criador deles todos (Dt 4.19). As trevas simbolizam o julgamento. O simbolismo também é usado para indicar a destruição final do mundo (34.3).

* 13.11 violentos. Ver nota em 29.20.

*** 13.13 farei estremecer os céus... a terra será sacudida do seu lugar.**

Essas expressões retratam a vinda de Deus em julgamento contra a sua criação. O sacudir do mundo simboliza a derrubada de tudo quanto os incrédulos elegeram como rivais de Deus (2.12-18). O rei da Babilônia foi descrito como alguém que "fazia estremecer a terra" (14.16).

* 13.14 voltará... fugirá. O poder de atração da Babilônia tornar-se-á como um fantasma, quando os povos perceberem quão breves são os reinos humanos.

* 13.15,16 será traspassado... violada. Esses são terrores próprios da guerra.

* 13.16 sua casa. Ver nota em 24.10.

* 13.17 os medos. Esses eram habitantes dos montes Zagros, a leste da Babilônia e da Assíria. Eles nunca foram subjugados pela Assíria, e juntaram-se à Babilônia na conquista da Assíria (612-609 a.C.). Quanto à data desta profecia, é significativo que a Pérsia, que conquistou a Média em 549 a.C., não

foi mencionada.

* 13.19 dos reinos. Ver nota no v. 4. como Sodoma e Gomorra. Ver nota em 1.9.

* 13.20 Nunca jamais será habitada. Essa é a medida do juízo de Deus contra o orgulho humano. A Babilônia, finalmente, foi deixada desolada, conforme a descrição.

* 13.21,22 as feras... os chacais. A Babilônia tornar-se-ia imprópria

para a habitação humana; somente as feras e outros animais ferozes buscariam o local (34.11-15; Jr 50.39; 51.37; Sf 2.14,15).

* 14.1 ainda elegerá. A eleição é fruto da escolha divina, e ele é livre para deixar Israel de lado, ou para escolher novamente a Israel, para um novo futuro (41.8,9; 44.1,2; 45.4; 65.9; Êx 19.6; Dt 7.6; cf. Rm 9-11).

* 14.2 povos. Esses são instrumentos do plano de Deus da redenção (55.5; 60.1-18; 61.5-7; 66.19,20; cf. Ed 1.1-8).

* 14.3-21 Um escárnio contra o rei da Babilônia. Os vitoriosos com

freqüência cantavam cânticos escarnecedores contra as suas vítimas (v. 7; 12.1; Êx 15.1).

* 14.3 descanso. Tal como no primeiro êxodo, Deus libertará o povo da opressão.

* 14.4 este motejo. O termo hebraico por detrás deste vocábulo tem

uma grande variação de significados, incluindo declarações breves como aquelas do Livro de Provérbios, e como um poema figurado, um motejo, como aquele que encontramos neste versículo.

o rei de Babilônia. Esse rei era o principal representante do poder humano opressor.

* 14.7 exultam de júbilo. Em lugar do "hino triunfal dos tiranos" (25.5), um novo cântico será ouvido em resposta ao julgamento de Deus e ao livramento dado por ele (24.14,16; 26.1,19; 44.23, 49.13). Ver nota em 12.1-6.

* 14.8 os ciprestes... os cedros. A natureza responde aos atos divinos de julgamento e de restauração (55.13; 60.13; contrastar com 37.24).

ninguém. Os reis assírios, em seus anais, vangloriavam-se das árvores magníficas que eles tinham retirado das terras pilhadas a fim de edificarem seus esplêndidos palácios.

* 14.9-11 O além... a cova. Isaías usou o conceito popular do reino dos mortos, com suas figuras sombrias a dar as boas vindas aos recém-chegados, uma irônica descrição da queda da Babilônia e sua descida às regiões inferiores da terra. O uso dessas idéias convencionais é um uso poético, e não tenciona ser uma teologia da vida após-túmulo. Ver 5.14 e nota; Pv 1.12; 9.18 e notas.

* 14.9 tronos. Os reis derrotados tinham tronos em seus sepulcros reais. Em contraste, o rei da Babilônia recebeu um leito de gusanos (v. 11).

* 14.12 caíste do céu. A figura representa, de maneira exagerada, a queda da Babilônia, com todas as suas ambições imperiais, sendo levada à destruição (cf. Lm 2.1; Lc 4.6; 10.15).

ó estrela da manhã, filho da alva! Literalmente, "brilhante, filho da alva". Provavelmente, isso refere-se ao planeta Vênus, que aparece no firmamento pela manhã e sobe para o alto do céu, somente para seu brilho ser ofuscado pelo brilho do sol. No mundo antigo, as observações sobre esse ciclo astronômico deram origem a diversos mitos. A Babilônia parece ter pensado sobre si mesma como o cumprimento desse destino celestial, ao tornar-se um império eterno e universal. Mas diante do aparecimento de Deus (v. 22), a luz da Babilônia se extinguiria.

* 14.13 no monte da congregação. De acordo com os mitos cananeus, o deus El presidia sobre uma assembléia de deuses em uma montanha da Síria. A Babilônia estava

preparada para reivindicar essa honra para si mesma.

nas extremidades do norte. Uma tradução tradicional do termo hebraico *zaphon.* Salmos 48.1,2 diz que essas "extremidades do

norte” pertencem exclusivamente ao Senhor.

* 14.14 Altíssimo. Ver Gn 14.19,20. Essa é uma declaração alterada do v. 13. Os povos podem reivindicar o governo de qualquer porção do reino de Deus, mas Deus continua a ser o soberano.

* 14.15 reino dos mortos... abismo. Ver os vs. 9-11 e notas.

* 14.16 os reinos? Ver nota em 13.4.

* 14.17 um deserto... seus cativos. A Babilônia usava o poder do qual tanto se orgulhava com vistas à destruição e à crueldade.

* 14.18 os reis... jazem. O contraste satírico, introduzido no v. 9, é novamente usado. Os reis conquistados são retratados em honroso descanso, enquanto que o orgulhoso rei da Babilônia é jogado fora, como se fosse refugo. Ficar alguém privado de um sepultamento apropriado era considerado um tremendo infortúnio.

* 14.22 sobreviventes. Diferente de Israel, a Assíria não teria remanescentes (v. 30; cf. 15.9; 17.3 e 1.9, nota).

* 14.23 ouriços. Ver nota em 13.21,22. É possível que um certo tipo de pássaro esteja em pauta, em lugar do ouriço.

* 14.25 jugo. Ver nota em 9.3,4.

*** 14.26,27 Este é o desígnio... o invalidará? Estes versículos, que**

concluem a seção iniciada em 13.1, servem de eloqüente afirmação do irresistível juízo de Deus sobre a terra inteira (43.13).

* 14.28 sentença. Ver nota em 13.1. Este oráculo pode ser datado de 727

a.C., quatro anos antes do ataque de Salmaneser contra a Samaria,

ou posteriormente de 715 a.C., catorze anos antes da queda de Samaria (2Rs 18.13). Esta última data, porém, é preferível, visto que corresponde ao tempo da revolta dos filisteus contra a Assíria.

* 14.29 a vara. Ver nota em 10.5. Este é um rei da Assíria — ou Tiglate-

Pileser III (727 a.C.) ou Sargão (705 a.C.).

quebrada. Essa fraqueza na hegemonia assíria foi apenas temporária.

uma áspide... uma serpente voadora. Não há necessidade de identificarmos essas cobras com reis específicos, tais como Senaqueribe, Esar-Hadom ou Assurbanipal. A idéia é que a força dos assírios continuaria por mais de uma geração, a despeito da sucessão de reis.

* 14.30 pobres... os necessitados. Ver 11.4; Sl 19.8 e notas.

os teus sobreviventes. Ver nota no v. 22.

* 14.31 do Norte vem fumaça. Essa referência diz respeito à invasão

assíria.

* 14.32 aos mensageiros. Os filisteus buscaram criar uma coalizão com

Judá e outras nações, mas a resposta de Deus, por meio de Isaías, é clara. Deus protegeria os seus, a despeito da turbulência política e militar.

* 15.1—16.14 Este oráculo de juízo contra Moabe provavelmente foi

entregue no tempo da derrota de Moabe, por Sargão, em 715 a.C. Ver também 11.14; 25.10; Jr 48; Ez 25.8-11; Am 2.1-3; Sf 2.8-11. O

oráculo diz respeito à aflição de Moabe (cap. 15), bem como a reação à aflição de Moabe (cap. 16).

* 15.1 Sentença. Ver nota em 13.1.

Moabe. Moabe era uma nação a leste do mar Morto, que vivia entre os filhos de Amom e os idumeus. Suas relações com Judá por muitas vezes foram tensas.

Ar... Quir. A cidade de Ar ficava às margens do rio Arnom, e Quir era a capital dos moabitas.

* 15.2 Dibom, aos altos. Dibom era um local ao norte do rio Arnom,

dedicado à adoração do deus moabita, Camos.

Nebo... Medeba. Nebo era uma aldeia ao norte do rio Arnom, não muito distante da montanha onde Moisés subiu para contemplar a Terra Prometida (Dt 34.1). Medeba ficava a 8 km para sudeste.

calvas. Os costumes das lamentações pelos mortos incluíam rapar a cabeça e barbear-se.

* 15.3 ruas. Ver nota em 24.11.

Cingem-se de saco... choram. Esses eram costumes de lamentação pelos mortos (v. 2; 22.12; Jr 4.8; 41.5; 48.20,34; Lm 2.10).

* 15.4 Hesbom... Eleale. Essas duas cidades ficavam próximas uma da outra, a cerca de 10 km ao norte de Medeba (v. 2). Hesbom foi capturada por Israel, sob o comando de Moisés (Nm 21.23-26).

Jaaz. Ficava localizada às margens do rio Arnom, cerca de 32 km ao sul de Hesbom (Nm 21.23; Jr 48.34).

* 15.5 O meu coração clama. Isaías simpatizava muito mais com

Moabe, a terra de Rute (Is 16.11) do que com qualquer outra nação.

Zoar. Os moabitas fugiriam para Zoar, como seu antepassado, Ló, tinha feito (Gn 19.23-30).

Luíte... Horonaim. Cidades essas que ainda não foram identificadas, posto que se pense que ficavam perto de Zoar (Jr 48.3,5,34).

* 15.6 águas de Ninrim. Provavelmente um riacho sazonal a sudoeste

do mar Morto (Jr 48.34).

* 15.7 torrentes dos salgueiros. Talvez se trate do mesmo rio Zerede,

na fronteira entre Moabe e Edom (v. 8).

* 15.9 Dimom... sangue. Dimom pode ser outra grafia para Dibom, uma

cidade às margens do rio Arnom.

leões. Os fugitivos encontraram uma dificuldade após a outra (cf. Am 5.19) em sua fuga para o sul. Finalmente viraram-se para Judá, no oeste, pedindo asilo (16.1,5).

* 16.1 Enviai cordeiros. Os moabitas eram pastores (Nm 32.3,4), e

podiam enviar cordeiros como sinais de sua submissão (cf. 2Rs 3.4).

desde Sela. Os fugitivos estavam agora em Sela, um local naturalmente fortalecido em Edom, ou em alguma fortaleza da montanha (no hebraico, sela' significa "rocha” ou "penhasco”). O tributo que eles enviaram, foi enviado de seu posto avançado no território de Judá.

Sião. Ver nota em 1.8.

* 16.2 Como pássaro... nos vaus. Os fugitivos tornaram-se refugiados,

em sua fuga para o sul (15.8,9).

* 16.3 sombra. Este versículo solicita proteção do calor do dia.

*** 16.4 violento... o opressor. Os assírios.**

* 16.5 em benignidade. Deus havia entrado em aliança com Davi (55.3;

2Sm 22.51; Sl 89.28; ver nota em 54.8). Em Jesus, o Filho de Davi, as nações encontrarão abrigo (At 15.16,17).

Um trono... no tabernáculo de Davi. A esperança estava em Yahweh e em suas promessas a Davi (9.2-7; 11.1-9; Am 9.11,12).

* 16.7 Ver "Deus Vê e Sabe: a Onisciência Divina".

Pastas de uvas. Há versões que dizem aqui "fundamentos", mas nossa versão está correta na tradução do original hebraico.

* 16.8 Hesbom... Sibma. Esses lugares não ficavam distantes (15.4; Jr

48.32).

vinha. O simbolismo da vinha (5.1-7) é aplicado aqui a Moabe.

Jazer... passaram além do mar. Jazer ficava no extremo norte do território moabita.

* 16.9 prantearei... regar-te-ei. Isaías ficou comovido diante da

desolação das excelentes vinhas.

Eleale. Ver 15.4.

*** 16.11 vibra como harpa o meu íntimo... o meu coração. Essas**

palavras descrevem uma tristeza profundamente sentida (v. 9; 21.3,4; cf. Jr 48.36). Ver nota em 15.5.

* 16.12 nos altos... no santuário. Ver nota em 15.2.

* 16.13 o SENHOR há muito pronunciou. Este sumário diz respeito à

aflição dos moabitas, em forma prosaica. Ou é uma revelação no passado, ou uma referência aos oráculos em 15.1-9 ou 15.1 - 16.12.

* 16.14 Dentro em três anos. A desolação de Moabe estava às portas. Talvez isso seja uma referência ao abafamento da rebelião contra Sargão, rei da Assíria, em 715 a.C.

a glória. A palavra profética aplica-se a todos quantos se exaltam e perturbam o povo de Deus. A salvação está no Messias (v. 5), mas aqueles que buscam refúgio por razões políticas ou econômicas não encontrarão abrigo em Sião.

* 17.1-14 Este oráculo de julgamento a respeito de Damasco pode ser datado durante a crise siro-efraimita de 734-732 a.C.

* 17.1 sentença. Ver 13.1.

Damasco. Além de ser a capital da Síria, também era o eixo comercial ao longo das rotas comerciais entre a Mesopotâmia, o Egito e a Arábia. Damasco foi capturada por Tiglate-Pileser III, em 732 a.C.

* 17.2 Aroer. Essa cidade ficava localizada às margens do rio Arnom (2Rs 10.32,33). O controle político exercido pela Síria ampliava-se, ocasionalmente, até o território de Amom.

* 17.3 A fortaleza de Efraim. As "cidades fortes” (v. 9) de Israel já tinham sido enfraquecidas em torno de 732 a.C. (9.1, nota), e deixaram de existir em 722 a.C.

o restante. Diferindo de Israel, a Síria não teve remanescente.

* 17.5 vale de Refaim. Um vale luxuriante a sudeste de Jerusalém, era a entrada para as planícies ocidentais (Js 15.8; 18.16; 2Sm 5.18,22; 1Cr 14.9).

* 17.7 o homem. O remanescente fiel buscará seu Criador.

o seu Criador. O profeta contrasta aqui as obras de Deus com as obras de Suas criaturas. Ver nota em 2.8.

* 17.8 postes-ídolos. Heb. *Asherim.* Ver a referência lateral. Plural de

Aserá, uma deusa caananita da fertilidade, simbolizada por bosques sagrados e postes-ídolos (27.9; Êx 34.13; Dt 16.21; Jz 2.13).

* 17.10 te esqueceste... não te lembraste. Essa expressão descreve a

apostasia (Dt 4.9,23; 8.11,14,19; 32.18).

Rocha. Ver nota em 8.14,15.

da tua fortaleza. Somente o Senhor era a força do seu povo (25.4; 27.5), em contraste com as soluções políticas e militares (v. 9; 23.11,14; 30.2).

plantações formosas e plantas mudas de fora. Essa referência provavelmente indica ritos de fertilidade dos povos cananeus. Israel havia cultivado relações com seus vizinhos, e tinha adotado os seus caminhos.

* 17.11 as fizeres crescer. Talvez essas palavras aludam a uma

prática

pagã na qual plantas envasadas eram forçadas a brotar, a fim de garantir colheitas férteis.

a colheita. O fim nada traria, senão a desgraça.

* 17.12 Ai do bramido... as impetuosas águas. O poder destruidor das

nações parece ser como o dos "mares" e das "impetuosas águas" (8.7, nota). Nos mitos do antigo Oriente Próximo e Médio o mar representava o caos e a morte (Ez 28.2; 32.2 e notas).

* 17.13 a palha... o pó levado pelo tufão. Ser tangido como a palha (cf.

29.5; 41.15,16; Sl 83.13) revela a ausência de vida, de valor e de estabilidade.

montes. O grão é separado da palha nos altos das colinas batidas pelo vento.

* 17.14 pavor. Uma série imprevisível de tribulações (24.17,18) aparecerá

no dia da ira do Senhor (22.5). O Senhor continuará protegendo o seu povo.

Ele é o Emanuel (7.14, nota; 8.8, nota; 8.10, nota), o qual castigará os povos pelo mal feito contra o seu povo.

* 18.1 Ai. Ver nota em 1.4.

terra... roçar de muitas asas. Isso pode significar ou uma terra de "muitos insetos" ou de "muitos navios" (conforme diziam as traduções antigas).

Etiópia. A Etiópia da Bíblia, ou "Cuxe", ficava na região remota do sul do Egito e além, incluindo a Núbia, ao sul da quarta catarata do rio Nilo. Sabaco, da Núbia, governou o baixo Egito a partir de 715 a.C. (XXV dinastia). A administração dele tentou ampliar a sua influência para o norte, para a região do delta do Nilo.

* 18.2 em navios de papiro. Esses navios eram embarcações feitas de

papiro, que os núbios podiam usar para enviar mensageiros que incitassem as nações a rebelassem-se contra a Assíria.

de homens altos e de pele brunida. É possível que essa frase refira-se à aparência impressionante dos homens da nação ou das nações que os remotos núbios estavam tentando despertar.

* 18.3 todos os habitantes do mundo. Aqueles a quem se dirigiu este

oráculo, observariam o que o Senhor estaria fazendo.

a bandeira. Ver nota em 5.26. Trombetas também eram comumente usadas como sinais, na guerra.

* 18.4 minha morada, estarei calmo. Yahweh, com paciência,

observaria a rebeldia das nações (Sl 2.1-4).

o ardor quieto do sol... nuvem do orvalho. Essas palavras exprimem a quietude que reinaria naqueles tempos, enquanto Deus esperava o tempo certo de agir (ver 25.5).

* 18.5,6 Esses versículos contêm duas figuras do juízo divino. Na

primeira, as videiras seriam podadas, antes da colheita, para encorajar o desenvolvimento das uvas, dos "sarmentos" e dos

"ramos". Em segundo lugar, haveria as carcaças das quais as "aves de rapina" e os animais ferozes se alimentariam. Contrastar com 31.5.

veranearão... o inverno. A duração do tempo implicada enfatiza quão extensa será a carnificina.

* 18.7 um presente. As nações oferecerão sinais de submissão (1.4,

nota; 16.1, nota).

um povo de homens altos e de pele brunida. Ver o v. 2.

ao lugar. O templo era o sinal do Antigo Testamento do reino de Deus (Dt 12.5,11).

* 19.1—20.6 Um oráculo de julgamento acerca do Egito. Em contraste com o capítulo 20, a linguagem do capítulo 19 é simbólica, e não historicamente específica.

* 19.1 Sentença. Mensagem profética (13.1, nota).

* 19.3 os seus ídolos... feiticeiros. Quanto à idolatria e à adivinhação,

ver 2.6,8; 8.19.

* 19.4 um senhor duro e um rei feroz. O Egito, por igual modo, seria

subjugado; talvez isso fosse em alusão à crueldade de Faraó, antes do êxodo (Êx 6.9).

o SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1.9.

* 19.5 o rio se tornará seco. Isso significava desastre econômico em

um país cuja vida dependia das enchentes do rio Nilo. Deus pode facilmente ressecar as muitas águas do rio Nilo.

* 19.6 As canas e os juncos. Contrastar com 35.6,7.

* 19.7 A relva que está junto ao Nilo. O Egito era a despensa de

muitos países, por causa das enchentes regulares do rio Nilo (Gn 41.57).

* 19.9 linho fino... pano de algodão. O juízo divino contra o Egito

sobreveio nas importantes indústrias da pesca (v. 8) e produtos de tecelagem, por causa dos quais o Egito se tornara famoso.

* 19.10 os teus grandes. O significado da palavra hebraica

correspondente é incerto. Alguns acreditam que temos aqui uma metáfora para os nobres, que seriam o "alicerce” da sociedade, em contraste com aqueles que "ganhavam salário”. Outros sugerem os "tecelões” de tecidos. A lição é que todos os aspectos da sociedade muito sofreriam.

* 19.11 Zoã. Essa cidade, também conhecida como Tanis, era uma

cidade do delta do Nilo (Nm 13.22; Sl 78.12,43), e era a capital do Egito na época.

são néscios. Deus reduz a sabedoria dos sábios à insensatez. conselhos estúpidos. Ver nota em 11.2.

Sou filho de sábios, filho de antigos reis? Essa observação sarcástica motejava da reivindicação de sabedoria do Egito (cf. 1 Rs 4.29-31).

* 19.12 Onde estão agora os teus sábios? Essas palavras, dirigidas a

Faraó, continuam a ser uma polêmica contra o orgulho humano (1Co 1.20).

* 19.13 os príncipes... a pedra de esquina. Entre esses líderes estavam

incluídos chefes políticos, econômicos e religiosos.

Mênfis. Essa cidade, no Baixo Egito, era a sua antiga capital.

* 19.16 ao levantar-se da mão do Senhor. Ver nota em 14.26,27.

* 19.18 cinco cidades. Não apenas uma, mas cinco cidades, voltar-se-ão

para o Senhor.

a língua de Canaã. Isso mostra quão grande mudança está em vista, porquanto qualquer coisa que pertencesse aos canaanitas era uma abominação para os egípcios (Gn 43.32; 46.34).

farão juramento ao SENHOR. Ou seja, submeter-se-ão completamente a Deus.

Cidade do Sol. Provavelmente temos aqui uma referência a Heliópolis ("Cidade do Sol", ver referência lateral).

* 19.20 de sinal e de testemunho. O altar (v. 19) significava a dedicação

deles ao Senhor (cf. Gn 12.8; 28.22; Js 22.26-29).

um salvador e defensor. Deus preencheria esses papéis para livrá-los dos opressores, tal como ele fez em prol de Israel nos dias dos juízes (Jz 2.18; 3.9,15).

* 19.22 Ferirá... mas os curará. A disciplina divina atrairá os egípcios

para o Senhor (30.26; Os 6.1; 14.1,2,4).

* 19.23 haverá estrada. A construção dessa ligação entre o Egito e a

Assíria simboliza a remoção da alienação entre essas duas nações (cf. 11.16, nota).

do Egito até à Assíria. Essas duas grandes culturas encontrarão unidade em uma comum lealdade ao Senhor.

* 19.24 uma bênção no meio da terra. Israel, o Egito e a Assíria reunir-

se-ão sob as promessas patriarcais (Gn 12.2,3).

* 19.25 meu povo... obra de minhas mãos... minha herança. Cada um participará plenamente da aliança, mencionada como "povo" (cf. 10.24; 40.1, nota; Sl 100.3; Jr 11.4; Os 2.23); "obra de minhas mãos" (60.21; Sl 119.73; 138.8) e "herança" (Dt 32.9).

* 20.1 Tartã. Provavelmente não temos aqui um nome, mas um título que designaria um oficial de alta patente do exército assírio, (ver referência lateral).

Asdode. Essa cidade filistéia rebelou-se contra a Assíria, por instigação de Sabaco, o rei da Núbia (18.1), em 713 a.C. Ela caiu em 711. Uma inscrição que menciona Sargão por nome foi escavada em Asdode.

Sargão. Esse é Sargão II, rei da Assíria, de 721 a 705 a.C.

* 20.2 pano grosseiro... tira dos pés o calçado. O Senhor ordenou que Isaías se vestisse parcialmente, como um cativo que estivesse indo para o exílio. O cilício ou pano grosseiro era uma veste usada em ocasiões de luto (15.3; 22.12; 37.1,2; 58.5), ou então as vestes distintamente proféticas (2Rs 1.8; Zc 13.4).

* 20.3 meu servo. Essa frase refere-se a uma posição de confiança e honra na presença de Deus. Moisés era amigo e servo de Deus (Êx 14.31; Nm 12.7,8; Dt 34.5). Também incluídos entre os servos de Deus estiveram Abraão (Sl 105.42); Jacó (Ez 28.25); Josué (Js 24.29); Davi (37.35; 2Sm 3.18; Sl 132.10); o Servo Sofredor (52.13 - 53.12); e grupos de pessoas como os profetas (44.26), e Israel restaurada (41.8,9; 43.10; 44.1,2,21; 45.4; 48.20). Os servos de Deus podem sofrer, mas foi-lhes prometida uma grande herança na qualidade de "servos do Senhor" (54.17; 65.8,9,13-15; 66.14).

três anos. Esses três anos talvez designem o tempo em que Isaías andou como um sinal ou a duração antes que o sinal se cumprisse.

por sinal e prodígio. O estilo profético de vida (8.18; cf. Dt 13.1,2; Jr 32.20) apontava para a insensatez de depender do Egito, porquanto o Egito, como

qualquer nação, era vulnerável.

* 20.4 o rei da Assíria. Essar-hadom cumpriu essa profecia, em 671 a.C.

* 20.6 naquele dia. Ver nota em 2.11.

em quem esperávamos. A sorte do Egito persuadirá o povo de que nenhum aliado poderia ajudá-los a escapar.

* 21.1 Sentença. Ver nota em 13.1.

o deserto do mar. Provavelmente temos aqui uma paródia sarcástica. A região sul do golfo Pérsico, conhecido como "Terra do Mar", tornar-se-ia um deserto, ou tão imprestável quanto um deserto, para qualquer um que buscasse dali a sua salvação.

* 21.2 Dura visão. O profeta sentiu-se avassalado por aquilo que ele viu.

o pérfido procede perfidamente... anda destruindo. No decurso da guerra.

Elão... Média. O Elão foi uma das principais regiões da Pérsia. Aliou-se à Média em 700 a.C. Talvez como parte do exército assírio (5.26, nota), o Elão tenha ajudado a conquistar a Babilônia, em 689 a.C., o que certamente fizeram em 539 a.C. (11.11; 13.17, e notas).

já fiz cessar. O sujeito indefinido poderia referir-se ao gemido da Babilônia sob o domínio da Assíria, ou ao gemido das nações controladas pela Babilônia. Este último caso é mais provável, porque a Babilônia ergueu-se à posição de hegemonia em 605 a.C.

* 21.3,4 As expressões deste versículo transmitem grande sofrimento psicológico por parte do profeta (16.9-11; 22.4; cf. Dn 8.27; 10.16,17). A notícia da queda da Babilônia deve ter deixado Isaías aflito, porque agora ninguém

poderia resgatar Judá das mãos da Assíria.

* 21.5 untai o escudo. Preparai-vos para a batalha.

* 21.6 o atalaia. Isaías era o atalaia de Deus em Judá.

*** 21.7 uma tropa de cavaleiros... uma tropa de camelos.**

Provavelmente sinais de um exército que se aproximava.

* 21.9 Caiu, caiu Babilônia. Finalmente, o poder sedutor da Babilônia,

sua religião (17.7-9; 27.9; 46.1-13) e sua cultura, chegaram ao fim (13.19).

*** 21.10 debulhado e batido como o grão da minha eira! Judá é aqui**

retratado como um povo oprimido, mais ou menos como acontece ao grão sob o trilho da debulha (28.27,28; 41.15,16; Am 1.3). Ver nota em 40.1.

* 21.11 Sentença. Ver nota em 13.1.

Dumá. Um oásis em Edom, na intercessão das estradas do mar Vermelho para Palmira, e do golfo Pérsico para Petra.

Seir. Edom. Os edomitas tinham perguntado do profeta o que eles poderiam esperar no futuro.

* 21.12 a manhã... a noite. O futuro continha tanto esperança quanto

juízo divino; especificamente, alívio do domínio assírio, seguido pela opressão babilônica.

* 21.13 Sentença. Ver nota em 13.1.

Dedanitas. Dedã era um oásis a 320 km ao sul de Dumá (Ez 27.20; 38.13).

* 21.14 Tema. Tema também era um oásis, localizada a 145 km ao norte

de Dedã (Jr 25.23). Os povos do deserto providenciaram alimentos e água para os fugitivos da batalha.

* 21.16 dentro dum ano. A glória da Arábia seria diretamente afetada por

aquilo que acontecesse na Babilônia.

Quedar. A Arábia, incluindo a Síria. A área era habitada por tribos beduínas (Jr 49.28,29).

* 21.1-25 Um oráculo de condenação acerca do vale da Visão,

em

Jerusalém. A colocação de um oráculo concernente a Jerusalém, no meio de oráculos contra as nações estrangeiras, pode ser explicada pela associação histórica de Jerusalém com a Babilônia. Jerusalém havia confiado na Babilônia, durante a hegemonia assíria, mas finalmente fora levada em cativeiro por sua anterior aliada. O motivo poderia ser a rebelião de Asdode e a campanha assíria de 711 a.C., ou o levantamento do cerco de Jerusalém, após a devastação de Judá, em 701 a.C.

* 22.1 Sentença. Ver nota em 13.1.

o vale da Visão. Isso pode ter tido a intenção de servir de afronta, pois a cidade construída em uma colina (2.1) era agora um vale.

sobe aos telhados? Tendo partido os assírios, o povo reuniu-se nos eirados das casas com o propósito de se reunirem socialmente e de celebrarem (v. 13).

*** 22.2 cidade... cheia de aclamações... estrepitosa... alegre. A cidade**

ruidosa, com cidadãos agitados, não vira o que o profeta tinha visto. Antes, tornaram-se acomodados (32.13; Sf 2.15; 3.11).

não foram mortos à espada. Eles tinham fugido (v. 3).

* 22.3 os teus príncipes fogem à uma. O povo era governado por

líderes egoístas, que não mereciam confiança, e que abandonaram o povo a fim de salvarem as próprias vidas (2Rs 25.4-6). O profeta criticou a liderança humana e o povo que não tinha entendido o que estava acontecendo em seu redor (1.23-26; 3.13-15; 9.14-17; 19.13-15; 28.7-13; 29.15).

* 22.4 não insistais. A tristeza do profeta era profunda demais para ele receber consolo. Ver nota em 21.3,4.

* 22.5 dia. O dia do Senhor. Ver nota em 2.11.

de alvoroço, de atropelamento e confusão. Essas imagens mentais são uma vívida descrição de desolação e destruição (18.2,7; Dt 28.20; Ez 7.7; Am 3.9; Zc 14.13).

derribar de muros e clamor. Haveria uma ansiedade frenética e gritos de angústia.

* 22.6 Elão... Quir. Ver notas em 11.11; 21.2. Essas nações a leste da Babilônia, aliaram-se à Assíria no assédio a Jerusalém (5.26, nota).

* 22.8 Casa do Bosque. Ao que tudo indica, esse lugar era um arsenal ao lado do templo (1 Rs 7.2-5).

*** 22.9 Cidade de Davi. Jerusalém.**

açude inferior. Talvez se trate do tanque de Siloé. Ezequias mandou construir edifícios ao seu redor para que os habitantes de Jerusalém tivessem acesso a ele, ao mesmo tempo em que negava entrada aos inimigos que viessem de fora (Lc 13.4; Jo 9.7,11).

* 22.11 açude velho. Provavelmente a fonte de Giom, também conhecida como "açude superior" (7.3; 36.2).

não cogitais de olhar para cima... nem considerais. Enquanto se ocupavam em planejar e fortificar Jerusalém, eles se esqueceram do Senhor.

que há muito as formou. Deus tinha planejado o futuro de Jerusalém, quando determinou, com grande antecedência, que a criaria (37.26). Ninguém podia alterar o plano de Deus, e nem evitar o seu julgamento.

* 22.13 gozo e alegria... bebe-se vinho. Esse é o espírito de orgia (v. 2).

Isso deve ser contrastado com a alegria do povo de Deus (35.10; 51.11).

vinho. Ver nota em 24.11.

Comamos e bebamos, que amanhã morreremos. Temos aqui uma expressão proverbial de desprezo e de desrespeito para com os propósitos de Deus na história (1Co 15.32; cf. Lc 12.19,20).

* 22.14 esta maldade não será perdoada. O julgamento divino

permaneceria de pé (Am 7.1-9).

*** 22.16 sepultura... na rocha a tua própria morada? Isaías**

criticou

Sebna por preparar um túmulo régio na colina. Sebna deveria estar provendo liderança, e não produzindo luxos em favor próprio. Um túmulo que pode ter sido o de Sebna, escavado na rocha, foi escavado no vale do Cedrom.

* 22.17 como homem forte. Essa expressão irônica desafiou a

presunção de Sebna.

* 22.18 te fará rolar como uma bola. Sebna era alguém insignificante, e

seria prontamente derrubado (cf. Jr 22.26).

os carros. Isso enfatiza a maneira luxuosa de Sebna viver.

* 22.19 Eu te lançarei fora. Por volta de 701 a.C., Sebna havia sido

demitido de seu serviço como secretário, tendo Eliaquim assumido o ofício de Sebna (36.3,22).

* 22.20 a meu servo. Ver nota em 20.3. Deus considerava Eliaquim

(36.3,11,22; 37.2) como seu servo, uma designação especial para quem vivia perto de Deus.

*
22.21 tua túnica... tua faixa. Essas eram peças do v uma

pessoa que ocupava algum cargo importante.

como pai. Ele seria um líder piedoso, que serviria bem o povo.

* 22.23 como um trono de honra. Ele traria honra para sua família e

para a sua prole, em contraste com Sebna ("vergonha da casa do teu senhor", v. 18).

* 22.24 todos os teus utensílios menores. Uma metáfora para indicar

aqueles que dependiam do servo de Deus.

* 22.25 Naquele dia. Embora Eliaquim fosse fiel, ele não poderia evitar o

castigo divino contra Judá.

* 23.1-8 Um oráculo de julgamento acerca de Tiro, sobre sistemas

comerciais que não levam Deus em consideração. A linguagem é geral e simbólica, e não especificamente histórica.

* 23.1 Sentença. Ver nota em 13.1.

Tiro. Um porto fenício às margens do mar Mediterrâneo, a oeste do monte Hermom e de Damasco. Judá tivera um relacionamento de longo tempo com Tiro, pois Salomão havia feito comércio com Hirão, de Tiro (1Rs 5.1,8-11) e marinheiros fenícios tinham tripulado a frota de Salomão (1 Rs 9.27).

navios de Társis. Essas grandes embarcações da frota mercante (1Rs 10.22; Sl 48.7) atravessavam grandes distâncias até as colônias fenícias, ao longo das costas do Mediterrâneo.

está assolada. A queda de Tiro levaria os navios de Társis a procurarem outro porto.

Chipre. Esse seria um porto de parada na viagem de retorno.

* 23.2 Sidom. Tiro e Sidom eram as duas mais importantes cidades

portuárias da Fenícia, no mar Mediterrâneo. A queda de uma delas fatalmente afetaria a outra.

* 23.3 Egito. Algumas traduções dizem aqui Sior, que é o mesmo Egito

(cf. 19.7).

* 23.4 o mar... fala. O mar lamentava a perda ou destruição de seus

filhos. Ouvindo isso, Sidom não deveria mostrar-se exageradamente confiante.

* 23.6 Társis. Tartesso, na Espanha (Jn 1.3). As nações unem-se na

lamentação.

* 23.7,8 vossa cidade que andava exultante... nobres. Tiro tornara-se

conhecida por suas orgias (22.2, nota), por sua "antiguidade", por sua influência em lugares distantes, por suas riquezas e por sua fama (v. 8).

* 23.9-13 Ver "Deus Vê e Sabe: a Onisciência Divina", em Pv 15.3.

* 23.9 O SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1.9.

formou este desígnio. Através de sua profecia, Isaías procurou trazer a lume algo do conselho de Deus (11.2, nota).

* 23.11 o mar... os reinos. Deus é o Senhor da terra e dos mares.

Canaã. A terra de Canaã incluía Tiro e Sidom.

* 23.12 virgem filha. Os habitantes de Sidom (cf. 37.22; 47.1).

*** 23.13 terra dos caldeus... sátiros do deserto. "Caldeus" era outro**

nome para os assírios. Eles tinham derrotado a Babilônia em 689 a.C. Isaías refere-se à derrota como outro exemplo para Tiro.

* 23.15setenta anos. Um período determinado por Deus; "setenta"

significa plenitude. Não é possível determinarmos o tempo referido aqui.

Canção da meretriz. Um cântico popular de rua acerca de uma prostituta.

* 23.17 salário da sua impureza. Como se fosse uma meretriz, Tiro

formava alianças econômicas com qualquer um que a enriquecesse, sem importar-se com os princípios éticos.

* 23.18 serão dedicados ao Senhor. Tiro, igualmente, reconheceria a

soberania do Senhor, mediante o pagamento de tributo (Dt 2.3-35; Js 6.17,19).

para que tenham comida em abundância e vestes finas. As riquezas das nações edificam o reino de Deus (45.14; 60.5,11; 61.6; 66.12; Ag 2.7,8).

* 24.1—27.13 A presente seção do livro de Isaías por muitas vezes é chamada de um "apocalipse". O profeta sustenta, perante os pecadores e os piedosos, o claro ensino bíblico de que o dia do

Senhor trará julgamento contra a criação e a plenitude da salvação para os seus santos. O plano divino da redenção inclui restauração do exílio, as bênçãos de Cristo à Igreja, e o estabelecimento do reino de Deus em todas as nações. O capítulo 24 enfoca a derrubada divina da terra corrompida; o capítulo 25 enfoca o louvor que é dado a ele, como reação; e os caps. 26 e 27 enfocam sobre a interação de Deus com o seu povo. Brilhantes assonâncias, acima da capacidade de uma boa tradução em português, destacam mais ainda a mensagem profética.

*** 24.1 o SENHOR vai devastar e desolar a terra. Isso ainda não é o**

aniquilamento, mas uma situação de acordo com a qual as estruturas humanas não podem continuar operando (v. 3).

desola. Todos os recursos humanos serão removidos (Na 2.10).

transtorna a sua superfície. O mundo ficará cheio de perturbações e aflições (Lm 3.9).

dispersa. Deus julgará os povos com maior severidade do que o fez na torre

de Babel, quando ele espalhou a humanidade, confundindo a sua linguagem (Gn 11.8,9).

* 24.2 ao povo... ao sacerdote. Deus julgará a todos, sem fazer

distinções sociais.

* 24.3 proferiu esta palavra. Ver nota em 1.19,20.

* 24.4 os mais altos. As pessoas, em seu orgulho, elevam-se contra

Deus (2.11,12,17).

*** 24.5 a terra está contaminada... quebram. Os dias de Noé terão**

retornado à terra (Gn 6.5,11-13). A própria terra será considerada em perigo de condenação, devido aos pecados daqueles que nela vivem (Jr 44.22; Rm 8.2022).

* 24.6 poucos homens restarão. Esta última palavra também é

traduzida por "remanescente" (1.9; 10.20,21). Tal como aconteceu nos dias de Noé (Gn 6.8,18), "poucos" restarão em vida.

* 24.7-13 O profeta explica como será o dia universal do Senhor. Haverá

tristeza em lugar de risos (vs. 8-11; ver notas em 22.2,13). Os músicos pararão suas canções no meio de sua apresentação (cf. 5.12).

* 24.10 a cidade caótica. Ou seja, a cidade da desolação ou cidade

desolada; talvez esteja em foco Jerusalém, talvez o sentido seja a civilização em geral.

as casas. Aquilo que costumava ser um lugar de segurança particular e de aprazimento da vida (5.9; 6.11; 13.16,21; 32.13), estará fechado.

* 24.13 o varejar da oliveira. Ver nota em 17.4.

* 24.14 Eles levantam a voz. O novo cântico será a reação diante do ato

salvífico de Deus (cf. cap. 12; 35.6; 42.10-13; 44.23; 49.13; 52.8,9; 65.14). Ver

o v. 16; 14.7, nota.

glória do SENHOR. Eles entoarão a grandeza de Yahweh, em contraposição ao orgulho humano.

* 24.15 glorificai ao SENHOR. Esse é um convite para se prestar a Deus

um reconhecimento digno do seu nome (25.3; 43.20; Sl 22.23; Ap 4.8-5.14). Ver nota em 37.16.

* 24.16 Dos confins da terra. As nações também se unirão ao cântico a

Deus.

Mas eu digo. Isaías, cheio de tensão, ao olhar para a futura salvação da parte de Deus, vê a corrupção ao seu derredor e é incapaz de unir-se ao hino de louvor a Deus.

os pérfidos. O hebraico evoca um senso de corrupção generalizada. Havia engano por toda parte.

* 24.18 as represas do alto se abrem. O juízo divino será como o dilúvio

(cf. Gn 7.11; 8.2).

tremem os fundamentos. A figura de um terremoto é expandida nos vs. 19 e 20, sendo a expressão de uma teofania (6.1, nota; 13.13, nota; Sl 99.1, nota).

* 24.21 as hostes celestes... reis. Estão inclusos aqui os deuses das

nações, as hostes de Satanás e os poderes humanos (cf. Ef 6.11,12). Eles estão reservados para o castigo e serão expulsos da presença de Deus (2Pe 2.4; Ap 17.8; 20.10).

* 24.23 A lua... o sol. Ver nota em 13.10.

no monte Sião. Ver nota em 1.8. Assim como os que estavam na arca de Noé encontraram descanso no monte Ararate, assim o remanescente encontrará descanso sobre o monte Sião.

* 25.1 o meu Deus. Uma afirmação pessoal de confiança em Deus (7.13; 49.4,5).

exaltar-te-ei a ti e louvarei. Ver nota em 12.1. fiéis. Ver as notas em 1.21 e 11.5.

* 25.2 cidade. Ver 24.10, nota.

* 25.3 te glorificarão. As nações reconhecerão o Senhor (24.14-16 e notas).

nações opressoras. Nações opressoras, tirânicas. Ver notas em 19.24; 29.20.

* 25.4 a fortaleza. Ver nota em "fortaleza", em 17.10. pobre... necessitado. Ver Sl 9.18, nota.

refúgio... sombra. Ver as notas em 4.6; 30.2.

* 25.5 o calor. Tal como a "tempestade", no v. 4, temos aqui uma metáfora de opressão e perseguição.

tiranos. Os opressores, os provocadores de tribulações e os sedutores do povo de Deus.

* 25.6-8 Isaías viu aqui o grande banquete que celebrará a vitória de Deus.

* 25.6 neste monte. Sião, o monte do Senhor (vs. 7,10). Ver nota em 2.2.

a todos os povos. Os convidados virão de todas as nações (24.14-16; Ap 14.6).

coisas gordurosas... vinhos velhos. Sl 23.5; Mt 8.11; Lc 13.29; Ap 19.9.

* 25.7 a coberta... o véu. Talvez essas palavras refiram-se ao sepulcro como a cobertura dos mortos.

* 25.8 Tragará a morte. Paradoxalmente, a "boca" devoradora, da qual ninguém pode escapar, será, por sua vez, devorada (5.14; Pv 1.12, nota).

o SENHOR Deus. Esse título combina a palavra para "senhor, soberano", com o nome de Deus segundo a Aliança: Yahweh (ver 28.16; 40.10; 52.4; 65.13).

as lágrimas... o opróbrio. Toda lamentação (30.19; 35.10; 61.2-5; Ap 7.17; 21.4), e até a morte e o ferrão da morte (1Co 15.54) serão removidos.

* 25.9 o nosso Deus. O profeta identifica-se com o povo de Deus (26.13; 40.3; 61.6).

a quem aguardávamos. Ver 8.17, nota.

na sua salvação... nos alegraremos. Ver 12.1-3, e notas.

* 25.10 neste monte. Ver nota no v. 6.

a mão. Essa é a mão do julgamento (9.12 e nota; 9.17,21; 10.4).

Moabe. Aqui Moabe representa todas as nações orgulhosas, tal como Edom, em 34.5-17; 63.1-6; Ob 1.

* 25.11 a altivez... a perícia. Ver nota em 5.21.

* 26.1 cântico. Ver nota em 14.7.

cidade. A cidade de Deus é a comunidade dos redimidos (1.26; 2.2; 60.18 e notas; Sl 46.4; 48.1-3,12,13; Ap 21.2,10).

a salvação por muros e baluartes. Visto estar Deus com o seu povo, ele lhes proverá salvação e segurança (12.2, nota). Deus é como um muro de proteção em torno de seu povo, livrando-os de qualquer desgraça (49.16).

* 26.2 Abri vós as portas. As portas serão abertas para a entrada do

Rei glorioso e seu povo (Sl 15; 24.7,9; 118.19,20).

* 26.3 em perfeita paz. A "paz” de Deus, que os justos recebem e

promovem (v. 12; 32.17,18; 55.12; 66.12) não envolverá também os ímpios (48.22; 59.8). Essa "paz” encontra-se no Emanuel (9.6; 11.6-9; 14.7 e notas).

é firme... confia. Ver notas em 2.22; 8.12,17.

* 26.4 rocha eterna. Ver a referência lateral; 8.14,15; cf. 1Sm 2.2.

* 26.5 ele abate. Conforme Nabucodonosor descobriu (Dn 4.37).

* 26.8 te esperamos. Essa declaração é uma magnífica expressão

daquilo que Deus deseja: filhos que cumpram a sua vontade, e esperem com confiança em sua plena salvação.

* 26.10 favor. A graça comum de Deus (Mt 5.45; Lc 6.35) é evidenciada

em suas bênçãos na natureza, na procriação, na saúde e na prosperidade (At 14.17).

* 26.11 a tua mão. A mão do julgamento (9.12 e nota; 9.17,21; 10.4;

25.10).

adversários. Ver nota em o "fogo", em 4.4.

* 26.12 a paz. Ver nota no v. 3.

* 26.14 não tornarão a viver. Note o contraste com o v. 19 (cf. 14.22,30).

memória. Seus nomes, dinastias e memoriais, tudo foi esquecido.

* 26.15 aumentaste... dilataste. Este versículo descreve a da

restauração em termos terrestres, fomentando a esperança na restauração final (9.3; 54.2).

* 26.18 o que demos à luz foi vento. Essa expressão de futilidade é porque os piedosos não conseguiram estabelecer o reino de Deus (49.4). Eles sofreram, mas sem qualquer sucesso evidente.

não trouxemos à terra livramento algum. A esperança do povo de Deus, tanto antes como depois da vinda de Cristo, era a renovação da terra e sua transformação em um reino de paz e retidão (cf. 42.4; 2Pe 3.13; cf. nota em 12.2).

* 26.19 Os vossos mortos... o meu cadáver. Esta mensagem de esperança quanto ao futuro, faz contraste com o v. 14 (cf. Ez 37.11,12). O Antigo Testamento exprime fé na ressurreição do corpo, visto que a morte é uma invasão da ordem criada por Deus (25.8, nota; Jó 19.26; Sl 49.15; 73.2426; Dn 12.2; Os 13.14).

* 26.20 povo meu. Isto é, o remanescente (vs. 7-9; 40.1, nota).

entra... esconde-te. Tal como Deus protegeu a Noé por detrás de portas de segurança (Gn 7.16), assim também aqui Deus protege os

que lhe pertencem, enquanto eles esperam pela sua salvação.

por um momento. Esse "momento" durará tanto quando durar o julgamento divino. O sofrimento presente não é digno de ser comparado à glória eterna que se seguirá (v. 19; 54.7; Sl 30.5; 2Co 4.17; 2Pe 3.9).

ira. Ver 10.5 e nota.

* 26.21 o sangue. Ver Gn 4.10; 37.26; Sl 9.12.

* 27.1 Naquele dia. Ver nota em 2.11.

o dragão... o monstro. O Antigo Testamento utiliza-se dessa figura de linguagem para denotar os poderes maus e autocráticos (30.7, nota; 51.9; Ez 28.2; 32.2 e notas), e para assegurar aos piedosos que o Senhor punirá todas essas expressões humanas de prepotência e resistência à sua soberania. Por detrás dos tiranos da terra acha-se Satanás, e por detrás dos eleitos está Cristo (Gn 3.15; Rm 16.20; Ap 12.1-6).

* 27.2-13 A vindoura transformação é de novo retratada.

* 27.2-6 Este cântico à vinha faz nítido contraste com a parábola em 5.1-7. Quanto à vinha e à videira, ver 3.14; 61.5; 65.21.

* 27.3 a regarei... de noite e de dia. Ele provê para todas as necessidades, mediante a sua bênção e proteção constante de seu povo (cf. Sl 121.4,5).

* 27.4 Não há indignação em mim. O Senhor está pronto para perdoar e para conciliar consigo as pessoas.

os queimaria. Ver nota em 4.4.

* 27.5 façam paz comigo. Deus acolhe favoravelmente todos quantos quiserem reconciliar-se com ele (26.3).

* 27.6 lançará raízes... encherão de fruto. Essas coisas indicam uma vinha boa e produtiva (Jo 15.1-8).

o mundo. O povo de Deus (formado por judeus e gentios) compõe o reino de Deus (1 Pe 2.9-12).

* 27.7 feriu... o matou. O Senhor tem tratado mais graciosamente o seu povo, do que os opressores de seu povo. Deus feriu fatalmente as nações, não Israel (10.5-23; 13.19-14.2; 47.4,5).

* 27.8 o expulsaste... vento. O vento oriental trazia poeira e tremendo calor da parte do deserto, destruindo a vegetação. Temos aqui uma figura que representa a ira de Deus.

* 27.9 a culpa... seu pecado. Ao provar a disciplina da parte de Deus (v. 7), Jacó, ou seja, Israel, pagará sua dívida à justiça divina, por causa de sua idolatria. A prova de que a disciplina terá sido eficaz será a destruição dos lugares onde eles adoravam os ídolos. Essa expiação e nova obediência ilustra, em nível nacional, o que Cristo realizaria de maneira perfeita, em favor de um número maior de pessoas (Jo 11.52).

* 27.10 a cidade fortificada. Ou seja, a cidade do homem (26.1-6, nota).

* 27.11 os seus ramos. A cidade poderosa tornar-se-á ressecada como ramos ressecados.

não é povo de entendimento. A cidade era habitada por idólatras insensatos (2.8, nota; Rm 1.20-23).

aquele que o fez. Ver 22.11, nota.

aquele que o formou. Uma designação frequente de Deus como o Criador, Governante e Redentor do seu povo. O verbo denota planejamento ("tomei este propósito”, 46.11), autoridade, como de um artesão sobre os seus materiais (41.25), criação e providência

(45.18), e a formação de um novo povo (43.1,21; 44.2,21; 49.5; 64.8).

não lhe perdoará. Temos aqui uma menção negativa à graça desmerecida de Deus (26.10; 30.18,19; 33.2).

* 27.12 debulhará. Esse verbo pode indicar a separação do grão ("debulhando", Rt 2.17) ou das azeitonas (batendo nos ramos, Dt 24.20). Trata-se de um ato frequentemente usado como uma metáfora para separar e recolher o povo de Deus deste mundo.

desde o Eufrates... ribeiro do Egito. Isto é, o rio Eufrates e o Wadi el-Arish, que definiam as fronteiras do território de Canaã, dado por promessa a Abraão (Gn 15.18). A Assíria e o Egito serão ligados como uma estrada (11.16; 35.8,9), que ligará a ambos com Jerusalém. Pessoas de diferentes origens serão unidas na adoração ao único Deus.

* 27.13 trombeta. Tal como o estandarte (11.10), a trombeta era usada

para reunir tropas (Êx 19.16,19; 1Sm 13.3; 2Sm 6.15; Mt 24.31; 1Ts 4.16).

perdidos. Essa palavra pode referir-se ao remanescente oprimido e disperso (Jr 50.6; Ez 34.4-6), ou aos mortos (25.8; 26.14,19), ou a ambos.

no monte. Isto é, Sião (2.2, nota). Esse é o lugar tanto do trono de Deus (14.13) como de sua bendita presença (25.6,7). Essas promessas já se cumpriram ambas (p.ex., Hb 12.22), mas ainda terão um novo cumprimento (p ex., Ap 21.2,3).

* 28.1-13 Um oráculo de condenação, por ocasião da queda de Efraim

(722 a.C.). Esta é a primeira seção de "ais" (1.4, nota), nos capítulos 28-33 (28.1; 29.1,15; 30.1; 31.1; 33.1).

* 28.1 coroa. Um símbolo de realeza (Ez 21.31) ou de deidade (2Sm

12.30), ou se for traduzida por "grinalda", um sinal de posição social ou de celebração (Ct 3.11, sobre uma grinalda usada em uma cerimônia de casamento). A referência é a Samaria e sua liderança debochada.

soberba. A arrogância humana faz oposição à "majestade" (mesma palavra no hebraico) do Senhor (26.10).

bêbados... vinho. Ver nota em 24.11.

*** 28.2 certo homem valente e poderoso. A Assíria.**

saraiva... uma tormenta. A Assíria é comparada com uma tempestade

poderosa (7.2; 17.13; 28.17; 29.6; 30.30; 32.19). Quanto à proteção de Deus, ver 4.6.

* 28.4 o figo prematuro... antes do verão. Os figos de junho eram

deliciosos, porque prenunciavam a colheita feita em setembro (Os 9.10; Mq 7.1; Na 3.12). Efraim, apesar de todas as suas possibilidades de realização, seria exilado, e o fruto de seus labores seria aproveitado pelos assírios.

* 28.5 Naquele dia. Ver nota em 2.11.

os restantes. Ver nota em 1.9; cf. 10.19-23.

* 28.6 o espírito de justiça. Como tal, ele será o Espírito de

transformação (32.15; 44.3-5; 59.21; 61.1). Ver notas em 4.4 e 11.2. Paulo também contrastou o ato de se ficar bêbado de vinho com a obra do Espírito (Ef 5.18). O "espírito da justiça" prevaleceria durante a era messiânica (11.1-5; 42.1-4).

justiça. Ver nota em 1.21.

* 28.7 vinho... bebida forte. Ver o v. 1; 24.11, nota.

o sacerdote e o profeta. Os líderes do povo de Deus tinham-se tornado sensuais, duros de coração e cínicos (29.9-14; cf. Sf 3.4).

* 28.9 A quem, pois, se ensinaria. Ver nota em 27.7. Os líderes

endurecidos e ofensivos falam contra Isaías.

* 28.11 lábios gaguejantes. Ou seja, a língua estrangeira dos opressores

(33.19; Jr 5.15). Os assírios tornar-se-iam os mestres de Israel, devido à liderança fracassada dos israelitas. Quanto à aplicação feita por Paulo deste versículo, ao "falar em línguas", ver 1Co 14.21,22.

* 28.12 descanso. Israel não pôde entrar no descanso completo de

Canaã (Dt 12.9) por causa de sua incredulidade (Sl 95.11). A esperança de

descanso jazia nas promessas feitas a Moisés (1Rs 8.56) e a Davi (Sl 132.8,14,17). Em lugar de desfrutar do descanso que nos chega por meio da fé, Israel seria castigado por seus inimigos.

* 28.13 a palavra do SENHOR. Esta revelação seria dada a Israel

através da disciplina de estrangeiros que ensinariam princípios morais a Israel.

preceito sobre preceito. Isaías devolve aos líderes religiosos o ridículo lançado por eles (v. 10).

caiam para trás. A palavra de Deus teria um efeito endurecedor sobre

os seus ouvintes.

*** 28.14 homens escarnecedores, que dominais. Eram governantes**

insensatos e ímpios (Pv 1.22; 29.8).

* 28.15 Fizemos aliança... acordo. Eles tinham preferido aliar-se com o

Egito, com o propósito de permanecerem independentes (30.2), mas essa escolha provou-se mortífera.

a mentira... nos temos escondido. A confiança deles era falsa (4.6, nota).

* 28.16 o SENHOR Deus. Ver nota em 25.7.

pedra... solidamente assentada. Ver nota em 8.14-15. A pedra solidamente assentada é Jesus Cristo (cf. Sl 118.22; Rm 9.33; 10.11; 1Co 3.11; Ef 2.20; 1 Pe 2.4-8).

* 28.17 do juízo... da justiça. Ver nota em 1.21.

a saraiva... as águas. Ver nota no v. 2.

o refúgio. Ver nota em 4.6.

* 28.19 Todas as vezes. O exército assírio passou marchando por Israel

por muitas vezes.

puro terror. O julgamento divino, na história da humanidade, leva as pessoas a enfrentarem, face a face, o poder de Deus.

* 28.20 curta... estreito. As coisas de que as pessoas dependerão

para

sua segurança não serão nem adequadas e nem confortáveis.

* 28.21 Perazim... Gibeom. No passado, o Senhor ferira os filisteus (2Sm

5.19,20) e os cananeus (Js 10.10), naqueles lugares mencionados.

a sua obra, a sua obra estranha. O Senhor voltar-se-ia contra o seu próprio povo.

* 28.22 não mais escarneçais. Eles mesmos serão os responsáveis por maior aperto ainda na disciplina.

* 28.23-29 Assim como o tempo certo é importante para o sucesso no plantio, assim também Deus tem tempos de graça e de julgamento.

* 28.23 Inclinai os ouvidos, e ouvi. O profeta expediu a chamada da sabedoria divina (1.2; Pv 1.8; 4.1; 5.1).

* 28.25 a espelta. Provavelmente o centeio (Êx 9.32). A comparação segue a ordem natural dos atos de arar, quebrar os torrões de terra, de arrotear o terreno e de semear (vs. 24,25).

* 28.27 instrumento de trilhar. Os diferentes grãos requeriam tratamentos diferentes; o Senhor ajusta seu julgamento às circunstâncias e não "lavra todo o dia” (v. 24).

* 28.29 em conselho e grande em sabedoria. Ver nota em 11.2. Os governantes zombeteiros procuravam ridicularizar insensatamente aquele que é maravilhoso em conselho (cf. 9.6).

* 29.1-14 Um oráculo de condenação contra Jerusalém.

* 29.1 Ai. Ver nota em 1.4.

Davi. A reivindicação de Jerusalém de ser a cidade de Deus começou com Davi (cf. Sl 132).

ano a ano... as festas. Isso aponta para a observância repetitiva e cansativa de rituais vazios. Ver nota em 1.11-15.

* 29.3 cercar-te-ei com baluartes. Deus refere-se ao cerco dos assírios

de Jerusalém, em 701 a.C.

*** 29.4 tua voz como a de um fantasma... um cochicho. Essas**

imagens descrevem a experiência de humilhação de Jerusalém (2.10; 8.19).

* 29.5 tiranos. Ver nota no v. 20.

*** 29.6. com terremotos... chamas devoradoras. A natureza geme**

quando o Senhor dos exércitos celestiais aparece (6.4; nota; Êx 19.16-19; Jz 5.4,5; Sl 18.7-15; Ez 32.6-8, nota).

* 29.10 os videntes. Ver nota em 30.10.

* 29.13 se aproxima... está longe de mim. Deus deseja expressões de

devoção que saiam do coração, e aborrece rituais vazios (1Co 1.19; Cl 2.2023).

* 29.14 a sabedoria... se esconderá. Deus esmigalhará a sabedoria e o

planejamento dos homens (30.1-5; 31.1-3).

*
29.15,16 Este oráculo de condenação contra os sábios Jerusalém

começa a terceira seção de "ais", nos capítulos 28—33 (28.1-13, nota).

*
29.15 seu propósito... suas próprias obras. Eles se

planos e obras de Deus (11.2, nota; Sl 10.11; 64.5,6). Eles tentam manipular a Deus, em lugar de se submeterem a ele.

* 29.16 o oleiro... barro. Eles transtornavam a ordem de Deus por seu

espírito independente e altivo (27.11, nota; cf. Rm 9.20).

* 29.17 o Líbano. As florestas do Líbano transformar-se-ão em campos, e

os campos tornar-se-ão florestas. O julgamento divino produzirá tais reversões: "Os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos" (Mt 20.16; Lc 1.52,53).

* 29.18 Naquele dia. Ver nota em 2.11.

os surdos... os cegos. Essas palavras são usadas aqui como figuras para as condições espirituais anteriores das pessoas. Os "surdos" são aqueles que anteriormente eram surdos para com a mensagem de Deus (42.18,19; 43.8. cf. 6.10; 29.9). Os "cegos" se afastavam antes do caminho de Deus, sem conseguir discerni-lo (42.7,16; 56.10; 59.10; Lm 4.14). A restauração dos "surdos" e dos "cegos" espirituais cumpre-se em Cristo (61.1).

livro. Ver as notas sobre os vs. 11 e 12.

* 29.19 Os mansos... os pobres. Ver Sl 9.18, nota.

Santo de Israel. Ver nota em 1.4.

* 29.20 o tirano. Essa gente representa os opressores poderosos e

tirânicos deste mundo (13.11; 25.3-5; 29.5; 49.25; cf. Sl 37.35; 86.14; Ez 28.7; 30.11; 32.12).

o escarnecedor. Essa designação, comum na literatura de sabedoria, significa uma pessoa endurecida e cínica (28.14; Sl 1.1; Pv 1.22; 3.34; 9.7,8; 21.24).

os que cogitam da iniquidade. Tal indivíduo é identificado no v. 21.

* 29.22 que remiu a Abraão. Deus realizou a redenção de Abraão mediante a eleição e a aliança, prometendo, a ele e a seus descendentes, a esperança da presença divina (cf. Js 24.14; At 7.2-4).

não será envergonhado. Não será humilhado na derrota.

* 29.23 seus filhos. A esperança de Jacó jazia no trato gracioso de Deus com a sua descendência, de geração em geração (49.20-22; 54.1,13; 65.23).

* 30.1 Ai. Ver a nota em 1.4.

filhos rebeldes. Esses eram os conselheiros de Ezequias (cf. 1.2, nota).

que executam planos. Ver referência lateral. O original hebraico pode ser traduzido por "tecem teias” ou "derramam libações”. Qualquer dessas traduções refere-se à assinatura de alianças políticas.

sem a minha aprovação. Os planos humanos (v. 2) são opostos aos planos do Espírito de Deus.

para acrescentarem pecado sobre pecado. Vemos aqui a teimosia aumentando (1.2-4), do plano de agir independentemente de Deus para o pecado da injustiça (v. 12; 10.1-4, notas).

* 30.2 Egito. Em 701 a.C., Judá contou com tropas egípcias para ajudá-la contra Senaqueribe (20.5,6; 2Rs 8.21.).

sombra. Somente Deus provê para o seu povo a proteção do perigo (4.6; 16.3; 25.4.5; 51.16; cf. Sl 17.8; 36.7; 91.1; 121.5).

* 30.3 vergonha. Dessa experiência de triste fracasso, o Senhor prometeu livrar aqueles que nele confiassem (54.4; 61.7).

* 30.4 os príncipes. Talvez fossem embaixadores de Judá que tivessem ido a Zoã (19.11) e a Hanes (a 80 km ao sul do Cairo).

* 30.6 Sentença. Ver nota em 13.1.

* 30.7 Gabarola. No hebraico original, Rahab-Hem-Shebeth. O nome

Raabe alude a um monstro do caos, derrotado pelos deuses na mitologia da criação dos cananeus (Ez 28.2 e nota). O profeta zombou tanto do monstro mítico quanto do Egito, com um título que significa, mais ou menos, "Raabe, que nada faz”.

* 30.8 numa tabuinha... num livro. Os oráculos concernentes à

insensatez de depender do Egito deveriam ser escritos como um testemunho às gerações futuras.

* 30.9 filhos. Ver nota em 1.2.

a lei. A lei que eles estavam rejeitando era a sabedoria piedosa ensinada por Isaías (cf. Pv 2.1-5).

* 30.10 aos videntes... aos profetas. A prédica de muitos profetas

conformava-se com as expectações do povo (9.15; 28.7; 29.10; 44.25; 1Rs 22.8; Jr 6.14; 14.13-16; 20.9,10; 28.8,9; Ez 13; Os 9.7-9; Am 2.12; 7.12,16; Mq 2.6-11; 3.5,11). Outros, como Isaías, falavam pela inspiração do Espírito e sob a compulsão de alguma visão divina.

* 30.11 Santo de Israel. Ver nota em 1.4.

* 30.12 Pelo que assim diz. Visto que eles não davam ouvidos aos

profetas de Deus, haveriam de ouvir o seu julgamento.

esta palavra. Ou seja, a palavra de Deus por meio de Isaías (vs. 8,9).

na opressão e na perversidade. Os líderes de Jerusalém eram homens sem princípios, e a diplomacia deles resultava na opressão.

* 30.13 esta maldade. A teimosa resistência deles ao Senhor, e a sua

dependência do Egito, traria a queda deles.

* 30.15 o SENHOR Deus. Ver nota em 25.7.

em sossegardes... na tranqüilidade. O Senhor poderia dar ao seu povo aquilo que eles procuravam no Egito.

na confiança a vossa força. O Senhor era a força de seu povo, e ele seria vitorioso (12.2, nota).

* 30.16 sobre cavalos. Eles preferiam depender da força e dos

estratagemas militares (2.7, nota; 31.1,3).

* 30.17 Mil homens... um. Essa é uma reversão da promessa divina de

que daria a vitória ao seu povo (Lv 26.7,8; Dt 32.30; Js 23.10).

* 30.18 justiça. Deus sustenta o seu reino em sua paciência (1.21, nota).

* 30.19 Não chorarás mais. Ver nota em 25.7,8; cf. Ap 7.17; 21.4.

* 30.20 teus mestres. "Profetas"; ou possivelmente essa palavra refira-se

a Deus, visto que poderia ser entendida como uma forma singular, "Mestre". Quanto à instrução de Deus, ver 28.11-13; 29.11,12. Terminado o julgamento divino eles veriam a sua salvação (29.24).

* 30.22 Sobre a polêmica de Isaías contra a idolatria, ver 2.8.

Contaminados. Ou seja, profanados, reduzidos a coisa imunda (2Rs 23.4-8).

* 30.23 chuva... pão. Essas bênçãos seriam concedidas em resposta ao

arrependimento evidente nos versículos anteriores (v. 20; cf. Dt 28.11,12).

naquele dia. Ver nota em 2.11.

* 30.25 ribeiros e correntes de águas. Isaías usou uma hipérbole a fim

de proclamar as abundantes bênçãos de Deus que ele preparou para os seus filhos (cf. Jl 3.18; Am 9.13).

dia da grande matança. O dia do Senhor (cf. 34.2,6; Jr 12.3; 19.6; 46.10; Sf 1.7,8).

torres. Símbolos do orgulho humano (2.12-17).

* 30.26 sete vezes maior. Aqui, a cifra hiperbólica, indica que Deus está

com o seu povo (2.5, nota; 42.16; 60.19; Ap 21.22,23).

atar a ferida... curar. Deus disciplina, mas ele se lembra e cura os ferimentos de seu povo (19.22; 57.18; 61.1; Sl 147.3; Jr 3.22; 30.17; mas cf. Is 6.10).

* 30.27 o nome do SENHOR. O nome pactual, Yahweh, representa Deus

(12.2, nota; cf. Êx 3.14).

os seus lábios... a sua língua. Isaías usou os recursos da poesia para retratar o iracundo poder de Deus.

* 30.29 Um cântico... flauta. Essa celebração será como a de uma festa

de peregrinação.

ao monte. Ver nota em 2.2.

*
30.33 a fogueira. Algumas versões dizem aqui Tofete.

abismo no lado sul de Jerusalém, onde crianças haviam sido sacrificadas e um fogo contínuo ardia para consumir o lixo que era ali jogado (57.2; 2Rs 23.10; Jr 7.31,32; 19.6,11-13).

*
31.1 ao Egito... em cavaleiros. Judá pensava que pod ser

libertado por cavalos e carros de combate egípcios (30.2).

não atentam. Uma das maneiras de buscar o Senhor consiste em consultar os seus profetas (29.9,10; 30.1).

o Santo de Israel. Ver nota em 1.4.

* 31.2 este é sábio. O sarcasmo do profeta ridiculariza os conselheiros reais.

faz vir o mal. Deus é soberano em julgamento (45.7).

* 31.3 os egípcios são homens, e não deuses. Este modelo de paralelismo poético contrasta carne e espírito, criatura e Criador (2.22; Sl 56.4; Jo 4.24).

* 31.4 Como o leão... não se espantam. O Senhor é tão resoluto como um leão. Os reis assírios se comparavam com leões, proverbiais em sua força e ferocidade.

* 31.5 amparará a Jerusalém. O Senhor cuida de seu povo como se fosse uma ave (Êx 19.4; Dt 32.11,12).

* 31.7 naquele dia. Ver nota em 2.11.

ídolos... mãos. Quanto à polêmica de Isaías contra a idolatria, ver 2.8.

* 31.8 cairá. A Assíria chegaria ao seu fim pela mão de Deus e no tempo por ele determinado, e não por estratagemas humanos (37.36).

* 31.9 a sua rocha de refúgio. A Assíria estaria procurando um lugar para esconder-se (Ap 6.16).

cujo fogo... cuja fornalha. Ver 4.5, nota; 10.17; 30.27,30,33.

* 32.1-3 A paz e a harmonia de uma liderança piedosa.

* 32.1 um rei... governarão príncipes. Isso aponta para o Messias (9.17; 11.1-9) e líderes piedosos (1.26; 1Pe 5.2).

* 32.2 esconderijo... sombra de grande rocha. O papel protetor do rei

e suas coortes resultarão de sua dependência do Senhor (4.6, nota), fazendo contraste com qualquer dependência do Egito (30.1,2,12;

31.1,3).

* 32.3 Os olhos... os ouvidos. Isso faz contraste com 6.9,10; 29.9,10;

30.1,2; 31.1. Ver nota em 29.18.

* 32.4 O coração... a língua. Isso tudo em cumprimento a 29.24.

* 32.7 os desvalidos... do pobre. Ver Sl 9.18 nota.

* 32.8 o nobre. Ele faz contraste com os insensatos, que se dispõem a

oprimir aos necessitados (vs. 5-7).

*** 32.9 mulheres que viveis despreocupadamente. O povo confiava**

que obteria sucesso em seus estratagemas (vs. 5-7; cf. 3.16-24; Am 6.1; Zc 1.15).

que estais confiantes. Essa é a mesma palavra traduzida por "segurança", no v. 17, e por "seguras", no v. 18. A falsa segurança, baseada na confiança no Egito, contrasta com a verdadeira segurança, alicerçada sobre a confiança em Deus.

* 32.10 a vindima... não haverá colheita. A má colheita indica o julgamento divino.

* 32.13 Sobre a terra... na cidade. Tudo se tornaria uma desolação (cf. 5.5,6; 16.8-10; 24.7-13; 34.13-15).

cidade que exulta. Ver notas em 22.2,13.

* 32.15 o Espírito. O Espírito Santo transforma todas as coisas de acordo com a ordem de Deus. Ele é o Espírito da restauração. Ver 11.2; 28.6; 42.1; 61.1; Ez 36.27; Jl 2.28,29.

lá do alto. O Espírito está acima de todos os poderes terrenos (Sl 93.4; Lc 24.49; Ef 4.8).

o deserto... o bosque. Ver nota em 29.17.

* 32.18 O meu povo. Ver nota em 40.1.

* 32.19 saraivada. Ver nota em 28.2.

* 33.1-24 Este sexto e final oráculo de condenação, nos capítulos 28

—33, é contra a Assíria. Ao enfocar a derrota da Assíria e a exaltação

de Judá, o Senhor, o Rei de Judá, é exaltado.

*** 33.1 destruidor... não foste tratado com perfídia. Embora a Assíria**

seja a referência dentro do contexto histórico (cf. 10.5,12,24; 14.25; 30.31; 31.8; 2Rs 18.13-16; 19.32-37), ela representa qualquer poder que se oponha a Deus.

* 33.2 Este versículo dá início a uma oração pedindo misericórdia durante a hora do julgamento.

* 33.3 são dispersas. Ver Nm 10.35.

* 33.4 o vosso despojo. Os despojos pertencem ao Senhor, vitorioso

sobre as nações (23.18).

* 33.5 habita nas alturas. Ver nota em 32.15.

* 33.6 salvação. Ver nota em 12.2.

o teu tesouro. Provavelmente, o significado é que o melhor presente que uma pessoa pode receber da parte de Deus é a pura fé que é formada em resposta à revelação da graça de Deus (Sl 130.4; Pv 9.10; Lc 5.10).

* 33.7-12 Tendo desaparecido todas as falsas esperanças de Judá

(vs. 7-9), o Senhor agiria para destruir a Assíria.

* 33.7 heróis. Talvez essa ironia seja dirigida aos três oficiais que

conversaram com os assírios (36.3,22).

pranteiam... chorando amargamente. Os planos humanos tinham falhado. O comércio internacional, a diplomacia e as expedições militares chegaram todos ao fim. Os assírios aceitaram presentes e tributos da parte de Judá, mas traiçoeiramente continuaram em seu cerco a Jerusalém.

* 33.9 A terra geme... Carmelo. Áreas famosas por sua fertilidade

tinham-se tornado como desertos (2.13; 29.17; 32.13 e notas). Quanto à transformação, ver 35.1,2.

* 33.10 Agora. O tempo da intervenção divina e do glorioso

estabelecimento do reino de Deus tinha chegado.

* 33.12 a cal... como espinhos. Essas símiles explicam quão

completamente a Assíria seria destruída (cf. 27.4; Am 2.1).

* 33.13 Ouvi... reconhecei. Os povos confessarão que os julgamentos de

Deus na história são sábios e se submeterão à sua soberania.

os que estais longe... que estais perto. Ver 57.19; essas declarações incluem cada pessoa, sem importar a sua nação ou tribo.

* 33.14 Quem dentre nós habitará. Essa percepção, por parte dos

pecadores, haverá de desafiá-los a se arrependerem e viverem em harmonia com a santa presença de Deus (Sl 15.1; 24.3).

* 33.15 O que anda... e fecha os olhos. Essas frases descrevem a

conduta dos piedosos (Sl 1.1,2; 15.2-5; 24.4; Gl 5.22-25; Ef 5.1; Tg 3.13-18).

suborno. Ver nota em 1.23.

*** 33.16 este habitará nas alturas. Com Deus.**

as fortalezas... as suas águas. Essa pessoa desfrutará da proteção divina (cf. Sl 18.1-3) e da provisão divina (49.10; 55.1,2; 62.9; 65.13; contrastar com 30.20).

* 33.17 o Rei. A chegada do reino de Deus e do Messias revestir-se-á de maior esplendor do que qualquer manifestação prévia (32.1, nota).

* 33.18,19 terrores... língua bárbara. Isaías descreve a miséria do exílio longe de casa e a opressão aplicada pelos estrangeiros.

* 33.20 habitação... cordas. O exílio terá terminado. Jerusalém agora desfruta de estabilidade e prosperidade (54.2; cf. Ap 21.1-3).

* 33.21 rios e correntezas largas. Deus proverá para todas as necessidades dos cidadãos de seu reino (41.18; 48.18).

barco nenhum de remo... navio grande. Os reinos deste mundo não mais poderão intimidar e atacar o povo de Deus.

* 33.22 Ver notas em 2.4; 12.2; cf. 44.6; 51.4; Sl 46; 48; 96-99; Sf 3.15,17.

* 33.23 tuas enxárcias... a vela. O povo do Senhor é comparado a um

navio que é levado à deriva.

*** 33.24 Nenhum morador... ao povo que habita. Ver nota no v. 14.**

* 34.2 a indignação... o seu furor. Ver notas em 5.25; 10.5.

a destruição... à matança. Essas nações estão destinadas à destruição, tal como no caso dos cananeus (Js 6.17).

* 34.3 do sangue deles. O sangue dos mortos será tão abundante que

criará uma gordura escorregadia (v. 7). Essa é uma figura do dia do Senhor sobre a terra.

* 34.4 se enrolarão. Ver Hb 1.10-12; 2Pe 3.12. Assim como o Senhor

espalhou os céus, por ocasião da criação (42.25), no fim ele os enrolará (Mc 13.24,25; Ap 6.13).

* 34.5 desce sobre. A espada vingadora do Senhor, após demolir o

panteão dos céus, atingirá Edom, em particular.

Edom. Essa nação representa aqui todas as nações (63.1-6; Ez 35; Ob 10-14; cf. Ap 18.2).

* 34.6 A espada do Senhor. Ver Ap 19.15.

Bozra. Uma importante cidade de Edom, a 48 km a sudeste do mar Morto.

* 34.7 Os bois selvagens... os touros. Esses termos referem-se aos

líderes dos edomitas.

* 34.8 o dia da vingança. O dia do Senhor será o tempo quando o

Senhor estabelecer o seu reino na terra, livrando e glorificando os seus santos e punindo os ímpios e os opressores de seus filhos (2.11, nota; 35.4; 59.17,18; 61.2; 63.4).

* 34.9 piche... piche ardente. Uma alusão à queda de Sodoma e

Gomorra (Gn 19.24-28; Sl 11.6; Jr 49.17,18; Ap 14.10,11).

* 34.10 Nem de noite nem de dia... de geração em geração. O

julgamento de Deus será eterno (66.24; Mt 18.8,9; 25.41,46; Mc 9.43,48).

* 34.11 o cordel da destruição e o prumo da ruína. As mesmas

palavras hebraicas, aqui traduzidas por "destruição" e "ruína", foram traduzidas por "sem forma e vazia", em Gn 1.2. Deus decretou a desolação dos poderes que se opõem à sua ordem. Ele castigará com a desordem aqueles que

lançarem confusão na sua ordem.

* 34.16 livro do Senhor. Provavelmente a profecia dos vs. 1-15. O Espírito cuidará para que aquilo que a Palavra anuncia tenha cumprimento.

* 34.17 ele lançou as sortes. Assim como Deus distribuiu a Terra Prometida mediante o lançamento de sortes (Js 18.10), assim ele dividirá Edom entre os animais imundos (v. 11).

* 35.1 o deserto. Ver nota em 40.3. A presença do Espírito de Deus da restauração transforma a natureza e as pessoas, mesmo quando isso é afetado por este mundo pecaminoso (32.15, nota).

* 35.2 do nosso Deus. Quanto à revelação do reino de Deus, ver notas em 6.3; 33.17,21.

* 35.4 não temais. Essa admoestação com freqüência ocorre como uma certeza de livramento dos opressores (7.4; 8.12, nota; 10.24; 37.6; 41.10,13; 43.5; 51.7).

A vingança... vos salvará. Deus trará completo livramento aos

oprimidos e estabelecerá a justiça na Terra (34.8, nota).

* 35.5,6 cegos... surdos. Essas transformações serão evidências de uma restauração sobrenatural, associadas ao ministério de Jesus (Mt 11.2-6; 12.22; Mc 7.37; Lc 7.21,22).

águas. Ver nota em 1.30.

* 35.7 com canas e juncos. Isso em contraste com 19.5,6.

* 35.8 caminho. Ver nota em 11.16; 40.3; contrastar 33.8.

Caminho Santo. Somente aqueles que tiverem sido limpos e consagrados terão o privilégio de caminhar pela estrada de salvação que conduz a Sião (4.3,

35.9 leão, animal feroz. Contrastar com 13.21,22; 34.11-15.

* 35.9,10 os remidos... os resgatados. Essas duas palavras

hebraicas com freqüência aparecem como paralelos (Jr 31.11; Os 13.14), e são quase sinônimas. Ambos esses vocábulos são usados para descrever o livramento divino de Israel do Egito (Êx 6.6; 15.15, onde a palavra "redimidos” traduz a palavra "resgatados” aqui. Essas palavras desempenham um importante papel na descrição feita por Isaías do livramento futuro do exílio como um novo êxodo (51.10,11). O Senhor é o "Redentor” (41.14, nota; 49.26), que perdoou os pecados de Israel (44.22; Sl 103.3,4).

* 35.10 a tristeza e o gemido. Ver nota em 25.8; cf. 51.11.

* 36.1—39.8 Essa ponte histórica entre os capítulos 1-35 e 40-66 tem como paralelo direto o trecho de 2Rs 18.13-20.19. Registra o cumprimento das predições de Isaías que o Senhor julgaria a Judá trazendo o exército assírio até os portões de Jerusalém e em seguida julgando aquele orgulhoso exército destruindo-o ali, preservando um remanescente fiel na cidade. A fé do rei Ezequias contrasta-se com a

de seu pai, Acaz. Mediante a fé, Ezequias aceitou um sinal quando foi atacado por uma enfermidade (30.7,8). Acaz, porém, recusou-se a pedir um sinal (7.12).

* 36.1 No ano décimo quarto. Em cerca de 701 a.C., Ezequias

governou como co-regente com seu pai, Acaz, de 729 a 715 a.C. e tornou-se rei exclusivo de Judá desde 715 a 686 a.C. Alguns estudiosos explicam que o ano "décimo quarto" seria devido a um erro de copista, em lugar de "vigésimo quarto"; mas outros sugerem que Isaías referia-se ao começo do governo independente de Ezequias, em 715 a.C.

Senaqueribe. Ele foi rei da Assíria entre 705 e 681 a.C.

contra todas as cidades fortificadas. Senaqueribe deixou registrado, em seus anais, que 46 cidades fortificadas foram conquistadas durante essa

* 36.2 Rabsaqué. Ele era o conselheiro real quanto a assuntos militares. De acordo com 2Rs 18.17, o rei também enviou o seu "tartã" ("comandante em chefe"; cf. Is 20.1), e seu "rabsaris" ("principal oficial").

com grande exército. De acordo com 37.36, 185.000 soldados assírios foram mortos no cerco de Jerusalém; o exército completo teria sido muito mais numeroso do que isso.

Laquis. Essa cidade-fortaleza na parte ocidental da região montanhosa de Judá, guardava uma importante estrada que levava às terras altas ao sul de Jerusalém (Jr 34.7).

aqueduto do açude superior. Isaías tinha-se encontrado ali com Acaz (7.3).

* 36.3 Eliaquim... Sebna. Ver nota em 22.19.

Joá... o cronista. Ele era um importante oficial, e também o porta-voz oficial do rei.

* 36.4 o sumo-rei. Um título oficial dos reis assírios, equivalente a

“imperador”. Em contraste, Ezequias é mencionado sem qualquer título (vs. 13 e 14).

* 36.5 em quem, pois, agora confias. O desafio de assumir a lealdade

à Assíria, a outras potências políticas, ou ao Senhor, era a mensagem essencial de Isaías (12.2, nota).

* 36.6 no Egito. Ezequias vinha dependendo do apoio egípcio

*

(30.2,6,7,13; 31.1,3 e notas). Mas conforme Isaías tinha dito, o Egito nunca poderia livrar a Judá, pois os egípcios também estavam sob o castigo divino (19.1-15; 20.3-6).

36.7 cujos altos e altares. Ezequias tinha removido muitos locais

pagãos e idólatras em Judá (2Rs 18.4; 2Cr 31.1), sem dúvida para lamentação e ira de muitos judeus.

este altar. Essa acusação focaliza a atenção sobre o requisito de adorar exclusivamente no templo de Salomão.

* 36.8 dois mil cavalos... cavaleiros. Judá não possuía cavalaria; a

Assíria sim.

*

36.10 o SENHOR mesmo me disse. Ele estava tentar

apelar para o

povo religioso de Judá.

* 36.11 em aramaico. Já por muitos séculos, o aramaico era a linguagem

internacional da diplomacia e do comércio.

* 36.15 confiar... nos livrará. Essas palavras testificam sobre a

expressão pública de fé em Deus, por parte de Ezequias.

confiar no SENHOR. Este tema tinha estado no âmago da pregação de Isaías, nos caps. 7-35.

*
36.16 Fazei as pazes comigo. Lit., "fazei uma bênção O Rabsaqué

apelou para a renovação de uma aliança política com a Assíria. Em contraste, ver 27.5.

comei... e bebei. Ele tentou os judeus com alimentos e bebidas (37.30, nota), em meio a um severo cerco (v. 12). Os assírios projetaram uma vida feliz e ideal, mas somente o Senhor era capaz de cumprir o que eles prometiam.

* 36.17 e vos leve. Essa frase reflete a política assíria de exilar uma

população rebelde (cf. 2Rs 15.29).

*** 37.1 rasgou as suas vestes... pano de saco. Essas expressões de**

lamentação e arrependimento importam em humildade, dependência e necessidade de Deus.

* 37.2 Eliaquim... Sebna. Ver 22.15-25.

os anciãos dos sacerdotes. Ou seja, representantes das principais famílias sacerdotais (Jr 19.1).

* 37.3 de angústia... de opróbrio. Aquele era um tempo de adversidade, quando a lealdade do povo estava sendo testada (cf. 25.4; 26.16; 33.2).

hora de nascer, e não há força. Ezequias admitiu a futilidade das estratégias humanas em um tempo de crise aguda (26.17,18).

* 37.4 o Deus vivo. Essas palavras exprimem a fé renovada de Ezequias e o seu zelo pelo nome do Senhor.

pelos que ainda subsistem. A população do país tinha sido dizimada (1.9, nota; 6.11).

* 37.7 voltará... eu o farei cair. Ver 37.38. Isaías encorajou Ezequias a confiar no Senhor, tal como havia encorajado a Acaz (7.4).

* 37.8-13 Senaqueribe renovou sua tentativa de persuadir a Ezequias a

submeter-se e depender da Assíria. Ao zombar dos deuses das nações, ele desafiou Ezequias a parar de confiar no Senhor.

* 37.8 Libna. Uma cidade na região montanhosa ocidental de Judá, a poucos quilômetros ao norte de Laquis (36.2, nota).

* 37.9 rei da Etiópia. O Egito era governado por uma dinastia etíope, nessa época. Tiraca comandava as tropas egípcias em 701 a.C. Ele se tornou o único rei em cerca de 689 a.C. Quanto à "Etiópia", ver 18.1, nota.

* 37.10,11 Senaqueribe desafiou a habilidade do Senhor em livrar Judá (v. 4, nota).

* 37.12 meus pais. Senaqueribe afirma que seu deus estava com ele,

porquanto o sucesso dos assírios na guerra datava de várias gerações.

Gozã... Éden. Cidades da Mesopotâmia.

* 37.13 Hamate... Iva. Cidades de Arã (Síria).

* 37.14-20 Ezequias não deu resposta às palavras jactanciosas de

Senaqueribe; em vez disso, voltou-se para o Senhor em oração (38.2). Diferente de Acaz, porém, Ezequias confessou sua completa confiança no Senhor como Rei, Criador e Redentor. A teologia dessa oração sumariou a visão de Deus tida por Isaías.

* 37.16 entronizado acima dos querubins. Deus está com o seu povo e

governa os seus(1Sm 4.4; 2Sm 6.2; Sl 80.1; 99.1), verdades essas representadas pela sua presença no Santo dos Santos do templo, que continha a arca da aliança, com as asas dos dois querubins por cima dela.

tu somente és o Deus de todos os reinos. Ezequias atribuiu deidade somente ao Senhor (44.8; 45.5,6,14,22; 46.9).

reinos. Ver nota em 13.4.

tu fizeste os céus e a terra. Há uma ênfase distinta nas profecias de Isaías sobre Yahweh, como o Criador soberano e absoluto de todos (27.10,11; 42.5; 45.12,18).

* 37.17 Inclina... o teu ouvido, e ouve. Fazendo contraste com os

deuses da Assíria, o Senhor vê, ouve e age.

*
37.19 Quanto à polêmica de Isaías contra a idolatria,

* 37.21 o SENHOR, o Deus de Israel. Um título formal para aquele cuja

Aliança fora firmada com as doze tribos de Israel.

* 37.22 A virgem, filha de Sião. A convenção literária dos hebreus falava

em cidades e povos como donzelas (47.1; Lm 2.10; Am 5.2).

Sião. Ver nota em 1.8.

te despreza... meneia a cabeça. Ela expressou dessa maneira rejeição e zombaria (Sl 22.7; Jr 18.16). Esse cântico zombeteiro, nos vs. 22-29, é semelhante ao cântico em 14.4-21.

* 37.23 alçaste a voz... ergueste os olhos? A Assíria se exaltara contra

o Senhor.

* 37.24 subi ao cume dos montes. Essa expressão poética, que enfatiza

a superioridade e o orgulho (14.13,14), usualmente é reservada à deidade.

* 37.25 Cavei e bebi... sequei. Reivindicações absolutas de autoridade

sobre a criação são um insulto às prerrogativas de Deus.

* 37.26 as faço executar. A Assíria nada era senão um instrumento para

fazer avançar os planos de Deus.

montões de ruínas as cidades fortificadas. A Assíria cumpriu a vontade de Deus entre os reinos deste mundo (10.5-19; cf. Sl 37.1,2; Mq 4.11-13). Ver nota em 27.10.

* 37.28 eu conheço. Deus era soberano sobre a Assíria. Os assírios

jamais poderiam escapar ao seu escrutínio (cf. Sl 139).

* 37.29 teu furor... tua arrogância. Deus tinha visto o que a Assíria tinha

feito, considerando-a responsável, e decidiu puni-la.

meu anzol. Os monumentos assírios mostram seus cativos presos com anzóis ou argolas.

* 37.30 por sinal. A derrubada da Assíria e a restauração de um

remanescente eram um testemunho da fidelidade de Deus no desdobramento de seus planos (7.11, nota).

comei os seus frutos. Aquilo que os governantes assírios tinham prometido (36.16), somente o Senhor tinha a capacidade de cumprir.

* 37.31 O que escapou. Ver nota em 1.9.

raízes... fruto. Esses acontecimentos cumpririam a promessa divina de restaurar a sua vinha (27.6, nota). Essa restauração começou em 701 a.C., e continua, e todos quantos estão em Jesus Cristo estão

sendo enxertados na vinha e se tornando parte da vinha de Deus (Jo 15.1-8).

* 37.35 eu defenderei... para a livrar. Ver nota em 31.5. Senaqueribe

não logrou sucesso em seu cerco de Jerusalém. Deus foi fiel à promessa feita a Davi (8.8; 10.2; 2Sm 7.16).

meu servo. Ver nota em 20.3.

* 37.36 o Anjo do SENHOR. O livramento de Jerusalém ocorreu por

meios sobrenaturais, tal como se deu com a morte dos primogênitos do Egito (Êx 12.12; cf. 2Sm 24.16).

* 37.38 na casa de Nisroque. A morte de Senaqueribe, no templo de

Nisroque, faz contraste com a vida que Ezequias achou no templo do Senhor (vs. 1,14).

o feriram à espada. Vinte anos mais tarde, ele foi assassinado por seus próprios filhos (681 a.C.).

Ararate. Essa é uma região montanhosa no extremo oriental da moderna Turquia.

Esar-Hadom. Ele foi rei da Assíria de 681 a 669 a.C.

* 38.1 Naqueles dias. Essa expressão refere-se ao período geral do

cerco de Jerusalém pelos assírios (701 a.C.; 36.1, nota).

* 38.2 orou. Nesta segunda oração (cf. 37.14-20) o rei deposita sua

confiança na justiça de Deus.

* 38.3 Lembra-te... reto. Essa petição é uma comovente expressão de

lealdade a Yahweh (33.14-16).

com fidelidade... fiz o que era reto. Ver 10.19 e nota.

chorou muitíssimo. Ezequias, ao que tudo indica, estava sem qualquer herdeiro do sexo masculino. Ele viveu mais quinze anos (v. 5). Manassés, seu sucessor ao trono, tinha doze anos de idade quando Ezequias morreu (2Rs 20.21-21.1).

* 38.5 quinze anos. Esse foi o período entre 701 e 686 a.C.

*** 38.6 Livrar-te-ei... defenderei. Ver 37.33-35.**

* 38.7 sinal. Ver 7.11-14; 37.30.

* 38.9 Cântico de Ezequias. Os versículos 10-20 são um hino que

combina os elementos de lamentação (vs. 10-15) e de ação de graça (vs. 1620; 2Cr 20.30; Pv 25.1).

* 38.10 Em pleno vigor... meus anos. Ezequias expressou a sua

angústia diante da realidade e do ferrão da morte (Sl 55.4).

* 38.11 já não verei o SENHOR. Ezequias não queria partir desta vida,

na qual servia a Deus. Ver 14.9-11, nota; Fp 1.24.

*** 38.12 foi arrancada... me cortarás a vida da urdidura. Ezequias**

ofereceu muitas metáforas por estar vexado diante da brevidade da vida, como

se Deus fosse seu inimigo (cf. Sl 22; 32.3,4).

* 38.14,15 ando oprimido... amargura. Ezequias estava resolvido a

permanecer fiel e a entregar-se à vontade misteriosa do Senhor, por mais dolorosa que ela fosse.

* 38.17 da cova da corrupção. No hebraico, *sheol;* ver 14.6-11, nota.

* 38.18 louvar... glorificar-te. A ênfase de Ezequias era sobre o louvor

comunal e pessoal, diante dos atos de salvação da parte de Deus nesta vida. O louvor só seria oferecido na terra dos viventes.

* 38.19 o pai... aos filhos. A história dos atos divinos da redenção

deveria ser contada de geração em geração (cf. Êx 12.25-27).

*** 38.20 veio salvar-me... todos os dias de nossa vida. A esperança**

estava viva (cf. Sl 6.9; 22.22-24), conforme Ezequias esperava juntar-se ao louvor comunal (vs. 18 e 19).

os instrumentos de corda. O acompanhamento de instrumentos musicais ajudava no cântico dos salmos (cf. Sl 33.1-3; 150).

na Casa do SENHOR. Esse era o lugar especialmente designado por Deus para a adoração desde o tempo de Salomão, até Cristo.

* 38.21 como emplasto. Toda cura vem da parte de Deus. Ele

pode

concedê-la através da medicina.

* 39.1 Nesse tempo. Ou seja, algum tempo após a enfermidade de

Ezequias (38.1, nota).

* 39.2 a prata... nos seus tesouros. Aquelas armas e aquela riqueza

evidenciavam a capacidade de Ezequias de apoiar a Babilônia em sua rebelião contra a Assíria.

* 39.3 Isaías... Ezequias. Isaías veio para falar por Deus, e interrogou a Ezequias.

* 39.4 meus tesouros. Os atos de Ezequias sugerem que ele estava confiando em suas forças e em sua aliança política com a Babilônia, e não no Senhor.

* 39.5 Ouve a palavra do SENHOR. Essa frase introduz a acusação profética e o julgamento divino.

SENHOR dos Exércitos. Ver nota em 1.9.

* 39.6 será levado para Babilônia. Isaías predisse aqui o exílio babilônico.

* 39.7 teus próprios filhos. Ver 2Rs 24.15. eunucos. Ver Dn 1.3-6.

* 39.8 Boa é a palavra. Ver nota no v. 5.

Haverá paz... em meus dias. Essa resposta tem uma nota negativa, pois o rei mostrou pouco interesse por seus próprios descendentes ou por seu povo. Embora tenha chegado ao fim o exílio babilônico, a palavra profética deixa claro que "para os perversos... não há paz”

(48.22; 57.21). Mas a paz de Deus alcançaria os filhos de Sião (66.12,13).

* 40.1—55.13 Originalmente, Isaías endereçou essas palavras aos exilados futuros na Babilônia, encorajando-os a fugirem de lá e, mediante a fé, retornarem à Terra Prometida (p.ex., 48.20,21). Esse encorajamento se origina parcialmente do caráter sobrenatural deles (p.ex., 41.21-27). Essas profecias, entregues com mais de um século e meio de antecedência (Introdução: Dificuldades de Interpretação), deixam boquiabertos os seus ouvintes ao predizerem o livramento imediato de Israel (isto é, Judá) da Babilônia, por parte de Ciro (p.ex., 44-24-45.13), a vinda do Cristo sofredor a fim de salvá-los de

seus pecados, após o retorno à Terra Prometida (42.1-7; 49.1-13; 50.4-11; 52.13-53.12), e a salvação final de Israel nos últimos dias (51.6). As profecias próximas, mais remotas e as mais remotas de todas misturam-se na tela. Da perspectiva de Isaías, a restauração após o exílio inauguraria a nova era, e essa primeira prova de salvação através do servo de Deus, Ciro, liga-se com a salvação maior que Cristo, o Servo de Deus, traria ao seu povo. Atualmente, os eleitos têm maior confiança nas palavras proféticas, porquanto foram cumpridas em Cristo e se estão cumprindo na sua Igreja (2Pe 1.19).

* 40.1 Consolai, consolai. A forma desses verbos está no plural. Deus

se dirigia à sua corte celestial bem como aos mensageiros proféticos, que participariam das bênçãos (v. 6; 44.26). Outros arautos seriam encorajados a propalar as boas novas (vs. 9-11; 52.7). A repetição visava a ênfase, e ocorre em 51.9,17; 52.1,11; 57.14; 62.10.

o meu povo. Embora os israelitas tivessem se rebelado, eles continuavam sendo tratados como o povo de Deus. A frase ocorre com freqüência em Isaías (1.3; 3.12,15; 43.20; 51.4, 16; 53.8; 58.1; 65.10,22). Ver 43.1, nota.

* 40.2 milícia... sua iniqüidade. Isaías refere-se aqui ao exílio de Israel

e de Judá, sobre o que ele tinha falado por repetidas vezes. O sofrimento por causa do pecado. Ver nota em 27.9.

já recebeu em dobro... por todos os seus pecados. Deus decidira que a punição recebida por Israel era suficiente, e agora estava pronto para perdoá-los (43.25; 44.22; 48.9).

* 40.3 Voz. Embora a voz tenha incluído profetas anteriores, como

Isaías, essa predição teve cumprimento no ministério de João Batista (Mt 3.3; Mc 1.3,4; Lc 1.76; 3.4,5; Jo 1.23).

no deserto... no ermo. Essas são metáforas usadas para indicar alienação e angústia (14.17; 27.10; 64.10). Somente Deus pode transformar o deserto em um oásis florescente e frutífero, uma figura simbólica que aponta para a plenitude e a alegria de sua salvação (32.15,16; 35.1,6; 41.18,19; 43.19,20;

48.21; 51.3).

Preparai... endireitai. "Preparar" significa "retirar os obstáculos" (57.14). Deus removeria todos os obstáculos por ocasião da vinda de Cristo, mas ele esperava que seu povo se preparasse para o reino (62.10), e requeria que as nações assistissem ao progresso de sua salvação.

o caminho... vereda. Ver nota em 11.16. Aqui, essas são figuras que simbolizam os corações humanos, que devem ser preparados por meio do arrependimento (35.8-10; Lc 3.3-9). Quando isso acontecer, a glória de Deus surgirá na face da terra.

* 40.4 vale... o que é tortuoso. Por ocasião do aparecimento do Senhor

(6.4, nota), a natureza se submeterá à sua vontade. Ele removerá todos os obstáculos e preparará uma estrada por meio da qual o cortejo real avançará no estabelecimento do reino.

* 40.5 se manifestará. O reino de Deus se "revelará" através de atos de

salvação e julgamento, especialmente em Jesus Cristo (Lc 2.30,31; Jo 1.14). A restauração do exílio foi uma manifestação da glória de Deus.

toda a carne a verá. A revelação do reino de Deus será algo público e visível na criação, em Cristo, na Igreja e na nova terra (Gn 9.17; Mt 2.1-11; 16.27; 24.30; At 28.28; 2Co 3.18).

a boca. Ver nota em 1.20. Essa afirmação é expandida nos vs. 6-8.

* 40.6 Uma voz. Uma voz angelical dirige-se a Isaías (6.6-9).

* 40.7 o hálito. A ira de Deus é comparada com o destruidor vento

oriental (Sl 103.16; Jr 4.11; Ez 17.10).

* 40.9 Sião. Ver nota em 1.8.

boas-novas. Ou seja, o evangelho. Deus veio para redimir seu povo

escravizado.

* 40.10 virá. Ele chegará a fim de inaugurar o seu reino na terra (35.4, nota; 43.15; 44.6; 52.7-10).

o seu braço. Essa metáfora descreve o poder de Deus conforme esse poder se manifesta em atos de livramento e de retribuição (v. 11; 48.14; 51.5,9; 53.1; 59.16; 63.5,12; Êx 15.16; Sl 44.3; 89.13; 98.1; 136.12).

o seu galardão. Os despojos da vitória aqui alcançada serão as

próprias pessoas. Os exilados redimidos tanto prefiguram a comunidade messiânica quanto se misturam a ela.

* 40.11 o seu rebanho... os levará. Essas são expressões dos cuidados ternos e próprios de um pastor do Rei divino (Sl 23.1-4; 78.52; 80.1; Jr 31.10; Ez 34.11-16; Mq 2.12; Jo 10.11).

* 40.15 as nações... as ilhas. O Criador é soberano sobre todos os poderes humanos — os quais são como nada (2.22).

* 40.16 o Líbano. Famoso por suas densas florestas de cedro (2.13, nota).

* 40.18 compararеis. O Senhor é incomparável (v. 25; 46.5). Ver "A

Natureza Espiritual de Deus", em 66.1.

* 40.19 cadeias de prata. Provavelmente cadeias que impediam que um

ídolo tombasse de seu lugar. Quanto à polêmica de Isaías contra a idolatria, ver 2.8.

*
40.21 não sabeis?... não atentastes. Essa acusação é contra

aqueles que rejeitam a revelação divina.

desde o princípio?... os fundamentos. A glória e o poder de Deus são revelados na natureza (Rm 1.20).

* 40.22 A redondeza. Esse é ou o horizonte ou o hemisfério do céu acima da terra.

como tenda. A Criação de Deus é comparada a uma tenda que Deus armou (42.5; 44.24; 51.13; Sl 18.11; 19.4).

* 40.24 plantados... uma tempestade. Este versículo desenvolve o quadro mental introduzido nos vs. 6 e 7.

como palha. Ver notas em 17.13; 29.5.

* 40.26 Levantai... e vede. Deus considera as pessoas responsáveis por discernirem a sua revelação na Criação (Rm 1.18-32).

chama... em força. O Senhor conhece e sustenta a sua criação.

* 40.27 ó Jacó... ó Israel. Isaías tinha em mente o remanescente no exílio. Ver nota em 41.8.

encoberto... passa despercebido. Em sua ira, Deus ocultou deles o seu rosto (49.14; 54.8), mas em sua graça ele é poderoso para livrar (8.17, nota).

* 40.28 Não sabes, não ouviste. Ver nota no v. 21; "A Auto-existência de Deus", em Sl 90.2.

o eterno Deus. O Criador é soberano sobre o tempo e o espaço (9.6; 40.22).

* 40.31 os que esperam. Ver notas em 8.17; 26.8,9.

renovam... sobem... correm. Esses verbos fornecem um vívido quadro da transformação espiritual que ocorre por meio da fé.

* 41.1 ó ilhas... os povos. Ver notas em 24.13,16; 40.15.

Calai-vos... cheguem-se. Todas as nações são chamadas para reconhecer a soberania do Senhor e discernir a sua mão na história.

as suas forças. O profeta exorta as nações para aceitarem as forças mediadas pela fé (40.31).

* 41.2 Quem suscitou do Oriente. A saber, Ciro o Grande, da

Pérsia (reinou entre 550 e 530 a.C.; v. 25; 44.28; 45.1 e notas).

se lhe submetam. Ciro foi vitorioso no estabelecimento de uma nova ordem de coisas (1.21, nota; 44.24 - 45.5,13; 46.11).

faz que as nações... os transforme. As vitórias de Ciro foram um ato do Senhor, em favor de Israel (43.3).

as nações... os reis. As nações estão sob a autoridade do Senhor, e elas devem reconhecer seu nome para participarem no seu plano de redenção (45.1; 49.22,23; 60.3,16).

* 41.3 Persegue-os e passa adiante. As conquistas de Ciro foram rápidas (cf. 46.11).

* 41.4 desde o princípio. Deus ordenou com antecedência toda a História da humanidade.

eu, o SENHOR... eu mesmo. Temos aqui a mais significativa fórmula de auto-identificação divina (41.13; 42.8; 43.3,10,13,15; 44.24; 45.3,5,6; 46.4; 48.17; 49.23; 51.15; 60.22; note o uso do "eu sou", em Jo 6.35; 8.12,58; 9.5; 10.7,9,11,14; 11.25; 14.6; 15.1,5).

o primeiro, e com os últimos. Essas palavras nos asseguram que tudo está sob o controle do Senhor (44.6; 48.12; cf. Hb 13.8; Ap 1.8,17; 2.8; 21.6; 22.13).

* 41.5,6 temeram. Esse tipo de medo leva à rebelião, como reação ao desafio feito pelo Senhor, no v. 1.

* 41.7 Quanto à polêmica de Isaías contra a idolatria, ver 2.8.

* 41.8 tu, ó Israel... tu Jacó. Essas são expressões paralelas dirigidas

aos filhos piedosos de Abraão (v. 14; 40.27; 42.24; 43.1,22,28;

44.1,5,21,23; 45.4; 46.3; 48.1,12; cf. Lc 1.54).

a quem elegi. Ver nota em 14.1.

* 41.10 não temas. Ver notas em 35.4; 10.24.

eu sou contigo. O Senhor é Emanuel (8.8,10; 43.2,5; cf. At 18.9,10).

eu sou o teu Deus. A promessa básica para a aliança (vs. 13,14; 43.1,5; 44.2,8; 51.12; Gn 17.7; 21.17; 26.24; Dt 20.1; 31.6,8; Lv 26.12; Jr 32.38; Ez 37.27; 2Co 6.16).

eu te fortaleço e te ajudo. O Senhor faz-se presente livrando, exaltando e vindicando graciosamente os seus filhos (v. 13; 42.1; 44.2; 49.8; 50.7). Ver nota em 40.31.

com a minha destra. Deus estabelece a boa ordem na terra mediante o seu poder, tal como fez por ocasião do êxodo (63.12; Êx 15.6).

* 41.11 envergonhados. Ver nota em 1.29.

* 41.14 ó vermezinho. Essa mesma palavra ocorre em Jó 25.6 e Sl 22.6.

Redentor. O termo hebraico designa o protetor da família. Quando algum membro da família era prejudicado, esse protetor, entre outras coisas, vingava um homicídio (Nm 35.19), redimia a propriedade da família, e também os membros da família que tivessem se tornado escravos (Lv 25.23-49; Rt 2.20, nota). Ver também 35.9,10 e nota.

o Santo de Israel. Ver nota em 1.4. O Senhor, o Deus Santo, condescende em

* 41.15 os montes... os outeiros. Esses montes e outeiros representam

os muitos inimigos de Israel (vs. 11,12; cf. 42.15).

* 41.17 Os aflitos e necessitados. Esses eram os exilados que estavam

retornando e todos os que buscavam o favor divino (11.4, nota; Sl 9.18, nota).

* 41.18,19 A abundância de águas ("rios... açudes de águas") e de vegetação ("o cedro... o cipreste") retratam a transformação da criação (12.3; 35.1 e nota; 43.18-20; 49.9-11; 55.13).

* 41.20 criou. Ver nota em 4.5.

* 41.21 vossa demanda... vossas razões. Deus renovou aqui o desafio

lançado no v. 1.

* 41.22 hão de acontecer... coisas futuras. Somente o Senhor planeja,

declara e executa. Ver a nota em 11.2.

as profecias anteriores. Ver 42.9; 43.9; 46.9; 48.3. Essas profecias incluem predições passadas de eventos, especialmente o fato de que Deus abandonaria Israel e Judá, conforme está registrado nos caps. 1-35.

as coisas futuras. Ver 42.23; 44.7; 45.11; 46.10. Essas são profecias do favor do Senhor e do pleno estabelecimento do seu reino, tal como se vê nos caps. 40—66.

* 41.23 fazei bem, ou fazei mal. Deus zomba aqui dos deuses pagãos, por sua incapacidade de agir quanto a qualquer coisa.

* 41.24 sois menos do que nada... abominação. Deus condena aqueles que se afastam dele.

* 41.25 suscito... e ele vem. O Senhor mostrará aqui a sua

soberania

sobre as nações.

Do norte... desde o nascimento do sol. Ciro veio da Pérsia, no oriente, e conquistou a Média em 549 a.C., tornando-se senhor de territórios ao norte da Babilônia. Ele executou a vontade do Senhor (45.4,5; 2Cr 36.23; Ed 1.1-4).

oleiro. Ver nota em 27.11.

*** 41.27 dou um mensageiro de boas-novas. Provavelmente a**

referência aqui é ao próprio Isaías (40.1, nota).

boas-novas. O evangelho da graça de Deus (40.9).

* 41.28 não há ninguém... e me responda. As nações e seus ídolos são

débeis.

* 41.29 são nada... vento e vácuo. O parecer do Senhor sobre os ídolos

é que eles são vazios e sem valor (40.18-20; 41.7,21-24; 44.9).

* 42.1-9 Este é o primeiro dentre quatro "Cânticos do Servo", nos caps. 40

—55, que celebram o Servo do Senhor (49.1-7; 50.4-11; 52.13-53.12; cf. o cap. 61).

* 42.1 servo. Ver nota em 20.3. A figura do servo tem cumprimento em

Jesus (Mt 12.15-21), mas também se aplica a Israel (41.8, nota), antes de sua vinda, e à Igreja, posteriormente (1Pe 2.21-25). Israel como "Servo" inclui somente os israelitas fiéis, e não os israelitas infiéis (vs. 18-22).

a quem sustenho. Ver nota em 41.10.

meu escolhido. Ver nota em 14.1.

se compraz. O Servo agrada a Deus e é objeto de seu amor e favor

(60.10; 62.4; Mt 3.17; Mc 1.11; Lc 9.35).

o direito para os gentios. Deus instituiu seu reino universal de justiça e retidão. "Justiça" é enfaticamente reiterado por três vezes, nos vs. 1-4.

* 42.2 Não clamará... nem fará ouvir a sua voz. O Servo não clamaria

para chamar a atenção, mas falaria em um espírito de gentileza e paciência.

*
42.3 a cana quebrada. Esta metáfora seria apropriada

e os necessitados (Sl 9.18, nota). Em lugar de esmagar os fracos, o Servo haveria de curá-los.

a torcida que fumega. Isso representa pessoas que estão próximas de perder a fé e a esperança.

*
42.4 o direito... a sua doutrina. O Servo praticaria a

(cf. 2.2-4). Ele seria maior do que Moisés (Dt 18.15-18; At 3.22-26), mediante uma nova aliança que capacitaria as pessoas a guardar a sua lei (v. 6; 2Co 3.3; Hb 8.7-13).

aguardarão. Ver 8.17, nota.

* 42.5 que criou os céus... formou a terra. Deus está acima de toda a

criação, na qualidade de Criador de tudo (4.5, nota).

o fôlego de vida... o espírito. O Criador e o Sustentador da vida (Sl 104.3; At 17.24,25) capacitaria o Servo a transformar a terra com uma nova vida espiritual.

*
42.6 te chamei... e te guardarei. Essas são expressõe

v. 1.

aliança com o povo. Jesus Cristo, na qualidade de Servo de Deus, trouxe a nova aliança ao seu povo (ver 53.4-6; Jr 31.31-34; Hb 8.6-13; 9.15). A aliança também é chamada de "aliança da paz” (54.10), de "aliança perpétua” (55.3; 61.8) e de "nova aliança” (Jr 31.31).

luz para os gentios. Os beneficiários da luz divina formarão uma nova comunidade de portadores da luz em um mundo tenebroso (9.2; 49.6; 51.4; 60.1 -3; Lc 2.30-32; At 26.17,18,23).

* 42.7 para abrires... em trevas. O exílio babilônico é descrito como

uma espécie de prisão escura. A salvação de Israel do exílio prefigura um livramento espiritual através de Cristo, da cegueira, da servidão e das trevas do pecado (5.30; 29.18; 51.14 e notas).

* 42.8 a minha glória. Ver "A Glória de Deus” em Ez 1.28, nota

teológica.

* 42.9 as primeiras predições. Essas "primeiras predições” incluem os

julgamentos profetizados contra Damasco, Samaria, Nínive e Judá (41.22, nota).

novas coisas. Essas "novas coisas” incluem a renovação da aliança, a restauração do povo de Israel à sua terra, o reino messiânico, a inclusão dos gentios, e os novos céus e a nova terra (41.22, nota).

eu vos anuncio... eu vo-las farei ouvir. Deus planeja, proclama e executa. Sua palavra terá cabal cumprimento (11.2, nota; 40.8).

* 42.10 um cântico novo. Os remidos entoarão um novo cântico,

conforme fizeram Moisés e Miriã, quando tinham testificado dos atos salvíficos de Deus (Êx 15.1,21; cf. 12.1-6 e notas; Sl 149.1; Ap 5.9; 14.3).

extremidades da terra. Onde quer que os filhos de Deus pudessem ser achados (11.12).

* 42.11 Quedar. Ver nota em 21.16 (60.7; Sl 120.5; Jr 2.10; 49.28,29).

rochas. Ver nota em 16.1.

* 42.12 a sua glória. O Senhor recebe aclamação da parte de seus

* 42.13 seu zelo. A certeza que temos é que quando o zelo do Senhor é

despertado, ele concretizará o seu plano (9.7, nota).

valente... homem de guerra. Isaías descreveu o Senhor como um Guerreiro divino, que é a nossa esperança (1.9; 5.26 e notas).

clamará. A palavra hebraica assim traduzida é diferente daquela do v. 2. Temos aqui um grito de guerra, de se pegar em armas, e não um grito de angústia.

* 42.16 Guiarei... jamais os desampararei. Deus promete estar com o

seu povo e os guiar, tal como fizera com Israel, no deserto (Êx 13.21,22).

* 42.18 Surdos... cegos. Eles eram "surdos” porque não ouviam (v. 23), e

eram "cegos” porque se recusavam ver a mão de Deus em sua história (v. 20; 48.3-6).

* 42.19 meu servo. O Senhor protesta contra a cegueira e a surdez de

Israel, nação esta que, inexplicavelmente, era tão fraca, espiritualmente falando, como os povos circunvizinhos.

* 42.21 engrandecer a lei. Uma elevada consideração pela lei de Deus

ampliará seu reino justo sobre a terra (v. 4, nota).

*** 42.22 roubado e saqueado... em cárceres. Essas condições se**

impuseram porque o povo se tinha rebelado contra o Senhor (v. 24).

* 42.24 Jacó... Israel. Ver nota em 41.8.

* 42.25 guerra. Deus, com efeito, lutou contra o seu próprio povo através

*

das devastações praticadas pelos assírios e pelos babilônios, contra Samaria e Judá.

43.1-7 Deus estabelecerá uma nova comunidade.

* 43.1 que te criou. Ver nota em 4.5. que te formou. Ver nota em 27.10,11.

Não temas. Ver nota em 10.24; 35.4.

eu te remi. Ver nota em 35.8,9.

chamei-te pelo teu nome. O Senhor chamara-os para serem o seu povo, e ele os conhecia por nome (v. 3, nota; 45.3; 49.1; 62.2; Jo 10.3; Ap 2.17). A bênção fundamental da aliança divina é expressa em Jr 30.22: "Vós sereis o meu povo, eu serei o vosso Deus". Ver também Êx 6.7; Lv 11.45; Jr 11.4.

* 43.2 pelas águas... pelo fogo. Essas palavras descrevem a aflição através das quais Deus levará seu povo até à segurança (Sl 66.6,12).

* 43.3 Egito... Etiópia... Sebá. Sebá, provavelmente, é o sul da Arábia, ou a Eritréia. Quanto à Etiópia, ver Sl 68.31, nota. O Senhor escolheu Israel acima dessas nações (Sl 147.20; Am 3.1,2), e transferiu as terras deles para o seu povo (Dt 4.20,37,38; Js 24.13; Sl 78.55).

* 43.4 precioso... digno de honra. O povo de Deus é exaltado pela eleição (49.5; Êx 19.5; Dt 7.6-8).

* 43.8 é cego, e surdo. Aqui, uma vez mais, temos menção à comunidade dos rebeldes. Ver notas em 29.18; 42.18,19. Espiritualmente "cego" e "surdo", Israel cumpre as profecias do Senhor, a despeito de si mesmo.

* 43.9 as predições antigas? Ver 41.22, nota.

* 43.10 o meu servo. Ver notas em 20.3; 41.8; 42.1.

* 43.13 antes que houvesse dia. Somente o Senhor, na antiguidade,

quis a redenção de seu povo (40.21; 41.4).

nenhum há que possa livrar. Ver Dt 32.39.

* 43.14 o que vos redime. Ver 35.9; 41.14 e notas.

* 43.16 no mar... nas águas impetuosas. Isaías referiu-se à

travessia do

mar Vermelho (Êx 14 e 15).

*** 43.17 o carro e o cavalo, o exército e a força. O profeta relembra aqui**

os carros de combate do Egito, que foram destruídos diante da face do Senhor (cf. 31.1).

* 43.19 coisa nova. O êxodo do Egito era menos importante do que a

nova era da redenção (42.9, nota).

um caminho no deserto. Ver nota em 40.3.

rios no ermo. Ver nota em 41.18.

*** 43.20 Os animais do campo... os filhotes de avestruzes. Essas**

criaturas estão associadas a áreas desoladas (34.11-15). Ver nota em 13.2022.

águas. Essa palavra nos faz lembrar a provisão de Deus no deserto (Êx 15.2226). Ver nota em 1.30.

meu povo. Ver notas nos vs. 1,3.

*** 43.22 não me tens invocado... te cansaste. Em lugar de ter**

apresentado oferendas e sacrifícios, os israelitas ficaram endurecidos em seus pecados.

* 43.23 Não me trouxeste o gado miúdo. O povo de Israel

observava

várias práticas religiosas, mas os animais não eram necessariamente

oferecidos a Deus. Quanto ao vazio dos sacrifícios que não passam de meros rituais externos, ver Jr 7.21-23, nota.

* 43.24 cana aromática. Uma planta aromática, possivelmente a cana de açúcar.

* 43.25 Eu, eu mesmo. Uma repetição para efeito de ênfase.

apago... não me lembro. Deus perdoa os nossos pecados, conforme Israel tinha experimentado após o incidente do bezerro de ouro (Êx 34.6,7; cf. Lc 5.21). O Senhor promete graciosamente perdoar e estabelecer a sua palavra (37.35; 42.21; 48.9,11).

* 43.26 apresenta as tuas razões. Eles estavam condenados, incapazes de refutar as acusações de Deus.

* 43.27 Teu primeiro pai. Jacó foi o pai das doze tribos (Os 12.2,3). guias. Esses são os líderes religiosos, incluindo os profetas e os sacerdotes.

* 43.28 os príncipes... ao opróbrio. A tribo de Judá foi envergonhada pela destruição do templo e do exílio de seu povo (63.18; cf. 2Rs 25.18-21).

* 44.1 servo meu. Ver notas em 20.3; 41.8; 42.1. a quem escolhi. Ver notas em 14.1; 43.3.

* 44.2 te formou. Ver nota em 27.11.

desde o ventre. Deus se compara a uma mãe que concebeu e deu à luz (v. 24; 42.14; 66.9).

Não temas. Ver notas em 10.24; 35.4.

ó amado. Outras versões dizem aqui “Jesurum”, um nome poético aplicado a

Israel (Dt 32.15), que significa "reto”.

* 44.3 derramarei o meu Espírito... os teus descendentes. Esta passagem desenvolve as promessas de 28.6; 32.15. O Espírito vive agora nos filhos da aliança (Jl 2.28,29; At 2.38,39).

a minha bênção. O Espírito também confirmará as promessas de Deus. Quanto à conexão entre a água e o Espírito, ver Mc 1.8-10.

* 44.5 Um... outro. Muitos participarão na nova era da restauração, quando gentios e judeus, juntos, confessarem o nome do Senhor (cf. Sl 87.46).

* 44.6-20 O Senhor confronta os ídolos. Quanto à polêmica de Isaías

contra a idolatria (vs. 9-20), ver 2.8, nota.

* 44.6 Ver a nota teológica "Um e Três: a Trindade”.

seu Redentor. Ver nota em 35.9,10.

Eu sou o primeiro, e eu sou o último. Ver nota em 41.4.

* 44.8 Rocha. Ver 8.14,15, nota; Dt 32.4,15,31.

*** 44.9 são nada... nenhum préstimo. Ver 41.29, nota.**

eles mesmos são testemunhas. Essas "testemunhas” poderiam ser os ídolos ou seus fabricantes. Nenhum deles, porém, tem o poder de enxergar ou de compreender (Sl 115.8).

*** 44.11 ajuntem-se todos e se apresentem. O meio-ambiente é**

o

tribunal da lei (41.21).

* 44.12 Um ídolo pode ser uma obra de arte, mas a mortalidade até do

melhor dos artífices é revelada em sua fome e sede. Como contraste, ver

40.28.

* 44.13 faz à semelhança e beleza de um homem. O carpinteiro faz seu

deus à sua própria imagem (Dt 4.16; Rm 1.22,23).

* 44.18 Nada sabem, nem entendem. São indivíduos totalmente

insensatos (v. 9; 6.9,10).

*** 44.19 uma abominação... um pedaço de árvore? O profeta utilizou-se**

do ridículo a fim de desmascarar a insensatez da idolatria. Ver "O Conhecimento de Deus Culpado da Humanidade", em Rm 1.19.

* 44.20 Não é mentira. A conclusão: a idolatria é uma fraude, uma

trapaça.

* 44.22 eu te remi. Somente o Senhor é o Redentor (35.9,10; 41.14 e

notas).

* 44.23 ó céus... todas as suas árvores. Toda a criação louvará a

Deus

por salvar Israel.

se glorificou. Deus glorificará os redimidos, os quais, por sua vez, conduzirão muitos a louvar ao Senhor por seus atos poderosos (4.2, nota; 49.3; 55.5; 60.21; 61.3).

* 44.25 os adivinhos. A adivinhação era estritamente proibida em Israel

(2.6; 8.19 e notas).

* 44.26 a palavra... o conselho. Essas palavras referem-se às

revelações do plano do Senhor (11.2, nota).

meu servo. Ver notas em 20.3; 41.8; 42.1.

suas ruínas. Essas são as regiões devastadas pela Babilônia. A restauração de Judá foi o começo de um novo estágio na história da Redenção.

*** 44.27 profundeza das águas... os teus rios. Talvez uma alusão à**

travessia do mar Vermelho (43.16,19 e notas). Essa profecia pode ter tido um cumprimento literal quando Ciro desviou as águas do rio Eufrates e fez entrar o seu exército através dos portões que permitiam que esse rio atravessasse a cidade de Babilônia (45.2, nota).

* 44.28 Ele é meu pastor. Por muitas vezes os reis são chamados

pastores (2Sm 5.2; Jr 3.15; cf. Mq 5.4). Ciro governou por decreto de Deus.

Jerusalém... templo. Esses foram reconstruídos por força do decreto real de Ciro (Ed 1.2-4; 6.3-5).

* 45.1 ao seu ungido. Esse título não é usado em qualquer outro lugar a

não ser acerca de Israel, e sua aplicação a Ciro deve ter chocado os ouvintes de Isaías.

a quem tomo pela mão direita. Ele governava pela autoridade de Yahweh (41.2; 48.14; cf. Sl 2.8,9; 110.1).

as nações... reis. Ver nota em 41.2.

* 45.2 quebrarei... despedaçarei. Coisa alguma pode resistir ao servo

do Senhor (cf. Sl 107.16).

as portas. Essa profecia pode ter tido um cumprimento literal quando Ciro usou os portões que permitiam que o rio Eufrates cruzasse a cidade de Babilônia (44.27, nota).

*** 45.3 os tesouros escondidos... as riquezas encobertas. Metais**

preciosos vinham de minas profundas (Jó 28.1-6). Ciro saqueou as fabulosas riquezas da Lídia, em 546 a.C.

que te chama pelo teu nome. O Senhor tinha suscitado a Ciro e o conhecia (cf. 43.1, nota).

* 45.4 Por amor do meu servo. Ver as notas em 20.3; 41.8; 42.1.

meu escolhido. Ver nota em 14.1.

Eu te chamei. Na qualidade de “pastor” de Deus (44.28) e "ungido” (v. 1), Ciro tinha um título de honra.

ainda que não me conheces. Ciro continuou sendo um incrédulo.

* 45.7 Eu formo. Ver nota em 27.11.

a luz... as trevas. O Senhor assevera o seu poder sobre dois polos fundamentais da realidade, conforme são descritos em Gn 1.3,4. Os termos paralelos “a paz” e “o mal”, incluem as realidades políticas que Ciro iria perturbar, ao cumprir o conselho de Deus.

* 45.8 ó céus... a terra. A criação precisaria preparar-se para o ato

divino de redenção, descrito por dois sinônimos: “salvação” e “justiça” (12.2; 26.17,18 e notas).

*
45.13 não por preço. Embora o Senhor tivesse confer a Ciro uma

polpuda recompensa (v. 3) por ter resgatado o seu povo (43.3), essa não foi a razão pela qual Ciro o libertou.

* 45.14 Egito... Etiópia... os sabeus. Ver 43.3, nota; Sal. 68.31. As

nações viriam para adorar o único Deus (Zc 8.23; Ef 3.6).

* 45.15 Deus misterioso. Sobre Deus é dito que ele se ocultava quando

parecia que ele não estava presente para ajudar o seu povo (8.17; 54.8). Deus também se “oculta” no sentido que ele não presta conta a ninguém, e seus caminhos com freqüência são misteriosos (55.8,9; Sl 77.19, nota; Rm 9.20; 11.33,34).

*** 45.17 salvação eterna... em toda a eternidade. Deus é diferente das**

pessoas e dos ídolos, os quais nunca podem garantir o futuro para si mesmos ou para outros (cf. Hb 5.9).

* 45.18 para ser um caos. Atrás de "caos" temos a mesma palavra

hebraica traduzida por "sem forma", em Gn 1.2. Esse foi o começo e não o fim da criação. Por semelhante modo, Deus não convida as pessoas para buscá-lo sem propósito. Deus levará ao fim aquele que ele começou (55.11; 66.9), e responde àqueles que o buscam (55.3; Mt 11.28; Hb 11.6).

* 45.19 em segredo... de trevas. As revelações do Senhor são diferentes

dos oráculos pagãos, que eram sempre obscuros e ambíguos. As revelações do Senhor eram claras e públicas, embora o desenvolvimento de suas promessas possam não conformar-se com as expectativas humanas (48.16).

* 45.22 todos os termos da terra. Ver o v. 14 e nota.

* 45.23 Por mim mesmo tenho jurado. As promessas de Deus são

garantidas pelo seu nome (14.24; 62.8; Gn 22.16; Êx 32.13; Hb 6.13-18).

todo joelho... toda língua. Esse é o alvo da história da Redenção (v. 14 e nota; Rm 14.11; 1Co 15.25; Fp 2.10,11).

* 46.1,2 Bel... Nebo. Deuses da Babilônia.

animais... canseira. Os ídolos são pesos mortos, uma carga sem vida sobre os animais que têm de carregá-la. Quanto à polêmica de Isaías

contra a idolatria, ver 2.8.

* 46.3 o restante. Ver nota em 1.9.

desde o nascimento... desde o ventre materno. Os cuidados do Senhor por seu povo são como os de uma mãe por seus filhos (44.2, nota; 49.5; cf. Dt 1.31; Os 11.3,4).

* 46.4 vossa velhice... cãs. O Senhor mostra-se constante em seus

cuidados (Sl 71.9,18).

eu serei o mesmo. Ver nota em 41.4.

* 46.9 passadas da antiguidade. Ver notas em 41.22; 42.9.

* 46.11 desde o oriente... o homem. Esse homem era Ciro; ver 41.2.

* 46.12 de obstinado coração. Estão em pauta os transgressores

referidos no v. 8. Assim como alguns, no primeiro êxodo, olharam para trás, para o Egito (Nm 14.3), assim também alguns, no segundo êxodo, anelaram pela Babilônia.

* 46.13 em Sião. Ver nota em 1.8.

* 47.1-15 Um oráculo atinente à queda da Babilônia, para ela nunca mais

erguer-se de novo.

* 47.1-3 A Babilônia, a rainha das nações, recebe ordem de descer de seu

trono e tornar-se uma escrava ocupada em trabalhos braçais. Em contraste, Sião, uma escrava no cativeiro, receberá ordens de

ascender ao seu trono (52.1,2).

* 47.1 virgem filha de Babilônia. A cidade de Babilônia e seus

habitantes.

* 47.2 tira... atravessa. Todos os privilégios e a posição de Babilônia

seriam removidos. Ela será humilhada.

* 47.4 Redentor. Ver as notas em 35.9; 41.14.

* 47.7 Eu serei senhora para sempre! A jactância de Babilônia

baseava-se no desprezo dela pelas verdades de que Deus governa a história e que ele a julgaria pelas suas crueldades (v. 6; Ap 18.7). A sociedade e a política da Babilônia não tinham consideração por Deus.

* 47.9 num momento, no mesmo dia. As perdas da Babilônia ocorrerão

subitamente.

perda de filhos e viuvez. Uma vez perdidos o seu marido e os seus filhos, não lhe restava esperança quanto ao futuro, e estava destinada a tornar-se escrava e extinguir-se. Contrastar com 49.21-23; 54.1-6.

* 47.10 A tua sabedoria e a tua ciência. Essas são as tradições

babilônicas de religião, magia e adivinhação. Ver nota em 44.25.

Eu só. Uma atrevida autoglorificação. Babilônia usurpa o nome de Deus (45.5,6,18,21,22; 46.9).

* 47.13 consultas!... os que dissecam os céus. A Babilônia dependia de

presságios dos corpos celestiais a fim de tomar suas decisões (Dn 2.2).

* 47.14 como restolho, o fogo. Ver Ap 18.17-19. Os astrólogos da

Babilônia (v. 13) praticavam suas artes para salvar Babilônia dessas profecias, mas nem ao menos podiam salvar a si mesmos (Dn 2.10-13).

* 48.1 Ouvi. Este apelo final e urgente teve por desígnio levar o surdo e

cego Israel (vs. 6,8; cf. 42.18-20; 46.3-12; 51.1) a reconhecer os caminhos de Deus na criação e na história (vs. 12 e 16.).

* 48.3 As primeiras coisas. Ver notas em 41.22; 42.9.

*** 48.5 desde aquele tempo... antes que acontecesse. Somente o**

Senhor decreta e executa a sua vontade, de acordo com a sua palavra.

* 48.6 Já o tens ouvido... olha. A evidência falava por si mesma, se ao

menos eles acreditassem na palavra de Deus.

coisas novas e ocultas, que não conhecias. Uma era de salvação e de justiça do reino tinha começado com a restauração do exílio, mas essas

profecias apontam para a vinda de Cristo e o crescimento de seu reino em sua plenitude (45.15; Ap 1.19).

* 48.10 te acrisolei... provei-te. O exílio foi um período de refinamento

(1.22,25; cf. Ez 22.18-22; 1Pe 1.7).

* 48.12 eu sou o mesmo. Contrastar essas palavras com a jactância da

Babilônia, em 47.8,10.

* 48.14 O Senhor amou a Ciro. Ver 41.2,25; 45.4; 46.11 e notas.

* 48.15 o chamei... farei próspero. A posição e o sucesso especial de

Ciro foram-lhe dados pelo Senhor.

* 48.16 tenho estado lá. Parece ser Cristo quem está falando neste

versículo. Conforme é comumente traduzido, ele revela que seu Espírito inspirou os profetas (Ap 19.10), e ele veio a este mundo enviado pelo Pai e pelo Espírito. A salvação é obra do Deus trino e uno.

* 48.17 o teu Redentor. Ver nota em 35.9; 41.14.

* 48.18 Ah! se tivesses dado ouvidos. Deus revela um anelo

compassivo por seu povo, o qual poderia ter encontrado a paz se vivesse para ele. É conforme disse Dante: "Na sua vontade está a nossa paz".

um rio... as ondas do mar. Essas símiles representam vida abundante (66.12; Am 5.24).

tua justiça. Ver nota em 1.21. A paz e a retidão andam juntas (v. 22; 26.3, nota; 32.17; 54.13,14; 60.17; Sl 85.10; Hb 7.2).

* 48.19 a tua posteridade... como a areia. Essa foi uma promessa

inicialmente feita a Abraão (Gn 12.2; 22.17).

* 48.21 sede... as águas correram. O profeta relembra aqui o êxodo do

Egito e como Deus, na ocasião, proveu o necessário para o seu povo (41.1720; 43.19-21; 44.3; cf. Êx 17.6; Sl 105.41).

* 48.22 não há paz. Ver o v. 18, nota.

* 49.1-7 Este é o segundo dentre os quatro "Cânticos do Servo" (42.1-9; 49.1-7; 50.4-11; 52.13 - 53.12).

* 49.1 me chamou... meu nome. O servo fiel é chamado "Israel" (v. 3;

43.1; 44.2,24; 45.3 e notas). Esse servo é distinto do Israel infiel (vs. 5,6; 42.18; 46.12; 48.1 e notas).

* 49.2 a minha boca. O servo conquista através da pregação (11.4,

nota; 51.16, nota; 61.1). As palavras de Deus são eficazes (40.8; 45.19; 55.10,11).

uma espada aguda... uma flecha polida. Essas metáforas retratam a eficácia da palavra (Ef 6.17; Hb 4.12; Ap 1.16; 2.12,16; 19.15).

* 49.3 o meu servo. Ver notas em 20.3; 41.8; 42.1.

* 49.4 debalde tenho trabalhado. A queixa do servo cumpriu-se na

rejeição de Cristo e nos seus sofrimentos (42.2, nota).

minha recompensa. Ver 40.10; Gên. 15.1. O servo será vindicado (50.8) e recompensado depois de sua morte e ressurreição (53.8-10).

* 49.5 me formou. Ver nota em 27.11.

torne a trazer... reunir. Um dos propósitos do Servo é reconciliar os judeus com Deus.

* 49.6 luz para os gentios. Um segundo propósito da vinda do Servo foi

trazer o evangelho às nações (Lc 2.32; At 13.47; 26.23). Ele cumpriu a chamada de Abraão (Gn 12.3; 22.19) e de Israel (Êx 19.5,6). Hoje em dia, o

Cristo, assunto ao céu, apresenta o evangelho às nações através de seu corpo, a Igreja (Mt 28.18-20; 1 Pe 2.9,10).

* 49.7 o Redentor. Ver nota em 41.14.

servo dos tiranos. Paradoxalmente, o rei que se humilha a ponto de tornar-se o servo dos tiranos, receberá a homenagem deles (4.2; 45.24; 52.15).

*
49.8 No tempo aceitável. Esse tempo contrasta com o dia da

vingança (12.2; 34.8 e notas; cf. 35.4; 59.17,18; 61.2; 63.4; 2Co 6.2).

restaurares... repartires. Essa restauração começou com o retorno dos exilados à Terra Prometida (44.26; 45.8, nota).

* 49.9 aos presos. Ver notas em 42.7; 51.14; 61.1.

em trevas. Ver nota em 5.30.

pastarão... o seu pasto. O Servo é o Pastor e o Rei de Israel (40.11).

*
49.10 os guiará. Isaías aludiu aqui ao êxodo do Egito Êx

15.13).

* 49.11 caminhos... veredas. Ver nota em 11.16.

*
49.12 virão de longe... do ocidente. Está aqui em vis
do

verdadeiro Israel (11.11, nota).

terra Sinim. Para o oriente, possivelmente a China, embora a localização exata seja incerta.

* 49.13 Cantai. Ver nota em 14.7.

*

49.14 me desamparou... se esqueceu de mim. Deus ter

abandonado a Judá durante o exílio (40.27; 54.7).

* 49.16 os teus muros. Ver nota em 26.1.

* 49.19 serás estreita demais. A profecia dos vs. 19-21 olha para além

do retorno de Israel nos dias de Ciro. Neemias edificou apenas uma pequena cidade. A profecia será cumprida no Novo Israel, a Igreja (54.1-3; Zc 2.4,5).

* 49.22 as nações. Essas "nações" não são apenas a Babilônia, como foi

o caso no tempo de Ciro (v. 19, nota; cf. Rm 11.26).

* 49.23 Reis. Nações que anteriormente oprimiam o povo de Israel,

servirão a Cristo e à sua Igreja, o verdadeiro Israel, e, ao assim fazerem, encontrarão a salvação (Gn 12.3).

lamberão o pó. No "Obelisco Negro", de Salmaneser III, Jeú, rei de Israel, aparece prostrado no chão, perante o governante assírio.

os que esperam. Ver 40.31 e nota.

* 49.25 contenderei... salvarei. O Senhor toma em mãos o caso dos

necessitados e mostra-se justo em sua retribuição (v. 26; Ap 16.6; 18.20).

* 49.26 Todo homem saberá. Ver nota em 52.6.

o Poderoso de Jacó. Isaías revela aqui a vindicação do povo de Deus. O próprio Deus lutará em prol de seu povo e o redimirá de toda adversidade.

* 50.1 a carta de divórcio. Se o Senhor tivesse expedido tal carta, ele

não poderia tomar Israel de volta (Dt 24.1-4; Jr 3.1,8).

vossa mãe. Os habitantes de Jerusalém que tinham sido levados no exílio babilônico são aqui figuradamente descritos como Filhos de Israel, a esposa de Deus.

o meu credor. Se o Senhor tivesse vendido Israel a credores, ele teria perdido

vossas transgressões. Visto que Israel foi vendida em pagamento pela dívida de seus pecados, o Redentor tinha a responsabilidade de comprá-lo de volta (41.14; 52.3).

* 50.4-11 Temos aqui o terceiro dentre quatro "Cânticos do Servo" (42.1-9; 49.1-7; 50.4-11; 52.13—53.12 e notas). A reprimenda contra o Israel temente a Deus, no exílio (51.7) antevê a rejeição de Jesus Cristo.

* 50.4 boa palavra. Ver notas em 45.23—49.2. ao cansado. Ver Jr 31.25.

* 50.6 as costas. Jesus Cristo sofreu tal injustiça como parte de sua obediência a Deus (53.5,11,12; Mt 27.26; Jo 19.1).

aos que me arrancavam os cabelos. Isso representa um ato de humilhação (2Sm 10.4,5; Ne 13.25).

* 50.7 fiz o meu rosto como um seixo. Resolvido e determinado

em face da oposição (cf. Ez 3.8,9; Jr 1.18; Lc 9.51).

não me senti envergonhado. Não se deixou envergonhar pela derrota.

* 50.11 vós, que acendeis fogo. O sentido geral é que eles traçavam planos dependendo de suas próprias forças, e não dependendo de Deus, e assim, em resultado, se arruinavam.

* 51.1 a rocha... poço. Foi-lhes solicitado que se lembrassem de que descendiam de Abraão e Sara (Dt 26.5; cf. Ez 16.6). A origem deles era modesta.

* 51.3 o Éden. Quanto a esse "jardim do Senhor", ver Gn 2.8; Ez 28.13; 31.8,9. A promessa aqui é a transformação de uma maldição em bênção.

regozijo e alegria. Em Sião, a alegria substituiria a tristeza (v. 11). As pessoas realmente terão de volta o paraíso divino perdido (9.3; 12.3 e notas).

* 51.4 a lei... como luz. O servo estabelecerá a justiça (2.2-4; 42.1-4,6; 49.6). Ver "Deus é Luz: Santidade e Justiça Divinas", em Lv 11.44.

* 51.5 Perto. O dia do Senhor está sempre iminente (5.4-11; Tg 5.8).

* 51.6 como a fumaça... como um vestido. A atual cria destinada a ser substituída (50.9; Sl 68.2; 102.3,26; Os 13.3; ver também Is 24.4; 34.4; Hb 1.10-12; 2Pe 3.10).

*

51.7 em cujo coração está a minha lei. Note a rea da

aliança (Jr 31.31-34; Ez 36.27), em contraste com o estado do povo, em 29.13.

*

51.9 Desperta, desperta. Essa petição subentende que

parecia ter caído no sono (40.27,28; Sl 44.23).

o Egito. Algumas versões dizem aqui "Raabe". Ver nota em 30.7. Os inimigos espirituais da salvação divina são retratados como as forças do caos e da maldade. Essas forças serão derrotadas por Deus, e não por Israel ou qualquer outro poder humano.

* 51.12 Eu, eu sou. Essa é uma declaração enfática no v. 15. O duplo

pronome corresponde ao duplo apelo de "Desperta, desperta" (v. 9).

erva? Ver 37.27; Sl 129.6, nota.

*

51.15 agito o mar... bramem as suas ondas. Ver 51. Esse

poder sobre o mar representa o poder de Deus sobre toda a criação (Jó 26.12; Sl 107.25; Jr 31.35).

* 51.16 minhas palavras na tua boca. O remanescente prefigura o

Servo, Jesus Cristo (49.2, nota).

* 51.17 Desperta, desperta. Petições duplas também se encontram nos

vs. 1,9; 52.1,11 (cf. Ef 5.14). Ver nota no v. 9.

o cálice da sua ira. Uma figura simbólica do julgamento divino (63.6; Sl 75.8; Jr 25.15-31; Ez 23.31-34; Jo 18.11; Ap 14.10; 16.19).

* 51.20 como o antílope na rede. Esse gracioso animal representa

Jerusalém, cercada pelo inimigo e em perigo de morrer.

* 51.23 dos que te atormentaram. Acima de todos os babilônios (Lm

1.4,5).

* 52.1 tuas roupagens formosas. Jerusalém estará vestida de forma magnificente, como uma noiva real (61.10; Ap 3.4,5,18; 4.4; cf. 47.1-3).

nem incircunciso nem imundo. Os ímpios não terão participação na cidade de Deus (48.22; Na 1.15; Ap 21.27; 22.14,15).

* 52.3 Por nada fostes vendidos. Os ídolos nada deram a Israel. sem dinheiro. A salvação é gratuita (45.13; 55.1).

* 52.4 habitar. Israel dependia da hospitalidade prometida pelo Egito, mas o Egito nem sempre cumpria a sua palavra.

* 52.6 saberá o meu nome. Essa frase alude a Êx 3.13,14; 6.2. O Senhor glorifica o seu nome inspirando as profecias proferidas por Isaías e fazendo-as terem cumprimento.

* 52.7 os pés. Mensageiros correm da cena da batalha, cruzando as colinas e chegando a Sião, levando as boas novas de que Deus reina. Esses mensageiros prefiguram os evangelistas que anunciarão o evangelho de Jesus

* 52.9 ó ruínas de Jerusalém. A restauração, após o exílio na

Babilônia, no século VI a.C., começou com a reconstrução das ruínas de Jerusalém (Ed 3.8-13; Ne 6.15—7.3). No mesmo sentido, Cristo está reconstruindo o seu povo, que estava sendo destruído pelo pecado (1 Pe 2.5).

* 52.11 que levais os utensílios do Senhor. Esses representam toda a Sião e servem a Deus como sacerdotes. Eles terão que ser consagrados ao serviço santo, permanecendo imaculados (2Co 6.17; Hb 12.14; 1Pe 2.1-12; Ap 18.4).

* 52.12 não saireis apressadamente. O contraste é com o êxodo do Egito. Os trechos de Êxodo 12.11 e Deuteronômio 16.3 são as únicas outras passagens onde essa frase ocorre.

irá adiante de vós... a vossa retaguarda. Uma alusão à coluna de nuvem e fogo que protegeu Israel em sua fuga do Egito (42.16. 58.8; Êx 13.21,22; 14.19,20). A presença de Deus guia o seu povo na plenitude e no brilho de seu reino eterno (4.5,6; 49.10).

* 52.13—53.12 Este é o quarto e último dos quatro "Cânticos do Servo" (42.1-9; 49.1-7; 50.4-11; 52.13—53.12). O "Servo Sofredor" é Jesus Cristo. Esta passagem é citada ou referida por muitas vezes no Novo Testamento. Os sofrimentos de Cristo no lugar de suas ovelhas lhes concede a vida eterna.

* 52.13-15 O Senhor glorifica o seu Servo.

* 52.13 procederá com prudência. O Servo discernirá e realizará a vontade de Deus, e, como resultado, logrará seu propósito glorioso (Lc 24.26; 1 Pe 5.10).

* 52.14 como pasmaram... mui desfigurado. Cristo ficou desfigurado diante dos abusos que sofreu da parte dos soldados romanos.

* 52.15 causará admiração. A participação nos benefícios de um

sacrifício é indicada pelo derramamento de sangue. Ver Êx 24.8 e nota; Lv 4.1 —5.13, nota; e Hb 9.19, nota.

* 53.1 nossa pregação? O evangelho proclamado pelo remanescente

crente.

* 53.2 como raiz duma terra seca. As origens de Cristo não eram

promissoras (Zc 4.10; Jo 1.46).

* 53.3 Era desprezado... rejeitado. Ver 49.7; Sl 22.6; Lm 1.1-3; 2.15,16.

* 53.4 ferido de Deus. Eles pensavam assim a respeito do Servo

porque a Lei dizia: "O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt 21.23; Gl 3.13). Os espectadores pensavam que Cristo estava sofrendo somente o que merecia, mas a sua experiência de dor e angústia era por seu povo (1Pe 2.24). O extremo de seu sofrimento mostra que a sua compaixão é real e não apenas teórica (Hb 2.17,18).

* 53.5 fomos sarados. Os sofrimentos de Cristo removeram a pena que

o seu povo, de outra forma, teria de pagar, e, como resultado, ele desfez em nós os efeitos do pecado. A própria morte será anulada finalmente (1Co 15.26).

* 53.6 Todos nós. Da mesma forma que todos pecamos, assim também

ele morreu por todos nós (2Co 5.14,15). Ver "Redenção Definida”, em Jo 10.15.

desgarrados como ovelhas. Ver 1Pe 2.25. Ver "Pecado Original e Depravação Total", em Sl 51.5.

fez cair sobre ele. A culpa pelos nossos pecados foi transferida para Jesus, e ele se ofereceu como sacrifício em nosso lugar. É como Paulo escreveu: Deus "o fez pecado por nós" (2Co 5.21).

* 53.7 como cordeiro... como ovelha. Cristo é o Cordeiro de Deus (Jo 1.29; 1Co 5.7; Ap 5.6), em obediência e submissão a Deus (cf. Mt 26.63;

27.12,14; 1 Pe 2.23).

* 53.8 Por juízo opressor foi arrebatado. Jesus foi morto em resultado de uma tremenda injustiça. Ver "A Expiação", em Rm 3.25.

* 53.9 com os perversos... com o rico. Embora o povo judeu tenha imaginado que Jesus estivesse morrendo como um criminoso comum, pela intervenção de José de Arimatéia, ele foi sepultado honrosamente. Seu sofrimento em prol dos pecadores tinha sido um completo sucesso.

nunca fez injustiça... nem dolo. Jesus era sábio e justo (1Pe 2.22), mas morreu como se fosse um criminoso (Lc 23.33).

* 53.10 ao SENHOR agradou. Essa notável declaração exprime uma grande verdade, porquanto Cristo foi entregue "pelo determinado desígnio e presciência de Deus" (At 2.23).

sua posteridade. A posteridade de Cristo é formada por aqueles que vierem à vida por meio de sua morte (Jo 12.24; Gl 3.29).

* 53.11 seu conhecimento. Temos aqui uma referência ao seu discernimento quanto ao plano divino (52.13, nota).

o Justo. Ver Rm 5.19.

justificará. “Justificar” significa "declarar justo”. A justiça de Cristo é lançada na conta de seu povo (53.6, nota), e por sua vez ele tomou sobre si a culpa dos seus a fim de “levar as iniquidades” deles. Ver “Justificação e Mérito”, em Gl 3.11.

* 53.12 por isso, eu. O Senhor dividirá os despojos da vitória com seu

Servo triunfante (52.13).

derramou a sua alma na morte. Ele deu sua própria vida pelos pecados de outros (v. 4; Lc 22.37; Fp 2.7,8; Hb 9.28; 1 Pe 2.24.

intercedeu. Ele orou pelos pecadores (Lc 23.34; Hb 7.25).

* 54.1 Canta. Ver nota em 14.7.

estéril... mulher solitária. No exílio, Judá e Israel sentiam-se abandonadas por Deus e não experimentavam a sua bênção.

mais são os filhos. O Novo Testamento aplica este versículo à "Jerusalém lá de cima... a qual é nossa mãe” (Gl 4.26,27; Hb 12.22). Ver 49.21; 53.10).

* 54.2 Alarga o espaço... firma bem. A tenda é alargada em

antecipação ao grande aumento do número de seus ocupantes (cf. 26.15; 33.20; 49.19, nota; contrastar com Jr 10.20).

* 54.3 possuirá... se povoem. A expansão será tão extraordinária que

eles possuirão as cidades de seus inimigos (11.14, nota; Gn 22.17; 28.14).

* 54.4 vergonha da tua mocidade. A infidelidade do povo de Israel

levou-o a sofrer opressão do Egito e da Assíria (52.4; Jr 31.19).

opróbrio da tua viuvez. Essa figura simbólica representa o exílio babilônico (vs. 6-8).

*** 54.5 o Santo de Israel é o teu Redentor. Ver 41.14, notas.**

o Deus de toda a terra. Os títulos no v. 5 mostram que Deus não desistiu de

Sião por motivo de fraqueza ou de necessidade (50.1-3).

* 54.6 desamparada. Ver nota em 49.14.

* 54.9 as águas de Noé. No tempo do dilúvio, o Senhor fez um pacto

com a criação, simbolizado pelo arco-íris (Gn 9.1-17).

* 54.10 os montes... os outeiros. Em nossa experiência, os montes e os

outeiros parecem permanentes e imutáveis, mas a dedicação de Deus ao seu povo permanecerá quando aqueles desaparecerem (51.6; Sl 46.2,3; Mt 24.35; Hb 1.10-12).

* 54.11 a tormenta. Essa metáfora representa o dia da ira do Senhor.

assentarei... sobre safiras. Essas metáforas descrevem a beleza e a glória de Sião, a cidade de Deus (Ap 21.19).

* 54.17 a herança. Essa herança consiste na aliança e suas promessas, especialmente a promessa da proteção e da justiça de Deus (1.21, nota).

* 55.1 Todos vós. Este discurso segue-se logicamente à seção anterior (vs. 13,17) e expressa como o evangelho é aplicável ao mundo inteiro.

os que tendes sede... sem dinheiro. A sede é pelas realidades espirituais que o dinheiro não pode comprar (52.3; Dt 8.3; Sl 42.2; 63.1; Pv 9.5,6; Mt 5.6; Jo 7.37,38; Ap 21.6; 22.17).

águas. Isaías descreveu com freqüência a nova era de salvação, o reino de Deus, e suas bênçãos divinas, em termos de abundância de água (1.30,31, nota).

comprai, sem dinheiro. Esse paradoxo significa que a salvação é um presente gratuito, para qualquer que a desejar (Mt 11.28; Rm 10.13; Tt 3.5).

vinho e leite. Esses são símbolos de satisfação completa.

* 55.3 uma aliança perpétua. Na aliança firmada com Davi Deus prometeu-lhe um trono permanente e uma dinastia duradoura (2Sm 7.12-16; 1Rs 8.23-26; Sl 89.27-37). A casa real de Davi governará sobre as nações. Esses elementos são cumpridos em Cristo e sua Igreja (4.2; 7.14; 9.6; 11.1,2 e notas).

convosco. As promessas do pacto davídico agora estendem-se a todos

quantos se achegam a Deus.

* 55.4 eu o dei por testemunho. Isso foi realizado especialmente

quando foi ressuscitado Jesus Cristo, da casa de Davi, dentre os mortos (At 13.34).

* 55.7 Deixe o perverso... o iníquo. Deus requer uma fé viva, indicada pelo arrependimento e pela mudança de comportamento (Tg 2.18; 1Jo 1.3-5).

se compadecerá... rico em perdoar. Isaías repetiu o convite expresso em 1.18, com grande ousadia e linguagem direta.

*** 55.8 meus pensamentos não são os vossos pensamentos.**

Especificamente, os pensamentos de Deus acerca da graça ultrapassam a imaginação humana (64.4; 1Co 2.9; Ef 3.20; Rm 11.33). Ver "Deus Vê e Sabe: a Onisciência Divina", em Pv 15.3.

* 55.10,11 a chuva. A chuva cai com abundância, e de si mesma, e de uma maneira bem conhecida, embora misteriosa, produz plantas e colheitas úteis, evidentemente com o propósito de suprir as necessidades das pessoas — o propósito divino quanto a isso é aplicado figuradamente à Palavra de Deus, para distingui-la dos pensamentos e planos humanos falíveis.

* 55.12 Saireis. O êxodo da Babilônia, tal como o êxodo do Egito, é um quadro de como Deus livra o seu povo dos pecados (48.20,21; 52.11,12; Jo 10.3; Cl 1.13).

romperão em cânticos... baterão palmas. A criação regozijar-se-á nos atos divinos da redenção (44.23; 49.13; Sl 96.11-13).

* 55.13 Em lugar do espinheiro... o cipreste. O castigo será substituído pela salvação (5.6; 32.13; 41.19).

memorial eterno. Comparar o arco-íris em Gn 9.8-17.

* 56.1—66.24 Essas profecias foram dirigidas aos exilados que voltaram da Babilônia antes da reconstrução do templo, em 520 a.C. (64.8-12). Eles ainda estavam sofrendo com a idolatria, a hipocrisia e a indiferença. Isaías profetizou acerca da responsabilidade deles para com o reino glorioso futuro, e a certeza da chegada do mesmo.

* 56.1 está prestes a vir. Ver 50.8; 51.5; Fp 4.5.

* 56.2 que se guarda de profanar o sábado. Manter santo esse dia (Êx

31.13-17) significa ter lealdade ao Senhor e à sua aliança (58.13; Ez

20.20).

* 56.3 o eunuco. Os eunucos eram normalmente excluídos da

comunidade do pacto (Dt 23.1). O eunuco etíope de At 8.26-39 cumpriu a promessa através da fé em Jesus, o Servo de Isaías 53.

* 56.5 um nome eterno. Ou seja, a vida eterna no templo de Deus (v. 7;

2.2; Sl 23.6; At 8.27,36-38).

* 56.7 minha casa de oração. Estar ali significa ter sido incluído na

aliança e desfrutar da vida de comunhão com Deus (2.2-4; Sl 15.1; cf. 1Rs

8.41-43; Mc 11.17).

* 56.8 que congrega os dispersos... outros. O Senhor reunirá judeus e

não-judeus em uma única comunidade (Jo 10.16).

* 56.9 animais do campo. Uma metáfora que representa as nações

hostis (18.6; Ez 34.5,8,25).

* 56.10 atalaias. Eles avisavam a uma cidade sobre algum perigo que se

aproximava. Os profetas foram chamados para serem atalaias espirituais (21.6; Jr 6.17; Ez 3.17; 33.2-7).

são cegos. Ver nota em 29.18.

são cães mudos. No Oriente Próximo e Médio, os cães são considerados

animais imundos, indesejáveis comedores de carniça. Aqui eles servem de figura daqueles que têm ganância insaciável.

* 56.11 pastores. Ou seja, governantes (v. 10, nota; Ez 34.1-6; contrastar com 40.11, nota).

* 56.12 Vinde... o dia de amanhã. Ver 22.13 e nota; Lc 12.19; Tg 4.13.

* 57.3 filhos da agoureira. Ver 2.6, nota; Dt 18.10.

* 57.4 De quem chasqueais... a língua? Os ímpios são cheios de ironia

e críticas (cf. 5.18,19; 28.9,10; 37.3).

* 57.5 os filhos. O sacrifício de crianças era praticado na adoração ao

deus amonita Moloque (v. 9, nota; cf. 2Rs 23.10; Sl 106.37,38; Jr 7.31; Ez 20.28,31).

nos vales, nas fendas dos penhascos? Eram lugares secretos, de esconderijo (2.21; 7.19, nota). O que fica implícito é que as práticas deles causavam vergonha.

* 57.7,8 sobre monte alto e elevado... nudez. O povo estava envolvido em práticas imorais e idólatras, nos santuários dos cumes dos montes (Os 4.13). O relacionamento deles com os deuses falsos é comparado à união sexual.

* 57.9 ao rei. O nome do deus que adoravam, "Moloque”, era semelhante à palavra hebraica que significa "rei”, e provavelmente é isso que o nome queria dizer.

envias... profundidade de sepulcro. Isaías descreveu a energia que eles gastavam no serviço voluntário a seus ídolos.

sepulcro. No hebraico, *sheol.* Essa acusação de visitas ao reino dos mortos (5.14) é ou uma figura de linguagem para exprimir as profundezas a que se

rebaixavam, ou uma referência à necromancia (comunicação com os mortos).

* 57.10 achas o que buscas. Eles encontravam uma vivacidade

enganadora na imoralidade e na idolatria, ambas as quais conduzem à morte.

* 57.12 essa justiça tua. Temos aqui uma declaração irônica; a ameaça

era desmascarar os seus pecados (cf. 58.2,3; 64.6).

* 57.13 herdará a terra. Essa promessa é a bênção que Jesus proclamou

aos mansos (v. 15; Mt 5.5).

* 57.14 preparai o caminho. Ver notas em 11.16; 40.3.

tirai os tropeços. Especificamente, a idolatria e a imoralidade descritas nos vs. 3-13.

meu povo. Ver nota em 40.1.

* 57.15 o Alto, o Sublime. Epítetos do Senhor (6.1).

Habito no alto e santo lugar. O Senhor transcende sobre a criação.

o contrito e abatido de espírito. Aqueles que se submetem à lei de Deus e se arrependem debaixo do seu castigo (Sl 34.17,18; 51.17; 1

Pe 5.6).

* 57.16 não contenderei para sempre. Na graça de Deus, o julgamento

terminará e Deus criará a salvação (54.9; 57.18,19; Sl 130.3,4).

*** 57.18 o sararei... lhe tornarei a dar consolação. O Senhor é médico**

(30.26, nota), guia (49.10), nota) e evangelista (40.1, nota).

aos que dele choram. Aqueles que lamentavam pela destruição de Jerusalém (64.10-12; 25.8, nota).

* 57.20 o mar agitado. Os ímpios vivem em movimentos constantes,

incansáveis, causando problemas (Jd 13).

* 58.3 Por que jejuamos... exigis. A despeito de sua religiosidade, eles

não se preocupavam em fazer justiça ao próximo (cf. 1.15-17; 59.2; Os 6.4-6; Am 5.23,24; Zc 7.8-12). Em lugar de declararem um feriado religioso a fim de que todos pudessem jejuar e orar, eles queriam descansar, enquanto outros trabalhavam.

* 58.4 contendas e rixas. Esses atos eram expressões de seu orgulho

e ódio.

não se fará ouvir a vossa voz no alto. Deus não ouve as orações que não são feitas no espírito do amor.

* 58.5 Seria este o jejum que escolhi. Ver 1.10-15; Am

5.21-23; Mq

6.7,8.

incline a sua cabeça... pano de saco e cinza? Atos convencionais de cerimônias de lamentação que acompanham o jejum (Jl 1.13,14). Deus olha para expressões de humildade e contrição interior diante dele, e não para as devoções aos rituais (Mt 6.16).

* 58.6 não é este o jejum que escolhi. Este versículo apresenta uma

idéia diferente do jejum para libertar os oprimidos e prover o necessário para os necessitados (Mt 25.34-40).

* 58.7 do teu semelhante. Os parentes e, secundariamente, pessoas

da mesma tribo ou região (2Tm 5.8).

* 58.8 Então. Essa palavra vincula entre si a responsabilidade humana e

a vinda do reino de Deus.

a tua luz... a glória. O glorioso reino de Deus (9.2; 60.1-3; Lc 1.78,79) raiará com a bênção e a proteção divinas (2.5, nota) e com a sua cura (30.26, nota). Será o estabelecimento de uma nova ordem (1.21, nota), com a presença do

Deus da glória (4.2, nota).

irá adiante de ti... será a tua retaguarda. Tal como a coluna de fumaça e fogo no deserto (4.5,6; Êx 13.21; 14.20).

* 58.9 clamarás... Gritarás por socorro. Então Deus responderá às

nossas orações (30.19; 65.24), em contraste, ver o v. 4, nota.

Eis-me aqui. Tipicamente, essa é uma resposta cortês, dada por uma pessoa disposta a ouvir uma mensagem ou seguir instruções (p.ex., Gn 22.1,7; Êx 3.4; 1Sm 3.4).

o jugo... o falar injurioso. Essas expressões representam desprezo, opressão e fala imprópria (Pv 6.13).

* 58.10 então. Ver o v. 8 e nota. O alvorecer do novo dia trará um

resplendor cada vez maior (2.5; 5.30 e notas).

*** 58.11 como um jardim regado... como um manancial. Eles serão**

grandemente abençoados e produtivos (1.30,31, nota; cf. Jo 7.38).

* 58.12 edificarão as antigas ruínas. Os exilados restaurados estavam

em necessidade de recursos espirituais e econômicos para reconstruírem Judá (44.26,28; 61.4; Ez 36.10; Am 9.14,15; Ag 1.2-9; At 15.15-17).

* 58.13 o sábado... meu santo dia. O Senhor não rejeita o ritual como

tal. O sábado era o sinal da aliança (56.2, nota).

os teus caminhos... falando palavras vãs. Os alvos deles eram o prestígio social, o lucro financeiro e a importância política (contrastar com 33.15 e nota).

* 59.5 ovos de áspide... teias de aranha. A comparação indica uma

iniqüidade que quer crescer e aprisionar a outras pessoas.

* 59.7 correm... são velozes. Não mais hesitavam em quebrar as leis

de Deus (Pv 1.16); seus atos resultavam em discórdia e caos (Rm 3.15-17).

* 59.8 Desconhecem o caminho da paz. Aqueles que negam a paz a outros, também não terão paz (48.22; 57.21).

* 59.10 Apalpamos... tropeçamos. Essas palavras descrevem a experiência de alguém que fora amaldiçoado (Dt 28.29; Jó 5.14).

* 59.16 intercessor. Ninguém estava disponível para ajudar, exceto o Messias (53.12; Rm 5.7).

o seu próprio braço. Por seu próprio valor, ele obteve uma vitoriosa salvação (46.13; 51.6,8; 56.1).

* 59.17 Vestiu-se de justiça... a vestidura. O Senhor dos Exércitos realizará aquilo que ninguém mais poderia fazer (42.13; 49.25; 52.10; Êx 15.3).

uma couraça... o capacete. Atualmente, os crentes põem essa armadura de Deus (Ef 6.13-17).

* 59.20 o Redentor. Ele viria na pessoa de Jesus Cristo. Essa promessa foi citada por Paulo (Rm 11.26,27). Ver nota em 35.9,10.

* 59.21 a minha aliança. É renovada a aliança da graça do Senhor (42.6, nota).

60.1 Dispõe-te. O imperativo (feminino singular) foi dirigido a Sião (v.

o meu Espírito. O papel do Espírito de Deus é mencionado por várias vezes no Antigo Testamento (32.15; 44.3; Jr 31.31-34; Ez 37.14; Zc 12.10). O Espírito opera "pela Palavra e com a Palavra testificada em

nossos corações” (Confissão de Westminster 1.5). Sua presença contínua com o seu povo foi garantida com a revelação do Novo Testamento (Jo 16.7,13; 2Co 5.5; Gl 3.14; 4.6).

*

14).

resplandece. Sião recebe e reflete a luz divina (Lc 1.78,79; Ef 5.14; Ap 21.23,24).

* 60.2 as trevas cobrem a terra... o Senhor... se vê sobre ti. Embora o mundo esteja em trevas, a luz de Deus brilha sobre o seu povo (Jo 1.15; Cl 1.13; 1 Pe 2.9).

a sua glória. Ver 4.5; 40.5; Jo 1.14; Ap 21.11.

* 60.3 As nações se encaminham. Ver 11.1; 42.16; 49.6. Essa profecia tem-se cumprido dia após dia, desde a vinda do evangelho (At 9.15; 11.18).

os reis, para o resplendor. Eles viriam a Cristo (42.6; 49.6). Os sábios que vieram ver Jesus eram gentios, se não mesmo "reis” em algum sentido.

* 60.5 as riquezas... virão a ter contigo. Essa profecia começou a ter cumprimento quando da contribuição de Dario para o templo (Ed 6.8,9). E tem um cumprimento muito maior através do Cristo que subiu aos céus, o qual reina nos corações de seu povo.

* 60.6 Midiã. Uma famosa tribo que morava no deserto e enviava caravanas (Gn 37.28,36; Jz 6.5,6).

Efá. Uma tribo aparentada dos midianitas (Gn 25.4).

Sabá. Esse país era renomado por suas riquezas (1Rs 10.1,2).

* 60.7 Quedar. Ver nota em 21.16.

Nebaiote. Aparentado dos ismaelitas (Gn 25.13), e mais tarde conhecido como nabateus. Sua capital ficava em Petra, a 80 km ao sul do mar Morto.

* 60.9 as terras do mar me aguardarão. Ver também 43.5-7,14; 49.18;

51.5.

navios de Társis. Ver nota em 23.5. O reinicio do comércio marítimo é outra maneira como a glória da nova era é descrita em termos do esplendor de Salomão (1Rs 10.22).

a sua prata e o seu ouro. Ver Ag 2.7-9.

* 60.10 Estrangeiros. Assim como Hirão, rei de Tiro, ajudou a construir o

primeiro templo (1Rs 5), e assim como Ciro e Dario, reis da Pérsia, ajudaram a construir o segundo templo (Ed 6), assim também, hoje em dia, pessoas de muitas nações estão edificando a Igreja, o templo do Senhor (Ef 2.11-22).

reis te servirão. Aos exilados foi prometido que os reis estrangeiros partiriam (49.17); agora foi asseverado que reis estrangeiros serviriam o monte Sião e adorariam a Deus. Depois da sua ira contra os reis, Deus se lembrará de ter misericórdia e salvará alguns deles.

*** 60.11 As tuas portas... nem de dia nem de noite. Em lugar de**

atacarem, as nações trarão tributo (Ap 21.25,26).

* 60.12 perecerão. Ver Gn 12.3; Hb 2.3.

* 60.13 meu santuário. Madeira preciosa também glorificava o templo de

Salomão (1Rs 6.15-18). Isso fornece outra conexão entre a primeira e a última glória (vs. 6,9 e notas).

o lugar dos meus pés. A princípio, esta expressão referia-se à arca da aliança (Sl 132.7; 1Cr 28.2): mais tarde, referiu-se ao templo (Ez 43.7), e, finalmente, refere-se ao mundo inteiro (66.1).

* 60.16 Ao peito dos reis. Essa é uma linguagem figurada que mostra as

riquezas trazidas pelos reis a Sião.

* 60.17 ouro... prata... bronze... ferro. O bronze e o ferro eram ligas

importantes usadas para fazer instrumentos e armas. Cada material é

substituído por outro, mais forte e mais valioso. Por analogia, a vida cultural e social do país será elevada acima daquilo que Salomão conheceu. Quaisquer que sejam os cumprimentos mais próximos desta profecia, ela olha, finalmente, para o resplendor da Nova Jerusalém (Ap 21.9-27; ver também Sl 48).

* 60.18 teus muros. A salvação da parte de Deus e os louvores de Israel

constituirão a defesa do templo espiritual, Cristo e sua Igreja (26.1,

nota; cf. Zc 2.4,5).

* 60.19 tua luz perpétua. Temos aí uma menção à presença de Deus

com o seu povo (v. 1, nota; Ap 21.11,23; 22.5).

* 61.1 O Espírito. Ver 11.2; 42.1; 48.16 e notas; Lc 3.22; 4.18,19. A

profecia teve cumprimento durante o ministério de Cristo. Isaías foi incluído (62.1) como um prenunciar ou precursor de Jesus.

quebrantados. Ver Sl 9.18, nota; Lc 7.22.

proclamar libertação. Essa frase pode ser uma alusão à liberação dos escravos, no ano do Jubileu (Lv 25.10).

* 61.2 o ano aceitável. Por intermédio de sua morte e ressurreição,

Jesus inaugurou o "dia da salvação” (2Co 6.2), no qual o evangelho está sendo pregado pelo mundo inteiro, quando aqueles que estavam alienados podem encontrar paz nele (Ef 2.12,13; 3.5; 2Tm 1.10).

o dia da vingança. Jesus fechou o rolo antes de ler esta porção do oráculo de Isaías (Lc 4.18-20). O tempo da cura pertence à sua primeira vinda; o tempo do julgamento à sua segunda vinda (1Ts 1.10). Ver nota em 34.8.

* 61.6 as riquezas das nações. Ver nota em 60.5.

* 61.7 vergonha... afronta. Essas palavras descrevem a experiência

dos exilados judeus na Babilônia, no século VI a.C. (30.3; 50.4-6).

* 61.8 farei aliança eterna. Ver notas em 42.6; 55.3.

* 61.9 a sua posteridade. As bênçãos da aliança são extensíveis aos

filhos (59.21).

todos quantos o virem... bendita. Essas palavras aludem à promessa feita a Abraão (41.8; 51.2; Gn 12.2,3).

* 61.10 Regozijar-me-ei. Sião é aqui representada como quem recebeu

as bênçãos descritas no v. 3, por exemplo, a alegria e as vestimentas do louvor. Ser "vestido" com alguma coisa é a figura comum para uma mudança na posição ou na condição (52.1; Zc 3.3-5; Mt 22.11).

* 62.1 como uma tocha acesa. O quadro da salvação como uma luz

bem acolhida é desenvolvida em 58.8 e 60.1-3.

* 62.2 as nações... os reis. Eles serão testemunhas da confirmação das

promessas (2.2-4; 41.2; nota; 52.10; 60.3; 61.11).

um nome novo. Como se fosse uma nova vestimenta (61.10, nota), o nome novo significa um relacionamento renovado e um privilégio ampliado (vs. 4,12; cf. 1.26; 56.5; 60.14,18; cf. Gn 17.5,15; Ap 2.17; 3.12).

* 62.3 uma coroa de glória. O Senhor compartilhará de sua glória com

o seu povo.

* 62.6 guardas. Uma figura que representa os profetas (56.10, nota).

* 62.8 Jurou. Ver nota em 14.24.

pela sua mão direita e pelo seu braço poderoso. Ou seja, por si mesmo (40.10, nota; 41.10; 51.9; 52.10. 53.1).

por sustento aos teus inimigos. A maldição (Lv 26.16; Dt 28.33) será substituída pela bênção.

* 62.10 Passai, passai... aterrai, aterrai. Esses imperativos encorajam

enfaticamente o povo a adorar.

pelas portas. Que abriam caminho para o átrio do santuário (v. 9).

* 62.12 Povo Santo. Ver 4.3; Êx 19.6; 1Pe 2.9,10.

Remidos. Ver nota em 35.9.

*
63.1 Edom. Essa nação serve de representante das r

orgulhosas (34.1-17, especialmente o v. 5; Ob 14,15; Lm 4.21,22; Jl 3.19; Ml 1.2-5).

Bozra. Uma importante cidade de Edom, a 48 km a sudeste do mar Morto.

* 63.3 O lagar... me manchou. Este versículo apresenta uma extensa

metáfora para o dia do Senhor (Lm 1.15; Jl 3.13; Ap 14.17-20; 19.15). O lagar representa a batalha, e o suco espremido representa os mortos durante a batalha.

* 63.4 o ano dos meus redimidos. Esta frase alude às leis concernentes aos escravos e às propriedades, no ano do Jubileu (Lv 25). Essa idéia de redenção é desenvolvida através do Livro de

Isaías, mas especialmente em 61.1 - 63.6 (34.8; 35.9 e notas).

é chegado. Por meio da fé, o futuro já podia ser divisado.

* 63.7 Celebrarei. Isaías proclamaria em altas vozes (Sl 51.13-15; 89.1;

145.7) os poderosos atos do Senhor no passado, descritos como suas "benignidades".

* 63.8 filhos que não mentirão. Estão em pauta os filhos fiéis de Deus

(Êx 4.22; Dt 14.1), diferentes dos filhos rebeldes, descritos em 1.2-4.

* 63.9 toda a angústia deles. As angústias de Israel no Egito (Êx 2.23

25).

o Anjo da sua presença. Ver Êx 14.19; 23.20-23. os conduziu. Cf. Êx 19.4; Dt 1.31; 32.10-12.

* 63.10 contristaram o seu Espírito Santo. A rebeldia contra a palavra

de Deus, levou a paciência do Espírito de Deus ao fim (cf. Sl 106.33; At 7.51; Ef 4.30). A paciência de Deus é longânime, mas não restringe para sempre a manifestação do juízo divino.

* 63.11 dos dias antigos. Ou seja, o período do êxodo e das

perambulações pelo deserto.

o pastor do seu rebanho? Moisés foi esse pastor. Jesus é o nosso pastor (Hb 3.1-6; 13.20).

* 63.16 nosso Pai. Deus sempre foi o Pai de seu povo (64.8; Êx

4.22,23;

Jr 3.4,19); eles são seus filhos por adoção (Dt 32.6; Rm 8.15).

Abraão. Ver 51.2.

* 63.17 desviar dos teus caminhos? Deus faz com que se desviem dele

aqueles que o rejeitam (Rm 1.20-25; 2Ts 2.10-12), e pode confirmá-los em seus pecados (6.10; Êx 4.21; Sl 95.8).

* 63.18 nossos adversários. Os babilônios (Sl 74.4-8).

* 63.19 se chamaram pelo teu nome. Essas palavras indicam a idéia de

pertencer a Deus (Dt 28.10; Jr 14.9).

* 64.1 e descesses! Com eloquência, Isaías pleiteia junto a Deus para

tornar sua presença inequivocamente clara, especialmente nas chamas do julgamento (4.4,5 e notas; Êx 19.18; Hb 12.18).

* 64.3 coisas terríveis. Uma alusão ao aparecimento de Deus no monte

Sinai, logo após o êxodo (Êx 19.16-18; Dt 10.21; Sl 66.3-6; 106.22; ver Ez 32.68, nota).

* 64.6 como o imundo. Incapazes de estar na presença de Deus (Lv

13.45,46; Ag 2.13,14).

trapo da imundícia. Vestes manchadas pelo sangue da menstruação (Lv 15.19; Ez 36.17; cf. Fp 4.7,8). Nenhum ser humano é impecável

aos olhos de Deus (6.5; Jó 15.14-16).

* 64.8 nosso Pai. Ver nota em 63.16.

barro... obra das tuas mãos. Ver notas em 22.11; 27.11; cf. Rm 9.20,21.

* 64.9 Comparar com as promessas de 43.25; 54.7,8.

* 64.10 tuas santas cidades. As cidades de Judá.

* 64.11 nossos pais. Os que falavam estavam afastados pelo menos uma geração da queda do templo, em 586 a.C.

* 65.1 Eis-me aqui, eis-me aqui. Essa expressão foi repetida para efeito de ênfase. A presença de Deus importa em salvação.

a um povo que não se chamava do meu nome. Ou seja, os gentios (42.1; 49.6). Paulo citou essa profecia em Rm 10.20. A salvação divina não se conforma às expectativas humanas; ela se origina em Sua livre decisão. Ver Rm 9.11,12,25,26; 10.30,31; 11.6,17 sobre esse importante princípio.

* 65.2 Estendi as minhas mãos. Fazendo contraste com as pessoas cujas mãos "estão cheias de sangue” (1.5), o Senhor estendeu as mãos com

amor.

* 65.3 que me irrita abertamente. Eles não ocultavam seus atos

idólatras ofensivos.

sacrificando em jardins. Esses sacrifícios estavam associados a religiões de fertilidade (1.29, nota).

* 65.4 mora entre as sepulturas. Eles freqüentavam aqueles lugares

para consultar os espíritos dos mortos (8.19; 29.4).

come carne de porco. Para os judeus era proibida a ingestão da carne de porco (66.3,17; Lv 11.7,8; Dt 14.8).

* 65.5 como fumaça de fogo. Eles eram um incômodo constante para

Deus.

* 65.6 eu pagarei. O princípio da retribuição aplica-se ao juízo divino

(Ob 15; Gl 6.7; 1Pe 1.17; Ap 20.12,13; 22.12).

* 65.8 vinho num cacho de uvas. Esse vinho em um cacho de uvas, é

o remanescente por cuja causa a totalidade era preservada (Mt 13.29). O remanescente acha-se tanto em Israel (1.9, nota) quanto em outras nações (56.6; cf. Gn 18.22-33).

* 65.9 meus eleitos herdarão. O reino pertencerá a eles (14.1, nota;

57.13; cf. Ob 19-21).

* 65.10 Sarom. Uma planície fértil que ficava ao sul do monte Carmelo,

nas costas do mar Mediterrâneo. Serve de quadro sobre como o Senhor transformará a criação (33.9; 35.1,2 e notas).

vale de Acor. Ao sul de Jericó (Js 7.24; Os 2.15).

* 65.11 a deusa Fortuna... o deus Destino. Eram deuses sírios; ver

referências laterais.

* 65.15 por maldição. Temos aqui uma sorte pior do que se fossem esquecidos.

outro nome. Ver nota em 62.2.

* 65.16 Deus da verdade. Ver 2Co 1.20; Ap 3.14; ver também Jo 14.6; 1 Jo 5.20.

* 65.17 novos céus e nova terra. Para ter cumprimento, essa profecia aguarda a segunda vinda de Cristo (2Pe 3.13; Ap 21.1). Entrementes, mediante a fé, os santos experimentam em parte a bênção da era vindoura (42.9; 43.19 e notas). Ver "Céu", em Ap 21.1.

coisas passadas. As adversidades e as desgraças trazidas pelo pecado (41.22, nota).

* 65.18 crio para Jerusalém. Será um regozijo inteiramente novo, sem qualquer sinal do antigo (Ap 21.1,2).

* 65.20 criança... nem velho. A morte prematura de criancinhas, ou de pessoas de meia idade pode provocar o pensamento de que a vida não tem significado. Essas mortes prematuras, como também a transferência da recompensa de uma pessoa para outra, que não a merecia (v. 22), faz parte do julgamento divino contra o pecado. Deus promete remover essa maldição de seu povo (Am 5.11, nota).

* 65.25 pó será a comida da serpente. Isso alude a Gn 3.14. A maldição lançada contra Satanás terá prosseguimento.

* 66.1 Ver a nota teológica "A Natureza Espiritual de Deus", índice .

* 66.3,4 O Senhor odeia as expressões religiosas ocas, tanto quanto o paganismo (Jr 7.21-23).

* 66.3 como o que comete homicídio. Talvez tenhamos aqui uma

alusão aos sacrifícios de crianças (cf. Jr 7.31; Ez 23.39).

como o que quebra o pescoço a um cão. Somente certos animais eram prescritos como sacrifícios. Quanto ao cão nem ao menos se permitia que servisse de alimento aos homens (56.10, nota; Lv 11.26).

sangue de porco. Ver 65.4.

* 66.5 que vos aborrecem. Intensificou-se a oposição refletida no

capítulo 65 entre os servos de Deus e o Israel nominal.

a vossa alegria. Tal expressão de louvor, por parte de pessoas rebeldes, é uma retidão hipócrita.

esses serão confundidos. A humilhação é a parte que cabe aos perseguidores. Ver o v. 10 quanto à sorte dos perseguidos.

* 66.7 Antes que estivesse de parto. O nascimento da nova

comunidade será repentino, e nenhum esforço humano contribuirá para o mesmo. Cristo lançou os alicerces da Igreja durante sua vida terrena, especialmente na semana de sua morte e ressurreição (Jo 2.19).

* 66.9 Os propósitos de Deus nunca serão frustrados, ou iniciados

somente para serem deixados por terminar.

* 66.11 mameis, e vos farteis. Ver nota em 60.16.

* 66.12 sobre ela. A mãe Jerusalém (vs. 8, 10).

* 66.13 mãe. O Senhor compara o seu terno amor ao amor de uma mãe.

* 66.15 em fogo... um torvelinho. Essas palavras

indicam raios e nuvens

tempestuosas, respectivamente (Dt 33.26; Sl 18.10; Jr 4.13),

acompanhamentos comuns das aparições de Deus (10.17,18; 29.6; Ez 32.6-8, nota). Isaías orou para que Deus viesse ao mundo desse maneira, trazer

julgamento (64.1-3).

* 66.16 sua espada. O Senhor aparecerá como um guerreiro (27.1; 34.5;

Ap 19.11-18). Ver notas em 9.6; 13.4; 40.10; 42.13.

*

66.17 nos jardins... carne de porco... coisas abomin

65.2-5.

* 66.18 as suas obras e os seus pensamentos. Provavelmente as obras e os pensamentos daqueles que seriam recolhidos.

todas as nações e línguas. Haverá um reconhecimento universal do reino do Senhor (Zc 8.23; Ap 7.9,10).

a minha glória. Temos aqui menção à glória de Deus em seu templo (Ez 11.22,23; 44.4).

* 66.19 um sinal. Esse "sinal" provavelmente são atos notáveis de julgamento sobre os falsos adoradores, quando o remanescente for separado dentre eles.

dos que foram salvos. Os verdadeiros adoradores que sobreviverem à perseguição (v. 5; Mt 24.9-14) levarão a glória de Deus às nações (v. 18).

Társis. Ver nota em 23.5.

Pul e Lude. No norte da África.

Tubal. Ao sul do Mar Negro, na moderna Turquia (Ez 38.2,3; 39.1).

Javã. O povo da Ásia Menor e da Grécia (Ez 27.13,19; Jl 3.6).

eles anunciarão entre as nações. Os gentios se submeterão ao Senhor e se regozijarão em seus atos poderosos (24.16, nota).

* 66.20 todos os vossos irmãos. Os gentios trarão de volta para o

templo os israelitas dispersos (43.5; 60.4,9; Rm 11.11-14).

* 66.22 os novos céus e a nova terra. Ver nota em 65.17 (cf. 2Pe 3.13;

Ap 21.1).

a vossa posteridade e o vosso nome. O povo de Deus nunca mais sofrerá opróbrio, mas desfrutará de glória eterna (43.1, nota; 65.18,19; cf. Jr 31.35,36).

* 66.23 Lua Nova... de um sábado. Haverá adoração universal de Deus

em seu tempo próprio (cf. Zc 14.16).

* 66.24 o seu verme... o seu fogo. O monturo de Jerusalém tornou-se

símbolo da punição e da angústia perpétuas (30.33, nota; Mc 9.47,48).

Jeremias

* 1.1-19 Deus chama Jeremias ao seu ministério profético de anunciar o julgamento

divino contra Judá, por causa da idolatria.

* 1.1-3 Jeremias profetizou por um período de quarenta anos, até ao exílio babilônico

do povo de Judá. Durante esse período, a palavra do Senhor veio a ele por repetidas vezes (25.3).

* 1.1 sacerdotes que estavam em Anatote. Anatote era uma cidade

sacerdotal dos primeiros tempos (Js 21.17,18); cf. 11.21-23. Jeremias foi tanto um profeta quanto um sacerdote.

*1.2 a ele veio a palavra do SENHOR. Essa frase com freqüência abre os

livros proféticos (cf. Os 1.1; Jl 1.1; Mq 1.1). As palavras registradas de Jeremias, pois, são palavras de Deus.

Josias. Ele foi um rei piedoso que efetuou uma grande reforma religiosas iniciada em 628 a.C. (2Rs 22; 23; 2Cr 34; 35); Jeremias o aprovou (22.15,16), embora ele tenha feito poucas referências específicas à reforma.

no décimo terceiro ano. Ou seja, 626 a.C.

* 1.5 eu te formasse... eu te conheci. A criação e eleição de Jeremias, por

parte de Deus, estão integrados (quanto ao verbo "conhecer" com o

sentido de "escolher", ver Gn 18.19; Am 3.2). Essa separação antes do seu nascimento era a base da posição profética de Jeremias. Compare também Moisés, cuja narrativa do nascimento (Êx 2) tem o mesmo significado, e Paulo (Gl 1.15).

às nações. A mensagem de Jeremias endereçava-se principalmente a Judá; mas ele também tem palavras de julgamento quanto a outras nações (25.8-37; 46 - 51).

*
1.6 não sei falar. Moisés fez um protesto similar (Êx

criança. Isso denota uma imaturidade que o desqualificava (1Rs 3.7).

* 1.8 Não temas. Essa garantia tem necessidade de ser repetida (10.5; 30.10; cf.

Is 43.1; Lc 12.32).

eu sou contigo. Essas palavras são a promessa essencial do Senhor ao seu povo (Êx 3.12; Is 7.14; Mt 1.23; 28.20).

* 1.9 tocou-me na boca. Isso indica que Jeremias foi consagrado para falar as

palavras do Senhor (Is 6.7).

tua boca as minhas palavras. Ver Êx 4.15; 2Pe 1.21.

* 1.10 para arrancares... plantares. As figuras salientam a mensagem de

destruição de Jeremias, ao mesmo tempo em que também prefiguram a reconstrução feita pelo Senhor. A narrativa de sua chamada prepara para o ministério do profeta em toda a sua variedade. A palavra de Deus realiza os propósitos divinos (Is 55.11).

* 1.11 palavra. Esse vocábulo também pode designar

visões de revelação (Am

7.8).

*

1.13,14 ao fogo... se derramará. A segunda visão, co primeira, afirma

quão inevitável e iminente era o juízo contra Judá. O próprio Jeremias devia acreditar na mensagem, a fim de proclamá-la.

* 1.14 Norte. Embora a Babilônia ficasse a leste, a sua rota de marcha os traria do

norte.

*

1.16 sentenças. O julgamento é uma operação de De ao seu povo

de aliança (11.2), segundo a qual ele implementa as maldições da aliança (Dt 28.15-68).

me deixaram a mim... deuses estranhos. O pecado básico de Judá era a apostasia; a questão central no livro é a fidelidade a Deus.

queimaram incenso. Ver nota em 11.13.

as obras das suas próprias mãos. Uma polêmica irônica (Is 46.6).

* 1.17 cinge os lombos, dispõe-te. Ou seja, ajusta as vestes em preparação para

a batalha ou outras atividades (1Rs 18.46; 1Pe 1.13).

* 1.18 reis... povo. As acusações de Jeremias abrangerão a toda a sociedade de

Judá do maior ao menor.

* 2.1—6.30 Jeremias usa várias figuras vívidas (como comparar Judá a um

jumento selvagem e a uma prostituta) a fim de indiciar Judá por infidelidade a Deus (2.1 — 3.5), e para avisar sobre certos juízos, se a nação não se arrepender e voltar para Deus (3.6—6.30).

* 2.2 Jerusalém. Em Hebraico, cidades são personificadas como feminino

(7.29, nota).

tua afeição. Quanto a essa palavra hebraica, *(hesed),* ver Sl 36.5, nota.

jovem... quando noiva. O início do relacionamento de Israel com o Senhor, no deserto, após o êxodo do Egito, é lembrado como puro e devotado, como uma noiva para com o seu noivo. Ver Os 2.14-16 quanto a uma figura similar.

* 2.3 consagrado... as primícias. Esses termos são extraídos da vida de

adoração. Como santo, Israel era consagrado ao Senhor (Ez 22.26); as "primícias" são algo pertencente especificamente ao Senhor (Dt 26.2; Os 9.10).

se faziam culpados. A ofensa causada pelos tais resultava do manuseio não-autorizado das coisas santas.

*** 2.7 vós a contaminastes... da minha herança. Ver Dt 21.23. O povo**

santo de Deus (Dt 7.6) habitava na terra que Deus lhes deu como herança. A terra podia ser contaminada, ou, em termos religiosos,

podia tornar-se uma "imunda", pelo pecado, porquanto ela permanecia uma possessão de Deus. Ver Lv 25.23.

* 2.8 Os sacerdotes. Esses também podiam ser aqueles que manusearam

a lei (18.18; Dt 31.9), ou podiam ser um grupo de escribas (8.8).

pastores. Uma figura com freqüência usado para indicar os governantes (23.1-4).

profetas. Esses profetas eram um grupo oficial ao qual Jeremias com freqüência se opôs, por causa da apostasia deles (23.9-40; 28).

* 2.9 ainda pleitearei convosco. A metáfora do tribunal é reiniciada (v. 5;

Os 4.1; Mq 6.1,2).

* 2.10 Chipre... Quedar. Essas localizações representam o oeste e o leste, respectivamente. O apelo toma sentido da posição especial de Israel, a saber, a sua aliança com o Senhor, e da assertiva de Jeremias de que os deuses das nações são impotentes.

* 2.12 ó céus. Ver também Is 1.2. Os céus e a terra servem de testemunhas do pacto (Dt 30.19; 31.28; 32.1).

* 2.13 dois males. Jeremias salienta a seriedade do pecado de Judá. águas vivas. Só Deus provê água capaz de transmitir vida (Is 55.1; Jo 4.10; 7.37-39). cisternas rotas. Os deuses que tomaram para si mesmos eram inúteis, vazios.

* 2.15 Os leões novos. Esses são os inimigos de Israel (4.7), que anunciavam desolações.

* 2.16 Mênfis... Tafnes. Cidades egípcias. O Egito e a Babilônia lutaram um com o outro para ver quem ficaria com Israel, entre 609 e

605 a.C.

o alto da cabeça. Algumas versões dizem aqui "coroa", uma referência possível a Josias, que foi morto por Faraó Neco, na batalha de Megido, em 609 a.C. (2Rs 23.29).

* 2.18 ao Egito... à Assíria. Um dos pecados mais persistentes de Israel e de Judá

era buscar ajuda da parte de alianças políticas, em lugar de buscarem ajuda da parte do Senhor (Os 12.1).

as águas. Note a jactância do comandante de campo assírio, ao dizer que ele era um provedor das necessidades básicas mais digno de confiança do que o Senhor (2Rs 18.31).

* 2.20 outeiro alto... árvore frondosa. Ver Dt 12.2; 1Rs 14.23. Esses locais eram

típicos para os santuários das divindades cananéias.

te prostituías. Judá é retratada aqui como uma meretriz, infiel ao Senhor (Ez 23.1-8; Os 3.1-5; 4.10-14).

* 2.21 vide excelente... vide brava. A metáfora da "vinha" com freqüência era usada por Israel (12.10; Sl 80.8-16; Is 5.1-7; Ez 17.1-10). Jesus Cristo é a verdadeira videira, e aqueles que nele permanecem são os ramos (Jo 15.1-8).

brava. Lit., "estrangeira". Estrangeira, aqui, conota as práticas religiosas pagãs.

* 2.22 laves. O pecado só é realmente lavado quando há arrependimento para com o próprio Senhor, como aquele que purifica, através do sangue da aliança eterna (Is 53.46; Hb 9.11-15; 13.20).

* 2.23 no vale. Provavelmente isso refere-se ao vale de Hinom,

imediatamente ao sul de Jerusalém, onde ocorriam práticas cultuais abomináveis (7.31).

Dromedária. Uma jovem camela, caracteristicamente irresoluta, pronta para seguir qualquer novo impulso.

* 2.24 jumenta selvagem... cio. Essa metáfora é um quadro da concupiscência sexual.

* 2.28 os teus deuses... são tantos como as tuas cidades. A associação de deuses com localidades particulares é uma característica distintiva da religião pagã.

* 2.32 a virgem... a noiva. Tal esquecimento seria tão improvável que seria virtualmente impossível.

meu povo se esqueceu de mim. Ver Is 1.2,3.

* 2.34 o sangue de pobres. Isso se refere à perseguição dos fracos por parte dos fortes (um grande tema no livro de Amós; Am 2.6-8; 4.1).

* 2.37 mãos na cabeça. Uma postura para os cativos de guerra.

* 3.1 repudiar sua mulher. A metáfora do casamento (2.2) torna-se agora

uma metáfora de divórcio. A lei subjacente é Dt 24.1-4; o aspecto definitivo do divórcio é o pano-de-fundo do argumento aqui usado.

* 3.6 rei Josias. Ver Introdução: Autor, Data e Ocasião, e nota em 1.2.

Israel. O reino do norte foi destruído em 722 a.C.

se deu... prostituição. Ver "Sincretismo e Idolatria", índice.

* 3.8 carta de divórcio. Ver nota no v. 1. Israel foi "divorciada" por haver

sido deportada pela Assíria (722 a.C.), um exílio do qual ela nunca retornou.

* 3.9 pedras e árvores. Essa é uma referência aos ídolos. Ver

"Sincretismo e Idolatria", índice.

* 3.12 para a banda do Norte. Para aqueles já deportados pela Assíria.

Volta, ó pérfida Israel. Esse chamamento implica tanto em arrependimento como no retorno físico para o seu território; esses dois aspectos andam juntos na mensagem de salvação de Jeremias. Ver nota em 29.14.

não manterei para sempre a minha ira. Essa declaração responde à pergunta do v. 5; cf. 31.20.

* 3.13 te prostituíste com os estranhos. Outro emprego da metáfora da prostituição; ver 2.20.

* 3.14 eu sou o vosso esposo. Embora a nação de Israel estivesse na obrigação de mostrar-se fiel a Deus, como o seu verdadeiro "marido", Jeremias desmascarou o seu pecado de adultério espiritual, ou seja, a vinculação dela aos deuses das nações. Ver Os 2.16,17.

tomarei... um de cada... dois de cada. Deus salvará um remanescente dentre os exilados (23.3, nota; Is 10.20-22, nota).

* 3.16 vos multiplicardes e vos tornardes fecundos. Essas mesmas palavras aparecem em uma ordem inversa, em Gn 1.28: "Sede fecundos, multiplicai-vos". Deus teria um novo começo com o seu povo. Indica que uma futura era messiânica agora está em vista (cf. Is 2.1-5).

A arca... não lhes virá à mente. A importância da arca será diminuída, porque o Senhor estará presente de uma nova maneira.

* 3.17 Trono. O trono do Senhor não mais será a arca (Êx 25.22; 1 Sm 4.4), mas a própria Jerusalém; o Senhor governará a terra inteira do meio de seu povo (Zc 2.10-12).

* 3.20 mulher se aparta perfidamente. Ver 3.1; Os 1 - 3.

* 3.22 Voltai... rebeldes. Essa convocação é paralela a Os 14.4. A chamada

ao arrependimento vai mais além: o próprio Senhor capacitará o povo a voltar (Dt 30.6).

* 3.24 devorou... filhas. Essa perda das possessões e da família é a antítese da bênção (Dt 7.13). Os filhos eram, com freqüência, sacrificados aos deuses pagãos (7.31).

* 4.4 Circuncidai-vos... coração. Os sinais externos de possessão, por

parte do Senhor, nada são, a menos que correspondam a uma realidade interior. Só Deus pode circuncidar o coração (31.31 -34; Dt 10.16; 30.6).

* 4.5 Tocai a trombeta. Um método tradicional de dar aviso (cf. Jl 2.1; Am

3.6). Jeremias começa a anunciar destruição às mãos de um inimigo que viria do norte. O temor faria os que viviam no interior buscarem as cidades, em busca de segurança.

* 4.8 cilício... uivai. Atos esses que, tradicionalmente, indicam tristeza; cf.

Jn 3.5.

* 4.9 naquele dia. Um dia de prestação de conta, quando as coisas

profetizadas se cumprirão (cf. Is 2.11,12).

* 4.11 Vento abrasador. O vento siroco soprava atravessando o deserto e

causando tremendo dano às colheitas.

* 4.13 nuvens... tempestade... as águias. Essas comparações extraídas da

natureza indicam a força e a velocidade do inimigo.

* 4.17 Como os guardas de um campo. É como se os inimigos de Judá já

possuíssem a terra.

* 4.21 Até quando. Esse clamor é comum nos salmos de lamentação (por

exemplo, Sl 13.1).

* 4.22 sábios. A iniqüidade original é fortalecida pelo hábito e prática (9.5).

* 4.23 sem forma e vazia... céus, e não tinham luz. Compare com Gn 1.2,14,15.

A própria criação é destruída por causa do castigo de Deus.

* 4.25 homem nenhum. A mesma frase é usada em Gn 2.5. Novamente a criação

retorna ao seu caos original.

* 4.26 terra fértil... um deserto. As bênçãos do pacto são agora revertidas (Dt 8.7

16).

* 4.30 te adornas... pinturas. Uma vívida repetição da metáfora da meretriz.

Os amantes... procuram tirar-te a vida. Essas linhas exprimem a verdade irônica do auto-engano de Judá.

* 4.31 filha de Sião. Jerusalém é aqui personificada (Lm 1.6, nota).

Ai... assassinos. Podemos até ouvir seu patético suspiro de morte.

* 5.1 ver se achais alguém... perdoarei a ela. Essa busca é uma alusão à

oração de Abraão em favor de Sodoma (Gn 18.22-32) e uma resposta implícita à oração de Jeremias pela cidade (mais adiante proibida; 7.16). Mas a cidade estava totalmente corrompida.

*** 5.3 endureceram o rosto mais do que uma rocha. A determinação do**

povo em não se arrepender foi a principal frustração do profeta (cf. Ez 3.7-9).

* 5.6 leão... lobo... leopardo. Essas quebras da aliança com Deus atraía

as maldições do pacto sobre o povo (Lv 26.22).

* 5.7 eu os ter fartado, adulteraram. O motivo para seguirem deuses

falsos era a ilusão de que os deuses da terra de Canaã tinham o

poder de torná-la fértil. Mas o Senhor reivindica a fertilidade da terra como sendo de sua exclusiva responsabilidade (Os 2.8,9, notas).

* 5.8 como garanhões bem fartos... rinchando. A prostituição religiosa

acaba escorregando para o adultério real. Ver uma descrição similar em 2.23,24.

* 5.9 Deixaria eu. Novamente é usada a metáfora do tribunal; fica implícito

um apelo às testemunhas. A justiça do Senhor deve ser cumprida.

* 5.10 não de todo. Essa indicação de que a punição não será final é um dos diversos indícios no começo do livro de Jeremias (12.14-17; 16.14,15; e 23.3, nota).

não são do SENHOR. Na mesma expressão, a posição pactual de Judá é anulada (Os 1.9, nota). As necessidades aparentemente irreconciliáveis de juízo e de salvação são ambas evidentes aqui.

* 5.12 Negaram. Toda crença errada acerca de Deus está relacionada a todo tipo

de inverdade (9.3-6).

Não é ele... fome. Essas palavras resumem a mensagem dos falsos profetas. Ver 28.2-4.

* 5.13 vento. Jeremias retruca que os profetas falsos, que afirmavam possuir o

Espírito (no hebraico, *ruah)* não passavam de vento (também *ruah).*

* 5.17 Comerão... comerão... comerão. O fato que os inimigos de Judá

consumiriam a prosperidade agrícola da Terra Prometida era uma inversão das bênçãos da aliança. Ver Dt 7.13 quanto à promessa de todas as coisas agora estarem perdidas.

* 5.21 insensato. Ver Pv 1.7.

que tendes olhos... não ouvis. Ver nota em Is 6.10.

* 5.22 Não temereis a mim? Jeremias argumenta com base no poder de Deus na

criação (Jó 38—41; Rm 1.18-20).

* 5.26 perversos... prendem os homens. A natureza da iniquidade é atrair até os

inocentes para si mesma. Pv 2.12-19 descreve o poder de sedução da iniqüidade.

* 5.27,28 se tornaram poderosos e enriqueceram. Jeremias passa aqui dos

pecados especificamente religiosos para os males sociais, pois as duas coisas estão intimamente relacionadas.

Engordam, tornam-se nédios. Essa descrição simboliza a própria centralização das riquezas, cf. Sl 73.7.

órfãos... necessitados. Sl 9.18, nota.

* 6.1 Benjamim. Esse território fronteiriço a Jerusalém ao norte, fazia parte

do reino do sul, de Judá.

Tecoa. Uma cidade em Judá, o lar de Amós (Am 1.1).

Bete-Haquerém. Uma localidade desconhecida em Judá.

Norte. Ver nota em 1.14.

* 6.2 A formosa e delicada... filha de Sião. Ver nota em 2.2. Embora uma

personificação de Jerusalém (4.31, nota), esta símile tem em mente as mulheres refinadas da cidade (Is 3.16-26).

* 6.3 pastores com os seus rebanhos. Esses "pastores" são oficiais

inimigos com as suas tropas, tomando posse da terra (cf. 4.15).

* 6.4,5 ao meio-dia... de noite. Esses são horários incomuns para ataques; a força do inimigo era tal que ele tinha a liberdade de atacar sempre que quisesse.

* 6.6 Um novo oráculo é dirigido aos babilônios, o instrumento de julgamento

usado pelo Senhor.

opressão. Os ricos e poderosos de Jerusalém tem oprimido sua própria gente.

* 6.7 conserva... malícia. Judá não podia deixar de transbordar a sua

iniqüidade, porque esta é a sua verdadeira natureza (cf. Mt 7.16).

* 6.9 se rebuscarão os resíduos. Os fazendeiros não deveriam colher

tudo, mas deixar algo para os pobres (Dt 24.19-22); a Babilônia, entretanto, pode "colher" Judá completamente (contrastar 5.10). O Senhor tem propósitos mais profundos por detrás da permissão que ele dá (23.3, nota). A maldição não era absoluta, porquanto Deus poupou um remanescente para cumprir seu pacto de redenção

(Introdução: Características e Temas). Ver nota em 11.23.

* 6.14 Paz. Sendo a paz mais do que a ausência da guerra, trata-se do bem-estar social e individual, resultado da observância da aliança com o Senhor.

Paz, paz. A simples mensagem bem aceita dos falsos profetas não pode trazer a verdadeira paz (Mq 2.6), cujo requisito é a retidão.

*
6.16 veredas antigas. Essa figura descreve a vida reli

israelitas, desde os dias de Moisés.

* 6.17 atalaias. Ou seja, os profetas (Is 21.11; Ez 3.17; Hc 2.1).

* 6.18 ouvi, ó nações... ó congregação. Ver 2.4; Mq 1.2.

* 6.20 o incenso... cana aromática. Eram ingredientes caríssimos, usados nos

rituais religiosos (Êx 30.23-38).

holocaustos não me são aprazíveis. Essa acusação é importante nos salmos e profetas (Sl 40.6-8; Is 1.11-15; Mq 6.6-8). Ver Mt 23.23.

*
6.23 Trazem arco e dardo... em cavalos. Ver a desc Hc

1.6-11. Embora os babilônios sejam instrumentos de Deus, ele não aprovava a crueldade deles.

* 6.27 acrisolador. Em outros lugares do livro, o próprio Senhor é aquele que tanto testa o povo (9.7; 17.10; 20.12) quanto Jeremias (11.20; 12.3). O profeta age como agente de Deus aqui.

* 6.29,30 chumbo... prata. O chumbo era usado no processo de

refinação da

prata. O processo de refinar a Judá não tem produzido qualquer coisa de valor.

* 7.2 porta. Provavelmente esse era o portão que levava ao átrio interior do

templo. Jeremias colocou-se no lugar central de adoração de Judá para proclamar a falsidade da nação. O poder de sua ação é aumentado por ser, ele mesmo, um sacerdote.

todos de Judá... para adorardes ao SENHOR. É possível que esta profecia foi entregue em uma das grandes festas anuais (Êx 23.14-18), quando de todo o povo de Israel se requeria que se fizesse presente.

* 7.3 neste lugar. A Terra Prometida. A força do apelo de Jeremias aqui,

talvez um choque para a complacente Judá, é que eles não podiam ocupar a Terra Prometida automaticamente.

* 7.4 palavras falsas... Templo do SENHOR. A repetição dá ênfase. A

hipocrisia de sua professa confiança no Senhor e em seu templo é desmascarada nas mínimas coisas.

* 7.5,6 se... para vosso próprio mal. A linguagem condicional repercute o pacto mosaico (Dt 14.28,29; Dt 13.1-3).

derramardes sangue inocente. Esse apelo não contém nenhum exagero (19.4).

* 7.9 Furtais. Note a alusão a cinco dos Dez Mandamentos (compare Os

4.2), com um destaque climático sobre o primeiro mandamento (Êx 20.3).

* 7.10 nesta casa que se chama pelo meu nome. Ver Dt 12.5; 1 Rs 8.43, onde o "lugar" é identificado como o templo de Jerusalém.

Estamos salvos. Uma falsa adoração produz falsa segurança.

* 7.12 em Silo... o meu nome. Silo era o lugar central da adoração para todo o Israel, antes que Davi fizesse de Jerusalém a capital (Js 18.1; 1Sm 1.9). Agora que Silo não mais existia (provavelmente fora destruída pelos filisteus), ela servia de boa prova do ponto salientado por Jeremias de que até um lugar onde o Senhor fizera seu nome habitar não estava imune ao seu juízo.

* 7.13 não me ouvistes. Esse é um importante tema no livro (6.17; 11.7,8; 25.3; cf. 2Rs 17.13,14).

* 7.16. Tu, pois, não intercedas. Tal proibição era funesta, porquanto um dos papéis de um profeta era interceder (Abraão serviu como um intercessor, Gn 20.7; e Moisés Êx 32.11-14). Essa proibição é repetida em 11.14 (compare 15.1; 1Jo 5.16).

* 7.18 Os filhos... os pais... as mulheres. Um quadro do domínio universal que a

idolatria exercia sobre o povo.

Rainha dos Céus. Um nome babilônico para a deusa Istar (44.19,25).

*** 7.20 sobre os homens e sobre os animais... frutos da terra. O rompimento no**

relacionamento entre Deus e o seu povo afeta a criação inteira (ver Os 2.18).

* 7.21-23 os vossos holocaustos... sacrifícios. Sacrifícios

desacompanhados

da adoração interna do coração não interessam a Deus; o povo bem podia comer os sacrifícios eles mesmos, se os oferecessem dessa maneira. Essa condenação profética de um ritual vazio torna-se ainda mais notável porque o sistema de sacrifícios revelado a Moisés continuava em vigor. Jeremias não estava sozinho por falar dessa maneira; ver 1Sm 15.23; Is 1.11-15; Os 6.6; Am 5.21-25; Mq 6.6-8.

* 7.24 andaram... do seu coração maligno. Esse retrato de Judá sugere

fortemente uma disposição nativa para com o mal no coração humano.

* 7.29 Corta os teus cabelos. Esse mandamento está no feminino gramatical, e

personifica Jerusalém como uma mulher (2.1); o rapar da cabeça dela é um sinal de lamentação ou humilhação.

* 7.30 na casa. Este versículo é uma evidência da presença de um culto

estrangeiro no próprio templo, como nos dias de Manassés (2Rs 21.7). Josias tinha removido a abominação, mas esta tinha retornado, possivelmente nos dias de Jeoaquim (Introdução: Autor; Data e Ocasião). Ezequiel também conhece tal contaminação (Ez 8.312). Tais práticas explicam a referência de Jeremias à persistente rebelião de Judá.

* 7.31 os altos. Era o nome usual para os centros de culto pagão (2Rs 23.8,9).

Tofete. Lit., "lugar de fogo". Era no vale do Filho de Hinom, onde crianças tinham sido sacrificadas ao deus estrangeiro, Moloque. O oferecimento do filho primogênito era praticado no mundo antigo, mas

em Israel um filho primogênito era "remido", substituindo-se o mesmo por um animal, que era sacrificado (Êx 13.2; 34.19,20). O sacrifício de crianças era expressamente proibido (Lv 18.21; 20.2-5). Ver também 2Rs 23.10 e nota.

vale do filho de Hinom. Ficava a sudoeste de Jerusalém. Seu nome equivalente, em grego, é *Geena,* ou "inferno" (Mt 5.22, nota).

* 7.33 Os cadáveres. Ver 1Rs 14.11 e nota. Restos de corpos (8.1) infligiam uma

desonra ainda maior (2Rs 23.16,18) do que deixar um cadáver exposto aos animais que comiam carniça.

*** 8.2 espalhá-los-ão ao sol, e à lua, e a todo o exército do céu. A ironia desta**

maldição é que eles adoravam esses corpos celestiais (2Rs 21.3-5). O trecho de Isaías 40.25,26 declara que o Criador é maior do que essas coisas criadas.

* 8.6 Cada um corre a sua carreira. Em lugar de abandonarem os seus

pecados, eles corriam na direção deles, precipitando-se de cabeça.

* 8.8 sábios... escribas. Os sábios formavam um grupo, talvez o mesmo

grupo dos "escribas". Ver 2Sm 8.17; Ed 7.6 e notas.

* 8.9 Os sábios... que sabedoria. Diferente da sabedoria exposta em

Provérbios, a sabedoria destes escribas era vazia, não demonstrando nenhum conhecimento real da palavra do Senhor. Ver Dt 4.6.

* 8.13 não haverá uvas na vide. A videira simbolizava Judá (2.21). Entretanto, a

linguagem também sugere a perda da fertilidade, uma bênção de Deus que o povo havia atribuído a outros deuses (Os 2.8,9).

* 8.14 Reuni-vos. A palavra é a mesma usada para "consumirei" a colheita, no v.

13 (ver referência lateral). Ironicamente, o que eles tencionavam como uma reunião para obterem segurança seria uma reunião para serem julgados.

* 8.17 serpentes, áspides. Essas palavras podem ser compreendidas literalmente,

como uma espécie de praga (comparar a "água venenosa" do v. 14; Nm 21.6), ou como uma figura de linguagem para indicar o inimigo.

*** 8.18 Se eu pudesse consolar-me na minha tristeza! O hebraico por detrás**

desta frase é problemático. Talvez signifique: "minha tristeza me esmagou".

* 8.21 Estou quebrantado... estou de luto. Jeremias participa do sofrimento do

povo (14.2).

* 8.22 não há bálsamo em Gileade? Gileade era lugar conhecido por seus

produtos medicinais (46.11).

não há lá médico?... não se realizou a cura. Quanto à metáfora da cura e dos falsos curandeiros, ver 8.11. O desejo por um médico é um

apelo a Deus como tal; ele virá no tempo certo, na pessoa de Cristo, o Grande Médico (30.17; cf. Lc 4.18,19).

* 9.1 Então, choraria. A simpatia de Jeremias pelo povo é compartilhada

mais tarde por Jesus (Lc 19.41).

*** 9.3 curvam a língua, como se fosse o seu arco. Essa é uma símile**

militar; o arco deles era a falsidade, e eles saíam atirando, como se estivessem na batalha.

diz o SENHOR. Deus concordava com a estimativa de Jeremias sobre a condição moral do povo (vs. 1,2). A atitude do Senhor foi expressa através do profeta.

* 9.8 paz. Essa paz (no Hebraico, *shalom)* seria uma base verdadeira para

a sociedade, e um produto da fidelidade à aliança; seu oposto é a falsidade, infelizmente a base real da sociedade.

* 9.10 levantarei choro e pranto. Jeremias chora particularmente pela desolação

da terra que Deus dera a seu povo para ser rico e numeroso, mas que agora estava desolada. Ver Mq 1.8.

* 9.11 morada de chacais. A ausência de habitantes assinala a maldição sobre a

terra, nesse tema comum (Sl 44.19; Is 13.21,22).

* 9.12 homem sábio, que entenda. Essa linguagem faz-nos lembrar o conceito de

sabedoria como um conhecimento dado por Deus (Pv 1.2-5). A idéia da sabedoria como uma recomendação de Israel entre as nações (Dt 4.6) agora foi invertida.

* 9.13 que pus perante eles. Ver Dt 4.8.

* 9.17 carpideiras. O tema do choro é retomado (vs. 1,10), com a mais clara

alusão, no Antigo Testamento, às carpideiras, empregadas para liderar a lamentação pelos mortos (Am 5.16).

*
9.21 a morte. As ações da morte são poeticamente

as crianças e os jovens. Ver 6.11; Lm 5.13-15 e notas.

*
9.24 Ver nota teológica "O Verdadeiro Conhecimento de Deus", índice .

em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR. Ver o v. 12, que introduz a idéia da sabedoria neste capítulo. No fim, sabedoria é conhecer a Deus, não abstratamente, mas pessoalmente.

misericórdia, juízo e justiça. Esses três atributos característicos do Senhor são revelados e exercidos no pacto.

*** 9.25,26 os circuncidados juntamente com os incircuncisos. Ver 4.4. Israel**

é externamente circuncidado, mas internamente é incircunciso. As nações circunvizinhas praticavam a circuncisão, mas não como sinal de um pacto de que pertenciam ao Senhor. Visto que Israel e Judá são incircuncisos em seus corações, efetivamente eles estão na mesma condição das nações. Ver Rm 2.25-29; 4.9-12; 9.8; Gl 5.6; 6.15.

* 10.2 espanteis. O terror caracterizava a adoração aos deuses falsos. A adoração

aos corpos celestes (8.2 e nota) traz consigo temores especiais, por causa de fenômenos incomuns. Uma compreensão bíblica da criação retira esses temores, aceitando tais fenômenos como a ordem criada por Deus (Gn 1; Is 40.26).

* 10.3 são vaidade. Essa palavra, usada em outros lugares por Jeremias para ídolos (cf. o v. 8), transmite a idéia de vazio (2.5).

* 10.4 com prata e ouro. Embora alguns ídolos fossem moldados com metais preciosos (Êx 32.4; Ne 9.18), mais freqüentemente eles eram entalhados na madeira e decorados com ouro ou prata, como descrito aqui (Is 40.18-20). Os ídolos domésticos mais comuns eram moldados na argila e então eram endurecidos no fogo, como cerâmica (Jz 18.17; Is 30.22; 42.17).

* 10.7 temeria. O temor de Deus, aos moldes da Bíblia, envolve mais do que o

medo do julgamento divino. Inclui respeito, reverência e adoração, em reação à

majestade e à santidade de Deus (Sl 2.11,12).

ó Rei. Esse apelo combate a reivindicação de realeza por parte de falsas divindades, como Bel Marduque, na Babilônia (cf. Is 46.1; 43.15).

os sábios. A sabedoria deles é contrastada com a do Senhor (v. 12).

* 10.8 Estúpidos e loucos; seu ensino é vão. A linguagem aqui usada se parece com a da literatura de sabedoria.

* 10.9 Társis... Ufaz. Társis ficava na Espanha; Ufaz ainda não foi identificada.

*** 10.10 é verdadeiramente Deus... o Deus vivo. Ver Dt 5.26.**

o Rei eterno. Ver nota no v. 7; ver também Êx 15.18; 2Sm 7.13. A eternidade do reino de Deus é aqui afirmada, embora a casa de Davi estivesse prestes a chegar ao seu fim histórico.

seu furor... a sua indignação. Cf. Sl 97.5.

* 10.12 poder... sabedoria... inteligência. Vemos aqui um novo apelo ao poder do verdadeiro Deus na criação, no argumento contra os deuses estrangeiros. Quanto à criação por meio da sabedoria de Deus, ver Pv 8.22-31, uma passagem que prefigura Cristo como a sabedoria pré-existente de Deus (Cl 1.15; 2.3).

* 10.13 ribombar o trovão... dos seus depósitos. Ver Sl 29.3,4; 135.5-7. O

controle do Senhor sobre a chuva combate as reivindicações feitas pelo deus cananeu Baal (ver 1Rs 17.1).

* 10.16 Porção de Jacó... sua herança. Quanto ao Senhor como a porção ou

herança de alguém, ver Nm 18.20; Sl 16.5. Originalmente, isso se

referia especificamente aos levitas, mas mais tarde, foi usado mais amplamente para descrever o que Deus prometera a Israel, em sua aliança com ele.

* 10.19 Ai de mim... mui grave. Ver o clamor de Jeremias em 4.19-21. A metáfora

médica é favorita para Jeremias (6.7; 14.17; 30.12,13,15,17).

* 10.20 os meus filhos se foram. As tristezas causadas pela perda dos filhos

completam o quadro da desolação do exílio (16.3-5).

* 10.23 Eu sei... o dirigir os seus passos. Esse pensamento também se encontra

na literatura de sabedoria (Pv 16.9).

* 10.25 Este versículo se parece muito com Sl 79.6,7, e pode ser uma citação do

mesmo. Contudo, neste novo contexto talvez não seja tão bem motivado como o é naquele salmo. O capítulo termina com um apelo para que o Senhor castigue os gentios, embora sua tônica principal seja mostrar que Judá merecia um julgamento severo como aquele que recebeu.

* 11.1—13.27 A idolatria de Judá era uma violação do pacto e resultará no cativeiro como parte das maldições do pacto.

* 11.2 as palavras. Os mandamentos de Deus na aliança mosaica (Dt 1.1). O

pacto mosaico, diferente do pacto de Noé e do novo pacto, dependia da fidelidade de Israel, e não da fidelidade do Senhor (Hb 8.6; Introdução: Características e Temas).

desta aliança. Uma aliança ou pacto é um acordo solene entre duas ou mais partes. É o tipo de relacionamento no qual Deus entrou livremente, já no início, com toda a humanidade (Gn 9.1-17), e então com Abraão, como o progenitor de Israel (Gn 17.1-21),

então com Israel, no Sinai (Êx 19—24), então com Davi (2Sm 7.12-16; Sl 89.3), e, finalmente com todo povo de Deus, na nova aliança (31.31-34, notas).

* 11.3 Maldito o homem que. Ver Dt 27.15-26.

* 11.5 para que confirme o juramento que fiz. A aliança firmada com Abraão era

na forma de uma promessa divina (Gn 15.17-21; cf. Dt 4.31). Sob os termos do pacto mosaico, as bênçãos temporais do pacto abraâmico eram administradas à base da obediência do povo de Israel (Êx 19—24). Sob os termos do novo pacto, as bênçãos eternas do pacto abraâmico são administradas à base da obediência de Cristo, ao mesmo tempo em que a obediência do crente prova a vitalidade da fé que ele professa (Tg 2.1426).

uma terra que manasse leite e mel. Ver Êx 3.8; Dt 6.3.

amém, ó Senhor! A palavra "amém" (no hebraico, *amen)* indica aceitação dos termos estabelecidos. Ver Dt 27.15-26.

* 11.9 Uma conspiração. Essa conspiração poderia ser a resistência às palavras

de Jeremias, ou às reformas de Josias.

* 11.10 a casa... com seus pais. Uma vez mais, a aliança é remetida à promessa

feita aos patriarcas (v. 5 e nota). A atual desobediência de Judá à aliança era coerente com o padrão da história de Israel (ver

especialmente Juízes).

* 11.13 para queimares incenso. O incenso era usado na adoração pagã, e

também na adoração ao Senhor (1.16; 7.9; 18.15; Êx 30.7-9).

* 11.15 a minha amada. Judá, também em 12.7. O tratamento carinhoso está em

acordo com a imagem do namoro e do noivado, em 2.2 e 3.1.

na minha casa. Ver 7.10,11; Ez 8.6-13.

carnes sacrificadas... de prazer. O Hebraico é difícil; a crítica, entretanto, é contra uma adoração inaceitável que produz uma alegria falsamente baseada na salvação dada por Deus.

* 11.19 manso cordeiro, que é levado ao matadouro. Um símile que tira proveito

da prática dos sacrifícios (ver Sl 44.11). Jeremias com freqüência usa a linguagem dos salmos de "lamentação" (ver Introdução aos Salmos). Como um tipo de Cristo, os sofrimentos de Cristo são prefigurados na vida de Jeremias (Is 53.7).

a árvore com seu fruto. Estão em pauta Jeremias e a sua mensagem, ou então temos aqui uma referência enfática à sua vida.

cortemo-lo da terra dos viventes... e não haja mais memória. Não mais ser lembrado, por não ter filhos, era o pior dos destinos. Aqueles que tentaram apagar toda a memória de Jeremias foram eles mesmos esquecidos, enquanto que, através de suas profecias, Jeremias continua sendo relembrado hoje em dia.

* 11.21 homens de Anatote. Eles eram da mesma cidade de Jeremias (1.1). Os

detalhes da conspiração revelam que a pior oposição a ele vem daqueles que lhe eram mais íntimos (Sl 69.7-9; Mt 10.36, citando Mq 7.6). Quanto a esse aspecto, Jeremias também se assemelha com Cristo (Jo 7.2-5; At 1.15-20).

* 11.23 não haverá deles resto nenhum. Essa ameaça de extinção total contrasta

a sorte dos inimigos pessoais de Jeremias com a sorte de Judá em geral (ver 4.27; 5.10; 6.9 e notas).

*** 12.6 até os teus irmãos e a casa de teu pai. Ver 11.21-23.**

* 12.7 a minha herança. A "herança" de Deus inclui tanto o território concedido a

Israel (Dt 4.21) quanto o próprio povo. Ver os vs. 8 e 9; 2.7.

a que mais eu amava. Ver 11.15 e nota.

* 12.8 como leão. Esta primeira dentre uma série de símiles (cf. o vs. 9,10) mostra

como a natureza de Judá havia mudado.

eu a aborreci. Conforme é freqüente na Bíblia, o "ódio" é a única alternativa para o amor (Ml 1.2,3).

* 12.10 pastores. Isto é, governantes estrangeiros. o meu prazer. Ver Is 5.7.

* 12.12 não há paz para ninguém. Este versículo desmascara a mentira das falsas proclamações de paz (6.14).

* 12.14 todos os meus maus vizinhos. Embora os adversários de Judá tivessem sido usados pelo Senhor para puni-la, eles mesmos seriam, afinal, punidos.

os arrancarei. Quando Deus julgar os inimigos de Judá, removendo-os de suas próprias terras, ele também livrará e restaurará a Judá, o tema a ser desenvolvido em Jr 30 - 33.

* 12.15 depois de os haver arrancado... à sua terra. Esta profecia é uma grande reviravolta no pensamento, antecipando a restauração e a salvação de todos os povos. Jeremias, pois, espera a inclusão dos gentios na salvação de Deus (46.26; 48.47; 49.6), como fazem outros profetas (por exemplo, Is 42.6).

* 12.16 serão edificados no meio do meu povo. Ver Is 19.25 quanto a um uso igualmente surpreendente da frase "meu povo" — para o Egito.

* 13.1 um cinto de linho. O "cinto" simboliza o relacionamento íntimo entre Deus e o seu povo.

* 13.4 Eufrates. Uma localização mais próxima pode estar em foco (talvez Pará, Js 18.23, perto de Anatote), cuja semelhança de nome, não obstante, sugeriu o rio Eufrates, e, por conseguinte, o exílio babilônico.

* 13.7 se tinha apodrecido e para nada prestava. A podridão do cinto retrata a corrupção do povo, que não mais estava apto para um relacionamento com o Senhor.

* 13.11 fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel. O Senhor interpreta aqui o significado do ato simbólico como ilustração de sua aliança com todo o povo de Israel.

* 13.12 se encherá de vinho. O vinho é aqui usado como símbolo da ira de Deus (25.15-29).

* 13.18 ao rei e à rainha-mãe. Provavelmente o rei Joaquim e sua mãe Neústa (2Rs 24.8). Essa profecia, pois, está cronologicamente perto do ataque de Nabucodonosor contra Jerusalém, em 597 a.C. (Introdução: Autor, Data e Ocasião).

caiu da vossa cabeça a coroa. Ver 22.24-26. Esse julgamento significou o fim da dinastia davídica histórica, e parece entrar em conflito com a promessa feita a Davi (2Sm 7). Entretanto, ver 33.14-26 quanto ao cumprimento futuro da aliança com Davi.

* 13.19 As cidades do Sul. Essas cidades, ao longo da fronteira sul, seriam uma importante defesa contra os aliados de Babilônia (como Moabe: 2Rs 24.2), mas foram incapazes de impedir o saque de Judá. Elas simbolizavam o orgulho de Judá (v. 17), que ficou assim demonstrado como oco, vazio.

* 13.20 os que vêm do Norte. Ver 4.6. Judá é vulnerável tanto ao Norte, quanto ao Sul (v. 19).

* 13.22 tuas fraldas... calcanhares. Um quadro de vergonha pública, como o de uma prostituta.

* 13.23 Pode, acaso, o etíope... as suas manchas? Uma pergunta retórica. Era típico de Jeremias asseverar a incapacidade de Judá de arrepender-se e de obedecer ao Senhor — o que explica a sua nova teologia do pacto (31.31-34, e notas). Ver " Liberdade e Escravidão da Vontade", índice.

* 13.25 a tua sorte. A palavra "sorte" relembra as sortes lançadas por ocasião da divisão da terra (Js 14.2). Agora significa expulsão da mesma terra.

* 14.1—15.21 O povo de Judá está tão endurecido em seus pecados que Deus nem ao menos responderá, mesmo que fosse uma oração de Jeremias, pedindo que eles

fossem livrados do castigo da seca. Em resposta à pergunta de Jeremias se Deus tinha rejeitado completamente a Judá (14.19), Deus replica que o castigo que viria era inevitável, por causa do pecado de Judá; mas o Senhor assegura a Jeremias o livramento pessoal dos seus inimigos.

* 14.3 Cobrem a cabeça. Um sinal de lamentação.

* 14.4 Por não ter havido chuva. O Senhor ou concede ou retém as chuvas (Dt 11.10-15; 28.12).

* 14.8 Ó Esperança. Essa palavra hebraica também significa "poço", uma palavra notável em um tempo de seca.

Redentor. Ou Libertador, como em uma batalha.

* 14.9 somos chamados pelo teu nome. Essa chamada explica o significado das palavras "por amor do teu nome", no v. 7. A honra do Senhor está em jogo, nos fortúnios de seu povo.

* 14.10 diz o SENHOR. Deus responde diretamente à oração dos vs. 7-9. este povo. Talvez, de modo significativo, Deus não usa "meu povo".

* 14.11 Não rogues. Ver 7.16 e nota. Aqui a proibição segue a intercessão nos vs. 7-9.

*** 14.12 jejuarem... holocaustos e ofertas de manjares. Os rituais, por seus**

próprios méritos, não comovem a Deus (7.21-23, nota).

pela espada, pela fome e pela peste. A primeira dentre as quinze vezes em que essa tríplice combinação aparece em Jeremias (p.ex., 15.2). Este é um típico sumário de horrores que o julgamento pode trazer (Dt 32.24,25).

* 14.13 os profetas. Ou seja, aqueles que profetizavam falsamente a paz (6.1-4;

8.11). Jeremias pleiteia em favor do povo de Judá, dizendo que eles tem sido enganados.

* 14.16 O povo. O apelo do profeta (v. 13) errou o alvo: o povo deveria ter testado

os profetas, mediante as profecias deles (Dt 13.2,3; 18.21,22).

não haverá quem os sepulte. Ver 7.33.

* 14.19 Aguardamos a paz. Por causa do ensino dos profetas falsos (v. 13 e nota).

* 14.21 o trono da tua glória. O templo está aqui em vista (ver 2Rs 19.15; mas cf.

1 Rs 8.27).

a tua aliança conosco. Jeremias relembrou a aliança estabelecida com Abraão, Isaque e Jacó (Gn 15.12-21; 26.3-5; 28.13-15; Lv 26.42.45).

* 15.1 Moisés e Samuel. Deus traz à mente dois grandes intercessores em prol de

Israel (Êx 32.11-14; 1Sm 12.23). Note também Elias em 1Rs 17.1. Orar pelo povo é novamente proibido (7.16; 11.14), e a oração que acabou de ser oferecida (vs. 19-22) é especificamente rejeitada.

*** 15.3 com espada... com cães... com as aves... e as feras... Ver 7.33, nota; 1 Rs**

21.23.

* 15.4 Manassés. Filho do rei reformador, Ezequias (2Rs 20.21) e um dos reis mais

iníquos. Mesmo depois das reformas instituídas por seu neto, Josias, o castigo e o exílio de Judá continuam a ser vinculados a ele (2Rs

23.26). Ver Introdução: Autor, Data e Ocasião.

*** 15.6 voltaste para trás. Ver 3.22.**

estou cansado de ter compaixão. Promessas como a de 31.20 estão, pelo momento, em segundo plano.

* 15.7 Cirandei-os com a pá. Ver 4.11, onde a metáfora é usada de maneira

levemente diferente. Aqui aponta para o castigo (cf. Is 41.16).

* 15.9 Aquele que tinha sete filhos. Um quadro de bênçãos (Sl 127.5) é revertido.

os que ficaram dela... à espada. Até o próprio remanescente, deixado pela destruição, foi ameaçado com a morte. Compare Is 6.13, onde um pensamento semelhante é finalmente abrandado pelo promessa da "santa semente".

* 15.12 Pode alguém quebrar o ferro. Como poderia Jeremias esperar mudar o

coração teimoso de Judá? Ver 13.23 e nota.

* 15.14 Levar-te-ei com os teus inimigos. Esta profecia é cumprida por Jeremias,

em 43.4-7.

* 15.16 Achadas as tuas palavras, logo as comi. Este versículo relembra o lado doce das tarefas doce-amargas de receber as palavras de Deus (Ez 3.1-3).

pelo teu nome sou chamado. Esta frase é aplicada ao povo, em 14.9.

* 15.17 eu me assentei solitário. Sem dúvida essa é uma

declaração literalmente verdadeira, parcialmente devida ao celibato (16.2). Mas também pode haver um profundo senso de solidão em torno do profeta mal acolhido; note-se Elias, em 1Rs 19.10, e nosso Senhor Jesus, em Mt 26.37,38.

* 15.18 a minha ferida... não admite cura. A ferida é de Judá, em 14.17. A frase inteira é aplicada a Judá, em 30.12, juntamente com uma promessa de cura (30.16,17). Ver também 10.19, onde é usada acerca de Jeremias.

como ilusório ribeiro. Contrastar com 2.13; e cf. 20.7.

* 16.1—17.18 Jeremias foi proibido de casar-se e de tomar parte nas outras atividades normais, como sinal do julgamento vindouro (cap. 16). Um agudo contraste é traçado entre os destinos daqueles que confiavam no homem e daqueles que confiavam em Deus (17.1-18).

* 16.2 Não tomarás mulher. A proibição está relacionada exclusivamente com o papel de Jeremias como profeta sobre a sorte de Judá (1Co 7.26). Jeremias morreria sem filhos, um sinal de que não havia futuro imediato para Judá.

*** 16.4 A espada e a fome os consumirão. Ver nota em 14.2.**

* 16.8 Nem entres na casa do banquete. Depois do v. 2 e do v. 5 há ainda uma terceira proibição simbólica.

* 16.9 farei cessar... o canto do noivo e o da noiva. Ver também 7.34. Tais sons são típicos dos tempos de paz e esperança (Mt 24.38,39; contrastar com 33.10,11).

* 16.12 fizestes pior do que vossos pais. Embora a presente geração compartilhe da culpa com seus antepassados (14.20), ela é responsável por seus próprios pecados (31.29,30; Ez 18.2-4).

* 16.13 lançar-vos-ei fora desta terra. Em outras palavras, Deus os enviaria para o exílio (ver Dt 28.36,64).

onde servireis a outros deuses. Com um castigo apropriado ao crime eles finalmente descobririam que esses deuses não trazem qualquer benefício.

* 16.16 pescadores... caçadores. Judá é aqui retratada como a presa do Senhor.

sobre todos os montes... até nas fendas das rochas. Não haverá como eles escaparem (23.24; Is 2.19).

* 16.17 os meus olhos estão sobre todos. Ver "Deus Vê e Conhece: Onisciência Divina", índice.

* 16.21 saberão que o meu nome é SENHOR. Conhecer o nome do Senhor aqui, significa reconhecer sua autoridade e poder, através de seus atos de juízo.

* 17.1 na tábua do seu coração. Essa metáfora nos faz lembrar das tabuinhas para escrever as leis. Ver 31.33, onde a lei é escrita no coração, e Pv 3.3 e 7.3. Na nova aliança, Cristo grava a lei nos corações de seu povo, pelo seu Espírito (2Co 3.3).

nas pontas dos seus altares. Esses altares deveriam comemorar a expiação pelo pecado, mas onde quer que o pecado não seja perdoado, eles continuam a relembrar Deus do próprio pecado.

* 17.2 dos seus altares e dos seus postes-ídolos. Ver 2.20, nota; Êx 34.13; Dt 7.5.

* 17.3 Ó monte do campo. O monte Sião, onde o templo estava, foi saqueado por Nabucodonosor (52.17-23).

* 17.4 tua herança que te dei. A Terra Prometida (2.7).

* 17.7 que confia... esperança. O Senhor recompensa pela confiança, porquanto Deus é, por natureza, digno de confiança (Is 7.9). A similaridade íntima entre os vs. 7, 8 e Sl 1.1-3 sugere que a confiança no Senhor envolve a obediência à sua lei.

* 17.8 como a árvore plantada junto às águas. Essa figura é um símbolo poderoso de força em uma terra seca (Is 44.4).

* 17.9 o coração. No Antigo Testamento, o "coração" é mais do que a sede das emoções. Ele representa a base do caráter, incluindo a mente e a vontade (4.19; Pv 4.23; 16.23). Ver a nota teológica, "Liberdade e Escravidão da Vontade", índice .

* 17.10 os pensamentos. Lit., os "rins". No antigo idioma Hebraico, esses órgãos representam a sede das emoções.

* 17.11 Como a perdiz... retamente. Acreditava-se comumente que a perdiz furta os ovos de outras aves, mas que seus filhotes retornariam a seus pais naturais. Por semelhante modo, uma pessoa não será capaz de reter riquezas injustamente ganhas.

e no seu fim será insensato. Quanto à natureza transitória das riquezas, ver Pv 23.4,5.

* 17.12 Trono de glória. Ver nota em 14.21; Sl 99.1.

desde o princípio. Isso implica que Sião foi escolhida como o trono de Deus antes do templo ter sido construído (Êx 15.17).

* 17.13 será escrito no chão. Em breve eles serão esquecidos. Contrastar com o

pensamento de Êx 32.32.

* 17.15 Onde está a palavra do SENHOR? Com essa pergunta sarcástica,

Jeremias é acusado de ser um profeta falso (Dt 18.21,22). Ver Mq 7.10; 2Pe 3.2-4.

* 17.18 assombrem-se eles... não me assombre eu. Orar pelo julgamento de seus

inimigos é comum em Jeremias (11.20; 12.3; 15.15). As palavras nos fazem relembrar seu chamado (1.17).

* 17.20 que entrais por estas portas. A mensagem foi dada naqueles portões por

causa do seu papel no mundo do comércio (ver Ne 13.15,19).

* 17.22 santificai o dia de sábado... a vossos pais. Um apelo específico é feito ao

mandamento sobre o sábado (Êx 20.8-11; Dt 5.12-15; Ne 10.31; Is 56.2).

* 17.25,26 Esta profecia representa um quadro (parcialmente repetido em 22.4)

da restauração da dinastia de Davi, da estrutura social e da adoração, tudo o que se centrava no templo. Ver também 23.5,6; 30.9; 33.14-26. Tudo de que Judá foi ameaçado, por conseguinte, podia ser revertido.

* 18.1—20.18 Tal como um oleiro pode remodelar um vaso mal formado, Deus remodelaria o seu povo disciplinando-os no exílio (18.1-17). Jeremias representa o juízo divino ao quebrar uma jarra feita de argila (cap. 19), e foi maltratado por causa de sua mensagem nada popular (18.18-23; cap. 20).

* 18.2 à casa do oleiro. Aparentemente no vale do filho de Hinom, perto da Porta

do Oleiro (19.2); daí a ordem para "descer". Ver também 7.31.

* 18.4 tornou a fazer dele outro vaso. Um oleiro tem liberdade no tocante aos

seus planos. A ruína de sua primeira intenção não é final.

* 18.6 ó casa de Israel. Segue-se a analogia com Israel. O uso do vocábulo

"Israel" relembra os propósitos históricos da eleição de Deus para todo o povo, dos quais propósitos Judá agora era a herdeira.

* 18.7,8 A ilustração do oleiro (vs. 2-4) mostra que o juízo planejado por Deus pode

ser revogado pelo arrependimento daquelas nações.

* 18.13 Coisa sobremaneira horrenda. Uma das expressões fortes usadas para a

idolatria (v. 15; cf. 5.30).

* 18.14 Acaso, a neve deixará. Assim como seria contra a natureza aquela região

abandonar as águas frias e correntes, transformando-se em águas paradas e poluídas, do mesmo modo, é difícil compreender como alguém abandonaria a Deus para seguir a idolatria.

* 18.15 queimando incenso. Ver nota em 11.13.

nas veredas antigas... veredas não aterradas. Ver nota em 6.16. As "veredas" eram estreitas, insuficientes e perigosas.

*** 18.17 vento oriental. Cf. 4.11.**

as costas, e não o rosto. O sentido é o favor retido (2.27). Ele lhes voltaria as costas.

* 18.20 pagar-se-á mal por bem. Cf. Sl 35.12; 1Pe 2.19-24.

abriram uma cova. Eles tinham intenções assassinas (v. 22). Ver as experiências reais de Jeremias, em 37.16; 38.6.

compareci à tua presença... seu bem-estar. Ver nota em 15.1.

19.2 vale do filho de Hinom. Ver nota em 18.2.

Porta do Oleiro. Um portão que havia no sul da cidade de Jerusalém, possivelmente a mesma Porta do Monturo (Ne 2.13).

* 19.3 trarei mal... retinir-lhe-ão os ouvidos. Essas palavras assemelham-se bem

de perto com 2Rs 21.12, que também diz respeito ao julgamento sobre Judá e Jerusalém. O julgamento é severo e chocante para qualquer um que ouvisse falar dele.

* 19.9 cada um comerá a carne do seu próximo. Tal horror ocorreu durante o

cerco de 586 a.C. (Lm 2.20 e nota).

* 19.10 quebrarás a botija. O clímax da cena é outra ação profética simbólica (ver

13.1-11 e notas). A botija de argila quebra-se no impacto (Sl 2.9). A metáfora era familiar no mundo antigo.

* 19.11 que não pode mais refazer-se. Judá, endurecida pelo pecado, não mais

poderia ser remodelada, mas somente destruída.

os enterrarão em... para os enterrar. Ver 7.32.

* 19.13 serão imundas como o lugar. Josias tinha contaminado Tofete (2Rs 23.10).

o exército dos céus. Ver 8.2 e nota; ver também 2Rs 23.4,5.

* 20.1 Pasur. O nome aparentemente era comum (ver 21.1; 38.1 — cada um

desses textos talvez se refira a um homem diferente). Note que sacerdotes mais idosos tinham estado entre os ouvintes de Jeremias, no vale (19.1), e Pasur talvez estivesse entre eles.

* 20.2 feriu Pasur ao profeta Jeremias. Os deveres de Pasur como governador

do templo incluíam restringir àqueles cujas ações perturbassem a adoração (29.26; Dt 25.2,3). A oração de Jeremias, em 15.18, mostra que a pregação profética fiel era perigosa.

ao profeta. Esse título afirma a posição de Jeremias como um verdadeiro profeta, a despeito da ação legal contra ele.

* 20.3 Terror-Por-Todos-Os-Lados. Heb. Magor-Missabile, cf. 6.25. O povo

deveria ter medo de associar-se a Pasur, por ser ele um exemplo altamente visível de porque a ira do Senhor estava lhes sobrevindo. Ele tinha abusado abertamente do profeta de Deus.

* 20.7 Persuadiste-me... persuadido fiquei. Jeremias não tinha previsto as

tribulações que traria a sua tarefa, e ele recebeu seu chamado (especialmente, talvez,

1.7,8) como uma compulsão dominadora (4.10).

* 20.8 Porque, sempre que falo... destruição! Uma compulsão que

ele não

conseguia controlar, fazia-o proferir sua mensagem de ira vindoura.

* 20.9 como fogo ardente. A relutância de Jeremias era profunda, mas a Palavra

de Deus nele exerceu uma pressão a que ele não podia resistir (ver Am 3.8; 1Co 9.16; 2Co 5.14).

* 20.14 Maldito. O Espírito permitiu que fosse preservado este registro do

desespero de Jeremias. As palavras do profeta foram como as de Jó (Jó 3.1-26).

* 20.16 como as cidades... destruiu. Sodoma e Gomorra, cuja sorte tornara-se

proverbial (Is 1.9; Am 4.11).

* 21.1—24.10 Esses capítulos narram o fim da dinastia davídica, deixando claro que o desastre e o exílio são parte do julgamento divino sobre os pecados dos reis e do povo de Judá. Jeremias denuncia os falsos profetas que levaram o povo a se desviar (cap. 23), mas também fez soar uma nota de esperança, quando Deus promete recolher um remanescente de seu povo do cativeiro, sob a liderança de um "Renovo de justiça", descendente da casa de Davi (23.3-8). A dupla mensagem de julgamento e de restauração futura é repetida na visão de Jeremias das duas cestas de figos (cap. 24).

* 21.1 Zedequias. Esse nome significa "o Senhor é a minha justiça".

lhe enviou. Zedequias mantinha uma dependência vacilante de Jeremias, sem ter a coragem moral de obedecer às suas advertências (37.3,21; 38.5,14,19,24-26).

Pasur. Não necessariamente o mesmo Pasur mencionado em 20.1 (ver a nota), ou 38.1.

Sofonias. Um sacerdote que era filho de Maaséias (29.25,29; 37.3; 52.24), que não era o profeta Sofonias (Sf 1.1).

* 21.2 Pergunta agora. Um pedido de orientação.

Nabucodonosor. Rei da Babilônia, 605 - 562 a.C. O nome dele era uma combinação com "Nabu" (ou "Nebo"), uma divindade babilônica (Is 46.1; Dn 1.1).

guerreia contra nós. Zedequias era um vassalo de Nabucodonosor (37.1), e rebelou-se contra ele em 589 a.C. Nabucodonosor lançou cerco contra Jerusalém em 588 a.C.

*** 21.5 Pelejarei eu mesmo contra vós... com braço estendido e mão**

poderosa. Essa linguagem retrata o poder do Senhor na guerra, voltado de modo horripilante contra o seu próprio povo (Dt 4.34; 5.15; 7.19; Am 5.18).

com ira, com indignação e grande furor. Ver Dt 29.23.

* 21.12 Julgai pela manhã justamente. Ver 9.24. Essa necessidade de justiça (ver

referência lateral) era esperada tanto do rei, quanto do Rei messiânico (23.5; 2Sm 8.15;

1 Rs 3.28; Sl 72.1,2).

* 22.2 ó rei de Judá. Uma palavra dirigida a qualquer dos reis de Judá, que servia como o prelúdio a uma demonstração do fracasso virtualmente contínuo deles.

* 22.5 juro por mim mesmo. Ver Gn 22.16; Is 45.23 e notas.

* 22.6 Gileade... Líbano. Essas eram regiões férteis (cf. 8.22 e nota). O Líbano era

bem regado por rios e rico em florestas, especialmente o cedro, que foi usado no templo de Jerusalém (1 Rs 5.6-10).

* 22.7 Designarei. Lit., "consagrarei". Linguagem normalmente usada em guerra

empreendida por Deus em favor de seu povo foi, de maneira chocante, usada acerca de um exército estrangeiro que se preparava contra o povo de Deus (6.4,5; 21.4,5).

* 22.10 o morto... aquele que sai. Ou seja, Josias e seu filho Salum (v. 11; também

chamado Jeoacaz, 1Cr 3.15, referência lateral). Salum reinou de modo breve e foi exilado ao Egito, em 609 a.C. (2Rs 23.30-34). É provável que esta declaração date daquele ano.

* 22.15 Reinarás tu... tudo lhe sucedeu bem. O contraste é entre o reinado visto

como o exercício da justiça (Josias) e o reinado como oportunidade de enriquecer (Jeoaquim).

* 22.16 não é isto conhecer-me. Ver Sl 9.18, nota. Conhecer ao Senhor requer a

fidelidade aos seus mandamentos (Mq 6.6-8; Jo 14.15,17).

* 22.17 os teus... teu. Ou seja, Jeoaquim.

ganância... derramar o sangue inocente... a violência. Jeoaquim era culpado de todos esses males que Jeremias condenou (6.13; 7.6; 19.4; 21.12; e cf. 26.20-23).

* 22.19 Como se sepulta um jumento. A vergonha extrema de não ser sepultado.

Ver 7.33; 8.1,2 e notas; cf. 15.3.

* 22.20 Líbano... Basã... Abarim. Essas regiões montanhosas ficam ao norte, no

nordeste e no sudeste, respectivamente. Jerusalém é aqui retratada como clamando pela ajuda de antigos aliados, os quais agora estavam impotentes diante das tropas babilônicas, deixando Jerusalém a chorar sozinha.

* 22.23 Ó tu, que habitas no Líbano. No presente contexto, essa frase é uma figura

que representa Jerusalém, relacionada às íntimas relações de comércio entre Jerusalém

e o Líbano. O templo e o palácio foram construídos com cedro do Líbano (v. 6, nota). O nome conota o orgulho e o falso senso de

segurança de Judá.

* 22.24-30 Este oráculo foi endereçado a Jeconias (também chamado de Jeoaquim),

em cujo reinado tiveram lugar as primeiras principais deportações para a Babilônia.

* 22.24 o anel do selo. Esse anel representa a identidade de seu proprietário, e

rejeitá-lo era um ato chocante. Mais tarde, a mesma linguagem é usada como promessa da renovação do reino Davídico (Ag 2.23).

* 22.26 a ti e a tua mãe. Ver 13.18 e nota.

para outra terra. Essa alusão ao exílio na Babilônia teve cumprimento em 597 a.C. (29.2; 2Rs 24.15).

* 22.29 Ó terra, terra, terra! Nestas palavras, dirigidas à Terra Prometida, ouvimos a

tristeza do Senhor por causa de sua herança, contaminada pelos pecados de Judá (2.7 e nota; 12.4).

* 22.30 Registai este como se não tivera filhos. Embora Jeconias tivesse filhos

(1Cr 3.17,18), nenhum deles reinaria como rei sobre Judá. Promessas de futuro reinado davídico (p.ex., 23.5,6) se cumpriram além do escopo dos reinos históricos de Israel e de Judá — em Cristo, o Filho do Homem (Dn 7.13 e nota) e no Filho grandioso de Davi (Mt 22.41-46). Até mesmo a promessa feita a Zorobabel (Ag 2.23), neto de Jeconias (1Cr 3.19), teve cumprimento em Cristo, visto que Zorobabel nunca reinou como rei. Israel ficou abandonada até que Cristo veio (Mq 5.3).

* 23.3 Eu mesmo recolherei. O fracasso dos reis requer que o Senhor,

pessoalmente, assumisse o controle de uma nova maneira (24.7, nota).

o restante. O recolhimento do remanescente mostra os cuidados contínuos do Senhor por seu povo, e a sua determinação em cumprir seus propósitos quanto à aliança. No presente contexto, a doutrina do remanescente sugere, primeiramente, a quebra de certos ramos de Judá (vs. 1,2; cf. Rm 11.17-24), seguida pela negligência do rei e a devida punição (Introdução: Características e Temas).

e as farei voltar aos seus apriscos. O próprio Senhor é agora o pastor (Sl 23).

* 23.4 Levantarei sobre elas pastores. Sob o pastor haverá fiéis pastores, que

administrariam fielmente o reino durante a nova era (Mq 5.5).

* 23.5,6 levantarei a Davi. Essa promessa messiânica é um cumprimento da promessa feita a Davi (2Sm 7.12; Mt 1.1,17).

* 23.5 um Renovo justo. Temos aqui um termo messiânico; ver Is 4.2; 11.1; e Zc 6.12, onde Zorobabel aparece como um tipo de Cristo.

executará o juízo e a justiça. Ver nota em 21.12.

* 23.6 Judá... Israel. A reunificação de Judá e Israel assinala a era messiânica (Ez 37.15-22).

seguro. As bênçãos do reino messiânico incluirão o livramento da turbulência política e militar que circunda Judá.

o seu nome. Os nomes eram entendidos como designações de caráter, e não rótulos arbitrários de identificação. Ver sobre

"Emanuel", em Is 7.14, e os nomes em Is 9.6.

SENHOR, Justiça Nossa. Um governo reto será o selo de legitimidade do reinado do Messias.

* 23.9 profetas. Ver sobre "Profetas", em Dt 18.18.

* 23.14 cometem adultérios... maldade. No Antigo Testamento, são inseparáveis as crenças corretas e as ações corretas; não é por mero acidente que aqueles que não tem ouvido a palavra de Deus são encorajadores ativos da maldade. Ver 29.21-23.

como Sodoma... como Gomorra. Ver 20.16; Is 1.9 e notas. É chocante a comparação de Jerusalém com Sodoma e com Gomorra.

* 23.18 quem esteve no conselho do SENHOR. A palavra hebraica traduzida por "conselho", aqui e no v. 22, também pode ser traduzida por "concílio", dependendo se a ênfase recai sobre as deliberações de Deus como o "concílio" celestial (1 Rs 22.19-22; Jó 1.6) ou sobre o "conselho" resultante dessas deliberações. Essa mesma palavra é traduzida por "segredo", em Am 3.7.

*** 23.21 Não mandei esses profetas. Ver 14.14.**

foram correndo... contudo, profetizaram. Eles são um quadro nítido de zelo, em sua propagação da falsidade. Ver "Profetas", índice.

* 23.22 meu conselho. Ver nota no v. 18.

* 23.23 apenas de perto... não também de longe? O ponto é que coisa alguma, perto ou longe, pode escapar ao conhecimento de Deus (Sl 139.2; Am 9.2,3).

* 23.24 Ver nota teológica "Onipresença e Onipotência", índice .

* 23.25 Sonhei, sonhei. Um sonho era uma das maneiras pelas quais uma revelação podia vir a um profeta (Nm 12.6; cf. Jl 2.28). Não

obstante, tais reivindicações sempre deveriam ser tratadas com suspeita e testadas contra o resto das revelações de Deus (Dt 13.1-3).

* 23.28 sonho... palavra... palha... trigo. Um sonho falso é para a verdadeira palavra profética como a palha é para o trigo; somente o trigo tem qualquer valor.

* 23.29 fogo... martelo. Não se pode confundir a verdadeira palavra, por causa de seus efeitos inevitáveis (Am 3.8).

* 23.30 que furtam as minhas palavras. Quanto a um caso de ciúmes proféticos, ver 1Rs 22.24.

* 23.31 diz o SENHOR... e afirmam: Ele disse. Os profetas falsos disfarçam suas próprias palavras como se fossem palavra de Deus, mediante o uso da fórmula profética.

* 23.39 levantar-vos-ei e vos arrojarei. Alguns manuscritos hebraicos e antigas versões dizem "vos esquecerei e vos abandonarei". A diferença consiste apenas na localização de um ponto acima de uma letra. Este texto faz um jogo de palavras, visto que, no hebraico, "oráculo" e "levantar" soam quase idênticas. Eles falam sem autoridade sobre os "oráculos" de Deus, e a resposta de Deus será "levantá-los".

* 24.1-10 Uma visão de duas cestas de figos, uma delas representando os que

estavam exilados na Babilônia, e a outra representando aqueles que resistiam ao exílio, e, com este, o propósito divino de julgamento e salvação. Esta profecia revela que já é tarde demais para impedir o exílio por meio do arrependimento (21.9).

* 24.1 Jeconias... à Babilônia. A primeira grande deportação deu-se em 597 a.C.

(2Rs 24.14-16).

* 24.2 figos muito bons... o outro, ruins. Há em Judá um remanescente que será

preservado para os propósitos de Deus ("figos muito bons"), mas seus líderes são tão corruptos que estão fora de alcance da redenção, e só podem ser destruídos pelo juízo ("figos ruins", vs. 8-10).

* 24.5-7 Os "figos bons" simbolizavam os exilados, aqueles aos quais Deus

preservava, através do devido castigo dos pecados de Judá, e em quem, doravante, os seus propósitos são cumpridos.

*** 24.7 Dar-lhes-ei coração para que me conheçam. A resposta do Senhor à**

incapacidade de seu povo de manter o relacionamento do pacto é que ele mesmo intervenha e crie neles uma nova capacidade para conhecê-lo.

eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. O emprego da fórmula básica da aliança (32.38; Lv 26.12) mostra que essa resposta é nada menos que um novo pacto. A teologia introduzida aqui é desenvolvida em 31.31-34.

* 25.1—29.32 Jeremias prediz setenta anos de cativeiro na Babilônia, para Judá, como castigo por seus pecados persistentes, e avisa as nações circunvizinhas de que elas também seriam julgadas às mãos da Babilônia (cap. 25). Sua mensagem encontra oposição da parte dos profetas falsos, dos sacerdotes e do povo (caps. 26—29).

* 25.1 no ano quarto de Jeoaquim. A Babilônia iniciou seus ataques contra a

Palestina, e Judá tornou-se um estado vassalo em 605 a.C.

25.3 desde o décimo terceiro de Josias. Ver 1.2 e notas.

* 25.4 começando de madrugada. A persistência de Jeremias fazia parte de uma

longa missão profética a Israel. Tal como seus antecessores, seu ministério falhou em obter a resposta desejada (7.13 e nota).

* 25.9 todas as tribos do Norte. A Babilônia e os seus aliados (1.15; 6.1).

a Nabucodonosor... meu servo. Ver também 27.6. Ele é "servo" de Deus no sentido de ser nomeado como um agente de seu julgamento. Por semelhante modo, Ciro é chamado de "ungido" de Deus, com o propósito de liberar os exilados para retornarem à terra deles (Is 45.1).

contra todas estas nações em redor. Ver os vs. 19-26. O julgamento de Judá é apenas o começo de um julgamento geral.

* 25.11,12 setenta anos. Ver 29.10. Esse período pode ser contado em números

redondos a partir de 605 a.C. (v. 1; Dn 1.1) até 538 a.C., quando os exilados começaram

a retornar para a sua pátria, após o decreto de Ciro (2Cr 36.20-23). Os setenta anos permitiram que a palavra de julgamento do Senhor exercesse seu pleno efeito, antes que a nova salvação pudesse ser experimentada.

castigarei a iniqüidade do rei da Babilônia. Essa profecia foi mais desenvolvida nos capítulos 50 e 51. O agente do castigo é, pois, punido por seus próprios pecados (50.18; cf. Is 10.5-7,12).

* 25.13 neste livro. Na Septuaginta (a antiga tradução grega do Antigo Testamento)

os "oráculos contra as nações", dos capítulos 46 a 51, ocorrem após esta frase. Esses oráculos aparecem em ordens diferentes nas versões hebraica e grega.

* 25.14 de muitas nações e grandes reis. Possivelmente a Pérsia e seus aliados,

mas o mais provável é que tenhamos aqui uma declaração geral do princípio que os agentes do juízo divino sejam, eles mesmos, sujeitos a julgamento (vs. 11,12, nota).

* 25.18 Jerusalém... Judá. O julgamento de Deus visita primeiramente o seu povo

escolhido, conforme é apropriado aos mais privilegiados (25.29; Am 3.2).

* 25.20 Ascalom... ao resto de Asdode. Esta lista de cidades filistéias omite Gate,

aparentemente já destruída (Am 1.6-8). Asdode havia sido parcialmente destruída pelos egípcios durante o século VII a.C. Ver também 47.1-7.

* 25.21 Edom... Moabe... filhos de Amom. Ver 49.7-22; 48.1 —49.6.

* 25.22 Tiro... Sidom. As principais cidades da Fenícia, ambas com portos na costa

do mar Mediterrâneo. Ver Ez 28.1-23.

* 25.23 Dedã... Tema. Tribos que viviam no norte da Arábia (Is 21.13,14). É provável

que Buz também fosse um grupo tribal da Arábia.

* 25.24 Arábia. Ver 49.28-33.

* 25.25 Zimri. Desconhecida.

* Média. Tendo sido derrotados por Ciro, os medos participaram, juntamente com os persas, na conquista.

* 25.26 Babilônia. Algumas versões dizem aqui Sesaque. Esta palavra é uma

alusão à Babilônia, baseada sobre a palavra "Babel", usando um código familiar que substitui cada consoante com aquela correspondente do alfabeto, escrita em reverso. Em português, ABC tornar-se-ia ZYX.

* 25.29 cidade que se chama pelo meu nome. Ou seja, Jerusalém; ver notas em

7.10-15. O Senhor não castigaria o seu próprio povo, ao mesmo tempo em que ignoraria a iniqüidade de outras nações. Um importante fator na teologia do julgamento contra as nações é que a honra do próprio nome de Deus está em jogo na sorte de seu povo.

* 25.31 contenda. Uma ação legal na qual o Senhor reivindica seu direito de punir

os culpados (2.9, nota).

* 25.38 como o filho de leão. Ver nota em 2.15. Aqui Jeremias refere-se ao Senhor

(Am 3.8).

* 26.1 No princípio do reinado de Jeoaquim. Possivelmente em seu primeiro ano de reinado (609—608 a.C.). A narrativa inteira do sermão do templo (7.1-15) não é datada. Essa fórmula de datação

traz Jeoaquim ao primeiro plano como alguém que rejeita as palavras de Jeremias (cap. 36).

* 26.2 no átrio. Provavelmente o átrio interior.

* 26.8 Serás morto. Essa frase era usada para prenunciar a sentença por crimes capitais (Êx 21.15-17; Dt 18.20). É evidente que Jeremias foi considerado um falso profeta, por causa da crença popular de que o templo de Deus não poderia ser destruído.

* 26.10 os príncipes de Judá. Essas pessoas tinham deveres legais na administração real; a chegada deles indica que um procedimento formal contra Jeremias estava prestes a começar.

Porta Nova. Os portões da cidade eram um lugar normal de se ouvir as deliberações do tribunal (Rt 4.1; Pv 31.23).

* 26.16 Este homem não é réu de morte. Contrastar o v. 11. Este veredicto foi uma notável reivindicação da autenticidade de Jeremias como profeta.

* 26.18,19 Miquéias, o morastita. Seu precedente é citado em apoio ao julgamento que acabara de ser determinado, porquanto, em resultado de sua profecia de que Jerusalém cairia (Mq 3.12), o povo arrependeu-se de seu pecado. O rei Ezequias orou por Jerusalém e evitou a derrota pelos assírios, em 701 a.C. (cf. Is 37.14-38).

* 26.20-23 A história de Urias mostra que Jeremias não estava sozinho em sua pregação; e ela também destaca que a fuga de Jeremias não é o ponto mais importante deste capítulo, mas a oposição de Judá à palavra de Deus. Urias morreu; Jeremias viveu, para completar seu ministério ordenado por Deus. Comparar as várias sortes dos heróis da fé, em Hb 11.32-38.

* 26.22 Elnatã, filho de Acbor. Contraste o leitor o seu ato em prol de Jeremias, em

36.12,25 — uma evidência de papéis trocados, que deve ter feito a segurança de Jeremias parecer precária.

* 26.23 nas sepulturas da plebe. Esse cemitério estava localizado no vale do

Cedrom, a leste de Jerusalém (2Rs 23.6).

* 26.24 Aicão, filho de Safã, protegeu a Jeremias. Um dos que tinham sido oficiais

de Josias (2Rs 22.12,14). seu apoio pode ter sido decisivo na libertação de Jeremias.

* 27.1 No princípio do reinado de Zedequias. Em lugar de "Zedequias", algumas

versões (como a Almeida Revista e Corrigida) dizem aqui "Joaquim", provavelmente por influência do texto massorético no hebraico, um erro de copista influenciado por 26.1. Mas outros manuscritos hebreus e algumas versões antigas, dizem aqui "Zedequias", que é o rei citado em outros lugares neste mesmo capítulo (vs. 3 e 12). Zedequias era filho de Josias (1Cr 3.15). Esses acontecimentos ocorreram no quarto ano do reinado de Zedequias, em 593 a.C. (28.1, nota).

* 27.3 Edom... Sidom. Ver 25.21,22; essas nações também estão sob o juízo do

Senhor.

mensageiros que vieram... ter com Zedequias. Provavelmente eles tinham vindo para discutir a rebelião contra Nabucodonosor, em aliança com o Egito.

*** 27.5 Eu fiz a terra... e os dou àquele a quem for justo. Por meio desse**

argumento baseado na criação, o Senhor reivindica direitos sobre todas as nações. Ver Dn 2.38; 4.25 (também Nabucodonosor).

com o meu grande poder e com o meu braço estendido. Ver 21.5.

*** 27.9 Aos vossos profetas e aos vossos adivinhos. Todos esses servem**

apenas para apoiar o sistema político, neste caso mediante uma exortação para não se submeter à Babilônia. Esses falsos profetas e outras classes são proibidos em Israel (14.14; Lv 19.26; Dt 18.10,11).

* 27.11 eu a deixarei na sua terra. Judá e as nações vizinhas ainda poderiam evitar

um exílio total, se aceitassem o julgamento de Deus que determinava a submissão à Babilônia.

* 27.12 servi-o... e vivereis. Jeremias pleiteia junto a Judá que aceite o domínio da

Babilônia e o exílio de alguns de seus líderes (Joaquim e aqueles levados para o exílio em 597 a.C., 2Rs 24.15,16), como parte do plano de Deus para o salvamento final da nação (24.5).

* 27.16 Eis que. Essa falsa mensagem era proclamada por Hananias (28.1-3).

os utensílios da Casa do SENHOR. Esses utensílios tinham sido levados, alguns deles em 605 a.C. (Dn 1.1,2), e outros em 597 a.C. (2Rs 24.13).

*** 27.22 serão levados... até ao dia em que eu atentar para eles. O destino do**

exílio por um tempo determinado (25.11; 27.7) é agora aplicado aos

utensílios do templo.

* 28.1 No mesmo ano... no ano quarto. Visto que o reinado de Zedequias

começou em 597 a.C., os eventos contados aqui e no capítulo 27 (27.1, nota), ocorreram em 593 a.C.

* 28.2 Quebrei o jugo. Hananias desafia abertamente a mensagem de Jeremias

(27.16-22).

* 28.3 Dentro de dois anos. Visto que mais de quatro anos já se tinham passado

(v. 1), Hananias predisse que eles não ficariam exilados por mais de sete anos. Contrastar isso com os setenta anos referidos por Jeremias (25.11,12).

* 28.6 Amém! A primeira resposta de Jeremias reflete o seu amor pela terra e pelo

povo. Mas a mensagem que Deus lhe revelara não lhe dava confiança quanto a essa esperança.

* 28.8 antes de mim e antes de ti. Jeremias inclui Hananias, consigo mesmo,

entre os profetas, relembrando-lhe que a mensagem do Senhor tem sido, principalmente, de julgamento.

* 28.13 Canzis de madeira... canzis de ferro. A vontade do Senhor não podia ser

frustrada pelo ato simbólico de Hananias. Hananias dramatiza a resistência de Judá, o que tornaria a servidão inevitavelmente mais dura.

* 28.16 te lançarei. Temos aqui a mesma palavra hebraica traduzida como "enviou"

(v. 15), um jogo de palavras irônico, visto que esse "envio" é para a sua morte.

rebeldia. Ostensivamente, a rebelião era contra a Babilônia, mas na realidade era contra Deus (Dt 13.5).

* 29.3 Eleasá, filho de Safã. É possível que ele pertencesse à mesma família que

havia defendido Jeremias (26.24).

* 29.5 Edificai casas e habitai nelas. Atos de adaptação às suas novas vidas,

demonstrando aceitação do julgamento do Senhor (cf. Ez 8.1).

* 29.7 paz. A paz (6.14 e nota) é a principal bênção do pacto. A paz

superficialmente prometida pelos profetas falsos (8.11), cederia lugar a uma verdadeira paz (ver também Jo 14.27).

orai por ela. A bênção do Senhor pode sobrevir a qualquer nação através da oração e dos atos de seu povo; comparar Abraão (Gn 20.17), José (Gn 37—50) e Daniel (Dn 1—6).

* 29.14 Este versículo reflete Dt 30.3-5 (semelhante, por sua vez, a Dt 4.29,30).

tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos mandei para o exílio. Esta frase implica em uma restauração do relacionamento entre o Senhor e o seu povo. Ver 30.3,18; 31.23; 32.44; 33.7,11,26; 48.47; 49.6,39.

* 29.16 a respeito do rei. Ou seja, Zedequias. O fato que

Zedequias ainda

governava em Jerusalém, embora como um vassalo do rei da Babilônia, pode ter sido um motivo de esperanças falsas para os exilados.

* 29.22 assou no fogo. Um método de execução particularmente associado, no Antigo Testamento, ao governo de Nabucodonosor (Dn 3.6).

* 29.28 Há de durar muito o exílio. Jeremias tinha profetizado que o exílio perduraria por setenta anos (v. 10; 25.11,12).

edificai casas... plantai pomares. Semaías cita aqui a carta de Jeremias (v. 5).

* 29.31,32 A ameaça contra Semaías é paralela àquela contra Hananias (28.15,16).

* 30.1—33.26 Esses capítulos contêm promessas de restauração e de uma nova aliança (31.31-34). A certeza da restauração é retratada por meio da compra de um campo, por parte de Jeremias (cap. 32).

* 30.6 um homem... a que está dando à luz. A angústia do parto é uma ilustração do sofrimento sob os exércitos babilônicos (4.19,31).

* 30.7 aquele dia. Ou seja, o dia do Senhor. Ver Am 5.18; 8.9. A geração de Amós esperava esse dia como um dia de livramento, mas precisou aprender que o mesmo traria juízo.

* 30.10 Não temas, pois, servo meu, Jacó. Ver Is 41.8,10; 43.1; 44.1,2.

não haverá quem o atemorize. Contrastar o v. 5. Essa promessa é um cumprimento das bênçãos do pacto (Lv 26.6).

* 30.20 como na antigüidade. Provavelmente temos aqui uma

alusão aos tempos

de Davi (v. 9).

sua congregação. Um termo técnico que denota a assembléia política ou religiosa do povo do pacto.

*** 30.21 O seu príncipe... do meio deles...o que há de reinar. Considerando que**

Judá estava sendo governada por um poder estrangeiro durante o seu exílio, Jeremias

olhava para além da restauração à sua independência política e a seu relacionamento especial com o Senhor (v. 22).

* 31.2 O povo que se livrou da espada. O remanescente, por meio de quem os

propósitos de Deus teriam continuidade (v. 7; 6.9, nota; 23.3, nota). Contrastar com 15.2.

no deserto. O exílio de Judá na Babilônia e a subseqüente restauração são, algumas vezes, comparadas com as caminhadas de Israel no deserto, antes de entrar na Terra Prometida (ver Is 40.3,4; 43.19,20). Tal como no primeiro êxodo, essa restauração é uma demonstração do poder do Senhor para salvar.

*
31.3 De longe. Esta frase, provavelmente, alude ao S aludido no versículo

anterior (Êx 19—24).

Com amor eterno eu te amei. O amor do Senhor por Israel foi a base para sua eleição deste povo (Dt 7.6,7). O caráter eterno da aliança é afirmado em Gn 17.7.

com benignidade te atraí. Ver nota em 9.24 e contrastar com 16.5. Este versículo provê outro sinal do restabelecimento do pacto quebrado.

* 31.4 ó virgem de Israel. Contrastar com 18.13-15, onde a "virgindade" de Israel

fora desperdiçada. Ver também 2.20,22. No novo pacto, a mácula da contaminação é, finalmente, lavada.

dos que dançam. Essas danças são atos de celebração religiosa (Jz 21.19,20).

* 31.5 plantarás vinhas... gozarão dos frutos. Essa promessa significa a bênção

da fertilidade da aliança (Dt 7.13; 28.4; contrastar Dt 28.30).

Samaria. Capital do reino do norte, Israel, ou então o reino do norte como um todo. Seus habitantes foram deportados pela Assíria em 722 a.C.

* 31.6 os atalaias. Talvez eles fossem os responsáveis por conhecer os tempos

das festas anuais, observando a lua.

região montanhosa de Efraim... subamos a Sião. Não como já havia acontecido anteriormente, aos santuários do norte apostatados de Jeroboão, em Betel e Dã (1 Rs 12.26-33), mas em um relacionamento renovado com o Senhor.

* 31.9 os levarei... ribeiros de águas. Ver Sl 23.2; Is 48.21; 49.10.

por caminho reto. Ver Is 40.4.

sou pai... meu primogênito. Ver 3.4; 31.20; Êx 4.22; Os 11.1-4.

* 31.11 redimiu... livrou. Esses verbos são sinônimos bem próximos no hebraico. A

palavra "redimir" significa "libertar mediante o pagamento de um resgate", e é usada para indicar o ato do Senhor que libertou Israel do Egito (Dt 7.8; 9.26). O segundo verbo ("livrou") é um termo técnico relacionado à responsabilidade de um "parente próximo" para comprar ou "remir" uma propriedade, a qual, de outro modo, seria perdida pela família (32.8; Rt 2.20, nota). Também é usado para indicar o livramento divino de Israel do Egito (Êx 6.6,7). A maneira como Deus tem nos redimido para si mesmo, através do resgate de Cristo (cf. 1Tm 2.5,6), é explicada no Novo Testamento (ver "A Expiação", índice).

*** 31.15 um clamor em Ramá... Raquel chorando. Ramá ficava na região**

designada à tribo de Benjamim. Raquel chora devido à destruição do norte, em 722 a.C. Essas palavras são citadas, em Mt 2.18, acerca da matança dos inocentes, por parte de Herodes.

* 31.21 Põe-te marcos. Israel precisa relembrar-se de retornar não somente à sua

terra, porém, mais importante ainda era retornar a Deus.

* 31.22 coisa nova. Ver Is 42.9.

a mulher infiel... um homem. Essa declaração é obscura, mas talvez tenhamos aqui um quadro de uma mãe protegendo o seu filho, ou seja, o quadro de segurança.

* 31.27 semearei... semente. Ambas as palavras são da mesma raiz hebraica. Essa palavra alude à promessa em Gn 15.18, onde a palavra para "semente" é traduzida por "descendentes".

* 31.29 Os pais... é que se embotaram. Este provérbio foi usado pelos exilados para lançar a culpa nas gerações anteriores quanto ao desastre do exílio (Ez 18.2), possivelmente com base na compreensão errada de Êx 20.5; Nm 14.18.

* 31.30 Cada um... será morto pela sua iniqüidade. O princípio que diz que cada pessoa é julgada individualmente é longamente elaborado em Ez 18.4-32 (cf. Dt 24.16). O argumento é que a geração que então vivia merecia plenamente o castigo, embora a culpa da nação tivesse sido contínua (7.13; 11.7,8).

* 31.31-34 Selecionando temas expostos pela primeira vez por Moisés, em Dt 30.1-10, Jeremias profetiza que Deus fará um novo pacto com o seu povo. Tal como o estabelecimento da antiga aliança (Êx 19—24) tinha seguido a redenção do Egito (Êx 12 —15), assim também o estabelecimento da nova aliança seguirá a redenção dos pecados (v. 34).

* 31.31,32 O novo pacto contrastará com o antigo pacto, visto que o novo não pode

ser quebrado, como foi o antigo (v. 32; Hb 8.7,8). A garantia de que não será quebrado é a graça mediada por meio de Cristo, através de sua morte e ressurreição (Hb 9.12-15; 10.14,10-18).

* 31.31 nova aliança. Ver "A Aliança da Graça de Deus", índice. Ver também 1Co

11.25; 2Co 3.6; Hb 9.15; 12.24.

com a casa de Israel e com a casa de Judá. O uso de ambos os nomes salienta a unidade do povo em aliança com Deus.

*** 31.32 Não... porquanto eles anularam a minha aliança. O Novo Pacto não terá**

as deficiências do antigo, que dependiam da incapacidade do povo de cumpri-lo (11.10; 2Co 3.14; Hb 8.7).

eu os haver desposado. Ver 2.2; 3.14, nota. Cf. o relacionamento de Cristo com a Igreja (Ef 5.25-27; Ap 19.7; 21.2,9).

* 31.33 Durante a antiga aliança, a lei de Deus foi gravada sobre tábuas de pedra e posta no Santo dos Santos; sob a nova aliança, Deus escreve suas leis nos corações de seu povo. Os crentes, pois, são semelhantes ao templo, estando a lei de Deus dentro deles, com a diferença que eles são um templo vivo, feito de pedras vivas (2Co 3.3; 1 Pe 2.5). Ver "A Aliança da Graça de Deus", índice.

depois daqueles dias. O profeta fala de algum tempo após o exílio, sem ser específico.

O Novo Testamento mostra-nos que o tempo chegou com Cristo, o Messias.

eu serei. Deus tomará a iniciativa para renovar o seu povo.

as minhas leis. A lei de Moisés requeria obediência do coração (Dt 6.6), mas não provia forças para essa obediência (Dt 5.29; 29.4). Ela mediava perdão e esperança, especialmente através dos sacrifícios. A lei era um sistema de "tipos e sombras", isto é, de elementos significativos que prefiguravam Cristo e convidavam o povo a confiar em Deus através de Cristo.

eu serei o seu Deus... o meu povo. Essa declaração é a síntese das bênçãos de Deus em sua aliança (Lv 26.12; cf. 7.23).

* 31.34 Conhece ao SENHOR. Ver "O Verdadeiro Conhecimento de Deus", índice.

Pois perdoarei. A base das promessas nos vs. 32 e 33 será uma nova obra de redenção que garantirá o perdão dos pecados (ver Hb 10.1-17).

jamais me lembrarei. Os ciclos contínuos de sacrifícios, sob o antigo pacto, proviam uma lembrança constante dos pecados (Hb 10.3,4,11). A palavra "jamais" sublinha o fato que a satisfação feita pelos pecados, na redenção vindoura, é perfeita, tornando desnecessários quaisquer outros sacrifícios.

* 31.35,36 dá o sol... à lua e às estrelas. A ordem permanente dos corpos

celestiais aparece como a medida da dedicação de Deus ao seu povo (33.20,21,25,26).

* 31.38 esta cidade. Jerusalém.

Torre de Hananeel... Porta da Esquina. Extremos opostos de Jerusalém, dando a entender a sua inteireza (ver 2Cr 26.9; Zc 14.10,11). A restauração de Jerusalém seria o primeiro sinal do cumprimento da promessa de nova aliança.

* 31.39 Garebe... Goa. Localizações não identificadas em Jerusalém.

* 31.40 o vale. Ou seja, o vale do filho de Hinom (7.31, nota).

* 32.1 no ano décimo de Zedequias. Ou seja, 587 a.C. Este capítulo narra uma das várias comunicações entre Jeremias e Zedequias, durante esse período. Ver 21.3-7; 34.1-7; 37.3-8,17-20; 38.14-28.

* 32.7 Anatote. Essa aldeia era a terra natal de Jeremias; ver 1.1.

a quem pertence o direito de resgate, compete comprá-lo. Hananeel pode estar vendendo o campo por causa de uma dívida, e pede que Jeremias seja o "parente próximo" que faria a redenção do mesmo (31.11, nota). De acordo com os padrões normais, é um absurdo comprar um campo quando a terra inteira está prestes a ser perdida.

* 32.9 dezessete siclos de prata. Essa quantia provavelmente era

um preço normal, embora, sob aquelas circunstâncias, o campo nada valesse.

* 32.15 se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra. A significação da compra é que Judá possuirá novamente sua terra histórica, e desfrutará vida normal na mesma. Portanto, a compra simboliza esse aspecto da promessa do novo pacto (29.14 e nota; 31.38-40).

*** 32.20 sinais e maravilhas. Ver Êx 7.3.**

como entre outros homens. Essa confissão salienta o governo de Deus sobre o mundo inteiro.

*
32.21 Essa descrição é repetida com base em Dt 26

15.14-16.

* 32.29 queimaram incenso a Baal. Elementos típicos da acusação de Jeremias

contra Judá (1.16; 7.18; 19.13; cf. Dt 31.29).

* 32.33 eles não deram ouvidos. Ver 2.30; 5.3; 7.24; 11.8.

* 32.35 Moloque. Provavelmente esse era o título de alguma divindade (e não o seu

nome próprio), o qual era adorado pelos fenícios, moabitas, amonitas e outros, em um ritual que envolvia o sacrifícios de crianças (Lv 18.21; 20.2-5; 2Rs 23.10).

* 32.37 Jeremias reafirma a promessa mosaica de restauração depois do exílio (Dt

30.3-5). A subitaneidade e improbabilidade dessa promessa, seguindo o discurso dos vs. 26-35, é explicada pela pergunta retórica: "Acaso haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?" (v. 27; cf. o v. 17).

* 32.40 aliança eterna. Ver 31.31 -36 e notas.

* 32.44 Benjamim... Sul. Essas regiões representam a extensão territorial de Judá,

ao tempo do exílio (17.26; 33.13).

* 33.2 que faz estas coisas. Ver nota em 10.12. A criação de Deus é aqui a base

de seu poder, tanto para julgar quanto para salvar (32.17).

* 33.3 coisas grandes e ocultas. Uma frase semelhante, em Is 48.6, também fala

na salvação como uma nova criação. Ver Dn 2.47.

* 33.6 eis que. A mudança no propósito do Senhor não é motivada por qualquer

mudança em Judá, mas por sua própria decisão. Ver 30.8,16; 32.36 quanto a transições similares.

* 33.11 júbilo... alegria... noivo... noiva. Contrastar com 7.34 e 16.9. Essas

circunstâncias seriam trazidas pela nova aliança.

* 33.17 Essa promessa não é, finalmente, de restaurar a monarquia, mas de

inaugurar o reino messiânico (23.5; 30.9; 2Sm 7.12-16; cf. 1 Rs 2.4).

* 33.18 aos sacerdotes levitas. O papel dos sacerdotes era essencial para a

administração do pacto (Êx 28 e 29; Dt 10.8; 18.1). Eles também tinham sua própria aliança com o Senhor (Nm 25.12,13; 1Sm 2.30,35). A promessa de um ministério sacerdotal perpétuo teve cumprimento no próprio Cristo (Hb 5.6-10; 7.11-25).

*** 33.20,21 a minha aliança com o dia... com a noite. A**

permanência das

instituições agora contemplada faz violento contraste com 7.1-15. Tal permanência só é compreensível dentro da estrutura da nova aliança — embora a necessidade de fidelidade nunca seja posta de lado (32.40 e nota).

* 33.22 não se pode contar... a areia do mar. Nessas promessas a respeito do

reino messiânico, as promessas a Abraão também são cumpridas (Gn 22.17; contrastar com 15.8).

* 33.24 As duas famílias. A referência a essas "famílias" é ambígua. A referência

poderia ser aos reinos de Israel e Judá (v. 14), ou à família real de Davi e à família sacerdotal de Levi (vs. 17,18).

* 33.26 Abraão, Isaque e Jacó. A nova aliança é o cumprimento do pacto divino

com Abraão, que abrange todos os povos (Gn 12.3). Ver nota no v. 22.

* 34.1—36.32 Esses capítulos narram cenas de rejeição da palavra do Senhor que levam ao julgamento final de Judá. O rei Zedequias é condenado por ter voltado atrás em sua promessa de libertar os escravos (cap. 34), e o povo de Judá foi reprovado por falhar em aprender uma lição do exemplo dos fiéis recabitas (cap. 35). O rei Jeoaquim rejeita a mensagem de Jeremias e queima o rolo do profeta (cap. 36).

*** 34.1 todos os reinos da terra... pelejavam contra Jerusalém. Era requerido**

que as nações vassalas se juntassem na batalha ao seu suserano.

* 34.4,5 Não morrerás à espada. Em paz morrerás. O destino exato de Zedequias

foi deixado obscuro em 21.4-7; 32.3-5; mas ver 52.11. O ponto aqui é que ele não morreria em batalha.

* 34.7 Laquis... Azeca. Essas eram cidades fortificadas de Judá (2Cr 11.5,9). Este

versículo nos dá um vislumbre dos últimos dias de Judá. Jerusalém sabia que o inimigo estava fechando o cerco, enquanto as cidades circunvizinhas caíam uma após outra. Um fragmento de argila, com data de 588 a.C., traz esta mensagem ao comandante de Laquis: "Estamos esperando pelos sinais de Laquis... não podemos ver Azeca".

* 34.8 para lhes apregoar a liberdade. De acordo com Êx 21.2-11; Lv 25.39-55 e

Dt 15.12-18, os escravos deveriam ser libertados no último ano de um ciclo de sete anos. O "pacto" (ou solene compromisso) de Zedequias reflete a sua ambivalência entre dar ouvidos a Jeremias e a seus próprios conselheiros políticos.

* 34.15,16 havíeis voltado... mudastes. Esses dois verbos retratam

eficazmente como Judá alternava entre dois caminhos (3.6,14, notas).

profanastes o meu nome. A flagrante desconsideração pela lei referente à libertação dos escravos é um repúdio contra o próprio Senhor (note a analogia entre os "pactos" dos vs.

8 e 13).

* 34.18 o bezerro que dividiram em duas partes. Ver Gn 15.18 e nota. Esse tipo

de ação acompanhava o estabelecimento de algum pacto. Ilustrava a penalidade que sobreviria à pessoa que quebrasse a aliança.

* 35.2 casa dos recabitas. Quase tudo quanto se sabe sobre esse clã acha-se no

presente capítulo.

à Casa do SENHOR... câmaras. Essas dependências eram usadas como depósitos (1 Rs 6.5; Ne 13.4,5).

* 35.3 Jeremias. Uma das duas pessoas, diferentes do próprio profeta, chamada

"Jeremias", mencionadas no livro (ver 52.1).

* 35.4 homem de Deus. Outro título de um profeta (1 Rs 12.22).

* 35.6,7 O voto feito por Jonadabe, filho de Recabe, dedicou seus descendentes a uma vida nômade, com alojamentos sem permanência e abstinência de vinho. Essa vida foi uma dedicação voluntária não exigida pela lei mosaica (Dt 6.10,11; 7.13).

* 35.19 Nunca faltará... que esteja na minha presença. Ver 33.17,18. Tal promessa poderia ser esperada por um rei, ou mesmo por um sacerdote, mas não pelos obscuros recabitas. É usada aqui para contrastar tetricamente com o que poderiam esperar tanto Jeoaquim quanto a dinastia de Davi.

* 36.1 No quarto ano de Jeoaquim. Ou seja, 605 a.C., o ano do primeiro ataque de Nabucodonosor contra Jerusalém (25.1).

* 36.2 Toma um rolo... e escreve nele. A presente narrativa é um guia importante que nos permite entender como eram escritos os

livros proféticos. Os oráculos de Jeremias foram proferidos durante um longo período (25.3), e são aqui reunidos formando uma coleção (Is 8.16 e nota).

* 36.4 Baruque. Essa é a segunda menção do escriba de Jeremias (32.12). Sua atividade sugere que ele teve um papel na compilação do livro de Jeremias.

* 36.5 Estou encarcerado. Provavelmente, essa afirmação significa que ele estava impedido de chegar à área do templo, por causa de sua impopularidade diante das autoridades (26.2-11).

* 36.9 No quinto ano... no mês nono. Isto é, dezembro de 604 a.C.

* 36.21 Jeudi. Baruque não mais aparece como o leitor, presumivelmente por ter-se ocultado (v. 19). A ausência de Jeremias e Baruque focaliza a reação de Jeoaquim contra as próprias palavras.

* 36.23 todo o rolo se consumiu no fogo. O contraste com Josias não podia ser mais forte (2Rs 22.11 -13).

* 36.28 Toma outro rolo. A Palavra de Deus não pode ser invalidada pela

destruição de um rolo.

* 36.30 Acerca de Jeoaquim... Não terá quem se assente no trono de Davi. O

governo de Joaquim, seu filho, perdurou apenas alguns poucos meses (22.30, nota; 2Rs 24.8).

* 37.1 - 39.18 Estes capítulos narram as últimas advertências de Jeremias antes da queda de Jerusalém e seu aprisionamento devido à sua mensagem impopular. Seu repetido conselho para se renderem aos babilônios é ignorado, e ele permanece aprisionado até a queda de Jerusalém.

* 37.1 Zedequias... reinou em lugar de Conias. Ver 2Rs 24.17,18. O ano foi 597

a.C.

* 37.5 Egito... caldeus. Ver 34.10,11. O Egito e a Babilônia disputavam ambos a região. Muitos, em Judá, estavam de olhos fixos no Egito como apoio (24.8); os babilônios deveriam ter se retirado de Jerusalém para conter o avanço egípcio.

* 37.15 açoitaram-no. Esta foi a segunda menção desse tipo de punição (20.2).

* 37.21 no átrio da guarda. O átrio da guarda era lugar de menor severidade do que o "calabouço" (v. 16; ver 32.2). Zedequias demonstra aqui uma certa medida de respeito pelo profeta de Deus.

* 38.6 Na cisterna. Um buraco profundo com apenas uma pequena abertura no topo. Se estava vazio pela falta de água ou pelo desuso, não é claro. Eles devem ter esperado que Jeremias morresse ali.

* 38.7 Ebede-Meleque. Esse nome significa "servo do rei" e deve ter ocupado uma posição de responsabilidade na casa de Zedequias.

estando o rei assentado à Porta de Benjamim. Provavelmente o rei estava ouvindo processos civis (2Sm 15.2-4).

* 38.12 Põe agora... estes trapos... calçando as cordas. Temos aqui um vislumbre tocante da bondade de Ebede-Meleque.

* 38.14 à terceira entrada na Casa do SENHOR. Essa entrada não é mencionada

em nenhum outro lugar, mas talvez fosse para uso particular do rei. O encontro inteiro foi secreto.

*** 38.22 todas as mulheres... serão levadas aos príncipes do rei**

da Babilônia. A

perda de seu harém era uma das conseqüências humilhantes para um rei derrotado na guerra.

Os teus bons amigos. Lit., "homens de tua paz". Esses "amigos" incluíam os oficiais que tinham aconselhado a guerra (vs. 1,4), bem como os profetas falsos (8.11). Essa expressão confirma, ironicamente, a crítica de Jeremias contra eles.

* 39.1 No mês décimo. Janeiro de 588 a.C. (52.4; 2Rs 25.1).

* 39.2 aos nove do mês. Ou seja, julho de 586 a.C. (52.5-7; 2Rs 25.2-4). O cerco perdurara por dois anos e meio.

* 39.3 se assentaram na Porta do Meio. Isso cumpre a predição de 1.15. Os nomes dos oficiais são formados com os nomes dos deuses da Babilônia (Nebo e Nergal).

*** 39.11,12 Nabucodonosor... havia ordenado acerca de Jeremias. Não se**

pode ter certeza de quanto a mensagem do profeta o rei sabia; provavelmente ele o considerava um simpatizante da Babilônia (porém, ver 25.12).

* 40.5 Gedalias. Ver 26.24. Gedalias é receptivo à compreensão dos eventos por parte de Jeremias.

* 40.10 colhei o vinho, as frutas de verão e o azeite. No momento do julgamento, é-nos dado um vislumbre da bênção futura na terra. Contrastar as condições de seca durante partes do início da pregação de Jeremias (14.1-6 e notas).

* 41.1 e ali comeram pão juntos. Essa hospitalidade enfatiza a traição de Ismael, filho de Netanias.

* 41.5 De Siquém, de Silo e de Samaria. Essas localidades eram importantes centros religiosos no antigo reino do norte, que caiu em 722 a.C. Os homens eram um remanescente da população de Israel que tinham feito peregrinações a Jerusalém nas grandes festas (em consonância com Êx 23.14-17). O tempo do ano (no "sétimo mês", ver o v. 1), era a Festa dos Tabernáculos.

A barba rapada... e o corpo retalhado. Esses atos foram sinais de lamentação diante da queda de Jerusalém.

à Casa do SENHOR. Embora o templo tivesse sido destruído, o monte do templo ainda era considerado santo.

* 41.7 cidade. Isto é, Mispa (v. 6).

* 41.10 as filhas do rei. Membros da corte de Zedequias, e não apenas as próprias filhas do rei.

filhos de Amom. Tendo os amonitas feito parte na anterior aliança contra a Babilônia (27.3), a ação dos amonitas é, por si mesma, feita sob o julgamento de Deus (27.8; 49.16).

* 41.11—44.30 Jeremias é levado para o Egito pelos sobreviventes judeus, que

fugiam de possíveis represálias dos babilônios.

* 41.15 escapou... com oito homens. Presume-se que dois homens se perderam

no meio da luta (v. 2).

* 42.10 Se permanecerdes nesta terra. Essa resposta de bênção para o

remanescente que ficara para trás, durante o exílio, foi um novo tema na mensagem de Jeremias (24.8; 40.6).

* 42.13-16 A palavra do Senhor continuava sendo contra os judeus buscarem

refúgio no Egito (Dt 17.16). A questão, como sempre, é uma confiança falsa e uma ilusão de segurança no poder e no cálculo humanos (22.20,22; 30.14).

* 43.7,8 Egito. O ministério profético de Jeremias continua até no Egito.

* Tafnes. Ver 2.16. Tafnes ficava localizada no delta oriental do Nilo.

*** 43.9 Toma contigo pedras grandes, encaixa-as na argamassa. Um ato**

simbólico cuja interpretação é dada em seguida. Esse ato teve o propósito de mostrar que a palavra certamente se cumpriria.

* 43.10 Nabucodonosor... meu servo. Ver nota em 25.9.

* 43.13 as colunas. Provavelmente obeliscos, exemplos característicos da

arquitetura egípcia.

Bete-Semes. Provavelmente essa era a antiga cidade de Heliópolis (equivalente grego do hebraico Bete Shemesh, "cidade do sol").

* **44.4** não façais esta coisa abominável. A adoração idólatra de outro deuses.

* 44.7 Não vos fique resto algum. Possivelmente este oráculo tivesse ameaçado

que a restauração, prometida em 5.10 e 23.3, pode não ser cumprida.

*** 44.9 Esquecestes já as maldades de vossos pais. E, por**

implicação, o

julgamento que daí resultara. Semelhantemente, 2Rs 17.18-20 usa o castigo do reino do norte como uma advertência a Judá, antes de sua queda.

* 44.19 libações, sem nossos maridos. Ver Nm 30.6-15. As mulheres,

evidentemente, tinham tomado a liderança na adoração à rainha do céu (7.18).

* 44.23 na sua lei e nos seus testemunhos. Os requisitos do pacto mosaico (Dt

11.1,32; 12.1).

* 44.29,30 Faraó Hofra (reinou entre 589 e 570 a.C.) foi assassinado por seus inimigos durante uma revolta militar; sua morte é usada como sinal de que todas as profecias do Senhor contra os refugiados no Egito se cumpririam.

* 45.1-5 Este capítulo contém a promessa de Deus a Baruque de que sua vida lhe seria poupada, feita muitos anos antes.

* 45.1 no ano quarto de Jeoaquim. Esse foi o ano no qual Baruque preparou o primeiro rolo contendo as palavras de Jeremias para ser lido publicamente (36.1-3).

* 45.3 tristeza. Baruque, como é evidente, tinha sofrido em companhia de Jeremias, em resultado da comissão profética de Jeremias (cf. 11.18-23). Ver 36.19; 43.3.

descanso. Ver Dt 12.9; Sl 95.11.

* 46.1—51.64 Esta seção de Jeremias compreende uma série de oráculos de julgamento contra as nações circunvizinhas.

* 46.2 Carquemis. Nabucodonosor derrotou Faraó Neco na batalha de Carquemis, no alto rio Eufrates, em 605 a.C., e encerrou assim a influência política e militar do Egito sobre a Palestina e a Síria.

no ano quarto de Jeoaquim. Ver 36.1; 45.1. A ascendência da Babilônia sobre o Egito foi crítica para Judá em seus anos finais.

* 46.3,4 Preparai o escudo... vesti-vos de couraças. Essas ordens, dadas ao exército egípcio, zomba de suas pretensões militares.

* 46.6 junto à borda do rio Eufrates. Ou seja, Carquemis (v. 2, nota).

* 46.9 os etíopes... os de Pute... os lídios. Mercenários da África e da Grécia testificam quanto ao poder dos egípcios.

* 46.11 Gileade. Ver nota em 8.22.

ó virgem filha do Egito. Essas palavras sugerem vulnerabilidade e inocência, embora possam ser entendidas ironicamente. Ver o uso das mesmas em conexão com Israel, em 14.17 e 18.13.

* 46.14 Migdol... Mênfis e... Tafnes. Ver 2.16; 43.8; 44.1.

* 46.15 Por que foi derribado o teu Touro? Assim diz a Septuaginta (Antigo

Testamento grego), a qual é preferida por muitos intérpretes. Nessa versão, "touro" é Ápis. Ápis era o touro sagrado do antigo Egito, adorado como uma encarnação do deus Ptá, especialmente em Mênfis (Nofe, v. 14).

*** 46.18 Tão certo como vivo eu. Ver Gn 22.15.**

o Rei. Quanto a Deus como o Rei, ver 8.19; 10.7,10; 48.15; 51.57; Dt 33.5. Nos oráculos contra as nações, o verdadeiro reinado de Deus é contrastado com as vãs pretensões dos reis terrenos.

o Tabor... o Carmelo. Essas montanhas, ao norte de Israel, ficavam nas fronteiras oriental e ocidental da estratégica planície de Megido.

* 46.20 Novilha. Isso pode ser uma alusão irônica à adoração, por parte dos

egípcios, do touro Ápis (v. 15, nota).

mutuca. Isto é, Nabucodonosor.

do Norte. Ver 6.1.

* 46.25 Amom de Nô. Amom era o principal deus dos egípcios. Tebas (ver

referência lateral) ficava no sul, sugerindo uma invasão ainda mais profunda pelos babilônios.

* 47.4 de Tiro e de Sidom. Essas cidades fenícias serviam de proteção natural

para os filisteus, que viviam mais para o interior das costas do mar Mediterrâneo, embora não se saiba se houve aliança entre eles.

Caftor. Lugar de origem dos filisteus, usualmente identificado como Creta.

* 48.1-47 Este capítulo registra o oráculo contra Moabe; cf. Is 15 e 16; Ez 25.8-11;

Am 2.1-3. Moabe era inimigo de Israel (Jz 3.12-14; 2Rs 3.4-27). Aliou-se com Judá para defender-se da Babilônia (27.3), mas supriu tropas para Nabucodonosor contra Jeoaquim (2Rs 24.2). Sua derrota para Nabucodonosor deve ter ocorrido em 582 a.C., depois de uma rebelião.

* 48.1 Nebo... Quiriataim. Originalmente, essas cidades foram destinadas à tribo

de Rúben (Nm 32.3,37,38; Js 13.15,19).

* 48.2 Hesbom. Essa aldeia também foi destinada a Rúben (Num. 32.37; Js

13.17).

* 48.7 Camos. Um dos deuses moabitas que foi adorado por Salomão (1 Rs

11.7,33; 2Rs 23.13). As imagens dos deuses "derrotados" eram, com freqüência, levadas para o exílio.

* 48.8 o destruidor. Provavelmente, Nabucodonosor.

* 48.11,12 O vinho deixado para envelhecer representa a complacência dos

moabitas. O lazer e a segurança deles se desvaneceria tão rapidamente como uma garrafa se esvazia quando é virada.

* 48.13 Betel. Possivelmente uma referência ao nome El Betel, usado para indicar o

Senhor, na adoração apóstata de Jeroboão, em Betel (1Rs 12.28-30). Esse culto não havia impedido os assírios de saquearem a terra em 722 a.C. (2Rs 18.9-12).

* 48.19 Aroer. A sudeste de Dibom, essa fortaleza de fronteira, às margens do rio

Arnom (v. 20) é aqui pintada a vigiar ansiosamente a fuga dos refugiados.

* 48.20 Arnom. Ou seja, a região ao longo do rio Arnom. Esse era o rio mais

importante de Moabe.

*** 48.28 habitai no rochedo. Ver Is 2.10.**

*** 48.32 Sibma... ao mar de Jazer. Ver Is 16.8.**

* 48.38 os eirados de Moabe. Era costume oferecer incenso sobre os eirados como um ato de adoração (2Rs 23.12).

* 48.40 como a águia. Esta seria Nabucodonosor (Ez 17.3).

* 48.45,46 Derivados de Nm 21.28,29; mas Jeremias redireciona a profecia de Balaão contra os amorreus, aplicando-a a Moabe.

Seom. Ele foi o governante dos amorreus nos tempos de Moisés, cuja capital era Hesbom (Nm 21.21-30).

* 49.1-6 Uma profecia contra os filhos de Amom. Ver Ez 25.1-7; Am 1.13-15. Amom, um antigo inimigo de Israel (Jz 11.4-33; 1Sm 11.1-11; 2Sm 10; 1Rs 4.13-19), estava localizado na Transjordânia, imediatamente ao norte de Moabe. Tal como Moabe, Amom fez parte de uma aliança contra a Babilônia (27.3), e, à semelhança de Moabe, forneceu tropas a Nabucodonosor contra Judá (2Rs 24.2). Sua hostilidade contra Gedalias (40.13 —41.3) sugere uma rebelião contra a Babilônia, o que, mui provavelmente, provocou um ataque que virtualmente terminou sua existência como nação autônoma.

* 49.1 Milcom. A divindade principal dos filhos de Amom (32.35, nota; 1 Rs 11.5).

* 49.2 em Rabá. Essa cidade tem sido identificada com a moderna Amã, na Jordânia.

* 49.3 Hesbom. Uma cidade fronteiriça, também pode ter pertencido a Amom, em algum tempo (Jz 11.26).

Ai. Não a cidade de Ai, familiar dos eventos de Js 8. Sua localização

não é conhecida.

* 49.7-22 Uma profecia contra Edom. Ver também 27.3; Is 21.11,12; Ez 25.12-14; Am 1.11; Ob 1-16. Edom era um antigo inimigo de Israel (2Sm 8.13,14), e tinha causado uma amargura especial ao ajudar os babilônios contra Judá.

* 49.7 Temã. Uma região de Edom que aqui representa a totalidade da nação.

* 49.8 Esaú. O irmão de Jacó, cujo nome era outra designação para Edom (Gn 25.29,30). Ver também Ob 10.

* 49.13 Bozra. A capital de Edom.

* 49.22 como águia. Provavelmente Nabucodonosor (como em 48.40), embora os edomitas tenham sido também conquistados decisivamente pelos árabes durante o século VI a.C.

* 49.23-27 Uma profecia contra a Síria, ou Arã. A Síria tirou proveito principalmente

do reino do Norte, Israel, durante o período assírio (1 Rs 20; Am 1.3-5). Os três estados aqui mencionados tinham caído diante da Assíria no século VIII a.C.

* 49.23 Damasco... Hamate e Arpade. Essas eram três das maiores cidades-estado dos arameus.

* 49.28-33 Uma profecia contra reinos árabes. Tribos árabes nômades

representavam uma ameaça periódica contra as comunidades fixas (Jz 6.1-6). A presente profecia pode ter sido ocasionada por algum levante árabe contra Nabucodonosor, em 598 a.C.

* 49.28 Quedar. Uma tribo árabe bem conhecida no período do

Antigo Testamento (Gn 25.13; Is 21.16,17; 42.11).

Hazor. Também estava localizada no deserto da Arábia, e não era a bem conhecida Hazor no norte de Israel. Esse nome pode ter designado um certo número de colonizações árabes, incluindo Temã, Buz e Dedã (25.23,24).

Os filhos do Oriente. Outra designação para os povos árabes tribais (Jz 6.3; 7.12; Jó 1.3).

* 49.31 Que habita em paz e confiada... não tem portas, nem ferrolhos. Esses povos nômades tipicamente viviam em cidades sem muralhas, não dependendo de cidades fortificadas. Ver a descrição de Laís, em Jz 18.7. Eles não eram páreo para um invasor bem-armado.

* 49.34-39 Uma profecia contra o Elão, uma importante potência a leste da Babilônia, subjugada pela Assíria, mas que ressurgiu durante o período babilônico. Essa profecia talvez diga respeito a uma campanha de contenção babilônica contra o Elão, em 595 a.C.

* 50.1—51.64 A profecia contra a Babilônia (cf. Is 13.1—14.23; 21.1-9) é o clímax do livro. As profecias anteriores serviram ao propósito de Jeremias de mostrar que a Babilônia prevaleceria sobre "todas as nações” (27.7), durante um certo período. A Babilônia, até este ponto, aparece como o instrumento da ira de Deus. Finalmente, porém (como em 25.17-26), "a palavra do Senhor" foi proferida contra a própria Babilônia, para mostrar que seu tempo de julgamento também chegaria (25.11,12). O texto hebraico de Jeremias registra a profecia (realmente entregue em 593 a.C.; ver 51.59, nota) neste ponto do livro, de tal modo que o julgamento de Babilônia ocupe a posição climática. A dimensão dessa predição também mostra quão importante é a Babilônia na teologia do livro.

* 50.2 Bel... Merodaque. Merodaque ou "Marduque" era o criador e a principal divindade dos mitos babilônicos. Ele também era conhecido como Bel, uma forma mais antiga do nome "Baal"

("senhor"). Ver também Is 46.1.

* 50.3 do Norte subiu contra ela uma nação. Ver 1.14; 6.1. Agora a atenção do Senhor voltara-se contra a Babilônia. A nação em questão não foi especificada, mas ver 51.27,28.

* 50.5 em aliança eterna. Ver 31.31 -34; 32.40; 33.20,21.

* 50.9 eis que eu suscitarei e farei subir contra a Babilônia... do Norte. Ciro é mencionado em Is 41.25; 45.1. Membros da aliança são nomeados em 51.27,28.

* 50.12 vossa mãe. A cidade de Babilônia é personificada.

a última das nações. Ela parecia invencível (Is 14.12-17).

* 50.19 Carmelo... Basã... Efraim e em Gileade. Essas eram as regiões mais

férteis de Israel.

* 50.21 terra duplamente rebelde... terra de castigo. Algumas versões dizem aqui

Merataim e Pecode. Essas palavras são trocadilhos formados com nomes locativos babilônicos (Marratu, Puqudu). Mas no hebraico essas palavras, Merataim e Pecode, significam "dupla rebeldia” e "castigo”.

* 50.24 Lancei-te o laço... e não o soubeste. A derrota da Babilônia, por parte dos

persas, não era esperada.

* 50.27 seus touros. Isto é, o exército babilônico (46.15, nota).

* 50.28 a voz dos que fugiram. Os que escaparam da Babilônia, retornaram a

Jerusalém.

a vingança do seu templo. O incêndio do templo (52.13) foi a destruição definitiva de Jerusalém. O Senhor vinculou a sua vingança contra a Babilônia especificamente a essa destruição.

* 50.29 contra o Santo de Israel. Esse nome para Deus aparece com freqüência

em Isaías.

* 50.34 seu Redentor. Ver nota em 31.11.

* 51.11 medos. A Babilônia foi dominada por uma aliança de medos e persas

(Introdução: Características e Temas). Ver também Is 13.17; 21.2.

* 51.13 sobre muitas águas. Babilônia era renomada por seus canais de irrigação,

alimentados pelo rio Eufrates.

* 51.14 Jurou... por si mesmo. Ver Gn 22.16 e nota.

* 51.20 meu martelo. Ao que tudo indica, essas palavras foram dirigidas à Babilônia

— os vs. 20-23 devem ser entendidos juntamente com os vs. 24-26. A Babilônia era o "martelo" de Deus (50.23) contra as nações, mas posteriormente os pecados da própria Babilônia a levariam a ser julgada.

* 51.27 Ararate, Mini e Asquenaz. Distritos administrativos assírios na Armênia.

* 51.30 estão em chamas as suas moradas. O saque de Judá (cf. 21.10), estava

sendo vingado por seus conquistadores medos.

* 51.33 A filha da Babilônia. Essa figura tanto personifica a Babilônia como alude

às suas mulheres, tornadas vulneráveis pela derrota. Ver 50.42; Lm 1.6 e nota.

* 51.36 pleitearei... te vingarei. Ver 50.15. As metáforas de vingança e de

julgamento em tribunal são misturadas aqui.

* 51.44. o que havia tragado.Esse deus "tragara" as nações levadas para o exílio e

seus tesouros. Os tesouros de Judá foram devolvidos pelo decreto de Ciro (Ed 1.5-11).

o muro de Babilônia caiu. A enorme e espessa muralha dupla, protegida mais ainda por um fosso entre as duas muralhas.

* 51.51 Os exilados expressam sua tristeza devido à ocupação do templo por

Nabucodonosor, em 586 a.C., talvez sentindo que tal contaminação jamais pudesse ser purificada.

* 51.53 Ainda que a Babilônia subisse aos céus. Provavelmente temos aqui uma

referência a seus elevados zigurates, símbolos de seu orgulho religioso (Gn 11.4).

* 51.58 as suas altas portas. A Porta de Ishtar era conhecida por sua grande altura.

trabalharam... as nações. O trabalho das nações subjugadas, na

construção das fortificações de Babilônia, não terá o menor proveito quando Deus trouxer seu julgamento.

* 51.59 a Seraías, filho de Nerias. Um oficial na administração de Zedequias, ele foi o responsável por organizar acomodações durante a expedição. Ele era irmão de Baruque, escriba de Jeremias (32.12).

com Zedequias... à Babilônia, no ano quarto do seu reinado. Isto é, em 593 a.C. A expedição pode ter sido organizada em resposta a uma convocação para explicar a parte desempenhada por Zedequias na revolta contra Nabucodonosor (27.3, nota).

* 51.60 num livro. Esse livro pode ter contido as profecias dos capítulos 50 e 51.

Ver 36.2.

* 51.63,64 Esse derradeiro ato simbólico (13.1-11, nota) reforçou a palavra final de Jeremias, que e Babilônia haveria de cair.

* 52.1-34 O capítulo final de Jeremias é um apêndice que descreve a queda de Jerusalém e relembra os leitores de que as profecias de Jeremias se cumpriram. A despeito da sua mensagem de juízo divino contra o pecado, o livro de Jeremias termina (como 2Reis) com uma nota esperançosa ao chamar a atenção para a misericórdia demonstrada ao rei Joaquim de Judá, estando ele no exílio babilônico (52.31-34; cf. 2Rs 25.27-30).

* 52.1 Jeremias, de Libna. Não o mesmo Jeremias, o profeta, o qual era de Anatote (1.1).

* 52.12 No décimo dia. 2Rs 25.8 diz "sétimo dia”. Um ou outro desses dois textos pode ter sido um erro de copista.

* 52.22 cinco côvados. 2Rs 25.17 diz "três côvados". Ver nota no v. 12.

* 52.25 sete homens. 2Rs 25.19 diz "cinco homens". Ver nota no v. 12.

* 52.28-30 Esses versículos referem-se às duas deportações principais de judeus para a Babilônia, em 597 a.C. ("o sétimo ano") em 586 a.C. (o "décimo oitavo"; "décimo nono", no v. 12, é devido a uma maneira alternativa de contar os anos). Uma terceira deportação, menor, também é mencionada. Os números aqui são menores do que

aqueles que figuram em 2Rs 24.14,16, e podem ter contado apenas os adultos do sexo masculino.

* 52.31 vinte e cinco. 2Rs 25.27 diz "vinte e sete". V

Lamentações de Jeremias

* 1.1-22 A cidade escolhida de Sião, antes exaltada, agora estava humilhada.

* 1.1 Como jaz solitária. Este primeiro versículo mostra qual o

tema da lamentação: a perda da grandeza por parte de Jerusalém. A cidade, antes favorecida, agora estava desolada, devido ao saque efetuado pelos babilônios (Is 1.21-26).

como viúva. A viuvez e a solidão (Jr 15.17) são quadros típicos do abandono.

sujeita a trabalhos forçados. A servidão é contra o verdadeiro desígnio de Deus para Israel. Os israelitas tinham-se tornado uma nação quando Deus os libertou da escravidão no Egito, para que o pudessem servir (Dt 6.20-25; Jr 2.14; Dt 15.12-18). As bênçãos de quem vivia na Terra Prometida e trabalhava de conformidade com a Lei, foram substituídas pela punição no exílio e nos trabalhos forçados (Dt 28.47-50), porquanto o povo com freqüência tinha quebrado a aliança que eles haviam aceitado ao deixar o Egito

(Êx 24.7,8).

* 1.2 todos os que a amavam. Expressão com freqüência

usada ironicamente para os vizinhos idólatras de Judá, com os quais essa nação voluntariamente se ligou (Jr 3.1).

não tem quem a console. Ver também os vs. 7,9,16. Isso deve ser comparado com o consolo prometido em Is 40.1. Aqui não há limitações para os efeitos das devastações provocadas pelos babilônios.

* 1.3 Quanto à queda de Judá, ver 2Rs 24.20—25.30; Jr 39 - 45, 52.

foi levado a exílio. Essa era a humilhação máxima do povo em aliança com Deus (Dt 28.63-68).

não acha descanso. A aliança divina havia prometido descanso em relação aos inimigos (Dt 12.9; 2Sm 7.1; cf. Dt 28.65).

* 1.4 A vida regular de adoração, no antigo povo de Israel, foi retratada

aqui.

Os caminhos de Sião. Pessoas que viviam distantes percorriam esses caminhos na sua peregrinação para o templo (Sl 84.5).

à reunião solene. As principais reuniões anuais para a adoração eram as Festas da Páscoa, do Pentecoste e da colheita (Êx 23.14-17; Lv 23.4-44). Jerusalém ficava então apinhada de gente, e os sacerdotes presidiam sobre as vibrantes celebrações.

as suas virgens estão tristes. Esse é um sinal de derrota; contrastar com Jr 31.13.

* 1.5 os seus inimigos prosperam. Ver outros queixumes em Jr 12.1;

Sl 73. Aqui o queixume aparece juntamente com uma confissão de pecados. Conforme os profetas tinham predito, a infidelidade de Judá levou a nação à ruína.

* 1.6 Da filha de Sião. Essa frase personifica Jerusalém (Jr 6.2);

contudo, talvez também aluda às mulheres da cidade, que sentiam a angústia da mesma de forma mais aguda.

* 1.7 lembra-se Jerusalém. Uma vez mais, o amargo presente

contrasta com um tempo anterior, mais feliz, possivelmente os tempos de Davi e Salomão.

* 1.8 Jerusalém pecou. Aqui é desenvolvida a idéia do pecado como a

causa do exílio, primeiramente mediante o uso de figuras de linguagem de impureza ritual.

se tornou repugnante. Essa palavra provavelmente refere-se à menstruação (Lv 15.19-33). A conseqüência do pecado de Judá foi semelhante, se não mais severa: ser excluída da adoração a Deus, e, talvez, também a humilhação pública (cf. Jr 13.22,26).

* 1.9 A sua imundícia. Essas palavras intensificam a figura de

linguagem de imundícia ritual.

Vê, SENHOR. Sião foi personificada pela primeira vez, introduzindo um elemento de apelo dirigido ao Senhor, uma parte normal da forma de lamentação (Introdução: Características e Temas).

* 1.10 no seu santuário. O templo deveria atrair as nações à adoração

ao Deus de Israel (1Rs 8.41-43), mas agora invasores o deixaram

contaminado.

* 1.11 Todo o seu povo... forças. O quadro de desolação torna-se vívido, ficando entendido que havia escassez de alimentos.

*** 1.12 a todos vós que passais... se há dor igual à minha. Os**

sofredores imaginavam que seus sofrimentos eram sem precedentes. No entanto, ninguém parecia ter compaixão deles.

no dia do furor da sua ira. Essa expressão é uma lúgubre confirmação da profecia de Amós de que no dia do Senhor a sua ira seria contra o seu próprio povo (Am 5.18).

* 1.13 enviou fogo. Sião reconhecia que o próprio Senhor havia afligido

o seu povo (Sl 88.13-18).

* 1.15 O Senhor dispersou. O Senhor, anteriormente um guerreiro em

defesa de Israel (Dt 9.1-3), agora fez voltar o seu poder contra o seu próprio povo.

* 1.16 afastou de mim o consolador. Não havia quem ajudasse Judá,

ninguém para consolar a nação — um tema dominante nestes versículos (2, 7, 9 e 17).

* 1.17 Jacó. Um nome histórico para Israel, derivado do nome de seu

antepassado (Gn 32.38).

os seus vizinhos se tornem seus inimigos. A presença de Judá como algo imundo entre as nações falsifica seu papel originalmente planejado de testemunha da santidade de Deus (Êx 19.5,6).

* 1.18 Justo é o SENHOR. Sião justifica a punição aplicada

pelo Senhor

ao reconhecer o seu pecado. No entanto, o pensamento muda de novo, rapidamente, para a sua escravidão.

* 1.19 os meus amigos. Falham na hora da necessidade.

* 1.21 os meus inimigos. Sião apelou para o Senhor por causa da

satisfação demoníaca dos inimigos. Seus insultos eram profundamente ofensivos para a posição de Judá como povo em comunhão com Deus segundo a aliança — e, por conseguinte, para o próprio Deus.

o dia. O dia do Senhor tornava-se agora um dia de terror para os inimigos de Sião. O lamento de Sião segue o padrão profético, em que os inimigos que administram o castigo divino finalmente chegam a sofrer eles mesmos (Jr 25.15-38).

* 1.22 Venha... minhas prevaricações. Finalmente, Sião assevera que

seus inimigos merecem condenação tanto quanto ela mesma.

os meus gemidos. A petição para Deus punir, entretanto, não diminui as profundas angústias de Sião.

* 2.1-22 O segundo lamento sobre a perda da glória, por parte de Sião,

tem começo, e o profeta retrata a ira do Senhor contra ela.

* 2.1 Como. Cf. 1.1 e nota.

Precipitou... a glória de Israel. A queda de Israel no desfavor divino é comparada a uma estrela cadente (Is 14.12).

e não se lembrou. Judá estava perplexa porque a promessa feita a

Davi agora estava aparentemente sem valor (cf. Sl 89, especialmente os vs. 38-51). Isaías havia assegurado ao povo que Deus protegeria a Sião (p.ex., Is 37.35), e o povo de Judá tinha transformado em promessas absolutas essas palavras.

Eles se tinham esquecido de que estavam na obrigação de guardar as condições da aliança divina firmada com eles (Êx 24.1-3).

do estrado de seus pés. Essa expressão, usada normalmente para indicar a arca da aliança (1 Cr 28.2: Sl 132.7), ou a terra (Is 66.1), é aqui aplicada a Sião (cf. Sl 99.5).

* 2.2 as fortalezas. A força das cidades fortificadas de Judá tinha

simbolizado a bênção divina resultante da fidelidade de Judá à aliança (2Cr 10.4-12).

*
2.3 força de Israel. Em lugar de "força", o original

"chifre". Isso é uma metáfora que indica a força e a prosperidade (contrastar com o v. 17). A linguagem faz vívido contraste (a) entre Judá e seus inimigos, bem como (b) entre a vida de Judá, como deveria ser, e como era agora.

* 2.4 qual inimigo. 1.15, nota.

derramou o seu furor. A figura de linguagem de uma guerra santa foi tipicamente usada para o juízo divino contra a nação de Judá (Sl 69.24).

Entesou o seu arco. Ver Dt 32.42. As flechas terríveis que visavam os inimigos de Deus (Dt 32.42), agora visam o povo dele (Os 5.10; Jr 6.11; 7.20).

* 2.5 filha de Judá. Ver a nota em 1.6.

*** 2.6 o seu tabernáculo... o lugar da sua congregação. Essas são**

referências ao templo.

o SENHOR... pôs em esquecimento... o sábado. 1.4, nota. Esta frase poderia ser traduzida por: "O Senhor fez as festas e os sábados coisas esquecidas em Sião", uma justiça irônica, pois primeiramente foi o povo que esqueceu os sábados (Am 8.5; Jr 17.19-27).

* 2.7 o seu altar... o seu santuário. O julgamento por Deus destruiu

não somente o lugar onde ele habitava, mas também o meio de Israel aproximar-se dele em adoração. Os clamores dos inimigos triunfantes substituíram o clamor das assembléias que adoravam a Deus.

* 2.8 estendeu o cordel. Isso foi feito como se quisesse fazer o

levantamento topográfico da cidade, com vistas à sua destruição (Is 34.11; Am 7.7,8).

* 2.9 lei... visão... os seus profetas. Não somente foram

instituições religiosas, mas o Senhor reteve suas revelações. A visão profética que acompanhava a pregação da Lei tinha cessado (Jr 8.8-10; 18.18; 1Sm 3.1).

* 2.10 os anciãos... pó... cilício... abaixam as cabeças. Esses são

gestos convencionais de quem se lamenta (Jó 2.12,13; Lm 1.4).

* 2.11 Com lágrimas se consumiram os meus olhos. Cf. o sofrimento

natural do poeta, por causa da agonia de seu povo, com as experiências de Jeremias (Jr 4.19); e note também os quadros de desolação que acompanham as expressões angustiadas do profeta (Jr 4.31).

* 2.11,12 os meninos e as crianças de peito... suas mães. O

profeta ficava especialmente comovido diante da visão de crianças que padeciam.

* 2.13 para te consolar a ti. O significado dessa frase parece ser: "Que

posso dizer-te sobre o sofrimento, tu que tanto tens sofrido?" Nenhuma resposta fácil ocorre a quem é testemunha de tristezas como aquelas.

consolar. Ver a nota em 1.2.

* 2.14 visões falsas. O pensamento avança, tendo partido do v.9. Agora

os profetas aparecem como quem profetizou falsamente. O problema complexo da profecia falsa é um tema repetido nos livros proféticos (Jr 5.12,13; 23.9-40; 28). Dt 18.21,22 fornece-nos um critério por meio do qual os profetas podem ser julgados verdadeiros ou falsos.

*** 2.15 a perfeição da formosura... a alegria de toda a terra? A beleza**

do lugar escolhido é extravagantemente expressa (Sl 50.2; 48.2), mas por zombadores que motejam das ruínas e da agonia de Jerusalém.

* 2.16 Devoramo-la. Nos vs. 2 e 5, o próprio Deus aparece como quem

tinha devorado o seu povo. Conforme este versículo deixa claro, ele

fizera isso usando os inimigos de Judá como seus agentes. Este versículo também deixa claro como as nações, orgulhosamente, atribuíram sua vitória sobre Judá às suas próprias forças.

*** 2.17 cumpriu a ameaça que pronunciou desde os dias da**

antiguidade. Os propósitos de Deus no juízo foram declarados nas maldições segundo a aliança (Lv 26.23-39; Dt 28.15-68); o atual estado de Judá tinha acontecido em consonância com os propósitos conhecidos de Deus.

o poder. Ver a nota no v.3.

* 2.18 Ó muralha. Há uma forte ironia neste fútil clamor dirigido às

muralhas de Jerusalém, um símbolo da força imaginária da nação.

de dia e de noite. Cf. Dt 28.67.

* 2.19 teus filhinhos. Ver a nota no v.12.

*** 2.20 Hão de as mulheres comer o fruto de si mesmas. O tema do**

sofrimento das crianças inocentes atingiu o ápice do sentimento (Jr 19.9). Seu poder como um apelo a Deus é fomentado por se saber que Deus conhece o afeto maternal (Is 66.13). Tão extremo, por si mesmo, é o ultraje do sacrilégio: os ungidos do Senhor são mortos no seu santuário.

o sacerdote e o profeta? Quanto aos pecados dos sacerdotes e dos profetas, ver 4.13.

* 2.21 o moço e o velho. O horror da morte na juventude é contrastado

com a bênção de atingir uma idade avançada (Jó 42.17).

*** 2.22 terrores como num dia de solenidade. Esse contraste entre**

convocar para a alegria de uma festa e convocar para a desgraça é tremendamente poderoso.

terrores. ver Jr 6.25; 20.10.

no dia da ira do SENHOR. O poema termina por onde começou, sem qualquer alívio no retrato sombrio.

* 3.1-66 Quando um indivíduo expressava a tristeza da comunidade, a

esperança e o consolo eram sustentados pelo conhecimento do amor compassivo de Deus.

* 3.1 Eu sou o homem. Este capítulo é um acróstico com três

versículos para cada letra do alfabeto hebraico. Quanto à possível identidade do autor com Jeremias, e à forma de poesia acróstica como um aspecto da poesia dos hebreus, ver a Introdução e mais abaixo. Quanto a retratos do

próprio Senhor como aquele que tinha afligido o escritor, ver Jó 19.21; Sl 88.7,15; Jr 15.17,18. Neste poema, um indivíduo exprime a tristeza de sua comunidade (vs. 22,40-47).

* 3.2 em trevas e não na luz. Contrastar com Is 9.2. As trevas são uma metáfora para a aflição experimentada como a ausência de Deus; a luz representa o contrário: salvação e bênção. O dia do Senhor é descrito nesses termos em Am 5.18.

* 3.4 a minha pele... os meus ossos. Essas são características de aflição física, talvez devidas à idade avançada ou à enfermidade

(Jó 13.28; Is 38.13).

* 3.5 de veneno e de dor. Os efeitos emocionais e físicos da aflição andam de mãos dadas.

* 3.6 como os que estão mortos para sempre. As aflições e as enfermidades da vida diminuem a sua plenitude, culminando na morte. Em sua condição debilitada, o profeta considerava-se ter pouco mais de participação na vida do que se estivesse, realmente, morto. Na perspectiva dos vivos, os mortos nem ao menos existem, ou existiriam como sombras (Pv 2.18; 9.18 e notas). Quanto a outros quadros sobre a morte, no Antigo Testamento, ver Jó 3.11-19; Sl 6.5; 115.17; Is 14.18,19. Contra esse pano-de-fundo, o Antigo Testamento mostra-se eloqüente em seu testemunho em prol da ressurreição além do sepulcro (Jó 19.25-27; Sl 16.9-11; 49.15; 73.24).

* 3.8 ele não admite a minha oração. Quanto a orações que não são

ouvidas, ver Sl 10.1; 13.1 e 22.1,2.

* 3.10-12 urso... flecha. Alguns dos perigos que poderiam atingir realmente o viajante, são maneiras vívidas de exprimir terror e aflição.

*** 3.14 objeto de escárnio. Ver Jr 20.7.**

* 3.17 paz... bem. **Essas condições, a súmula da bênção, estavam**

totalmente ausentes.

* 3.18 minha glória... no SENHOR**. A expressão de desesperança**

atinge aqui o seu ponto culminante.

* 3.20 os recorda. **A experiência do poeta é um**

símbolo das

experiências do povo; ver a linguagem em 1.7.

* 3.21 Quero trazer à memória. **As lembranças que antes**

desencorajavam, agora encorajam (Sl 77.3-9,10-15). A memória da dedicação de Deus a seu povo faz manar a esperança do desespero.

* 3.22-24 **O ponto culminante do poema e do Livro é atingido aqui. A forma**

de lamentação tem pontos cruciais onde a experiência de rejeição por parte de Deus transforma-se, inesperadamente, em confiança, com base no conhecimento do caráter de Deus e em suas misericórdias passadas. Ver as confissões de confiança e esperança, em Sl 22.

* 3.22,23 **Ver "Deus É Amor: A bondade e a Fidelidade Divinas", em Sl**

136.1.

* 3.22 As misericórdias. **Quanto à palavra hebraica** *(hesed),* **ver Sl**

36.5, nota. A forma plural, usada aqui, relembra muitos atos, ou, talvez, as riquezas da misericórdia divina.

A dedicação de Deus à aliança está sempre ligada à sua compaixão, um termo que envolve uma profunda emoção. Não somos consumidos porque a compaixão de Deus não se esgota. A ira de Deus contra o seu povo termina porque a sua compaixão não pode terminar (4.22; Os 11.8).

* 3.23 cada manhã. **O amor de Deus fará raiar a manhã da salvação (Sl**

90.14; Ml 4.2; Lc 1.78).

fidelidade. **A confiabilidade ilimitada de Deus, torna-o digno de fé (Hc 2.4).**

* 3.24 A minha porção. **Esta frase nos relembra as alocações territoriais**

às tribos de Israel. Os sacerdotes e os levitas, que não receberam porções sob a forma de terras, tinham o Senhor como sua porção (Nm 18.20; cf. Sl 73.26).

* 3.25 Bom é o Senhor... para a alma que o busca. **Deus é sempre bom para com aqueles que o buscam, põem nele a sua esperança, e nele aguardam (cf. 1Cr 28.9). O tríplice "bom" que aparece neste contexto (cf. vs. 26 e 27) enfoca a bondade de Deus.**

* 3.27 na sua mocidade. **Ao que tudo indica a referência é aos sofrimentos de Jeremias no começo e no meio de sua vida, talvez significando que ele seria aliviado em sua idade avançada. Talvez a comunidade, como se fosse um único indivíduo, deveria ter a esperança que o jugo seria retirado com o decorrer do tempo.**

* 3.28-30 porquanto... farte-se da afronta. **O profeta exortou os aflitos a suportarem o presente sofrimento, à luz das afirmações existentes nos próximos versículos.**

Assente-se solitário. Cf. 1.1.

* 3.30 Dê a face ao que o fere. **A humilhação sofrida por Israel serviu de prefiguração da humilhação de Cristo (Is 50.6; Mt**

26.67).

* 3.31-33 **Visto que Deus é cheio de compaixão, a presente experiência de sua ira tem que ser de breve duração (Sl 30.5; Is 54.7; Os 6.1). Uma vez mais, a compaixão é vinculada ao amor (no hebraico,** *hesed,* **3.22) infalível de Deus. Deus não aflige os homens "de bom grado", isto é, "com alegria" e "de todo o seu coração", nem mesmo por ocasião do Juízo Final.**

* 3.34-36 **O que fica implícito nestes versículos é que Deus não pode aprovar tais coisas (Jó 8.3). Naturalmente, Deus tem aprovado essas mesmas coisas, visto que ele as tem feito acontecer. Esse era o problema de castigo e**

de aflição que o poeta enfrentava.

* 3.37,38 Tudo quanto acontece é pela palavra de Deus (Gn 1.3), tanto a calamidade quanto o bem (Am 3.6).

* 3.39 Visto que tudo acontece pela palavra do Senhor, nenhum homem vivo pode queixar-se quando Deus manda a calamidade como castigo contra o pecado.

Queixe-se cada um dos seus próprios pecados. O pecado dos indivíduos é uma parte importante da resposta do profeta ao problema da condenação e da aflição (por mais temível que seja o juízo divino, 2.20-22). A frase, no seu original hebraico, implica que o pecado e o conseqüente castigo pertencem, inescapavelmente, um ao outro.

* 3.40-47 Note o leitor que os que falam estão no plural, por toda esta seção.

*** 3.40-42 Esquadrinhemos... Nós prevaricamos. Temos aqui uma**

chamada ao arrependimento, ao reconhecimento do pecado. O impulso para confessar os pecados parece ceder caminho imediato a uma lamentação renovada, após a declaração que diz: "Tu não nos perdoaste" (v.42). A confissão pode ter sido superficial ou hipócrita. Em ambos os casos as penalidades não foram suspensas.

*** 3.43-45 Cobriste-nos de ira... no meio dos povos. Aqui o profeta**

faz uma paródia com as ações de Deus no êxodo. Naquela ocasião a ira de Deus ajudou a Israel; foram os inimigos dos israelitas que foram mortos sem piedade; e a nuvem era um sinal de favor divino. Israel era preciosa entre as nações, e não "cisco e refugo".

* 3.48-66 Aqui o discurso reverte novamente para o singular.

torrentes de águas. Há fortes ecos do livro de Jeremias, nesta íntima

associação entre a tristeza do povo e a tristeza do poeta. É sugerida uma ligação entre os sofrimentos do povo e os sofrimentos do poeta.

* 3.49 Os meus olhos choram. Essas palavras refletem uma linguagem

familiar de lamentação (Sl 6.6; 42.3; Jr 9.1; 18).

* 3.52 sem motivo são meus inimigos. Sl 35.19; Jo 15.25.

* 3.53 lançaram-me na cova. Sl 28.1; 88.6. A vida de Jeremias pode

estar novamente em vista, nestes versículos (Jr 38.6).

* 3.55 cova... invoquei o teu nome. Ver Sl 16.10,11; 30.1; e a

experiência de Jonas (Jn 2.2-7). O sofrimento de Cristo como o justo Servo do Senhor leva ao mais alto cumprimento esse tema recorrente

dos profetas sofredores e seu livramento pelo Senhor.

* 3.56 Ouviste a minha voz. O ponto crucial da lamentação é atingido

quando ao poeta se garante que o Senhor tinha ouvido a sua oração (Sl 6.810).

* 3.57 Não temas. Essa é uma exortação comum no Livro de Isaías

(p.ex., Is 41.10; cf. Mc 6.50).

* 3.58-66 Esta seção adota o tema bíblico dos sofrimentos inocentes

e vicários que atingiram o seu ponto culminante na morte de Cristo em favor daqueles que ele veio salvar.

*** 3.58-60 a causa... remiste a minha vida... a minha causa. Em**

Jeremias 50.34, o Senhor é o Redentor de Judá e pleiteia pela causa dos seus habitantes. Aqui o Senhor pleiteia contra eles, porquanto se tinham voltado contra o seu profeta.

* 3.64-66 Tu lhes darás a paga. A nota de vingança se faz presente

em Jr 12.1, tal como em Sl 77.6,7.

* 4.1-22 Este capítulo, que contém o mais vívido retrato das agonias de

Judá, lamenta o castigo de Sião, mas dá a certeza de que como estava cessaria.

* 4.1 o ouro!... as pedras do santuário. O ouro e os ricos utensílios

do templo de Salomão foram levados embora por Nabucodonosor (2Rs 25.9).

* 4.2 Os nobres filhos... puro ouro. A idéia do ouro é imediatamente

transferida para as próprias pessoas, mais valiosas do que as riquezas do templo. Na qualidade de "propriedade peculiar" (Êx 19.5), elas tinham sido muitissimamente preciosas; mas agora eram o barro mais comum.

*** 4.3 Até os chacais. Is 1.2,3.**

Os avestruzes. Essas aves serviam de figura proverbial da dureza de coração dos pais para com seus filhos (Jó 39.16). Essa indiferença é um tema deste capítulo (v.10), desenvolvido a partir de 2.20.

* 4.5 comidas finas. A figura de alguém rico, que se alimentava

delicadamente, e que cai subitamente em grande necessidade e perigo é reverberada com freqüência nos escritos dos profetas (Am 4.1-3; 6.1; Jr 6.2).

* 4.6 maldade. Essa palavra hebraica também pode ser traduzida por

"castigo" ou por "iniqüidade", de acordo com o contexto, visto que as duas idéias estão tão intimamente ligadas uma à outra. Neste capítulo, essa conexão é forte, onde o intenso sofrimento de Judá é vinculado repetidamente a seu pecado desnatural.

Sodoma. Os profetas com freqüência usam Sodoma como um arquétipo do julgamento divino contra o pecado (Dt 29.23; Is 1.10; Jr 23.14; Ez 16.46; Os 11.8; Am 4.11; Lc 17.28-30). A comparação com Sodoma é aplicável aos pecados da cidade bem como ao temível julgamento divino que lhe sobreveio.

* 4.7 seus príncipes. Algumas versões dizem aqui "nazireus". Nm 6.1

21, nota.

mais brancos... mas ruivos. Essas são cores com freqüência associadas ao corpo humano.

* 4.8 Mas agora. Ironicamente, nas dificuldades que então

predominavam, ninguém se distinguia como pessoa especial; todas as distinções tinham sido obliteradas.

* 4.9 Mais felizes foram as vítimas da espada. A desgraça do povo judeu era desesperada e miserável. A morte por meio da fome não é um julgamento sumário e instantâneo; em sua lentidão revela ao máximo os horrores do juízo divino a um grau temível (Dt 28.54-57).

*** 4.10 mulheres... seus próprios filhos. Ver o v.3.**

* 4.11 indignação. O enfoque volta à ira de Deus; no pecado cometido

por Judá há uma explicação até para esses males.

* 4.12 os reis da terra. É possível que essa frase refira-se à suposta

inexpugnabilidade de Sião, reforçada pelo dramático fracasso dos assírios que não conseguiram tomar a cidade, depois que Senaqueribe conquistou o resto de Judá, em 701 a.C. (2Rs 18.13—19.37).

* 4.13 seus profetas... seus sacerdotes. Ver a nota em 2.20 e Jr

5.30,31; Mq 3.9-12.

*** 4.14 Erram como cegos nas ruas. Dt 28.28,29.**

andam contaminados de sangue. Deus, em sua ira, fez os sacerdotes e profetas de Sião se tornarem ritualmente imundos. Em outro lugar (Is 59.3) a frase refere-se a sangue derramado pela culpa. Ironicamente, o sangue que contaminava esses errantes cegos era o próprio sangue deles.

* 4.15 imundos! Lv 13.45.

Quando fugiram errantes. Cumpriu-se assim a maldição de Dt 28.65,66.

* 4.17 povo. Caracteristicamente, Israel e Judá buscaram ajuda nos pactos políticos, e não no Senhor (Is 7; 30.1-5; Jr 24).

*** 4.19 as aves dos céus. Jr 4.13.**

* 4.20 o ungido do SENHOR. Essa é uma referência à esperança no rei davídico, especialmente após as reformas instituídas por Josias (2Rs 22 e 23). Essa reforma, embora religiosa, tinha também asseverado a independência de Judá e parecia confirmar a antiga promessa feita a Davi (2Sm 7). O último rei de Judá, deportado por Nabucodonosor, foi Zedequias (2Rs 25.7). Não obstante, Jeremias prometera a salvação final através do Renovo justo de Davi, o Messias (Jr 23.5-8).

* 4.21,22 ó filha de Edom. Esse era um dos inimigos históricos de Israel. A inimizade dos edomitas era mais escandalosa por causa de uma antiga afinidade de sangue; Edom era outro nome para o irmão gêmeo de Jacó, Esaú (Gn 25.30). Mas a nação de Edom também cairia por sua vez (Obadias e Jr 49.7-22).

O castigo da tua maldade está consumado. Em outras palavras, "Tua

culpa terá fim". Por causa da misericórdia e da compaixão de Deus, a culpa de seu povo chegaria ao fim e, em contraste com Edom, os judeus seriam libertados. Ver Is 40.2 e Jr 49.7-22.

* 5.1-22 Repassando os efeitos contínuos da degradação de Sião, o poeta fez um apelo final em prol da restauração.

* 5.1 Lembra-te... do que nos tem sucedido. Essa é uma típica abertura de uma lamentação comunal. Sião não mais aparece nas agonias

imediatas do cerco e do saque (tal como se vê no capítulo 4), mas em um estágio posterior da aflição, quando a súbita violação da terra já tinha cedido lugar a uma opressão dura e humilhante.

* 5.2 A nossa herança. A Terra Prometida, como um todo, era a

herança de Israel da parte de Deus (Dt 4.21; 12.9), enquanto que o território de Judá foi dado especificamente à tribo desse nome (Js 15.20-63).

a estranhos... a estrangeiros. Deus havia dado a Terra Prometida a Israel, e até lhes tinha conferido instruções para que expelissem os estrangeiros. Agora tudo isso virara de ponta cabeça.

* 5.3 somos órfãos... são como viúvas. A posição dessas classes era

precária e dependente. Israel recebera ordens para cuidar deles, visto que sua condição negava-lhes acesso normal aos produtos da terra (Dt 14.28,29).

*** 5.4 A nossa água por dinheiro a bebemos. Essa necessidade era**

uma inversão irônica de Dt 6.10,11, e, especificamente, de Js 9.21-23.

* 5.5 não temos descanso. Essa condição era outra inversão de uma

bênção prometida em Deuteronômio (Dt 12.9; Lm 1.3).

* 5.6 aos egípcios e aos assírios. Esse tipo de submissão não

somente era humilhante, mas também perigosa (2Rs 18.14).

*** 5.7 Nossos pais pecaram... nós é que levamos o castigo. Uma**

descrição semelhante de solidariedade entre as gerações se acha em Êx 20.5, bem como nos Livros de 1 e 2 Reis, com seus registros de culpa acumulada através das gerações. Passagens tais como Ez 18 (notas; Jr 31.29,30) esclarecem aqueles que questionam a justiça de alguém ser julgado por pecados que ele não cometeu. Ezequiel respondeu que aqueles que compartilham do julgamento de seu pai compartilharam nos pecados de seu pai: cada geração fica com a culpa de seus próprios pecados, e não com os pecados das gerações anteriores tão-somente.

*

5.8 Escravos dominam. Quando escravos babilônicos da

a Israel, havia uma irônica distorção nos relacionamentos verdadeiros entre Deus, Israel e as nações. Israel, na realidade, era uma nação libertada da escravidão (Dt 15.12-18); e aqueles que não serviam ao verdadeiro Deus deveriam estar em escravidão. Ver 1.1, nota.

* 5.9 espada do deserto. Talvez isso se refira aos assaltantes do

deserto, que tiravam proveito da comunidade debilitada de Israel.

* 5.11-13 Temos aqui quadros vergonhosos.

as virgens. A perda da virgindade fora do casamento impunha vergonha a uma mulher e à sua família, e talvez conseqüências adicionais sérias (Dt 22.13-21).

enforcados. Temos aí uma forma de tortura ou uma forma de execução por meio de exposição aos elementos.

Os jovens levaram a mó. Esse era um trabalho degradante para um homem jovem (Jz 16.21).

* 5.14 Este versículo transmite algo do estado da vida normal em Judá,

mediante a descrição do que havia cessado. A "porta", que tinha funções legais e sociais, estava agora deserta. Os prazeres descuidados dos "jovens" tinham sido substituídos pela vida dura, retratada nos versículos anteriores.

* 5.16 a coroa. Alguns tomam isso como referência a Jerusalém em

particular (Lm 1.1; 2.15; 5.18). Provavelmente representa a glória de Israel e de Judá entre as nações (Êx 19.6).

ai de nós, porque pecamos. Ver a nota no v.7.

* 5.18 monte Sião, que está assolado. O poeta fecha aqui o círculo,

tendo partido de 1.1, reiniciando o tema do escândalo de a cidade escolhida

por Deus jazer destruída e abandonada.

* 5.19 Tu, SENHOR, reinas eternamente. Embora a "realeza" do povo judeu (v.16) não fosse mais uma realidade, a realeza do Senhor permanece para sempre.

* 5.20 Por que...? Soa de novo a nota de lamentação. Não havia como sair facilmente da dor que fora expressa; mas a afirmação da soberania de Deus é feita no meio daquela dor (v.19). A lógica dos vs. 19 e 20 tem paralelo em Sl 89, pois ali os vs. 1-37 louvam a soberania de Deus, e nos vs. 38-51 se pergunta "Até quando, Senhor?" (Sl 89.46).

* 5.21 Converte-nos a ti... renova. Esses dois verbos derivam-se de um mesmo verbo, no hebraico. Seu uso é ambíguo, visto que a restauração poderia ser um retorno físico de exilados à Terra Prometida, ou um retorno moral e religioso (arrependimento). Essa ambigüidade, porém, é necessária, porquanto os profetas nunca divisaram uma restauração à terra que fosse separada do arrependimento para com Deus. Quanto a um paralelo exato desse pensamento, ver Jr 31.18.

* 5.22 Por que nos rejeitaste. O poeta não quis encerrar o lamento com uma nota elevada. Não obstante, a nota final não é de desespero, e, sim, uma petição. Os cinco poemas do livro de Lamentações chegam até nós derivados da tristeza do julgamento experimentado, mas também salientam a compaixão de Deus como base de um futuro livramento.

Ezequiel

* 1.1 no trigésimo ano. Julho de 593 a.C. Parece que o livro de Ezequiel

tem um duplo título, um na primeira pessoa (v.1), e outro na terceira (vs. 2 e 3). As datas, nesse livro, normalmente são calculadas a partir do ano do cativeiro de Joaquim (cap. 40.1). Mas a primeira data do livro especifica um "trigésimo" ano (v.1) e, imediatamente em seguida, refere-se ao "quinto ano" de Joaquim. Provavelmente esse trigésimo ano fosse a idade de Ezequiel quando de sua chamada profética, o que coincidiu com o "quinto" ano de Joaquim. Um candidato ao sacerdócio ordinariamente assumia as plenas responsabilidades de

seu ofício aos trinta anos de idade (Nm 4.3). Em lugar de atingir esse alvo importante, Ezequiel estava vivendo no exílio, distante do templo de Jerusalém, incapaz de cumprir a seu chamado como um sacerdote.

rio Quebar. Os judeus que viviam fora de sua terra natal comumente estabeleciam lugares de adoração ao longo de correntes de água (Sl 137.1; At 16.13). Dois textos com escrita cuneiforme, originários de Nipur, mencionam um *naru kabari* (cujo sentido é "grande rio"), que, provavelmente, é o Quebar. Este era um grande canal de irrigação que trazia água do Eufrates até um ponto abaixo da cidade de Babilônia.

* 1.4—3.15 A visão inaugural de Ezequiel deve ser comparada às narrativas do chamamento de Moisés (Êx 3), de Isaías (Is 6) e de Jeremias (Jr 1). À semelhança de Moisés, o profeta modelo (Dt 18.15,18), aqueles que o seguissem deviam, ordinariamente, começar suas carreiras proféticas sendo admitidos à presença divina. No concílio celestial, eles ouvem as palavras de Deus. Os profetas deixaram registradas tais experiências não tanto como dados autobiográficos, mas porque a admissão deles ao concílio divino foi a base de sua reivindicação de autoridade profética. Essa era a qualificação que distinguia um profeta verdadeiro de um profeta falso (1Rs 22.19-28; Jr 23.16-18).

* 1.4 um vento tempestuoso. Quanto ao vento tempestuoso ou

redemoinho como um modo de teofania, ver 2Rs 2.1,11; Jó 38.1; 40.6; Sl 77.18; 83.15; 148.8; Is 29.6; 66.15; Jr 4.13; 23.19; 30.23; Na 1.3; Zc 9.14.

1.5 Quando esses "seres viventes" apareceram novamente, foram identificados

como "querubins" (10.1,15,17,20). Existem pontos de semelhança com os serafins que estavam com Deus por ocasião da chamada de Isaías (Is 6.2,3), e com a visão de João do trono divino (Ap 4.6-9).

Suas asas "se uniam uma à outra" (v.9), tais como as asas dos querubins sobre a arca no Santo dos Santos do templo (1Rs 6.27; 2Cr 3.11,12). Os livros de Crônicas descrevem a arca como "o carro dos querubins" (1Cr 28.18).

* 1.10 seus rostos. Os quatro rostos, provavelmente, representam as cabeças de quatro reinos da criação. O homem é supremo e olha para o lado de fora. O boi é o cabeça dos animais domésticos; o leão, dos animais selvagens; e a águia, dos pássaros. Ao que parece, as criaturas formavam um quadrado, com as faces humanas olhando para o lado de fora, para os quatro pontos cardeais, tornando os outros rostos visíveis lateralmente.

* 1.13,14 carvão em brasa... tochas... relâmpagos. O fogo é um componente regular das teofanias (manifestações ou aparições de Deus) no Antigo Testamento (Gn 15.17; Êx 3.2; 13.21,22; 14.24; 19.18; 24.17; Nm 11.1; Dt 1.33; 4.11,12,24,33,36; 5.22-26; 9.3; Sl 18.8; 78.14,21).

* 1.24 como o rugido. Um distintivo som forte acompanha as teofanias que envolvem o exército divino (2Sm 5.24; 2Rs 7.6; Is 13.4; 66.6; Jl 2.5; cf. Gn 3.8; Êx 19.19;

Is 6.4). Ver particularmente 3.12,13 e 10.5.

* 1.27 um resplendor. A luz que se irradia da presença divina é avassaladora (Dn 7.9), pois Deus habita em "luz inacessível" (1Tm 6.16). Ninguém jamais viu a Deus, e Ezequiel não ousou descrevê-lo. Ele pôde falar somente sobre a "aparência da glória do SENHOR" (1.28), uma maneira de falar essencialmente distante de uma descrição direta de Deus.

* 1.28 arco que aparece na nuvem. O arco-íris não somente reflete o resplendor

ao redor de Deus, mas também testifica de seu domínio sobre o mar e sua promessa feita a Noé (Gn 9.16,17). Ver nota teológica "A Glória

de Deus", índice .

* 2.1-8 Em outras narrativas sobre chamamentos, depois que a pessoa se aproxima da presença divina, Deus anuncia a sua comissão, normalmente com uma declaração de que estava enviando aquela pessoa (2.3; Êx 3.10; Jz 6.14; Is 6.8; Jr 1.7).

* 2.1 Filho do homem. Deus dirigiu-se dessa maneira a Ezequiel por mais de

noventa vezes neste livro. A frase significa "pessoa", "ser humano", e enfatiza a humanidade e a fragilidade do profeta, e tanto mais quando ele estava em tal proximidade da visão da glória de Deus. Esse uso da frase, no livro de Ezequiel, deve ser distinguido de seu uso nos Evangelhos, como a autodesignação favorita de Jesus. Jesus usou a frase para designar-se a si mesmo como o "Filho do homem" conhecido de Dn 7.13,14.

* 2.2 o Espírito. No Antigo Testamento, o Espírito de Deus aparece, com

proeminência, como o Espírito da profecia, o Espírito que faz o profeta ser um canal de revelação divina (Nm 11.25,26,29; 1Sm 10.6; 19.20; Jl 2.28; Zc 7.12).

* 2.6 sarças e espinhos... escorpiões. Essas metáforas referem-se

àqueles que perseguiriam Ezequiel por ele estar trazendo, da parte de Deus, uma mensagem impopular (1Rs 18.4; Jr 20.7-18; Mt 23.29-31,34,37).

* 2.9— 3.3 Em outras narrativas sobre a chamada profética, uma vez que é dada a comissão divina, Deus geralmente provê um sinal para confirmá-la (Êx 3.12; Jr 1.11-14). Moisés tinha dito que Deus poria suas palavras nas bocas dos profetas (Dt 18.18), e aqui isso é visto de maneira gráfica. O que o alimento é para o corpo, a palavra de Deus seria para o ministério de Ezequiel.

* 2.10 por dentro e por fora. Os rolos ordinariamente eram escritos apenas em um dos lados; mas ver também Zc 5.3 e Ap 5.1.

lamentações, suspiros e ais. A maior parte da primeira metade do livro de Ezequiel consiste em oráculos de juízo contra Judá (caps. 1—24) e contra nações estrangeiras (caps. 25—32).

*** 3.7 não te dará ouvidos... não me quer dar ouvidos. O Senhor**

identifica os seus mensageiros consigo mesmo (cf. Lc 10.16; Jo 13.20).

* 3.8 fiz duro o teu rosto. No hebraico, Ezequiel significa "Deus torna

forte" ou "Deus endurece".

* 3.12 Levantou-me o Espírito. Por mais de uma vez, Ezequiel descreveu sua

experiência visionária em termos de ser transportado pelo Espírito (3.12,14; 8.3; 11.1,24; 40.1-3; 43.5). Ver 2Rs 2.11,16; 2Co 12.1,2.

* 3.15 Tel-Abibe. Esse local não tem sua localização exatamente definida.

atônito. A Bíblia registra períodos semelhantes de silêncio ou de incapacidade na vida de outros servos de Deus (Ed 9.4; Jó 2.13; Jr 23.9; Dn 8.27; At 9.9).

* 3.16 a palavra do SENHOR. Essa frase ocorre mais de cinqüenta vezes no livro

de Ezequiel, mais do que em qualquer outro livro profético.

* 3.17 por atalaia. Ezequiel haverá de entrar em pormenores sobre seu papel

como atalaia em 33.1-9. Ser um atalaia significava que ele era o responsável por aqueles a quem ele ministrasse, tendo de adverti-los de alguma ameaça iminente. Se ele deixasse de advertir tais pessoas, ele teria que prestar contas de qualquer infortúnio que

disso resultasse. As pessoas de uma cidade não desconsiderariam os gritos de um atalaia comum, entretanto não dariam ouvidos a Ezequiel (vs. 6,7; cf. Is 22.1-14).

* 3.22 A mão do SENHOR. Ezequiel usava essa frase para descrever como as

revelações lhe eram dadas (v.14; 8.1; 33.22; 37.1 e 40.1).

para o vale. Essa palavra significa uma área aberta entre montanhas, e pode ser traduzida por "vale" ou por "planície". Esse vocábulo também ocorre na visão de Ezequiel sobre o "vale" dos ossos secos (37.1).

* 3.26 ficarás mudo. A duração e a natureza da mudez de Ezequiel é uma das

questões mais debatidas do livro. Quando quer que tenha começado durou até chegar aos exilados a notícia de que a cidade de Jerusalém fora destruída (24.27; 33.22; cf. 29.21). O profeta não ficou completamente mudo, mas falava somente quando recebia alguma revelação da parte de Deus. Ezequiel entregou muitos oráculos aos exilados nos seis anos entre a sua chamada e a destruição de Jerusalém.

* 4.1-3 Os profetas de Israel usavam de auxílios visuais, como tábuas de argila,

como ilustrações das lições que queriam salientar; essas lições objetivas são usualmente

chamadas de "atos simbólicos” (1Rs 11.30; 22.11; 2Rs 13.17; Is 20.2-4; Jr 13.1-14; 19.110). Em vários lugares da Mesopotâmia têm sido encontrados tijolos ou tábuas de argila com mapas ou desenhos arquitetônicos. O profeta desenhou o cerco que foi lançado contra Jerusalém, em 586 a.C., e que terminou com a destruição da cidade.

* 4.3 uma assadeira de ferro. Essa era a chapa redonda de ferro sobre a

qual o pão era cozido no forno. Visto que o profeta representava a Deus nesse drama em miniatura, a assadeira de ferro, posta de pé, representava a muralha que havia entre Deus e Jerusalém. As orações dos habitantes da cidade não chegariam até ele, e Deus não interviria em favor deles.

* 4.4 põe a iniqüidade. A natureza dupla do ofício profético — representar

Deus diante do povo, e o povo diante de Deus — é vista na segunda metade do ato simbólico. Agora o profeta representava o povo e trazia sobre si a iniquidade deles (cf. Êx 32.30-32; Rm 9.3).

* 4.5,6 trezentos e noventa dias. O período de tempo a que os números 390 e 40 se referem é difícil de interpretar. Cada dia representa um ano (v.6; cf. Nm 14.34; Dn 9.2427). É possível que os quarenta dias não sigam os trezentos e noventa dias (formando um total de quatrocentos e trinta), mas antes, concorrem juntamente com eles. Alguns consideram o total de quatrocentos e trinta anos como uma referência simbólica à duração da estada de Israel no Egito (Êx 12.40,41).

* 4.8 Eis que te prenderei. Ficar deitado de lado enquanto estava

amarrado (ver referência lateral) provavelmente significa que Ezequiel ficava imóvel somente uma parte de cada dia. Por exemplo, ele ainda tinha que preparar as suas refeições (vs. 8-13).

* 4.9-11 Ezequiel teria que viver como se fosse a vítima de um cerco, enquanto fizesse o papel de Jerusalém sitiada. Essas reações refletem as privações durante um cerco (Dt 28.52-57; 2Rs 6.25; 7.12; Jr 15.2; 19.9).

* 4.10 vinte siclos. Cerca de 230 gramas.

4.11 a sexta parte de um him. Esse racionamento de água era de 0,6 litros por

* 4.12-15 A pureza cerimonial era impossível de observar durante um cerco, mesmo para um sacerdote como Ezequiel. Os excrementos humanos eram considerados impuros (Dt 23.13), e o profeta ficou enojado diante da ordem que Deus lhe dera, protestando que nunca havia violado as leis dietéticas, restringindo-se aos tipos de alimentos que Israel podia comer (44.31; Êx 22.31; Lv 7.19-24; 11.8,39,40; 22.8; Dt 14.3,8). Deus então permitiu que ele usasse esterco de gado, o que continua sendo largamente usado como combustível em certas partes do Oriente Próximo e Médio.

*
5.1 como navalha. Deus havia proibido os homens isr

ou cortarem partes da barba (Lv 19.27). Essa lei foi reiterada no caso dos sacerdotes (Lv 21.5), e Ezequiel era um sacerdote (1.1). Cortar os pelos do rosto podia ser uma questão de grande vergonha pessoal (2Sm 10.4,5; Is 7.20; 50.6), ou um sinal de luto (Ed 9.3; Is 15.2; Jr 7.29; 41.5; 48.37).

* 5.10-13 Ezequiel interpretou o simbolismo dos vs. 1-4: os cabelos queimados no fogo representavam aqueles que morreriam de praga ou enfermidade, durante o cerco; os cabelos cortados à espada representavam aqueles que morreriam na batalha e nos momentos seguintes ao cerco; e os cabelos espalhados ao vento representavam aqueles que seriam levados para o exílio. É notável que Ezequiel não ofereceu pormenores quanto à significação dos poucos cabelos retidos nas dobras de suas vestes; esses simbolizavam os sobreviventes que permaneceriam em Jerusalém (Jr 40.7-12).

* 5.10 os pais devorarão a seus filhos. O canibalismo poderia ser uma

consequência de um cerco demorado (2Rs 6.26-29; Lm 2.20). Moisés tinha advertido que isso poderia acontecer se a nação de Israel não

fosse obediente (Dt 28.53-57).

* 6.1-
3 O discurso de Ezequiel, dirigido aos montes e colina

ele os estivesse vendo, tem impulsionado alguns estudiosos a sugerir que parte do seu ministério foi efetuado em Israel, e não entre os exilados na Babilônia. Entretanto, embora os montes e as colinas de Israel fossem sua platéia metafórica, os ouvintes eram os próprios exilados. Compare a profecia de Ezequiel acerca do povo de Edom, em discurso dirigido ao monte Seir (cap. 35).

* 6.3 os vossos altos. Os cananeus normalmente adoravam suas

divindades nos cumes das colinas. Deus tinha ordenado aos israelitas que erradicassem os lugares altos quando entrassem na Terra Prometida (Nm 33.52; Dt 12.1-3; 33.29). Entretanto, os lugares altos continuaram a florescer por muito tempo depois que o templo foi construído (16.16; Jr 7.31; 19.5; 32.35; 48.35). O povo de Israel passara a adorar os deuses cananeus ou converteram os santuários pagãos para usá-los em uma combinação de práticas cananéias e israelitas. A existência contínua dos lugares altos serviu de ofensa específica para o autor dos livros de Reis (1Rs 11.7; 12.31,32; 13.2,32; 14.23; 2Rs 12.3; 14.4; 15.4,35; 17.29; 23.5,8,13,15,19,20).

* 6.5 os cadáveres. Os santuários seriam contaminados devido à presença de

cadáveres (9.7; Nm 19.16,18; 1Rs 13.2; 2Rs 23.14-16; 2Cr 23.14,15; 34.5).

* 6.7 para que saibais que eu sou o SENHOR. Ezequiel fez uso freqüente

dessa "fórmula de reconhecimento” (cf. 7.4,9; 11.10,12; 12.20). O Senhor revela-se o Dirigente da História anunciando os eventos antes

deles acontecerem.

* 6.8 escapareis. Ezequiel introduziu aqui o tema do remanescente (9.8;

11.12,13; 12.16; 14.22,23; 20.39-44). O remanescente é um grupo ou indivíduo que experimentou alguma calamidade, ordinariamente por motivo de juízo contra o pecado, e sobreviveu. Esse grupo de sobreviventes torna-se então o núcleo que dará continuidade ao grupo: eles incorporam as esperanças futuras do povo, e herdam novamente as promessas de Deus. O exílio seria um período de expurgo e de refinamento, para que um povo puro dali emergisse.

* 6.14 Ribla. Um local no norte do Líbano, onde Faraó Neco e Nabucodonosor

basearam algumas de suas operações (2Rs 23.33; 25.6), nos anos finais da nação de Judá. Os ouvintes de Ezequiel teria entendido a referência. Do deserto até Ribla significa da fronteira sul para a fronteira norte de Judá e Israel.

* 7.7 o dia. Os profetas do Antigo Testamento falaram com freqüência

sobre "o dia" ou sobre "o dia do Senhor" (30.3-9; Is 2.12-17; 13.6-10; 34.8-12; 61.1-3; 63.3-6; Jl 2; 3; Am 5.18-20; Ob 8,15; Sf 1.1-2.3; Zc 14; Ml 4.1-3). Esse seria o dia quando o Senhor haveria de vir para julgar os seus inimigos e vindicar o seu nome. Dependendo do contexto no qual fosse falado pelo profeta, o dia do Senhor podia significar alegria ou

tristeza para Israel. No Novo Testamento, ver Rm 2.16; 1Co 1.8; 5.5; 2Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16; 2Tm 1.12,18; 4.8; Hb 10.25; 2Pe 2.9; 3.12 e Ap 16.14.

* 7.22-27 Visto que Deus tinha escolhido Jerusalém como sua habitação na terra e no passado havia combatido miraculosamente

em favor da cidade (2Rs 18; 19; 2Cr 32; Is 36.37), Judá chegara a aceitar a noção de que a cidade era inviolável como uma verdade teológica. O contemporâneo de Ezequiel, Jeremias, também tinha advertido os habitantes da cidade para não confiar na existência do templo como garantia de segurança (Jr 7.115; 26.1-19).

* 8.1-18 O profeta Ezequiel viu quatro tipos diferentes de idolatria florescendo na cidade: (a) adoração da "imagem dos ciúmes" (vs. 5,6); (b) adoração dos "animais" (vs. 713); (c) o culto a "Tamuz" (vs. 14,15); e (d) a adoração do "sol" (v.16). Todos os segmentos da sociedade estavam envolvidos: os anciãos (vs. 11,12), as mulheres (v.14), e os sacerdotes (v.16).

* 8.3 me levou a Jerusalém. Não é necessário concluirmos que Ezequiel

foi fisicamente a Jerusalém. Sua experiência visionária de transporte não é diferente de outras experiências visionárias na Bíblia (3.12,14; 37.1; 40.1; 2Co 12.2).

porta... que olha para o norte. Esta leva do átrio exterior para o átrio interior do templo.

* 8.5 esta imagem dos ciúmes. Essa imagem foi definida no v.3 como

algo que "provoca o ciúme de Deus", isto é, provoca a ira de Deus que é zeloso de sua própria honra (Êx 20.5). À glória do Senhor cabia ficar ali (v.4); ao ídolo, não. O ídolo, provavelmente, era uma Aserá, uma imagem de uma deusa cananéia que talvez fosse vista como a consorte de Yahweh. Manassés pusera uma imagem dessa categoria no templo (2Rs 21.7).

* 8.10 animais abomináveis. Adorar os animais era adorar a criatura, e não o Criador (Rm 1.25). Animais sobre os quais o homem deveria governar e exercer domínio tinham se tornado objetos de veneração (Gn 1.28).

* 8.11 Jaazanias, filho de Safã. Safã tinha sido um dos cooperadores da reforma de Josias (2Rs 22.3-14; 2Cr 34.8,15-20). Queimar o incenso no recinto do templo era um

* 8.14 Tamuz. Nos dias de Ezequiel, Tamuz era adorado tanto como um deus da

fertilidade quanto como o senhor do submundo. Os ritos usados na adoração a Tamuz estavam vinculados aos ciclos anuais de morte e renascimento da vegetação. Quando as plantas definhavam sob o calor do sol do verão, Tamuz teria morrido e descido ao mundo inferior; ritos de lamentação marcavam o seu falecimento. O reaparecimento da vegetação era visto como o retorno de Tamuz; e então, ritos de fertilidade procuravam assegurar a produtividade da terra.

*
8.16 cerca de vinte e cinco homens. Provavelmente, e homens eram

sacerdotes, visto que o acesso à área entre o altar e o pórtico do templo normalmente ficava restrito aos sacerdotes. O templo dava a frente para o oriente. Em lugar de se por de frente para o templo, para lamentarem e chorar por seus pecados e para interceder pela nação, como deveriam fazer (9.4; Jl 2.17), aqueles homens literalmente voltavam as costas para a casa de Deus e adoravam o sol nascente (2Rs 21.5; 23.11). Cultos aos astros eram comuns no antigo Oriente Próximo e Médio.

*
8.17 encham de violência. Os pecados denunciados ne capítulo são,

primariamente, referentes a práticas religiosas corruptas, mas não com exclusividade. As religiões corrompidas deixam-se acompanhar, inevitavelmente, por relações corruptas entre o povo, pelo que a terra inteira foi descrita como cheia de violência ou desregramento. Este

tema é ainda desenvolvido em 9.9 e 11.6.

o ramo ao seu nariz. Baixos-relevos assírios mostram pessoas segurando ramos diante de seus rostos, em um gesto de reverência e adoração; temos aqui o que parece ser uma referência àquele gesto ritual.

*** 9.1 cada um com a sua arma destruidora na mão. A idolatria de Judá**

não deixaria de ser punida (cf. 2Cr 15.12,13). Embora os executores tenham sido descritos como homens (vs. 1,2), provavelmente eram anjos guerreiros (Êx 12.23-30; 1Cr 21.15-20), encarregados de executar os idólatras.

* 9.2 certo homem vestido de linho. Vestes de linho eram usadas pelos

sacerdotes (Êx 28.31-42), mas os anjos e aqueles que vivem na presença de Deus

com um estojo de escrevedor à cintura. Esse homem é um escriba, aparentemente encarregado de guardar os registros celestiais (Êx 32.32,33; Sl 69.28; 139.16; Dn 12.1; Fp 4.3; Ap 3.5; 13.8; 17.8; 20.12,15; 21.27). A visão de Ezequiel serviu de lembrete de que os idólatras não têm lugar na cidade de Deus (1Co 5.11; 6.9; Ef 5.5; Ap 21.8 e 22.15).

* 9.3 A glória. A nuvem gloriosa que revelava a presença divina, segundo

se entendia, habitava acima do Santo dos Santos, no templo; agora a nuvem tinha começado uma viagem visual, retratando a maneira pela qual Deus abandonaria Jerusalém (10.18,19; 11.22,23).

* 9.4 marca com um sinal. A marca na testa, nessa visão, pode ter

influenciado o apóstolo João, em Ap 7.3 e 14.9. O sinal posto na testa era a última letra do alfabeto hebraico, *tau.* Nos tempos de Ezequiel, o tau era escrito como o "X" em português. Os primeiros intérpretes cristãos viam nessa cruz inclinada uma previsão da cruz de Cristo. Comparar também as marcas feitas na verga e nas ombreiras das portas, na narrativa sobre a páscoa (Êx 12.21-23).

* 9.9 a terra se encheu de sangue. As acusações no capítulo oitavo

concentraram-se sobre a idolatria e os delitos contra o culto; aqui a questão não são as relações entre Deus e as pessoas, mas as relações entre as pessoas. O profeta estava discutindo a violência e o desregramento mencionados em 8.17.

* 10.1 querubins. Ver 1.5, nota.

* 10.7 Então, estendeu... a mão. O querubim estendeu a mão para dentro da coluna de fogo para retirar as chamas que devorariam a cidade (v.2).

* 10.12 cheias de olhos. Ver Dt 11.12; 2Cr 16.9; Pv 15.3; Zc 3.9; 4.10; Ap 4.8.

* 10.14 de querubim. Na visão anterior, esse rosto era de um boi ou de um touro (1.10).

11.1 vinte e cinco homens. Esses homens parecem ser líderes políticos, e não

sacerdotes. Assim sendo, não seriam os mesmos que os vinte e cinco adoradores do sol, em 8.16.

Jaazanias, filho de Azur. Não era a mesma pessoa que Jaazanias, o filho de Safã (8.11).

* 11.3 a panela... a carne. A liderança de Jerusalém já havia sido

deportada por

Nabucodonosor, em 597 a.C.; esta deportação incluiu grande parte da família real, dos líderes militares e dos artífices, deixando na Terra Prometida apenas "o povo pobre da terra" (2Rs 24.13-16). Aqueles que se elevaram à proeminência, na ausência da classe governante anterior, parecem ter sido iludidos por manias de grandeza. A analogia que eles usaram acerca de uma panela e sua carne parece ser que eles consideravam que aqueles que foram deportados da cidade eram as partes inúteis de um animal esquartejado, enquanto que eles eram a melhor parte.

* 11.7 são a carne. O profeta deixou claro que a melhor parte, a "carne" da cidade,

compunha-se daqueles que tinham sido mortos. Os novos líderes tinham se considerado a melhor parte (v.3, nota).

* 11.13 Pelatias. Esse nome significa "Yahweh provê escape". Quando esse homem

morreu, súbita e inesperadamente, durante a visão de Ezequiel, este temeu que toda esperança de escape tinha morrido juntamente com ele. Assim sendo, o profeta intercedeu junto ao Senhor, uma vez mais, em favor do remanescente. Ver nota em 6.8; cf. 9.8.

* 11.15 os homens do teu parentesco. Em casos de emergência, como a

bancarrota comercial, os parentes próximos de uma pessoa tinham a obrigação de preservar a família e a propriedade (Rt 2.20, nota). Se esses parentes estivessem distantes, a propriedade não estaria segura.

* 11.16 santuário. Visto que os exilados estavam longe do templo de Jerusalém, o

próprio Deus seria o santuário deles. Posteriormente, Jesus tomaria o lugar do templo (Mt 26.61; 27.40; Jo 2.19) e, através de seu Santo Espírito, seus seguidores tornar-se-iam o seu templo (1Co 3.16,17; 2Co 6.16; 1 Pe 2.5).

11.22-24 No fim dessa visão, Ezequiel viu a nuvem gloriosa partir da cidade de

Jerusalém e dirigir-se para o leste, tendo atravessado o vale do Cedrom, até o monte das Oliveiras. Deus, entretanto, não se esqueceu de Jerusalém para sempre. Mais tarde, Ezequiel descreveu a glória de Deus retornando a Jerusalém (cap. 43).

* 12.1-16 Temos aqui outro ato simbólico (4.1-3, nota); o profeta encena o exílio de seus compatriotas que estavam em Jerusalém.

* 12.2 casa rebelde. Ver 2.3-8; 3.9,26,27.

que tem olhos... tem ouvidos. Cf. Dt 29.4; Pv 20.12; Is 6.9,10; 32.3; Jr 5.21; Mt 13.15,16; Mc 8.18; At 28.26,27; Rm 11.8. A seção inteira faz alusões frequentes ao ato de ver (vs. 4-7,12,13).

* 12.4 à tarde. Essa fuga na escuridão seria tal como escavar a parede de uma casa (v.5). Ezequiel retratou o esforço abortado de Zedequias para escapar de Nabucodonosor (vs. 10,11; 2Rs 25.3-7).

* 12.6 cobre o rosto. Encobrir o rosto era um gesto de vergonha ou de tristeza (24.17,22; Lv 13.45; 2Sm 19.4; Et 6.12; 7.8; Sl 44.15; 69.7). Neste contexto, esse ato sugere que os exilados nunca mais veriam Jerusalém de novo, e, mais especificamente ainda, que Zedequias perderia a vista (vs. 12,13; 2Rs 25.7).

* 12.13 minha rede. Deus é aqui descrito como um caçador ou passarinheiro (17.20; 32.3; Jó 19.6; Is 8.14; 24.18; 51.20; Jr 50.24; Lm 1.13 e Os 7.12).

* 12.17-20 Temos aqui outro ato simbólico (ver Introdução). O

alimento e a água de Ezequiel presumivelmente são as porções que lhe foram determinadas em 4.9-11. A fraqueza física do profeta e seu tremor representavam a sorte dos habitantes de Jerusalém.

* 12.21—14.11 Estas passagens estão unidas pela preocupação diante das

profecias falsas. O Antigo Testamento usa vários critérios para distinguir a profecia verdadeira da falsa. Esses critérios enfocam sobre o que dizia a mensagem, como ela foi recebida e quem a recebeu. (a) O critério mais importante para uma profecia verdadeira ou falsa é o cumprimento das palavras do profeta (Dt 18.21,22). Sua mensagem não deve

contradizer revelações anteriores (Dt 13.1-5). A mensagem de um profeta verdadeiro com freqüência corre contra o sentimento popular, e os profetas foram perseguidos por causa de seus pronunciamentos impopulares (Jr 20.7-10; 38.1-13; cf. Mt 23.34,35). (b) Certos meios de discernir a vontade de Deus eram proibidos (Dt 18.9-14), como a adivinhação, o espiritismo e a bruxaria. Entretanto, os profetas podiam receber revelações através de sonhos e visões (Nm 12.6-8). (c) O verdadeiro profeta era admitido à confiança de Deus (Jr 23.18). A experiência de admissão ao conselho de Deus, como se fosse a admissão a uma assembléia divina, era, com freqüência, anunciada em uma narrativa sobre o chamamento do profeta (1.4—3.15, nota). Finalmente, o caráter do profeta precisa ser coerente com a glória do Deus a quem ele servia.

* 12.27 ele profetiza de tempos que estão mui longe. O povo zombava dizendo que as profecias de Ezequiel não teriam cumprimento no período de vida deles. No Novo Testamento, uma atitude semelhante de incredulidade não altera a certeza da segunda vinda de Cristo (2Pe 3.3,4,10; Ap 10.6).

* 13.4 raposas. Ezequiel usou duas figuras de linguagem para descrever os profetas falsos. Estes eram como raposas do deserto

(v.4), separados da sociedade e inúteis para ela. Nos vs. 10 e 11, eles são comparados a paredes fracas e caiadas, indignas de confiança e sem permanência.

* 13.5 Não subistes às brechas. O enfoque recai sobre a conduta dos profetas falsos: o verdadeiro profeta se identificava de tal maneira com o povo de Deus que se expunha a riscos em favor deles. Quando uma muralha era arrombada por um exército atacante, a tarefa de maior perigo era a tarefa de consertar a brecha. Em tais pontos, os profetas falsos não podiam ser encontrados. O termo hebraico para brecha foi usado para descrever Moisés, conforme se lê em Sl 106.23: "se Moisés... não se houvesse interposto" em favor de Israel. Em última análise somente Jesus Cristo pode se colocar na brecha entre Deus e a humanidade (1Tm 2.5).

* 13.9 nos registos. Provavelmente as listas de recenseamento e registro civil de Israel, a contraparte terrestre dos registros celestes. Ver 9.2, nota.

* 13.10-12 A imagem da brecha na parede (v.5) pode ter inspirado essa outra descrição dos atos dos profetas falsos. Suas visões falsas e suas adivinhações

mentirosas eram uma parede mal construída — quando rebocada ou caiada (v.10) podia parecer bem feita, mas não resistia às condições atmosféricas, e muito menos ainda ao dia do Senhor, quando o próprio Deus traria juízo contra a cidade.

* 13.17-23 A Bíblia menciona diversas profetisas autênticas, como Miriã, Débora,

Hulda e Ana (Êx 15.20; Jz 4.4; 2Rs 22.14; 2Cr 34.22; Lc 2.36), e algumas que eram falsas (Ne 6.14; Ap 2.20). As mulheres mencionadas nestes versículos eram praticantes de mágica e de bruxaria, atividades essas especificamente proibidas para Israel (12.21— 14.11, nota). Elas ganhavam a vida vendendo amuletos e encantamentos.

* 14.3 tropeço para a iniqüidade. Essa é uma das frases favoritas do profeta

Ezequiel (vs. 4,7; 7.19; 44.12 e nota). Pode estar aludindo à idolatria secreta.

*** 14.9 eu... enganei... estenderei a mão contra ele. Numerosas passagens**

bíblicas integram a soberania de Deus e a responsabilidade moral dos seres humanos, sem permitir a vontade predeterminada de Deus ser usada como desculpa para o mal moral (Et 4.13,14; Jl 2.32; Mt 26.24,25; At 2.23). Nesta seção, idólatras que não tinham a mínima intenção de desistir de sua idolatria vieram em busca de uma palavra profética. Segundo a provisão de Deus eles encontraram um profeta tão falso quanto eles, e ambos cairiam sob o juízo divino. O profeta que os serviu, embora provocado por Deus, tinha que suportar a responsabilidade por seu erro. Ver 1Rs 22.19-25.

* 14.14 ainda que estivessem. O profeta, segundo parece, respondia ao ponto-de-

vista defendido por alguns de que a presença de algumas pessoas justas em Jerusalém serviria para proteger a cidade (cf. Gn 18.22-32).

Noé, Daniel e Jó. Embora Noé fosse um homem justo e inculpável, entre os de sua geração (Gn 6.9), o mundo não foi poupado por causa de sua presença. Jó, por igual modo, era inculpável e reto (Jó 1.1) mas isso não poupou a sua família. A identidade do "Daniel" mencionado é muito debatida. Provavelmente ele não era o contemporâneo de Ezequiel, do livro de Daniel. No hebraico, o nome é soletrado *Dani'el,* de modo diferente do nome do profeta conhecido por esse nome *(Daniyye'l).* O mais provável é que o Daniel aqui mencionado seja uma figura heróica mencionada em um texto da antiga Ugarite.

Essa história diz respeito a um rei chamado Daniel, conhecido, até certo ponto, por sua retidão, sabedoria (cf. 28.3) e piedade. "Noé, Daniel e Jó", pois, designariam figuras não-

israelitas de tempos remotos, conhecidos por sua retidão. Eles não puderam salvar o mundo de seus próprios dias, e mesmo juntos não poderiam salvar a cidade de Jerusalém (cf. v.20).

* 15.3 algum objeto? A madeira da videira não servia para fabricar qualquer objeto

de valor, nem mesmo uma pequena estaca. Deus relembrou os exilados que o fato de ele haver escolhido Israel como seu povo não se deveu a qualquer valor intrínseco deles, mas fora, exclusivamente, uma questão de sua graça (Dt 7.6-8).

* 15.4 queimado. A queima parcial de Israel provavelmente é uma referência ao

exílio parcial que já tivera lugar em 597 a.C., com a deportação de Joaquim e de uma grande porção da classe alta dos habitantes da cidade, incluindo Ezequiel. Depois desse dano parcial, a cidade ficava valendo ainda menos. O profeta Zacarias comparou o exílio babilônico a um incêndio, ao descrever o sumo sacerdote como "um tição tirado do fogo” (Zc 3.2).

* 16.1-63 Ezequiel conta a história de uma criança não desejada, o casamento

dela e a sua infidelidade. Oséias usou o matrimônio como analogia do relacionamento segundo a aliança entre Deus e Israel (Os 1—3; ver também Ef 5.22-33; Ap 19.7; 21.2,9). O discurso de Ezequiel parece ter uma base judicial; ele declarou a acusação de Deus contra a nação, desde os seus primeiros dias até os tempos dessa profecia.

* 16.3 o teu nascimento. Originalmente, Jerusalém era uma cidade pagã; seus

primeiros habitantes são descritos como amorreus, cananeus, jebuseus e heteus (v.45;

Gn 10.15,16; Js 10.5; Jz 1.21; 19.10; 2Sm 5.6). Quanto a esse respeito, a cidade não era diferente dos patriarcas, que eram de origem pagã síria (Dt 26.5; Js 24.14).

* 16.5 foste lançada. As crianças não desejadas eram freqüentemente

abandonadas e deixadas ao léu para morrerem. A menina recém-nascida que Ezequiel descreve foi abandonada antes mesmo de ter sido lavada.

* 16.7 cresceste. A criança não desejada cresceu até tornar-se uma donzela

bonita. O início da puberdade aparece com o desenvolvimento de seus seios (cf. 23.3) e de seus cabelos; mais tarde, a menina atingiu a idade dos amores (v.8).

* 16.8 estendi sobre ti as abas do meu manto. Ver referência lateral. Cobrir uma mulher com o manto simbolizava o começo das relações conjugais (Rt 3.9). "Descobrir" essa relação é violá-la (Dt 22.30).

dei-te juramento. O relacionamento de aliança entre Deus e Israel fora selado com um juramento: "vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus" (36.28; Lv 26.12; Jr 11.4; 30.22; contrastar com Os 1.9). Quanto ao juramento divino, ver Gn 15.7-21; 26.3; Dt 1.8.

* 16.9-14 A enjeitada se tornara uma rainha. Ela recebera todos os cuidados que lhe tinham faltado ao nascer, e mais ainda. Sua vida, sua posição social, sua riqueza e sua beleza, todas se derivavam do dom gracioso daquele que a tinha escolhido.

* 16.17 Tudo quanto a enjeitada que se fizera rainha tinha recebido de seu amoroso marido e rei, agora, se transformara em lascívia e

promiscuidade (cf. Dt 6.10-12). As ações dela demonstravam a irracionalidade do pecado: não havia razão sã para tal conduta.

* 16.20 os sacrificaste. Quanto à prática de sacrifício infantil em Israel e nos países circunvizinhos, ver v.36; 20.31; Gn 22.2,13; Lv 18.21; 20.2-5; Dt 12.31; 18.10; 2Rs 16.3; 17.17; 21.6; 23.10; Sl 106.37,38; Jr 32.35; Mq 6.7. Em Jerusalém, essas práticas estiveram associadas ao vale do Filho de Hinom, ao sul da cidade.

* 16.26 te prostituíste. A falha de Israel, por não obedecer a Deus, não era apenas uma questão de idolatria descarada. Alianças com potências estrangeiras também foram consideradas como prova de falta de confiança em Deus, em face de dificuldades políticas. Tais alianças eram uma violação da lealdade de Israel exclusivamente ao Senhor (cf. 23.7; 29.16; Is 7; 8; 30; 31; Jr 2.36,37; 22.20-22; Os 7.11-13). O autor dos livros de Crônicas enfatiza esse ponto de modo especial (2Cr 14.9-15; 16.1-9; 19.1,2; 20; 25.6-8,28).

* 16.37 ajuntarei todos... contra ti. Judá havia buscado a lealdade e o afeto de

seus amantes; ao invés disso, porém, eles tornaram-se o instrumento de sua humilhação e castigo. Embora as nações tivessem sido usadas por Deus para castigar o seu povo, elas levariam a culpa dos pecados que também haviam cometido (cap. 25; Is 10.5,12; Zc 1.14,15); ver nota em 14.9.

descobrirei as tuas vergonhas. A degradação pública mediante a exposição da nudez de prostitutas e adúlteras também é mencionada em Jr 13.22,26; Os 2.10; Na 3.5.

* 16.38 Julgar-te-ei... as sanguinárias. Quanto à ira de um marido ciumento, ver Pv 6.34. As riquezas e as vestes da mulher lhe seriam tomadas, e ela seria deixada tão nua como quando a história começou. Ela seria coberta não com o sangue do parto (v.6), mas com o sangue de seus ferimentos. O adultério era uma ofensa capital, punido com o apedrejamento (Lv 20.10; Dt 22.21-24; cf. Jo

7.53 - 8.11).

* 16.41 Queimarão. Ver 23.47; cf. Jr 32.29; 34.22; 37.8; 38.18. Uma grande parte da cidade de Jerusalém foi incendiada pelo exército babilônico (Jr 39.8).

* 16.44 o que usa de provérbios. Ezequiel, por mais de uma vez, referiu-se a provérbios populares (12.21-28; 18).

* 16.45 hetéia... amorreu. É assumida aqui a depravação moral dos hititas e dos amorreus; cf. o v.3.

* 16.49 Sodoma. Os leitores da Bíblia geralmente pensam nos pecados de Sodoma como principalmente sexuais (Gn 19.5-9), mas Ezequiel acusou a cidade de materialista e de negligência quanto aos pobres e necessitados. Jesus fez uma comparação semelhante com Cafarnaum, em Mt 11.23,24. Os pecados de Jerusalém ultrapassaram os pecados de suas irmãs, as cidades próximas.

* 16.60 uma aliança eterna. Uma vez mais, Jerusalém terá a primazia sobre as suas irmãs, mas não à base da anterior relação de aliança entre Deus e a cidade. Haverá uma nova aliança, um novo relacionamento entre Deus e a cidade, no futuro. O próprio Deus fará expiação pelos pecados da cidade.

* 17.1-24 Este oráculo não tem data, mas é provável que tenha sido proferido

entre as datas dadas em 8.1 e 20.1, o sexto e o sétimo ano do exílio de Joaquim (592— 590 a.C.). Nabucodonosor lançou cerco a Jerusalém em 588 a.C., e removeu a Zedequias do trono em 586 a.C. (v.20).

* 17.3 Uma grande águia. Ezequiel propos aqui uma alegoria. A grande águia é o poder imperial da Babilônia, representado por Nabucodonosor.

dum cedro. O alto cedro representa o reino de Judá e a dinastia de Davi, que, por esse tempo, já durava mais de trezentos anos.

* 17.4 Arrancou a ponta mais alta dos seus ramos. A remoção dos ramos mais altos refere-se ao exílio e ao cativeiro de Joaquim, na Babilônia. Os exilados continuaram a considerar Joaquim como o legítimo rei de Judá.

* 17.6 videira. Nabucodonosor substituiu o cedro pela videira, muito mais humilde, uma referência ao fato que ele instalou Zedequias sobre o trono de Jerusalém, depois de haver deportado Joaquim (2Rs 24.15-17). Nabucodonosor havia feito muito em prol de Zedequias, tal como a vinha contava com solo fértil, água abundante, e prosperara.

* 17.7 outra grande águia. O lançamento das raízes da videira na direção da outra águia representa a mudança de lealdade de Zedequias, de Nabucodonosor para o Egito (vs. 15-17), com o resultado que a videira foi desarraigada e destruída.

* 17.10 vento oriental. Ver nota em 19.12.

* 17.15 ao Egito. Embora as narrativas do Antigo Testamento não mencionem o apelo de Zedequias ao Egito, solicitando ajuda, Jeremias mencionou o ocorrido (Jr 37.511; 44.30). Uma das cartas de Laquis, escrita em um caco de argila, nos últimos dias do reino de Judá, deixou registrado que um comandante do exército israelita desceu ao Egito, talvez para solicitar ajuda. Ver 16.26; 29.6,7; 30.20-26.

* 17.20,21 Ver 2Rs 25.4-7.

* 17.22 ramos. A Bíblia com freqüência usa um ramo ou uma árvore como um símbolo da realeza (Dn 4.9-12,19-22), mormente como uma figura do Messias. O Ramo messiânico pertence à casa de Davi (Is 4.2; 11.1; 53.2; 60.21; Jr 23.5; 33.15; Zc 6.12). Ezequiel anunciou que algum dia Deus tomaria um descendente de Joaquim (cf. os vs.

3,4 e 12,13) e restauraria, com ele, o reinado em Judá.

* 17.23 aves. Em lugar de ser ameaçado por outros reinos (aves, como as águias),

esse cedro esplêndido tornar-se-ia um abrigo para aves de todas as espécies (cf. Dn 4.12,21). A árvore seria frutífera (2Rs 19.30; Is 11.1; 37.31; Jr 17.8; cf. Jo 15.4,5,8,16).

* 18.1-
32 O exílio não resultou dos pecados de uma única Antes, a

contínua desobediência de Israel, através de muitas gerações, "desde o dia em que seus pais saíram do Egito até ao dia de hoje" (2Rs 21.15), finalmente atraiu o julgamento contra Judá. A culpa acumulada da nação estava sendo julgada por Deus nos acontecimentos que resultaram na destruição de Jerusalém. A reação dos exilados foi questionar a justiça de Deus. O provérbio popular (v.2; cf. Jr 31.29) com efeito dizia: "A culpa não é nossa — estamos sendo castigados pelo que não fizemos. Nossos pais pecaram, e nós é que estamos pagando o preço". Ezequiel replicou enfatizando que Deus responde de acordo com os atos de cada indivíduo e geração. Os exilados não podiam escapar de sua culpa; eles também estavam sofrendo por seus próprios pecados.

* 18.6 não comendo. Comer nos santuários das montanhas referir-se-ia a

refeições sacrificais nos lugares altos (6.13; 20.28; 22.9; cf. Êx 32.5,6).

sua menstruação. A lei proibia o contato sexual durante o período menstrual da mulher (22.10; Lv 15.16-33; 18.19).

* 18.7 a coisa penhorada. Ver os vs. 12 e 16; Êx 22.26; Dt 24.10-13,17; Pv 20.16;

Am 2.8. Uma ostraca (um pedaço de cerâmica quebrada com algum escrito na mesma), pertencente ao século VII a.C., registrou a queixa de um trabalhador no campo, a um oficial do vilarejo, de que seu empregador tinha tomado suas vestes e as tinha retido.

* 18.10 um filho ladrão. Ter um pai justo não significava que um filho injusto

escaparia ao castigo por causa de seu próprio pecado.

* 18.14 seu pai fez. Pela proposição inversa, ter um pai injusto não levaria a

julgamento um filho justo (v.10, nota; Dt 24.16; 2Rs 14.6).

* 18.24 cometendo iniqüidade. Deus não se permitiria ser meramente uma via de

escape em tempos de dificuldade; ele não pode ser considerado como Salvador sem também ser recebido como Senhor.

* 18.30-32 Essa é uma declaração sumária. O pecado nunca pode ser

considerado coisa superficial no relacionamento da pessoa com Deus. No entanto, dentro das advertências solenes sobre a gravidade do pecado e da ameaça que o mesmo representa, resta a certeza de que Deus não deseja e nem se deleita diante da morte do ímpio (2Pe 3.9). O arrependimento é o caminho para a vida (2Cr 6.37-39; Is 30.15; 59.20; Jr 18.8; Mt 4.17; Mc 1.4,15; Lc 13.3,5; 15.7,10; 24.47; At 3.19; 17.30; 2Co 7.10).

* 18.31 criai em vós coração novo e espírito novo. Conforme o próprio Ezequiel

reconheceu, o coração novo e o espírito novo são um dom de Deus (36.26) e não o produto do esforço humano (cf. Ef 2.8,9). Ezequiel

exortou os seus ouvintes a buscarem essas coisas não através do mérito pessoal, mas pelo arrependimento (v.32).

* 19.1-14 Ezequiel apresentou outra alegoria no tipo de poesia hebraica usada nos

cânticos e lamentos fúnebres. Esse tipo de poesia hebraica tem uma métrica específica que os ouvintes de Ezequiel reconheceriam. O mesmo ritmo é usado em 26.17,18; 27.1219; 28.12-19; 32.2-8.

* 19.2 Uma leoa. A leoa representa a nação de Israel ou a cidade de Jerusalém, que produzia os leõezinhos, ou reis. Quanto à figura de Jerusalém como uma mãe, ver Sl 87.5; Is 50.1; 54.1; Gl 4.26,27. O leão, como uma figura de linguagem, é freqüentemente associado ao reinado davídico (Gn 49.9; Mq 5.8). O Novo Testamento espera que "o Leão da tribo de Judá" restabeleça o reino de Deus (Ap 5.5).

* 19.4 a terra do Egito. Jeoacaz reinou apenas por um curto período de três

meses, antes de haver sido levado ao Egito como cativo de Faraó Neco, em 609 a.C.

(2Rs 23.31-34; 2Cr 36.2-4).

* 19.5 outro. Ezequiel omitiu qualquer descrição sobre o reinado de Jeoaquim, e

passou para seu filho, Joaquim. O segundo livro dos Reis não mencionou qualquer exílio no caso de Jeoaquim (2Rs 23.36—24.7; cf. 2Cr 36.5-8). Ao que parece, ele morreu em Jerusalém.

* 19.9 rei da Babilônia. Jeoaquim tinha se rebelado contra Nabucodonosor, e a ira

do rei da Babilônia se dirigiu contra o filho dele, Joaquim. Ezequiel descreve sua

deportação para a Babilônia, em 597 a.C. (2Rs 24.8-16; 2Cr 36.9,10). Joaquim ficou aprisionado até o reinado de Evil-Merodaque (562-560 a.C.; 2Rs 25.27-30).

* 19.12 o vento oriental. A mesma figura de linguagem de 17.9,10. O vento oriental é um instrumento usado pela vontade de Yahweh (Êx 10.13; 14.21; Sl 78.26; Os 13.15; Jn 4.8). O vento oriental trazia o tremendo calor do deserto, e ressecava os vinhedos.

* 19.14 já não há nela galho forte. O fim do reino de Judá foi descrito como um tempo em que a vinha foi desarraigada e nenhum ramo restou para fazer o cetro de um governante. Quanto ao uso de um ramo como símbolo do rei messiânico, ver nota em 17.22.

* 20.1 sétimo ano. Uma vez mais os anciãos reuniram-se para buscar instruções

da parte do profeta, cerca de um ano após a última data mencionada (8.1; cf. 14.1). A data seria o dia dez do mês de abe (agosto de 591 a.C.), exatamente cinco anos antes de Jerusalém ser incendiada (Jr 52.12).

* 20.5 levantando a mão, jurei. Esta frase é repetida por diversas vezes neste

capítulo (vs. 5, 6, 15, 23, 28 e 42). Deus tinha assumido um compromisso com Israel, e cumpriria as suas promessas. Ver Êx 3.6-10; 6.2-8.

* 20.8 os ídolos do Egito. O Pentateuco não registra detalhes sobre a vida

religiosa dos israelitas durante sua escravidão no Egito, mas é seguro inferirmos que, quando ali estavam, eles haviam assimilado a religião da cultura egípcia, tal como, mais tarde, sucedeu na terra de Canaã. O incidente com o bezerro de ouro (Êx 32) deve ser entendido contra o pano-de-fundo da idolatria egípcia. Ver 23.3; Js 24.14.

* 20.11 os meus estatutos. A lei foi uma dádiva graciosa de Deus ao povo de Israel;

a lei era uma maneira de vida (Dt 4.40; 32.46,47; Js 1.7,8).

* 20.12 os meus sábados. O sábado (vs. 13, 16, 21 e 24) foi destacado como uma

lei exclusiva de Israel, uma lei que mais distinguia Israel das nações ao redor. O sábado é, com freqüência, citado como um exemplo importante que representa a lei inteira (22.8,26; 23.38; 44.24; cf. Ne 13.18; Is 56.2,4,6; Jr 17.19-27).

* 20.13 se rebelou contra mim. A primeira geração de israelitas, no deserto,

rebelou-se contra Deus (Êx 17.2; Nm 14.18; 16; 17; 20.10,24; 25; 26.9; 27.14; Dt 1.26,43; 9.7; 31.27).

profanaram grandemente os meus sábados. Ver Nm 15.32-36.

* 20.23 espalhá-los entre as nações. A ameaça do exílio já existia antes mesmo do

povo de Israel entrar na Terra Prometida (Lv 26.32-35; Dt 28.64-67; Sl 106.26). Moisés predisse que eles se rebelariam contra o Senhor, uma vez que entrassem na terra (Dt 31.27,29).

* 20.26 tudo o que abre a madre. A lei era um dom gracioso de Deus (v.11, nota),

mas se pervertida, ela trazia a morte. Ezequiel parece considerar a prática do sacrifício de criancinhas, no antigo povo de Israel, como uma perversão de suas leis acerca dos filhos primogênitos (Êx 13.1,11-16; 22.29; 34.19,20; Nm 18.15,16). Todos os primogênitos pertenciam ao Senhor, mas os filhos não deveriam ser sacrificados.

* 20.29 Lugar Alto. O livro de 2Reis aquilata quase todos os governantes de Judá

em termos do que eles fizeram acerca dos lugares altos em volta de Jerusalém.

* 20.32-38 O desejo dos filhos de Israel de serem como as nações em derredor

(v.32) reflete 1Sm 8.20; o povo tinha rejeitado a Deus (1Sm 8.7,8). Mas tal como Deus não abandonara gerações anteriores de seu povo escolhido, assim também, ele agora prometia um novo êxodo e uma volta à experiência no deserto (vs. 33-35). E da mesma maneira que somente os fiéis e obedientes dentre aqueles da geração do deserto entraram na Terra Prometida (Nm 14.30,38), assim também Deus expurgaria a nação para fazer um povo fiel entrar na Terra

Prometida (vs. 36-38).

* 20.35 ao deserto dos povos. Possivelmente isso refere-se às desolações do

exílio, que Israel estava prestes a experimentar. Israel seria julgada em um "deserto", tal como tinha acontecido à geração que perambulara pelo deserto.

* 20.37 passar debaixo do meu cajado. Esta frase alude à prática de contar os

animais para efeito do pagamento de dízimos (Lv 27.32,33); e sugere que uma décima parte seria deixada (cf. Is 6.13).

* 20.38 separarei dentre vós os rebeldes. O alvo das catástrofes periódicas que

sobrevieram a Israel era, comumente, produzir um remanescente purificado, expurgado e fiel (6.8, nota).

* 20.40 no meu santo monte. Sião. O remanescente fiel adoraria no santo monte

de Deus. A glória da graça de Deus é que ele trata conosco com misericórdia, e não segundo os nossos pecados merecem (20.44; Ed 9.13; Jó 33.27; Sl 103.10; Lm 3.22,23,31-33).

* 20.45-48 Esta breve profecia contra o reino do Sul é explicada em 21.1-5. Aqui e em 21.4, a desgraça ocorreria "desde o sul até o norte", e ela não poderia ser evitada (v.48; 21.5). A ameaça fora decretada na Babilônia, e Israel é descrita como quem jazia no sul. A desgraça usualmente era retratada como se viesse do norte (Is 14.31; 41.25; Jr 1.13-15; 4.6; 6.1; 10.22; 25.9; 47.2; 50.9; 51.48; Jl 2.20).

* 20.49 Eles dizem de mim. O ridículo e a zombaria eram, com freqüência, dirigidos contra os profetas (2Cr 36.16; Mt 20.19; 27.29).

* 21.1-32 Todos os oráculos deste capítulo usam a figura simbólica de uma

espada (21.1-7,8-27,28-32). O Antigo Testamento com freqüência descreve Deus como um guerreiro. Sua espada era ordinariamente brandida contra os inimigos de Israel (Dt 32.41; Is 31.8; 34.5-8; 34.5-8; 66.16; Jr 25.31; 50.35-37; Sf 2.12). Mas agora a espada havia sido entregue aos babilônios, e eles a usariam contra Judá e contra Jerusalém (vs.

2 e 12).

* 21.9 A espada. Provavelmente, Ezequiel uma vez mais usava alguma forma de ato simbólico (4.1-3, nota). O profeta pode ter rodopiado, cortado e golpeado com uma espada, em uma dança dramática, como parte do oráculo.

* 21.10,13 O cetro. Estes versículos, juntamente com o v.27, estão unidos em

parte por suas alusões ao cetro de Judá (Gn 49.10). Um cetro de madeira não era páreo para uma espada de ferro, e Judá não era adversário à altura para Nabucodonosor.

21.18-23 Nabucodonosor atacaria vindo do norte, aproximando-se de uma

encruzilhada na estrada. Ezequiel, como é provável, desenhou um mapa, um tanto parecido com um "Y" invertido, sobre a areia ou sobre uma tábua de argila (4.1-3, nota). Vindo do norte, a bifurcação da esquerda na estrada levaria o exército babilônico pela "Estrada do Rei", uma grande estrada que passava pelo rio Jordão. Se enveredassem pela direita, os babilônios desceriam pela "via Maris", uma importante estrada internacional que passava pela planície costeira a oeste de Jerusalém. Essas estradas se encontravam próximo de Damasco.

* 21.21 para consultar os oráculos. O rei da Babilônia usava vários métodos para

obter orientação dos deuses. (a) Os ídolos do lar (no hebraico, *teraphim)* eram objetos religiosos usados na adoração. (b) Adivinhação mediante o exame dos contornos e marcas nos fígados de aves ou ovelhas sacrificadas (hepatoscopia), o que era uma prática comum nos tempos antigos. (c) Flechas eram usadas como um meio de lançar sortes.

* 21.23 juramentos solenes. Nabucodonosor iniciou o cerco a Jerusalém por volta

de janeiro de 588 a.C.

* 21.25 príncipe de Israel. O príncipe profano e perverso foi Zedequias, o último rei

de Judá (17.1-10, nota).

* 21.28 filhos de Amom. À base dos vs. 18-23, pareceria que os babilônios

atacariam Jerusalém mas poupariam Amom. Este terceiro e último cântico da espada explica que Amom também provaria o gosto da ira de Deus, mediante a fúria dos babilônios (Jr 49.1-6). Amom era aliado com Jerusalém e com o Egito, contra os babilônios, em 589 a.C. Entretanto, quando Jerusalém sofreu o ataque dos babilônios, os filhos de Amom se aproveitaram de seu anterior aliado (Jr 27.3; 40.11,14; 41.10,15; cf. 2Rs 24.2).

* 22.2 a cidade sanguinária. O primeiro dos três oráculos deste capítulo 22 gira

em torno de referências reiteradas ao sangue (vs. 2, 3, 4, 6, 9, 12, 13; cf. v.27). A cidade foi acusada tanto de crimes morais quanto de crimes rituais.

* 22.7 o pai e a mãe. Os israelitas zombavam de seus próprios genitores (Dt 5.16;

Mq 7.6; Rm 1.30; Ef 6.1; Cl 3.20; 2Tm 3.2).

o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva. Ver Sl 9.18, nota. Outras referências: Dt 10.18; 14.29; 24.17; 26.12,13; 27.19; Sl 68.5; 72.4; 146.9; Is 1.17; 10.1,2;

Jr 7.6,7; 22.3; Zc 7.10 e Ml 3.5).

* 22.11 Um comete abominação. Quanto ao leque de relações sexuais proibidas, ver Lv 18.6-23; 20.10-21.

* 22.18 no meio do forno. O derramamento periódico de julgamento divino contra Israel tinha por intuito expurgar a nação de pecado e produzir um povo puro (6.8, nota). A experiência de Israel no Egito foi comparada ao tempo passado dentro de uma fornalha (Dt 4.20; 1 Rs 8.51; Jr 11.4), e o exílio seria uma fornalha de refino para Israel. O ato de refinar metais é uma imagem comum, usada na Bíblia (Sl 66.10; 119.119; Pv 17.3; 25.4; Is 1.25; 48.10; Jr 9.7; Zc 13.9; Ml 3.2,3; 1Co 3.12-15 e 1Pe 1.7).

* 22.21 assoprarei sobre vós. Deus sopra sobre as chamas, e o hálito divino serve de fole para aumentar o calor do fogo. A preocupação era que nenhuma prata emergiria da fornalha — somente a escória.

* 22.30 na brecha. Ver 13.5, nota.

* 23.1-49 Ezequiel propôs aqui outra alegoria. As duas irmãs representam uma história de duas cidades: "Oolá" é Samaria, capital do reino do norte, Israel; e "Oolibá" é Jerusalém, capital do reino do sul, Judá.

* 23.3 prostituíram-se. Embora Ezequiel enfatize que cada indivíduo será responsabilizado por seu próprio pecado (18.1-32, nota), ele

também descreve a culpa acumulada e um castigo adiado. A acusação contra os dois reinos começa pela sua prostituição no Egito (16.26; 20.5-9).

* 23.4 foram minhas. As duas irmãs tinham um relacionamento de aliança com o Senhor.

* 23.5 seus amantes. O juramento de lealdade exclusiva de Israel diante do Senhor foi quebrado mediante alianças estrangeiras, bem como mediante a idolatria (vs.

5-10; 16.26, nota; cf. Os 8.9). A prostituição não garantiu a admiração ou o afeto dos amantes assírios — bem pelo contrário (vs. 9 e 10). Finalmente, a Assíria destruiu o reino do norte, Israel (2Rs 17.5,6).

* 23.14 Aumentou as suas impudicícias. Judá, por sua vez, entrou em aliança com os babilônios (2Rs 20.12-18; 23.29; Is 39.1). E também houve entendimentos com o Egito (23.19-21).

* 23.23 de Pecode, de Soa, de Coa. Provavelmente tribos aramaicas, a leste do rio Tigre.

* 23.29 nua e despida. Ver 16.35-41.

* 23.31-34 O cálice é uma metáfora comum na Bíblia. Em muitos casos,

simboliza as bênçãos de Deus (Sl 16.5; 23.5; 116.13; 1Co 10.16). Mas também pode representar a ira de Deus (Sl 75.7,8; Is 51.17-20; Jr 25.15-29; 49.12; 51.7; Lm 4.21; Hc 2.16; Zc 12.2 e Ap 14.9-11). Esse cálice de ira foi mencionado por Jesus no jardim do Getsêmani (Mt 26.39,42), e aparece no relato de João sobre a morte de Jesus (Jo 18.11; 19.28-30).

* 24.1-14 Põe ao lume a panela. Ezequiel propõe aqui outra alegoria. A figura

de linguagem é a de uma panela a ferver. A aplicação das alegorias é introduzida pela mesma frase: "Ai da cidade sanguinária" (vs. 6 e 9).

* 24.1 ano. A data tem sido identificada como 15 de janeiro de 588 a.C. (ver também

2Rs 25.1; Jr 52.4). O começo do cerco da cidade era recordado com jejum entre os exilados (Zc 8.19). Deus revelou ao profeta eventos que ocorriam centenas de quilômetros de distância, em Jerusalém.

* 24.3 panela. Ezequiel já empregou a figura de uma panela em 11.2-12 (cf. Jr

1.13,14; Mq 3.3). Através dessa descrição inicial da matança tem-se a impressão de que eram descritos os preparativos para uma refeição festiva; os melhores pedaços de carne deveriam ser cozinhados.

* 24.6 cheia de ferrugem. O profeta contemplou a corrosão que havia na panela, e

compara isso com o derramamento de sangue e a culpa que havia na cidade de Jerusalém. Embora seus ocupantes fossem removidos da panela pedaço por pedaço, e dispersos para as extremidades do mundo, a culpa da cidade permaneceu como ferrugem, no fundo do caldeirão. Conferir as denúncias de derramamento de sangue na cidade, em 22.1-16; 36.18; 2Rs 21.16; 24.4; Is 26.21; 59.7; Lm 4.13; Os 4.2; Jl 3.21 e Mq 3.10.

* 24.7 para o cobrir com o pó. O sangue, uma vez derramado e deixado a

descoberto, clama para ser vingado; note-se o mesmo conceito em Gn 4.10 e Jó 16.18.

* 24.11 para que ela aqueça. O caldeirão será esvaziado, no esforço para limpá-lo,

mas a ferrugem era tão resistente que mesmo o aquecimento da panela ao rubro não a purificaria. Deus destruirá a cidade.

* 24.16,17 As lamentações costumeiras incluíam lamentaçõe

dos enfeites de cabeça e o cobrir a cabeça com pó e cinzas (Js 7.6; 1Sm 4.12; Jó 2.12), a remoção das sandálias (2Sm 15.30; Is 20.2) e o cobrir a cabeça ou o rosto (Et 6.12; Jr 14.3,4). Ezequiel, entretanto, não faria nenhuma dessas coisas; as práticas usuais, associadas à lamentação, não seriam suficientes para representar a profundeza de sua tristeza.

* 24.27 já não ficarás mudo. Ver 3.26 e nota. A mensagem de Ezequiel seria

vindicada quando chegasse o recado, aos exilados, de que Jerusalém tinha sido destruída, e ele seria liberto do silêncio que Deus lhe impusera.

* 25.1—32.32 Entre as advertências quanto à destruição de Jerusalém (caps. 1—24) e profecias de esperança e restauração (caps. 33—48), Ezequiel incluiu uma seção de oráculos contra nações estrangeiras. Os profetas de Israel desempenhavam um papel importante nas guerras de Israel, com freqüência provendo oráculos acerca de batalhas em particular (1Sm 22.5; 1Rs 20.13,14,22; 22.5-23; 2Rs 3.11; 9.6,7; 20.14; 2Cr 16.7; 20.14-20; 28.9; Jr 28.8; 38.14). Há evidências arqueológicas, nas culturas que circundavam o território de Israel, de denúncias rituais ou ritos de destruição simbólica. As nações aqui denunciadas por Ezequiel incluíam a maioria dos estados do antigo Oriente Próximo e Médio, ficando a Babilônia como uma notável exceção (38.2, nota).

* 25.1-7 Ezequiel já havia falado contra Amom (21.28-32). O relacionamento de

Israel com os filhos de Amom vinha de longa data, e era

primariamente um registro de conflitos. Oráculos contra os filhos de Amom são também encontrados em Jr 49.1-6; Am 1.13-15; Sf 2.8,9.

*** 25.5 sabereis que eu sou o SENHOR. Ver nota em 6.7.**

* 25.6,7 Porque... Visto como. O castigo se equipara ao crime cometido: ao se regozijarem diante dos danos feitos contra Jerusalém, os filhos de Amom caíram presas de uma potência estrangeira. Embora muitos dos pequenos estados da área tenham escapado à destruição, durante a invasão dos babilônios de 587-586 a.C., fontes informativas fora da Bíblia indicam que Nabucodonosor dizimou Amom e Moabe em 582 a.C. O profeta Ezequiel destaca a mesma lição em 21.28-32.

* 25.8 Moabe. As relações entre Israel e Moabe eram, principalmente, uma história

de conflitos; outros profetas incluíram oráculos contra a nação de Moabe (Is 15; 16; Jr 48; Am 2.1-3; Sf 2.8,9). Moabe compartilharia o destino de Amom.

* 25.12 Edom. Por ocasião da queda de Jerusalém, os idumeus fizeram incursões

no território de Judá (35.15; 36.5; Sl 137.7-9; Lm 4.21,22). A inimizade entre Israel e Edom é ligada, na Bíblia, ao relacionamento entre Jacó e Esaú (Gn 25.23,30). No capítulo 35, Ezequiel incluiu um segundo oráculo contra Edom; e outros profetas fizeram pronunciamentos contra Edom, conforme se vê em Is 34.5-11; Jr 49.7-22; Am 1.11,12; Obadias e Ml 1.3-5.

* 25.15 os filisteus. As nações mencionadas até este ponto, ficavam a leste do rio

Jordão e do mar Morto. Os filisteus ocupavam a planície costeira a oeste de Judá, controlando um longo segmento do vital sistema de

estradas costeiras internacionais. Reivindicações territoriais em conflito e interesses estratégicos em competição compuseram uma história de relações inamistosas entre a Filístia e Israel. Ezequiel já havia falado sobre essa inimizade (16.27,57). Outros profetas também incluíram oráculos contra os filisteus (Is 14.29-31; Jr 47; Jl 3.4-6; Am 1.6-8; Sf 2.4-7; Zc 9.5-7). Os filisteus foram os inimigos mais proeminente de Israel nos tempos dos juízes e de Saul, Davi e Salomão.

* 25.16 os queretitas. Os filisteus parecem ter entrado na terra de Canaã na

segunda metade do segundo milênio a.C., como parte da grande migração de povos que ficou conhecida nos registros egípcios como "povos do mar". Um grupo de filisteus tem sido identificado como os "queretitas", o que os associa à ilha de Creta. Ver 1Sm 30.14, nota.

* 26.1—28.26 O trecho de Ezequiel 26—28 dedica-se a oráculos contra os vizinhos

fenícios de Israel, mormente Tiro (26.1—28.19), mas também contra Sidom (28.20-26). Esses capítulos são divididos em subseções, cada qual introduzida pela frase "a palavra do SENHOR veio a mim" (26.1; 27.1; 28.1,11,20). Houve ocasionais conflitos militares entre Israel e os fenícios, mas a Bíblia menciona Tiro e Sidom primariamente como fontes de cultos pagãos, sobretudo a adoração a Baal por parte de Jezabel, uma princesa fenícia (Jz 10.6; 1Rs 11.1,5,33; 16.31; 2Rs 23.13). Os fenícios proviam Israel com comércio e serviços técnicos (2Sm 5.11; 1Rs 5.1,6; 7.13,14; 9.11; 2Cr 2,3,13,14; Ed 3.7; Ne 13.16; At 12.20). Outros livros proféticos também incluíram oráculos contra Tiro e Sidom (Is 23; Jl 3.4-6; Am 1.9,10; Zc 9.2-4).

* 26.2 eu me tornarei rico. O reino de Judá, ocasionalmente, controlava as rotas

comerciais que passavam pelas planícies costeiras de Israel e que levavam ao Egito bem como à Arábia e à África, por meio do porto

israelita de Ezion Geber. Tiro tiraria proveito se Jerusalém viesse a perder o controle dessas rotas comerciais.

* 26.7 Tiro. Pouco tempo depois da queda de Jerusalém, Nabucodonosor lançou

cerco contra a cidade de Tiro. A parte continental dessa cidade caiu rapidamente, em 585 a.C., mas a fortaleza existente na ilha desafiou os exércitos babilônicos por treze anos, até 572 a.C. (29.17,18).

* 26.19,20 muitas águas... à cova. Águas e cova são comuns metáforas bíblicas

que indicam a morte ou o reino dos mortos (águas: Êx 15.5,8,10; Jó 26.5; Sl 32.6;

69.2,14; Lm 3.54; cova: 31.14,16; 32.18,23,24,30; Jó 33.18-30; Sl 30.3,9; 55.23; 88.4-6; 103.4; 143.7; Pv 1.12; Is 14.15; 38.18). Essas duas figuras de linguagem são combinadas em 28.8; Sl 69.15; Jn 2.5,6. O profeta descreveu aqui as águas mitológicas do caos engolfando a ilha e seus habitantes (28.2, nota).

27.3-6 A parte da cidade de Tiro construída em uma ilha é comparada a um navio

de luxo, construído com os melhores materiais e dirigida por uma tripulação experiente.

* 27.5 ciprestes de Senir. O nome que os amorreus davam ao monte Hermom (Dt 3.9).

* 27.7 ilhas de Elisá. Provavelmente Chipre.

* 27.8 Arvade. Uma cidade fundada em uma ilha, cerca de três quilômetros fora da costa mediterrânea ao norte de Biblos.

* 27.9 Gebal. Outro nome para Biblos, na costa do mar

Mediterrâneo, ao norte de Tiro.

* 27.11 os gamaditas. Provavelmente no norte da Síria.

* 27.13 Tubal e Meseque. Esses dois povos (32.26; 38.2,3; 39.1; Gn 10.2; 1Cr 1.5) ficavam na Ásia Menor, na costa nordeste do mar Mediterrâneo. Também são conhecidos através das inscrições assírias.

escravos. Quanto ao envolvimento de Tiro no comércio com escravos ver Jl 3.4-6.

* 27.14 casa de Togarma. Uma região no nordeste da Ásia Menor (moderna Turquia).

* 27.17 eram os teus mercadores. Tiro era uma potência marítima, e provavelmente não era auto-suficiente quanto à agricultura. Por várias vezes a Bíblia menciona o comércio tírio com Israel, que envolvia alimentos (1Rs 5.9-11; 2Cr 2.10; Ed 3.7; At 12.20).

trigo de Minite. Uma cidade a leste do rio Jordão, perto de Rabá, em Amom (moderna Amã), embora o seu local ainda não tenha sido identificado com precisão (Jz 11.33).

* 27.18 Helbom. Uma cidade a noroeste de Damasco. Textos acádicos e os historiadores gregos mencionam o vinho produzido nessa região.

* 27.19 Dã e Javã. Há dificuldades textuais muito debatidas neste versículo, e os tradutores diferem sobre como se deve traduzir esses nomes.

* 27.22 Raamá. Uma região no sul da Arábia (Gn 10.7; 1Cr 1.9).

* 27.23 Cane. Provavelmente trata-se de uma cidade no norte da Síria, também escrita Calné (Am 6.2) e Calno (Is 10.9).

Éden. Beth Éden, uma cidade localizada entre os rios Eufrates e Balique (2Rs 19.12; Is 37.12; Am 1.5).

Quilmade. Esse nome é desconhecido em outros lugares, e pode ter sido um erro feito por copista para as palavras "a Média inteira".

* 27.25-36 Ninguém pensava que Tiro pudesse ser derrotada. Mas sua força, suas

riquezas e suas habilidades não eram páreo para mares que obedeciam ao comando de Deus. A sorte de Tiro seria uma advertência a todas as outras nações que a tudo observavam da praia.

* 28.2 Eu sou Deus... me assento no coração dos mares. No antigo Oriente Próximo, as profundezas das águas do oceano serviam de símbolo padrão dos poderes do caos e da morte. Os arqueólogos descobriram mais de um relato mítico da criação onde "o Mar" aparece como um dragão ou monstro marinho que seria morto pelos deuses. A ameaça do caos à ordem criada seria subjugada pelo governo das ondas por parte dos deuses. Na Bíblia, porém, o mar não ameaça a Deus; antes, obedece às suas ordens. Ezequiel descreveu como o rei de Tiro se tornara orgulhoso ante as riquezas e o poder da cidade, e tinha começado a lisonjear-se a si mesmo como se fosse um deus que governava o mar (cf. Sl 29.10; Ap 17.1,15). Mas o mar haveria de engoli-lo (v.8; 29.3, nota).

28.3 mais sábio que Daniel. Ver 14.14, nota. 28.12 lamentação. Ver nota em 19.1-14.

o rei de Tiro. Etbaal era quem governava Tiro nessa época. O profeta descreve a

maneira como Deus havia favorecido a Etbaal, retratando esse monarca como um ser primordial, uma figura parecida com Adão, a coroa e epitome da criação, que vive no jardim do paraíso que Deus havia criado. Ele tinha permanecido ali até que a iniqüidade fora

encontrada nele (v.15). Alguns estudiosos opinam que o profeta estava comparando o rei de Tiro com Satanás, um ser angelical glorioso, que caíra da graça (1Tm 3.6).

*** 28.13,14 Estavas no Éden, jardim de Deus... no monte santo. O profeta**

Ezequiel reuniu duas figuras de linguagem para descrever o local da habitação de Deus, um jardim (Gn 2 e 3) e um monte (20.40; Êx 19.23; Dt 33.2; Sl 43.3; 48.1; 87.1; 99.9; Is 27.13; 56.7; 57.13; 66.20). O templo foi construído em um monte e era enfeitado com motivos florais (40.16-37; 41.18-20,25-27; 1 Rs 6.29,32,35; 7.18,20,22,36,42; 2Cr 3.5).

* 28.21-23 Sidom aparecia comumente como cidade gêmea de sua colega de comércio, Tiro, a quarenta quilômetros ao sul, nas costas do mar Mediterrâneo.

* 28.25 Quando eu congregar. Deus traria de volta o seu povo para a Terra Prometida, que lhes dera. Israel haveria de florescer, porquanto as nações que antes eram seus adversários teriam sido eliminadas.

* 28.26 plantarão vinhas. Os profetas, por muitas vezes, descreveram as bênçãos futuras dadas por Deus a Israel em termos de prosperidade agrícola (36.29,30; 1 Rs 4.25; Is 65.21,22; Jr 32.15; Jl 3.18; Am 9.13-15; Mq 4.4; Zc 3.10).

* 29.1—32.32 As proclamações contra as nações estrangeiras, nos caps. 25—28 foram dirigidas, principalmente, contra os estados menores e os vizinhos imediatos de Israel. Entretanto, estes quatro capítulos foram dirigidos contra o Egito, um dos grandes impérios do mundo antigo. Esses capítulos contêm sete profecias contra o Egito; todas elas são datadas (29.1,17; 30.20; 31.1; 32.1,17), exceto o oráculo que começa em 30.1.

* 29.1 ano. Esta profecia foi feita em 587 a.C., cerca de um ano depois que Nabucodonosor cercou Jerusalém. Ver nota em 24.1.

* 29.3 crocodilo enorme. O Egito é aqui comparado a um imenso crocodilo (vs. 35). O termo usado pode designar tanto os inúmeros crocodilos do rio Nilo, quanto o monstro marinho que representava o caos na mitologia do antigo Oriente Próximo. A

Bíblia chama a essa criatura mitológica de "monstro", "leviatã" ou "raabe" (32.2; Jó 3.8; 7.12; 9.13, referência lateral; 41.1; Sl 74.13,14; 89.10; Is 27.1; 30.7; 51.9. cf. Ap 12.15 e 20.2). "Raabe" também foi usada como uma designação poética do Egito (Sl 87.4; Is 30.7). Na mitologia das culturas que circundavam Israel, o monstro marinho era um deus que rivalizava com outros deuses; mas na Bíblia ele era simplesmente outra criatura que vivia em submissão às ordens de Yahweh.

* 29.4 anzóis. Deus prenderia esse monstro marinho tão facilmente como os pescadores apanham o peixe; e o deixaria apodrecendo na praia. Ver nota em 28.2.

* 29.5 aos animais da terra... te dei por pasto. As aves e os mamíferos foram dados à humanidade como alimento (Gn 1.30; 9.2,3); o reverso desse relacionamento é uma maldição proverbial (32.4; Dt 28.26; Sl 79.2; Jr 7.33; 15.3; 16.4; 19.7; 34.20).

* 29.6 um bordão de cana. A descrição do Egito, por parte de Ezequiel, como uma cana partida, nos faz lembrar os comentários semelhantes feitos pelo comandante de campo assírio a Ezequias (2Rs 18.21).

* 29.10 desde Migdol até Sevene. Ou seja, do norte para o sul (ver também 30.6). Migdol ficava no norte do Egito, um local que fez parte da rota do êxodo (Êx 14.2; Nm 33.7; Jr 44.1; 46.14). Sevene ficava no sul do Egito, na primeira catarata do rio Nilo. Era o ponto terminal da navegação em águas profundas do Nilo, e representava a fronteira sul do Egito.

* 29.11 quarenta anos. É difícil fixar um período histórico definido de quarenta anos para um exílio egípcio; esse número pode ter sido simbólico.

* 29.17 No vigésimo-sétimo ano. Esse oráculo foi entregue em abril de 571 a.C., dezesseis anos depois do oráculo anterior (29.1). É a data mais avançada mencionada no livro.

*
29.18 não houve paga de Tiro. O cerco de Tiro, pe de Nabucodonosor,

perdurou por treze anos (26.7). O cerco foi longo e caro, e não houve recompensa que valesse o esforço.

* 29.21 o poder. No original hebraico, "chifre". Um chifre é um símbolo comum de poder político na Bíblia (Dt 33.17; 1Sm 2.10; 2Sm 22.3; Sl 18.2; 75.4,5,10; 89.24; 92.10; 112.9; 132.17; 148.14; Jr 48.25; Lm 2.3,17; Dn 7.7,8,20,21; Zc 1.18-21; Ap 17.12). Este oráculo contra o Egito se encerra encontrando esperança para Israel; cf. 28.24-26.

te darei que fales livremente. Ver notas em 24.27 e 33.22.

* 30.1-19 Temos aqui o único dos oráculos de Ezequiel contra o Egito que não foi

datado. Pode ter sido dado entre janeiro e abril de 587 a.C. (29.1; 30.20).

* 30.14 Zoã. No delta oriental do Nilo; também conhecida como Tanis.

* 30.15 Sim. Uma fortaleza nas costas do mar Mediterrâneo (também chamada

Pelúsio). Era a fronteira do nordeste do Egito.

* 30.17 Áven. Perto do vértice sul do delta do Nilo. Áven (ou: On, Heliópolis) era um

importante centro religioso para o Egito.

Pi-Besete. Em toda a Bíblia, somente aqui essa localidade é mencionada. Ficava no delta oriental do Nilo e foi uma capital durante as dinastias XXIII e XXII (950—725 a.C.).

* 30.20 No undécimo ano. Abril de 587 a.C.

* 30.21 o braço de Faraó. Faraó Hofra tinha enviado um exército para ajudar

Zedequias, mas esse exército foi repelido (Jr 37.1-10; cf. Ez 17.15-17; 29.6,7). O "braço" é uma figura do poder militar. Os exilados que viviam na Babilônia e os habitantes de Jerusalém tinham esperado que Faraó derrotasse os babilônios, mas esta profecia foi contra as esperanças deles. Em lugar disso, a Babilônia quebraria o braço de Faraó, deixando-o incapaz de manusear uma espada, e inútil como aliado de Israel.

* 31.1 No undécimo ano. Junho de 587 a.C., poucos meses depois do oráculo

anterior (30.20). Jerusalém estava cercada, e a apenas algumas semanas de ser destruída por Nabucodonosor.

31.3 a Assíria. O profeta usou o destino da Assíria como advertência ao Egito,

pois o antes poderoso império assírio tinha entrado em colapso entre 640 e 609 a.C. Alguns eruditos pensam que é improvável que em um oráculo contra o Egito, o enfoque primário tivesse caído sobre a Assíria (vs. 3-17). Esses eruditos têm sugerido que um erro de copista alterou uma das letras consoantes do texto, e traduzem "Assíria" como "cipreste", ou como "ao que vos posso comparar", o

que seria um paralelo melhor com a última frase do v.2. Com essa correção, a passagem inteira fica girando em torno do Egito.

era um cedro. Ezequiel já havia usado um símbolo semelhante (cap. 17). As árvores de porte grande podem ter dezenas de metros de altura e viver por milhares de anos; essas árvores provêem aptas metáforas que representam reinos e dinastias (17.22-24).
Grande parte da descrição dessa árvore assemelha-se à árvore do sonho de Nabucodonosor, em Dn 4.1-12,19-27. A prodigalidade da descrição de Ezequiel quanto a essa árvore compara-se com a extravagância de sua descrição de Tiro, como um navio mercante ricamente preparado (27.3-11).

* 32.1 No ano. Março de 585 a.C., dois meses depois que os exilados teriam recebido notícias da destruição de Jerusalém (33.21).

* 32.2 um crocodilo. Na mitologia pagã do antigo Oriente Próximo e Médio, o universo ordenado emerge do caos após uma batalha titânica entre um deus e um grande monstro marinho ou dragão chamado "Mar". Terminada a batalha, partes do universo foram criadas da carcaça do monstro morto. Ezequiel refere-se a esse mito em vários lugares (28.2, nota; 29.3-5). Aqui Ezequiel compara o Egito ao grande monstro marinho, terrível mas destinado a ser derrotado pelo Senhor.

* 32.6-8 A linguagem usada nesta seção é semelhante àquela usada para descrever o dia do Senhor, em Is 13.10; Jl 2.30,31; 3.15; Am 8.9. Ver nota em 7.7. O aparecimento de Deus como um guerreiro divino se faz acompanhar por convulsões na ordem criada. O universo se dissolve no caos que existia antes da criação, quando os céus eram tenebrosos (38.18-23, nota). Aqui a linguagem hiperbólica não deve ser compreendida literalmente mas é usada em conexão com a morte de um Faraó.

* 32.11 A espada. Deus ameaçou subjugar o monstro marinho, o Egito, trazendo contra essa nação os exércitos da Babilônia. A

"espada do rei da Babilônia", na realidade,

era a espada do Senhor (cap. 21; 30.25).

* 32.17 no ano duodécimo. Provavelmente a primavera de 585 a.C.

* 32.18 às profundezas da terra. O profeta descreve aqui a descida do Egito ao

mundo inferior. O orgulhoso império tornou-se apenas um entre os muitos estados que o antecederam (Assíria, v.22; Elão, v.24; Meseque e Tubal, v.26; Edom, v.29; Sidom e os "príncipes do Norte", v. 30). O mundo inferior ("*Sheol*" ou "a sepultura") era comumente retratado como uma vasta câmara de sepultamento onde os mortos teriam uma existência sombria e sem alegria. Ver nota em Is 14.9-11; ver também Gn 37.35; Jó 3.17-19; 7.9. 10.20-22; 17.13-16; Sl 88.5,11; 115.17; Pv 1.12; 9.18; Ec 9.10; Is 5.14; 38.18; Hc 2.5.

* 32.26 Meseque e Tubal. Ver 27.13, nota.

* 33.1-20 Este capítulo assinala o começo da segunda parte do livro de Ezequiel. A

primeira parte do livro diz respeito, primariamente, a Jerusalém, no passado e no presente; a segunda parte enfoca a futura Cidade de Deus. Esta parte do livro começa repetindo dois temas importantes: primeiro, uma reiteração da chamada de Ezequiel como atalaia (vs. 1-9; cf. 3.16-21); e segundo, a doutrina da responsabilidade moral individual (vs. 10-20; cap. 18). Os exilados ouviram as notícias da destruição de Jerusalém, no v.21; o resto das declarações de Ezequiel, acerca de Jerusalém, não prevê juízo e destruição, mas sim, restauração.

* 33.21 No ano duodécimo. Jerusalém foi incendiada e destruída no quinto mês do

décimo primeiro ano do governo de Zedequias (2Rs 25.8-10; 2Cr 36.10-21; Jr 52.12-14). Se as notícias dessa destruição só chegaram aos ouvidos dos exilados no décimo mês do décimo segundo ano, então foi preciso mais que um ano e meio para as notícias cobrirem uma distância que Esdras cobriu em quatro meses (Ed 7.9). Alguns poucos textos hebraicos e uma antiga tradução da Bíblia dizem "décimo primeiro" ano, em lugar de "décimo segundo" ano. A diferença é apenas de uma letra no original hebraico, e "décimo segundo" pode ter sido um erro de algum copista.

* 33.22 abrira-se-me a boca. O profeta Ezequiel estivera mudo por um período

prolongado; ver notas em 3.26 e 24.27. Mas agora, que as notícias da destruição de Jerusalém tinham chegado aos exilados, sua boca foi aberta, e Ezequiel dirigiu a palavra

(a) àqueles que tinham permanecido em Judá, depois da destruição da cidade (vs. 23-29) e (b) a seus colegas de exílio (vs. 30-33).

* 33.25 Comeis a carne com sangue. Essa prática tinha sido proibida em Gn 9.4;

Lv 7.26,27; 17.10; Dt 12.16,23.

*** 33.26 cada um a mulher do seu próximo. Ver 18.6,11,15.**

* 33.30 falam de ti. Ezequiel havia sido ignorado e até mesmo ridicularizado; mas

agora que os eventos tinham confirmado a veracidade de suas palavras, ele se tornara popular diante do povo. Não obstante, continuavam a não lhe dar ouvidos, continuavam surdos no tocante a arrepender-se e a obedecer (v.11).

* 33.32 como quem canta canções de amor. Agora os exilados tinham começado

a considerar Ezequiel como uma fonte de entretenimento. Ouvi-lo falar parecia-lhes ser

uma maneira de passar uma tarde ou uma noite de inatividade (cf. 20.49, nota).

* 34.2-10 Ovelhas que estavam enfraquecidas, feridas ou doentes eram alvo de cuidados especiais de um bom pastor; mas os reis de Israel com freqüência desconsideravam essa regra fundamental. Ver Sl 9.18, nota.

* 34.11 Eis que eu mesmo. Tendo posto de lado os pastores infiéis, Deus mesmo

assumiu o papel de pastor (Lc 15.3-7).

* 34.12 no dia de nuvens e de escuridão. Essa linguagem é normalmente

associada ao dia do Senhor (7.7, nota; Jl 2.1,2; Sf 1.15; Is 60.2; Jr 13.16; 23.12; Am 5.1820).

* 34.17 Eis que julgarei... entre carneiros e bodes. O

julgamento de Deus não se

confinaria aos pastores, mas incluiria o gado miúdo. Alguns dos animais do rebanho tinham estado a marrar outros; e esses animais provavelmente representavam membros das classes altas da sociedade de Jerusalém que tinham oprimido os pobres. Houve uma situação semelhante na comunidade da restauração (Ne 5).

34.23 meu servo Davi. Essa promessa de restauração (vs. 6,10-16) anuncia um

futuro reino messiânico. O Servo de Deus, alguém parecido com Davi, governaria em paz, retidão e prosperidade que ultrapassaria aquilo que se conheceu durante o governo do Davi histórico. Nenhum descendente de Davi, no período da restauração de Judá, cumpriu a descrição profética de Ezequiel sobre o futuro de Israel. O Novo Testamento, porém, identifica Jesus como o Bom Pastor (vs. 2-10, nota).

* 34.24 será príncipe. Ver nota em 37.24.

* 34.25 aliança de paz. Os versículos que se seguem a este mostram o que essa

aliança significará. Incluirá segurança e abundância agrícola na Terra Prometida. O quadro é o de um paraíso restaurado.

seguras. Os animais ferozes constituíam um perigo constante (Lv 26.6; Dt 33.20; Jz 14.5,6; 1Sm 17.34-37; 1Rs 13.24-28; 20.36; 2Rs 2.24; 17.25,26; Sl 7.2; 17.12; Pv 28.15;

Is 31.4; Jr 5.6; Lm 3.10; Os 13.8; Am 3.4,8,12; 5.19; Mq 5.8; cf. Is 11.6-9; 65.25).

* 34.26 eu farei bênção. No Antigo Testamento, a prosperidade agrícola é um tema

comum nos retratos da futura bênção do povo de Deus (vs. 25-29); ver nota em 28.26.

* 34.30 Saberão, porém, que eu. Ver nota em 6.7.

estou com elas... são o meu povo. A essência da aliança de Deus com Israel era que o Senhor seria o seu Deus, e que eles seriam o seu povo (11.20; 36.28; Êx 6.7; Lv 26.12; Dt 7.6; 14.2; 27.9; 29.13; Sl 50.7; Is 51.22; Jr 7.23; 11.4; 30.22; Jl 2.27).

* 35.2 contra o monte Seir. Edom ficava localizada ao longo da margem de terra

arável a sudeste do mar Morto. Seir era a principal cadeia montanhosa do país. Monte Seir era usado como um sinônimo para Edom (v.15; Gn 32.3; 36.8,9; Dt 2.8; Jz 5.4; 2Cr 25.14).

* 35.10 Os dois povos. Israel e Judá.

e os possuirei. Contrastar com Dt 2.2-6, uma passagem que proíbe Israel de tomar o território de Edom, porquanto Deus o dera aos descendentes de Esaú.

* 36.1-38 A profecia de condenação dirigida ao monte Seir (cap. 35), é seguida por

uma profecia de restauração dirigida aos montes de Israel.

* 36.2 Os eternos lugares altos. Essa frase refere-se à terra que Deus prometeu

a Israel ou, se a tomarmos mais estritamente ainda, aos lugares altos de Sião (17.23; 34.14; Dt 32.13; Sl 48.2; 78.69; Is 58.14; Jr 31.12).

* 36.12 os desfilhareis. Israel prosperará e tornar-se-á mais populosa do que fora

antes da recente desgraça (vs. 11,12; cf. Zc 2.4). Os profetas com

freqüência descrevem a futura bênção divina sobre a Terra Prometida em termos de uma multidão de crianças (37.25; Is 49.20; 54.1; 59.21; Jr 30.20; 31.17; Zc 8.5).

* 36.17 em sua menstruação. Ver 18.6, nota.

* 36.25 aspergirei. A aspersão ou derramamento de água refere-se às purificações

rituais para remoção de contaminação religiosa (Êx 30.17-21; Lv 14.52; Nm 19.17-19). Também é usado como um símbolo para indicar o dom do Espírito de Deus, na unção de reis e sacerdotes e no chamamento profético (Jl 2.28,29). O derramamento do Espírito de Deus é um sinal da era messiânica (37.14; 39.29; Is 42.1; 44.3; 59.21). Esse rico simbolismo está ligado ao batismo no Novo Testamento. A linguagem dos vs. 25-27 é intimamente paralela à do Sl 51.7-11.

* 36.26 coração novo... espírito novo. Ver 11.19, e nota em 18.31. Em lugar de um

coração de pedra, incapaz de responder a Deus com amor e obediência, Deus lhes proveria um coração novo e um espírito novo. Note-se que essas coisas viriam em resultado da iniciativa divina, e não da realização humana. Jeremias descreveu a nova aliança usando os mesmos termos (Jr 31.33; Pv 3.3; 7.3; Rm 2.15,29; 2Co 3.3).

* 36.27 o meu Espírito. O novo espírito seria o Espírito de Deus que transformaria

àqueles em quem ele viesse a habitar, capacitando-os a obedecer lei de Deus. Cf. Rm 7.6; 8.2-17; Gl 5.16-18,22; 1Jo 3.24.

* 36.33 sejam edificados os lugares desertos. Ver Is 44.26; 58.12; 61.4.

36.35 jardim do Éden. Israel, como nação, era o jardim de Deus; ver notas em

* 37.1-14 Os intérpretes há muito tempo debatem o relacionamento entre a visão de

Ezequiel e a ressurreição geral no fim dos tempos. O Antigo Testamento não apresenta uma doutrina completa da ressurreição; isso teve que esperar pela vinda de Cristo (Jó 14.14; 19.25,26; Dn 12.2; ver também 1Rs 17.17-24; 2Rs 4.8-37; 13.21). A visão de Ezequiel deu uma esperança imediata aos exilados que anelavam por ser restaurados à sua própria terra (37.14), e ela tem uma aplicação ainda mais permanente à ressurreição geral.

* 37.1 pelo Espírito. As palavras "assoprar", "Espírito" e "vento", nesta passagem, representam a mesma palavra hebraica, ajustada pelos tradutores aos requisitos do contexto (vs. 1,5, 6, 8, 9, 10 e 14).

um vale. Temos aqui o mesmo vocábulo usado em 3.22; ver a nota ali. Visto que essa palavra é usada somente por Ezequiel, nessas duas passagens, o local dessa visão pode ter sido o mesmo que o do chamamento do profeta. Alguns estudiosos têm sugerido que a visão deu-se nas cercanias de Jerusalém, possivelmente no vale do Cedrom, a leste da cidade (47.1-6; Jl 3.12; Zc 14.4).

* 37.4 Profetiza. A palavra profética era como a palavra de Deus, por ocasião da criação. Deus falou, e nova vida foi criada (Gn 1). As palavras de Ezequiel foram similarmente eficazes nesta visão, pois também eram palavras de Deus.

* 37.9 assopra. A infusão do sopro da vida nos faz lembrar de Gn 2.7.

* 37.12 vossa sepultura. A visão começara com ossos expostos e sem serem enterrados (v.2), mas agora se amplia para incluir a abertura de sepulturas.

* 37.14 Então, sabereis. A restauração de Israel seria o próprio testemunho de Deus quanto a seu poder e governo.

* 37.16 um pedaço de madeira. O profeta realizou outro ato simbólico (4.1-3, nota). Dois pedaços de pau, um trazendo o nome do reino do sul, Judá, e o outro trazendo o nome do reino do norte, Efraim, foram postos extremidade com extremidade nas mãos do

profeta, para que parecessem ser um só pedaço de pau.

* 37.18-23 O profeta interpretou seus atos simbólicos (vs. 16 e 17). Os dois filhos de José foram Efraim e Manassés; essas duas tribos formavam a parte central do reino do norte, tanto que o reino do norte (Israel) era, algumas vezes, designado simplesmente como "Efraim" (2Cr 25.7,10; Is 7.2,9,17; 11.13; 17.3; Jr 31.20; Os 4.17; 6.4; 8.9; 9.8; 10.6; Zc 9.13). Coube aos assírios dominá-los quase um século e meio antes do exílio de Judá, e assim Efraim foi disperso entre outras nações e assimilada por elas. Esta passagem relembra a monarquia unida sob Davi e Salomão, e prevê uma futura restauração ideal (33.24; Jr 3.18; 23.5,6; Os 1.11; Am 9.11).

* 37.24 Davi reinará sobre eles. Ezequiel relutava em usar a palavra "rei" para indicar qualquer dos governantes históricos de Jerusalém, preferindo chamá-los "príncipes" (v.25; 12.10,12; 19.1; 21.12,25; 22.6; 34.24). Aqui, entretanto, ele descreveu o futuro governante davídico como "rei" (vs. 22,24), possivelmente uma maneira sutil de distinguir de outros, esse futuro governante. O Novo Testamento revela que esse pastor-rei é Jesus (34.2-10,23 e notas), que reinará para sempre sobre o renovado povo de Deus (v.25; 34.31; Jo 10.11,14; Mt 2.2; Atos 5.31).

* 37.25-28 para sempre... para sempre. A repetição da frase "para sempre" (vs. 25, 26 e 28) indica que a reunificação em vista é escatológica, ou seja, um evento que ocorrerá nos últimos dias.

* 37.26 aliança de paz. Ver 34.25 e nota.

aliança perpétua. Essa aliança perpétua teve lugar através do oferecimento do sangue de Cristo (Hb 13.20).

*** 37.27 eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Ver nota em 34.30.**

* 37.28 quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles. Ezequiel esperava por uma cidade de Deus renovada (caps. 40—48). Mais de seiscentos anos mais tarde, João teve uma visão semelhante (Ap 21), de uma cidade que não precisava de um edifício como templo (Ap 21.22).

* 38.1—39.29 Antes de sua descrição sobre a futura cidade de Deus, o profeta primeiramente descreveu a derrota e a remoção de seus inimigos. Gogue, o príncipe de Magogue (ver nota no v.2), sumaria a oposição final ao reino e ao povo de Deus. Deus aparecerá como um guerreiro divino, lutando por seu povo e impondo uma derrota apocalíptica sobre seus adversários, preparando assim o caminho para a visão sobre a cidade renovada (caps. 40—48).

* 38.2 Gogue. A identidade de Gogue é incerta. Ele tem sido frequentemente identificado com Guigues, o rei da Lídia, uma terra na Anatólia (moderna Turquia). Nos textos acádicos do século VII a.C., Guigues é conhecido como um vassalo dos assírios. Lendas posteriores creditam a ele a invenção das moedas. O nome "Gogue" é foneticamente semelhante à palavra acádica para "Guigues", mas uma identificação entre os dois de maneira alguma é certa.

Magogue. Essa terra, governada por Gogue, também é desconhecida em outras fontes, nas listas ou citações geográficas existentes na literatura antiga; pode ser que signifique apenas "terra de Gogue".

príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal. Embora a identificação de Gogue e Magogue permaneça incerta, a identificação de Meseque e Tubal não está em dúvida (27.13, nota). Por meio dos historiadores antigos Heródoto e Josefo, bem como através de

documentos assírios dos séculos XII a VIII a.C., sabe-se que eram tribos da parte central e oriental da Anatólia (moderna Turquia). Considerável confusão tem resultado de especulações mal orientadas acerca desses termos geográficos. Alguns têm identificado essas localidades com outros locais conhecidos da geografia contemporânea, e as têm feito se tornarem parte das conjecturas sobre eventos políticos posteriores. Assim, Meseque e Tubal seriam Moscou e Tobolsk, duas cidades russas distantes da região mencionada por Ezequiel. A palavra hebraica traduzida por "príncipe" (v.2) é *roSh,* e alguns têm dito que ela significa "Rússia". Mesmo que essa palavra seja um nome geográfico, e que não deva ser traduzida por "príncipe", nem por isso é a "Rússia". O nome "Rússia" foi trazida para a região ao norte da cidade ucraniana de Kiev pelos vikings, na Idade Média, e não estava em uso nos tempos de Ezequiel.

Ao descrever as ameaças à existência de Israel, comumente a Bíblia refere-se a adversários vindos do norte (Is 41.25; Jr 1.13-15; 4.6; 6.22; 10.22; 13.20; 15.12; 25.9,26; 46.10,20,24; 50.3,9,41,49; Ez 26.7; 38.6,15; 39.2; Dn 11; Zc 2.6; 6.6-8; cf. Is 5.26-29;

13.1-13; Hb 1.5-11; Na 2.2-10; 3.1-3). As referências a esses adversários do norte, antes do exílio babilônico no século VI a.C., usualmente indicam a Assíria, a Babilônia e a Pérsia, inimigos tradicionais de Israel. Durante e depois do exílio babilônico, os adversários vindos do norte assumem um colorido mais simbólico e apocalíptico. Em sua descrição sobre o conflito do fim dos tempos, Ezequiel mencionou tribos nos limites dos reinos do norte como incorporação dos inimigos do norte que já figuravam na escatologia de Israel (a compreensão dos judeus sobre os últimos dias). Em lugar de adicionar especulações sobre a história futura, os leitores modernos devem compreender que o próprio Ezequiel usou essas nações como referências simbólicas a todas as potências em armas contra o povo de Deus. O livro de Ezequiel contém muitos oráculos contra nações estrangeiras (Ez 29—32), mas não há qualquer oráculo contra a Babilônia, onde ele e os exilados eram mantidos cativos. Alguns estudiosos têm sugerido que Magogue,

Meseque e Tubal são referências veladas à Babilônia, o inimigo imediato. Gogue e Magogue reaparecem na descrição apocalíptica de João do futuro conflito entre o bem e o mal (Ap 20.8).

* 38.5 etíopes. Ver Is 68.31, nota.

* 38.6 Gômer. Provavelmente um povo da área ao norte do mar Negro, conhecido

dos assírios como os guimirrai, e dos gregos como os cimérios. Gogue parece que liderará uma coligação de nações do sul e do norte. O quadro é de uma total mobilização contra o povo de Deus. Comparar a convocação divina para a guerra em Jl 3.9-11.

a casa de Togarma. Ver 27.14, nota.

* 38.9 como nuvem que cobre a terra. Um inimigo inumerável se reunirá (Jr 4.13;

Jl 2.2).

* 38.11 que vivem seguros. Comparar a estratégia, em Jz 18.7,8. Embora Gogue tivesse feito planos acerca de Israel, na realidade Deus os estava atraindo para a sua própria destruição (vs. 4,16).

* 38.13 Sabá. A extremidade sudoeste da península da Arábia (moderno Iêmem). Os sabeus eram famosos como negociantes (23.42; 27.22; 1Rs 10.1,2; Jó 6.19; Jl 3.8).

* 38.17 aquele de quem eu disse. Gogue não é especificamente mencionado em

qualquer outra profecia do Antigo Testamento. Ezequiel refere-se a profecias anteriores que descrevem um inimigo vindo do norte (v.2, nota).

* 38.18-23 O próprio Deus será o defensor de Israel. Nas

passagens que

descrevem o aparecimento de Deus como um guerreiro divino, os profetas comumente falam de uma convulsão correspondente na ordem criada; a criação será reduzida ao caos (32.6-8, nota; Is 13.13; 24.18-20; Jr 4.23-26; Jl 2.10,30,31; Ag 2.6,7,21; 3.16; cf. Jz 5.4; Sl 18.8; 46.3; 77.16-19).

* 39.9 queimarão, de todo, as armas. O profeta usou uma figura vívida para

descrever quão numeroso será o exército inimigo e quão completa será a sua derrota: os israelitas ficarão juntando as armas dos exércitos derrotados e terão suficiente combustível durante sete anos (Sl 46.9).

* 39.11 um lugar de sepultura. As hordas de Gogue serão sepultadas nas

fronteiras de Israel, perto do mar Morto. Após sete meses de trabalho, os encarregados continuarão rebuscando cadáveres (vs. 14,15).

* 39.14 para a limpar. O contato com um cadáver deixava a pessoa

cerimonialmente imunda (Lv 11.24-28,39; 22.4), pelo que a terra precisaria ser limpa.

* 39.15 vale das Forças de Gogue. Esse será o nome do vale.

* 39.17 o meu sacrifício. Ver nota em 29.5. Usualmente os sacrifícios indicavam

que animais eram transformados em alimentos. Mas aqui essa figura de linguagem é invertida: os inimigos humanos é que serão sacrificados, e os animais os comerão. Mediante tal inversão da ordem criada (Gn 1.30; 9.2,3), o profeta mostra o

universo dissolvendo-se no caos, sob o juízo divino (38.18-23, nota). A mesma figura é usada em Ap 19.17,18 (Is 34.6,7; Jr 46.10; Sf 1.7-9).

* 39.18 em Basã. Uma região a leste do mar da Galiléia, conhecida por seu

excelente gado (Dt 32.14; Sl 22.12; Am 4.1).

* 39.19 comereis a gordura... bebereis o sangue. Essas partes de um animal sacrificado eram normalmente oferecidas a Deus (44.15; Lv 3.17).

* 39.23 foram levados para o exílio. O exílio babilônico não demonstrara que Deus havia falhado em suas promessas — pelo contrário, demonstrava a Israel e às nações que sua soberania era universal. Embora Deus tivesse afligido o seu povo, nem por isso o tinha abandonado (vs. 25-29). Depois de haver descrito como Deus esmagaria os seus inimigos (caps. 38 e 39), o profeta volta-se para oferecer-nos a descrição da gloriosa restauração do povo de Deus (caps. 40—48).

* 39.25 tornarei a mudar a sorte de Jacó. Uma vez destruído o inimigo, o profeta passa a falar sobre os propósitos de Deus para o seu povo, a restauração e a bênção dele.

* 39.29 derramarei o meu Espírito. Ver 36.25, nota; 11.19; 18.31; 37.14; Jl 2.28.

* 40.1—48.35 A visão de Ezequiel da cidade restaurada combina muitos subsídios da tradição bíblica. Ezequiel entrelaça a compreensão familiar sobre Jerusalém como a cidade onde Deus tinha preferido habitar, com referências ao monte Sinai e ao jardim do Éden.

Um anjo guiou o profeta em um passeio pela cidade, começando pelos portões que conduziam ao átrio externo do templo (40.6-27) e

terminando, após diversos capítulos, com uma divisão do território entre as doze tribos (47.13—48.35). As interpretações desses capítulos variam muito. Muitos têm visto nessas passagens uma planta e especificações de construção para uma cidade normal que deveria ser construída (43.10,11). Entretanto, há elementos na visão profética que parecem ir além de uma compreensão literal (p.ex., 47.1-12). Outros intérpretes entendem a visão do templo, de Ezequiel, como, principalmente, uma descrição simbólica da maneira como Deus gostaria de abençoar o seu povo, com o templo proeminentemente representando a presença de Deus no meio de seu povo. Por meio da utilização de visão e simbolismo (40.2; Nm 12.6), o profeta descreveu um ponto no futuro quando a presença de Deus entre o seu povo transcenderia qualquer coisa que Israel já tenha experimentado na história.

40.2 um monte muito alto. Presumivelmente o monte Sião, local do templo de

Jerusalém (17.22-24; 20.40; cf. Sl 48.1,2; Is 2.2; Mq 4.1). O profeta passearia pelo monte santo, tal como o fizera o salmista (Sl 48.12,13).

* 40.3 um homem. O profeta foi conduzido em seu passeio pela cidade por um

guia angelical (cf. Zc 1.14).

uma cana de medir. Ver 2Rs 21.13; Am 7.7,8; Zc 2.1,2; Ap 21.10,15.

* 40.4 anuncia... tudo quanto estás vendo. João recebeu instruções semelhantes

(Ap 1.11).

* 40.5 seis côvados. Existiam pelo menos dois côvados padronizados, o côvado

curto, com cerca de 44 cm, e o côvado longo, usado aqui, com cerca de 52 cm (43.13;

2Cr 3.3). Essa cana, pois, tinha cerca de 3,12 m.

* 40.6 subiu pelos seus degraus. As pessoas aproximavam-se do templo por

meio de degraus, e o edifício estava sobre uma plataforma elevada que ficava no átrio externo. Mais degraus levavam a uma plataforma mais elevada, que era o átrio interior (vs. 34,37). Um lance de escadas levava dali para o edifício do templo (vs. 49; 41.8). Quanto mais alta fosse a elevação, e quanto mais perto se chegasse do santuário interior, maior era o grau de santidade.

* 40.9 o vestíbulo. Esses portões assemelham-se aos portões do período

salomônico, escavadas em Hazor, Medigo e Gezer (1Rs 9.15). O caminho através do centro do portão era flanqueado por três câmaras de cada lado.

* 40.16 palmeiras esculpidas. Ver também os vs. 22,31,34 e 37. A decoração nos

antigos santuários de Israel era, principalmente, botânica; variedades de árvores e plantas decoravam a área sagrada (Êx 25.34; 37.19; 1Rs 6.18,29,32,35). Quanto a essa questão, os santuários de Israel sugeriam a beleza do jardim do Éden e punham, diante de Israel, o alvo de voltar a residir no jardim de Deus (28.13,14, nota).

* 40.17 átrio exterior. Os adoradores eram admitidos no átrio exterior, mas somente

os sacerdotes e os levitas podiam entrar no átrio interior. O texto não especifica o uso das trinta câmaras no perímetro do átrio exterior (cf. Jr 35.2).

* 40.20-27 Os portões do norte e do sul eram iguais ao portão oriental (vs. 5-16).

* 40.28 átrio interior. O átrio interior era separado do átrio exterior por meio de uma parede; e também tinha três portas (vs. 28-37).

* 40.38 onde lavavam. Os animais oferecidos como sacrifícios eram mortos nas portas do átrio interior (43.13-27). Quando os animais tinham sido sacrificados, os seus pedaços eram lavados (Lv 1.9,13; 2Cr 4.6) e pendurados em ganchos (v.43).

* 40.46 Zadoque. Ver 44.15, nota.

* 40.48—41.4 Tal como o antigo templo de Salomão, na visão de Ezequiel o templo possuía três ambientes: um vestíbulo ou pórtico (40.48,49); um santuário exterior (41.1,2); e o santuário interior ou Santo dos Santos (41.3,4). O edifício do templo ficava em nível mais alto do que o átrio circundante e subia-se a ele por escadarias que davam no pórtico (40.6, nota). O aumento na altura representava uma santidade crescente, à medida que alguém se aproximava do ambiente interior.

* 40.49 aos pilares. Os pilares presumivelmente assemelhavam-se a Jaquim e Boaz, as colunas que ficavam do lado de fora do templo de Salomão (1Rs 7.15-22).

* 41.3 Penetrou. O acesso ao Santo dos Santos estava restrito ao sumo sacerdote no dia da Expiação (Lv 16; cf. Hb 9.11-14); o anjo pôde entrar nesse compartimento, mas não Ezequiel.

* 41.4 vinte côvados. O Santo dos Santos do tabernáculo e do templo de Salomão formavam um cubo, com as mesmas dimensões quanto ao comprimento, à largura e à altura (cf. Ap 21.16).

* 41.5-12 Havia câmaras construídas nos lados norte, oeste e sul do edifício do templo. Provavelmente eram usadas para guardar equipamentos, bem como as riquezas do templo (cf. 42.13; 1Rs 6.5-

10). O segundo e o terceiro andares eram deslocados, de modo que cada andar era um côvado maior do que o andar de baixo.

* 41.22 O altar. A mesa dos pães da proposição é descrita como um altar somente aqui. É provável que assim tenha feito Ezequiel porque os pães eram consumidos pelos sacerdotes como parte da refeição sacrifical, e porque o incenso colocado com o pão era considerado como uma oferenda memorial (Lv 24.5-9; 1Sm 21.3-6).

* 42.1-14 às celas. Esses compartimentos não devem ser confundidos com

aqueles construídos no perímetro do edifício do templo propriamente dito (41.5-12, nota). Essas celas foram construídas ao longo dos lados norte e sul da parede que separava o átrio interior do átrio exterior.

* 42.20 um muro. Esse muro externo separava os recintos sagrados do que era secular; ver nota em 40.7.

quinhentas canas. Há versões que dizem aqui "quinhentos côvados". É uma considerável diferença, pois cada cana tinha seis côvados (ver 40.5). Os quinhentos côvados é a soma dos comprimentos do portão exterior norte (50), parte do átrio exterior (100), o portão interior norte (50), o átrio interior (100), o portão interior sul (50), parte do átrio exterior (100) e o portão exterior sul (50).

* 43.1-5 O profeta teve uma visão anterior da glória do Senhor que se afastava da cidade (10.18-22; 11.22-24); agora, nesta visão, ele viu a glória de Deus retornando à cidade. A glória vinha do leste, a direção para a qual ela havia partido (11.23). A glória do Senhor tinha enchido o tabernáculo e o templo de Salomão, quando foram dedicados (Êx 40.34,35; 1Rs 8.10,11; 2Cr 5.13,14; 7.1,2; cf. Is 60.1-3). Ver nota em 11.22-24. O templo do período da restauração, levantado por Zorobabel, não foi construído de acordo com a visão de Ezequiel; e era menor que o templo de Salomão (Ed 3.12,13; Ag 2.3). No entanto, Ageu profetizou que a glória do templo de Zorobabel

excederia a glória do templo de Salomão (Ag 2.7-9), porquanto a presença de Deus estaria lá.

* 43.7 meu trono. O templo de Jerusalém era entendido como o lugar onde Deus tinha o seu trono; Ele estava entronizado acima da arca, no Santo dos Santos (1Sm 4.4; 2Sm 6.2; 2Rs 19.15; 1Cr 13.6; Sl 80.1; 99.1; 132.13,14; Is 6.1; 37.16).

* 43.10 o modelo. Os modelos dos santuários passados de Israel tinham vindo da parte de Deus; assim também, os planos para o templo da visão de Ezequiel eram de

origem divina. Ver nota em 40.1—48.35. À semelhança de Moisés, que dera a Israel as leis para o tabernáculo, Ezequiel viu a promessa somente de certa distância, em uma visão (Nm 27.12,13; Dt 32.52; 34.4).

* 43.12 a lei do templo. A visão que Ezequiel teve do templo é o único corpo de leis rituais, na Bíblia, que não saiu da boca de Moisés. À semelhança de Moisés, Ezequiel tinha recebido essa lei em uma elevada montanha (40.2; Êx 25.9,40).

* 43.13 em côvados. Ver nota em 40.5.

altar. O altar foi construído como uma série de plataformas, cada qual menor do que a de baixo, semelhante a uma pirâmide de degraus, ou zigurate. Os rabinos antigos tiveram muitos debates sobre esse altar, visto que a sua construção contradizia o mandamento que ordenava que o altar não tivesse degraus (Êx 20.24-26).

* 43.18 sobre ele aspergirem sangue. Ver Êx 29.16; Lv 4.6; 5.9.

* 43.19 descendência de Zadoque. Ver nota em 44.15.

* 43.21 fora do santuário. Ver Êx 29.14; Lv 4.12,21; 8.17; 9.11; 16.27. O autor da epístola aos Hebreus interpretou essas instruções como um aspecto da oferenda que Cristo fez de si mesmo (Hb 13.11-

13).

* 44.1 a qual estava fechada. O profeta estivera no átrio interior (43.5), mas foi agora levado ao portão oriental. Esse portão permanecerá fechado porque a glória do Senhor entrou no templo através do mesmo (v.2; 43.4; cf. Sl 24.7-10). O fato que esse portão está fechado pode dar a entender que o Senhor nunca mais deixará o templo (43.7,9). O chamado Portão Dourado, na muralha oriental da antiga cidade de Jerusalém foi fechado por meio de uma parede. Esse portão, que vem do período bizantino (300 -650 d.C.) foi restaurado no período das cruzadas (1000—1100 d.C.). Sem dúvida está posicionado sobre os restos de portões de períodos mais antigos. Esse portão foi murado durante o governo muçulmano de Solimão, o Magnífico, no século XVI d.C. Visto que essa parte do livro de Ezequiel desempenha um papel na escatologia muçulmana, pode ter provido uma razão para o portão ter sido murado. Entretanto, todos os portões ao sul e a leste da plataforma do templo foram fechados nessa ocasião, a fim de controlar o

acesso às mesquitas na plataforma acima.

* 44.3 Quanto ao príncipe. Visto que o portão está fechado, o pórtico torna-se

uma sala. Nessa sala o príncipe terá a permissão de comer a sua porção das refeições sacrificais. Essa provisão nunca foi observada por qualquer dos reis de Israel. Na visão de Ezequiel isso representa o relacionamento especial que o rei prometido manteria com o templo. Ver nota em 37.24.

* 44.4-9 Ao passo que algumas porções do Antigo Testamento enfatizam restrições

quanto à participação de estrangeiros na adoração de Israel (Êx 12.43; Lv 22.25; Ne 9.2; Jr 51.51), outras passagens prevêem a participação de estrangeiros (47.22,23; 1Rs 8.41,43; 2Cr 6.32,33; Is 56.3,6; cf. Zc 14.21; Ef 2.12,19). Restrições semelhantes, impostas a

estrangeiros, caracterizam outros escritos do período após o exílio babilônico (Ed 4.1-3; 10.10-44; Ne 13.1-9; Ag 2.14). No período do Novo Testamento, havia um aviso escrito, na entrada do templo, que proibia gentios de entrarem ali, sob a pena de morte (cf. At 21.26-30). No novo Israel da nova aliança, a Igreja, todas essas distinções entre judeus e gentios foram removidas. Parte do propósito de Cristo era derrubar essas barreiras (Mt 10.18; Lc 2.32; At 9.15; 10.28,45; 11.1,18; 13.46-48; Rm 1.5,16; 2.10; 10.12; 15.16; Gl 3.8,28; Ef 2.11-18; 3.6).

* 44.10-14 Embora estrangeiros tenham servido no templo, no passado (Js

9.3,6,21), eles não mais poderão entrar. As tarefas que eles haviam realizado pertenciam aos levitas (Nm 1.50-53; 3.6,8,28-32; 1Cr 23.24-32; 2Cr 8.14,15). As famílias sacerdotais que tinham deslizado para a idolatria, antes do exílio babilônico (8.6) agora se juntarão a seus colegas levitas, nas tarefas mais braçais do templo, ou como assistentes dos sacerdotes. O sacerdócio propriamente dito será restringido à linhagem de Zadoque (v.15; 40.45,46).

*** 44.12 serviram à casa de Israel de tropeço de maldade. Lit. tornaram-se tropeço**

de iniqüidade à casa de Israel.

* 44.15 Zadoque. Zadoque tinha servido como sumo sacerdote paralelamente a

Abiatar durante o reinado de Davi (2Sm 15.24-29; 20.25). Abiatar foi desligado do sumo sacerdócio porque havia apoiado Adonias contra Salomão (1 Rs 1.7; 2.26), mas Zadoque apoiava Salomão e tornou-se o único sumo sacerdote. Antes disso, o sacerdócio tinha

sido restringido, entre os levitas, aos descendentes de Arão (Êx 28.1; Lv 8.2-7; 9.1-24; Nm 20.25-28; 1Cr 6.48-53), e Ezequiel previu mais

uma restrição a uma única família descendente de Arão.

* 44.24 para a julgarem. Quanto ao papel judicial dos sacerdotes, ver 1Cr

26.29; 2Cr 19.8-11.

* 44.25 nenhuma pessoa morta. O contato com os mortos tornava uma

pessoa cerimonialmente imunda; os sacerdotes, e, especialmente, o sumo sacerdote, tinham que evitar tal contato (Lv 21.1-12).

* 44.31 Não comerão. A proibição contra comer carne de um animal

encontrado morto aplicava-se também a todo o povo de Israel (Lv 11.39,40; Dt 14.21).

* 45.1-8 A repartição de territórios será descrita, com maiores detalhes, no

capítulo 47. A preocupação aqui é com os recintos sagrados. Ezequiel descreveu uma área sagrada no meio da terra, um quadrado com cerca de 13 km de lado (25 mil côvados), subdividido em três faixas de terra (cf. Ap 21.16). A zona norte (cerca de 68 km^2) será separada para uso dos levitas. A zona central conterá o santuário e foi separada para os sacerdotes. A zona sul, com cerca da metade das dimensões das outras duas zonas, foi dada à própria cidade. A área a leste e a oeste do quadrado de 13 km de lado foi dada ao príncipe, enquanto que a área ao norte e ao sul será dividida entre as outras tribos. É interessante que, na visão de Ezequiel, o templo ficava fora da cidade propriamente dita.

* 45.10 justas. Ao que tudo indica, o uso de pesos e balanças falsos era comum (Lv

19.35,36; Dt 25.13-16; Pv 11.1; Am 8.5; Mq 6.10-12).

* 45.11 O efa e o bato. O efa era uma medida para secos com cerca de 22,7 l. O

bato era uma medida para líquidos com cerca de 27,3 l.

ômer. Dez batos ou efas perfaziam um ômer.

*

45.12 O siclo... uma mina. Um siclo era cerca de

siclos seria cerca de 680 g. A mina normalmente tinha cinqüenta siclos.

* 45.17 Estarão a cargo do príncipe. Os príncipes de Israel também eram responsáveis para fazer oferendas em favor do povo (vs. 13-17). O povo trazia oferendas sob a forma de bens ao príncipe, o qual, por sua vez, fornecia-as ao santuário (cf. 2Cr 30.24). Ver notas em 37.24; 44.3.

* 45.18-25 Estes regulamentos cobrem aspectos das observâncias cerimoniais no primeiro mês (Dia do Ano Novo, vs. 18-20) e do sétimo mês (Páscoa, vs. 21-24, e Tabernáculos, v.25). Essa legislação talvez apresente modificações de prática litúrgica mais antiga. Uma vez mais, à semelhança de Moisés, Ezequiel provê leis religiosas e cerimoniais a Israel (ver notas em 43.10,12).

* 45.19 altar. Compare o leitor a consagração do altar em Êx 29.35-37.

* 45.24 um him. Uma medida para líquidos com cerca de 4,5 l.

* 46.2 O príncipe. Ao príncipe se permitirá que entre até ao limiar interior da porta

oriental, que dá para o átrio interior, nos dias festivos; nos demais

dias, ele entrará e partirá com o povo comum (vs. 9,10), a menos que esteja fazendo uma oferenda voluntária (v.12). O príncipe terá privilégios especiais com referência ao portão oriental, no átrio exterior (44.1, nota; 44.3, nota). Desse ponto vantajoso, no limiar do portão interior, o príncipe divisará plenamente o átrio interior e o grande altar, mas a entrada no átrio interior será limitada aos sacerdotes e levitas.

* 46.4 O holocausto. As especificações dessa oferenda diferem das oferendas do

dia do sábado, em Nm 28.9, onde dois cordeiros e nenhum carneiro eram requeridos.

* 46.6 no dia da Festa da Lua Nova. Ou seja, o primeiro dia de cada mês. As

especificações, novamente, diferem da legislação anterior (Nm 28.11).

* 46.13 cada dia. Enquanto a maioria dos regulamentos anteriores diziam respeito a dias específicos do calendário litúrgico do Antigo Testamento, Deus devia ser adorado em Israel todos os dias (vs. 13-15). As provisões acerca dessas oferendas diárias diferem da prática mais antiga (Nm 28.3-8; 2Rs 16.15; 1Cr 16.40; 2Cr 13.11; 31.3).

* 46.16-18 Ao redimir Israel do Egito, e, posteriormente, da Babilônia, Deus os

removeu do lugar de escravidão, mas também garantiu para eles uma herança na própria terra deles. A terra devia ser inalienável (Lv 25.14-17,23,24; 1Rs 21), representando a permanência da redenção e da herança providas por Deus (1 Pe 1.4).

* 46.16 filhos. Ezequiel contemplava aqui a restauração do governo davídico. Ver

notas em 37.24; 44.3.

* 46.17 ano da liberdade. Mui provavelmente temos aqui uma referência ao Ano do

Jubileu (Lv 25.8-17; 27.24; Is 61.1,2).

* 46.20 cozerão. O Antigo Testamento combinava o sacrifício e a oração com o ato

de comer e com as atividades sociais. Esses regulamentos especificam os lugares onde os levitas prepariam as oferendas para as refeições sacrificiais que seriam comidas pelos adoradores.

* 47.1,2 O átrio do tabernáculo tinha uma grande bacia ou lavatório onde os

sacerdotes se lavavam (Êx 30.17-21). No templo de Salomão havia um "mar" bem maior (1 Rs 7.23-26). Esse mar era usado nas lavagens rituais (2Cr 4.6), mas, em adição a isso, simbolizava o oceano primordial, não mais como um símbolo ameaçador do caos (28.2, nota), mas sujeito a Deus e ao serviço do seu templo. Na visão de Ezequiel sobre o templo, essas bacias anteriores foram substituídas por um rio vivificante (Ap 21.1; 22.1,2). O lavatório do tabernáculo e o mar do templo ficavam ao sul do altar, no átrio do santuário; o rio também se originará do sul do altar. Esta passagem deve ser comparada com outras que falam de um rio na cidade de Deus (Sl 46.4), ou descrevem a erupção de uma torrente na cidade (Jl 3.18; Zc 14.3-8). Visto que o templo, pelo menos em parte, simbolizava o paraíso, o rio de Ezequiel relembra os rios que manavam do jardim do Éden (Gn 2.10-14).

* 47.3-12 O rio leva a vida por onde quer que vá, transformando Israel em um jardim

paradisíaco. Jerusalém está construída sobre uma linha divisória de águas, no alto de uma serra de colinas. A chuva que ali cai flui para o

vale do Cedrom e abre caminho para o mar Morto. Jesus apelou para as figuras de linguagem usadas nesta passagem a fim de descrever a si mesmo. Ele disse à mulher samaritana que ele era a fonte de água doadora de vida (Jo 4.10-14). Quando os discípulos se surpreenderam que Jesus

estivesse falando com uma mulher samaritana, ele lhes falou sobre uma colheita perpétua que já havia começado (Jo 4.27-38), na realidade, tirando proveito do quadro de Ezequiel sobre árvores que produzem doze colheitas por ano. João também registrou a declaração de Jesus de que ele é a fonte de rios de água viva, adicionando o comentário que Jesus estava falando sobre o Espírito de Deus (Jo 7.37-39).

* 47.10 En-Gedi. Na praia ocidental do mar Morto (Js 15.62; 1Sm 23.29; 2Cr 20.2). En-Eglaim. Perto da extremidade noroeste do mar Morto.

* 47.11 os seus charcos e os seus pântanos. O fato que os charcos e os pântanos seriam deixados para a produção de sal mostram familiaridade com a tradição que as extremidades rasas do sul do mar Morto eram os locais onde estavam as antigas cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 19.27-29).

* 47.13 José terá duas partes. Na visão de Ezequiel, a terra seria dividida igualmente entre as doze tribos. Visto que a tribo de Levi recebeu sua herança territorial dentro dos recintos sagrados de Jerusalém (45.1-8, nota), o número doze foi mantido, substituindo José pelos seus dois filhos, Efraim e Manassés (Gn 48.1-6).

* 47.14 a vós outros em herança. Essa é a terra que Deus prometera aos patriarcas (Gn 12.7; 15.18-21; 22.17; 28.4), e que foi possuída durante os reinados de Davi e Salomão (1 Rs 8.65; 1 Cr 13.5; 2Cr 9.26).

* 47.15 o limite da terra. As fronteiras aqui detalhadas (vs. 15-20) mencionam várias localidades desconhecidas, mas correspondem, de

modo geral, a outras dessas listas (Nm 34.1-12; 1Rs 8.65). Entretanto, a repartição das terras (cap. 48) é inteiramente diferente das fronteiras históricas entre as tribos. As fronteiras oriental e ocidental são fáceis de identificar; a leste, a fronteira começava nas cabeceiras do rio Jordão, ao sul de Damasco, descia pelo rio Jordão e ao longo das praias ocidentais do mar Morto; a oeste, a fronteira era o mar Mediterrâneo. As fronteiras norte e sul são mais difíceis de estabelecer; ao norte, a linha começa perto de Tiro, e continua na direção leste até um ponto ao norte do mar da Galiléia; ao sul, corria de um ponto abaixo do mar Morto até ao ribeiro do Egito (o Wadi el-Arish), nas costas do mar Mediterrâneo.

* 48.1-29 Na visão de Ezequiel, a repartição da terra entre as tribos é diferente

daquilo que foi historicamente dividido. A cada tribo foi repartida uma faixa horizontal de terras, ligada com as fronteiras oriental e ocidental. A posição das esposas de Jacó e das tribos individuais parecem ser os fatores determinantes na disposição das tribos: cf. Nm 2 e 3. As tribos mais do norte (Dan, Aser e Naftali) eram tradicionalmente localizadas no norte; a tribo mais ao sul (Gade, v.27), historicamente foi uma tribo do norte. Essas quatro tribos são os filhos da serva Zilpa, de Lia, e da serva Bila, de Raquel (Gn 30.3-8,10-13). Como tais, elas estão localizadas nas extremidades externas das repartições tribais, de acordo com a visão de Ezequiel.

Judá será a tribo ao norte mais próxima da área sagrada, no centro da terra (vs. 822; 45.1-8). Historicamente, Judá era uma tribo do sul; ao apresentar a tribo de Davi como parte das tribos do norte, Ezequiel podia estar dizendo que o norte fará "parte de Davi" (2Sm 20.1; 1Rs 12.16; 2Cr 10.16). Judá, pois, acha-se no lugar de honra que teria pertencido ao primogênito de Jacó, Rúben; Rúben ficará imediatamente ao norte de Judá. Em seguida estão as duas tribos de José: Efraim e Manassés, descendentes de Jacó através da esposa favorita, Raquel.

A tribo ao sul mais próxima da área sagrada é Benjamim. Seu lugar reflete a posição favorecida de Raquel e equilibra a posição privilegiada das tribos de José, no norte. As três tribos remanescentes (Simeão, Issacar e Zebulom) são descendentes de Lia. Issacar, Zebulom e Benjamim historicamente tinham territórios alocados ao norte.

* 48.8-22 Esta descrição é uma elaboração de 45.1-8.

* 48.11 filhos de Zadoque. Ver nota em 44.15.

* 48.30-35 A cidade terá doze portas com os nomes das doze tribos (cf. Ap 21.1214). Visto que uma das portas se chama Levi; Efraim e Manassés são substituídos por seu pai, José.

* 48.35 O SENHOR Está Ali. Desde o começo do Antigo Testamento, Deus revelou

a sua intenção de estar com o seu povo. Ele andava e conversava com eles no jardim do Éden, e veio habitar nos santuários edificados no meio deles. A promessa de um filho chamado Emanuel prenunciava um dia em que Deus estaria "conosco" (Is 7.14). O Novo Testamento termina mais ou menos como termina o livro de Ezequiel. João também

d$_{escreve}$u a cidade de Deus, bem como um tempo quando Deus viverá com o$^{s\ seres}$ hum$_{a}$nos (Ap 21.3); e ele terminou seu livro com a oração que diz: "Amém. Vem, ^{Senhor} Jesus” (Ap 22.20).

Daniel

* 1.1 No ano terceiro. O terceiro ano do reinado de Jeoaquim foi

o ano de 605 a.C. Naquele ano, Nabucodonosor derrotou uma coligação entre

5 a Assíria e o Egito, em Carquemis, e assim teve início a ascensão da Babilônia como uma potência internacional. Depois da batalha de Carquemis, Nabucodonosor avançou contra Jeoaquim (2Rs 24.1,2; 2Cr 36.5-7), e levou cativos a alguns judeus, incluindo Daniel. Essa foi a primeira das três invasões de Judá por parte de Nabucodonosor. A segunda ocorreu em 597 a.C. (2Rs 10 24.10-14); e a terceira delas teve lugar em 587 a.C. (2Rs 25.1-24). No livro de

Jeremias, o ataque de Nabucodonosor ocorreu no quarto ano de Jeoaquim, e não no seu terceiro ano (Jr 25.1; 46.2). A diferença de um ano ocorreu por causa da cronologia babilônica, que Daniel, segundo parece, usou, pois o reinado dos reis babilônicos era contado a partir do primeiro dia do ano 15 seguinte, e não da data real da ascensão ao trono.

Nabucodonosor, rei da Babilônia. Nabucodonosor conduziu os babilônios à vitória em Carquemis, como príncipe coroado e comandante do exército babilônico. Pouco depois dessa vitória, ele assumiu o trono da Babilônia, 20 quando morreu seu pai, Nabopolassar, (626—605 a.C.). O reinado de Nabucodonosor (605—562 a.C.) é o contexto histórico de grande parte dos livros de Jeremias, Ezequiel e Daniel.

* 1.2 O SENHOR lhe entregou nas mãos. A derrota de Israel

25 pelos babilônios não pode ser explicada simplesmente pela análise de fatores

militares e políticos. Deus estava operando nas atividades das nações, e ele usou os babilônios para julgar o seu próprio povo de Israel, por causa das suas transgressões (2Rs 17.15,18-20; 21.12-15; 24.3,4).

30 na casa do tesouro do seu deus. Marduque era a principal divindade do panteão babilônio (cf. Jr 50.2 e as referências laterais. [1]

permanente. Os arqueólogos têm encontrado milhares dessas tábuas de argila. Os babilônios adoravam a muitos deuses e a cultura deles era repleta de artes mágicas, feitiçaria e astrologia. A linguagem comum da Babilônia era o aramaico (2.4 e nota).

5

***** 1.5 finas iguarias da mesa real. **Jeoaquim mais tarde recebeu**

tal provisão alimentar, sob o governo do rei babilônio, Evil-Merodaque (2Rs 25.27-30).

10 [1] **1.6 Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Nesses nomes**

pessoais hebraicos, o componente *el* significa "Deus", ao passo que *yah* é uma forma do nome de Deus, "Yahweh" (Sl 50.1, nota). Portanto, Daniel significa "meu juiz é Deus"; Hananias, "Yahweh é gracioso"; Misael, "Quem é o que Deus é?" e Azarias, "Yahweh tem ajudado".

15

* 1.7 Beltessazar... Sadraque... Mesaque... Abede-Nego. **As**

sugestões quanto aos significados desses nomes incluem: Beltessazar, "que Bel proteja a sua vida"; Sadraque, "o mandamento de Acu" (deus-lua dos sumérios); Mesaque, "quem é o que Acu é?" e Abede-Nego é "servo de Nebo" 20 (uma

divindade babilônica). Bel é um outro nome para Marduque, a principal divindade babilônica (cf. 4.8).

* 1.8 não contaminar-se. **Não encontra-se explícita a razão**

para a conclusão de Daniel de que ele e seus amigos se contaminariam por

25 causa da comida do rei. Talvez isso envolvesse a violação das leis dietéticas de Moisés (Lv 11 e 17).

***** 1.15 A sua aparência era melhor. **A obediência a Deus, por**

parte de Daniel e seus amigos, e a recusa deles comprometerem a sua fé em

30 um ambiente pagão, foi recompensada com a bênção divina (cf. Dt 8.3 e Mt 4.4). [2]

desenvolvimento intelectual notável durante seus três anos de educação babilônica.

visões e sonhos. Tendo em mente o que se segue no livro (caps. 2; 4 e 5), 5 Daniel se destaca de seus companheiros pela sua habilidade de interpretar sonhos e visões, mais ou menos como aconteceu a José, estando ele no paláio de Faraó (Gn 40.8 e 41.16).

* 1.18 Vencido o tempo determinado. Isto é, terminados os três

10 anos mencionados no v. 5.

* 1.20 magos e encantadores. O termo traduzido aqui por

"magos" também é usado em Gn 41.8,24 e Êx 7.11. E a palavra aqui traduzida por "encantadores" pode ser encontrada somente aqui e em 2.2, podendo ser

15 traduzida por "feiticeiro" ou "adivinhador". Sem importar o método

usado por esses conselheiros reais para adquirir conhecimento, Daniel e seus amigos foram capazes de demonstrar um discernimento superior sobre as questões nas quais foram interrogados.

20 * 1.21 até ao primeiro ano do rei Ciro. A Babilônia caiu diante de

Ciro em 539 a.C., ou seja 66 anos depois que Daniel fora levado cativo para a Babilônia. Daniel viveu durante o período inteiro do cativeiro babilônico. No primeiro ano de seu governo, Ciro publicou um decreto permitindo que os israelitas voltassem do cativeiro, levando consigo os utensílios do templo que 25 tinham sido tomados por Nabucodonosor (Ed 1.7-11). Essa declaração não quer dizer que Daniel morreu no primeiro ano do reinado de Ciro (10.1).

* 2.1 No segundo ano. Visto que o sistema babilônico começou

a contar o reinado de Nabucodonosor oficialmente no começo do ano seguinte,

30 o "segundo ano" do reinado de Nabucodonosor poderia significar o fim dos três anos de treinamento de Daniel (1.5). De outra sorte, os eventos aqui historiados teriam acontecido durante o treinamento de Daniel.

passou-se-lhe o sono. Era largamente crido, no antigo Oriente Próximo e 35 Médio, que os deuses falavam aos seres humanos por meio de sonhos.

* 2.2 os magos, os encantadores. Ver nota em 1.20.

os feiticeiros e os caldeus. Os "feiticeiros" praticavam a adivinhação ou a 5 feitiçaria (Êx 22.18; Dt 18.10; Is 47.9,12; Jr 27.9). "Caldeus", palavra encontrada aqui, provavelmente significa uma classe de adivinhadores e astrólogos, não sendo o nome de um grupo étnico (conforme se vê em 1.4; 3.8; 5.30 e 9.1).

10 [3] 2.4 em aramaico. Daqui até o fim do cap. 7 do livro, o texto foi

escrito em aramaico, e não em hebraico. Os trechos de Ed 4.8—6.18; 7.12-26 também foram escritos em aramaico. Tem havido muita especulação sobre a razão pela qual esses trechos foram escritos em aramaico, mas não se chegou ainda a nenhuma conclusão comumente aceitável.

15

* 2.5 saber o sonho. Nabucodonosor formulou um teste para

ver se os conselheiros da corte tinham mesmo acesso ao conhecimento oculto, conforme reivindicavam. Se eles não lhe fizessem saber o sonho, então ele não teria confiança na interpretação deles (cf. o v. 9).

20

* 2.11 difícil. Os magos e encantadores confessaram que não

podiam fazer o que o rei lhes solicitara. Somente os deuses têm tais poderes; mas os deuses, segundo eles protestaram, não revelam tais coisas a ninguém (cf. Êx 8.18,19).

25

* 2.18 pedisssem misericórdia ao Deus do céu. Daniel também

percebeu que a sabedoria humana era insuficiente para poder atender à solicitação do monarca (v. 11, nota). Somente a revelação divina poderia prover a resposta.

30

* 2.20 Ver nota teológica, "A Sabedoria e a Vontade de Deus",

índice .

*** 2.22 Ele revela o profundo e o escondido. O cap. 28 do livro**

de Jó é um quadro cuidadosamente traçado da sabedoria que "está encoberta

aos olhos de todo vivente" (Jó 28.21) a qual é inacessível sem a ajuda de

5 Deus.

* 2.24 Não mates os sábios da Babilônia. Daniel exortou o rei a

mostrar-se misericordioso com os sábios da Babilônia, apesar da incapacidade deles
saberem qual o sonho de Nabucodonosor, conforme ficara claramente

10 demonstrado.

*** 2.28 há um Deus no céu, o qual revela mistérios. Da mesma**

forma que José tinha feito no Egito (Gn 40.8; 41.16), assim também Daniel

atribuiu a Deus seu conhecimento sobre o sonho de Nabucodonosor. O Deus

15 de Daniel revelara ao jovem Daniel o que a astrologia, a magia e as artes ocultas não tinham podido descobrir.

nos últimos dias. Essa expressão parece variar em significado do "tempo do fim", tecnicamente chamada "o eschaton" (Ez 38.16), até, simplesmente o 20 futuro em geral (Gn 49.1; Dt 4.30; 31.29).

* 2.32,33 ouro... ferro... barro. Há uma diminuição progressiva no

valor dos materiais na imagem, da cabeça para os pés.

25 [4] 2.34 pés de ferro e de barro. Alguns intérpretes vêem a mistura

de ferro e barro, nos pés da imagem, como representativa de uma segunda fase do quarto reino, diferente das pernas de ferro sólido (cf. os vs. 41-43).

7, ajustam-se, historicamente, à anterior estrutura de um império combinado medo-persa, deixando a Grécia como o terceiro, e Roma como o quarto reino. Dario apelou à única "lei dos medos e dos persas" (Dn 6.12; cf. 5.28), concorda com a primeira ordem dos quatro impérios mundiais.

5

* 2.43 misturar-se-ão... mas não se ligarão um ao outro. Os

elementos formadores do quarto reino não poderão preservar sua união. Uma interpretação possível da imagem é que o ferro representa a cultura e as leis da Roma imperial, enquanto que o barro representa as tradições políticas e 10 sociais divergentes das suas muitas partes formadoras. O quarto reino, embora poderoso, será temporário.

* 2.44 nos dias destes reis. A interpretação mais natural é que

os reis são os governantes das quatro potências mundiais que compõem a

15 imagem que acaba de ser descrita. A outra possibilidade é que eles são uma seqüência de diversos governantes somente do quarto reino.

um reino que não será jamais destruído. O reino eterno será o reino de nosso Senhor Jesus Cristo (Is 9.7; Lc 1.33; Hb 1.8; Ap 11.15). Esse reino foi 20 inaugurado e pregado por ocasião do primeiro advento de Cristo (Mc 1.15; Mt 12.28; 24.14), mas que só chegará à sua plenitude por ocasião do segundo advento de Cristo. Ver "O Reino de Deus", índice.

*** 2.46 o rei Nabucodonosor... se prostrou rosto em terra**

25 perante Daniel. Em uma reversão de papéis, Daniel foi exaltado a uma

posição de honra pela intervenção do Senhor em seu favor. Quanto à reação do rei, compare At 14.11 e Ap 22.8. [5]

o Senhor dos reis. Nabucodonosor reconheceu aqui que o Deus de Israel é o Deus supremo sobre os governantes e os reinos humanos. Esse é o tema unificador de Dn 1—6 (Introdução: Características e Temas).

5 [5] 2.48 de toda a província da Babilônia. O império da Babilônia

estava dividido em províncias. Daniel foi nomeado governante (cf. 3.2) da província onde estava a capital do império. José e Mordecai também foram elevados, como judeus, ao poder político em uma terra estrangeira. Ver Gn 41.37-44 (José) e Et 8.1,2 (Mordecai).

10

* 3.1 uma imagem de ouro. Embora as proporções da largura

pudessem sugerir um obelisco, e não uma estátua, o monumento é chamado de "imagem". Provavelmente, tratava-se de uma figura em pé sobre um pedestal. Provavelmente, era banhado a ouro, pois a imagem se parecia muito

15 com aquela descrita em Is 40.19; 41.7; Jr 10.3-9.

no campo de Dura. Provavelmente a 10 km ao sul da cidade da Babilônia.

* 3.2 sátrapas... oficiais. Não são conhecidas as

20 responsabilidades precisas desses diferentes oficiais. Cinco dos sete termos

são de origem persa, o que parece indicar que Daniel não terminou de escrever o relato senão depois do começo do governo persa, que se deu em 539 a.C.

*** 3.5 o som da trombeta... do saltério. Dentre os seis**

25 vocábulos usados para indicar instrumentos musicais, os três traduzidos aqui

por "harpa", "saltério" e "gaita de foles" foram tomados por empréstimo dos gregos. Isso não é de surpreender, visto que a troca internacional de músicos e instrumentos musicais, nas cortes reais, era um costume de longa data. A presença desses três termos gregos não estabelece que a narrativa tivesse 30 sido escrita após o tempo de Alexandre o Grande, conforme tem sido, algumas vezes, argumentado. [6]

* 3.8 caldeus. Ver 2.2 e nota; aqui, "caldeus" provavelmente

indica a questão da nacionalidade. Os informantes tinham preconceitos contra os judeus (v. 12; cf. Et 3.5,6), provavelmente porque tinham inveja da posição

5 privilegiada dos judeus.

* 3.12 Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Ver nota em Dn 1.7.

Ou Daniel não estava presente ou foi isentado, por causa de sua elevada posição, de ter que demonstrar a sua lealdade (2.48,49).

10

* 3.15 quem é o deus. Da perspectiva politeísta de

Nabucodonosor, não havia deus capaz de tal livramento. Sem sabê-lo, Nabucodonosor desafiou o poder do Deus de Israel.

15 [7] **3.17,18 Se... quer livrar-nos... Se não... Estes versículos**

expressam o tema central deste capítulo. A idéia não é que Deus sempre protegerá o seu povo dos danos físicos (Is 43.1,2). Ele pode fazer isso, e, sem dúvida, é capaz de tanto. A idéia central é que o povo de Deus devia ser obediente a ele, sem importar quais as conseqüências.

20

* 3.25 um filho dos deuses. Como Nabucodonosor reconheceu a

quarta pessoa na fornalha, como um ser divino, não ficou explicado (v. 28, nota). Talvez a aparição miraculosa foi, por si mesma, suficiente para que o rei tivesse chegado a essa conclusão.

25

* 3.26 Deus Altíssimo. Esse é um título que exprime a autoridade

universal de Deus. Tal como no v. 29 em 2.47, tal confissão, nos lábios de um pagão, não era o reconhecimento que o Senhor de Daniel era o único Deus, mas tão-somente que ele era supremo sobre todos os deuses (4.2,17,34). Para

30 um judeu, porém, isso significa que só existe um Deus (4.24-32; 5.18,21; 7.1827).

3.2). Deus prometeu a sua presença, quando Israel passasse pelo fogo (Is 43.1-3).

* 4.1 O rei Nabucodonosor. Esse incidente final, no livro de

5 Daniel, associado com Nabucodonosor deve ser colocado perto do fim do seu

reinado de quarenta e três anos, quando seus projetos de construção estavam terminados e o seu poder estava no auge (cf. vs. 4, 30). Ele representa o mais poderoso reino da terra (vs. 10-12, nota) em oposição ao governo do Deus Altíssimo. Os registros babilônicos de longos períodos de ausência e de atos 10 blasfemos por parte do rei Nabonido (governou entre 556 e 539 a.C.; 5.1, nota) assemelha-se, de algumas maneiras, à narrativa de Daniel sobre Nabucodonosor. Uma outra composição escrita, chamada "Oração de Nabonido", foi descoberta entre os Papiros do Mar Morto, (documentos escondidos antes do ano 70 d.C. por uma comunidade judaica em Qumran e 15 encontrados em 1947). Essa "oração" também é semelhante àquilo que Daniel disse sobre Nabucodonosor. Nabonido foi separado da sociedade por um período de sete anos, tendo sido restaurado com a ajuda de um exilado judeu após a confissão de seus pecados. Entretanto, a sua aflição é descrita como uma forma de enfermidade da pele, e não como um distúrbio mental.

20

* 4.2 Deus, o Altíssimo. Ver notas em 2.47; 3.26. [8]

* 4.10-12 Uma árvore. Ver Ez 31 quanto a uma extensa descrição da

Assíria que usa a figura de uma árvore. Um simbolismo imaginário é usado tanto com relação a indivíduos justos quanto indivíduos ímpios, e também sobre nações (Sl 1.3; 37.35; 52.8; 92.12; Jr 11.16,17 e 17.8).

5

* 4.11 a sua altura chegava até ao céu. A palavra "céus" é um

vocábulo chave neste capítulo. Embora o reino de Nabucodonosor chegasse em sua altura, da terra ao céu, os céus condenavam o seu orgulho, relembrando-lhe que sua autoridade e até sua sanidade mental eram dádivas

10 de Deus.

* 4.13 vigilante. Um nome usado somente aqui no Antigo

Testamento para indicar um anjo.

15 [8] 4.16 e lhe seja dado coração de animal. O distúrbio mental

mediante o qual uma pessoa se imagina um animal é chamado de "zoantropia" (um nome composto das palavras gregas que significam "animal" e "homem").

passem sobre ela sete tempos. Isso significa sete períodos de duração não-20 especificada (cf. vs. 23 e 25) como estações, anos ou meses.

* 4.22 és tu, ó rei. Com essa declaração, mais ou menos como

Natã fizera com Davi (2Sm 12.7), Daniel aplicou o sonho a Nabucodonosor.

25 [8] 4.25 a tua morada será com os animais do campo. Com

detalhes nítidos, Daniel explicou como a mente de Nabucodonosor entraria em colapso. Ele seria privado de seu trono, e perderia a sua dignidade de ser humano, criado para controlar os animais, e não para imitá-los.

30 o Altíssimo tem domínio. O propósito da humilhação de Nabucodonosor era o de compelí-lo a reconhecer a soberania de Deus. [9]

que o céu domina. Ver referência lateral. Essa é a primeira vez nas Escrituras onde a palavra "céu" é usada como substituição para "Deus" (4.37). Cf. Mt 5.3 com Lc 6.20.

* 4.34,35,37 Embora Nabucodonosor confesse a soberania de Deus, ele não confessa a crença que o Deus de Israel é o único Deus. Ver nota teológica, "Deus Reina: A Soberania Divina", índice .

10 * 4.37 Rei do céu. Esse título ímpar sintetiza o tema do capítulo:

o governo divino, exercido do céu (vs. 3,26 e notas).

* 5.1 O rei Belsazar. O nome "Belsazar" significa "Bel protege o

rei" (não deve ser confundido com "Beltessazar", o nome babilônico que foi

15 dado a Daniel (1.7, nota). Com base em fontes babilônicas sabemos que Belsazar foi encarregado dos negócios na Babilônia, enquanto seu pai, Nabonido, o último rei da Babilônia, passava extensos períodos de tempo em Tema, na Arábia. Os acontecimentos deste capítulo ocorreram em 539 a.C., o ano em que os babilônios caíram diante dos persas, quarenta e dois anos 20 depois da morte de Nabucodonosor, em 563 a.C.

* 5.2 bebia e apreciava o vinho. Sob a má influência do vinho,

Belsazar cometeu um ato de sacrilégio.

25 seu pai. O pai verdadeiro de Belsazar era Nabonido, e não Nabucodonosor. Mas não era incomum que os termos "pai" (vs. 11, 13 e 18) e "filho" (v. 22) fossem usados, respectivamente como

equivalentes a "antepassado" (referência lateral) e "descendente".

30 * 5.4 deram louvores aos deuses. Os utensílios do templo de

Jerusalém foram contaminados, não somente por terem sido utilizados para finalidades profanas, mas também por terem sido usados para honrar os deuses falsos da Babilônia.

*** 5.7 os encantadores, os caldeus e os feiticeiros. Ver notas**

em 1.20; 2.2; cf. 2.27 e 4.7.

me declarar a sua interpretação. Uma vez mais, um rei requereu a ajuda de 5 Daniel para que compreendesse uma mensagem que Deus endereçara a ele (2.5, nota).

terceiro no meu reino. Ou seja, próximo, quanto à autoridade, a Nabonido e Belssazar (5.1, nota). O "terceiro no reino" é a designação oficial de uma alta 10 autoridade, embora não necessariamente a literal terceira autoridade no trono.

* 5.10 A rainha-mãe. Uma das poucas mulheres a terem poder

significativo nas cortes reais da antiguidade (cf. 1Rs 15.3; 2Rs 11.1-3; 24.12; Jr 13.18).

15

* 5.11 o espírito dos deuses santos. Ver nota em 4.8. Não é de

surpreender que a rainha-mãe estivesse mais familiarizada com a vida e a proeminência de Daniel do que o estava Belsazar. Daniel andaria na sua nona década de vida em 539 a.C. Ele tinha sido trazido para a Babilônia, sessenta e

20 seis anos antes, quando jovem (605 a.C.; 1.1, nota).

acreditam que estava aqui evitando a pressão real para que modificasse sua terrível mensagem (Nm 22.18 e Mq 3.5,11).

* 5.18 Nabucodonosor, teu pai. Ver nota no v. 2.

5

* 5.21-28 Ver "Deus Reina: A Soberania Divina", índice.

* 5.21 Deus, o Altíssimo, tem domínio. Essa declaração resume

a teologia do livro de Daniel (Introdução: Características e Temas).

10

* 5.22 que és seu filho. Ver nota no v. 2.

ainda que sabias tudo isto. Visto que o rei estava sem desculpa, até mais do que o seu pai, o tempo da misericórdia tinha passado (contrastar um caso 15 diferente em 1Tm 1.13).

* 5.24 Então. A escrita na parede foi a resposta de Deus ao

desafio arrogante apresentado pelo orgulho de Belsazar e seu desafio ao Deus que tinha demonstrado sua existência e soberania nos dias de Nabucodonosor.

20

* 5.25 MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. O aramaico, tal como

o hebraico, usualmente era escrito sem as vogais, e essa brevíssima inscrição teria sido ambígua.

25 * 5.26 MENE. Essa palavra aramaica poderia ser um verbo com o

sentido de "contado", ou um substantivo que significa "mina", uma

unidade de valor monetário. Daniel leu-a como se fosse verbo, para indicar que a duração do reinado de Belssazar tinha sido determinada por Deus, e estava prestes a terminar (Jr 50.18).

30

* 5.27 TEQUEL. Esse vocábulo também é um verbo ou um

substantivo. Daniel leu-o como um verbo com o sentido de "pesado", significando que Belsazar não estava à altura dos padrões divinos de retidão.

***** 5.28 PERES. **Se os convidados ao banquete entenderam os três**

termos como substantivos que indicavam várias unidades de dinheiro (*mina,* **ou sessenta siclos;** *tequel,* **um siclo;** *peres,* **meio siclo), não é de surpreender que não tenham podido entender a inscrição.**

5

medos e aos persas. **Ver Introdução: Data e Ocasião.**

***** 5.29 mandou Belsazar. **À semelhança de Nabucodonosor,**

Belsazar honrou a Daniel (2.48), mas, diferentemente de seu antecessor, ele

10 não honrou o Deus de Daniel (2.46,47).

***** 5.30 foi morto Belsazar. **Não se sabe como Belsazar foi**

executado. Entretanto, os historiadores gregos Heródoto e Xenofonte deixaram registrado que a Babilônia foi conquistada de surpresa, pelos persas, enquanto

15 os babilônios se ocupavam da orgia e das danças.

* 5.31 Dario, o medo. **Há muito tempo vem sendo alegado que**

essa e outras referências a Dario, o medo, no livro de Daniel (6.1,6,9,25,28; 9.1 e 11.1) são equívocos históricos. Quanto a esse debate, ver nota em 6.1).

20

com cerca de sessenta e dois anos. **É provável que uma mina pesasse sessenta siclos. Isso, com o siclo e os dois meios-siclos (v. 25, nota), resultava em sessenta e dois; visto que essa era a idade de Dario, é possível que ele tivesse sido referido na profecia.**

25

* 6.1 Dario. **Ver nota em 5.31. Dario, o medo, não aparece nos**

informes históricos fora das Escrituras, e também não há intervalo de tempo entre Belsazar e Nabonido (5.1, nota) e a ascensão ao trono de Ciro, da Pérsia. Os estudiosos têm sugerido que "Dario, o medo" pode ter sido: um nome oficial

30 para Ciro, o fundador do império persa (v. 28, nota); um título; ou uma designação de Gobrias, um general que foi infiel a Nabucodonosor e se bandeou para Ciro, posteriormente capturando a cidade da Babilônia. Ciro fez de Gobrias o governador dos territórios que os persas tomaram dos babilônios.

35 * 6.3 nele havia um espírito excelente. **Ver 1.17; 4.8 e 5.12.**

* 6.5 lei do seu Deus. Os adversários de Daniel sem querer,

afirmaram não somente a sua integridade moral, mas também a natureza visível de sua piedade e dedicação ao Deus de Israel.

5

* 6.7 concordaram. A inverdade dessa declaração era que

Daniel também tinha concordado com a proposta. Esses oficiais mostraram-se hipócritas em sua aparente lealdade a Dario. O esquema deles foi a tentativa de manipular o imperador, visando o próprio desígnio deles.

10

... qualquer deus... e não a ti. A proposta pareceria a Dario como uma proposta mais política do que religiosa, servindo para consolidar a sua autoridade sobre territórios recém-conquistados.

15 [10] 6.8 segundo a lei dos medos e dos persas. A imutabilidade

da lei desses povos irmãos também é confirmada nos escritos extra-bíblicos. O efeito do decreto era criar um conflito, para Daniel, entre a lealdade a Deus e a obediência ao governo humano.

20 [10] 6.10 punha de joelhos. Ficar em pé pode ter sido uma postura

regular em oração (1Cr 23.30; Ne 9.2-5), enquanto que a posição de orar de joelhos era reservada para circunstâncias de solenidade específica (1Rs 8.54; Ed 9.5; Sl 95.6; Lc 22.41; At 7.60 e 9.40), por ser um sinal de humildade.

25 como costumava fazer. É evidente que os hábitos de oração de Daniel tinham-se tornado públicos.

* 6.13 dos exilados de Judá. Essa identificação étnica de Daniel

talvez indique preconceitos contra os judeus, por parte dos outros oficiais de

30 Dario (3.8).

* 6.16 O teu Deus... que ele te livre. Contra sua própria vontade,

Dario foi forçado a submeter-se ao decreto. Não obstante, ele confiava que o Deus de Daniel interviria em favor de seu servo fiel.

5

* 6.17 selou-a o rei com o seu próprio anel. Anéis de selar e

cilindros de selar eram usados pelos assírios, babilônios e persas. O cilindro de selar era pressionado sobre a argila ainda mole, para deixar nela a marca do proprietário do selo. Romper esses selos era uma violação da lei.

10

* 6.22 O meu Deus enviou o seu anjo. Possivelmente, embora

isso não se faça necessário no contexto, temos aqui uma menção ao Anjo do Senhor. Ver nota em 3.28.

15 [11] 6.23 o rei... mandou. Dario podia mandar tirar a Daniel da cova,

sem violar o decreto, visto que as exigências da lei se tinham cumprido.

* 6.26 um decreto. Cf. 2.47; 3.28,29; 4.2,3,34-37; 5.18-29. Tal

como nas narrativas anteriores, Deus exibiu a sua soberania mediante o

20 controle sobre a natureza e a história, sobre os reinos e os reis. O decreto é um testemunho eloqüente ao "Deus vivo” e seu reino indestrutível. Esse é um reconhecimento oficial ao Deus de Daniel, embora não reflita necessariamente a fé salvífica por parte de Dario.

25 [11] 6.28 Daniel, pois, prosperou. Embora o governo imperial tenha

trocado de mãos, o favor de Deus sustentou a Daniel e deu prosseguimento à sua autoridade.

* 7.2 mar Grande. O mar é uma figura comum para o tumulto agitado e

perigoso de homens e nações pecaminosas (ver o v. 17; cf. Is 17.12,13 e 57.20).

[1]

1.4 a cultura... dos caldeus. A escrita dos caldeus era feita com

caracteres cuneiformes modelados com a ajuda de um estilete sobre a argila

35 mole, que mais tarde era levada ao forno, para torná-la um documento

[2]

1.17 Deus deu o conhecimento e a inteligência. **A bênção**

35 divina não se limitou ao bem-estar físico, mas incluiu, igualmente, um

[3]

2.21 remove reis e estabelece reis. Daniel aludiu aqui ao

35 conteúdo do sonho de Nabucodonosor.

[4]

2.37-40 rei de reis... O quarto reino. Os quatro reinos têm sido

30 geralmente entendidos desde Josefo (século I d.C.) como sendo os impérios da

Babilônia, medo-persa, Grécia e Roma. Mas outros os entendem como sendo os reinos da Babilônia, da Média, da Pérsia e da Grécia, uma seqüência em consonância com o ponto de vista crítico segundo o qual o livro foi escrito, depois dos fatos, por uma testemunha viva durante o período da ascendência 35 dos gregos, no Oriente Médio. Entretanto, os símbolos dos animais, em Dn 7.4-

5

2.47 Deus dos deuses. A declaração de Nabucodonosor não

30 significa, necessariamente, que ele tivesse reconhecido o Deus de Israel como

sendo o único Deus. A sua exclamação reconheceu tão-somente que o Deus de Israel é superior aos outros deuses.

6

3.6 lançado na fornalha de fogo ardente. Fornalhas eram

usadas na Babilônia para cozer tijolos (Gn 11.3). Mas execuções na fornalha

35 não eram incomuns (Jr 29.22; cf. Heródoto 1.86; 4.69; 2Macabeus 7).

7

3.28 anjo. O "Anjo" pode ser identificado com o Anjo do Senhor

(Gn 16.7). Nesse caso, teria sido uma manifestação visível do próprio

Deus (Êx

8

4.3 Quão grandes. A confissão de Nabucodonosor, neste

versículo e nos vs. 34 e 35 comunica o tema central do livro de Daniel, a saber,

25 a absoluta soberania do Deus de Israel.

* 4.6,7 Ver notas em 1.20 e 2.2.

* 4.8 Beltessazar. Ver nota em 1.7.

30

o espírito dos deuses. O Espírito Santo era o autor imediato do extraordinário poder de Daniel para conhecer e interpretar segredos (2.19, nota). As palavras de Nabucodonosor concordam com isso, embora ele pudesse estar pensando em um outro deus conhecido por ele, e não no Deus de Daniel.

9

4.26 o teu reino tornará a ser teu. A Nabucodonosor foi

prometido que a despeito da severidade e a duração de sua enfermidade, ele

35 recuperaria o trono, quando reconhecesse a soberania de Deus.

10

6.14 determinou consigo mesmo livrar a Daniel. Dario

percebeu imediatamente que ele havia se tornado uma vítima das intrigas de seus próprios oficiais que queriam que Daniel caísse em

uma armadilha. A

35 lealdade de Dario a Daniel permaneceu inabalável.

11

7.1 No primeiro ano de Belsazar. Ver nota em 5.1. A

30 administração de Belsazar, sob Nabonido, pode ter começado ao mesmo

tempo em que seu pai subiu ao trono (556 a.C.), ou alguns poucos anos depois. Em ambos os casos as visões dos caps. 7 e 8 aconteceram cronologicamente entre os caps. 4 e 5.

5 [1] 7.3 Quatro animais, grandes. Esses quatro "animais"

representam quatro reinos (vs. 17,23), correspondendo de perto com os quatro reinos do sonho de Nabucodonosor, no segundo capítulo do livro de Daniel. Quanto à identificação dos quatro reinos, ver nota em Dn 2.37-40 e Introdução: Data e Ocasião.

10

* 7.4 como leão. O "leão", com "asas de águia", era um símbolo

apropriado do império babilônico (cf. Jr 50.44; Ez 17.3,12). Leões alados com rostos humanos eram comuns na arte dos babilônios e eram colocados à entrada de importantes edifícios públicos.

15

foram-lhe arrancadas as asas. Talvez essa seja uma referência à humilhação de Nabucodonosor e à sua restauração à saúde, após um período de sete anos de insanidade (cap.4).

20

[1] 7.5 o segundo animal, semelhante a um urso. O

persa é simbolizado aqui por um animal dotado de um apetite voraz. O lado levantado pode representar a posição superior da Pérsia, e as "três costelas" provavelmente representa as conquistas persas da Lídia (546 a.C.), da Babilônia (539 a.C.) e do Egito (525 a.C.). Ver nota em 8.3.

25

*** 7.6 outro, semelhante a um leopardo. O império grego é**

simbolizado pelo "leopardo", conhecido pela sua velocidade no ataque. Alexandre o Grande (356—323 a.C.) conquistou o império persa com grande rapidez. Alexandre morreu de repente, com a idade de trinta e três anos, e o

30 império que ele estabeleceu foi dividido em quatro partes (a Macedônia ficou com Cassandro; a Trácia e a Ásia Menor, com Lisímaco; a Síria, com Seleuco; e o Egito, com Ptolomeu).

* 7.7 o quarto animal. Esse animal, que não é identificado, representa "Roma", o reino que, finalmente, assimilou as várias divisões do reino grego dividido.

5 tinha dez chifres. Os "dez chifres" simbolizam dez reis ou reinos associados com o império romano (v. 24). Alguns intérpretes têm sugerido que uma segunda fase do quarto reino, um império romano reavivado deve ser esperado, do qual procederão os dez chifres, ou todos ao mesmo tempo, ou um depois do outro (2.44, nota; cf. Ap 13.1-10; 17.3,12).

10

* 7.8 outro pequeno. Os dez chifres aparecem antes do

"pequeno chifre", que arrancará três dos dez, simbolizando outra face do quarto reino. Muitos intérpretes têm sugerido que o "pequeno chifre" representa o "anticristo" (2Ts 2.3,4,8). Essa seria a primeira referência ao anticristo nas

15 Escrituras.

* 7.9 o Ancião de dias se assentou. O título "Ancião de dias"

ocorre na Bíblia somente neste capítulo (vs. 13 e 22). Trata-se de uma designação de Deus no seu trono de julgamento.

20

o seu trono... suas rodas. A descrição do trono de Deus assemelha-se ao que Ezequiel viu em sua visão sobre o trono com rodas de Deus (Ez 1.15-28).

* 7.11,12 Um contraste é traçado entre a completa destruição do

25 quarto reino e uma certa medida de continuação concedida aos três reinos

anteriores, quando seu povo e seus costumes forem absorvidos nos reinos sucessivos. [1]

homem" é usada por sessenta e nove vezes nos evangelhos sinóticos e por doze vezes no evangelho de João para referir-se a Cristo. Esse é o título que Jesus usou com maior frequência para indicar a si mesmo.

5 vinha com as nuvens do céu. Em outras porções do Antigo Testamento, somente Deus Pai aparece entre nuvens (Sl 104.3; Is 19.1). De acordo com esse princípio, o "Filho do homem" é originário do céu e virá por iniciativa divina.

10 [1] 7.14 os povos... o servissem. O "Filho do homem" é Cristo, o

Messias. Jesus aplicou essa passagem à sua pessoa, e ao fazê-lo, isso levou os líderes religiosos de Israel, em seus dias, a acusá-lo de blasfêmia (Mt 26.64,65; Mc 14.62-64).

15 domínio eterno. Ele recebe a soberania de Deus e exerce o governo simbolizado pela pedra que caiu do céu, dentro do sonho de Nabucodonosor (Dn 2.34,35,44 e 45).

* 7.18 os santos do Altíssimo. Ver os vs. 21, 22, 25, 27. Os

20 "santos" não eram anjos, mas homens e mulheres crentes em Deus, que compartilharão do reino de Cristo (Mt 19.28; 1Co 6.1-3;

1Tm 2.12 e Ap 22.5).

* 7.21 este chifre fazia guerra contra os santos. Daniel nos

presta mais algumas informações sobre a hostilidade do pequeno chifre, que

25 talvez seja o anticristo (v. 8), contra o povo de Deus (cf. Ap 13.7). [2]

mas consideram-na um período de tempo que é abreviado por causa da intervenção de Deus.

* 7.27 santos do Altíssimo. Ver nota no v. 18.

5

* 8.1—12.13 Daniel volta a escrever em hebraico nos últimos cinco capítulos. Ele tinha usado o aramaico entre 2.4 e 7.28 (2.4, nota).

*** 8.1 No ano terceiro do reinado do rei Belsazar. Ou seja, dois**

10 anos após o sonho tido por Daniel, no sétimo capítulo de seu livro (7.1, nota).

* 8.2 pareceu-me estar. Daniel fez uma jornada visionária

parecida com a de Ezequiel (Ez 3.10-15).

15 na cidadela de Susã. Nos tempos de Daniel, Susã (ou Susa) era a capital do Elão, a cerca de 360 km a leste da Babilônia. Não fica claro se Elão era uma nação independente, ou aliada à Babilônia ou à Média. Mais tarde, entretanto, na qualidade de uma das três cidades reais, Susã tornou-se o centro diplomático e administrativo do império persa (cf. Ne 1.1 e Et 1.2).

20

rio Ulai. Esse canal, próximo de Susã, ligava dois rios que fluíam para o golfo Pérsico.

*** 8.3 um carneiro... o qual tinha dois chifres. De acordo com o**

25 v.20, o carneiro e seus dois chifres representavam os reis do império medo-

persa.

um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. A história do império medo-persa esclarece o simbolismo. Os medos tornaram-se 30 independentes da Assíria depois do ano 612 a.C. Os persas estavam sob o controle dos medos, mas finalmente tornaram-se proeminentes quando Ciro de Ansã derrotou seu suserano medo, em 550 a.C. Ciro (que governou entre 559 e 530 a.C.), chamava a si mesmo de "Rei do Mundo".

*** 8.4 dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o**

sul. Ou seja, suas costas estavam voltadas para o oriente, de onde ele tinha vindo (Is 41.2). Ciro primeiramente conquistou a Ásia Menor, e então o norte e o sul da Mesopotâmia. Governantes subseqüentes estenderam o controle

5 medo-persa bem para oriente.

se engrandecia. O império persa se tornou maior do que qualquer outro império anterior da história do Oriente Médio.

10 [3] 8.5 um bode vinha do ocidente... tinha um chifre notável

entre os olhos. De acordo com o v. 21, o bode representava a Grécia, e o grande chifre que ele tinha entre os olhos representava o seu

primeiro monarca. Esse simbolismo retrata claramente o império grego de Alexandre o Grande (356—323 a.C.).

15

sobre toda a terra, mas sem tocar no chão. Essas palavras descrevem a notável velocidade e extensão das conquistas de Alexandre (7.6, nota). Em apenas três anos, ele derrotou o poderoso império persa.

20 [3] **8.8 O bode se engrandeceu sobremaneira. O império de**

Alexandre, o Grande, logo ultrapassou o império persa em extensão territorial. Aí por volta de 327 a.C., Alexandre tinha chegado ao atual território do Afeganistão, e então chegou ao rio Indo.

25 na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre. Alexandre morreu na

Babilônia, com a idade de 33 anos.

em seu lugar saíram quatro chifres notáveis. De acordo com o v. 22, esses chifres são quatro reinos que emergiram do império de Alexandre, mas que 30 eram inferiores ao mesmo quanto à força. Após um período de conflitos internos, quatro dos generais de Alexandre tomaram porções do império grego, como seus próprios reinos. Ver nota em Dn 7.6.

levantaria de um dos quatro reinos gregos, após um longo intervalo de tempo ("no fim do seu reinado"). As descrições das ações desse governante (vs. 9-14 e 23-25) indicam que esse rei foi Antíoco IV Epifânio, governante do reino selêucida de 175—164 a.C. Esse "chifre pequeno" deve ser distinto daquele 5 outro "chifre pequeno" de Dn 7.8, se esse capítulo refere-se ao período romano, e não ao período grego.

para a terra gloriosa. Ou seja, na direção da Palestina.

10 * 8.10 o exército dos céus. O "exército dos céus" ou as

"estrelas" (cf. Jr 33.22) simboliza o povo de Deus (cf. 12.3; Gn 15.5) ou um exército celestial (Is 14.13; ver também 2Macabeus 9.10). O ataque contra o povo de Deus equivale a um ataque contra o próprio céu.

15 a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e o s pisou. Essa é uma descrição simbólica da severa perseguição do povo de Deus sob Antíoco IV Epifânio, o qual tentou abolir a adoração tradicional deles e seu modo de viver, tentando helenizá-los (11.21-35 e 1Macabeus 1.10-64 quanto a detalhes adicionais; ver também Introdução ao Período Intertestamentário).

20

* 8.11 até ao príncipe do exército. O "príncipe" deve ser

entendido como sendo o próprio Deus (ver o v. 25, onde a designação é "Príncipe dos príncipes"). Antíoco IV adotou o título de Epifânio ("Deus manifestado") e pensava em si mesmo como uma manifestação de Zeus.

25

tirou o sacrifício diário. Ver os vs. 12, 13 e 11.31. Antíoco IV sumariamente proibiu todas as cerimônias e a adoração a Deus no templo de Jerusalém e nas cidades de Judá.

30 o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. Antíoco IV entrou no Santo dos Santos e saqueou os utensílios de prata e de ouro. Ele erigiu um altar ao Zeus do Olimpo sobre o altar de Deus no átrio do templo e ali sacrificou porcos (11.31, nota).

* 8.12 deitou por terra a verdade. Entre as suas transgressões,

Antíoco IV destruiu cópias das Escrituras (IMacabeus 1.56,57).

e o que fez prosperou. A visão de Daniel retrata o aparente sucesso dos atos 5 ímpios de Antíoco IV, o pequeno chifre.

*** 8.14 Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Cf. "a visão**

da tarde e da manhã", no v. 26. Mas alguns intérpretes vêem isso simplesmente como uma referência aos sacrifícios vespertinos e matinais como

10 oferendas separadas (cf. Êx 29.38-42). Nessa base, isso representaria 1.150 dias, mas esses sacrifícios em pares eram tradicionalmente considerados como sendo uma única oferenda diária. Outros compreendem a questão como simplesmente uma expressão para indicar 2.300 dias. Visto que as perseguições movidas por Antíoco IV podem ser vinculadas a qualquer um 15 entre vários incidentes ocorridos, a começar em 171 a.C. e terminando com a rededicação do templo, em 164 a.C., é difícil determinar qual compreensão da frase deve ser preferida. A multiplicação do número 23 pode ser simplesmente um símbolo de um período fixo como nos apocalipses extrabíblicos (cf. as "sessenta e nove" — 23 x 3 — semanas, em 9.25,26).

20

e o santuário será purificado. O templo foi purificado e rededicado sob a liderança de Judas Macabeus, em dezembro de 164 a.C. (11.34, nota; cf. Zc 9.13-17).

25 * 8.16 Gabriel. Esse anjo é mencionado quatro vezes nas

Escrituras (aqui e em Dn 9.21; Lc 1.19,26). Esse nome significa

"poderoso de Deus" ou "Deus é poderoso".

* 8.17 filho do homem. Ver nota em 7.13. O "forte homem de

30 Deus" estava falando para esse distinto "mortal".

tempo do fim. Ver também o v. 19 ("esta visão se refere ao tempo determinado do fim"). Essa expressão não é necessariamente escatológica (referente ao fim da história). Ela ocorre em 11.27,35, em contextos que, claramente, não são

escatológicos. Aqui o "fim" pode ser o final das perseguições movidas por Antíoco IV.

* 8.19 tempo da ira. O "tempo da ira" pode referir-se ao período

5 do julgamento divino de Israel, durante a subjugação deles aos babilônios, aos

persas e aos gregos.

* 8.20 carneiro. Ver notas nos vs. 3 e 4.

10 [4] 8.21 o bode peludo... o chifre grande. Ver notas nos vs. 5 e 8.

* 8.22 levantando-se quatro. Ver nota no v. 8.

* 8.23-25 Ver notas nos vs. 9-14. Alguns intérpretes percebem o

15 anticristo nas descrições sobre o "pequeno chifre", neste capítulo. Antíoco IV é

visto como um tipo que aponta para uma manifestação posterior do poder de Satanás, na pessoa do anticristo.

* 8.25 o Príncipe dos príncipes. Essa é uma referência a Deus

20 (v. 11, nota).

sem esforço de mãos humanas. Antíoco IV morreu de desordens nervosas físicas, em 164 a.C. Quanto à narrativa de sua morte, ver 1Macabeus 6.1-16 e 2Macabeus 9.

25

* 8.26 preserva a visão. O termo hebraico aqui traduzido por

"preservar" pode significar autenticar ou certificar alguma coisa, ou mesmo fechar para manter seu conteúdo confidencial e a salvo. O segundo sentido parece melhor neste contexto (6.17, nota).

30

se refere a dias ainda mui distantes. As conquistas de Alexandre (333—323 a.C.) ocorreram mais de dois séculos depois de Daniel ter recebido as suas visões (cerca de 550 a.C.). As atividades de Antíoco IV ocorreram cerca de um século e meio depois de Alexandre (171—164 a.C.).

* 9.1-27 Daniel conta a revelação que recebeu a respeito da profecia de

Jeremias acerca dos setenta anos de desolação de Jerusalém (Jr 25.11,12; 29.10). Significativamente, a revelação segue-se à oração de Daniel que confessou a pecaminosidade do povo de Deus e viu justiça na desolação de

5 Jerusalém, e que buscou o favor de Deus visando a restauração da cidade e do seu templo.

*** 9.1 No primeiro ano de Dario, filho de Assuero. Ver nota em**

6.1. A palavra "Assuero" (não o mesmo indivíduo mencionado em Et 1.1) pode

10 ser um título real, e não um nome pessoal. O primeiro ano de Dario foi 539 a.C.

*** 9.2 assolações de Jerusalém, era de setenta anos. Os**

intérpretes divergem quanto ao começo e o fim do período de setenta anos, ou se isso deve ser entendido como um número arredondado para uma vida 15 humana ou se se trata de exatamente setenta anos. Alguns estudiosos datam o período a partir de 586 a.C. (quando Jerusalém foi destruída por Nabucodonosor), até 516 a.C., quando a restauração do templo foi terminada por Zorobabel (Ed 6.13-18). Outros estudiosos datam o começo do período ao ano do próprio cativeiro de Daniel (605 a.C.; 1.1, nota). o que sugeriria que 20 Daniel reconheceu que o fim dos setenta anos estava iminente. [4]

*

9.21

o homem Gabriel. Ver nota em 8.16.

***** 9.24-27 **A interpretação destes versículos é discutida em muitos**

pontos particulares. Há duas abordagens fundamentais quanto à interpretação das semanas (lit., "setes"): períodos simbólicos de tempo ou períodos literais de tempo. No ponto de vista simbólico os setenta anos de punição (v. 2) foram

5 multiplicados por sete vezes em consonância com as maldições da aliança (Lv 26.18,21,24,28). O livro *Jubileus,* **um livro judaico pertencente ao período entre os Testamentos, também estrutura a história em períodos de 490 anos. Os defensores do ponto de vista literal caem em três categorias. Tal como outras profecias de Daniel, alguns estudiosos interpretam estes versículos como se 10 eles se reportassem aos tempos de**

Antíoco IV. Outros intérpretes podem ser divididos em dois grupos: (a) aqueles que interpretam a passagem como se o enfoque primário sobre os acontecimentos estivesse associado com o primeiro advento de Cristo e pouco depois (ponto de vista do primeiro advento); (b) aqueles que interpretam a passagem como tendo referência aos 15 acontecimentos associados tanto com o primeiro como com o segundo advento de Cristo, com um intervalo não declarado entre os dois adventos (ponto de vista do segundo advento). Dentro de cada uma dessas categorias, os intérpretes individuais diferem quanto a detalhes.

20 [4] 9.24 Setenta semanas. **A maioria dos intérpretes vêem as**

unidades de "setenta semanas" como se representassem 490 anos (9.24-27). Essas chamadas setenta semanas de anos são então divididas em três sub-unidades de 49 anos ("sete semanas"; v. 25); 434 anos ("sessenta e duas semanas", v. 26); e sete anos ("uma semana" v. 27). Os intérpretes diferem somente acerca da pergunta se essas sub-unidades devem ser vistas como uma seqüência contínua ou se há intervalos entre elas. [5]

de Jeremias (a sua "palavra") de que Jerusalém seria reedificada (Jr 31.38; 32.15,37,44). 49 anos depois seria o ano de 538 a.C., o ano em que Ciro permitiu que os judeus cumprissem a profecia de Jeremias retornando à Palestina (Ed 1.1-4).

5

até ao Ungido. Os defensores da interpretação (a), acima, compreendem o "Ungido" como sendo uma referência a Jesus. Ligando as "sete semanas" (49 anos) e as "sessenta e duas semanas" (434 anos) como uma seqüência contínua resulta em 483 anos, a correrem de 457 a.C. até 27 d.C., ou seja, até 10

aproximadamente o começo dos três anos de ministério público de Cristo. Mas outros intérpretes entendem os 483 anos como se começassem com o "mandamento" de Artaxerxes I, no ano vigésimo de seu reinado (Ne 2.1), ou seja, o ano de 444 a.C., em lugar do sétimo ano de seu governo. (Ed 7.12-26), em 457 a.C. Usando-se o ano lunar de 360 dias (como acontece no calendário 15 judaico), essa aproximação atinge a data da crucificação em 33 d.C. Essa data da crucificação de Jesus é possível, embora não seja indiscutível.
Os defensores da interpretação (b), acima, compreendem aqui o "Ungido" como se fosse Ciro, também denominado o "ungido" do Senhor, em Is 45.1). Esse ponto de vista separa as "sete semanas" e as "sessenta e duas semanas". As "sete 20 semanas" se passaram entre a destruição de Jerusalém, em 586 a.C. e o decreto de Ciro, em 538 a.C. E as "sessenta e duas semanas" (434 anos) seria o tempo durante o qual a cidade seria reconstruída, mais ou menos entre 538 a.C. e 70 d.C. (quando Jerusalém foi destruída pelos romanos). De conformidade com esse ponto de vista, um intervalo de tempo se faz mister 25 entre os dois períodos de "semanas".

*** 9.26 Depois das sessenta e duas semanas, será morto o**

Ungido. Muitos intérpretes compreendem que essas palavras se referem à crucificação de Cristo. De acordo com o ponto de vista (b), acima, o "Ungido" 30 deste versículo é o Cristo, ao passo que o "Ungido" do v. 25, é Ciro.

o povo de um príncipe. Muitos estudiosos concordam que a ofensiva seria dos exércitos de Tito, que destruíra Jerusalém no ano 70 d.C. Entretanto, alguns que aderem ao ponto de vista sobre o segundo advento (9.24-27 e 35 nota), argumentam que embora os agressores sejam os exércitos comandados

por Tito, o "príncipe" mesmo é o anticristo. Essa identificação provê uma transição para a interpretação sobre o segundo advento, que aparece no próximo versículo.

5 [6] 9.27 Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Os

defensores do ponto de vista sobre o primeiro advento (9.24-27, nota) compreendem que o "Ungido" "fará firme aliança", ou seja, poria em execução seu ministério público. Entretanto, os defensores do ponto de vista do segundo advento postulam um intervalo de tempo entre os vs. 26 e 27, compreendendo 10 que o "príncipe" faria "firme aliança" com muitos. Além disso, eles interpretam que o "príncipe" será o anticristo, o qual estabelecerá um pacto com o povo judeu, reunido no território de Israel durante um período de "tribulação" (12.1; Mt 24.21; Ap 7.14) de sete anos (a septuagésima "semana").

15 cessar o sacrifício. De acordo com os defensores do ponto de vista do primeiro advento (9.24-27, nota), isso se refere ao término do sistema de sacrifícios do Antigo Testamento, por motivo da morte de Cristo. De conformidade com os defensores do ponto de vista do segundo advento há aqui uma referência à proibição, determinada pelo anticristo, do "sacrifício e da 20 oferta de manjares" (talvez representando a prática religiosa em geral) pelo povo judeu reunido, após três anos e meio (Ap 11.2; 12.6,14) do período da tribulação.

o assolador. De acordo com o ponto de vista do primeiro advento (9.24-27, 25 nota) isso descreve a destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 a.C. De acordo com o ponto de vista do segundo advento, isso descreve uma catástrofe que atingirá a cidade de Jerusalém em conexão com as atividades do anticristo. Frases similares a "asa das abominações" ocorrem no livro de Daniel 8.13; 11.31; 12.11 (notas), bem como em 1Macabeus 1.54. Dn 8.13 e 1Macabeus 30 1.54 são claras referências às atividades de Antíoco IV. Jesus referiu-se a essa

"abominação" em sua predição de eventos futuros (Mt 24.15 e Mc 13.14).

* 10.1 No terceiro ano de Ciro. Ou seja, em 537 a.C. Ver nota

em 1.21. Os exilados repatriados retornaram à terra para reconstruir o templo (Ed 1.1-4; 3.8), mas em breve teriam que cessar, temporariamente, os seus

5 esforços (Ed 4.24).

* 10.2 pranteei. É provável que Daniel tenha pranteado por causa

da lastimável condição de Jerusalém (Ne 1.4; Is 61.3,4; 64.8-12; 66.10).

10 [7] 10.5 eis um homem vestido de linho. Os vs. 5 e 6 oferecem

uma descrição detalhada desse anjo, que talvez seja aquele que falou ao anjo Gabriel (Dn 8.16) , ou o próprio Gabriel (9.21). Sua aparência é muito parecida com a da glória do Senhor (Ez 1.26-28; Ap 1.12-16). Quanto a outras referências aos anjos, ver Jz 13.6; Ez 9.2,3; 10.2; Lc 24.4.

15

* 10.7 grande temor. Ver Is 6.5 e Lc 5.8.

*** 10.12 foram ouvidas as tuas palavras. A visão e a revelação que**

Daniel recebeu vieram como resposta direta à suas orações.

20

*** 10.13 Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu. Esse "príncipe"**

é um ser espiritual mau e poderoso (cf. Is 24.21; Lc 11.14-26) que afetava o governo imperial da Pérsia.

25 Miguel. "Miguel", em outras passagens das Escrituras, é retratado como comandante dos santos anjos (Jd 9; Ap 12.7; cf. 2Rs 6.15-17). Temos aqui um vislumbre das batalhas espirituais desfechadas nos "lugares celestiais", que afetam os acontecimentos na terra (cf. Ef 6.12; Ap 12.7-9). O poder dos anjos caídos é limitado por Deus, conforme fica claro em outras passagens bíblicas 30 (Jó 1.12 e 2.6).

*** 10.20 o príncipe dos persas. Ver nota no v. 13.**

o príncipe da Grécia. Esse anjo afeta os negócios do reino da Grécia (v. 13, 35 nota). Embora tanto a Pérsia quanto a Grécia governassem o povo de Deus,

Daniel teria que compreender que o poder desses príncipes era limitado pelo poder de Deus.

* 10.21 na escritura da verdade. Essa é uma metáfora que representa o 5 conhecimento de Deus e seu controle sobre a história inteira.

a não ser Miguel, vosso príncipe. O interesse de Miguel em proteger a Israel (v. 13, nota; cf. 12.1) corresponde ao interesse do mensageiro, que está diretamente preocupado com os propósitos de Deus.

10

* 11.1 no primeiro ano de Dario, o medo. Dois anos antes (10.1,

nota) o anjo que estava falando com Daniel tinha dado assistência a Miguel (10.13, nota), talvez em conexão com o decreto persa de permitir aos judeus retornarem à sua terra natal.

15

* 11.2—12.4 A revelação que foi dada a Daniel em 11.2—12.4 divide-se em três partes: Dn 11.2-20 retrata a história do Oriente

Próximo até o tempo de Antíoco IV Epifânio; Dn 11.21-35 descreve o governo de Antíoco IV; e Dn 11.36 —12.4, aparentemente descreve o tempo do anticristo.

20

* 11.2 ainda três reis. Esses reis foram: Cambises, 529—523

a.C.; Pseudo-Esmerdis (Gaumata), 523—522 a.C.; e Dario I, 522—486 a.C.

e o quarto. Xerxes I, 485—464 a.C., conhecido no Antigo Testamento como 25 Assuero.

grandes riquezas. Ver Et 1.4.

contra o reino da Grécia. Xerxes encetou uma série de campanhas militares 30 contra a Grécia, começando em 480 a.C. [7]

* 11.5 O rei do Sul. Ptolomeu I Soter, 322—285 a.C.

um de seus príncipes. Selêuco I Nicator (312—280 a.C.). Selêuco rompeu 5 com Ptolomeu, tornou-se rei da Babilônia e controlava territórios do rio Indo no leste até à Síria, no ocidente.

* 11.6-20 Estes versículos contêm predições detalhadas dos

relacionamentos entre o rei do norte (o reino selêucida) e o rei do sul (o reino

10 ptolemaico). Esta seção diz respeito a eventos que envolviam Laodice e Berenice (v. 6-9), a carreira de Antíoco III (vs. 10-19) e o reinado de Selêuco IV (v. 20).

* 11.6 a filha do rei. Berenice, a filha de Ptolomeu II Filadelfo,

15 285—246 a.C.

para estabelecer a concórdia. Temos aqui uma aliança por casamento (cerca de 250 a.C.) entre Antíoco II Teós (261—246 a.C.), da Síria, e Ptolomeu II, do Egito.

20

ele não permancerá, nem o seu braço. Laodice, a ex-esposa de Antíoco II, liderou uma conspiração que resultou na morte, por envenenamento, de Berenice, de Antíoco II e o pequeno filho deles.

25 [7] 11.7 de um renovo da linhagem dela. Ptolomeu III Euergetes,

246—221 a.C., irmão de Berenice (v. 6 e nota).

entrará na sua fortaleza. Ptolomeu III atacou o reino selêucida, executou Laodice (v. 6, nota) e retornou ao Egito com consideráveis despojos.

30

* 11.8 o rei do Norte. Selêuco II Calínico (246—226 a.C.) filho de

Laodice, liderou uma campanha militar sem sucesso contra o reino ptolemaico, em 240 a.C.

* 11.10 Os seus filhos. Selêuco III Cerauno (226—223 a.C.) e Antíoco III,

o Grande (223—187 a.C.).

farão guerra. Antíoco III começou a lutar contra os Ptolomeus em 219 a.C., e, 5 durante algum tempo, obteve o controle sobre a Palestina e a Síria ocidental.

fortaleza. Provavelmente essa fortaleza era Ráfia, uma fortaleza ptolemaica no sul da Palestina, onde uma grande batalha foi travada

em 217 a.C.

10 [8] 11.11 este. O rei do Sul, Ptolomeu IV Filópater (221—203 a.C.).

o rei do Norte. Antíoco III. Antíoco sofreu grandes perdas, isto é, mais de catorze mil homens, na batalha de Ráfia, em 217 a.C.

15 [8] 11.13 o rei do Norte. Em aliança com Filipe V, da Macedônia, Antíoco

III organizou um exército ainda maior para invadir o reino ptolemaico. Ptolomeu

IV morreu em circunstâncias misteriosas e foi substituído por Ptolomeu V Epifânio (203—181 a.C.), seu filho de quatro anos.

20 [8] 11.15 tomará cidades fortificadas. A vitória de Antíoco III sobre o

general egípcio Scopas, em Sidom, em 198 a.C., assinalou o fim do governo ptolemaico na Palestina.

* 11.16 na terra gloriosa. A Palestina. Ver os vs. 41 e 45; 8.9.

25

* 11.17 não vingará, nem será para a sua vantagem. Depois que

Cleópatra foi dada em casamento a Ptolomeu V, pelo pai dela, Antíoco III, ela se bandeou para o lado egípcio, buscando a ajuda dos romanos contra a tentativa do pai dela de tomar as cidades costeiras da Ásia Menor que eram

30 controladas pelo Egito.

filho de Antíoco III, que se tornou Antíoco IV Epifânio, foi levado como

refém para Roma.

* 11.20 em lugar dele. Selêuco IV Filópater, 187—175 a.C. (o filho mais

5 velho de Antíoco III).

pela terra mais gloriosa do seu reino. Quanto a um relato da tentativa de Heliodoro em cobrar impostos de Selêuco, ver 2Macabeus 3.7-40.

10 * 11.21 um homem vil. Antíoco IV Epifânio (175—164 a.C.), que não foi o

sucessor legítimo de seu irmão, Selêuco IV, visto que Selêuco IV tinha um filho. Ver notas em 8.9-14.

1

7.13 um como o Filho do homem. O original aramaico para

30 "Filho do homem" significaria "um ser humano", em contraste com os "animais"

anteriores. O equivalente é usado para indicar Daniel, em Dn 8.17, e por muitas vezes para indicar o contemporâneo de Daniel, Ezequiel (p.ex., Ez 2.1,3,6). Porém, em contraste com os "animais" que desgovernarão a terra, o Filho do homem governará a terra conforme Deus pretendeu que fosse, antes da queda 35 da humanidade no pecado (Gn 1.26-28; Sl 8.4-6). A expressão "Filho do

2

7.22 até que veio o Ancião de dias. Embora o anticristo

prevalecerá, durante algum tempo, contra o povo de Deus, no fim, ele cairá sob o julgamento divino (Zc 14.1-4; Ap 13.7-17 e 19.20).

* 7.25 por um tempo, dois tempos e metade dum tempo. A

palavra "tempo" é o mesmo vocábulo usado em 4.16 e 4.23, e, tal como ali, pode significar "um ano". Alguns interpretam este versículo como uma indicação da segunda metade da septuagésima semana do nono capítulo (ver 35 9.27). Outros estudiosos não atribuem uma duração específica à expressão,

3

8.9 um chifre pequeno. Em consonância com o v. 23 deste

35 capítulo, esse "chifre pequeno" simboliza um governante ímpio que se

4

9.4-19 A oração de Daniel estava arraigada sobre a compreensão do

pacto que envolvia o relacionamento entre o Senhor e o seu povo (bênção pela obediência e maldição pela desobediência, especialmente os vs. 5, 7, 11, 12 e

25 14; cf. Lv 26.14-45; Dt 28.15-68; 30.1-5). Quanto a uma oração semelhante, ver

Ne 9. Esta oração divide-se em quatro partes: (a) adoração (v. 4); (b) confissão de pecado (vs. 5-11); (c) reconhecimento da justiça de Deus em seu julgamento contra o pecado (vs. 11-14); e (d) um apelo pela misericórdia de Deus com base na preocupação pelo seu nome, pelo seu reino e pela sua 30 vontade (vs. 15-19). Esta oração está alicerçada nas promessas de Deus (v. 2), oferecida com base em um espírito de contrição e humildade (v. 3). Esse é um modelo para os elementos apropriados da oração eficaz.

5

9.25 desde a saída da ordem para restaurar. **O termo hebraico**

aqui traduzido por "ordem" pode significar apenas "palavra". Essa ambiguidade

30 tem dado origem a duas interpretações primárias para o começo das "setenta semanas": (a) alguns intérpretes entendem que se trata de um decreto baixado por Artaxerxes I, no sétimo ano de seu governo, ou seja, 457 a.C. (Ed 7.12-26). 49 anos depois (408 a.C.), as ruas e as muralhas ao redor de Jerusalém tinham sido terminadas (v. 25). (b) Outros estudiosos compreendem as "setenta 35 semanas" como um período que começou em 587 a.C., o tempo da predição

6

10.1—12.13 O profeta revela uma visão final concernente ao reinado

futuro de Antíoco IV Epifânio, mas olhando para além do reinado dele para 35 outro que culmina no fim de nossa era.

7

11.3 se levantará um rei poderoso. Alexandre, o Grande (336

—323 a.C.). Ver notas em 7.6; 8.5,8.

8

11.18 um príncipe. Trata-se do general romano Lúcio Cornélio Scipio,

que derrotou Antíoco III em várias batalhas e forçou-o a ceder a Ásia Menor ao controle dos romanos (a paz de Apaméia, 188 a.C.). Nesse tempo, o segundo

*** 11.22 também o príncipe da aliança. Talvez tenhamos aqui uma**

15 referência ao assassinato, em 171 a.C., do sumo sacerdote Onias III, por

apoiadores de Antíoco IV, baseados em Jerusalém (ver 2Macabeus 4.32-43).

* 11.25 o rei do Sul. Ptolomeu VI Filómeter, 181—146 a.C., filho de

Ptolomeu V e Cleópatra, e sobrinho de Antíoco (v. 17, nota).

20

não prevalecerá. Antíoco IV derrotou Ptolomeu VI em Pelúsio, na fronteira com o Egito (cf. 1Macabeus 1.16-19).

*** 11.28 tornará para a sua terra... o seu coração será contra a santa**

25 aliança. Em reação às intrigas em Jerusalém contra seus apoiadores, Antíoco

IV saqueou o templo de Jerusalém quando retornava do Egito para a Antioquia da Síria (cf. 1Macabeus 1.20-28).

* 11.29 contra o Sul. Antíoco IV invadiu novamente o Egito em 168 a.C.

30

*** 11.30 virão contra ele navios de Quitim. Exércitos romanos,**

comandados por Caio Popílio Lenas, forçaram Antíoco IV a retirar-se do Egito.

se indignará contra a santa aliança. Antíoco IV resolveu exterminar a religião 35 judaica. Ver nota em 8.11.

* 11.31 a abominação desoladora. A profanação do templo ocorreu em

dezembro de 168 a.C., por ordem de Antíoco IV (cf. IMacabeus 1.54,59; 2Macabeus 6.2). Ver as notas em 8.11; 9.27 e 12.11).

5

* 11.32 o povo que conhece ao seu Deus. Daniel fala aqui sobre

aqueles que se opuseram aos helenizantes e estavam prontos para morrer pela sua fé (1 Macabeus 1.60-63).

10 * 11.34 serão ajudados. Provavelmente temos aqui uma referência a

Matatias, um sacerdote idoso, e seus cinco filhos: João, Simão, Judas, Eleazar e Jônatas, os quais desfecharam uma batalha de guerrilhas contra a helenização forçada dos judeus. Matatias morreu em 166 a.C. Seus filhos, conhecidos como os Macabeus, levaram avante a luta. A vitória foi obtida por 15 Judas Macabeu, em dezembro de 164 a.C., quando o templo de Jerusalém foi purificado e os sacrifícios diários foram restaurados (1Macabeus 4.36-39).

*** 11.35 tempo do fim... no tempo determinado. Ver nota em 8.17.**

20 * 11.36—12.3 Certos detalhes, em 11.36—12.3, não podem ser

harmonizados com os eventos que cercaram a morte de Antíoco IV.

Por essa razão, alguns intérpretes entendem que estes versículos descrevem o anticristo, o qual, imitando Antíoco IV, perseguirá o povo de Deus imediatamente antes do segundo advento de Cristo (cf. 12.1-3). Estes verículos 25 descrevem o caráter do anticristo, as suas atividades e o destino do povo de Deus. Essa compreensão exigiria um intervalo de tempo entre os eventos retratados em Dn 11.21-35 e aqueles de Dn 11.36—12.3. Conseqüentemente, outros intérpretes têm entendido os vs. 36-39 como um sumário das políticas religiosas de Antíoco; os vs. 40-45, como uma descrição de como a sua 30 ambição o levaria à sua derrota; e Dn 12.1-3 como uma previsão de sua derrota. A invasão prevista da Terra Santa pode ser apresentada como um paralelo da invasão anterior por parte de Nabucodonosor, usando os nomes das nações da época, poupando os antigos inimigos de Israel (v. 41), e atingindo o seu clímax na derrota prevista do próprio Egito (vs. 42,43; cf. Ez 35 29). Em seu momento de maior jactância, Antíoco seria destruído no monte

Sião, no coração da Terra Santa (vs. 44 e 45). A derrota de Antíoco, em Dn 12.1-3 foi descrita em termos do fim absoluto da história. Visto que as profecias de Dn 11.40—12.3 não foram cumpridas historicamente, é difícil discernir quão literais ou metafóricas elas são, e a interpretação das mesmas forçosamente 5 será especulativa. A interpretação de que está em foco o futuro anticristo será seguida nas notas expositivas restantes.

* 11.36 até que se cumpra a indignação. Tal como fora no caso de Antíoco IV Epifânio (8.17, nota; 11.35), o tempo final de perseguição estará

10 sujeito ao controle divino.

* 11.40 No tempo do fim. Aqui, o "fim" tem um sentido escatológico e refere-se ao fim da era presente (8.17, nota).

15 [1] 11.41 terra gloriosa. A Palestina (cf. os vs. 16, 45 e 8.9).

* 11.45 seu fim. Ver Jl 3; Zc 14.1-4; 2Ts 2.8; Ap 16.13-16; 19.11-21.

* 12.1 Miguel. Ver nota em 10.13.

20

tempo de angústia. Esse tempo de tribulação sem paralelos identifica-se com a "grande tribulação" predita pelo Senhor Jesus (Mt 24.21; Mc 13.19).

será salvo o teu povo. Esse livramento não será, necessariamente, pelo 25 martírio (v. 2), mas pelo poder de Satanás, compreendido como as suas tentativas de destruir a fé do povo durante o tempo futuro de tribulação.

* 12.2 vida eterna... horror eterno. Este versículo é uma clara

predição acerca da ressurreição do corpo dos justos e dos ímpios, tendo em

30 vista o julgamento final (Mt 25.46; Jo 5.28,29).

*** 12.7 um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Ver**

nota em 7.25.

* 12.11 posta a abominação desoladora. Ver a terceira nota em 9.27. As

5 atividades semelhantes de Antíoco IV prefiguravam as atividades do anticristo

(8.13).

mil duzentos e noventa dias. É obscura a significação desses limites de tempo. Três anos e meio são 1.260 dias de um ano com 360 dias,

ou 1.278 10 dias de um ano de 365 dias.

35

*

11.4

o seu reino será quebrado. Ver notas em Dn 7.6; 8.8.

Oséias

* 1.1 Oséias introduziu a sua profecia chamando-se de mensageiro de

Deus. Seu nome provavelmente significa "ele [Deus] salvou”.

Uzias... Jeroboão. Foram citados pelos nomes quatro dos reis de Judá, Uzias (também chamado Azarias, 792—740 a.C.), Jotão (750—735 a.C.), Acaz (735—715 a.C.) e Ezequias (715—686 a.C.), mas o único rei do norte a ser citado foi Jeroboão II (cerca de 793—753 a.C.). Talvez o escritor sacro pensasse que os reis do norte que reinaram entre Jeroboão II e a queda do reino do norte, de Israel, em 722 a.C. (quatro deles foram assassinos) não eram dignos de ser mencionados.

* 1.2 uma mulher de prostituições. Ver Introdução: Dificuldades de

Interpretação. Quanto ao tema da infidelidade conjugal e pactual, ver Introdução: Características e Temas.

a terra se prostituiu. A esposa e os filhos de Oséias, juntamente com todos os habitantes da terra, são considerados infiéis.

* 1.3 Gômer. O nome dela não tem qualquer significação simbólica,

diferentemente dos nomes de seus filhos.

lhe. Esse pronome oblíquo é omitido nos vs. 6 e 8, mas a sua ausência não subentende necessariamente que Oséias não era o pai desses filhos também, visto que o objeto indireto pode estar implícito. [2]

casa de Jeú. Jeroboão II era da casa de Jeú, uma dinastia estabelecida através da matança em Jezreel (2Rs 9.14-37; cf. 1Rs 19.16,17), que terminou com o assassinato de Zacarias (2Rs 15.8-10).

* 1.5 o arco de Israel. A força militar de Israel, simbolizada pelo arco (Gn

49.24; 1Sm 2.4; Ez 39.3), foi quebrada pelo exército assírio sob o comando de Tiglate-Pileser III, que conquistou os territórios do norte de Israel.

* 1.6 Desfavorecida. Lit., "ela não recebeu compaixão". O nome da criança

significa a retirada iminente da compaixão que Deus havia demonstrado para com Israel, a despeito de sua infidelidade à aliança.

* 1.7 me compadecerei. Uma referência ao livramento miraculoso de

Jerusalém das mãos da Assíria, em 701 a.C. (Is 37.14,33-38; 2Rs 19.32-37).

* 1.9 Não-Meu-Povo. Esse era o nome do terceiro filho, assinalando o

ponto alto do castigo divino, quando Deus cancela a antiga fórmula da aliança (Êx 6.7; Lv 26.12; Dt 26.17-19) e declarou que a aliança não

está mais em vigor (v. 10, notas).

nem eu serei vosso Deus. Lit., "não sou o EU SOU para vós", uma referência ao nome de Deus, usado em Êx 3.14.

* 1.10—2.1 As profecias crescentemente severas de juízo simbolizadas nos

nomes dos três filhos de Oséias são agora dramaticamente invertidas.

* 1.10 a areia do mar. Uma clara referência à antiga promessa patriarcal de

inúmeros descendentes (Gn 22.17; 32.12; cf. Gn 13.16; 15.5; 26.24 e 28.14).

Vós não sois meu povo. A promessa da restauração a essa gente foi cumprida pelo menos em parte quando os remanescentes do norte juntaram-se ao sul durante o reinado de Ezequias (2Cr 30.11,18) e depois do exílio (1Cr 9.3; Ed 8.35). O Novo Testamento aplica essa promessa à Igreja, o verdadeiro Israel, composta tanto por judeus quanto por gentios (Rm 9.24-26; 1Pe 2.9,10). Para os apóstolos, o remanescente do Israel étnico era, evidentemente, um modelo para o remanescente das nações: o que se aplicava àqueles, aplica-se também a estes.

filhos do Deus vivo. Essa expressão ímpar sugere o tipo de relacionamento íntimo que Deus deseja ter com Israel, onde Deus deseja dar vida (por contraste com relacionamento sem vida que Israel tinha com Baal). Em Isaías 40.18-20; 44.9-20; 46.5-11, os ídolos sem vida são contrastados com o Deus vivo. Esse relacionamento vivo é atualmente provido em Jesus Cristo (Mt 16.16; Rm 9.26).

* 1.11 uma só cabeça. Isso revela quão completa é a reconciliação entre

ambos os reinos e o Senhor. Em última análise, essa reunião tem lugar em Cristo, o filho de Davi (Mt 1.23; 2.6,15).

subirão da terra. A restauração de Israel começou com o retorno do exílio na Babilônia. A frase também pode referir-se à ressurreição dentre os mortos (Sl 71.20; Is 43.6).

o dia de Jezreel. Ver nota em 1.4.

* 2.1 vosso irmão... vossa irmã. Os países irmãos hostis, Israel e

Judá, se reconciliarão plenamente, e as horrendas acusações contidas nos nomes (Não-Meu-Povo) e (Desfavorecida) serão revertidas.

* 2.2 Repreendei. Deus apresentou uma causa contra Israel onde os filhos

devem acusar sua própria mãe.

para que ela afaste. O arrependimento e a reconciliação são os alvos finais do julgamento divino (vs. 9-23).

* 2.3 a deixe despida. Se o arrependimento não tivesse lugar, a esposa

infiel (Gômer/Israel) será desmascarada publicamente (v. 10) e deixada despida, castigos tradicionais para uma adúltera (Ez 16.37-39; Na 3.5-7), embora menos severos do que a pena de morte (Dt 22.22).

* 2.4 filhos de prostituições. O amor e a misericórdia de Deus (1.6) também seriam retirados dos filhos, os quais, como a sua mãe, foram acusados de promiscuidade. [3]

de fertilidade dos cananeus, e não no Senhor (v. 8) para prover as necessidades da vida.

* 2.7 Ela irá em seguimento... buscá-los-á. A iniciativa ativa da mulher, a

qual representava todo o Israel, é aqui salientada.

meu primeiro marido. O período inicial de intimidade é aqui relembrada com saudades (cf. 11.1-4).

*** 2.8 o trigo, e o vinho... a prata e o ouro. Essas eram as dádivas**

agrícolas e comerciais do Senhor (Dt 7.13; 11.14; 28.1-12) mas estavam sendo atribuídas a Baal. Em textos descobertos na antiga cidade do norte da Síria, Ugarite, Baal é visto como o deus da tempestada e era adorado como o provedor da chuva e fertilidade.

* 2.9-13 Portanto. Embora não fosse punida com a morte (v. 3, nota; cf. Ez

16.37-40), a amante infiel e esquecida foi severamente castigada através de uma série de reversões dramáticas, mediante as quais as dádivas de Deus foram sendo retiradas; colheitas fracassadas, exposição aos elementos e o fim das festividades.

* 2.9 reterei. O original hebraico indica uma ação forte, inevitável.

* 2.11 sábados. O termo hebraico correspondente, shabbat, é derivado do

verbo que significa "parar" ou "cessar", perfazendo um jogo de palavras sarcástico.

solenidades. Essas solenidades tinham-se tornado ocasiões para o sincretismo religioso, onde era misturado o culto ao Senhor e a Baal. Ver Introdução: Data e Ocasião.

* 2.12 a paga que me deram os meus amantes. O salário da

prostituta,

que, na realidade, eram dádivas do Senhor (v. 8), seria destruído.

* 2.13 jóias. Nas deusas do paganismo, as jóias enfatizavam as áreas

eróticas do corpo.

seus amantes. Nos vs. 7,10,12 esses amantes provavelmente são sinônimos de Baalins. A essência da acusação contra Israel era que a nação se tinha esquecido do Senhor, a quem ela deveria ter amado (cf. 4.6; 13.4-6). Ver a nota teológica "Sincretismo e Idolatria",

índice.

* 2.14 para o deserto. Ali, Israel deverá amar exclusivamente ao Senhor (v.

16; cf. Jr 2.2).

e lhe falarei ao coração. Essa é uma expressão idiomática usada alhures para cortejar, falar gentilmente e para persuadir com agrados (Gn 34.3; Jz 19.3; Rt 2.13).

* 2.15 vale de Acor. Lit., "Vale da Tribulação". Essa área ficava localizada

perto de Jericó e foi o local do apedrejamento de Acã (Js 7.24-26). Embora associado ao pecado e à morte, esse vale seria transformado em uma "porta de esperança".

será ela obsequiosa. Lit., "responderá" ou "reagirá".

* 2.16 Meu marido. A palavra hebraica ba'al pode significar "mestre" ou

"marido", além de referir-se à divindade pagã Baal. No futuro, Israel será tão zelosa que eliminará qualquer coisa associada à adoração com Baal, e a própria palavra ba'al, em todos os seus sentidos, será evitada (v. 17).

* 2.18 farei... aliança. Tomando o mesmo tema, em tempos posteriores,

Jeremias explicou que essa aliança conferirá um novo coração (Jr 31.31-34).

com as bestas-feras. O reino de Deus, no futuro, será seguro e pacífico, livre da ameaça dos animais selvagens (Is 11.6-9) e das invasões (Sl 46.9; Is 2.4; Mq 4.3). Os animais selvagens eram uma ameaça, particularmente depois que exércitos invasores tinham arrasado a terra. Essa linguagem pode ser figurada, indicando uma humanidade transformada, com a resultante paz e segurança que acompanharão a renovação inaugurada por Cristo no seu primeiro advento e completada por ocasião de sua segunda vinda. [4]

justiça. A justiça de Deus é expressa tanto em sua retidão como na salvação que ele concede ao seu povo (Os 10.12 e Am 5.7).

juízo. Esse vocábulo pode denotar as decisões legais e os relacionamentos mediante os quais a justiça e a retidão são estabelecidas e restauradas (Os 5.11; 6.5; 10.4; Am 5.15,24; Mq 6.8).

benignidade. Ver nota em Êx 15.13.

misericórdias. Esse termo pode referir-se à compaixão, à sensibilidade do coração e ao amor (Os 1.6; Gn 43.14; Dt 13.17; 2Sm 24.14).

* 2.20 fidelidade. Essa qualidade inclui as virtudes da confiabilidade, da

veracidade e da constância nos relacionamentos (Sl 88.11;

89.1,2,5,8,24; 92.2 e 98.3) e é sinônima de "verdade", em 4.1. Cristo, mediante sua obediência ativa, proveu essas virtudes pactuais ao seu povo. Pelo Espírito Santo, ele inscreve a sua própria natureza nos corações de seu povo (2Co 3.3).

conhecerás. A essência do relalcionamento segundo a nova aliança envolve conhecer intimamente ao Senhor (Jr 31.34). Agora Cristo é o mediador dessa nova aliança e torna obsoleto o antigo relacioinamento pactual (Hb 8.7-13).

* 2.21 serei obsequioso. O Senhor haverá de responder graciosamente aos

clamores de Israel, quando este aprender de novo a corresponder aos seus apelos (v. 15, nota).

céus. O Senhor demonstrará que ele, e não o deus da tempestade, Baal, é quem controla os ciclos da natureza, mediante os quais a terra torna-se fértil e produz as colheitas que antes eram retidas (v. 9). Ver Introdução: Data e Ocasião.

* 2.22 Jezreel. Ver nota em 1.4.

* 2.23 As promessas de restauração chegam a um clímax quando Jezreel é

redimida (v. 22; cf. 1.4,5). A Desfavorecida recebe a revelação do amor de Deus (1.6), e Não-Meu-Povo tornar-se o povo de Deus (1.9).

Tu és o meu Deus. Ver Rm 9.23-26 e 1Pe 2.9,10 acerca do cumprimento dessas promessas.

* 3.1-5 Oséias relata sua reconciliação com a sua esposa, Gômer, como uma antecipação da reconciliação de Deus com Israel.

* 3.1 ama uma mulher... como o Senhor ama. O pedido aparentemente

absurdo de Deus, é modelado segundo o seu leal, protetor e generoso amor pela imerecida nação de Israel.

bolos de passas. Esses petiscos, feitos de uvas passas espremidas, estavam associados a ocasiões especiais (2Sm 6.19), e podem ter sido usadas na adoração a Baal como um afrodisíaco (cf. Ct 2.5).

* 3.2 Comprei-a. Cristo, por semelhante modo, cumpriu esse quadro de

amor em ação quando ele redimiu os seus santos do mercado de escravos do pecado.

peças (siclos). O pagamento, mais ou menos a metade em prata e a metade em produtos agrícolas, somava cerca de trinta siclos, e isso era, aproximadamente, o preço de um escravo em Êx 21.32. O Novo Testamento ensina que o custo real da redenção foi o sangue de Cristo (1Pe 1.18).

* 3.4 muitos dias. O período de espera até à vinda de Cristo, o grande e

último rei da dinastia davídica (v. 5).

sem rei... ou ídolos do lar. As instituições fundamentais, políticas e religiosas, de Israel, tanto as legítimas (sacrifícios e estola sacerdotal, Êx 28.31) quanto as ilegítimas (colunas e ídolos do lar, Dt 16.21,22 e Zc 10.2) seriam removidas como castigo.

* 3.5 Tornarão... e buscarão. Muitos israelitas se arrependeram, buscando

a intimidade com Deus, no dia de Pentecoste (At 2.38-41).

Davi. Essa referência aponta para Jesus Cristo, o Filho de Davi (1.11 e nota; 2Sm 7.1216; Mt 1.1 e Rm 1.3).

nos últimos dias. Ver nota em Mq 4.1.

* 4.1-19 Nesse notável exemplo de um processo jurídico profético contra

Israel, por violar os termos da aliança, Oséias nos oferece uma visão panorâmica da causa do Senhor contra Israel, e então enfoca as consequências de sua rejeição do conhecimento de Deus.

* 4.1 verdade... conhecimento. Ver notas em 2.19,20.

* 4.2 perjurar... homicídios. Esses pecados constituíam violações do

documento fundamental da aliança — o Decálogo (Êx 20.2-17; Dt 5.6-21).

* 4.3 a terra está de luto. O pecado humano resulta em crises dentro da

ordem natural que põem em perigo todos os aspectos da vida (Lv 18.28; Is 24.4,5).

A Apostasia de Israel e o Casamento de Oséias (3.1)

Os estágios do relacionamento de Israel com Deus são representados nas profecias de Jeremias e Ezequiel, bem como no relacionamento de Oséias com Gômer.

Estágio	Profetas de Israel	Casamento de Oséias
Noivado	Jeremias 2.2	Oséias 1.2
Casamento	Ezequiel 16.8-14	Oséias 1.3

Adultério	Jeremias 5.7; Ezequiel 16.15-34	Oséias 3.1
Separação	Jeremias 3.8-10; Ezequiel 16.35-52	Oséias 3.3,4
Restauração	Ezequiel 16.53-63	Oséias 3.5

* 4.4-10 A atenção muda para os pecados dos sacerdotes, cuja falta de instruir

a nação quanto à lei de Deus, corrompeu Israel (v. 6; Dt 31.9-13 e 33.10).

* 4.4 ninguém contenda. Ou então: "Que ninguém faça acusação". De

acordo com a lei mosaica, os sacerdotes tinham por tarefa ajuizar legalmente (Dt 17.913). Mas por causa da falta geral de conhecimento e respeito pela lei de Deus em Israel, nos tempos de Oséias, não havia razão para alguém apresentar queixa contra outrem, pois os vereditos não seriam respeitados (o povo era "como aqueles que contendiam com o sacerdote", isto é, não respeitava as decisões e ensinos).

* 4.5 e destruirei a tua mãe. Ou seja a nação de Israel (2.2,5; Is 50.1).

* 4.6 O meu povo. A nação de Israel perderia seu relacionamento pactual

com Deus, por falta de conhecimento da aliança (vs. 8 e 12).

conhecimento. O conhecimento de Deus é inseparável da lei de Deus (Introdução: Características e Temas). Os sacerdotes, que eram os responsáveis por ensinar a lei — e seus descendentes — deveriam ser punidos por ignorarem ou se esquecerem da lei (vs. 4-10 nota).

* 4.7 eu mudarei a sua honra. Ou então: "Eles mudarão a sua honra em

vergonha" (referência lateral). Em última análise, o Senhor é a glória de Israel (Is 60.19; Jr 2.11). Em Romanos 1.23, Paulo condenou o pecado de trocar a glória de Deus por algo corruptível.

vergonha. Estão em foco os ídolos ou os deuses falsos (Dt 32.16,17).

* 4.8 Alimentam-se do pecado do meu povo. Tomado literalmente os

sacerdotes que comiam porções dos animais sacrificados pelo pecado, encorajavam o povo a pecar. Assim, os sacerdotes teriam mais o que comer (Lv 6.26). Figuradamente, os sacerdotes ficavam satisfeitos pelos pecados do povo. [5]

*** 4.10 Comerão... entregar-se-ão à sensualidade. O alimento não os**

satisfaria (v. 8), e o sexo ilícito não produziria a multiplicação da população. Pois tinham abandonado o Senhor, a fonte da vida, a fim de praticarem a prostituição (vs. 12,18; 2.4; 6.10; 9.1).

* 4.11 tiram o entendimento. Lit., "tiram o coração (do povo)", isto é, a

capacidade de as pessoas julgarem e pensarem com clareza (cf. Pv 31.4,5).

* 4.12 o seu pedaço de madeira. Isso pode referir-se ao poste-ídolo ao lado

de um santuário cananeu (Dt 16.21; Jz 6.25-32), de alguma outra divindade (Hc 2.18,19), ou a uma árvore frondosa que os israelitas pensavam que dava oráculos (Jz 9.37).

vara. Provavelmente uma vara de adivinhar, ou talvez uma pequena estátua de Astarote.

espírito de prostituição. O adultério espiritual deles é causado por um poder inebriante e sedutor que os atraía continuamente ao pecado ("um espírito estonteante", Is 19.14; "espírito de profundo sono", Is 29.10).

* 4.14 Não castigarei. Não que Deus se recusasse a castigar, de modo

absoluto, as meretrizes e as adúlteras (visto que o povo inteiro de Israel seria julgado), mas sim, que ele não permitiria que as mulheres que errassem fossem punidas, enquanto que os homens que as procuravam fossem libertos (cf. Gn 38.24-26).

* 4.15-19 O tema das profecias jurídicas contra Israel continua aqui, enquanto

são apresentadas outras acusações de desobediência à aliança (4.1-19, nota).

* 4.15 Gilgal. Esse importante santuário israelita próximo de Jericó ficava

situado do outro lado do rio Jordão, defronte de Baal Peor. Desde a época da conquista, Gilgal foi um importante lugar de adoração (Js 4.19—5.12; 1Sm 10.8; 11.12-15). Mais tarde, na história de Israel, Gilgal passou a associar-se com práticas religiosas perversas e sincretistas (9.15; 12.11; Am 4.4).

Bete-Áven. Ver referência lateral. Esse era um apelido de desprezo de Betel ("casa de Deus"), o importante santuário real (Am 4.4; 5.5;

7.13; 1Rs 12.28-33).

Vive o SENHOR. Esse juramento ortodoxo (Jz 8.19; Rt 3.13; 1Sm 14.39) foi proibido aqui porque os israelitas estavam mentindo (v. 2), ou porque o mesmo estava sendo abusado, associando o Senhor com a adoração a Baal.

* 4.16 vaca rebelde. Israel estava se rebelando contra todos os esforços do

Senhor para cuidar deles (cf. Jr 31.18).

* 4.17 Efraim. Visto que a tribo de Efraim era, em muito, a mais numerosa

das dez tribos do norte, o reino do norte, de Israel era, algumas vezes, chamado de Efraim (Dt 33.17 nota).

* 4.19 vento... asas. Provavelmente um trocadilho com a palavra hebraica

que significa "vento" ou "espírito" está aqui em foco. Não somente uma tempestade destrutiva de julgamento divino estava prestes a varrer o povo (Jó 1.19), mas o "espírito de prostituição" (v. 12; 5.4), os estava arrastando à ruína.

* 5.1 sacerdotes... casa de Israel... casa do rei. A sorte do reino do norte,

Israel, estava ligada à sorte de seus líderes. Os sacerdotes tinham a responsabilidade de ensinar a lei (4.6), e a casa real era quem administrava a justiça.

laço. Os líderes tinham apanhado na armadilha seus súditos.

Mispa. Provavelmente temos aqui a Mispa de Benjamim, onde Samuel julgava (1Sm 7.5,6; 10.17-24), e não a Mispa de Gileade (Gn

31.48,49).

Tabor. O local de um famoso monte situado na beira nordeste do vale de Jezreel (Jz 4.6). Esses e outros locais do norte tinham-se tornado lugares altos do culto pagão a Baal.

* 5.3 Efraim. Ver nota em 4.17.

* 5.4 espírito de prostituição. Ver nota em 4.12. Eles não têm um

verdadeiro "conhecimento de Deus" (4.1,6), e nem podem voltar-se para o Senhor e nem arrepender-se (cf. Jr 13.23). [6]

pactual do Senhor, contra o seu povo (cap. 4 e nota).

* 5.6 com os seus rebanhos... à procura. O Senhor não será achado

através do oferecimento de seus sacrifícios rituais (4.13; 1Sm 15.21-23; Is 1.11-17; Mq 6.6-8).

* 5.7 filhos bastardos. Como se fora uma esposa e mãe infiel, Israel dava

à luz filhos que eram, literal e religiosamente, ilegítimos (4.6,13,14).

Lua Nova. As festas de Israel traziam julgamento contra a nação, em vez da bênção do Senhor sobre seus ventres e colheitas, diferente do que eles tinham imaginado que sucederia (cf. Is 1.13,14).

* 5.8 Tocai... Levantai gritos. Essas ordens soam como o grito dos vigias

diante do inimigo (Judá) que se aproximava do sul (cf. 8.1). A guerra siro-efraimita descrita em 2Rs 16.5-9 e 2Cr 28.5-21 parece avultar por detrás desse aviso. Ver Introdução: Data e Ocasião.

Gibeá... Ramá... Bete-Áven. Essas cidades de Benjamim formavam uma linha reta para o norte, partindo de Jerusalém: Gibeá a cerca de cinco quilômetros; Ramá, a oito quilômetros; e Bete-Áven (Betel) a quase dezoito quilômetros. Em várias ocasiões, em sua história, elas tinham sido reivindicadas por um ou outro dos dois reinos, Israel ou Judá (1Rs 15.16-22).

* 5.10 mudam os marcos. As linhas fronteiriças que dividiam a Terra

Prometida eram consideradas sagradas para o Senhor (Dt 19.14; 27.17; Jó 24.2; Pv 22.28; 23.10). Ver nota em Nm 27.1-11.

* 5.12 traça... podridão. Como se fosse uma traça, ou talvez como uma

infecção (alguns estudiosos sugerem que a palavra hebraica, aqui traduzida por "traça", na realidade significa "pus"), Deus traria uma decadência desagradável e inexorável sobre a pecaminosa Efraim. [7]

a Assíria. Os registros históricos assírios falam do tributo pago pelos reis de Israel, Menaém e Oséias (cf. 2Rs 15.17-20; 17.3).

* 5.14 serei como um leão. Mesmo contando com a ajuda da Assíria, Israel

era como uma presa indefesa diante do poderoso leão, o Senhor (13.7; Am 1.2 e 3.8).

* 5.15 voltarei para o meu lugar. Em sua ira, Deus remove sua presença

salvífica dentre o seu povo, até que eles se arrependam verdadeiramente (3.5).

* 6.1-3 Esse cântico de arrependimento corresponde com a linguagem figurada de 5.11-14, mas parece superficial em seu tom (v.

4).

* 6.1 Vinde. Os sacerdotes podem estar sendo citados aqui, mas ou menos

como Israel foi citada em 2.7.

tornemos. A chamada para se voltarem para o Senhor é uma das mensagens centrais do livro de Oséias (2.7; 3.5; 5.4,15). O verdadeiro arrependimento e conversão trazem reconciliação que inclui a cura das feridas (cf. Dt 32.39).

* 6.2 dois dias... terceiro. Isso pode simplesmente denotar um curto

período de tempo. Alguns, que vêem essas palavras como uma predição da ressurreição de Cristo, compreendem também que Paulo aludiu a este versículo em 1Co 15.4.

viveremos diante dele. Ver Sl 16.11.

* 6.3 prossigamos em conhecer ao SENHOR. Tal como a chamada para

se tornarem ao Senhor (v. 1), o convite a adquirirem o verdadeiro conhecimento do Senhor é crucial na mensagem de Oséias (2.8,20; 4.1,6; 5.4 e 6.6). Ver Introdução: Características e Temas.

como a alva... como a chuva. Essas símiles comparam a natureza fidedigna de Deus como os eventos periódicos da natureza. [8]

amor pactual de Israel e de Judá, em contraste com a sua própria fidelidade (v. 3).

* 6.5 luz. Como a luz do sol, que se ergue no horizonte para espantar as

trevas, a justiça de Deus coerente e inevitavelmente se espalha (cf. Sl 37.6), desmascarando os pecados daqueles que quebraram a aliança.

* 6.6 mais do que holocaustos. A fidelidade ou lealdade, e não meros

ritos, eram requeridas da parte do povo em relação pactual com Deus (Mq 6.6-8, notas).

* 6.7-10 Esses versículos catalogam vários crimes associados a lugares específicos que se tinham tornado infames nos dias de Oséias. Embora os detalhes estejam atualmente perdidos, o registro serve para acusar a nação inteira (v. 10).

* 6.7 como Adão. Ver referência lateral. Várias interpretações possíveis

desta referência têm sido propostas: (a) O primeiro homem, Adão (Gn 3); (b) Um lugar identificado com o antigo lugar chamado Tell ed-Damiyeh, no rio Jordão (Js 3.16), paralelo a Gileade e Siquém (vs. 8 e 9); e (c) a humanidade. Visto que os elementos de uma aliança estavam presentes no relacionamento entre Deus e Adão, a doutrina da aliança de Deus com Adão não depende da interpretação deste texto. Ver nota em Gn 3.

* 6.8 Gileade. Essa era uma região montanhosa no norte da Transjordânia,

mas essa palavra pode referir-se à cidade de Ramote-Gileade.

que praticam a injustiça. Essa noção é usada com freqüência no livro dos Salmos, para indicar os inimigos dos justos e do Senhor.

manchada de sangue. Essas palavras podem aludir aos cinquenta homens de Gileade envolvidos no assassinato de Pecaías (2Rs 15.25).

* 6.9 Siquém. Um importante centro religioso e político, Siquém ficava

situado entre o monte Gerizim e o monte Ebal (Dt 27.4,12-14; Js 8.30; 20.7,24.1; Jz 9.6; 1 Rs 12.1). [9]

prostituição. Uma figura de linguagem comum que fala em infidelidade religiosa (referência lateral; 7.4 e nota).

* 6.11 ceifado. Temos aqui uma metáfora relativa ao julgamento por Deus

(Jr 51.33; Jl 3.13 e Mt 13.39-43).

* 7.1 Efraim... Samaria. Ambos esses termos se referem ao reino do norte,

Israel, do qual Samaria era a capital (4.17, nota).

* 7.2 Não dizem no seu coração. Eles enganaram até a si mesmos (cf. Gl

6.7).

* 7.3 rei... príncipes. Os líderes reais deveriam ter provido liderança moral,

mas, em lugar disso, saboreavam o mal e a traição daqueles que estavam ao seu redor (2Rs 15.8-30).

* 7.4 adúlteros. Eles deixaram o Senhor, a quem estavam ligados pela

aliança, e se uniram a outros deuses e a outros aliados estrangeiros (2.4; 4.12-14; Jr 9.2; 23.10-14). Ver Introdução: Características e Temas.

* semelhantes ao forno. As metáforas de um forno, de um padeiro,

e de um fogo, apresentam um quadro verbal gráfico da auto-propagação da paixão, traição e iniquidade que infestava a vida política de Israel durante os seus últimos dias, e levou a uma série de violentos assassinatos de seus reis (2Rs 15.8-30). O assassinato de Peca por Oséias (2Rs 15.30) pode ter sido a ocasião dessas observações nos vs. 4-7.

* 7.5 dia da festa do nosso rei. Uma celebração real tornou-se a ocasião

para uma bebedeira, que, por sua vez, foi o estímulo para a iniquidade (1Rs 16.9,10; Pv 31.4,5; Am 6.6). [10]

* 7.7 juízes... reis. Em meio ao desassossego, eles viram quatro reis

serem assassinados, no espaço de vinte anos (2Rs 15.8-30). Nenhum desses líderes invocaram a Deus.

* 7.8 se mistura com os povos. Uma referência às alianças que Israel

fazia, mutavelmente, com o Egito, com a Filístia, com a Síria e com a Assíria.

um pão que não foi virado. Nesta figura simbólica sarcástica da ridícula política nacional, Israel é comparado a um pão meio assado, visto ela ter-se recusado a voltar-se para o Senhor.

* 7.9 lhe comem a força. Eles empobreceram Efraim cobrando tributo.

ele não o sabe. Essa repetida frase salienta a ignorância de Israel a respeito de quão politicamente fraca e esgotada a nação tinha-se tornado. A falta de conhecimento de Deus, neste caso, foi seguido pela falta de conhecimento de si própria.

* 7.10 soberba. A cegueira de Israel é atribuída à arrogância teimosa que

testificava contra ela (5.5). Voltar-se para o Senhor era a única esperança de Israel (2.7; 3.5; 5.4; 6.1; Am 4.6-12).

* 7.11 pomba enganada. A pomba era considerada uma ave sem

inteligência e fácil de apanhar.

Egito... a Assíria. Como se fosse uma pomba, Israel voejava de uma nação para outra, em busca de segurança e proteção: Menaém submeteu-se à Assíria e pagou um pesado tributo (2Rs 15.17-20); Peca formou uma coligação com Damasco da Síria contra a Assíria (2Rs 15.29,37; 16.5); e Oséias mudou sua lealdade da Assíria para o Egito (2Rs 17.3,4).

* 7.12 minha rede. A rede de julgamento divino apanharia Israel que

voejava. [11]

mentiras. Essa declaração pode referir-se a idéias falsas sobre o Senhor, que tinham sido assimiladas pela religião de Israel, a palavras de arrependimento sem sinceridade (6.1-3), ou mais geralmente, a promessas quebradas da aliança.

* 7.14 de coração. Uma reação positiva responsável e leal, conforme é

sugerido por uma expressão semelhante usada em um tratado assírio contemporâneo.

dão uivos nas suas camas. Essa frase pode significar que eles clamaram a seus deuses sobre os leitos de prostituição no culto da fertilidade. Se "ajuntam" for substituído por "se retalham” (ver referência lateral), essa auto-mutilação era ainda outro apelo a

deuses pagãos (Dt 14.1; 1Rs 18.26-29).

* 7.16 arco enganoso. Ver Sl 78.57.

insolência da sua língua. Era dirigida contra Deus e contra os seus profetas (6.5).

Egito. Os egípcios, dentro em breve, zombariam da queda daqueles que só intermitentemente solicitavam a sua ajuda.

* 8.1 trombeta. A chamada urgente (5.8) relata que a Assíria, como uma

águia (Dt 28.49,50; Is 10.5,6; Jr 4.13; 48.40; Lm 4.19; Hc 1.8) estava se aproximando rapidamente para administrar o julgamento divino.

a Casa do SENHOR. Essa expressão pode referir-se tanto à terra de Israel quanto o templo (9.15).

a minha aliança... a minha lei. A rebeldia contra os termos da aliança era equivalente à rebelião contra o próprio Deus (4.6; 6.6,7; 7.13 e 8.12).

te conhecemos. Quando o povo de Israel clamava por ajuda, eles alegavam conhecer a Deus, mas seus atos negavam suas palavras (6.1). Ver Introdução: Características e Temas.

* 8.3 Israel rejeitou o bem. Esse termo abrangente descreve todas as

bênçãos segundo a aliança de Deus com Israel; e pode até referir-se ao "Bom", isto é, ao próprio Deus (Am 5.14; Mq 6.8).

* 8.4 reis... príncipes. A independência de Israel de Deus, na esfera

política, ficava aparente na recusa deles em consultarem a Deus quanto à sua escolha de líderes. Isso os conduziu a uma séria de

conspirações e assassinatos violentos (7.3-7; 2Rs 15.8-30). Ver Introdução: Data e Ocasião.

ídolos. Ao fabricar ídolos de prata e ouro, Israel expressou sua rejeição teimosa do bem (v. 5; Êx 20.3-6; 34.17; Lv 19.4).

* 8.5 bezerro. Como símbolo de fertilidade e força, o touro era adorado

com freqüência no antigo Oriente Próximo. No entanto, o bezerro de ouro de Samaria foi estabelecido como um ídolo que representava o Senhor, por Jeroboão I (1Rs 12.26-30; cf. Êx 32) e é aqui descrito como o objeto de adoração (10.5 nota).

* 8.7 semeiam ventos e segarão tormentas. Essa declaração proverbial

enfatiza a terrível relação de causa e efeito entre o pecado e a punição (10.13; Jó 4.8; Pv 11.18; 22.8; Gl 6.7-9).

* 8.9 subiram à Assíria. Provavelmente temos aqui uma referência à

submissão do rei Oséias à Assíria em sua tentativa de reter a autoridade que ele havia adquirido depois de haver assassinado a Peca (7.11; 2Rs 15.30; 17.3). Ver Introdução: Data e Ocasião.

jumento montês. Usando um trocadilho entre as palavras hebraicas para "jumento montês" e "Efraim", Oséias condenou Efraim (Israel) por ter, teimosamente, rejeitado o convívio com o Senhor.

* 8.10 eu os congregarei. Essa reunião seria para juízo, e não para

restauração (Jl 3.2; Sf 3.8).

do rei e dos príncipes. Uma referência ao rei da Assíria (Is 10.8).

* 8.11 altares para pecar. Embora tivessem sido erigidos para fazer ali

expiação pelo pecado, os altares do norte tornaram-se locais para pecar.

* 8.13 voltarão para o Egito. Deus os ameaça com o cativeiro, aqui

simbolizado pela terra onde Israel antes estivera escravizado (9.3; Êx 1.8-14; Dt 28.68).

* 8.14 palácios... cidades fortes. A confiança de Israel de que edificações e

fortificações traziam segurança espiritual, política ou militar, era engano.

fogo. Ver Am 1.4,7,10,12,14.

* 9.1-9 Por causa do julgamento divino contra a sua desobediência à aliança, Israel

não desfrutaria do fruto da terra (Dt 28.18), e nem celebraria as festas agrícolas anuais (Dt 16.1-17 e notas).

* 9.1 eiras de cereais. A área plana e aberta, usada para separar a palha

do trigo e da cevada, era também um lugar onde Israel se prostituía, entregando-se a atividades sensuais relacionadas à adoração de fertilidade de Baal. Ver Introdução: Data e Ocasião.

* 9.2 lagar. Era usado tanto no fabrico do vinho quanto do azeite.

* 9.3 terra do SENHOR. Também chamada de "casa" do Senhor (8.1;

9.15), a Terra Prometida era propriedade do Senhor, e não de Baal — e nem mesmo de Israel (Lv 25.23 e nota).

tornará ao Egito. Ver nota em 8.13.

coisa imunda. Outras nações e o alimento que elas produziam eram considerados imundos (Ez 4.13; Am 7.17).

* 9.4 pão de pranteadores. O alimento na casa de enlutados era

considerado imundo, por causa do contato com um cadáver (Nm 19.11-22; Dt 26.14).

na Casa do SENHOR. Eles não seriam capazes de santificar seu alimento, por meio de

19

sacrifício, enquanto estivessem no exílio.

* 9.5 dia da solenidade... festa do SENHOR. Uma referência provável à

colheita anual do outono na Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43; Dt 16.13-15).

* 9.6 destruição. As invasões assírias.

Mênfis os sepultará. Aqui, como símbolo poético do Egito, esta cidade egípcia era conhecida por seus grandes cemitérios, túmulos e pirâmides.

preciosidades da sua prata... moradas. As tendas abandonadas e os objetos de prata podem ter sido santuários religiosos e ídolos, ou, em geral, propriedades pessoais.

* 9.7 profeta é um insensato. Em seu pecado, os israelitas

consideravam

os profetas do Senhor como tolos e faladores vãos.

homem de espírito. Usado paralelamente a "profeta", provavelmente essa é outra expressão para "homem de Deus" (1 Sm 10.6; 1Rs 18.12; 22.21 -28; 2Rs 2.9,16).

louco. A palavra hebraica indica alguém que balbuciava sem sentido, um doido (1Sm 21.13-15; 2Rs 9.11; Jr 29.26).

* 9.8 sentinela... laço do passarinheiro. Os profetas mantinham vigilância

sobre Israel (5.8; Jr 6.1; Ez 3.17; 33.1-7). Mas aquele que soava o alarme, agora se via caçado como um animal, e objeto de hostilidade.

casa do seu Deus. A Terra Prometida (8.1, nota).

* 9.9 Gibeá. Essa cidade tornou-se infame devido à violação em grupo da

concubina do levita e à guerra que se seguiu (Jz 19—21). A gravidade dos pecados anteriores de Israel também mostra quão profundamente eles precisam de uma completa renovação de sua natureza. [12]

primícias da figueira. Os primeiros figos que amadurecem nos rebentos do ano anterior não somente são muito tenros, mas também bastante incomuns (cf. Is 28.4). Essas figuras de linguagem salientam quão excepcional e agradável foi o relacionamento pactual inicial do Senhor com Israel.

Baal-Peor. Temos aqui uma referência ao adultério sexual e espiritual de Israel no deserto (Nm 25 e notas) — um comportamento que agora era repetido pelos contemporâneos do profeta Oséias.

se tornaram abomináveis. Ao passarem a seguir a Baal, o deus da vergonha, os israelitas tornaram-se, eles mesmos, detestáveis.

* 9.11 glória. Pode ser uma referência de seu poder político e militar do

reino do norte. Mas o contexto sugere que seja sua numerosa população. A bênção sobre José e Efraim, tornara-os frutíferos (Gn 48.16; 49.22-26).

não haverá nascimento. A prática da religião da fertilidade gerou uma maldição na fertilidade, e não uma bênção (Dt 28.18).

* 9.14 Dá-lhes. Oséias respondeu com uma oração, pedindo que fosse

retirada a bênção divina da fertilidade (Gn 49.25; Êx 23.26; Dt 28.4,11). O profeta só podia concordar com o justo julgamento divino.

* 9.15 Gilgal. Ver nota em 4.15; cf. 12.11.

os lançarei fora de minha casa. Note como isso forma um paralelo com o banimento dos cananeus por Deus (Êx 23.29,30; 33.2; Js 24.18; Jz 6.9). Ver nota em 8.1.

* 9.16 Efraim... fruto. Em hebraico, "Efraim" soa como "fruto", e esse

trocadilho ironicamente sublinha a tragédia da falta de fruto de Efraim (Gn 41.52). O nome dessa tribo principal do norte com freqüência era usada para indicar o reino do norte de Israel, por inteiro. [13]

errantes. Tendo-se afastado de Deus (7.13), os israelitas, como Caim, estavam destinados a se tornarem errantes sem descanso (Gn 4.12).

* 10.1-8 Nesta seção, diferente das seções anteriores e seguintes, o Senhor

não fala, mas fala-se a respeito dele.

1

12.4 sela o livro. Selar um livro mantinha-o inalterado, enquanto

o mesmo esperava seu cumprimento (8.26, nota).

2

1.4 Jezreel. Lit., "Deus semeia" ou "Deus planta". Esse é o nome de um vale belo e fértil, entre as cadeias montanhosas de Samaria e Galiléia (local da vitória de Gideão sobre o midianitas; Jz 6.33) bem como de uma cidade no extremo sul do vale, onde Jeú subiu ao poder através da violência (1Rs 21.1; 2Rs 9 e 10). Esse vale tornou-se o lugar de julgamento, em 733 a.C. (2Rs 15.29). Essa punição através de uma derrota militar sugere o tema da quebra da aliança visto que reflete as maldições registradas em Lv 26.17; Dt 28.25,49-57. Contudo, Jezreel também aparece como sinal de bênção e fertilidade em Os 2.22.

3

2.5 sua mãe se prostituiu. A mãe infiel (Israel) tinha confiado na religião

3

4

2.19 Desposar-te-ei. O noivado era o passo final no processo do namoro,

e envolvia pagar um preço pela noiva ao seu pai. Aqui as qualidades da justiça, juízo, benignidade, misericórdia e da fidelidade, são uma espécie de preço pago em troca da noiva, garantindo a permanência do relacionamento.

5

4.9 como é o povo, assim é o sacerdote. Ninguém seria poupado do

julgamento (cf. Is 24.1-3).

6

5.5 acusa. Os pecados do povo testificavam contra eles no processo

11

7

5.13 enfermidade... chaga. Em vez de voltar-se para o Senhor, para ele

curar suas misérias, infligidas pelo inimigo (cf. Is 1.5-9; Jr 30.12,13), Israel voltou-se para

12

8

6.4 a nuvem da manhã... o orvalho da madrugada. Continuando a usar

imagens extraídas da natureza, Deus lamenta a qualidade temporária e transitória do

13

9

6.10 coisa horrenda. Essa frase indica um pecado de natureza religiosa,

ou seja, o envolvimento de sacerdotes ou profetas em transgressão grosseira (Jr 5.30,31;

14

10

7.6 prepararam. Os que planejavam contra o rei, talvez os sacerdotes

(6.9).

11

7.13 remiria. Esse termo, extraído da lei comercial, que significa "resgatar"

(Lv 27.27-31), também é aplicado ao livramento de Israel da escravidão (13.14; Êx 15.13;

16

12

9.10 uvas no deserto. Um achado incomum e delicioso.

13

9.17 O meu Deus. Diferente daqueles que se tinham desviado de Deus, o

profeta permanece fiel à aliança com o Senhor.

*** 10.1 abundância do seu fruto... multiplicou os altares. Israel atribuía a**

seus ídolos o crédito pela sua prosperidade, e devotava mais recursos ao culto pagão sempre quando sua prosperidade aumentava.

* 10.2 O seu coração é falso. A aliança requeria uma devoção de toda a

mente ao Senhor (Dt 6.5); as lealdades falsas de Israel atraíam o castigo previsto nas maldições pactuais pronunciadas por Moisés (Dt 29.14-29).

* 10.3 Não temos rei. Se o rei ainda está no trono ou está prestes a ser

deposto, ou já tivesse sido deposto, sem a bênção divina ele é inútil.

* 10.4 Jurando. Os compromissos do rei podiam ser alianças como um

vassalo da Assíria, mas eram consideradas falsas, porquanto eram ratificadas mediante a invocação de divindades assírias (cf. o v. 6). Mais provavelmente essas obrigações desconsideradas, são aquelas do rei para com o seu povo (ver 2Sm 3.21; 5.3), a principal das quais era manter a justiça.

erva venenosa. Ou "alosna", conforme o termo hebraico foi traduzido em Amós 6.12.

* 10.5 Samaria. A capital do reino do norte.

bezerro de Bete-Áven. O bezerro e seus sacerdotes (2Rs 23.5; Sf 1.4) provavelmente não representavam alguma divindade estrangeira. Pelo contrário, eles exemplificavam uma forma altamente perversa de

adoração ao Senhor em Israel (8.5, nota; 13.2 nota; 1 Rs 12.31-33).

se lamentará... tremerão. Oséias escarneceu das emoções devotas que o povo manifestava por um ídolo.

* 10.8 altos de Áven. Ver referência lateral e 4.13,14.

Cobri-nos!... Caí sobre nós. Essas palavras falam de uma avassaladora devastação vinda do Senhor. O povo de Israel preferia morrer do que enfrentar outros julgamentos da parte de Deus. Esta passagem foi citada por Jesus em Lc 23.30, e foi aludida em Ap 6.16.

* 10.9 Gibeá. Ver nota em 9.9.

* 10.10 dupla transgressão. Essas palavras podem referir-se ao pecado passado em Gibeá, bem como ao pecado presente de Israel, ao seu pecado religioso e à sua infidelidade política, ou, simplesmente, às transgressões repetidas e contumazes.

* 10.11 Efraim... Judá. Ambos os reinos estão em mira.

bezerra domada... gostava de trilhar. Uma figura de linguagem positiva da vocação original de Israel como um animal domado sem mordaça, que debulha os grãos colhidos, livre para comer enquanto trabalha (cf. 11.4; Dt 25.4; Pv 12.10; Jr 50.11). Jesus também oferece um jugo suave para seus discípulos (Mt 11.28-30).

formosura do seu pescoço. Isto é, um forte pescoço capaz de suportar trabalhos árduos. Israel não cumpriu as expectativas do Senhor. O jugo suave das bênçãos pactuais seriam substituídas por um jugo pesado das maldições pactuais, para ensiná-los a obediência.

* 10.12 misericórdia. Ver nota em Êx 15.13. Semear o que é correto e bom, isto resulta em uma colheita de bênçãos do Senhor.

arai o campo de pousio. Quando uma terra virgem e inativa é arada,

particularmente ela produz uma abundante colheita.

chova a justiça. Deus é quem dá o crescimento possibilitando a colheita (1Co 3.6,7).

* 10.13 Arastes a malícia. Ao invés de cultivar um frutífero relacionamento com Deus, Israel plantou, ceifou, e comeu malícia e desonestidade (8.7; Gl 6.7-9)

porque confiastes... vossos valentes. **A punição que Deus trará (uma derrota militar) está diretamente relacionada com os pecados de Israel de confiar em seu próprio poder militar e não no Senhor (Jr 9.23,24).**

* 10.14 Salmã destruiu Bete-Arbel. **O público de Oséias com certeza lembrou-se deste evento agora desconhecido como particularmente brutal. Salmã tem sido identificado diversamente como Salmaneser III da Assíria (859-824 a.C.), Salmaneser V (727-722 a.C.), e** *Salamanu,* **um contemporâneo rei moabita. Bete-Arbel é normalmente identificado com o** *local de Irbid* **em Gileade.**

* 10.15 Betel. **Com freqüência, ironicamente chamado Bete-Áven por Oséias (4.15, nota; 5.8; 10.5)**

* como passa a alva. **O tempo da batalha começar.**

* 11.1-11 **Em uma linguagem ainda mais terna do que a história do filho pródigo (Lc 15.11-32), Deus, o pai amoroso, proclama sua compaixão para com Israel. Apesar da rebelião, a eleição de Deus não pode ser derrotada. Além do juízo, há esperança.**

* 11.1 amei. **A linguagem de amor é usada para descrever tanto o relacionamente de pai e filho quanto o relacionamente pactual entre o trato de um suzerano e um vassalo no antigo oriente próximo (Dt 6.5; 7.8, 13; 10.15; 23.5).**

e do Egito chamei meu filho. **Aqui e no v. 4 a referência é feita à**

libertação divina de Israel da escravidão no Egito (Êx 4.22). Jesus, como o verdadeiro Israel, foi também trazido do Egito de acordo com esta profecia (Mt 2.15).

* 11.2 os chamava... da minha presença. **Ver referências laterais. O hebraico**

deste verso é muito difícil de traduzir. O significado pode ser que os pagãos ou seus

deuses, os baalins, tentaram Israel, provocando a nação a afastar-se do Senhor. Alternativamente, estes que eram chamados podem ser os profetas, cujas mensagens foram ignoradas como também Israel que foi atrás de outros deuses. [1]

amoroso de Deus em guiar Israel pelo deserto até à Terra Prometida.

eu os curava. Deus poupou Israel da enfermidade durante o período formativo no deserto (Êx 15.26)

*** 11.4 cordas... laços... jugo... dar-lhes de comer. A metáfora**

aparentemente volta a Israel como um animal de carga (10.11), mas aqui Deus mima a criatura.

* 11.5 Não voltarão para... Egito. A palavra hebraica para "não", aqui

usada, parece indicar que Israel não retornaria ao Egito (símbolo da escravidão; 8.13 nota) mas isso parece conflitar com 8.13; 9.3 e 11.11. Alguns interpretam essa frase como uma pergunta retórica ("Não voltarão para a terra do Egito?"), enquanto que outros emendam a palavra hebraica que significa "não", para que signifique "a ele". Entretanto, há uma outra interpretação que é indicada pelo contexto da misericórdia divina nesta passagem (vs. 4 e 8). Israel não retornará ao Egito (isto é, à condição em que

se encontravam antes de Deus chamá-los como seu povo da aliança; Dt 4.34), mas seria castigada por seus pecados pela Assíria.

Egito... assírio. Ver as notas sobre 8.13; 9.3. Embora merecido, o efeito desse julgamento é moderado no v. 11.

* 11.6 suas cidades. Contando com cidades fortificadas eles estavam

confiantes em si mesmos (8.14).

ferrolhos. Alguns estudiosos sugerem que essa palavra hebraica de difícil interpretação refere-se a pessoas, especificamente os falsos profetas que supriam o conselho militar mencionado logo adiante, neste versículo.

* 11.8 Como te deixaria. Deus aqui fala diretamente com Israel. O contraste

com os vs. 5-7 aumenta o impacto dessa declaração profundamente pessoal de compaixão persistente.

Admá... Zeboim. Essas duas cidades da planície, perto da extremidade sul do mar Morto

(Gn 10.19; 14.2,8), foram destruídas juntamente com Sodoma e Gomorra (Gn 19.23-25), tornando-se assim exemplos da ira de Deus (Dt 29.23; Jr 49.18).

* 11.9 Santo. A santidade denota a diferença entre Deus e os homens. Os

homens buscam vingar-se, mas Deus opera a salvação.

* 11.10 Andarão após o SENHOR. A restauração, e não a destruição, é o alvo do

julgamento por Deus do seu povo segundo a aliança.

* 11.11 Deus modera compassivamente o efeito do julgamento proferido no v. 5.

do Egito... da Assíria. Novamente, o Egito e a Assíria são apresentados como um par que simboliza o julgamento do povo de Deus por meio do exílio (8.13 nota; 9.3; 11.5).

* 11.12—12.14 Esta seção acusa Israel de traição e pronuncia julgamento. Temas repetidos são a traição passada de Israel (artisticamente vinculada a episódios extraídos da vida de Jacó) e a rejeição da palavra do Senhor proferida pelos profetas.

* 11.12 cercou. O reino do norte sitiou o Senhor.

Judá ainda domina com Deus. O original hebraico é difícil de traduzir. Conforme esta versão, Judá é visto positivamente e contrastado com Efraim (i.é., Israel). Mas alguns traduzem essa frase para falar de Judá como "desobediente contra Deus", tal como sucedia no caso de Efraim.

* 12.1 apascenta. Ver Pv 15.14; Is 44.20.

o vento... o vento leste. Essas figuras metafóricas de futilidade (Jó 15.2; Ec 1.14) e de destruição (13.15; Jr 18.17) são aplicadas às alianças de Israel com a Assíria (5.13; 7.11; 8.9; 14.3; 2Rs 17.3) e com o Egito (7.16 nota; 2Rs 17.4). Tais alianças não eram meramente uma política estrangeira deficiente, mas expressões de infidelidade contra o Senhor.

mentiras. Exemplos de mentiras incluem a oscilação de Israel entre a Assíria e o Egito (7.11), fazendo este último lançar-se contra a primeira (2Rs 17.3,4).

azeite. Presentes eram com freqüência enviados quando pactos eram

estabelecidos.

* 12.2 contenda. Ver referência lateral. Tal como em 4.1. o Senhor atuava

como queixoso, juiz e advogado de acusação em uma cena de tribunal, acionando uma ação judicial segundo a aliança contra o seu povo. Ele exigia punição (v. 2), mas também reconciliação (v. 6).

Jacó. Ou seja, Israel (10.11; cf. Gn 32.28).

* 12.3 pegou. "Pegou", no hebraico, é a raiz da palavra "Jacó" (Gn 25.26),

sendo traduzido por "usurpar" Gn 27.36.

* 12.4 lutou com o anjo. A palavra hebraica aqui traduzida por "lutou" é

dada como a origem do nome "Israel", em Gn 32.28. Ao buscar tenazmente a bênção divina, Jacó deixou um exemplo positivo para a nação (v. 6).

Betel. O lugar onde Deus se revelou a Jacó (Gn 28.12-19; 35.1-15). Ver nota em 4.15.

* 12.5 O SENHOR, o Deus dos Exércitos. Uma doxologia, semelhante às

do livro de Amós (Am 4.13; 5.8,9; 9.5,6), relembra aqui a Israel que o Deus da aliança com os patriarcas (o SENHOR) é o Deus dos Exércitos, o comandante dos exércitos de Israel, o soberano sobre toda a criação (Zc 1.3, nota).

* 12.6 Converte-te. Tal como fez Jacó, que retornou a Betel para cumprir o seu voto (ver Gn 35.1-15), Israel deve retornar ao Senhor.

* 12.7 Mercador. No hebraico temos a palavra "cananeu", que

significava,

secundariamente, "mercador" (referência lateral), tão bem conhecidos se tinham tornado os cananeus como mercadores. O mercador Efraim não era apenas desonesto, mas também pagão. [2]

tendas... festa. Encontramos aqui uma referência à Festa dos Tabernáculos, quando o povo viveu em tendas em memória dos tempos em que Israel vivia no deserto, depois de deixar o Egito (Lv 23.43). Assim como Israel foi julgada com quarenta anos de perambulações pelo deserto (Nm 14.33), assim também aqui Israel foi ameaçada com o "deserto" do exílio para longe da sua terra.

* 12.10 Falei aos profetas. Ninguém podia alegar ignorância como desculpa (6.5 e

12.13).

visões. Uma maneira de Deus conceder revelações aos profetas (Nm 12.6; Jó 33.14-16).

símiles. Essas "parábolas" (referência lateral) eram figuras de linguagem que transmitiam mensagens divinas (2Sm 12.1-4; Sl 78.2; Is 5.1-7; Ez 17.2-10).

* 12.11 Gileade. Essa região, a leste do rio Jordão, na fronteira com Moabe, no sul,

e Basã, no norte, era um local de sacrifícios ilegais, derramamento de sangue e idolatria. Essa região foi conquistada pela Assíria, em 734—732 a.C. (2Rs 15.29; Os 6.8).

Gilgal. Ver nota em 4.15.

montões de pedra nos sulcos. Pedras grandes, atingidas pelo arado do agricultor, eram empilhadas em montões.

* 12.12 a terra da Síria. Padã-Arã (Gn 28.2,5).

serviu... guardou o gado. Oséias comparou o serviço prestado por Jacó para garantir para si uma esposa de um país estrangeiro com o livramento do povo de Israel, por parte de Deus, do Egito. O mesmo verbo hebraico traduzido por "guardou", no v. 12 é traduzido por "guardado", no v.13. [3]

* 12.14 Efraim... provocou. Uma vez mais, a fidelidade de Deus à aliança (v. 13) é

contrastado com a infidelidade de Israel. O Senhor havia sido provocado pela adoração a deuses pagãos (Dt 32.21), mas aqui, ainda há implicações de outras ofensas.

sangue... derramado. Esta é uma referência ou ao próprio assassinato (4.2; 5.2; 6.8) ou, conforme aparece em antigos textos jurídicos, qualquer crime capital. Este versículo conclui os processos legais, e é paralelo, quanto à estrutura, ao v. 2, que introduz a seção. A eleição segundo a aliança envolve responsabilidades segundo a aliança.

* 13.1 Aqui começa um aviso do castigo pelos pecados passados (v. 1) e

presentes (v. 2).

Efraim. Ver nota em 4.17.

Baal. Ver 2.7,8,17; 9.10; 11.2.

morreu. Por causa de sua idolatria, o reino do norte (Efraim) podia ser considerado morto em delitos e pecados (cf. Ef 2.1).

*** 13.2 Imagens de fundição, ídolos... bezerros. O quadro coletivo é de**

estatuetas de bezerros, feitos de bronze e recobertos de prata (Êx 32.4,8; 34.17; Lv 19.4; Dt 19.16). Os ídolos de bezerros era de origem cananéia e estava vinculado à adoração a Baal, mas os idólatras também o associavam, em suas próprias mentes, com o Senhor (8.5,6; 10.5 e notas).

beijam bezerros. Ver referência lateral. Isso era um ato de devoção, adoração ou apaziguamento (1Rs 19.18). [4]

*	13.3	nuvem... orvalho. Ver 6.4
*	13.4	Ver nota em 12.9.

com Deus é exclusivo, é lançada na linguagem do primeiro mandamento (Êx 20.2,3; Dt 5.6,7), mas com a idéia adicional de "conhecer" a Deus. Outros chamados deuses eram adorados, mas somente o único verdadeiro Deus podia ser "conhecido". Ver Introdução: Características e Temas. Outras ligações com os requisitos pactuais do Decálogo são evidentes na descrição da idolatria de Israel (vs. 1,2), uma clara violação do segundo mandamento (Êx 20.4-6; Dt 5.8-10).

* 13.5 Eu te conheci. Israel aparece aqui em solidariedade coletiva pelo

pronome hebraico no singular, "te". Essa forma do pronome enfatiza a natureza pessoal do relacionamento pactual de Deus com o seu povo. Ver Introdução: Características e Temas; Gn 17.7 e nota.

deserto. Durante as perambulações difíceis pelo deserto, Deus conhecia e estava preparando o seu povo. Por semelhante modo, Deus usaria o exílio do "deserto" para regenerar Israel (2.14-16).

* 13.6 Este versículo descreve um processo de descida na escala

moral e na

adoração (Dt 32.10-18; Jr 2).

se esqueceram. Esse clímax lamentável faz contraste com os dias anteriores de conhecimento (vs. 4,5 e notas; cf. Dt 8.11-20).

* 13.7-9 Esta espantosa comparação de Deus com animais ferozes que

devoram o rebanho ecoa as maldições da aliança para a desobediência (Lv 26.21,22; Dt 32.24; Ez 14.21). Essas figuras de linguagem retratam a severidade do julgamento divino (5.14; Pv 17.12; Jr 5.6).

* 13.9 teu socorro. A destruição de Israel é explicada aqui em termos da

rebeldia da nação contra seu Ajudador. Não há ajuda como a de Deus (Êx 18.4; Dt 33.2629; Sl 10.14; 54.5; 115.9-11; 121.2-8; 146.5). Opor-se alguém a Deus é convidar a destruição. [5]

* 13.11 Dei-te um rei... e to tirei. Embora descreva uma ação passada, o tempo

verbal, no hebraico, sugere um processo contínuo de dar e tomar. O rei não é especificado. Talvez tenhamos aqui uma referência aos assassinatos reais dos tempos de Oséias (3.4; 7.7; 8.4; 10.3; cf. 2Rs 15.8-31 e 17.1.6), a um antigo rei como Saul (que estava vivo quando um rei foi pedido pela primeira vez), ou mesmo a todos os reis do norte (todos os vinte que fizeram "o que era mau perante o SENHOR").

* 13.12 A fim de que não fossem esquecidas ou diminuídas, as transgressões são

figuradamente atadas juntas e então guardadas em um lugar seguro,

para retribuição futura (7.2; 9.9; Dt 32.34; Jó 14.17).

Efraim. Ver nota em 4.17.

* 13.13 O apuro de Israel, que estava esperando uma condenação certeira, foi

vividamente comparado com a triste sorte de uma mãe e seu filho, durante um nascimento mal-sucedido (cf. 2Rs 19.3). Esse complexo quadro verbal compara Israel tanto a uma mãe (que enfrentaria a tristeza e certamente a morte) quanto a um bebê (que, teimosamente se recusava a ser trazido à luz em segurança).

filho insensato. Israel é aqui retratado como um feto que deixara de posicionar-se favoravelmente no útero de sua mãe, para que houvesse o parto. Essa figura surpreendente relaciona-se ao tema da falta de reconhecer a Deus (Introdução: Características e Temas). [6]

esta verdade. O triunfo final de Deus sobre o último inimigo e garantido pela morte e pela ressurreição de Cristo.

Meus olhos não vêem em mim arrependimento algum. A palavra hebraica aqui traduzida por "arrependimento" pode ser também entendida como "lamento". Deus não se "arrependerá" (isto é, não mudará a sua mente), em seu intuito de vencer a morte, em favor de seu povo.

* 13.15 Ainda que ele viceja. Esse é Efraim, cujo nome vem da mesma raiz

hebraica que significa "vicejar, frutificar" (9.16 nota).

leste, vento do SENHOR. Ver 12.1 e nota. Aqui, essa força destrutiva é um símbolo da Assíria, como instrumento do julgamento divino contra Israel (Introdução: Data e Ocasião; Is 10.5,6).

* 13.16 Samaria. Capital, bem como a força impulsionadora da

rebeldia do reino do

norte.

cairá... despedaçados... abertas pelo meio. Linguagem figurada que indica destruição (vs. 3, 8, 15), uma estremecedora expressão de dura realidade.

* 14.1-3 O profeta fala ao povo, exortando-o ao arrependimento, antes de

transmitir a promessa divina de bênção (vs. 4-8).

* 14.1 Volta. Essa exortação temática ao arrependimento (2.7; 3.5; 6.1; 7.10

e 12.6) é agora dirigida àqueles que já tinham caído por causa de seus pecados.

* 14.2 Tende convosco palavras. Palavras de confissão acompanhadas

pela obediência agradam a Deus, mas não os sacrifícios insinceros (ver 5.6; 6.6; 8.11-13). Uma linguagem exata de confissão é sugerida nos vs. 2 e 3.

os sacrifícios dos nossos lábios. Ou "fruto de nossos lábios" (ver referência lateral). As palavras hebraicas para "novilhos" (aqui traduzida por "sacrifícios") e "fruto" são semelhantes. Ver Pv 12.14; 13.2; Hb 13.15.

* 14.3 A Assíria... cavalos... Deus. A nação de Israel deve desistir de

confiar em potências políticas estrangeiras (5.13; 7.11; 12.1), em sua própria capacidade militar (10.13; cf. Sl 33.16,17), e na religião idólatra e sincretista (2.8,13; 3.1; 4.12; 8.5,6; 10.5,6 e 13.2).

o órfão alcançará misericórdia. Essas palavras aludem ao tema anterior da perda e da restauração do amor, ilustrado pelo casamento de Oséias e pela sua filha Desfavorecida (1.6; 2.2-4,14-23). Ver Introdução: Características e Temas.

* 14.4 Curarei. A promessa da cura começou a ter cumprimento quanto

Israel voltou do exílio na Babilônia, no sexto século. Está tendo muito maior cumprimento em Jesus Cristo e sua Igreja, e será consumada por ocasião de sua Segunda Vinda.

infidelidade. A infidelidade característica de Israel (4.10-12; 5.4; 7.4 e 11.7) seria curada pelo grande Médico, cuja ira agora se tinha aplacado.

de mim mesmo os amarei. Neste cântico de amor, ouvimos novamente falar do profundo afeto de Deus por seus eleitos. Esse amor desmerecido é aquilo que o Novo Testamento chama de graça (Rm 5.15; Ef 2.5,8).

* 14.5-7 Nesta seção, resplandecente com a linguagem do amor, metáforas

vívidas, inspiradas pela vida vegetal — um lírio que se abria (Ct 2.1,16), um cedro do Líbano profundamente arraigado, florescente e fragrante (Sl 92.12; 104.16), uma esplêndida oliveira (Sl 52.8; Jr 11.16), uma árvore frondosa que dava sombra (Ct 2.3; Ez 17.22,23), grãos vicejantes (2.8,22), uma vinha luxuriante (10.1; Is 5.1-7) e o fruto da vinha — todas essas coisas pintam uma nação de Israel vigorosa, renomada, estável e próspera, florescendo sob os cuidados de Deus, que é comparado ao orvalho que transmite vida (Dt 33.13).

* 14.8 cipreste verde. Como uma árvore renomada como um símbolo de

vida (cf. Gn 3.22; Ap 22.2), Deus daria fruto à infrutífera nação de

Efraim (9.16, nota). [7]

ou insensatez; discipulado ou rebeldia; vida ou morte. Os sábios "escolherão a vida” (Dt 30.19,20).

Joel

* 1.1 Palavra do SENHOR. Este pequeno e simples título anuncia que o que se segue é a palavra do Senhor, e pode ser comparado com Jn 1.1. Compare também com outros títulos mais extensos em Jr 1.2; Ez 1.3; Os 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1; Zc 1.1; Ml 1.1.

Joel. Seu nome significa "o Senhor é Deus.”

Petuel. Aqui temos a única ocorrência deste nome na Bíblia.

* 1.2-
2.17 Dois problemas confrontam Judá como conseqüências seus

pecados: (a) a recente devastação da terra pelos gafanhotos (1.4-8) e a seca (1.10-12, 16-20); e (b) o ataque iminente à terra pelo exército do Senhor (2.117). Para que o povo seja liberto dessas calamidades, ele deve se arrepender de seus pecados e retornar ao Senhor.

* 1.2-20 Joel apela para os anciãos (v. 2), os bêbados (v. 5), os lavradores (v. 11), e os sacerdotes (v. 13) que ponderem acerca do significado da recente praga de gafanhotos e da seca, e se arrependam.

* 1.2 Ouvi... escutai. Esta série de determinações requer que o povo reconheça o significado pessoal e espiritual da invasão de gafanhotos. A repetição do pensamento nas primeiras duas linhas e nas duas linhas seguintes ilustram o paralelismo típico da poesia hebraica.

velhos. Esse termo designa os líderes comunitários e religiosos. O

mesmo termo usado em 2.28 parece referir-se à idade.

todos os habitantes da terra. Toda a população de Judá e Jerusalém é chamada a escutar. [8]

* 1.4 gafanhoto. As repetições poéticas em cada linha enfatizam a abrangência da destruição dos gafanhotos. A variedade dos nomes dos gafanhotos podem indicar as diferentes etapas do seu desenvolvimento, embora diferenças de cor ou diferenças de tipo e origem regional possam ser referidas aqui e em 2.25. Quando fosse entendido que os gafanhotos eram um instrumento de punição divina, o arrependimento deveria ser a reação apropriada (Dt 28.38; Am 7.1; Is 33.4).

* 1.5 Ébrios, despertai-vos e chorai. O primeiro chamado para assumir uma atitude de mudança é dada aos bêbados. Esses representam a atitude de muitos que estão desatentos às coisas que têm significado espiritual. Somente aqueles que estão vigilantes são capazes de responder corretamente ao juízo divino.

* 1.6 minha terra. Pronomes pessoais são usados por todo o livro, e

indicam o relacionamento pactual, que não só estabelece a relação entre o Senhor e a terra com suas vinhas e figueiras, mas também entre ele e o seu povo (1.7; 2.13, 14, 17, 18, 23, 26, 27; 3.2, 3, 17).

poderoso... leão. Os gafanhotos são comparados a uma nação invasora que tem paixão consumidora como a de um leão (cf. 2.4-9; Ap 9.7-9). Os gafanhotos e exércitos eram freqüentemente comparados na antiguidade. A literatura mítica da antiga cidade de Ugarite compara um grande exército a gafanhotos (cf. Jz 6.5; Pv 30.27; Jr 51.14, 27; Na 3.15-17).

* 1.7 vide... figueira. Os dentes dos gafanhotos destruíam as mais

valiosas árvores da terra do Senhor.

* 1.8 Lamenta. A lamentação deve ser como a de uma jovem que perdeu

seu amado antes do casamento.

pano de saco. Este material de tecido áspero era freqüentemente feito de pêlo de cabra e usado durante tempos de lamentação. Ver o v. 13; Gn 37.34; 2Sm 3.31; 1 Rs 21.27; Is 32.11, 12.

* 1.9 oferta de manjares e a libação. Estas ofertas, que deviam ser oferecidas duas vezes ao dia (Êx 29.38-42; Lv 2.1, 2; 23.13), não estavam sendo observadas porque as colheitas foram destruídas.

* 1.10 cereal... vide... olivas. Os ingredientes necessários para as ofertas diárias tradicionalmente aparecem nesta ordem (2.19; Os 2.8).

secou. A seca acompanhou a invasão de gafanhotos.

* 1.12 vide... figueira... romeira... palmeira... macieira. A citação desses cinco tipos de árvores procura nos conduzir à declaração climática de que todas as árvores do campo secaram.

já não há alegria. Numa economia agrícola, a alegria do homem murcha junto com a vegetação.

* 1.13 pano de saco... lamentai. São dadas instruções precisas aos sacerdotes sobre como responder pessoalmente ao juízo divino.

* 1.14 Promulgai um santo jejum. Os sacerdotes também devem exercer liderança na comunidade proclamando um jejum público a fim de que a nação inteira cessasse todas as suas atividades regulares por um certo tempo (provavelmente por um dia, Jz 20.26; 1Sm 14.24; Jr 36.6-9) para reconhecer o juízo divino e se arrepender.

* 1.15 o Dia do SENHOR. Uma expressão temática em Joel (1.15; 2.1, 11, 31; 3.14) e em outros livros proféticos do Antigo Testamento

(Is 13.6, 9; Ez 13.5; Am 5.18, 20; Ob 15; Sf 1.7, 14; Ml 4.5). Aqui (e em 2.1, 11) ele refere-se ao dia da ira do Senhor contra Israel, embora, posteriormente no livro, ele se refira à ira do Senhor contra as nações e a bênção do seu povo (2.31; 3.14). A grandiosidade da devastação aponta para um dia ainda mais sinistro de julgamento.

assolação do Todo-poderoso. Esta expressão pode ser traduzida como

3

"poder do Todo-poderoso," tomando-se o sentido da palavra hebraica *shod* **("destruição") de** *shaddai* **("o Todo-poderoso"; Is 13.6).**

* 1.16-18 **Joel reenfatiza seu argumento sobre a iminência do dia do Senhor, lembrando seus ouvintes novamente acerca do julgamento por Deus, os sinais que podiam ser vistos nas condições áridas em volta deles.**

*

1.19 A ti, ó SENHOR, clamo. **O próprio profeta ini a lamentação. A**

devastação vem do Senhor, e ele mesmo é a fonte da restauração.

*

1.20 animais do campo. **Até mesmo os animais se**

seu pranto (Jó 38.41; Sl 104.21; 147.9).

fogo devorou**. O juízo divino é freqüentemente representado como fogo (Dt 32.22; Sl 50.3; 97.3). A metáfora descreve os efeitos da seca (cf. 2.3, onde o "fogo" da devastação causada pelos gafanhotos é descrita).**

* 2.1-
17 **Joel adverte "todos os habitantes da terra" (v.1) se**

para um ataque iminente do exército do Senhor. Uma atitude de contrição do povo pode trazer a compaixão e a bênção de Deus (v. 14).

*
2.1 a trombeta. **O chifre de carneiro (hebraico *shop* era usado na**

guerra e para avisar do perigo. Todos tremiam ao som da trombeta avisando a vinda do dia do Senhor (Am 3.6; Sf 1.14-16).

Sião... meu santo monte. Jerusalém.

* 2.2 dia de escuridade e densas trevas. **Este quadro intenso da vinda**

do Senhor (cf. Sf 1.15; Am 5.18, 20) corresponde às descrições de aparecimentos do Senhor no passado (Dt 4.11; 5.22, 23; Sl 97.2).

povo grande e poderoso. **Metáforas complexas de um exército e uma invasão de gafanhotos se combinam para representar o juízo e a devastação que irá ocorrer (1.6, nota).**

* 2.3 deserto assolado. Os invasores arrasam a terra. O vívido contraste

entre "o Jardim do Éden" e este deserto (Gn 13.10; Is 51.3; Ez 28.13-19; 31.8, 9, 16-18; 36.35) ressalta o horror desta inescapável invasão.

* 2.5 Novamente o exército do juízo é descrito figuradamente como uma

invasão de gafanhotos (1.6, nota; cf. Ap 9.1-11).

* 2.7-9 O exército é disciplinado, cruel, e bem sucedido. A (v. 9) é

finalmente invadida (cf. a praga egípcia dos gafanhotos em Êx 10.6).

* 2.10 terra... estrelas. Esses juízos divinos são acompanhados de

terremotos e quebra da ordem natural. Toda a criação é perturbada (v. 31; Jr 4.23-26; Ez 32.7, 8; Na 1.5; Hb 3.6, 10).

* 2.11 seu exército. Esse implacável exército pertence ao Senhor. Ele

ordena e suas forças obedecem. O dia do Senhor é grande (2.31; Sf 1.14), tremendo (Ml 4.5), e insuportável (Ml 3.2, Na 1.6).

* 2.12 Convertei-vos a mim. O Senhor convida seu povo a escapar

voltando-se a ele com todo o seu coração.

jejuns... choro... pranto. Os sinais visíveis de arrependimento (Ed 10.1-6; Et 4.3; Jn 3.5-9).

* 2.13 não as vossas vestes. Ver "Legalismo" em Mt 23.4.

misericordioso... grande em benignidade. O chamado de retorno ao Senhor é baseado na própria revelação dramática do Senhor acerca do seu caráter a Moisés em Êx 34.6, 7, uma descrição freqüentemente repetida por todo o Antigo Testamento (ex., Nm 14.18; Sl 86.15; 103.8; 145.8; Ne 9.17; Jn 4.2). [9]

* 2.15, 16 **Outras instruções para retornar ao Senhor incluem um jejum e uma assembléia (v. 15), um ajuntamento e**

consagração de todo o povo, incluindo os velhos, as crianças, os bebês, e até mesmo aqueles que estão prestes a se casar (v. 16). A qualidade *staccato* da poesia hebraica nestes versículos enfatiza a urgência da situação.

* 2.17 **Instruções específicas também são prescritas aos sacerdotes que devem chorar e oferecer orações de intercessão.**

entre o pórtico e o altar. **Este era o local usual no templo para a oração sacerdotal (1 Rs. 8.22; Ez 8.16).**

tua herança**. O lamento sacerdotal apela ao sentimento de posse e orgulho do Senhor para com o povo da sua aliança (Dt 9.26, 29; Sl 44.11-14; 74.2; 79.10; 115.2; Mq 7.10).**

* 2.18-3.21 **O Senhor, o Deus da aliança, promete renovar a terra e seu povo, quando ele responder com arrependimento às tribulações de 1.2-2.17. A renovação redentiva do povo de Deus levará algum dia à devastação final dos inimigos de Sião, e à sua exaltação final.**

* 2.18-27 **O arrependimento trará fertilidade à terra.**

* 2.18 Então**. Uma mudança de sujeito, modo, e tempo acontece neste ponto quando o Senhor promete a restauração.**

* 2.19 **As orações do povo de Deus serão respondidas.**

* 2.20 exército que vem do Norte. **Alguns intérpretes entendem isto como sendo uma referência aos gafanhotos do capítulo 1. Mais provável é a interpretação de que ele se refira a um grande e poderoso exército que se torna o instrumento de juízo do Senhor. Diversamente da maioria das invasões de gafanhotos (que vinham do leste ou do sul), invasões militares estrangeiras geralmente vinham do norte. Conforme as referências ao inimigo do norte em Jr 1.14, 15; 4.6; 6.1,22; Ez 38.6, 15; 39.2.**

* 2.21-24 Até mesmo a terra e os animais selvagens são exortados a não

temer, e eles são exortados a se alegrarem e regozijarem com o povo de Sião na abundância agrícola do Senhor.

* 2.25 Ver nota em 1.4.

* 2.26 A abundância devia conduzir ao louvor (cf. Dt 8.10; Os 13.5, 6).

* 2.27 A restauração conduz a uma nova percepção de que o Senhor está

em Israel, de que ele é o Deus da aliança e de que não há outro.

* 2.28-32 Joel profetiza acerca do derramamento sem precedentes do

Espírito de Deus que irá ocorrer antes da vinda do dia do Senhor.

* 2.28, 29 Moisés havia orado anteriormente para que Israel como um

todo fosse uma nação de profetas (Nm 11.29), e Joel também profetizou isto como parte do glorioso futuro de Israel. Pedro proclamou que a visão começou a encontrar seu cumprimento no Pentecoste com a vinda do Espírito Santo (At 2.16-21), que dá poder aos crentes para testemunhar de Jesus Cristo (At 1.8). Ao introduzir esta profecia com "nos últimos dias" (At 2.17), Pedro a vincula com outras profecias com respeito ao futuro messiânico de Israel e desta forma mostra que o Pentecoste inaugura a nova era prometida (cf. 1 Pe 1.10-12).

* 2.28 depois. Joel divulga promessas mais distantes.

derramarei. Embora a palavra aqui se refira primariamente ao verter

de líquidos (Gn 9.6; Êx 4.9), ela também é usada com relação ao Espírito Santo (Ez 39.29; Zc 12.10) que é concedido a todo o que crê sem distinção de sexo, idade ou posição social (1Co 12.13).

profetizarão... sonharão... terão visões. Ver Nm 12.6; Jr 31.31-34; Ez 36.2629.

2.30, 31 A extensão universal dos eventos que anunciam "o grande e

temível dia do Senhor" é aqui enfatizada. Ver também Is 13.10; Ez 32.7, 8; Am 8.9; Sf 1.14-17.

* 2.32 invocar o nome do SENHOR. Uma referência à adoração ao Senhor (Gn 12.8; Sl 105.1). A salvação somente pode ser encontrada no retorno à verdadeira e exclusiva adoração à Deus.

sobreviventes. Estes são aqueles chamados pelo Senhor que responderam com fé.

* 3.1-21 Joel profetiza a vinda daquele dia do Senhor em que Deus irá julgar os inimigos de Sião e torná-la numa fonte de bênçãos eternas.

* 3.1 naqueles dias. Em paralelo com "naquele tempo," essa proclamação marca o começo de outra série de promessas ao povo de Deus (Jr 33.15; 50.4, 20).

* 3.2 A restauração incluirá o julgamento dos inimigos de Israel ("todas as nações") pelas injustiças praticadas contra o povo de Deus e sua terra.

vale de Josafá. Este lugar é identificado como o "vale da decisão" no v. 14. Seu nome é simbólico, sua localidade desconhecida.

espalharam... repartindo. Depois da deportação do povo, a terra foi

redistribuída a outros. O evento histórico específico aqui mencionado não está claro. As deportações de 722, 701, 598, e 586 a.C., ou deportações menores envolvendo guerras de fronteira (ex., Am 1.9, 10) são possibilidades.

* 3.3 Além de lançar sortes sobre os prisioneiros (Ob 11; Na 3.10), crianças indefesas foram negociadas e vendidas para prostituição (Am 2.6). [10]

(v. 6) e para Edom (Am 1.6, 9).

* 3.5 minha prata e o meu ouro. A prata e o ouro da terra, assim como os

seus habitantes, pertenciam ao Senhor (Ag 2.8).

* 3.7 os suscitarei. O povo restaurado de Deus irá infligir a sua punição

sobre Tiro, Sidom e Filístia.

* 3.8 sabeus. Estes eram mercadores da distante terra de Sabá (1Rs

10.1-13; Jr 6.20).

* 3.9-12 Joel irônica e sarcasticamente convida à batalha aquelas nações que serão derrotadas pelo Senhor.

* 3.10 relhas de arado... podadeiras. Cf. Is 2.4; Mq 4.3.

* 3.11 ali. O vale de Josafá (v. 2, nota) é o lugar da grande batalha (v. 14,

nota).

* 3.13 porque está madura a seara. Assim como os grãos prontos para a foice (Is 17.5) e como uvas esperando para serem espremidas

(Is 63.3), as nações ímpias estão maduras para a colheita do juízo (cf. Ap 14.15, 18, 20).

o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam. O lagar cheio e os compartimentos transbordantes enfatizam a enorme perversidade das nações concentradas no vale aguardando pelo juízo.

* 3.14 vale da Decisão. O Vale de Josafá é agora identificado como o "vale da Decisão" onde as multidões serão julgadas pelo Senhor.

perto. A iminência do dia do Senhor como um dia de juízo é novamente salientada (1.15; 2.1, 31). [11]

* 3.16 O SENHOR brama de Sião. A voz do Senhor é tão poderosa que

até mesmo a terra e o céu se estremecem (Sl 29.3-9; Jr 25.30; Am 1.2).

refúgio... fortaleza. Ainda em meio às extraordinárias manifestações da ira do Senhor contra as nações, o Senhor protege o seu povo da aliança (Is 25.4; Sl 46.1).

* 3.17 que habito em Sião. A experiência de Judá com a proteção do

Senhor durante a manifestação da sua ira aprofundou o seu conhecimento da realidade da presença do Senhor em seu meio. (Em Sião, o monte santo e inviolável do Senhor, Sl 46.4; Is 8.18; 52.1,2; Zc 2.10; 8.3; Ap 21.3). Cf. 2.27.

* 3.18 A cena final do drama é a de prosperidade paradisíaca e bênção

(cf. 2.19-26).

sairá uma fonte. O templo em si será a fonte de onde flui a vida (Ez 47.1-12; Sl 46.4; Ap 22.1, 2), que irá regar até mesmo o vale seco e infrutífero onde as acácias crescem.

* 3.19 Egito... Edom. O Egito (1Rs 14.25, 26; 2Rs 23.29) e Edom (Ob 9

14), que aqui estão representando todos os inimigos de Israel, estarão em ruínas depois do juízo. [12]

[1]

11.3 ensinei a andar a Efraim. **Provavelmente uma referência ao cuidado**

24

[2]

12.9 Eu sou o SENHOR teu Deus... Egito. Essa declaração envolve auto-

apresentação; introduz uma expressão da divina vontade para o povo da aliança (Êx 20.2; Dt 5.6).

[3]

12.13 profeta... profeta. O primeiro desses dois profetas referidos era, como está

claro, Moisés (Dt 18.15; 34.10-12), e o segundo, mui provavelmente, é o mesmo Moisés. O profeta guardador pode, entretanto, ser um profeta posterior, tal como Samuel (Jr 15.1) ou Elias (1 Rs 19.9-18).

[4]

Não conhecerás outro deus além de mim. Essa declaração faz contraste com a idolatria referida no v. 2. A afirmação, relembrando a

Israel que o relacionamento pactual

29

5

13.10 Dá-me rei. Quanto ao pedido de Israel pela monarquia, ver 1Sm 8. Pedir um

rei significara que eles tinham rejeitado a Deus como seu rei (1Sm 13.9,10). O senso de segurança deles, por terem um rei, era apenas uma ilusão.

6

13.14 Eu os remirei... e os resgatarei. Ver referências laterais. Para alguns

intérpretes, o contexto de julgamento, nos vs. 12 e 15, indica que essas duas linhas deveriam ser traduzidas como perguntas retóricas: ("Eu os remirei do poder do inferno? e os resgatarei da morte?") cujas respostas subentendidas seriam "Não!" Com essa interpretação, as duas cláusulas seguintes: ("Ó morte... ó inferno"), convocam as armas da morte para destruir Israel. Entretanto, é melhor ainda considerar este versículo como se prenunciasse o espírito positivo de 14.4-7. Como tal, este versículo é uma das grandes afirmações do Antigo Testamento a respeito do poder de Deus sobre o último inimigo, a morte (cf. 1Co 15.55). Se o antigo Israel, dos dias de Oséias, não se valeu do poder divino sobre a morte, o verdadeiro Israel espiritual (Cristo com a sua Igreja) experimentam

31

7

14.9 Quem é sábio. Esse epílogo desafia cada geração a considerar

cuidadosamente os caminhos do Senhor apresentados no livro (cf. Sl 1; 18.21; Pv 10.29). As escolhas que Israel estava enfrentando também são apresentadas ao leitor: sabedoria

33

8

1.3 Narrai... filhos... outra geração. Os julgamentos de Deus, assim como as suas misericórdias, devem ser narradas às futuras gerações (cf. Dt 4.9; 6.7; 32.7; Sl 78.1-8).

9

2.14 Quem sabe se não se voltará, e se arrependerá. A soberania de

Deus e sua liberdade em perdoar podem ser vistos nos vs. 13, 14 (cf. Êx 33.19; 2Sm 12.22; Lm 3.29; Jn 3.9; Sf 2.3). Ver nota em Gn 6.6.

10

3.4 contra mim. A acusação formal contra Tiro e Sidom (costa da

Fenícia) e as regiões da Filístia (costa da Palestina, Js 13.2, 3) diz respeito ao seu envolvimento na captura e comércio de israelitas como prisioneiros de

guerra. Ambas as regiões haviam vendido israelitas como escravos aos gregos

8

11

3.15 sol... lua... estrelas. A natureza responde à presença do Senhor no dia do juízo (2.10, 31; Am 5.18).

12

3.20 habitada para sempre. Em contraste com seus inimigos, Judá e

Jerusalém serão abençoadas e a elas é prometido habitar na terra perpetuamente (Jr 17.25; Zc 12.6) porque "o SENHOR habitará em Sião” (v. 21).

AMÓS

* 1.1 Amós apresenta aqui a si mesmo e à sua profecia,

especificando a época em que a palavra de Deus lhe foi dada.

Palavras que, em visão, vieram a Amós. As mensagens proféticas são introduzidas com essa fórmula (cf. Jr 1.1). A frase tem um pano-de-fundo alicerçado na aliança (Dt 1.1: "São estas as palavras que Moisés falou a todo o Israel"). Especificamente, Amós, o profeta é o mensageiro do processo jurídico movido por Deus contra uma desobediente nação de Israel.

pastores. O termo hebraico provavelmente refere-se a pastores de um tipo especial de ovelhas, conhecidas por seu tipo de lã extremamente fina. O rei de Moabe é identificado como quem possuía tais ovelhas (2Rs 3.4).

Tecoa. Essa vila ficava a oito quilômetros ao sul de Belém. Por causa de suas boas terras de pastagem, sustentava a muitos pastores com os seus rebanhos.

terremoto. Visto que esse era um evento memorável em uma região sujeita a terremotos, seria relembrado como um ato de juízo divino, conforme se vê em Zc 14.5.

* 1.2 O SENHOR. Ver notas em Êx 3.15.

Rugirá. Na qualidade de pastor, Amós conheceria bem o rugido aterrorizante de um leão quando atacava (1Sm 17.34-37). O próprio Senhor ruge de Sião para anunciar o seu julgamento (Jr 25.30; Jl 3.16). Essas palavras de abertura, ameaçando o julgamento, estabelecem o tom para aquilo que vem em seguida.

prados... secar-se-á. O julgamento do Senhor afetará a terra inteira, desde os campos de pastagem até o topo do monte Carmelo, rico em

pomares e vinhedos (Lv 26.19; Dt 28.23,24).

* 1.3—2.16 Essa série de profecias começa com seis nações

gentílicas: a Síria, a Filístia, a Fenícia, Edom, Amom e Moabe. E então, dramaticamente, os oráculos voltam-se contra Judá (2.4,5) e Israel (2.6-16).

*** 1.3 Por três transgressões... e por quatro. Esse refrão,**

repetido a cada profecia, é um exemplo de paralelismo que usa números ascendentes para efeito de ênfase (cf. Sl 62.11; Mq 5.5). Esse artifício padrão, na antiga poesia do Oriente Próximo não deve ser entendido literalmente, mas significa "por muitas transgressões".

Damasco. Davi derrotou e guarneceu de soldados essa cidade real da Síria (2Sm 8.6). Durante o reinado de Salomão, porém, Damasco se desvencilhou do jugo israelita, tendo Rezom como rei (1Rs 11.23-25).

trilhos de ferro. Os trilhos era uma tábua de madeira munida com dentes de ferro ou de basalto, fixados na parte de baixo. Um boi puxava o trilho sobre os grãos, enquanto que aquele que o manuseava ficava de pé sobre o mesmo. Os sírios são acusados de ter tratado Gileade com extrema crueldade (2Rs 13.7).

* 1.4 meterei fogo. Esse refrão, que aparece em cada uma das

mensagens, também se acha em Oséias (8.14) e Jeremias (17.27; 21.14; 29.27 e 50.32). O fogo era largamente compreendido no antigo Oriente Próximo como um instrumento de julgamento divino. Com freqüência também era usado na guerra, e era considerado uma maneira pela qual um deus expurgava um povo rebelde qualquer. Essa compreensão pagã também reflete uma verdade revelada nas Escrituras: o verdadeiro Deus, de fato, julgará pelo fogo (2Pe 3.7 nota).

Hazael. O rei da Síria (c. de 841 - 801 a.C.), cujo reinado foi predito pelo profeta Eliseu (2Rs 8.13).

Castelos. Esses "castelos" parecem ter sido fortalecidos à posição de palácios-cidadelas da nobreza antiga.

Ben-Hadade. Esse é um título de trono, como o "Faraó" do Egito. Provavelmente, o terceiro rei com esse nome está em pauta. O primeiro ajudou o rei de Judá, Asa, contra o rei Baasa (1Rs 15.18-20). O segundo, Ben-Hadade II, foi assassinado pelo usurpador Hazael (2Rs 8.14,15). O filho de Hazael, Ben-Hadade III, foi contemporâneo de Jeoacaz, de Israel (2Rs 13.25). Foi ele quem fez o exército de Israel como "o pó, trilhando-os" (2Rs 13.7).

* 1.5 eliminarei. Esse verbo é com freqüência usado para

indicar o aniquilamento mediante a guerra (Js 23.4; Is 10.7).

o morador. Lit., "aquele que se assenta", provavelmente o rei. A palavra hebraica é usada para indicar Deus sentado ou entronizado como Rei, em Sl 2.4; 22.3 ("entronizado"); 29.10.

Biqueate-Áven. Lit., "vale da Iniqüidade". Possivelmente, refere-se à antiga Heliópolis da Síria, atualmente chamada Baalbeque, no vale do Becá do Líbano. Ao que tudo indica era um centro da adoração ao sol.

Bete-Éden. Provavelmente era um distrito a cerca de trezentos e vinte quilômetros a nordeste de Damasco (não deve ser confundido com o jardim do Éden, Gn 2.8 nota) e era governado por um rei vassalo sírio. O objetivo do paralelismo entre o Biqueate-Áven e Bete-Éden é indicar que não somente Damasco, mas também seus territórios, serão destruídos.

Síria... Quir. O território original dos sírios (9.7), Quir, se tornará o lugar do exílio deles.

* 1.6 Gaza. A cidade mais ao sul das cinco cidades reais dos

filisteus, Asquelom, Asdode, Ecrom, Gate e Gaza. Localizada entre o Egito e Canaã, Gaza era um centro comercial natural.

em cativeiro todo o povo. Ou seja, um grupo inteiro de exilados (ver também o v. 9). O comércio dos filisteus incluía escravos. Os prisioneiros de guerra usualmente tornavam-se escravos, mas aqui uma população inteira foi vendida

à escravidão. A referência aparente é à captura e venda de israelitas durante o reinado de Jeorão (2Cr 21.16,17; Jl 3.3,6).

Edom. Esse antigo irmão de Israel (Gn 25.30) recebeu israelitas como escravos da parte dos filisteus. Por causa de seu papel nesse pecado entre irmãos, Gaza, que representa a Filístia como um todo, era agora sentenciada.

* 1.8 Asdode. Uma forte e próspera cidade da Filístia, localizada

a vinte e nove quilômetros a nordeste de Gaza.

Ascalom. A terceira cidade real da Filístia ficava a meio-caminho entre Gaza e Asdode, na costa do Mediterrâneo.

Ecrom. A localização exata dessa cidade real da Filístia é incerta; um número de locais a nordeste de Asdode têm sido sugeridos. Gate, a quinta cidade real, não é mencionada porque ela já havia sido derrotada por Hazael (2Rs 12.17), e, novamente, por Sargão II (722-705 a.C.). A Assíria foi o instrumento primário de julgamento divino contra todas essas cidades, e todas as quatro
foram subseqüentemente mencionadas nos anais da Assíria como vassalos de Esar-Hadom (681—669) e Assurbanipal (668—627). [1]

de irmãos. No antigo Oriente Próximo, os reis que se compactuavam por tratados chamavam-se "irmãos". Foi por isso que Hirão, de Tiro, chamou Salomão de "meu irmão" (1Rs 9.13; cf. 1Rs 5.12), dentro do

contexto das relações de tratado com Davi (2Sm 5.11). Mais tarde, Acabe continuou a relação de amizade com a Fenícia casando-se com Jezabel, filha de Etbaal, o rei de Sidom (1Rs 16.31).

* 1.11 perseguiu o seu irmão à espada. Ver nota no v. 6. Esses

eventos do reinado de Jeorão incluem a revolta de Edom e a aliança com os filisteus e os árabes, que atacaram Judá e entraram em Jerusalém, saqueando o palácio real e deportando a família real (2Cr 21.16,17; Ob 10-14).

* 1.12 Temã. Temã foi um neto de Esaú (Gn 36.11,15). O clã que

dele descendia deu seu nome à região ao sul de Edom, bem como é uma aldeia a cerca de vinte e quatro quilômetros de Petra. Aqui, está em pauta a região de Temã. Seus habitantes eram famosos por sua sabedoria (Jó 2.11; Jr 49.7).

Bozra. Essa era a cidade mais ao norte de Edom, a cerca de cinqüenta e seis quilômetros de Petra. Ao mencionar suas regiões nos extremos norte e sul, Amós designa Edom inteiro à destruição.

* 1.13 filhos de Amom. Os amonitas descendiam de Ben-Ami,

que era filho do truque e incesto da filha mais jovem de Ló (Gn 19.34-38). Eles viviam entre Harã e Moabe.

rasgaram o ventre às grávidas. Essa atrocidade em particular também foi praticada por outros, incluindo Hazael, da Síria (2Rs 8.12), Menaém, de Israel (2Rs 15.16) e pela Assíria (Os 13.16). O propósito aparente foi aniquilar descendentes que poderiam tentar reivindicar o território.

dilatarem os seus próprios limites. Os reis do antigo Oriente Próximo e Médio orgulhavam-se, tipicamente, de que tinham estendido as fronteiras de

suas terras. Ao assim fazerem, imaginavam que estavam efetuando o desejo de seus deuses.

* 1.14 Rabá. Uma forma abreviada da referência inteira: "Rabá

dos filhos de Amom" (Dt 3.11; 2Sm 12.26). Sua localização é a moderna cidade de Amã, na Jordânia.

turbilhão... tempestade. Nas Escrituras, a figura de uma tempestade violenta e destruidora é, com frequência, usada para indicar o tumulto da batalha, bem como para indicar a ira de Deus, ou, de fato, para ambas as coisas ao mesmo tempo (Sl 83.15; Is 5.28; 17.13; 29.6; 66.15; Jr 4.13; 23.19 e 25.32).

ele e os seus príncipes juntamente. De conformidade com a prática assíria regular, um rei vencido, sua casa e seus oficiais seriam levados juntamente para o exílio. Sob Salmaneser III (858—824 a.C.), a Assíria conquistou Amom, tornando esse país um vassalo assírio.

*** 2.1 queimou os ossos do rei de Edom. De acordo com a**

tradição hebraica os ossos do rei moabita, Mesa. Tal queima indicava um desprezo especial, e era concebida como algo que privava o morto de paz no após-vida. Josias queimou os ossos de falsos sacerdotes no altar de Betel (2Rs 23.15,16).

* 2.2 Queriote. Provavelmente, era o nome de uma das grandes

cidades dos moabitas, que também era um centro religioso (Jr 48.41). O local exato da mesma é incerto. Alternativamente, a palavra hebraica poderia ser considerada com o sentido de "cidades", conforme os tradutores da Septuaginta (Antigo Testamento Grego) a entenderam.

trombeta. Essa trombeta (no hebraico, *shophar)* era feita de um chifre de carneiro, e transmitia sinais de ordem nas guerras antigas. [2]

* 2.4 Judá. Estavam concluídos os cinco oráculos contra nações

pagãs, e o reino do sul, Judá, agora era ameaçado. O julgamento divino aproximava-se cada vez mais do reino do norte, Israel, onde o próprio Amós profetizava (v. 6).

rejeitaram a lei... estatutos. Por terem rejeitado a lei do pacto revelada por Deus, e, portanto, o próprio Deus, eles tinham-se tornado particularmente merecedores do juízo divino (Êx 15.26; Dt 4.39,40). Os privilégios do pacto de Judá implicavam em maior responsabilidade (cf. Lc 12.48).

após elas andaram seus pais. A antiga expressão idiomática do Oriente Próximo, "andar após", significa seguir em obediência como um vassalo ou servo. Judá estava seguindo mentiras, servindo de vassalo de deuses falsos ou demônios (Dt 32.17; Rm 6.16; 1Co 10.20).

* 2.5 meterei fogo. Ver nota em 1.4.

Jerusalém. Jerusalém significa "cidade da paz". A palavra hebraica para "paz" *(shalom)* denota não somente a ausência de guerra, mas também prosperidade e bem-estar. Visto que Judá não havia procurado integridade no Senhor, eles veriam a destruição, e não a paz. Essa profecia foi cumprida mais de cento e cinquenta anos mais tarde, quando Nabucodonosor II conquistou Jerusalém e incendiou cada edifício notável, incluindo a casa real (2Rs 25.8-10).

* 2.6 Israel. Começa aqui a acusação do reino do norte — Israel

é culpada de injustiça social, imoralidade sexual e abusos religiosos (vs. 6-8).

vendem o justo por dinheiro. Temos aqui uma referência ao sistema judicial corrupto. Os juízes dispunham-se a condenar os inocentes mediante o pagamento de um suborno.

o necessitado. O Senhor tinha uma preocupação especial com o fim de que os direitos deles sejam protegidos (Êx 23.6; Jr 5.28), mas os pobres estavam sendo vendidos à escravidão, mesmo por dívidas insignificantes (aqui

simbolizadas por um par de sandálias). A escravidão indigente em Israel era legal, mas foi cuidadosamente limitada pela lei de Moisés (Êx 21.2; Dt 15.12; 1Pe 2.18 e notas).

* 2.7 coabitam com a mesma jovem. Amós denuncia aqui a

paixão sexual descontrolada. Tal conduta era contra a intenção original de Deus (Gn 2.21-24; Mt 19.4-6), além de profanar o santo nome de Deus (Lv 18.24). A lei mosaica proibia a união sexual entre pessoas relacionadas por parentesco próximo de sangue (Lv 18.6-18); e embora a legislação mosaica não mencione essa situação específica (compartilhar de uma prostituta em comum), o princípio básico deveria ainda ser aplicado.

* 2.8 se deitam... sobre roupas. Eles se entregavam ao culto

de prostituição da fertilidade, ao lado dos altares, profanando assim o nome do Senhor. Havia muitos altares em Israel, incluindo aqueles de Betel (3.14), Dã (8.14) e Gilgal (Os 12.11). Seus pecados de licenciosidade sexual e idolatria somavam-se ao fato que dormiam sobre roupas tomadas como garantia para empréstimos, por parte dos pobres. Tais vestes não deveriam ser retidas durante a noite (Êx 22.26; Dt 24.12,13).

o vinho dos que foram multados. Vinho tomado dos pobres como pagamento por multas injustamente impostas. Talvez a bebedeira acompanhasse a indulgência sexual que acaba de ser mencionada.

* 2.9 eu destruí... o amorreu. Fiel às suas promessas da

aliança com Israel (Gn 15.16-21), o Senhor tinha expulsado os cananeus (simplesmente chamados aqui de "amorreus") da Terra

Prometida. Ver nota em Gn 10.16.

como a dos cedros. Essa descrição relembra o relatório dado pelos doze espias (Nm 13.32,33), mas também a ira de Deus contra tudo que é altivo e orgulhoso (Is 2.12-18).

fruto por cima... raízes por baixo. Uma expressão poética que indica destruição completa.

* 2.10 da terra do Egito. Ao lembrar-lhes de sua fidelidade à

Aliança (cf. Gn 50.24; Êx 3.8), o Senhor firma sua causa contra a infidelidade de Israel.

* 2.11 suscitei profetas. Soberanamente, o Senhor levantou

profetas (Dt 18.15-22), juízes (Jz 2.18), sacerdotes (1Sm 2.35) e reis (2Sm 7.12). Os profetas serviam como mensageiros do processo legal, enviados por Deus para conclamar o povo de Deus à obediência.

nazireus. Ver nota em Nm 6.1-21. O Antigo Testamento cita Sansão como um nazireu (Jz 13.4,5). Samuel provavelmente também foi um nazireu (1Sm 1.11, nota).

* 2.12 Mas vós. Em contraste com a fidelidade do Senhor, Israel

procurava frustrar os propósitos de Deus, ordenando aos mensageiros de Deus que não profetizassem, e fazendo os nazireus beberem vinho (uma violação de seus votos). Mostravam o seu desprezo tanto pelo Senhor como pela sua lei.

*** 2.13 farei oscilar a terra debaixo de vós. O original hebraico**

deste versículo é difícil de traduzir. Talvez devêssemos traduzi-lo como: "Eu vos pressionarei para baixo". Assim como uma carruagem atola pela pressão de seu conteúdo, e assim torna-se imóvel, assim

também Israel será incapaz de fugir (v. 14).

* 2.14 ao ágil, o forte. Um quadro vívido de impotência: os

ligeiros dos pés não conseguirão escapar, e os fortes não permanecerão de pé. [3]

* 2.16 fugirá nu. Até os mais bravos guerreiros não somente se

desfarão de sua armadura e de suas armas, mas também de todo o empecilho, incluindo as vestes, no pânico de sua fuga inútil. Essa fuga despida é uma total humilhação.

naquele dia. A frase com freqüência indica o dia do juízo do Senhor (Sf 1.7, nota). Aqui, refere-se ao dia da conquista de Israel pelos assírios, que já se aproximava.

* 3.1-15 Deus aciona um processo contra Israel através de seu

servo, Amós.

* 3.1 Ouvi a palavra. Esse mandamento solene ocorre de novo

em 4.1 e 5.1, e reflete mandamentos para ouvir e obedecer o Senhor, existentes nos documentos do pacto original (Dt 4.1; 5.1; 6.3). Ele também ocorre regularmente nas ações judiciais da Aliança (Jr 2.4; Os 4.1).

*** 3.2 somente a vós outros vos escolhi. Em adição ao**

conhecimento (Gn 4.9), a palavra hebraica para "escolhi" tem uma vasta gama de significados, incluindo o sentido de relações sexuais (Gn 4.1). Aqui o termo denota a escolha soberana da parte de Deus, ou eleição de Israel como o objeto de seu cuidado amoroso (Gn 18.19; cf. Dt 7.7,8).

portanto. As graças do pacto do Senhor incluem a punição pelos pecados, precisamente por que ele ama o seu povo demais para permitir que o pecado passe sem disciplina (Pv 3.11,12).

* 3.3-6 Amós apresenta uma série de questões para as quais a resposta, em cada caso, é perfeitamente clara. O propósito dessas perguntas é enfatizar que a mensagem de Amós vem da parte de Deus. [4]

* 3.4 Rugirá. Sendo um caçador silencioso, o leão ruge somente

depois que a sorte de sua presa está selada. Assim como há uma razão para o rugido do leão, assim também deve haver uma causa por detrás das declarações do profeta.

* 3.5 armadilha. Ver a referência lateral. Nenhuma ave seria

apanhada em uma arapuca sem qualquer isca.

* 3.6 trombeta. Ver nota em 2.2. No mundo antigo, o cerco de

uma cidade era uma possibilidade terrível, pois freqüentemente resultava em inanição da população, seguidas de todos os horrores da conquista: estupros, pilhagem, assassinato e incêndios.

mal. O Antigo Testamento ensina que o Senhor é o Criador da paz e da calamidade (Is 45.7). Isso não quer dizer que Deus seja o autor do mal, mas antes, que, soberanamente, ele envia desastres ou adversidades sobre os indivíduos e nações, como uma justa punição. As maldições proferidas em Gn 3.14-19 mostram que o Senhor é quem envia tais punições.

*** 3.7 O SENHOR... não fará coisa alguma, sem primeiro**

revelar. O Senhor que age dessa maneira também revela-se e interpreta seus atos aos profetas e através deles. Deus revelou os seus planos acerca de Sodoma e Gomorra a Abraão, o primeiro

"profeta" designado assim nas Escrituras (Gn 18.17 e 20.7).

seus servos, os profetas. Moisés, o supremo profeta do Antigo Testamento foi chamado de "servo do SENHOR" (Dt 34.5). Profetas subsequentes foram caracterizados pela frase similar: "Meus servos, os profetas" (Jr 7.25; Ez 38.17; cf. Dn 9.10). [5]

* 3.9 Fazei ouvir isto. Este mandato está no plural, e,

aparentemente, é dirigido aos servos do Senhor, os profetas.

Asdode... Egito. Poeticamente, Amós convocou a nobreza pagã para considerar a injustiça que reinava em Samaria. Israel (o reino do norte) deveria ser mais justo, e não menos, que seus vizinhos pagãos; e é irônico que estes pagãos fossem chamados como testemunhas da má conduta de Israel.

os montes de Samaria. A cidade de Samaria estava cercada por montes, de onde os espectadores são solicitados a contemplá-la.

tumultos. Ou "perturbações" conforme a palavra foi traduzida em 2Cr 15.5. Tais condições eram resultantes do pecado, e eram o contrário de "paz" (no hebraico, *shalom).*

* 3.10 a violência e a devastação. Os bens mal adquiridos com

seu comportamento violento e destrutivo. Os ricos haviam saqueado e pilhado os pobres.

* 3.11 inimigo. A Assíria. O pensamento contido neste versículo

reflete a substância da maldição do pacto pela desobediência (Dt 28.52).

* 3.12 o pastor livra... um pedacinho. De acordo com as leis

antigas, os pastores deveriam demonstrar sua diligência ao resgatar

uma porção de uma ovelha, apanhada por alguma besta fera (cf. Gn 31.39 e nota). A ovelha de Israel só será salva em uma condição mutilada — de fato, a nação seria destruída.

parte do leito. Os ricos reclinavam-se preguiçosamente em divãs baixos (como os romanos faziam mais tarde em seus banquetes), desfrutando do luxo que extorquiam dos pobres (6.4). [6]

aos mensageiros do Senhor, que receberam ordens de convocar as testemunhas pagãs (v. 9 nota).

*** 3.14 No dia... por causa das suas transgressões. O fraseado**

aqui usado nos faz relembrar os documentos originais da Aliança (Êx 32.34).

altares de Betel. Jeroboão I tinha feito um bezerro de ouro para Israel adorar em Betel, no norte, como alternativa para desestimular a adoração em Jerusalém no sul, e tinha instalado ali um altar (1Rs 12.25-33). Tanto o altar quanto o santuário foram mais tarde destruídos por Josias (2Rs 23.15).

pontas do altar. Um fugitivo podia abrigar-se no templo segurando os chifres do altar (1Rs 1.49-51), embora esse privilégio nem sempre tenha sido observado (1Rs 2.28-35). Até esse último recurso para um Israel pecaminoso seria cortado.

*** 3.15 a casa de inverno... a casa de verão. A possessão tanto**

de uma casa de inverno quanto de uma casa de verão era um grande luxo, que somente os reis ou os muito ricos podiam sustentar. O Senhor destruiria essas casas múltiplas e mansões decoradas. A Assíria, o instrumento de julgamento de Deus (Is 10.5,6), era hábil em tal destruição e saque, como as vastas riquezas de Nínive testificam amplamente (Na 2.9). [7]

* 4.2 Jurou... pela sua santidade. Essa mesma frase ocorre

uma vez mais em outro lugar, no Sl 89.35. Nenhum outro juramento pode ser maior ou mais definitivo (Hb 6.13,14).

anzóis. Freqüentemente, os assírios conduziam seus prisioneiros por meio de cordas que estavam presas a argolas ou anzóis postos em seus narizes ou lábios.

* 4.3 e vos lançareis para Harmom. A localização é atualmente

desconhecida.

* 4.4 Betel... Gilgal. Esses eram locais importantes na história

antiga de Israel; Betel fora um santuário durante o período dos juízes, e Samuel julgava tanto ali como em Gilgal (1Sm 7.16). Eram, igualmente, centros de adoração sincretista durante o período do reino dividido (5.5).

de três em três dias. Embora a palavra hebraica traduzida por "dia" aqui signifique um ano (referência lateral), ou mesmo um período não-especificado porém mais longo (Gn 1.5, nota), parece que aqui estão em pauta três dias literais. As observâncias religiosas de Israel ultrapassavam aquilo que a lei requeriam. Embora entusiasmados sobre questões rituais, os israelitas não gozavam de relacionamentos vivos com Deus.

* 4.5 sacrifício... do que é levedado. A lei do pacto deixava

claro que não deveriam queimar pão levedado como um sacrifício (Lv 2.11; 6.17; 7.12). Sarcasticamente, Amós os exortou a continuarem em sua desobediência.

porque disso gostais. No antigo Oriente Próximo, o termo "amor" tinha um significado especial nos pactos: o "amor" de um vassalo pelo seu soberano impunha obediência (Dt 6.5; cf. Jo 14.15). A desobediência

da nação deixava claro que Israel amava os ritos e a idolatria, e não o Senhor.

* 4.6-11 Esta seção revisa o que o Senhor fez ao castigar o seu povo, a

fim de adverti-los e chamar a atenção deles de volta a ele. A frase enfática "também vos deixei" indica a mudança de assunto. Todos os desastres aqui mencionados foram ameaçados no pacto (Dt 28). Israel deveria ter compreendido isso e se arrependido. Porém, conforme o refrão repete: "Contudo, não vos convertestes a mim, disse o SENHOR" (4.6,8-11).

* 4.6 vos deixei de dentes limpos. Os dentes deles estavam

limpos porque nada tinham para comer. A Aliança tinha ameaçado com fome e carências, como penalidade por causa da desobediência (Dt 28.47,48).

* 4.7,8 a chuva. As chuvas de inverno, que caíam entre outubro e

fevereiro eram essenciais para que os plantios começassem a crescer. As chuvas da primavera, ou "últimas chuvas", que caíam em março e abril, proviam o crescimento maduro (Jr 5.24). O Senhor havia prometido essas chuvas, se Israel obedecesse seus mandamentos (Lv 26.3,4), mas também havia advertido que ele as reteria, se fosse desobediente (Lv 26.18,19; Dt

28.23.24) .

* 4.9 o crestamento e a ferrugem. O Senhor havia ameaçado

com essas pragas na lei da Aliança (Dt 28.22; cf. Ag 2.17).

gafanhoto. A palavra hebraica que indica esse inseto destruidor provavelmente deriva-se do verbo que significa "cortar" (cf. Jl 1.4; 2.25). Ironicamente, a punição aqui descrita é exatamente o que o

Senhor tinha infligido ao Egito (Sl 105.34,35), cujo Faraó rebelara-se contra Deus. A rebelde nação de Israel recebeu a mesma punição, e, tal como Faraó, não se arrependeu.

* 4.10 peste... Egito. O Senhor havia ameaçado a Israel com

uma praga em sua Aliança com essa nação (Dt 28.21), juntamente com todas as enfermidades do Egito (Dt 28.21,60,61).

matei-os à espada. Essa foi outra maldição do pacto que foi cumprida (Êx

22.24) .

* 4.11 subverteu a Sodoma e Gomorra. Frases similares ou

idênticas foram usadas em profecias contra a Babilônia (Is 13.19; Jr 50.40) e Edom (Jr 49.18). A devastação de Sodoma e Gomorra, proveu um símbolo do juízo de Deus contra o pecado (Gn 19.24,25; Dt 29.23 nota); aqui Deus promete destruir Israel completamente, da mesma maneira.

tição arrebatado da fogueira. Apesar da repetida misericórdia que Deus havia demonstrado pelo seu povo (p.ex., 2Rs 13.3-5; cf. Zc 3.2), eles permaneceram ingratos e sem arrependimento.

* 4.12 Portanto, assim te farei. Ou então: "Porque isso é o que

tenho feito a ti". O hebraico é ambíguo. Ou lança uma advertência acerca do futuro, ou cita o passado como uma razão para temer.

prepara-te... Deus. Essa frase deriva-se de Êx 19.15-17, onde após três dias de santificação, o povo encontrou o Senhor, no Sinai. Então encontraram com um Deus que estava graciosamente fazendo uma Aliança com eles. Agora, entretanto, eles se encontrariam com um Deus que estava vindo para julgar a desobediência deles à Aliança. [8]

lamentação. Como se estivesse de luto por um morto, Amós derrama uma lamentação por Israel. Esse artifício literário é freqüentemente usado nas profecias do Antigo Testamento (p.ex., Jr 7.29; Ez 19.1; 26.17. 27.2 e 32.2).

* 5.2 virgem de Israel. Esse tipo de personificação é usado

acera de Israel (cf. Jr 18.13; 2Rs 19.21), bem como de outras nações tais como a Babilônia (Is 47.1) e o Egito (Jr 46.11).

Caiu. Esse termo é usado em outras lamentações (p.ex., 2Sm 1.19,25,27; 3.34; Lm 2.21).

* 5.3 mil... dez. Os drásticos reversos militares descritos aqui

talvez ecoem a profecia de tais desgraças na Aliança, que o Senhor advertiu que viriam por causa da idolatria (Dt 32.15-18,28-30).

* 5.4 Buscai-me e vivei. O Senhor prometeu sair ao encontro

daqueles que buscassem por ele, mesmo no exílio (Dt 4.29; cf. Lm 3.25). Tragicamente, o próprio povo do Senhor não buscou a ele (Is 9.13; Jr 10.21).

* 5.5 Betel... Gilgal. Ver nota em 4.4.

Berseba. Esse antigo lugar santo (Gn 21.31-33; 26.23-25; 46.1-5) estava localizado a oitenta quilômetros a sul-sudoeste de Jerusalém. Pessoas do reino do norte iam até ali, em peregrinação (8.14). No século VII a.C., Josias destruiu os lugares altos "de Geba a Berseba", durante as suas reformas (2Rs 23.8).

Gilgal... cativa. Essas palavras formam um jogo de palavras aliterativo no hebraico.

* 5.6 fogo. Ver nota em 1.4.

casa de José. Efraim e Manassés, as tribos que descendiam de José

(Gn 48.15 nota), cujos territórios tribais continham Betel (Efraim) e Gilgal

(Manassés). Esses santuários do norte seriam destruídos. Berseba, no reino do sul, escaparia ao fogo do julgamento que varreria o reino do norte.

quem o apague. O fogo do julgamento divino não poderia ser apagado (Is 1.31; Jr 4.4; Mt 3.12).

* 5.7 o juízo... a justiça. Essas palavras com freqüência

aparecem juntas no Antigo Testamento, como qualidades de vida que o Senhor deseja (v. 24; Is 5.7).

* 5.8 faz... torna... derrama. Ver nota em 4.13. Essa majestosa

descrição do Senhor faz um tremendo contraste com o versículo anterior.

Sete-estrelo. Um grupo de estrelas na constelação de Taurus, com seis ou sete estrelas bem visíveis a olho nú.

Órion. Na mitologia clássica, a constelação de Órion é "o Caçador". No livro de Jó, igualmente, o Sete-estrelo e o Órion são citadas juntas como evidências do poder e da sabedoria incomparáveis de Deus (Jó 9.9; 38.31).

* 5.10 na porta. Grande parte dos negócios legais de uma cidade era

efetuada em sua porta, uma larga passagem com salas laterais.

ao que vos repreende. . . o que fala sinceramente. Temos aqui uma referência àqueles que reprovam a falsidade no tribunal e lá dão testemunhos verídicos. Israel tinha chegado a odiar tais pessoas, presumivelmente porque ameaçavam práticas corruptas e ganho

desonesto (2.6 e nota).

* 5.11 casas de pedras lavradas. Essas casas de pedras eram

construções caras, em contraste com as casas de tijolos de barro, nas quais vivia a maioria das pessoas (cf. Is 9.10).

não habitareis... nem bebereis. A maldição da futilidade (o não desfrutar do fruto do próprio trabalho) tinha caído sobre os cananeus, quando Israel os

expulsou de suas cidades (Dt 6.10,11). Agora Israel sofrerá sorte idêntica, de conformidade com as palavras de Dt 25.30 (cf. Is 65.21-23; 1Co 15.58).

* 5.12 Porque sei. Israel precisava perceber que o Senhor sabe o

que eles talvez imaginem que ele não saiba (cf. Sl 73.11; Jó 22.13,14).

suborno. O termo hebraico pode significar desde um suborno comum (1Sm 12.3) até um resgate por uma vida (Êx 21.30). Aqui pode se tratar do recebimento de um resgate pela vida de um assassino, o que era contrário a lei (Nm 35.31).

* 5.13 tempo mau. Essa frase explica por que os prudentes

guardarão silêncio; os tempos serão tão maus que a verdade não será tolerada.

* 5.14 Buscai o bem e não o mal. Quanto a esse pensamento de

arrependimento eficaz, ver Is 1.16,17. Em 5.4, eles foram convidados: "Buscai-me". Somente Deus é bom (Mt 19.17).

para que vivais. A obediência ao Senhor traria aos israelitas segurança e prosperidade (Dt 28.1-14); mas este versículo indica uma verdade mais profunda: conhecer a Deus é receber a própria

vida (Jo 17.3).

Deus... estará convosco. Essa é a mais profunda necessidade do povo de Deus, expressa profeticamente no nome de Emanuel ("Deus conosco", Is 7.14; cf. Mt 1.23).

como dizeis. Israel alegava presunçosamente que o Senhor estava com eles, apesar da rebeldia deles, simplesmente porque Deus tinha entrado em aliança com eles (cf. Mt 3.9). [9]

restante de José. O reino do norte, Israel, era dominado pela tribo de Efraim, descendentes de um dos filhos de José (Dt 33.17 nota). Embora Israel fosse relativamente próspero e forte, essa frase antecipa o futuro, depois do castigo divino, quando, graciosamente, ele restauraria um remanescente do povo.

* 5.17 todas as vinhas. As lamentações por causa de Israel

ressoarão em todas as partes da nação, visto que cada uma de suas regiões seria punida.

passarei pelo meio. O mesmo verbo ocorre em Êx 12.12, onde o Senhor fala de seu iminente julgamento do Egito. Ironicamente, porque Israel tornara-se tão pagão quanto o Egito, Deus agora também "passaria pelo meio" de Israel em julgamento (7.2 nota).

* 5.18-27 Esta segunda porção do quinto capítulo trata do dia do

Senhor e de sua rejeição a Israel.

* 5.18 o Dia do SENHOR. Em última análise, esse é o grande e

terrível "dia do SENHOR", quando ele vier para julgar (cf. Is 2.12; 13.6-13; Ob 15; Sf 1.7,14). Cada julgamento do Antigo Testamento era, igualmente, um "dia do SENHOR", antecipando aquele dia final. Joel descreveu esse dia como dia de terríveis julgamentos e de destruição (Jl 1.15-20; 2.11), embora o mesmo também seria

acompanhado por um derramamento redentor do Espírito de Deus (Jl 2.28-32).

de trevas, e não de luz. Somente o Senhor tem o poder de fazer o dia ser tão escuro como a noite, tanto literal quanto figuradamente no seu juízo (v. 8).

* 5.19 leão... urso. Amós retrata vividamente a inutilidade de

tentar escapar ao juízo divino (Is 24.17,18). [10]

do rosto favorável do Senhor. O julgamento será negro e total, engolfando a terra inteira.

* 5.21-24 Quanto a uma condenação similar de rituais e sacrifícios

vazios e sem arrependimento, ver Mq 6.6-8 (cf. Mt 5.23,24 e 1Co 13.3).

* 5.21 Aborreço, desprezo. Duas palavras hebraicas combinam-

se aqui para exprimir com mais ênfase a atitude do que qualquer uma delas poderia transmitir por si mesma. O resultado dessa combinação poderia ser: "Rejeito com ódio completo”.

não tenho nenhum prazer. Essa linguagem refere-se a holocaustos. De acordo com a Aliança mosaica, o Senhor declara que se o seu povo fosse desobediente, ele não "aspiraria o aroma agradável" de suas ofertas (Lv 26.31).

* 5.24 o juízo... a justiça. Ver nota no v. 7.

ribeiro perene. Os ribeiros ou "wadis" do Oriente Médio são cursos de água que correm sobre leitos pedregosos através dos quais as torrentes se precipitam nas estações chuvosas, mas que se ressecam em outras épocas. O Senhor deseja uma retidão que seja como a dele, isto é, forte e na qual se pode confiar.

* 5.25 Apresentastes-me. Oferendas tinham sido apresentadas

ao Senhor durante as peregrinações no deserto (Êx 18.12; Lv 9.8-24). A pergunta enfatiza que tais oferendas não eram de importância primária para o Senhor. Pelo contrário, ele quer adoração em espírito e em verdade, acompanhada pelo verdadeiro arrependimento. [11]

A Septuaginta (Antigo Testamento Grego) traduz a expressão hebraica "Sicute, vosso rei" como "tabernáculo de Moloque" (as consoantes hebraicas são as mesmas), um texto citado por Estêvão, em At 7.43.

que fizestes para vós mesmos. Os ataques do Antigo Testamento contra a idolatria com freqüência concentram a sua atenção sobre a natureza dos ídolos como artefatos humanos (Is 44.9-20; Jr 10.1-5 e Mq 5.13).

* 5.27 para além de Damasco. O banimento para além de Damasco, na

Síria, implicava em exílio à Assíria, conforme o público alvo do profeta entenderia bem. O exílio para longe da pátria era uma das maldições originais do pacto (Dt 28.36,64).

* 6.1 Sião... monte de Samaria. Sião (Jerusalém) e Samaria eram as

capitais de Judá e de Israel, respectivamente. Tal como seus contemporâneos Oséias, Isaías e Miquéias, Amós recebeu profecias dirigidas tanto ao reino do norte quanto ao reino do sul (Os 6.4-11; Mq 1.5).

principal das nações. A mesma frase irônica ocorre também em Nm 24.20 (referindo-se a Amaleque). Israel tinha-se tornado uma nação poderosa e próspera, sob Jeroboão II, e poderia imaginar-se a primeira entre as nações.

* 6.2 Calné. A identidade dessa cidade é incerta, mas pode ser a

Calno mencionada em Isaías 10.9, que foi conquistada por Sargão II, rei da Assíria, em 710 a.C.

grande Hamate. Localizada ao norte de Dã, no rio Orontes, na Síria, foi restaurada ao controle israelita por Jeroboão II (2Rs 14.23-25).

Gate. Gate era uma das cinco principais cidades da Filístia (1.6 nota). Uzias, de Judá, tinha recapturado Gate do controle sírio (2Rs 12.17; 2Cr 26.6).

sois melhores... será maior o seu território. O contexto histórico e significado exatos deste versículo tem sido debatido. Alguns sugerem que

Calné, Hamate e Gate tinham sido conquistadas, e que Israel, portanto, também não deveria esperar escapar à conquista. Outros argumentam que Amós mencionou outras capitais florescentes da região para mostrar que Israel era tão grande quanto eles, talvez dando a entender que o território de Israel não era tão pequeno que os agressores o desconsiderariam e atacariam aquelas outras capitais.

* 6.3 trono da violência. Israel havia entronizado a violência,

como a extorsão e o abuso dos pobres, como um meio de vida, ao mesmo tempo em que negava que o dia do juízo estava chegando.

* 6.4 marfim. Um símbolo de riquezas e do luxo (3.15; 1Rs

10.22).

cordeiros... bezerros. Cordeiros escolhidos eram guardados em estábulos, onde eram engordados para ocasiões especiais. Tal era o alimento normal dos ricos em Samaria.

* 6.5 como Davi. Uma comparação irônica com os interesses

musicais de Davi. Mas diferente dos esforços frívolos deles, Davi compôs muitos salmos para a glória do Senhor (2Sm 23.1). [12]

* 6.8-14 Uma série de pronunciamentos de julgamento segue as

acusações divinas dos vs. 1-7.

* 6.8 Jurou... por si mesmo. De maneira semelhante ao que se

vê em Gn 22.16; Êx 32.13; Is 45.23, indicando aqui que a sentença judicial era inalterável (Hb 6.13 nota).

a soberba de Jacó. Refere-se tanto ao orgulho de Israel como àquilo de que se orgulhava — sua força militar. A palavra traduzida por "castelos" tem o sentido de "palácios fortificados" ou "fortaleza".

* 6.9 Se numa casa ficarem dez homens. O significado parece

ser que pequenos remanescentes que esperavam escapar, serão achados e mortos.

[1]

1.9 Tiro. Uma das duas principais cidades fenícias (a outra é

Sidom) mencionada nas cartas cananéias de Tell-el-Amarna (século XIV a.C.). O nome Tiro significa "pederneira". Tiro foi construída em uma grande rocha no mar, e era considerada virtualmente inexpugnável até o século IV a.C., quando Alexandre o Grande conquistou a cidade construindo um caminho elevado até ela.

entregaram todos os cativos. Ver notas no v. 6.

não se lembraram da aliança. Essa frase denota a observância das obrigações do pacto e é uma frase padrão nos antigos pactos ou tratados internacionais (cf. Gn 9.15; Êx 2.24; Lv 26.42). Tiro não

manteve seus tratados com Israel.

2

2.3 Eliminarei. Ver nota em 1.5.

3

2.15 arco... pés... cavalo. Todas as unidades do exército

falharão perante a ira de Deus.

4

3.3 Andarão. "Andar junto" com alguém, neste caso, significa

concordar com o destino e rota. Implicitamente, o profeta "anda" com o Senhor.

5

3.8 quem não profetizará? Da mesma maneira que o rugido

do leão evoca o medo, assim também a voz do Senhor compelia os profetas a proclamarem a sua palavra (Dt 18.18; cf. 1Co 9.16).

6

3.13 Ouvi e protestai. O mandamento aqui (no plural) pode ter

sido dirigido aos pagãos que tinham sido convocados como testemunhas, ou

7

4.1-13 Através de seu servo, Amós, Deus iniciou um segundo

processo jurídico do pacto, contra Israel.

* 4.1 Ouvi esta palavra. Ver 3.1 e nota.

vacas de Basã. As mulheres ricas de Samaria, que tinham sido criadas e cuidadas como o melhor gado de Basã, uma área fértil a leste do rio Jordão (Dt 3.1 nota).

8

4.13 quem forma... declara... faz... pisa... Este versículo tem a

forma de um título real ou divino do antigo Oriente Próximo: uma série de títulos ou epítetos usados para descrever os feitos ou poderes de uma divindade ou de um rei. Aqui eles descrevem o grande Rei, o qual é abundantemente capaz de cumprir as maldições com as quais ele originalmente ameaçou no pacto (cf. Is 44.24-28).

SENHOR, Deus dos Exércitos. Ver nota em Zc 1.3.

* 5.1 Ouvi esta palavra. Ver 3.1 e nota.

9

5.15 na porta o juízo. Ver nota no v. 10.

10

5.20 claridade. Além de denotar a luz física, a palavra hebraica

para "claridade" é associada com o Senhor (Sl 18.12; Is 4.5) e com os justos (Pv 4.18,19; Is 60.3; 62.1). Na terra não haverá a luz da retidão, e nem o brilho

11

5.26 levastes Sicute... Quium. Sicute (ou Sakute) era uma

divindade assíria associada ao planeta Saturno, enquanto que Quium (ou Kaiwan) era um termo babilônico para Saturno. Amós refere-se

aqui a ídolos associados a divindades astrais, que eram carregados em procissões cúlticas.

12

6.6 em taças. Ou seja, em taças grandes ou bacias. A mesma

palavra hebraica é usada para as bacias grandes perante o altar, no templo (Nm 7.13; Zc 14.20). A hipérbole usada pelo profeta retrata vividamente os excessos da cidade.

José. Ver nota em 5.6.

* 6.7 em cativeiro entre os primeiros. Essa frase é um jogo de

palavras no hebraico sobre a frase anterior, "principal das nações” (v. 1). Israel se imaginava a principal das nações, mas estaria entre os primeiros exilados.

*** 6.10 um parente chegado... os há de queimar. Lit., "o parente**

de um homem e seu queimador", provavelmente o mesmo individuo. O temor à epidemia pode ter requerido cremação, em lugar de sepultamento. Ou a queima mencionada pode ser um fogo aceso em respeito aos mortos (Jr 34.5).

não menciones o nome do SENHOR. Anteriormente, uma pessoa poderia mencionar ou invocar o nome do Senhor, pedindo ajuda, visto ser ele o Deus do pacto com Israel. Mas no dia do juízo uma pessoa não podia fazer isso, porquanto o Deus da aliança estaria chegando para executar sua sentença (cf. Is 48.1). [1]

*** 6.12 Poderão correr cavalos na rocha? Obviamente não.**

Ninguém faz correr um cavalo num chão tão traiçoeiro. Nem também iria alguém lavrar nas rochas. Mas a injustiça de Israel é igualmente absurda. Uma leitura sugerida da segunda pergunta, “lavrar-se-á ela com bois”, requer uma divisão diferente de palavras no hebraico, e não é atestada por nenhuma versão antiga. É melhor tomarmos “rocha” como subentendido, embora não explicitamente declarado, na segunda pergunta.

* 6.13 Lo-Debar. . . Carnaim. Lo-Debar era uma cidade de

fronteira em Gileade. Carnaim, uma cidade na planície de Basã, no caminho de Damasco. Ambas foram aparentemente retomadas de Hazael por Jeoás (2 Rs 10.32,33; 13.25), mas mais tarde conquistadas pela Assíria (2 Rs 15.29). Os nomes significam respectivamente “nada” e “um par de chifres”. Um trocadilho é pretendido, pelo qual Amós diz que Israel se alegra na conquista de nada (a conquista de Lo-Debar, que logo será tomada pela Assíria, teve vida curta); e se gloria em haver tomado “um par de chifres”

(simbólicos de força militar no antigo Oriente Próximo), por sua própria força. Suas conquistas deram em nada, e sua força se desvanecerá antes do julgamento do Senhor.

* 6.14 uma nação. A Assíria.

Hamá até ao ribeiro de Arabá. As fronteiras norte e sul do reino restaurado por Jeroboão II (2 Rs 14.25).

* 7.1 - 8.3 Esta longa seção contém quatro visões (7.1-3; 7.4

6; 7.7-9; 8.1-3) e uma seção autobiográfica relacionada com a terceira visão (7.10-17). As primeiras duas visões têm esta estrutura: (a) o Senhor dá a visão; (b) Amós intercede; (c) o Senhor se arrepende. A conversação entre o Senhor e seu profeta é uma parte integral da experiência visionária.

* 7.1 gafanhotos. A palavra hebraica, que ocorre somente aqui

e em Na 3.17, denota gafanhotos recém-formados, em grupos.

erva serôdia. . . ceifas do rei. Este verso parece indicar que a primeira colheita (as “ceifas do rei”) representava a parte do rei (cf. 5.11; 1 Rs 12.4),

enquanto o fazendeiro e sua família dependiam da segunda colheita para sobreviver. A destruição desta segunda colheita pelos gafanhotos colocava a população em risco de passar fome.

* 7.2 comido de toda a erva da terra. A palavra hebraica para

erva é geral; toda vegetação foi destruída, não somente as colheitas. Em hebraico, a frase completa faz eco à descrição da praga dos gafanhotos em Ex 10.12,15 ("toda a erva da terra”). O Senhor puniria Israel assim como ele puniu o Egito antes do Êxodo.

* 7.3 se arrependeu. Movido pelo apelo intercessório, o

Senhor

está querendo mudar sua mente ou arrepender-se, no que diz respeito à punição pretendida (cf. Ex 32.12,14; Jl 2.13; Jn 3.10; Jr 18.8) . Ver nota em Gn 6.6.

* 7.4 chamou o fogo. Ver nota em 1.4; Is 66.15-16.

o grande abismo. O "grande abismo" poderia ser o Mar Mediterrâneo, embora a mesma frase seja também usada para as caóticas águas subterrâneas (Gn 7.11, nota) e para o Mar Vermelho, no cruzamento de Israel (Is 51.10). A perspectiva de um fogo que vai devorar mar e terra faz eco com a advertência de julgamento da aliança em Dt 32.22. A linguagem excede o que aconteceu no Novo Testamento, mas sugere de antemão o Último Julgamento (cf. 2 Pe 3.10; Ap 21.1), do qual todos os julgamentos prévios não são senão tipos.

* 7.7 Mostrou-me. Esta e a quarta visão (8.1-3) têm a mesma

estrutura: (a) o Senhor dá visão; (b) o Senhor questiona Amós; (b) Amós replica; (d) O Senhor explica e julga. Experiências visionárias similarmente estruturadas são registradas em Jr 1.11,12,13-16.

um muro levantado a prumo. Muitos interpretam esta imagem como sendo Israel sendo julgado para ver se correspondia ao padrão de Deus. Outros, seguindo outra análise de palavras, preferem "muro de lata". O mesmo simbolismo do "muro", na literatura egípcia, é usado para capacidade militar (cf.

"muro de bronze", Jr 15.20 e "muro de ferro", Ez 4.3) O uso de uma palavra acádia (assíria) para o metal indica a fonte do poder militar que o Senhor vai usar para julgar Israel.

tinha um prumo na mão. Ver nota acima. Muitos interpretam esta frase como uma referência à lei da aliança de Deus, seu padrão para julgamento. Outros traduzem esta frase como "com lata em sua mão", uma provável referência ao poder assírio, antecipando que ele porá

"lata” (i.e. poder assírio) no meio de seu povo (v. 8).

* 7.8 jamais passarei por ele. Não mais o Senhor passará por

cima de suas transgressões (Mq 7.18).

* 7.9 os altos. . . os santuários. Estes altos lugares eram

locais de adoração idólatra cananéia (Dt 12.12; 2 Rs 17.10-12). Os santuários eram para adoração idólatra ou sincretista.

espada. . . casa de Jeroboão. O próprio Jeroboão poderia não morrer à espada, mas sua casa ou família poderia ser afetada. Embora Jeroboão aparentemente tenha morrido de morte natural (2 Rs 14.29), seu filho Zacarias foi morto (2 Rs 15.10).

* 7.10-17 A seção autobiográfica aparentemente relaciona-se

à terceira visão, contando a reação de Amazias às profecias de Amós.

* 7.10 o sacerdote de Betel. Amazias foi provavelmente o sumo

sacerdote do templo de Betel.

Amós tem conspirado. As implicações políticas da pregação do profeta são aparentes. Jeremias também foi erradamente considerado um traidor por causa de suas profecias contra Judá (Jr 26.11; 37.11-13; 38.1 -6).

* 7.11 Jeroboão morrerá à espada. Provavelmente uma alusão

à profecia, no versículo 9. Amazias distorce a citação de Amós, para fazer com que Jeroboão se sinta pessoalmente mais ameaçado.

*** 7.12 ali come teu pão. . . profetiza. Provavelmente isto**

significa "ganha a tua vida profetizando ali em Judá". Embora fosse apropriado que um profeta fosse pago por seu trabalho (1 Sm 9.6-8; exc. cf. Mq 3.5,11), Amazias acusa Amós de ser meramente um profeta de aluguel. As ordens de Amazias aqui são um exemplo do pecado de ordenar aos profetas que não profetizem (2.12).

*** 7.13 santuário do rei . . .templo do reino. Desde o tempo em**

que Jeroboão I estabeleceu a idolatria em Betel (3.14 nota), os reis de Israel tinham uma grande influência no culto. Amazias está preocupado com o santuário de seu reino terreno, em vez do santuário do grande Rei, o Senhor. Ironicamente, Amazias é o oficial religioso empenhado em proteger os interesses terrenos -- a mesma acusação que ele trouxe contra Amós (v.12). Uma futura geração de profetas iria, da mesma maneira, levar à morte Jesus, o maior dos profetas, por causa da preocupação errada de proteger seu próprio reino e templo (Jo 11.48).

*** 7.14 não sou profeta, nem discípulo de profeta. Amós não**

era originalmente um profeta, nem um dos chamados "filhos de profeta" (i.e., discípulos de profetas: 1 Rs 20.35; 2 Rs 2.3,5,7,15). Ele não era um profeta profissional pago.

boleiro. Ver nota em 1.1.

colhedor de sicômoros. Alguém que tratava a fruta com corte especial, para garantir uma doçura maior, quando a fruta estava madura. Amós era talentoso em mais de um negócio (1.1). [2]

para profetizar. O mesmo fraseado é usado para a escolha que o Senhor fez de Davi para rei de Israel (2 Sm 7.8) A alusão do profeta

ao chamado de Davi indica que o Senhor tem o direito soberano de escolher tanto reis como profetas -- e que seus profetas têm todo direito de profetizar na "residência oficial do rei" (v. 13).

* 7.16 Não profetizarás. Ver 2.2 e nota; 7.12,13)

* 7.17 mulher se prostituirá. Ou sendo violentada na queda da

cidade, ou por desespero, depois da perda da família e da riqueza (Dt 28.30)

teus filhos e tuas filhas. Filhos e filhas eram freqüentemente punidos junto com os pais pelas transgressões da aliança (Dt 28.32,53; Jr 5.17; Ez 24.21); morte violenta era uma punição típica da aliança (Is 3.25; Jr 39.18).

morrerás na terra imunda. O exílio seria extremamente desgostoso para o sacerdote Amazias; vivendo numa terra pagã ele se tornaria ritualmente imundo. ver nota em Lv 11-16.

Israel. . . terra. Amós sarcasticamente cita as próprias palavras de Amazias do v. 11, devolvendo-as a ele. [3]

multiplicar-se-ão os cadáveres. Uma abundância de cadáveres era típica nas cidades derrotadas do antigo Oriente Próximo, especialmente quando vencidas pelos assírios (Na 3.3).

* 8.4-14 Deus acusa Israel de injustiça social, desonestidade

comercial e indiferença para com os dias santos.

* 8.5 lua nova. . . sábado. O festival da lua nova era celebrado

a cada quarta semana, com ofertas variadas (Nm 28.11-15). O sábado, observado a cada semana, foi estabelecido nos atos da criação (Ex 20.8-11) e redenção (Dt 5.12 nota) de Deus. O trabalho

era proibido nestes dias. diminuindo o efa. . . balanças. Tais práticas desonestas de negócios eram contra a lei do Senhor, e resultariam no seu julgamento (Lv 19.36; Dt 25.14).

* 8.6 dinheiro. . . sandálias. Ver notas em 2.6.

o refugo de trigo. Literalmente, "o trigo recusado". Os donos das propriedades vendiam até a palha, que caía no chão quando o trigo era peneirado, juntando-a com o trigo e enganando o comprador.

* 8.7 a glória de Jacó. Ver nota em 6.8. Aqui, a frase pode se

referir ao próprio Senhor, ou à terra de Israel, que em outros lugares é chamada de "nossa herança. . . a excelência de Jacó" (Sl 47.4) [4]

(5.26 nota; 2 Rs 23. 5,11). As declarações aqui afirmam que só ele é Deus, e o sol meramente uma de suas criações (Gn 1.16 e notas).

a terra. Ou, a terra de Israel, que estava para ser punida. A frase relembra diretamente a praga da escuridão que o Senhor trouxe sobre a terra do Egito (cf. Ex 10.21,22; Sl 105.28) Aqui, novamente, o Senhor está prestes a julgar Israel com um julgamento similar ao do Egito.

pano de saco. Este tecido rude era usado como um sinal de lamentação, para indicar que os prazeres da vida não mais importavam ao que lamentava (Gn 37.34; 2 Sm 3.31)

calva sobre toda a cabeça. Raspar a cabeça era um sinal de lamentação. Era proibido na aliança (Lv 21.5; Dt 14.1), talvez porque fosse uma prática pagã de desfiguração do corpo que desgraçava a imagem de Deus (Is 15,2,3; Ez 27.30,31). Ironicamente foi profetizado para Israel e Judá (cf. Is 3.24; Mq 1.16).

amarguras. Um termo descrevendo a conseqüência final do pecado (2 Sm 2.26; Pv 5.4).

* 8.11 fome. . . de ouvir a palavra. Esta maldição provém da lei

da aliança Dt 32.20; Os 3.4). Assim também, no período dos juízes, quando o pecado era abundante (Jz 21.25) , "a palavra do Senhor era rara" (1 Sm 3.1).

* 8.12 de mar a mar. Uma frase padrão no antigo Oriente

Próximo, indicando "os confins da terra", isto significava literalmente "do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico".

*** 8.13 as virgens formosas . . .os jovens. Mesmo os jovens e**

robustos estarão no fim de suas forças (cf. Is 51.20).

sede. O enfoque é sobre a situação física extrema (cf. 4.7,8), embora a sede espiritual possa também estar em vista (v. 11).

* 8.14 juram pelo ídolo. Ver nota do texto. Jurar por um deus, no

antigo Oriente Próximo, implicava no reconhecimento e adoração desse deus. Os israelitas tinham ordens de jurar somente pelo Senhor (Dt 6.13; 10.20; cf. Jr 5.7; Sf 1.5).

* 9.1- 6 Nas outras quatro visões, Amós era um intercessor ou réu

das perguntas do Senhor (7.1 - 8.3 nota; 7.7 nota). Nesta visão, contudo, Amós não tem voz ativa, mas simplesmente registra o que vê.

Fere. . . de todos eles. A ordem parece ser para um anjo (cf. 2 Sm 24.16; 2 Rs 19.35) destruir o templo, fazendo-o cair sobre as cabeças daqueles que estão dentro (cf. Jz 16.29,30).

* 9.2 abismo. . . céu. Este par expressa poeticamente a

amplitude do domínio de Deus (Sl 139.7-12; Is 7.11).

* 9.3 Carmelo. Ver 1.2 e nota.

fundo do mar. Em contraste com a altura do Monte Carmelo. Uma vez que o Monte Carmelo estava próximo à costa de Israel, uma fuga iria levar as pessoas para dentro do mar.

serpente. O monstro marinho é talvez o Leviatã de Is 27.1. A soberania de Deus sobre toda a criação é poeticamente afirmada; ninguém pode escapar de sua justiça.

* 9.4 cativeiro. Uma das maldições da aliança para a

desobediência.

* 9.5,6 Esta seção constitui um título divino curto (4.13 nota),

identificando o Senhor como Juiz. [5]

subirá. . . abaixará. Ver nota em 8.8.

* 9.6 câmaras. Isto poderia ser interpretado como "palácio" ou

"templo" (cf. Ap 11.19). A palavra hebraica significa "degraus" ou "escadas", como aqueles usados para entrar no templo, particularmente no templo do final dos tempos (Ez 40.6,22,26,31,34).

abóbada. Literalmente, "arcos". Aqui talvez signifique o arco ou arcada do céu (Ez 24.10, nota)

O Senhor é o seu nome. Uma exata repetição da frase em 5.8.

* 9.7 como os filhos dos etíopes. Literalmente, "como os filhos

dos cusitas", as tribos de pele escura do sul do Egito (Gn 10.6). A Israel pecadora rejeitou a aliança e não é mais privilegiada do que os etíopes.

Egito. . . Caftor. . . Quir. Tornando o êxodo de Israel do Egito poeticamente paralelo (e daí implicitamente igual) a seus tratamentos com outras nações, Deus diz a Israel que ela não se tornou melhor do que os pagãos.

Caftor. Creta.

de Quir os siros. Ver nota em 1.5.

*** 9.8 reino pecador. Israel.**

não destruirei de todo. Um remanescente graciosamente escolhido sobreviverá. [6]

como se sacode trigo. Figurativamente separando o trigo (os fiéis) da palha (os pecadores), a experiência do exílio servirá para purificar a nação de Israel (v. 10).

* 9.10 o mal não nos alcançará. A negação do julgamento,

como a negação da culpa, é característica de pecado.

* 9.11-15 Amós conclui com um oráculo da restauração

prometida, ordenada como segue: (a) reconstrução (v. 11); (b) conquista (v. 12); (c) abundância frutífera (v.13); (d) reconstrução e replantio (v. 14); segurança duradoura (9.15). Amós garante a seus leitores que, uma vez que o julgamento do exílio tenha passado, a restauração é tão certa quanto a dispersão.

* 9.11 Naquele dia. O dia do Senhor é aqui descrito como o

tempo da libertação de Israel (Sf 1.7 nota).

tabernáculo. Ver nota de texto. A "tenda" representa a dinastia de Davi que, aos olhos do profeta, era tão boa quanto decaída. Mas o tabernáculo de Davi será reconstruído. Em Jesus, o maior Filho de

Davi, a dinastia de Davi foi restabelecida (At 15.16,17).

* 9.12 Edom. Embora sujeito a julgamento divino (1.11,12), um

remanescente de Edom será trazido sob o reinado redentor do Filho de Davi. Edom, e na realidade todas as nações, serão beneficiadas por ficarem sob o domínio do futuro Rei (Sl 2.8). Em At 15.16,17, Tiago aplica esta passagem a Deus, tomando um povo para si mesmo dentre os gentios, e incluindo-o na igreja.

e todas as nações. O acréscimo desta frase sugere que "o remanescente de Edom" representa os redimidos de todas as nações.

que são chamadas pelo meu nome. Esta frase nos diz que alguns, não todos, de cada grupo gentio, virão para debaixo do domínio do Filho de Davi.

Somente aquelas que levam o nome do Senhor, entre as nações, serão incluídas. A frase (lit., "sobre quem meu nome é chamado") indica subordinação ao Nome, e algumas vezes é usada a respeito da subordinação de Israel ao senhorio da aliança do Senhor (Dt 28.10; Jr 14.9). Amós prevê que o Senhor tomará posse do remanescente de todas as nações e reinará sobre ele numa relação de aliança através de seu Rei messiânico (At 15.13-17)

* 9.13 Uma predição de abundância, na realidade mais do que

abundância, segue as profecias de desastre e desolação. A culminação da obra redentora do Senhor através do Filho de Davi é retratada em termos de ciclos infindáveis de fecundidade, que nos lembram o Éden, mas o sobrepujam. (cf. Jl 3.18).

* 9.14 mudarei a sorte de meu povo. Ou "trarei de volta os

cativos". Uma frase que se repete nas profecias dos julgamentos da aliança (Jr 29.14; Ez 16.53; Os 6.11).

reedificarão...habitarão...plantarão...beberão. Estas bênçãos revertem as maldições de futilidade anteriores (5.11, nota).

* 9.15 Plantá-los-ei. O Senhor promete segurança duradoura

para seu povo. A aliança de Deus com Davi tinha prometido um reinado eterno (v.11; 2 Sm 7.10). O filho maior de Davi, Jesus Cristo, garantirá as bênçãos permanentes da Israel redimida.

dessa terra que lhes dei. Ver nota em Gn 13.15. A frase relembra a aliança de Deus com Abraão e seus descendentes (Gn 12. 1,7; 13.14-17; 15.18;17.8). A Terra Prometida física não é senão um tipo da vida da Nova Israel em Cristo; aponta para o futuro, para a Jerusalém celestial (Hb 11.13-16; 12.22-24). A promessa da terra da aliança encontra cumprimento final nos novos céus e nova terra (Ap 21.1 - 22.6).

Obadias

* 1 Visão. Uma revelação sobrenatural declarada à visão ou audição interior do profeta. Obadias introduz a mensagem que ele recebeu do Senhor sobre Edom.

Assim diz o SENHOR Deus. Deus revelou o conteúdo da profecia (cf. 2Pe 1.21). Isto eleva a qualidade moral de sua severidade acima da vontade vingativa do homem até a pureza da justiça divina.

Edom. O rancor entre Edom e Israel começou no período patriarcal. Deus abençoou Isaque e Rebeca com filhos gêmeos, Esaú e Jacó (Gn 25:21-26; cf. Ml 1:2, 3; Rm 9:10-13). A rivalidade pessoal entre Jacó e Esaú (Gn 27), de quem as nações de Israel e Edom descenderam, se transformou num conflito de dimensões nacionais (Ex 15.13-15; Nm 20.14-21; 1Sm 14.47; 2Sm 8.13, 14; 1Rs 11.14, 15; 2Rs 8.20-22; 14.7). Edom também representa simbolicamente os inimigos do povo de Deus (Is 63:1-6).

levantemo-nos contra Edom, para a guerra. Falando para o seu povo, o profeta vê significado divino nas notícias de uma conspiração contra Edom. Por detrás da trama humana, o Senhor Soberano está operando. O fato de que essas notícias chegaram aos ouvidos de Obadias em conexão com esta visão não era coincidência; era um sinal do cumprimento da profecia.

* 2-14 Deus declara guerra contra Edom, resolvendo humilhar (vs. 2-4) e saquear (vs. 5-7) aquela nação. Nenhum sábio governante ou bravo guerreiro em Edom resistirá ao ataque divino (vs. 8-10). Edom, que havia sido cruelmente indiferente para com as angústias de Judá (vs. 11-14), irá cair. [7]

* 3, 4 A pergunta arrogante de Edom ("Quem me deitará por terra?”) é respondida com a solene resolução de Deus ("de lá te derrubarei”).

* 4 remontares como águia... entre as estrelas. Uma descrição hiperbólica do falso sentimento de segurança dos edomitas. Apesar da aparente segurança de Edom, ninguém pode se elevar acima de Deus. Embora Edom parecesse invencível, Deus chamou Israel para compreender que nenhum poder terreno pode escapar à sua justiça soberana.

* 7 As nações conspiradoras do v. 1 revelam ser os próprios aliados de Edom. É uma questão de justiça que Edom fosse traída pelos amigos, tendo apunhalado o "irmão Jacó” (v. 10) pelas costas.

* 8-10 Embora sábio e poderoso, Edom não será páreo para o Senhor.

* 9 Temã. O nome pessoal de um descendente de Esaú (Gn 36.11), que também era usado para a nação edomita.

* 11, 12 Edom é condenado por ter violado a lei de compaixão fraternal ao se unir, como divertimento malicioso, aos inimigos de Deus enquanto esses destruíam Judá. A interação entre "teu irmão” no v. 10 e os "estrangeiros” invasores aqui é poderosa. A exploração

da adversidade de um irmão demonstrou que o verdadeiro propósito de Edom estava em conseguir ficar em posição elevada no mundo, sem levar em conta os absolutos morais e espirituais. As sementes do caráter moral de Edom foram semeadas pelo seu ancestral Esaú que mostrou que se importava mais com os prazeres terrenos do que com o reino de Deus ao desprezar as bênçãos decorrentes de seu direito como primogênito e casando-se com mulheres hititas (Gn 25.29-34; 26.34, 35; cf. 27.46—28.1). Traduzido nos termos do Novo Testamento, Edom personifica o espírito "do mundo” (1Jo 2.15-17). [8]

* 15 o Dia do SENHOR... sobre todas as nações. Para o dia do Senhor, ver Is 2.11,12. Agora o profeta coloca o julgamento de Edom contra o pano de fundo global da prestação de contas moral que Deus faz com todas as nações. Este episódio com Edom é somente uma pequena amostra do julgamento da parte de Deus; ele não irá parar enquanto não tiver limpado seu mundo de todos os seus inimigos. A conexão entre Edom e o resto das nações é a sua rebelião contra Deus, que todas elas têm em comum.

* 16 A orgia dos ébrios edomitas no monte do templo sagrado em Jerusalém é respondida à altura com a taça da ira de Deus sendo forçada pelos lábios de Edom e todas as nações que profanaram as coisas de Deus.

* 17 o monte será santo. Não mais vítima da pilhagem de exércitos, o Monte Sião será novamente santo, limpo, purificado por Deus.

* 18 ninguém mais restará. Aqueles "que restaram” (v. 14) de Judá irão se reerguer como um fogo ardente de ira divina para consumir Edom, não deixando um único sobrevivente sequer. Embora Edom fosse poderoso nos dias de Obadias, na perspectiva de Deus essa nação não é nada.

* o Senhor o falou. Assim como uma assinatura, esta oração enfatiza a imutabilidade das intenções de Deus. Ele já se comprometeu.

* 19, 20 O povo exilado de Deus voltará a ocupar a terra de sua herança, as fronteiras que serão restauradas e expandidas.

* 19 Deus promete ao seu povo que as fronteiras do reino davídico serão restauradas ao sul ("o monte de Esaú"), ao oeste (Filístia), ao norte ("os campos de Efraim e... de Samaria"), e ao leste ("Gileade"). [9]

Sefarade. A localização é incerta. As suposições incluem Sardes na Ásia Menor, Espanha, e Média. Deus leva o seu povo exilado a crer que nenhuma deportação terrena poderá removê-los além do alcance do seu amor.

* 21 Salvadores. O povo de Deus, transformado de fugitivo (v. 14) em

libertador, irá reinar sobre aquele que foi certa vez um território inimigo.

o reino será do SENHOR. Embora toda a realidade criada pertença ao Senhor já agora (Sl 47.2; 145.13), Obadias está ressaltando um aspecto diferente aqui — que o reino será do Senhor quando ele julgar seus inimigos e libertar seu povo definitivamente. Deus será tudo em todos, e seu povo, triunfante, glorioso, reinará para sempre com ele. Nessa promessa, Judá encontrou esperança para um futuro sem mais perseguição edomita; aqui também a igreja encontra esperança para o futuro, quando o reino deste mundo tiver se tornado no reino do nosso Senhor e de seu Cristo (Ap 11.15).

Jonas

* 1.1-2.10 O livro do profeta Jonas pode ser dividido em duas partes

principais, sendo cada uma delas introduzida pela expressão, "Veio a palavra do SENHOR a Jonas." A primeira divisão compreende duas

seções: o chamado, fuga, e julgamento de Jonas (cap. 1), e o salmo de ação de graças (cap. 2).

* 1.1-17 Esta passagem descreve a resposta desobediente de Jonas à

sua comissão como profeta que deveria ir a Nínive, mas não nos diz o motivo de Jonas ter fugido da presença de Deus (que não é revelado até 4.2). Aqui nós presenciamos a interação de Jonas com os marinheiros gentios, que envolve um tema proeminente na segunda divisão do livro — a misericórdia do Senhor aos gentios. Apesar da desobediência de Jonas e de sua hipocrisia, os marinheiros não desprezam o Deus de Jonas, mas vêem nitidamente a mão do Deus de Israel e respondem com adoração. Em contraste com Jonas, os marinheiros gentios são cuidadosos em evitar o pecado pessoal perante Deus (v. 14). O profeta de Deus é julgado, mas os gentios são poupados, um evento que prenuncia a reação dos ninivitas e o cancelamento do juízo sobre eles na segunda divisão do livro.

* 1.1 Veio a palavra do SENHOR a Jonas. Com algumas variações, esse

tipo de enunciação é usada outras 112 vezes no Antigo Testamento para descrever a revelação de uma mensagem divina ao profeta.

Jonas, filho de Amitai. O receptor da revelação do Senhor é Jonas ("pomba"), filho de Amitai ("leal" ou "fiel"). Esta designação identifica o profeta como o personagem histórico de 2Rs 14.25, que proclamava que Jeroboão II (793-753 a.C.) iria reaver o território dos sírios ao norte. Compare a mensagem de Jonas ao reino de Jeroboão com as palavras de Amós e Oséias, que profetizaram durante o período do declínio espiritual de Israel na última parte do mesmo século (Introdução. Data e Ocasião). [10]

última capital do Império Assírio, estava localizada no lado leste do Rio Tigre, diretamente oposta à moderna cidade de Mosul no norte do

Iraque. O sítio arqueológico tem sido amplamente escavado e ostenta uma longa e rica história.

clama contra ela. Jonas entendia que seu pronunciamento acerca do julgamento pelo Senhor contra o temido e odiado Império Assírio era revogável (4.2, nota). Ele sabia que sua mensagem oferecia oportunidade para o arrependimento.

sua malícia subiu até mim. Na última profecia de Naum (século VII a.C.), a capital assíria, Nínive, é o foco da ira divina e é retratada como a personificação do mal e da crueldade (Na 3.1-7). A máquina de guerra assíria foi responsável por atrocidades cruéis; em 612 a.C., esse mesmo império iria cair vítima de um cruel destruidor.

* 1.3 Társis. A identificação precisa desta Társis é difícil, embora seja

freqüentemente identificada como porto de mineração de Tártesso, no sul da Espanha. Algumas vezes, porém, o termo designa o distante litoral mediterrâneo em geral.

da presença do SENHOR. Porque Deus está presente até mesmo "nos confins dos mares" (Sl 139.9), escapar era impossível.

*** 1.4 o SENHOR lançou sobre o mar um forte vento. O Deus de Jonas**

é o Criador e Senhor do mar (Gn 1.10, 21; Êx 14.21; Mc 4.41).

* 1.7 lancemos sortes. O lançar de sortes era uma forma comum de

adivinhação no mundo antigo, um método usado para descobrir a vontade dos deuses. Este método de discernir a vontade do verdadeiro Deus não foi proibido no antigo Israel, pois o Senhor governava até mesmo sobre as sortes (Nm 26.55; Js 18.6-10; Ne

10.34; Pv 16.33; At 1.24-26). [11]

mesmos diante da estrangeiros (Gn 40.15; Êx 1.19; 3.18; 10.3).

temo ao SENHOR. Jonas também se identifica em termos religiosos. O Senhor seu Deus não é apenas uma divindade pessoal, familiar, ou nacional. Ele é o Deus supremo e soberano, o Criador da terra e mar.

o Deus do céu. Um título antigo (Gn 24.3, 7) também comumente usado no período persa depois do Exílio (2Cr 36.23; Ed 1.2; Ne 1.4, 5; 2.4).

* 1.17 Deparou o SENHOR. Lit. "O Senhor designou.” A mesma palavra

hebraica também ocorre em 4.6-8; em cada ocorrência indica um exemplo surpreendente da soberania de Deus sobre o mundo natural.

um grande peixe. A espécie de baleia ou peixe que engoliu a Jonas não pode ser identificada com segurança. Sugestões incluem a baleia cachalote ou um grande tubarão. O peixe era o instrumento de Deus para resgatar Jonas das profundezas do mar ("o ventre do abismo,” 2.2).

três dias e três noites. Jesus se referiu ao livro de Jonas a fim de comunicar verdades relacionadas com sua própria mensagem e missão (Mt 12.38-41; 16.4; Lc 11.29-32). Ele fala do "sinal do profeta Jonas” não só com referência aos três dias e três noites em que Jonas esteve no peixe (Mt 12.39, 40), mas também com relação à eficácia da pregação de Jonas. Sem contemplar nenhum milagre, os ninivitas reconheceram que a mensagem de Jonas tinha autoridade divina, e assim responderam com arrependimento. [12]

* 2.1 Jonas... orou. Assim como o estilo das narrativas do Antigo Testamento, a história de Jonas é interrompida com um poema (vs. 2-9), um salmo de ações de graça e celebração pela libertação e misericórdia do Senhor. A estrutura literária é típica de um salmo de

ação de graças: (a) petição por livramento (2.2); (b) exposição do problema (2.3-6); (c) descrição da libertação (2.6, 7); e (d) louvor pela libertação (2.8, 9).

* 2.2 clamei... e ele me respondeu. Usando o modelo poético de

paralelismo, o salmo de Jonas é apresentado em dois versos que falam da oração do profeta e da resposta do Senhor. Jonas reconhece que ele foi resgatado "do ventre do abismo” (uma sepultura nas profundezas do mar).

* 2.3-
6 Esses versículos contém uma vívida lembrança da ar

proximidade da morte, suas causas, e seus resultados. O sofrimento de Jonas era resultado do julgamento pelo Senhor de sua desobediência. O quadro do sepulcro é apresentado vividamente: o envolvimento nas algas marinhas, o silêncio das águas profundas, e as ondas passando por cima da vítima.

1

6.11 ordena. O Senhor estava despertando a Assíria, seu

instrumento de juízo, para marchar contra Israel (cf. Is 10.5,6).

casa grande, e a pequena. Ambas as casas grandes dos ricos e as casas pequenas dos pobres serão esmagadas pelo julgamento vindouro. Aqui, como freqüentemente em Hebreus, a palavra para "casa” pode também significar "família”.

2

7.15 o Senhor me tirou. . . meu povo Israel. Amós rejeita

completamente a acusação de Amazias (7.12) e destaca seu divino chamado

3

8.2 frutos de verão. As palavras hebraicas para "fruto de

verão” e "fim” são parecidas, e são inteligentemente trazidas juntas aqui, para fazer efeito. A visão dos frutos de verão indica que "chegou o fim” para Israel.

passarei por eles. Ver nota em 7.8.

* 8.3 naquele dia. Ver nota em 5.18.

cânticos. . . uivos. O Senhor não mais toleraria o barulho dos cânticos do templo (5.23), que se tornariam em uivos de infortúnio quando o Senhor viesse em julgamento.

4

8.8 será agitada e baixará. Todo ano o Nilo subia e

transbordava, inundando o campo e deixando ricos depósitos de sedimentos. A imagem é usada aqui para ilustrar uma inundação de julgamento que vem -- o levante da invasão assíria (cf. Is 8.7,8).

* 8.9 naquele dia. Ver nota em 5.8.

farei. . . entenebrecerei. Embora tal idolatria fosse estritamente proibida pela aliança (Dt 4.19), Judá e Israel engajaram-se em adoração do sol e da lua

5

9.5 toca. . . derrete. Para expressões semelhantes do

surpreendente poder do Senhor, ver Sl 46.6; 104.32; Na 1.5.

6

9.9 sacudirei. . . entre todas as nações. O Senhor espalharia

seu povo entre as nações, primeiro por meio da Assíria, que freqüentemente estabelecia os povos conquistados em diversas partes de seu império.

7

3 fendas das rochas. A palavra em hebraico para "rochas" *(sela')* também era o nome de uma cidade fortificada nas altas regiões rochosas de Edom. O acidentado terreno da montanha de Edom desencorajava a invasão de fora e encorajava a complacência em seu interior.

8

15-18 O dia da retribuição divina destruirá todos os inimigos de Deus e vindicará seu povo, através de quem ele executará seu julgamento.

9

20 As fronteiras do reino davídico não serão apenas restauradas (v. 19), mas também estendidas até alcançar o Sarepta ao norte, entre Tiro e Sidom.

10

1.2 vai... Nínive. A soberania do Senhor sobre todas as nações está

implícita na ordem a Jonas. Ele é o Juiz de toda a terra (Gn 18.25). Nínive, a

1

11

1.9 Sou hebreu. Ver nota em Gn 14.13. Jonas se identifica em termos

étnicos. O termo "hebreu" era usado pelos israelitas para identificar a si

2

12

2.1-10 A resposta de Jonas ao julgamento divino é expressa na forma de

um salmo de ação de graças (v. 9). O lamento do profeta concentra-se no caráter desesperador de sua situação usando termos típicos nas descrições poéticas da morte ou da proximidade à morte. Em sua difícil situação, ele volta os seus olhos para o santo templo do Senhor, o sinal físico da presença salvífica do Senhor no meio do seu povo. Esse salmo é um testemunho comovente para o coração de Israel e para o coração do profeta, mas ele ainda tinha muito que aprender. Sua visão da misericórdia de Deus ainda era pequena.

*** 2.4 lançado estou de diante dos teus olhos. Para o profeta, o**

supremo terror da morte era a separação da presença do Senhor (Sl 88.4, 5, 10-12).

tornarei, porventura, a ver o teu santo templo? O templo de Jerusalém era a localização terrena da presença divina. Jonas desejava ardentemente a comunhão com Deus que o templo proporcionava. O profeta lamenta agora ter perdido a mesma presença divina de que ele antes havia procurado evadir-se (1.3, 10).

* 2.6 Desci. Jonas estava à porta da morte. Sua lenta e silenciosa descida

através das profundezas, como uma viagem ao submundo, o tinha conduzido às "portas da morte" (Sl 9.13).

fizeste subir da sepultura a minha vida. Aqui "sepultura" é usada para descrever o domínio da morte (Jó 33.22, 24; Sl 49.9; Is 51.14). Apesar da

situação sem esperança, o arrependido profeta é resgatado do domínio da morte e restaurado à comunhão com Deus.

* 2.7 eu me lembrei do SENHOR. O contexto indica que essa oração foi respondida; a importância e eficácia da oração é novamente enfatizada, como no v. 2 (cf. Hb 4.16).

* 2.8 Os que se entregam à idolatria vã. Lembrando-se da ineficácia das orações dos marinheiros e da dos seus deuses (1.5), Jonas condena aqueles que colocam a sua fé em ídolos.

* 2.9 Ao SENHOR pertence a salvação! Como Josué antes dele (Js 24.14, 15), Jonas declara sua lealdade ao Senhor e o exalta como

a única fonte de salvação e livramento. Em conceder a salvação a Jonas, o Senhor levou o profeta da desobediência ao arrependimento; em conceder a salvação aos ninivitas, ele os levará da idolatria à fé (3.5-10); em conceder salvação aos gentios, ele soberanamente os leva à fé e ao arrependimento (At 11.17, 18).

* 2.10 Falou, pois, o SENHOR...este vomitou a Jonas. Novamente a criação responde com obediência às ordens soberanas do Criador (1.4, 15, 17). O peixe, que poderia ter sido a arma mortífera de Deus, pela graça se tornou em instrumento de libertação.

* 3.1-4.11 Nesta segunda divisão do livro, Jonas prega a mensagem que Deus lhe ordenou, e o povo de Nínive responde com verdadeiro arrependimento (cap. 3). Quando o Senhor deixa de executar o juízo que os ameaçava, nós passamos a perceber o verdadeiro motivo da primeira fuga de Jonas: ele temia que Deus mostrasse sua misericórdia para com os odiados assírios (4.2). Nas lições práticas que se seguem, a extensão da misericórdia de Deus e sua compaixão são reveladas (4.5-11). [1]

Nínive era. Alguns tem sugerido que o uso do passado ("era") indica que a cidade não existia mais no momento da escrita deste livro. Tomando-se em conta a destruição da cidade em 612 a.C. pelos medos e babilônios, essa interpretação dataria a narrativa em algum momento após o final do século VII a.C. Contudo, o uso do passado aqui não exclui uma data no século VIII, pois ele pode indicar simplesmente a situação da cidade quando o profeta chegou.

cidade mui importante... de três dias para percorrê-la. O hebraico aqui é de difícil tradução. Muitos estudiosos interpretam essas expressões como uma referência ao tamanho físico de Nínive. A exploração arqueológica tem mostrado que a cidade tinha entre cerca de 12 km de circunferência com uma população estimada em 120.000 pessoas. Outros sugerem que a primeira fórmula deveria ser traduzida por "uma cidade muito importante" ou mais lit. como "uma cidade importante para Deus" (enfatizando sua significância ao invés de seu

tamanho). Esta última interpretação se encaixa melhor no contexto. A segunda expressão (lit. "jornada de três dias") pode indicar a duração da visita reservada (em termos de protocolo diplomático no antigo Oriente Médio) para um emissário com destino a uma cidade tão importante.

* 3.5 Os ninivitas creram em Deus. Os piores temores de Jonas se tornaram realidade quando o povo creu, se arrependeu, proclamou um jejum, e se vestiu de pano de saco (a vestimenta tradicional de lamentação no antigo Oriente Médio). O arrependimento foi rápido e abrangeu a toda a cidade.

* 3.6 rei de Nínive. Aparentemente uma referência ao poderoso rei da Assíria. Embora fosse altamente improvável que os registros assírios contivessem essa ocorrência incomum, alguns estudiosos têm associado esse evento com as reformas religiosas de Adade-nirari III (810-783 a.C.). Também tem sido sugerido o reino de Assur-dan III (772-755 a.C.).

levantou-se... assentou-se sobre cinza. A reação do rei foi tão imediata e espontânea como a de seus súditos. A autoridade real deu lugar à humildade penitente. Ele trocou suas vestes por pano de saco, seu trono por uma cama de cinzas (cf. Jó 42.6; Is 58.5).

* 3.7 mandado do rei. Com o edito real ordenando a oração, rituais de lamentação, e jejum para homens e animais, o arrependimento de Nínive estava completo. A inclusão de animais demonstra a sinceridade e a totalidade de seu arrependimento. Além do mais, era costume entre os persas incluir animais domésticos nos rituais de lamentação.

* 3.8 e se converterão... violência. Essa repreensão real se dirigia aos pecados mais proeminentes de Nínive. A violência física e a injustiça social eram marcas registradas do Império Assírio (Na 3.1).

* 3.9 O rei dá expressão pessoal e coletiva à esperança de que o arrependimento verdadeiro irá impedir o juízo divino. A estrutura de

3.5-9 se conforma ao típico modelo vetero-testamentário de narrar o arrependimento coletivo (Jr 36.3; Jl 2): (a) ameaça de julgamento, (b) reação penitente, e (c) decisão divina de reter o juízo.

* 3.10 Viu Deus o que fizeram. A advertência profética (v. 4) tinha uma

condição implícita, a saber, que o julgamento era iminente — se a cidade não se arrependesse. Ao converter-se do "seu mau caminho", os ninivitas cumpriram essa condição. A mudança dos planos do Senhor (i.e., sua escolha soberana de fazer com que sua própria ação dependesse de resposta humana) é totalmente compatível com a soberania de Deus e sua imutabilidade, visto que ele decreta os meios bem como os fins da sua soberana vontade (Jr 18.710). Ver nota em Gn 6.6.

* 4.1-11 O livro termina com a lição recebida pelo furioso Jonas acerca da

misericórdia divina e compaixão do próprio Deus. É notável que não somos informados de como Jonas reagiu diante dessa instrução. Ao invés disso, nós ficamos com o contraste entre a atitude ressentida de Jonas e a grande misericórdia de Deus para com os ninivitas. [2]

iria conceder perdão ao mais odiado inimigo de Israel.

*** 4.2 és Deus clemente... te arrependes do mal. A razão inicial para a**

fuga de Jonas para Társis é revelada. Apesar de sua desobediência patente e sua intolerância, Jonas entendeu o caráter de Deus. Aqui ele reproduz uma fórmula litúrgica descrevendo a misericórdia de Deus a um Israel não merecedor (ex., Êx 34.6; Nm 14.18; Ne 9.17; Sl 103.8; Jl 2.13). Somente aqui e em Joel 2.13 a referência ao arrependimento divino ("que se arrepende do mal") finaliza a fórmula (3.10, nota), uma inclusão apropriada para o contexto do

arrependimento e absolvição de Nínive.

*** 4.5 Jonas saiu da cidade... fez uma enramada. Grato por seu próprio**

livramento, Jonas ainda se recusa a aceitar o dos ninivitas. Esperando que o Senhor executasse o julgamento, Jonas sai da cidade para um lugar estratégico a fim de poder ver a destruição da cidade.

*** 4.6 fez o SENHOR Deus nascer uma planta. Ver nota em 1.17.**

Provavelmente devido à escassez de madeira nessa região árida, o abrigo de Jonas não era adequado para proporcionar proteção do ardente sol do Oriente Médio. O tipo de vegetação gerada aqui é incerta; alguns sugerem a mamoneira, que cresce rapidamente a até uma altura de 4 metros e meio.

* 4.7, 8 A mesma mão divina que, em sua misericórdia, havia

providenciado o grande peixe e a sombra, agora traz um verme para secar a planta, e um vento quente do leste (provavelmente o temido siroco do mundo mediterrâneo) para atormentar o já amargurado profeta. [3]

os corações dos gentios para obedecer ao evangelho (At 11.18; 15.14; 28.28).

Miquéias

* 1.1 Miquéias, morastita. O nome Miquéias é uma forma

abreviada de *Micayahu* ("Quem é como Yahweh?"). A cidade de Moresete

5 estava localizada perto de Gate, na Sefelá, isto é, nos sopés das colinas de Judá.

que em visão. A mensagem divina dada a Miquéias tomou a forma de uma revelação sobrenatural à visão e à audição interiores do profeta.

10

* 1.2-7 Essa profecia consiste em quatro partes: a convocação das nações ao julgamento (v. 2); uma visão simbólica de Deus transtornando a criação (vs. 3 e 4); uma acusação contra as capitais de Israel (v. 5); e a sentença divina acerca da destruição de Samaria (vs. 6 e 7).

15

* 1.2 todos os povos... contra vós outros. O julgamento de

Deus contra Samaria (vs. 6 e 7) exemplifica e prefigura o julgamento divino contra todos os povos que cometem a idolatria e os crimes sociais.

20 [4] 1.3-5 Por detrás do exército assírio, o profeta viu a mão de Deus (cf. Is

10.5,6). A profundeza do julgamento divino contra Jerusalém e Samaria é vividamente retratada em termos da destruição da própria ordem criada.

* 1.3 altos da terra. Quem quer que controlasse as regiões altas

25 de Israel, controlava a nação.

entretanto, "Israel" designa Judá como representante da nação inteira.

* 1.7 preço da prostituição. As antigas religiões de fertilidade do

antigo Oriente Próximo envolviam prostituição ritual, uma atividade estritamente

5 proibida para Israel (Dt 23.17). As riquezas que lhes eram pagas e por elas usadas para fazer ídolos, seriam tomadas pelos assírios e usadas da mesma maneira.

* 1.8-16 Este lamento divide-se em três partes: Uma introdução,

10 declarando a resolução de Miquéias de lamentar pelo exílio de Judá (vs. 8 e 9);

um corpo principal, com uma série de jogos de palavras acerca dos nomes das fortalezas de Judá (referências laterais) predizendo a queda e o exílio de Judá (vs. 10-15); e uma conclusão, convocando a casa de Davi para participar da lamentação, porque a nação iria para o exílio (v. 16).

15

* 1.8 despojado e nu. Um ato simbólico referindo-se à ameaça

do cativeiro (Is 20.2-4).

* 1.9 porta. O rei da Assíria, Senaqueribe, alcançou os portões

20 de Jerusalém, mas não tomou a cidade (v. 12; Introdução: Data e Ocasião).

* 1.10 Não o anuncieis em Gate. O lamento de Miquéias por

causa da queda da casa de Davi nos faz lembrar o lamento de Davi sobre a queda de Saul, em circunstâncias parecidas (2Sm 1.20).

25

revolvei-vos no pó. Uma vívida expressão de tristeza em vista de uma derrota humilhante (Jr 6.26).

* 1.11 Zaanã... sair. Ver a referência lateral. Apesar de seu nome

30 — *rica em rebanhos* — os habitantes dessa cidade se acovardariam e não

sairiam à batalha.

Bete-Ezel. Literalmente, esse nome significa "casa adjacente". A palavra hebraica *Ezel* assemelha-se a um verbo que significa "retirar" ou "reter". Essa 35 cidade haveria de reter sua proteção de Judá por haver sido anexada pelo

conquistador.

* 1.12 Marote. Ver a referência lateral. Embora anelasse pelo

bem, essa cidade experimentaria o amargor da derrota.

5

* 1.13 corcéis... carro... Laquis. Uma grande cidade-fortaleza de

Judá, localizada a sudoeste de Jerusalém, Laquis abrigava um contingente de carros de combate. Aqui a referência aos *corcéis* (o termo hebraico correspondente assemelha-se a "Laquis") talvez subentenda que os carros de

10 combate eram usados para fugir, e não para combater.

o princípio do pecado. A natureza exata dessas transgressões não é explicada. Muitos têm sugerido que isso envolvia a importação de cavalos do Egito para serem usados na guerra (5.10; Dt 17.16; 1Rs 10.28,29), induzindo a 15 nação de Israel a depender de suas forças militares, em lugar de depender do Senhor.

a filha de Sião. Uma personificação de Jerusalém.

20 [5] 1.14 presentes. Está em foco aqui o dote que um pai daria à

sua filha, quando ela partir para a casa de seu marido (1Rs 9.16). Os habitantes de Moresete-Gate partiriam para o exílio.

as casas de Aczibe serão para engano. Ver a referência lateral. O nome 25 dessa cidade se parece muito com a palavra hebraica que significa "enganadora", vocábulo esse usado para indicar um "ilusório ribeiro", em Jr 15.18. A cidade de Aczibe desapontaria o rei de Judá.

*** 1.15 chegará até Adulão a glória de Israel. Assim como Davi**

30 tinha fugido para a caverna de Adulão (2Sm 23.13), assim também os líderes

("a glória") de Israel fugiriam. O corpo principal do lamento (vs. 10-15) começa e termina com referências literárias à carreira de Davi (v. 10, nota).

proprietários (vs. 1 e 2); (b) a sentença — o Senhor sentenciou-os ao exílio (v. 3), e à perda de suas terras aos invasores (v. 4); (c) a conclusão — os ladrões eram cortados do povo da aliança com Deus (v. 5). A acusação e a sentença foram vinculadas por um jogo de palavras que envolviam os termos "imaginam 5 a iniquidade" (v. 1) e "Eis que projeto mal" (v. 3), que são expressões virtualmente idênticas em hebraico. Visto que os poderosos tomavam terras dos homens de Israel (vs. 1 e 2), assim também o Senhor enviaria um exército que lhes arrancaria das mãos a Terra Prometida (vs. 4 e 5).

10

[6] 2.2 herança. A propriedade de uma família era um

sagrado da parte de Deus (Lv 25.10,13). Ver a nota em Nm 27.1-11.

* 2.5 congregação. Terminado o exílio babilônico, a terra de

Israel seria redistribuída (cf. Nm 26.55; Js 18.8-10), mas nem os opressores e

15 nem os seus descendentes estariam presentes para reivindicar a herança.

* 2.6-11 Nesta profecia, Miquéias defendeu a sua mensagem contra

aqueles que estava tentando silenciá-lo. Miquéias repeliu a ordem deles para se calar (v. 6). Em seguida, o Senhor acusou os poderosos de explorarem

20 aqueles que não tinham defesa (vs. 8 e 9), sentenciando-os ao exílio por terem contaminado a terra (v. 10). Finalmente, o povo foi condenado por desejar que falsos profetas dissessem o que se queria ouvir (v. 11).

* 2.6 O original hebraico deste versículo é difícil de traduzir.

25 Alguns têm sugerido que Miquéias confrontou os falsos profetas que apoiavam

os roubadores de terras e procuravam silenciá-lo. Em apoio a essa interpretação, a frase hebraica aqui traduzida por "não babujeis tais coisas" poderia ter sido traduzida por "eles profetizam". Outros argumentam que os próprios líderes gananciosos e corruptos tinham tentado silenciar o profeta 30 Miquéias.

* 2.8,9 capa... lar... filhinhos. Os oprimidos pertenciam à classe média de Israel (Introdução: Data e Ocasião).

6 2.8 sem pensar em guerra. Esperando paz na pró

onde eles se sentiam mais seguros, ao invés disso, os israelitas foram saqueados.

* 2.12,13 Esta profecia sobre um remanescente preservado como se

5 fossem ovelhas em seu redil lembra o remanescente de Judá dentro de

Jerusalém, enquanto Senaqueribe assolava a maior parte do território de Judá. O Senhor, então, livrou os judeus, dizimando o exército assírio (2Rs 18.17— 19.37). Livramentos pela providência divina do remanescente dos escolhidos de Deus antegozavam o grande triunfo do Rei-Pastor (5.2-5).

10

* 2.12 Jacó... Israel. Uma referência a Judá como representante

da nação inteira (1.5, nota).

* 3.1-12. As três profecias deste capítulo anunciam a rejeição e a

15 punição da liderança incompetente e corrupta de Israel. Em primeiro lugar, o

tratamento dos líderes para com o povo oprimido de Israel é comparado ao canibalismo (vs. 1-4). Em segundo lugar, os falsos profetas que lideravam o povo na direção errada foram condenados (vs. 5-7), e foram contrastados com Miquéias que profetizava revelações verdadeiras da parte de Deus (v. 8). 20 Finalmente, os líderes políticos e religiosos de Israel foram condenados, e sua complacência foi castigada (vs. 9-12).

* 3.1 Disse eu. Uma adição editorial, indicando que Miquéias

editou o seu próprio livro (Introdução: Características e Temas).

25

Jacó... Israel. Ver a nota em 1.5.

* 3.4 não os ouvirá. Da mesma maneira que os magistrados de

Israel se recusavam a ouvir os clamores dos oprimidos, assim também Deus se

30 recusaria a ouvi-los no tempo do julgamento. [6]

* 3.6,7 Aqueles que tinham profetizado falsamente seriam julgados e envergonhados pelo silêncio de Deus.

* 3.12 Sião... coberta de mato. Esta profecia foi proferida nos

5 dias de Ezequias (Jr 26.17-19). Visto que Ezequias se arrependeu, em 701

a.C., o julgamento foi adiado até 586 a.C.

* 4.1 nos últimos dias. A visão profética de Miquéias mudou de

um julgamento iminente para os "últimos dias", quando o reinado messiânico

10 de Deus fosse estabelecido em Sião. A expressão usada aponta para um período novo, que, embora em um futuro não ainda revelado, decisivamente alternara o curso da História. Aqui refere-se à era messiânica, que começou no primeiro advento de Cristo (At 2.7; Hb 1.2) e se consumará nos novos céus e na nova terra (Ap 21 e 22).

15

O monte da Casa do SENHOR. O monte de Sião terreno prefigurava a realidade celestial, uma realidade à qual a Igreja tem chegado (Hb

12.22-24). Como parte da antiga aliança, o centro religioso da terra tem sido superado pela nova ordem vindoura (Hb 8.13).

20

no cume dos montes. As divindades pagãs também tinham montes sagrados com templos. Ao ser elevada acima deles, a eterna casa de Deus (aqui simbolizada pelo templo erguido sobre o monte Sião) será estabelecida entre as nações como o centro da verdadeira adoração.

25

* 4.6 Naquele dia. Ver a nota no v. 1.

e. Talvez fosse melhor traduzido por "até mesmo".

30 [6] 4.7 a parte restante. Da mesma maneira que Deus preservou

35

um remanescente que sobreviveu à invasão de Senaqueribe (2.12,13, nota), assim também agora um remanescente sobreviveria ao recente exílio babilônico.

poderosa nação. Essa é uma profecia que encontrou cumprimento final na

Igreja (1Pe 2.9,10).

* 4.8 torre. Jerusalém (isto é, a Jerusalém celestial: Hb 12.22)

tornar-se-á uma torre forte em torno da qual os habitantes se ajuntarão em

5 busca de proteção.

* 4.9-13 Esta profecia explica que a aflição pela qual Israel estava

passando (o "agora" dos vs. 9 e 11) resultaria em uma gloriosa salvação — a libertação do exílio babilônico (vs. 9, 10), livrando os israelitas do cerco de

10 Senaqueribe (vs. 11, 12).

* 4.10 como a que está para dar à luz. A dor do julgamento

(exílio, perda do rei e do território da nação) deve preceder o nascimento da era messiânica, que se seguiria.

15

* 4.11 muitas nações. O exército imperial assírio consistia em

tropas mercenárias provenientes de muitas nações.

* 5.1-6 Esta profecia também se aplica à presente aflição (v. 1) e ao 20 primeiro advento do Messias e sua vitória.

* 5.1 face. Esse insulto contra o líder de Israel significa que

Jerusalém sucumbiria diante de seus inimigos babilônicos, e que toda a resistência dos filhos de Israel cessaria (cf. 2Rs 25.4-7).

25

* 5.2 Belém Efrata. Cidade onde Davi nasceu (1Sm 16.1-13).

Embora a linhagem de reis davídicos cessaria temporariamente (v. 3), ainda assim Deus levantaria um governante da família de Davi que reinaria para sempre — o próprio Jesus Cristo (2Sm 7.12-17).

30

* 5.3 os entregará. Israel ficou sem um rei davídico desde a

queda de Jerusalém, em 586 a.C., até ao primeiro advento de Cristo.

a que está em dores. Uma referência ou a Maria, mãe de Jesus Cristo, ou ao 35 remanescente fiel (ver 4.10).

o restante de seus irmãos. Milhares de israelitas se converteram após o dia de Pentecoste (At 2.41,47).

5 [7] 5.5 a Assíria. A Assíria, a nação sitiante do v. 1, representa

aqui todos os inimigos que se opõem ao reino de Deus.

sete... oito. Sete é o número da perfeição. Haverá um suprimento mais do que suficiente de líderes para expandir o reino de Cristo.

10

* 5.6 Ninrode. Uma referência à Babilônia (Gn 10.8, nota).

* 5.7-9 Este oráculo divide-se em duas partes: uma profecia de que o remanescente tornar-se-á instrumento divino da vida e da morte (vs. 7,8); e

15 uma petição para Deus derrrotar todos os seus inimigos (v. 9 e nota). Essas declarações encontraram cumprimento na Igreja (2Co 2.14-16).

* 5.7 não espera... nem depende. Da mesma forma que a

chuva procede da iniciativa divina, assim também o remanescente dependia de

20 Deus para refrescar a terra.

(Dt 32.35; Rm 12.19-21).

* 6.1-8 Um exemplo clássico da ação judicial profética, onde o Senhor

pleiteia os termos da aliança contra seu povo desobediente. A

mensagem se

5 inicia com uma cena de julgamento na qual o Senhor é aquele que apresenta a queixa, Miquéias é o seu enviado, os montes são as testemunhas, e Israel era a acusada (vs. 1 e 2). A fidelidade do próprio Deus à aliança é então confirmada, quando ele dá a Israel primeiramente a oportunidade de exprimir quaisquer queixas (v. 3) e então relembra seus poderosos atos de livramento 10 (vs. 4 e 5). Em seguida, é proclamada a demanda pela retidão segundo a aliança — uma retidão que consistia não meramente em um ritual vazio, mas em obediência de todo o coração (vs. 6-8).

*** 6.1 Levanta-te, defende a tua causa. O Senhor ordenou a**

15 Miquéias, na qualidade de seu representante, a acionar a causa de Deus

contra o povo de Israel. Miquéias obedeceu a essa ordem no v. 2.

montes. O Senhor usou os montes duradouros como testemunhas da aliança mediada por Moisés (Dt 4.26; 30.19 e nota; 31.38 e 32.1).

20

* 6.4,5 Estes versículos recebem o arcabouço de referências ao Egito

(nação da qual Israel fora libertada) e a Gilgal (por onde Israel entrou na Terra Prometida; Js 4.19). Foram incluídos todos os atos salvíficos de Deus durante o período da formação de Israel: a páscoa e o êxodo, a orientação pela coluna

25 de fogo e de nuvem, a miraculosa provisão de alimentos e de água, a provisão de líderes capazes ("Moisés, Arão e Miriã") e a vitória sobre os adversários. A maravilhosa provisão de Deus em favor de seu povo durante esse período prefiguram as experiências

da Igreja com Cristo (Jo 6.33; 1Co 5.7; 10.1-4).

30 * 6.5 lembra-te. Essa ordem significava não meramente a

35

*

6.6,7 Mediante uma escala retórica dos sacrifícios ("bezerros... milhares

lembrança mental dos eventos passados, mas que esses acontecimentos devem ser meios para torná-los uma realidade no presente. Mediante a fé, tal conhecimento do passado é aplicado às situações presentes.

de carneiros... o meu primogênito"), Miquéias exibiu o absurdo da dependência de Israel a ritos vazios e a sacrifícios de animais para merecer o favor divino. Tal dependência demonstrava uma profunda falta de compreensão quanto à graça divina, pois a salvação de Israel era algo gratuito, e não merecido (vs. 4 5 e 5). Além disso, as obrigações da aliança, por parte de Israel, subentendiam justiça social e misericórdia, e não somente liturgia (v. 8). Ver também Am 5.2124.

* 6.8 humildemente. Ou então, "com prudência".

10

* 6.9-16 Esta profecia consiste em um discurso a Jerusalém (v. 9), uma

acusação de falsidade nos negócios e naquilo que é falado (vs. 10-12), e uma sentença judicial que envolvia enfermidades e ruína (vs. 13-15). O contexto da aliança é evidente quando a punição reflete as maldições segundo a aliança

15 especificadas na lei mosaica (v. 15; Lv 26.20; Dt 28.40,51).

* 7.1-7 Miquéias lamenta-se que nenhum justo podia ser encontrado (vs.

1-4) e deplorava a resultante convulsão social e nacional que era tanto o resultado como a punição por seus pecados (vs. 4-6). Particularmente notável

20 era a quebra da ordem da família. Miquéias, entretanto, concluiu com a confiança de que após o juízo divino viria a salvação (v. 7).

* 7.1 colhidas as frutas do verão. Em sua busca por um

homem justo, Miquéias comparou-se a um vindimador que buscava uvas

25 seletas, depois que o melhor da estação das uvas já havia passado.

*** 7.2 não há entre os homens um que seja reto. Este versículo**

explica a alegoria do v. 1.

30 [8] 7.4 sentinelas. Uma metáfora que falava sobre os profetas

que anunciavam o julgamento vindouro (Ez 3.17; 33.7).

39; Lc 12.51-53).

* 7.8-20 Este hino de conclusão consiste em quatro estrofes: (a)

Jerusalém, em seu estado caído confessa seu pecado e sua fé no Senhor (vs.

5 8-10); (b) o profeta promete que a cidade tornar-se-á um redil de ovelhas a

oferecer a salvação a um mundo sob julgamento (vs. 11-13); (c)

Miquéias ora para que o Senhor novamente venha pastorear o seu povo (v. 14), o que o Senhor promete fazer (v. 15), então Miquéias profetizou que o inimigo incrédulo será conquistado (vs. 16 e 17); e (d) o povo de Israel celebrará o perdão e a 10 fidelidade de Deus com um hino de louvor (vs. 18-20).

* 7.8 trevas. Uma cova sem luz é uma figura simbólica que

retrata muito bem uma cidade sob o julgamento divino.

15 [9] 7.9 eu verei a sua justiça. A justiça do Senhor será

manifestada na salvação da nação fiel de Israel (vs. 8 e 9), bem como na destruição dos seus inimigos incrédulos (v. 10).

* 7.11 No dia. Ver 4.1,6; 5.10-15. O último dia é simbolicamente

20 retratado pela restauração das muralhas da cidade de Jerusalém (v. 11); e a

extensão dos limites do país aos limites profetizados por Moisés, e desfrutados durante os reinados de Davi e Salomão (v. 12; Gn 15.18; Êx 23.31; Dt 11.24; 1Rs 4.21,25). Ver as referências laterais nos vs. 11 e 12.

25 [9] 7.13 a terra será posta em desolação. Fora das fronteiras

seguras dos eleitos haverá um julgamento universal. Está em vista, em última análise, o Julgamento Final.

*** 7.16 porão a mão sobre a boca... seus ouvidos ficarão**

30 surdos. Esses gestos são sinais de humilhação em face do avassalador poder

divino. As nações não mais zombarão de Israel, e nem mais darão ouvidos às vanglórias uns dos outros.

jogo de palavras envolvendo o seu próprio nome a fim de enfatizar a graça perdoadora de Deus.

* 7.19 lançará... mar. Da mesma maneira que a jornada de Israel

5 começou quando Deus lançou o exército egípcio no mar Vermelho (v. 15; cf. Êx

15.1-5), assim também ele concluirá a história de Israel lançando suas iniqüidades nas profundezas do mar. [10]

Naum

* 1.1 Título do livro. Ver Introdução. Autor; Data e Ocasião.

* 1.2-14 O hino introdutório (vs. 2-8), que em hebraico forma um poema acróstico incompleto, descreve de maneira entusiástica o Senhor como o Juiz universal com poder para realizar a sua vontade.

* 1.2, 3 O caráter do Senhor forma a chave para o que vem a seguir.

* 1.2 zeloso. Este atributo refere-se à reação movida pelo seu zelo contra

qualquer transgressão à sua santidade ou qualquer tentativa de dividir a sua glória. Seu zelo requer lealdade absoluta e revela-se como ira contra a rejeição de si ou de seu senhorio.

vingador... vingador... toma vingança. Fiel à sua natureza, o Juiz universal não deixa nenhum pecado impune e penaliza cada uma das faltas dos ímpios. A tripla repetição da palavra hebraica para "vingança" enfatiza grandemente uma retribuição inescapável e apropriada.

adversários... inimigos. Esta terminologia é típica dos salmos e de

narrações de guerras santas.

* 1.3 tardio em irar-se. Uma confissão bem conhecida da paciência de

Deus com os pecadores (Êx 34.6, "longânimo"; Jn 4.2).

grande em poder... jamais inocenta o culpado. A paciência de Deus nunca implica que ele seja fraco ou que ele tolere o mal (Gn 18.25). [11]

da revelação.

* 1.4 Ele repreende. Estas palavras retratam vividamente o poder de

Deus em sujeitar as forças da natureza, tanto durante a criação quanto durante a travessia do Mar Vermelho (Êx 14).

mar... rios. Usados aqui como paralelos poéticos (Is 50.2; Sl 74.12-15). A abundante vegetação do fértil "Basã," "Carmelo," e "Líbano" murcha quando o vento quente do deserto, enviado pelo Senhor, sopra sobre ela.

1.5 A percepção da aproximação do Senhor enche a terra e suas criaturas de terror. Toda criação parece sentir-se ameaçada pelo caos, até mesmo as coisas aparentemente permanentes ("os montes... a terra") tremem e desaparecem.

* 1.6 As questões retóricas enfatizam a impossibilidade de se resistir à ira de Deus. Essa ira é comparada ao fogo (Dt 4.24; Hb 12.29).

* 1.7 bom. O termo denota a benevolência do Senhor como sendo a fonte de todo verdadeiro bem-estar e prosperidade do ser humano, e é, particularmente, uma confissão de sua bênção e bondade provenientes da Aliança (Sl 73.1). O povo do Senhor experimenta seu grandioso poder como santo amor. Quando o socorro se faz

necessário, Deus é uma fortaleza inexpugnável (Sl 46).

* 1.8 inundação... trevas. Figuras marcantes do severo julgamento.

* 1.9-14 A queda dos ímpios, representados por Nínive, culmina no consolo do povo de Deus, Judá. [12]

* 1.11 um que maquina o mal. Talvez uma referência a Asurbanipal (Introdução: Data e Ocasião).

vil. Ver referência lateral. A palavra sugere algo demoníaco.

* 1.12-14 Uma confortante mensagem divina assegura ao povo de Deus de que a queda da Assíria implica no fim de sua humilhação.

* 1.12 Assim diz o SENHOR. Uma fórmula bem conhecida da mensagem profética.

* 1.13 quebrarei o jugo deles... romperei os teus laços. Figuras poéticas expressivas de emancipação (Jr 2.20; Sl 2.3).

* 1.14 ordem. A palavra enfatiza autoridade e infalibilidade.

teu nome. A completa extinção e perda de poder e prestígio são reservadas para os assírios.

casa dos teus deuses. O templo e outros objetos da confiança e orgulho da Assíria serão destruídos.

sepulcro. O termo representa a destruição final de Nínive, de seu rei, e de seu povo em 612 a.C.

* 1.15-2.13 Esta seção foi escrita no tempo presente profético. Os eventos que ainda ocorrerão no futuro são aqui retratados como se já estivessem presentes, e eventos num futuro ainda mais remoto são retratados como ocorrendo ao mesmo tempo que aqueles que ocorrem muito antes. Esta profecia intensa de julgamento é uma

"visão" poética (1.1; cf. Nm 12.6-8), e não pretende ser um relato histórico preciso e detalhado dos eventos que se sucederam posteriormente, em 612 a.C. [13]

pés pisam "nos montes" de Judá, inicia um novo período de serviço grato ao Senhor. As boas novas são resumidas na significante palavra "paz" (hebraico *shalom),* **que indica não somente o fim das hostilidades mas também o retorno às condições normais e abundantes de vida e de bem-estar geral.**

cumpre... votos. **Períodos de tribulação nacional ou opressão estrangeira freqüentemente tornavam difícil a celebração de importantes festas do templo, se não impossível. Os "votos" feitos no período prévio de aflição deviam ser cumpridos agora (Sl 116.14, 17-19).**

* 2.1 **Em nítido contraste com a convocação de Judá para celebrar está a**

exortação irônica de Nínive para se preparar para um ataque.

destruidor**. Os assírios, que destruíram muitas nações, inclusive a Israel, espalhando-os por sobre a face da terra, irão agora passar por destino semelhante. Em agosto de 612 a.C., as forças combinadas dos medos e dos babilônios destruíram Nínive, e pouco tempo depois o Império Assírio desmoronou.**

* 2.2 glória de Israel. **Deus restaurará o povo oprimido à alegria implícita**

no nome "Israel." Jacó recebeu esse novo nome como um sinal de sua maturidade espiritual e sua disposição em aceitar o destino que Deus escolhera para ele desde o princípio (Gn 32.27, 28).

* 2.3 dos seus heróis. **Provavelmente uma referência ao exército do**

Senhor (v. 2). Os guerreiros e carros desses valentes cumprem os propósitos divinos. Os próprios exércitos da Assíria haviam sido anteriormente instrumentos para realizar os propósitos divinos de julgamento (Is 10.5-7).

vermelhos... escarlata. **Esses termos enfatizam a aparência espantosa desse exército que se aproxima, quer a cor se refira às suas vestes ou às manchas de sangue sobre eles.**

vibram as lanças. **Ver referência lateral. A expressão em hebraico aqui é de**

difícil compreensão, mas nos leva à impressão geral de prontidão ávida para a guerra.

* 2.4 Nínive é uma colméia de furiosos soldados.

ruas. Possivelmente campos abertos ou planícies fora da cidade; se podemos entender desta maneira, o versículo fala do exército que se aproxima e seus carros de guerra.

* 2.5 Isto pode referir-se ao rei assírio e seus nobres, especialmente os

comandantes militares. Por outro lado, este versículo também descreve os atacantes e seu frenético cerco de Nínive (a palavra hebraica aqui traduzida por “testudo” normalmente refere-se a uma estrutura móvel que protege aqueles que cercam a cidade).

* 2.6 comportas dos rios. A cidade de Nínive estava localizada às

margens do Rio Tigre, e um rio menor fluía pelo meio da cidade. Relatos antigos conflitantes atribuem a queda de Nínive a uma inundação causada quando o inimigo redirecionou as represas e as comportas do sistema de água. Contudo, a descrição de Naum é manifestadamente poética. O termo “comportas” pode simplesmente referir-se à abertura das cinco comportas (cf. 3.13) em direção ao Rio

Tigre com seus canais e afluentes. A localização do palácio excluía a possibilidade de colapso por inundação.

palácio. O local da organização política e militar.

* 2.7 cidade-rainha. Nínive é personificada como uma mulher, uma

rainha, indo para o exílio. Suas “servas,” as habitantes da cidade, lamentam a sorte de sua senhora. [14]

[1]

3.3 Levantou-se, pois, Jonas, e foi. Tendo compreendido que o chamado de Deus é irrevogável (cf. Rm 11.29), Jonas obedeceu à renovação do mesmo. Embora ele tenha obedecido a Deus desta vez, Jonas está “desgostoso” com a perspectiva do arrependimento dos ninivitas (4.1, 2).

[2]

4.1 desgostou-se Jonas extremamente. O hebraico é particularmente

vívido (lit. "Era mau a Jonas como um grande erro”). A emoção de Jonas é expressa na linguagem mais forte possível. Seu maior temor era que o Senhor

7

[3]

4.9-11 A intenção divina das lições práticas é agora revelada. A

grandiosa compaixão de Deus pelo povo e os animais que ele criou e sustentou (v. 11) é contrastada com a intolerante preocupação de Jonas com a planta (v. 10). O leitor lembra da compaixão de Jesus

quando ele contemplava as multidões (Mt 9.36; Mc 6.34; 8.2), e sua afirmação em Mt 10.29 de que nem um pardal cairá se não for essa a vontade do Pai. Em sua infância, a igreja do Novo Testamento, que em grande parte era judaica, iria ainda lutar novamente

com a questão da dimensão da misericórdia de Deus, quando o Senhor abria

8

4

1.4 fogo... num abismo. Essas palavras vinculam a visão

simbólica com a queda histórica de Samaria (vs. 6 e 7), a qual ficava localizada em uma colina (1 Rs 16.24).

30

* 1.5 Jacó... Israel. "Jacó" e "Israel" ocorrem juntos com

frequência no livro de Miquéias, referindo-se a todo o povo na aliança com Deus; algumas vezes, "Jacó" representa o povo de Israel como um todo (2.12; 3.1,8,9). A segunda ocorrência de "Jacó", neste versículo, aponta para o reino

35 do norte, Israel, em distinção ao reino de Judá. Neste livro de Miquéias,

5

2.1-5 Esta profecia tem três partes: (a) a acusação — homens maus e

35 violentos, sem ética alguma se apossavam de propriedades e destruíam seus

6

3.5 Paz, quando têm o que mastigar. Ver referência lateral.

Os falsos profetas eram oportunistas, ajustando seus pronunciamentos de paz e segurança aos desejos daqueles que os alimentavam. Ver Jr 28.

7

5.9 A tua mão. Talvez este versículo fosse melhor traduzido

como uma petição pela vitória concedida por Deus ("Que a tua mão se exalte...")

25

* 5.10-15 Deus purificará a sua nação de Israel (vs. 10-14) e

eliminará as nações pagãs (v. 15). A salvação da parte de Deus não poderia vir de outro modo senão despindo a sua nação de toda confiança militar vã e falsa (vs. 10 e 11), da feitiçaria (v. 12) e da idolatria (v. 13).

30

* 5.15 vingança. A vingança de Deus teria lugar quando ele

garantisse a sua soberania livrando o seu povo e punindo seus opressores culpados. Somente o próprio Senhor soberano tinha o direito final de usar a força para proteger o seu reino, e o exercício da força, por parte de um

35 indivíduo ou comunidade, sem a autorização divina deriva-se da incredulidade

8

7.5,6 Esta passagem foi usada mais tarde na literatura apocalíptica

judaica para descrever o conflito que acompanhará o dia final do Senhor, e

35 Jesus citou o v. 6 ao descrever o conflito que resultará de sua vinda (Mt 10.35-

9

7.18 Quem, ó Deus, é semelhante a ti. Miquéias, cujo nome

35 significa "quem é como o SENHOR?” (1.1, nota), talvez tenha empregado um

10

7.20 Mostrarás a Jacó a fidelidade. Ou: "mostrará a verdade.”

10 A fidelidade amorosa de Deus aos patriarcas é a base da esperança da Igreja

(Rm 4.17; Gl 3.7-9,29).

11

1.3-6 O profeta oferece um retrato poético do poder do Senhor

manifestado em seu controle da natureza na criação e em outras ocasiões em que houve intervenção em favor do seu povo (Sl 18.7-15; Êx 14.21, 22; Mt 8.26). O israelita piedoso reconhecia a obra do Senhor na natureza. Mas a ela não deve ser confundida com Deus ou adorada como Deus; ela é o anfiteatro

12

1.9 pensais vós contra. Todas as estratégias assírias se revelarão fúteis. Sua luta e seus planos são agora contra o Senhor, que decidiu destruí-los, e o fará de uma vez por todas.

13

1.15 Ver Is 52.7. A aproximação do mensageiro de "boas novas," cujos

14

2.8 açude de águas. Esta figura marcante é muitas vezes utilizada para

retratar a grande população de Nínive e sua prosperidade. Agora ela está secando.

*** 2.10 coração se derrete... rosto... empalidece. A impiedosa**

devastação lança terror e cria paralisia entre os até então poderosos ninivitas.

* 2.11-13 Esta seção de encerramento é uma canção de escárnio na qual temos um intenso quadro de um grupo de leões que encontrou a destruição e é empregado aqui para descrever a iminente reversão no destino de Nínive. Deus é o autor da humilhação e do desaparecimento de Nínive.

* 2.11 Onde. Esta pergunta retórica enfatiza como a famosa cidade será

reduzida ao esquecimento.

o lugar do pasto dos leõezinhos. Uma figura adequada para Nínive como o lar dos agressivos e cruéis assírios.

* 2.13 O segredo real da queda total e final de Nínive é revelado. A

confrontação com o poderoso Deus da Aliança de Israel é fatal para o Império Assírio.

eu estou contra ti. O inverso das boas novas de salvação, "Estou convosco" (Ex 3.12; Js 1.5; Is 43.2, 5).

embaixadores. As vozes dos emissários assírios ditando condições e cobrando tributo serão permanentemente silenciadas da face da terra.

3.1-19 A expressão de ais que abre este capítulo domina o espírito desses versos até o último. As várias partes contribuem para sua unidade literária, e juntas enfatizam a irreversível destruição de Nínive. O profeta não se concentra mais sobre Israel e Judá apenas, mas coloca o destino de Nínive numa perspectiva universal. [1]

* 3.1 cidade sanguinária. A expressão enfatiza a crueldade impiedosa ostentada abertamente pelos assírios em seus registros oficiais.

mentiras. A diplomacia enganosa caracterizava suas relações internacionais (Is 36.16, 17).

roubo. Ver 2.12, 13. Negociações amigáveis serviam de pretexto para uma conduta voraz. Em sua cobiça insaciável, eles buscavam constantemente uma vítima após a outra.

* 3.2, 3 Estes versos poéticos nos trazem um dos quadros mais vívidos de

um cenário de batalha no Antigo Testamento. O ritmo staccato, a economia de palavras, os detalhes horrendos, tudo contribui para criar um retrato dos exércitos assírios em ação, reduzindo populações inteiras a uma "massa de cadáveres” (v. 3).

* 3.4 Com uma mudança de cena, Nínive é comparada a uma bela e

sedutora "meretriz” por cujo favor, "nações” e "famílias” são sacrificadas. O culto dos deuses, guerra, e comércio estavam estreitamente entrelaçados. A sedução pelo poder e pompa de Nínive implicava em apostasia da verdadeira religião e sujeição às suas "feitiçarias,” um termo que provavelmente indica a totalidade da religião pagã (Is 47.12, 13).

3.5 A retribuição pelo Juiz universal é inevitável. Veja 2.13.

levantarei as abas de tua saia. A humilhação pública pela qual as prostitutas eram punidas.

* 3.6 A figura da meretriz continua. Ela se tornará num objeto de desprezo

e um exemplo para dissuadir outros de fazer o mesmo. [2]

nação em sua ruína.

* 3.8 Nô-Amom. Ver referência lateral. A cidade do deus Amom, melhor conhecido como Tebas. Esta metrópole antiga e grandiosa da parte superior do Egito caiu diante dos assírios em 663 a.C. Localizada à beira do Nilo uns 640 km rio acima de Mênfis, pode ter tido fossos e canais como defesa. Provavelmente existe um elemento figurativo na ênfase de Naum sobre o mar. Nas Escrituras, um rio ou mar é freqüentemente tido como um emblema de força que somente Deus pode dominar (Êx 15; Sl 114.3-5; Is 23.3, 4; Mt 8.27).

* 3.9 Pute. Tradicionalmente identificada com Líbia.

* 3.11 embriagada. Aparentemente uma referência figurativa à taça da ira do Senhor, da qual todos os que o desafiam são forçados a beber (Is 51.1723). Nínive em sua angústia tenta se esconder e achar refúgio, mas só o Senhor pode prover refúgio em tempos de aflição (1.7). Comparado a ele até mesmo os mais poderosos são fracos e vulneráveis (vs. 12-17).

* 3.12 figueiras. Esta figura enfatiza o fato de que as normalmente inexpugnáveis fortalezas são agora não somente desejáveis mas também presas fáceis.

* 3.13 Em face do exército que se aproxima todas as tropas assírias são como mulheres (i.e., não treinados para batalha). Todos os obstáculos para retardar o avanço inimigo, tais como portões e trancas, foram removidas.

* 3.14 Esforços frenéticos devem ser feitos para "fortificar... fortalezas” e para preparar para um prolongado período de cerco. Os imperativos aqui são irônicos; vs. 14-17 refletem o humor de uma canção de escárnio.

* 3.15 Até mesmo os mais árduos esforços para evitar a invasão

são inúteis. A cidade e seu povo sucumbem perante o fogo e a espada. [3]

riquezas para Nínive. Sob pressão externa, o egoísmo desses mercadores se torna claro. Tendo se agrupado como gafanhotos, eles apanham tudo o que podem e em seguida desaparecem.

* 3.17 príncipes... chefes. Estes dois termos são raros no hebraico e

podem ser palavras emprestadas da língua assíria. Elas provavelmente representam oficiais importantes no governo do vasto império. Quando a situação se torna perigosa eles fogem. Riquezas, poder, e organização falham miseravelmente enquanto a nação desmorona.

subindo o sol. A aparência do julgamento pelo Senhor irá dispersar seus inimigos da mesma maneira que o calor do dia desperta e dispersa os gafanhotos adormecidos (cf. Sl 84.11; Ml 4.1-3).

* 3.18, 19 O caráter definitivo do julgamento divino sobre o cruel opressor

leva ao regozijo universal. Estes versículos lembram cantos fúnebres e canções de escárnio daquele período.

* 3.18 pastores. Uma metáfora bem conhecida para líderes indica os governantes subordinados do rei assírio.

dormem... dormitam. Eufemismos para morte.

O teu povo... o ajunte. A figura pastoril é estendida ao povo (ou talvez ao exército) como um rebanho de ovelhas. Na ausência dos pastores, o povo se dispersou (cf. 1Rs 22.17). [4]

Habacuque

* 1.1 ao profeta Habacuque. Ver Introdução: Autor.

Sentença. Ou, "oráculo", "profecia", é geralmente um termo técnico usado para indicar profecia de julgamento contra uma nação estrangeira (Is 13.1; 15.1; Na 1.1; Ml 1.1, nota).

revelada. A mensagem divina tomou a forma de uma revelação sobrenatural declarada à visão ou audição interior do profeta (Mq 1.1).

* 1.2-4 A primeira queixa de Habacuque: o profeta está aflito e

angustiado por ver como o povo de Deus continuamente se desviava de uma vida alicerçada na Aliança. Ele não vivia mais como um povo salvo e escolhido (Êx 19.4-6). Mas Habacuque está ainda mais inquieto pela aparente inatividade do Senhor. Qualquer violação da Aliança deveria trazer maldições e julgamento (Dt 28.15-68). Desta maneira, ele apelava ao Senhor, numa linguagem que lembra a dos salmos de lamentação individual, para reparar uma situação aparentemente sem solução. O diálogo apaixonante de Habacuque e sua luta angustiada com o Senhor dominam a primeira parte do livro (1.2-2.20).

* 1.2 Até quando. A pergunta impaciente, característica dos salmos de

lamentação (Sl 13.2; 62.3; Jr 47.6), indica a insistência e perseverança no apelo do profeta ao Senhor, o Juiz final nas questões de desobediência à sua Aliança.

clamarei eu. Isto indica o alto clamor de alguém em profunda aflição (Sl 22.24; 30.2).

Violência. Este termo resume a transgressão deliberada, brutal e insensível dos direitos e privilégios dos membros da comunidade da Aliança.

não salvarás. Habacuque observa dolorosamente a aparente indiferença e

inatividade do Senhor em face do sofrimento injusto.

* 1.3 Por que. **A pergunta dá continuidade à queixa (cf. Lm 5.20).**

opressão. **Lit. "trabalho" ou "labuta" que leva à angústia, à exaustão, e ao desespero.**

contendas, e o litígio. **A maldade sem controle resulta numa comunidade dividida repleta de suspeitas, acusações, e ataques pessoais.**

* 1.4 a lei se afrouxa. **Lit. "A lei está entorpecida." A palavra para "lei"**

(hebraico *torah)* **denota o padrão divinamente revelado para a vida dentro da Aliança. O poder e a influência dos ímpios tinham deixado a lei ineficaz.**

o perverso. **Aqueles em Israel que rejeitavam a vontade e a lei do Senhor.**

* 1.5-11 **A primeira resposta de Deus: o Senhor enviará os babilônios para**

julgar seu povo. Ele usa instrumentos incomuns contra seu povo infiel — os terríveis babilônios (cf. Is 10.5, 6).

* 1.5 maravilhai-vos... não crereis. **O método de Deus — a vitória dos**

perversos sobre os "mais justos" (v. 13) — iria colocar uma pedra de tropeço para a fé dos que ouviam Habacuque.

* 1.6 suscito**. O Deus soberano de Israel controla toda**

potência da

História, incluindo os agressivos caldeus.

caldeus**. Também chamados de babilônios, ou neo-babilônios, os caldeus atingiram o poder quando o Império assírio caiu. Nínive, a capital da Assíria, foi destruída em 612 a.C. Os caldeus governaram até que sua capital, a Babilônia, foi destruída pelos persas em 539.** [5]

* 1.8, 9 Figuras intensas retratam a velocidade e resolução desses guerreiros ferozes e conquistadores.

* 1.10 Eles escarnecem dos reis. Os assustadores exércitos babilônios olham para os obstáculos como desafios e tratam sua oposição com menosprezo.

amontoando terra, as tomam. Rampas de cerco construídas pelos invasores para obter acesso aos muros fortificados de uma cidade.

* 1.11 cujo poder é o seu deus. Ou, "este seu poder e seu deus." O orgulho, especialmente a deificação do seu próprio poder, é uma ofensa contra Deus, o único que merece nossa adoração.

* 1.12-17 A segunda queixa de Habacuque: o plano do Senhor de usar os perversos babilônios para punir Israel parece estar em flagrante oposição ao próprio caráter revelado de Deus.

* 1.12 desde a eternidade. Sendo o eterno Deus da História e Senhor do seu povo, ele tem liberdade de escolher os agentes do castigo. Mas apesar de afirmar esta verdade, a revolta de Habacuque a nega.

meu Deus, ó meu Santo. Um relacionamento pessoal com o Deus incomparável, o Santo, faz com que a confusão se torne em convicção de que a angústia presente não será o fim. E Habacuque vai ainda livrar-se da confusão em que se encontra.

ó Rocha. Este antigo nome mosaico para Deus enfatiza a fidedignidade e proteção divinas (Dt 32.4, nota). [6]

homens como os peixes. A figura da Babilônia como um pescador pegando peixes indefesos é desenvolvida nos vs. 14-17. A pesca era uma importante atividade na Babilônia, que estava localizada na região dos rios Tigre e Eufrates e era delimitada ao sul pelo Golfo Pérsico. Alguns antigos afrescos de parede encontrados no Oriente Médio retratam governantes vitoriosos levando seus cativos em redes de pescaria.

não têm quem os governe. Não havia quem os protegesse. Reis no antigo Oriente eram vistos como os protetores do seu povo (1Sm 8.20). Uma acusação implícita também pode estar presente aqui, visto que o Senhor era o Rei e protetor do seu povo (Dt 33.5; Is 63.18, 19).

* 1.16 sacrifício. Os instrumentos de seu sucesso são idolatrados e adorados (v. 11, nota).

* 2.1-20 Habacuque recebe uma resposta às suas dolorosas perguntas de

1.12-17. Deus mostrará que ele é justo e justificador daqueles que tem fé nele. O desfecho final da História será a adoração ao santo e justo Rei (v. 20). O destino das nações e dos seus indivíduos será determinado pela sua atitude para com Deus expressando-se ou na dependência perseverante e fiel, ou na rejeição arrogante (Sl 1; 2.2, 3).

* 2.1 O questionamento angustiado de Habacuque o levou à fonte de toda sabedoria para aguardar por uma resposta. Suas palavras expressam sua determinação em esperar por uma resposta. Deus é soberano em palavras tanto quanto em ações — sua revelação não pode ser forçada.

torre de vigia... fortaleza. Termos militares figuradamente retratam o

profeta como um vigilante à busca de uma palavra de Deus. [7]

visão. Ver nota em 1.1.

Para que a possa ler até quem passa correndo. Talvez uma figura (embora alguns sugiram que Habacuque realmente tenha escrito um oráculo em grandes tábuas) indicando que a profecia de Habacuque deveria ser anunciada.

* 2.3 no tempo determinado... não tardará. Um período fixo deve transcorrer antes que a profecia seja cumprida, mas isto não deveria ser tido como uma falha ou logro. Ao invés disto, este período pode ser atravessado com a garantia do Senhor de que o cumprimento se aproxima. O julgamento sobre os babilônios veio (muito depois da visão de Habacuque) através de Ciro em 29 de outubro de 539 a.C.

* 2.4 O Senhor revela agora a distinção essencial que ele faz entre os perversos, os babilônios, e os justos, os restantes de Judá. Os ímpios tomam caminhos que levam à morte e à derrota; os justos pela fé tomam um caminho que leva à vida e à vitória. Em resumo, esta distinção e a promessa que ela contém para o justo se constituem na palavra de conforto para Habacuque.

Isso também marca a virada na sua batalha pessoal com respeito ao uso que o Senhor faz dos perversos babilônios como um vara de julgamento contra o seu povo.

o soberbo. O rei babilônio e seu reinado, a personificação da perversidade no mundo. Habacuque descreveu anteriormente sua arrogância (1.7, 10, 11).

pela sua fé. Ou, "pela sua fidelidade.” No contexto aqui, a palavra hebraica denota uma firme confiança no Senhor, uma confiança que persevera. Em meio de uma terra cheia de maldade (1.2-4) e sujeita à ira de Deus, o Senhor promete que um remanescente justo em Judá confiará no Deus que lembra da misericórdia em sua ira (3.2). A

expressão hebraica lembra as palavras de Gn 15.6 e as aplica à situação de Habacuque. Pela fé, Abraão esperou pacientemente pelo cumprimento das promessas de Deus (Hb 6.15), e agora Habacuque e o restante deve aguardar pacientemente também (v. 3; 3.16).

Aqui Paulo encontrou prova bíblica para a doutrina da justificação pela fé (Rm 1.17; Gl 3.11), e a palavra de conforto de Habacuque tem sido um texto chave para a fé da Reforma Protestante desde o século XVI.

* 2.5 vinho é enganoso... o arrogante. A arrogância e insaciabilidade dos babilônios é comparada à embriaguez.

sepulcro... morte. Era proverbial dizer que a morte era como uma boca que devora, sempre pronta para buscar mais mortes (Pv 1.12; 27.20; 30.15, 16).

* 2.6-20 Esta seção de condenações forma uma unidade literária distinta. Os julgamentos proféticos são apresentados aqui em um cântico de escárnio, uma forma poética que ridiculariza o derrotado.

* 2.6-8 O primeiro ai. Aqueles que despojam outros serão, eles mesmos, despojados.

* 2.6 todos estes. Judá e todos aqueles que sofreram sob a opressão babilônica. As profecias de condenação nos vs. 6-20 são retratadas em termos de tal modo gerais e proverbiais que adquirem uma aplicabilidade universal quanto à luta dos justos perseguidos contra os perversos.

Ai. A palavra hebraica é aparentemente uma interjeição derivada de lamento fúnebre (algumas vezes é traduzida como "Ah”, 1Rs 13.30), mas é freqüentemente usada em profecias de julgamento.

se carrega de penhores. O pesado tributo cobrado pelos babilônios é figuradamente representado como artigos tomados como garantia de

dívidas.

* 2.8 sangue. A violência e o derramamento de sangue por meio dos quais os babilônios obtiveram seus despojos clamam por vingança. (v. 11; cf. Gn 4.10). [8]

econômico às custas dos outros.

* 2.9 lugar alto o seu ninho. Pássaros predatórios geralmente constroem seus ninhos em lugares altos e inacessíveis. Da mesma forma os babilônios consideravam segura a sua posição na História mundial (Is 14.13, 14; 47.7).

* 2.11 pedra clamará... responderá. Uma forte personificação. Este clamor contra a injustiça surge dos materiais de construção roubados de outros ou comprados com ganho injusto.

* 2.12-14 O terceiro ai pronuncia julgamento contra os esforços cruéis

mas fúteis do tirano em perpetuar a sua fama.

* 2.12 edifica a cidade com sangue. Os registros babilônios confirmam o

grande valor dado a atividades de construção. Nabucodonosor, que empregava povos subjugados como trabalhadores forçados, sentia um grande orgulho na construção da Babilônia (Dn 4.30). Esses projetos envolviam perda de vidas e eram pagos com despojos de guerra.

* 2.13 do SENHOR... em vão. Deus soberanamente assegura que os

esforços dos orgulhosos em perpetuar sua própria glória levam a nada. Ao invés disto, "a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR” (v. 14).

* 2.15-
17 O quarto ai pronuncia julgamento sobre o humilhante e sádico

tratamento que os babilônios impunham sobre outros.

* 2.16 o cálice da mão direita do SENHOR. Esta metáfora bíblica indica

a retribuição divina (Is 51.17-23). Aquilo que os babilônios fizeram a outros, será feito a eles (vs. 7, 8). [9]

babilônica contra o Líbano (Is 14.8). O cuidado de Deus para com sua criação deve ser observado.

* 2.18-20 O quinto ai denuncia a idolatria, a adoração de falsos deuses, como sendo fútil e tola (Is 44.9-17; 57.12, 13).

* 2.20 templo. Lit. "palácio," o santuário celestial do qual o Senhor, o grande Rei, governa seu mundo (Sl 11.4).

cale-se diante dele toda a terra. Um nítido contraste é apresentado aqui entre os ídolos silenciosos (v. 19) e o Deus vivo, perante quem todos devem se manter em silêncio. Os ais de julgamento sobre os orgulhosos e perversos culminam no silêncio universal de adoração na gloriosa presença do incomparável Deus (v. 14; Sl 46.10).

* 3.1-19 Este capítulo registra a oração perseverante de Habacuque. Utilizando-se de um estilo comovente de hino, Habacuque responde (vs. 16-19) à revelação do Senhor (2.2-5) de sua iminente intervenção na História em favor do seu povo (vs. 3-15). Como os babilônios representavam os orgulhosos e perversos em sua trajetória à ruína,

Habacuque exemplifica o fiel justo perseverando e já se regozijando na esperança da promessa de vida da parte do Senhor. [10]

aviva a tua obra. Esteja presente e ativo como tu fostes no passado.

* 3.3-15 A oração de Habacuque representa uma teofania, ou manifestação visível de Deus, utilizando figuras que são encontradas nas descrições tradicionais dos aparecimentos de Deus no Êxodo do Egito, na entrega das tábuas da lei no Sinai, e durante a conquista de Canaã (Êx 15.118; Dt 33.2, 3; Jz 5.4, 5; Sl 18.10; 68.7, 8, 24; 77.16-20).

* 3.3 Temã. O nome do neto de Esaú representa a terra de Edom (Am 1.12, nota).

monte de Parã. Uma montanha no deserto da península do Sinai (Dt 33.2).

* 3.5 peste, e a pestilência. Habacuque retrata dimensões terríveis de Deus vindo para julgar (Dt 28.21,22).

* 3.7 Cusã... Midiã. Esses são possivelmente nomes alternativos para um povo ou área, talvez para nômades da península do Sinai.

* 3.8-11 O profeta agora passar a dirigir-se diretamente a Deus. O Senhor que se aproxima é o Guerreiro Divino invencível que demonstra seu senhorio sobre o cosmos. Figura poética semelhante é conhecida das mitologias cananitas entre outras.

* 3.11 param. Ver Js 10.12, 13.

* 3.12-15 O Senhor da natureza também tem poder absoluto sobre as forças da História. Ele vem para libertar seu povo e julgar os ímpios. [11]

3.13 Tu sais. No passado o Senhor saía do seu santuário para a salvação do seu povo em aflição. Isto é o que Habacuque espera que ele faça novamente.

para salvar... ungido. Possivelmente um sinônimo para o povo

escolhido de Israel (cf. Sl 105.15), mas mais provavelmente uma referência ao reinado davídico em sua expressão final no Messias (Sl 132.10).

* 3.15 pelo mar. Habacuque refere-se novamente à história do Êxodo na

qual Deus demonstrou seu domínio incontestável sobre as forças naturais e históricas.

* 3.16 Junto com o v. 2, este versículo envolve o hino dos vs. 3-15 com

referências autobiográficas no começo e fim.

tremeram. Habacuque descreve em termos físicos o profundo efeito que a revelação divina teve sobre ele (cf. Jr 4.19). O Senhor respondeu às suas dolorosas questões e atenderá sua oração.

em silêncio, devo esperar... da angústia. Ou, "espero calmamente pelo dia da angústia.” Admirado com a majestade divina, Habacuque pode descansar na certeza de que o Senhor irá julgar os perversos.

* 3.17, 18 Até mesmo quando as colheitas e os rebanhos são

escassos (uma situação terrível no contexto de uma economia agrícola), e a sociedade vive com fome e pobreza, a expectativa confiante de Habacuque não será esmagada. A esperança e a confiança transformam seu medo do futuro em desejo de sempre se regozijar em Deus seu Salvador (Rm 8.35-39).

* 3.19 O SENHOR Deus é a minha fortaleza. A dependência total do

soberano Senhor da Aliança é a chave de Habacuque para a vida.

pés como os da corça... me faz andar altaneiramente. Esta figura impressionante representa a força e a confiança que o Senhor concede aos justos (Is 40.29-31).

Mestre de música. Ver nota no v. 1.

SOFONIAS

* 1.1 Sobrescrito. Ver Introdução: Autor; Data e Ocasião.

Palavra do SENHOR. Esta expressão refere-se à revelação recebida do Senhor e comunicada através do profeta.

* 1.2-6 O profeta começa com uma proclamação de julgamento universal

(vs. 2, 3), e rapidamente o particulariza contra Judá e Jerusalém (v. 4). Três pecados específicos são denunciados: a idolatria (v. 4), o sincretismo (v. 5), e a indiferença religiosa (v. 6).

* 1.3 Consumirei os homens. Ver Mt 13.41, 42. O julgamento por vir é

comparado àquele do dilúvio de Gênesis pelo uso das expressões "homens e os animais" e "aves dos céus" (cf. Gn 6.7; 7.23). Esta profecia será consumada no fim da História (2Pe 3.3-7).

* 1.4 Estenderei a mão. Esta expressão refere-se ao poder de Deus

empregado contra seus antagonistas (2.13; Êx 3.20; Dt 4.34; Is 5.25).

resto de Baal. Tudo aquilo que resta da adoração de Baal será destruído. Esta afirmação pode significar que uma renovação espiritual já estava começando a acontecer e que a adoração a Baal já estava em declínio.

* 1.5 os que... adoram o exército do céu. A adoração a Baal e a

adoração às estrelas eram pecados que haviam contribuído para o fim do reino do norte no século VIII a.C. (2Rs 17.16). Altares aparentemente foram erigidos sobre os telhados das casas (2Rs 23.12; Jr 19.13).

Milcom. Ou, "Moloque". Referência lateral. A adoração a este deus amonita, que envolvia a horrível prática do sacrifício infantil, era rigorosamente proibida (Lv 18.21, nota; 20.2-5; cf. 1Rs 11.5; 2Rs 23.10; Jr 32.35). [12]

* 1.7 Cala-te. Ver Hc 2.20; Zc 2.13; Sl 46.10. O profeta exige submissão confiante ao Deus soberano da aliança. A ordem para "calar-se" está normalmente ligada a estar na presença do santo Deus (Hc 2.20; Zc 2.13).

o Dia do SENHOR. Este termo ocorre freqüentemente nos escritos proféticos do Antigo Testamento. Pode referir-se a qualquer tempo específico quando o Divino Guerreiro, o Senhor dos Exércitos, é glorioso na vitória: contra Babilônia através dos medos (Is 13.1-14.27), contra o Egito através dos babilônios (Ez 30.2-4), ou contra Israel através da Assíria (Is 10.5, 6, 20, 24). Este dia da vingança do Senhor contra os ímpios é também descrito como o tempo da libertação de Israel (Is 34.2—35.10), quando o Senhor decisivamente derrota toda a oposição de Israel (2.2, 9; 3.8-20; Jl 3.14-16). Este é também o dia do juízo final (Am 5.18-20). Ver notas em Ez 7.7 e Am 5.18.

o SENHOR preparou o sacrifício. O iminente julgamento vindo sobre Judá é comparado a sacrifícios. A nação é um cordeiro sacrificial (Is 34.6; Jr 46.10; Ez 39.17-19).

santificou os seus convidados. Ou, "consagrou os seus convidados" (Referência Lateral). Os convidados podem ser as nações que servem como o instrumento divino de julgamento (Is 10.5-10; Hc 1.6).

Também podemos entender que os convidados (o povo da aliança) são eles mesmos as ofertas de sacrifício. A consagração dos convidados é necessária para respeitar a santidade do Senhor (Êx 19.10; 24.9-11), e nos lembra de elementos do ritual da Aliança no Monte Sinai (vs. 15, 16, nota).

* 1.8 oficiais. Os filhos do rei e outros oficiais reais. Sua falta de compromisso com a aliança é evidenciada pela adoção de costumes e modo de se vestir estrangeiros, um sinal de deslealdade religiosa. [13]

* 1.11 povo. Ou, "os mercadores". Gritos de angústia surgem de todas as

partes da cidade, retratando a extensão do mal e do julgamento. A classe mercante mais rica é particularizada por suas práticas comerciais gananciosas e corruptas (Am 8.4-6).

* 1.12 esquadrinharei. Não há escapatória do exame divino (Sl 139; Am

9.1-4).

apegados à borra do vinho. Ver a referência lateral. O profeta pinta o quadro do processo de fabricação do vinho. Assim como o sedimento do vinho, que se deposita no fundo e engrossa se não for mexido, os cidadãos de Jerusalém se tornaram acomodados (confirmados) em sua indiferença para com Deus. Por causa de sua total complacência para com Deus, eles o consideram como moralmente indiferente ao bem ou mal.

* 1.14-18 Sofonias oferece mais detalhes do dia do Senhor, montando o

palco para sua intensa súplica por arrependimento em 2.1-3.

* 1.15, 16 O dia do Senhor é apresentado com figuras

assustadoras lembrando-os da teofania que acompanhou o estabelecimento da Aliança Mosaica no Monte Sinai (Êx 19.16), os termos que Judá tem violado. Alguns sugerem que "o dia do Senhor" aqui pode ser entendido como o dia da sua aliança, quando o Senhor estabelece sua aliança ou impõem suas leis.

* 1.17 eles andarão como cegos. Uma das maldições da aliança vistas em Dt 28.28, 29.

pecaram. A razão para o julgamento do Senhor sobre Judá é exposta em termos gerais. Ver nota em 3.1-5.

* 1.18 nem a sua prata nem o seu ouro. Ver Sl 49.6-9; Pv 11.4; Mt 16.26; Lc 12.13-21.

zelo. Ver Êx 20.5; 34.14; Dt 4.24. O zelo de Deus pressupõe seu amor pactual.

Ele redimiu um povo para torná-los seu "tesouro especial" (Êx 19.5). O amor pactual de Deus requer a lealdade absoluta do seu povo.

* 2.1-3 Como representantes do Senhor em levar o povo a obedecer a

aliança, os profetas freqüentemente advertiam o povo de Deus (Is 1.16-20; 55.1-6; Os 2.4, 5; 4.15; Am 4.12; 5.5, 6; Mq 6.8).

* 2.1 Concentra-te. Eles são convocados a se reunir a fim de ouvir (cf. Is

34.1; Jr 4.5; Jl 2.15, 16; 3.11). A convocação para ouvir essas severas advertências é em si um ato da graça divina, pois as advertências visam causar arrependimento.

* 2.3 Buscai o SENHOR. Ver 1.6 e Is 55.6, 7. Essa busca do Senhor é

mais adiante definida como "buscar a justiça, buscar a humildade.” Um modelo semelhante fica evidente em Amós, onde o profeta ordena "buscai ao Senhor” e depois "buscai o bem e não o mal” (Am 5.6, 14).

porventura, lograreis esconder-vos. As palavras aqui são um teste e expressam, por um lado, a sua esperança de que os "mansos” restantes (v. 3) acharão refúgio da ira do Senhor (cf. Is 55.7), e, por outro, a sua falta de esperança de que a "nação que não tem pudor” (v. 1) irá se arrepender. Cf. Amós 5.15.

* 2.4-15 Esta seção consiste de quatro profecias de julgamento dirigidas

contra as nações estrangeiras. Essas mensagens pretendiam assegurar ao próprio povo de Deus de que seus propósitos soberanos se estendiam sobre os inimigos deles (1.5, 6) e que estas nações também eram moralmente responsáveis por suas ações (Am 1.3-2.3; Mq 1.2).

* 2.5 Ai. A mesma palavra de condenação pronunciada posteriormente

sobre Jerusalém (3.1). Ela geralmente introduz uma profecia de julgamento. [14]

em Sofonias aos remanescentes ocorrem no v. 9 e em 3.9-12.

mudará a sorte. Isto é, "fará retornar seus cativos”. Esta expressão extensamente utilizada refere-se à salvação futura de Israel depois do julgamento (Dt 30.3; Sl 14.7; Jr 30.3,18; 32.44; Am 9.14). Às vezes ela refere-se ao retorno físico dos exilados; em outros casos a uma restauração mais geral da sorte (ex., Jó 42.10).

* 2.9 Sodoma... Gomorra. Essas cidades antigas simbolizam o pecado e servem como tipos do juízo final de Deus sobre os pecadores (Gn 18.20, nota; Is 1.9; Am 4.11; Mt 10.5; 2 Pe 2.6).

* 2.11 todas as ilhas das nações... o adorarão. Ver 3.9, 10; Sl 72.8-11; Is 56.67.

1

3.1-7 Estas cenas impressionantes de violência, morte, e destruição

confirmam a esperada destruição da cidade. As acusações contra Nínive (vs. 14) e suas faltas (vs. 5-7) são expostas detalhadamente.

2

3.7 Nínive... destruída. A visão é tão terrível que o povo irá retroceder

horrorizado diante dela. Tão espantoso e verdadeiramente merecido será a desgraça que não se poderá achar ninguém para lamentar ou confortar a

3

3.16 negociantes. O comércio internacional da Assíria trouxe pessoas e

4

3.19 A "notícia" da "chaga" incurável de Nínive e o seu "ferimento" fatal é recebido com aplausos gerais. O Deus de Israel, o único a quem pertence a vingança (Dt 32.35; Rm 12.19), finalmente pôs um fim à maldade contínua que havia causado tamanha injustiça e sofrimento. A visão de Naum teve seu cumprimento inicial em 612 a.C. mas ainda aguarda sua realização final na Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo.

5

1.7 eles mesmos... direito. **Isto descreve a arrogância do**

inimigo por

vir, cujos padrões de ação e honra eram inteiramente egoístas.

6

1.14 Por que fazes. Uma ousada acusação de Habacuque. Se o Senhor tolera as más ações dos babilônios, ele se torna responsável pela sorte de suas vítimas.

7

2.2 Escreve... grava-a. A fim de ser preservada e transmitida (cf. Jr 30.2; Na 1.1).

8

2.9-11 O segundo ai condena aqueles que buscaram segurança e ganho

9

2.17 violência contra o Líbano. Campanhas militares normalmente

causavam grandes danos a plantas e animais. As árvores supriam material de construção e lenha (Dt 20.19, 20); animais selvagens e domésticos eram utilizados como comida. Muitos cedros se perderam durante a campanha

10

3.1 Oração. Aqui talvez seja um sinônimo para hino (Sl 72.20). As observações musicais e litúrgicas no cabeçalho, no texto, e na conclusão desta oração são iguais àquelas que normalmente encontramos nos Salmos. Ver Introdução a Salmos: Características e Temas.

* 3.2 A invocação ou prólogo do hino.

Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações. Ou, "tenho ouvido o relato dos teus feitos.” A paciência de Habacuque em se colocar diante do Senhor (2.1, nota) foi recompensada pela visão baseada nos feitos poderosos de Deus no passado.

11

3.12 calcas aos pés. Ou, "debulha”. Uma figura agrícola derivada do modo como o cereal era debulhado pelo bater e pisar violentamente (Am 1.3, nota).

12

1.6 seguir ao SENHOR. Ver 2.3.

13

1.9 pedestal. O pedestal de um santuário pagão. Provavelmente uma prática religiosa palestina estava sendo imitada (1Sm 5.5).

14

2.7 O julgamento das nações será acompanhado pela preservação

divina de um remanescente do seu povo (Dt 32.27, nota). Outras referências

* **2.12 pela espada do SENHOR. Ver Is 10.5.**

* 2.13 destruirá a Assíria. Nínive, a capital da Assíria, desmoronou diante dos babilônios e medos em 612 a.C. Este versículo sugere que Sofonias profetizava antes dessa data (Introdução. Data e Ocasião)

* 2.15 Eu sou... não há outra além de mim. Essas palavras de arrogância são usadas de maneira semelhante à aquelas que unicamente o Senhor soberano poderia usar (Dt 4.39; Is 45.5, 6; 47.10). Essa auto-deificação encontra sua ruína, e aqueles que se vangloriavam se tornam objetos de escárnio.

* 3.1-5 As referências aqui aos profetas, sacerdotes, ao santuário, e à lei indicam que o profeta está dirigindo suas palavras a Jerusalém. A acusação geral de 1.17 agora se torna específica. Os pecados de Jerusalém foram particularmente atrozes pois foram cometidos contra o Deus justo da aliança que havia graciosamente se revelado ao seu povo (v. 5; Am 2.4, 10-12; 3.2). [1]

desconsiderava a voz de Deus revelada na lei (Dt 31.9-13), através dos profetas (Jr 7.23-28; Ag 1.12), e através dos sábios (Pv 1.8).

não aceita disciplina. Ver o v. 7. A recusa em receber disciplina leva à morte (Pv 5.23), mas a disposição de recebê-la leva à vida (Pv 6.23; Jr 2.30; 5.3; 7.28; 32.33; 35.13; Sl 50.17).

se aproxima. O verbo hebraico aqui significa "aproximar-se corretamente de Deus em adoração" (cf. Lv 10.3). A adoração deve vir do coração, não apenas da boca (cf. Is 29.13; Jo 4.24).

* 3.3, 4 Ver Mq 3.9, 10.

* 3.3 príncipes... no meio dela. Ver nota no v. 5.

leões rugidores. As figuras do leão e do lobo aqui descrevem a natureza predatória e feroz desses oficiais corruptos do governo, cuja

função correta seria proteger e dar estabilidade à sociedade.

* 3.4 seus profetas... seus sacerdotes. Para condenações semelhantes dos líderes de Israel, ver Os 4.5, 6; Is 28.7; Jr 5.31; 6.13; Mq 3.5-8, 11.

* 3.5 no meio dela. Sofonias contrasta a presença do justo Senhor dentro de Jerusalém com a presença da liderança corrupta e injusta dentro dela (v. 3). A essência do compromisso de Deus com sua aliança é a promessa de sua presença com seu povo (Êx 29.42-46, nota; Nm 14.14; Is 43.2). Aqui, a presença de Deus traz julgamento (Os 11.9), mas a mesma expressão em 3.17 significa salvação. [2]

*** 3.7 aceitarás a disciplina. Ver o v. 2.**

* 3.9-20 A dramática inversão. O julgamento é o prelúdio à restauração e à

purificação tanto em Israel quanto entre as nações (vs. 9, 12, 13). Em um hino final de louvor (3.14-20), o profeta canta acerca do reino futuro do Senhor, sua vitória sobre seus inimigos, e seu amor e presença no meio do seu povo. A igreja pode cantar agora esta canção em celebração à vitória de Cristo na cruz (Cl 2.15) e em antecipação de seu triunfo quando voltar (2Ts 1.5-10).

* 3.9 darei lábios puros. Ver a referência lateral. Purificar os lábios pode significar tanto limpá-los do pecado em geral (Is 6.5) quanto remover os nomes dos deuses estranhos dos lábios de um adorador (Os 2.17).

aos povos. Os gentios também invocarão o seu nome (Is 52.15; 65.1; 66.18).

para que todos invoquem o nome do SENHOR. Em contraste com os idólatras de 1.5, 6. Ver Gn 4.26; 1Rs 18.24; Jr 10.25; Jl 2.32; At 2.21; Rm 10.12, 13.

* 3.11 exultam na sua soberba. Ver Is 2.12-18.

* 3.12 modesto e humilde. Estes se contrastam com os soberbos e arrogantes do v. 11.

* 3.13 restantes. Ver nota em 2.7.

não cometerão iniqüidade. Os restantes semelhantes a Deus. Palavras idênticas são usadas com respeito ao Senhor no v. 5. Um objetivo primário da salvação é estar em conformidade cada vez maior com a imagem de Deus (Mt 5.48; 1 Pe 1.15, 16).

nem proferirão mentiras. Em contraste com os idólatras enganadores de 1.9. serão apascentados, deitar-se-ão. Uma expressão profética comum (Is 49.9;

Mq 7.14; Jr 50.19; Ez 34.14) retratando a segurança que resulta da confiança em Deus e do reconhecimento do seu domínio (v. 15).

não haverá quem os espante. Ver Mq 4.4.

* 3.14 filha de Sião. Esta personificação de Jerusalém está baseada na

prática entre os profetas de personificar lugares e objetos em termos de gênero gramatical. A palavra para "cidade" é feminina, e assim o profeta fala de Sião como "filha."

*

3.15 sentenças... teu inimigo. A base para o regozijo v. 14 é

justificada: tanto o julgamento contra o povo de Deus quanto os inimigos que os ameaçavam foram superados. Esta profecia encontra seu cumprimento final em Jesus Cristo, que satisfez o julgamento de Deus contra o pecado e derrotou os inimigos de Deus através de sua morte na cruz (Rm 3.23-25; Cl 2.15, nota).

O Rei de Israel... no meio de ti. Ver João 1.49. A promessa da habitação de Deus no meio do seu povo aponta mais adiante para Cristo, o Rei de Israel (Jo 1.49) e a glória encarnada de Deus (Êx 26, nota e Jo 1.14, nota).

*

3.17 Ele se deleitará em ti com alegria. Este deleite se no

caráter de Deus, que "tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18).

renovar-te-á no seu amor. Ou: acalmar-te-á. A frase pode também ser traduzida por "estar calmo” ou "descansar.” No contexto mais amplo Deus foi revelado como o Guerreiro "poderoso para salvar.” O anterior brado de guerra (1.14) está agora silenciado pela vitória e pelo relacionamento amoroso entre Deus e o seu povo. A obra purificadora e transformadora da graça do Senhor cria um povo renovado que reconhece seu governo e confia em seu nome (v. 12). [3]

são dadas ao Senhor (cf. Is 43.7; Jr 13.11; 33.9). Paulo entende ser este o papel da igreja (Tt 2.14). Pedro também (1Pe 2.9-12).

Ageu

* 1.1 sexto mês... primeiro dia. Cada um dos sermões de Ageu é

cuidadosamente datado. Este foi pregado provavelmente em 29 de agosto de 520 a.C. A mensagem de Ageu é endereçada publicamente aos líderes a fim de que o povo também pudesse corresponder (1.12).

Zorobabel. Ele é provavelmente a mesma pessoa que Sesbazar (cf. Ed 1.8), visto que ambos são tidos como reconstrutores do templo. Sesbazar poderia ter sido um nome oficial persa. Zorobabel foi o neto do Rei Jeoaquim (1Cr 3.19) e um descendente de Davi (2.23, nota).

Josué, filho de Jozadaque. Ver 1Cr 6.15. Um descendente do sacerdote Zadoque. Sob o governo persa, Zorobabel era o responsável pelas questões civis diárias da região. Como um sumo sacerdote, Josué lidava com questões religiosas.

* 1.2 Este povo. Uma expressão de desagrado implícito (2.14). Os

versículos 2-11 acusam a indiferença espiritual e as prioridades erradas do povo de Deus.

Não veio ainda o tempo. Sua objeção não era com relação à reconstrução em si, mas ao tempo dela. As objeções podem ter sido econômicas, porque a sua terra estava em tempos de aflição (cf. vs. 10, 11), ou religiosas, pois de acordo com Ez 37.24-27, o Messias construiria o templo, ou porque, de acordo com Jr 25.11-14, a nação deve primeiramente servir um rei estrangeiro por setenta anos. O templo original foi destruído em 586 a.C., e eles podem ter raciocinado erroneamente de que eles não deveriam começar a construção de um novo templo até 516 a.C. Tais desculpas demonstravam que eles não estavam dedicando-se ao reino de Deus e à sua justiça (cf. Mt 6.33).

a Casa do SENHOR. O templo era o lugar de habitação da presença especial de Deus com o seu povo (1Rs 8.27-30). Hoje Deus está graciosamente presente no seu templo, a Igreja (1Co 3.16, 17).

* 1.4 casas apaineladas. Ageu revela a hipocrisia de suas objeções

empregando uma questão retórica. As casas provavelmente tinham paredes e teto de madeira trabalhada (1Rs 7.3; Jr 22.14). Eles estavam vivendo em luxo enquanto a casa de Deus estava em ruínas.

* 1.6 semeado muito e recolhido pouco. Sua miséria econômica e

social era o efeito da maldição segundo a aliança de Deus por causa

de sua desobediência (Dt 11.8-15; 28.29, 38-40; Lv 26.20). Deus frustrou seus esforços por causa da falta de interesse deles pela glória divina.

* 1.8 dela me agradarei, e serei glorificado. O propósito de Deus nesse

empreendimento era a alegria especial que ele teria nesse edifício e a honra apropriada que ele, por meio disso, receberia do seu povo. A falta de interesse do povo em reconstruir indicava sua falta de saúde espiritual.

* 1.9 corre por causa de sua própria casa. O enfoque de suas vidas

estava na construção de fortunas pessoais ao invés da construção do reino de Deus.

* 1.11 a seca. A seca sobre as colheitas de Judá era a maldição de Deus sobre a sua agricultura, em manutenção da sua aliança (1.6, nota; Dt 7.13). A palavra hebraica traduzida por "ruínas" no v. 9 soa como a palavra hebraica para "seca" aqui. O jogo de palavras de Ageu reenfatiza o fato de que a seca era a resposta de Deus à negligência para com a sua casa.

* 1.12 resto do povo. Um termo comum usado pelos profetas para

aqueles do povo de Deus que permaneciam fiéis a ele em meio à descrença (Is 10.22; cf. Zc 13.9). Mais tarde Paulo aponta para um remanescente fiéis em Israel — judeus que abraçaram a Cristo (Rm 11.5).

voz do SENHOR... palavras do profeta Ageu. Eles reconheceram a palavra de Deus através da voz do profeta. A palavra de Deus efetua seu propósito (Is 55.1; Hb 4.12). [4]

eles receberam a maior garantia possível: a presença de Deus. A

presença graciosa de Deus com seu povo é o coração do relacionamento segundo a aliança (Zc 8.8, nota).

* 1.14 despertou o espírito. O próprio Deus motivou a acolhida do seu

povo por meio de sua presença com ele. Ageu enfatiza a acolhida interna pela tripla repetição de "espírito.” O espírito de Deus operou eficazmente através de sua palavra, a fim de alcançar o seu propósito soberano (cf. Is 55.11).

*** 1.15 vigésimo-quarto dia do sexto mês. Provavelmente 21 de**

setembro de 520 a.C.

* 2.1-9 O Senhor novamente fala ao povo, desta vez encorajando-o a

continuar construindo. Relatos acerca da suntuosidade do templo destruído de Salomão aparentemente foram a origem de desencorajamento (v. 3). O Senhor primeiramente assegurou-lhes de sua contínua presença no meio deles — uma promessa para o presente (vs. 4, 5). Em segundo lugar, ele garantiu-lhes acerca do objetivo futuro de seu projeto (vs. 6-9). Embora parecesse humilde em comparação, a glória deste templo iria finalmente exceder a do templo de Salomão, pois seria agraciada com a presença do próprio Messias (v. 9, nota).

* 2.1 sétimo mês... vigésimo-primeiro. 17 de outubro de 520 a.C. De

acordo com Lv 23.33-43, este era o último dia da Festa dos Tabernáculos, durante a qual o povo de Deus devia se alegrar pela provisão divina para eles no deserto e as bênçãos da colheita. Não havia muito para se alegrar, todavia, visto que sua colheita havia sido

insignificante (1.11).

*
2.2 ao resto do povo. O primeiro sermão de Ageu dirigido aos

líderes porque eles tinham que iniciar o trabalho. O povo está incluído aqui porque esta mensagem pretendia encorajá-los na tarefa que tinham em mãos. [5]

* 2.4 sê forte. A repetição tripla acrescenta ênfase a essa ordem. Ordens

semelhantes fizeram parte da construção do templo de Salomão. (1Cr 22.13; 28.20; cf. Gl 6.9).

eu sou convosco. A presença do Senhor e sua força sustentadora garantem o sucesso definitivo da empreitada deles.

* 2.5 da aliança que fiz convosco. As promessas da Aliança de Deus, feitas durante d Êxodo do Egito, agora asseguram o povo de sua presença (cf. Êx 33.12-17; Nm 11.16-17). Seu poderoso Espírito está presente, da mesma maneira que nos dias da grande libertação do Egito.

* 2.6 Ainda uma vez... farei abalar. Como é comum nos profetas, o futuro

próximo e distante estão em foco. Aqui as referências à gloria do segundo templo estão justapostas com um quadro do julgamento universal final sobre o cosmos. Enquanto este abalo pode ser prefigurado pelos eventos políticos que ocorreram um pouco depois do tempo de Ageu (ex., a derrota dos persas pelos gregos), o abalo final da ordem criada ainda está por vir (Hb 12.26-28).

* 2.7 coisas preciosas de todas as nações. Ver referência lateral.

Embora o termo hebraico traduzido por "coisas preciosas” (ou: "desejo”) possa referir-se a uma pessoa (i.e., o Messias), o contexto imediato aqui favorece uma referência a coisas desejadas por todas as nações (i.e., "coisas preciosas para eles”). O versículo 8 fala de tais coisas preciosas, e o decreto do rei Dario, durante cujo reinado Ageu ministrou, refere-se a coisas preciosas sendo contribuídas para o projeto de construção do templo (Ed 6.3-5, 8-9). Aqui Ageu provavelmente está ecoando a promessa de Isaías a respeito de um Israel enriquecido pela fartura das nações (Is 60.5). Em outras palavras, ele fala da era messiânica.

encherei de glória esta casa. A intenção de Deus é honrar a si mesmo pela manifestação de sua gloriosa presença perante "todas as nações.” Quando a presença de Deus enche o templo, as nações vêm para a luz (Is 2.3-5; 60.3). [6]

(cf. Sl 24.1; 50.9-12), Deus realizará a sua própria glorificação bem como a herança do seu povo da riqueza das nações (Is 60.5). Ver nota no v. 7.

* 2.9 glória. **Esta promessa de uma glória maior é cumprida em Cristo, a maior manifestação da presença e glória de Deus (Ml 3.1; Jo 1.14). Cristo concede a sua glória à sua igreja, o novo templo de Deus (Ef 2.21; 3.20, 21).**

neste lugar, darei a paz. **Esta paz (hebraico** *shalom)* **significa mais do que a simples ausência de conflito. Ela implica prosperidade e uma sensação de total bem-estar. Cristo concede a paz aos crentes hoje (Jo 14.27), mas o cumprimento definitivo e total aguarda pelo tempo quando o Senhor Deus Todo-poderoso e o Cordeiro forem o templo da Nova Jerusalém (Ap 21.22).**

* 2.10 vigésimo-quarto dia do mês nono. **A seqüência do tempo é**

importante para interpretar a terceira mensagem, que começa

com uma nota de julgamento (vs. 10-14). O povo havia se arrependido e começado a trabalhar em 21 de setembro de 520 a.C. (1.15), e Ageu trouxe a mensagem de encorajamento em 17 de outubro do mesmo ano (2.1-9). Aqui, em 18 de dezembro, ele traz outra mensagem de condenação. O povo não tinha visto ainda a questão mais profunda — sua corrupção diante do santo Deus. Isto é coerente com o chamado de Zacarias de retorno ao Senhor, pronunciado depois de terem começado a trabalhar no templo (Zc 1.3-6).

* 2.11-14 **Esta porção do terceiro sermão de Ageu, enfatiza a grave**

corrupção do povo e de seus esforços, desenvolve uma lição prática tomada da lei cerimonial mosaica. As questões dirigidas aos sacerdotes mostram que embora a santidade cerimonial não seja transferível (v. 12), a corrupção cerimonial o é (v. 13). Ageu então aplica aos seus ouvintes a lição das perguntas anteriores (v. 14). Eles corromperam o trabalho do templo e suas ofertas por que sua alienação de Deus era muito maior do que eles imaginavam. A mera presença de um templo reconstruído não iria torná-los santos como povo (cf. Jr 7.3-7); Deus exige mudança genuína de coração e vida, não apenas mera conformidade exterior. [7]

bênção. Apesar de seu passado corrompido, o santo Deus estava determinado a abençoá-los (v. 19).

* 2.17 Eu vos feri... saraiva. Este versículo baseia-se em Am 4.9.

Desastres naturais como esse e a ausência de produtividade agrícola, o amargo fruto da desobediência à Aliança do Senhor (1.6, nota; Dt 28.22), eram o modo de Deus chamar a atenção do seu povo.

* 2.19 vos abençoarei. A graça de Deus supera o pecado e a corrupção do seu povo. Embora ele os discipline, no fim a misericórdia triunfa sobre o julgamento.

* 2.20-23 Este último dos sermões de Ageu, proferido no mesmo dia que o anterior (v. 10), retorna ao tema da glória do templo nos dias futuros (v. 6, nota). Novamente os eventos futuros estão em foco quando Ageu entrelaça alusões à vinda do Messias (v. 23) com referências ao abalo do cosmos e a vitória final de Deus sobre as nações (vs. 21,22).

* 2.22 derribarei. Os poderes militares e políticos das nações finalmente se submeterão ao senhorio de Deus (Dn 2.44; 7.27).

* 2.23 Naquele dia. Ver nota em Zc 12.3.

servo meu. Zorobabel era o representante escolhido de Deus para realizar o seu trabalho. Isaías falou de um Servo maior que viria, o qual Zorobabel prenuncia (Is 42.10). Jesus é tanto descendente de Zorobabel (Mt 1.12) quanto Servo de Deus (At 4.27, 30).

anel de selar. Este era um símbolo de autoridade e poder. Jeremias usa o termo para referir-se àquele que é precioso a Deus (Jr 22.24).

Zacarias

* 1.1-6 Zacarias estabelece o palco para o registro escrito das visões noturnas de

1.7—6.8.

5

* 1.1 No oitavo mês do segundo ano de Dario. Entre outubro/novembro de 520 a.C. Compare as datas em Ag 1.1,15, para

ver como esses dois profetas — Zacarias e Ageu — ministraram ao mesmo tempo. Zacarias começou o seu ministério dois meses depois que os judeus que tinham regressado da Babilônia

10 começaram a reconstruir o templo de Jerusalém.

Zacarias, filho de Berequias. Ver Introdução: Data e Ocasião. O nome desse profeta significa "o SENHOR relembra".

15 [8] 1.2 O SENHOR se irou em extremo. Os versículos 2 a 6 servem de

prefácio às oito visões noturnas de 1.7—6.8. Esta seção mostra que embora o povo de Israel tenha reagido bem à convocação de Ageu para reconstruir o templo, o coração deles ainda estava distante de Deus. O Senhor continuava extremamente irado contra eles.

20

* 1.3 o SENHOR dos Exércitos. Um título divino muito usado pelos

profetas pós-exílicos, ou seja, Zacarias, Ageu e Malaquias. Há nesse título certas conotações militares (Deus como líder dos exércitos de Israel, 1Sm. 17.45), mas também traz luz sobre o reinado soberano de Deus diante de toda a criação.

25

Tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros. O arrependimento envolve um volver total para longe do pecado, para dirigir-se para Deus. Deus então abençoaria o seu povo com a sua presença (1.16; 2.11).

30 [8] 1.4 os primeiros profetas. Ou seja, os profetas pré-exílicos (p. ex.,

Isaías, Jeremias, etc.).

nem me atenderam. Seus pais haviam demonstrado obstinação e rebelião (2Rs 17.1315). Em conseqüência, as maldições do pacto (Dt 28.15-68) caíram sobre eles, por causa

de sua desobediência.

diz o SENHOR. Essa expressão hebraica indica uma declaração que dá aos profetas discernimento quanto ao plano e à vontade de Deus (Sl 110.1).

*** 1.6 aos profetas, meus servos. Ver a nota em Is 20.3.**

se arrependeram. Ver Ne 9.1—10.27.

10 fez tenção. A palavra hebraica aqui traduzida por "tenção" sugere que a punição divina dos antepassados pré-exílicos dos judeus aconteceu de acordo com um plano divino.

* 1.7-17 Esses onze versículos registram a primeira das oito visões que Zacarias teve

no decurso de uma noite (v. 8). As visões estão organizadas de modo que a primeira e a

15 última (6.1-8) correspondem uma à outra na linguagem figurada dos cavalos e dos carros. A primeira enfatiza a lealdade de Deus ao seu povo; ele seria o reconstrutor de Jerusalém, e o protetor deles contra as forças do mundo exterior. A visão convoca o povo de Deus a olhar para além de suas atuais circunstâncias, bem como a colocar sua confiança nas promessas de Deus.

20

*** 1.8 cavalo vermelho... vermelhos, baios e brancos. A significação**

dessas cores é incerta.

*** 1.9 Respondeu-me o anjo que falava comigo. Esse anjo intérprete**

25 (1.19; 2.3; 3.1 e 4.1) deve ser distinguido do "Anjo do Senhor" (v. 12, nota; 3.1). Ver a nota

teológica "Anjos", índice. [8]

embora não todos, identificam esse "anjo" com o "homem montado em um cavalo vermelho" (v. 8).

setenta anos. Temos aqui uma referência à profecia de Jr 25.11,12, onde foi anunciado o 5 exílio babilônico.

* 1.13 palavras boas, palavras consoladoras. Palavras que refletiam o

amor de Deus pelo seu povo e reafirmavam a resolução de Deus de não abandonar o seu povo (Hb 13.5).

10

* 1.14 estou zelando por Jerusalém. Ver a referência lateral. Esta é a

primeira expressão acerca do tema do zelo de Deus no livro de Zacarias (8.2). O zeloso amor de Deus por seu povo escolhido levou-o a agir em favor deles. Um tema semelhante é expresso em Sf 3.9-20.

15

* 1.15 E, com grande indignação, estou irado contra as nações. Note o

contraste com o v. 2, onde a ira passada de Deus com o seu próprio povo foi expressa. Aqui o amor de Deus por aqueles que lhe pertenciam (v. 14, acima) o leva a protegê-los e a julgar as nações que tinham perseguido o seu povo além de todas as medidas cabíveis.

20

* 1.17 o SENHOR ainda... escolherá a Jerusalém. Um tema comum nas

visões de Zacarias (2.12 e 3.2). A escolha de Deus do seu povo distingue Israel das nações pagãs. O resultado de sua escolha é que eles recebiam a prosperidade ("minhas cidades ainda transbordarão de bens").

25

* 1.18-21 A segunda visão enfoca a atenção sobre os quatro chifres. O "chifre"

era um símbolo de poder e orgulho no antigo Oriente Próximo (Sl 75.4,5). Esta visão é um contraste à primeira: Sião seria reconstruída e as nações seriam destruídas. A identificação dos quatro chifres poderia ser a mesma que a das profecias de Daniel (Dn

30 2.36-45; 7.17-28), e, assim sendo, corresponderiam ou à Babilônia, à Média-Pérsia, à

Grécia e a Roma, ou então à Assíria, Babilônia, Egito e Pérsia (10.10,11). Além disso, esses chifres também poderiam ter uma significação maior do que isso, referindo-se aos "quatro pontos da terra" (Ap 20.8).

* 1.21 para derribar os chifres das nações. Os quatro ferreiros surgiram

em cena a fim de derrubar o poder das nações. Isso simboliza o julgamento das nações contra as nações que perseguiram o povo de Deus, o cumprimento da promessa que Deus fez a Abraão, de que ele amaldiçoaria àqueles que amaldiçoassem os

5 descendentes de Abraão (Gn 12.3).

* 2.1-5 A terceira visão de Zacarias descreve um homem com uma linha de medir.

Essa visão salienta a proteção divina conferida ao povo de Deus mediante a sua presença pessoal (v. 5 e notas). É provável que as muralhas de Jerusalém ainda não

10 tivessem sido reerguidas e que a cidade estivesse sujeita a ataques por bandos de assaltantes.

* 2.1 um cordel de medir. Um implemento que se tornou símbolo da

reconstrução, usado por Jeremias, que retratou uma Jerusalém restaurada (Jr 31.39).

15

* 2.4 sem muros. Os profetas do Antigo Testamento concebiam um tempo

quando Jerusalém seria o centro da adoração para as nações (v. 11; 8.20-23; Is 2.1-4), quando então essa cidade transbordará de gente.

20 multidão de homens e animais. Ver a nota no v. 11.

* 2.5 um muro de fogo em redor. Os profetas retratam o dia da plena

restauração como um segundo êxodo, com o símbolo da colunas de fogo (Is 4.5,6). Da mesma maneira que houve tempo em que Israel

era protegida de seus inimigos pelo

25 próprio Deus, assim também, ele o guardará novamente de seus opressores.

glória. A presença de Deus significa mais do que simples proteção; é a fonte originária de todas as bênçãos para o seu povo. A essência da aliança renovada é esta: "Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (Jr 31.33).

30

* 2.6-13 Nesta seção, o profeta fala aos judeus na Babilônia (vs. 6-9) e na cidade de

*

2.6

vos espalhei. Uma referência ao julgamento divino de Judá, no exílio,

Jerusalém (vs. 10-13).

como punição pela desobediência deles à aliança com o Senhor (Dt 28.36,49,50). O tempo do julgamento terminou; o tempo da restauração era chegado (v. 7).

* 2.8 na menina do seu olho. Ver a nota em Dt 32.10

5

* 2.10 habitarei no meio de ti. Essa promessa subentende a santificação

dos habitantes da terra, por meio do sangue da aliança eterna (3.9, notas; 8.8, nota; Hb 13.20).

10 * 2.11 muitas nações. A extensão da visão transcende a

qualquer coisa que

os judeus poderiam realizar em seus dias. A visão focaliza um tempo quando a salvação não se limitaria à nação judaica, mas pelo contrário, estenderia a graça de Deus a todas as nações. Esse dia veio na inauguração do reino de Deus por parte de Jesus Cristo.

15 * 2.12 na terra santa. Uma expressão usada somente aqui nas Escrituras.

Judá será santo porque Deus estará habitando ali. Zacarias estava visualizando a mais plena realização da promessa divina feita a Abraão (Gn 12.3; 15.5).

* 2.13 Cale-se. A humanidade inteira devia reverenciar a Deus por causa da

20 grande salvação anunciada neste capítulo (Hb 2.20).

ele se levantou. Com o propósito de julgar. Deus tanto julgará as nações que oprimiram o seu povo como também proverá um lar seguro para eles.

25 * 3.1-10 A quarta visão diz respeito ao sumo sacerdote Josué (Ed 3.2, referência

lateral), e trata particularmente com o problema de um sacerdócio impuro. Começa mostrando a solução divina para o problema (vs. 4 e 5), e termina mostrando como Deus apagará o pecado de todo o seu povo (vs. 8 e 9).

30 * 3.1 Uma cena de tribunal, semelhante àquela de Jó (Jó 1.6-12). Satanás

veio a fim de acusar Josué de indignidade para o sacerdócio. O termo hebraico *satan* significa "adversário" ou "acusador" (referência lateral); aqui, contudo, pode ser uma descrição, e não um nome

próprio.

estava diante. Josué assume aqui a posição de um sacerdote que ministrava na presença de Deus. A acusação é uma das principais armas de Satanás contra os crentes. Isso difere da convicção do Espírito Santo. O Espírito convence do pecado a fim de impulsionar-nos ao arrependimento e ao recebimento do perdão. O alvo de Satanás é a 5 destruição, e não a redenção.

* 3.2 tição tirado do fogo. O fogo é uma metáfora do exílio, do qual o povo

de Deus havia sido arrancado. Amós 4.11 também usa essa expressão para falar sobre o perigo do qual Deus redime o seu povo.

10

* 3.3 trajado de vestes sujas. Vemos aqui a base das acusações de

Satanás, ao dizer que Josué era indigno como sumo sacerdote. Mas se o sumo sacerdote era impuro, quem poderia fazer expiação pelo pecado? Se ele não pudesse fazer expiação pelo pecado, como poderia o povo de Israel ser perdoado? A resposta a essa

15 pergunta é apresentada de uma maneira dupla, abaixo.

* 3.4 Tirai-lhe as vestes sujas. Deus tornou Josué novamente digno para

ser o sumo sacerdote dando-lhes vestes novas. Dessa maneira, Josué tornou-se um tipo do vindouro Renovo (v. 8), o qual cumpriria uma função sacerdotal e proveria vestes de

20 justiça para nós, com base em seu próprio mérito.

* 3.5 um turbante limpo. O turbante fazia parte das vestimentas do

sumo

sacerdote. Um novo turbante limpo completa as vestes restauradas do sumo sacerdote, indicando que Deus tinha tirado o opróbrio do sacerdócio (Êx 28.36-38).

25

* 3.8 são homens de presságio. Ver a referência lateral. Esses homens

prefiguravam o Servo vindouro, por serem eles sacerdotes, e ele atuaria como um sacerdote, fazendo expiação pelo pecado (v. 9, nota).

30 o meu servo, o Renovo. "Meu servo" é um título de honra usado incialmente para indicar Moisés (Nm 12.6-8). Esse termo também foi usado como um título em Isaías, algumas vezes para Israel (Is 41.8; 44.1,2), e algumas vezes (como aqui), para indicar o Messias, o Servo de Deus que redimiria o seu povo (Is 42.1-7; 52.13).

o Renovo. Temos aqui um título messiânico que combina os ofícios de sacerdote e rei (6.12, nota; Is 4.2, nota).

* 3.9 a pedra. Possivelmente uma referência ao Messias. Diversas

5 passagens do Antigo Testamento acerca da pedra foram interpretadas como messiânicas

no Novo Testamento (Sl 118.22; Is 8.14; 28.16; Mt 21.42; 1Pe 2.6-8).

sete olhos. A mistura de imagens simbólicas é difícil de interpretar, mas esses olhos são símbolos do Deus onisciente e de seu cuidado vigilante (também usados em 4.10).

10

tirarei a iniqüidade desta terra. Deus tiraria o pecado de seu povo

através do Renovo. O sistema sacerdotal inteiro do Antigo Testamento na realidade não tinha por intuito cobrir o pecado, mas tão-somente prefigurar aquele que, verdadeiramente, trataria do pecado humano (Hb 10.1-18).

15

num só dia. O dia da expiação (Lv 16.30; 23.28) era um lembrete anual do pecado (Hb 9.7-10), mas Cristo, em um único dia (sexta-feira santa), de uma vez por todas, fez expiação pelos pecados do povo de Deus (Hb 9.11-14).

20 * 3.10 debaixo da vide... da figueira. Uma expressão de paz e

prosperidade (1 Rs 4.25; Mq 4.4). Está em vista o estado final do reino de Deus.

* 4.1-14 A quinta visão descreve um candelabro de ouro e duas oliveiras. O principal

problema enfocado nessas visões é como se completaria a reconstrução do templo. A

25 resposta de Deus é que Josué e Zorobabel eram seres humanos apenas finitos e limitados. O poder para completar a tarefa viria da parte do próprio Deus.

* 4.2 candelabro todo de ouro. Esse candelabro provavelmente foi usado

para lembrar o povo de Israel do candelabro do tabernáculo e do templo (Êx 25.31),

30 embora o formato do mesmo fosse diferente. O candelabro também pode ter simbolizado a responsabilidade da comunidade dos judeus pós-exílio de que deviam ser uma "luz para os gentios" (Is

42.6; 49.6).

sete lâmpadas e sete tubos. Os números que aparecem neste versículo são um tanto

*

1.12

o anjo do SENHOR. Ver as notas em Gn 16.7. Muitos estudiosos,

confusos, mas o mais provável é que houvesse sete lâmpadas sobre a haste, com um depósito para levar o azeite que alimentaria as lâmpadas. Sete tubos saídos do depósito alimentavam as lâmpadas, enquanto que o próprio depósito era alimentado pelas oliveiras (v. 12).

5

* 4.3 duas oliveiras. Ver o v. 14 e nota.

* 4.4 que é isto? A atenção de Zacarias fixou-se sobre as duas oliveiras, e

não sobre o candelabro. Aqui a sua pergunta não recebe resposta imediata, mas é

10 respondida no v. 14.

* 4.6 Este é o versículo-chave para se compreender essa visão.

Zorobabel. Embora esta visão inclua Josué como uma das oliveiras, o enfoque recai 15 sobre Zorobabel, como é evidente pela repetição de seu nome nos vs. 6, 7, 9 e 10.

Não por força nem por poder. Ou seja, a força militar ou qualquer outra forma de poder (à parte de Deus). Ao povo de Deus foi repetidamente recomendado que não dependesse do poder militar

nem dos pactos com potências estrangeiras para cumprir seu

20 chamamento (Is 31.1-3; Sl 20.7-9).

mas pelo meu Espírito. O Espírito de Deus é retratado com freqüência, nos escritos dos profetas, como aquele que capacita os servos de Deus a cumprirem a sua obra e vencerem os obstáculos. Até mesmo a vinda do Servo do Senhor, o Messias, é descrita 25 nesses termos (Is 11.2; 42.1; 61.1).

* 4.7 a pedra de remate. A última e mais importante pedra, que, ao que se

presume, seria cerimonialmente posta em seu lugar, no templo terminado.

Haja graça e graça para ela. O templo seria completado em meio a clamores que solicitam que o favor divino repouse sobre o mesmo. A frase foi repetida para efeito de ênfase (Is 40.1, nota).

* 4.10 o dia dos humildes começos. Seria fácil a um judeu desencorajar-

se, face aos parcos resultados e ao pequeno progresso. Encontramos o povo de Judá desencorajado diante do lançamento dos alicerces do segundo templo (Ed 3.10-12), como também diante da reconstrução do templo, nos dias de Ageu (520 a.C.; Ag 2.3). A questão

5 que se destaca neste versículo relembra-nos a não julgarmos a obra de Deus pelos padrões humanos.

olhos do SENHOR. Ver a nota em 3.9.

10 [9] 4.14 ungidos. Ver a referência lateral. Esses dois ungidos são Zorobabel e

Josué. Como líderes escolhidos por Deus, lhes seria suprido o

Espírito Santo com a intensidade necessária para terminarem o templo. Juntos, eles prefiguram o Messias, em quem estão unidos, em uma única Pessoa, os ofícios de sacerdote e rei (bem como de profeta) (6.12, nota). A visão completa ensina-nos tanto que Deus é a fonte originária da 15 força para se fazer o que ele próprio determina como também é aquele que concede o seu Santo Espírito ao seu povo escolhido, para a obra que ele os tiver chamado.

Senhor de toda a terra. Deus é soberano sobre todos os negócios dos homens (Is 40.15,23,24). Por semelhante modo, o título "Senhor Todo-poderoso" demonstra que 20 todos os poderes que há no cosmos estão à sua disposição (1.3, nota).

* 5.1-4 A sexta visão diz respeito ao rolo voante. Ensina que o Senhor que ama e restaura o seu povo também é justo e punirá a iniqüidade. Esta visão e aquela que se segue são advertências, mas também são encorajamentos de que Deus cuidará do

25 problema do pecado na terra.

* 5.2 vinte côvados... e dez. Um grande rolo aberto, para que todos

pudessem lê-lo. Conforme o contexto deixa entendido, as palavras que há no rolo eram as palavras da lei. Suas dimensões grandes eram apropriadas para a sua tarefa de

30 percorrer toda a terra para lidar com todos os pecados (v. 3).

qualquer que furtar... jurar falsamente. Provavelmente, a maldição não era endereçada somente a esses dois pecados, mas esses pecados representam da iniqüidade da nação inteira. O juramento falso viola o terceiro mandamento, que se acha na primeira tábua da 5 lei (os deveres de uma pessoa para com Deus). O furto viola o oitavo mandamento, encontrado na segunda tábua da lei (os deveres de uma pessoa para com o próximo). Os Dez Mandamentos sumariam a inteira lei moral e são uma revelação do caráter do

próprio Deus.

10 [10] 5.4 e consumirá. A palavra de Deus realizará seu próprio propósito (Is

55.11). Aqueles que quebram a lei de Deus certamente sofrerão as conseqüências de seus pecados que essa maldição impõe. As Escrituras, por muitas vezes, enfatizam a certeza do julgamento (Rm 2.3; 1Ts 5.1-3; Hb 2.3).

15 [10] 5.5-11 A sétima visão, da mulher na cesta de medir, salienta a remoção, por parte

de um Deus soberano, da iniqüidade da terra (v. 11 e nota). A natureza santa de Deus não pode tolerar o pecado no meio de seu povo.

* 5.6 um efa. Ou: cesta. Ver a referência lateral. O *efa* era uma medida

20 para grãos, equivalente a cerca de 23 litros (Jz 6.19; Rt 2.17). Como é claro, tal medida

não conteria uma pessoa adulta, mas um realismo preciso não é necessariamente uma característica das visões proféticas (Nm 12.6-8 e notas).

em toda a terra. A iniqüidade do povo não está limitada a atos específicos de pecado 25 (como alguém poderia concluir da visão anterior) mas tinha infectado as vidas de todo o povo de Deus.

* 5.7 uma mulher. A iniqüidade é aqui personificada por uma mulher, talvez

porque a palavra hebraica para "iniqüidade" é gramaticalmente feminina, ou então porque

30 a idolatria de Israel com freqüência era caracterizada pelos profetas como sendo uma prostituição (Ez 16.25; Os 2.2).

de seu povo para longe deles (Sl 103.11,12; Mq 7.19).

* 5.11 Sinear. Essa antiga palavra para Babilônia possivelmente é usada

para evocar a torre de Babel como símbolo de oposição a Deus (Gn 11.2). Sinear, e não

5 Jerusalém, é o lugar apropriado para a iniqüidade, visto que Jerusalém era a habitação do Santo de Israel (2.10-13 e 8.3).

* 6.1-8 A última visão, que enfoca os quatro carros, relembra os quatro chifres da

primeira visão (v. 1, nota; cf. 1.7-17). Os quatro carros simbolizam os "quatro ventos do

10 céu" (v. 5), mas além disso, a ordem e a cor dos cavalos podem não ter qualquer significação especial. O escritor do livro do Apocalipse usa um simbolismo similar em sua descrição dos quatro cavaleiros (Ap 6.1-60).

* 6.1 montes... de bronze. Provavelmente, os montes simbolizem o portão

15 do céu, embora alguns estudiosos sugiram que o bronze reflita as colunas de bronze do

templo (1Rs 7.13-22). Na primeira visão, os cavaleiros saem da presença de Deus (1.10). Aqui os carros são emissários do julgamento divino, que emergem dentre os montes de bronze.

20 [11] 6.5 os quatro ventos do céu. A palavra hebraica para "ventos" também

pode significar "espírito". Zacarias pode ter-se aproveitado intencionalmente dessa ambigüidade para dizer que assim como os ventos cobrem a terra, assim também os anjos de Deus cobrem a terra com a presença de Deus (cf. o v. 8, nota).

25 o Senhor de toda a terra. O Deus soberano ordena a seus exércitos celestiais fazerem a sua vontade (4.14, nota).

fazem repousar o meu Espírito. Se a terra do norte fosse julgada por Deus, então todas as outras terras estariam seguramente sob o seu julgamento, e a sua proteção ao seu povo era completa. Seu Espírito, por conseguinte, poderia descansar.

5 [12] 6.9-15 Esta seção é um apêndice adicionado às visões, oferecendo comentários

adicionais referentes à quarta e à quinta visões. Ela reúne especialmente os ofícios usualmente separados de sacerdote e de rei em um única Pessoa — o Messias (v.13).

* 6.12 Renovo. Um título messiânico, cuja importância explica sua

10 ocorrência aqui e em 3.8. Quem usou o termo pela primeira vez foi Isaías, para denotar o

Messias (Is 4.2). Em seguida, Jeremias desenvolveu esse título para indicar o descendente de Davi que governaria no trono de Davi (Jr 23.5,6; 33.15,16). Zacarias reúne os ofícios real e sacerdotal nesse título. Os primeiros intérpretes judeus viam nesse título uma compreensão messiânica. Tudo isso mostra a preparação, no Antigo 15 Testamento, para a verdade de que Cristo é o nosso Sumo Sacerdote (Hb 4.14; 7.24; 9.11), bem como o nosso Rei (Hb 1.8; Mt 22.41-46). Ele é o nosso Salvador e o nosso Senhor.

[1]

3.2 Não atende a ninguém. Lit. "Ela não escuta voz alguma.” O

povo

2

3.6-8 O enfoque da atenção desvia-se de Jerusalém para as nações. O

profeta observa o julgamento prévio por Deus das nações (v. 6), que deveria ter sido uma lição para Jerusalém (v. 7), antes de se voltar ao julgamento futuro que está por vir (v. 8).

3

3.19 um louvor e um nome. Ver o v. 20. A expressão remonta a Dt

26.18, 19, onde Israel, como povo especial do Senhor, é privilegiado em representá-lo e em ser o meio tangível pelo qual o louvor, a honra, e a glória

4

1.13 Eu sou convosco. Quando o povo se arrependeu de seus pecados

5

2.3 esta casa na sua primeira glória. Os versículos 3 sugerem que o

povo estava desencorajado pela relativa falta de esplendor do novo templo (cf. 2Cr 3; 4) e pela dificuldade da tarefa diante deles.

6

2.8 a prata... o ouro. Sendo o possuidor soberano de todas as coisas

7

2.15 Agora. **Esta palavra assinala uma transição entre a acusação e a**

8

1.11 eis que toda a terra está, agora, repousada. As nações da terra,

seguras em si mesmas, faziam contraste com o estado judeu, que se debatia sob o

30 governo persa. Contudo, Deus assegurou ao seu povo de que essas nações orgulhosas e auto-suficientes experimentariam o julgamento divino (cf. as palavras de Obadias sobre a falsa segurança de Edom; Ob 3, 4 e 8).

9

5.3 maldição. A maldição que está contida na lei (Dt 28.15-68). Tal como

se vê em Ageu 1.1-11, o profeta destacou o fato que a obediência do povo de Deus lhes atrai bênçãos, enquanto que a desobediência lhes atrai maldições.

10

5.9 duas mulheres; havia vento em suas asas. Estas eram agentes de

Deus para remover a iniqüidade da terra. A fidelidade de Deus à aliança remove o pecado

11

6.7 forcejando por andar avante, para percorrerem a terra. Os cavalos

que forcejavam retratam a prontidão do julgamento de Deus.

30

* 6.8 terra do Norte. O "norte", neste caso, representa os inimigos de

Israel, visto que a geografia da Palestina exigia que qualquer um que atacasse vindo do oriente, incluindo os persas, tivessem que vir necessariamente do norte.

12

7.10 a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre. Esses

30 quatro grupos podiam ser facilmente explorados. Deus, entretanto, os ama (Êx 22.21; Dt

10.18), e ordenou provisões para que fossem cuidados (Dt 24.17-22). Deus também proferiu maldições contra aqueles que os exploram (Dt 27.19). Injustiças feitas contra esses grupos são mencionados em Sl 94.6 e Is 10.1,2.

*** 6.13 Ele mesmo edificará o templo do SENHOR. O Messias, em sua**

20 função real, edificará o templo. Isso serviria para encorajar os judeus dos dias de

Zacarias, mas seu cumprimento pode ser encontrado em Jesus, que prometeu edificar a sua Igreja como um templo (Jo 2.19-21; 1Co 3.16,17; Ef 2.19-21).

* 6.15 Aqueles que estão longe virão. Essas são as nações que se

25 reunirão em torno da tarefa de reconstruir o templo. Isso reflete o ensinamento de Ageu

de que as nações trarão suas riquezas ao templo (Ag 2.7, nota). Visto que a Igreja de Cristo é o templo da presente dispensação, os gentios edificarão o templo edificando a Igreja, o corpo vivo de Cristo sobre a terra (1 Pe 2.5).

30 [1] 7.1-14 Este capítulo trata de uma pergunta feita pelos residentes da terra de Israel

acerca de continuar a jejuar. A pergunta que fizeram mostra a falta de entendimento deles quanto à questão real da obediência. Zacarias responde que obedecer é melhor do que sacrificar (cf. 1Sm 15.22).

* 7.1 quarto ano... dia quarto... nono mês. A data foi 7 de dezembro de

518 a.C., pouco mais do que dois anos depois das visões dos capítulos 1-6 deste livro.

*** 7.2 enviados... para suplicarem o favor do SENHOR. Chegou**

uma

5 delegação de Betel para inquirir se deveriam continuar a jejuar, lamentando pela

destruição do templo. De acordo com 2Rs 25.8-15, o templo foi destruído no quinto mês (586 a.C.). A indagação foi respondida pelo profeta em 8.18,19. O cap. 7 de Zacarias mostra-nos que a comunidade israelita restaurada em Jerusalém, externamente era religiosa, mas faltava-lhe os frutos da verdadeira religião. Uma religiosidade verdadeira 10 deveria resultar em boas ações (Tg 1.26,27). Ver as notas nos vs. 9 e 10.

* 7.5 no sétimo mês. O jejum que lamentou pelo assassinato de Gedalias,

governador de Judá, que fora nomeado pelos babilônios (2Rs 25.26, nota).

15 setenta anos. Tinham-se passado sessenta e oito anos desde a destruição do templo de Jerusalém. Zacarias falava aqui usando números redondos.

acaso, foi para mim que jejuastes. A pergunta enfática de Zacarias indicava a hipocrisia do jejum deles; pelo contrário, os jejuns deles eram motivados pelo egoísmo e não pelo 20 desejo de agradar a Deus.

* 7.7 o Sul. Ver a nota em Gn 12.9.

* 7.9 Executai juízo verdadeiro. Zacarias convidou o povo a fazer o que

25 seus pais tinham feito. Uma justiça autêntica significava aplicar a palavra de Deus aos

problemas, tanto os de natureza pessoal quanto os de natureza

social, confrontando a comunidade restaurada. Eles deviam libertar os oprimidos e punir os opressores. [1]

intente... o mal. O problema externo que consiste em maltratar a outros deriva-se do ódio interior e da desconsideração pelo próximo (Mt 5.21,22).

* 7.13 eu não os ouvi. O julgamento divino, que consistiu no exílio

5 babilônico, foi aplicado em proporção à desobediência dos filhos de Israel. Os profetas

enfatizaram repetidamente que atos formais de adoração são anulados pela desobediência. Ver especialmente 1Sm 15.22 e Is 1.13-15.

*** 7.14 da terra desejável fizeram uma desolação. A desobediência dos**

10 antepassados dos israelitas atraiu o julgamento divino. Zacarias queria que o povo de

Israel compreendesse que uma desobediência contínua seria penalizada pelo julgamento divino.

* 8.1-23 Este capítulo é um quadro final do reino de Deus, quando Deus der a seu 15 povo sua bênção final e mais completa. Similar ao retrato de Isaias sobre o futuro (Is

65.17; 66.5-24), este capítulo fornecia aos judeus pós-exílicos a esperança de que o Senhor continuava resoluto a abençoá-los. Desde a vinda de Cristo ao mundo, o princípio dessas bênçãos pode ser vista, mas a plena realização delas espera pelo novo céu e pela nova terra (Ap 21.1).

* 8.2 Tenho grandes zelos de Sião. Ver a referência lateral. O zelo de

Deus, ou seu ciúme pelo seu povo (por eles, não deles) nasce do amor segundo a aliança e da dedicação dele a eles (1.14), o que, por sua vez, requer a lealdade de todo o coração deles a ele.

25

* 8.3 cidade fiel. A palavra hebraica aqui traduzida por "fiel" tem o sentido

de "fiel à lei de Deus". Uma fiel observância da lei de Deus raramente foi um fato real durante a história de Israel, mesmo nos dias de Zacarias. Mas o profeta previu um tempo quando o povo de Deus refletirá o seu caráter em seu trato uns com os outros (vs. 16,17).

30 Ver também Êx 34.6,7.

monte santo. O monte Sião será santo porque a presença de Deus habitará ali de uma maneira toda especial. Os profetas reiteradamente enfatizaram o dia da salvação como um dia da renovação da presença de Deus (2.5,11).

* 8.4,5 Temos aqui um quadro das bênçãos divinas segundo a aliança nas quais a bênção divina de uma longa vida (Êx 20.12) e a alegria das crianças a brincar reflete um estado de *shalom,* de bem-estar total.

5

* 8.6 maravilhoso. O vocábulo hebraico aqui traduzido por "maravilhoso"

denota algo que ultrapassa as forças e a compreensão humanas, tipicamente quando se refere a uma ação divina. Quanto a outros exemplos dessa ênfase, ver Gn 18.14 ("difícil") e Jz 13.18.

10

restante. Aqueles que se mostrassem fiéis a Deus, em meio à desobediência. Paulo se refere ao "remanescente segundo a eleição da graça", em Rm 11.5. Os eleitos de Deus são preservados por ele para o servir fielmente. Ver as notas em Is 1.9 e Mq 2.12.

15 [2] 8.7 salvarei o meu povo... Ocidente. A renovação da aliança entre Deus

e o seu povo envolverá a restauração de terras estrangeiras. Ver Dt 30.1-5; Jr 30.8-11.

*** 8.8 eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Esse**

relacionamento pessoal é a essência da aliança de Deus com Abraão e seus

20 descendentes (Gn 17.7 e nota), bem como a essência da Nova Aliança (Jr 31.33). Essa é, igualmente, a origem de todas as demais bênçãos da aliança.

* 8.12 sementeira... os céus. As bênçãos da renovação final da parte de

Deus foram expressas sob a forma de termos agrícolas apropriados à promessa da

25 aliança acerca da terra. Visto que a antiga vida de Israel em sua terra era uma prefiguração da vida do Novo Israel em Cristo (Gn 13.15, nota), hoje em dia os cristãos regenerados experimentam as bênçãos da renovação da aliança com Deus por intermédio de Jesus (Mt 26.28; 1Co 11.25) e esperam a total renovação das bênçãos da aliança de Deus, no novo céu e nova terra (Ap 21.1—22.5).

30

* 8.15 pensei. Ver a nota em 1.6.

contrasta com a impiedade que caracterizou grande parte da História de Israel; a verdade e a retidão reinarão durante essa era final de bênçãos (Am 5.24).

* 8.19 Este versículo relaciona-se à indagação feita em Zc 7.3 e à resposta

5 dada à mesma. Os jejuns mencionados relembravam vários aspectos da destruição de

Jerusalém.

quarto mês. Esse jejum relembrava a queda das muralhas de Jerusalém, o começo do fim da cidade (2Rs 25.3,4). Ver as notas em 7.2,5.

10

décimo. Nabucodonosor iniciou seu cerco de Jerusalém no décimo mês (2Rs 25.1; Jr 39.1-10).

* 8.20-23 Estes quatro versículos retratam uma grande peregrinação, feita pelas

15 nações gentílicas a Jerusalém, implicando na extensão da salvação de Deus para fora

das fronteiras de Israel (14.16-20; Is 2.1-4; Mq 4.1-3; Ml 1.5).

* 8.22 poderosas nações. Ver Is 2.2-4; Mq 4.3.

20 * 8.23 dez homens, de todas as línguas. A ênfase recai aqui no grande

número (v. 22, "muitos povos") de povos gentílicos que virão adorar o verdadeiro Deus. Apocalipse 5.9 refere-se aos remidos "de toda tribo,

língua, povo e nação". A salvação, pois, incluirá almas de pessoas de todas as nações, não no sentido que cada indivíduo da raça humana será salvo, e, sim, que os filhos de Deus foram escolhidos dentre todas as 25 línguas e de todos os grupos étnicos do mundo.

Deus está convosco. A grande força de atração na adoração é a presença de Deus no meio de seu povo (1Co 14.24,25).

30 * 9.1—11.17 O profeta volve agora a sua atenção para o futuro do reino de Deus,

desenvolvendo o seu tema mediante dois longos oráculos (caps. 9—11 e 12—14). A primeira profecia da última metade do livro enfoca a vinda de Deus, o Rei, a fim de julgar os incrédulos. Os versículos de abertura (9.1-8) retratam Deus como um guerreiro vingador que virá tomar posse de sua terra, com a destruição de todos os inimigos

pagãos que atravessam seu caminho (cf. Is 9.6, nota). Ele virá do norte para Jerusalém (cf. 9.14-17, onde Deus é retratado como quem viria do sul para Jerusalém), acontecimento esse que leva à proclamação de 9.9. Alguns interpretam esse quadro profetizado como uma invasão, vinda do norte, descrevendo a conquista da Palestina, em 5 333 a.C., por parte de Alexandre, o Grande. Essa pode ser uma interpretação correta,

mas seu significado maior diz respeito ao próprio Deus, que voltará à terra a fim de vingar o seu povo. Ver Introdução: Características e Temas.

* 9.1 sentença pronunciada pelo Senhor. Essa frase exata é usada por

10 três vezes no Antigo Testamento (aqui e em Zc 12.1 e Ml 1.1). "Sentença" significa que o

profeta estava sob forte compulsão para entregar a mensagem de Deus.

terra de Hadraque. Conhecida como Hatarica, nas inscrições cuneiformes assírias, essa é a cidade mais ao norte citada nos vs. 1-8. A descrição aqui é bastante geral, e não 15 devemos buscar um cumprimento específico.

Damasco. A capital da Síria, o país vizinho de Israel, ao norte.

O SENHOR põe os olhos sobre os homens. Todos os povos estão sob o escrutínio dos 20 olhos do Senhor sob eles fixados; por semelhante modo, os povos olharão para o Rei Todo-poderoso quando ele se aproximar com a sua justiça, a fim de julgar a humanidade.

* 9.2 Hamate. Uma cidade localizada no rio Orontes, ao norte de Damasco.

25 Tiro e Sidom. Cidades fenícias do litoral do mar Mediterrâneo. Eram centros comerciais por todo o período bíblico. A descrição delas como centros "cuja sabedoria é grande" pode relacionar-se à esperteza nos negócios. O julgamento divino dessas duas cidades é um tema profético comum (Jr 47.1-7; Ez 28.11-23).

30 * 9.5 Ascalom... Gaza... Ecrom. Essas fortes cidades da Filístia não serão

capazes de resistir ao poder do guerreiro que se aproximará, sendo este o próprio Deus. Essas cidades foram destinadas para o castigo por diversas vezes no Antigo Tstamento (Is 14.28-32; Ez 25.15-17; Am 1.6-8).

* 9.9,10 Esta importante profecia do Antigo Testamento recebe cumprimento tanto na

entrada triunfal de Jesus, em Jerusalém (Mt 21.1-11; Jo 12.12-16) como durante o seu reinado messiânico (v. 10, nota).

5 [3] 9.9 ó filha de Sião. Um título comumente usado para falar da

santa

cidade de Deus, Jerusalém, e seus habitantes (Is 1.8, nota; 62.11 e Sf 3.14).

o teu Rei. A descendência real de Davi, prometida reiteradamente (2Sm 7.12-14; Sl 10 132.11; Is 9.7; 11.1-5; Jr 23.5,6; 33.15-22; Ez 34.23,24;37.24,25).

em jumento. Um sinal da humildade de Cristo. Ver a nota em Mt 21.1-11.

15 [3] 9.10 os carros... os cavalos. Implementos de guerra seriam abolidos duante o

reinado pacífico do Rei justo (Is 2.1-4; 11.6-9). O Antigo Testamento com freqüência prediz a paz universal nos tempos do Rei-Messias (Is 57.19; Mq 4.1-5; cf. Ef 2.12-18).

domínio... de mar a mar. O governo universal e soberano de Deus é fundamental na 20 religião do Antigo Testamento (Sl 72.8; 96.3-5; Dn 2.44-47; 7.13,14,27). Cristo é aquele que trará o dominínio universal do Pai à terra (Mt 12.28; Fp 2.9-11; Ap 19.11-16).

* 9.11 sangue da tua aliança. Uma referência à provisão da aliança divina

para expiar o pecado (Êx 24.8; Mt 26.28).

25

* 9.13 ó Grécia. Literalmente, diz aqui o original hebraico, "ó Javã" (Gn

10.2). Essa referência não se refere necesariamente às guerras dos Macabeus (segundo século a.C.), que ocorreram durante o período intertestamentário, e nem indica que o autor sagrado tenha vivido

durante aquele período. A Grécia pode ser usada como

30 símbolo das nações pagãs que guerreavam contra o povo de Deus.

Antigo Testamento, algumas vezes, retrata Deus como vindo daquela região.

* 9.15 encher-se-ão... ficarão ensopados. O povo de Deus estaria

exultando de santa alegria, por causa da vitória e da presença de Deus (At 2.13-21; Ef

5 5.18).

* 9.16 rebanho... pedras de uma coroa. O povo de Deus repousa em

segurança, sob os cuidados divinos (13.7; Ez 34.11-24; 37.24), e se tornará glorioso como um resultado da presença do Senhor (2Co 3.18).

10

* 10.1-12 Este capítulo emite uma reprimenda contra o povo, e, especialmente,

contra os líderes de Judá por terem buscado sabedoria e conselhos da parte dos ídolos (v. 2). A reação de Deus contra a sua desobediência obstinada é que ele mesmo tornar-se-ia o pastor deles. O Messias é com freqüência retratado (na pessoa de Davi), como um

15 Rei-Pastor (Ez 34; Jr 23.1 -8).

* 10.1 Pedi ao SENHOR chuva. Ver a nota em 8.12.

* 10.2 os ídolos... os adivinhos. Os ídolos são ídolos domésticos

(Gn

20 31.19). As tentativas do ocultismo de predizer o futuro são proibidas para o povo de Deus

(Dt 18.9-14), pois eles devem derivar sua sabedoria da palavra de Deus (Pv 1.7).

não há pastor. Os líderes de Israel e de Judá por muitas vezes foram repreendidos por estarem liderando tão impiamente o povo de Deus (Ez 34.1-10).

25

* 10.3 cavalo de glória. Judá será forte como um cavalo preparado para a

batalha, por causa da ajuda de Deus (v. 6).

*** 10.4 a pedra angular... a estaca da tenda... o arco de guerra. Esses são**

30 símbolos do Messias. Jesus pertencia à tribo de Judá (Hb 7.14), e veio a este mundo em

cumprimento da promessa da vinda de um governante que conquistaria todo outro governante. Ver as notas em Gn 49.10 e Mq 5.2. [4]

aliança entre Deus e o seu povo. Deus salva o seu povo por causa de seu eterno compromisso, firmado com eles (8.8, nota; Jr 31.33).

* 10.8 Eu lhes assobiarei. Da mesma maneira que um pastor assobia para

5 seu rebanho (Cf. Is 7.18), assim também Deus convocará os seus exilados das terras

estrangeiras (Dt 30.1-10).

como antes se tinham multiplicado. Da mesma forma que os israelitas se tinham antes multiplicado (Êx 1.7), em cumprimento à promessa da aliança firmada entre Deus e 10 Abraão (Gn 15.5 e 17.6).

* 10.10-12 O poderoso ato de Deus, ao convocar os exilados, foi retratado em

linguagem que nos faz lembrar da saída de Israel do Egito (Is 43.16,17).

15 [4] 10.12 andarão no seu nome. Seguindo a orientação e a sabedoria de Deus em

tudo quanto faziam (Dt 6.4-9; Mq 4.5).

* 11.1-3 Os estudiosos têm debatido se esta pequena seção poética pertence ao que a antecede (caps. 9—10, o julgamento das nações) ou com o que se segue (11.4-17, o

20 julgamento de Deus contra Israel, por causa de sua rejeição ao Pastor). As metáforas sobre grandes carvalhos, densas florestas e leões ferozes são tiradas das plantas e dos animais do vale do rio Jordão. A linguagem é condizente com vários julgamentos espalhados pela história de Israel, mas o julgamento proeminente será imposto àquelas nações e àqueles indivíduos que rejeitaram o Bom Pastor, Jesus Cristo (At 4.24-28).

25

* 11.2 cedros. Essa madeira é, com freqüência, usada como símbolo do

Líbano (1Rs 5.6; Sl 104.16).

Basã. A área fértil a nordeste do mar Morto (Dt 3.1, nota).

30

* 11.4-17 É difícil identificarmos os atores com certeza nesta seção, embora o

ensinamento em geral seja claro. O profeta foi nomeado para ser um bom pastor, mas visto que foi rejeitado ele abandonou o rebanho (v. 9). Na qualidade de um bom pastor, o profeta foi um tipo do vindouro Pastor messiânico, Jesus Cristo, o qual veio como o Bom

Pastor e deu a sua vida pelas ovelhas (Jo 10.11-18).

* 11.4 Apascenta as ovelhas. Um mandato atribuído a Zacarias.

5 para a matança. O povo de Israel.

* 11.6 já não terei piedade. Essas palavras eram apropriadas antes do

exílio babilônico (Jr 13.14; 15.5; 21.7); e ocorrem aqui por causa da contínua rebelião do povo (Mt 21.33-46).

10

* 11.7 Graça. Ver a referência lateral. Essa palavra também foi usada para

indicar o próprio Deus (Sl 27.4; 90.17). As varas simbolizam a graça que Deus demonstrou para com o seu povo, em sua aliança (v. 10).

15 União. Ver a referência lateral. A unidade da nação dividida (v.14), foi prometida na Nova Aliança (Jr 30.3; 31.27,31; 33.7).

* 11.8 três pastores. Esses pastores são difíceis de identificar. Eles talvez

simbolizem todos os líderes que deixam de satisfazer os padrões divinos. Com a

20 passagem do tempo, o Bom Pastor escolhido por Deus deporá todos os demais governantes (Ap 2.27).

* 11.9 O profeta, como um pastor, exprime o seu desgosto com a rebelião e

a desobediência do rebanho.

25

* 11.10 aliança... com todos os povos. Temos aqui a obrigação divinamente

imposta sobre as nações de não prejudicarem o povo de Israel, pertencente a Deus (cf. Ez 34.25; Os 2.18). Com a remoção do favor de Deus para com Israel, as nações poderiam afligir o rebanho de Deus.

30 [5]

* 11.13 as arrojei ao oleiro, na Casa do SENHOR. Uma profecia que teve cumprimento quando Judas Iscariotes lançou as trinta moedas de prata no soalho do templo de Jerusalém (Mt 27.1 -10; cf. Jr 19.1 -13).

5 [5] 11.14 romper a irmandade entre Judá e Israel. Temos aqui a dissolução da

nação que vivia sob a aliança, por terem rejeitado o Bom Pastor.

* 11.15-17 Com a rejeição do Bom Pastor, líderes indignos tomaram o lugar dele

(cf. Ez 34.1-10). A perda do "braço" e do "olho direito" indica a perda do poder e do

10 discernimento necessários para a liderança (v. 17). Alguns

estudiosos têm sugerido que esta profecia refere-se aos líderes judeus que lideraram a nação de Israel em rebeldias desastrosas contra Roma, após a morte de Cristo (66—74, 132—135 a.C.).

* 12.1—14.21 O segundo oráculo da última metade do livro enfoca o julgamento de 15 Deus sobre as nações, o que atingirá o seu clímax na salvação de Jerusalém e na

celebração da Festa dos Tabernáculos.

* 12.1 Sentença pronunciada pelo SENHOR. Ver a nota em 9.1.

20 5 12.2 um cálice de tontear. Uma figura comum da ira de Deus como um

cálice da qual as nações deverão beber (Is 51.17; Jr 25.15-17,27-29; Ez 23.32-34).

* 12.3 Naquele dia. O dia do Senhor (14.1).
Essa frase ocorre por

numerosas vezes nos caps. 12—14, e indica a plenitude do julgamento do mundo e a

25 salvação final do povo de Deus.

uma pedra pesada. A Jerusalém terrena dos dias de Zacarias era um tipo da Igreja, a Jerusalém celestial, na qual atualmente vivemos pela fé (Hb 12.22-24).

30 5 12.6 braseiro... tocha. Mais figuras do poder devorador de Judá.

* 12.10 espírito de graças e de súplicas. Isso descreve o Espírito gracioso de Deus que produz a humildade no povo de Deus. Os profetas do Antigo Testamento enfatizam que a renovação da aliança de Deus (Jr 31.31-33) subentende a renovação por

meio do seu Espírito (Is 59.21; Ez 36.26,27; 39.29; Jl 2.28,29).

olharão para aquele a quem traspassaram. Provavelmente isso significa "olhar para o Messias como a fonte da salvação". Muitas passagens do evangelho de João referem-se 5 à fé mediante o uso do verbo "ver" (Jo 6.40). Aquele que é assim contemplado pela fé não é outro senão o próprio Deus, que foi traspassado na pessoa de seu Filho encarnado, o Messias (Jo 1.14 e nota; 19.37).

* 13.1 Naquele dia. Ver a nota em 12.3.

10

fonte... para remover o pecado e a impureza. O quadro de uma fonte purificadora indica a abundância do perdão (cf. Jr 2.13). Finalmente, encontramos a abundância do perdão em Jesus e no Espírito Santo (Jo 7.37-39).

15 [6] 13.3 mentiras em nome do SENHOR. A profecia falsa inclui tanto a

profecia no nome de um deus falso como a fala presunçosa, no nome do Senhor (Dt 13; 18.20-22). Os falsos profetas deviam ser mortos à espada (Dt 13.12-15).

* 13.4 manto de pêlos. Os falsos profetas negarão ser profetas por temor à

20 punição, recusando-se a vestir as vestes que, tradicionalmente, representavam um

profeta (2Rs 1.8; Mt 3.4).

* 13.6 feridas nas tuas mãos? Provavelmente ferimentos auto-infligidos

durante a adoração idólatra. Vários textos do Antigo Testamento

sugerem que tais

25 práticas eram costumeiras na adoração pagã (Lv 19.28; 21.5; Dt 14.1; 1Rs 18.28). O profeta acusado contende que seus ferimentos lhe foram infligidos por seus amigos, não sendo resultantes da adoração idólatra.

escolhido. Jesus é o Pastor ferido e afligido (Mt 26.31-35; Mc 14.27-31; Lc 22.31-340).

as ovelhas. O povo de Deus sofre juntamente com o seu Pastor (2Co 1.5, nota).

5 para os pequeninos. A preposição "para" também pode ser traduzida por "contra". Provavelmente temos aqui uma indicação do julgamento de Deus contra as suas ovelhas. Entretanto, pode indicar também a proteção divina aos "pequeninos", no meio do sofrimento.

10 * 13.8 Dois terços... terceira parte. O julgamento separa os verdadeiros

crentes dos falsos. Um tema profético comum é que o julgamento de Deus distinguirá os orgulhosos dos humildes (Sf 3.11,12), entre as ovelhas verdadeiras das falsas (Ez 34.1722).

15 * 14.1 vem o Dia do SENHOR. Os profetas do Antigo Testamento

proclamavam um "dia do Senhor" quando haveria julgamento e livramento, sendo ambos apresentados nesta passagem (Introdução a Sofonias: Características e Temas).

* 14.5 Azal. Como é claro trata-se de um local próximo de Jerusalém,

20 embora sua localização precisa seja desconhecida.

santos. Essa expressão se encontra no Novo Testamento (Jd 14; cf. Mt 25.31). Esses são os servos escolhidos de Deus, a hoste angelical (talvez também entre eles seres humanos), vindos a Jerusalém para libertá-la de agressores pagãos. Em dia de batalha 25 inaugurará a bem-aventurança eterna da presença especial de Deus entre o seu povo.

* 14.7 um dia... haverá luz. O próprio Deus será a luz da cidade (Is

60.19,20; Ap 21.25; 22.5). A luz natural, emitida pelos corpos celestes, terá cessado (v. 6).

30 * 14.8 de Jerusalém águas vivas. Como resultado da presença do Senhor,

uma corrente refrescante de águas correntes, trazendo cura àqueles que buscassem refúgio no Senhor. Tal água simboliza as bênçãos da salvação (Is 55.1-5; Ez 47.1-12; Jo 4.10-14). Os crentes em Jesus recebem a água viva que somente Jesus pode dar (Jo 7.37-39 e Ap 22.1).

* 14.9 Rei sobre toda a terra. Diante dessa vitória final, a soberania de

Deus sobre todos se manifestará.

5 um só será o SENHOR, e um só será o seu nome. Essas palavras claramente se baseiam em Dt 6.4, a confissão fundamental de Israel (Mc 12.29, nota). Somente nesse dia de vitória será plenamente compreendido o pleno significado dessa confissão.

* 14.10 Essa extensa descrição geográfica tem por desígnio salientar que toda a 10 terra do povo de Deus será reivindicada pelo próprio Deus.

* 14.12 praga. Essa temível praga nos faz lembrar as pragas que

sobrevieram ao Egito (Êx 7—12), bem como as maldições da aliança proclamadas por Deus contra os israelitas desobedientes (Lv 26.16; Dt 28.22).

15

* 14.15 assim será a praga. A praga atingirá até os animais pertencentes aos inimigos pagãos de Deus. Zacarias estava enfatizando que a destruição dos inimigos de Deus seria definitiva e completa. Agora mesmo os crentes já desfrutam da vitória mediante a fé (1Jo 5.4), e esperam pela subjugação final dos inimigos de Deus por Cristo

20 (1Co 15.24-28).

* 14.16-20 A parte final do livro retrata a bênção universal que Deus concederá naquele estado final.

25 * 14.16 Todos os que restarem. Os habitantes das nações pagãs não serão todos

destruídos. Alguns desses habitantes se converterão e virão a adorar o Deus vivo e verdadeiro em Jerusalém (6.15; 8.23 e notas).

*

a Festa dos Tabernáculos. A adoração pelos gentios foi expressa em termos dessa 30 festividade porque era uma festa de alegria e gratidão a Deus por suas bênçãos (Lv 23.33-36, 39-43; Nm 29.12-34; Dt 16.13-15). A festa ocorria durante a colheita do outono, e desta forma podia simbolizar a reunião dos gentios.

14.20 Santo ao SENHOR. Originalmente inscrita no turbante do sumo sacerdote

(Êx 28.36-38) para expressar a idéia de dedicação, a expressão é agora aplicada a tudo em Jerusalém, desde as sinetas dos cavalos

até às panelas de cozinhar, porquanto a presença de Deus santificará tudo ao seu redor.

*

13.7

fere o pastor. Espantosamente, Deus feriu seu próprio Pastor

Malaquias

* 1.1-5 O povo de Israel não está convencido de que Deus o ama. Esta seção é a resposta de Deus a esta dúvida cínica. O Senhor lembra a Israel que Jacó, seu ancestral, foi escolhido por Deus enquanto que Esaú, antepassado de Edom, foi rejeitado. Portanto, embora Israel tenha experimentado a ira de Deus por um momento, Edom é um "Povo Contra Quem o SENHOR Está Irado Para Sempre" (1.4). Além disso, enquanto Israel é o herdeiro das promessas eternas do Senhor da aliança, Edom nunca mais se levantará de novo. O julgamento do Senhor sobre Edom será causa de louvor em Israel.

* 1.1 Sentença pronunciada pelo SENHOR. Ver ref. lat.; Is 13.1; Na 1.1; Hc 1.1; Zc 9:1; 12:1. Normalmente usado em profecias de julgamento, "sentença" pode indicar a urgência sentida pelo profeta em divulgar a sua proclamação. Acerca desta urgência, ver também Jr 20:9; Am 3:8.

* 1.2 Eu vos tenho amado. O amor eletivo de Deus é soberano e incondicional. É exposto principalmente em Deuteronômio onde os verbos "escolher" e "amar" são paralelos (Dt 7.6-8). O amor de Deus é manifesto no pacto que ele inicia com o seu povo. A proximidade de Deus para com Israel devia produzir espanto e admiração (Dt 4.7,8). O amor de Deus começa na eternidade (Jr 31.3) e é manifestado através do seu relacionamento pactual com Abraão, Moisés, e Davi (Gn 12.1-4; Êx 19.5, 6; 2Sm 7). A eleição de Jacó por Deus

continuava a ter relevância no seu relacionamento com Israel no período do ministério de Malaquias. Entendido corretamente, o amor de Deus não conduz à complacência moral, mas ao zelo moral. Entretanto, a presunção de Israel e seu cinismo acerca do amor de Deus levou-o a uma crise moral da qual Malaquias trata. Ver a nota teológica: "O Propósito de Deus: Predestinação e Pré-Conhecimento", índice.

Jacó. Um dos títulos para Deus nos Salmos é "o Deus de Jacó" (Sl 20.1; 46.7; 75.9; 76.6; 84.8). O amor eletivo de Deus é inigualável porque ele ama os pecadores, aqueles que por natureza eram os objetos de seu desagrado e ira (Lc 15.2; Rm 5.6-8; Ef 2.1-3). A história de Jacó e Esaú em Gênesis claramente

indica a escolha de Jacó por Deus apesar de sua falta de mérito (Gn 25.21-34; 27.1-40; Rm 9.10-13).

* 1.3 aborreci. Embora haja um uso do verbo "aborrecer" que significa

"amar menos" (Gn 29.31 ref. lat.; Lc 14.26), o contexto imediatamente seguinte sugere que "aborrecer" aqui significa rejeição ativa, desagrado, e desaprovação manifesta em justiça retributiva. Não é apenas o fato de que Esaú (Edom) sofre com a ausência ou a redução da bênção, mas que ele recebe condenação. Para este uso de "aborrecer", ver Sl 5.5; Is 61.8; Os 9.15; Am 5.21; Mt 2.16. Ver "Eleição e Reprovação" em Rm 9.18.

assolação. A referência é mais provavelmente à ocupação de Edom pelos árabes nabateus. Em Amós 9:12 Edom é representante de todas as nações que estão sob a influência salvífica da promessa de Deus.

* 1.5 fora dos limites de Israel. Deus é o Senhor soberano da

história, cujos propósitos redentores são cumpridos tanto dentro quanto fora do antigo Israel (v. 11; Gn 12.3).

* 1.6—2.9 Uma razão maior para a ira de Deus com Israel é a atitude do sacerdócio com o nome de Deus no altar e com a lei de Deus no ensino e julgamento. No altar eles ofereciam animais doentes ou imperfeitos em sacrifício, deste modo invertendo o propósito dos seus esforços e trazendo profanação e maldição quando eles deveriam ter trazido bênção e purificação. Em seu ensino e julgamento eles violaram a aliança com Levi (2.8), demonstrando parcialidade e levando muitos ao erro.

* 1.6 honra. Deus é em si mesmo infinitamente glorioso, e ele deve

receber o reconhecimento do seu povo (Sl 29.1,2; 57.5, 11).

desprezais. O oposto de honrar e temer ao Senhor (cf. 2Sm 12.9, 10). A palavra é usada freqüentemente em Provérbios (1.7; 15.20; 23.22).

* 1.7 pão imundo. A referência é aos de sacrifícios de animais (v. 8).

"Imundo" significa cerimonialmente sujo e portanto, inaceitável. Deus não está

ofendido somente pelas imperfeições cerimoniais mas pela atitude de menosprezo que está por detrás desses sacrifícios imperfeitos (Gn 4.3-5 e notas; Hb 11.4).

A mesa do SENHOR. Esta frase, e a frase similar no v. 12 (ref. lat.) ocorrem somente aqui no Antigo Testamento, ambas as ocorrências referem-se ao altar.

* 1.8 O coxo ou o enfermo. A lei expressamente proibia tais ofertas (Lv 22.22; Dt 15.21).

* 1.11 é grande entre as nações o meu nome. Deus promete o triunfo futuro do seu reino glorioso. "Desde o nascente do sol até ao poente," e frases similares, frequentemente apontam para o juízo

futuro de Deus do mundo e a restauração da sua ordem (Sl 50.1; Is 45.6; 59.19).

em todo lugar. Os sacrifícios imperfeitos que são oferecidos durante o período do profeta (vs. 7, 8) são contrastados com as ofertas puras de adoração no futuro (Is 2.2-4; 66.19-21; Zc 14.16-21). A promessa deste verso está sendo cumprida até mesmo agora, quando Cristo reúne seus reis e sacerdotes dentre as nações (Ap 5.9,10), e será consumada no futuro, quando as nações se reunirem para adorar a Deus em pureza (Ap 21.27).

* 1.14 maldito seja o enganador. As leis que regulamentam as ofertas voluntárias exigem a entrega de uma oferta perfeita. Este texto implica numa tentativa de enganar o Senhor (cf. Sl 76.11).

eu sou grande rei. Deus não é apenas o Pai deles (1.6; Êx 4.22) e seu Mestre, mas também é o seu Rei. A idéia de Deus como Rei surgiu logo no início da religião do Antigo Testamento (Nm 23.21; 24.7; Dt 33.5). Ver Sl 93-100.

1

7.10 a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre. Esses

30 quatro grupos podiam ser facilmente explorados. Deus, entretanto, os ama (Êx 22.21; Dt

10.18), e ordenou provisões para que fossem cuidados (Dt 24.17-22). Deus também proferiu maldições contra aqueles que os exploram (Dt 27.19). Injustiças feitas contra esses grupos são mencionados em Sl 94.6 e Is 10.1,2.

2

8.16,17 O povo de Israel é aqui convocado a ordenar as suas vidas em

consonância com o padrões éticos de Deus. O piedoso comportamento aqui descrito

3

9.14 redemoinhos do sul. O Deus de Israel é agora retratado como quem

vinha da região sul do deserto, montado nas nuvens da tempestade (2Sm 22.8-16; Sl 29). Visto que o monte Sinai foi o lugar onde ele apareceu quando tirou o seu povo do Egito, o

4

10.6 eu sou o SENHOR seu Deus. Outra forte reafirmação do laço de

5

11.12 trinta moedas de prata. Aparentemente, esse era preço de um escravo

(Êx 21.32). As autoridades religiosas de Judá pagaram a Judas Iscariotes a importância de trinta moedas de prata, para que ele traísse a Jesus (Mt 26.14-16).

6

13.7-9 Esses versículos contemplam o Pastor escolhido de Deus que sofre às mãos

30 de Deus (v. 7). Desse julgamento emergirá o verdadeiro povo de Deus (v. 9). Nas páginas

do Antigo Testamento não existe quadro mais claro acerca de Jesus e de sua Igreja sofredora. Ver as notas abaixo.

*** 2.2 enviarei sobre vós a maldição. Ver Dt 28.20.**

Amaldiçoarei as vossas bênçãos. As bênçãos que o texto se refere podem ser tanto as bênçãos físicas e materiais prometidas aos sacerdotes que recebiam os dízimos do povo (Nm 18.21), quanto os pronunciamentos de

bênção proferidos pelos sacerdotes no momento dos sacrifícios (Nm 6.24-27), que por conseguinte se tornariam em maldição.

* 2.5 de vida e de paz. O propósito central de Deuteronômio visa mostrar a relação entre a obediência à aliança e a vida. O compromisso com Deus leva a uma vida abundante. Alguns vêem em "aliança... de paz" uma alusão à aliança com Finéias mencionado em Nm 25.10-13.

*** 2.7 lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento. Ver Ed**

7.10; Os 4.6. A relação entre o verdadeiro conhecimento do Senhor e a instrução sacerdotal na lei é visto vividamente em 2Cr 15.3: "Israel esteve por muito tempo sem o verdadeiro Deus, sem sacerdote que o ensinasse e sem lei."

*** 2.8 vós vos tendes desviado do caminho. Ver Ne 13.29. As**

atitudes dos sacerdotes e suas ações demonstraram ser um mau exemplo para o povo. Eles abandonaram o seu verdadeiro chamado de ensinar e praticar a verdade.

* 2.9 mostrastes parciais no aplicardes a lei. A base para esta censura é o caráter de Deus. Deus "não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno" (Dt 10.17; cf. Lv 19.15). Possivelmente

os sacerdotes estavam favorecendo os ricos e poderosos da sociedade.

* 2.10-16 A falta de fidelidade para com Deus leva ao colapso nas relações humanas. Malaquias fala acerca de dois problemas. O casamento com esposas idólatras (vs. 10-12) e o divórcio das esposas israelitas (vs. 1316) são rigorosamente reprovados.

* 2.10 o mesmo Pai. Alguns interpretam isto como se referindo a Abraão (Is 51.2). Mais provavelmente isso se refere a Deus (1.6; Êx 4.22, 23; Dt 32.6; Is 63.16; 64.8; Jr 3.4, 19; 31.9).

* 2.11 sido desleal. Este verbo é usado cinco vezes nos vs. 10-16. É usado em Jr 3.20 para se referir à infidelidade marital.

abominação. A palavra hebraica aqui, notavelmente empregada em Deuteronômio, refere-se às práticas religiosas idólatras (Dt 7.25, 26; 12.31; 13.14; 18.12). Também pode referir-se à transgressão sexual (Lv 18.22, 26, 29, 30; Dt 24.4).

profanou o santuário do SENHOR. A palavra hebraica traduzida por "santuário" também pode ser entendida como referindo-se ao próprio povo ("santa semente" Is 6.13; Ed 9.2). É o povo que é amado por Deus e que se corrompe pela desobediência em suas práticas de casamento.

se casou com adoradora de deus estranho. Esta frase refere-se à casar-se com uma mulher ainda comprometida com um deus estranho — uma idólatra fora da aliança (cf. Gn 24.3, 4; Êx 34.12-16; Dt 7.3,4; Js 23.12; 1Rs 11.1-10). A proibição contra o casamento com não crentes continua no Novo Testamento (1Co 7.39; 2Co 6.14).

* 2.14 mulher da tua mocidade. Ver v. 15; Pv 5.18.

a mulher da tua aliança. A fidelidade da aliança de Deus deve ser espelhada nas relações de casamento do seu povo (Pv 2.17; Ef 5.22-33).

* 2.15 um. Ver Gn 2.24.

* 2.16 odeia o repúdio. Ver Is 50.1; Dt 24.1-4; nota teológica

"Casamento e Divórcio", índice.

vestes. Entrar num casamento e obter uma esposa é, às vezes, representado pelo cobrir com vestes (Rt 3.9 referência lateral; Ez 16.8 ref. lat.).

* 2.17—3.5 Os cínicos religiosos acusam o Senhor de injustiça. Deus responde com a promessa de que ele enviará um mensageiro que preparará o caminho diante dele e então retornará para o seu templo. Sua presença no meio de um povo ímpio requer julgamento e purificação graciosa (3.2,3). Ele transformará o coração dos levitas que passarão a oferecer sacrifícios em

justiça novamente. O juízo será severo (3.5). O Senhor mesmo será a principal testemunha para a acusação do seu povo.

* 2.17 Enfadais o SENHOR. Ver Is 43.24. Em Malaquias as ofensas

giram em torno da rejeição cínica do governo moral de Deus e o contínuo espírito insolente que constantemente coloca Deus à prova.

* 3.1-5 Esta seção refuta as duas declarações cínicas de 2.17. A

alegação de que Deus não diferencia entre o bem e o mal é respondido no v. 2 referindo-se ao ministério de purificação do Anjo da aliança. A segunda declaração, "Onde está o Deus do juízo?" (2.17), é respondido no v. 5. Os judeus estavam buscando ao Senhor para julgar as nações, mas ao invés disto, o Senhor virá a eles para juízo (v. 5).

* 3.1 meu mensageiro. Ver 4.5; também Is 40.3 (onde "preparar o

caminho” também ocorre). Era prática comum no Oriente Próximo enviar mensageiros à frente do rei visitante com o objetivo de anunciar sua vinda e para remover quaisquer embaraços ou obstáculos. Este mensageiro (Mt 11:10) será o último do seu tipo a aparecer antes da vinda do Senhor, que é "O Anjo da Aliança.”

de repente. Esta expressão está quase sempre associada nas Escrituras com uma circunstância infeliz e desastrosa (Nm 12.4 (logo); Is 47.11; cf. 2Pe 3.10).

Anjo da Aliança. Uma pessoa distinta de "meu mensageiro”, ele purificará os sacrifícios, os sacerdotes, e a nação (vs. 2-5). Este "Anjo da Aliança” é o Messias, e essa profecia é cumprida em Jesus que sozinho realizou o sacrifício perfeito em favor do seu povo.

* 3.3 purificará os filhos de Levi. Os sacerdotes haviam sido

instrumentos na condução do povo ao erro. O trabalho de purificação irá iniciar-se com eles, e a partir deles irá se espalhar para toda a nação. Os levitas eram o modelo para a nação, que deveria ser "reino de sacerdotes” (Êx 19.6).

justas ofertas. Ver 1.11, "ofertas puras.” Por causa da obra do Mensageiro da

Aliança, a adoração correta e apropriada será novamente oferecida, visto que os corações e vidas dos ofertantes estarão purificados (Sl 4.5; Sf 3.9).

* 3.5 Chegar-me-ei a vós outros para juízo. Esta seção começou com os cínicos religiosos acusando o Senhor de injustiça. Ela termina com um processo segundo a aliança no qual o Senhor faz acusações ao seu povo. Os pecados específicos mencionados no v. 5 são claramente proibidos pela lei do Senhor. A causa fundamental desses pecados é que "não me temem.”

* 3.6-12 O povo não estava apenas trazendo ofertas defeituosas

mas também estavam retendo o dízimo, aparentemente devido às colheitas fracas. Mas reter o dízimo é roubar do Senhor. Como conseqüência, o justo Senhor negou as bênçãos. O pecado do povo também evidenciava uma falta de confiança no Senhor em suprir as suas necessidades se eles cumprissem seus mandamentos. Desta maneira o Senhor os conclama a colocá-lo sob prova. Se eles agissem assim, a provisão resultante seria tão grande que as nações notariam a diferença e anunciariam a bem-aventurança de Israel.

* 3.6 eu, o SENHOR, não mudo. A imutabilidade ou o caráter imutável de Deus pode ser visto em seu propósito de abençoar seu povo eleito. Deste modo eles não são destruídos (Êx 34.6, 7; Jr 30.11).

*** 3.7 tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros. O**

mandamento para se arrepender está ligado com uma promessa (cf. Zc 1.3; Tg 4.8). O pecado separa o homem de Deus e leva Deus a esconder a sua face (Is 59.2).

* 3.8 dízimos. A palavra significa um décimo. A prática do dízimo é mencionada nos relatos da vida de Abraão (Gn 14.20) e Jacó (Gn 28.22) e foi codificada na lei de Moisés (Lv 27.30; Nm 18.26; Dt 14.22-29).

ofertas. Porções de sacrifícios de animais destinados aos sacerdotes (Êx 29.27,28; Lv 9.22).

* 3.10 casa do Tesouro. Este termo refere-se à sala no templo

designada para a armazenagem de ofertas consagradas (2Cr 31.11 ref. lat.; Ne 10.38, 39; 12.44; 13.12).

provai-me. Este é o inverso do modelo bíblico normal, em que Deus prova tipicamente os seres humanos (Sl 11.5; 26.2; 66.10; Pv 17.3; Jr

11.20; 12.3; 17.10). Somente em algumas situações os homens são convidados a testarem a Deus (i.e., provar suas promessas e justificar seus mandamentos, Is 7.11,12; 1Rs 18.22-46).

janelas do céu. Ver Gn 7.11.

* 3.13-4.6 A última seção retorna à profecia de 3.1-5 acerca do mensageiro (Mt 11.10) e a vinda de Deus. De várias maneiras o começo da seção nos traz à mente um salmo de lamentação. As lamentações, entretanto, são interpretados como sendo duras palavras contra o Senhor. Havia, porém, aqueles que percebiam as mesmas injustiças, sem contudo concluir que era inútil servir ao Senhor. O primeiro grupo disse duras palavras e recebeu a resposta de Deus; o último temeu ao Senhor, o que o levou a escrever um memorial a respeito deles. Ele prometeu que eles seriam sua possessão especial no grande dia do Senhor.

Uma referência ao "dia” (v. 17) novamente introduz o último dia de julgamento, um dia de destruição para os ímpios mas de salvação para os justos. Os versos finais retornam ao mensageiro prometido e exortam o povo a guardar a lei de Moisés.

* 3.14 Inútil. A palavra significa "vazio” ou "em vão.”

aproveitou. O termo hebraico normalmente refere-se ao ganho injusto. A cobiça é inconsistente com o desejo pela verdade divina (Sl 119.36)

* 3.16 Então. A conversa e a conduta daqueles que temiam a Deus é

causada pelas palavras anteriores de murmuração e é colocada aqui como um contraste a esses.

memorial escrito. A expressão do modo como está aqui só pode ser

encontrada nesta passagem, mas referências a um livro especial são

achados em outros lugares (Êx 32.32; Sl 69.28; Dn 7.10).

* 3.17 Eles serão para mim. Esta expressão refere-se ao

remanescente descrito no v. 16.

particular tesouro. No estágio inicial da revelação do Antigo Testamento a nação de Israel é chamada de "propriedade peculiar" de Deus (Êx 19.5; Dt 7.6; 14.2).

* 4.1 os abrasará. Duas figuras de fogo são usadas em Malaquias

para descrever o Senhor: o fogo purificador (3.2) e o fogo destruidor (4.1).

nem raiz nem ramo. O ímpio é comparado a uma árvore (Am 2.9) que será totalmente consumida, até a raiz.

* 4.2 sol da justiça. Uma expressão exclusiva de Malaquias (cf. Sl

84.11) O rei davídico reinará em justiça (Is 32.1) e será chamado "um Renovo justo" (Jr 23.5,6).

salvação. A Bíblia considera a doença física e a doença espiritual, ou o pecado, como análogos. A salvação é freqüentemente comparada à cura física (Êx 15.26; 2Cr 7.14; Sl 103.3; Is 53.5; Jr 17.14).

*** 4.5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias. A conexão literária**

deste verso com 3.1 indica que "Elias" é a mesma pessoa que a do "meu mensageiro." Ambos os versos começam com a palavra "Eis," e usam a mesma forma do verbo "enviar." Em ambos os casos a missão é trazer o arrependimento antes do dia da vinda do Senhor. O Novo Testamento identifica este "Elias" como João Batista (Mt 11.14;

17.10; Mc 9.11-13; Lc 1.17).

*** 4.6 ele converterá o coração dos pais aos filhos. Arrependimento**

e conversão a Deus serão vistos na restauração dos relacionamentos familiares (Lc 1.17).

para que eu não venha e fira a terra com maldição. Malaquias começou com o anúncio do amor eletivo de Deus, contudo, o livro termina com a ameaça de uma maldição. A dupla mensagem de Malaquias, tanto de misericórdia quanto de juízo, ressoa no pronunciamento de Paulo, "Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11.22).